

BAL ZAC II

A COMÉDIA HUMANA

**ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PARISIENSE**

UM HOMEM DE NEGÓCIOS
UM PRÍNCIPE DA BOÊMIA
GAUDISSERT II
OS FUNCIONÁRIOS
OS COMEDIANTE SEM O SABEREM
OS PEQUENO-BURGUESES
O AVESSO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA



BIBLIOTECA AZUL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

BAL ZAC 11

A COMÉDIA HUMANA

**ESTUDOS DE
COSTUMES
CENAS DA VIDA
PARISIENSE**

UM HOMEM DE NEGÓCIOS
UM PRÍNCIPE DA BOÊMIA
GAUDISSART II
OS FUNCIONÁRIOS
OS COMEDIANTES SEM O SABEREM
OS PEQUENO-BURGUESES
O AVESSO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA



BIBLIOTECA AZUL

BALZAC

A COMÉDIA HUMANA

EXCERPTOS DE
OBRAS DE
HONORE DE BALZAC
PRIMEIRA PARTE

DESENVOLVIMENTO DE
OBRAS DE BALZAC
DESENVOLVIMENTO DE
OBRAS DE BALZAC
DESENVOLVIMENTO DE
OBRAS DE BALZAC
DESENVOLVIMENTO DE
OBRAS DE BALZAC

 PRIMEIRA PARTE

HONORÉ
DE
BALZAC
A COMÉDIA
HUMANA

11

INTRODUÇÃO, PRÉFÁCIO E LISTA DE FIGURAS
PARTE I - A FÓRMULA DE BALZAC, A CRIATIVIDADE
PARTE II - O MUNDO DE BALZAC

 ARCADEUS

PLANO DA PRESENTE EDIÇÃO DE A COMÉDIA HUMANA

DIVISÃO GERAL

ESTUDOS DE COSTUMES

Cenas da vida privada	vol. 1-4
Cenas da vida provinciana	vol. 5-7
Cenas da vida parisiense	vol. 8-11
Cenas da vida política	vol. 12
Cenas da vida militar	vol. 12
Cenas da vida rural	vol. 13-14
ESTUDOS FILOSÓFICOS	vol. 15-17
ESTUDOS ANALÍTICOS	vol. 17

DIVISÃO POR VOLUMES

1 “A vida de Balzac”, por Paulo Rónai • Prefácio *À comédia humana*, por Honoré de Balzac • Ao “Chat-qui-pelote” • O baile de Sceaux • Memórias de duas jovens esposas • A bolsa • Modesta Mignon

2 Uma estreia na vida • Alberto Savarus • A vendeta • Uma dupla família • A paz conjugal • A sra. Firmiani • Estudo de mulher • A falsa amante • Uma filha de Eva

3 A mensagem • O romeiral • A mulher abandonada • Honorina • Beatriz • Gobseck • A mulher de trinta anos

4 O pai Goriot • O coronel Chabert • A missa do ateu • A interdição • O contrato de casamento • Outro estudo de mulher

5 Úrsula Mirouët • Eugênia Grandet • OS CELIBATÁRIOS: Pierrette • O cura de Tours

6 Um conchego de solteirão • OS PARISIENSES NA PROVÍNCIA: O ilustre Gaudissart • A musa do departamento • AS RIVALIDADES: A solteirona • O gabinete das antiguidades

7 Ilusões perdidas

8 HISTÓRIA DOS TREZE: Ferragus • A duquesa de Langeais • A menina dos olhos de ouro • História da grandeza e da decadência de César Birotteau • A Casa Nucingen

9 Esplendores e misérias das cortesãs • Os segredos da princesa

de Cadignan • Facino Cane • Sarrasine • Pedro Grassou

10 OS PARENTES POBRES: A prima Bete • O primo Pons

11 Um homem de negócios • Um príncipe da Boêmia • Gaudissart
II • Os funcionários • Os comediantes sem o saberem • Os pequeno-
burgueses • O avesso da história contemporânea

12 Um episódio do Terror • Um caso tenebroso • O deputado de
Arcis • Z. Marcas • A Bretanha em 1799 • Uma paixão no deserto

13 Os camponeses • O médico rural

14 O cura da aldeia • O lírio do vale

15 A pele de onagro • Jesus Cristo em Flandres • Melmoth
apaziguado • Massimilla Doni • A obra-prima ignorada • Gambara •
A procura do absoluto

16 O filho maldito • Adeus • As Maranas • O conscrito • “El
Verdugo” • Um drama à beira-mar • Mestre Cornélius • A estalagem
vermelha • Sobre Catarina de Médicis • O elixir da longa vida • Os
proscritos

17 Luís Lambert • Seráfita • Fisiologia do casamento • Pequenas
misérias da vida conjugal

NOTA DOS EDITORES

Esta terceira edição de *A comédia humana* é uma homenagem ao legado deixado por Paulo Rónai (1907-1992). Húngaro naturalizado brasileiro, Rónai teve um papel importante na vida cultural do país que o acolheu quando fugia do nazismo na Europa.

Estudioso de Balzac, autor ao qual dedicou uma tese ainda na juventude (*As obras da mocidade de Honoré de Balzac*, 1930), Rónai foi convidado por Maurício Rosenblatt, representante no Rio de Janeiro da editora Globo de Porto Alegre, a participar desta edição. Seu trabalho, inicialmente limitado a um prefácio geral da obra, logo se estendeu por seu conhecimento e interesse. Além de organizar todo o aparato da publicação, a Rónai coube estabelecer padrões que inexistiam em meio aos quase vinte tradutores. Não havia plano inicial unificado, ou mesmo um manual ao qual recorrer. Se Rónai não traduziu propriamente nenhum volume, funcionou como epicentro da edição que, logo nos primeiros volumes, passou a contar com seu cuidado e vigilância. No texto “A operação Balzac”, no livro *A tradução vivida*, ele especifica sua contribuição:

Coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores; cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, reunir uma espécie de antologia da literatura crítica sobre Balzac, compilar índices e concordâncias para o volume final.

Este imenso trabalho, que começou com o pedido de um prefácio de dez páginas e durou muitos anos, cristalizou-se na edição de dezessete volumes. A tradução contou com cerca de vinte tradutores, e Rónai incrementou-a com a redação de 12 mil notas, que se dividiam entre explicações sobre contextos históricos, personagens e seus antecedentes, questões de tradução — expressões idiomáticas e trocadilhos — e ainda truques de linguagem. Segundo Rónai, “Balzac, amigo de anexins, trocadilhos, e jogos de palavras, deleitava-se com todas as curiosidades de linguagem: etimologias, anagramas, parônimos e homônimos”, elementos que, sem uma nota explicativa, eram “de enlouquecer qualquer tradutor”.

Todo esse árduo e cuidadoso trabalho foi respeitado. Além de manter o texto exato das traduções aprovadas por Rónai, corrigindo apenas o que configura erro que por algum lapso passou pelo organizador (é notável, ainda que sejam flagrantes alguns anacronismos e regionalismos, a impressionante riqueza e precisão do vocabulário desses tradutores), reproduzimos na presente edição as 89 apresentações. Delas, disse Rónai:

Sem qualquer veleidade de eruditismo, tentei dar nelas algumas informações indispensáveis a respeito da gênese e da fortuna da obra visada, dos modelos vivos das personagens, da base real (quando havia) do enredo, das reações da crítica etc.

Do mesmo modo, foram respeitadas todas as notas. Também foi mantida a decisão de Rónai de traduzir os prenomes dos personagens, ainda que não seja a opção usual nos dias de hoje. Rónai justifica essa escolha primeiramente pela necessidade de unificar a maneira de nomear os personagens. Em *A comédia humana*, eles aparecem repetidas vezes, surgem protagonistas e reaparecem

coadjuvantes, compondo esse imenso quadro de costumes que é a obra balzaquiana.

Era embaraçoso ver o mesmo herói com um nome ora francês, ora português; às vezes poderia até dar confusão. Seria uma solução deixar todos os nomes em francês. Mas a semelhança entre as duas línguas convidava a usar a forma nacional em vez da francesa: Júlia em vez de Julie, Eugênia em vez de Eugénie, Luís em vez de Louis, como se fazia em muitos romances traduzidos do francês, do inglês e do espanhol. Foi essa a solução que adotamos. Porém, como ficou dito acima, na ficção balzaquiana personagens inventadas acotovelam pessoas reais. Um tradutor espanhol traduziria naturalmente Pierre Corneille por Pedro Corneille, um italiano por Pietro Corneille; mas a praxe brasileira era manter o nome em francês. Adotamos, pois, um critério algo estranho: traduziam-se os nomes das personagens de ficção e reproduziam-se na forma do original os das pessoas reais. Mesmo esta norma admitia exceções: os nomes de pessoas famosas já aportuguesados, como Napoleão, Luís xiv, Maria Antonieta etc.

Também é importante uma observação sobre a escolha de um texto-base para a edição. Com as inúmeras reescrituras dos romances, não há um manuscrito considerado definitivo e o próprio autor retificava seu texto a cada edição. Rónai adotou a edição da Pléiade organizada por Marcel Bouteron, mas não se ateve a ela. Conhecedor dos originais de *A comédia humana*, adotou na edição brasileira soluções que visavam aproximar o leitor brasileiro do formato original de publicação dos textos de Balzac:

Mas num ponto essa edição, excelente em tudo mais, não me satisfazia. É que nela o texto de Balzac, já difícil por si em muitos trechos, saía excessivamente compacto, sem um espaço branco, uma interrupção, um parágrafo numa dezena de páginas. Se tal fosse a intenção do autor, teríamos que aceitar essa característica, assim como os tradutores de Proust e Joyce respeitam aquela disposição maciça de linhas impressas sem um respiradouro ao longo de tantas páginas. Mas, devido à familiaridade com a história bibliográfica da obra, sabia que todos aqueles romances tinham saído inicialmente em rodapés de jornais, divididos em capítulos breves, com títulos muitas vezes espirituosos, engraçados, pitorescos, mantidos nas primeiras edições em volumes. Foram os editores sucessivos que, contra a vontade de Balzac, suprimiram a divisão em capítulos por motivos de economia. Em benefício ao leitor brasileiro, reintroduzi a divisão em capítulos, assim como os títulos primitivos.

Resta ainda salientar que a edição, tal qual concebida por Rónai, veio a público apenas em duas ocasiões: na primeira edição, entre 1946 e 1955, e na segunda, a partir de 1989. Muito o entristecia ver essa obra, à qual ele dedicou tantos anos, esgotada e ainda com imperfeições. O desejo da Biblioteca Azul é, pois, consagrar a edição definitiva de Rónai, considerada uma das mais importantes fora da França e um verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, e fazer a obra de Balzac reviver uma vez mais entre nós.

11

ESTUDOS DE COSTUMES • CENAS DA VIDA PARISIENSE

UM HOMEM DE NEGÓCIOS

UM PRÍNCIPE DA BOÊMIA

GAUDISSERT II

OS FUNCIONÁRIOS

OS COMEDIANTES SEM O SABEREM

OS PEQUENO-BURGUESES

O AVESSO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

A COMÉDIA
HUMANA

II

ESTADOS
DE CONSCIENTE
CONSCIENTE
TUDO
PARADISADO

**UM HOMEM
DE NEGÓCIOS**

Tradução de YEDJA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Um homem de negócios (em francês: *Un Homme d'affaires*) foi publicado pela primeira vez no número de 10 de setembro de 1845 do jornal *Le Siècle* sob o título de *As manhas de um credor*, pelo qual já fora designado por Balzac numa carta à condessa Hanska, havia uns vinte meses. Reeditado em volume em 1846, na primeira edição de *A comédia humana*, o conto trazia o título *Esboço de homens de negócios a partir do natural*; o título atual só apareceu em 1847, na edição definitiva de *A comédia humana*.

Na carta já citada, o romancista qualificava o conto de *bluette*, termo que, segundo o *Larousse*, indica uma “pequena obra literária, espirituosa e sem pretensões”. Essa definição convém perfeitamente à narrativa, uma dessas histórias de duelo divertido entre dois velhacos. (Em Balzac, tristes são apenas os duelos entre o vício e a virtude, pois esta sucumbe infalivelmente àquele.) Trata-se de uma cena “da batalha incessante que se fere em Paris entre credores e devedores”, e em que o próprio Balzac era um veterano.

Sem trazer maior contribuição para o edifício de *A comédia*, *Um homem de negócios* distrai-nos menos pelo caso contado que pela verve do contador. Como em vários outros contos, o autor reúne aqui algumas de suas personagens preferidas e faz contar por uma delas algum episódio da existência de mais um herói balzaquiano. Foi o que aconteceu, por exemplo, em *Gobseck*, novela que, segundo observa Albert Prioult, na introdução da edição Fernand Hazan, se liga a *Um homem de negócios* não apenas pela semelhança da construção mas também pela identidade do protagonista, Máximo de Trailles. Essa personagem perigosa e divertida, embora frequentemente nomeada nos diversos romances, raro aparece em cena; nas duas obras em apreço, dois episódios típicos da sua vida, acontecidos a uns vinte anos de distância e relatados o primeiro por Derville, o segundo por Desroches, sintetizam-lhe a personalidade com bastante relevo. Essa caracterização indireta era um dos recursos usados pelo romancista com inteiro êxito.

UM HOMEM DE NEGÓCIOS

AO SR. BARÃO JAMES DE ROTHSCHILD,^[1]
Cônsul-geral da Áustria em Paris, banqueiro

Lorette^[2] é um nome decente inventado para exprimir o estado de uma rapariga ou a rapariga de um estado difícil de ser dito, e que, no seu pudor, a Academia Francesa se descuidou de definir, em vista da idade de seus quarenta membros. Quando um nome novo corresponde a um estado social que não se pode dizer sem perífrase, a fortuna desse nome está feita. Por isso *lorette* passou em todas as classes da sociedade, mesmo naquelas por onde jamais passará uma *lorette*. A palavra não foi criada senão em 1840, sem dúvida por causa da aglomeração desses ninhos de andorinha em torno da igreja consagrada a Notre-Dame-de-Lorette. Isto que aqui vai foi escrito apenas para os etimologistas. Esses senhores não se veriam tão embaraçados se os escritores da Idade Média tivessem tido o cuidado de referir, esmiuçando-os, os costumes, como o fazemos hoje nesta época de análise e de descrições.

A srta. Turquet ou Málaga,^[3] porque é mais conhecida por este nome de guerra, é uma das primeiras paroquianas daquela encantadora igreja. Essa alegre e espirituosa rapariga, tendo como única fortuna sua beleza, fazia, no momento em que é narrada a presente história, a felicidade de um tabelião que possuía na sua excelentíssima esposa uma mulher um pouco devota demais, um pouco rígida demais, um pouco seca demais para que ele pudesse achar em casa a felicidade.

Ora, numa noite de Carnaval, o tabelião Cardot tinha banqueteadado, em casa da srta. Turquet, o procurador Desroches, o caricaturista Bixiou, o folhetinista Lousteau e Nathan, homens cujos nomes ilustres em *A comédia humana* tornam supérflua qualquer espécie de retrato.^[4] O jovem La Palférine,^[5] apesar de seu título de conde de velha rocha, rocha, desgraçadamente!, sem nenhum filão de metal, honrara com sua presença o domicílio ilegal do tabelião.

Se não se janta em casa de uma *lorette* para comer o assado patriarcal, o magro frango da mesa conjugal e a salada familiar, tampouco nela se proferem os discursos hipócritas de uso corrente num salão mobiliado com virtuosas burguesas. Ah! Quando serão atraentes os bons costumes? Quando as mulheres da alta-roda mostrarão um pouco menos seus ombros e um pouco mais de bonomia ou de espírito? Margarida Turquet, a Aspásia do Cirque Olympique,^[6] era uma dessas naturezas francas e vivas a quem tudo se perdoa, em

atenção à sua ingenuidade no erro e ao seu espírito no arrependimento, a quem se diz, como dizia Cardot, que era bastante espirituoso, embora fosse tabelião: “Engana-me bem!”. Não creiam, porém, em coisas inauditas. Desroches e Cardot eram ambos bastante bons sujeitos e suficientemente velhos na profissão para não se acharem no mesmo nível de Bixiou, Lousteau, Nathan e o jovem conde. E esses senhores, tendo recorrido muitas vezes aos dois oficiais ministeriais, conheciam-nos de sobra para, em estilo *lorette*, “fazê-los posar”. A conversação, perfumada com os odores de sete charutos, a princípio fantasista como uma cabra em liberdade, recaiu sobre a estratégia criada em Paris pela batalha incessante que nela se fere entre credores e devedores. Ora, se o leitor se dignar a lembrar-se da vida e dos antecedentes dos convivas, dificilmente poderia encontrar em Paris gente mais instruída nessa matéria: alguns eméritos, outros artistas, todos se assemelhavam a magistrados rindo com acusados. Uma série de desenhos feitos por Bixiou sobre Clichy^[7] fora a causa da feição tomada pela palestra. Era meia-noite. Essas personagens, diversamente agrupadas no salão, em torno de uma mesa e em frente ao fogo, entregavam-se a epigramas que não somente não são compreensíveis a não ser em Paris, mas as quais também não se fazem, e não podem ser entendidas, senão na zona circunscrita pelo Faubourg Montmartre e pela Rue de la Chaussée d’Antin, entre as alturas da Rue de Navarin e a linha dos bulevares.

Em dez minutos, as reflexões profundas, a grande e a pequena moral, todas as piadas foram esgotadas sobre esse assunto, já esgotado lá por 1500 por Rabelais.^[8] Não é um pequeno mérito o renunciar a esse fogo de artifício, terminado por este último foguete devido a Málaga:

— Tudo isso reverte em benefício dos sapateiros — disse ela. — Eu deixei uma modista que me errou dois chapéus. A fera veio vinte e sete vezes pedir-me vinte francos. Não sabia que nós nunca temos vinte francos. A gente tem mil francos, manda buscar quinhentos em casa do seu tabelião; mas vinte francos, nunca os tive. Minha cozinheira e minha criada de quarto terão, talvez, entre as duas, essa quantia. Quanto a mim, tenho apenas crédito, e eu o perderia se pedisse vinte francos emprestados. Se eu pedisse vinte francos, nada me diferenciaria mais das minhas *colegas* que passeiam pelos bulevares.

— A modista está paga? — perguntou La Palférine.

— Ora essa! Estás ficando burro? — disse ela a La Palférine piscando o olho. — Ela veio hoje de manhã pela vigésima sétima vez, e é por esse motivo que lhes estou falando.

— Como se arrumou? — perguntou Desroches.

— Tive pena dela e... e encomendei-lhe o chapeuzinho que inventei para sair das formas comuns. Se a srta. Amanda se sair bem, não me pedirá mais nada, porque estará com a fortuna feita.

— O que vi de mais belo nesse gênero de luta — disse o tabelião

Desroches — pinta Paris, a meu ver, para as pessoas que nela se agitam muito melhor do que todos os quadros nos quais sempre se pinta uma Paris fantástica. Vocês se julgam muito sabidos — disse ele olhando para Nathan e Lousteau, Bixiou e La Palférine —; o rei, porém, nesse terreno, é um certo conde que hoje trata de pôr um ponto final nas suas brejeirices e que, no seu tempo, passou por ser o mais hábil, o mais esperto, o mais manhoso, o mais instruído, o mais ousado, o mais sutil, o mais firme, o mais providente de todos os piratas de luvas amarelas, de cabriolé, de belas maneiras que navegaram, navegam e navegarão sobre o mar tormentoso de Paris. Sem fé nem lei, sua política privada foi dirigida pelos princípios que dirigem a do gabinete inglês. Até seu casamento, a vida dele foi uma guerra contínua como a de... Lousteau — disse ele. — Eu era e ainda sou seu procurador.

— E a primeira letra do nome dele é Máximo de Trailles^[9] — disse La Palférine.

— Aliás, pagou tudo, não prejudicou ninguém — replicou Desroches —; mas, como há pouco dizia nosso amigo Bixiou, pagar em março o que não se quer pagar senão em outubro é um atentado à liberdade individual. Em virtude de um artigo do seu código particular, Máximo considerava como uma vigarice a manha que um dos seus credores empregava para conseguir ser pago imediatamente. Já fazia muito que a letra de câmbio tinha sido compreendida por ele em todas as suas consequências, imediatas e mediatas. Um rapaz, em minha casa, denominava diante dele a letra de câmbio a ponte dos burros! “Não”, disse ele, “é a ponte dos suspiros, dela não se volta.” Sua ciência em matéria de jurisprudência comercial era tão completa que um advogado de tribunal comercial nada teria a ensinar-lhe. Sabem que naquela época ele nada possuía; seu carro, seus cavalos eram alugados; morava em casa do seu criado de quarto, para o qual, dizem, ele será sempre um grande homem, mesmo depois do casamento que ele quer fazer! Membro de três clubes, ele jantava num deles, quando não tinha convite para casas particulares. Geralmente, pouco usava seu domicílio...

— A mim — exclamou La Palférine interrompendo Desroches — ele disse: “Minha única fatuidade é a de querer impingir que moro na Rue Pigalle”.

— Eis aí um dos dois combatentes — continuou Desroches —; agora aqui vai o outro. Já devem ter ouvido, mais ou menos, falar num certo Claparon...^[10]

— Tinha os cabelos assim! — exclamou Bixiou eriçando os cabelos.

E, dotado do mesmo talento que Chopin,^[11] o pianista, ele o possui em alto grau para arremedar as pessoas, e reproduziu no mesmo instante a personagem com pasmosa semelhança:

— Ele balança a cabeça assim, ao falar; foi caixeiro-viajante, teve

todos os ofícios...

— Pois bem, nasceu para viajar, pois neste instante em que lhe estou falando ele segue rumo à América — disse Desroches. — Para ele só lá existem possibilidades, porquanto será provavelmente condenado, na próxima sessão, por contumácia em falência fraudulenta.

— Um homem ao mar! — bradou Málaga.

— Esse Claparon — continuou Desroches — foi durante seis a sete anos o biombo, o testa de ferro, o bode expiatório de dois dos nossos amigos, Du Tillet^[12] e Nucingen; mas, em 1829, seu papel ficou tão conhecido que...

— Nossos amigos o abandonaram — disse Bixiou.

— Enfim, abandonaram-no ao seu destino, e — continuou Desroches — ele chafurdou na lama. Em 1833, associou-se a um tal Cérizet^[13] para fazerem negócios...

— Como! Aquele que, por ocasião das empresas em comandita, realizou uma tão gentilmente que a Sexta Câmara o fulminou com dois anos de prisão? — perguntou a *lorette*.

— Esse mesmo — respondeu Desroches. — Durante a Restauração, o ofício desse Cérizet, de 1823 a 1827, consistia em assinar intrepidamente artigos que eram perseguidos com fúria pelo ministério público e em ir para a cadeia. Naquela época, um homem se notabilizava com pouca coisa. O partido liberal chamou seu campeão departamental o *corajoso Cérizet*. Esse zelo foi recompensado, em 1828, pelo *interesse geral*. O interesse geral era uma espécie de coroa cívica conferida pelos jornais. Cérizet quis descontar o interesse geral; veio a Paris, onde, sob o patrocínio dos banqueiros da esquerda, estreou com uma agência de negócios, entremeada de operações bancárias, de fundos fornecidos por um homem que se banira espontaneamente, um jogador habilíssimo, cujos haveres, em julho de 1830,^[14] naufragaram juntamente com a nau do Estado...

— Sim! Era aquele que nós tínhamos apelidado o Método das Cartas!^[15] — exclamou Bixiou.

— Não falem mal daquele pobre moço — exclamou Málaga. — D'Estourny^[16] era um bom rapaz!

— Bem compreendem o papel que devia representar em 1830 um homem arruinado que era chamado, politicamente falando, o corajoso Cérizet! Mandaram-no para uma subprefeitura muito bonitinha — continuou Desroches. — Infelizmente para Cérizet, o governo não é tão ingênuo quanto os partidos, os quais, durante a luta, de tudo fazem projéteis. Cérizet foi obrigado a demitir-se após três meses de exercício do cargo. Pois não metera ele na cabeça ser popular? Como ainda nada fizera para perder seu título de nobreza (o corajoso Cérizet!), o governo propôs-lhe, como indenização, fazê-lo gerente de um jornal de oposição que *in petto* seria ministerial. Assim, pois, foi o governo quem

desnaturou aquele belo caráter. Cérizet, que se achava na sua gerência mais ou menos como um pássaro num galho podre, atirou-se naquela gentil comandita, na qual o infeliz, como você acabou de dizer, abiscoitou dois anos de prisão, onde outros mais hábeis lograram o público.

— Conhecemos os mais hábeis — disse Bixiou —; não falemos mal desse pobre rapaz, ele está liquidado! Couture^[17] deixar saquear o seu cofre, quem diria!

— De resto, Cérizet é um tipo ignóbil, a quem as desgraças de uma devassidão de ínfima categoria desfiguraram — disse Desroches. — Voltemos ao duelo prometido. Nunca, portanto, dois industriais de pior espécie, de piores costumes, de feitio mais ignóbil se associaram para um negócio mais sujo. Como fundos de circulação eles contavam com essa espécie de calão que o conhecimento de Paris dá, com a ousadia que dá a miséria, com a manha que o hábito dos negócios dá, com a ciência dada pela lembrança das fortunas parisienses, das suas origens, dos parentescos, das ligações íntimas e dos valores intrínsecos de cada um. Essa associação de dois *tapeadores*, permitam-me o termo, o único capaz de, na gíria da Bolsa, defini-los, foi de curta duração. Como dois cães esfaimados, brigavam a cada osso encontrado. As primeiras especulações da casa Cérizet e Claparon foram, entretanto, bem dirigidas. Esses dois tratantes conchavaram-se com os Barbet, os Chaboisseau, os Samanon^[18] e outros usurários, aos quais compraram contas quase perdidas. A agência Claparon tinha então sua sede num pequeno entressolo da Rue Chabanaïs, composto de cinco peças e cujo aluguel não ia além de setecentos francos. Cada um dos associados dormia num quartinho que, por prudência, era tão cuidadosamente fechado que meu primeiro ajudante jamais lá pôde entrar. Os escritórios constavam de uma antecâmara, de um salão e de um gabinete, cujos móveis não dariam trezentos francos num leilão. Conhecem suficientemente Paris para ver o jeito das duas peças oficiais: cadeiras escuras de crina, uma mesa com um pano verde, um relógio de pacotilha entre dois candelabros sob redomas, que se aborreciam em frente a um espelho pequeno de moldura dourada, em cima de uma chaminé cujos tições, no dizer de meu primeiro ajudante, tinham dois invernos de existência! Quanto ao gabinete, já o podem imaginar: muito mais pastas do que casos... uma estante vulgar para cada associado; depois, no meio, a secretária de cilindro, vazia como a caixa!, duas poltronas de trabalho de cada lado de uma lareira para carvão de pedra. Sobre o chão de ladrilho estendia-se um tapete de segunda mão, como as contas devedoras. Numa palavra, via-se aquele mobiliário de acaju, que se vende nos nossos cartórios, faz cinquenta anos, de predecessor para sucessor. Conhecem agora cada um dos dois adversários. Ora, nos três primeiros meses dessa associação, que se

liquidou a socos ao cabo de sete meses, Cérizet e Claparon compraram dois mil francos de letras de Máximo (pois que se trata de Máximo) engrossados por dois processos (julgamento, apelação, sentença, execução, requerimento e urgência); em resumo, uma dívida a cobrar de três mil e duzentos francos, mais alguns centimos, que eles obtiveram por quinhentos francos mediante uma transferência por assinatura privada, com procuração especial para agir, a fim de evitar as custas. Nesse tempo, Máximo, já maduro, teve um desses caprichos peculiares aos quinquagenários...

— Antônia! — exclamou La Palférine. — Essa Antônia, cuja fortuna é devida a uma carta na qual eu lhe reclamava uma escova de dentes!^[19]

— Seu nome verdadeiro é Chocardelle — disse Málaça, a quem esse nome pretensioso importunava.

— É isso — disse Desroches.

— Máximo, em toda a sua vida, só cometeu esse erro; mas, que querem, o vício não é perfeito — disse Bixiou.

— Máximo ignorava ainda a vida que se leva com uma raparigota de dezoito anos, que quer atirar-se, e de cabeça, da sua honrada mansarda a um suntuoso carro — disse Desroches —, e os homens de Estado devem saber tudo. Nessa época, De Marsay acabava de colocar seu amigo, nosso amigo, na alta comédia da política. Homem de grandes conquistas, Máximo só conhecera mulheres tituladas; e, aos cinquenta anos, tinha bem o direito de morder uma frutinha supostamente selvagem, como um caçador que faz uma parada no campo de um camponês embaixo de uma macieira. O conde achou para a srta. Chocardelle um gabinete de leitura bastante elegante, uma pechincha, como sempre...

— Ora! Ela não ficou ali nem seis meses — disse Nathan —; era bonita demais para gerir um gabinete de leitura.

— Serás tu o pai do filho dela? — perguntou a *lorette* a Nathan.

— Uma manhã — continuou Desroches —, Cérizet, que desde a compra da dívida de Máximo chegara gradativamente a se uniformizar como um primeiro ajudante de oficial de justiça, após sete tentativas inúteis foi introduzido em casa do conde. Suzon, o velho criado de quarto, conquanto professo, acabara tomando Cérizet por um procurador que vinha propor mil escudos a Máximo, se este quisesse fazer com que uma jovem obtivesse uma agência de venda de papel selado. Suzon, sem nenhuma desconfiança daquele tratante pequeno, um verdadeiro moleque de Paris, calejado de experiência por suas condenações na Polícia Correccional, decidiu seu patrão a recebê-lo. Vocês veem daqui aquele homem de negócios, de olhar turvo, de cabelos escassos, de fronte calva, com sua casaquinha seca e preta, de botinas enlameadas...

— Que imagem da Cobrança! — exclamou Lousteau.

— ... diante do conde — continuou Desroches —, imagem da Dívida insolente, metido no seu roupão de flanela azul, de chinelos bordados por alguma marquesa, de calças de lã branca, tendo nos cabelos pintados de preto um magnífico gorro, ostentando uma camisa deslumbrante e brincando com as borlas da sua cinta?

— É um quadro de gênero — disse Nathan — para quem conhece o bonito salãozinho onde Máximo almoça, cheio de quadros de grande valor, forrado de seda, onde se caminha sobre um tapete de Esmirna, admirando aparadores repletos de objetos curiosos, raridades de causar inveja a um rei de Saxe.

— Eis a cena — disse Desroches.

Com essas palavras o narrador conseguiu o mais profundo silêncio.

— “Senhor conde”, disse Cérizet, “venho da parte de um sr. Carlos Claparon, antigo banqueiro.” “Ah! Que me quer esse pobre-diabo?” “É que ele se tornou seu credor por uma quantia de três mil e duzentos francos e setenta e cinco centimos, inclusos capital, juros e custas...” “A conta Coutelier”, disse Máximo, que sabia dos seus negócios como um piloto conhece a costa em que navega. “Sim, senhor conde”, respondeu Cérizet, inclinando-se. “Venho saber quais são as suas intenções.” “Não pagarei essa conta senão quando me aprover”, respondeu Máximo, tocando a campainha para chamar Suzon. “Claparon foi muito atrevido em ter comprado essa minha dívida, sem consultar-me! Lamento-o por ele, que durante tanto tempo se portou bem como *testa de ferro* dos meus amigos. Eu dizia dele: ‘Realmente, é preciso ser imbecil para servir com tão fracos honorários e tanta fidelidade a homens que se enchem de milhões’. Pois bem, aqui me dá ele uma prova da sua burrice... Sim, os homens merecem a sorte que têm! Alcança-se uma coroa ou se arrasta uma grilheta! Pode-se ser milionário ou porteiro, e tudo é justo. Que quer, meu caro! Eu não sou rei, por isso sou fiel aos meus princípios. Sou implacável com aqueles que me acarretam despesas ou não sabem seu ofício de credor. Suzon, meu chá!... Estás vendo esse senhor?”, disse ele ao criado de quarto. “Pois bem, tu te deixaste lograr, meu velho. Esse senhor é um credor, deverias tê-lo reconhecido pelas botinas. Nem os meus amigos, nem indiferentes que precisam de mim, nem meus inimigos vêm procurar-me a pé. Meu caro sr. Cérizet, compreende? O senhor não limpará mais suas botas no meu tapete”, disse ele olhando a lama que branqueava a sola das botinas do seu adversário. “Apresente minhas condolências a esse bonifrate de Claparon, pois vou colocar esse assunto no z.” Tudo isso era dito num tom de bonomia capaz de provocar cólicas em burgueses virtuosos. “Faz mal, senhor conde”, respondeu Cérizet afetando um arzinho peremptório; “nós seremos pagos integralmente e de um modo que poderá contrariar o senhor. Por isso eu vinha amigavelmente procurá-lo, como é de uso entre gente educada...” “Ah! É isso que quer?”,

replicou Máximo, a quem essa última pretensão de Cérizet irritou. Havia nessa insolência um pouco de espírito de Talleyrand,^[20] apreenderam-se bem o contraste dos dois vestuários e o dos dois homens. Máximo franziu os sobrolhos e fixou seu olhar em Cérizet, o qual não somente sustentou aquele jato de raiva fria, mas ainda respondeu com essa malícia glacial que os olhos fixos de uma gata destilam. “Pois bem, senhor, saia...” “Pois bem, adeus, senhor conde. Antes de seis meses estaremos quites.” “Se me puder *roubar* a importância de sua conta, que, reconheço-o, é legítima, eu lhe ficaria obrigado, senhor”, respondeu Máximo, “porque me terá ensinado alguma nova precaução a tomar... Seu inteiro servidor...” “Sou eu, senhor conde, que sou o seu.” Aquilo foi preciso, cheio de força e de seguridade de um lado e de outro. Dois tigres que se examinam antes de lutar, diante de uma presa, não seriam mais belos nem mais ardilosos do que o foram então aquelas duas naturezas mais manhosas uma do que a outra, uma na sua impertinente elegância, a outra sob o seu arnês de lodo. Em quem apostam vocês? — disse Desroches, que olhou para o seu auditório, surpreendido por estar tão profundamente interessado.

— Isso sim que é uma história! — disse Málaga. — Vamos, meu caro, continue, que chego a sentir apertos no coração.

— Entre dois cães daquela força, não é possível que suceda nada de vulgar — disse La Palférine.

— Ora! Aposto a conta do meu marceneiro, que anda a me seringar, que o sapinho levou Máximo no embrulho! — exclamou Málaga.

— Eu aposto em Máximo — disse Cardot —, pois nunca ninguém o pegou desprevenido.

Desroches fez uma pausa, bebendo um cálice de licor que a *lorette* lhe ofereceu.

— O gabinete de leitura da srta. Chocardelle — disse Desroches — estava situado na Rue Coquenard, a dois passos da Rue Pigalle, onde Máximo morava. A dita srta. Chocardelle ocupava um pequeno apartamento que dava para um jardim e era separado da sua loja por uma grande peça escura onde estavam os livros. Antônia fazia a tia tomar conta do gabinete...

— Ela já tinha uma tia? — exclamou Málaga. — Diabos! Máximo fazia as coisas bem.

— Infelizmente! Era uma tia verdadeira — disse Desroches — chamada... esperem...

— Ida Bonamy — disse Bixiou.

— Assim, Antônia, aliviada da maior parte do trabalho por essa tia, levantava-se tarde, deitava-se tarde e não comparecia ao seu balcão a não ser das duas às quatro horas — disse Desroches. — Desde os primeiros dias, sua presença bastava para atrair freguesia ao seu salão de leitura; vários velhos do quarteirão lá foram, entre outros um

fabricante de carruagens chamado Croizeau. Depois de ver aquele milagre de beleza feminina, através da vidraça, o antigo fabricante lembrou-se de ler os jornais todos os dias naquele salão, no que foi imitado por um amigo diretor de aduana, chamado Denisart, homem condecorado, em quem Croizeau quis ver um rival e a quem disse, mais tarde: “Muita dor de cabeça me deu o senhor!”. Estas palavras devem dar-lhes uma ideia da personagem. O sr. Croizeau pertence a esse gênero de velhos que, a partir de Henri Monnier, deviam ser apelidados de espécie Coquerel, de tal modo ele soube reproduzir a voz fraca, os pequenos gestos, o pequeno rabicho, os olhinhos de pólvora, o andarzinho, os pequenos meneios de cabeça, o pequeno tom seco no seu papel de Coquerel da *Família improvisada*.^[21] Esse Croizeau dizia: “Aqui está, bela dama!” ao entregar os dois vinténs a Antônia, num gesto pretensioso. A sra. Ida Bonamy, tia da srta. Chocardelle, soube logo pela cozinheira que o antigo fabricante, homem de uma avareza excessiva, estava taxado como possuidor de quarenta mil francos de renda no bairro em que morava, na Rue de Buffault. Oito dias depois da instalação da bela alugadora de romances, ele deu à luz o seguinte trocadilho galante: “A senhora empresta-me livros, mas eu gostaria de restituir-lhe francos”.^[22] Poucos dias depois, afetou um ar ladino para dizer: “Sei que a senhora está muito ocupada, mas chegará meu dia; sou viúvo”. Croizeau apresentava-se sempre com bela roupa branca, uma casaca azul-clara, colete de seda sem lustro, calças pretas, sapatos de sola dupla, atados com fita de seda preta e rangendo como os de um abade. Trazia sempre na mão seu chapéu de seda de catorze francos. “Estou velho e não tenho filhos”, dizia ele à jovem rapariga, poucos dias depois da visita de Cérizet à casa de Máximo. “Tenho horror aos meus colaterais. Todos eles são camponeses nascidos para lavrar a terra! Imagine que vim da minha aldeia com seis francos e aqui fiz minha fortuna. Não sou orgulhoso... Uma mulher bonita é minha igual. Não é melhor ser a sra. Croizeau durante algum tempo do que a serva de um conde durante um ano? Qualquer dia será abandonada. E então se lembrará de mim... seu criado, bela dama!” Tudo isso cozendo a fogo lento, surdamente. A mais leve galanteria era dita às escondidas. Ninguém no mundo sabia que aquele velhinho asseadinho amava Antônia, porquanto a prudente atitude daquele enamorado, no salão de leitura, nada revelaria a um rival. Croizeau durante dois meses desconfiou do diretor de aduana aposentado. Mas, lá para o meio do terceiro mês, teve ocasião de verificar o quanto suas suspeitas eram infundadas. Croizeau esforçou-se em se abeirar de Denisart, saindo em companhia dele; depois, disse-lhe: “Que lindo dia, senhor!”. Ao que o antigo funcionário respondeu: “O tempo de Austerlitz, senhor; eu estava lá... até mesmo fui ferido, minha cruz foi-me dada pelo meu procedimento naquele belo dia...”. E, passando de um assunto a outro,

de charlas a confidências, de atenções a amabilidades, estabeleceu-se um laço de amizade entre aqueles dois destroços do Império. O pequeno Croizeau prendia-se ao Império por suas ligações com as irmãs de Napoleão; era seu fornecedor de carruagens e muitas vezes as importunara com suas contas. Apresentava-se, pois, como tendo tido relações com a família imperial. Máximo, informado por Antônia das propostas que o agradável ancião... foi esta a alcunha dada ao capitalista pela tia... se permitia fazer-lhe, quis conhecê-lo. A declaração de guerra de Cérizet tivera a propriedade de fazer com que aquele grande Luva Amarela estudasse sua posição no tabuleiro de xadrez em que se movia, observando nele as mais insignificantes peças. Ora, a propósito daquele agradável ancião, ele recebeu no seu bestunto a badalada de sino que anuncia uma desgraça. Uma noite, Máximo pôs-se no segundo salão escuro, em torno do qual estavam colocadas as estantes da biblioteca. Depois de examinar, por uma fenda entre duas cortinas verdes, os sete ou oito frequentadores do salão, ele avaliou com um olhar a alma do fabricante de carruagens; mediu-lhe a paixão e ficou muito satisfeito por saber que, no momento em que sua fantasia se esvaísse, um porvir bastante suntuoso abriria suas portas envernizadas para Antônia, a uma ordem dela. “E aquele”, disse designando o grande e belo velho, condecorado com a Legião de Honra, “quem é?” “Um antigo diretor de aduana.” “Tem um perfil inquietador!”, disse Máximo admirando o porte de Denisart. Efetivamente, o antigo militar mantinha-se ereto como um campanário; sua cabeça chamava a atenção por uma cabeleira empoadada e empomadada, quase igual à dos postilhões nos bailes a fantasia. Sob aquela espécie de chapéu de feltro amoldado numa cabeça oblonga, desenhava-se um velho rosto, ao mesmo tempo administrativo e militar, de feições arrogantes, muito parecido com o que a Caricatura atribui a *Le Constitutionnel*.^[23] Esse antigo administrador, de uma idade, de um pó, de um encurvamento de dorso que não o deixavam ler coisa alguma sem óculos, retesava seu respeitável abdômen com todo o orgulho de um velho que tem amante e usava nas orelhas brincos de ouro que lembravam os do velho general Montcornet,^[24] o frequentador do Vaudeville.^[25] Denisart tinha preferências pelo azul: suas calças e sua velha sobrecasaca eram de pano azul. “Desde quando vem aquele velho?”, perguntou Máximo, para quem os óculos se afiguraram de uso suspeito. “Oh! Desde o começo”, respondeu Antônia, “breve fará dois meses.” “Bem. Faz apenas um mês que Cérizet veio”, disse consigo mesmo Máximo. “Faze com que ele fale”, disse ele ao ouvido de Antônia; “quero ouvir-lhe a voz.” “Ora!”, disse ela. “Vai ser difícil, pois nunca me diz nada.” “Por que motivo, então, ele vem?”, perguntou Máximo. “Por um motivo engraçado”, replicou a bela Antônia. “Primeiro porque ele tem uma paixão, apesar dos seus sessenta e nove anos; mas, por causa dos seus

sessenta e nove anos, ele está regulado como um relógio. Esse freguês vai jantar em casa da sua paixão, na Rue de la Victoire, todos os dias, às cinco horas... Aí está uma infeliz! Sai da casa dela às seis horas, vem ler durante quatro horas todos os jornais e para lá volta às dez horas. O velho Croizeau diz que conhece os motivos do procedimento do sr. Denisart, e o aprova, e que no lugar dele faria o mesmo. Assim, pois, sei qual é o meu futuro! Se um dia me tornar a sra. Croizeau, das seis às dez horas eu estarei livre.” Máximo examinou o *Almanaque dos Vinte e Cinco Mil Endereços* e ali encontrou esta linha tranquilizadora: “Denisart, antigo diretor de aduana, Rue de la Victoire”. Não teve mais nenhuma inquietação. Insensivelmente, entre o sr. Denisart e o sr. Croizeau foram trocadas algumas confidências. Nada liga mais os homens do que uma certa conformidade de vistas em matéria de mulheres. O velho Croizeau juntou em casa daquela que ele denominava *a bela do sr. Denisart*. Aqui devo intercalar uma observação muito importante. O gabinete de leitura fora pago pelo conde, metade à vista e metade em letras subscritas pela dita srta. Chocardelle. Ao chegar o quarto de hora de Rabelais,^[26] o conde estava sem dinheiro. Ora, a primeira das três letras de mil francos foi paga integralmente pelo amável fabricante, ao qual o velho celerado de Denisart aconselhou assegurar seu empréstimo fazendo-se privilegiar sobre o gabinete de leitura. “Eu”, disse Denisart, “vi belas coisas com as belas!... Por isso, em todos os casos, mesmo quando estou com a cabeça virada, sempre tomo as minhas precauções. Essa criatura por quem tenho loucura, pois bem, não goza de um mobiliário seu, e sim meu. O contrato do apartamento está em meu nome...” Conhecem Máximo; ele achou o fabricante muito jovem! Croizeau podia pagar os três mil francos sem receber nada em troca, durante muito tempo, pois Máximo estava mais louco do que nunca pela bela Antônia...

— E não era para menos — disse La Palférine —, pois era a bela Impéria^[27] da Idade Média!

— Uma mulher que tem a pele áspera! — aparteu a *lorette* —, tão áspera que se arruína em banhos de farelo.

— Croizeau falava com a admiração de um fabricante de carruagens do suntuoso mobiliário que o apaixonado Denisart dera por moldura à sua bela; descrevia-o com satânica complacência à ambiciosa Antônia — continuou Desroches. — Eram baús de ébano incrustados de nácar e com filetes de ouro, tapetes da Bélgica, uma cama da Idade Média do valor de mil escudos, um relógio de Boule;^[28] depois, na sala de jantar, candelabros de pé nos quatro cantos, cortinas de seda da China nas quais a paciência chinesa havia pintado pássaros, reposteiros com travessões valendo mais do que reposteiros com dois pés. “É disso que precisava, bela dama!... e o que eu quisera oferecer-lhe”, dizia ele, concluindo. “Sei perfeitamente que me amaria mais ou menos, mas, na

minha idade, devemos ser razoáveis. Avalie quanto a amo, pois que lhe emprestei mil francos. Posso confessar-lhe: em toda a minha vida e em momento nenhum emprestei isso..." E estendeu os dois *sous* da sessão com a importância que um sábio põe numa demonstração. À noite, Antônio disse ao conde, no Variétés:^[29] "Afim de contas um gabinete de leitura é uma coisa bem aborrecida. Sinto que não tenho gosto por esse ofício, não vejo nele nenhuma probabilidade de me trazer fortuna. É um recurso de uma viúva que quer vegetar, ou de uma rapariga atrozmente feia que julga poder pescar um homem por meio de um pouco de *toilette*". "Foi o que você me pediu", respondeu o conde. Nesse momento, Nucingen, de quem, na véspera, o rei dos Leões, porque os Luvas Amarelas tinham-se então tornado leões, ganhara mil escudos, entrou para dar-lhos, e, ao ver o espanto de Máximo, disse-lhe: "*Eu recepi um opposiçon por requerimento tesse tiapo te Claparon...*" "Ah! São esses os meios de que eles se valem!", exclamou Máximo. "Francamente, não são grande coisa." "*Mesmo assim*", respondeu o banqueiro, "*é melhor pacar eles, porque podem se tirrichir a outros e tar prechuiço a você. Eu tomo esta ponia ziniora como testemunia te que paquei você te manhan, muito antes ta opoziçon.*"

— Rainha do Trampolim — disse La Palférine, sorrindo —, tu perderás.

— Fazia muito tempo — volveu Desroches — que, num caso semelhante, mas no qual o excessivamente honesto devedor, assustado com uma afirmação que tinha de fazer perante a Justiça, não quisera pagar a Máximo, nós tínhamos perseguido rudemente o credor recalcitrante, fazendo apresentar oposições em massa, a fim de absorver a quantia em custos de contribuição...

— Que vem a ser isso tudo — exclamou Málaga —, todos esses termos que soam aos meus ouvidos como se fossem patoá? Já que achou o esturjão excelente, pague-me o preço do molho com uma lição de chicana.

— Pois bem — explicou Desroches —, a quantia contra a qual um dos seus credores requer opposição num dos seus devedores pode tornar-se objeto de semelhante opposição por parte dos seus demais credores. Que faz o tribunal ao qual todos os demais credores pedem autorização para se pagarem? Divide entre todos a quantia sequestrada. Essa divisão, feita sob as vistas da Justiça, denomina-se uma contribuição. Se você deve dez mil francos e seus credores sequestram por opposição mil francos, cada um deles tem um tanto por cento de sua conta credora, em virtude de uma repartição *au marc le franc*, em linguagem forense, isto é, proporcionalmente ao seu crédito; mas só recebem mediante um documento legal chamado extrato do registro de colocação, que é fornecido pelo escrivão do tribunal. Podem imaginar esse trabalho feito por um juiz e preparado por procuradores? Implica

uma quantidade enorme de papel selado cheio de linhas frouxas, difusas, nas quais os algarismos estão mergulhados em colunas de uma brancura completa. Começa-se por deduzir as custas. Ora, sendo as custas as mesmas, quer para uma quantia de mil francos, quer para a de um milhão, não é difícil engolir mil escudos, por exemplo, de custas, sobretudo se a gente consegue aumentar as contestações.

— Um procurador consegue sempre — disse Cardot. — Quantas vezes um de vocês me perguntou: “Que temos para comer?”.

— Consegue-se, sobretudo — disse Desroches —, quando o devedor nos provoca para comermos a quantia em custas. Por isso os credores do conde nada obtiveram, perderam suas caminhadas à casa dos advogados e suas *démarches*. Para ser pago por um devedor tão esperto como o conde, o credor deve colocar-se numa situação legal extremamente difícil de estabelecer: trata-se de ser ao mesmo tempo seu devedor e seu credor, porque então se tem o direito, nos termos da lei, de operar a confusão...

— Do devedor? — perguntou a *lorette*, que estava de ouvido atento para aquela exposição.

— Não, das duas qualidades de credor e de devedor, e de pagar-se pelas próprias mãos — disse Desroches. — A inocência de Claparon, que só inventava oposições, teve por efeito tranquilizar o conde. Ao trazer Antônia do Variétés, aferrou-se tanto mais à ideia de vender o gabinete literário a fim de poder pagar os dois mil francos do preço, porque teve medo do ridículo de ter sido o fornecedor de fundos para semelhante empresa. Adotou, pois, o plano de Antônia, que queria abordar a alta esfera da sua profissão, ter um apartamento magnífico, criada de quarto, carruagem, e lutar, por exemplo, com a nossa bela anfitriã...

— Para isso ela não é bastante bem-feita — exclamou a ilustre beleza do Cirque —; mas assim mesmo ela depenou o jovem D'Esgrignon!^[30]

— Dez dias depois, o pequeno Croizeau, empoleirado na sua dignidade, fazia, mais ou menos, o seguinte discurso para a bela Antônia — continuou Desroches: — “Minha filha, seu gabinete literário é um buraco, você aqui vai ficar amarela, o gás lhe estragará a vista; é preciso sair daqui, e olhe!, aproveitemos a oportunidade. Achei para você uma jovem senhora que não deseja outra coisa senão comprar-lhe seu gabinete de leitura. É uma mulherzinha arruinada para a qual nada mais resta senão atirar-se na água; mas tem quatro mil francos em dinheiro, e é preferível tirar deles bom partido para poder sustentar e educar dois filhos... “Oh! O senhor é muito gentil, tio Croizeau”, disse Antônia. “Ora! Daqui a pouco serei mais gentil ainda”, replicou o velho fabricante de carruagens. “Imagine que aquele pobre sr. Denisart está com um desgosto que lhe deu icterícia... Sim, a coisa atingiu-lhe o

fígado, como acontece nos velhos sensíveis... Ele faz mal em ser tão sensível. Eu lhe disse: 'Apaixonar-se, vá! Mas ser sensível... alto lá!... A gente se mata'. Francamente, eu não esperava semelhante desgosto num homem suficientemente forte e instruído para ausentar-se durante a digestão da casa de..." "Mas que houve?", perguntou a srta. Chocardelle. "Aquela criaturazinha, em cuja casa jantei, plantou-o ali, positivamente... Sim, deixou-o, sem preveni-lo, com mais do que uma carta sem nenhuma ortografia." "Eis aí, tio Croizeau, no que resulta cacetear as mulheres!..." "É uma lição, bela dama", disse o melífluo Croizeau. "*Por enquanto*, nunca vi homem em semelhante desespero. Nosso amigo Denisart não distingue mais sua mão direita da esquerda, não quer ver mais o que ele chama o cenário da sua felicidade... Perdeu de tal forma o juízo que me propôs que eu comprasse por quatro mil francos o mobiliário de Hortênsia... Ela se chamava Hortênsia!" "Lindo nome", disse Antônia. "Sim, é o da enteada de Napoleão.^[31] Como sabe, eu fornecia-lhe as carruagens." "Pois sim, vou pensar", disse a esperta Antônia; "comece por mandar-me sua jovem dama..." Antônia correu para ver a mobília, voltou fascinada, e fascinou Máximo por um entusiasmo de antiquário. Nessa mesma noite, o conde consentiu na venda do gabinete de leitura. O estabelecimento, compreendem, estava em nome da srta. Chocardelle. Máximo pôs-se a rir do pequeno Croizeau que lhe fornecia um comprador. É verdade que a sociedade Máximo e Chocardelle perdia dois mil francos; mas, que era essa perda em presença de quatro belas notas de mil francos? Como me dizia o conde: "Quatro mil francos de dinheiro vivo!... Há momentos em que se assinam letras pela importância de oito mil francos para tê-los!". O conde foi ver, ele próprio, dois dias depois, o mobiliário, levando consigo os quatro mil francos. A venda fora realizada graças à diligência do pequeno Croizeau, que empurrava a roda; ele tinha *enforcado*, dizia, a viúva. Pouco se preocupando com aquele amável ancião, que ia perder seus mil francos, Máximo quis fazer transportar imediatamente toda a mobília para um apartamento alugado em nome da sra. Ida Bonamy, na Rue Tronchet, numa casa nova. Para isso tinha se preparado com várias carroças grandes de mudança. Máximo, refascinado pela beleza do mobiliário, que para um estofador valeria seis mil francos, encontrou o infeliz ancião, amarelo como a sua icterícia, no canto da lareira, com a cabeça recoberta por duas compressas e ainda por cima um boné de algodão, abafado como um lustre, abatido, sem poder falar, enfim, tão escangalhado que o conde foi obrigado a entender-se com um criado de quarto. Depois de ter entregado os quatro mil francos ao criado de quarto, que os levou ao patrão para que este desse um recibo, Máximo quis ir dizer aos seus comissionados que fizessem chegar as carroças; ouviu, porém, uma voz que ressoou aos seus ouvidos como uma matraca e que lhe gritou: "É inútil, senhor conde, estamos quites, tenho

seiscentos e trinta francos e quinze cêntimos a entregar-lhe!”. E ficou assustado ao ver Cérizet sair de seus envoltórios, como uma borboleta de sua larva, o qual lhe apresentou seus malditos papéis, acrescentando: “Nas minhas desgraças aprendi a representar comédias, e em papéis de velho valho tanto como Bouffé”.^[32] “Estou no bosque de Bondy”,^[33] exclamou Máximo. “Não, senhor conde, o senhor está em casa da srta. Hortênsia, a amiga do velho Lord Dudley,^[34] que a oculta a todos os olhares; ela, porém, tem o mau gosto de amar este seu humilde servidor.” “Se tive alguma vez vontade de matar um homem”, dizia-me o conde, “foi naquele momento; mas que quer! Hortênsia mostrava-me a sua linda cabeça, tive de rir, e, para conservar minha superioridade, disse-lhe atirando-lhe os seiscentos francos: ‘Aí está para a rapariga’.”

— É Máximo de corpo inteiro! — exclamou La Palférine.

— Tanto mais que se tratava do dinheiro do pequeno Croizeau — disse o profundo Cardot.

— Máximo teve um triunfo — continuou Desroches —, porque Hortênsia exclamou: “Ah! Se eu soubesse que eras tu!...”.

— Aí está uma *tal* de confusão! — exclamou a *lorette*. — Perdeste, milorde — disse ela ao tabelião.

E foi assim que o marceneiro a quem Málaga devia cem escudos foi pago.

Paris, 1845

**UM PRÍNCIPE
DA BOÊMIA**

FRANCISCA VIEIRA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Um príncipe da Boêmia (em francês: *Un Prince de la Bohème*) leva a dupla data de 1839-1845, fato cuja explicação é a seguinte: uma primeira variante desta novela foi publicada em 1840, no número de 25 de agosto da *Revue de Paris*, a efêmera revista de Balzac, sob o título *As fantasias de Claudina*; uma segunda, modificada e sensivelmente ampliada, em 1844 sob o título atual; uma terceira, a definitiva, com mais algumas modificações, saiu em 1846.

Ao elaborá-la, Balzac está quase no fim da sua carreira literária, numa época em que grande parte de *A comédia humana* já está em pé. O escritor vive obsedado pelo mundo de milhares de personagens que criou e cuja lembrança lhe ocorre constantemente a ponto de fazer-lhe supor que os leitores também guardam armazenada na memória toda aquela multidão de figuras com sua biografia acidentada. Tal suposição fá-lo multiplicar as alusões a casos relatados em obras anteriores, ligar o enredo a situações já expostas, colocar num parêntese a explicação de um romance inteiro — o que acrescenta à obra mais um mérito aos olhos do leitor familiarizado com Balzac, mas simultaneamente a transforma num verdadeiro labirinto para quem não conhece o conjunto de *A comédia humana*.

A própria maneira de relatar a cena contribui para confundir o leitor não advertido. Balzac imagina que Raul Nathan conta a história de La Palférine, “o príncipe da Boêmia”, à marquesa de Rochefide. Depois, o mesmo narrador repete a mesma história à sra. de la Baudraye, acrescentando as reações de sua primeira ouvinte. E como a sra. de la Baudraye, em má situação financeira, viera procurar Nathan para lhe pedir algum trabalho, este a convida a escrever a história de La Palférine, reproduzindo com a possível fidelidade a narrativa dele próprio. O conto de Balzac principia no momento em que a sra. de la Baudraye aparece com a história já redigida para lê-la a Nathan, e, salvo as poucas linhas da introdução e da conclusão, restringe-se ao registro dessa história.

Toda essa complicação estrutural bastaria para tornar árdua a leitura de *Um príncipe da Boêmia*. Acresce que foi precisamente nesta novela que o escritor se lembrou de vingar-se das injustiças de Sainte-Beuve, dando à sua vingança a forma de um brilhante pasticho. Sainte-Beuve, o crítico de maior prestígio na época, tinha atacado Balzac censurando-o por prolixidades, defeitos de estilo e de gosto e inverossimilhanças e chegando a compará-lo a Eugène Sue e a Alexandre Dumas, Pai. Ferido em seu amor-próprio pelas censuras

realmente injustas de Sainte-Beuve, Balzac se fez crítico do crítico não somente lhe atacando num longo estudo a monografia sobre Port-Royal, mas também ridicularizando-lhe nesta novela o estilo. Na monografia em apreço, Sainte-Beuve traçava, aliás com muita agudeza, os perfis dos membros da comunidade religiosa de Port-Royal que desempenhou importante papel na história da literatura e do pensamento franceses no século XVII. Balzac achava que essas personagens eram apagadas demais para merecer análise tão profunda e julgava ridículos os paralelos em que o monógrafo os comparava sucessivamente às personalidades mais ilustres da história universal. Para arremedar o adversário, o romancista lhes toma emprestados os processos estilísticos — a análise excessivamente matizada, o vocabulário requintado, os confrontos pretensiosos — para aplicá-los a um objeto ainda menos proporcionado, os ditos e fatos frívolos do boêmio La Palférine. O pasticho é realmente magistral, e, como acertadamente observa A. Prioult, com esse trecho de sua novela torna-se Balzac o precursor autêntico do Marcel Proust de *Pastiches et Mélanges* e das famosas caricaturas literárias de Reboux et Müller, em *À la manière de...*

Assim, ao complicado da construção vem-se juntar o do estilo. Entretanto, seria uma pena recuar ante essas dificuldades (que aliás procurei suavizar por meio das notas de rodapé), pois o tipo de La Palférine é realmente curioso e a descrição do amor de Claudina por ele é um verdadeiro estudo de psicologia. Da ação indireta de La Palférine sobre a carreira do mando da amante, Balzac poderia até, como afirma Prioult, tirar a matéria de um romance completo; contentou-se, porém, em aproveitá-la apenas para uma novela, é verdade que uma das mais densas.

Enquanto Marcel Barrière, em *A obra de H. de Balzac*, vê em *Um príncipe da Boêmia* apenas uma pequena cena bem divertida, o grande Alain, que o saboreia com delícias de iniciado, julga-o em *Com Balzac* espécime de um gênero literário à parte, “como que uma encruzilhada onde as personagens de *A comédia humana* se encontram, se cumprimentam e passam. Daí estarmos em dez romances em vez de num; a curta narrativa parece inesgotável. Personagens, anedota, tudo é buscado na massa, e participa do poder arquitetural”.

Patrick Berthier, introdutor da novela na edição da Pléiade, percebe nela, além disso, reflexos da vida íntima de Balzac, ulcerado pelo fracasso de seus sonhos de riqueza e de poder, assim como pela espera vã do casamento com a condessa Hanska: “Caleidoscópio social (um *bohémorama*, como se diria na pensão de mamãe Vauquer), obra-encruzilhada (com mais de trinta personagens que aparecem noutras obras de Balzac), confissão (involuntária?) de uma incansável espera pela felicidade, esta ‘sobrinha’ ultrapassa de muito a sua moldura”.

UM PRÍNCIPE DA BOÊMIA

A HEINE^[1]

Meu caro Heine, dedico este estudo a você, a você que representa em Paris o espírito e a poesia da Alemanha, do mesmo modo por que na Alemanha você representara a viva e espirituosa crítica francesa; a você que melhor do que ninguém sabe o que nele pode haver de crítica, de gracejo, de amor e de verdade.

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

UM MATRIMÔNIO VISTO DE LONGE

— Meu caro amigo — disse a sra. de la Baudraye,^[2] tirando um manuscrito de sob a almofada da sua conversadeira —, perdoar-me-á, nas dificuldades em que nos achamos, por ter feito uma novela sobre o que nos disse faz alguns dias?

— Nestes tempos que correm tudo serve; pois não tem visto autores, por falta de imaginação, servir ao público seu próprio coração e muitas vezes o de suas amantes? Ainda se chegará, minha cara, a buscar aventuras menos pelo prazer de ser o herói delas do que para narrá-las.

— Enfim, o senhor e a marquesa de Rochefide^[3] terão pago nosso aluguel, e não creio, pelo modo como as coisas vão por aqui, que eu pague jamais o vosso.

— Quem sabe! Pode acontecer que lhe toque a mesma sorte que teve a sra. de Rochefide.

— Julga ser sorte voltar para a casa do marido?

— Não, é unicamente uma fortuna... Vamos! Estou ouvindo.

A sra. de la Baudraye leu o que segue:

A cena passa-se na Rue de Chartres-du-Roule, num salão magnífico. Um dos mais célebres autores^[4] da época estava sentado numa conversadeira ao lado de uma ilustre marquesa, da qual é íntimo, como o deve ser um homem distinguido por uma mulher que o conserva junto dela, menos como um último recurso do que como um *patito* complacente.

— E então — disse ela —, achou as cartas de que me falava ontem, e sem as quais não podia contar-me tudo o que *lhe* concerne?

— Achei-as.

— Tem a palavra; ouço-o como uma criança cuja mãe lhe estivesse contando a *Grande serpentina verde*.^[5]

I — O QUE É A BOÊMIA EM PARIS

O rapaz de que se trata faz parte desse grupo de pessoas de nossas relações, a que nos habituamos a chamar de amigos. É um gentil-homem de um espírito e de uma infelicidade infinitos, cheio de excelentes intenções, de uma conversação sedutora, já tendo visto muito, conquanto moço, e que, à espera de melhor, faz parte da *Boêmia*. A Boêmia, que se deveria chamar a Doutrina^[6] do Boulevard des Italiens, compõe-se de rapazes, todos acima de vinte anos, mas que não alcançaram os trinta, todos, no seu gênero, homens de gênio, ainda pouco conhecidos, mas que se farão conhecer, e que então serão pessoas muito distintas; começa-se já a distingui-los nos dias de

Carnaval, durante os quais eles descarregam o excesso de seu espírito, muito comprimido durante o resto do ano, em invenções mais ou menos droláticas. Em que época vivemos? Que poder absurdo esse que deixa perderem-se, dessa forma, forças imensas? Encontram-se na Boêmia diplomatas capazes de derrubar os projetos da Rússia, se se sentissem apoiados pelo poder de França. Encontram-se escritores, administradores, militares, jornalistas, artistas. Enfim, todas as modalidades de capacidade e de espírito estão nela representadas. É um microcosmo. Se o imperador da Rússia comprasse a Boêmia por uns vinte milhões, admitindo-se que esta se dispusesse a deixar o asfalto dos bulevares, e a deportasse para Odessa, em um ano Odessa seria Paris.

Encontra-se ali a flor inútil, e que se desseca, dessa admirável mocidade francesa que Napoleão e Luís XIV tanto apreciavam, e que está sendo descuidada pela gerontocracia sob a qual tudo, em França, se macula, bela mocidade da qual ainda ontem o professor Tissot,^[7] homem pouco suspeito, dizia:

“Essa mocidade, verdadeiramente digna dele, o imperador empregava-a por toda a parte, nos seus conselhos, na administração geral, em negociações erichadas de dificuldades ou cheias de perigos, no governo dos países conquistados, e em toda a parte ela correspondia à sua expectativa! Os jovens eram para ele os *missi dominici*”^[8] de Carlos Magno.”

Essa palavra de Boêmia diz tudo. A Boêmia nada possui e vive do que tem. A esperança é a sua religião, a fé em si própria é seu código, a caridade passa por ser sua receita. Todos esses rapazes são maiores do que sua infelicidade, estão abaixo da fortuna, mas acima do destino. Sempre a cavalo sobre um *se*, espirituosos como folhetins, alegres como gente que deve, oh! devem tanto quanto bebem! Finalmente, e é aí que quero chegar, são todos apaixonados, mas apaixonados!... Imagine Lovelace, Henrique IV, o Regente, Werther, Saint-Preux, Renato, o marechal de Richelieu,^[9] reunidos num único homem, e terá uma ideia do amor deles! E que amantes!

Ecléticos por excelência em amor, servem uma paixão como uma mulher pode desejá-la; o coração deles assemelha-se a um cardápio de restaurante; puseram em prática, sem sabê-lo, e, talvez, sem o ter lido, o livro *Do amor* de Stendhal;^[10] têm a seção do amor-gosto, a do amor-paixão, a do amor-capricho, a do amor cristalizado e principalmente a do amor passageiro.

Tudo lhes serve; criaram este axioma burlesco: *Todas as mulheres são iguais perante os homens*. O texto desse artigo é mais vigoroso, mas, como, a meu ver, o espírito dele é falso, não o tomo ao pé da letra.

Senhora, meu amigo chama-se Gabriel João Ana Vitor Benjamim Jorge Fernando Carlos Eduardo Rusticoli, conde de la Palférine. Os Rusticoli, vindos para a França com Catarina de Médicis,^[11] acabavam de ser despojados de uma soberania mínima na Toscana. Um pouco aparentados aos Este, aliaram-se aos Guise. Mataram muitos protestantes na noite de São Bartolomeu^[12] e Carlos ix deu-lhes a herdeira do Condado de la Palférine, confiscado ao duque de Saboia, e que Henrique iv tornou a comprar, embora lhes concedendo o título. Esse grande rei cometeu a tolice de restituir esse feudo ao duque de Saboia. Em troca, os condes de la Palférine, anteriormente a que os Médicis tivessem armas, usavam-nas *de prata, com uma cruz de blau flordelisada* (a cruz foi flordelisada por cartas patentes de Carlos ix), *timbradas com uma coroa de conde e, como tenentes, dois camponeses e, por divisa, IN HOC SIGNO VINCIMUS*,^[13] tiveram dois cargos da coroa e um governo. Sob os Valois e até o quase reino de Richelieu, eles tiveram a mais bela atuação; depois foram desvalorizados durante o reinado de Luís xiv, e arruinados no de Luís xv. O avô de meu amigo devorou os restos dessa brilhante casa com a srta. Laguerre,^[14] que ele pôs na moda, antes de Bouret.^[15] Oficial sem nenhuma fortuna em 1789, o pai de Carlos Eduardo teve a boa ideia, auxiliado pela Revolução, de usar o nome de Rusticoli. Esse pai, que, de resto, desposou, durante as guerras da Itália, uma afilhada da condessa Albani, uma Capponi, daí o último prenome de La Palférine, foi um dos melhores coronéis do Exército; por isso, o imperador nomeou-o comandante da Legião de Honra e o fez conde. O coronel tinha um ligeiro desvio da coluna vertebral e seu filho diz rindo a respeito: *“Foi um conde feito”*.^[16] O general de Rusticoli, pois foi feito general de brigada em Ratisbona, morreu em Viena depois da batalha de Wagram,^[17] onde foi promovido a general de divisão no campo de batalha. Seu nome, sua ilustração italiana e seu mérito lhe conquistariam cedo ou tarde o bastão de marechal. Durante a Restauração, ele teria reconstituído a grande e bela casa dos La Palférine, já tão brilhante em 1100 como Rusticoli, pois que estes já haviam dado um papa e revolucionado por duas vezes o reino de Nápoles; enfim, tão esplêndidos no período dos Valois e tão hábeis que os La Palférine, embora frondistas^[18] decididos, ainda existiam no reinado de Luís xiv; Mazarino^[19] apreciava-os, pois reconhecera neles um resto de toscanos. Hoje, quando se alude a Carlos Eduardo de la Palférine, em cem pessoas não há três que saibam o que é a casa de La Palférine; mas os Bourbon também deixaram um Foix-Grailly^[20] viver do seu pincel.

III — ONDE SE PROCURA EXPLICAR O ESPÍRITO DO PRÍNCIPE

Ah! Se soubesse com que espírito Eduardo de la Palférine assumiu esta

obscura posição! Como ele zomba dos burgueses de 1830! Que sal, que aticismo! Se a Boêmia pudesse suportar um rei, ele seria rei da Boêmia. Sua veia é inesgotável. Deve-se a ele o mapa da Boêmia com os nomes dos sete castelos^[21] que Nodier não pôde achar.

— É — disse a marquesa — a única coisa que falta a uma das mais espirituosas pilhérias da nossa época.

— Algumas saídas do meu amigo La Palférine a colocarão em situação de o julgar — disse Nathan.

§ 1º — *Elevação do príncipe*

La Palférine encontra um dos seus amigos, que era da Boêmia, discutindo no bulevar com um burguês que se julgava ofendido. A Boêmia é muito insolente com o poder moderno. Tratava-se de um duelo.

— Um momento — disse La Palférine, tornando-se tão Lauzun^[22] quanto Lauzun jamais o pudera ser —, um momento! O senhor é de nobre ascendência?

— Como, senhor? — disse o burguês.

— Sim, é de nobre ascendência? Como se chama o senhor?

— Godin.

— Hein? Godin! — disse o amigo de La Palférine.

— Um momento, meu caro — disse La Palférine detendo o amigo —, há os Trigaudin.^[23] É dessa família?

Espanto do burguês.

— Não. É então dos novos duques de Gaeta, fabricação imperial?

— Não.

— Pois bem, como pretende que o meu amigo, *que será* secretário de embaixada e embaixador, e a quem, um dia, o senhor deverá respeitar, se bata?... Godin! isso não existe; o sr. Godin não é nada! Meu amigo, não se pode bater no ar. Quando a gente é alguma coisa só se bate com alguém. Vamos, meu caro, adeus!

— Meus respeitos à sua senhora — acrescentou o amigo.

§ 2º — *Facécias do príncipe*

Um dia, La Palférine passeava com um amigo, o qual atirou a ponta de seu charuto nas ventas de um passante. Este teve o mau gosto de zangar-se.

— O senhor já sofreu o fogo do seu adversário — disse o jovem conde —; as testemunhas declaram que a honra está satisfeita.

§ 3º — *Dignidade do príncipe*

Ele estava devendo mil francos ao alfaiate, o qual, em vez de ir em

pessoa o procurar, mandou uma manhã seu primeiro empregado à casa de La Palférine. O rapaz encontra o devedor infeliz no sexto andar, no fundo de um pátio, no alto do Faubourg du Roule. No quarto não havia mobília; apenas uma cama, e que cama! uma mesa, e que mesa! La Palférine ouve o pedido estapafúrdio e que qualificarei, disse-nos ele, de ilícito, feito às sete horas da manhã.

— Vá dizer ao seu patrão — respondeu ele com o gesto e a pose de Mirabeau^[24] — o estado em que me achou!

O empregado recua apresentando desculpas. La Palférine vê o rapaz no patamar, levanta-se no aparato ilustrado pelos versos de *Britânico*,^[25] e diz-lhe:

— Cuidado com a escada! Repare bem na escada, a fim de não se esquecer de lhe falar da escada.

§ 4º — *Política do príncipe*

Seja qual for a situação em que o tenha atirado o acaso, La Palférine jamais esteve abaixo da crise, nem sem espírito nem com mau gosto. Sempre e em tudo ele exhibe o gênio de Rivarol^[26] e o requinte de um grão-senhor francês. Foi ele quem inventou a deliciosa história relativa ao amigo do banqueiro Laffitte,^[27] que foi ao escritório da *subscrição nacional*, proposta para conservar àquele banqueiro a posse de seu palácio, onde se tramou a Revolução de 1830, dizendo: “Aqui tem cinco francos, dê-me cem *sous* de troco”.^[28] Fizeram uma caricatura a respeito.

§ 5º — *Costumes do príncipe*

Teve a infelicidade — em estilo de acusação — de tornar mãe uma rapariga. A mocinha pouco ingênua confessou a sua falta à mãe, boa burguesa, a qual vai correndo à casa de La Palférine e pergunta-lhe o que ele pretende fazer.

— Mas, senhora, não sou cirurgião nem parteira.

Ela ficou fulminada; mas, três ou quatro anos depois, voltou à casa insistindo e perguntando sempre a La Palférine o que ele pretendia fazer.

— Oh! Senhora — respondeu ele —, quando a criança tiver sete anos, idade em que as crianças passam das mãos das mulheres para as dos homens (gesto de assentimento da mãe), se for realmente meu filho (novo gesto da mãe), se se parecer comigo de modo impressionante, se promete ser um gentil-homem, se reconheço nele meu gênero de espírito, e sobretudo o ar Rusticoli, oh! então (novo gesto), palavra de honra, eu lhe darei... um pirulito!

Tudo isso, se me permite usar o estilo empregado pelo sr. Sainte-Beuve^[29] nas suas biografias de desconhecidos, é o lado gracioso, divertido, mas já estragado, de uma raça forte. Isso cheira mais ao Parc aux Cerfs^[30] do que ao palácio de Rambouillet.^[31] Não é a raça dos *meigos*; inclino-me a concluir por um pouco de devassidão, mais do que eu desejaria em naturezas brilhantes e generosas; mas é galante, no gênero de Richelieu,^[32] folgazão e talvez desbragado na licenciosidade; são, talvez, os *excessos* do século XVIII; isso se liga no passado aos mosqueteiros^[33] e causa dano a Champcenetz; mas esse *volúvel* liga-se aos arabescos e aos embelezamentos da velha corte dos Valois. Deve-se proceder com rigor, numa época tão moral quanto a nossa, contra essas audácias; mas aquele pirulito pode também mostrar às donzelas o perigo dessas convivências, a princípio cheias de devaneios, mais encantadoras do que severas, róseas e floridas, mas cujos declives não são vigiados, e que vão ter a excessos que amadurecem, a faltas cheias de fervores ambíguos, a resultados vibrantes demais. Esta anedota pinta o espírito vivo e completo de La Palférine, porquanto ele tem o *meio-termo* de que falava Pascal: é terno e implacável; é, como Epaminondas, igualmente grande nos extremos.^[34] A brincadeira define, aliás, a época atual; antigamente não havia parteiros. Assim, os refinamentos da nossa civilização explicam-se por esse traço que ficará.

V — MADAME IMPACIENTA-SE

— Ora essa! caro Nathan, que aranzel é esse que está fazendo? — perguntou a marquesa, admirada.

— Senhora marquesa — respondeu Nathan —, a senhora ignora o valor dessas frases preciosas; neste momento falo o Sainte-Beuve, uma nova língua francesa. Continuo.

VI — OUTROS TRAÇOS DE CARÁTER

§ 1º — *Como ele trata seus credores*

Um dia, quando passeava no bulevar, de braço dado com amigos, La Palférine vê dirigir-se para ele o mais feroz dos seus credores, o qual lhe diz:

— Tem pensado em mim, senhor?

— Nem um pouquinho! — responde-lhe o conde.

Note o quanto era difícil a posição dele. Já Talleyrand, em semelhantes circunstâncias, dissera: “O senhor é muito curioso, meu caro!”. Tratava-se de não imitar aquele homem inimitável.

Generoso como Buckingham,^[35] e não podendo suportar ser apanhado desprevenido, um dia, nada tendo para dar a um limpador de chaminés, o jovem conde mergulha a mão num tonel com uvas, na porta de um merceeiro, e, retirando-a cheia delas, enche o boné do pequeno saboiano, o qual banquetear-se com as uvas. O merceeiro começou rindo e acabou estendendo a mão na direção de La Palférine.

— Oh! Que horror — diz este —, sua mão esquerda deve ignorar o que a minha direita acaba de dar.

§ 3º — *Coragem do príncipe*

De coragem temerária, Carlos Eduardo não procura, nem recusa questão; tem, porém, a bravura espirituosa. Ao ver, na Passage de l'Opéra, um homem que se exprimira a seu respeito em termos levianos, dá-lhe, ao passar, uma cotovelada, depois volta atrás e dá-lhe uma segunda.

— O senhor é muito desastrado — diz o homem.

— Pelo contrário, fi-lo de propósito.

O rapaz apresenta-lhe seu cartão de visita.

— Está muito sujo — replicou La Palférine —, ficou tempo demais no bolso. Queira dar-me outro — acrescentou atirando-o fora.

No duelo, recebeu uma estocada; o adversário vê o sangue correr e quer suspender a luta, exclamando:

— O senhor está ferido.

— Nego o golpe! — respondeu ele com tanto sangue-frio como se estivesse numa sala de esgrima.

E revidou com uma estocada igual, porém mais a fundo, acrescentando:

— Este sim é o verdadeiro golpe, senhor!

O adversário ficou seis meses de cama.

VII — MADAME RECUSA-SE, NÃO A LER, MAS A OUVIR O SAINTE-BEUVE

Isto, seguindo sempre nas águas do sr. Sainte-Beuve, lembra os Refinados e o fino pilheriar dos belos dias da monarquia. Vê-se aí uma vida desprendida, mas sem ponto de parada, uma imaginação risonha que nos é dada no início da mocidade. Não é mais o aveludado da flor, mas há algo de grão dessecado, cheio, fecundo, que garante a estação do inverno. Não lhe parece que essas coisas indiquem algo de insatisfeito, de inquieto, que não se analisa, não se descreve, mas se compreende, e que se abrasaria em chamas esparsas e altas se chegasse o momento de se desenvolver? É a *acédia* do claustro, qualquer coisa de

azedo, de fermentado na ociosidade estagnante das forças juvenis, uma tristeza vaga e doce.^[36]

— Basta! — disse a marquesa —, o senhor me está dando duchas no cérebro.

— É o tédio das tardes. Não se tem o que fazer, fazem-se as coisas mal de preferência a não fazer nada, e é o que sempre acontecerá em França. A mocidade tem dois lados neste momento: o lado estudioso dos *incompreendidos* e o lado ardente dos *apaixonados*.

— Basta! — repetiu a sra. de Rochefide com um gesto de autoridade —, está irritando meus nervos.

VIII — ONDE SE TERMINA DE PINTAR O PRÍNCIPE

— Apresso-me, para terminar de lhe descrever o príncipe, em atirar-me nas suas regiões galantes, a fim de lhe fazer compreender, marquesa, o gênio especial desse rapaz, que representa admiravelmente uma parte da mocidade maliciosa, dessa mocidade bastante forte para rir da situação em que a coloca a inépcia dos governantes, bastante calculista para não fazer nada, ao ver a inutilidade do trabalho, bastante viva ainda para agarrar-se ao prazer, a única coisa que ainda não lhe puderam tirar. Mas uma política ao mesmo tempo burguesa, mercantil e beata, vai suprimindo todos os escoadouros em que se derramariam tantas aptidões e talentos. Nada para esses poetas, nada para esses jovens sábios! Para fazer com que compreenda a estupidez da nova corte, aqui está o que aconteceu a La Palférine.

§ 1º — *Ele trata de potência a potência com a corte*

Existe na Lista Civil^[37] um funcionário para as desgraças. Esse funcionário veio a saber um dia que La Palférine estava numa horrível penúria; fez, seguramente, um relatório e levou cinquenta francos ao herdeiro dos Rusticoli. La Palférine recebeu esse senhor com uma *amabilidade* perfeita, e falou-lhe nas personagens da corte.

— É verdade que a srta. de Orléans — perguntou ele — contribui com determinada quantia para esse belo serviço empreendido por seu sobrinho? Será muito bonito.

La Palférine tinha feito uma combinação com um pequeno saboiano de dez anos, por ele apelidado o *pai Anquises*, o qual o serve sem remuneração, e do qual diz:

— Nunca vi tanta tolice ligada a tanta inteligência; ele atravessaria o fogo por minha causa, ele compreende tudo e não compreende que eu não posso fazer nada por ele.

Anquises trouxe de uma cocheira um magnífico cupê atrás do qual vinha um lacaio. No momento em que La Palférine ouviu o barulho da

carruagem, tinha habilmente levado a conversação para as funções daquele senhor, que desde então chama o *homem das misérias sem desvio*;[38] informara-se do seu trabalho e do seu ordenado.

— Fornecem-lhe um carro para correr assim pela cidade?

— Oh! Não — respondeu o homem.

A essas palavras, La Palférine e o amigo que estava com ele acompanham o pobre homem, descem e o obrigam a subir para o carro, porque chovia a cântaros. La Palférine calculara tudo. Ofereceu conduzir o empregado ao lugar para onde este ia. Quando o distribuidor das esmolas acabou sua nova visita, encontrou a carruagem na porta. O laçao entregou-lhe este bilhete escrito a lápis:

“O carro está pago por três dias pelo conde Rusticoli de la Palférine, que se sente muito feliz em contribuir para as caridades da corte dando asas aos seus benefícios.”

Agora La Palférine batizou a Lista Civil de Lista Incivil.

§ 2º — *Finos gracejos de um príncipe com uma mulher de espírito*

Foi apaixonadamente amado por uma mulher cujo procedimento era um tanto leviano. Antônia morava na Rue du Helder, e era ali notada. Na época, porém, em que conheceu o conde, ainda não andara *a pé*. Não lhe faltava aquela impertinência de outros tempos, que as mulheres de hoje rebaixaram para a insolência. Após quinze dias de uma felicidade sem nuvens, essa mulher foi obrigada a voltar, no interesse da sua lista civil, para um sistema de paixão menos exclusiva. Ao perceber que não estavam tendo franqueza com ele, La Palférine escreveu a Antônia esta carta, que a tornou célebre:

“Senhora,

Seu procedimento admira-me tanto quanto me aflige. Não satisfeita em despedaçar-me o coração com os seus desdêns, a senhora tem a indelicadeza de reter-me uma escova de dentes que meus meios não me permitem substituir, por estarem minhas propriedades oneradas de hipotecas muito além do seu valor.

Adeus, muito bela e muito ingrata amiga! Que nos seja dado encontrar-nos num mundo melhor!

CARLOS EDUARDO”

IX — PENÚLTIMA CONTRAFAÇÃO DO ESTILO DE UM ACADÊMICO

Seguramente (servindo-nos sempre do estilo macarrônico do sr. Sainte-Beuve), isto ultrapassa de muito o sarcasmo de Sterne^[39] na *Viagem sentimental*; seria Scarron,^[40] sem a sua grosseria. Nem sei mesmo se Molière, num momento de bom humor, não teria dito, como do melhor de Cyrano:^[41] “Isto é meu!”. Richelieu não foi mais completo ao escrever à princesa que o esperava no pátio das cozinhas, no Palais-Royal: “Fique

aí, minha rainha, para encantar os bichos de cozinha”. E mesmo o gracejo de Carlos Eduardo é menos acre. Não sei se os romanos ou os gregos conheceram esse gênero de espírito. Talvez Platão, se olharmos de perto, dele se tenha aproximado, mas pelo lado severo e musical.

— Deixe esse patoá — disse a marquesa —; isso pode imprimir-se, mas esfolar meus ouvidos é um castigo que não mereço.

X — AUDÁCIA E FELICIDADE DO PRÍNCIPE

— Eis como ele encontrou Claudina — disse Nathan. — Um dia, desses dias de ócio em que a mocidade sente o peso de si mesma, e, como Blondet^[42] durante a Restauração, não sai de sua energia e do abatimento a que a condenam velhos petulantes, senão para errar, para empreender dessas enormes truanices que têm sua desculpa na própria audácia da concepção, La Palférine vagava ao correr de sua bengala, pela mesma calçada, entre a Rue de Grammont e a Rue de Richelieu.

De longe, vê uma mulher, uma mulher vestida com excessiva elegância, e, como ele diz, guarnecida de enfeites caros demais e levados negligentemente demais para não ser uma princesa da corte ou da Ópera; mas, depois de julho de 1830,^[43] segundo ele, o equívoco, é impossível; a princesa devia ser da Ópera.

O jovem conde coloca-se ao lado da mulher, como se lhe tivesse marcado um encontro; segue-a com polida obstinação, com uma persistência de bom gosto, atirando-lhe olhares cheios de autoridade, mas oportunos e que obrigaram a dama a se deixar escoltar.

Um outro teria ficado gelado pelo acolhimento, desconcertado pelos primeiros *chassés-croisés*^[44] da mulher, pelo frio picante de seu ar, por palavras severas; La Palférine, porém, disse-lhe dessas palavras jocosas às quais não há seriedade, nem tampouco resoluções que resistam. Para desembaraçar-se dele, a desconhecida entra em casa da sua modista. Carlos Eduardo entra também, senta-se, dá sua opinião, aconselha-a como um homem disposto a pagar. Esse sangue-frio inquieta a mulher; ela sai.

Na escada, a desconhecida diz a La Palférine, seu perseguidor:

— Senhor, vou à casa de uma parenta de meu marido, uma velha senhora, a sra. de Bonfalot...

— Oh! a sra. de Bonfalot! — replica o conde —, mas estou encantado, vou para lá...

O par vai. Carlos Eduardo entra com aquela mulher, julgam-no levado por ela, ele toma parte na conversação, prodigaliza seu espírito fino e distinto. A visita prolongava-se; não era o que ele queria.

— Senhora — disse à desconhecida —, não se esqueça de que seu marido nos está esperando; ele só nos concedeu um quarto de hora.

Confusa com aquela audácia, que, a senhora o sabe, sempre agrada

às mulheres, arrastada por aquele olhar vencedor, por aquele ar profundo e cândido ao mesmo tempo que Carlos Eduardo sabe tomar, ela se levanta, aceita o braço de seu cavalheiro forçado, desce e diz-lhe na soleira da porta:

— Senhor, gosto de um gracejo...

— E eu, então! — diz ele.

Ela riu.

— Mas depende somente da senhora que isto se torne sério — continuou ele. — Sou o conde de la Palférine e estou encantado de pôr a seus pés meu coração e minha fortuna.

XI — QUE DISTINÇÃO!...

La Palférine tinha então vinte e dois anos. Isto se passava em 1834. Por felicidade, nesse dia, o conde estava trajado com elegância. Vou descrevê-lo em duas palavras. É o retrato vivo de Luís XIII; tem dele a fronte pálida, graciosa nas têmporas, a tez azeitonada, essa tez italiana que à luz se torna branca, os cabelos castanhos, usados compridos, e a pera negra; tem, ademais, daquele, o ar sério e melancólico, porquanto sua pessoa e seu caráter formam um contraste admirável. Ao ouvir o nome e vendo a personagem, Claudina teve um estremecimento. La Palférine percebe-o; lança-lhe um olhar de seus olhos profundos, fendidos como amêndoas, de pálpebras ligeiramente enrugadas e arroxeadas que revelam alegrias iguais a horríveis fadigas. Sob aquele olhar, ela diz-lhe:

— Seu endereço?

— Que falta de tato^[45] — respondeu ele.

— Ora esta! — disse ela sorrindo. — Uma ave de pouso incerto?

— Adeus! A senhora é uma mulher como eu precisava, mas minha fortuna está longe de se assemelhar ao meu desejo...

Cumprimenta-a e afasta-se rápido, sem se voltar.

XII — FATALIDADE

Daí a dois dias, por uma dessas fatalidades que só são possíveis em Paris, ele foi à casa de um desses negociantes de roupa, que emprestam sob penhor, vender-lhe o supérfluo de seu guarda-casacos; estava recebendo com ar inquieto o preço, depois de o ter demoradamente debatido, quando a desconhecida passou e o reconheceu.

— Decididamente — grita ele para o negociante estupefato — não fico com a sua trompa.

E apontava para uma enorme trompa amolgada, pendurada do lado de fora e que se desenhava por sobre trajes de mensageiros de embaixada e de generais do Império. Depois, altivo e impetuoso, tornou

a seguir a jovem dama. Desde esse grande dia da trompa, eles se entenderam às mil maravilhas.

XIII — TRATADO COMPLETO, *EX PROFESSO ROBERTO*,^[46] DO AMOR

Carlos Eduardo tem sobre o amor as mais justas ideias.

Segundo ele, não há dois amores na vida do homem; não há senão um, profundo como o mar, mas sem margens. Em qualquer idade, esse amor precipita-se sobre nós como a graça se precipitou sobre São Paulo. Um homem pode viver até os sessenta anos sem o ter experimentado.

Esse amor, segundo uma soberba expressão de Heine, é, talvez, *a doença secreta do coração*, uma combinação do sentimento do infinito que existe em nós e do belo ideal, que se revela sob uma forma visível. Enfim, esse amor abarca ao mesmo tempo a criatura e a criação. Enquanto não se trata desse grande poema, só se pode falar gracejando dos amores que devem ter um fim, fazer deles o que na literatura são as poesias leves comparadas ao poema épico.

Carlos Eduardo, nessa ligação, não sentiu nem a fascinação instantânea nem a lenta revelação dos atrativos, o reconhecimento das qualidades secretas que prendem dois seres por um poder crescente. O amor verdadeiro não tem senão esses dois modos. Ou à primeira vista, que é sem dúvida o efeito da segunda vista^[47] escocesa, ou a gradual fusão das duas naturezas, que realiza o andrógino platônico.^[48] Mas Carlos Eduardo foi loucamente amado. Aquela mulher sentia o amor completo, ideal e físico; enfim, La Palférine foi a verdadeira paixão dela. Para ele, Claudina nada mais era do que uma deliciosa amante. O diabo que, certamente, é um poderoso mágico, jamais poderia mudar com o seu inferno o sistema daqueles dois calóricos desiguais. Ouso afirmar que Claudina, muitas vezes, entediava Carlos Eduardo.

— Ao cabo de três dias, a mulher a quem não amamos e o peixe guardado servem para ser atirados pela janela — dizia-nos ele.

XIV — ONDE SE VÊ QUE A BOÊMIA É FRANCESA

Na Boêmia, pouco se guardam os segredos dos amores superficiais. La Palférine falou-nos muitas vezes de Claudina; entretanto, nenhum de nós a viu e seu nome nunca foi pronunciado. Claudina era quase uma personagem mítica. Com todos nós dava-se o mesmo, conciliando-se assim as exigências de nossa vida em comum e as leis do bom gosto.

Claudina, Hortênsia, a Baronesa, a Burguesa, a Imperatriz, a Leoa, a Espanhola eram rubricas que permitiam a cada um de nós expandir suas alegrias, suas preocupações, seus pesares, suas esperanças, e transmitir suas descobertas. Não se ia além. Há exemplo, na Boêmia, de uma revelação feita por acaso da pessoa de que se tratava;

imediatamente, por acordo unânime, nenhum de nós falava mais nela. Este fato pode indicar como a mocidade tem o sentido das verdadeiras delicadezas.

Que conhecimento admirável as pessoas de escol têm dos limites onde se devem deter o gracejo e esse mundo de coisas francesas designadas com o termo soldadesco de *blague*,^[49] termo que será repellido da língua, assim o esperemos, mas único que poderá tornar compreensível o espírito da Boêmia! Nós gracejávamos seguidamente a respeito de Claudina e do conde. Eram uns “Que fazes de Claudina?”, “E tua Claudina?”, “Sempre Claudina?”, que cantávamos com a ária de *Sempre Gessler*!^[50] de Rossini etc.

“Desejo-lhes, pelo mal que lhes quero”, disse-nos um dia La Palférine, “uma amante como esta. Não há lebreiro, leãozinho ou canicho que lhe sejam comparáveis pela mansidão, submissão e ternura absolutas. Há momentos em que me censuro, em que a mim mesmo me verbero por minha dureza. Claudina obedece com uma doçura de santa. Ela vem, eu a despeço, ela se vai, não chora senão no pátio. Não a quero durante uma semana, emprazo-a para a terça-feira seguinte, a tal hora, ou seja, meia-noite ou seis horas da manhã, dez ou cinco horas, nos momentos mais incômodos, o do almoço, do jantar, do levantar, do deitar... Oh! Ela virá, bela, ataviada, encantadora, exatamente à hora marcada! E é casada, enleada nas obrigações e deveres de uma casa. Os ardis que ela deve inventar, as razões que tem de achar para conformar-se aos meus caprichos nos atrapalhariam a nós!... Nada a cansa, está sempre firme! Eu digo-lhe que não é amor, que é teimosia. Escreve-me todos os dias, não lhe leio as cartas, ela percebeu-o, continua escrevendo! Olhem, aí estão duzentas cartas nesse cofre. Ela pede-me que empregue cada dia uma das suas cartas para limpar minha navalha, e eu não o deixo de fazer! Ela julga, e com razão, que a vista da sua letra me faz pensar nela.”

La Palférine vestia-se enquanto nos dizia isso; peguei a carta de que ele ia servir-se, li-a e guardei-a sem que ele protestasse. Ei-la aqui, pois, de acordo com a minha promessa, encontrei-a.

XV — MODELO DE SUBMISSÃO

Segunda-feira, meia-noite.

E então, meu amigo, está satisfeito comigo? Não lhe pedi aquela mão, que tão fácil lhe teria sido dar-me e que eu tanto desejava apertar sobre o meu coração, e sobre os meus lábios. Não, não lhe pedi, pois muito temo desagradar-lhe. Quer saber uma coisa? Embora eu saiba cruelmente que meus atos lhe são perfeitamente indiferentes, nem por isso deixo de ser de uma extrema timidez no meu procedimento. A mulher que lhe pertence, seja a que título for, e conquanto muito secretamente, deve evitar incorrer na mais leve censura. Perante os anjos dos céus, para os quais não há segredos, meu amor é igual aos mais puros amores;

mas, onde quer que me encontre, parece-me que estou sempre na sua presença, e quero honrá-lo.

Tudo quanto me disse sobre o meu modo de vestir-me impressionou-me e fez-me compreender quanto as pessoas de raça nobre são superiores às outras! Restava-me alguma coisa das raparigas da Ópera, no corte dos meus vestidos, nos meus penteados. Num momento percebi a distância que me separava do bom gosto. Da próxima vez, receberá uma duquesa, não me reconhecerá. Oh! Como foste bom para com a tua Claudina, quantas vezes te agradei por me teres dito tudo aquilo! Quanto interesse naquelas poucas palavras! Pensaste então nessa coisa tua que se chama Claudina? Não seria aquele imbecil que me teria esclarecido, *ele* acha bom tudo o que eu faço; de resto, ele é muito trivial, muito prosaico para ter o senso do belo. Terça-feira vai custar a chegar para a minha impaciência! Terça-feira perto de você durante algumas horas! Ah! Terça-feira, esforçar-me-ei em pensar que essas horas são meses, e que estou sempre assim. Vivo de esperanças dessa manhã, como mais tarde viverei, quando ela tiver passado, de sua recordação. A esperança é uma memória que deseja, a recordação é uma memória que gozou. Que bela vida nos proporciona assim o pensamento! Penso inventar ternuras que serão só minhas, cujo segredo não será descoberto por nenhuma mulher. Tenho suores frios de lembrar-me de algum contratempo. Oh! Sou capaz de romper com *ele*, totalmente, se for preciso; mas não é daqui que há de vir um impedimento, é de ti, que poderás querer ir a alguma reunião mundana, talvez à casa de outra mulher. Oh! Concede-me essa terça-feira! Se ma tirasses, Carlos, não sabes tudo o que causarias a *ele*; eu o deixaria louco. Se não me quiseses, se fores a alguma reunião, deixa que ainda assim eu vá, ver tu te vestires, nada mais do que te ver, não peço mais, deixa-me provar-te assim quanto eu te amo com pureza! Desde o dia em que me permitiste amar-te, porque o permitiste, visto que sou tua, desde esse dia, amo-te com todas as veras da minha alma e sempre te amarei: porque depois de ter amado não se pode mais, não se deve mais amar ninguém. E, vê, quando te sentires sob um olhar que apenas quer ver-te, sentirás que em tua Claudina há qualquer coisa de divino que nela despertaste.

Ai de mim! Não sou coquete contigo; sou como uma mãe com o filho: de ti suporto tudo. Eu, tão imperiosa, tão ativa em qualquer outro lugar, eu que fazia trotar duques, príncipes, ajudantes de campo de Carlos x, que valiam mais do que toda a corte atual, trato-te como criança mimada! Mas para que coquetismos? Seria em pura perda. E, entretanto, por falta de coquetismo eu nunca lhe inspirei amor. Sei-o, sinto-o, e continuo a experimentar a ação de um poder irresistível, mas penso que esse inteiro dom de mim valer-me-á de ti esse sentimento que *ele* diz existir em todos os homens para o que constitui propriedade deles.

Quarta-feira.

Oh! Como a tristeza entrou negra no meu coração, quando eu soube que era preciso renunciar à alegria de te ver ontem! Uma única ideia impediu-me de me deixar cair nos braços da morte: tu o querias! Não ir era executar a tua vontade, obedecer a uma ordem tua. Ah! Carlos, eu estava tão bonita! Terias tido em mim coisa melhor do que essa bela princesa alemã que me havias dado como exemplo e que eu estudei na Ópera. Mas talvez me achasses fora do meu natural. Olha, fizeste-me perder toda a confiança em mim; eu talvez seja feia. Oh! Causo horror a mim mesma, estou ficando imbecil pensando no meu radioso Carlos Eduardo. Ficarei louca, seguramente. Não rias, não me fales da volubilidade das mulheres. Se somos volúveis, vocês são estranhos. Tirar de uma pobre criatura as horas de amor que faz dez dias a tornavam feliz, que a faziam boa e encantadora para todos

os que a vinham ver! Enfim, eras fãtor da minha meiguice com *ele*, não sabes o mal que lhe fazes. Tenho me perguntado o que deverei inventar para conservar-te, ou para ter somente o direito de ser algumas vezes tua... Quando penso que nunca quiseste vir aqui! Com que deliciosa emoção eu te serviria! Há outras mais favorecidas do que eu. Há mulheres a quem dizes: *Amo-te*. Para mim nunca disseste senão: *És uma boa rapariga*. Sem que o saibas, há certas palavras tuas que me roem o coração. Há pessoas de espírito que me perguntam às vezes em que estou pensando: penso na minha abjeção, que é a da mais pobre pecadora em presença do Salvador.

— Como vê, há ainda três páginas. La Palférine deixou-me guardar esta carta, na qual vi vestígios de lágrimas que me pareceram ainda quentes.

XVI — ESPLENDORES E MISÉRIAS DAS MULHERES QUE AMAM

Essa carta provou-me que La Palférine nos dizia a verdade. Marcos,^[51] bastante tímido com as mulheres, extasiava-se ante uma carta semelhante que ele acabava de ler no seu canto, antes de acender seu charuto com ela.

— Mas todas as mulheres que amam escrevem essas coisas! — exclamou La Palférine. O amor dá-lhes, a todas elas, espírito e estilo, o que prova que em França o estilo provém das ideias e não das palavras. Veja como isso é bem pensado, como um sentimento é lógico!...

E leu-nos outra carta, que era muito superior às cartas artificiais, tão estudadas, que nós, os autores de romances, procuramos redigir. Um dia, a pobre Claudina, tendo sabido que La Palférine estava num perigo excessivo, por causa de uma letra de câmbio, teve a fatal ideia de trazer-lhe numa bolsa admiravelmente bordada uma quantia em ouro, bastante considerável.

— Quem te deu a ousadia de te intrometeres nos negócios da minha casa? — gritou-lhe La Palférine, colérico. — Remenda minhas meias, borda-me chinelos, se isso te diverte. Mas... Ah! Queres bancar a duquesa e invertes a fábula de Dânae^[52] contra a aristocracia!

Ao dizer essas palavras, esvaziou a bolsa na mão e fez o gesto de atirar o dinheiro no rosto de Claudina. Esta, apavorada e não percebendo o gracejo, recuou, tropeçou numa cadeira e foi cair batendo com a cabeça na quina aguda da chaminé. Julgou-se morta. Quando colocada no leito, pôde falar, a pobre mulher só disse isto:

— Mereci-o, Carlos!

La Palférine teve um assombro de desespero. Esse desespero restituiu a vida a Claudina; ela sentiu-se feliz com aquele acidente, e aproveitou-o para fazer La Palférine aceitar o dinheiro, e tirá-lo assim do aperto. Depois foi a réplica da fábula de La Fontaine,^[53] na qual um marido agradece aos ladrões por lhe terem feito ver um gesto de ternura na esposa. A esse respeito, uma palavra explicar-lhe-á La Palférine

integralmente. Claudina voltou para casa, arranjou como pôde um romance para explicar seu ferimento, e esteve perigosamente doente. Formou-se um abcesso na cabeça. O médico... creio que Bianchon,^[54] ... sim, foi ele! quis um dia mandar cortar os cabelos de Claudina, que tinha cabelos tão lindos como os da duquesa de Berry;^[55] ela, porém, recusou-se, e disse confidencialmente a Bianchon que não os poderia deixar cortar sem a permissão do conde de la Palférine. Bianchon foi à casa de Carlos Eduardo. Este ouviu-o com toda a gravidade, e, quando Bianchon lhe explicou minuciosamente o caso e demonstrou que era absolutamente necessário cortar os cabelos para fazer a operação com segurança:

— Cortar os cabelos de Claudina! — exclamou com voz peremptória.
— Não, prefiro perdê-la!

Bianchon, quatro anos passados, ainda fala do dito de La Palférine, e nós rimos disso durante uma meia hora. Claudina, avisada dessa sentença, viu nela uma prova de afeição e julgou-se amada. Perante a família banhada em lágrimas, do marido ajoelhado, ela foi inabalável e conservou seus cabelos. A operação, secundada pela força interior que lhe dava a crença de ser amada, teve ótimos resultados. Há movimentos de alma que invalidam todos os preceitos da cirurgia e as leis da ciência médica. Claudina escreveu, sem ortografia e sem pontuação, uma carta deliciosa a La Palférine para comunicar-lhe o feliz resultado da operação, dizendo-lhe que o amor sabia mais do que todas as ciências.

— Agora — dizia-nos um dia La Palférine —, que farei para me desvencilhar de Claudina?

— Mas se ela não é incomodativa, se te deixa senhor das tuas ações!

— É verdade — disse La Palférine —, mas não quero que haja na minha vida seja lá o que for que nela se insinue sem meu consentimento.

Desde esse dia, ele se pôs a torturar Claudina: ele tinha o mais profundo horror por uma burguesa, uma mulher sem nome, queria absolutamente uma mulher com um título; Claudina, realmente, fizera progressos, vestia-se como as mais elegantes damas do Faubourg Saint-Germain, soubera santificar seu modo de andar, caminhava com uma graça casta, inimitável; mas isso não bastava!... Esses elogios faziam com que Claudina engolisse tudo.

— Pois se queres — disse-lhe um dia La Palférine — continuar a ser a amante de um La Palférine pobre, sem vintém, sem futuro, deverás, pelo menos, representá-lo condignamente. Deves ter uma carruagem, lacaios, uma libré, um título. Dá-me todos os gozos da vaidade que não posso ter por mim mesmo. A mulher a quem honro com as minhas atenções nunca deve andar a pé; se ela é salpicada de lama, eu soffro com isso! Que quer, sou assim! Minha mulher tem de ser admirada por toda Paris. Quero que Paris inteira inveje-me a felicidade! Que um

rapazinho, ao ver passar numa brilhante carruagem uma brilhante condessa, diga com os seus botões: “A quem pertencerão tais divindades?” e fique pensativo... Isso redobrá meu prazer.

Confessou-nos La Palférine que, depois de ter atirado esse programa à cabeça de Claudina para se desembaraçar dela, ficou aturdido pela primeira e, seguramente, pela única vez na sua vida.

— Meu amigo — disse ela com um tom de voz que traía um tremor interior e universal —, está certo! Tudo isso se fará, ou eu morrerei...

Beijou-lhe a mão, deixando cair nela algumas lágrimas de felicidade.

— Sinto-me feliz — acrescentou — por me teres explicado o que devo ser para continuar como tua amante.

— E — dizia-nos La Palférine — ela saiu fazendo-me um pequeno gesto cativante de mulher contente. Estava no umbral da minha mansarda, grande, orgulhosa, à altura de uma sibila antiga.

XVII — RESUMO

— Tudo isso deve explicar-lhe suficientemente os hábitos da Boêmia, da qual uma das mais brilhantes figuras é esse jovem *condottiere* — disse Nathan, depois de uma pausa. — Agora, eis como eu descobri quem era Claudina, e como pude compreender tudo o que havia de pavorosamente verdadeiro numa palavra da carta de Claudina a que a senhora não terá, talvez, dado atenção.

A marquesa, pensativa demais para rir, disse a Nathan um “continue!” que lhe provou o quanto ela estava impressionada com aquelas singularidades, e, sobretudo, quanto La Palférine a preocupava.

SEGUNDA PARTE

O MESMO CASAL VISTO DE PERTO

XVIII — SILHUETA DO MARIDO, PERFIL DA MULHER

Entre todos os autores dramáticos de Paris, um dos mais bem colocados, dos de vida mais regular, dos mais ouvidos, era em 1829 Du Bruel,^[56] cujo nome é desconhecido para o público; chamava-se De Cursy nos cartazes. Durante a Restauração, tinha um lugar de chefe de secretaria num ministério. Apegado de coração ao ramo primogênito, apresentou corajosamente sua demissão, e, depois disso, fez duas vezes mais peças teatrais para compensar o déficit que seu belo procedimento causava no seu orçamento. Du Bruel tinha então quarenta anos; a senhora conhece a vida dele. A exemplo de alguns autores, ele dedicava a uma mulher de teatro uma dessas afeições que não têm explicação, e que, entretanto, existem com pleno conhecimento do mundo literário. Essa mulher, a senhora o sabe, era Túlía,^[57] uma das antigas primeiras figuras da Academia Real de Música. Túlía era para ela um apelido, como Cursy o é para Du Bruel.

Durante dez anos, de 1817 a 1827, essa rapariga brilhou no ilustre palco da Ópera. Mais bela do que inteligente, atriz medíocre, mas um pouco mais graciosa que o comum das dançarinas, ela não seguiu a reforma virtuosa que perdeu o corpo de baile; continuou a dinastia das Guimard.^[58] Por isso, deveu ela seu ascendente a vários protetores conhecidos, ao duque de Rhétoré, filho do duque de Chaulieu, à influência de um célebre diretor das Belas-Artes,^[59] a diplomatas, a estrangeiros ricos. Durante seu apogeu, ela teve um pequeno palacete na Rue Chauchat e viveu como viviam as antigas ninfas da Ópera.

Du Bruel enamorou-se dela durante o declínio da paixão do duque de Rhétoré, em 1823. Simples subchefe, Du Bruel suportou o diretor das Belas-Artes; julgava-se o preferido! Essa ligação tornou-se, ao cabo de seis anos, um quase casamento. Túlía ocultava cuidadosamente sua família; sabia-se vagamente que ela era de Nanterre. Um tio seu, outrora simples carpinteiro ou pedreiro, graças aos empenhos de que dispunha e a empréstimos generosos tornou-se, dizem, um rico empreiteiro de construções. Essa indiscrição foi cometida por Du Bruel; ele disse, um dia, que cedo ou tarde Túlía receberia uma rica herança. O empreiteiro, que não era casado, tinha um fraco pela sobrinha, à qual devia obrigações.

— É — dizia ela — um homem que não tem espírito bastante para ser ingrato.

Em 1829, Túlía aposentou-se por si mesma. Aos trinta anos, via-se

um pouco gorducha, em vão experimentara a pantomima, não sabia senão *inflar bem seu balão* para rodar sua saia ao fazer uma pirueta, à feição das Noblet,^[60] e se mostrar quase nua para a plateia.

O velho Vestris^[61] dissera-lhe, desde o início, que aquele *tempo*, bem executado, quando a bailarina tinha um belo nu, valia por todos os talentos imagináveis. É o *dó de peito* da dança. Por isso, dizia ele, as ilustres dançarinas Camargo,^[62] Guimard, Taglioni,^[63] todas elas magras, morenas e feias, só podem dar conta do recado graças ao gênio. Ante figuras mais moças e mais hábeis do que ela, Túlia retirou-se em plena glória, e fez bem. Bailarina aristocrática, mantendo sempre certo nível nas suas ligações amorosas, não quis mergulhar seus pés no lamaçal de Julho. Insolente e formosa, Claudina tinha belas recordações e pouco dinheiro, mas joias magníficas e uma das mais belas mobílias de Paris. Ao deixar a Ópera, a jovem célebre, hoje quase esquecida, não teve mais senão uma ideia, quis fazer-se desposar por Du Bruel, e a senhora compreende que ela é hoje a sra. du Bruel, sem que, entretanto, o casamento tenha sido participado. Como podem essas mulheres fazerem-se desposar depois de sete ou oito anos de intimidade? Quais as molas que impelem? Que máquinas põem elas em movimento? Por mais cômico que seja esse drama íntimo, não é da nossa conta. Du Bruel está casado secretamente, a coisa está feita.

XIX — AS METAMORFOSES DA ÓPERA

Antes de seu casamento, Cursy tinha a fama de ser um alegre companheiro; nem sempre ele voltava para casa, sua vida era um tanto boêmia, deixava-se ir a uma pândega, a uma ceia; saía disposto a ir a um ensaio no Opéra-Comique, e, sem saber como, achava-se em Dieppe, em Baden, em Saint-Germain; dava jantares, levava a vida intensa e dissipada dos autores, dos jornalistas e dos artistas; recebia bem seus direitos autorais em todos os bastidores de Paris, fazia parte da nossa sociedade. Finot, Lousteau, Du Tillet, Desroches, Bixiou, Blondet, Couture, De Lupeaulx^[64] suportavam-no apesar do seu ar pedante e de suas pesadas atitudes de burocrata. Uma vez casada, porém, Túlia escravizou Du Bruel. Ela acabava, dizia, de abandonar o teatro para ser toda dele, para tornar-se uma mulher boa e encantadora. Túlia soube fazer-se aceitar pelas mulheres mais jansenistas^[65] da família de Du Bruel. Sem que se tivesse jamais compreendido, no começo, suas intenções, ela ia aborrecer-se em casa da sra. de Bonfalot; fazia ricos presentes à velha e avarenta sra. de Chissé, sua tia-avó; passou todo um verão em casa dessa senhora sem faltar a uma única missa. A bailarina confessou-se, recebeu a absolvição, comungou, mas no campo, sob as vistas da tia. No inverno seguinte, dizia-nos:

— Compreendem? Terei tias de verdade!

Sentia-se tão feliz por tornar-se burguesa, tão feliz por abdicar da sua independência, que achou os meios que a podiam levar ao fim visado. Lisonjeava aquela velha gente. Foi todos os dias, a pé, fazer companhia por duas horas à mãe de Du Bruel, durante uma doença. Du Bruel estava aturdido com o desenvolvimento daquela manha, à Maintenon,^[66] e admirava aquela mulher sem refletir uma só vez, pois já estava tão bem amarrado que não sentia as cordas.

Claudina fez Du Bruel compreender que o sistema elástico do governo burguês, da realza burguesa, da corte burguesa, era o único que podia permitir a uma Túlia, feita sra. du Bruel, fazer parte da sociedade, onde ela teve o bom-senso de não querer penetrar. Contentou-se em ser recebida em casas das sras. de Bonfalot e de Chissé e da sra. du Bruel, onde ela se mostrava, sem nunca se desmentir, como uma mulher ajuizada, simples, virtuosa. Três anos depois, foi recebida em casa das amigas daquelas.

— Pois não me posso convencer de que a sra. du Bruel, a moça, tenha mostrado as pernas e o resto a toda Paris, ao clarão de cem bicos de luz! — dizia ingenuamente a sra. Anselmo Popinot.^[67]

Julho de 1830, sob esse aspecto, assemelha-se ao império de Napoleão, o qual recebeu em sua corte uma antiga criada de quarto na pessoa da sra. Garat,^[68] esposa do grande juiz. A antiga bailarina rompera completamente com todas as suas camaradas, como a senhora bem deve supor: não reconhecia entre suas antigas relações ninguém que a pudesse comprometer. Ao casar-se, ela alugara, na rue de la Victoire, um encantador e pequenino palacete entre pátio e jardim no qual fez despesas loucas e onde se sumiram as mais belas coisas do seu mobiliário e do de Du Bruel. Tudo o que parecia ordinário ou comum foi vendido. Para encontrar analogias com o luxo que cintilava em sua casa, há que remontar aos belos dias das Guimard, das Sophie Arnould,^[69] das Duthé,^[70] que devoraram fortunas principescas. Até que ponto essa rica existência interior influía em Du Bruel? A questão, difícil de ser formulada, mais difícil ainda é de ser resolvida. Para dar uma ideia das fantasias de Túlia basta-me referir-lhe um pormenor. A colcha da cama dela era de renda da Inglaterra e valia dez mil francos. Uma atriz célebre teve uma parecida, Claudina soube-o; desde então ela fez um angorá magnífico subir sobre seu leito. Essa anedota pinta a mulher. Du Bruel não se atreveu a dizer uma palavra; recebeu ordem de divulgar esse desafio de luxo atirado à *outra*. Túlia recebera esse presente do duque de Rhétoré; mas um dia, cinco anos depois de seu casamento, ela brincou de tal forma com o gato, que rasgou a colcha, tirando dela véu, babados e enfeites, e substituiu-a por uma colcha de bom-senso, uma colcha que era uma colcha e não uma prova da demência peculiar a essas mulheres que se vingam, por meio de um luxo insensato, como disse um jornalista, do fato de terem vivido de batatas cruas na infância.

O dia em que a colcha foi reduzida a frangalhos marcou para o casal uma nova era. Cursy distinguiu-se por uma atividade feroz. Ninguém suspeita a que Paris deveu o *vaudeville* século XVIII, empoado, com moscas, que se arremessou sobre os teatros. O autor desses mil e um *vaudevilles*, dos quais tanto se queixaram os folhetinistas, foi um desejo formal da sra. du Bruel: ela exigiu do marido a compra do palecete no qual tantas despesas ela fizera, em que tinha empregado um mobiliário de quinhentos mil francos. Por quê? Túlia nunca se explica, compreende admiravelmente o *porque sim* das mulheres.

— Zombaram muito de Cursy — disse ela —; mas afinal de contas ele encontrou esta casa na caixa de *rouge*, na pluma de pó de arroz e nas casacas com lantejoulas do século XVIII. Sem mim, ele nunca teria pensado nisso — continuou ela, mergulhando nas suas almofadas, no canto da lareira.

Ela nos dizia essas palavras ao voltar de uma primeira representação de uma peça de Du Bruel, que tivera êxito, e contra a qual ela previa uma enxurrada de folhetins.

Túlia recebia. Dava um chá todas as segundas-feiras; sua sociedade era tão selecionada quanto ela o podia conseguir; de nada se descuidava para tornar sua casa agradável. Jogava-se a *bouillotte* num salão, conversava-se em outro; algumas vezes, num terceiro salão, o maior, ela dava concertos, sempre curtos, e nos quais nunca admitia senão os mais eminentes artistas. Tinha tanto bom-senso, que chegava a ter um tato finíssimo, qualidade que, sem dúvida, lhe deu grande ascendência sobre Du Bruel; de resto, o vaudevillista amava-a com esse amor que o hábito acaba por tornar indispensável à existência. Cada dia que passa acrescenta um fio a essa forte trama, irresistível, fina, cujo tecido contém as mais delicadas veleidades, encerra as mais fugidias paixões, reúne-as e conserva um homem amarrado de pés e mãos, de coração e espírito. Túlia conhecia bem Cursy, sabia onde feri-lo, sabia como curá-lo. Para qualquer observador, mesmo para um homem que como eu julga ter certa prática, tudo, nessas espécies de paixões, é abismo, as profundidades são aí mais tenebrosas do que em qualquer outra parte; enfim, os lugares mais iluminados têm também tonalidades turvas.

Cursy, velho autor gasto pela vida de bastidores, gostava das suas comodidades, gostava da vida luxuosa, farta, fácil, sentia-se feliz de ser rei em sua casa, de receber alguns literatos num palacete onde se ostentava um luxo régio, onde brilhavam as obras escolhidas da arte moderna. Túlia deixava Du Bruel reinar entre aquela gente, na qual havia jornalistas bem fáceis de serem colhidos e engazopados. Graças aos seus saraus, a empréstimos bem colocados, Cursy não era muito atacado e suas peças tinham êxito. Por isso não se separaria de Túlia

nem por um império. Teria, talvez, fechado os olhos a uma infidelidade, com a condição de não sofrer nenhuma restrição nos seus prazeres habituais; mas, coisa estranha!, Túlia não lhe causava nenhum temor nesse particular. Não se lhe conhecia nenhum capricho, à antiga primeira figura; e, se ela tivesse tido um, salvaria decerto todas as aparências.

XXI — ESPLENDORES E MISÉRIAS DO MARIDO

— Meu caro — dizia-nos doutoralmente Du Bruel, no bulevar —, não há nada como viver com uma dessas mulheres que, pelo abuso, se desiludiram das paixões. As mulheres como Claudina levaram sua vida de rapaz, estão fartas dos prazeres e se tornam as mulheres mais adoráveis que se possa desejar: sabendo tudo, experimentadas e sem falso pudor, habituadas a tudo, indulgentes. Por isso, prego a todos que desposem *um chinelo velho*. Sou o homem mais feliz da terra!

Eis o que me dizia Du Bruel em presença de Bixiou.

— Meu caro — respondeu-me o desenhista —, ele talvez tenha razão de estar errado!

Oito dias depois Du Bruel nos convidara para que fôssemos jantar com ele, numa terça-feira. De manhã fui vê-lo para um assunto de teatro, uma arbitragem que nos fora confiada pela comissão dos autores dramáticos; éramos obrigados a sair; antes, porém, ele entrou no quarto de Claudina, onde não entra sem primeiro bater, e pediu licença.

— Vivemos como grão-senhores — disse ele sorrindo —, somos livres. Cada um nos seus aposentos.

Fomos admitidos. Du Bruel disse a Claudina:

— Convidei algumas pessoas hoje...

— Aí está! — exclamou ela. — Você faz convites sem me consultar, eu aqui nada sou. Olhe — disse-me ela, tomando-me como juiz por meio de um olhar —, pergunto-lhe ao senhor: quando se cometeu a loucura de viver com uma mulher da minha laia, porque, afinal, eu era uma bailarina da Ópera... Sim, para que se esqueça isso, eu mesma nunca o devo esquecer... Pois bem, um homem de espírito, para erguer sua mulher no conceito público, se esforçaria por lhe supor uma superioridade, por justificar sua resolução pelo reconhecimento de qualidades eminentes nessa mulher! O melhor meio de a fazer respeitar pelos outros é o de respeitá-la na sua casa, de a deixar nela senhora absoluta. Ah! Pois sim, seria coisa de me deixar vaidosa o ver quanto ele teme ter ares de me ouvir. É preciso que eu tenha razão dez vezes para que ele me faça uma concessão.

Cada frase não passava sem uma denegação feita através de gestos por Du Bruel.

— Oh! Não, não — replicou ela vivamente ao ver os gestos do marido —, olhe, meu caro Du Bruel, eu que toda a minha vida, antes de me casar com você, representei em minha casa o papel de rainha, sei isso perfeitamente! Meus desejos eram escrutados, satisfeitos, e mais do que isso... Afinal de contas, tenho trinta e cinco anos, e as mulheres de trinta e cinco anos não podem ser amadas. Oh! Se eu tivesse dezesseis anos, e o que tão caro se vende na Ópera, que atenções teria por mim, sr. du Bruel! Desprezo soberanamente os homens que se gabam de amar uma mulher e não estão sempre perto dela cercando-a de carinhos. Veja, Du Bruel, você é pequeno e magricela, gosta de atormentar uma mulher, porque não tem senão ela em cima de quem possa exibir sua força. Um Napoleão submete-se à sua amante, não perde nada com isso; mas vocês! Vocês não se julgam então mais nada, não querem ser dominados. Trinta e cinco anos, meu caro — disse-me ela —, é essa a chave do enigma... Vamos, ele ainda está dizendo não. Você sabe perfeitamente que tenho trinta e sete. Sinto muito, mas você vai dizer aos seus amigos que os levará ao Rocher de Cancale. Eu poderia oferecer-lhes um jantar, mas não quero, e eles não virão! Meu pobre monologozinho gravará na sua memória o preceito salutar de *cada qual no seu canto*, que é a nossa constituição — acrescentou ela rindo e voltando ao natural alocado e caprichoso da rapariga da Ópera.

— Está bem, sim, minha querida gatinha — disse Du Bruel —, lá, lá, lá, não se zangue; nós sabemos viver.

Beijou-lhe as mãos e saiu comigo, mas furioso. Da Rue de la Victoire ao bulevar, eis o que me disse, se é que as frases que a tipografia suporta entre as mais violentas injúrias podem traduzir as palavras atrozes, os pensamentos venenosos que jorraram da sua boca como uma cascata escapada de lado numa grande torrente:

— Meu caro, deixarei essa infame e ignóbil dançarina, esse velho pião que girou sob a fieira de todas as árias da Ópera, essa marafona, essa macaca de saboiardo! Oh! Tu que também te ligaste a uma atriz,^[71] meu caro, que jamais te persiga a ideia de desposar tua amante! Vês, é um suplício esquecido no inferno de Dante. Olha, neste momento eu lhe daria uns tabefes, eu a surraria e lhe cantaria o ponto. Maldição de minha vida! Ela tratou-me como a um limpador de pombal.

Estava no bulevar, e num estado de fúria tal que as palavras se lhe travavam na garganta.

— Calcarei meus pés na barriga dela!

— A propósito de quê? — perguntei.

— Meu caro, nunca poderás imaginar as miríades de caprichos dessa porca! Quando eu quero ficar, ela quer sair; quando quero sair, ela quer que eu fique. Isso vomita argumentos, acusações, silogismos, calúnias, palavras de deixar a gente louca. O bem é a vontade delas, o mal é a nossa! Fulmine-as com uma palavra que lhes corte os

argumentos, elas se calam e olham para você como se você fosse um cão morto. Minha felicidade?... explica-se por um servilismo absoluto, pela vassalagem do cachorro de quintal. Ela me vende caro à beça o pouco que me dá. Que vá para o inferno! Deixo-lhe tudo e fujo para uma mansarda. Oh! A mansarda e a liberdade! Já lá vão cinco anos que não me atrevo a fazer o que quero!

XXII — DAS PERIPÉCIAS CONJUGAIS

Em vez de ir prevenir os amigos, Cursy ficou no bulevar, palmilhando o asfalto da Rue de Richelieu até a Rue du Mont-Blanc, entregando-se às mais furiosas imprecações e aos mais cômicos exageros. Estava na rua num paroxismo de ira que contrastava com sua calma em casa. O passeio serviu-lhe para lhe acalmar a trepidação dos nervos e as tempestades da alma. Cerca das duas horas, num dos seus ímpetos desordenados, ele bradou:

— Essas malditas mulheres não sabem o que querem. Dou minha cabeça a cortar que, se volto a casa para dizer-lhe que preveni meus amigos e que vamos jantar no Rocher de Cancale, essa combinação pedida por ela já não lhe convirá mais. Mas — disse ele — ela já terá saído. É possível que atrás disso haja uma entrevista com algum barba de bode! Não, porque no fundo ela me ama!

(— Ah! senhora — disse Nathan olhando com ar esperto para a marquesa, a qual não pôde deixar de rir —, ninguém, a não ser as mulheres e os profetas, sabe fazer uso da fé.)

— Du Bruel — continuou ele — fez-me voltar com ele a casa, para onde nos dirigimos lentamente. Eram três horas. Antes de subir, ele viu movimento na cozinha; entrou lá, viu preparativos e me olhou, interrogando a cozinheira.

— A sua senhora encomendou um jantar — respondeu ela —, está vestida, mandou buscar um carro, depois mudou de opinião; despediu o carro pedindo que voltasse à hora do espetáculo.

— E então, que te dizia eu? — exclamou Du Bruel.

Entramos pé ante pé no apartamento. Ninguém. De sala em sala, chegamos a um gabinete onde surpreendemos Túlia chorando. Enxugou as lágrimas sem afetação e disse a Du Bruel:

— Mande um recado ao Rocher de Cancale para prevenir seus convidados de que o jantar será aqui.

XXIII — UM ESBOÇO

Ela fizera uma dessas *toilettes* que as mulheres de teatro não sabem preparar: elegante, harmoniosa de tons e de formas, de corte simples, fazenda de bom gosto, nem cara demais nem muito comum, nada de

vistoso, nada de exagerado, termo que se disfarça sob a palavra *artista* com a qual se conformam os tolos. Enfim, tinha um ar distinto. Aos trinta e sete anos, Túlia achava-se na mais bela fase da beleza entre as francesas.

O célebre oval de seu rosto estava naquele momento de uma palidez divina; ela tirara o chapéu; eu via a leve penugem, essa flor das frutas, suavizando os contornos macios já tão finos de suas faces. Seu rosto, acompanhado de dois cachos de cabelos louros, tinha uma graça triste. Seus olhos gris, cintilantes, estavam empanados pelo vapor das lágrimas. Seu nariz fino, digno do mais belo camafeu romano, e cujas asas afiavam, sua pequena boca, ainda infantil, seu comprido pescoço de rainha, de veias um pouco túmidas, seu mento avermelhado, por um momento, por algum desespero secreto, suas orelhas orladas de vermelho, suas mãos trêmulas dentro das luvas, tudo indicava emoções violentas. Suas sobancelhas, agitadas por movimentos febris, traíam uma dor. Estava sublime. Suas palavras esmagaram Du Briel.

Ela nos dirigiu esse olhar de gata, penetrante e impenetrável, que pertence somente às damas da alta sociedade e às mulheres de teatro; depois, estendeu a mão a Du Briel.

— Meu pobre amigo, assim que saíste censurei-me mil vezes. Acusei-me de uma espantosa ingratidão e a mim mesma disse que eu era má. Fui muito má? — perguntou-me. — Por que não receber teus amigos? Não estás em tua casa? Queres saber a explicação de tudo isso? Pois bem, tenho medo de não ser amada. Enfim, eu estava entre o arrependimento e a vergonha de voltar. Quando li os jornais, vi uma primeira representação nos Variétés, pensei que querias obsequiar um colaborador. Uma vez só me senti fraca, vesti-me para ir atrás de ti... pobre gatinho!

Du Briel olhou-me com ar vitorioso, não se lembrava mais de nenhum de seus discursos *contra Túlia*.

— Pois bem, querido anjo, não fui à casa de ninguém.

— Como nós nos entendemos! — exclamou ela.

XXIV — A SOLUÇÃO DO ENIGMA

No momento em que ela dizia essas encantadoras palavras, vi, atravessado na sua cintura, um bilhetinho, mas não precisava desse indício para adivinhar que as fantasias de Túlia obedeciam a causas ocultas. A mulher, a meu ver, é o ser mais lógico que há, depois da criança. Ambos apresentam o sublime fenômeno do triunfo constante do pensamento único. Na criança, o pensamento muda a todo instante; ela, porém, não se agita senão por esse pensamento, e com tal ardor que todos lhe cedem, fascinados pela ingenuidade, pela persistência do desejo. A mulher muda com menos frequência, mas chamá-la de

caprichosa é uma injúria de ignorante. Ao agir, ela está sempre sob o império de uma paixão, e é uma maravilha ver como ela faz dessa paixão o centro da natureza e da sociedade. Túlia foi gata; seduziu Du Bruel, a tarde voltou a ser azul, e a noite foi magnífica. Aquele espirituoso vaudevillista não percebia a dor sepultada no coração da esposa.

— Meu caro — disse-me ele —, aí está a vida: oposições, contrastes!

— Sobretudo quando não é representação — respondi.

— É o que quero dizer — replicou. — Mas, sem essas emoções violentas, a gente morreria de tédio! Ah! Essa mulher tem o dom de me comover.

Depois do jantar fomos ao Variétés,^[72] mas, antes da partida, introduzi-me no apartamento de Du Bruel e tomei de cima de uma estante, entre papéis sacrificados, o número dos Pequenos Anúncios onde se achava a notificação do contrato do palacete comprado por Du Bruel, exigida pela expurgação de hipoteca legal. Ao ler estas palavras, que me saltaram aos olhos como um clarão: *A requerimento de João Francisco du Bruel e de Claudina Chaffaroux, sua esposa*, tudo ficou explicado para mim. Dei o braço a Claudina e deixei que todos descessem antes de nós. Quando ficamos sós:

— Se eu fosse La Palférine — disse-lhe eu —, jamais faria falhar uma entrevista!

Ela colocou gravemente um dedo nos lábios e desceu apertando-me o braço; olhava-me com uma espécie de prazer ao pensar que eu conhecia La Palférine. Sabe qual foi a primeira ideia dela? Quis fazer de mim um espião; encontrou-se, porém, com a tagarelice da Boêmia.

XXV — O PAPEL DO CADÁVER

Um mês depois, ao sair de uma primeira representação de uma peça de Du Bruel, chovia; estávamos juntos, eu ia buscar um fiacre. Tínhamos ficado um momento no teatro, e não havia mais carros na entrada. Claudina brigou muito com Du Bruel, e, quando rodávamos, pois que ela me reconduziu à casa de Florina, continuou a querela dizendo-lhe as coisas mais mortificantes.

— E então, que há? — perguntei.

— Ela me está censurando, meu caro, por tê-lo deixado andar à busca de um fiacre, e tendo isso como ponto de partida, quer de agora em diante uma carruagem.

— Nunca, enquanto fui primeira figura, fiz uso de meus pés a não ser no palco — disse ela. — Se você tem coração, inventará mais quatro peças por ano, não perderá de vista que elas devem ter êxito, lembrando-se da destinação de seu produto, e sua mulher não andaria mais na lama. É uma vergonha que eu tenha de pedi-lo. Você já deveria ter percebido meus eternos sofrimentos nestes cinco anos de casados.

— Não digo que não — respondeu Du Bruel —, mas nós nos arrumaremos.

— Se você contrair dívidas — respondeu ela —, a herança de meu tio as saldará.

— Você é muito capaz de me deixar as dívidas e ficar com a herança.

— Ah! É isso! — respondeu ela. — Nada mais lhe digo; semelhantes palavras cerram-me a boca.

Imediatamente Du Bruel desfez-se em desculpas e em protestos de amor. Ela nada respondeu; ele pegou-lhe as mãos, ela deixou-o pegá-las; estavam como que geladas, como mãos de morta. Túlia, como a senhora compreende, representava admiravelmente esse papel de cadáver que as mulheres representam, a fim de demonstrar que recusam seu consentimento para tudo, que suprimem sua alma, seu espírito, sua vida, e se consideram como um animal de carga. Nada há que espicace tanto as pessoas de bom coração como esse stratagem. As mulheres, entretanto, não podem empregar esse meio senão com quem as adora.

— Acredita — disse-me ela, com o maior ar de desprezo — que um conde fosse capaz de proferir semelhante injúria, embora a tivesse pensado? Por minha desgraça, vivi com duques, embaixadores, grão-senhores, e conheço suas maneiras. Como isso torna a vida burguesa insuportável! Afinal de contas, um vaudevillista não é nem um Rastignac nem um Rhétoré.

Du Bruel estava lívido.

XXVI — SOBRE A ÁRIA “É O AMOR” ETC.

Dois dias depois, Du Bruel e eu encontramos-nos no saguão da Ópera; demos algumas voltas juntos e a conversa recaiu em Túlia.

— Não leve a sério — disse-me ele — minhas loucuras no bulevar; eu sou violento.

Durante dois anos, fui assíduo em casa de Du Bruel, e segui atentamente os manejos de Claudina. Ela teve uma carruagem brilhante e Du Bruel atirou-se à política; ela o fez abjurar suas opiniões realistas. Ele aderiu e tornou a ser colocado na administração de que antes fizera parte; ela o fez procurar os sufrágios da Guarda Nacional, e ele foi eleito chefe de batalhão; portou-se com tanto valor num motim, que recebeu a roseta de oficial da Legião de Honra, foi nomeado referendário e chefe de divisão.

O tio Chaffaroux morreu, deixando à sobrinha quarenta mil francos de renda, mais ou menos três quartos da sua fortuna.

Du Bruel foi eleito deputado; antes, porém, para não depender da reeleição, ele conseguiu sua nomeação para conselheiro de Estado e diretor. Reimprimiu tratados de arqueologia, obras de estatística e duas

brochuras políticas que se tornaram pretexto para sua nomeação para uma das complacentes Academias do Instituto. Neste momento, ele é comendador da Legião, e tanto se movimentou nas intrigas da Câmara que acaba de ser nomeado par de França e conde. Nosso amigo não se anima a usar esse título; mas a esposa, essa põe nos seus cartões: *Condessa du Bruel*.

O antigo vaudevillista tem a ordem de Leopoldo, a ordem de Elizabeth, a cruz de São Vladimir, de segunda classe, a ordem do Mérito Civil da Baviera, a ordem papal da Espora de Ouro; enfim, ele ostenta todas as pequenas cruces, além da grande.

Faz três meses, Claudina chegou à porta de La Palférine, na sua brilhante carruagem armoriada. Du Bruel é neto de um contratador enobrecido no fim do reinado de Luís XIV, suas armas foram compostas por Chérin,^[73] e a coroa condal não destoa desse brasão, o qual não apresenta nenhuma das ridiculezas imperiais. Assim, pois, Claudina executara, no espaço de três anos, as condições de programa que lhe impusera o encantador, o folgazão La Palférine.

Um dia, há de fazer um mês, ela sobe a escada do hotel ordinário onde mora seu amante, e ascende na sua glória, vestida como uma condessa verdadeira do Faubourg Saint-Germain, à mansarda do nosso amigo.

La Palférine vê Claudina e diz-lhe:

— Sei que te fizeste nomear par. Mas é tarde demais, Claudina; todo o mundo me fala no Cruzeiro do Sul, quero vê-lo.^[74]

— Eu o conseguirei para ti — disse ela.

Aí, La Palférine solta uma gargalhada homérica.

— Decididamente — replicou ele —, não quero ter por amante uma mulher ignorante como uma toupeira, e que dá tais saltos de mangusto, que vai dos bastidores da Ópera à Corte, pois quero ver-te na corte, cidadã.

— O que é o Cruzeiro do Sul? — perguntou-me ela com voz triste e humilhada.

Cheio de admiração por essa intrepidez do verdadeiro amor que, na vida real como nos mais ingênuos contos de fadas, se atira em precipícios para lá conquistar a flor que canta ou o ovo do pássaro roque,^[75] expliquei-lhe que o Cruzeiro do Sul era um conjunto de nebulosas, dispostas em forma de cruz, mais brilhante do que a Via Láctea, e que só se via nos mares do sul.

— Pois bem, Carlos, vamos lá — disse-lhe ela.

Apesar da ferocidade do seu espírito, uma lágrima assomou aos olhos de La Palférine; mas que olhar e que acento em Claudina! Nada vi que se pudesse comparar, no que os esforços dos grandes atores tiveram de mais extraordinário, ao movimento pelo qual, ao ver aqueles olhos tão duros para ela, molhados de lágrimas, Claudina caiu de

joelhos e beijou a mão daquele impiedoso La Palférine; ele a fez levantar-se, afetou seu grande ar, o que ele chama o ar Rusticoli, e disse-lhe:

— Está bem, minha filha, farei alguma coisa por ti. Eu te colocarei no... meu testamento!

XXVII — FIM OU FIAU

— Pois bem — disse Nathan, ao terminar, à sra. de Rochefide —, a mim mesmo pergunto se Du Bruel é iludido. Certamente não há nada mais cômico, mais estranho do que ver as pilhérias de um rapaz despreocupado, ditando a lei para um casal, uma família, e com seus menores caprichos autorizando ou desautorizando as mais graves resoluções. O caso do jantar, como deve compreender, renovou-se em mil ocasiões, e numa série de coisas importantes! Mas, sem as fantasias de sua esposa, Du Bruel seria ainda De Cursy, um vaudevillista entre outros quinhentos vaudevillistas; ao passo que assim está na Câmara dos pares...

— Quero crer que mudará os nomes! — disse Nathan à sra. de la Baudraye.

— Já se deixa ver! Foi só para o senhor que pus nomes nas máscaras. Meu caro Nathan — disse ela ao ouvido do poeta —, sei de outro casal onde a mulher é que é Du Bruel.

— E o desenlace? — perguntou Lousteau, que voltou no momento em que a sra. de la Baudraye terminava a leitura da sua novela.

— Não creio nos desenlaces — disse a sra. de la Baudraye —, é preciso fazer alguns belos para mostrar que a arte é tão poderosa como o acaso; mas, meu caro, só se relê uma obra pelos seus detalhes.

— Mas há um desenlace — disse Nathan.

— E qual é ele? — perguntou a sra. de la Baudraye.

— A marquesa de Rochefide está louca por Carlos Eduardo. Minha narrativa aguçou-lhe a curiosidade.

— Oh! Pobre infeliz! — exclamou a sra. de la Baudraye.

— Nem tão infeliz assim — disse Nathan —, porquanto Máximo de Trailles e La Palférine intrigaram o marquês com a sra. Schontz e vão reconciliar Artur e Beatriz.^[76]

GAUDISSERT II

PROFESSOR DR. KATHRIN FERNANDES

INTRODUÇÃO

Gaudissart II, encomendado para a publicação ilustrada *Le Diable à Paris* (2 volumes in 8º, Hetzel, 1845-46), saiu primeiro no jornal *La Presse*, nº 12, de outubro de 1844, sob o título *Um Gaudissart da Rue Richelieu: as comédias que se podem ver de graça*, título que manteve ainda em *Le Diable à Paris*, e mudando-o pelo atual ao sair, pela terceira vez, em 1846, na primeira edição de *A comédia humana*.

Este pequeno *vaudeville*, como o define o autor, dispensa explicações. Convém observar apenas como uma simples anedota se transforma nas mãos de Balzac em documento para acrescentar mais um traço ao vasto painel de Paris.

O nome de Gaudissart, como devem estar lembrados os nossos leitores, é o de uma personagem de Balzac, a qual, em onze anos, se teria transformado num tipo. Talvez essa transformação ainda não fosse geralmente percebida em 1844, e talvez o próprio autor esteja contribuindo para completá-la: em todo o caso, hoje o nome designa um tipo inconfundível, o do caixeiro-viajante que Balzac soube apanhar no momento de sua aparição. Quer dizer, a personagem transformada em tipo não é Gaudissart II, simples comparsa com uma única aparição em toda *A comédia humana*, mas Gaudissart I, que além da novela *O ilustre Gaudissart* (volume 6 desta edição) aparece em várias outras obras de *A comédia* e está perfeitamente caracterizado.

PAULO RÓNAI

GAUDISSERT II

À SRA. PRINCESA CRISTINA DI BELGIOJOSO, NÉE TRIVULZIO^[1]

Saber vender, poder vender e vender! O público não imagina quantas grandezas Paris deve a essas três faces do mesmo problema. A suntuosidade de lojas tão ricas como os salões da nobreza antes de 1789, o esplendor dos cafés que amiúde suplanta, e muito facilmente, o de neo-Versalhes;^[2] o poema das vitrines, destruído todas as noites, reconstruído todas as manhãs; a elegância e a graça dos jovens que atendem às compradoras, as cativantes fisionomias e os trajes das moças devem atrair os compradores; e, enfim, recentemente, as profundidades, os espaços imensos e o luxo babilônico das galerias onde os comerciantes monopolizam as especialidades, reunindo-as, tudo isso não é nada!... Não se trata senão de agradar ao órgão mais ávido e mais usado de todos os que se desenvolveram no homem desde a sociedade romana, e cuja exigência tornou-se ilimitada, graças aos esforços da mais refinada das civilizações. Esse órgão é o *olho dos parisienses*!... Esse olho consome fogos de artifício de cem mil francos, palácios de dois quilômetros de extensão e sessenta pés de altura, com vidros multicores, espetáculos em catorze teatros todas as noites, panoramas renascentes, contínuas exposições de obras-primas, mundos de dores e universos de alegria a passeio nos bulevares ou vagando pelas ruas; enciclopédias de farrapos no Carnaval, vinte obras ilustradas por ano, mil caricaturas, dez mil vinhetas, litografias e gravuras. Esse olho absorve quinze mil francos de gás todas as noites; enfim, para o satisfazer, a cidade de Paris despende anualmente alguns milhões em belvederes e em plantações. E isso ainda não é nada!... É apenas o lado material da questão. Sim, é, ao nosso ver, pouca coisa em comparação com os esforços da inteligência, com os ardis, dignos de Molière, empregados pelos sessenta mil caixeiros e as quarenta mil caixeiras que assaltam a bolsa dos compradores, como milhares de mугens nos pedaços de pão que flutuam nas águas do Sena.

O Gaudissart em apreço é pelo menos igual em capacidade, em inteligência, em espírito, em filosofia, ao ilustre caixeiro-viajante que se tornou o padrão dessa tribo. Fora de sua loja, de sua função, ele é como um balão sem gás; suas faculdades ele as deve a seu ambiente comercial, como o ator só é sublime no teatro. Se bem que, relativamente aos demais caixeiros da Europa, o caixeiro francês seja mais instruído, conquanto possa, se for preciso, falar sobre vários

assuntos, sobre asfalto, *Bal Mabille*,^[3] polca, literatura, livros ilustrados, estradas de ferro, política, Câmaras e revolução, é excessivamente tolo quando deixa o seu trampolim, a sua vara e as suas graças de encomenda; mas lá, na corda tensa do balcão, com a palavra nos lábios, o olhar na freguesia, o xale na mão, ele eclipsa o grande Talleyrand:^[4] tem mais espírito que Désaugiers,^[5] mais finura que Cleópatra,^[6] vale tanto quanto Monrose^[7] e Molière^[8] juntos. Talleyrand, em sua própria casa, teria enganado Gaudissart; mas Gaudissart, em sua loja, enganaria Talleyrand.

Expliquemos esse paradoxo com um fato.

Duas lindas duquesas tagarelavam ao lado deste ilustre príncipe; queriam um bracelete. Esperavam um caixeiro e braceletes do mais célebre joalheiro de Paris. Chega um Gaudissart munido de três braceletes, três maravilhas, entre os quais as duas mulheres hesitam. Escolher é um lampejo da inteligência. Hesitam?... então é caso perdido, vão enganar-se. O gosto não tem duas inspirações. Finalmente, passados dez minutos, o príncipe é consultado. Vê as duas duquesas expostas às mil facetas da incerteza entre as duas mais lindas daquelas joias, pois a terceira, logo de início, foi recusada. O príncipe não abandona sua leitura, não olha para os braceletes; examina o caixeiro.

— Qual delas escolheria para a sua amiguinha? — pergunta-lhe.

O rapaz indicou uma das duas joias.

— Nesse caso, fique com a outra; fará a felicidade de duas mulheres — disse o mais fino dos diplomatas modernos. — E você, rapaz, faça feliz, em meu nome, a sua amiga.

As duas lindas mulheres sorriem e o caixeiro se retira, tão orgulhoso do presente que acaba de lhe fazer o príncipe quanto da opinião que este tem dele.

Uma mulher desce da sua brilhante carruagem, parada na Rue Vivienne, diante duma dessas suntuosas lojas onde se vendem xales, acompanhada de outra mulher. As mulheres são quase sempre duas nessas espécies de expedições. Todas, em semelhantes ocorrências, visitam umas dez lojas antes de se decidirem, e, no intervalo de uma a outra, caçoam da comédia que lhes representam os caixeiros. Examinemos quem desempenha melhor seu papel, se a compradora ou se o vendedor; qual dos dois leva a melhor nesse pequeno *vaudeville*.

Quando se trata de pintar o maior fato do comércio parisiense, a Venda!, deve-se apresentar um tipo que resuma a questão. Ora, neste caso, o xale ou a mantilha de mil escudos causarão mais emoções que a peça de batista, que o vestido de trezentos francos. Mas, oh, estrangeiros dos dois mundos!, se contudo lerdes esta fisiologia da fatura, sabeis que esta cena se passa nas lojas de novidades de barege^[9] a dois francos ou de musselina estampada a quatro francos o metro.

Como ireis desconfiar, princesas ou burguesas, desse lindo

rapazinho, de rosto aveludado e corado como um pêssego, de olhos cândidos, vestido quase tão bem quanto vosso... vosso... primo, e dotado duma voz suave como o tosão que ele vos apresenta? Há uns três ou quatro assim:

Um tem olhos negros, semblante decidido e vos diz: “Eis aí!” com um ar imperial.

Outro tem olhos azuis, feições tímidas, frases submissas, e dele se diz: “Pobre menino, não nasceu para o comércio!...”.

Este castanho-claro, de olhar fulvo e risonho, de frase agradável, e dotado duma atividade e duma alegria meridionais.

Aquele ruivo avermelhado, de barba em leque, rijo como um comunista, severo, imponente, de gravata fatal, de poucas palavras.

Essas diferentes espécies de caixeiros, que correspondem aos principais caracteres femininos, são o braço de seu patrão, um gorducho bonachão de fisionomia larga, meio calvo, com ventre de deputado ministerial, às vezes condecorado com a Legião de Honra por ter mantido a superioridade da indústria francesa, oferecendo linhas duma redondeza satisfatória, tendo mulher, filhos, casa de campo e sua conta bancária. Essa personagem desce à arena à maneira do *deus ex machina*,^[10] quando a intriga complicada demais exige um desfecho repentino. Assim, as mulheres são cercadas de atenção, de juventude, de gentilezas, de sorrisos, de gracejos, disso que a Humanidade civilizada oferece de mais simples, de sedutor, organizado com matizes para todos os gostos.

Uma palavra sobre os efeitos naturais de ótica, de arquitetura, de decoração; uma palavra curta, decisiva, terrível; uma palavra que é história feita no local. O livro onde se lê esta página instrutiva vende-se na Rue Richelieu, 76, numa elegante casa, branca e dourada, revestida de veludo vermelho, que possuía uma peça no entressolo em que a luz entra em cheio pela Rue de Ménars, e entra, como num estúdio de pintor, franca, pura, nítida, sempre igual a si mesma. Que transeunte não admirou o Persa, esse rei da Ásia que se ergue na esquina da Rue de la Bourse com a Rue Richelieu, encarregado de dizer *urbi et orbi*:^[11] “Reino aqui mais tranquilamente que em Lahore”. Dentro de quinhentos anos, essa escultura no entroncamento das duas ruas poderia, sem esta imortal análise, ocupar os arqueólogos, fazer com que se escrevam volumes *in-quarto* ilustrados, como o do sr. Quatremère sobre o Júpiter Olímpico,^[12] e onde se demonstraria que Napoleão foi um pouco Suff^[13] nalgum país do Oriente antes de ser imperador dos franceses. Pois bem, essa rica loja sitiou esse pobre entressolo e, à custa de notas de banco, apoderou-se dele. *A comédia humana* cedeu lugar à comédia das *cashmeres*. O Persa sacrificou alguns diamantes da sua coroa para obter essa luz tão necessária. Esse raio de sol aumenta as vendas cem por cento, por causa da sua influência sobre o jogo das

cores: põe em relevo todas as seduções dos xales, é uma luz irresistível, é um raio de ouro! Por esse exemplo, julgue-se a *mise en scène* de todas as lojas de Paris...

Voltemos àqueles rapazes, àquele quadragenário condecorado, comensal do rei da França, àquele primeiro caixeiro de barba ruiva, de ar aristocrático. Esses Gaudissarts eméritos mediram-se com mil caprichos por semana, conhecem todas as vibrações da corda-*cashmer* no coração das mulheres. Quando uma cortesã, uma dama respeitável, uma jovem mãe de família, uma elegante, uma duquesa, uma boa burguesa, uma dançarina atrevida, uma mocinha inocente, uma inocentíssima estrangeira se apresentam, cada uma delas é imediatamente analisada por esses sete ou oito homens que a estudam no momento em que ela põe a mão na maçaneta da porta da loja, e os quais estacionam nas janelas, no balcão, na entrada, num canto, no meio da loja, com ar de quem pensa nas alegrias dum domingo descabelado. Examinando-os, a gente se pergunta até: “Em que estão pensando?”. A bolsa de uma mulher, seus desejos, suas intenções, seus caprichos são, então, mais bem investigados num segundo do que uma viatura suspeita, na fronteira, por vários guardas aduaneiros em sete quartos de hora. Esses inteligentes rapazes, sérios como pais nobres, tudo veem: os detalhes da indumentária, uma invisível mancha de lama no calçado, um chapéu antiquado ou sua fita suja ou mal escolhida, o corte e o feitio do vestido, a novidade das luvas, o vestido cortado pelas inteligentes tesouras de Victorine IV,^[14] a joia de Froment-Meurice,^[15] os enfeites na moda, enfim, tudo o que numa mulher pode trair sua qualidade, sua fortuna, seu caráter. É de tremer! Esse sinédrio de Gaudissarts, presidido pelo patrão, jamais se engana. Depois, as ideias de cada qual são transmitidas de um ao outro com uma rapidez telegráfica por olhares, por tiques nervosos, sorrisos, movimentos de lábios, à vista dos quais pensamos na iluminação súbita da grande Avenue des Champs-Élysées, onde o gás voa de candelabro em candelabro, como essa ideia ilumina as pupilas de caixeiro em caixeiro.

E imediatamente, se é uma inglesa, o Gaudissart sombrio, misterioso e fatal se aproxima, como uma personagem romanesca de Lord Byron.^[16]

Se é uma burguesa, atenda-a o mais velho dos caixeiros; este mostre-lhe cem xales num quarto de hora, embriaga-a de cores e de desenhos; desdobra-lhe tantos xales quantas as voltas que um milhafre descreve sobre um coelho; e, no fim de meia hora, aturdida e não sabendo o que escolheu, digna burguesa, lisonjeada em todas as suas ideias, entregue-se ao caixeiro, que a coloca entre as duas tenazes deste dilema e as iguais seduções de dois xales:

— Este, sente muito, senhora, é verde-maçã, a cor da moda, mas a moda passa; ao passo que este aqui (o preto ou o branco cuja venda é

urgente) é para usar toda a vida, e combina com todas as *toilettes*.

Isso é o *a b c* do ofício.

— Ninguém imagina o quanto de eloquência é necessário nessa velhacada — dizia ultimamente o primeiro Gaudissart do estabelecimento, falando a dois de seus amigos, Du Ronceret^[17] e Bixiou,^[18] que tinham ido comprar um xale e o tinham encarregado da escolha. — Olhem, vocês são artistas discretos; a vocês se pode falar das manhas do nosso patrão, que, certamente, é o homem mais tremendo que já vi. Não falo como fabricante, pois o sr. Fritot é o primeiro. Mas, como vendedor, ele inventou o xale-Selim, *um xale impossível de se vender*, e que nós vendemos sempre. Guardamos numa caixa de cedro, muito simples, mas forrada de cetim, um xale de quinhentos a seiscentos francos, um dos xales enviados por Selim^[19] ao imperador Napoleão. Esse xale é a nossa Guarda Imperial; fazêmo-lo avançar em desespero de causa: *ele se vende e não morre*.^[20]

Nesse momento, uma inglesa desembarcou duma carruagem de aluguel e se mostrou no belo ideal dessa fleuma particular à Inglaterra e a todos os seus produtos pretensamente animados. Dir-se-ia a estátua do Comendador^[21] marchando por entre certos sobressaltos duma desgraça fabricada em Londres, em todas as famílias, com um cuidado nacional.

— A inglesa — disse ele ao ouvido de Bixiou — é a nossa batalha de Waterloo.^[22] Há mulheres que nos escapam das mãos como enguias: agarramo-las na escada; cortesãs que zombam de nós: rimos com elas e as temos seguras pelo crédito; estrangeiras indecifráveis a quem levamos muitos xales e com as quais nos entendemos debilitando-lhes amabilidades; mas a inglesa, é investir contra o bronze da estátua de Luís XIV... Essas mulheres fazem uma ocupação, um prazer do regatear... Elas zombam de nós, ora essa!

O caixeiro romântico aproximara-se.

— A senhora deseja um xale da Índia ou de França, de alto preço ou...

— Verei.

— Que importância a senhora pretende gastar?

— Verei.

Voltando-se para agarrar os xales e estendê-los num cabide, o caixeiro lançou para seus colegas um olhar significativo (que criatura maçante!) acompanhado dum imperceptível movimento de ombros.

— Aqui tem os nossos melhores artigos em vermelho das Índias, em azul, em amarelo-laranja; todos são de dez mil francos. Estes são de cinco mil e estes de três mil.

A inglesa, com uma indiferença insípida, examinou primeiro tudo ao seu redor antes de olhar para os xales, sem dar sinal de aprovação ou desaprovação.

— Tem outros? — perguntou ela.

— Sim. Mas talvez a senhora não esteja decidida a comprar um xale?

— Oh! Bem decidida.

E o caixeiro foi buscar uns xales de preço inferior; mas os estendeu solenemente, como coisas de que parece dizer-se assim: “Atenção para estas maravilhas!”.

— Estes são muito mais caros — disse ele —; não foram trazidos, vieram pelo correio e foram comprados diretamente dos fabricantes de Lahore.

— Oh! Compreendo — disse ela —; estes me convêm muito mais.

O caixeiro ficou sério, apesar de sua irritação anterior, que contagiava Du Ronceret e Bixiou. A inglesa, sempre fria como agrião, parecia feliz com sua fleuma.

— Quanto custa? — perguntou ela designando um xale azul-celeste coberto de passarinhos aninhados em pagodes.

— Sete mil francos.

Ela agarrou o xale, envolveu-se nele, olhou-se no espelho e disse, devolvendo-o:

— Não, não gosto.

Um quarto de hora passou-se em tentativas infrutíferas.

— Não temos mais nada, senhora — disse o caixeiro, fitando o patrão.

— A senhora é difícil como todas as pessoas de gosto — disse o chefe do estabelecimento, aproximando-se com gestos adúladores de mercador, em que se misturavam agradavelmente o pretensioso e o hipócrita.

A inglesa assestou a luneta e mediu o fabricante da cabeça aos pés, sem querer compreender que aquele homem era elegível e jantava nas Tuileries.

— Resta-me apenas um xale, mas esse eu não mostro nunca — tornou ele —; ninguém ainda gostou dele, é muito bizarro; e, esta manhã, tinha resolvido ofertá-lo à minha mulher: temo-lo em casa desde 1805, pertenceu à imperatriz Josefina.

— Quero vê-lo.

— Vá buscá-lo — disse o patrão a um caixeiro —; ele está em minha casa.

— Ficarei satisfeitiíssima em vê-lo — respondeu a inglesa.

Essa resposta foi como um triunfo, pois aquela mulher aborrecida parecia estar a ponto de retirar-se. Fingia não ver mais nada além dos xales enquanto examinava os caixeiros e os dois fregueses com hipocrisia, abrigando a pupila pela armação da luneta.

Ele custou sessenta mil francos na Turquia, senhora.

— Oh!

— É um dos sete xales enviados por Selim, antes de sua catástrofe,

ao imperador Napoleão. A imperatriz Josefina, natural da Martinica e muito caprichosa, como *milady* sabe, trocou-o por um dos trazidos pelo embaixador turco e que o meu antecessor havia comprado: mas nunca consegui o preço dele, pois em França *as nossas damas* não são bastante ricas, o que não acontece na Inglaterra. Esse xale vale sete mil francos, que, na certa, representam uns catorze ou quinze mil pelos juros compostos...

— Compostos de quê? — perguntou a inglesa.

— Já lhe mostro, minha senhora.

E o dono da casa, tomando precauções que os demonstradores do Grünes Gewölbe^[23] de Dresden teriam admirado, abriu com uma chave minúscula uma caixa quadrada de cedro cuja forma e cuja simplicidade causaram funda impressão na inglesa. Dessa caixa, forrada de cetim preto, ele retirou um xale de cerca de mil e quinhentos francos, dum amarelo dourado, com desenhos negros, cuja magnificência só era suplantada pela bizzarria das invenções indianas.

— *Splendid!* — exclamou a inglesa —; de fato é uma beleza... Este é o xale que eu idealizava: *it is very magnificent...*

O resto ficou perdido na atitude de madona que ela tomou para mostrar seus olhos sem calor, que julgava belos.

— O imperador Napoleão apreciava-o muito, serviu-se dele...

— Muito — repetiu ela.

Tomou o xale, envolveu-se nele, examinou-se. O dono tornou a pegar o xale, foi para um lugar mais claro, amassou-o, apalpou-o, fê-lo reluzir; tirou efeitos dele como Liszt os tira do piano.

— É *very fine, beautiful, sweet!* — disse a inglesa com a maior das tranqüilidades.

Du Ronceret, Bixiou, os caixeiros trocaram olhares de prazer que significavam: “O xale está vendido”.

— Então senhora? — perguntou o negociante vendo a inglesa absorta numa espécie de contemplação infinitamente prolongada.

— Decididamente — disse ela — prefiro uma carruagem!

Um mesmo sobressalto animou os caixeiros silenciosos e atentos, como se algum fluido elétrico os tivesse tocado.

— Tenho uma lindíssima, senhora — respondeu tranqüilamente o patrão —; recebi-a de uma princesa russa, a princesa de Narzicoff, que ma deixou em paga de fornecimentos; se a senhora quiser vê-la ficará maravilhada: ela é nova, não chegou a rodar dez dias, e não tem igual em Paris.

A estupefação dos caixeiros foi contida por sua profunda admiração.

— Pois sim — respondeu ela.

— Conserve o xale, senhora — disse o negociante —, verá o efeito que ele faz na carruagem.

O negociante foi buscar as luvas e o chapéu.

— Como irá terminar isso?... — disse o primeiro caixeiro ao ver seu chefe oferecendo a mão à inglesa e embarcando com ela na caleça de aluguel.

Isso, para Du Ronceret e Bixiou, adquiriu o atrativo de um fim de romance, afora o interesse particular de todas as lutas, mesmo mínimas, entre a Inglaterra e a França. Vinte minutos depois o patrão voltou.

— Vá ao hotel Lawson, aqui tem o cartão: Mistress Noswell. Leve a fatura que eu lhe vou dar; há seis mil francos a receber.

— Como foi que fez? — perguntou Du Ronceret saudando aquele rei da fatura.

— Ora, senhor, eu reconheci essa natureza de mulher excêntrica, que gosta de ser notada: quando viu que toda a gente olhava para seu xale, ela me disse: “Decididamente, guarde sua carruagem, senhor, fico com o xale”. Enquanto o sr. Bigorneau — disse ele indicando o caixeiro romântico — mostrava-lhe os xales, eu a examinava. Ela olhava sorrateiramente para os senhores para saber que impressão estava causando, ocupava-se muito mais com os senhores do que com os xales. As inglesas têm um desgosto particular (pois não se pode chamar de gosto), não sabem o que querem, e se resolvem comprar uma coisa mais por uma circunstância fortuita que por vontade. Reconheci nela uma dessas mulheres enjoadas do marido e dos fedelhos, virtuosas a contragosto, à cata de emoções, e sempre se apresentando como salgueiros chorões.

Eis aí literalmente o que disse o chefe do estabelecimento.

Isso prova que num negociante de qualquer outro país não há senão um negociante, ao passo que em França, e principalmente em Paris, há um homem saído dum colégio real, instruído, amante das artes, ou da pesca, ou do teatro, ou devorado pelo desejo de ser o sucessor do sr. Cunin-Gridaine,^[24] ou coronel da Guarda Nacional, ou membro do Conselho Geral do Sena, ou juiz no Tribunal de Comércio.

— Sr. Adolfo — disse a mulher do fabricante a seu caixeirinho loiro —, vá encomendar uma caixa de cedro no marceneiro.

— E — disse o caixeiro acompanhando Du Ronceret e Bixiou, que tinham escolhido um xale para a sra. Schontz^[25] — agora vamos escolher entre os nossos velhos xales aquele que possa desempenhar o papel do xale-Selim.

Paris, novembro de 1844

OS FUNCIONÁRIOS

tradução de VIRAL DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Depois de reler *Os funcionários* (em francês: *Les Employés*) para a presente reedição, ponho de lado o respectivo volume de *A comédia humana* e abro, para descansar, o jornal do dia que me traz de volta a esse nosso presente brasileiro de junho de 1990 — e verifico com espanto que entre as duas leituras falta o distanciamento que seria lógico esperar. Não é que no romance de Balzac só é questão de reforma administrativa, enxugamento do serviço público, redução do número de ministérios, supressão de estatais e resistência dos interessados? É impossível que o leitor brasileiro do momento não note essa coincidência. Por isso acho que essa história hoje, entre nós, há de encontrar acolhimento mais favorável do que teve por aí afora no século e meio decorridos desde a sua publicação.

Desejoso de completar seu poderoso afresco da sociedade francesa pela pintura das repartições, Balzac introduz o leitor no universo da burocracia a propósito de um projeto de reforma administrativa minuciosamente analisado, apresentando um a um os funcionários que por ele seriam atingidos. Só depois dessa série de retratos, aliás magistrats, é que a ação é deflagrada, pondo à prova a paciência do leitor. Mas o fato de enfrentarmos problemas tão atuais há de tornarmos mais tolerantes para com a morosidade do deslanche.

Quem conhece de perto o eterno marasmo de uma repartição, a tolice das conversas dos funcionários, a mesquinhez das intrigas que nela se desenrolam poderá apreciar devidamente a fidelidade do quadro. Balzac, filho, irmão, cunhado de burocratas — segundo mostra Anne-Marie Meininger em sua documentada introdução à edição da *Pléiade* —, vivia em contato diário com mangas de alpaca. A prefaciadora aponta de maneira convincente numerosas semelhanças entre os Rabourdin, protagonistas da narrativa, e o casal Surville (a irmã Laure do escritor e seu cunhado engenheiro). Este, idealizador de um canal, nunca pôde ver transposto na realidade o seu projeto, apesar de todo o apoio de Laure, uma “mulher superior” (como Balzac via a irmã). Os fracassos dos dois casais são igualmente injustos e desanimadores.

Os funcionários, como tantas obras de Balzac, mudou de título no decorrer das edições sucessivas. O título primitivo foi *A mulher superior*, sob o qual o romance incompleto saiu no jornal *La Presse*, de 10 a 14 de julho de 1837, e que conservou na primeira edição em volume — já completa e precedida da dedicatória atual — vinda a lume em outubro de 1838. Na primeira edição de *A comédia humana*, em 1846, o romance aparece intitulado *Os funcionários* ou *A mulher superior*; nas edições

sucessivas, só permanece a primeira parte desse título alternativo.

O intuito do autor, em tais modificações, é evidente. Depois de pôr em relevo, no início, um tipo individual, a sra. Rabourdin, percebeu que o lado verdadeiramente forte do romance consistia no retrato coletivo de toda uma classe: e foi o nome desta última que, após alguma hesitação, acabou por adotar. Essa mesma intenção levou-o a acrescentar ao romance, uma vez mudado o título, alguns fragmentos da *Fisiologia do empregado*, não incluída em *A comédia humana*.

Quanto ao nascimento do livro, temos um depoimento do próprio autor numa das cartas à Estrangeira: “*A mulher superior* foi feita em um mês, dia a dia. Passei trabalhando as trinta noites desse mês danado e creio não ter dormido mais de sessenta e poucas horas, nesse tempo; nem pude fazer a barba... Depois de acabar esta carta é que tomarei o primeiro banho, e não sem apreensão, pois estou com medo de distender as fibras, tensas ao último grau”.

Foi uma das “orgias do trabalho” que Balzac recomençaria tantas vezes e que terminariam consumindo-lhe as forças antes do tempo. O êxito, porém, não correspondia absolutamente ao esforço despendido: na mesma carta o romancista comunica à amante o seu desapontamento. “Você lerá algum dia *A mulher superior* e, se jamais tive necessidade de uma opinião séria e sincera sobre uma composição, é esta. Estão chegando ao jornal vinte cartas de reprovação por dia, de pessoas que cortam a assinatura etc., dizendo que não há nada mais cacete, que aquilo é uma série de tagarelices insípidas, e essas cartas me são remetidas! Há um, entre outros, que se diz meu grande admirador e não pode conceber a estupidez de semelhante composição. Se é verdade, enganei-me redondamente.”

Não temos, infelizmente, a “opinião séria e sincera” da condessa Hanska — pois, como já foi dito, da correspondência dos dois só possuímos a parte escrita por Balzac, visto como as cartas da condessa, roubadas por uma governanta infiel e utilizadas para fins de chantagem, foram queimadas pelo escritor assustado. (Queima providencial para a reputação póstuma da condessa que até hoje conseguiu beneficiar-se deste silêncio e aparecer, aos olhos até de biógrafos sérios, se não como uma fada benfazeja, pelo menos como uma esfinge.)

Mas a primeira impressão do público parece perdurar. É muito raro ouvir uma alusão a esse livro mesmo entre os leitores mais assíduos de Balzac, ou encontrar uma apreciação a seu respeito nos inúmeros volumes da crítica balzaquiana. E no entanto trata-se de autêntica obra-prima que por si só bastaria a gravar o nome do autor na história das letras francesas. Balzac é assim, muitas vezes prejudicado pela sua própria riqueza: alguns livros seus de uma perfeição poderosa relegam ao desconhecimento outros, talvez não isentos de defeitos mas decerto

cheios de belezas.

A falta de repercussão de *Os funcionários* é devida, pelo menos em parte, ao começo árduo, isto é, à introdução, logo de início, de materiais refratários ao gênero. Balzac julgava-se — e era mesmo — um historiador, e pretendia dar uma suma do seu século; mas esquecia às vezes que o romance, por mais documentário que seja, não admite senão materiais digeridos, assimilados conforme as leis não codificadas mas patentes de seu organismo. Uma vez que o protagonista Rabourdin é autor de uma reforma administrativa, o autor julga-se na obrigação de expô-la e comentá-la. Restringir-se a enunciar a existência de tal plano não seria convincente; mas a sua exposição minuciosa é incompatível com o ritmo orgânico do romance. Outro escritor teria evitado a personagem; mas Balzac, que se propunha a gigantesca tarefa de reproduzir no seu ciclo todos os tipos representativos de uma geração, não se julgava com direito de furtar-se ao encontro.

O resultado? “O começo de *Os funcionários* é terrível. Mais de quarenta páginas consome Balzac para esboçar suas principais personagens, Rabourdin e Des Lupeaulx. Este é um ‘caráter’ completo (no sentido antigo) e sua descrição poderia ser feita numa obra inteira de Balzac. Aquele é quase completo, mas à sua descrição vem acrescida uma exposição pormenorizada do seu sistema de reorganização dos serviços administrativos. Aí a gente sente que Balzac não entendia do assunto. A exposição está cheia de truísmos fáceis que não resistiriam a crítica séria, e é, além disso, complicada e pesada; numa palavra, malfeita; cacete. Mas, depois de conseguirmos atravessar aquelas quarenta páginas acessórias, ficamos recompensados. Sente-se, então, que o plano fundamental está concebido bem e com autenticidade. O aborrecimento que nos deu o autor garante nosso interesse para o resto e torna-o genuíno.” É a impressão de um romancista inglês, Arnold Bennett, leitor assíduo de Balzac, de quem sofreu forte influência (*Things that Have Interested Me*). Podemos subscrever-lhe a restrição e o elogio.

Vencida a primeira etapa, com efeito, o romancista sabe prender-nos e interessar-nos até o fim. A luta que se desenvolve para o preenchimento de uma chefia de repartição é um verdadeiro assunto balzaquiano, e o escritor sabe torná-la palpitante à medida que nela introduz os elementos mais variados: a ambição, os encantos femininos, a intervenção eclesiástica, o poder oculto dos usurários.

Ainda mais empolgante é a pintura que Balzac esboça da repartição, com seus numerosos tipos de burocratas, tornando-se predecessor do Maupassant de *A herança* e dos famosos *ronds de cuir* de Courteline. E quando a história se encerra, sentimo-nos frustrados menos por aquele *unhappy end* tão caracteristicamente balzaquiano do que pela circunstância de os funcionários tão magistralmente desenhados quase

não terem entrado em ação. Com essa série de caricaturas tão bem apanhadas, Balzac se apresenta como digno rival de um Gavarni e mesmo de um Daumier.

Toda a parte do romance desenvolvida na repartição é dialogada, e esses diálogos são de extraordinária força cômica. Representados em cena, seriam irresistíveis. Fato estranho: são superiores a todos os diálogos das peças com que Balzac em vão tentou conquistar o público teatral. Existe aí um mistério ainda não devidamente elucidado. Talvez o segredo dos insucessos teatrais se encontre em certas teorias bastante esquisitas que o escritor, talvez por pilhéria, inventou sobre a arte do dramaturgo, e que acabou por levar a sério; uma delas é exposta neste mesmo romance, lá onde o autor explica o gênero de talento do vaudevillista Du Bruel.

Para quem se lembra de que Balzac afirmou escrever à luz de duas verdades eternas, a Religião e a Monarquia, não deixará de ser estranha a simpatia que ele, embora involuntariamente, demonstra pelo Partido Liberal e as cores odiosas com que pinta as maquinações dos clericais, da Grande Esmolaria e da Congregação (fenômeno já assinalado em várias outras obras, como por exemplo em *O cura de Tours*). Na tese importante que consagrou às ideias políticas e sociais de Balzac, Bernard Guyon procura explicar a contradição assim:

“Diremos que Balzac, consciente antes de mais nada de seus deveres de romancista, de observador exato dos costumes, recusa-se a ser homem de partido? Seria justo, mas insuficiente. O que é preciso ver nisso é uma velha fidelidade à sua juventude, a suas primeiras paixões partidárias, a determinado julgamento sobre a sociedade e a vida política do decênio 1820-1830, julgamento que lhe vinha da família, das primeiras amizades, das primeiras experiências do mundo e do qual não soube ou não quis nunca desfazer-se completamente. Daí, em grande parte, a larga audiência que conquistou enquanto vivo, e que soube sempre conservar, junto a um público de leitores que não lhe partilham, de maneira alguma, as teorias políticas, mas lhe desposam as simpatias e antipatias que, voluntariamente ou não, deixa aparecer em toda a sua obra no tocante a esta ou aquela categoria social, a esta ou aquela manobra política.”

O leitor que fielmente acompanha conosco o escritor pelo tortuoso labirinto de *A comédia humana* observará que ele se mostra inesgotável em novos recursos romanescos, insuperavelmente fértil em invenções surpreendentes. Em *Os funcionários*, por exemplo, é notável o efeito que ele tira da paixão de Colleville pelo anagrama, divertimento bizantino do Antigo Regime; da ingenuidade dos compêndios feitos sob forma de catecismo, como os fabrica o bom Phelion; da grafologia que, como tantas disciplinas e invenções novas, lhe atraiu a atenção antes mesmo de possuir um nome.

Observador agudo das modas e das manias da sociedade, Balzac faz uso divertido do anagrama, que no momento era mais que um simples divertimento, algo assim como a seção de astrologia dos jornais de hoje. O prognóstico tirado do nome de Rabourdin por um de seus subalternos parece favorável e deixa prever o êxito final do talentoso chefe de repartição. Mas o fato é que *A comédia humana* não contém o fim da história de Rabourdin. O romancista deixou de escrevê-lo por falta de tempo ou de saúde — ou porque seu pessimismo crescente fê-lo preferir a impressão final de insucesso.

PAULO RÓNAI

OS FUNCIONÁRIOS

À CONDESSA SERAFINA SAN SEVERINO, NÉE PORCIA^[1]

Obrigado a ler tudo para nada repetir, faz poucos dias eu folheava os trezentos contos mais ou menos maliciosos do Bandello,^[2] escritor do século XVI, pouco conhecido em França, e publicados ultimamente, completos, em Florença, na edição compacta dos Contistas Italianos: vosso nome, bem como o do conde, impressionou tão vivamente meus olhos como se fosse vós mesma, senhora. Percorria pela primeira vez o Bandello no texto original e encontrei, não sem surpresa, cada conto, mesmo que não tivesse mais de cinco páginas, dedicado por uma carta familiar aos reis, às rainhas, às mais ilustres personagens da época, entre as quais notam-se os nobres do Milanês, do Piemonte, pátria do Bandello, de Florença e de Gênova. São os Dolcini de Mântua, os San Severini de Crema, os Visconti de Milão, os Guidoboni de Tortona, os Sforza, os Doria, os Fregoso, os Dante Alighieri (existia ainda um), os Frascastor, a rainha Margarida de França, o imperador da Alemanha, o rei da Boêmia, Maximiliano, arquiduque da Áustria, os Médici, os Saulo, Pallavicini, Bentivoglio de Bolonha, Soderi, Colonna, Scaligero, os Cardona da Espanha. Em França: os Marigny, Anne de Polignac, a princesa de Marsillac e a condessa de la Rochefoucauld, o cardeal d'Armagnac, o bispo de Cahors, enfim toda a alta sociedade da época, feliz e lisonjeada pela sua correspondência com o sucessor de Boccaccio. Vi também quanto o Bandello era nobre de caráter: se ele enfeitou sua obra com aqueles nomes ilustres, não traiu a causa de suas amizades privadas. Depois da signora Gallerana, condessa de Bérgamo, vem o médico ao qual dedicou seu conto de Romeu e Julieta; depois da signora molto magnifica Hypolita Visconti ed Atellana, vem o simples capitão de cavalaria ligeira, Livio Liviano; depois do duque de Orléans, um predicador; depois de uma Riario, vem messer magnifico Girolamo Ungaro, mercante luchese, um homem virtuoso a quem ele narra como Un Gentiluomo Navarese Sposa una che Era Sua Sorella e Figliuola, Non lo Sapendo,^[3] assunto que lhe fora enviado pela rainha de Navarra.^[4]

Pensei que podia, como o Bandello, pôr uma das minhas narrativas sob a proteção de uma virtuosa, gentilíssima, ilustríssima contessa Serafina San Severino, e endereçar-lhe verdades que poderão ser tomadas por lisonjas. Por que não confessar o quanto me sinto orgulhoso de atestar, aqui e em toda parte, que hoje, como no século XVI, os escritores, a qualquer altura que os coloque momentaneamente a moda, são consolados das calúnias, das injúrias, das críticas amargas, por belas e nobres amizades cujos sufrágios ajudam a vencer as contrariedades da vida literária! Paris, esse cérebro do mundo, agradou-vos tanto pela agitação contínua de seus espíritos, foi tão bem compreendida pela delicadeza veneziana de vossa inteligência; amastes tanto esse rico salão de Gérard,^[5] que perdemos, e onde se viam, como na obra do Bandello, as ilustrações europeias deste quarto de século; depois as festas brilhantes, as inaugurações encantadas que essa grande e perigosa sereia faz, maravilharam-vos tanto, dissestes tão ingenuamente vossas impressões, que sem dúvida tomareis sob vossa proteção a pintura de um mundo que não deveis ter conhecido mas que não deixa de ter originalidade. Teria sido meu desejo possuir alguma bela poesia para vo-la ofertar a vós que tendes tanta poesia na alma e no coração quanto a que exprime vossa personalidade; mas se um pobre prosador nada pode dar além do que possui, talvez possa ele resgatar a vossos olhos a modicidade do presente pelas respeitadas homenagens de uma dessas profundas e sinceras

admirações que inspirais.

DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

ENTRE DUAS MULHERES

I — O CASAL RABOURDIN

Em Paris, onde os homens de estudo e de pensamento têm algumas analogias por viverem no mesmo meio, o leitor deve ter encontrado várias figuras semelhantes à do sr. Rabourdin, cuja história esta narrativa inicia no momento em que ele era chefe de seção num dos mais importantes ministérios; quarenta anos, cabelos grisalhos de tão linda tonalidade que, em rigor, as mulheres podem amá-los assim, e que ameigam uma fisionomia melancólica; olhos azuis cheios de fogo, uma tez ainda alva, porém cálida e semeada de algumas vermelhidões violentas; uma fronte e um nariz à Luís xv, uma boca sisuda, a estatura elevada, magro, ou melhor, emagrecido como um homem que acaba de se restabelecer de uma doença, enfim um caminhar entre a indolência do passeante e a meditação do homem ocupado. Se este retrato faz prejudicar um caráter, o vestuário do homem contribuía, talvez, para o pôr em destaque. Rabourdin trajava habitualmente uma comprida sobrecasaca azul, uma gravata branca, um colete de trespasse à Robespierre, calças pretas sem presilhas nos pés, meias de seda cinzentas e sapatos de entrada baixa. Barbeado, reconfortado com sua xícara de café desde as oito horas da manhã, ele saía com pontualidade cronométrica, e passava pelas mesmas ruas ao ir para o ministério; mas tão asseado, tão compassado, que o tomariam por um inglês a caminho da sua embaixada. Por esses traços principais, percebe-se o pai de família esgotado por contrariedades no lar, atormentado por aborrecimentos no ministério, mas suficientemente filosófico para aceitar a vida como ela é; um homem honrado amando seu país e servindo-o, sem se dissimular os obstáculos que são encontrados quando se quer o bem; prudente porque conhece os homens; de uma polidez delicada para com as mulheres, por nada esperar delas; enfim, um homem cheio de experiência, afável com os seus inferiores, mantendo a grande distância seus pares, e de alta dignidade com seus chefes. Na época em que este estudo o põe em cena, em 1825, podia-se notar nele sobretudo o ar friamente resignado do homem que já enterrou as ilusões da mocidade e renunciou às ambições secretas; reconhecer-se-ia nele o homem desanimado, mas ainda sem nojo, e que persiste nos seus primeiros projetos, mais para empregar suas faculdades do que na esperança de um triunfo duvidoso. Não tinha condecorações de nenhuma ordem, e a si mesmo se recriminava por ter usado a do Lírio^[6] nos primeiros dias da Restauração.

A vida desse homem apresentava particularidades misteriosas: jamais conhecera o pai; a mãe, mulher em quem o luxo esplendia, sempre enfeitada, sempre festiva, com rica carruagem, e cuja beleza parecia-lhe maravilhosa ao recordá-la, a quem ele raramente via, pouca coisa deixou-lhe; mas tinha lhe dado a educação vulgar e incompleta que produz tantas ambições e tão poucas capacidades. Aos dezesseis anos, poucos dias antes da morte da mãe, ele saíra do Liceu Napoleão para entrar como extranumerário nos Serviços Públicos, onde algum protetor desconhecido o fizera rapidamente ingressar no quadro dos remunerados. Aos vinte e dois anos, Rabourdin era subchefe, e chefe aos vinte e cinco. Desde esse dia, a mãe que amparava esse rapaz na vida não fizera sentir mais seu poder senão numa única circunstância; levava-o, a ele, pobre, à casa do sr. Leprince, antigo leiloeiro, viúvo, que passava por ser muito rico e pai de uma filha única. Xavier Rabourdin apaixonou-se loucamente pela srta. Celestina Leprince, que nessa época contava dezessete anos e de quem se afirmava que tinha duzentos mil francos de dote. Cuidadosamente educada por uma mãe artista que lhe transmitiu todos os seus talentos, aquela jovem devia atrair os olhares dos homens mais altamente colocados. Alta, bela e admiravelmente bem-feita, pintava, era boa musicista, falava várias línguas e recebera algumas noções de ciência, atributo perigoso que obriga uma mulher a tomar precauções se quer evitar qualquer pedantismo. Cegada por uma ternura mal-entendida, a mãe dera à filha falsas esperanças sobre seu futuro: na opinião dela, somente um duque, um embaixador, um marechal de França ou um ministro poderia colocar Celestina no lugar que lhe convinha na sociedade. De resto, a moça tinha as maneiras, a linguagem e as atitudes da alta-roda. Sua indumentária era mais rica e mais elegante do que devia ser a de uma moça casadoura: um marido só lhe poderia dar a mais a felicidade. E, além disso, os mimos contínuos da mãe, a qual morreu dois anos antes do casamento da filha, tornavam bastante difícil a tarefa de um amante: era preciso sangue-frio para governar semelhante mulher! Os burgueses amedrontados retiraram-se. Órfão, sem mais fortuna além do seu posto de chefe de repartição, Xavier foi proposto pelo sr. Leprince a Celestina, que resistiu durante muito tempo. A srta. Leprince não tinha nenhuma objeção a fazer contra o seu pretendente: ele era moço, apaixonado e bonito; ela, porém, não queria chamar-se sra. Rabourdin. O pai disse à filha que Rabourdin era do estofado de que se fazem os ministros. Celestina respondeu que um homem de nome Rabourdin jamais triunfaria sob o governo dos Bourbon etc. etc. Levado à parede, o pai cometeu uma grave indiscrição declarando à filha que seu pretendente seria Rabourdin *de alguma coisa*, antes da idade exigida para entrar na Câmara. Xavier deveria brevemente ser referendário e secretário-geral do seu ministério. Desses dois degraus, o rapaz galgaria as regiões

superiores da administração, senhor de uma fortuna e de um nome transmitido por um certo testamento dele conhecido. Fez-se o casamento.

Rabourdin e a esposa acreditaram no misterioso poder aludido pelo velho leiloeiro. Levados pela esperança e pela despreocupação que os primeiros amores aconselham aos recém-casados, o sr. e a sra. Rabourdin, em cinco anos, dissiparam cerca de cem mil francos de seu capital. Assustada com razão por não ver o marido elevar-se, Celestina quis colocar em terras os cem mil francos que sobravam de seu dote, emprego de capital que rendeu pouco; mas, um dia, a herança do sr. Leprince recompensaria prudentes privações com os frutos de uma bela abastança. Quando o antigo leiloeiro viu seu genro deserdado das suas proteções, tentou, por amor à filha, reparar esse secreto fracasso arriscando parte de sua fortuna numa especulação cheia de possibilidades favoráveis; mas o pobre homem, atingido por uma das liquidações da Casa Nucingen,^[7] morreu de desgosto, não deixando senão uma dezena de lindas telas que ornaram o salão da filha, e alguns móveis antigos que ela guardou no sótão.

Oito anos de baldada espera fizeram a sra. Rabourdin enfim compreender que o paternal protetor do marido devia ter sido surpreendido pela morte, e que o testamento fora suprimido ou perdido. Dois anos antes da morte de Leprince, o posto de chefe de divisão, que vagara, fora dado a um sr. de la Billardière, parente de um deputado da direita, que fora feito ministro em 1823. Era de fazer abandonar a profissão. Mas podia lá Rabourdin desistir de oito mil francos de ordenado com gratificações, quando sua casa estava acostumada a gastá-los, e constituindo eles três quartas partes da renda? De resto, ao cabo de alguns anos de paciência, não tinha ele direito a uma pensão? Que queda para uma mulher cujas altas pretensões no início da vida foram quase legítimas, e que passava por ser uma mulher superior!

A sra. Rabourdin justificara as esperanças que a srta. Leprince fizera conceber: possuía os elementos da aparente superioridade que agrada à alta-roda; sua vasta ilustração permitia-lhe falar a cada um a sua linguagem; seus méritos eram reais; ela manifestava um espírito independente e elevado; sua conversação cativava, tanto pela variedade quanto pela singularidade das ideias. Essas qualidades, úteis e apropriadas numa soberana ou numa embaixatriz, de pouco serviam num lar onde tudo devia marchar terra a terra. As pessoas que falam bem querem um público, gostam de falar muito tempo, e algumas vezes cansam. Para satisfazer às necessidades de seu espírito, a sra. Rabourdin estabelecera um dia de recepção por semana, e frequentava muito a sociedade, a fim de nela saborear os gozos a que seu amor-próprio a tinha habituado. Os que conhecem a vida de Paris saberão o

que sofreria uma mulher dessa envergadura, assassinada no seu interior pela exiguidade dos seus recursos pecuniários. Apesar das numerosas e tolas declamações contra o dinheiro, quando se vive em Paris sempre se está chumbado às contas, tem-se de prestar homenagens aos algarismos e beijar a pata fendida do Bezerro de Ouro. Que problema! Doze mil francos de renda para custear as despesas de um lar composto do pai, da mãe, de dois filhos, de uma criada de quarto e de uma cozinheira, tudo isso alojado na Rue Duphot, no segundo andar, num apartamento de cem luíses! Tirem-se daí os trajes e as carruagens da senhora antes de computar as despesas forçadas da casa, pois que os trajes vinham antes de tudo; veja-se o que fica para a educação dos filhos (uma menina de sete anos, um garoto de nove, cuja manutenção, apesar de uma bolsa completa, custava já nesse tempo dois mil francos), e ver-se-á que a sra. Rabourdin podia, quando muito, dar somente trinta francos por mês ao marido. Quase todos os maridos parisienses estão nessa situação, sob pena de serem uns monstros. Essa mulher, que se julgara destinada a brilhar nos salões, a dominá-los, viu-se afinal obrigada a empregar sua inteligência e suas faculdades numa luta ignóbil, inesperada, num corpo a corpo com sua caderneta de despesas. Já havia — grande sofrimento de amor-próprio! — despedido o criado homem, quando da morte do pai. A maioria das mulheres se cansa nessa luta cotidiana, queixa-se e acaba por curvar-se à sua sorte; em vez, porém, de decair, a ambição de Celestina cresceu com as dificuldades; e, não podendo vencê-las, quis suprimi-las.

Na sua opinião, essa complicação nas engrenagens da vida era como o nó górdio que não se desata e que o gênio corta. Longe de conformar-se com a mesquinhez de um destino burguês, ela impacientou-se com as demoras que retardavam as grandes coisas de seu futuro, acusando a sorte de trampolinices. Celestina, de boa-fé, julgava-se uma mulher superior. Talvez tivesse razão, talvez tivesse sido grande em grandes circunstâncias, talvez não estivesse no seu lugar. Reconheçamo-lo: existem na mulher, como no homem, variedades que as sociedades modelam para as suas necessidades. Ora, na ordem social, como na ordem natural, há muito mais rebentos do que árvores, mais peixe miúdo do que peixe chegado a seu pleno desenvolvimento! Muitas capacidades, tipo Atanásio Granson,^[8] devem pois morrer abafadas, como sementes que caem sobre um rochedo nu. Certamente, há donas de casa, mulheres agradáveis, mulheres de luxo, mulheres exclusivamente esposas, mães ou amantes, mulheres puramente espirituais ou puramente materiais, assim como há artistas, soldados, artesãos, matemáticos, poetas, negociantes, gente que entende somente de dinheiro, de agricultura ou de administração. Depois, a singularidade dos acontecimentos traz contrassensos: muitos chamados e poucos escolhidos é uma lei da sociedade tanto quanto do

céu. A sra. Rabourdin julgava-se muito capaz de esclarecer um homem de Estado, de aquecer a alma de um artista, de servir aos interesses de um inventor e de auxiliá-lo nas suas lutas, de se dedicar à política financeira de um Nucingen, de representar com brilho uma grande fortuna. Talvez quisesse por essa forma explicar a si mesma seu horror pela caderneta da lavadeira, pela verificação cotidiana da cozinha, pelos cálculos econômicos e os cuidados de uma casa pequena. Fazia-se superior onde tinha prazer em sê-lo.

Ao sentir tão vivamente os espinhos de uma posição que se pode comparar à de São Lourenço sobre a grelha, não devia ela deixar escaparem gritos? Por isso, nos seus paroxismos de ambição contrariada, nos momentos em que sua vaidade ferida lhe causava dores lancinantes, Celestina virava-se contra Xavier Rabourdin. Não competia a seu marido dar-lhe uma situação conveniente? Se fosse homem, bem que havia de ter energia para fazer uma fortuna rápida a fim de tornar feliz uma mulher amada! Ela censurava-o por ser um homem demasiadamente honesto. Nos lábios de certas mulheres, essa acusação é um diploma de imbecilidade. Ela esboçou-lhe planos soberbos, nos quais omitia os obstáculos que os homens e as coisas lhe opõem; depois, como todas as mulheres animadas por um sentimento violento, tornou-se, pela imaginação, mais maquiavélica do que um Gondreville,^[9] mais ardilosa do que Máximo de Trailles.^[10] O espírito de Celestina concebia tudo, e ela contemplava a si mesma na vastidão de suas ideias. À exposição dessas belas fantasias, Rabourdin, que conhecia as realidades, permaneceu frio. Celestina, decepcionada, achou o marido de espírito estreito, tímido, pouco compreensivo, e, insensivelmente, formou a mais falsa opinião sobre o companheiro da sua vida: a princípio o ofuscava constantemente pelo brilho de sua argumentação; depois, como as suas ideias lhe vinham por clarões, ela o interrompia bruscamente quando ele começava a dar uma explicação, a fim de não perder uma centelha de seu espírito. Desde os primeiros dias do casamento, ao sentir-se amada e admirada pelo marido, Celestina não teve cerimônias com ele; sobrepôs-se a todas as leis conjugais e de polidez íntima, pedindo em nome do amor perdão para suas pequenas faltas, e, como não se corrigiu, dominou constantemente. Nessa situação um homem se acha perante a mulher como uma criança diante do seu preceptor, quando este não pode ou não quer acreditar que a criança que dirigiu quando pequena se tenha tornado adulta. Semelhante à Madame de Staël,^[11] que gritava em pleno salão a um grande homem maior do que ela “Sabe o senhor que acaba de dizer algo bem profundo?”, a sra. Rabourdin dizia do marido: “Ele às vezes tem espírito”. Insensivelmente, a dependência na qual ela continuava a manter Rabourdin manifestou-se na sua fisionomia por movimentos imperceptíveis. Sua atitude e suas maneiras exprimiram

sua falta de respeito. Sem o saber, ela prejudicou, pois, o marido; porque em todos os países, antes de julgar um homem, a sociedade examina o que a esposa pensa dele, e pede assim o que os genoveses chamam um *préavis* (em genovês, pronuncia-se *preavisse*).

Quando Rabourdin se apercebeu dos erros que o amor o havia feito cometer, o hábito já se firmara; calou-se e sofreu. Tal como certos homens nos quais o sentimento e as ideias são de igual força, nos quais se encontram ao mesmo tempo uma bela alma e um cérebro bem organizado, ele foi o advogado da mulher no tribunal do seu julgamento; a si mesmo disse que a natureza a tinha destinado a um papel que falhara por culpa dele; ela era como um cavalo inglês puro-sangue, um parrelheiro atrelado a uma carreta cheia de pedras de cantaria, ela sofria; enfim, condenou-se. Depois, à força de repeti-la, a esposa inoculava-lhe sua fé em si própria. No lar as ideias são contagiosas; o 9 de termidor^[12] é, como tantos acontecimentos imensos, o resultado de uma influência feminina. Por isso, impelido pela ambição de Celestina, Rabourdin, fazia muito, pensava no meio de satisfazê-la; ocultava-lhe, porém, suas esperanças para não infligir os tormentos delas decorrentes. Esse homem de bem estava resolvido a tomar pé na administração por uma ação enérgica. Queria produzir nela uma dessas revoluções que colocam um homem à frente de um setor qualquer da sociedade; incapaz, porém, de a revolver em proveito próprio, ele cultivava ideias úteis e sonhava com um triunfo conseguido por meios nobres. Essa ideia ao mesmo tempo ambiciosa e generosa, poucos são os funcionários que não a tenham concebido; mas entre os funcionários, como entre os artistas, há muito mais fracassos do que êxitos, o que nos faz voltar ao dito de Buffon: “O gênio é a paciência”.^[13]

Colocado em condições de estudar a administração francesa e de observar-lhe o mecanismo, Rabourdin operou no meio em que o acaso fazia agitar-se-lhe o pensamento, o que, entre parênteses, é o segredo de muitas obras humanas, e acabou por inventar um novo sistema de administração. Conhecendo as pessoas com quem teria de haver-se, respeitara a máquina que então funcionava, que funciona ainda e funcionará durante muito tempo, porque todo o mundo terá sempre receio de a reformar; mas ninguém devia, na opinião de Rabourdin, recusar simplificá-la. O problema a resolver consistia, pois, num melhor emprego das mesmas forças. Na sua expressão mais simples, esse plano consistia em remodelar os impostos de modo a diminuí-los sem que o Estado perdesse suas rendas, e em obter, com um orçamento igual àquele que provocava no momento tantas discussões alouçadas, resultados duas vezes mais consideráveis do que os resultados atuais.

Uma longa prática demonstrara a Rabourdin que em todas as coisas a perfeição é produzida por simples reviravoltas. Economizar é simplificar. Simplificar é suprimir uma engrenagem inútil; há pois

deslocamentos. Por isso, seu sistema baseava-se numa classificação, traduzia-se por uma nova nomenclatura administrativa. Vem daí talvez o ódio que sobre si atraem os inovadores. As supressões exigidas pelo aperfeiçoamento, e malcompreendidos de começo, ameaçam existências que não se conformam facilmente em mudar de condição. O que tornava Rabourdin verdadeiramente grande era ter sabido conter o entusiasmo que se apodera de todos os inventores, ter procurado pacientemente uma engrenagem para cada medida, a fim de evitar os choques, deixando ao tempo e à experiência a tarefa de demonstrar a excelência de cada mudança. A grandeza do resultado faria crer na sua impossibilidade, se se perdesse de vista esse pensamento no meio da rápida análise desse sistema. Não é pois indiferente indicar, segundo suas confidências, por mais incompletas que tenham sido, o ponto de onde ele partiu para abarcar o horizonte administrativo. Esta narrativa, que, aliás, se liga às entranhas da intriga, explicará, talvez, também, alguns senões dos costumes atuais.

Profundamente comovido pelas misérias que verificava na existência dos funcionários, Xavier a si mesmo perguntou de onde lhes vinha a crescente desconsideração; procurara-lhes as causas e as tinha achado nessas pequenas revoluções parciais que foram como que o remoinho da tormenta de 1789 e que os historiadores dos grandes movimentos sociais se descuidam de examinar, ainda que, em última análise, tenham sido elas que tornaram nossos costumes o que eles são.

Outrora, sob o regime monárquico, os exércitos burocráticos não existiam. Pouco numerosos, os funcionários obedeciam a um primeiro-ministro sempre em comunicação com o soberano, e por essa forma serviam quase diretamente ao rei. Os chefes desses servidores zelosos eram denominados simplesmente *primeiros empregados*. Nas repartições administrativas que não eram regidas pelo próprio rei, tais como as granjas, os funcionários estavam para os chefes como os caixeiros de uma casa de comércio estão para os patrões: aprendiam uma ciência que devia servir-lhe para fazer carreira. Dessa forma qualquer ponto de circunferência prendia-se ao centro, e dele recebia vida. Havia, portanto, dedicação e fé. A partir de 1789, o Estado, *a Pátria*, se assim quiserem, substituiu o príncipe. Em vez de depender diretamente de um primeiro magistrado político, os caixeiros tornaram-se, apesar de nossos belos ideais sobre a pátria, *empregados do governo*, e seus chefes giram sob todos os ventos de um poder chamado *Ministério*, que não sabe na véspera se existirá no dia seguinte. Devendo a corrente dos negócios marchar sempre, sobrenada uma certa quantidade de caixeiros que sabem ser indispensáveis, conquanto demissíveis *ad nutum*, e que querem conservar o lugar. A burocracia, poder gigantesco posto em movimento por anões, nasceu assim. Se, subordinando todas as coisas e todos os homens à sua vontade,

Napoléão retardou por um momento a influência da burocracia — essa pesada cortina colocada entre o bem por fazer e aquele que o pode ordenar —, ela entretanto se organizou definitivamente sob o governo constitucional, inevitavelmente amigo das mediocridades, grande amador de peças demonstrativas e de contas, enfim, arreliadora como uma pequena burguesa. Feliz por ver os ministros em luta constante com quatrocentos pequenos espíritos, com dez ou doze cabeças ambiciosas e de má-fé, as repartições se apressaram a tornar-se necessárias, substituindo a ação viva pela ação escrita, e criaram uma potência de inércia chamada *Relatório*. Expliquemos o relatório.

Quando os reis tiveram ministros, o que começou somente no reinado de Luís xv, exigiram que estes lhes fizessem relatórios sobre as questões importantes em vez de ter, como no passado, conferências com os grandes de Estado. Insensivelmente, os ministros foram levados por suas repartições a imitar os reis. Ocupados em defender-se perante as duas Câmaras e perante a Corte, deixaram-se conduzir pelas injunções do relatório. Não se apresentava nada de importante na administração sem que o ministro, embora se tratasse de coisa urgente, respondesse: “Pedi um relatório”. O relatório tornou-se assim, para os negócios e para os ministros, o mesmo que o relatório na Câmara dos Deputados é para as leis: uma consulta na qual são tratadas as razões pró e contra, com mais ou menos parcialidade; de modo que o ministro, tal como a Câmara, fica na mesma depois do relatório como antes dele. Toda e qualquer resolução é tomada num momento. Seja lá o que for que se faça, tem de se chegar ao instante em que é forçoso decidir-se. Quanto mais se alinham para a luta razões pró e razões contra, menos sadia é a decisão. As mais belas coisas da França foram realizadas quando não havia relatórios e as decisões eram espontâneas. A lei suprema do homem de Estado é aplicar fórmulas precisas a todos os casos, à maneira dos juízes e dos médicos. Rabourdin, que a si próprio dizia “É-se ministro para ter decisão, conhecer os negócios e fazê-los ir para diante”, viu o relatório reinar em França desde o coronel até o marechal, desde o comissário de polícia até o rei, desde os prefeitos até os ministros, desde a Câmara até a lei. A partir de 1808, tudo começava a discutir-se, a balançar-se e contrabalançar-se de viva voz e por escrito, tudo tomava a forma literária. A França ia arruinar-se apesar de tão belos relatórios, e dissertar em vez de agir. Fazia-se então em França um milhão de relatórios escritos por ano. Por isso a burocracia reinava!

Os processos, os cartapácios, a papelada referente às peças sem as quais a França estaria perdida, a circular sem a qual ela não marcharia avolumavam-se, cresciam, embelezavam-se. A burocracia, desde então, manteve viva a desconfiança entre a receita e a despesa, caluniou a administração para salvação do administrador. Inventou finalmente os fios liliputianos que acorrentam a França à centralização parisiense,

como se de 1500 a 1800 a França nada tivesse podido empreender sem trinta mil funcionários. Aderindo à coisa pública, como o agárico à pereira, o funcionário desinteressou-se completamente dela, e eis como.

Obrigados a obedecer aos príncipes ou às Câmaras, que lhes impõem a admissão de novos empregados, e forçados a conservar os que têm, os ministros diminuía os salários e aumentavam o número de empregos, pensando que, quanto mais gente fosse empregada pelo governo, mais este seria forte. A lei contrária é um axioma escrito no universo: não há energia senão pela escassez dos princípios atuantes. Por isso os acontecimentos demonstraram, em julho de 1830, o erro do ministerialismo da Restauração. Para implantar um governo no seio de uma nação é preciso saber ligar àquele *interesses* e não *homens*. Levado a desprezar o governo que lhe tirava ao mesmo tempo consideração e salário, o funcionário comportava-se nesse momento com ele como uma cortesã com um amante velho. Dava-lhe trabalho correspondente ao dinheiro que recebia: situação tão pouco tolerável para a administração como para o funcionário, se os dois se atrevessem a tomar o pulso um do outro, e se os pingues ordenados não abafassem a voz dos magros. Ocupado unicamente em se manter, em receber seus ordenados e alcançar sua aposentadoria, o funcionário achava que tudo lhe era permitido para conseguir esse grande resultado. Esse estado de coisas acarretava o servilismo do funcionário, engendrava intrigas perpétuas no seio dos ministérios, onde os empregados pobres lutavam contra uma aristocracia degenerada que vinha pastar nas terras comunais da burguesia, exigindo postos para seus filhos arruinados. Dificilmente podia um homem superior marchar ao correr dessas sebes tortuosas, curvar-se, arrastar-se, introduzir-se no lodo dessas sentinas, onde as cabeças notáveis assustavam todo o mundo. Um gênio ambicioso envelhece para obter a tríplice coroa, não imita Sisto v^[14] para tornar-se chefe de repartição. Não restavam ou não vinham senão preguiçosos, incapazes ou tolos. Assim se estabelecia lentamente a mediocridade da administração francesa. Inteiramente composta de espíritos pequenos, a burocracia opunha um obstáculo à prosperidade do país, atrasava em suas pastas, durante sete anos, o projeto de um canal que teria estimulado a produção de uma província, assustava-se com tudo, perpetuava as lentidões, eternizava os abusos que a perpetuavam e eternizavam a ela própria; mantinha tudo e mesmo o ministro em suspenso; finalmente, sufocava os homens de talento suficientemente ousados para quererem marchar sem ela, ou esclarecê-la quanto às suas asneiras. Acabava de ser publicado o livro das pensões, e nele Roubin viu um servente de repartição lotado com uma aposentadoria superior à de velhos coronéis crivados de ferimentos. Lia-se ali, inteirinha, a história da burocracia. Outra chaga

engendradora pelos costumes modernos, e que ele apontava como uma das causas dessa secreta desmoralização: a administração, em Paris, não tem subordinação real, reina nela uma igualdade completa entre o chefe de uma divisão importante e o último escriturário; um é tão grande quanto o outro, numa arena da qual se sai para se ir pavonear em outra, porquanto fazia-se de um poeta, de um artista, de um comerciante um simples amanuense. Os funcionários julgavam-se reciprocamente, sem nenhum respeito. A instrução, igualmente dispensada sem medida às massas, não leva hoje o filho de um porteiro de ministério a influir sobre a sorte de um homem de mérito ou de um grande proprietário, em cuja casa o pai puxou o cordão da porta? O recém-chegado pode pois lutar com o mais antigo. Um rico extranumerário salpica de lama o chefe, ao ir a Longchamp,^[15] num tálburi que leva uma bonita mulher, à qual, com o chicote, ele aponta o pobre pai de família a pé dizendo: “Ali vai meu chefe”. Os liberais denominavam esse estado de coisas *Progreso*; Roubourdin via nele a *Anarquia* no coração do poder. Pois via, resultando de intrigas movimentadas como as do serralho entre eunucos, mulheres e sultões imbecis, mesquinhas de religiosas, vexações surdas, tiranias de colégio, trabalhos diplomáticos capazes de assustar um embaixador empreendidos por uma gratificação ou por um aumento, saltos de pulgas atreladas a um carro de papelão; malícias de negro feitas ao próprio ministro; depois, as pessoas verdadeiramente úteis, os trabalhadores, vítimas de parasitas; as pessoas devotadas ao seu país, e que contrastam vigorosamente com a massa das incapacidades, sucumbindo ao peso de traições ignóbeis. Estando todos os altos postos entregues à influência parlamentar e não mais à realeza, os funcionários, cedo ou tarde, deviam achar-se nas condições de rodas aparafusadas a uma máquina: para eles tudo se resumia em serem mais ou menos engraxados. Essa fatal convicção, já surgida em alguns bons espíritos, sufocava muitos memoriais redigidos conscienciosamente sobre as chagas secretas do país, desarmava muitas coragens, corroía as mais severas proibições, cansadas de injustiça e levadas à indiferença por aborrecimentos dissolventes. Um empregado dos irmãos Rotschild corresponde-se com todos os prefeitos; mas ali onde um vem aprender os elementos de sua carreira, o outro perde inutilmente seu tempo, sua vida e sua saúde. Daí surdia o mal. Um país, é claro, não parece imediatamente ameaçado de morte pelo fato de um funcionário de talento retirar-se e ser substituído por um homem medíocre. Infelizmente para as nações, nenhum homem parece ser indispensável à sua existência. Mas, quando tudo no decorrer dos tempos se amesquinha, as nações desaparecem. Qualquer um, no desejo de se instruir, pode ir ver em Veneza, em Madri, em Amsterdã, em Estocolmo e em Roma os lugares onde brilham poderes imensos, hoje destruídos

pela pequenez que neles se infiltrou alcançando as sumidades. No dia de uma luta, estando tudo enfraquecido, o Estado sucumbiu ante um ataque de medíocre intensidade. Adorar o tolo que triunfa e não se entristecer com a queda de um homem de talento é o resultado da nossa infeliz educação e dos nossos costumes, os quais levam as pessoas de espírito ao motejo e o gênio ao desespero. Mas que problema difícil de resolver esse de reabilitação dos empregados no momento em que o liberalismo clamava por seus jornais em todas as bodegas industriais que o salário dos empregados constituía um roubo perpétuo, quando representava os capítulos do orçamento em forma de sanguessugas, e perguntava todos os anos para onde ia o bilhão dos impostos! Aos olhos do sr. Roubourdin, o funcionário, relativamente ao orçamento, era o que o jogador é para o jogo; tudo o que dele tira, restitui-lho. Todo ordenado de vulto implicava uma produção. Pagar mil francos por ano a um homem para exigir dele todo o seu tempo, não era isso organizar o roubo e a miséria? Um forçado custa quase tanto e trabalha menos. Mas querer que um homem a quem o Estado desse doze mil francos por ano se devotasse ao seu país era um contrato proveitoso para ambos, e que podia tentar as capacidades.

Essas reflexões tinham pois levado Roubourdin a uma remodelação do pessoal. Empregar pouca gente, triplicar ou duplicar os ordenados e suprimir as pensões; tomar empregados jovens, como faziam Napoleão, Luís XIV, Richelieu e Ximenez,^[16] mas conservá-los durante muito tempo, reservando-lhes os altos postos e grandes honrarias, eram os postos capitais de uma reforma tão útil para o Estado como para o funcionário. É difícil referir detalhadamente, capítulo por capítulo, um plano que englobava o orçamento e descia aos infinitamente pequenos da administração para sintetizá-los; mas talvez uma indicação das principais reformas baste para aqueles que conhecem, tanto como para aqueles que ignoram, a estrutura administrativa. Embora seja perigosa a situação de um historiador ao relatar um plano que se assemelha à política feita à mesa de um café, ainda assim é necessário delineá-lo a fim de explicar o homem pela obra. Suprimam a exposição de seus trabalhos, e não quererão mais crer sob palavra no narrador, se ele se contentasse em afirmar o talento ou a audácia de um chefe de repartição.

Roubourdin dividia a alta administração em três ministérios. Ele achava que, se outrora tinha havido cabeças suficientemente fortes para abarcar o conjunto dos negócios interiores e exteriores, à França de hoje, não faltariam um Mazarino, um Suger, um Sully, um Choiseul, um Colbert^[17] para dirigirem ministérios mais vastos do que os atuais. De resto, constitucionalmente falando, três ministros se põem de acordo mais facilmente do que sete. Além disso, é menos difícil também enganar-se quanto à escolha dos talentos. Finalmente, a realza evitaria

talvez, desse modo, essas perpétuas oscilações ministeriais que não permitem dar continuidade a nenhum plano de política exterior, nem realizar nenhum melhoramento interno. Na Áustria, onde várias nações reunidas apresentam interesses diferentes a conciliar e a conduzir sob uma mesma coroa, dois homens de Estado suportavam nesse momento o peso dos negócios sem que por isso ficassem acabrunhados. Seria a França mais pobre que a Alemanha em matéria de capacidades políticas? O jogo, bastante tolo, do que se denomina de instituições constitucionais, desenvolvido exageradamente, acabou, como se sabe, por exigir muitos ministros para satisfazer as ambições multiplicadas da burguesia. Inicialmente afigurou-se-lhe natural a Rabourdin reunir num só os Ministérios da Marinha e da Guerra. Para ele a Marinha era uma das contas correntes do Ministério da Guerra, como a Artilharia, a Cavalaria, a Infantaria e a Intendência. Não era acaso um contrassenso dar aos almirantes e aos marechais uma administração separada, quando ambos visava a um fim comum: a defesa do país, o ataque ao inimigo, a proteção das possessões nacionais? O Ministério do Interior devia reunir o comércio e as finanças, sob pena de desmentir seu nome. Ao Ministério do Exterior pertenciam a Justiça, a casa do rei, tudo o que, no Ministério do Interior, diz respeito às artes, às letras e às honrarias. Toda proteção devia decorrer imediatamente do soberano, e esse ministério implicava a presidência do conselho. Cada um desses três ministérios não teria mais de duzentos funcionários na sua administração central, onde Rabourdin os colocava a todos, como outrora sob a Monarquia. Tomando como média uma quantia de doze mil francos por cabeça, ele orçava a despesa em sete milhões, para capítulos que custam mais de vinte no orçamento atual. Reduzindo por essa forma os ministérios a três titulares, ele suprimia administrações inteiras que se haviam tornado inúteis, e as enormes despesas de seus estabelecimentos em Paris. Demonstrava que uma circunscrição devia ser administrada por dez homens, uma prefeitura por doze, quando muito, o que reduzia a cinco mil o número de funcionários para toda a França (excetuados a Justiça e o Exército), número esse inferior ao dos serventuários só dos ministérios. Nesse plano, porém, os escrivães dos tribunais eram encarregados do regime hipotecário; mas ao ministério público competia o registro e os domínios. Rabourdin reunia num mesmo centro as partes similares. Assim, pois, a hipoteca, a sucessão e o registro não saíam de seu círculo de ação, e não necessitavam senão três extranumerários por tribunal, e três por Corte real.

A aplicação constante desse princípio levava Rabourdin à reforma das finanças. Ele fundira todas as cobranças de impostos num único, taxando o consumo em massa em vez de taxar a propriedade. Na opinião dele, o consumo era a única matéria tributável em tempo de paz. A contribuição territorial devia ser reservada para os casos de

guerra. Somente então o Estado podia pedir sacrifícios ao solo, porque nesse momento tratava-se de defendê-lo; em tempo de paz, porém, era um pesado erro político incomodá-lo além de certo limite: não o achavam mais nas grandes crises. Assim também o *empréstimo* em tempos de paz, porque se fazia ao par e não com cinquenta por cento de perda, como nos maus tempos; depois, durante a guerra, a *contribuição territorial*.

— A invasão de 1814 e 1815 — dizia Roubourdin aos amigos — fundou em França e firmou uma instituição que nem Law nem Napoleão puderam estabelecer: *o crédito*.

Infelizmente Xavier considerava os verdadeiros princípios dessa máquina admirável como ainda pouco compreendidos, na época em que começara seu trabalho, em 1820. Roubourdin impunha o consumo por meio das contribuições diretas, suprimindo todo o aparelhamento das contribuições indiretas. A receita do imposto resolvia-se por uma única lista composta de diversos artigos. Derrubava assim as barreiras incomodativas que obstruem as cidades, às quais ele proporcionava maiores rendas, simplificando seu modo atual de arrecadação, muito dispendioso. Diminuir o peso do imposto, em matéria de finanças, não consiste em diminuir o tributo, e sim distribuí-lo melhor: aliviá-lo é aumentar o volume das transações, deixando-lhes mais elasticidade; o indivíduo paga menos e o Estado recebe mais. Essa reforma, que pode parecer imensa, repousava num mecanismo muito simples.

Roubourdin encarava o imposto pessoal e mobiliário como a mais fiel representação do consumo geral. As fortunas individuais exprimem-se admiravelmente em França pelo aluguel, pelo número de criados, pelos cavalos e carruagens de luxo que se prestam à fiscalização. As habitações, e o que elas contêm, variam pouco e dificilmente desaparecem. Depois de ter indicado os meios de organizar uma lista de contribuições mobiliárias mais sincera do que a atual, ele distribuía as quantias fornecidas ao Tesouro pelos impostos chamados *indiretos* em um *tanto por cento* de cada cota individual. O imposto, de fato, é uma tomada de dinheiro feita sobre as coisas ou sobre as pessoas, sob disfarces mais ou menos especiais; mas esses disfarces, bons quando era preciso extorquir dinheiro, não são ridículos numa época em que a classe sobre a qual pesam os impostos sabe o motivo pelo qual o Estado os cobra e por que mecanismo ele os restitui? Na realidade, o orçamento não é um cofre e sim um regador; quanto mais ele se enche de água e rega, mais um país prospera. Suponham-se, portanto, seis milhões de *cotas abastadas* (Roubourdin provava-lhes a existência, incluindo nelas as *cotas ricas*); não seria melhor pedir-lhes diretamente uma *taxa de vinho*, que não seria mais ridícula do que o imposto *de portas e janelas* e produziria cem milhões, de preferência a atormentá-los tributando-lhes a própria coisa? Por essa regularização do imposto,

cada particular na realidade pagaria menos, o Estado receberia mais e os consumidores gozariam de uma imensa redução no preço das coisas, que o Estado não submeteria mais a torturas infinitas. Rabourdin mantinha um direito de cultura sobre os vinhedos, a fim de proteger essa indústria contra a excessiva abundância de seus produtos. Depois, para atingir o consumo das cotas pobres, as patentes dos vendedores eram taxadas segundo a população dos lugares onde eles habitavam. Assim, pois, sob três formas: direito de vinho, direito de cultura e de patente, o Tesouro arrecadava uma receita enorme sem despesas nem vexações, em vez do imposto vexatório dividido entre seus funcionários e ele. O imposto abatia-se sobre o rico em vez de atormentar o pobre. Outro exemplo. Suponham por cota um franco ou dois de direitos sobre o sal, e obterão dez ou doze milhões; a gabela moderna desaparece, a população pobre respira, a agricultura é aliviada, o Estado recebe o mesmo, e nenhuma cota se queixa. Toda cota, mais ou menos industrial ou proprietária, pode reconhecer imediatamente os benefícios de um imposto assim distribuído ao ver no interior do campo a vida melhorando e o comércio aumentando. Finalmente, de ano para ano, o Estado veria as *cotas abastadas* multiplicarem-se. Suprimindo a administração das contribuições indiretas, máquina extremamente dispendiosa, e que é um Estado no Estado, o Tesouro e os particulares lucrariam pois enormemente, quando mais não fosse pela economia nas despesas de arrecadação. O fumo e a pólvora se arrendariam sob vigilância. O sistema relativo a essas duas administrações, desenvolvido por outros que não Rabourdin, por ocasião da renovação da lei sobre o fumo, era tão convincente que essa lei não teria passado numa Câmara em cujas mãos não tivessem colocado o negócio, como o fez na época o ministério. Foi então menos um assunto de finanças do que uma questão de governo. O Estado não possuía nada mais em seu nome, nem florestas nem minas nem explorações. Na opinião de Rabourdin, o Estado, possuidor de domínios, constituía um contrassenso administrativo, porque o Estado não sabe tirar rendimento de seus bens, e priva-se das contribuições; perde dois produtos ao mesmo tempo. Quanto às fábricas do governo, era o mesmo contrassenso transportado à esfera da indústria. O Estado obtém produtos mais caros do que os do comércio, mais lentamente fabricados, e deixa de cobrar seus direitos sobre as atividades da indústria, para a qual ele diminui o material. Será administrar um país fabricar em vez de fazer fabricar, possuir em vez de criar o maior número de possessões várias? Nesse sistema o Estado não exigia mais uma única caução em dinheiro. Rabourdin não admitia senão cauções hipotecárias. Eis por quê. Ou o Estado guarda as cauções em natureza, e é embaraçar a circulação do dinheiro; ou emprega este a uma taxa superior ao juro que ele dá, e é um roubo ignóbil; ou perde com ele, e é uma tolice; enfim, se um dia dispõe

do conjunto das cauções, prepara em certos casos uma horrível bancarrota. O imposto territorial não desaparecia portanto inteiramente, Rabourdin conservava uma parte dele, quando menos para um ponto de partida em caso de guerra; mas evidentemente as produções do solo tornavam-se livres, e a indústria, encontrando as matérias-primas a baixo preço, podia lutar contra o estrangeiro sem o auxílio enganador das alfândegas. Os ricos administravam os departamentos gratuitamente, tendo como recompensa o pariato sob certas condições. Os magistrados, as corporações científicas, os oficiais inferiores viam seus serviços honrosamente recompensados. Não havia funcionário que não obtivesse uma imensa consideração, merecida pela extensão dos seus trabalhos e pela importância de seus ordenados; cada um deles pensava em seu futuro e a França não tinha mais sobre o corpo o câncer das pensões. Em consequência, Rabourdin chegava a setecentos milhões de despesa somente, e a mil e duzentos milhões de receita. É claro que um reembolso de quinhentos milhões anuais seria então agitado com um pouco mais de força do que a magra amortização, cujo vício ficava demonstrado. Aí, na opinião dele, o Estado se tornava ainda capitalista, como teimava de resto em possuir e fabricar. Enfim, para executar sua reforma sem abalos e para evitar uma São Bartolomeu^[18] de funcionários, Rabourdin pedia um prazo de vinte anos.

Tais eram as ideias amadurecidas por aquele homem, desde o dia em que seu posto foi dado ao sr. de la Billardiére, homem incapaz. Esse plano, tão vasto na aparência, tão simples na realidade, que suprimia tantos grandes estados-maiores e tantos pequenos postos igualmente inúteis, exigia cálculos contínuos, estatísticas exatas, provas evidentes. Rabourdin estudara o orçamento, durante muito tempo, por sua dupla face, a das Receitas e Meios, e a das Despesas. Por isso passara em claro muitas noites sem que sua mulher soubesse. Entretanto, não bastava ter ousado conceber esse plano e o ter sobreposto ao cadáver administrativo, era preciso ainda dirigir-se a um ministro capaz de apreciá-lo. O êxito de Rabourdin dependia pois da tranquilidade de uma política ainda agitada. Ele não considerou o governo como definitivamente estável senão no momento em que trezentos deputados tiveram a coragem de formar uma maioria compacta, sistematicamente ministerial. Depois que Rabourdin deu por concluído seu trabalho, estabeleceu-se uma administração firmada nessa base. Nessa época, o luxo da paz devida aos Bourbon fazia esquecer o luxo guerreiro do tempo em que a França brilhava como um vasto acampamento, pródigo e magnífico, porque era vitorioso. Depois da sua campanha na Espanha, parecia que o ministério deveria entrar numa dessas carreiras pacíficas em que o bem pode realizar-se, e havia três meses um novo reinado se iniciara sem experimentar nenhum embaraço, porquanto o liberalismo

da Esquerda saudara Carlos x com tanto entusiasmo como a Direita. Era coisa de enganar mesmo aos mais atilados. O momento pareceu pois propício a Rabourdin. Não era um penhor de duração para uma administração o propor e realizar uma reforma cujos resultados eram tão grandes?

Nunca, portanto, esse homem se mostrou tão preocupado e pensativo como de manhã ao ir pelas ruas para o ministério, e à tarde, às quatro horas e meia, quando de lá voltava.

Por sua vez, a sra. Rabourdin, desolada por sua vida frustrada, aborrecida de trabalhar em segredo para conseguir prazeres no bem trajar-se, nunca se mostrara tão azedamente descontente, mas, como esposa dedicada ao marido, considerava como indignos de uma mulher superior os vergonhosos ardis pelos quais certas senhoras de funcionários supriam a insuficiência dos ordenados. Esse motivo fê-la recusar quaisquer relações com a sra. Colleville, então ligada a Francisco Keller,^[19] e cujos saraus eclipsavam amiúde o brilho dos da Rue Duphot. Tomando a imobilidade do pensador político e a preocupação do trabalhador intrépido como sendo o abatimento apático do funcionário dominado pelo tédio das repartições, vencido pela mais detestável de todas as misérias, por uma mediocridade que permite viver, Celestina gemeu por ver-se casada com um homem sem energia. Por isso, nessa época, resolveu fazer por ela mesma a fortuna do marido, guindando-o a qualquer preço à esfera superior, e ocultar-lhe as molas que poria em jogo. Trazia nas suas concepções aquela independência de ideias que a distinguia, e se comprouve em erguer-se acima das mulheres, não lhes atendendo aos mesquinhos preconceitos, fazendo caso omissso das peias que a sociedade lhes impõe. Na sua impetuosidade, a si mesma prometeu vencer os tolos com as próprias armas deles, e mesmo enganar-se a si própria se tal fosse preciso. Viu, enfim, as coisas do alto. A ocasião era favorável: o sr. de la Billardièrre, vítima de uma doença mortal, ia sucumbir dentro de poucos dias. Se Rabourdin o substituísse, seus méritos, pois Celestina concedia-lhe méritos administrativos, seriam tão bem apreciados que o posto de referendário, que em outros tempos lhe fora prometido, ser-lhe-ia dado; ela o via comissário do rei, defendendo, nas Câmaras, projetos de lei: então ela o auxiliaria! Tornar-se-ia, se fosse preciso, sua secretária; passaria noites em claro. Tudo isso para ir ao Bois de Boulogne numa linda caleça, para ombrear com a sra. Delfina de Nucingen, para elevar seu salão ao nível do da sra. de Colleville, a fim de ser convidada para as grandes solenidades ministeriais, para adquirir ouvintes, para fazer dizerem dela “A sra. Rabourdin *de alguma coisa*” (não sabia ainda qual seria sua propriedade rural), como se dizia sra. Firmiani, sra. d’Espard, sra. d’Aiglemont, sra. de Carigliano;^[20] enfim, sobretudo para apagar o odioso nome de Rabourdin.

Essas secretas concepções determinaram algumas transformações no interior do lar. A sra. Roubourdin enveredou com passo firme na estrada da *dívida*. Tomou novamente a seu serviço um criado, fê-lo usar uma libré insignificante, pano escuro debruado de vermelho. Renovou algumas peças da mobília, tapizou seu apartamento, enfeitou-o com flores frequentemente mudadas, encheu-o de futilidades que estavam então na moda; depois ela, que antes tinha alguns escrúpulos quanto às suas despesas, não hesitou mais em pôr seu guarda-roupa em harmonia com a condição a que aspirava, e sobre cujos lucros sacou antecipadamente em algumas lojas onde fez suas provisões para a guerra. Para pôr em moda suas quartas-feiras, deu regularmente um jantar nas sextas-feiras, sendo os convidados obrigados a fazer uma visita na quarta-feira seguinte para tomar uma taça de chá. Escolheu habilmente seus convivas entre os deputados influentes, entre as pessoas que, de perto ou de longe, podiam servir aos seus interesses. Finalmente, cercou-se de uma roda muito conveniente. Os convivas divertiam-se muito em casa dela; ou pelo menos era o que se dizia, o que basta em Paris para atrair a sociedade. Roubourdin estava tão profundamente entretido em terminar seu grave e grande trabalho que não notou esse recrudescimento de luxo em sua casa.

Desse modo, mulher e marido assediavam a mesma cidadela, operando em linhas paralelas, sem que um soubesse das atividades do outro.

II — O SR. DES LUPEAULX

Florescia então no ministério, no cargo de secretário-geral, um certo sr. Clemente Chardin des Lupeaulx, uma dessas personagens que a torrente dos acontecimentos políticos põe em evidência durante alguns anos, aos quais arrasta num dia de tormenta, e que se tornam a encontrar na margem, não sei a que distância, atirados como a carcaça de uma embarcação, mas que ainda parecem ser alguma coisa. O viajante a si mesmo pergunta se aquele destroço não transportou mercadorias preciosas, se não serviu em grandes circunstâncias, se não cooperou em alguma resistência, se não suportou o veludo de um trono ou se não transportou o cadáver de uma realza. Naquele momento, Clemente des Lupeaulx (o Lupeaulx absorvia o Chardin) atingia o apogeu. Nas mais ilustres, como nas mais obscuras existências, não haverá para o animal, como para os secretários-gerais, um zênite e um nadir, um período em que o pelo é magnífico, em que a fortuna irradia em todo o seu brilho? Na nomenclatura criada pelos fabulistas, Des Lupeaulx pertencia ao gênero dos Bertrand e não se ocupava senão em achar Raton,^[21] e, como foi um dos principais atores do drama, merece uma descrição tanto mais extensa, por ter a Revolução de Julho

suprimido esse posto, eminentemente útil para ministros constitucionais.

Os moralistas empregam ordinariamente sua veia sobre as abominações transcendentais. Para eles os crimes estão no tribunal criminal ou na Polícia Correccional, mas as finuras sociais escapam-lhes; a habilidade que triunfa sob as armas do Código está acima ou abaixo deles, não têm nem lentes nem óculos de alcance; necessitam de horrores graúdos bem visíveis. Sempre ocupados com as feras carnívoras, eles se despreocupam dos répteis, e, felizmente para os poetas cômicos, eles lhe deixam os matizes que colore o Chardin des Lupeaulx. Egoísta e fútil, flexível e orgulhoso, libertino e guloso, ávido por causa de suas dívidas, discreto como um túmulo de onde nada sai para desmentir a inscrição destinada ao passante, intrépido e sem temor quando solicitava, amável e espirituoso em toda a acepção do termo, zombeteiro a propósito, cheio de tato, sabendo comprometer uma pessoa por uma carícia, como por uma cotovelada, não recuando ante a largura de nenhum regato e saltando graciosamente, voltairiano descarado e indo à missa em Saint-Thomas-d'Aquin, quando lá se achava reunida uma bela assistência, esse secretário-geral parecia-se com todas as mediocridades que formam o núcleo do mundo político. Sábio com a ciência dos outros, ele adotara a posição de ouvinte, e não havia então ninguém mais atento. Por isso, a fim de não despertar suspeitas, era bajulador a ponto de causar náuseas, insinuante como um perfume e carinhoso como uma mulher. Ia completar quarenta anos. Sua mocidade o desesperara durante muito tempo, porque sentia que os alicerces de sua carreira política dependiam da deputação. Como subira? Perguntarão. Por um meio bem simples: Bonneau^[22] político, Des Lupeaulx encarregava-se das missões delicadas que não podem ser entregues nem a um homem que se respeita nem a um homem que não se respeita, mas que se confiam a criaturas ao mesmo tempo sérias e apócrifas, a quem se pode aprovar ou desaprovar à vontade. Seu estado era o de estar sempre comprometido; ele, entretanto, ia para diante tanto pela derrota como pelo êxito. Tinha compreendido que sob a Restauração, tempo de transações contínuas entre os homens, entre as coisas, entre os fatos consumados e os que se acumulavam no horizonte, o poder necessitaria de uma faxineira. Quando numa casa introduz-se uma velha que sabe como se arruma ou se desarruma uma cama, para onde se varre o cisco, onde se lança e de onde se tira a roupa suja, onde se guarda a baixela de prata, como se amansa um credor, quais as pessoas que devem ser recebidas e quais as que devem ser postas no olho da rua, tenha embora vícios essa criatura, seja mesmo suja, cambaia ou desdentada, jogue na loteria e faça paradas de trinta soldos, os patrões gostam dela por hábito, mantêm conciliábulos na sua presença nas mais críticas circunstâncias: ela ali se

acha, lembra os recursos e fareja os mistérios, traz oportunamente o pote de carmim e o xale, deixa que a repreendam, deixa-se empurrar escadas abaixo, e no dia seguinte, ao despertar, apresenta alegremente um ótimo caldo. Por maior que seja um homem de Estado, necessita de uma dona de casa com quem possa ser fraco, indeciso, brigão com seu próprio destino, interrogar-se, responder a si próprio e atrever-se à luta. Não é isso como o pau mole dos selvagens, que, atritado contra o pau duro, dá fogo? Muitos gênios acendem-se assim. Napoleão casava-se assim com Berthier,^[23] e Richelieu com o padre Joseph.^[24] Des Lupeaulx casava-se com todos. Conservava-se amigo dos ministros decaídos, constituindo-se seu intermediário junto aos que chegavam, incensando assim a última lisonja e perfumando o primeiro cumprimento. Compreendia, de resto, admiravelmente, as pequenas coisas nas quais um homem de Estado não tem tempo de pensar: compreendia uma necessidade, obedecia bem; reerguia sua baixeza gracejando antes de todos sobre ela, a fim de pôr em relevo todo o seu valor, e escolhia sempre para os serviços que ia prestar aquele de quem a gente não se esqueceria. Desse modo, quando foi preciso saltar o fosso que separava o Império da Restauração, quando todos procuravam uma tábua para atravessá-lo, no momento em que os cuscos do Império se atiravam num devotamento de palavras, Des Lupeaulx passava a fronteira depois de ter tomado de empréstimo fortes quantias a usurários. Jogando tudo por tudo, ele resgatou na Alemanha as dívidas mais reclamadas do rei Luís XVIII, e por esse meio liquidou, ele em primeiro lugar, cerca de três milhões, a vinte por cento;^[25] pois teve a sorte de operar a cavaleiro sobre os anos 1814 e 1815. Os benefícios foram devorados pelos srs. Gobseck, Werbrust e Gigonnet, prestamistas da empresa;^[26] Des Lupeaulx tinha lhes prometido o negócio, ele não pagava apenas uma parada e sim toda a banca, sabendo perfeitamente que Luís XVIII não era homem que esquecesse aquela limpeza. Des Lupeaulx foi nomeado referendário, cavaleiro de São Luís e oficial da Legião de Honra. Uma vez empoleirado, o homem hábil buscou os meios de se manter no seu poleiro; porque, na praça forte onde se introduzira, os generais não conservam muito tempo as bocas inúteis. Por isso, ao seu ofício de ama de chaves e de alcoviteiro, acrescentou a consulta gratuita nas doenças secretas do poder. Depois de ter reconhecido nas pretensas superioridades da Restauração uma profunda inferioridade relativa aos acontecimentos que as dominavam, ele se lhes impusera à mediocridade política levando-lhes, vendendo-lhes, no meio de uma crise, a palavra de ordem que as pessoas de talento ouvem no futuro. Não creiam que isso viesse dele mesmo, pois que a não ser assim Des Lupeaulx teria sido um homem de gênio, e ele era apenas um homem inteligente. Esse Bertrand ia por toda a parte, sondava as consciências e apreendia os sons que elas emitiam. Colhia a ciência como uma

verdadeira e incansável abelha política. Esse dicionário vivo de Bayle não fazia como o famoso Dicionário,^[27] não apresentava todas as opiniões sem concluir, tinha o talento da mosca e caía direito sobre a carne mais saborosa, no meio da cozinha. Por isso passava por um homem de Estado indispensável; e essa crença se enraizara de tal forma nos espíritos que os ambiciosos que triunfavam achavam necessário comprometer Des Lupeaulx a fim de impedi-lo de subir mais alto; como compensação davam-lhe um crédito secreto pela sua pouca importância pública. Entretanto, sentindo-se apoiado por todos, esse pescador de ideias exigira constantes garantias. Remunerado pelo estado-maior na Guarda Nacional, onde tinha uma sinecura paga pela cidade de Paris, comissário do governo, numa sociedade anônima, tinha ainda uma inspeção na Casa do Rei. Seus dois cargos oficiais inscritos no orçamento eram os de secretário-geral e de referendário. Por enquanto, queria ser comendador da Legião de Honra, gentil-homem da Câmara, conde e deputado. Para ser deputado, era preciso pagar mil francos de impostos, e o miserável ninho dos Des Lupeaulx valia somente quinhentos francos de renda. Onde buscar o dinheiro para naquele ninho construir um castelo, cercá-lo de várias fazendas respeitáveis, a fim de lá atirar areia nos olhos de toda uma circunscrição? Embora jantasse todos os dias fora, embora, fazia nove anos, sua habitação corresse por conta do Estado, embora circulasse em carruagens do ministério, Des Lupeaulx não possuía no momento em que esta Cena se inicia senão trinta mil francos de dívidas francas e líquidas sobre as quais ninguém opunha contestação. Um casamento podia pôr a nado esse ambicioso, esvaziando seu barco cheio de águas da dívida; mas o bom casamento dependia de sua ascensão, e para sua ascensão necessitava ser deputado. Na busca de meios para romper esse círculo vicioso, ele via somente a possibilidade de um serviço imenso a prestar, ou algum bom negócio a combinar. Infelizmente, porém, as conspirações estavam gastas, e, na aparência, os Bourbon tinham vencido os partidos. Finalmente, por desgraça, havia alguns anos, o governo se fazia tão às claras pelas impertinentes discussões da Esquerda, a qual se esforçava em tornar impossível todo e qualquer governo em França, que não mais se podiam fazer negociatas: as últimas tinham sido realizadas na Espanha, e como se tinha gritado! Ademais, Des Lupeaulx multiplicou as dificuldades por acreditar na amizade do seu ministro, ao qual teve a imprudência de manifestar o desejo de sentar-se nos bancos ministeriais. Os ministros perceberam de onde vinha tal desejo: Des Lupeaulx queria consolidar uma situação precária e não ficar mais sob a dependência deles. O lebreiro revoltava-se contra o caçador; os ministros deram-lhe ora algumas chicotadas, ora o acariciaram, suscitaram-lhe rivais; Des Lupeaulx, porém, procedeu para com eles como uma hábil cortesã o faria com recém-

chegadas: armou-lhes laços nos quais eles caíram prontamente, e os castigou. Quanto mais ameaçado se sentia, mais desejava conquistar um posto inamovível; mas tinha de jogar com firmeza! Num instante podia perder tudo, uma penada derrubaria suas dragonas de coronel civil, sua inspeção, sua sinecura na sociedade anônima, seus dois postos com suas vantagens: no total, seis ordenados conservados sob o forro da lei sobre acumulações. Muitas vezes ameaçava o seu ministro como uma cortesã ameaça seu amante, dizia-se a ponto de desposar uma viúva rica: o ministro afagava então o querido Des Lupeaulx. Numa dessas reconciliações, recebeu a promessa formal de um lugar na Academia das Inscrições e Belas Letras, logo que se desse a primeira vaga. Era, dizia ele, a sopa no mel. Na sua posição admirável, Clemente Chardin des Lupeaulx era como uma árvore plantada num terreno favorável. Podia satisfazer seus vícios, suas fantasias, suas virtudes e seus defeitos.

Eis aqui os trabalhos da sua vida: entre cinco e seis convites diários, ele tinha de escolher a casa onde encontraria o melhor jantar. Cedo ia fazer o ministro e sua esposa rirem, na refeição da manhã acariciava as crianças e brincava com elas. Depois trabalhava uma ou duas horas, isto é, acomodava-se numa boa poltrona para ler os jornais, ditar a orientação de uma carta, receber quando o ministro não estava, explicar em grosso o trabalho, recolher ou distribuir algumas gotas de água benta da Corte, dar uma olhada, de monóculo, em petições, ou as apostilar com uma assinatura que queria dizer: *Pouco se me dá, faça como quiser!* Todos sabiam que, quando Des Lupeaulx se interessava por alguém ou por alguma coisa, tratava pessoalmente do caso. Permitia aos funcionários de alta categoria algumas palestras íntimas sobre os assuntos delicados, e ouvia-lhes o diz-que-diz-que. De quando em quando, ia ao Castelo receber a palavra de ordem. Afinal, esperava o ministro, quanto este voltava da Câmara nos dias de sessão, a fim de saber se era preciso inventar e dirigir alguma manobra. O ministerial sibarita vestia-se, jantava e visitava doze ou quinze salões das oito às três da madrugada. Na Ópera, conversava com os jornalistas, pois estava com eles nas melhores relações deste mundo; havia entre eles uma contínua troca de pequenos serviços, impingia-lhes seus boatos e engolia os deles; impedia-os de atacar tal ou tal ministro sobre tal ou tal assunto, pois, dizia ele, aquilo causaria um verdadeiro pesar às esposas ou amantes dos titulares.

— Digam que o projeto de lei não vale nada, e provem-no, se puderem; mas não digam que Marieta^[28] dançou mal. Caluniem nossa afeição pelos nossos próximos de saias, mas não revelem nossas pândegas de rapazes. Com os demônios! Todos nós temos feito nossas farsas, e não sabemos o que nos pode acontecer nos tempos que correm. Você será talvez ministro, sim, você que hoje salga as várias do

Em compensação, quando havia oportunidade, ele prestava serviço aos redatores, afastava todos os obstáculos para a representação de uma peça, dava a propósito gratificações ou um bom jantar, prometia facilitar a conclusão de um negócio. De resto, gostava de literatura e protegia as artes; tinha autógrafos, magníficos álbuns grátis, esboços, quadros. Fazia muitos benefícios aos artistas, não os prejudicando, amparando-os em certas ocasiões nas quais o amor-próprio deles exigia uma satisfação pouco dispendiosa. Por isso tudo, era ele muito querido por toda a gente dos bastidores, pelos jornalistas e pelos artistas. Antes de mais nada, todos eles tinham os mesmos vícios e a mesma preguiça; ademais, troçavam tão bem de tudo entre dois aperitivos ou entre duas dançarinas! Como não serem amigos? Se Des Lupeaulx não tivesse sido secretário-geral, teria sido jornalista. Por isso, na luta dos quinze anos em que o malho do epigrama abriu a brecha por onde passou a insurreição, jamais Des Lupeaulx recebeu o mínimo golpe.

Ao ver aquele homem jogando bolinha no jardim do ministério com os filhos de Sua Senhoria, a arraia-miúda do funcionalismo quebrava a cabeça para adivinhar o segredo da sua influência e a natureza de seu trabalho, ao passo que os graúdos de todos os ministérios consideravam-no como o mais perigoso Mefistófeles, adoravam-no e retribuía-lhe com usura as lisonjas que ele esparramava na esfera superior. Indecifrável como um enigma hieroglífico para os pequenos, a utilidade do secretário-geral era, para os interessados, clara como uma regra de três.

Encarregado de selecionar os conselhos, as ideias, de fazer relatórios verbais, esse pequeno príncipe de Wagram^[30] do Napoleão ministerial conhecia todos os segredos da política parlamentar, arregimentava os indecisos, levava, trazia e enterrava as propostas, dizia os *não* ou os *sim* que o ministro não ousava pronunciar. Afeito a receber os primeiros fogos e os primeiros golpes do desespero ou da cólera, ele se lamentava ou ria com o ministro. Anel misterioso pelo qual muitos interesses se ligavam ao Castelo, e discreto como um confessor, ora ele sabia tudo, ou não sabia nada; depois, dizia do ministro o que o ministro não podia dizer de si próprio. Enfim, com esse Hefestião político,^[31] o ministro ousava ser ele mesmo; tirar a peruca e a dentadura, pôr de lado os escrúpulos e calçar os chinelos, desabotoar suas tratantices e descalçar a consciência. De resto, nem tudo eram rosas para Des Lupeaulx: ele lisonjeava e aconselhava o ministro, forçado a lisonjear para aconselhar, a aconselhar lisonjeando, a disfarçar a lisonja sob o conselho. Por isto, quase todos os homens políticos que fizeram esse ofício apresentaram um rosto bastante deslavado. O hábito constante de fazer sempre um movimento de cabeça afirmativo para aprovar o que é dito ou para fingir aprovação

comunica-lhes à cabeça qualquer coisa de estranho. Eles aprovavam indiferentemente tudo o que se dizia diante deles. Sua linguagem era cheia de *mas*, de *entretanto*, de *não obstante*, de *eu faria*, *eu no seu lugar* (diziam com frequência *no seu lugar*), frases essas que, todas elas, preparam a contradição.

No físico, Clemente des Lupeaulx era o remanescente de um homem bonito: estatura de cinco pés e quatro polegadas, toleravelmente bem nutrido, tez avermelhada pela boa mesa; um ar gasto, uma cabeleira à Tito^[32] empoada, pequenos óculos finos; mais ou menos louro, cor indicada por uma mão rechonchuda como a de uma velha dama, um tanto quadrada demais, de unhas curtas, uma mão de sátrapa. O pé não carecia de distinção. Depois das cinco horas, Des Lupeaulx estava sempre de meias de seda rendilhadas, de sapatos, calças pretas, colete de casimira, lenço de linho sem perfume, corrente de ouro, casaca azul com botões cinzelados e seu pregador de condecorações. Pela manhã, botas rangentes, por baixo de calças cinzentas, e a pequena sobrecasaca curta e justa dos intrigantes. Seu vestuário assemelhava-se então muito mais ao de um procurador matreiro do que à indumentária de um ministro. Seus olhos, brilhantes pelo uso de óculos, tornavam-no mais feio do que realmente era, quando por desgraça ele os tirava. Para os juízes hábeis, para as pessoas retas que só se sentem à vontade com o verdadeiro, Des Lupeaulx era insuportável. Seus modos graciosos beiravam a mentira, seus protestos amáveis, suas velhas gentilezas, sempre novas para os imbecis, deixavam ver sobejamente suas costuras. Todo homem perspicaz via nele uma tábua apodrecida sobre a qual devia evitar-se pôr os pés.

Assim que a bela sra. Rabourdin se dignou ocupar-se com a carreira administrativa do marido, ela adivinhou Clemente des Lupeaulx e estudou-o para saber se naquela tabuinha havia algumas fibras lenhosas bastante sólidas para com presteza passar por ela da Seção à Divisão, de oito a doze mil francos. A mulher superior acreditou poder embair aquele astuto político. O sr. des Lupeaulx foi pois um pouco o causador das despesas extraordinárias feitas e que continuavam a se fazer na casa de Rabourdin.

A Rue Duphot, construída no tempo do Império, é notável por algumas casas de exterior elegante e cujos apartamentos foram geralmente bem distribuídos. O da sra. Rabourdin tinha excelentes divisões, vantagem que em muito contribui para a nobreza da vida interior. Uma bonita antecâmara bastante vasta, recebendo luz do pátio, ia ter a um grande salão cujas janelas davam para a rua. À direita desse salão estavam o gabinete e o quarto de Rabourdin, em cujo ângulo se achava a sala de jantar na qual se entrava pela antecâmara; à esquerda, o quarto de dormir da senhora e o seu quarto de vestir, ao lado do qual estava o pequeno apartamento da filha. Nos dias de

recepção, a porta do gabinete de Rabourdin e a do quarto da esposa ficavam abertas. O espaço permitia receber uma concorrência escolhida sem cair no ridículo que pesa sobre certas recepções burguesas, nas quais o luxo se improvisa à custa dos hábitos cotidianos e parece assim ser uma exceção. O salão acabava de ser novamente tapizado de seda amarela com desenhos de cor castanha. O quarto da senhora era forrado de fazenda *persa verdadeira* e mobiliado no gênero *rococó*. O gabinete de Rabourdin herdou os forros do antigo salão desmantelado, e foi ornado com belos quadros deixados por Leprince. A filha do leiloeiro utilizou na sua sala de jantar encantadores painéis turcos, uma boa pechincha que o pai fizera, emoldurando-os em velho ébano, de um preço que se tornara exorbitante. Admiráveis aparadores de Boule,^[33] igualmente comprados pelo falecido leiloeiro, mobiliaram a peça, no meio da qual cintilavam os arabescos de cobre incrustados no primeiro relógio de pedestal que reapareceu para repor em moda as obras-primas do século XVII. Flores perfumavam esse apartamento de muito bom gosto e cheio de belas coisas, onde cada detalhe era uma obra de arte bem colocada e bem acompanhada, onde a sra. Rabourdin, trajando com a simplicidade original que os artistas descobrem, apresentava-se como uma mulher habituada a esses gozos, deles não falava, deixando às graciosidades de seu espírito completarem o efeito produzido sobre seus hóspedes por tal conjunto. Graças ao pai, assim que o *rococó* ficou na moda, Celestina fez com que se ocupassem dela.

Por mais habituado que estivesse com as falsas e com as reais magnificências de todos os níveis sociais, Des Lupeaulx ficou surpreendido em casa da sra. Rabourdin. A sedução que se apoderou daquele Asmodeu^[34] parisiense pode explicar-se por uma comparação. Imaginem um viajante cansado pelos mil aspectos tão ricos da Itália, do Brasil, das Índias, que regressa à pátria e encontra em seu caminho um delicioso pequeno lago, como o lago de Orta, no sopé do Monte Rosa; uma ilha bem ancorada em águas calmas, garrida e simples, ingênua e entretanto bem paramentada, solitária e bem acompanhada; elegantes maciços de árvores, estátuas de belo efeito. Em torno, margens ao mesmo tempo selvagens e cultivadas; no exterior o grandioso e seus tumultos, no interior proporções humanas. O mundo que o viajante visitou torna a ser encontrado em ponto pequeno, modesto e puro; sua alma repousada convida-o a permanecer ali, porque um encantamento poético e melodioso o envolve com todas as harmonias e desperta-lhe todas as ideias. É ao mesmo tempo um refúgio bucólico e a vida!

Alguns dias antes, a bela sra. Firmiani,^[35] uma das mais encantadoras damas do Faubourg Saint-Germain, que apreciava e recebia a sra. de Rabourdin, dissera a Des Lupeaulx, convidado expressamente para ouvir esta frase: “Por que não vai à casa dessa senhora?”. E mostrara Celestina. “Ela tem saraus deliciosos, e

sobretudo janta-se lá... melhor do que em minha casa.” Des Lupeaulx deixara-se arrancar uma promessa pela bela sra. Rabourdin, a qual, por primeira vez, erguera os olhos para ele ao falar. E fora à Rue Duphot; não é isso dizer tudo? A mulher não tem mais do que um ardil, mas esse é infalível, exclama Fígaro. Ao jantar em casa daquele simples chefe de seção, Des Lupeaulx a si mesmo prometeu ir lá jantar algumas vezes. Graças às artimanhas decentes e comedidas da encantadora senhora a quem sua rival, a sra. Colleville, cognominou de *a Celimène*^[36] da Rue Duphot, ele jantava lá todas as sextas-feiras, fazia um mês, e voltava espontaneamente para tomar uma taça de chá na quarta-feira. Havia alguns dias, depois de perspicazes investigações, a sra. Rabourdin julgava ter achado naquela prancha ministerial um lugar onde pudesse pôr uma vez o pé. Não tinha mais dúvidas quanto ao êxito. Sua alegria íntima não pode ser compreendida senão nessas casas de funcionários onde, durante três ou quatro anos a fio, se calculou o bem-estar resultante de uma nomeação esperada, acariciada, afagada. Quantos sofrimentos acalmados! Quantos votos dirigidos a divindades ministeriais! Quantas visitas interessadas! Enfim, graças à sua ousadia, a sra. Rabourdin ouvia soar a hora em que iria ter vinte mil francos por ano em vez de oito mil.

“E terei procedido bem”, a si mesma dizia. “Fiz algumas despesas; mas não vivemos numa época em que se vão procurar os méritos que se ocultam, ao passo que, pondo-se em evidência, permanecendo na sociedade, cultivando suas relações e fazendo novas, um homem triunfa. Afinal de contas, os ministros e seus amigos interessam-se somente pelas pessoas a quem frequentam, e Rabourdin não suspeita o que é a sociedade! Se eu não tivesse enleado aqueles três deputados, eles talvez tivessem querido o posto de La Billardière; ao passo que, recebidos em minha casa, ficaram com vergonha, e se tornaram nossos apoios em lugar de serem nossos rivais. Mostrei-me um pouco coquete, mas estou bem satisfeita por ver que as primeiras bobices com que divertimos os homens tenham bastado...”

No dia em que começou realmente uma luta inesperada a propósito daquele posto, depois do jantar ministerial que precedia uma dessas recepções que os ministros consideram como públicas, Des Lupeaulx achava-se junto à lareira perto da mulher do ministro. Ao tomar sua xícara de café, aconteceu-lhe citar mais uma vez a sra. Rabourdin entre as sete ou oito mulheres verdadeiramente superiores de Paris. Por várias vezes, ele já pusera a sra. Rabourdin na berlinda como o cabo Trim^[37] costumava fazer com seu boné.

— Não o diga tantas vezes, caro amigo, pois poderia prejudicá-la — disse-lhe a mulher do ministro com um meio sorriso.

Nenhuma mulher gosta de ouvir que façam em sua presença o elogio de outra mulher; todas, nessas condições, reservam-se a palavra,

a fim de avinagrar o louvor.

— Esse pobre La Billardièrre está em vésperas de morrer — disse Sua Excelência —, sua sucessão administrativa cabe a Rabourdin, que é um dos nossos mais hábeis funcionários, e com o qual nossos predecessores não se portaram bem, conquanto um deles devesse sua chefatura de polícia, no Império, a certa personagem paga para interessar-se por Rabourdin. Francamente, caro amigo, você é ainda bastante moço para ser amado por você mesmo...

— Se o posto de La Billardièrre está garantido para Rabourdin, posso ser acreditado quando gabo a superioridade da mulher dele — replicou Des Lupeaulx ao sentir a ironia do ministro —; mas se a senhora condessa quer julgar por si mesma...

— Eu a convidei para o meu primeiro baile, não é isso? Sua mulher superior chegaria quando já estivessem aqui essas damas que vêm para zombar de nós, e ouviram anunciar a *sra. Rabourdin*.

— Mas não anunciam a *sra. Firmiani* em casa do ministro dos Negócios Estrangeiros?

— Uma mulher que nasceu Cadignan!^[38] — disse vivamente o novel conde, dirigindo um olhar fulminante ao seu secretário-geral, porque nem ele nem a mulher eram nobres.

Muitas pessoas acreditaram que se estava tratando de negócios de importância; os solicitantes ficaram no fundo do salão. Quando Des Lupeaulx saiu, a novel condessa disse ao marido:

— Creio que Des Lupeaulx está apaixonado!

— Seria então a primeira vez na vida dele! — respondeu o ministro dando de ombros, como para dizer à esposa que Des Lupeaulx não se ocupava com futilidades.

O ministro viu entrar um deputado do centro-direita e deixou a mulher para ir acariciar aquele voto indeciso. Mas, sob o golpe de um desastre imprevisto que o acabrunhava, aquele deputado queria assegurar-se uma proteção e vinha comunicar em segredo que dentro de poucos dias seria obrigado a apresentar sua demissão. Assim prevenido, o ministro podia fazer funcionar suas baterias antes da oposição.

O ministro, isto é, Des Lupeaulx, tinha convidado para jantar uma personagem inamovível em todos os ministérios, bastante atrapalhada com sua pessoa e que, desejando assumir uma atitude digna, permanecia plantada nas duas pernas unidas, ao modo de uma mísula egípcia. Esse funcionário esperava, junto à lareira, o momento de agradecer ao secretário-geral, cuja retirada brusca e imprevista o surpreendera no momento em que ia forjar um cumprimento. Era pura e simplesmente o tesoureiro do ministério, o único funcionário que nunca tremia por ocasião de uma mudança.

Nesse tempo a Câmara não remexia com mesquinhez o orçamento

como no tempo lamentável em que vivemos, não reduzia ignobilmente os emolumentos ministeriais, não fazia o que em estilo de cozinha se denomina economia de cotos de vela, atribuía a cada ministro que assumia o cargo uma ajuda de custo chamada de *transferência*. Infelizmente, custa tanto para entrar no ministério quanto para dele sair, e a chegada acarreta despesas de toda espécie que é pouco conveniente inventariar. Essa ajuda de custo consistia em vinte e cinco lindos pequenos mil francos. Logo que o decreto aparecia no *Moniteur*,^[39] enquanto grandes e pequenos, agrupados em torno das estufas ou diante das lareiras, sacudidos nos seus lugares pela tormenta, diziam uns aos outros: “Que irá fazer esse? Irá aumentar o número de funcionários? Irá ele despedir dois para dar ingresso a três?”. O tranquilo caixa pegava vinte e cinco belas notas de mil francos, prendia-as com um alfinete e gravava no seu semblante de suíço de catedral uma expressão alegre. Metia-se pela escada dos apartamentos e fazia-se introduzir nos aposentos de Sua Excelência, quando este se levantava, pelas pessoas de serviço, que todas elas confundem, num único e mesmo poder, o dinheiro e o guardião do dinheiro, o continente e o conteúdo, a ideia e a forma. O caixa pegava o casal ministerial na aurora do encantamento durante a qual um homem de Estado é benévolo e bom príncipe. Ao: *Que quer o senhor?* do ministro, ele respondia com a exibição dos papezinhos, dizendo que se apressava em trazer a Sua Excelência a ajuda de custo de uso; explicava os motivos desse uso à senhora que o ouvia admirada, mas feliz, e que nunca deixava de embolsar uma parte, e muitas vezes o total. Uma transferência é um assunto doméstico. O caixa modelava seu cumprimento e deslizava para Sua Excelência algumas frases: “Se Sua Excelência se dignasse conservar-lhe o lugar, se estava conforme com aquele serviço puramente mecânico, se etc.”. Como um homem que traz vinte e cinco mil francos é sempre um funcionário digno, o caixa não saía sem ouvir sua confirmação no posto do qual ele via os ministros passarem, tornarem a passar e desaparecerem fazia vinte e cinco anos. Depois, punha-se às ordens da senhora, trazia os treze mil francos do mês em tempo oportuno, adiantava-os ou retardava-os de acordo com as ordens e proporcionava-se assim, segundo uma velha expressão monástica, uma voz no capítulo.

Antigo guarda-livros do Tesouro, quando o Tesouro tinha livros guardados em partida dobrada, o sr. Saillard foi indenizado com o posto atual quando se renunciou àquela organização. Era um velhote grande e gordo, muito competente em escrituração e muito fraco nas demais coisas, redondo como um zero, simples como bom-dia, que andava a passos medidos como um elefante e ia do mesmo modo à Place Royale, onde morava no rés do chão de uma velha casa de sua propriedade. Tinha como companheiro de caminho o sr. Isidoro Baudoyer, chefe de

seção na divisão do sr. La Billardière, o qual, colega portanto de Rabourdin, desposara Elizabeth, filha única de Saillard, e tomara naturalmente um apartamento acima do do sogro. Ninguém no ministério tinha dúvidas sobre ser o velho Saillard uma besta, mas ninguém pudera jamais saber até onde ia a burrice dele; ela era por demais compacta para ser interrogada, não tinha som oco, absorvia tudo sem restituir nada. Bixiou (um funcionário do qual dentre em pouco nos ocuparemos) fizera uma caricatura do caixa pondo uma cabeça com peruca acima de um ovo e duas perninhas embaixo, com esta inscrição: “Nascido para pagar e receber sem jamais cometer um erro. Com um pouco menos de sorte, teria sido contínuo do Banco de França; com um pouco mais de ambição, seria dispensado”.

Naquele momento, o ministro olhava para o seu caixa como se olhava uma patera ou a cornija, sem imaginar que o ornamento possa ouvir o que se está dizendo nem compreender um pensamento secreto.

— Faço tanto mais questão de que arranjemos tudo com o prefeito no mais profundo segredo, por ter Des Lupeaulx suas pretensões — dizia o ministro ao deputado demissionário —; a caranguejola dele se acha na sua circunscrição e não queremos saber desse senhor.

— Ele não tem nem mesmo o censo nem a idade^[40] — disse o deputado.

— Sim, mas o senhor sabe o que foi resolvido para Casimir Périer^[41] relativamente à idade. Quanto à posse de bens, Des Lupeaulx possui algo que não vale grande coisa; mas a lei não previu os acréscimos e ele pode adquirir. Ora, as comissões têm a mão larga para os deputados do centro, e nós não nos poderíamos opor ostensivamente à boa vontade que tivessem por esse querido amigo.

— Mas onde iria ele conseguir dinheiro para as aquisições?

— E como Manuel^[42] ficou dono de uma casa em Paris? — exclamou o ministro.

A patera ouvia, mas muito contra vontade. Aquelas vivas interlocuções, embora murmuradas, iam ter aos ouvidos de Saillard por caprichos de acústica ainda mal observados. Querem saber qual o sentimento que se apoderou do velhote ao ouvir aquelas confidências políticas? Um terror cáustico. Ele era desses ingênuos que se desesperam por parecer escutar o que não devem ouvir, de entrar onde não foram chamados, de parecer ousados quando são tímidos, curiosos quando são discretos. O caixa deslizou sobre o tapete de modo a recuar, de forma que o ministro viu-o longe, quando o percebeu. Saillard era um fanático ministerial incapaz da menor indiscrição; se o ministro o tivesse julgado dono do seu segredo, bastar-lhe-ia dizer: Psiu! O caixa aproveitou-se da afluência de cortesãos, alcançou um fiacre de seu bairro alugado por hora por ocasião desses dispendiosos convites, e voltou à Place Royale.

Na hora em que o velho Saillard viajava por Paris, seu genro e sua querida Elizabeth estavam ocupados com o padre Gaudron,^[44] diretor espiritual dos dois, num virtuoso bóston em companhia de alguns vizinhos e de um certo Martinho Falleix,^[45] fundidor de cobre no Faubourg Saint-Antoine, ao qual Saillard emprestara os fundos necessários para criar um rendoso estabelecimento. Esse Falleix, honrado auvernês que chegara com um tacho nas costas, fora rapidamente empregado na casa dos Brézac, grandes desmanchadores de castelos. Perto dos vinte e sete anos, ávido de bem-estar como qualquer outro, Martinho Falleix teve a sorte de ser comanditado pelo sr. Saillard para a exploração de uma descoberta em fundição (título de invenção e medalha de ouro na Exposição de 1825). A sra. Baudoyer, cuja filha única pisava, segundo uma expressão do velho Saillard, na cauda dos seus doze anos, lançara suas vistas sobre Falleix, moço atarracado, moreno, ativo, de probidade sagaz, ao qual estava educando. Segundo suas ideias, essa educação consistia em ensinar o bom auvernês a jogar o bóston, a bem segurar suas cartas, a não deixar ver seu jogo, a ir à casa dela barbeado, com as mãos ensaboadas com sabão comum; a não praguejar, a falar o francês dela, a usar botas em vez de sapatos, camisas de algodão em lugar de camisas de tela de saco, a pentear os cabelos para cima em vez de os trazer alisados. Fazia oito dias que Elizabeth convencera Falleix a retirar das orelhas duas enormes argolas chatas que pareciam dois arcos.

— A senhora abusa, sra. Baudoyer — disse ele ao vê-la feliz por aquele sacrifício —, está tomando excessiva influência sobre mim: a senhora faz-me escovar os dentes, coisa que os abala; dentro em pouco me fará escovar as unhas e frisar os cabelos, e isso não condiz com o meu negócio, onde não são apreciados os janotas.

Elizabeth Baudoyer, *née* Saillard, era uma dessas figuras que se esquivam do pincel por sua própria vulgaridade, e que, não obstante, devem ser esboçadas, porque oferecem uma expressão dessa pequena burguesia parisiense, situada acima dos ricos artesãos e abaixo da alta classe, cujas qualidades são quase vícios, cujos defeitos nada têm de estimável, mas cujos hábitos, embora vulgares, não deixam de ter originalidade. Elizabeth tinha em si qualquer coisa de insignificante que causava pena. Sua estatura, que mal excedia quatro pés, era tão franzina que sua cintura tinha apenas meia vara. Suas feições finas, convergentes para o nariz, davam ao seu rosto uma vaga semelhança com o focinho de uma doninha. Com mais de trinta anos, parecia ter somente dezesseis ou dezessete. Seus olhos de um azul de porcelana, oprimidos por grandes pálpebras unidas na arcada superciliar, tinham pouco brilho. Tudo nela era mesquinho: quer seus cabelos de um louro

que puxava para o branco, quer a fronte chata iluminada por planos onde a luz parecia deter-se, quer a tez cheia de tons cinzentos quase plúmbeos. A parte inferior do rosto, mais triangular do que oval, terminava irregularmente com contornos em geral bastante torturados. Finalmente, a voz oferecia uma série bastante bonita de entonações agrídoces. Elizabeth era bem a pequena-burguesa que aconselha o marido à noite, no travesseiro, sem o menor mérito nas suas virtudes, ambiciosa, sem ideias preconcebidas e somente pelo desenvolvimento do egoísmo doméstico; no campo, desejaria arredondar suas propriedades; na administração, queria subir. Contar a vida de seu pai e de sua mãe, definirá toda a mulher, pintando a infância da moça.

O sr. Saillard desposara a filha de um negociante de móveis, estabelecido sob as arcadas do Mercado. A exiguidade da fortuna de ambos forçara a princípio o sr. e a sra. Saillard a constantes privações. Depois de trinta e três anos de casamento e vinte e nove anos de trabalho na repartição, a fortuna dos Saillard (suas relações os chamavam assim) consistia em sessenta mil francos confiados a Falleix, a casa da Place Royale comprada por quarenta mil francos em 1804 e trinta e seis mil francos de dote dados à filha. Nesse capital, a sucessão da viúva Bidault, mãe da sra. Saillard, representava mais ou menos a quantia de cinquenta mil francos. O ordenado de Saillard tinha sido sempre de quatro mil e quinhentos francos, porque seu cargo era um verdadeiro beco sem saída administrativo que durante muito tempo não tentou ninguém. Esses noventa mil francos, juntados vintém a vintém, provinham pois de economias sórdidas e muito desinteligentemente colocadas. Com efeito, os Saillard não conheciam outro modo de empregar o dinheiro senão o de o levar, por quantias de cinco mil francos, ao seu tabelião, o sr. Sorbier, predecessor de Cardot, e de os emprestar a cinco por cento em primeira hipoteca, com sub-rogação nos direitos da mulher, quando o que tomava emprestado era casado! A sra. Saillard, em 1804, obteve uma agência de papel selado cujo serviço determinou a entrada de uma criada na casa. Nesse momento a propriedade, que valia mais de cem mil francos, dava um rendimento de oito mil. Falleix dava sete por cento dos seus sessenta mil francos, além de uma partilha em partes iguais dos lucros. Assim, pois, os Saillard dispunham de pelo menos dezessete mil francos de renda. Toda a ambição do velhote consistia em receber a cruz quando se aposentasse.

A mocidade de Elizabeth foi um trabalho constante numa família cujos hábitos eram tão penosos e as ideias tão simples. Deliberava-se ali sobre a compra de um chapéu para Saillard, calculava-se quantos anos tinha durado uma casaca, os guarda-chuvas eram pendurados pelo castão por meio de uma argola de cobre. Desde 1804, não se fizera uma reparação que fosse na casa. Os Saillard conservavam seu rés do chão

no estado em que lhes fora entregue pelo proprietário anterior: os painéis entre as janelas estavam desdourados, as pinturas acima das portas mal se viam sob a camada de poeira que o tempo ali depositara. Eles conservavam, naquelas grandes e belas peças de lareiras de mármore esculpido, de tetos dignos dos de Versalhes, os móveis achados em casa da viúva Bidault. Eram poltronas de nogueira desconjuntadas e forradas de tapeçaria, cômodas de pau-rosa, consolos com filetes de cobre e de mármore brancos rachados, uma soberba escrivaninha de Boule, à qual a moda não restituía ainda o valor, enfim, a miscelânea das boas pechinchas feitas pelo negociante das arcadas do Mercado: quadros comprados por causa da beleza das molduras; louça de ordem compósita, isto é, um serviço de sobremesa de magníficos pratos do Japão e o resto de porcelana de todas as fábricas; prataria desaparelhada, velhos cristais, lindas toalhas de mesa, de damasco, leito em forma de túmulo, guarnecido de seda persa e de penas.

No meio de todas essas relíquias, a sra. Saillard vivia numa poltrona de acaju moderno, com os pés sobre uma escalfeta queimada em todos os orifícios, junto a uma lareira cheia de cinzas e sem fogo, sobre a qual se viam um relógio, bronzes antigos, candelabros em forma de flores, mas sem velas, porque ela usava uma palmatória de cobre de onde se erguia uma longa vela canelada por múltiplas moldagens. A sra. Saillard apresentava um semblante no qual, apesar das rugas, patenteavam-se a teimosia e a severidade, a estreiteza das idéias, uma proibidade quadrangular, uma religião sem piedade, uma avareza ingênua e a paz de uma consciência límpida. Em certos quadros flamengos, vêm-se mulheres de burgomestres feitas desse modo pela natureza e bem reproduzidas pelo pincel; elas, porém, têm belos vestidos de veludo ou de fazendas preciosas, ao passo que a sra. Saillard não tinha vestidos, mas esse vestuário antigo denominado, na Touraine e na Picardie, *cottes*, ou mais geralmente em França, *cotillons*, espécie de saias pregueadas atrás e dos lados, postas umas sobre as outras. Sua blusa era apertada num casaquinho, outra moda de outras idades! Ela conservava a touca de borboleta e os sapatos de taco alto. Embora tivesse cinquenta e sete anos, e seus obstinados trabalhos domésticos lhe permitissem, sem favor, repousar, ela tricotava as meias do marido, as dela e as de um tio, como as mulheres do campo tricotam, caminhando, falando, passeando no jardim, indo ver o que se passava na cozinha.

A princípio imposta pela necessidade, a avareza dos Saillard tornara-se um hábito. À volta da repartição, o caixa tirava o casaco, arrumava ele mesmo o belo jardim fechado do lado do pátio por uma grade, e que ele havia reservado para si. Durante muito tempo, Elizabeth fora ao mercado, pela manhã, com a mãe, e as duas eram suficientes para as lides domésticas. A mãe cozinhava admiravelmente

um marreco com nabos; mas, na opinião do velho Saillard, Elizabeth não tinha quem a igualasse em preparar os restos de uma perna de carneiro com cebolas. “Era de comer o tio sem dar por isso.” Assim que Elizabeth soube segurar uma agulha, a mãe fizera-lhe consertar a roupa da casa e os trajos do pai. Incessantemente ocupada como uma criada, ela nunca saía sozinha. Embora morasse a dois passos do Boulevard du Temple, onde se achavam o Franconi,^[46] o Gaîté, o Ambigu-Comique, e, mais longe, o Porte-Saint-Martin,^[47] Elizabeth nunca tinha ido ao *espetáculo*. Quando ela teve a fantasia de *ver o que aquilo era*, com a licença do sr. Gaudron, é claro, o sr. Baudoyer, por magnificência e a fim de mostrar-lhe o mais belo de todos os espetáculos, levou-a à Ópera, onde estavam representando, então, *Le laboureur chinois*.^[48] Elizabeth achou a comédia aborrecida como as moscas e não quis mais voltar. No domingo, depois de ter caminhado quatro vezes da Place Royale à igreja de São Paulo, pois sua mãe fazia-a praticar estritamente os preceitos e os deveres da religião, seu pai e sua mãe levavam-na à frente do Café Turc,^[49] onde se sentavam em cadeiras colocadas, então, entre uma estacada e o muro. Os Saillard apressavam-se para ser os primeiros a chegar, a fim de se colocarem no bom lugar, e divertiam-se vendo as pessoas passarem. Nessa época, o Jardin Turc foi o ponto de reunião dos elegantes e das elegantes do Marais, do Faubourg Saint-Antoine e lugares circunvizinhos. Elizabeth nunca usara senão vestidos de chita no verão, e de merinó no inverno, feitos por ela mesma; sua mãe não lhe dava senão vinte francos por mês para seus gastos; o pai, porém, que muito lhe queria, temperava esse rigor com alguns presentes. Ela nunca lera o que o padre Gaudron, vigário de São Paulo e conselheiro da família, chamava de livros profanos. Esse regime dera seus frutos. Obrigada a empregar seus sentimentos numa paixão qualquer, Elizabeth tornou-se ávida por dinheiro, embora não lhe faltassem bom-senso nem perspicácia; mas as ideias religiosas e sua ignorância tendo envolvido suas qualidades num círculo de ferro, estas não se exerceram senão nas coisas mais vulgares da vida; ademais, disseminadas sobre poucos pontos, elas convergiam todas inteiramente para o caso em questão. Reprimido pela devoção, seu espírito natural teve de expandir-se entre os limites estabelecidos pelos casos de consciência, que são um depósito de sutilezas onde o interesse escolhe suas escapatórias. Semelhante a esses santos personagens nos quais a religião não sufocou a ambição, ela era capaz de pedir ao próximo atos censuráveis para deles recolher todo o fruto; num momento dado, ela teria sido, como eles, implacável para o que lhe era devido, dissimulada quanto aos meios. Ofendida, ela observaria seus adversários com a pérfida paciência dos gatos e se proporcionaria alguma vingança fria e completa que faria correr por conta de Deus. Até o casamento de Elizabeth, os Saillard não tiveram outra companhia além da do padre

Gaudron, sacerdote auvernês, nomeado vigário de São Paulo por ocasião da restauração do culto católico. A esse eclesiástico, amigo da finada sra. Bidault, juntava-se o tio paterno da sra. Saillard, velho negociante de papel, retirado dos negócios desde o ano 11 da República, então com sessenta e nove anos, e que os vinha ver somente aos domingos, porque nesse dia não se fazem negócios.

Esse velhote, cujo rosto de coloração esverdeada, quase todo tomado por um nariz rubicundo como o de um ébrio, e furado por dois olhos de abutre, deixava seus cabelos grisalhos flutuarem sob um tricórnio, vestia calções cujas presilhas ultrapassavam desmedidamente as fivelas, meias de algodão multicolor tricotadas pela sobrinha, a quem ele sempre chamava de *a pequena Saillard*, sapatos grossos com fivelas de prata e uma sobrecasaca de variadas cores. Assemelhava-se muito a esses pequenos sacristães-bedéis-sineiros-suíços-coveiros-cantores de aldeia, que se julga serem fantasias de caricaturista até vê-los funcionar. Nessa época, ele ainda chegava a pé para jantar e voltava da mesma forma para a Rue Grenétat, onde residia num terceiro andar. Seu ofício consistia em descontar valores de comércio no Faubourg Saint-Martin, onde era conhecido pelo apelido de Gigonnet, por causa do movimento febril e convulsivo com que levantava a perna.^[50] O sr. Bidault começara a descontar desde o ano 11, com um holandês, o sr. Werbrust, amigo de Gobseck.

Mais tarde, no banco da sacristia de São Paulo, Saillard travou relações com o sr. e a sra. Transon, ricos negociantes de louça, estabelecidos na Rue de Lesdiguières, os quais se interessaram por Elizabeth e, na intenção de casá-la, introduziram o jovem Isidoro Baudoyer na casa dos Saillard. A ligação do sr. e da sra. Baudoyer com os Saillard estreitou-se pela aprovação de Gigonnet, o qual, durante muito tempo, empregara nos seus negócios um sr. Mitral,^[51] oficial de justiça, irmão da sra. Baudoyer, a mãe, o qual nessa época desejava retirar-se para uma linda casa, em L'Isle-Adam. O sr. e a sra. Baudoyer, pais de Isidoro, honrados curtidores de peles finas, da Rue Censier, tinham feito, lentamente, uma fortuna medíocre num comércio rotineiro. Depois de terem casado o filho único, ao qual deram cinquenta mil francos, pensaram em ir viver no campo, e escolheram a região de L'Isle-Adam, para onde atraíram Mitral; mas vinham com frequência a Paris, onde conservavam uma morada eventual na casa da Rue Censier, que fora dada como dote a Isidoro. Os Baudoyer dispunham ainda de mil escudos de renda, depois de terem dotado o filho.

Mitral, homem de peruca sinistra, com o rosto da cor do Sena e no qual luziam dois olhos cor de tabaco de Espanha, frio como uma corda de poço, e com cheiro de rato, guardava segredo sobre sua fortuna; mas devia operar no seu canto, como Gigonnet operava no Faubourg Saint-Martin.

Se o círculo dessa família se estendeu, outro tanto não aconteceu com suas ideias e hábitos, que não mudaram. Festejavam o santo onomástico do pai, da mãe, do genro, da filha e da neta, o aniversário dos nascimentos e dos casamentos, a Páscoa, o Natal, o primeiro do ano e o dia de Reis. Essas festas determinavam grandes varreduras e uma limpeza universal na casa, o que juntava o útil às doçuras dessas cerimônias domésticas. Depois, com grande pompa e acompanhamento de ramos de flores, ofereciam uns aos outros presentes úteis: um par de meias de seda ou um boné de pelo para Saillard, brincos de ouro, um prato de prata para Elizabeth ou para o marido, ao qual por esse modo se constituía um serviço de louça rasa, vasquinhas de seda para a sra. Saillard, a qual as guardava intatas. A propósito do presente, sentavam o beneficiado numa poltrona dizendo-lhe umas quantas vezes:

— Adivinha o que te vamos dar?

Finalmente iniciava-se um jantar esplêndido que durava cinco horas, para o qual convidavam o padre Gaudron, Falleix, Rabourdin, o sr. Godard, antigo subchefe do sr. Baudoyer, o sr. Bataille, capitão da companhia a que pertenciam genro e sogro. O sr. Cardot,^[52] convidado nato, fazia como Rabourdin, aceitava um convite de cada seis. À sobremesa cantavam, abraçavam-se com entusiasmo, almejando uns aos outros todas as felicidades possíveis, e expunham os presentes, pedindo a opinião de cada um dos convidados. No dia do boné de pelo, Saillard o conservara na cabeça durante a sobremesa, com grande satisfação de todos. À noite, vinham os simples conhecidos e havia baile. Muito tempo dançavam ao som de um único violino; mas, havia seis anos, o sr. Godard, grande tocador de flauta, contribuía para a festa com a adição de um estridente flautim. A cozinheira e a criada de dentro da sra. Baudoyer, a velha Catarina, criada da sra. Saillard, o porteiro ou sua mulher abriam alas na porta do salão. Os criados recebiam um escudo de três francos para comprar, para eles, vinho e café. Essa assembleia considerava Baudoyer e Saillard como homens transcendentais: eram funcionários do governo, tinham ascendido pelo seu próprio mérito; trabalhavam, dizia-se, com o ministro, deviam sua carreira aos seus talentos, eram homens políticos; Baudoyer, porém, passava por ser o mais competente, seu posto de chefe de seção subentendia trabalhos muito mais complicados, mais árduos do que a gerência de uma caixa. Além disso, embora filho de um curtidor de peles da Rue Censier, Isidoro tivera a ideia genial de estudar, a audácia de renunciar ao estabelecimento do pai para atirar-se às repartições, onde alcançara um posto eminente. Finalmente, como era pouco comunicativo, consideravam-no como um pensador profundo, e, possivelmente, diziam os Transon, chegaria a ser deputado pela oitava circunscrição. Ao ouvir essas afirmativas, acontecia muitas vezes a

Gigonnet apertar os lábios, já de si tão apertados, e dirigir um olhar de relance para sua sobrinha Elizabeth.

No físico, Isidoro era um homem de trinta e sete anos, alto e volumoso, que transpirava facilmente, e cuja cabeça se assemelhava à de um hidrocéfalo. Essa enorme cabeça, coberta de cabelos castanhos, cortados à escovinha, prendia-se ao pescoço por um rolo de carne que caía por sobre a gola do casaco. Tinha braços de Hércules, mãos dignas de Domiciano, um ventre que graças à sua sobriedade se conservava nos limites do majestoso, segundo a expressão de Brillat-Savarin.^[53] Seu rosto tinha muito do rosto do imperador Alexandre. O tipo tártaro transparecia-lhe nos olhos pequenos, no nariz achatado e arrebicado na ponta, na boca de lábios frios e no queixo curto. A testa era baixa e estreita. Embora de temperamento linfático, o devoto Isidoro cultivava uma excessiva paixão conjugal que o tempo não alterava. Apesar da sua aparência com o belo imperador da Rússia e o terrível Domiciano, Isidoro era simplesmente um burocrata, de pouca capacidade como chefe de repartição, mas rotineiramente formado para o trabalho, e ocultando uma flácida nulidade sob um envoltório tão espesso que nenhum escalpelo podia pô-la a nu. Seus estudos obstinados, durante os quais ostentou a paciência e a calma de um boi, sua cabeça quadrada, enganaram seus pais, que viram nele um homem extraordinário. Meticuloso e pedante, palrador e implicante, pavor de seus subalternos, aos quais fazia contínuas observações, exigindo os pontos e as vírgulas, cumprindo rigorosamente os regulamentos e mostrando-se tão terrivelmente exato que ninguém na sua repartição deixava de chegar antes dele. Baudoyer vestia uma casaca azul-clara com botões amarelos, um colete de camurça, calças cinzentas e uma gravata de cor. Tinha pés grandes, mal calçados. A corrente do relógio era enfeitada com um molho enorme de berloques entre os quais conservava, em 1824, os grãos da América segundo a moda do ano VII.

No seio dessa família, que se mantinha pela força dos laços religiosos, pelo rigor dos seus costumes, por um pensamento único, o da avareza, que se torna então como uma bússola, Elizabeth era obrigada a falar consigo mesma, em vez de comunicar suas ideias, porquanto se sentia sem iguais que a compreendessem. Embora os fatos a tivessem constrangido a julgar o marido, a devota mantinha como podia a opinião favorável ao sr. Baudoyer; tributava-lhe um profundo respeito, honrando nele o pai da sua filha, seu marido, o poder temporal, dizia o vigário de São Paulo. Por isso consideraria ela um pecado mortal fazer um único gesto, dirigir uma única mirada, dizer uma palavra que fosse, que pudesse revelar a um estranho sua verdadeira opinião sobre o imbecil Baudoyer; chegava a professar uma obediência passiva para com todas as vontades dele. Todos os rumores da vida vinham ter aos seus ouvidos, ela os recolhia, comparava-os no

seu íntimo, e julgava de um modo tão são as coisas e os homens que, no momento em que se inicia esta história, ela era o oráculo secreto dos dois funcionários, os quais insensivelmente tinham chegado ao ponto de nada fazer sem a consultar. O velho Saillard ingenuamente dizia: “Que finória, esta Elizabeth!”. Baudoyer, porém, demasiado tolo para não se sentir inchado com a falsa reputação de que gozava no Faubourg Saint-Antoine, negava o espírito da esposa, embora tirando proveito dele. Elizabeth compreendera que seu tio Bidault, por antonomásia Gigonnet, devia ser rico e manejava quantias enormes. Esclarecida pelo interesse, ela conhecia o sr. des Lupeaulx melhor do que o próprio ministro. Vendo-se casada com um imbecil, ela bem via que a vida teria podido decorrer de outro modo para ela, mas imaginava o melhor sem querer conhecê-lo. Todas as suas ternas afeições encontravam alimento no seu amor pela filha, à qual poupava as fadigas que suportara na sua infância, e por essa forma se julgava quite para com o mundo dos sentimentos. Exclusivamente por causa da filha, ela decidira o pai ao ato exorbitante da associação dele com Falleix. Este fora apresentado em casa dos Saillard pelo velho Bidault, o qual lhe emprestava dinheiro sob penhor de mercadorias. Falleix achava *seu velho contrerrâneo* demasiado caro, queixara-se candidamente, na presença dos Saillard, de Gigonnet cobrar dezoito por cento a um auvernês. A velha sra. Saillard tivera a coragem de censurar o tio.

— É justamente por ser ele auvernês que lhe cobro somente dezoito por cento! — respondeu Gigonnet.

Falleix, com vinte e oito anos de idade, tendo feito uma descoberta e tendo-a comunicado a Saillard, parecia ter o coração na mão (expressão do vocabulário Saillard), e parecia destinado a fazer uma grande fortuna; Elizabeth imaginou logo *cozinhá-lo a fogo brando*, para a filha, e formar o genro ela mesma, calculando assim com sete anos de antecipação. Martinho Falleix tributou incrível respeito à sra. Baudoyer, em quem reconheceu um espírito superior. Viesse embora a ter mais tarde milhões, pertenceria sempre àquela casa, na qual encontrava uma família. A pequena Baudoyer já era industriada a trazer-lhe gentilmente bebidas e a guardar-lhe o chapéu.

No momento em que o sr. Saillard voltou do ministério, o bóston estava em pleno andamento. Elizabeth aconselhava Falleix. A sra. Saillard fazia ponto de lâ no canto do fogo olhando o jogo do vigário de São Paulo. O sr. Baudoyer, imóvel como um poste, empregava sua inteligência em calcular onde estariam as cartas e defrontava Mitral, que viera de L’Isle-Adam para as festas do Natal. Ninguém se movimentou com a chegada do caixa, o qual caminhou durante alguns instantes no salão, mostrando sua vasta face contraída por uma meditação insólita.

— Ele fica sempre assim quando janta em casa do ministro; coisa

que felizmente só acontece duas vezes por ano — disse a sra. Saillard —, pois do contrário me exterminariam o homem. Saillard não foi feito para estar no governo. Ora esta! Saillard — disse-lhe ela em voz alta —, quero crer que não vais ficar aqui com teu calção de seda e tua casaca de pano de Elbeuf. Vai despir tudo isso, não o gastes aqui por nada, minha mãe!

— Teu pai tem qualquer coisa — disse Baudoyer à esposa, quando o caixa entrou em seu quarto para despir-se, sem estar aceso o fogo.

— Talvez tenha morrido o sr. de la Billardière — disse Elizabeth simplesmente —; e como ele deseja que tu o substituas, isso o está preocupando.

— Se lhes posso ser útil em qualquer coisa — disse o vigário de São Paulo inclinando-se —, estou às ordens; tenho a honra de ser conhecido da senhora esposa do delfim. Estamos numa época em que é preciso dar os cargos às pessoas devotadas e cujos princípios religiosos sejam inabaláveis.

— Hom'essa! — disse Falleix. — É então preciso proteção para as pessoas de mérito triunfarem nas suas carreiras? Andei bem acertado em me fazer fundidor, os clientes sabem desencavar as coisas bem fabricadas...

— Senhor — respondeu Baudoyer —, o governo é o governo, nunca o ataque aqui.

— Efetivamente — disse o vigário —, o senhor está falando como o *Constitutionnel*.

— O *Constitutionnel* não diz outra coisa — acrescentou Baudoyer, que não o lia nunca.

O caixa julgava o genro tão superior em talento a Rabourdin, quanto julgava Deus acima de São Crispim; mas era ingenuamente que ele desejava aquela promoção. Movido pelo sentimento que leva todos os funcionários a desejar subir de posto, paixão violenta, irrefletida, brutal, ele queria o êxito, como queria a cruz da Legião de Honra, sem nada fazer contra a sua consciência, e pela força única do mérito. Na opinião dele, um homem que teve a paciência de estar sentado durante vinte e cinco anos numa repartição por trás de uma grade, matara-se pela pátria e bem merecera a cruz. Para servir o genro, ele não inventara mais nada do que sussurrar uma frase à esposa de Sua Excelência, ao levar-lhe o ordenado do mês.

— E então, Saillard, estás com cara de quem perdeu a parentela toda? Fala-nos de uma vez, meu filho! Dize-nos ao menos alguma coisa! — gritou-lhe a mulher quando ele voltou.

Saillard girou nos calcanhares, depois de fazer um sinal à filha para dispensar-se de falar em política diante de estranhos. Depois que o sr. Mitral e o vigário se retiraram, Saillard afastou a mesa, sentou-se numa poltrona e tomou a atitude que costumava tomar quando tinha um

mexerico da repartição a contar, movimento semelhante às três batidas dadas no teatro da Comédie-Française. Depois de ter recomendado à mulher, à filha e ao genro o mais profundo segredo, porque, por mais insignificante que fosse o mexerico, os lugares deles, na sua opinião, dependiam sempre de sua descrição, contou-lhes o incompreensível enigma da demissão de um deputado, do desejo bem legítimo do secretário-geral de ser eleito para aquele lugar, da oposição secreta do ministro aos anseios de um dos seus mais firmes sustentáculos, de um seu zeloso servidor; depois o caso da idade e do censo. Foi uma avalanche de suposições mergulhadas nos raciocínios dos dois funcionários, os quais se revidavam, um ao outro, carroçadas de besteiras. Quanto a Elizabeth, essa fez três perguntas:

— Se o sr. des Lupeaulx estiver do nosso lado, o sr. Baudoyer será nomeado com certeza?

— *Ora essa, é claro!* — exclamou o caixa.

“Em 1814, meu tio Bidault e o sr. Gobseck, seu amigo, lhe prestaram serviço”, pensou ela. “Ele ainda tem dívidas?”

— Sim — disse o caixa, apoiando com um sibilo lamentável e prolongado do s. — Houve consignações sobre o ordenado, mas foram suprimidas por ordem superior, um mandado à vista.

— Em que lugar está situada a propriedade dos Des Lupeaulx?

— *Ora essa!* Na terra de teu avô, de teu tio-avô Bidault e de Falleix, perto da circunscrição do deputado que está arrumando as malas...

Quando o colosso do marido se deitou, Elizabeth inclinou-se sobre ele, e embora Baudoyer tivesse classificado as perguntas dela de *maluquices*:

— Meu amigo — disse ela —, é possível que tenhas o lugar do sr. de la Billardière.

— Aí vens tu com as tuas fantasias! — disse Baudoyer. — Deixa o sr. Gaudron falar com a Delfina, e não te metas nos assuntos da repartição.

Às onze horas, no momento em que tudo estava em paz na Place Royale, o sr. des Lupeaulx saía da Ópera para ir à Rue Duphot. Essa quarta-feira foi uma das mais brilhantes da sra. Roubourdin. Várias das suas habituais visitas vieram do teatro e aumentavam os grupos formados nos seus salões, onde se notavam várias celebridades: o poeta Canalis, o pintor Schinner, o dr. Bianchon, Luciano de Rubempré, Otávio de Camps, o conde de Granville, o visconde de Fontaine, o vaudevillista Du Bruel, o jornalista Andoche Finot, Derville, uma das mais pujantes mentalidades do Palácio da Justiça, o conde du Châtelet, deputado, o banqueiro Du Tillet, rapazinhos elegantes como Paulo de Manerville e o jovem visconde de Portenduère.^[54] Quando o secretário-geral entrou, Celestina estava servindo o chá. O traje sentava-lhe muito bem nessa noite: trazia um vestido de veludo preto sem ornamentos, uma *écharpe* de gaze negra, os cabelos bem alisados, realçados por uma

trança circular, e de cada lado cachos caídos à inglesa. O que caracterizava essa mulher era a displicência italiana do artista, uma fácil compreensão de tudo e a graça com que atendia às manifestações dos menores desejos de seus amigos. A natureza dera-lhe um busto delgado que lhe permitia virar-se à primeira palavra de uma pergunta, olhos negros rasgados à oriental, e inclinados como os das chinesas, para verem de lado; sabia ondular sua voz insinuante e doce de modo a derramar uma sedução acariciadora em qualquer palavra, mesmo nas proferidas ao acaso; tinha desses pés que só se veem nos retratos, nos quais os pintores mentem à vontade ao lisonjear seus modelos, única lisonja que não compromete a anatomia. Sua tez, um pouco amarelada à claridade do dia, como costuma ser a das morenas, despidia um vivo brilho às luzes, que também faziam luzir seus cabelos e seus olhos negros. Enfim, suas formas delicadas e bem desenhadas lembravam ao artista as da Vênus da Idade Média achada por Jean Goujon,^[55] o ilustre estatuário de Diana de Poitiers.

Des Lupeaulx deteve-se na porta encostando o ombro no alizar. Esse espião das ideias não se recusou o prazer de espionar um sentimento, porque aquela mulher interessava-o muito mais do que qualquer outra a que se houvesse ligado. Des Lupeaulx estava chegando à idade na qual os homens têm pretensões excessivas junto às mulheres. Os primeiros cabelos brancos trazem consigo as últimas paixões, as mais violentas, por estarem a cavaleiro de uma potência que se vai e de uma fraqueza que se inicia. Quarenta anos é a idade das loucuras, a idade em que o homem quer ser amado por ele mesmo, porque então seu amor não se sustenta por si próprio, como nos primeiros tempos da vida, em que se pode ser feliz amando-se a torto e a direito, ao modo de Querubim.^[56]

Aos quarenta anos quer-se tudo, tal o medo que se tem de nada obter, ao passo que aos vinte e cinco anos tem-se tanta coisa que não se sabe o que querer. Aos vinte e cinco anos marcha-se com tanta energia que esta é dissipada impunemente; mas aos quarenta anos, confunde-se o abuso com a potência. Os pensamentos que naquele momento se apoderaram de Des Lupeaulx foram sem dúvida melancólicos. Os nervos daquele velho janota se distenderam, o sorriso agradável, que lhe servia de fisionomia e lhe formava como que uma máscara ao contrair seu rosto, dissipou-se, surgiu o homem verdadeiro, ficou horrível; Rabourdin viu-o e a si mesmo disse: “Que lhe terá acontecido? Estará ele em desfavor?”.

O secretário-geral lembrava-se apenas de ter sido muito prontamente abandonado outrora pela linda sra. Colleville, cujas intenções tinham sido exatamente as de Celestina. Rabourdin surpreendeu aquele falso homem de Estado com os olhos fixos em sua esposa, e registrou aquele olhar na sua memória.

Rabourdin era um observador por demais perspicaz para não

conhecer Des Lupeaulx a fundo, desprezava-o profundamente; mas, como acontece com os homens muito ocupados, seus sentimentos não chegavam à superfície. O arrebatamento que nos causa um trabalho de nosso gosto equivale à mais hábil dissimulação, as opiniões de Rabourdin eram pois letra morta para Des Lupeaulx. O chefe de repartição viu com pesar aquele *parvenu* político em sua casa, mas não tinha querido contrariar Celestina. Naquele momento, estava conversando confidencialmente com um extranumerário que devia representar um papel na intriga engendrada pela certeza da morte de La Billardiére; dirigiu pois um olhar muito distraído para Celestina e Des Lupeaulx.

Aqui será talvez conveniente explicar, tanto para os estrangeiros como para os nossos vindouros, o que é em Paris um extranumerário.

O extranumerário é para a administração o que o coroinha é para a igreja, o que o pequeno da tropa é para o regimento, o que o figurante é para o teatro: qualquer coisa de ingênuo, de cândido, um ser cegado pelas ilusões. Sem ilusão, onde iríamos parar? Ela nos dá a força precisa para comer o *pão que o diabo amassou* das artes, para devorar os começos da toda a ciência, dando-nos a crença. A ilusão é uma fé desmedida! Ora, o extranumerário tem fé na administração! Ele não a supõe fria, atroz, dura como ela é. Não há senão duas espécies de extranumerários: os extranumerários ricos e os pobres. O extranumerário pobre é rico de esperanças e tem necessidade de uma colocação; o extranumerário rico é pobre de espírito e não precisa de nada. Uma família rica não é suficientemente tola para colocar um homem de espírito na administração. O extranumerário rico é confiado a um funcionário superior, ou senão colocado junto ao diretor-geral, que o inicia naquilo a que Bilboquet,^[57] esse profundo filósofo, denominaria a alta comédia da administração: suavizam-lhe os horrores do estágio até ele ser nomeado para algum posto. O extranumerário rico não assusta nunca as repartições. Os funcionários sabem que ele não os ameaça, porque o extranumerário rico visa somente aos altos postos da administração. Por essa época muitas famílias diziam: “Que faremos de nossos filhos?”. O Exército não oferecia mais probabilidades de carreira. As carreiras especiais, a engenharia civil, a Marinha, as minas, a engenharia militar, o magistério estavam fechados por regulamentos ou defendidos por concursos; ao passo que o movimento rotatório que metamorfoseia os funcionários em prefeitos, subprefeitos, diretores das contribuições, coletores etc. em tipos de lanterna mágica não se acha submetido a nenhuma lei, a nenhum estágio. Por essa lacuna, desembocaram os extranumerários de cabriolé, de belos casacos, de bigodes, todos impertinentes como *parvenus*. A imprensa perseguia bastante o extranumerário rico, sempre primo, sobrinho, parente de algum

ministro, de algum deputado, de um par muito influente; os funcionários, porém, cúmplices desse extranumerário, buscavam-lhe a proteção. O extranumerário pobre, o verdadeiro, o único extranumerário, é quase sempre filho de alguma viúva de funcionário que vive com uma magra pensão e se mata para alimentar o filho até que ele chegue ao posto de expedicionário, e morre deixando-o junto ao bastão de marechal, algum lugar de amanuense, de escriturário ou talvez de subchefe. Habitando sempre um bairro no qual os aluguéis não são caros, esse extranumerário sai cedo; para ele, o estado do céu é a única questão do Oriente! Andar a pé, não se enlamear, poupar a roupa, calcular o tempo que um forte aguaceiro lhe possa fazer perder no caso de se ver forçado a abrigar-se, quantas preocupações! As calçadas das ruas, a pavimentação dos bulevares e dos cais foram, para ele, benefícios. Quando por causas estranhas se está nas ruas de Paris entre sete horas e meia e oito da manhã, no inverno, e se vê, com um frio picante, ou debaixo de chuva, ou com um tempo mau qualquer, surgir um rapaz tímido e pálido, sem charuto, preste-se atenção a seus bolsos!... Neles se verá a configuração de uma bisnaga que lhe deu a mãe, a fim de que ele possa, sem perigo para o estômago, atravessar as nove horas que separam o almoço do jantar. De resto, a candura dos extranumerários dura pouco. Um jovem, esclarecido pelos clarões da vida parisiense, não tarda em medir a distância pavorosa que existe entre um subchefe e ele, essa distância que nenhum matemático, fosse ele Arquimedes, Newton, Pascal, Leibnitz, Kepler, Laplace, pôde calcular, e que existe entre o 0 e o algarismo 1, entre uma gratificação problemática e um ordenado! O extranumerário percebe pois muito rapidamente as impossibilidades da carreira, ouve falar das preterições por funcionários que as explicam; descobre as intrigas das repartições, vê os meios excepcionais pelos quais seus superiores subiram: um desposou uma jovem criatura que deu um mau passo; o outro, a filha natural de um ministro; este endossou uma grave responsabilidade; aquele, cheio de talento, arriscou a saúde em trabalhos forçados, tinha uma perseverança de toupeira, e não é sempre que um homem se sente capaz de tais prodígios! Nas repartições tudo se sabe. O homem incapaz tem uma mulher de espírito forte que o empurrou por ali e o fez eleger deputado; se ele não tem talento nas repartições, faz os seus angus na Câmara. Um tal tem como amigo íntimo da esposa um homem de Estado. Um outro é comanditário de um jornalista poderoso. Aí chegado, o extranumerário, desanimado, pede demissão. Os três quartos dos extranumerários abandonam a administração sem ter sido empregados; permanecem somente os jovens teimosos ou os imbecis que a si mesmo dizem “Já estou aqui faz três anos, acabarei tendo um posto!” ou os rapazes que sentem em si a vocação. Evidentemente, o extranumerariado é para a administração o que o noviciado é para as

ordens religiosas: uma experiência. Essa experiência é rude. O Estado, por ela, descobre os que podem suportar a fome, a sede e a indigência sem sucumbir, o trabalho sem se enjoar dele, e cujo temperamento aceitará a horrível existência ou, se quiserem, a doença das repartições. Desse ponto de vista, o extranumerário, longe de ser uma especulação infame do governo para obter trabalho grátis, seria uma instituição benfazeja.

O rapaz com quem Rabourdin estava conversando era um extranumerário pobre, chamado Sebastião de la Roche, o qual viera da Rue du Roi Doré ao Marais, pisando em ovos para que suas botas não recebessem um único salpico. Dizia “mamãe”, e não se atrevia a erguer os olhos para a sra. Rabourdin, cuja casa se lhe afigurava o Louvre. Pouco deixava ver suas luvas, que limpava com goma elástica. Sua pobre mãe pusera-lhe cinco francos no bolso, para o caso em que fosse absolutamente preciso jogar, recomendando-lhe que não perdesse nada, que permanecesse de pé e que prestasse muita atenção para não derrubar alguma lâmpada, alguma bonita ninharia exposta sobre um aparador. Trajava rigorosamente de preto. Sua cabeça loura, seus olhos de bela coloração verde com reflexos dourados, estavam em harmonia com uma linda cabeleira de tons quentes. A pobre criança olhava por vezes a sra. Rabourdin, disfarçadamente, dizendo com seus botões: “Que bela mulher!”. Ao regressar a casa, iria pensar naquela fada até o momento em que o sono lhe fechasse as pálpebras. Rabourdin vira em Sebastião uma vocação, e, como levava o extranumerário a sério, interessara-se vivamente por aquele pobre rapazinho. Além disso, adivinhara a miséria que reinava no lar de uma pobre viúva cuja pensão era de setecentos francos, e cujo filho, recém-saído do colégio, devia ter necessariamente absorvido boa parte das economias feitas. Por tais motivos era ele muito paternal com aquele pobre extranumerário; batia-se frequentemente no Conselho, a fim de obter-lhe uma gratificação, e algumas vezes ele a tirava da própria, quando a discussão se tornava demasiadamente cálida entre os distribuidores de favores a ele. Ademais, cumulava Sebastião de trabalho, estava formando-o; fazia-o ocupar o posto de Du Bruel, o autor teatral, conhecido nos meios literários dramáticos e nos cartazes pelo nome de Cursy, o qual dava cem escudos do seu ordenado a Sebastião. Rabourdin, no espírito da sra. de la Roche e do filho, era ao mesmo tempo um grande homem, um tirano, um anjo; todas as esperanças dos dois estavam nele. Sebastião tinha os olhos sempre postos no momento em que deveria tornar-se funcionário efetivo. Ah! O dia em que são contemplados na folha de pagamento é para os extranumerários um dia de festa! Todos eles manipulam muito tempo o dinheiro de seu primeiro mês, e não o dão todo às suas mães! Vênus sorri sempre a essas primícias da caixa ministerial! Essa esperança para Sebastião só se podia realizar por

intermédio do sr. Rabourdin, seu único protetor; por isso seu devotamento ao chefe não tinha limites. O extranumerário jantava duas vezes por mês na Rue Duphot, mas em família e levado por Rabourdin; a dona da casa nunca o convidava a não ser para os bailes em que necessitava de pares que dançassem. O coração do pobre extranumerário batia com força quando avistava o imponente Des Lupeaulx, levado por um carro ministerial às quatro horas e meia, enquanto ele abria o guarda-chuva na porta do Ministério, a fim de ir para o Marais. O secretário-geral de quem dependia a sorte dele, que com uma palavra podia dar-lhe um posto de mil e duzentos francos (sim, mil e duzentos francos eram toda a ambição de Sebastião; com essa quantia ele e a mãe podiam ser felizes!), pois bem, esse secretário-geral não o conhecia! Quando muito Des Lupeaulx sabia da existência de um Sebastião de la Roche. E se o filho de La Billardière, o extranumerário rico da repartição de Baudoyer, estivesse também na porta, Des Lupeaulx não deixava nunca de saudá-lo com um amistoso sinal de cabeça. O sr. Benjamim de la Billardière era filho do primo de um ministro.

Naquele momento, Rabourdin repreendia aquele pobre Sebastião, o único que estava inteiramente na confiança dos seus imensos trabalhos. O extranumerário copiava e recopiava o famoso memorial composto de cento e cinquenta folhas de papel Tellièr^[58] de grande formato, além dos quadros ilustrativos, os resumos que cabiam numa simples folha, os cálculos com chaves, títulos à inglesa e subtítulos em letras redondas. Animado por sua participação mecânica naquela grande ideia, o rapaz de vinte anos recompunha um quadro com uma simples raspadela, punha toda a sua glória em pintar as letras — elementos de uma tão nobre empresa. Sebastião tinha cometido a imprudência de levar para a repartição o rascunho do trabalho mais perigoso, para terminar a cópia. Era uma relação geral dos funcionários das administrações centrais de todos os ministérios em Paris, com indicações sobre as suas carreiras presente e futura, e sobre as suas atividades pessoais fora do emprego.

Em Paris, todo funcionário que não tem, como Rabourdin, uma ambição patriótica ou alguma capacidade superior, junta os rendimentos de uma indústria aos proventos do seu posto, a fim de poder viver. Faz como o sr. Saillard, interessa-se num comércio fornecendo-lhe os fundos, e à noite faz a escrituração da sociedade. Muitos funcionários são casados com costureiras, vendedoras de tabaco, diretoras de agências de loteria ou de gabinetes de leitura. Alguns, como o marido da sra. Colleville, a antagonista de Celestina, fazem parte da orquestra de um teatro. Outros, como Du Bruel, fabricam *vaudevilles*, óperas-cômicas, melodramas, ou senão dirigem espetáculos. Nesse gênero podem citar-se os srs. Sewrin,^[59] Pixérécourt,

[60] Planard^[61] etc. No seu tempo, Pigault-Lebrun,^[62] Piis,^[63] Duvicquet^[64] eram funcionários. O primeiro editor do sr. Scribe foi funcionário do Tesouro.

Além dessas informações, a exposição feita por Rabourdin continha um exame das capacidades morais e das faculdades físicas necessárias para conhecer bem as pessoas nas quais existisse inteligência, aptidão ao trabalho e saúde, três condições indispensáveis em homens que deviam suportar o fardo dos negócios públicos e tudo fazer depressa e bem. Esse belo trabalho, porém, fruto de dez anos de experiência, de um longo conhecimento dos homens e das coisas, obtido por meio de ligações com os principais funcionários dos vários ministérios, recendia a espionagem e polícia para quem não compreendesse ao que ele estava ligado. Lendo-se somente uma folha, o sr. Rabourdin poderia estar perdido. Admirando o chefe sem restrições, e ignorando ainda a maldade da burocracia, Sebastião tinha os senões da ingenuidade do mesmo modo que dela tinha todas as graças. Por isso, embora já censurado por ter levado aquele trabalho, teve a coragem de confessar inteiramente sua falta: ele guardara rascunho e cópia numa pasta onde ninguém os poderia encontrar; mas, ao perceber a importância de sua falta, encheram-se-lhe os olhos de lágrimas.

— Vamos, senhor — disse-lhe Rabourdin bondosamente —, não cometa mais imprudências, mas não se desespere. Vá cedo amanhã à repartição, aqui está a chave de uma caixa que está na minha secretária de tampa, e fecha por meio de uma fechadura de combinações; você a abrirá escrevendo a palavra *ciel*, e lá guardará o rascunho e a cópia.

Esse rasgo de confiança secou as lágrimas do gentil extranumerário, ao qual o chefe quis obrigar a tomar uma xícara de chá e bolos.

— Mamãe me proíbe de tomar chá por causa do meu peito — disse Sebastião.

— Pois bem, meu caro filho — replicou a imponente sra. Rabourdin, que queria dar uma demonstração pública de bondade —, aqui tem sanduíches e creme, venha cá, perto de mim.

Forçou Sebastião a sentar-se a seu lado, à mesa, e o coração do pobre menino pulsou-lhe na garganta ao sentir o vestido daquela divindade roçar levemente sua casaca. Nesse momento, a bela Rabourdin avistou o sr. des Lupeaulx, sorriu-lhe e, em vez de esperar que ele se dirigisse para ela, foi ao seu encontro.

— Por que motivo fica aí como se estivesse amuado conosco? — disse ela.

— Eu não estava amuado — respondeu ele. — Mas ao vir trazer-lhe uma boa notícia, não me podia impedir de pensar que a senhora ia ser ainda mais severa comigo. Via-me daqui a seis meses quase um estranho para a senhora. Sim, a senhora tem muita inteligência, e eu, experiência de sobra... manha, se quiser! para que nos enganemos um

ao outro. Seu alvo está atingido sem que lhe custe outra coisa além de sorrisos e palavras amáveis...

— Enganarmo-nos! Que quer dizer? — exclamou ela com ar aparentemente picado.

— Sim, o sr. de la Billardièrre está esta tarde pior do que ontem; e, segundo o que me disse o ministro, seu marido será nomeado chefe de divisão.

Contou-lhe o que ele denominava sua cena em casa do ministro, o ciúme da condessa, e o que ela dissera a propósito do convite que ele estava preparando para o sr. Roubourdin.

— Sr. des Lupeaulx — respondeu a sra. Roubourdin com dignidade —, permita-me dizer-lhe que meu marido é o mais antigo chefe de repartição e o de maior competência, que a nomeação desse velho La Billardièrre foi uma maroteira que ecoou na repartição, e que meu marido ocupa interinamente o posto faz um ano, não tendo nós portanto nem concorrente nem rival.

— Isso é verdade.

— Pois bem — replicou ela sorrindo e mostrando os mais belos dentes do mundo —, a amizade que tenho pelo senhor poderá ser maculada por um pensamento interesseiro? Julga-me capaz disso?

Des Lupeaulx fez um gesto de denegação admirativa.

— Ah! — exclamou ela. — O coração das mulheres será sempre um segredo para os mais hábeis de entre os senhores. Sim, eu o vi vir aqui com o maior prazer, e no fundo do meu prazer havia uma ideia interesseira.

— Ah!

— O senhor — disse-lhe ela ao ouvido — tem um futuro ilimitado, será deputado e depois ministro! (Que prazer para um ambicioso ouvir derramar essas palavras nos seus condutos auditivos pela linda voz de uma linda mulher!) Oh! Conheço-o melhor do que o senhor se conhece a si próprio. Roubourdin é um homem que lhe será de uma utilidade imensa na sua carreira, ele fará o trabalho quando o senhor estiver na Câmara! Do mesmo modo que o senhor sonha em ser ministro, eu quero para Roubourdin o Conselho de Estado e uma direção geral. Metime pois na cabeça a ideia de reunir dois homens que nunca se prejudicarão um ao outro e que se poderão ajudar poderosamente. Não é esse o papel de uma mulher? Sendo amigos, os dois marcharão mais depressa, e já é tempo que ambos naveguem! Queimei meus navios^[65] — acrescentou ela sorrindo. — O senhor não é tão franco comigo como eu com o senhor.

— A senhora não me quer ouvir — disse ele com ar melancólico, apesar do contentamento interior e profundo que lhe causava a sra. Roubourdin. — Que me importam suas promoções futuras, se aqui a senhora me destitui?

— Antes de ouvi-lo — disse ela com sua vivacidade parisiense — seria preciso que nos pudéssemos entender.

E deixou o velho fátuo para ir conversar com a sra. de Chessel,^[66] uma condessa da província que se aprestava a partir.

“Essa mulher é extraordinária”, pensou Des Lupeaulx; “perto dela não me reconheço.”

E, efetivamente, esse matreiro que seis anos antes mantinha uma corista, que graças ao seu posto formava um serralho com as mulheres bonitas dos funcionários, que vivia no mundo dos jornalistas e das atrizes, foi encantador durante toda a noite para com Celestina, e o último a se retirar.

“Finalmente”, pensou a sra. Rabourdin, ao despir-se, “temos o posto! Doze mil francos por ano, as gratificações e o rendimento de nossa granja de Grajeaux, tudo isso somado dará vinte e cinco mil francos. Não é a abastança, mas não é mais a miséria.”

Celestina adormeceu pensando em suas dívidas, calculando que em três anos, com uma amortização anual de seis mil francos, poderia saldá-las. Estava muito longe de imaginar que uma mulher que jamais pusera os pés num salão, que uma pequena burguesa gritadora e interesseira, devota e enterrada no Marais, sem apoio nem relações, pensava em conquistar de assalto a praça na qual ela, Celestina, sentava o seu Rabourdin antecipadamente. A sra. Rabourdin teria desprezado a sra. Baudoyer se tivesse sabido ser ela sua adversária, porque ignorava o poder da pequenez, essa força do verme que rói um olmo roendo-lhe a casca em círculo.

Se em literatura fosse possível usar o microscópio dos Leeuwenhoek,^[67] dos Malpighi,^[68] dos Raspail,^[69] coisa que Hoffmann, o berlinês,^[70] tentou, e, se se aumentasse e se desenhasse esses teredos que levaram a Holanda a dois passos da destruição, roendo-lhes as represas, possivelmente ver-se-iam figuras com pouca diferença semelhantes às dos srs. Gigonnet, Mitral, Baudoyer, Saillard, Gaudron, Falleix, Transon, Godard e Cia., teredos que, de resto, mostraram seu poder no trigésimo ano deste século.^[71] Por isso é chegado o momento de mostrar os teredos que ferviam nas repartições onde se preparavam as principais cenas deste Estudo.

SEGUNDA PARTE

AS REPARTIÇÕES

I — ALGUNS FUNCIONÁRIOS VISTOS DE PERFIL

Em Paris, quase todas as repartições se parecem. Seja qual for o ministério por onde se vagueie, a fim de solicitar a mínima reparação de uma injustiça ou o mais insignificante favor, sempre se encontrarão corredores obscuros, passagens pouco iluminadas, portas que têm, como os camarotes dos teatros, uma abertura oval envidraçada que se assemelha a um olho, e pela qual se veem fantasias dignas de Callot,^[72] e sobre os quais existem dísticos incompreensíveis. Quando se acha o objeto desejado, está-se numa primeira peça onde permanece o contínuo, e há uma segunda onde se encontram os empregados inferiores; o gabinete de um subchefe segue-se a esta, à direita ou à esquerda; e finalmente, mais longe ou mais acima, a sala do chefe da repartição. Quanto à personagem imensa denominada chefe de divisão no Império, por vezes diretor na Restauração e tendo voltado a ser agora chefe de divisão, essa habita por cima ou por baixo das suas duas ou três repartições, algumas vezes depois do gabinete de um dos seus chefes. Seu apartamento distingue-se sempre por sua extensão, vantagem muito apreciada nesses singulares alvéolos da colmeia chamada ministério, ou direção geral, se é que existe somente uma direção geral! Hoje quase todos os ministérios absorveram essas administrações outrora separadas. Nessa aglomeração, os diretores-gerais perderam todo o seu luzimento ao perder seus palacetes, seus serviçais, seus salões e sua pequena corte. Quem reconheceria hoje no homem que chega ao Tesouro a pé, subindo a um segundo andar, o diretor-geral das florestas ou das contribuições indiretas, outrora instalado num magnífico palácio da Rue Sainte-Avoye ou da Rue Saint-Augustin, conselheiro, muitas vezes ministro de Estado e par de França? Os srs. Pasquier e Molé,^[73] entre outros, contentaram-se com direções gerais depois de terem sido ministros, pondo assim em prática o dito do duque d'Antin a Luís XIV: "Sire, quando Jesus Cristo morria na sexta-feira, ele bem sabia que voltaria no domingo". Se, ao perder seu luxo, o diretor-geral tivesse ganhado em extensão administrativa, o mal não seria enorme; hoje, porém, essa personagem mal se vê referendária com uns magros vinte mil francos. Como símbolo de seu antigo poder, toleram-lhe um porteiro de calções, meias de seda e casaca à francesa, se todavia o porteiro não foi aposentado ultimamente.

Em estilo administrativo, uma repartição compõe-se de um servente, de vários extranumerários fazendo o trabalho gratuitamente

durante um certo número de anos, de simples copistas, de funcionários para a redação, de oficiais de gabinete de várias categorias, de um subchefe e de um chefe. A divisão, que ordinariamente compreende duas ou três seções, às vezes chega a ter mais. Os títulos denominativos variam segundo as administrações: pode haver um verificador em vez de um oficial de gabinete, um guarda-livros etc.

Ladrilhada como o corredor e forrada de papel barato, a peça onde permanece o contínuo tem como mobília um aquecedor, uma grande mesa preta, penas, tinteiro, algumas vezes uma bica, enfim, banquinhos sem esteiras para as intermináveis esperas do público; o contínuo da repartição, porém, sentado numa boa poltrona, descansa os pés num capacho. A sala dos funcionários é uma peça grande, mais ou menos clara, raramente de parquê. Este e a lareira são especialmente reservados para os chefes de seção e de divisão, bem como os armários, as escrivaninhas e as mesas de acaju, as poltronas de marroquim encarnado ou verde, os divãs, as cortinas de seda e outros objetos de luxo administrativo. A sala dos funcionários tem um aquecedor cujo cano dá para uma chaminé tapada, quando há chaminé. O papel do forro é liso, verde ou pardo. As mesas são de madeira preta. O temperamento dos funcionários manifesta-se pelo modo de se acomodarem. O friorento põe embaixo dos pés uma espécie de caixa de madeira, o homem de temperamento bilioso-sanguíneo tem somente um capacho; o linfático, que teme os ventos encanados, a abertura das portas e outras causas de mudança de temperatura, arruma um biombo com papelão. Há um armário onde cada um põe a roupa de trabalho, as mangas postiças de pano, viseiras, barretes, solidéus gregos e outros utensílios da profissão. A lareira quase sempre está atravancada de garrafas cheias de água, de copos e de restos de almoço. Há lâmpadas em certos locais escuros. A porta do gabinete onde está o subchefe fica aberta, de modo que ele pode vigiar os funcionários, impedi-los de conversar muito ou vir falar-lhes nas grandes circunstâncias. A mobília das repartições indicaria ao observador, se fosse preciso, a qualidade dos que as habitam. As cortinas são brancas ou de fazendas de cor, de algodão ou de seda; as cadeiras são de cerejeira brava ou de acaju, de assento de palha, de marroquim ou de pano; os papéis são mais ou menos novos. Mas, seja qual for a repartição a que pertençam todas essas coisas públicas, assim que elas saem do ministério, nada é mais estranho do que esse amontoado de móveis que viu tantos senhores e tantos regimes, que sofreu tantos desastres.

Por isso, de todas as mudanças em Paris, as mais grotescas são as das repartições. Jamais o gênio de Hoffmann, esse poeta do impossível, inventou coisa mais fantástica.

A gente não se dá conta do que se passa nas carroças. As pastas se abrem deixando uma esteira de pó pelas ruas. As mesas mostram suas

quatro patas para o ar; as poltronas carcomidas, os incríveis utensílios com que se administra a França, têm aspectos apavorantes. É uma coisa que lembra ao mesmo tempo objetos de teatro e máquinas dos saltimbancos. Do mesmo modo que nos obeliscos, veem-se traços de inteligência e sombras de escrita que perturbam a imaginação, como tudo o que se vê sem lhe compreender a finalidade! Enfim, tudo é tão velho, tão estragado, tão desbotado que a mais suja bateria de cozinha é infinitamente mais agradável de ser vista do que os utensílios da cozinha administrativa.

Bastará talvez descrever a divisão do sr. de la Billardièrre para que os estrangeiros e as pessoas que vivem na província tenham ideias exatas sobre os costumes íntimos das repartições, porquanto esses traços principais são sem dúvida comuns a todas as administrações europeias.

Por enquanto, e antes de mais nada, imaginem, segundo a fantasia de cada um, um homem assim rubricado no Anuário:

CHEFE DE DIVISÃO

O sr. barão Flamet de la Billardièrre (Atanásio-João-Francisco-Miguel), antigo grande preboste do departamento da Corrèze, gentil-homem ordinário da Câmara, referendário em serviço extraordinário, presidente do grande colégio do departamento da Dordogne, oficial da Legião de Honra; cavaleiro de São Luís e das ordens estrangeiras de Cristo, de Elizabeth e de São Vladimir etc., membro da Academia de Gers e várias outras sociedades eruditas, vice-presidente da Sociedade de Belas-Letras, membro da Associação de São José e da Sociedade das Prisões, um dos *maires* de Paris etc. etc.

Essa personagem que tomava um tão grande desenvolvimento tipográfico ocupava nesse momento cinco pés e seis polegadas por trinta e seis linhas de largura num leito com a cabeça ornada por um gorro de algodão preso por fitas cor de fogo, visitado pelo ilustre Desplein,^[74] cirurgião do rei, e pelo jovem dr. Bianchon, ladeado por duas velhas parentas, cercado de frascos, panos, remédios e outros instrumentos mortuários, espreitado pelo cura de São Roque que lhe insinuava pensar em sua salvação. Seu filho, Benjamim de la Billardièrre, perguntava todas as manhãs aos dois doutores: “Acham os senhores que terei a felicidade de conservar meu pai?”. Naquela mesma manhã, o herdeiro fizera uma transposição pondo a palavra infelicidade no lugar da palavra felicidade.

Ora, a divisão de La Billardièrre estava situada a setenta e um graus de longitude, sob a latitude das mansardas no oceano ministerial de um magnífico palácio, a nordeste de um pátio onde antigamente estavam as estrebarias, ocupadas, então, pela divisão Clergeot. Um patamar separava as duas repartições, cujas portas estavam rotuladas, ao correr de um comprido corredor iluminado por olhos de boi. Os gabinetes e antecâmaras dos srs. Rouboudin e Baudoyer estavam no andar de baixo,

no segundo. Depois do de Rabourdin viam-se a antecâmara, o salão e os dois gabinetes do sr. de la Billardière.

No primeiro andar, dividido em dois por um entressolo, estavam o apartamento e o gabinete do sr. Ernesto de la Brière,^[75] personagem oculta e poderosa que será descrita em poucas frases, porquanto bem merece ele um parêntese.

Esse rapaz foi, durante todo o tempo que durou o ministério, secretário particular do ministro. Por isso seu apartamento comunicava por uma porta disfarçada com o gabinete real de Sua Excelência, porque, além do gabinete de trabalho, havia um outro, em harmonia com os grandes aposentos onde Sua Excelência recebia, a fim de poder trabalhar, alternativamente e sem testemunhas com seu secretário particular, e conferenciar com grandes personagens sem o secretário. Um secretário particular é para o ministro o que Des Lupeaulx era para o ministério. Entre o jovem La Brière e Des Lupeaulx havia a diferença que existe entre o ajudante de campo e o chefe de estado-maior. Esse aprendiz de ministro safa-se e reaparece ao mesmo tempo que seu protetor. Se o ministro cai com o favor real ou com esperanças parlamentares, leva consigo o secretário para trazê-lo novamente; senão, põe-no a descansar em alguma pastagem administrativa, no Tribunal de Contas, por exemplo, essa hospedaria onde os secretários esperam que se dissipe a tormenta. Esse rapaz não é precisamente um homem de Estado, mas é um homem político, e algumas vezes a política de um homem. Quando se pensa no número infinito de cartas que ele deve abrir e ler, além das suas ocupações, não se torna evidente que, num Estado monárquico, se pagaria bem caro essa utilidade? Uma vítima desse gênero custa, em Paris, de dez a vinte mil francos; mas o rapaz aproveita-se dos camarotes de teatro, dos convites e das carruagens ministeriais. O imperador da Rússia ficaria feliz se tivesse, por cinquenta mil francos anuais, um desses amáveis canichos constitucionais, tão meigos, tão bem encrespados, tão carinhosos, tão dóceis, tão maravilhosamente bem ensinados, bons cães de guarda, e... fiéis! Mas o secretário particular não vem, não se obtém, não se descobre, não se desenvolve senão nas estufas aquecidas de um governo representativo. Na Monarquia tem-se somente cortesãos e servidores; ao passo que com uma Constituição se é servido, lisonjeado, acariciado por homens livres. Os ministros, em França, são pois mais felizes do que as mulheres e do que os reis: tem alguém que os compreende. Dever-se-á talvez lamentar os secretários particulares ao mesmo título que as mulheres e o papel em branco: eles tudo admitem. Como a mulher casta, não devem ter talento senão em segredo, e para os ministros. Se têm talento em público, estão perdidos. Um secretário particular é pois um amigo dado pelo governo. Voltemos às repartições.

Três contínuos viviam em paz na divisão La Billardière, a saber: um

contínuo para os dois gabinetes, um outro comum aos dois chefes e o do diretor da divisão; os três aquecidos e vestidos pelo Estado, trazendo essa libré tão conhecida, azul-ferrete com debruados vermelhos, no uniforme habitual, e para o grande uniforme, largos galões azuis, brancos e encarnados. O de La Billardièrre tinha um uniforme de porteiro. Para lisonjear o amor-próprio do primo de um ministro, o secretário-geral tolerava essa invasão que de resto enobrecia a administração.

Verdadeiros pilares de ministérios, grandes conhecedores dos costumes burocráticos, esses contínuos, sem maiores necessidades, bem aquecidos, vestidos a expensas do Estado, ricos por sua sobriedade, sondavam os funcionários até o âmago; não tinham outro meio de se desentendiar senão observando-os, estudando-lhes as manias; mas também sabiam até que ponto podiam arriscar-se com eles nas *facadas*, fazendo de resto os seus mandaletes com a mais absoluta discrição, indo empenhar ou desempenhar no *prego*, comprando as cautelas, emprestando sem juros; nenhum funcionário, porém, lhes pedia a menor quantia sem restituí-la com uma gratificação — as quantias eram moderadas —, e decorriam daí empréstimos chamados *a prazo curto*. Esses criados sem patrão ganhavam novecentos francos de ordenado; os presentes de boas-festas e as gratificações faziam subir esses emolumentos a mil e duzentos francos, e se achavam ademais em situação de ganhar outro tanto com os funcionários, porquanto o almoço dos que almoçavam passava-lhes pelas mãos. Em certos ministérios era o porteiro quem preparava os almoços. A portaria do Ministério das Finanças valera outrora cerca de quatro mil francos ao volumoso velho Thuillier, cujo filho era funcionário da divisão La Billardièrre. Os contínuos achavam por vezes na palma de suas mãos moedas de cinco francos ali deslizadas por solicitantes apressados e recebidas com singular impassibilidade. Os mais antigos não vestem a libré do Estado senão no ministério, na rua saem à paisana.

O contínuo das repartições, aliás o mais rico dos três, explorava a multidão dos funcionários. Homem de sessenta anos, com cabelos brancos cortados à escovinha, atarracado, de corpo avantajado, pescoço de apoplético, rosto comum e cheio de espinhas, olhos acinzentados, boca de forno, tal é o perfil de Antônio, o mais velho contínuo do ministério. Antônio fizera vir das Echelles na Saboia, e empregara seus dois sobrinhos, Lourenço e Gabriel, um junto aos chefes e o outro com o diretor. Feitos de uma peça, como o tio: trinta a quarenta anos, e fisionomia de carregador, recebedores de contrassenha à noite num teatro real, lugares que obtiveram por influência de La Billardièrre, esses dois saboianos eram casados com hábeis lavadeiras de rendas, que também remendavam xales de cachemira. O tio, solteiro, os sobrinhos e

suas mulheres viviam todos juntos e muito melhor do que a maioria dos subchefes. Gabriel e Lourenço, tendo somente dez anos de posto, não tinham chegado a desprezar o traje do governo; saíam de libré, orgulhosos como autores dramáticos após um êxito pecuniário. O tio, a quem serviam com fanatismo e que se lhes afigurava ser um homem sutil, iniciava-os lentamente nos mistérios da profissão. Os três vinham abrir as repartições, limpavam-nas entre sete e oito horas, liam os jornais ou politicavam a seu modo sobre os negócios da divisão com outros contínuos, trocando entre eles suas respectivas informações. Por isso, como os criados modernos que conhecem perfeitamente os assuntos dos patrões, estavam eles no ministério como aranhas no centro da teia, sentindo ali os mais leves abalos.

Na quinta-feira de manhã, dia seguinte à recepção ministerial e à de Rabourdin, no momento em que o tio estava fazendo a barba, atendido por seus dois sobrinhos que se achavam na antecâmara da divisão, no segundo andar, eles foram surpreendidos pela chegada imprevista de um empregado.

— É o sr. Dutocq — disse Antônio —, reconheço-o pelo seu andar de gatuno. Esse tipo parece estar sempre patinando! Cai em cima da gente sem que se saiba por onde ele veio. Ontem, contra seus hábitos, foi o último a sair do escritório, coisa que não aconteceu três vezes desde que está no ministério.

Trinta e oito anos, rosto oval, de tez biliosa, cabelos grisalhos encarapinhados, sempre cortados à escovinha; testa estreita, sobrancelhas bastas que se juntavam, nariz torcido, lábios delgados, olhos verde-claros que se desviavam do olhar do próximo, estatura elevada, ombro direito levemente mais desenvolvido do que o outro; roupa escura, colete preto, gravata de seda, calças amareladas, meias de lã preta, sapatos atados com fitas; tal era o sr. Dutocq, oficial de gabinete da repartição de Rabourdin. Imprestável e preguiçoso, odiava o chefe. Nada mais natural: Rabourdin não tinha nenhum vício pelo qual fosse possível explorá-lo, nenhum lado ruim que permitisse a Dutocq tornar-se-lhe útil. Nobre demais para prejudicar um funcionário, era também demasiado perspicaz para se deixar ludibriar por um qualquer daquela laia. Dutocq não existia, pois, senão pela generosidade de Rabourdin, e não tinha esperança de qualquer promoção enquanto a divisão fosse dirigida por aquele chefe. Embora sentindo-se sem aptidões para ocupar o posto superior, Dutocq conhecia suficientemente as repartições para saber que a incapacidade não impede de assinar a folha de pagamento; bastar-lhe-ia procurar um Rabourdin entre os seus redatores, porquanto o exemplo de La Billardiére era impressionante e funesto. A maldade, combinada com o interesse pessoal, equivale a muito espírito; muito mau e muito interessado, esse funcionário procurara, pois, consolidar sua posição,

tornando-se o espião das repartições. Desde 1816, revestiu-se de tintas religiosas muito carregadas ao pressentir o favor de que iam gozar as pessoas que, naquele tempo, os tolos designavam, indistintamente, sob o nome de jesuítas. Pertencente à Congregação^[76] sem ser admitido nos seus ministérios, Dutocq ia de uma seção a outra, explorava as consciências contando pilhérias, e vinha parafrasear seus *relatórios* a Des Lupeaulx, a quem ele informava dos mais insignificantes acontecimentos. Graças a isso o secretário-geral maravilhava muitas vezes o ministro por seu profundo conhecimento dos negócios íntimos. Bonneau^[77] em toda a extensão do termo daquele Bonneau político, Dutocq disputava a honra de ser portador das mensagens secretas de Des Lupeaulx, o qual tolerava aquele homem imundo por pensar que o acaso podia tornar-lho útil, quando mais não fosse para tirá-lo de dificuldades, a ele ou a alguma grande personagem, por meio de algum casamento indigno. Um e outro se compreendiam bem. Dutocq contava com essa boa possibilidade, vendo nela uma boa colocação, e permanecia portanto solteiro. Dutocq sucedera ao sr. Poirer, o velho,^[78] o qual se retirara para uma pensão burguesa e fora aposentado em 1814, época em que houve grandes reformas no funcionalismo. Morava num quinto andar, na Rue Saint-Louis-Saint-Honoré, perto do Palais Royal, numa casa de avenida. Apaixonado por coleções de velhas gravuras, ele queria ter tudo de Rembrandt, tudo de Charlet,^[79] de Sylvestre,^[80] de Andran,^[81] de Callot, de Albrecht Dürer etc. Como a maioria dos colecionadores e dos que fazem eles próprios o serviço das suas casas, pretendia comprar as coisas barato. Comia numa pensão da Rue de Beaune e passava as noites no Palais Royal, indo às vezes ao teatro, graças a Du Bruel, que lhe dava por semana uma entrada de autor. Digamos uma palavra sobre Du Bruel.

Conquanto substituído por Sebastião, ao qual ele concedia a magra indenização que sabem, Du Bruel ia entretanto à repartição, unicamente, porém, para julgar-se, para dizer-se subchefe e receber os ordenados. Fazia a crônica dos pequenos teatros no rodapé de um jornal ministerial, onde também escrevia os artigos pedidos pelos ministros: posição conhecida, definida e inatacável. Du Bruel, de resto, não perdia a oportunidade de recorrer aos pequenos ardis diplomáticos que lhe podiam conciliar a boa vontade geral. Oferecia um camarote à sra. Roubourdin em cada primeira representação, ia buscá-la de carro, e levava-a de volta, atenção a que ela se mostrava sensível. Por isso Roubourdin, muito tolerante e muito pouco ranzinza com os seus subalternos, deixava-o ir aos seus ensaios, chegar à hora que quisesse e trabalhar nos seus *vaudevilles*. O sr. duque de Chaulieu sabia estar Du Bruel ocupado num romance que lhe devia ser dedicado. Trajado com a despreocupação do vaudevillista, o subchefe vestia pela manhã uma calça de presilhas, botinas de pano, um colete reformado, uma

sobrecasaca cor de azeitona e uma gravata preta. À noite usava um traje elegante, pois tinha suas pretensões a gentil-homem. Du Bruel morava, e tinha seus motivos para isso, na casa de Florina, uma atriz para a qual escrevia vários papéis. Florina habitava então em casa de Túlia, dançarina mais notável por sua beleza do que por seu talento. Essa vizinhança permitia ao subchefe ver com frequência o duque de Rhétoré,^[82] filho primogênito do duque de Chaulieu, favorito do rei. O duque de Chaulieu conseguira para Du Bruel a cruz da Legião de Honra, depois de uma décima primeira peça de circunstância. Du Bruel, ou se quiserem Cursy, estava naquele momento trabalhando uma peça em cinco atos para a Comédie-Française. Sebastião gostava muito de Du Bruel, de quem recebia às vezes um lugar na plateia e aplaudia com a fé de juventude nos lugares que Du Bruel lhe apontava como duvidosos; Sebastião considerava-o como um grande escritor. Foi a Sebastião que Du Bruel disse, no dia seguinte à primeira representação de um *vaudeville* escrito, como todos os *vaudevilles*, por três colaboradores, e no qual em alguns trechos o tinham vaiado:

— O público reconheceu as cenas feitas entre dois.

— Por que o senhor não trabalha sozinho? — respondeu Sebastião ingenuamente.

Havia ótimas razões para Du Bruel não trabalhar sozinho: ele era a terça parte de um autor. Um autor dramático, como poucas pessoas o sabem, compõe-se: primeiro, de um *homem com ideias*, encarregado de olhar os assuntos e de construir o arcabouço ou cenário do *vaudeville*; depois, de um *cavador*, encarregado de redigir a peça; finalmente de um *homem-memória*, encarregado de musicar as quadrinhas, de arrumar os coros e os trechos de conjunto, de cantá-los, de superpô-los à situação.

^[83] O *homem-memória* faz também a receita, isto é, ocupa-se com a composição do cartaz, não largando o diretor senão depois que este indique para o dia seguinte uma peça da sociedade. Du Bruel, verdadeiro cavador, lia na repartição os livros recém-publicados, extraía-lhes os ditos espirituosos e registrava-os para com eles matizar seus diálogos. Cursy (seu nome de guerra) era estimado por seus colaboradores, devido à sua perfeita exatidão; com ele havia certeza de ser compreendido, o homem dos entrechos podia cruzar os braços. Os funcionários da divisão gostavam suficientemente do vaudevillista para ir em massa às suas peças e apoiá-las por merecer ele o título de *bom rapaz*. Ligeiro para meter a mão no bolso, não se fazia rogar para pagar sorvetes ou ponches, emprestava cinquenta francos sem nunca reclamar a restituição. Possuindo uma casa de campo em Aulnay, comedido, colocando o dinheiro, Du Bruel tinha, além dos quatro mil e quinhentos francos de seu emprego, mil e duzentos francos de pensão sobre a lista civil e oitocentos sobre os cem mil escudos votados pela Câmara para animação às artes. Acrescentem-se a essas quantias nove

mil francos ganhos pelos *quartos*, pelas *terças* e *metades* de *vaudevilles* em três teatros diferentes, e se compreenderia que no físico ele fosse volumoso, gordo, redondo e apresentasse um aspecto de proprietário abastado. Quanto ao moral, sendo amante, por amor, de Túlia, Du Bruel julgava-se preferido — como sempre — ao brilhante duque de Rhétoré, amante oficial.

Não foi sem pavor que Dutocq viu o que ele chamava de amores de Des Lupeaulx com a sra. Rabourdin, e sua raiva secreta aumentou. De resto, ele tinha olhos demasiado escrutadores para não ter adivinhado que Rabourdin se entregava a um grande trabalho alheio aos seus trabalhos oficiais, e ficava desesperado por nada saber a respeito, ao passo que o jovem Sebastião estava, no todo ou em parte, a par do segredo. Dutocq tentou acamaradar-se com o sr. Godard, subchefe de Baudoyer, colega de Du Bruel, o que afinal conseguiu. A alta estima em que Dutocq tinha Baudoyer propiciara o estreitamento de suas relações com Godard; não que Dutocq fosse sincero, mas, ao louvar Baudoyer e silenciando sobre Rabourdin, ele satisfazia seu ódio à maneira dos espíritos mesquinhos.

José Godard, primo de Mitral pelo lado materno, baseara nesse parentesco, embora longínquo, com Baudoyer, suas pretensões à mão da srta. Baudoyer; por consequência, a seus olhos, Baudoyer brilhava como um gênio. Professava uma alta estima por Elizabeth e pela sra. Saillard, sem ter percebido ainda que a sra. Baudoyer estava ajeitando Falleix para a filha. Ele levava para a srta. Baudoyer pequenos presentes, flores artificiais, bombons no dia de Ano-Novo, lindas caixinhas no dia de seu aniversário. Com vinte e seis anos de idade, trabalhador sem projeção, comportado com uma donzela, monótono e apático, tendo horror aos cafés, ao charuto e à equitação, deitando-se regularmente às dez horas da noite e de pé às sete da manhã, dotado de vários talentos de salão, tocando contradanças no flautim, o que o tornara muito apreciado em casa dos Saillard e dos Baudoyer, pífano da Guarda Nacional a fim de não passar a noite no corpo da guarda, Godard cultivava sobretudo a história natural. Esse rapaz colecionava minerais e conchas, sabia empalhar pássaros, armazenava em seu quarto uma porção de curiosidades compradas a pouco preço: pedras com paisagens, modelos de palácios de cortiça, petrificações da fonte Sainte-Allyre em Clermont (Auvergne) etc. Ele juntava sofregamente tudo que era frasco de perfume para neles meter suas amostras de barita, de sulfatos, sais, magnésia, corais etc. Amontoava borboletas em quadros e nas paredes, sombrinhas da China, peles secas de peixe. Morava em casa da irmã florista, na Rue Richelieu. Embora muito admirado pelas mães de família, esse rapaz modelo era desprezado pelas operárias da irmã, e principalmente pela senhorita da caixa, a qual durante muito tempo tivera esperança de *caçá-lo*. Magro e franzino, de estatura

mediana, com os olhos cercados de olheiras, com pouca barba, matando, como dizia Bixiou, as moscas ao voo, José Godard pouco cuidava de si: seus trajes eram mal cortados, suas calças largas formavam saco; usava meias brancas em todas as estações, um chapéu de abas estreitas e sapatos atados com fita. Sentado à escrivaninha, numa poltrona de junco, furada no meio do assento e guarnecida de uma almofada de marroquim verde, queixava-se muito de suas digestões. Seu vício principal era propor passeio ao campo, nos domingos, no verão, em Montmorency, almoços na grama, e ir tomar leite no Boulevard du Montparnasse. Havia seis meses Dutocq começara a ir de quando em quando à casa da srta. Godard, contando fazer algum negócio naquela casa, descobrir ali algum tesouro feminino.

Assim, pois, na repartição, Baudoyer tinha em Dutocq e em Godard dois propagandistas. O sr. Saillard, incapaz de julgar Dutocq, fazia-lhe às vezes pequenas visitas na repartição. O jovem La Billardière, que fora colocado como extranumerário na repartição de Baudoyer, era daquele partido. O pessoal de valor ria muito dessa aliança entre aquelas incapacidades. Baudoyer, Godard e Dutocq foram cognominados por Bixiou de *Trindade sem espírito*, e o jovem La Billardière de *Cordeiro pascal*.

— O senhor levantou cedo — disse Antônio a Dutocq, afetando um ar risonho.

— E você, Antônio — respondeu Dutocq —, vê perfeitamente que os jornais, às vezes, chegam mais cedo do que quando entregues por você.

— Hoje, por acaso — disse Antônio, sem se desconcertar —, eles nunca chegam duas vezes seguidas à mesma hora.

Os dois sobrinhos olharam-se de soslaio como para dizerem, admirando o tio: “Que topete!”.

— Embora ele me renda dois vinténs por almoço — disse Antônio, murmurando, quando ouviu Dutocq fechar a porta —, de bom grado renunciaria a eles para não ver mais na nossa divisão.

— Ah! O senhor hoje não foi o primeiro a chegar — disse Antônio daí a um quarto de hora ao extranumerário.

— Quem foi que chegou? — perguntou o pobre rapaz empalidecendo.

— O sr. Dutocq — respondeu o porteiro Lourenço.

As naturezas virgens, mais do que todas as outras, têm um inexplicável dom de vidência, cuja causa reside talvez na pureza de seu aparelho nervoso, de algum modo novo. Sebastião adivinhara portanto o ódio de Dutocq contra o seu venerado Rabourdin. Por isso, apenas Lourenço pronunciou aquele nome, ele, tomado de um horrível pressentimento, exclamou:

— Desconfiava disso!

E precipitou-se no corredor com a rapidez de uma flecha.

— Vai haver moxinifada na repartição! — disse Antônio meneando a cabeça encanecida e envergando seu uniforme oficial. — Bem se vê que o senhor barão está prestando contas a Deus... Sim, a sra. Gruget, a enfermeira dele, disse-me que ele não passaria o dia. Como eles se vão agitar por aqui! Oh! Se vão!... Vão ver se todos os aquecedores estão bem acesos, vocês aí! Pistolas! Toda a nossa gente nos vai cair em cima do lombo.

— É verdade — disse Lourenço — que esse pobre rapazinho teve como que uma insolação ao saber que esse jesuíta de Dutocq tinha chegado antes dele.

— Pois eu não me canso de dizer-lhe, porque afinal deve-se dizer a verdade a um bom empregado, e o que eu chamo bom empregado é um empregado como esse garoto, que dá direitinho seus dez francos no dia primeiro do ano — disse Antônio. — Eu lhe disse, portanto: “Quanto mais o senhor fizer, mais lhe exigirão e o deixarão sem promoção!”. Pois bem, ele não me ouve, mata-se ficando até às cinco horas, uma hora mais do que todos os outros. (Deu de ombros.) É uma asneira, não é assim que se sobe!... E a prova é que não se trata ainda de colocar esse pobre rapaz no quadro, e isso que ele daria um excelente funcionário. Depois de dois anos! Palavra de honra, é coisa de deixar uma pessoa aleijada!

— O sr. Rabourdin gosta do sr. Sebastião — disse Lourenço.

— Mas o sr. Rabourdin não é ministro — replicou Antônio —, e daqui que ele o seja as galinhas terão dentes... Basta! Quando penso que levo para porem o visto, a folha de pagamento com ordenados a farsantes que ficam em casa e fazem lá o que querem, enquanto esse pequeno de la Roche se esfalfa, a mim mesmo pergundo se Deus pensa nas repartições! E que é que eles nos dão, esses protegidos do senhor marechal? Do senhor duque? Agradecem (faz um gesto de cabeça, protetor): “Obrigado, meu caro Antônio!”. Corja de preguiçosos, trabalhem, com os diabos, ou serão causa de uma revolução. Eu queria ver gente dessa laia no tempo do sr. Robert Lindet,^[84] porque eu, tal como me veem, entrei nesta espelunca no tempo do sr. Robert Lindet. E com ele o funcionário trabalhava! Era preciso ver esses rabiscadores até meia-noite, com os aquecedores apagados, sem mesmo darem por isso; mas era o caso que a guilhotina estava aí mesmo!... E, não por falar, mas era outra coisa mais que os anotar, como hoje, quando chegam tarde.

— Pai Antônio — disse Gabriel —, já que hoje o senhor está com a veia da conversa, vamos, diga, que ideia faz do funcionário?

— É — respondeu Antônio com toda a gravidade — um homem que escreve, sentado a uma escrivaninha... Que estou a dizer? Sem os funcionários, que seria de nós?... Olhem, vocês tratem de ir ver como andam os aquecedores, e nunca falem mal dos funcionários! Gabriel, o

aquecedor do gabinete grande está com uma tiragem dos diabos, é preciso virar um pouco a chave.

Antônio colocou-se no patamar, num lugar de onde podia ver desembocarem os funcionários pelo portão da entrada; conhecia todos os do ministério e observava-os nos seus movimentos, notando-lhes as diferenças do vestuário. Antes de entrar no drama é preciso pintar aqui a silhueta dos principais atores da divisão La Billardiére, os quais, de resto, fornecerão algumas variedades do gênero *burocrata* e justificarão não somente as observações de Rabourdin, mas também o título deste Estudo, essencialmente parisiense.

Efetivamente, não se enganem! No que diz respeito a misérias e a originalidade, há funcionários e funcionários como há gravetos e gravetos. Estabeleça-se sobretudo a diferença entre o funcionário de Paris e o da província. Na província, o funcionário sente-se feliz: sua habitação é espaçosa, ele tem um jardim, geralmente está à vontade na sua repartição; bebe bom vinho, que compra barato, não come filé de cavalo e conhece o luxo da sobremesa. Em vez de contrair dívidas, faz economias. Sem saber precisamente o que come, todos lhes dirão que *ele não come seus ordenados!* Se é solteiro, as mães de família saúdam-no quando ele passa; e, se é casado, a esposa e ele vão ao baile em casa do coletor-geral, em casa do prefeito, do subprefeito e do intendente. Comentam-lhe o caráter, tem aventuras amorosas, faz-se uma reputação de homem de espírito, tem probabilidades de causar saudades, é conhecido pela cidade toda, a qual se interessa por sua mulher e seus filhos. Dá bailes e, se tem recursos e um sogro abastado, pode vir a ser deputado. Sua esposa é vigiada pela meticulosa espionagem das pequenas cidades, e se é infeliz no seu interior, sabe-o; ao passo que em Paris um funcionário nada pode saber. Enfim, o funcionário da província é *alguma coisa*, ao passo que o funcionário de Paris é apenas *um entre outros*.

O primeiro a chegar depois de Sebastião foi um escriturário do gabinete de Rabourdin, pai de família honrado, de nome Phellion. Devia à proteção de seu chefe uma meia bolsa no Collège Henri IV para cada um dos seus dois filhos: favor bem empregado, porque Phellion tinha ainda uma filha educada gratuitamente num internato onde sua esposa dava lições de piano e onde ele regia uma aula de história e de geografia, à tarde. Homem de quarenta e cinco anos, sargento quartel-mestre de sua companhia na Guarda Nacional, muito compassivo em palavras, mas incapaz de dar um real, o oficial de gabinete morava na Rue du Faubourg Saint-Jacques, perto do Sourds-Muets, numa casa de jardim, cuja locação não custava senão quatrocentos francos. Orgulhoso de seu posto, satisfeito com a sua sorte, ele empenhava-se em servir o governo, julgava-se útil ao seu país e gabava-se de sua despreocupação em política, onde nunca via senão *O Poder*. O sr.

Rabourdin causava prazer a Phellion ao pedir-lhe que ficasse mais meia hora a fim de terminar um trabalho qualquer, e então dizia às srts. La Grave, pois jantava na Rue Notre Dame-des-Champs, no internato onde a esposa *professava a música*:

— Senhoritas, os negócios exigiram que eu me retardasse na repartição. Quando a gente pertence ao governo, não é senhor de si mesmo.

Ele compusera livros, com perguntas e respostas, para uso dos internatos de meninas. Esses *pequenos tratados substanciais*, como os chamava, eram vendidos na livraria da Universidade, e tinham por título *Catecismo histórico e geográfico*. Julgando-se obrigado a oferecer à sra. Rabourdin um exemplar em papel velino, encadernado de marroquim vermelho, de cada novo catecismo, ia levá-los envergando o grande uniforme: calções de seda, meias de seda, sapatos com fivela de ouro etc. O sr. Phellion dava recepções na quinta-feira à noite, depois de deitadas as pensionistas; oferecia cerveja e doces. Jogava-se a *bouillote* a cinco *sous* a parada. Apesar da modicidade das apostas, em certas quintas-feiras endiabradas o sr. Laudigeois, funcionário da *mairie*, perdia seus dez francos. Forrado de papel verde americano com listrões encarnados, esse salão era ornamentado com retratos do Rei, da Delfina e de Madame,^[85] com duas gravuras de *Mazeppa*,^[86] segundo Horace Vernet,^[87] e a do *Enterro do pobre* segundo Vignerot,^[88] “quadro sublime de ideias e que, segundo Phellion, devia consolar as últimas classes da sociedade, provando-lhes que elas tinham amigos mais dedicados do que os homens, e cujos sentimentos iam mais longe do que o túmulo!”.

Por essas palavras adivinhava-se o homem que, todos os anos, no dia de Finados, conduzia os três filhos ao Cimetière de l'Ouest e lhes mostrava os vinte metros de terreno comprados à perpetuidade, nos quais seu pai e a mãe da sua mulher tinham sido enterrados. “Para aqui viremos todos”, dizia-lhes a fim de familiarizá-los com a ideia da morte. Um dos seus maiores prazeres consistia em explorar os arredores de Paris, cujo mapa ele adquirira. Conhecendo já a fundo Antony, Arcueil, Bièvre, Fontenay-aux-Roses, Aulnay, tão célebre pela estada de vários grandes escritores, ele esperava, com o tempo, vir a conhecer toda a parte oeste das cercanias de Paris. Destinava o filho mais velho à administração e o segundo à Escola Politécnica. Dizia muitas vezes ao primogênito: “Quando tiveres a honra de ser empregado do governo!”, mas suspeitava ter ele uma vocação para as ciências exatas, coisa que tentava reprimir, disposto a deixá-lo entregue a si mesmo, caso persistisse nela. Phellion jamais se animava a pedir que o sr. Rabourdin lhe desse a honra de ir jantar em sua casa, embora um tal dia teria sido considerado por ele um dos mais belos de sua vida. Dizia que, se pudesse deixar um dos filhos caminhando nas pegadas de um Rabourdin, morreria como o pai mais feliz do mundo. Repetia tanto o

louvor daquele digno e respeitável chefe aos ouvidos das srtas. La Grave, que elas desejavam ver o grande Rabourdin tanto quanto um rapaz poderia desejar ver o sr. de Chateaubriand. “Elas se sentiriam muito felizes”, diziam, “se lhes fosse dado educar a mocinha dele!” Quando, por acaso, a carruagem do ministro saía ou entrava, houvesse ou não gente dentro dela, Phellion tirava respeitosamente o chapéu e achava que a França andaria muito melhor se todos honrassem suficientemente o poder para honrá-lo até nas suas insígnias. Quando Rabourdin o mandava vir *cá embaixo* para explicar-lhe um trabalho, Phellion aguçava a inteligência, ouvia todas as palavras do chefe como um diletante ouve uma ária nos Italiens. Silencioso na repartição, com os pés no ar, em cima de uma escrivaninha e sem os mover, ele estudava conscienciosamente o trabalho a fazer. Na sua correspondência administrativa se expressava com gravidade religiosa, levava tudo a sério e acentuava as ordens transmitidas pelo ministro com frases solenes. Esse homem, tão aferrado ao decoro, tivera um desastre na sua carreira de redator, e que desastre! Apesar do cuidado com que redigia seus rascunhos, acontecera-lhe uma vez deixar escapar uma frase assim concebida: *O senhor irá aos lugares indicados com os papéis necessários.*^[89]

Felizes por poderem divertir-se à custa daquela inocente criatura, os escriturários tinham ido, sem que ele o soubesse, consultar Rabourdin, o qual, lembrando-se do caráter de seu redator, não pôde deixar de rir e modificou a frase, na margem, com estas palavras: *O senhor irá ao sítio em questão com todas as peças indicadas.* Phellion, a quem vieram mostrar a correção, estudou-a, pesou a diferença das expressões, não teve receio de confessar que lhe teriam sido necessárias duas horas para achar aqueles equivalentes, e exclamou: “O sr. Rabourdin é um homem de gênio!”. Achou sempre que seus colegas tinham sido desatentos para com ele ao recorrerem tão prontamente ao chefe; tinha, porém, sobejo respeito à hierarquia para não lhes reconhecer o direito de a ela recorrerem, tanto mais que no momento estava ausente; entretanto, no lugar deles, teria esperado, pois a circular não era urgente. Esse caso fez-lhe perder o sono durante várias noites. Quando queriam zangá-lo, bastava aludirem à maldita frase, dizendo-lhe no momento de ele sair: “Tem todos os papéis necessários?”. O digno escriturário virava-se, dirigia um olhar fulminante aos funcionários e respondia-lhes: “O que estão dizendo parece-me fora de propósito, senhores!”. Houve, um dia, a respeito disso uma altercação tão forte que Rabourdin foi obrigado a intervir e a proibir aos funcionários que lembrassem tal frase. O sr. Phellion tinha o aspecto de um carneiro pensativo, pouco corado, com cicatrizes de varíola, grossos lábios pendentes, olhos azuis-claro, estatura acima da mediana. Asseado de sua pessoa, como o deve ser um professor de história e geografia obrigado a apresentar-se ante jovens senhoritas, vestia boa roupa branca, bofes pregueados, colete de

casimira preta, aberto, deixando aparecer suspensórios bordados pela filha, um diamante na camisa, casaca preta, calças azuis. No inverno adotava o capote cor de avelã com três golas e usava uma bengala recheada de chumbo, por causa *da profunda solidão de alguns trechos de seu bairro*. Suprimira o hábito de tomar rapé e citava essa reforma como um exemplo concludente do domínio que um homem pode exercer sobre si próprio. Subia as escadas devagar, pois temia a asma, tendo o que chamava de *pulmão encatarrado*. Cumprimentava Antônio com dignidade.

Imediatamente depois do sr. Phellion veio um amanuense que formava um contraste singular com esse virtuoso velhote. Vimeux era um rapaz de vinte e cinco anos, com mil e quinhentos francos de ordenado, bem-proporcionado, perfilado, de aspecto elegante e romanesco, tendo os cabelos, a barba, os olhos e as sobrancelhas negras como azeviche, belos dentes, mãos encantadoras, usando bigodes tão bastos, tão bem penteados que parecia fazer deles ofício e mercadoria. Vimeux tinha uma tão grande aptidão para seu serviço que o terminava mais rapidamente do que outro qualquer.

— Esse moço tem qualidades! — dizia Phellion ao vê-lo cruzar as pernas e não saber no que empregar o resto de seu tempo, depois de ter terminado seu trabalho. — E veja! Está perfeito! — dizia ele a Du Bruel.

Vimeux almoçava um simples pão e um copo de água, jantava por um franco no Katcomb^[90] e morava numa pensão por doze francos mensais. Sua felicidade, seu único prazer, era o bem trajar. Arruinava-se com coletes espalhafatosos, com calças justas, semicurtas, com pregas ou bordados, com botas finas, casacos bem-feitos que lhe desenhavam o busto, colarinhos encantadores, luvas novas, chapéus. Com a mão adornada por um anel largo, posto por cima da luva, armado com uma bonita bengala, ele procurava tomar a atitude e os modos de um rapaz rico. Depois, ia, com um palito na boca, passear na grande alameda das Tuileries, absolutamente como um milionário que se levantasse da mesa. Com a esperança de que uma mulher, uma inglesa ou uma estrangeira qualquer, ou senão uma viúva, se embeixasse por ele, estudava o modo de manejar a bengala e de desferir olhares à *americana*, na expressão de Bixiou. Ria para mostrar seus belos dentes. Dispensava as meias, e fazia-se encrespar todos os dias. Vimeux, em virtude de princípios firmemente estabelecidos, desposaria uma corcunda que tivesse seis mil francos de renda, uma mulher de quarenta e cinco anos com oito mil ou uma inglesa com mil escudos. Encantado com a letra do rapaz e cheio de compaixão por ele, Phellion catequizava-o a fim de persuadi-lo a dar lições de caligrafia, profissão honrosa que lhe poderia melhorar as condições de vida e mesmo torná-la agradável; prometia-lhe o internato das senhoritas la Grave. Vimeux, porém, tinha sua ideia tão firmemente metida na cabeça que ninguém

o poderia impedir de crer na sua estrela. Continuava portanto a pavonear-se em jejum como um esturjão de Chevet,^[91] embora já há três anos exhibisse em vão seus enormes bigodes. Devendo trinta francos por seus almoços, Vimeux, cada vez que passava diante de Antônio, baixava os olhos para não lhe encontrar o olhar; e, entretanto, cerca do meio-dia, pedia-lhe que lhe fosse buscar um pão. Depois de ter tentado introduzir algumas ideias razoáveis naquela pobre cabeça, Rabourdin acabara renunciando ao seu propósito. O sr. Vimeux pai era escrivão de um juizado de paz no Nord. Adolfo Vimeux nos últimos tempos economizara Katcomb e vivera de pãozinhos, para poder comprar esporas e um rebenque. Apelidaram-no o pombo-Villiaume^[92] para troçar dos seus sonhos matrimoniais. Não se podia atribuir as zombarias dirigidas a esse Amadis^[93] oco senão ao gênio malicioso que criou o *vaudeville*, porquanto ele era bom camarada e não prejudicava a ninguém a não ser a si próprio. A grande pilhéria da repartição a respeito de Vimeux consistia em apostar que ele usava espartilho. Primitivamente colocado na repartição de Baudoyer, Vimeux teceu intrigas a fim de passar para o gabinete de Rabourdin, por causa da severidade de Baudoyer relativamente aos *ingleses*, nome dado pelos funcionários aos seus credores. O dia dos ingleses é o dia em que as repartições são públicas. Certos de ali encontrar seus devedores, os credores afluem, vêm atormentá-los perguntando-lhes quando serão pagos e os ameaçam de opor embargos aos seus ordenados. O implacável Baudoyer obrigava seus funcionários a ficarem. “Competia a eles”, dizia, “não se endividarem.” Considerava sua severidade como uma coisa necessária ao bem público. Rabourdin, pelo contrário, protegia os funcionários contra seus credores, aos quais punha no olho da rua, dizendo que as repartições não estavam abertas para os assuntos privados, e sim para os negócios públicos. Muito troçaram de Vimeux, nas duas repartições, quando ele fez tilintar as esporas nos corredores e nas escadas. O mistificador do ministério, Bixiou, fizera circular nas duas divisões Clergeot e La Billardiére uma folha de papel em cujo alto Vimeux estava caricaturado, montado num cavalo de papelão, e onde todos eram convidados a subscrever a compra de um cavalo para ele. O sr. Baudoyer figurava como num quintal de feno, tirado do seu consumo particular, e cada funcionário pôs um epigrama sobre seu vizinho. Vimeux, como bom rapaz que era, subscreveu ele próprio com o nome de Miss Fairfax.

Os funcionários de bela estampa no gênero de Vimeux têm seu lugar para viver, o seu físico para fazer fortuna. Fiéis aos bailes a fantasia durante o Carnaval, eles vão lá em busca de aventuras amorosas, que lhes fogem muitas vezes mesmo aí. Muitos acabam casando, ou com modistas que eles aceitam, cansados da luta, ou com mulheres velhas, ou ainda com jovens às quais seu *físico* agradou, e com quem desfiaram

um romance matizado de cartas estúpidas, que entretanto causaram efeito. Esses empregados são por vezes ousados, veem passar uma mulher numa carruagem nos Champs-Élysées, obtêm o endereço dela, dirigem-lhe cartas apaixonadas para ver se encontram uma oportunidade que infelizmente encoraja essa ignóbil especulação.

Esse Bixiou (pronuncia-se Bisiou) era um desenhista que zombava tanto de Dutocq quanto de Rabourdin, por ele cognominado de *a virtuosa Rabourdin*. Para exprimir a vulgaridade de seu chefe, ele o chamava *Praça Baudoyer*; ao vaudevillista denominava *Flonflon*. Sendo, sem contestação, o homem mais espirituoso da divisão e do ministério, mas espirituoso à maneira dos macacos, sem alcance e sem seguimento, Bixiou era de tão grande utilidade para Baudoyer e Godard que, apesar de sua malícia, eles o protegiam, pois realizava os trabalhos deles com uma perna às costas.

Bixiou desejava o posto de Godard ou de Du Bruel; seu procedimento, porém, prejudicava-lhe a promoção. Ora zombava das repartições, e isso acontecia quando acabava de realizar um bom negócio, como no caso da publicação dos retratos do processo Fualdès,^[94] para os quais ele tomou tipos ao acaso, ou no caso dos debates do processo Castaing;^[95] ora, dominado por um desejo de triunfar, ele se entregava ao trabalho, que deixava logo depois para fazer um *vaudeville* que não acabava. De resto egoísta, avaro e gastador, simultaneamente, isto é, não gastando seu dinheiro senão para ele mesmo; peremptório, agressivo e indiscreto, fazia o mal pelo mal: atacava principalmente os fracos, não respeitava nada, não acreditava nem na França, nem em Deus, nem na arte, nem nos gregos, nem nos turcos, nem no Champ-d'Asile,^[96] nem na monarquia, insultando sobretudo o que ele não compreendia. Foi ele o primeiro que colocou um solidéu preto na cabeça de Carlos x nas moedas de cinco francos. Arremedava o dr. Gall^[97] no seu curso, de modo a fazer estourar de riso o mais abotoado diplomata. O principal gracejo desse fazedor de caricaturas consistia em aquecer ao rubro os aquecedores, para que os que saíssem imprudentemente de junto do braseiro apanhassem um defluxo, ao mesmo tempo que tinha assim o gosto de consumir a lenha do governo. Notável nas suas mistificações, variava-as com tanta habilidade, que sempre alguém caía nelas. Seu grande segredo nesse gênero era adivinhar os desejos de cada um; conhecia o caminho de todos os castelos no ar, o sonho em que o homem pode ser mistificado, porque procura iludir-se a si próprio, e dessa forma divertia-se durante horas à custa da vítima. Assim, esse observador profundo, que despendia um tato inaudito para uma pilhéria, não sabia mais usar seu poder para interessar os homens na sua carreira e na sua ascensão. Quem ele mais gostava de vexar era o jovem La Billardière, sua asa negra, seu pesadelo, ao qual, entretanto, adulava constantemente, para

melhor mistificá-lo: dirigia-lhe cartas de mulher apaixonada, assinadas: “Condessa de M...” ou “Marquesa de B...”, atraía-o, assim, nos dias de Carnaval, ao saguão da Ópera, em frente ao relógio, e entregava-o a uma *grisette*^[98] qualquer, depois de o ter exibido a todo o mundo. Aliado de Dutocq (considerava-o como um mistificador sisudo) no seu ódio contra Roubourdin e nos seus louvores a Baudoyer, apoiava-o com amor. João Jacques Bixou era neto de um merceeiro de Paris. Seu pai, que morrera coronel, deixara-o a cargo da avó, a qual se casara em segundas núpcias com seu primeiro caixeiro, chamado Descoings, o qual faleceu em 1822.^[99] Achando-se sem emprego ao sair do colégio, tentara a pintura, e, apesar da amizade que o ligava a José Bridau,^[100] seu amigo de infância, renunciara a ela para dedicar-se à caricatura, às vinhetas, aos desenhos de livros, conhecidos, vinte anos mais tarde, com o nome de *ilustrações*. A proteção dos duques de Maufrigneuse e de Rhétoré que ele conheceu por meio de dançarinas conseguiu-lhe o seu posto em 1819. Nas melhores relações com Des Lupeaulx, com quem na vida social ele se via em pé de igualdade, tuteando Du Bruel, ele oferecia a prova viva das observações de Roubourdin relativas à destruição constante da hierarquia administrativa em Paris, pelo valor pessoal que um homem adquire fora das repartições. De pequena estatura, mas bem-feito de corpo, um rosto fino, notável por uma vaga semelhança com o de Napoleão, lábios delgados, queixo chato caindo reto, suíças castanhas, vinte e sete anos, louro, voz cortante, olhar brilhante, eis Bixiou. Esse homem, todo sentidos e inteligência, perdia-se numa imoderada paixão pelos prazeres de toda espécie, que o atirava numa dissipação. Intrépido caçador de *grisettes*, fumante, fonte de hilaridade nas rodas, filante de jantares e ceias, pondo-se em toda a parte no diapasão, brilhando tanto nos bastidores como no baile das *grisettes* na Allée des Veuves, ele causava admiração tanto à mesa como numa festança; de loquacidade espirituosa à meia-noite na rua, tanto como ao erguer-se da cama; mas sombrio e triste intimamente, como a maioria dos grandes cômicos. Atirado no mundo das atrizes e dos atores, dos escritores, dos artistas e de certas mulheres cujo esplendor é aleatório, ele vivia bem, ia ao teatro, sem pagar, jogava no Frascati,^[101] ganhava muitas vezes. Enfim, esse artista, verdadeiramente profundo, mas por clarões, balouçava-se na vida como num trapézio sem se preocupar com o instante em que a corda se romperia. Sua vivacidade de espírito e sua prodigalidade de ideias faziam-no procurado por todas as pessoas habituadas às irradiações do espírito, mas nenhum dos seus amigos lhe queria bem. Incapaz de reter um bom dito, ele imolava, à mesa, seus dois vizinhos antes do fim do primeiro serviço. Apesar da sua alegria epidérmica, transparecia-lhe nas palavras um secreto descontentamento de sua posição social; aspirava a algo melhor, e o fatal demônio oculto no seu espírito impedia-o de ter a seriedade que

tanto impressiona os alarves. Morava na Rue Ponthieu, num segundo andar onde tinha três peças entregues à completa desordem de uma casa de rapaz solteiro, um verdadeiro acampamento. Falava seguidamente em sair da França e ir violar a fortuna na América. Nenhuma feiticeira poderia prever o futuro de um rapaz no qual todos os talentos eram incompletos, incapaz de assiduidade, sempre ébrio de prazer e julgando que o mundo acabaria no dia seguinte. Como vestuário, ele tinha a pretensão de não ser ridículo, e era talvez de todo o ministério o único de quem o trajar não fizesse dizer: “Aí está um funcionário!”. Calçava botas elegantes, calças pretas com presilhas, um colete de fantasia e uma bonita sobrecasaca azul, um colarinho, eterno presente da *grisette*, um chapéu de Bandoni, luvas de pele de cabrito, de cor escura. Seu caminhar, imponente e simples ao mesmo tempo, não carecia de elegância. Por isso, quando chamado à ordem por Des Lupeaulx devido a uma impertinência um tanto forte sobre La Billardiére, e ameaçado de destituição, contentou-se em responder-lhe: “O senhor me reintegraria por causa do vestuário”. Des Lupeaulx não pôde deixar de rir. A mais linda pilhéria feita por Bixiou na repartição foi a que inventou para Godard, a quem ofereceu uma borboleta trazida da China, a qual o subchefe guarda na sua coleção e ainda hoje mostra-a sem ter percebido que é de papel pintado. Bixiou teve a paciência de caprichar uma obra-prima para pregar uma peça ao seu subchefe.

O diabo coloca sempre uma vítima perto de um Bixiou. O gabinete de Baudoyer tinha pois sua vítima, um pobre amanuense, de vinte e dois anos de idade, com mil e quinhentos francos de ordenado, chamado Augusto João Francisco Minard. Minard casara por amor com uma operária florista, filha de um porteiro, que trabalhava em casa para a srta. Godard e que Minard vira na Rue Richelieu, na loja. Quando solteira, Zélia Lorain matutara muita coisa para sair da sua situação. De começo aluna do Conservatório alternativamente dançarina, cantora e atriz, pensara fazer o que muitas operárias fazem, mas o temor das consequências de um mau passo e de cair numa apavorante miséria preservou-a do vício. Flutuava entre mil resoluções, quando Minard surgira nitidamente trazendo na mão uma proposta de casamento. Zélia ganhava quinhentos francos por ano, e Minard mil e quinhentos. Acreditando poder viver com dois mil francos, casaram sem contrato, com a maior economia. Minard e Zélia foram morar perto da Barrière de Courcelles, como dois pombinhos, num apartamento de cem escudos, no terceiro andar: cortinas de calicó branco nas janelas, nas paredes um papelzinho escocês de quinze vinténs o rolo, assoalho encerado, móveis de nogueira, uma pequena cozinha bem asseada; primeiro uma peça onde Zélia fazia suas flores, depois um salão mobiliado de cadeiras de crina, escuras, uma mesa redonda no centro, um espelho, um relógio representando uma fonte com cristais

giratórios, candelabros dourados envoltos em gaze; finalmente um quarto de dormir azul e branco; cama, cômoda e secretária de acaju, um pequeno tapete listrado aos pés da cama, seis poltronas e quatro cadeiras; num canto, o berço de cerejeira brava onde dormiam um filho e uma filha. Zélia amamentava ela mesma os filhos, cozinhava, fazia suas flores e arrumava a casa. Havia qualquer coisa de comovente naquela feliz e laboriosa mediocridade. Sentindo-se amada por Minard, Zélia amou-o sinceramente. O amor atrai o amor, é o *abyssus abyssum invocat*^[102] da Bíblia. Aquele pobre homem saía da cama pela manhã, enquanto a esposa dormia, e ia comprar-lhe as provisões. No caminho para a repartição levava as flores terminadas, e ao voltar comprava a matéria-prima; depois, enquanto esperava o jantar, ele recortava ou estampava as folhas, forrava as hastes, diluía as cores. Pequeno, magro, franzino, nervoso, com cabelos ruivos e crespos, olhos amarelo-claros, tez de alvura deslumbrante, porém com sardas, tinha uma coragem silenciosa e sem aparato. Possuía a ciência da caligrafia no mesmo grau que Vimeux. Na repartição, mantinha-se calado, fazia seu trabalho e conservava a atitude de um homem doente e pensativo. Seus cílios brancos e sobrancelhas escassas tinham-lhe valido a alcunha de *coelho branco*, dada pelo implacável Bixiou. Minard, esse Roubaudin de uma esfera inferior, consumido pelo desejo de colocar Zélia numa situação feliz, procurava no oceano das necessidades do luxo e da indústria parisiense uma ideia, uma descoberta, um aperfeiçoamento que lhe proporcionasse uma fortuna rápida. Sua aparente burrice era produzida pela tensão contínua de seu espírito: ele flutuava entre a *dupla pomada das sultanas* e o *óleo cefálico*,^[103] entre os isqueiros fosfóricos e o gás portátil, entre os borzeguins articulados e as lâmpadas hidrostáticas, abarcando assim os infinitamente pequenos da civilização material. Suportava os gracejos de Bixiou como um homem ocupado suporta o zumbido de um inseto; nem chegava a preocupar-se com ele. Apesar da sua perspicácia, Bixiou não adivinhou o profundo desprezo de Minard por ele. Minard pouco desejava uma alteração, na qual havia uma perda de tempo. Por isso acabou cansando seu perseguidor. Ia para a repartição vestido muito simplesmente, usava calças de cotim até o mês de outubro, calçava sapatos e polainas, um colete de pele de cabra, uma casaca de castorina no inverno e de merinó grosso no verão, um chapéu de palha ou um de seda de onze francos, segundo a estação, porquanto sua glória era Zélia: deixaria de comer para comprar-lhe um vestido. Almoçava com a mulher e não comia nada na repartição. Uma vez por mês levava Zélia ao teatro com entradas dadas por Du Bruel ou por Bixiou, porque Bixiou fazia um pouco de tudo, até mesmo o bem. A mãe de Zélia deixava então seu cubículo e vinha tomar conta das crianças. Minard substituíra Vimeux na repartição de Baudoyer. A sra. e o sr. Minard faziam pessoalmente suas visitas de primeiro de ano. Ao vê-los,

perguntavam-se como faria a mulher de um pobre funcionário de mil e quinhentos francos para manter o marido num traje preto e usar chapéus de palha da Itália com flores, vestidos de musselina bordada, roupa de baixo de seda, sapatos de lã sedosa, golas magníficas, uma sombrinha chinesa, vir em fiacre e conservar-se virtuosa; ao passo que a sra. Colleville ou tal outra senhora podiam apenas equilibrar o orçamento, elas que tinham dois mil e quatrocentos francos!...

Havia em cada uma daquelas repartições dois funcionários amigos um do outro a ponto de tornar ridícula a sua amizade, porque nas repartições se ri de tudo. O da repartição Baudoyer, chamado Colleville, era primeiro oficial, e, se não fosse a Restauração, teria de há muito sido subchefe ou mesmo chefe. Ele tinha na sra. Colleville uma mulher tão superior em seu gênero quanto a sra. Rabourdin o era no dela. Colleville, filho de um primeiro violino da Ópera, embeicara-se pela filha de uma célebre dançarina. Flávia Minoret, uma dessas hábeis e encantadoras parisienses que sabem fazer o marido feliz embora conservando a sua liberdade, fazia da casa de Colleville o ponto de reunião dos nossos melhores artistas e dos oradores da Câmara. Em casa dela ignorava-se quase o humilde posto ocupado por Colleville. O procedimento de Flávia, mulher um pouco fecunda demais, dava tanto azo à maledicência, que a sra. Rabourdin recusara-lhe todos os convites. O amigo de Colleville, chamado Thuillier, ocupava na repartição de Rabourdin um posto absolutamente igual ao de Colleville, e vira-se detido na sua carreira administrativa como este, pelos mesmos motivos. Quem conhecia Colleville conhecia Thuillier, e reciprocamente. A amizade dos dois, nascida na repartição, vinha da coincidência dos seus começos na administração. A bela sra. Colleville, diziam nas repartições, aceitara as atenções de Thuillier, a quem a mulher deixava sem filhos. Thuillier, cognominado o belo Thuillier, ex-homem de aventuras amorosas, levava uma vida tão ociosa quanto a de Colleville era ocupada. Colleville, primeiro clarinete na Ópera Cômica e guarda-livros pela manhã, esfalfava-se para elevar a família, embora não lhe faltassem proteções. Consideravam-no como um homem muito esperto, tanto mais que ele ocultava sua ambição sob uma espécie de indiferença. Contento na aparência com a sua sorte, gostando do trabalho, achava todos, inclusive seus chefes, dispostos a lhe protegerem a corajosa existência. Desde alguns dias somente, a sra. Colleville reformara seus hábitos caseiros e parecia inclinar-se para a devoção; por isso diziam vagamente na repartição que ela pensava em obter na Congregação um ponto de apoio mais firme do que o famoso orador Francisco Keller, um dos seus mais constantes adoradores, cuja influência não conseguira até o momento um posto superior para Colleville. Flávia dirigira-se, e foi esse um dos seus erros, a Des Lupeaulx. Colleville tinha a paixão de investigar o horóscopo dos

homens célebres no anagrama^[104] de seus nomes. Passava meses inteiros a decompor e recompor nomes a fim de lhes descobrir um sentido. *Un corse la finira* achado na *Révolution française*; *Vierge de sons mari*, em *Marie de Vignerot*, sobrinha do cardeal de Richelieu; *Henrici mei casta dea*, em *Catharina de Médicis*; *Eh! c'est large nez*, em *Charles Genest*, o abade da Corte de Luís XIV, tão conhecido por seu grande nariz que divertia o duque de Borgonha; enfim, todos os anagramas conhecidos tinham maravilhado Colleville. Erigindo o anagrama em ciência, ele achava que a sorte de todos os homens estava escrita na frase dada pela combinação das letras de seus nomes, prenomes e honrarias. Desde o advento de Carlos X, ele ocupava-se com o anagrama do rei. Thuillier, que perpetrava alguns trocadilhos, dizia que o anagrama era um trocadilho com letras. Colleville, homem de muito coração, ligado quase indissolúvelmente a Thuillier, modelo de egoísta, oferecia um problema insolúvel e que muitos funcionários da divisão explicavam por estas palavras: “Thuillier é rico e o casal Colleville é pesado!”. Efetivamente, Thuillier passava por juntar aos emolumentos de seu posto os lucros da usura; vinham muitas vezes procurá-lo para falar a negociantes com os quais ele tinha conferências de alguns minutos no pátio, mas por conta da srta. Thuillier, sua irmã. Essa amizade consolidada pelo tempo era baseada em sentimentos, em fatos bastante naturais, que acharão seu lugar em outra parte^[105] e que formariam aqui o que os críticos chamam prolixidades. Entretanto, não será talvez inútil fazer observar que, se conheciam muito a sra. Colleville na repartição, ignoravam quase a existência da sra. Thuillier. Colleville, o homem ativo, carregado de filhos, era alto, gordo, folgazão; ao passo que Thuillier, o *belo do Império*, sem preocupações aparentes, ocioso, de porte esbelto, apresentava aos olhares um semblante lívido e quase melancólico.

— Não sabemos — dizia Roubourdin falando desses dois funcionários — se as nossas amizades nascem antes de contrastes que de semelhanças.

Ao contrário daqueles irmãos siameses, Chazelle e Paulmier eram dois funcionários sempre em guerra: um fumava, o outro tomava rapé, e viviam discutindo sobre quem aborvia o tabaco do melhor modo. Um defeito que lhes era comum e que os tornava tão cacetes, quer um, quer outro, para os funcionários, consistia em altercarem a propósito dos bens móveis, do valor das ervilhas, do preço das cavalas, dos tecidos, dos guarda-chuvas, das roupas, dos chapéus, das bengalas e das luvas dos colegas. Gabavam em competição um com outro as novas descobertas, sem nunca tomar participação nelas. Chazelle colecionava prospectos de livraria, cartazes litografados e desenhados; mas não tomava assinatura de coisa nenhuma. Paulmier, colega de Chazelle em tagarelice, passava o tempo a dizer que, se tivesse tal ou tal fortuna, se

presentearia com tal ou tal coisa. Paulmier foi um dia à casa do famoso Dauriat^[106] para felicitá-lo por ter conseguido fazer com que a livraria produzisse livros acetinados com encadernações impressas, e induzi-lo a perseverar nessa senda de melhoramentos; e Paulmier não possuía um único livro! O matrimônio de Chazelle, tiranizado pela esposa e querendo ele parecer independente, fornecia eternos gracejos a Paulmier; ao passo que este, solteiro, muitas vezes em jejum como Vimeux, oferecia a Chazelle um texto fecundo com seus trajes surrados e sua indigência disfarçada. Chazelle e Paulmier começavam a criar barriga: a de Chazelle, redonda, pequena, pontuda, tinha, segundo um dito de Bixiou, a impertinência de ser sempre a primeira a passar; a de Paulmier flutuava da direita para a esquerda; Bixiou fazia medi-las mais ou menos uma vez por trimestre. Os dois estavam entre os trinta e quarenta anos; ambos bastante simplórios, nada faziam fora da repartição, e apresentavam o tipo do funcionário puro-sangue: abobados pelo papelório, pelo hábito das repartições. Chazelle com frequência adormecia durante o trabalho, e a pena que continuava empunhando, marcava com pequenos pontos suas inspirações. Paulmier atribuía então esse sono às exigências conjugais. Em resposta a esse gracejo, Chazelle acusava Paulmier de beber tisanas durante quatro dos doze meses do ano, e dizia-lhe que ele morreria de uma *grisette*. Paulmier demonstrava então que Chazelle apontava num almanaque os dias em que a sra. Chazelle o achava amável. Esses dois funcionários, à força de lavar a roupa suja apostrofando-se a propósito dos menores detalhes de sua vida privada, tinham conseguido a desconsideração que mereciam. “Toma-me por um Chazelle?” era a expressão que servia para encerrar uma discussão aborrecida.

O sr. Poirot Júnior, como o chamavam a fim de o distinguir do irmão, Poirot Sênior, o qual vivia retirado na casa Vauquer,^[107] onde Poirot Júnior ia jantar às vezes, propondo-se ele também ir aí terminar seus dias, tinha trinta anos de serviço. A natureza não é tão invariável nas suas revoluções quanto o era o pobre homem nos atos de sua vida: colocava suas coisas sempre no mesmo lugar, depunha a pena na mesma linha da tábua da mesa, sentava-se no seu posto à mesma hora, aproximava-se do aquecedor no mesmo minuto, porquanto sua única vaidade consistia em usar um relógio infalível, acertado, de resto, todos os dias com o do Hôtel-de-Ville, em frente ao qual passava, pois residia na Rue du Martroi. Das seis às oito horas da manhã, escriturava os livros de uma grande casa de novidades da Rue Saint-Antoine, e das seis às oito horas da tarde, os da casa Camusot,^[108] na Rue des Bourdonnais. Ganhava assim mil escudos, inclusos os ordenados do seu emprego. Indo atingir, daí a alguns meses, o tempo exigido para ter sua aposentadoria, mostrava grande indiferença pelas intrigas da repartição. Semelhante ao irmão, a quem a aposentadoria assestara um

golpe fatal, ele decairia sem dúvida muito, quando não tivesse mais de vir da Rue du Martroi ao ministério, para sentar-se na sua cadeira e despachar os papéis. Encarregado de organizar a coleção do jornal assinado pela repartição e a do *Moniteur*, tinha o fanatismo dessa coleção. Se algum funcionário perdia um número desse diário, ou o levava e não o trazia de volta, Poirot, o moço, obtinha autorização para sair, ia imediatamente ao escritório do jornal, pedia o número que faltava, regressando entusiasmado com a polidez do caixa. Tinha tido sempre de se haver com um rapaz encantador, e, segundo ele, os jornalistas eram decididamente gente amável e pouco conhecida. Homem de estatura medíocre, Poirot tinha olhos semiapagados, um olhar fraco e sem calor, pele curtida, enrugada, de tom plúmbeo, semeada de pequenos grãos azulados, nariz chato e uma boca metida para dentro, na qual flanavam alguns dentes estragados. Por isso Thuillier dizia que Poirot, por mais que se olhasse no espelho, não se via nele.^[109] Seus braços magros e compridos terminavam por mãos enormes, sem nenhuma alvura. Seus cabelos grisalhos, grudados pela pressão do chapéu, davam-lhe o ar de um eclesiástico, semelhança pouco lisonjeira para ele, pois odiava os padres e o clero, sem que pudesse explicar suas opiniões religiosas. Essa antipatia não o impedia de ser extremamente apegado ao governo, fosse ele qual fosse. Não abotoava nunca sua velha sobrecasaca esverdeada, por mais violento que fosse o frio; só calçava sapatos de cadarço e calças pretas. Fazia suas compras nas mesmas casas havia trinta anos. Quando seu alfaiate morreu, Poirot pediu uma dispensa para ir ao enterro e apertou a mão do filho sobre a cova do pai, assegurando-lhe sua freguesia. Amigo de todos os seus fornecedores, informava-se dos negócios deles, conversava e ouvia-lhes as queixas, pagando à vista. Se escrevia a algum desses senhores para determinar uma mudança no seu pedido, observava as mais polidas fórmulas, punha *Senhor* destacado no alto da página, datava e fazia um rascunho da carta, que guardava numa pasta etiquetada: *Minha correspondência*. Não havia vida mais regrada. Poirot possuía todas as suas contas pagas, todos os seus recibos, mesmo insignificantes, e seus livros de despesa anual envoltos em capas e qualificados por anos, desde sua entrada no ministério. Jantava no mesmo restaurante, no mesmo lugar, como pensionista, no *Veau-qui-tette*, na Place do Châtelet; os garçons guardavam-lhe o lugar. Não concedendo ao *Cocon d'or*, a famosa loja de sedas, cinco minutos além do tempo devido, às oito horas e meia ele chegava ao *Café David*,^[110] o mais célebre do bairro, e aí ficava até as onze horas; ia ali, como ao *Veau-qui-tette*, fazia trinta anos, e tomava uma xícara de chá com leite, rum, gemas e açúcar (*bavaroise*), às dez horas e meia. Ali ele ouvia as discussões políticas, de braços cruzados sobre a bengala e com o queixo amparado na mão direita, sem nunca tomar parte nelas. A moça do

balcão, única mulher à qual falava com prazer, era a confidente dos pequenos acidentes de sua vida, porque ele ocupava um lugar na mesa junto ao balcão. Jogava dominó, que era o único jogo que conseguira compreender. Quando os parceiros não vinham, encontravam-no algumas vezes adormecido, com as costas apoiadas no madeiramento da parede e segurando um jornal, cuja tabuinha descansava em cima do mármore da mesa. Interessava-se por tudo que se fazia em Paris e consagrava o domingo a examinar as novas construções. Interrogava o inválido encarregado de impedir a entrada do público no recinto fechado pelas tábuas, e preocupava-se com a demora que as construções sofriam por falta de material ou de dinheiro, e pelas dificuldades com que o arquiteto deparava. Ouviam-no dizer: “Vi o Louvre sair dos escombros, vi nascer a Place du Châtelet, o Quai aux Fleurs, os mercados!”. Ele e o irmão, nascidos em Troyes, filhos de um empregado das granjas, tinham sido enviados a Paris para estudar as repartições. A mãe deles notabilizou-se por um desregramento desastroso, porque os dois filhos tiveram o pesar de saber de sua morte no hospital de Troyes, apesar das inúmeras remessas de fundos. Não somente os dois, então, juraram que nunca se casariam, como também conceberam horror pelas crianças: não se sentindo à vontade junto delas, temiam-nas como se pode temer os loucos, tinham sido esmagados por trabalhos nos tempos de Robert Lindet. A administração nessa época não foi justa para com eles, mas se consideravam felizes por terem conservado a cabeça, e só entre eles se queixavam dessa ingratidão, porquanto tinham *organizado o Maximum*.

[111] Na ocasião da peça que pregaram a Phellion, fazendo reformar sua famosa frase por Rabourdin, Poiret chamou-o à parte, no corredor, ao sair, e lhe disse:

— Creia, senhor, que me opus com quantas forças tinha ao que fizeram.

Desde sua chegada a Paris, ele jamais saíra da cidade. Já nesse tempo começara um diário de sua vida no qual assinalava os acontecimentos marcantes do dia. Du Bruel informara-o de que Lord Byron assim procedia: essa similitude encheu Poiret de alegria, e incitou-o a comprar as obras de Byron, traduzidas por Chastopalli, as quais ele não compreendeu absolutamente. Surpreendiam-no muitas vezes no escritório numa postura melancólica, tinha o ar de quem estivesse engolfado em pensamentos profundos, mas de fato não pensava em nada. Não conhecia um único dos inquilinos da casa em que morava e trazia consigo a chave de sua residência. No dia primeiro do ano, ele mesmo levava seus cartões à casa de todos os funcionários da divisão, e nunca fazia visitas. Bixiou, num dia de canícula, lembrou-se de engraxar o interior de um velho chapéu que Poiret Júnior (este tinha cinquenta e dois anos) poupava fazia nove anos. Bixiou, que

nunca vira senão esse chapéu na cabeça de Poiret, sonhava com ele, via-o quando comia; no interesse das suas digestões resolveu desembaraçar a repartição daquele chapéu imundo. Poiret, o moço, saiu por volta das quatro horas. Ao caminhar pelas ruas de Paris, onde os raios do sol refletidos pelo calçamento e pelas paredes produziam calores tropicais, sentiu a cabeça inundada, ele que raramente suava. *Julgando-se então doente ou a ponto de adoecer*, em vez de ir ao *Veau-qui-tette*, Poiret foi para casa, tirou da escrivaninha o diário de sua vida e consignou o fato do modo seguinte:

“Hoje, 3 de julho de 1823, surpreendido por um suor estranho, prenúncio talvez de uma febre miliar, doença peculiar à Champagne, disponho-me a consultar o dr. Haudry.^[112] A invasão da moléstia começou perto do Quai de l'École”.

De repente, tendo tirado o chapéu, reconheceu que o pretenso suor tinha uma causa independente da sua pessoa. Enxugou o rosto, examinou o chapéu, e nada pôde descobrir, porque não se atreveu a descoser o forro. Anotou portanto o seguinte no seu diário:

“Levei o chapéu à casa do sr. Tournan, chapeleiro, na Rue Saint-Martin, pois suspeito que há outra causa para aquele suor, o qual nesse caso não seria mais um suor, e sim o efeito de uma adição qualquer recente ou antiga feita ao chapéu”.

O sr. Tournan notificou imediatamente ao seu freguês a presença de um corpo graxo, obtido pela destilação de um porco ou de uma porca. No dia seguinte Poiret apresentou-se com um chapéu emprestado pelo sr. Tournan, enquanto esperava o novo; mas não se deitara sem acrescentar esta frase ao diário: *Está verificado que meu chapéu continha banha ou gordura de porco*. Esse fato inexplicável ocupou mais de quinze dias a inteligência de Poiret, o qual jamais veio a saber como aquele fenômeno pudera produzir-se. Entretiveram-no na repartição com chuvas de sapos e outras aventuras caniculares, a respeito da cabeça de Napoleão achada numa raiz de olmeiro, de mil singularidades da história natural. Vimeux contou-lhe que um dia seu chapéu, dele Vimeux, destingira-se deixando escorrer a tinta preta pelo seu rosto, e que os chapeleiros vendiam umas drogas. Poiret foi várias vezes à casa do sr. Tournan a fim de se certificar dos seus processos de fabricação.

Havia ainda na repartição de Rabourdin um funcionário que bancava o homem corajoso, professava as opiniões do centro-esquerda e se insurgia contra as tiranias de Baudoyer, exercidas sobre os infelizes escravos daquela repartição. Esse rapaz, chamado Fleury, assinava atrevidamente uma folha da oposição, usava um chapéu cinzento de abas largas, listras encarnadas nas calças azuis, um colete azul com botões dourados e uma sobrecasaca trespassada no peito como a de um quartel-mestre da gendarmeria. Embora inabalável nos seus princípios, permanecia entretanto empregado na repartição; mas, ali, predizia um

futuro fatal para o governo, caso continuasse se afundando na religião. Confessava suas simpatias por Napoleão, depois que a morte do grande homem fizera cair em descaso as leis contra os partidários do usurpador. Fleury, ex-capitão num regimento de linha no tempo do imperador, alto, belo, moreno, era fiscal no Cirque Olympique. Bixiou jamais se permitira fazer caricaturas de Fleury, porque aquele rude militar, que atirava muito bem de pistola, e era forte na esgrima, parecia capaz num momento dado de cometer grandes brutalidades. Assinante apaixonado das *Vitórias e conquistas*,^[113] Fleury recusava pagar, embora conservando os folhetos entregues, sob o pretexto de que estes ultrapassavam o número prometido nos prospectos. Adorava o sr. Rabourdin, o qual impedira que ele fosse destituído. Deixara escapar uma vez que, se um dia acontecesse alguma desgraça ao sr. Rabourdin por culpa de alguém, mataria esse alguém. Dutocq bajulava vilmente Fleury, tal o medo que tinha dele. Fleury, crivado de dívidas, pregava mil peças aos seus credores. Sabido em legislação, não assinava promissórias, e pusera ele próprio sobre seu ordenado embargos sob o nome de credores imaginários, de modo que ele o recebia quase todo. Muito intimamente ligado com uma comparsa da Porte Saint-Martin, em cuja casa estavam seus móveis, ele jogava o *écarté* com sorte, era o encanto das reuniões por suas habilidades, bebia uma taça de champanhe de uma vez só, sem molhar os lábios, e sabia de cor todas as canções de Béranger.^[114] Mostrava-se orgulhoso de sua voz cheia e sonora. Seus três grandes homens eram Napoleão, Bolívar e Béranger. Foy, Laffitte e Casimir Delavigne^[115] tinham apenas sua estima. Fleury, como devem ter percebido, homem do Midi, devia acabar como editor responsável de algum jornal liberal.

Desroys, o homem misterioso da divisão, não privava com ninguém, pouco falava, ocultava tão bem sua vida que ignoravam seu domicílio, seus protetores e seus meios de existência. Ao procurarem as causas desse silêncio, alguns reputavam Desroys um carbonário, outros um orleanista; estes, um espião, aqueles, um homem profundo. Desroys era muito simplesmente filho de um convencional que não tinha votado a morte. Frio e discreto por temperamento, julgara a sociedade e não contava senão consigo mesmo. Republicano em segredo, admirador de Paul-Louis Courier,^[116] amigo de Miguel Chrestien,^[117] esperava do tempo e da razão pública o triunfo de suas opiniões na Europa. Por isso sonhava com a jovem Alemanha e com a jovem Itália. Seu coração intumescia-se com esse estúpido amor coletivo que é preciso denominar *humanitarismo*, filho primogênito da defunta filantropia, e que é para a divina caridade católica o que o sistema é para a arte, o raciocínio substituído à obra. Esse consciencioso puritano da liberdade, esse apóstolo de uma igualdade impossível, lamentava ser obrigado pela miséria a servir o governo, e dava os passos necessários

para entrar em alguma administração de transportes. Comprido, seco, tenebroso e grave como um homem que se julgava solicitado a dar um dia sua cabeça pela grande obra, vivia de uma página de Volney,^[118] estudava Saint-Just^[119] e ocupava-se de uma reabilitação de Robespierre,^[120] considerado como o continuador de Jesus Cristo.

O último dessas personagens que merece uma penada é o jovem La Billardièrre. Tendo, por desgraça, perdido a mãe, protegido pelo ministro, isento das impertinências do *Praça Baudoyer*, recebido em todos os salões ministeriais, era odiado por todos, devido à sua impertinência e à sua fatuidade. Os chefes mostravam-se polidos para com ele, mas os funcionários o tinham excluído de sua camaradagem por meio de uma polidez grotesca inventada para ele. Pedante de vinte e dois anos, alto e delgado, tendo as maneiras de um inglês, insultando a repartição com sua apresentação de janota, frisado, perfumado, espartilhado, de luvas amarelas, com chapéus de copas sempre novas, usando monóculo, indo almoçar no Palais-Royal, sendo de uma burrice envernizada por maneiras que tresandavam a imitação, Benjamim de la Billardièrre julgava-se um rapaz bonito e tinha todos os vícios da alta sociedade, sem ter as virtudes dela. Seguro de que seria feito *alguma coisa*, pensava escrever um livro para receber a cruz como literato e atribuí-la aos seus talentos administrativos. Adulava, portanto, Bixiou com a intenção de explorá-lo, mas sem ter-se atrevido ainda a abrir-se com ele relativamente a esse projeto. Esse nobre coração esperava com impaciência a morte do pai para suceder ao título de barão, recentemente concedido; punha nos seus cartões de visita: Cavaleiro de la Billardièrre, e expusera no seu gabinete suas armas emolduradas (*em campo de sable, duas espadas passadas em aspa e um chefe de blau carregado de três estrelas, com a divisa: SEMPRE FIEL*). Tendo a mania de entreter-se com a arte heráldica, ele perguntara ao jovem visconde de Portenduère por que motivo eram suas armas tão carregadas, e mereceu esta bonita resposta: “Eu não as mandei fazer”. Costumava falar de seu devotamento à monarquia e das bondades que a mulher do delfim tinha para com ele. Muito às boas com Des Lupeaulx, almoçava frequentemente com ele e julgava-o seu amigo. Bixiou, instituído seu mentor, esperava desembaraçar a divisão e a França daquele jovem fátuo atirando-o na devassidão, e confessava em altas vozes seu projeto.

Tais eram as principais fisionomias da divisão La Billardièrre, na qual havia ainda outros funcionários, cujos costumes ou aspectos se aproximavam ou se afastavam mais ou menos destes. Encontravam-se na seção Baudoyer funcionários de frente calva, friorentos, forrados de flanela, empoleirados em quintos andares, aí cultivando flores, tendo bengalas de espinheiro, velhas casacas surradas, guarda-chuva permanente. Esses tipos, que são um meio-termo entre os porteiros felizes e os operários necessitados, por demais afastados dos centros

administrativos para pensarem numa promoção qualquer, representam os peões do tabuleiro do xadrez burocrático. Felizes por estarem de guarda a fim de não ir à repartição, capazes de tudo por uma gratificação, a existência deles é um problema, mesmo para aqueles que os empregam, e uma acusação contra o Estado, o qual, certamente, engendra essas misérias ao aceitá-los. Ante o aspecto dessas estranhas fisionomias, é difícil decidir se esses mamíferos de pernas se cretinizam nesse ofício ou se não estão nesse ofício porque são um tanto cretinos de nascença. Talvez que as partes da natureza e do governo sejam iguais. “Os aldeãos”, disse um desconhecido, “sofrem, sem que o percebam, a ação das circunstâncias atmosféricas e dos acontecimentos exteriores. Identificados, de algum modo, com a natureza no meio da qual vivem, eles se compenetraram insensivelmente das ideias e sentimentos que ela desperta, e os reproduzem nos seus atos e na sua fisionomia, segundo a sua organização e caráter individual. Assim modelados e afeiçoados de longa data pelos objetos que constantemente os cercam, eles são o livro mais interessante e mais verdadeiro para quem quer que se sinta atraído para esta parte da fisiologia, tão pouco conhecida e tão fecunda, que explica as relações do ser moral com os agentes exteriores da natureza.” Ora, a natureza, para o funcionário, é a repartição; seu horizonte é limitado de todos os lados por cartapácios verdes; para ele as circunstâncias atmosféricas são o ar dos corredores, as exalações masculinas contidas em peças sem ventiladores, o cheiro dos papéis e das penas, seu terreiro é um chão ladrilhado ou um assoalho matizado de fragmentos singulares, umedecido pelo regador do servente do escritório; seu céu é um teto ao qual ele dirige seus bocejos, e seu elemento é a poeira. A observação sobre os aldeãos adapta-se às mil maravilhas aos funcionários identificados com a natureza no meio da qual vivem. Se muitos médicos distintos temem a influência dessa natureza, ao mesmo tempo selvagem e civilizada, sobre o ser moral encerrado nesses horríveis compartimentos denominados repartições, onde o sol pouco penetra, onde o pensamento é limitado por ocupações semelhantes à dos cavalos que giram num picadeiro, que bocejam horivelmente e morrem prematuramente, Rabourdin tinha profundamente razão ao querer reduzir o número de funcionários, pedindo para eles bons ordenados e imensos trabalhos. A gente nunca se aborrece de fazer grandes coisas. Ora, tal como são constituídas as repartições, durante as nove horas que seus funcionários devem ao Estado, eles perdem quatro em palestras, como se vai ver, em narrativas, em discussões e, sobretudo, em intrigas.

Por isso é preciso ter frequentado as repartições para reconhecer a que ponto a vida acanhada aí se assemelha à dos colégios; mas, em toda a parte onde os homens vivem coletivamente, essa semelhança é

impressionante: no regimento, nos tribunais, encontra-se o colégio mais ou menos aumentado. Todos esses funcionários, reunidos durante suas sessões de oito horas nas repartições, viam ali uma espécie de aula onde havia deveres a fazer, onde os chefes substituíam os monitores do estudo, onde as gratificações eram como que prêmios de boa conduta dados aos protegidos, onde troçavam uns dos outros, onde se odiavam e onde, entretanto, existia uma espécie de camaradagem, já mais fria, porém, do que a do regimento, a qual por sua vez é menos forte do que a do colégio. À medida que o homem se adianta na vida, o egoísmo se desenvolve e afrouxa os laços secundários em matéria de afeição. Enfim, não são as repartições o mundo em ponto pequeno, com suas singularidades, suas amizades, seus ódios, sua inveja e sua cupidez, seu movimento de marcha apesar de tudo, seus discursos frívolos que abrem tantas feridas e sua espionagem incessante?

II — A MÁQUINA EM MOVIMENTO

Naquele momento, a divisão do sr. barão de la Billardiére era presa de uma agitação extraordinária, bem justificada pelo acontecimento que ali se ia realizar, porquanto os chefes de divisão não morrem todos os dias, e não há tontina na qual as probabilidades de vida e de morte se calculem com mais sagacidade do que nas repartições. O interesse ali abafa toda e qualquer piedade, como nas crianças; os funcionários, porém, têm a hipocrisia a mais.

Cerca das oito horas, os funcionários da seção Baudoyer chegavam ao seu posto, ao passo que os de Rabourdin somente às nove horas começavam a aparecer, o que não impedia que o trabalho na seção Rabourdin fosse terminado mais rapidamente do que na Baudoyer. Dutocq tinha graves motivos para ter vindo tão cedo. Tendo entrado furtivamente, na véspera, no gabinete onde Sebastião trabalhava, ele o surpreendera copiando um trabalho para Rabourdin; escondera-se e vira Sebastião sair sem papéis. Certo então de achar aquela minuta bastante volumosa e a cópia ocultas num lugar qualquer, procurando em todos os cartapácios, um por um, acabara achando aquela terrível exposição. Sem perda de tempo foi à casa do diretor de um estabelecimento autográfico, para que tirassem dois exemplares daquele trabalho, por meio de uma imprensa de copiar, e assim, pois, possuía a própria letra de Rabourdin. A fim de não despertar suspeitas, apressou-se em recolocar a minuta no cartapácio, indo para a repartição antes de qualquer outro. Retido até meia-noite na Rue Duphot, Sebastião, apesar de sua pressa, viu-se antecipado pelo ódio. O ódio residia na Rue Saint Louis-Saint Honoré, ao passo que o devotamento morava na Rue du Roi-Doré, no Marais. Esse simples atraso pesou sobre

toda a vida de Rabourdin. Sebastião, ansioso por abrir o cartapácio, encontrou nele sua cópia inacabada, a minuta em ordem, e fechou tudo no cofre do chefe. Em fins de dezembro, há pouca claridade pela manhã nas repartições, algumas mesmo havia nas quais se conservavam as lâmpadas acesas até as dez horas. Sebastião, portanto, não pôde notar a pressão da pedra sobre o papel. Quando, porém, às nove horas e meia Rabourdin examinou a minuta, percebeu tanto melhor o efeito produzido pelos processos da autografia, por ter-se ocupado muito com esse método, a fim de verificar se as prensas autográficas poderiam substituir os escriturários.

O chefe da seção sentou-se na sua poltrona, pegou as pinças e pôs-se a arrumar metodicamente o fogo da lareira, de tal forma estava absorto nas suas reflexões; depois, curioso por saber em que mãos se achava seu segredo, mandou chamar Sebastião.

— Veio alguém à repartição antes de você? — perguntou-lhe.

— Sim — disse Sebastião —, o sr. Dutocq.

— Bem, ele é pontual. Mande-me o Antônio.

Superior demais para afligir Sebastião inutilmente exprobrando-lhe uma desgraça consumada, Rabourdin nada mais lhe disse. Antônio veio. Rabourdin perguntou-lhe se na véspera não tinha ficado nenhum funcionário na repartição depois das quatro horas; o servente citou o nome de Dutocq como tendo trabalhado até mais tarde do que o sr. de la Roche. Rabourdin despediu o servente com um gesto de cabeça, e retomou o curso de suas reflexões.

“Por duas vezes impedi que ele fosse destituído”, pensou, “e aqui está a minha recompensa!”

Essa manhã devia ser para o chefe de seção como que o momento solene em que os grandes capitães decidem uma batalha pesando-lhe todas as probabilidades. Conhecendo melhor do que ninguém o espírito das repartições, sabia que ali, tanto como no colégio, no presídio ou no Exército, não se perdoa nada que se assemelhe à delação e à espionagem. Um homem capaz de fornecer apontamentos sobre seus colegas é desprezado, vilipendiado, e fica perdido: nesse caso os ministros abandonam seus próprios instrumentos. Um funcionário deve então apresentar sua demissão e sair de Paris, sua honra fica maculada para sempre; as explicações são inúteis, ninguém as pede e tampouco as quer ouvir. Nesse joguinho um ministro é um grande homem, ganha a reputação de saber escolher seus homens; um simples funcionário, porém, passa por espião, quaisquer que sejam seus motivos. Embora medindo a inanidade dessas tolices, Rabourdin sabia-as imensas e sentia-se acabrunhado por elas. Mais surpreendido do que aterrado, ele procurou a melhor orientação a seguir naquela circunstância e ficou portanto alheio ao movimento da repartição, perturbada pela morte do sr. de la Billardiére, da qual veio a saber pelo

jovem La Brière, que sabia apreciar o imenso valor do chefe da seção.

Ora, na seção dos Baudoyer (diziam os Baudoyer, os Roubourdin) cerca das dez horas, Bixou narrava os últimos momentos do diretor da divisão a Minard, a Desroys, ao sr. Godard, a quem ele fizera sair de seu gabinete, a Dutocq, que acudira à seção dos Baudoyer por um duplo motivo. Colleville e Chazelle não estavam.

BIXIOU (*de pé em frente ao aquecedor, a cuja boca apresenta alternativamente a sola de cada bota, para a secar*): Esta manhã, às sete horas e meia, fui em busca de notícias do nosso digno e respeitável diretor, cavaleiro de Cristo etc. etc. Pois bem! Meu Deus, sim, senhores, o barão ontem ainda era vinte *et cetera*; hoje, porém, não é mais nada, nem mesmo funcionário. Pedi pormenores da noite que ele passou. A guarda dele, que se rende, mas não morre, disse-me que, pela manhã desde às cinco horas, ele se preocupara com a família real. Fizera com que lhe dessem os nomes daqueles de nós que iam saber notícias. Enfim dissera: “Encha minha caixa de rapé, dê-me o jornal, traga-me os óculos, mude a fita da minha Legião de Honra, que está muito suja”. Como sabem, ele usa as condecorações na cama. Estava portanto completamente consciente, em pleno juízo, com todas as suas ideias habituais. Mas, ora! Dez minutos depois, a água subira, subira até o coração, até o peito; ele sentiu-se morrer ao sentir os quistos arrebentarem. Nesse momento fatal, provou quanto era forte seu espírito, e vasta a sua inteligência! Ah! Nós não soubemos apreciá-lo! Nós zombávamos dele, nós o considerávamos um palerma, tudo o que há de mais palerma, não é assim, sr. Godard?

GODARD: Quanto a mim, eu apreciava os talentos do sr. de la Billardière mais do que ninguém.

BIXIOU: O senhor e ele se compreendiam!

GODARD: Enfim, não era um homem mau; nunca fez mal a ninguém.

BIXIOU: Para fazer o mal, é preciso fazer alguma coisa, e ele não fazia nada. Se não foi o senhor que o julgou completamente incapaz, foi então Minard.

MINARD (*dando de ombros*): Eu?

BIXIOU: Bem, então foi você, Dutocq? (*Dutocq faz um sinal de denegação violenta*) Bem! Vamos, ninguém! Portanto, todos aqui o tinham por uma cabeça hercúlea! Pois bem, os senhores têm razão: ele extinguiu-se como um homem de espírito, de talento, de cabeça, enfim, como um grande homem que era.

DESROYS (*impaciente*): Mas afinal, meu Deus! Que fez ele de tão grande? Confessou-se!

BIXIOU: Sim, senhor, ele quis receber os santos sacramentos. Mas, para recebê-los, sabem o que fez? Vestiu o traje de gentil-homem ordinário da Câmara, pôs todas as suas condecorações, enfim fez-se empoar; ataram-lhe a trança (pobre trança!) com uma fita nova. Ora, eu

afirmo que somente um homem de muito caráter é capaz de mandar atar sua trança no momento de morrer; somos oito aqui, e não há um único que mandaria fazer tal coisa. E não é tudo: ele disse, porque como vocês sabem, todos os homens célebres ao morrer fazem um último *speech* (isso é um termo inglês que significa *salada parlamentar*), ele disse, repito... Como foi mesmo que ele disse? Ah! “Devo paramentar-me bem para receber o rei do céu, visto que tantas vezes me engalanei para apresentar-me ante o rei da terra!” Eis aí como se extinguiu o sr. de la Billardiére; ele impôs-se ao dever de justificar a sentença de Pitágoras: “Não se conhecem bem os homens senão depois de sua morte”.

COLLEVILLE (*entrando*): Enfim, senhores, comunico-lhes uma notícia formidável...

TODOS: Já sabemos.

COLLEVILLE: Desafio que o saibam! Estou nisso desde o advento de Sua Majestade aos tronos coletivos de França e de Navarra. Terminei-o esta noite com tanto trabalho que a sra. Colleville me perguntou o que tinha eu que tanto me arreliaava.

DUTOCQ: Julga o senhor que alguém tenha tempo de se preocupar com os seus anagramas, quando o respeitável sr. de la Billardiére acaba de falecer?...

COLLEVILLE: Reconheço o meu Bixiou! Venho da casa do sr. de la Billardiére, ele ainda estava vivo; mas estão esperando que ele passe... (*Godard compreende a pilhéria e descontente retira-se para o seu gabinete*) Senhores, jamais adivinhariam os acontecimentos que subentende o anagrama desta frase sacramental. (*Mostra um papel*) *Charles Dix, par la grâce de Dieu, roi de France e de Navarre.*

GODARD (*de volta*): Diga-o logo, e não distraia estes senhores.

COLLEVILLE (*triumfante e desenrolando a parte oculta da sua folha de papel*):

*A H. V il cedera,
De S. C. l. d. partira.
En nauferrera.
Decede à Gorix.*

Não falta nem uma letra! (*Repete*): *A Henri V il cedera* (sua coroa); *de Saint-Cloud partira*; *en nauf* (esquife, navio, falucho, corveta, tudo o que quiserem, é uma palavra antiquada) *errera*.

DUTOCQ: Que trama de absurdos! Como quer que o rei ceda a coroa a Henrique v,^[121] o qual na sua hipótese seria seu neto, quando existe monsenhor o delfim?^[122] O senhor já está profetizando a morte do delfim.

BIXIOU: Que vem a ser Gorix? Um nome de gato?

COLLEVILLE: (*ressentido*): Abreviação lapidar de um nome de cidade,

meu caro amigo; procurei-a em Malte-Brun;^[123] Goritz, em latim *Gorixia*,^[124] situada na Boêmia ou na Hungria, enfim na Áustria...

BIXIOU: Tirol, províncias bascas ou América do Sul. O senhor deveria ter procurado também uma ária para tocar no clarinete.

GODARD (*dando de ombros e retirando-se*): Que asneira!

COLLEVILLE: Asneira! Asneira! Eu bem quisera que o senhor se desse o trabalho de estudar o fatalismo, religião do imperador Napoleão.

GODARD (*picado com tom de Colleville*): Senhor Colleville, Bonaparte pode ser chamado *imperador* pelos historiadores, mas não deve ser reconhecido nessa qualidade nas repartições.

BIXIOU (*sorrindo*): Procure esse anagrama, meu caro amigo! Prefiro sua mulher, é mais fácil de revirar. (*Em voz baixa*) Flávia bem que deveria, nas suas horas perdidas, fazer com que o nomeassem chefe de repartição, quando mais não fosse para subtraí-lo às impertinências desse Godard!

DUTOCQ (*secundando Godard*): Se não fossem asneiras, o senhor perderia o emprego, porque está profetizando acontecimentos pouco agradáveis ao rei; todo bom monarquista deve presumir que ele há de estar farto de duas estadas no estrangeiro.^[125]

COLLEVILLE: Se me tirassem o emprego, Francisco Keller daria umas boas sacudidas no vosso ministro. (*Silêncio profundo*) Fique sabendo, mestre Dutocq, que todos os anagramas conhecidos se realizaram. Olhe, o senhor!... Digo-lhe que não se case, pois se encontra *coqu* no seu nome.

BIXIOU: *D, t*, ficam então para *detestável*.

DUTOCQ (*sem se mostrar zangado*): Prefiro que seja somente no meu nome.

PAULMIER (*baixinho a Desroys*): Aguenta, meu Colleville.

DUTOCQ (*a Colleville*): Já fez o de *Xavier Rabourdin, chef de bureau*?

COLLEVILLE: Como não!

BIXIOU (*aparando uma pena*): E que foi que achou?

COLLEVILLE: Dá o seguinte:

D'abord rêva bureaux. E-u... Está compreendendo bem?... Et il eut! E-u fin riche. O que quer dizer que, depois de ter começado na administração, ele a mandará bugiar, e irá fazer fortuna em outro lado. (*Repete*) *D'abord rêva bureaux, E-u fin riche.*^[126]

DUTOCQ: Pelo menos é estranho.

BIXIOU: E Isidoro Baudoyer?

COLLEVILLE (*misteriosamente*): Não me agrada dizê-lo a outro que não a Thuillier.

BIXIOU: Aposto um almoço como eu o digo.

COLLEVILLE: Pago, se você achar.

BIXIOU: Então vai banquetear-me; mas não se zangue por isso: dois artistas como nós se divertirão a não mais poder! *Isidoro Baudoyer dá Ris*

COLLEVILLE (*espantado*): Você roubou-me isso.

BIXIOU (*cerimoniosamente*): Senhor Colleville, faça o favor de me julgar suficientemente rico em bobagens para não roubar as do meu próximo.

BAUDOYER (*entrando com um processo na mão*): Senhores, rogo-lhes, falem um pouco mais alto, assim colocam a repartição em ótimo conceito perante a administração. O digno sr. Clergeot, que me fez a honra de vir pedir-me uma informação, ouvia a conversa dos senhores. (*Passa para o gabinete do sr. Godard.*)

BIXIOU (*em voz baixa*): O ladrador esta manhã está muito manso, vamos ter mudanças na atmosfera.

DUTOCQ (*em voz baixa, a Bixiou*): Tenho alguma coisa a dizer-lhe.

BIXIOU (*apalpando o colete de Dutocq*): Você tem um lindo colete que com certeza não lhe custou quase nada. É esse o segredo.

DUTOCQ: Como, quase nada! Nunca paguei nada tão caro! Isto vale seis francos a vara, no Grand Magasin da Rue de la Paix, uma bela fazenda baça que senta muito no luto pesado.

BIXIOU: Você é sabido em gravuras, mas ignora as leis da etiqueta. Não se pode ser universal. A seda não é admitida no luto pesado. Por isso eu só uso lã. O sr. Rabourdin, o sr. Clergeot, o ministro, todos eles estão vestidos de lã; o Faubourg Saint-Germain é todo lã. Só Minard não usa lã, tem medo de ser tomado por um carneiro, chamado *laniger* em latim bucólico; tomando isso como pretexto ele se dispensou de botar luto por Luís XVIII, grande legislador, autor da Carta Constitucional e homem de espírito, um rei que ocupará corretamente um lugar na história, como o fazia no trono e em toda a parte; pois, conhece você o mais belo rasgo da vida dele? Não. Pois bem, na sua segunda entrada, ao receber todos os soberanos aliados, ele passou em primeiro lugar ao irem para a mesa.

PAULMIER (*olhando para Dutocq*): Eu não vejo...

DUTOCQ (*olhando para Paulmier*): Nem eu tampouco.

BIXIOU: Vocês não compreendem? Pois bem, ele não se considerava em sua casa. Isso era espirituoso, grande e epigramático. Os soberanos, tanto como vocês, não compreenderam, mesmo cotizando-se para compreender; é verdade que quase todos eles eram estrangeiros...

(*Baudoyer, durante esta conversação, está no canto da lareira, no gabinete de seu subchefe, e os dois falam em voz baixa.*)

BAUDOYER: Sim, o digno senhor está expirando. Os dois ministros estão lá para recolher seu último suspiro; meu sogro acaba de ser avisado do acontecimento. Se quer prestar-me um grande serviço, tome um cabriolé e vá prevenir a sra. Baudoyer, pois o sr. Saillard não pode abandonar a caixa, e eu não me atrevo a deixar a repartição sozinha. Ponha-se à disposição dela, pois julgo que ela tem seus projetos e

poderia querer tomar simultaneamente algumas providências.

(Os dois funcionários saem juntos.)

GODARD: Senhor Bixiou, vou ausentar-me da repartição por todo o dia, substitua-me, portanto.

BAUDOYER *(a Bixiou com ar benigno)*: Se houver necessidade, consulte-me.

BIXIOU: Agora sim, La Billardièrre morreu.

DUTOQC *(ao ouvido de Bixiou)*: Vá até lá fora, acompanhando-me. *(Dutocq e Bixiou saem para o corredor e se olham como dois áugures.)*

DUTOQC *(falando ao ouvido de Bixiou)*: Ouça. Eis o momento de nos entendermos para subir. Que diria você se nos tornássemos, você chefe e eu subchefe?

BIXIOU *(dando de ombros)*: Vamos, nada de pilhérias!

DUTOQC: Se Baudoyer fosse nomeado, Rabourdin não ficaria, solicitava demissão. Aqui entre nós, Baudoyer é tão incapaz que, se Du Bruel e você não o quiserem auxiliar, dentro de dois meses ele será despedido. Se sei contar, temos pela frente três lugares vagos.

BIXIOU: Três lugares que passarão sob as nossas ventas e serão dados a barrigudos, a lacaios, a espiões, a homens da Congregação, a Colleville, cuja mulher acabou por onde acabam as mulheres bonitas... pela devoção...

DUTOQC: A você, meu caro, se quiser uma vez na vida usar seu espírito logicamente. *(Detém-se para estudar na fisionomia de Bixiou o efeito do seu advérbio.)* Joguemos os dois com as cartas na mesa.

BIXIOU *(impassível)*: Vejamos seu jogo!

DUTOQC: Eu não quero ser mais do que subchefe; conheço-me, sei que não tenho, como você, condições para ser chefe. Du Bruel pode chegar a diretor, você será seu chefe de repartição; ele lhe deixará seu posto quando tiver feito seu bolo, e eu lambiscarei, protegido por você, até aposentar-me.

BIXIOU: Finório! Mas por que meios espera você levar a cabo uma empresa na qual se trata de forçar a mão ao ministro e expectorar um homem de talento? Entre nós, Rabourdin é o único homem capaz da divisão e talvez do ministério. Ora, trata-se de colocar no seu lugar a burrice quadrada, o cubo da tolice, a *Praça Baudoyer*.

DUTOQC *(ufanando-se)*: Meu caro, posso erguer contra Rabourdin todas as seções! Você sabe o quanto Fleury gosta dele? Pois bem, o próprio Fleury o desprezará.

BIXIOU: Ser desprezado por Fleury!

DUTOQC: Rabourdin ficará sem ninguém; os funcionários em massa irão queixar-se dele ao ministro, e não será somente nossa divisão, mas também a divisão Clergeot, a divisão Bois-Levant, e os outros ministérios...

BIXIOU: É isso! Cavalaria, infantaria, artilharia e o corpo dos

marinheiros da guarda, para a frente! Você está delirando, meu caro! E eu, que tenho a fazer nessa intriga?

DUTOCQ: Uma caricatura mordaz, um desenho de matar um homem.

BIXIOU: Você paga?

DUTOCQ: Cem francos.

BIXIOU (*com os seus botões*): Há qualquer coisa.

DUTOCQ (*prossequindo*): Seria preciso apresentar Rabourdin vestido de açougueiro, mas bem parecido, buscar analogias entre uma repartição e uma cozinha, pôr-lhe nas mãos um facão, pintar os principais funcionários dos ministérios como aves, metê-los numa ratoeira imensa sobre a qual estaria escrito: *Execuções administrativas*, e dando a entender que ele lhes cortava o pescoço, um a um. Haveria gansos, marrecos, com cabeças semelhantes às nossas, retratos vagos, compreende? Rabourdin teria uma ave na mão, Baudoyer por exemplo, feito peru.

BIXIOU: *Ris d'aboyeur d'oie!* (*Contempla Dutocq um bom momento.*) Foi você mesmo quem achou isso?

DUTOCQ: Sim, eu.

BIXIOU (*falando consigo mesmo*): Os sentimentos violentos levariam pois ao mesmo alvo que o talento? (*A Dutocq*) Meu caro, farei isso... (*Dutocq deixa escapar um gesto de alegria*) quando... (*Pausa*) eu souber em que me apoiar; porque, se você não triunfar, eu perco o emprego, e tenho de viver. Você é ainda singularmente *bom rapaz*, meu caro colega!

DUTOCQ: Pois bem, não faça a litografia senão quando o êxito lhe for demonstrado...

BIXIOU: Por que não vomita tudo de uma vez?

DUTOCQ: É preciso antes farejar a atmosfera da repartição; tornaremos a falar nisso daqui a pouco. (*Vai-se.*)

BIXIOU (*sozinho no corredor*): Essa arraia ao molho pardo, porque ele se parece mais com um peixe do que com uma ave, esse Dutocq teve aí uma boa ideia, não sei onde a foi buscar. Se a *Praça Baudoyer* sucede a La Billardièrre, seria engraçado, mais do que engraçado, nós lucraríamos com isso! (*Volta para o gabinete*) Senhores, vai haver mudanças famosas! O papai La Billardièrre está morto decididamente. Não é troça! Palavra de honra! Aí vai Godard a mandado para o nosso respeitável chefe Baudoyer, sucessor presuntivo do falecido. (*Minard, Desroys e Colleville erguem a cabeça admirados; todos depõem as penas. Colleville se assoa.*) Nós vamos ser promovidos! Colleville será pelo menos subchefe. Minard será talvez primeiro oficial, e por que não? Ele é tão burro quanto eu. Hein, Minard! Se você andasse pelos dois mil e quinhentos francos, sua mulherzinha ficaria contente a valer, não? E você poderia comprar umas botas!

COLLEVILLE: Mas você ainda não os tem, os dois mil e quinhentos.

BIXIOU: O sr. Dutocq os tem na repartição dos Rabourdin; por que

não os teria eu, este ano? O sr. Baudoyer os teve...

COLLEVILLE: Por influência do sr. Saillard. Nenhum primeiro escriturário os tem na divisão Clergeot.

PAULMIER: Ora essa! O sr. Cochin^[128] por acaso não tem três mil? Ele sucedeu ao sr. Vavas seur, que, no Império, durante dez anos ganhou quatro mil, e foi reduzido a três mil na primeira volta, e morreu com dois mil e quinhentos. Mas, pela proteção do irmão, o sr. Cochin foi aumentado a três mil.

COLLEVILLE: O sr. Cochin assina-se E. L. L. E. Cochin chama-se Emílio Luís Luciano Emanuel, o que *anagramado* dá *Cochenille*.^[129] Pois bem, ele é sócio de uma drogaria, na Rue des Lombards, a casa Matifat, a qual enriqueceu com esse produto colonial.

BIXIOU: Pobre homem, ele teve um ano de Florina!^[130]

COLLEVILLE: Cochin assiste algumas vezes às nossas festas, pois é exímio no violino... (*A Bixiou, que ainda não se pôs a trabalhar.*) Você deveria ir à nossa casa ouvir um concerto, na próxima terça-feira. Vão tocar um quinteto de Reicha.^[131]

BIXIOU: Obrigado, prefiro olhar a partitura.

COLLEVILLE: É para dizer uma graça que diz isso?... Porque um artista do seu valor deve gostar de música.

BIXIOU: Irei, mas por causa da patroa.

BAUDOYER (*voltando*): O sr. Chazelle ainda não veio; os senhores lhe apresentarão minhas saudações.

BIXIOU (*que pôs um chapéu no lugar de Chazelle ao ouvir os passos de Baudoyer*): Perdão, ele foi pedir uma informação para o senhor na seção Rabourdin.

CHAZELLE (*entrando com o chapéu na cabeça e sem ver Baudoyer*): O velho La Billardiè re esticou a canela, senhores! Rabourdin é chefe de divisão, referendário! Aí está um que não roubou a promoção...

BAUDOYER (*a Chazelle*): O senhor achou essa nomeação no seu segundo chapéu, não é? (*Mostra-lhe o chapéu que está no lugar dele.*) É esta a terceira vez desde o começo do mês que o senhor chega depois das nove horas; se continuar assim, irá longe, resta saber para que lado! (*A Bixiou, que lê o jornal*) Meu caro sr. Bixiou, por favor deixe o jornal para esses senhores que se estão preparando para almoçar, e venha tomar conta do serviço de hoje. Não sei o que o sr. Rabourdin faz de Gabriel; creio que o guarda para seu uso particular, toquei três vezes a campainha, chamando-o.

(*Baudoyer e Bixiou entram no gabinete.*)

CHAZELLE: Maldita sorte!

PAULMIER (*encantado por enfezar Chazelle*): Mas então não lhe disseram embaixo que ele tinha subido? De resto, ao entrar, não podia você ver o chapéu no seu lugar, e o elefante...

COLLEVILLE (*rindo*): No cercado dos bichos?

PAULMIER: Ele é suficientemente grande para ser visto.

CHAZELLE (*desesperado*): Ora bolas! Por quatro francos e setenta e cinco cêntimos que o Estado nos dá por dia, não me parece que devamos proceder como escravos.

FLEURY (*entrando*): Morra Baudoyer! Viva Rabourdin! É o brado da divisão.

CHAZELLE (*exasperando-se*): Baudoyer pode, se quiser, fazer-me destituir, não ficarei mais triste por isso. Em Paris, há mil meios de ganhar cinco francos por dia! Ganha-se isto no Tribunal fazendo cópias para os procuradores.

PAULMIER (*espicaçando sempre Chazelle*): Você diz isso, mas um emprego é um emprego, e o corajoso Colleville, que fora da repartição, trabalha como um forçado, que poderia ganhar, se perdesse o posto, mais do que o seu ordenado, só em mostrar a música, pois bem, ele prefere o emprego. Que diabo! Não se abandonam assim as esperanças.

CHAZELLE (*continuando sua filípica*): Ele pode ser, eu não! Não temos mais probabilidades! Bolas! Houve tempo em que nada era mais sedutor do que a carreira administrativa. Havia tantos homens no Exército, que havia falta para a administração. As pessoas sem dentes, feridos na mão, no pé, de saúde ruim, como Paulmier, os míopes obtinham promoções rápidas. As famílias cujos filhos formigavam nos liceus deixavam-se fascinar então pela brilhante existência de um rapaz de lunetas, vestido com uma casaca azul, cuja lapela luzia com uma fita encarnada, e que ganhava um milheiro de francos por mês, em troca de ir durante algumas horas a um ministério qualquer fiscalizar qualquer coisa, chegando lá tarde e saindo cedo, como Lord Byron, horas de lazer e fazendo romances, passeando nas Tuileries, dotado de um certo ar altaneiro, fazendo-se ver em toda a parte, no teatro, no baile, *recebido nas melhores sociedades*, gastando seu ordenado, restituindo assim à França tudo o que a França lhe dava, prestando até serviços. Efetivamente, os funcionários eram então, como Thuillier, cobiçados pelas mulheres bonitas; pareciam ter espírito, não se cansavam demais nas repartições. As imperatrizes, as rainhas, as princesas, as marechalias dessa época feliz tinham caprichos. Todas essas belas damas tinham a paixão das belas almas: gostavam de proteger. Podia-se também ocupar com vinte e cinco anos um posto elevado, ser candidato no Conselho do Estado, ou referendário, e fazer relatórios ao imperador, ao mesmo tempo que se divertir com a sua augusta família. Divertiam-se e trabalhavam simultaneamente. Tudo se fazia depressa. Hoje, porém, desde que a Câmara inventou a especificação para as despesas e as rubricas intituladas: Pessoal! somos menos do que soldados. Os mais insignificantes lugares estão sujeitos a mil possibilidades, porque há mil soberanos...

BIXIOU (*voltando*): Este Chazelle está louco? Onde vê ele mil

soberanos?... Será acaso no seu bolso?...^[132]

CHAZELLE: Contemos! Quatrocentos na extremidade da Pont de la Concorde, assim chamada porque leva ao espetáculo da perpétua discórdia entre a esquerda e a direita da Câmara; outros trezentos no fim da Rue de Tournon.^[133] A Corte, que deve contar por trezentos, é pois obrigada a ter setecentas vezes mais vontade do que o imperador, a fim de nomear um dos seus protegidos para um lugar qualquer!...

FLEURY: Tudo isso significa que, num país onde há três poderes, pode-se apostar mil contra um em como um empregado que só é protegido por si mesmo não terá promoção.

BIXIOU (*olhando alternativamente para Chazelle e para Fleury*): Ah! Meus filhos, vocês ainda não sabem que o pior estado, hoje, é o estado de pertencer ao Estado...

FLEURY: Por causa do governo constitucional.

COLLEVILLE: Senhores! Não falemos em política.

BIXIOU: Fleury tem razão. Hoje, senhores, servir ao Estado não é mais servir ao príncipe; ele sabia punir e recompensar! Hoje, o Estado é todo o mundo. Ora, todo o mundo não se preocupa com ninguém. Servir todo o mundo é não servir ninguém. Ninguém se interessa por ninguém. Um funcionário vive entre essas duas negações! O mundo não tem piedade nem contemplações, nem coração, nem cabeça, todos são egoístas, todos esquecem amanhã os favores de ontem. É inútil ser, como o sr. Baudoyer, desde os mais tenros anos, um gênio administrativo, o Chateaubriand dos relatórios, o Bossuet das circulares, o Canalis dos memoriais,^[134] o filho sublime dos despachos; existe uma lei desoladora contra o gênio administrativo, a lei sobre a promoção com sua média. Essa média fatal resulta das tábuas da lei da promoção combinada com a lei da mortalidade. É certo que ao entrar seja em que administração for, com a idade de dezoito anos, não se obtém mil e oitocentos francos de ordenado senão aos trinta anos, para obter seis mil aos cinquenta; a vida de Colleville nos demonstra que o gênio de uma mulher, o apoio de vários pares da França, de vários deputados influentes, de nada valem. Não há carreira livre e independente na qual, em doze anos, um rapaz que tenha feito seu curso secundário, vacinado, quite com o serviço militar, gozando de todas as suas faculdades, sem ter uma inteligência transcendental, não tenha acumulado um capital de quarenta e cinco mil francos, representando a renda perpétua de nosso ordenado essencialmente transitório, porquanto nem sequer é vitalício. Nesse período um merceeiro deve ter ganho dez mil francos de renda, aberto falência ou presidido o tribunal de comércio. Um pintor borrou um quilômetro de tela, deve estar condecorado com a Legião de Honra ou bancar o grande homem incompreendido. Um homem de letras é professor de alguma coisa, ou jornalista a cem francos as mil linhas, escreve folhetins, ou se

acha em Sainte-Pélagie^[135] depois de um panfleto luminoso que desagradava aos jesuítas, coisa que constitui um valor enorme e faz dele um homem político. Enfim, um vadio que nada fez, pois existem vadios que fazem alguma coisa, fez, contudo, dívidas e uma viúva que as paga. Um padre teve tempo de se tornar bispo *in partibus*.^[136] Um vaudevillista tornou-se proprietário, embora nunca tivesse feito, como Du Bruel, um *vaudeville* inteiro. Um rapaz inteligente e sóbrio, que tivesse começado a operar em descontos com um capital insignificante, como a srta. Thuillier, compra então a quarta parte de uma banca de corretor. Baixemos um pouco! Um pequeno amanuense de cartório é tabelião, um trapeiro tem mil escudos de renda, os mais infelizes operários puderam chegar a fabricantes, ao passo que, no movimento rotatório desta civilização que considera como progresso a divisão infinita, um Chazelle viveu a vinte e dois soldos por cabeça!... Tem seus arrancarrabos com o alfaiate e o sapateiro!... Tem dívidas!... É um João-ninguém! E se *cretinizou*!... Vamos, senhores, um belo gesto! Hein! Apresentemos todos nossa demissão!... Fleury! Chazelle! Metam-se em outros negócios e tornem-se dois grandes homens!...

CHAZELLE (*acalmado com o discurso de Bixiou*): Obrigado. (*Riso geral.*)

BIXIOU: Faz mal; no seu caso eu me anteciparia ao secretário-geral.

CHAZELLE (*inquieto*): E que tem ele a dizer-me?

BIXIOU: Odry lhe diria, Chazelle, com mais amabilidade do que Des Lupeaulx o fará, que para você o único lugar vago é a Place de la Concorde.

PAULMIER (*abraçado no cano do aquecedor*): Não tenha dúvida! Baudoyer não o perdoará, fique certo!

FLEURY: Mais uma humilhação de Baudoyer! Ah! Que singular trabuco vocês têm aí! Falem-me do sr. Rabourdin, isso sim é um homem. Ele pôs serviço em cima da minha mesa que aqui precisariam de três dias para aprontar... pois bem, ele o terá logo de tarde, às quatro horas. Mas também não anda em cima de mim para impedir-me de vir conversar com os amigos.

BAUDOYER (*entrando*): Senhores, hão de convir que, se se tem o direito de censurar o sistema da Câmara ou a marcha da administração, isso deve ser feito em outro lugar que não aqui na repartição. (*Dirige-se a Fleury.*) Que veio aqui fazer, senhor?

FLEURY (*com insolência*): Vim prevenir estes senhores que estamos em pleno rebuliço! Du Bruel foi chamado à secretaria geral, Dutocq foi para lá! Todos indagam quem será nomeado.

BAUDOYER (*retirando-se*): Isso, senhor, não é caso de sua alçada; volte para a sua repartição, e não perturbe a ordem na minha...

FLEURY (*na porta*): Seria uma injustiça nefanda se Rabourdin fosse queimado! Palavra que eu deixaria o ministério. (*Torna a voltar.*) Achou o seu anagrama, papai Colleville?

COLLEVILLE: Sim, aqui está ele.

FLEURY (*inclinando-se sobre a escrivantina de Colleville*): Que maravilha! Eis o que não deixará de acontecer se o governo continuar no seu ofício de hipócrita. (*Faz sinal aos funcionários de que Baudoyer está ouvindo.*) Se o governo dissesse francamente sua intenção, sem conservar pensamentos reservados, os liberais veriam então o que teriam de fazer. Um governo que põe contra si seus melhores amigos e homens como os dos *Débats*,^[137] como Chateaubriand e Royer-Collard!
[138] É de causar piedade!

COLLEVILLE (*depois de ter consultado os colegas*): Olhe, Fleury, você é um bom sujeito; mas não fale em política aqui, você não sabe o mal que nos faz.

FLEURY (*com segura*): Adeus, senhores. Vou despachar. (*Volta e fala em voz baixa a Bixiou.*) Dizem que a sra. Colleville está ligada à Congregação.

BIXIOU: Por onde?

FLEURY (*desatando a rir*): Nunca se pega você sem sal!

COLLEVILLE (*inquieta*): Que estão dizendo?

FLEURY: Nosso teatro teve ontem uma renda de mil escudos com a nova peça, embora ela esteja na quadragésima representação. Devia ir vê-la, os cenários são soberbos.

Naquele momento, na secretaria, Des Lupeaulx recebia Du Bruel, em cuja esteira se pusera Dutocq. Des Lupeaulx soube pelo seu criado de quarto da morte do sr. de la Billardière, e queria agradar aos dois ministros fazendo publicar naquela mesma tarde um artigo necrológico.

— Bom dia, meu caro Du Bruel — disse o semiministro ao subchefe, ao vê-lo entrar e deixando-o de pé. — Sabe da notícia? La Billardière morreu; os dois ministros estavam presentes quando ele foi sacramentado. O velho recomendou Rabourdin calorosamente, dizendo que morreria pesaroso se não soubesse que teria como sucessor o homem que constantemente fizera as suas vezes. Parece que a agonia é uma tortura na qual se confessa tudo... O ministro comprometeu-se tanto mais, por ser sua intenção, bem como a do Conselho, recompensar os numerosos serviços do sr. Rabourdin (*meneia a cabeça*); o Conselho de Estado reclama as luzes dele. Dizem que o sr. de la Billardière sai da divisão do seu falecido pai e passa para a Comissão do Selo; e, como se o rei lhe fizesse um presente de cem mil francos, o lugar é como um cargo de tabelião e pode vender-se. Essa notícia alegrará a sua divisão, pois era de crer que Benjamim seria colocado nela. Seria preciso, Du Bruel, atabalhoar dez ou doze linhas nas *Ocorrências do Dia*, sobre o camarada; Suas Excelências porão um olhar nisso. (*Lê os jornais.*) Conhece a vida do pai La Billardière?

Du Bruel fez um gesto para indicar sua ignorância.

— Não? — continuou Des Lupeaulx. — Pois bem, ele esteve metido nos negócios da Vendaia, era um dos confidentes do falecido rei. Como o sr. conde de Fontaine, ele nunca quis transigir com o primeiro-cônsul. Foi um pouco *chouan*.^[139] Nasceu na Bretanha, de uma família parlamentar tão recente que foi enobrecido por Luís XVIII. Que idade tinha ele? Pouco importa! Arrume bem isso... *A lealdade jamais desmentida... uma religião esclarecida...* (o pobre velho tinha a mania de não pôr nunca os pés numa igreja), empurre-lhe um *piedoso servidor...* Insinue gentilmente que ele pôde ter cantado o cântico de Simeão no advento de Carlos X.^[140] O conde d'Artois estimava muito La Billardière, porque ele colaborou desastrosamente no caso de Quiberon^[141] e assumiu inteiramente a responsabilidade. Sabe?... La Billardière justificou o rei numa brochura publicada em resposta a uma história impertinente da Revolução feita por um jornalista, pode portanto insistir sobre o devotamento. Enfim, pese bem suas palavras, a fim de que os outros jornais não façam troça de nós, e traga-me o artigo. Estava ontem em casa de Roubourdin?

— Sim, *monsenhor* — disse Du Brue. — Ah! Perdão...

— Não faz mal — respondeu Des Lupeaulx, rindo.

— A mulher dele estava deliciosamente bela — continuou Du Brue —, não há outra mulher como ela em Paris: haverá outras de igual inteligência, mas nenhuma tão graciosamente espirituosa; uma mulher pode ser mais bela do que Celestina, mas é difícil que seja tão variada na sua beleza. A sra. Roubourdin é muito superior à sra. Colleville! — disse o vaudevillista lembrando-se da aventura de Des Lupeaulx. — Flávia deve o que é ao convívio dos homens, ao passo que a sra. Roubourdin é tudo por ela mesma, sabe tudo; não se poderia dizer um segredo em latim diante dela. Se eu tivesse uma esposa semelhante, acreditaria poder alcançar tudo.

— O senhor tem mais espírito do que é permitido a um autor ter — respondeu Des Lupeaulx, com ademanos de vaidade.

Depois virou-se para descobrir Dutocq e disse-lhe:

— Ah! Bom dia, Dutocq. Mande chamá-lo para pedir-lhe que me empreste seu Charlet, se está completo; a condessa não conhece nada de Charlet.

Du Brue retirou-se.

— Por que veio aqui sem ser chamado? — disse Des Lupeaulx duramente a Dutocq, quando ficaram sós. — Estará o Estado em perigo para vir procurar-me às dez horas, no momento em que vou almoçar com Sua Excelência?

— Talvez, senhor — disse Dutocq. — Se eu tivesse tido a honra de vê-lo esta manhã, o senhor com certeza não teria feito o elogio do sr. Roubourdin depois de ter lido o seu feito por ele.

Dutocq abriu a sobrecasaca, tirou um caderno de papel impresso na

metade esquerda e depositou-o em cima da secretária de Des Lupeaulx. Depois foi correr o ferrolho, temendo uma explosão. Eis o que o secretário-geral leu, no capítulo referente a ele, enquanto Dutocq fechava a porta:

“SENHOR DES LUPEAULX: Um governo perde a consideração empregando ostensivamente um tal homem, que tem sua especialidade na polícia diplomática. Pode-se opor com êxito esse personagem aos flibusteiros políticos dos outros gabinetes, seria uma pena empregá-lo na polícia interior... Ele está acima do espião vulgar, compreende um plano, saberia fazer triunfar uma infâmia necessária, e sabiamente proteger sua retirada”.

Des Lupeaulx era sucintamente analisado em cinco ou seis frases, a quintessência do retrato biográfico colocado no começo desta história. Às primeiras palavras, o secretário-geral sentiu-se julgado por um homem mais forte do que ele; mas quis ter a liberdade de examinar aquele trabalho, que ia longe e alto, sem confiar seus segredos a um homem como Dutocq. Des Lupeaulx apresentou ao espião um semblante calmo e grave. O secretário-geral, como os advogados e os magistrados, como os diplomatas e todos os que são obrigados a sondar o coração humano, não se admirava de mais nada. Calejado ante as traições, ante os ardis do ódio, as armadilhas, ele podia receber nas costas um ferimento sem que seu rosto o denunciasse.

— Como obteve este documento?

Dutocq contou-lhe sua boa sorte; ouvindo-o, a fisionomia de Des Lupeaulx não deixava transparecer nenhum sinal de aprovação. Por isso, o espião terminou com muito temor a narrativa que iniciara triunfalmente.

— Dutocq, você pôs o dedo entre a casca e o lenho — respondeu com secura o secretário-geral. — Se não quer criar inimigos poderosos, guarde o mais profundo silêncio sobre isto, que é um trabalho da mais alta importância já meu conhecido.

Des Lupeaulx despediu Dutocq com um desses olhares mais expressivos do que a palavra.

“Ah! Esse celerado do Roubourdin também se mete nisso!”, dizia-se Dutocq, apavorado por achar um rival no seu chefe. “Então ele está no estado-maior, enquanto eu estou a pé! Nunca teria acreditado nisso!”

A todos esses motivos de aversão contra Roubourdin acrescentava-se a inveja do homem do ofício contra um confrade, o que é dos mais violentos ingredientes de ódio.

Quando Des Lupeaulx ficou só, mergulhou numa estranha meditação. De que poder seria Roubourdin instrumento? Deveria aproveitar aquele singular documento para perdê-lo ou armar-se com ele para triunfar da mulher? Esse mistério ficou escuro para Des Lupeaulx que percorria com pavor as páginas daquela exposição na qual os homens de seu conhecimento eram julgados com uma profundeza

inaudita. Admirava Rabourdin, embora sentindo-se ferido no coração por ele. A hora do almoço surpreendeu Des Lupeaulx na sua leitura.

— Monsenhor vai esperá-lo se o senhor não descer — veio dizer-lhe o criado de quarto do ministro.

O ministro almoçava com a esposa, os filhos e Des Lupeaulx, sem criados. A refeição da manhã é o único instante de intimidade que os homens de Estado podem reservar-se entre as agitações de seus absorventes afazeres. Apesar, porém, das engenhosas barreiras com que defendem essa hora de palestra íntima e de despreocupações dada à família e às suas afeições, muitos grandes e pequenos sabem transpô-las. Os negócios vêm muitas vezes, como naquele momento, perturbar-lhes a alegria.

— Eu julgava Rabourdin um homem acima dos funcionários comuns, e eis que, dez minutos após a morte de La Billardière, ele inventa de me fazer chegar às mãos, pelo La Brière, um verdadeiro bilhete de teatro. — Veja — disse o ministro a Des Lupeaulx, dando-lhe um papel que estava rolando entre os dedos.

Demasiado nobre para pensar na intenção vergonhosa que a morte de La Billardière poderia conferir à sua carta, Rabourdin não a retirara das mãos de La Brière ao ter por ele a notícia. Des Lupeaulx leu o seguinte:

“Monsenhor,

Se vinte e três anos de serviços irrepreensíveis podem merecer um favor, suplico a Vossa Excelência me conceder hoje mesmo uma audiência, pois trata-se de um assunto em que minha honra se acha envolvida”.

Seguiam-se as fórmulas de respeito.

— Pobre homem! — disse Des Lupeaulx num tom de compaixão que deixou o ministro no seu erro —, estamos na intimidade, mande-o vir. Vossa Excelência tem reunião do Conselho depois da Câmara, e deve ademais responder hoje à oposição, não tem outra hora para recebê-lo.

Des Lupeaulx levantou-se, chamou o porteiro, disse-lhe algumas palavras e voltou a sentar-se à mesa.

— Vou adiá-lo para a sobremesa — disse ele.

Como todos os ministros da Restauração, o ministro era um homem sem mocidade. A Carta Constitucional concedida por Luís XVIII tinha o defeito de amarrar as mãos dos reis, forçando-os a entregar os destinos do país aos quadragenários da Câmara dos Deputados e aos septuagenários do pariato, de os privar do direito de ir buscar um homem de talento político lá onde ele estiver, apesar de sua mocidade ou da pobreza de sua situação. Somente Napoleão pôde empregar gente moça, à sua escolha, sem ser detido por nenhuma consideração. Por isso, depois da queda daquela grande vontade, a energia desertou do poder. Ora, fazer a moleza suceder ao vigor é um contraste mais

perigoso em França do que em qualquer outro país. Em geral os ministros que chegaram a esse posto, já velhos, foram medíocres, ao passo que os ministros investidos moços no cargo foram a glória das monarquias europeias e das repúblicas nas quais dirigiram os negócios. O mundo ainda retumbava com a luta entre Pitt e Napoleão, dois homens que dirigiram a política na idade em que os Henrique de Navarra, os Richelieu, os Mazarino, os Colbert, os Louvois, os D'Orange, os Guise, os La Rovère, os Maquiavel, enfim, todos os grandes homens conhecidos, vindos de baixo ou nascidos nas proximidades dos tronos, começaram a governar os Estados. A Convenção,^[142] modelo de energia, foi em grande parte formada por cabeças jovens; nenhum soberano deve esquecer que ela soube opor catorze exércitos à Europa; sua política, tão fatal aos olhos dos que são pelo poder chamado absoluto, não deixava por isso de ser ditada pelos verdadeiros princípios da Monarquia, porquanto ela procedia como um grande rei.

Depois de dez ou doze anos de lutas parlamentares, depois de ter manejado a política e nela se ter esgotado, o nosso ministro fora verdadeiramente entronizado por um partido que o considerava como seu homem de negócios. Felizmente para ele, estava mais perto dos sessenta anos do que dos cinquenta; se tivesse conservado algum vigor juvenil, rapidamente estaria destroçado. Habituação, porém, a avançar, a fazer uma retirada, a voltar à carga, ele podia deixar-se sucessivamente golpear por seu partido, pela oposição, pela Corte, pelo clero, opondo-lhes a força da inércia de uma matéria ao mesmo tempo mole e consistente; enfim, tinha benefícios de sua infelicidade. Torturado em mil assuntos de governo, seu espírito, como o de um velho advogado depois de ter pleiteado tudo, não tinha mais essa vivacidade que os espíritos solitários conservam, nem a resolução pronta das pessoas desde cedo acostumadas à ação, e que se percebe nos militares jovens. Poderia ser de outro modo? Constantemente chicanando em vez de julgar, ele criticara os efeitos sem assistir às causas, tinha, sobretudo, a cabeça cheia das mil reformas que um partido lança a seu chefe, programas trazidos pelo interesse privado a um orador de futuro, atropelando-o com planos e conselhos inexequíveis. Longe de chegar repousado, ele chegara cansado das marchas e contramarchas. Depois, ao tomar posição no cimo tão desejado, agarrara-se a ele em mil moitas espinhosas, e nele encontrara mil vontades opostas a conciliar. Se os homens de Estado da Restauração tivessem podido seguir suas próprias ideias, suas capacidades estariam sem dúvida menos expostas à crítica; mas, se suas vontades foram arrastadas, a idade salvou-os não lhes permitindo desenvolver essa resistência que se sabe opor, no começo da vida, a essas intrigas ao mesmo tempo baixas e elevadas que algumas vezes venceram Richelieu e com as quais, em esfera menos elevada, Rabourdin ia defrontar-se. Depois dos empuxões de suas primeiras

lutas, esses homens, mais envelhecidos do que velhos, tiveram os tirões ministeriais. De modo que seus olhos já se turvavam quando era preciso a perspicácia de águia, seu espírito estava cansado quando era preciso redobrar a solércia.

O ministro a quem Roubin queria confiar-se ouvia diariamente homens de incontestável superioridade expor-lhe as mais engenhosas teorias, aplicáveis ou inaplicáveis aos negócios da França. Esses homens, para quem as dificuldades da política geral permaneciam ignoradas, assaltavam aquele ministro quando voltava de uma batalha parlamentar, de uma luta com as secretas imbecilidades da Corte, ou nas vésperas de um combate com o espírito público, ou no dia seguinte a uma questão diplomática que cindira o Conselho em três opiniões. Nessa situação um homem de Estado tem um bocejo pronto para a primeira frase na qual se trate de melhor regular a coisa pública. Não havia nessa época jantar no qual os mais audaciosos especuladores, ou os homens dos bastidores financeiros e políticos, não resumissem numa sentença profunda as opiniões da Bolsa e da finança, as surpreendidas na diplomacia, e os planos que a situação da Europa comportava. De resto, o ministro tinha em Des Lupeaulx e no seu secretário particular um pequeno conselho para ruminar esse alimento, para controlar e analisar os interesses que se externavam por tantas vozes hábeis. Efetivamente, sua desgraça, que será a de todos os ministros sexagenários, era a de ladear todas as dificuldades: a imprensa, que, naquele momento, queriam amortecer surdamente em vez de abatê-la francamente; a questão financeira, como as questões de indústria; o clero, como a questão dos bens nacionais; o liberalismo, como a Câmara. Depois de ter em sete anos contornado o poder, o ministro julgava poder contornar do mesmo modo todas as questões. É tão natural uma pessoa querer manter-se pelos meios que serviram para a ascensão, que ninguém se animava a censurar um sistema inventado pela mediocridade a fim de agradar a espíritos medíocres. A Restauração, tal qual a revolução polonesa,^[143] soube demonstrar às nações, tanto como aos príncipes, o que um homem vale, e o que lhes acontece quando esse homem lhes falta. O último e maior defeito dos homens de Estado da Restauração foi sua honestidade numa luta em que seus adversários empregavam todos os recursos da trampolinagem política, a mentira e as calúnias, desencadeando contra eles, pelos meios subversivos, as massas ininteligentes, capazes somente de compreender a desordem.

Roubin a si mesmo dissera tudo isso. Mas acabava de decidir-se a jogar o todo pelo todo, como um homem que, cansado de jogar, concede-se somente mais uma parada: ora, o acaso dava-lhe como adversário um trapaceiro na pessoa de Des Lupeaulx. Não obstante, fosse qual fosse a sua sagacidade, o chefe de repartição, mais sabido em

administração do que em ótica parlamentar, não imaginava toda a verdade: não sabia que o grande trabalho que lhe enchera a vida ia tornar-se uma teoria para o ministro e que era impossível para o homem do Estado não o confundir com os inovadores de sobremesa, com os conversadores de canto de lareira.

No momento em que o ministro, de pé, em vez de pensar em Rabourdin, pensava em Francisco Keller, e não estava retido senão pela mulher, a qual lhe oferecia um cacho de uvas, o chefe da repartição foi anunciado pelo porteiro. Des Lupeaulx fiara-se sagazmente na disposição de espírito em que devia estar o ministro preocupado com seus improvisos; por isso, ao ver o homem do Estado às voltas com a mulher, foi ao encontro de Rabourdin e fulminou-o com a primeira frase.

— Sua Excelência e eu estamos informados do que o preocupa, e o senhor nada tem a temer — disse Des Lupeaulx baixando a voz —, nem de Dutocq nem de quem quer que seja — acrescentou ele em voz alta.

— Não se preocupe, Rabourdin — disse-lhe Sua Excelência com bondade, mas fazendo um movimento de retirada.

Rabourdin adiantou-se respeitosamente, e o ministro não o pôde evitar.

— Vossa Excelência dignar-se-á permitir que lhe diga duas palavras em particular? — disse Rabourdin dirigindo à Excelência uma olhadela misteriosa.

O ministro olhou para o relógio e dirigiu-se para a janela, onde o seguiu o pobre chefe.

— Quando poderei ter a honra de submeter o assunto a Vossa Excelência, a fim de explicar-lhe o novo plano de administração ao qual se prende o documento que devem incriminar...

— Um plano de administração! — disse o ministro, franzindo os sobrolhos e interrompendo-o. — Se tem alguma coisa dessa espécie a comunicar-me, espere o dia em que devemos despachar juntos. Hoje tenho Conselho, tenho de dar uma resposta na Câmara sobre o incidente que a oposição provocou ontem, no fim da sessão. Seu dia é quarta-feira próxima; ontem, não trabalhamos, porque não me pude ocupar dos assuntos do ministério. Os negócios políticos prejudicaram assuntos puramente administrativos.

— Deponho com confiança minha honra nas mãos de Vossa Excelência — disse Rabourdin gravemente — e suplico-lhe não esquecer que não me deu tempo para uma explicação imediata a propósito do documento subtraído...

— Mas não tenha receio — disse Des Lupeaulx adiantando-se entre o ministro e Rabourdin, a quem interrompeu —; antes de oito dias, o senhor será sem dúvida nomeado...

O ministro pôs-se a rir ao pensar no entusiasmo de Des Lupeaulx

pela sra. Rabourdin, e piscou o olho para a esposa, a qual sorriu. Rabourdin, surpreendido por aquela cena muda, procurou-lhe a significação; deixou um momento de manter o ministro sob seu olhar, e a Excelência aproveitou-se disso para esquivar-se.

— Conversaremos os dois a respeito de tudo isso — disse Des Lupeaulx, diante do qual o chefe de repartição se viu só, não sem surpresa. — Mas não queira mal a Dutocq, respondendo por ele.

— A sra. Rabourdin é uma mulher encantadora — disse a mulher do ministro ao chefe de repartição, para dizer-lhe alguma coisa.

As crianças olhavam Rabourdin com curiosidade. Rabourdin esperava alguma coisa solene e sentia-se como um peixe grande preso nas malhas de uma rede fina, debatia-se consigo mesmo.

— A senhora condessa é muito generosa — disse ele.

— Não terei o prazer de vê-la numa quarta-feira? — disse a condessa. — Traga-nos sua senhora, que assim me obsequiará...

— A sra. Rabourdin recebe às quartas-feiras — respondeu Des Lupeaulx, que conhecia a banalidade das quartas-feiras oficiais —; uma vez, porém, que a senhora se mostra tão bondosa para com ela, creio que vai ter breve uma reunião íntima...

A mulher do ministro levantou-se contrariada.

— O senhor é meu mestre de cerimônias — disse ela a Des Lupeaulx.

Palavras ambíguas pelas quais ela exprimiu a contrariedade que Des Lupeaulx lhe causava interferindo nas suas reuniões íntimas, nas quais ela só admitia pessoas escolhidas. Saiu saudando Rabourdin. Des Lupeaulx e o chefe de repartição ficaram, pois, sós no pequeno salão onde o ministro almoçava em família. Des Lupeaulx amarrotava entre os dedos a carta confidencial que La Brière entregara ao ministro. Rabourdin reconheceu-a.

— O senhor não me conhece bem — disse ele ao chefe de repartição, sorrindo-lhe. — Sexta-feira à noite nós nos entenderemos a fundo. Neste momento devo dar audiência, o ministro atira-me hoje esse fardo às costas, porque ele está se preparando para a Câmara. Mas repito-lhe, Rabourdin, não tema nada.

Rabourdin desceu lentamente as escadas, confuso com a feição singular que as coisas iam tomando. Julgara-se denunciado por Dutocq, e não estava enganado: Des Lupeaulx tinha entre mãos a exposição em que ele era julgado tão severamente, e Des Lupeaulx acariciava seu juiz! Era de não entender! As pessoas direitas dificilmente compreendem as intrigas emaranhadas, e Rabourdin perdia-se nesse labirinto sem poder perceber o jogo que o secretário-geral estava jogando.

— Ou ele não leu o verbete a seu respeito ou ama minha mulher!

Tais foram as duas hipóteses a que chegou o chefe ao atravessar o saguão, porque o olhar que interceptara na véspera entre Celestina e

Des Lupeaulx voltou-lhe à memória como um clarão. Durante a ausência de Rabourdin, seu gabinete fora necessariamente presa de uma agitação violenta, porque, nos ministérios, as relações entre os funcionários e os superiores são tão bem reguladas que, quando o porteiro do ministro vem de parte de Sua Excelência ao gabinete do chefe de repartição, sobretudo em hora na qual o ministro não é visível, fazem-se grandes comentários. A coincidência dessa comunicação extraordinária com a morte do sr. de la Billardiére deu, de resto, uma importância insólita ao fato que o sr. Saillard soube pelo sr. Clergeot, e foi conferenciar com o genro. Bixiou, que naquele momento estava trabalhando com o chefe, deixou-o conversar com o sogro, e foi à seção Rabourdin, onde os trabalhos estavam interrompidos.

BIXIOU (*entrando*): Não faz calor aqui no retiro de vocês! Não sabem o que se está passando lá embaixo. A *virtuosa Rabourdin* está de catrâmbias! Sim, destituído! Uma cena horrível em casa do ministro.

DUTOCQ (*olhando para Bixiou*): Isso é verdade?

BIXIOU: A quem isso pode entristecer? Não a você; porque você passa a ser subchefe e Du Bruel, chefe. O sr. Baudoyer passa para a divisão.

FLEURY: Aposto cem francos em como Baudoyer não será nunca chefe de divisão.

VIMEUX: Entro na aposta. Não entra também, sr. Poiret?

POIRET: Aposento-me no dia primeiro de janeiro.

BIXIOU: Como! Não veremos mais seus sapatos de cadarço? E que será do ministério sem o senhor? Quem quer acompanhar-me na aposta?...

DUTOCQ: Eu não posso, apostaria na certa. O sr. Rabourdin está nomeado: o sr. de la Billardiére recomendou-o no seu leito de morte aos dois ministros, acusando-se por ter os emolumentos de um cargo cujo trabalho era feito por Rabourdin; teve escrúpulos de consciência, e, salvo ordem superior, eles prometeram para acalmá-lo nomear Rabourdin.

BIXIOU: Senhores, ponham-se todos contra mim: são sete! Porque o senhor também tomará parte, sr. Phellion. Aposto um jantar de quinhentos francos no Rocher de Cancale^[144] que Rabourdin não terá o lugar de La Billardiére. Isso não custará cem francos a cada um, enquanto eu arrisco quinhentos francos. Como veem, dou-lhes lambujem. Aceitam? Quer entrar, Du Bruel?

PHELLION (*descansando a pena*): Senhor, em que baseia essa proposta aleatória, pois aleatória é o termo; mas engano-me ao empregar o termo proposta, é *contrato* que eu queria dizer. Uma aposta constitui um contrato.

FLEURY: Não, porque não se pode dar o nome de contrato senão às convenções reconhecidas pelo Código, e o Código não concede ação para a aposta.

DUTOCQ: Proscrevê-la é reconhecê-la.

BIXIOU: Isso é forte, meu Dutocquezinho!

POIRET: Ora essa!

FLEURY: Está certo. É o mesmo que recusar o pagamento de uma dívida, é reconhecê-la.

THUILLIER: Vocês estão uns jurisconsultos de arromba!

POIRET: Estou tão curioso como o sr. Phellion por saber em que argumentos se baseia o sr. Bixiou...

BIXIOU (*gritando através da sala*): Entra na aposta, Du Bruel?

DU BRUEL (*aparecendo*): Cebolório, senhores, tenho algo difícil a fazer, é o necrológio do sr. de la Billardièrre. Por favor! um pouco de silêncio: os senhores rirão e apostarão depois.

THUILLIER: Que é isto? Está invadindo meus domínios de trocadilho!

[145]

BIXIOU (*indo ao gabinete de Du Bruel*): É verdade, Du Bruel, o elogio do velhote é uma coisa bem difícil; mais depressa eu lhe faria a caricatura.

DU BRUEL: Ajuda-me então, Bixiou!

BIXIOU: Às ordens, conquanto esses artigos se façam melhor à mesa.

DU BRUEL: Jantaremos juntos. (*Lendo*) “A religião e a Monarquia perdem todos os dias alguns daqueles que combateram por elas nos tempos revolucionários...”

BIXIOU: Não serve. Eu poria: “A morte causa particularmente suas devastações entre os mais velhos defensores da Monarquia e os mais fiéis servidores do rei, cujo coração sangra a todos esses golpes. (*Du Bruel escreve rapidamente.*) O sr. barão Flamet de la Billardièrre morreu esta manhã de um edema pulmonar, causado por uma doença do coração...” Porque, meu caro, não é indiferente provar que nas repartições se tem coração. Deveremos insinuar aí uma fatia a respeito das emoções dos realistas durante o Terror? Que diz? Não estaria mau, hem? Mas não, os jornalecos diriam que as emoções agiram mais sobre os intestinos do que sobre o coração. Não falemos em tal. Que puseste?

DU BRUEL (*lendo*): “Proveniente de um velho tronco parlamentar...”

BIXIOU: Muito bem, isto é poético, e tronco é profundamente verdadeiro.

DU BRUEL (*continuando*): “... no qual o devotamento pelo trono era hereditário, tanto quanto o amor à fé dos nossos maiores, o sr. de la Billardièrre...”

BIXIOU: Eu poria o “senhor barão”.

DU BRUEL: Mas em 1793 ele ainda era...

BIXIOU: Não faz mal. Sabes que, no Império, Fouché referindo uma anedota sobre a Convenção, e na qual Robespierre lhe falava, contou-a assim: “Robespierre disse-me: ‘Duque de Otranto, o senhor irá à Câmara Municipal!’”^[146] Há pois um precedente.

DU BRUEL: Deixa-me tomar nota disso! Mas não vamos botar o *barão*, porque reservei para o fim os favores que choveram em cima dele.

BIXIOU: Ah! Está bem... É a cena de efeito, o quadro de conjunto do artigo.

DU BRUEL: Olha!... “Ao nomear o sr. de la Billardièrre barão, gentil-homem ordinário...”

BIXIOU (*à parte*): Muito ordinário.

DU BRUEL (*continuando*): “... da Câmara etc., o rei recompensou ao mesmo tempo os serviços prestados pelo preboste que soube conciliar os rigores das suas funções com a mansuetude habitual dos Bourbon e a coragem do vendeano que não dobrou o joelho diante do ídolo imperial. Deixa um filho, herdeiro de seu devotamento e de seus méritos etc.”

BIXIOU: Não achas isso muito altissonante, e por demais colorido? Eu desmaiaria um pouco essa poesia: o ídolo imperial, dobrar a joelho! Diabo! O *vaudeville* estraga a mão, e fica-se sem saber sustentar o estilo da pedestre prosa. Eu poria: “Ele pertencia ao pequeno número daqueles que etc.”. Simplifica, trata-se de um homem simples.

DU BRUEL: Mais uma expressão de *vaudeville*. Tu no teatro, Bixiou, farias fortuna!

BIXIOU: Que escreveste a respeito de Quiberon? (*Lê.*) Não é isso! Eis como eu redigiria: “Numa obra recentemente publicada ele assumiu a responsabilidade de todo o desastre da expedição de Quiberon, dando assim a medida de um devotamento que não recuava diante de nenhum sacrifício”. É fino, espirituoso, e salvas La Billardièrre.

DU BRUEL: À custa de quem?

BIXIOU (*sério como um padre que sobe ao púlpito*): De Hoche e de Tallien.^[147] Tu não sabes da história?

DU BRUEL: Não. Tomei uma assinatura da coleção Baudoin,^[148] mas não tive tempo ainda de a abrir: não há tema ali para um *vaudeville*.

PHELLION (*na porta*): Nós bem quiséramos saber, sr. Bixiou, quem o pode incitar a crer que o virtuoso e digno sr. Roubourdin, que virtualmente dirige a divisão faz nove meses, que é o mais antigo chefe de repartição do ministério, e que o ministro, de volta da casa do sr. de la Billardièrre, mandou chamar pelo porteiro, não será nomeado chefe de divisão?

BIXIOU: Tio Phellion, sabe geografia?

PHELLION (*dando-se ares importantes*): Tenho essa pretensão, senhor.

BIXIOU: E história?

PHELLION (*com ar modesto*): Talvez.

BIXIOU (*olhando-o*): Seu diamante está mal seguro, vai cair. Pois bem, o senhor não conhece o coração humano, não está mais a par disso do que dos arredores de Paris.

POIRET (*em voz baixa a Vimeux*): Os arredores de Paris? Eu pensei que se tratasse do sr. Roubourdin.

BIXIOU: A repartição Roubourdin aposta em massa contra mim?

TODOS: Sim!

BIXIOU: Tu também, Du Bruel?

DU BRUEL: Claro! É do nosso interesse que nosso chefe seja promovido, porque na seção cada um de nós sobe um grau.

THUILLIER: Um crânio!^[149] (*Em voz baixa a Phellion*) Este foi bonito.

BIXIOU: Apostarei. Eis o motivo. Vocês dificilmente o compreenderão, mas assim mesmo vou dizê-lo. É justo que o sr. Rabourdin seja nomeado (*olha para Dutocq*); porque nele a antiguidade, o talento e a honra são reconhecidos, apreciados e recompensados. Ademais, a nomeação seria de interesse da própria administração. (*Phellion, Poiret e Thuillier ouvem sem nada compreender e estão como gente que procura ver claro nas trevas.*) Pois bem, por causa de todas essas conveniências e desses méritos, reconhecendo embora que a medida é equitativa e sábia, aposto em como ela não será tomada. Sim! Ela falhará como falharam as expedições de Boulogne e da Rússia,^[150] nas quais o gênio reunira todas as probabilidades de êxito! Ela falhará como falha aqui na terra tudo o que parece justo e bom. Estou jogando o jogo do diabo.

DU BRUEL: Mas então quem será nomeado?

BIXIOU: Quanto mais considero Baudoyer, mais me parece reunir ele todas as qualidades contrárias; por consequência, ele será chefe de divisão.

DUTOCQ (*sem mais poder conter-se*): Mas o sr. des Lupeaulx, que me mandou chamar para pedir-me o meu Charlet, disse-me que o sr. Rabourdin ia ser nomeado, e que o pequeno La Billardiére seria promovido a referendário.

BIXIOU: Nomeado! Nomeado! Não será assinada nem daqui a dez dias. Farão a nomeação para primeiro do ano. Olhem, vejam seu chefe no pátio e digam-me se a minha virtuosa Rabourdin tem cara de um homem caído em graça; mas parece um homem demitido! (*Fleury precipita-se para a janela.*) Adeus, senhores; vou anunciar ao sr. Baudoyer que vocês nomearam o sr. Rabourdin, isso em todo caso o fará rabiá-lo, o santo varão! Depois, contar-lhe-ei nossa aposta, para reanimá-lo. É o que no teatro chamamos uma peripécia, não é, Du Bruel? Que me importa tudo isso! Se ganho, ele me escolherá para seu subchefe. (*Sai.*)

POIRET: Todo o mundo diz que esse senhor tem talento; pois bem, eu nunca posso compreender nada do que ele diz. (*Continua a despachar.*) Ouço-o, ouço-o, escuto palavras e não lhes posso perceber nenhum sentido; ele fala dos arredores de Paris a propósito do coração humano, e (*depõe a pena e vai ao aquecedor*) diz que joga o jogo do diabo, a propósito das expedições da Rússia e de Bolonha! Seria preciso antes de mais nada admitir que o diabo joga, e saber que jogo! Vejo primeiro o jogo de dominó... (*Assoa-se.*)

FLEURY (*interrompendo*): São onze horas, o velho Poiret se assoa.

DU BRUEL: É verdade... Já! Vou depressa ao secretariado.

POIRET: Onde estava eu?

THUILLIER: *Dominó*, ao Senhor;^[151] porque se trata do diabo e o diabo é um suserano sem constituição. Isto aqui, porém, visa mais o epigrama do que o trocadilho. Nisso está o jogo de palavras. De resto não vejo diferença entre o jogo de palavras e... (*Sebastião entra a fim de pegar circulares para assinar e juntá-las.*)

VIMEUX: Ei-lo aqui, belo jovem. O tempo de suas dificuldades está terminado, você vai ter ordenado! O sr. Rabourdin será nomeado! Você ontem estava na reunião da sra. Rabourdin. Que sorte a sua de ir lá! Dizem que vão mulheres soberbas.

SEBASTIÃO: Não sei.

FLEURY: É cego?

SEBASTIÃO: Não gosto de olhar o que não poderei ter.

PHELLION (*encantado*): Muito bem dito, jovem!

VIMEUX: Mas afinal de contas você deve olhar a sra. Rabourdin, que diabo! Uma mulher encantadora.

FLEURY: Ora! Uma magricela. Vi-a nas Tuileries e prefiro Percillée, a amante de Ballet, a vítima de Castaing.^[152]

PHELLION: Mas que há de comum entre uma atriz e a senhora dum chefe de repartição?

DUTOCCQ: As duas representam comédias.

FLEURY (*olhando atravessado para Dutocq*): O físico nada tem que ver com o moral, e se o senhor com isso quer dizer...

DUTOCCQ: Eu não quero dizer nada.

FLEURY: Querem saber de todos os empregados qual será o chefe da repartição?

TODOS: Diga!

FLEURY: É Colleville.

THUILLIER: Por quê?

FLEURY: A sra. Colleville acabou seguindo o caminho mais curto... o caminho da sacristia...

THUILLIER (*secamente*): Sou bastante amigo de Colleville, sr. Fleury, para deixar de lhe pedir que não fale tão levemente da esposa dele.

PHELLION: Em hipótese alguma as mulheres, que não têm nenhum meio de defesa, deveriam ser assunto de nossas conversas...

VIMEUX: Tanto mais que a bela sra. Colleville não quis receber Fleury, e que ele a desacredita por vingança.

FLEURY: Ela não me quis receber no mesmo pé em que recebe Thuillier, mas eu fui lá...

THUILLIER: Quando?... Onde?... Embaixo da janela dela?

Embora Fleury fosse temido na repartição por sua bazófia, engoliu silenciosamente as últimas palavras de Thuillier. Essa resignação, que surpreendeu os funcionários, tinha por causa um vale de duzentos francos de uma assinatura bastante duvidosa, que Thuillier devia

apresentar à srta. Thuillier, sua irmã. Depois dessa escaramuça, fez-se um profundo silêncio. Cada qual trabalhou de uma hora às três. Du Bruel não voltou.

Cerca das três horas e meia, os preparativos da partida, a escovação dos chapéus, a mudança de roupa, se operaram simultaneamente em todas as repartições do ministério. Essa querida meia hora empregada em cuidados domésticos abrevia de outro tanto a sessão. Nesse momento as salas demasiado quentes se refrescam, o cheiro particular das repartições se evapora, o silêncio retoma. Às quatro horas, só estão os verdadeiros funcionários, os que levam o emprego a sério. Um ministro pode conhecer os trabalhadores do seu ministério dando uma volta pelas salas às quatro horas precisas, espionagem que nenhuma dessas graves personagens jamais se permite.

A essa hora, nos saguões, alguns chefes se falaram para comunicar uns aos outros suas ideias sobre os acontecimentos do dia. Geralmente, ao se retirarem dois a dois, três a três, concluíam em favor de Rabourdin; mas os velhos estradeiros, como o sr. Clergeot, meneavam a cabeça dizendo: *Habent sua sidera lites*.^[153] Saillard e Baudoyer foram cortesmente evitados, pois ninguém sabia o que lhes dizer a respeito da morte de La Billardiére. Todos compreendiam que Baudoyer podia desejar o lugar, embora este não lhe fosse devido.

III — OS TEREDOS EM ATIVIDADE

Quando genro e sogro se acharam a certa distância do ministério, Saillard rompeu o silêncio dizendo:

— As coisas vão mal para ti, meu pobre Baudoyer.

— Não compreendo — respondeu o chefe — no que Elizabeth está pensando, ao fazer Godard obter um passaporte para Falleix. Disse-me Godard que ela alugou uma carruagem de posta, seguindo a opinião de meu tio Mitral, e a estas horas Falleix está a caminho de sua terra.

— Sem dúvida um negócio do nosso comércio — disse Saillard.

— Nosso comércio de mais pressa, neste momento, era pensar no lugar do sr. de la Billardiére.

Estavam na altura do Palais Royal, na Rue Saint-Honoré. Dutocq saudou e abordou-os.

— Senhor — disse ele a Baudoyer —, se lhe posso ser útil nas circunstâncias em que se encontra, disponha de mim, pois não lhe sou menos dedicado que o sr. Godard.

— Semelhante atitude é pelo menos consoladora — disse Baudoyer —, sinal de que se tem a estima da gente de bem.

— Se o senhor se dignasse empregar sua influência para me colocar junto ao senhor como subchefe, tendo Bixiou como chefe, o senhor faria a felicidade de dois homens capazes de tudo para a sua elevação.

— Está se divertindo à nossa custa, senhor? — disse Saillard, arregalando idiotamente os olhos.

— Longe de mim semelhante ideia — disse Dutocq. — Venho da tipografia do jornal aonde fui levar, da parte do secretário-geral, o necrológio do sr. de la Billardiére. O artigo que li no jornal fez-me conceber a mais alta estima por seu talento. Quando for preciso liquidar o Roubourdin, posso dar uma soberba machadada. Queira dignar-se não esquecer.

Dutocq desapareceu.

— Quero que me enforcuem se compreendo patavina — disse o caixa olhando para Baudoyer, cujos olhinhos evidenciavam uma singular estupefação. — É preciso mandar comprar o jornal logo mais.

Quando Saillard e o genro entraram no salão do rés do chão, lá encontraram, diante de um grande fogo, a sra. Saillard, Elizabeth, o sr. Gaudron e o cura de São Paulo. O cura virou-se para o sr. Baudoyer, ao qual a esposa fez um sinal de inteligência pouco compreendido.

— Senhor — disse o cura —, não quis demorar em vir agradecer-lhe o magnífico presente com o qual o senhor embelezou a minha pobre igreja; eu não me atrevia a endividar-me para comprar aquele belo ostensório, digno de uma catedral. O senhor, que é um dos nossos mais devotos e assíduos paroquianos, mais do que qualquer outro devia ter ficado impressionado com a pobreza do nosso altar-mor. Dentro de alguns momentos vou ver o monsenhor coadjutor, e breve ele lhe demonstrará sua satisfação.

— Ainda nada fiz... — disse Baudoyer.

— Senhor cura — respondeu a mulher tomando-lhe a palavra —, posso trair todo o segredo dele. O sr. Baudoyer tem a intenção de terminar sua obra dando-lhe um pálio para a próxima festa de Corpus-Christi. Essa aquisição, porém, depende um pouco do estado das nossas finanças, e estas dependem da nossa promoção.

— Deus recompensa aqueles que o veneram — disse o sr. Gaudron, retirando-se com o cura.

— Por que — disse o sr. Saillard ao sr. Gaudron e ao cura — não nos fazem a honra de partilhar conosco o nosso modesto jantar?

— Fique, meu caro vigário — disse o cura a Gaudron. — O senhor sabe que estou convidado pelo cura de São Roque, que amanhã vai enterrar o sr. de la Billardiére.

— O sr. cura de São Roque não pode dizer duas palavras a nosso favor? — perguntou Baudoyer, a quem a mulher puxou violentamente pela aba da sobrecasaca.

— Mas cala a boca, Baudoyer! — disse-lhe ela, atraindo-o a um canto para soprar-lhe ao ouvido: — Deste à paróquia um ostensório de cinco mil francos. Eu te explicarei tudo.

O avaro Baudoyer fez uma careta horrível e ficou pensativo

durante todo o jantar.

— Por que motivo te movimentaste tanto a propósito do passaporte de Falleix? Em que assunto estás te metendo? — perguntou ele finalmente.

— Parece-me que os negócios de Falleix são um pouco nossos — respondeu Elizabeth com secura, dirigindo um olhar ao marido para mostrar-lhe o sr. Gaudron, diante do qual ele se devia calar.

— Certamente — disse o velho Saillard pensando na sua comandita.

— O senhor, quero crer, chegou a tempo à redação do jornal? — perguntou Elizabeth ao sr. Gaudron, ao servir-lhe a sopa.

— Sim, cara senhora — respondeu o vigário. — Assim que o diretor do jornal viu o bilhete do secretário da Grande Esmolaria, não opôs mais a mínima dificuldade. A pequena nota foi inserida, graças aos cuidados dele, no lugar mais conveniente, no qual eu jamais teria pensado; mas esse moço do jornal tem a inteligência desperta. Os defensores da religião poderão combater a impiedade sem desvantagem, há muitos talentos nos jornais realistas. Tenho todo o direito de pensar que o êxito coroará suas esperanças. Mas lembre-se, meu caro Baudoyer, de proteger o sr. Colleville; ele é objeto da atenção de Sua Eminência; recomendaram-me que lhe falasse nele...

— Se eu for chefe da divisão, farei dele, se quizerem, um dos meus chefes de repartição! — disse Baudoyer.

A chave do enigma chegou no fim do jantar. A folha ministerial, comprada pelo porteiro, continha nas notas locais de Paris os dois seguintes artigos, chamados tópicos:

“O sr. barão de la Billardièrre faleceu esta manhã, após longa e dolorosa moléstia. Perde o rei um servidor dedicado; a Igreja, um dos seus mais devotos filhos. O fim do sr. de la Billardièrre coroou dignamente sua bela existência, inteiramente consagrada nos tempos maus e missões perigosas, e devotada ainda outrora às mais difíceis funções. O sr. de la Billardièrre foi grande preboste num departamento onde seu caráter triunfou dos obstáculos que a revolução ali multiplicava. Tinha aceitado uma árdua direção, na qual suas luzes não foram menos úteis do que a amenidade francesa de suas maneiras, para conciliar os assuntos graves que nela são tratados. Nenhuma recompensa foram mais merecidas do que aquelas com as quais o rei Luís XVIII e Sua Majestade se comprovaram em coroar uma fidelidade que não vacilara ante o usurpador.^[154] Essa velha família reviverá num rebento, herdeiro dos talentos e do devotamento do homem excelente cuja perda aflige tantos amigos. Sua Majestade já fez saber, por uma palavra graciosa, que contava o sr. Benjamim de la Billardièrre no número de seus gentis-homens ordinários da Câmara.”

“Os numerosos amigos que não tiverem recebido cartão de participação, ou em cujas mãos esses cartões não chegarem a tempo, ficam prevenidos que as exéquias se realizarão amanhã, às quatro horas, na igreja de São Roque. A oração fúnebre será pronunciada pelo reverendo padre Fontanon.”^[155]

“O sr. Isidoro Baudoyer, representante de uma das mais antigas famílias da burguesia parisiense, e chefe de repartição na divisão La Billardièrre, acaba de renovar as velhas tradições de piedade que distinguiam essas grandes famílias,

tão ciosas do esplendor da religião e tão amigas de seus monumentos. A igreja de São Paulo carecia de um ostensório de acordo com a magnificência dessa basílica, devida à Companhia de Jesus. Nem a fábrica nem o cura eram suficientemente ricos para ornamentar o altar com semelhante objeto. O sr. Baudoyer doou a essa paróquia o ostensório que várias pessoas admiraram em casa do sr. Gohier, ourives do rei. Graças a esse homem piedoso, que não recuou ante a enormidade do preço, a igreja de São Paulo possui hoje essa obra-prima de ourivesaria, cujos desenhos são devidos ao sr. de Sommervieux.^[156] Apraz-nos tornar público um fato que prova o quanto são vãs as declamações de liberalismo sobre o espírito da burguesia parisiense. Em todos os tempos, a burguesia foi realista; ela o provará sempre nos momentos oportunos.”

— O preço era de cinco mil francos — disse o padre Gaudron —; mas, em virtude de o pagamento ser à vista, o ourives da corte moderou suas pretensões.

— “Representante de uma das mais antigas famílias da burguesia parisiense!” — dizia Saillard. — Está impresso, e, de mais a mais, no jornal oficial!

— Caro padre Gaudron, ajude meu pai a compor uma frase que ele possa sussurrar ao ouvido da senhora condessa ao levar-lhe os emolumentos do mês, uma frase que diga bem tudo! Vou deixá-los. Tenho de sair com meu tio Mitral. Acreditam que me foi impossível achar meu tio Bidault? E em que canil morará ele? Enfim, o sr. Mitral, que conhece as suas andanças, disse que ele acaba seus negócios entre oito horas e meio-dia; que, depois dessa hora, não é possível achá-lo senão num café chamado Café Têmis, um nome singular.

— Distribuem justiça ali?^[157] — disse rindo o padre Gaudron.

— Como vai ele a um café situado na esquina da Rue Dauphine e do Quai des Augustins? Mas dizem que ali ele joga todas as tardes dominó com seu amigo Gobseck. Não quero ir lá sozinha, meu tio vai levar-me e trazer-me.

Nesse momento, Mitral apresentou sua cara amarela enquadrada na sua peruca, que parecia feita de capim, e fez sinal à sobrinha que viesse a fim de não malgastar um tempo que estava sendo pago a dois francos a hora. A sra. Baudoyer saiu, pois, sem nada explicar ao pai e ao marido.

— O céu — disse o padre Gaudron a Baudoyer, quando Elizabeth saiu — deu-lhe nessa mulher um tesouro de prudência e virtude, um modelo de bom-senso, uma cristã na qual se encontra um juízo divino. Só a religião forma caracteres tão completos. Amanhã direi a missa pelo triunfo da boa causa! É preciso, no interesse da monarquia e da religião, que o senhor seja nomeado. O sr. Roubardin é um liberal, assinante do *Journal des Débats*, jornal funesto que guerreia o sr. conde de Villèle para servir os interesses despeitados do sr. de Chateaubriand.^[158] Sua Eminência lerá o jornal logo à noite, quando mais não seja por causa de seu pobre amigo sr. de la Billardière, e monsenhor coadjutor lhe falará do senhor e de Roubardin. Conheço o senhor cura: quando alguém se

lembra de sua querida igreja, ele não se esquece desse alguém nas suas recomendações; ora, neste momento ele tem a honra de jantar com o coadjutor, em casa do senhor cura de São Roque.

Essas palavras fizeram Saillard e Baudoyer começar a compreender que Elizabeth não ficara inativa desde o instante em que Godard a prevenira.

— É astuta, esta Elizabeth! — exclamou Saillard, apreciando, com mais exatidão do que o fazia o padre, o rápido túnel de toupeira realizado pela filha.

— Ela mandou Godard informar-se na porta do dr. Rabourdin qual o jornal que ele recebia — disse Gaudron —, e eu comuniquei-o ao secretário de Sua Eminência, porquanto estamos num momento em que a Igreja e o trono devem conhecer bem quais são os seus amigos e quais os seus inimigos.

— Já vão cinco dias que procuro uma frase para dizer à mulher de Sua Excelência — disse Saillard.

— Toda Paris lê isto! — exclamou Baudoyer, cujos olhos estavam presos ao jornal.

— Seu elogio, meu filhote, custa-nos quatro mil e oitocentos francos! — disse a sra. Saillard.

— O senhor embelezou a casa de Deus — respondeu o padre Gaudron.

— Isso não era indispensável para a nossa salvação — replicou ela. — Mas se Baudoyer obtém o lugar, são oito mil francos a mais, e o sacrifício não terá sido grande. E se ele não obtém?... Heim, mãezinha! — disse ela olhando para o marido. — Que sangria!...

— Pois bem — disse Saillard entusiasmado —, recuperaremos isso com Falleix, que vai agora ampliar seus negócios valendo-se do irmão que ele estabeleceu de propósito como corretor de fundos. Elizabeth bem que nos devia ter dito o motivo pelo qual Falleix voou. Mas busquemos a frase. Eis o que achei: *Senhora, se quisesse dizer duas palavras a Sua Excelência...*

— Quisesse! — disse Gaudron. — *Se dignasse*, para falar mais respeitosamente. De resto é preciso antes de mais nada saber se a senhora esposa do delfim lhe concede sua proteção, porque então poderiam insinuar-lhe a ideia de cooperar nos desejos de Sua Alteza Real.

— Seria também preciso mencionar o lugar vago — disse Baudoyer.

— *Senhora condessa* — continuou Saillard, levantando-se e olhando para a esposa com um sorriso agradável.

— Jesus! Saillard, como estás esquisito assim! Toma cuidado, meu filho, que és capaz de fazer aquela mulher rir!

— *Senhora condessa...* que tal, estou melhor? — disse ele olhando para a mulher.

— Sim, meu frangote.

— *Está vago o lugar do falecido sr. de la Billardière; meu genro, o sr. Baudoyer...*

— *Homem de talento e de grande piedade* — soprou Gaudron.

— Escreve a frase, Baudoyer — gritou o velho Saillard.

Baudoyer ingenuamente pegou da pena e escreveu sem corar seu próprio elogio, absolutamente como o teriam feito Nathan ou Canalis noticiando um de seus livros.

— *Senhora condessa...* Vês, mãezinha — disse Saillard à mulher —, faço de conta que és a mulher do ministro.

— Estás me achando com cara de boba? Estou percebendo isso perfeitamente — respondeu ela.

— *O lugar do falecido e digno sr. de la Billardière está vago; meu genro, sr. Baudoyer, homem de talento consumado e de grande devoção....*

Depois de ter olhado para o padre Gaudron, o qual estava refletindo, ele acrescentou:

— *Sentir-se-ia feliz em obtê-lo.* Ah! Não está mal, é curto e diz tudo.

— Mas espera, Saillard! Bem vês que o senhor padre está ruminando — disse-lhe a esposa —; não o perturbes.

— ... *Sentir-se-ia bem feliz se a senhora se dignasse tomar interesse por ele* — corrigiu Gaudron —, *e se dissesse algumas palavras a Sua Excelência, seria particularmente agradável à senhora do delfim, pela qual ele tem a felicidade de ser protegido.*

— Ah! Padre Gaudron, essa frase vale o ostensório; lamento menos os quatro mil e oitocentos... De resto, vamos lá, Baudoyer, tu os pagarás, meu rapaz!... Escreveste?

— Eu te farei repetir isso, mãezinha — disse a sra. Saillard —, e tu mo recitarás da manhã à noite. Sim, essa frase está bem tecida! Como deve sentir-se feliz por ser tão sábio, padre Gaudron! É o que resulta de estudar em seminários, aprende-se a falar a Deus e aos seus santos.

— Ele é tão bom quanto sábio — disse Baudoyer apertando as mãos do padre. — Foi o senhor que redigiu o artigo? — perguntou apontando para o jornal

— Não — respondeu Gaudron. — Essa redação é do secretário de Sua Eminência, um jovem padre que me deve grandes obrigações e que se interessa pelo sr. Colleville; em outros tempos paguei a pensão dele no seminário.

— Um benefício traz sempre sua recompensa — disse Baudoyer.

Enquanto aquelas quatro pessoas se abancavam para jogar seu bóston, Elizabeth e seu tio Mitral chegavam ao Café Têmis, depois de ter conversado em caminho sobre o assunto que o tato de Elizabeth lhe indicara como sendo a mais poderosa alavanca destinada a forçar a mão do ministro. O tio Mitral, o antigo oficial de justiça, perito em chicanas, em expedientes e precauções judiciais, considerou a honra

da família interessada no triunfo do sobrinho. Sua avareza fazia-o sondar o cofre de Gigonnet, e sabia que essa herança tocara a seu sobrinho Baudoyer; queria, pois, para ele uma posição em harmonia com a fortuna dos Saillard e de Gigonnet, que caberiam à pequena Baudoyer. O que não poderia pretender uma rapariga cuja fortuna ascenderia a mais de cem mil francos de renda? Adotara as ideias da sobrinha e as compreendera. Por isso acelerara a partida de Falleix, explicando-lhe como se ia depressa pela posta. Depois, durante o jantar, refletira na curva que convinha imprimir à mola inventada por Elizabeth. Ao chegar ao Café Têmis, disse à sobrinha que somente ele podia arrumar o negócio com Gigonnet, e fê-la ficar no fiacre, a fim de que ela só interviesse em tempo e lugar oportunos. Através da vidraça, Elizabeth viu o rosto de Gobseck e o de seu tio Bidault, que se destacavam sobre o fundo amarelo vivo das guarnições de madeira das paredes daquele velho café, como duas cabeças de camafeu, frias e impassíveis na atitude que o gravador lhes deu. Esses dois avarentos parisienses estavam cercados de velhos semblantes, nos quais os trinta por cento de desconto pareciam escritos nas rugas circulares que, partindo do nariz, arregaçavam os pômulos gelados. Aquelas fisionomias se animaram à chegada de Mitral, e os olhos brilharam com curiosidade tigrina.

— Eh! Eh! É o tio Mitral — exclamou Chaboisseau.

— Esse velhinho fazia a agiotagem da livraria.

— Palavra que é — respondeu um negociante de papel, chamado Métivier. — Ah! É um macaco velho sabido em caretas.

— E você é um urubu velho perito em cadáveres — respondeu Mitral.

— Exato — disse o severo Gobseck.

— Que vem você fazer aqui, meu filho? Vem penhorar nosso amigo Métivier? — perguntou-lhe Gigonnet mostrando-lhe o negociante de papel, que tinha uma carantonha de velho porteiro.

— Sua sobrinha-neta está ali, papai Gigonnet — disse-lhe Mitral ao ouvido.

— O quê! Alguma desgraça? — disse Bidault.

O velho franziu o sobrolho e tomou um ar enternecido como o do carrasco quando vai exercer suas funções; apesar de sua virtude romana, deve ter-se emocionado, porque seu nariz tão vermelho perdeu um pouco de cor.

— E daí, mesmo que fossem desgraças, não ajudaria a filha de Saillard, uma pequena que lhe tece meias de lã faz trinta anos? — exclamou Mitral.

— Havendo garantias, não digo que não! — respondeu Gigonnet. — Algo de Falleix deve estar metido nisso. Esse Falleix de vocês estabeleceu o irmão como corretor de fundos, faz tantos negócios como

os Brézac, e com quê? Com a sua inteligência, não é? Enfim, Saillard não é nenhuma criança.

— Ele conhece o valor do dinheiro — disse Chaboisseau.

Essas palavras, ditas entre aqueles velhos, teriam feito um artista estremecer, e todos menearam a cabeça.

— De resto, eu nada tenho a ver com a desgraça dos meus próximos — disse Bidault a Gigonnet. — Tenho por princípio nunca me deixar levar nem com os amigos nem com os parentes, pois que só se é atingido nos pontos fracos. Dirija-se a Gobseck, ele é meigo.

Os agiotas aplaudiram aquela doutrina por um movimento de suas cabeças metálicas, e quem os visse teria pensado ouvir o ranger de máquinas mal engraxadas.

— Vamos, Gigonnet, um pouco de ternura — disse Chaboisseau —; teceram-lhe meias durante trinta anos.

— Ah! Isso vale algo — disse Gobseck.

— Já que estamos entre nós, pode-se falar — disse Mitral depois de examinar as criaturas à roda dele. — O que me traz é um bom negócio...

— Por que então nos vem procurar, se o negócio é bom? — disse Gigonnet com azedume, interrompendo Mitral.

— Um tipo que era gentil-homem da Câmara, um velho *chouan*... como era o nome? La Billardière... faleceu.

— Verdade! — disse Gobseck.

— E o sobrinho dá ostensórios às igrejas! — disse Gigonnet.

— Não é trouxa, assim, para os dar; ele os vende, meu paizinho — disse Mitral com orgulho. — Trata-se de conseguir o lugar do sr. de la Billardière, e, para obtê-lo, é preciso segurar...

— *Segurar*... sempre oficial de justiça — disse Métivier dando umas pancadinhas amistosas no ombro de Mitral. — Gosto disso!

— Segurar o sr. Chardin des Lupeaulx nas nossas garras — replicou Mitral. — Ora, Elizabeth achou o meio, e é...

— Elizabeth! — exclamou Gigonnet, interrompendo outra vez. — Querida criaturinha, saiu ao avô, ao meu pobre irmão! Bidault não tinha quem o igualasse! Ah! Se o tivessem visto nos leilões de móveis antigos! Que tato! Que finura!... Que quer ela?

— Ora, ora — disse Mitral —, como o senhor torna a encontrar depressa suas entranhas, papai Gigonnet! Esse fenômeno deve ter suas causas.

— Criança! — disse Gobseck a Gigonnet. — Sempre vivo demais!

— Vamos, Gobseck e Gigonnet, meus patrões, vocês precisam de Des Lupeaulx, vocês se lembram de o ter depenado, têm medo de que ele reclame um pouco da sua penugem — disse Mitral.

— Pode-se dizer-lhe o negócio? — perguntou Gobseck a Gigonnet.

— Mitral é dos nossos, ele não seria capaz de pregar uma peça aos seus antigos clientes — respondeu Gigonnet. — Pois bem, Mitral,

acabamos de comprar — disse ele ao ouvido do antigo oficial de justiça —, de comprar entre os três, os títulos de dívida cuja admissão depende da comissão de liquidação.

— Que podem vocês sacrificar? — perguntou Mitral.

— Nada — disse Gobseck.

— Não sabem que estamos metidos nisso — disse Gigonnet —; Samanon^[159] nos serve de anteparo.

— Ouça-me, Gigonnet — disse Mitral. — Está frio e sua sobrinha está esperando. O senhor me compreenderá em três palavras. É preciso mandar, entre vocês dois, sem juro, duzentos e cinquenta mil francos a Falleix, que neste instante está voando na estrada, a trinta léguas de Paris, com um correio na frente.

— Possível! — disse Gobseck.

— Aonde vai ele? — exclamou Gigonnet.

— Ora, vai às magníficas terras de Des Lupeaulx — replicou Mitral. — Ele conhece a região, vai comprar, junto à nova fazenda do secretário-geral, pelo valor de duzentos e cinquenta mil francos, terras excelentes que em qualquer caso valerão esse preço. Tem-se nove dias para o registro das escrituras de cartório (não percam isto de vista!). Com esse pequeno aumento, as terras de Des Lupeaulx pagarão mil francos de imposto. *Ergo*, Des Lupeaulx torna-se eleitor do grande colégio, elegível, conde, tudo o que ele quiser! Sabem qual o deputado que levou o diabo?

Os dois avarentos fizeram um sinal afirmativo.

— Des Lupeaulx era capaz de cortar uma perna para ser deputado — continuou Mitral. — Mas quer ter em seu nome os contratos que lhe mostraremos, hipotecando-os, bem entendido, por nosso empréstimo com sub-rogação dos direitos do vendedor... (Ah! Ah! Já deram com a coisa?) Precisamos primeiro o cargo para Baudoyer, depois nós lhes entregaremos Des Lupeaulx! Falleix fica lá na terra e prepara o assunto eleitoral; assim, pois, vocês conservam Des Lupeaulx na mira por meio de Falleix, durante todo o tempo da eleição, uma eleição de circunscrição na qual os amigos de Falleix constituem maioria. E então, papai Gigonnet, ainda acha que algo de Falleix está metido nisso?

— Há também aí algo de Mitral — replicou Métivier. — Bem armado, o laço.

— Está feito — disse Gigonnet. — Não é, Gobseck? Falleix nos assinará duplicatas, e porá a hipoteca em seu nome; iremos ver Des Lupeaulx em tempo oportuno.

— E nós — disse Gobseck — estamos roubados!

— Ah! Paizinho — disse Mitral —, bem quisera eu conhecer o ladrão.

— Ora! Nós só podemos ser roubados por nós mesmos — respondeu Gigonnet. — Julgamos ter agido acertadamente ao comprar as dívidas de Des Lupeaulx a todos os seus credores com abatimento de sessenta

por cento.

— Vocês as hipotecarão sobre a propriedade dele e ainda o terão seguro pelos juros! — respondeu Mitral.

— Poder ser! — disse Gobseck.

Após ter trocado um olhar esperto com Gobseck, Bidault-Gigonet foi à porta do café.

— Elizabeth, segue adiante! — disse ele à sobrinha. — Temos teu homem seguro, mas não te descuides dos acessórios. Está bem começado, espertalhona! Termina, que tens a estima de teu tio!...

E deu-lhe alegremente uma palmada na mão.

— Mas — disse Mitral — Métivier e Chaboisseau podem dar uma ajuda indo hoje à noite à redação de algum jornal de oposição pegar a pelota ao voo e reforçar o artigo ministerial. Vai-te sozinha, minha filha, não quero soltar esses dois albatrozes.

E voltou ao café.

— Amanhã os fundos seguirão para o seu destino por meio de um bilhete ao coletor-geral; acharemos *em casa dos nossos amigos* uns cem mil escudos de papel — disse Gigonet a Mitral quando este veio falar ao usurário.

No dia seguinte, os numerosos assinantes de um jornal liberal leram nos primeiros *Ecos de Paris* um artigo mandado inserir por Chaboisseau e Métivier, acionistas de dois jornais, banqueiros das livrarias, tipografias e papelarias, e aos quais nenhum redator podia recusar nada.

Eis o artigo:

Ontem um jornal ministerial indicava de modo evidente para sucessor do barão de la Billardière o sr. Baudoyer, um dos mais recomendáveis cidadãos de um bairro populoso onde sua beneficência não é menos conhecida do que a devoção sobre a qual tanto carrega a folha ministerial; ela teria podido falar de seus méritos! Mas lembrou-se ela de que, ao louvar a antiguidade burguesa do sr. Baudoyer, a qual certamente é uma nobreza como qualquer outra, apontava a causa da verossímil exclusão do seu candidato? Perfídia gratuita! A boa dama acaricia aquele a quem mata, segundo seu hábito. Nomear o sr. Baudoyer seria prestar homenagem às virtudes, aos méritos das classes médias, das quais seremos sempre os advogados, embora com frequência vejamos nossa causa perdida. Essa nomeação seria um ato de justiça e de boa política, não se permitindo, portanto, o ministério fazê-lo. A folha religiosa teve, desta vez, mais espírito do que seus amos; repreendê-la-ão.

No dia seguinte, sexta-feira, dia do jantar em casa da sra. Roubourdin, a qual Des Lupeaulx deixara à meia-noite, deslumbrante de beleza, na escadaria dos Bouffons,^[160] dando o braço à sra. des Camps (a sra. Firmiani acabava de casar-se), o velho matreiro despertou, com suas ideias de vingança acalmadas, ou melhor, esfriadas: inebriava-o o último olhar trocado com a sra. Roubourdin.

— Eu ficarei seguro de Roubourdin primeiro perdoando-lhe, e mais

tarde, então, o apanharei; por agora, se ele não fosse nomeado seria preciso renunciar a uma mulher que pode tornar-se um dos mais preciosos instrumentos de uma elevada carreira política; ela compreende tudo, não recua diante de nenhuma ideia; e, ademais, não saberei antes do ministro qual o plano de administração que Rabourdin concebeu! Vamos, querido Des Lupeaulx, trata-se de vencer tudo pela tua Celestina. Pode fazer a careta que quiser, senhora condessa, mas há de convidar a sra. Rabourdin para a sua primeira recepção íntima.

Des Lupeaulx era um desses homens que, para satisfazer uma paixão, sabem colocar sua vingança num canto do coração. Assim, pois, tomou sua resolução, a de fazer nomear Rabourdin.

“Eu lhe provarei, caro chefe, que mereço um belo lugar no seu presídio diplomático”, disse consigo mesmo, ao sentar-se no seu gabinete, e abrindo os jornais.

Sabia perfeitamente, às cinco horas, o que deveria conter a folha ministerial para perder tempo em lê-la; mas abriu-a para olhar o artigo sobre La Billardière, pensando no embaraço em que o pusera Du Bruel trazendo-lhe a sarcástica redação de Bixiou. Não pôde deixar de rir ao reler a biografia do falecido conde de la Fontaine, morto alguns meses antes e que ele reimprimira para La Billardière, quando repentinamente seus olhos ficaram deslumbrados pelo nome de Baudoyer. Leu furioso o especioso artigo que comprometia o ministério. Tocou vivamente a campainha e mandou chamar Dutocq para mandá-lo ao jornal. Qual não foi seu espanto ao ler a resposta da oposição! Porque, por acaso, foi a folha liberal que primeiro lhe veio às mãos. A coisa era séria. Conhecia esse jogo, e o mestre que baralhava as cartas pareceu-lhe um patoteiro exímio. Dispor com essa habilidade de dois jornais opostos, no mesmo instante, na mesma tarde, e começar a luta adivinhando a intenção do ministro! Julgou perceber a pena de um redator liberal das suas relações, e a si mesmo prometeu interrogá-lo à noite na Ópera.

Dutocq chegou.

— Leia — disse-lhe Des Lupeaulx apresentando-lhe os dois jornais e continuando a percorrer os outros para saber se Baudoyer tinha neles movido outras cordas. — Vá saber quem se lembrou de comprometer o ministério dessa forma.

— Em todo caso não foi o sr. Baudoyer — respondeu Dutocq —, ele não se ausentou ontem do ministério. Não preciso ir ao jornal. Ao levar lá seu artigo, ontem vi o padre que se apresentara com uma carta da Grande Esmolaria, e diante da qual o senhor mesmo teria de curvar-se.

— Dutocq, você tem uma quizília com o sr. Rabourdin, e isso não está bem, porque ele impediu por duas vezes que você fosse destituído. Mas não somos senhores dos nossos sentimentos: podemos odiar o nosso benfeitor. Somente, fique sabendo que, se você se permitir a

mínima traição contra Rabourdin, antes que eu lhe dê a palavra de ordem, isso será sua perdição e terá de contar-me entre os seus inimigos. Quanto ao jornal do meu amigo, a Grande Esmolaria que lhe tome as nossas assinaturas, se é que ela quer servir-se dele com exclusividade. Estamos no fim do ano, o assunto da assinatura será discutido em breve, e nos entenderemos! Quanto ao posto de la Billardiére, há um meio de acabar com o assunto e é de fazer hoje mesmo a nomeação.

— Senhores — disse Dutocq ao voltar para a seção e dirigindo-se aos colegas —, não sei se Bixiou tem o dom de ler o futuro. Mas, se não leram o jornal ministerial, convido-os a estudar nele o artigo Baudoyer; depois, como o sr. Fleury tem a folha da oposição, poderão ver nela a réplica. Certamente que o sr. Rabourdin tem talento, mas um homem que nestes tempos que correm dá às igrejas ostensórios de seis mil francos tem também talento como o diabo!

BIXIOU (*entrando*): Que dizem da *primeira aos Coríntios* inserta no nosso jornal religioso, e da *Epístola aos ministros* que está no jornal liberal?... Como vai o sr. Rabourdin, Du Bruel?

DU BRUEL (*chegando*): Não sei. (*Leva Bixiou ao seu gabinete e diz-lhe em voz baixa*) Meu caro, seu modo de ajudar as pessoas assemelha-se aos modos do carrasco, que põe os pés em cima do ombro dos pacientes para mais rapidamente quebrar-lhes o pescoço. Você me fez receber um carão de Des Lupeaulx bem merecido pela minha burrice. Muito bonito o artigo sobre La Billardiére! Nunca esquecerei essa pilhéria. A primeira frase parecia dizer ao rei: *É preciso morrer*. A frase sobre Quiberon significa claramente que o rei era *um...* Enfim, tudo era irônico.

BIXIOU (*pondo-se a rir*): Ora esta, você se zanga! Não se pode mais troçar?

DU BRUEL: Troçar! Troçar! Quando você quiser ser subchefe, lhe responderão com troças, meu caro.

BIXIOU (*com ar ameaçador*): Estamos de mal?

DU BRUEL: Sim.

BIXIOU (*em tom seco*): Pois bem, tanto pior para você!

DU BRUEL (*pensativo e inquieto*): Você perdoaria isso?

BIXIOU (*carinhoso*): A um amigo? Claro que sim! (*Ouve-se a voz de Fleury.*) Aí está Fleury amaldiçoando Baudoyer. Hein! Boa pilhéria, não? Baudoyer terá o lugar. (*Confidencialmente*) Afinal de contas, tanto melhor. Du Bruel, veja bem as consequências. Rabourdin faria um triste papel se ficasse sob as ordens de Baudoyer; ele pedirá demissão, e assim haverá duas vagas. Você será chefe, e me tomará para seu subchefe; juntos faremos *vaudevilles* e eu darei conta do seu trabalho na repartição.

DU BRUEL: E eu que não tinha pensado nisso! Pobre Rabourdin! Seja como for, fico com pena.

BIXIOU: Ah! É assim que você lhe quer? (*Mudando de tom.*) Pois bem, também não o lamento. Afinal de contas ele é rico, a mulher dele dá recepções e não me convida, a mim que vou a toda a parte! Vamos, meu bom Du Bruel, adeus e nada de ressentimentos! (*Sai pelo gabinete.*) Adeus, senhores. Não lhes dizia eu ontem que um homem que não tem senão virtudes e talento, era sempre bem pobre, mesmo com uma mulher bonita?

FLEURY: Você sim que é rico!

BIXIOU: Bem dito, caro Cincinato!^[161] Mas você me pagará o jantar no Rocher de Cancale.

POIRET: Sempre me é impossível compreender o sr. Bixiou.

PHELLION (*em tom elegíaco*): O sr. Rabourdin lê tão raramente os jornais, que seria talvez útil levar-lhos, embora nos privando deles momentaneamente. (*Fleury dá-lhe seu jornal, Vimeaux alcança-lhe o da repartição; Phellion pega os jornais e sai.*)

Naquele momento, Des Lupeaulx, que descia para almoçar com o ministro, a si mesmo perguntava se antes de empregar a fina flor de astúcia pelo marido, não aconselharia a prudência sondar o coração da mulher, a fim de saber se seria recompensado por seu devotamento. Estava auscultando o pouco coração que tinha, quando, na escada, encontrou seu procurador, que lhe disse sorrindo: “Duas palavras, Excelência!”, com essa familiaridade das pessoas que se sentem indispensáveis.

— Que há, meu caro Desroches? — disse o político. — Que me está acontecendo? Esses senhores se zangam e não sabem fazer o que eu faço: Esperar!

— Apressei-me em vir preveni-lo que todas as suas dívidas estão nas mãos dos srs. Gobseck e Gigonnet, sob o nome de um tal Samanon.

— Homens a quem fiz ganhar quantias enormes!

— Ouça — disse-lhe o procurador ao ouvido. — Gigonnet chama-se Bidault, é tio de Saillard, tesoureiro do senhor, e Saillard é sogro de um tal Baudoyer que se julga com direitos ao lugar vago no seu ministério. Não andei bem em vir preveni-lo?

— Obrigado — respondeu Des Lupeaulx, cumprimentando o procurador com ar finório.

— Com uma penada o senhor terá quitação — disse Desroches ao retirar-se.

“Isto é um desses sacrifícios imensos”, disse Des Lupeaulx consigo mesmo. “É impossível falar em tal a uma mulher”, pensou. “Celestina valerá a quitação de todas as minhas dívidas? Irei vê-la esta manhã.”

Assim, pois, a bela sra. Rabourdin ia ser dentro de poucas horas o árbitro do destino do marido, sem que nenhuma potência pudesse preveni-la da importância de suas respostas, e sem que nenhum sinal a advertisse para que compusesse sua atitude e sua voz. E, por

infelicidade, ela se julgava certa do êxito; não sabia estar Rabourdin solapado por todos os lados pelo trabalho silencioso dos teredos.

— E então, monsenhor — disse Des Lupeaulx ao entrar no pequeno salão onde almoçava —, leu os artigos sobre Baudoyer?

— Pelo amor de Deus, meu caro — respondeu o ministro —, deixemos as nomeações por enquanto. Ontem já me martelaram a cabeça com aquele ostensório. Para salvar Rabourdin será preciso fazer da sua nomeação uma questão de Conselho, se não quero que me forcem a mão. É de enojar a gente dos negócios. Para conservarmos Rabourdin, teremos de promover um certo Colleville.

— Quer o senhor entregar-me a direção desse *vaudeville* e não se preocupar mais com ele? Todas as manhãs eu o divertirei com a narrativa da partida de xadrez que joguei com a nossa Grande Esmolaria — disse Des Lupeaulx.

— Pois bem — disse-lhe o ministro. — Faça o trabalho com o chefe do pessoal. Sabe você que nada é de molde a impressionar mais o espírito do rei do que as razões contidas no jornal da oposição? Dirija-se um ministério com uns Baudoyer!

— Um imbecil devoto — disse Des Lupeaulx — e incapaz como...

— Como la Billardièrre — disse o ministro.

— La Billardièrre, pelo menos, tinha os modos de um gentil-homem ordinário da Câmara — replicou Des Lupeaulx. — Senhora — disse ele, dirigindo-se à condessa —, há agora necessidade de convidar a sra. Rabourdin à sua primeira reunião íntima: far-lhe-ei observar que ela tem como amiga a sra. des Camps; estavam ontem juntas nos Italiens, e conheci-a no palácio Firmiani; de resto a senhora verá se ela é de natureza a comprometer um salão.

— Convide a sra. Rabourdin, querida — disse o ministro —, e falemos de outra coisa.

— Celestina está portanto nas minhas garras! — disse Des Lupeaulx subindo ao seu apartamento, para vestir um traje matinal.

TERCEIRA PARTE

A QUEM O POSTO?

I — CENA DOMÉSTICA

Os casais parisienses são devorados pela necessidade de se pôr em harmonia com o luxo que os cerca por todos os lados; por isto poucos há que tenham o bom-senso de conformar sua situação exterior com o seu orçamento interior. Esse vício, porém, talvez seja devido a um patriotismo todo francês e que tem por finalidade conservar à França sua supremacia em matéria de vestuário. A França reina pela indumentária sobre toda a Europa. Cada qual sente aqui a necessidade de conservar um cetro comercial que faz da Moda em França o que a Marinha é na Inglaterra. Esse patriótico furor que leva a tudo sacrificar ao *paroistre*,^[162] como dizia D'Aubigné no tempo de Henrique IV, é causa de trabalhos imensos e secretos que ocupam toda a manhã das mulheres parisienses, quando elas querem, como a sra. Rabourdin queria, com doze mil francos de renda, manter o padrão de vida que muitos ricos não conseguem com trinta mil. Por isso, nas sextas-feiras, dias de jantar, a sra. Rabourdin ajudava a criada de quarto a arrumar o apartamento; porque a cozinheira ia cedo ao mercado, e o criado limpava a prataria, dispunha os guardanapos e espanava os cristais. O importuno que, por uma distração da porteira, subisse por volta das onze horas ou meio-dia à casa da sra. Rabourdin, tê-la-ia encontrado, em meio à menos pitoresca desordem, de batom, com os pés metidos em chinelos velhos, mal penteada, arrumando ela mesma suas lâmpadas, dispondo ela mesma suas jardineiras ou cozinhando para si, às pressas, um almoço pouco poético. O visitante que desconhecesse os mistérios da vida parisiense, teria certamente aprendido a não pôr os pés nos bastidores do teatro; logo apontado como um homem capaz das maiores perfídias, a mulher por ele surpreendida nos seus mistérios matinais teria falado da burrice e da indiscrição dele, de modo a liquidá-lo. A parisiense, tão indulgente para com as curiosidades que lhe são proveitosas, é implacável para com aquelas que lhe fazem perder seu prestígio. Por isto, semelhante invasão domiciliar não é, como diz a Polícia Correccional, um atentado ao pudor, e sim um roubo com arrombamento, o roubo do que há de mais precioso, o *crédito*! Uma mulher deixa-se de boa vontade surpreender com pouca roupa, com os cabelos soltos, quando estes são mesmo dela, pois lucra com isso; mas não se quer deixar ver arrumando ela própria seu apartamento, porquanto aí perde o seu *paroistre*. A sra. Rabourdin estava em plena arrumação de sua sexta-feira, entre provisões pescadas por sua

cozinheira no oceano do mercado, no momento em que o sr. des Lupeaulx se transportou tão sorratamente à casa dela. Evidentemente, o secretário-geral era indiscutivelmente a última pessoa que a bela Rabourdin podia esperar; por isto, ao ouvir ranger as botas no patamar, ela exclamou: “O cabeleireiro, tão cedo!”. Exclamação tão pouco agradável para Des Lupeaulx como a presença dele o foi para ela. A sra. Rabourdin fugiu para seu quarto de dormir, onde reinava uma pavorosa desordem de móveis que não querem ser vistos, coisas heterogêneas em matéria de elegância, uma verdadeira terça-feira gorda doméstica. O descarado Des Lupeaulx seguiu a bela assustada, de tanto que a achou provocante nos seus trajes descuidados. Não sei que de apetitoso tentava o olhar: a carne, vista por uma abertura da camisola, parecia mil vezes mais atraente do que quando se expandia graciosamente desde a linha traçada nas costas pelo debrum de veludo até o arredondado fugitivo do mais belo pescoço de cisne, onde jamais um amante depôs um beijo antes do baile. Quando os olhos vagueiam sobre uma mulher bem-vestida que mostra um colo magnífico, não dá isso a impressão de uma sobremesa servida após um belo jantar? Mas o olhar que se insinua por entre a fazenda amarrotada pelo sono devassa recantos apetitosos e se regala com eles como se devora uma fruta roubada, que amadurece entre duas folhas numa latada.

— Espere, espere! — bradou a linda parisiense, aferrolhando sua desordem.

Tocou a campainha chamando Teresa, sua filha, a cozinheira, o criado, implorando um xale e desejando o apitar do maquinista da Ópera. E o apito soou. E, num abrir e fechar de olhos — outro fenômeno! —, o quarto tomou uns ares matinais muito picantes em harmonia com uma vestimenta subitamente combinada para maior glória dessa mulher, evidentemente superior nisso.

— O senhor! — disse ela. — E a estas horas! Que há?

— As mais graves coisas deste mundo — respondeu Des Lupeaulx —; trata-se hoje de nos entendermos bem.

Celestina olhou para aquele homem através dos óculos e compreendeu.

— Meu principal vício — disse ela — é o de ser prodigiosamente caprichosa, de modo que não misturo minha afeição com a política; falemos de política, de negócios, e depois veremos. De resto, não é uma fantasia, e sim uma consequência do meu gosto de artista, que me proíbe fazer as cores berrarem, de juntar coisas disparatadas, e me ordena que evite as dissonâncias. Temos também nossa política, nós as mulheres!

O som da voz e a gentileza dos modos já tinham produzido seu efeito e metamorfoseado a brutalidade do secretário-geral numa

cortesia sentimental; ela o fizera novamente obedecer às suas obrigações de amante. Uma bela mulher, hábil, forma em torno dela como que uma atmosfera na qual os nervos se distendem, e os sentimentos se ameigam.

— A senhora desconhece o que se está passando — replicou Des Lupeaulx, o qual fazia questão de mostrar-se brutal. — Leia.

E ofereceu à graciosa Rabourdin os dois jornais, cujos dois artigos ele cercara com tinta encarnada. Ao ler, o xale descruzou-se sem que Celestina o percebesse, a menos que fosse em consequência de uma vontade bem disfarçada. Na idade em que a força das fantasias está na proporção da sua rapidez, Des Lupeaulx não podia conservar seu sangue-frio do mesmo modo que Celestina o dela.

— Como! — disse ela. — Mas isto é horrível! Quem é esse Baudoyer?

— Um asno^[163] — disse Des Lupeaulx —; mas, como vê, ele carrega relíquias^[164] e triunfará conduzido pela mão hábil que segura as rédeas!

A recordação de suas dívidas passou ante os olhos da sra. Rabourdin e deslumbrou-a, como se tivesse visto dois relâmpagos consecutivos; seus ouvidos zumbiram a golpes redobrados pela pressão do sangue que lhe pulsava nas artérias; ficou totalmente aturdida, olhando para uma pátera sem vê-la.

— Mas o senhor se nos conserva fiel! — disse ela a Des Lupeaulx acariciando-o com o olhar, de modo a prendê-lo a si.

— Conforme — disse ele respondendo àquela mirada com um olhar inquisidor que fez a pobre senhora corar.

— Se precisa de arras, perderá todo o valor — disse ela rindo. — Eu o julgava maior do que é. E o senhor julga-me bem pequena, bem pensionista!

— A senhora não me compreendeu — replicou ele com ar finório. — Eu queria dizer que não podia servir um homem que se movimenta contra mim, como o Estouvado contra Mascarilho.^[165]

— Que quer dizer isso?

— Aqui está o que lhe provará que sou grande.

E apresentou à sra. Rabourdin a exposição roubada por Dutocq, assinalando-lhe o lugar no qual o marido dela o analisara tão sabiamente.

— Leia!

Celestina reconheceu a letra, leu e empalideceu sob aquele golpe de clava.

— Estão aí todas as administrações — disse Des Lupeaulx.

— Mas felizmente — disse ela — só o senhor possui esse trabalho, que não me posso explicar.

— Aquele que o roubou não há de ser tão tolo que não tenha conservado uma cópia, é muito mentiroso para confessá-lo, e demasiado inteligente no seu ofício para entregá-lo, nem sequer tentei

falar-lhe nisso.

— Quem é ele?

— Seu primeiro oficial de gabinete.

— Dutocq! Nunca somos castigados senão pelos benefícios que fazemos!... Mas — replicou ela — é um cão que quer um osso.

— Sabe a senhora o que me querem oferecer a mim, pobre-diabo de secretário-geral?

— O quê?

— Devo trinta e poucos miseráveis mil francos, a senhora vai ficar fazendo mau juízo de mim ao saber que não devo mais do que isso; mas enfim, nisso sou pequeno! Pois bem, o tio de Baudoyer acaba de comprar todas as minhas dívidas e se dispõe sem dúvida a me restituir os títulos.

— Mas tudo isso é infernal!

— Absolutamente não, é monárquico e religioso, porque a Grande Esmolaria toma conta do assunto...

— Que fará o senhor?

— Que me ordena fazer? — disse ele com uma graça adorável, estendendo-lhe a mão.

Celestina não o achou mais feio, nem velho, nem empoado como pela geada, nem secretário-geral, nem o que quer que fosse de imundo; mas não lhe deu a mão. À noite, no seu salão, ela ter-lhe-ia deixado tomar cem vezes; mas, de manhã e sozinho, o gesto constituía uma promessa um pouco positiva demais, e podia levar longe.

— E dizem que os homens de Estado não têm coração! — exclamou ela, querendo compensar a dureza da recusa pela gentileza da palavra. — Isso me assustava — acrescentou tomando o ar mais inocente do mundo.

— Que calúnia! — respondeu Des Lupeaulx. — Um dos diplomatas mais imóveis e que conserva o poder desde que nasceu, acaba de desposar a filha de uma atriz e de a fazer receber na Corte mais aferrada sobre os quartéis de nobreza.

— E o senhor nos sustentaria?

— Eu faço o trabalho das nomeações. Mas nada de trapaças!

Ela deu-lhe a mão a beijar e deu-lhe uma palmadinha de leve na face.

— O senhor pertence-me — disse ela.

Des Lupeaulx admirou a frase. (À noite, na Ópera, o fátuo narrou-a deste modo: “Uma mulher, não querendo dizer a um homem que era dele, confissão que uma mulher correta nunca faz, disse-lhe: ‘O senhor pertence-me’. Que lhes parece o subterfúgio?”.)

— Mas seja minha aliada — replicou ele. — Seu marido falou ao ministro de um plano de administração ao qual se prende a exposição na qual sou tão bem tratado; leia-o para dizer-mo logo à noite.

— Será feito — disse ela, sem ver grande importância no que levara Des Lupeaulx à sua casa tão cedo.

— Senhora, o cabeleireiro — disse a criada de quarto.

“Fez-me esperar bastante! Não sei como eu sairia deste embrulho se ele tivesse demorado”, pensou Celestina.

— A senhora não sabe até onde vai o meu devotamento — disse-lhe Des Lupeaulx, erguendo-se. — A senhora será convidada para a primeira recepção íntima da mulher do ministro...

— Ah! O senhor é um anjo — disse ela. — E vejo agora como o senhor me ama; ama-me com inteligência.

— Esta noite, queridinha — replicou ele —, eu irei à Ópera para saber quais são os jornalistas que conspiram para Baudoyer, e mediremos nossas armas.

— Sim, mas janta aqui, não é? Mandei procurar e achar as coisas de que gosta.

“Tudo isso entretanto assemelha-se tanto ao amor, que seria uma doçura ser enganado muito tempo assim!”, pensou Des Lupeaulx ao descer a escada. “Mas se ela zombou de mim eu o saberei; vou preparar-lhe o mais hábil de todos os laços antes da assinatura, a fim de poder ler em seu coração. Nós conhecemos vocês, minhas gatinhas! Porque, afinal, as mulheres são tudo o que nós somos! Vinte e oito anos e virtuosa, e aqui, na Rue Duphot! É uma felicidade bem rara e que vale a pena ser cultivada.”

A borboleta elegível saltitava pelas escadas.

“Meu Deus! Esse homem, sem as lunetas e empoado, deve ficar bem esquisito de roupão”, dizia Celestina de si para si. “Ele está com o arpão preso às costas, e me está rebocando enfim para onde eu queira ir: à casa do ministro. Representou seu papel na minha comédia.”

Quando, às cinco horas, Rabourdin voltou para vestir-se, sua mulher foi assistir-lhe à arrumação e lhe entregou aquela exposição que, como chinela do conto de *As mil e uma noites*, o pobre homem devia encontrar por toda a parte.

— Quem te deu isso? — perguntou Rabourdin estupefato.

— O sr. des Lupeauls!

— Ele esteve aqui? — perguntou Rabourdin dirigindo à mulher um olhar que certamente teria feito empalidecer uma culpada, mas que esbarrou numa frente de mármore e nuns olhos risonhos.

— E voltará para jantar — respondeu ela. — Por que esse ar espantado?

— Minha querida — disse Rabourdin —, Des Lupeaulx está mortalmente ofendido por mim, essa gente não perdoa, e ele me adula! Pensas que não vejo por que motivo!

— Esse homem — disse ela — parece-me ter um gosto muito delicado, não o posso censurar por isso. Enfim, nada conheço de tão

lisonjeiro para uma mulher como despertar um paladar embotado pelos prazeres. Depois...

— Basta de gracejos, Celestina! Poupa um homem acabrunhado. Não posso falar com o ministro, e minha honra está em jogo.

— Meu Deus, nada disso. Dutocq terá a promessa de um lugar e tu serás nomeado chefe de divisão.

— Adivinho-te, querida filha — disse Roubourdin —; mas o jogo que estás jogando desonra tanto quanto a realidade. A mentira é a mentira, e uma mulher honesta...

— Deixa que eu me sirva de armas empregadas contra nós.

— Celestina, quanto mais esse homem se vir totalmente preso na armadilha, tanto mais se encarniçará contra mim.

— E se eu o derrubo?

Roubourdin olhou espantado para a mulher.

— Não penso senão na tua elevação, e já era tempo, meu pobre amigo! — continuou Celestina. — Mas estás tomando o cão de caça pela caça — disse ela após uma pausa. — Dentro de alguns dias Des Lupeaulx terá cumprido sua missão muito bem. Enquanto procuras falar ao ministro, e antes que o possas ver, eu lhe terei falado. Suaste sangue e água para criar um plano que me ocultavas, e, em três meses, tua mulher terá feito mais serviço do que tu em seis anos. Dize-me teu belo sistema.

Roubourdin, enquanto fazia a barba e depois de ter obtido da esposa a promessa de que não diria uma única palavra acerca dos seus trabalhos, previnindo-a de que confiar uma só informação a Des Lupeaulx seria pôr o gato junto à tigela de leite, começou a explicação de sua obra.

— Como é possível, Roubourdin, que não me tenhas dito nada a esse respeito? — disse Celestina, interrompendo o marido já na quinta frase. — Terias poupado canseiras inúteis. Que se fique cegado um momento por uma ideia, compreendo; mas durante seis ou sete anos, é coisa que não concebo. Queres reduzir o orçamento, é a ideia vulgar e burguesa! Mas seria preciso chegar a um orçamento de dois bilhões, a França assim seria duas vezes maior. Um sistema novo seria mover tudo pelo empréstimo, como clama o sr. de Nucingen. O mais pobre tesouro é o que está cheio de escudos sem emprego; a missão de um Ministério da Fazenda é atirar dinheiro pelas janelas, porque ele torna-lhe a entrar pelas adegas, e tu o queres fazer acumular tesouros! Mas, em vez de reduzir os empregos, o que se deveria fazer era multiplicá-los! Em lugar de reembolsar as rendas, seria preciso multiplicar o número dos que delas vivem. Se os Bourbon querem reinar em paz, devem criar capitalistas nos mais longínquos burgos, e sobretudo não deixar que os estrangeiros obtenham juros em França, porque um dia nos pediriam o capital; ao passo que, se toda a renda fica na França, nem a França nem

o crédito perecerão. Foi isso que salvou a Inglaterra. Teu plano é um plano de pequena burguesia. Um homem ambicioso não deveria apresentar-se perante seu ministro senão renovando Law sem seus maus riscos, explicando o poder do crédito, demonstrando que não devemos amortizar o capital e sim os juros, como faziam os ingleses...

— Vamos, Celestina — disse Rabourdin —, mistura todas as ideias, contraria-as; diverte-te com elas como se fossem brinquedos! Estou habituado a isso. Mas não critiques um trabalho que ainda não conheces.

— Preciso acaso — replicou ela — conhecer um plano cujo espírito é administrar a França com seis mil funcionários em vez de vinte mil? Mas, meu amigo, fosse isso embora um plano de homem de gênio, um rei da França se faria destronar se o quisesse executar. Submete-se uma aristocracia feudal cortando-se umas quantas cabeças, mas não se submete uma hidra de mil pernas. Não, não se esmaguem os pequenos, eles são demasiado chatos sob os pés. E é com os ministros atuais, entre nós, uns pobres-diabos, que tu queres mover assim os homens! Movem-se os interesses, mas não se podem mover os homens desse modo: eles gritam demais, ao passo que os escudos, esses são mudos.

— Mas, Celestina, se falas continuamente e fazes espírito à margem do assunto, não nos entenderemos nunca...

— Ah! Compreendo aonde leva a exposição na qual classificaste as capacidades administrativas — replicou ela sem ter ouvido o que o marido dissera. — Meu Deus, tu mesmo afixaste a lâmina para te fazer cortar a cabeça. Virgem Santa! Por que não me consultaste? Pelo menos teria impedido que escrevesse uma linha que fosse; ou quando não, se tivesses querido escrever essa memória, eu mesma a teria copiado, e ela nunca teria saído daqui... Por que, meu Deus, não me teres dito nada! Assim são os homens! São capazes de dormir ao lado de uma mulher guardando um segredo durante sete anos! Ocultar-se de uma mulher durante sete anos, duvidar de seu devotamento!

— Mas — disse Rabourdin, perdendo a paciência — faz onze anos que nunca pude discutir contigo sem que me interrompas, e sem que substituas logo tuas ideias às minhas... Nada sabes do meu trabalho.

— Nada? Sei tudo!

— Dize-me então! — exclamou Rabourdin, impacientado pela primeira vez desde que casara.

— Olha, são seis horas e meia, faze tua barba, veste-te — respondeu ela, como respondem todas as mulheres, quando as apertam a respeito de um assunto que devem calar. — Vou terminar minha arrumação e adiaremos a discussão, pois não quero ser incomodada nos dias em que recebo. — Meu Deus! Pobre homem — disse ela ao sair —, trabalhou sete anos para preparar sua morte! E desconfiar da mulher!

Tornou a entrar.

— Se me tivesses ouvido em tempo, não terias intercedido para conservar teu primeiro oficial, e ele tem sem dúvida uma cópia autografada dessa maldita exposição! Adeus, homem de espírito!

Ao ver o marido numa atitude trágica de dor, ela compreendeu que fora longe demais, correu para ele, pegou-o todo ensaboado e beijou-o ternamente.

— Querido Xavier, não te zangues — disse-lhe —; esta noite, estudaremos um plano, falarás à tua vontade, eu ouvirei direitinho e todo o tempo que quiseres!... Está bem assim? Crê, não quero outra coisa senão ser a mulher de Maomé.

Pôs-se a rir. Rabourdin não pôde deixar de rir também, porque Celestina estava com os lábios cheios de espuma branca, e sua voz tinha modulado os tesouros da mais pura e sólida afeição.

— Vai vestir-te, minha filha, e sobretudo nada digas a Des Lupeaulx, jura-me! É a única penitência que te imponho.

— *Imponho?*... — disse ela. — Então nada juro!

— Não faça assim, Celestina, eu disse rindo uma coisa séria.

— Esta noite — respondeu ela — teu secretário-geral saberá a quem devemos combater, e eu sei a quem atacarei.

— Quem? — disse Rabourdin.

— O ministro — respondeu ela, crescendo dois pés.

Apesar da graciosidade amorosa de sua Celestina, Rabourdin, enquanto se vestia, não pôde impedir que pensamentos sombrios lhe obscurecessem a frente.

“Quando saberá ela apreciar-me?”, disse a si mesmo. “Ela nem sequer compreendeu que foi a única causa de todo este trabalho! Que tagarelice e que inteligência! Se eu não me tivesse casado estaria altamente colocado e bem rico! Teria economizado cinco mil francos por ano do meu ordenado. Empregando-os bem, teria hoje dez mil francos de renda além do meu cargo, estaria solteiro e teria a possibilidade de ser, por um casamento... Sim”, disse ele interrompendo-se, “mas tenho Celestina e meus dois filhos.”

Refugiu-se na sua felicidade. No mais feliz casamento há sempre momentos de pesar. Ele foi ao salão e contemplou seu apartamento.

“Não há em Paris duas mulheres que saibam levar a vida como ela. Fazer tudo isso com doze mil francos de renda!”, disse ele olhando as jardineiras cheias de flores e pensando nos gozos da vaidade que a sociedade ia dar-lhe. “Ela foi feita para ser a mulher de um ministro. Quando penso que a do meu não lhe serve para nada; tem o ar de uma boa e pesadona burguesa, e, quando está no castelo, nos salões...”

Mordeu os lábios. Os homens muito ocupados têm ideias tão falsas no lar, que se lhes pode fazer crer que com cem mil francos nada se tem, e que com doze mil francos se tem tudo.

Embora muito impacientemente esperado, apesar dos requisitos

preparados para seu apetite de emérito fino garfo, Des Lupeaulx não veio jantar, não apareceu senão tarde, à meia-noite, hora na qual a palestra se torna, em todos os salões, mais íntima e confidencial. Andoche Finot, o jornalista, tinha ficado.

— Sei tudo — disse Des Lupeaulx, quando já bem acomodado na conversadeira, no canto do fogo, segurando na mão a taça de chá, tendo a sra. Rabourdin de pé diante dele, com um prato cheio de sanduíches e de fatias de bolo muito justamente chamado *bolo de chumbo*. — Finot, meu caro e espirituoso amigo, você poderá prestar um serviço à nossa graciosa rainha soltando alguns cães atrás dos homens de que falaremos... O senhor tem contra si — disse ele ao sr. Rabourdin, baixando a voz para não ser ouvido senão pelas três pessoas a quem se dirigia — usurários e o clero, o dinheiro e a Igreja. O artigo do jornal liberal foi pedido por um velho prestamista ao qual se deviam obrigações, mas o tipinho que o fez pouco se importa com isso. A chefia da redação desse jornal vai ser mudada dentro de três dias, e nós voltaremos ao caso. A oposição realista — pois que graças ao sr. de Chateaubriand nós temos uma oposição realista, isto é, há realistas que se passam para os liberais, mas não façamos alta política —, esses assassinos de Carlos x prometeram-me seu apoio, estabelecendo como preço para a sua nomeação, meu caro sr. Rabourdin, nossa aprovação a uma das emendas que apresentam. Todas as minhas baterias estão caladas. Se nos impuserem Baudoyer, diremos à Grande Esmolaria: “Tal e tal jornal e srs. *Fulano* e *Beltrano* atacarão a lei que quereis, e toda a imprensa será contra (porque os jornais ministeriais que superintendo serão surdos e mudos, o que não lhes seria difícil, pois que já o são bastante, não é, Finot?). Nomeie-se Rabourdin e tereis a opinião do vosso lado”. Pobres bonifácios provincianos que se acomodam a suas poltronas no canto do fogo, muito felizes com a independência dos órgãos da opinião, ah! Ah!

— Hi! Hi! Hi! — fez Finot.

— Assim, pois, fique tranquilo — disse Des Lupeaulx. — Arrumei tudo esta tarde. A Grande Esmolaria se curvará.

— Eu teria preferido perder toda a esperança e tê-lo tido no jantar — disse-lhe Celestina ao ouvido, olhando-o com um ar zangado, o qual podia passar pela expressão de um amor louco.

— Eis aqui o que conseguirá o meu perdão — replicou ele entregando-lhe um convite para a recepção de terça-feira.

Celestina abriu a carta, e o mais vivo rubor de prazer animou-lhe as feições. Nenhum gozo pode comparar-se ao da vaidade triunfante.

— A senhora sabe que a recepção de terça-feira — continuou Des Lupeaulx, dando-se ares misteriosos — é para o nosso ministério como o Pequeno Castelo^[166] para a Corte. A senhora estará no centro do poder! Estarão lá a condessa Féraud,^[167] que está sempre nas boas

graças apesar da morte de Luís XVIII, Delfina de Nucingen, a sra. de Listomère, a marquesa d'Espard, a sua querida De Camps, a quem convidei para que a senhora tivesse um apoio no caso em que as mulheres *blackboulassem*. Quero vê-la no meio dessa gente.

Celestina meneava a cabeça como um *puro-sangue* antes da corrida, e relia o convite como Baudoyer e Saillard tinham relido seus artigos nos jornais, sem poder faltar-se.

— Aí primeiro, e depois nas Tuileries — disse ela a Des Lupeaulx.

Des Lupeaulx assustou-se com o dito e com a atitude, de tal forma exprimiam ambição e segurança.

“Não seria eu senão um estribo?”, a si mesmo perguntou.

Ergueu-se e foi ao quarto de dormir da sra. Rabourdin, para onde ela o seguiu, pois compreendera por um gesto do secretário-geral que ele queria falar-lhe em segredo.

— E então, o plano? — disse ele.

— Ora! Bobagens de homem de bem! Ele quer suprimir quinze mil funcionários e conservar somente cinco a seis mil; o senhor não faz ideia de semelhante monstruosidade, eu farei com que leia a memória, quando a cópia estiver terminada. Ele está de boa-fé. Seu catálogo analítico dos funcionários foi ditado pelo mais virtuoso pensamento. Pobre querido!

Des Lupeaulx ficou tanto mais tranquilizado pelo riso sincero que acompanhava aquelas palavras sarcásticas e depreciativas, por ser grande conhecedor em matéria de mentiras, e porque, naquele momento, Celestina era sincera.

— Mas, afinal, qual o fundo de tudo isso? — perguntou ele.

— Pois bem, ele quer suprimir a contribuição territorial substituindo-a pelo imposto de consumo...

— Mas se já faz um ano que Francisco Keller e Nucingen propuseram um plano mais ou menos semelhante, e o ministro está meditando para reduzir o imposto territorial.

— Aí está! Bem que eu dizia a ele que isso não era coisa nova! — exclamou Celestina, rindo.

— Sim; mas ele coincidiu com o maior financista da época, um homem que, aqui entre nós, lhe digo ser o Napoleão da finança; deve ter pelo menos algumas ideias quanto aos meios de execução.

— Tudo é vulgar — disse ela imprimindo aos lábios um trejeito desdenhoso. — Imagine que ele quer governar e administrar a França com cinco a seis mil funcionários, ao passo que, pelo contrário, seria preciso que não houvesse em todo o país uma única pessoa não interessada na manutenção da Monarquia.

Des Lupeaulx pareceu satisfeito por achar um homem medíocre no homem ao qual ele atribuía um talento superior.

— Está bem seguro da nomeação? Quer um conselho de mulher? —

disse-lhe ela.

— Em matéria de traição elegante, as mulheres são mais espertas que nós — disse Des Lupeaulx meneando a cabeça.

— Pois bem, diga *Baudoyer* à Corte e à Grande Esmolaria, para tiralhes toda e qualquer suspeita e adormecê-los; mas, no último momento, escreva: *Rabourdin*.

— Há mulheres que dizem *sim* enquanto precisam de um homem, e *não* depois de ele representar seu papel — respondeu Des Lupeaulx.

— Conheço algumas — disse-lhe ela rindo. — Mas são bem tolas, porque em política a gente sempre se torna a encontrar; isso é bom com os tolos, e o senhor é um homem superior. A meu ver, o maior erro que se pode cometer na vida é inimizar-se com um homem superior.

— Não — disse Des Lupeaulx —, porque ele perdoa. Não há perigo senão com os espíritos pequenos e rancorosos, que nada mais têm a fazer do que vingar-se, e eu passo minha vida nisso.

Depois que todos saíram, Rabourdin ficou nos aposentos da esposa, e depois de ter exigido sua atenção uma única vez pôde explicar-lhe seu plano, fazendo-a compreender que ele não restringia e sim aumentava o orçamento, mostrando-lhe em que obras se empregavam os dinheiros públicos, explicando-lhe como o Estado decuplicava a circulação do dinheiro fazendo entrar o seu por uma terça ou quarta parte nas despesas que seriam suportadas pelos interesses privados ou locais; provou-lhe, enfim, que seu plano era menos um obra de teoria do que uma obra fértil em meios de execução. Celestina, entusiasmada, atirou-se ao pescoço do marido e sentou-se em seus joelhos à beira do fogo.

— Tenho finalmente em ti o marido que eu sonhava — disse ela. — A ignorância em que me achava sobre o teu merecimento salvou-te das garras de Des Lupeaulx. Caluniei-te maravilhosamente e com a melhor boa vontade.

Aquele homem chorou de felicidade. Tinha por fim seu dia de triunfo. Depois de tudo ter empreendido para agradar à esposa, era grande aos olhos de seu único público!

— E para quem te conhece tão bom, tão meigo, tão uniforme de gênio, tão amoroso, és dez vezes maior. Mas — acrescentou ela — um homem de gênio é sempre mais ou menos criança, e tu és uma criança, uma criança muito amada.

Ela puxou o convite do lugar onde as mulheres põem sempre o que querem esconder, e mostrou-lho.

— Eis o que eu queria — disse ela. — Des Lupeaulx pôs-me em presença do ministro, e seja embora essa Excelência de bronze, durante alguns momentos ele será meu servo.

A partir do dia seguinte, Celestina ocupou-se com a sua apresentação na roda íntima do ministro. Era o grande dia dela! Jamais cortesã teve tantos cuidados consigo mesma como aquela mulher honesta os teve com a sua pessoa. Jamais uma costureira foi mais atormentada do que a dela, e jamais uma costureira compreendeu melhor a importância de sua arte. Enfim, a sra. Rabourdin nada esqueceu. Foi pessoalmente à casa do alugador de carros, para escolher um cupê que não fosse nem velho, nem burguês, nem insolente. Seu criado, como os criados das grandes casas, foi induzido a apresentar o aspecto de um amo. Depois, cerca das dez horas da noite, na famosa terça-feira, ela saiu num delicioso traje de luto. Estava penteada com cachos de uvas de azeviche de um trabalho belíssimo, um adorno de mil escudos, encomendados a Fossin^[168] por uma inglesa que se fora sem ir buscá-lo. As folhas eram de lâminas de ferro estampado, leves como verdadeiras folhas de vinha, e o artista não esqueceu daquelas gavinhas tão graciosas, destinadas a se enredarem nos anéis dos cabelos, como se prendem a todos os ramos. As pulseiras, o colar e os brincos eram de ferro denominado de Berlim; mas aqueles delicados arabescos vinham de Viena e pareciam ter sido feitos por essas fadas que, nos contos, são encarregadas, por alguma Carabosse^[169] ávida, de juntar olhos de formigas ou de tecer peças de tela que cabem numa avelã. Seu busto, já adelgado pelo preto, fora posto em relevo por um vestido de um corte estudado, e que terminava no ombro, na curva sem alças; a cada movimento parecia que a mulher, como uma borboleta, ia sair de seu invólucro, e, entretanto, o vestido ficava seguro por uma invenção da hábil costureira. O vestido era de musselina de lã, fazendo que o fabricante ainda não mandara para Paris, uma fazenda divina que teve mais tarde um êxito louco. Esse êxito foi mais longe do que costumam ir as modas em França. A economia positiva da musselina de lã, que não exige lavado, prejudicou mais tarde as fazendas de algodão, de modo a revolucionar a fábrica de Rouen. O pé de Celestina, calçado com meias de malhas perfeitas e um sapato de cetim turco, porque o luto pesado excluía o cetim de seda, tinha feitio superior. Celestina estava belíssima assim. Sua tez, avivada por um banho de farelo, tinha um resplendor suave. Seus olhos banhados pelas ondas da esperança, cintilantes de espírito, atestavam essa superioridade de que naquele momento falava o feliz e orgulhoso Des Lupeaulx. Ela fez a sua entrada e as mulheres saberão apreciar o sentido desta frase. Saudou graciosamente a mulher do ministro, conciliando o respeito que lhe devia com o seu próprio valor, e não a chocou colocando-se embora na sua majestade, porquanto toda mulher bela é rainha. Por isso ela teve com o ministro essa bonita impertinência que as mulheres se podem permitir com os homens, mesmo que sejam eles grão-duques. Ela examinou o terreno ao sentar-se, e viu-se numa dessas reuniões seletas, pouco numerosas, nas quais

as mulheres se podem observar, apreciar-se bem, onde a mais insignificante palavra repercute em todos os ouvidos, em que cada olhar alcança o alvo, onde a conversação é um duelo com testemunhas, onde o que é medíocre torna-se chato, mas onde qualquer merecimento é acolhido em silêncio, como estando ao nível de cada um dos espíritos presentes. Rabourdin fora enterrar-se num salão vizinho onde estavam jogando e ficou de pé aperuando o jogo, o que prova que não carecia de espírito.

— Querida — disse a marquesa d'Espard à condessa Féraud, a última amante de Luís XVIII —, Paris é única! Dela saem, sem que se espere e sem que se saiba de onde, mulheres como esta, que parecem poder tudo e tudo querer...

— É que ela pode e quer tudo — disse Des Lupeaulx empavoneando-se.

Naquele momento, a astuta Rabourdin cortejava a mulher do ministro. Preparada, na véspera, por Des Lupeaulx, que conhecia os pontos fracos da condessa, ela acariciava-a, sem que tal parecesse. Depois ficou silenciosa oportunamente, porquando Des Lupeaulx, embora apaixonado como estava, notara os defeitos daquela mulher e dissera-lhe na véspera: *Sobretudo não fale demais!* Exorbitante prova de bem-querer. Se Bertrand Barrère^[170] deixou este sublime axioma: *Não interrompa uma mulher que está dançando para dar-lhe um conselho*, pode-se-lhe acrescentar este outro: *Não censure uma mulher por semear suas pérolas!* a fim de tornar esse capítulo do código feminino completo. A conversação generalizou-se. De quando em quando, a sra. Rabourdin deu seus apartes como uma gata bem ensinada põe a patinha nas rendas de sua dona, aveludando as unhas. Como coração, o ministro tinha poucas fantasias; a Restauração não teve homem de Estado mais acabado no artigo galanteria, e a oposição do *Miroir*, da *Pandore*, do *Figaro*, não encontrou a mais leve pulsação de artéria para censurá-lo. Sua amante era a Estrela,^[171] e, coisa estranha, ela foi-lhe fiel na desgraça, pois com certeza nisso ainda ganhava! A sra. Rabourdin estava a par dessas coisas, mas também sabia que nos velhos castelos aparecem fantasmas; metera-se, pois, na cabeça deixar o ministro enciumado da ventura, ainda fantasiosa, que Des Lupeaulx parecia gozar. Naquele momento este gargarejava o nome de Celestina. Para abrir à sua pretensa amante os salões da sociedade, ele se esfalfava em fazer compreender à marquesa d'Espard, à sra. de Nucingen e à condessa, numa conversação entre quatro, que elas deviam admitir a sra. Rabourdin na sua coalizão, e a sra. de Camps apoiava-o. Ao cabo de uma hora o ministro estava fortemente arranhado; o espírito da sra. Rabourdin agradava-lhe; ela seduzira-lhe a mulher, a qual, inteiramente encantada por aquela sereia, acabava de convidá-la para que viesse à sua casa sempre que quisesse.

— Porque, minha querida — dissera a mulher do ministro a Celestina —, seu marido em breve será diretor: é intenção do ministro fundir duas divisões para constituir uma direção, e a senhora será então dos nossos.

A Excelência levou a sra. Rabourdin para mostrar-lhe uma peça de seu apartamento que se tornara célebre pelas pretensas prodigalidades que a oposição lhe recriminava, e para demonstrar-lhe a imbecilidade da imprensa. Deu-lhe o braço.

— Realmente, a senhora deveria dar-nos o prazer, à condessa e a mim, de vir com frequência...

E dirigiu-lhe uns galanteios de ministro.

— Mas, monsenhor — disse ela, atirando-lhe um desses olhares que as mulheres guardam como reserva —, parece-me que isso depende do senhor.

— Como?

— Mas o senhor pode dar-me esse direito.

— Quer explicar-se?

— Não, ao vir aqui a mim mesma prometi não ter o mau gosto de me apresentar como procuradora.

— Pode falar! As petições desse gênero não são deslocadas^[172] — disse o ministro rindo.

— Pois bem, é ridículo para a mulher de um chefe de repartição vir aqui com frequência, ao passo que a mulher de um diretor não estaria *deslocada*.

— Deixemos isso — disse o ministro —, seu marido é um homem indispensável, ele está nomeado.

— É essa sua verdade verdadeira?

— Quer vir ver a nomeação dele no meu gabinete? O trabalho já está feito.

— Pois bem — disse ela ficando num canto sozinha com o ministro, cuja solicitude tinha uma vivacidade suspeita —, deixe-me dizer-lhe que o poderei recompensar...

Ela ia revelar o plano do marido, quando Des Lupeaulx, que viera na ponta dos pés, fez um *brum, brum!* de cólera que indicava não querer ele parecer ter ouvido o que ouvira. O ministro dirigiu um olhar transbordante de mau humor ao velho fátuo caído na armadilha. Impaciente com a sua conquista, Des Lupeaulx apressara além da medida o trabalho do pessoal, entregara-o ao ministro, e queria ir levar no dia seguinte a nomeação àquela que passava por ser sua amante. Nesse momento o criado de quarto do ministro apresentou-se com ar misterioso e disse a Des Lupeaulx que seu criado de quarto lhe pedira que entregasse imediatamente ao seu patrão uma carta, prevenindo-o da sua grande importância.

O secretário-geral foi para junto duma lâmpada e leu um bilhete

assim concebido:

Contra meus hábitos, espero numa antecâmara, e não há um instante a perder para entender-se com

Seu servidor

O secretário-geral estremeceu ao reconhecer essa assinatura, da qual teria sido uma pena não dar um autógrafo, porquanto é rara na praça, e deve ser preciosa para aqueles que procuram adivinhar o caráter das pessoas pela fisionomia de sua assinatura. Se jamais uma imagem hieroglífica deu ideia de algum animal, seguramente é esse nome no qual a inicial e a final representam uma voraz goela de tubarão, insaciável, sempre escancarada, apreendendo e devorando tudo, o forte e o fraco. Foi impossível tipografar a letra, ela é demasiadamente fina, miúda, apertada, embora nítida; mas pode-se imaginá-la, a frase ocupava somente uma linha. Só o espírito da agiotagem podia inspirar uma frase tão insolentemente imperativa e tão cruelmente irrepreensível, clara e muda, que dizia tudo e não traía nada. Embora não se conhecesse Gobseck, bastava o aspecto daquela linha, que chamava sem que fosse uma ordem, para que se adivinhasse o implacável argentário da Rue des Grès. Por isso, tal como um cão a quem o caçador chamou, Des Lupeaulx abandonou imediatamente o rasto e foi para seus aposentos, pensando em toda a sua posição comprometida. Imaginem um general em chefe a quem seu ajudante de campo viesse dizer: “Estão chegando para o inimigo trinta mil homens de tropas frescas que nos pegam de flanco”. Uma única palavra explicará a chegada dos srs. Gigonnet e Gobseck ao campo de batalha, porque ambos estavam em casa de Des Lupeaulx. Às oito horas da noite, Martinho Falleix, que viera nas asas do vento, em virtude de três francos de guias e de um postilhão que o precedia, trouxera escrituras de aquisições com data da véspera. Levados imediatamente ao Café Têmis por Mitral, os contratos passaram para as mãos dos dois usurários, os quais se apressaram em ir ao ministério, porém a pé. Estavam dando onze horas. Des Lupeaulx estremeceu ao ver as duas figuras sinistras, aguçadas por um olhar tão direto quanto a bala de uma pistola, e brilhando como a chama do tiro.

— E então, que há, meus patrões?

Os usurários permaneceram frios e imóveis. Gigonnet mostrou alternativamente seus papéis e o criado de quarto.

— Passemos para o meu gabinete — disse Des Lupeaulx despedindo com um gesto o criado de quarto.

— O senhor entende o francês às mil maravilhas — disse Gigonnet.

— Vêm atormentar um homem que fez cada um dos senhores ganhar duzentos mil francos? — disse ele, deixando escapar um gesto de arrogância.

— E que nos fará ganhar mais ainda, assim o espero — disse Gigonnet.

— Um negócio? — replicou Des Lupeaulx. — Se os senhores precisam de mim, tenho boa memória.

— E nós temos suas *memórias* — retrucou Gigonnet.

— Minhas dívidas serão pagas — disse desdenhosamente Des Lupeaulx, para não se deixar diminuir.

— Sim — disse Gobseck.

— Vamos ao caso, meu filho — disse Gigonnet. — Não tome esses ares de quem tem o rei na barriga, conosco isso é inútil. Tome estas escrituras e leia.

Os dois agiotas fizeram o inventário do gabinete de Des Lupeaulx, enquanto ele lia admirado e estupefato aqueles contratos, que lhe pareciam atirados das nuvens pelos anjos.

— Não tem o senhor em nós homens de negócios inteligentes? — disse Gigonnet.

— Mas a que devo tão hábil cooperação? — perguntou Des Lupeaulx, inquieto.

— Nós sabíamos, faz oito dias, o que sem nós o senhor não saberia senão amanhã: o deputado presidente do tribunal do comércio vê-se forçado a pedir demissão.

Os olhos de Des Lupeaulx dilataram-se e ficaram grandes como margaridas.

— Seu ministro lhe estava pregando essa peça — disse o conciso Gobseck.

— Os senhores são meus donos — disse o secretário-geral inclinando-se com um profundo respeito, imbuído de zombaria.

— Exato — disse Gobseck.

— Vão então estrangular-me?

— Possível.

— Pois bem, mãos à obra, carrascos! — continuou o secretário-geral, sorrindo.

— Como vê — disse Gigonnet —, seus títulos de dívidas estão inscritos com o dinheiro emprestado para a aquisição.

— Aqui estão os títulos — disse Gobseck puxando do bolso da sobrecasaca esverdeada uma carteira de procurador.

— O senhor tem três anos para reembolsar o total — disse Gigonnet.

— Mas — disse Des Lupeaulx, assustado por tanta complacência e por um arranjo tão fantástico —, que querem os senhores de mim?

— O cargo de La Billardiére para Baudoyer — disse vivamente

Gigonnet.

— É bem pouca coisa, embora eu tenha de fazer o impossível — respondeu Des Lupeaulx —, pois estou de mãos amarradas.

— O senhor roerá as cordas com os dentes — disse Gigonnet.

— Eles são pontudos — acrescentou Gobseck.

— É tudo? — indagou Des Lupeaulx.

— Nós guardaremos as escrituras até a demissão desses títulos de crédito — disse Gigonnet, pondo um relatório ante os olhos do secretário-geral —; se elas não forem reconhecidas pela comissão dentro de seis dias, seu nome nessas escrituras será substituído pelo meu.

— Os senhores são hábeis! — exclamou o secretário-geral.

— Exato — disse Gobseck.

— É tudo? — perguntou Des Lupeaulx.

— Sim — disse Gobseck.

— Está feito? — perguntou Gigonnet.

Des Lupeaulx fez que sim com a cabeça.

— Pois bem, assine esta procuração — disse Gigonnet. — Dentro de dois dias a nomeação de Baudoyer; dentro de seis os créditos reconhecidos, e...

— E o quê? — disse Des Lupeaulx.

— Nós lhe garantimos...

— O quê? — perguntou Des Lupeaulx, cada vez mais admirado.

— Sua eleição — respondeu Gigonnet erguendo-se nos calcanhares.

— Nós faremos a maioria com cinquenta e dois votos de granjeiros e de industriais que obedecerão ao seu prestamista.

Des Lupeaulx apertou a mão de Gigonnet.

— Somente entre nós é que os mal-entendidos são impossíveis — disse ele —, eis o que se chama negócios! Por isso dar-lhes-ei uma quebra.

— Exato — disse Gobseck.

— O que seria? — perguntou Gigonnet.

— A cruz para o imbecil do seu sobrinho.

— Bem! — disse Gigonnet. — O senhor o conhece bem.

Os usurários saudaram então Des Lupeaulx, o qual os reconduziu até a escada.

— São com certeza os enviados secretos de alguma potência estrangeira! — disseram os dois criados de quarto.

Na rua, os dois usurários se olharam rindo à luz de um lampião.

— Ele nos deverá nove mil francos de juros por ano, e a terra rende somente cinco redondos — exclamou Gigonnet.

— Está nas nossas mãos por muito tempo — disse Gobseck.

— Ele construirá, fará loucuras — respondeu Gigonnet —, e Falleix comprará as terras.

— O negócio dele é ser deputado, do resto o lobo pouco se importa — disse Gobseck.

— Eh! Eh!

— Eh! Eh!

Essas pequenas exclamações secas serviam de riso aos dois usurários, os quais foram a pé para o Café Têmis.

Des Lupeaulx voltou ao salão e achou a sra. Rabourdin pavoneando-se muito discretamente; estava encantadora, e o ministro, habitualmente tão triste, estava com uma fisionomia alegre e graciosa.

“Ela opera milagres”, pensou Des Lupeaulx. “Que mulher preciosa! É preciso ir-lhe até o fundo do coração.”

— A sua pequenina dama é decididamente muito distinta — disse a marquesa ao secretário-geral —; só lhe falta o seu nome.

— Sim, seu único defeito é ser filha de um leiloeiro, ela perecerá devido ao seu humilde nascimento — respondeu Des Lupeaulx, com um ar frio que contrastava com o calor que mostrara ao falar da sra. Rabourdin poucos momentos antes.

A marquesa olhou Des Lupeaulx fixamente.

— O senhor dirigiu-lhes um olhar que não me escapou — disse ela designando o ministro e a sra. Rabourdin —; ele atravessou o embaciado de suas lunetas. Os senhores dois são divertidos, ao disputarem entre si aquele osso.

Como a marquesa^[173] transpunha a porta, o ministro dirigiu-se para ela e foi reconduzi-la.

— E então — disse Des Lupeaulx à sra. Rabourdin —, que acha do nosso ministro?

— É encantador. Realmente — respondeu ela, alteando a voz a fim de se fazer ouvir pela mulher da Excelência — é preciso conhecê-los para apreciá-los, a esses pobres ministros. Os jornalecos e as calúnias da oposição desfiguram tanto os homens políticos que se acaba influenciado por eles; mas essas prevenções redundam em benefício deles quando os conhecemos.

— Ele é muito distinto — disse Des Lupeaulx.

— Pois lhe asseguro que se pode gostar dele — disse ela com bonomia.

— Querida filha — disse Des Lupeaulx, tomando por sua vez um ar de bonomia e carinho —, a senhora fez a coisa impossível.

— O que foi? — disse ela.

— A senhora ressuscitou um morto, não pensei que ele tivesse coração; pergunte-o à mulher dele! Ele tem estritamente o necessário para atender a uma fantasia: mas aproveite a oportunidade, venha por aqui, não se mostre admirada.

Levou a sra. Rabourdin ao toucador e sentou-se com ela no divã.

— A senhora é uma ardilosa e amo-a mais ainda por isso. Entre nós,

a senhora é uma mulher superior. Des Lupeaulx trouxe-a aqui, e para ele tudo está dito, não é? De resto, quando alguém se decide a amar por interesse, é melhor escolher um sexagenário ministro do que um quadragenário secretário-geral; há mais proveito e menos aborrecimentos. Eu sou um homem de óculos, de cabeça empoada, gasto pelos prazeres, que belo amor daria isso! Oh! A mim mesmo disse isso! Se é preciso absolutamente conceder alguma coisa ao útil, eu jamais serei o agradável, não é? É preciso ser louco para não saber raciocinar a respeito da própria situação. Pode confessar-me a verdade e mostrar-me o fundo de seu coração: somos dois sócios e não dois amantes. Se tenho algum capricho, a senhora é demasiado superior para dar atenção a tais misérias e mas desculpará; de outro modo a senhora teria ideias de pequena colegial ou de burguesa da Rue Saint-Denis! Ora! Nós somos mais elevados do que tudo isso, a senhora e eu. Ali está a marquesa d'Espard que se vai retirando, acredita que ela não pensa assim? Faz dois anos, nós nos entendíamos — ó fátuo! —, pois bem, ela não precisa senão escrever-me um bilhete, e não precisa ser extenso: *Meu querido Des Lupeaulx, o senhor me obsequiará fazendo tal ou tal coisa!* E será feito pontualmente; nós pensamos neste momento em fazer interditar o marido dela.^[174] Para as senhoras, mulheres, a obtenção do que querem só lhes custa prazer. Pois bem, querida filha, procure embeijar o ministro, eu a ajudarei, tenho interesse nisso. Sim, eu desejaria que houvesse uma mulher que tivesse influência sobre ele, assim não me escaparia; por vezes escapa-me, e isso se concebe: eu só o seguro pela razão; estando de acordo com uma mulher bonita, eu o mantereí preso por sua loucura, e isso é mais forte. Assim, pois, fiquemos bons amigos, e partilhemos a influência que a senhora terá.

A sra. Roubourdin ouviu com o mais profundo assombro essa singular profissão de astúcia. A ingenuidade do negociante político excluía toda ideia de surpresa.

— Crê o senhor que ele me tenha prestado atenção? — perguntou ela caindo no laço.

— Conheço-o, tenho certeza que sim.

— É certo que a nomeação de Roubourdin está assinada?

— Entreguei-lhe o ofício esta manhã. Mas é pouco ser diretor, é preciso ser também referendário...

— Sim — disse ela.

— Pois bem, vá para lá, vá flertar com a Excelência.

— Realmente — disse ela —, foi só esta noite que pude conhecê-lo bem. O senhor não é nada vulgar.

— Assim, pois — continuou Des Lupeaulx —, somos dois velhos amigos, e suprimimos os ares de ternura, o amor tedioso, para encarar o assunto como durante a Regência,^[175] tempo em que se tinha muito espírito.

— O senhor é verdadeiramente muito forte, e tem toda a minha admiração — disse ela sorrindo e estendendo-lhe a mão. — Vai ficar sabendo que se faz mais pelo amigo do que pelo...

Não terminou e voltou para o salão.

“Querida pequena”, disse Des Lupeaulx para si mesmo ao vê-la abordar o ministro, “Des Lupeaulx não terá mais remorsos em virar-se contra ti! Amanhã à noite, ao me ofereceres uma xícara de chá, tu me oferecerás o que eu não quero mais... Está tudo acabado! Ah! Quando chegamos aos quarenta anos, as mulheres sempre nos logram, não se pode mais ser amado.”

Entrou no salão depois de se ter mirado num espelho e ter reconhecido ser um muito bonito homem político, mas também um perfeito inválido de Citera.^[176] Naquele momento a sra. Rabourdin recapitulava. Pensava em retirar-se e esforçava-se por deixar no espírito de todos uma última e graciosa impressão, conseguindo-o. Contra o hábito dos salões, depois que ela se ausentou, exclamaram todos: “Que mulher encantadora!”, e o ministro acompanhou-a até a última porta.

— Estou bem certo de que amanhã pensarão em mim — disse ele ao casal, aludindo à nomeação.

— Há tão poucos altos funcionários cujas mulheres são agradáveis que estou bem contente com a nossa aquisição — disse o ministro ao voltar ao salão.

— Não a acha um pouquinho exuberante? — disse Des Lupeaulx com ar picado.

As mulheres trocaram entre si olhares expressivos, a rivalidade do ministro e do seu secretário-geral divertia-as. Deu-se então uma dessas interessantes mistificações em que são tão hábeis as parisienses. As mulheres animaram o ministro e Des Lupeaulx, ocupando-se da sra. Rabourdin: uma achou-a exageradamente afetada, e com pretensões a espirituosa; outra comparou as sedução da burguesia às maneiras da alta sociedade, a fim de criticar Celestina; e Des Lupeaulx defendeu sua suposta amante, como se costuma, nos salões, defender os inimigos.

— Façam-lhe justiça, minhas senhoras! Não é extraordinário que a filha de um leiloeiro seja tão interessante? Reparem de onde ela vem, e vejam onde está; ela irá às Tuileries, tem essa pretensão, como me disse.

— Se ela é filha de um leiloeiro — disse a sra. d’Espard sorrindo —, em que pode isso prejudicar a ascensão do marido?

— Nestes tempos que correm, não é? — disse a mulher do ministro apertando os lábios.

— Minha senhora — disse o ministro severamente à marquesa —, com palavras como essas, que por desgraça a Corte não poupa a ninguém, preparam-se revoluções. Não se pode imaginar quanto o procedimento inconveniente da aristocracia desagrade a certas

personagens clarividentes do castelo. Se eu fosse grão-senhor em vez de ser um pequeno gentil-homem da província, que parece ter sido colocado no lugar em que estou para tratar dos vossos negócios, a Monarquia não estaria tão mal sentada como a vejo. Que acontece a um trono que não sabe comunicar seu brilho àqueles que o representam? Estamos longe dos tempos em que o rei, por sua exclusiva vontade, fazia grandes os Louvois,^[177] os Colbert,^[178] os Richelieu, os Jeannin,^[179] os Villeroi,^[180] e os Sully...^[181] Sim, Sully, nos seus começos, não era mais do que eu. Falo-lhes assim, porque estamos na intimidade e porque, realmente, eu seria bem pouca coisa se ficasse chocado com semelhantes ninharias. Compete a nós e não aos outros tornarmo-nos grandes.

— Estás nomeado, meu querido — disse Celestina apertando a mão do marido. — Se não fosse Des Lupeaulx, eu teria explicado teu plano ao ministro; mas ficará para a próxima terça-feira, e assim poderás ficar mais depressa referendário.

Há na vida de todas as mulheres um dia em que brilharam em todo o seu esplendor e que lhes deixa uma recordação eterna, que relembram com complacência. Quando a sra. Roubardin despiu um a um os artifícios de seu vestuário, recapitulou sua noitada, incluindo-a entre os seus momentos de glória e de felicidade: todas as suas belezas tinham sido invejadas, fora elogiada pela mulher do ministro, feliz por poder opô-la às suas amigas. Enfim, todas as suas vaidades tinham brilhado em benefício do amor conjugal. Roubardin estava nomeado!

— Não me achaste bem esta noite? — disse ela ao marido como se tivesse necessidade de animá-lo.

Nesse momento, Mitral, que estava esperando os dois usurários no Café Têmis, viu-os entrar e nada percebeu nos seus semblantes impassíveis.

— Em que pé estamos? — perguntou-lhes depois que se sentaram.

— Ora essa! Como sempre — disse Gigonnet esfregando as mãos — coube a vitória aos escudos.

— Certo — confirmou Gobseck.

Mitral tomou um cabriolé e foi procurar os Saillard e os Baudoyer, em cuja casa o bóston se prolongara; mas só ficara o padre Gaudron. Falleix, quase morto de cansaço, fora deitar-se.

— Você será nomeado, meu sobrinho, e lhe está reservada uma surpresa.

— Qual é? — perguntou Saillard.

— A cruz! — exclamou Mitral.

— Deus protege aqueles que se lembram dos seus altares! — disse Gaudron.

Assim é que se cantava o *Te Deum*^[182] nos dois campos com igual satisfação.

No dia seguinte, quarta-feira, o sr. Rabourdin devia trabalhar com o ministro, porque estava exercendo interinamente as funções do defunto La Billardièrre. Nesses dias, os funcionários eram muito pontuais, os serventes das repartições muito solícitos, porque, nos dias de assinatura, tudo fica no ar nas secretarias. E por quê? Ninguém o sabe. Os três serventes estavam, pois, nos seus postos, acariciando a ideia de alguma gratificação, porquanto a notícia da nomeação do sr. Rabourdin espalhara-se na véspera graças aos cuidados de Des Lupeaulx. O tio Antônio e o porteiro Lourenço estavam em grande uniforme quando, às oito horas menos um quarto, o servente do secretariado veio pedir a Antônio que entregasse secretamente ao sr. Dutocq uma carta que o secretário-geral lhe dera ordem de ir levar ao primeiro oficial às sete horas.

— Não sei como foi, meu velho, o que sei é que dormi, dormi, e estou acordando agora. Ele me sapecava uma ladainha infernal se soubesse que ela não tinha ainda chegado ao seu destino, ao passo que *ansim* eu sustentarei que a entreguei eu mesmo ao sr. Dutocq. Um segredo famoso, tio Antônio; não diga nada aos funcionários; palavra que ele me despediria, e eu perderia meu emprego se desse com a língua nos dentes, foi o que ele disse!

— Que é que há então aí dentro? — perguntou Antônio.

— Nada. Eu olhei-a assim, veja.

E ele fez a carta entreabrir-se, a qual só deixou aparecer papel em branco.

— Hoje para você é um grande dia, Lourenço — disse o servente do secretariado —, porque vai ter um novo diretor. Decididamente, estão fazendo economias, vão juntar duas divisões numa direção, os serventes que se cuidem!

— Sim, nove funcionários aposentados — disse Dutocq, que vinha chegando. — Como é que vocês sabem disso?

Antônio apresentou a carta a Dutocq, o qual despencou-se escada abaixo assim que a leu, correndo para o secretariado.

Desde a morte do sr. de la Billardièrre, os dois gabinetes, Rabourdin e Baudoyer, depois de terem tagarelado à vontade, acabaram por readquirir sua fisionomia costumeira e os hábitos do *dolce far niente*^[183] administrativo. Entretanto, o fim do ano imprimia nas repartições uma espécie de aplicação estudiosa, do mesmo modo que dá qualquer coisa de mais untuosamente servil aos porteiros. Todos chegavam à hora, notava-se a presença de mais gente depois das quatro horas, porque a distribuição das gratificações depende das últimas impressões que cada um deixa de si no espírito dos chefes. Na véspera, a notícia da fusão das duas divisões La Billardièrre e Clergeot numa direção, sob

nova denominação, agitara as duas divisões. Sabia-se do número de funcionários que seriam aposentados, mas ignoravam-se-lhes os nomes. Supunha-se naturalmente que Poiret não seria substituído, economizariam seu lugar. O jovem La Billardière tinha se retirado. Chegavam dois novos extranumerários, e, circunstância apavorante!, eram filhos de deputados. A nova, atirada na véspera nas repartições, no momento em que os funcionários saíam, imprimira terror nas consciências. Por isso, durante a meia hora da chegada, houve conversas em torno dos aquecedores. Antes que alguém chegasse, Dutocq viu Des Lupeaulx fazendo a barba; e sem deixar a navalha, o secretário-geral dirigiu-lhe o olhar do general dando uma ordem.

— Estamos sós? — disse ele.

— Sim, senhor.

— Pois bem, atropele Rabourdin, forte e firme! Você deve ter guardado uma cópia da exposição dele.

— Sim.

— Compreende-me: *Inde irae!*^[184] Precisamos de uma indignação geral. Trate de inventar qualquer coisa para ativar os clamores...

— Posso mandar fazer uma caricatura, mas não tenho quinhentos francos para dar...

— Quem a fará?

— Bixiou!

— Ele receberá mil francos, e será subchefe sob as ordens de Colleville, que se entenderá com ele.

— Mas ele não me acreditará...

— Quer acaso comprometer-me? Vá, ou do contrário nada, compreendeu?

— Se o sr. Baudoyer for diretor, ele poderá emprestar a quantia...

— Sim, ele será. Deixe-me, apresse-se e não fique com ar de quem me viu; desça pela escada de serviço.

Enquanto Dutocq voltava para a sala da repartição com o coração palpitante de alegria, a si mesmo perguntando por que meios excitaria a onda contra seu chefe sem se comprometer demais, Bixiou entrara na repartição Rabourdin a fim de dar um pequeno bom-dia. Julgando ter perdido, o mistificador achou gracioso apresentar-se como tendo ganhado.

BIXIOU (*imitando a voz de Phellion*): Senhores, saúdo-vos e deponho em vossa intenção um bom-dia coletivo. Indico o domingo que vem para um jantar no Rocher de Cancale; mas surge uma questão grave: os funcionários suprimidos tomarão parte nele?

POIRET: Até mesmo os que se aposentam.

BIXIOU: Isso pouco se me dá, não sou eu quem paga. (*Estupefação geral.*) Baudoyer está nomeado, eu já quisera ouvi-lo chamando Lourenço! (*Arremeda Baudoyer*) Lourenço, amarre meu cilício com a minha

disciplina.^[185]

(Todos estouram de riso.)

Ri do ladrador de ganso! Colleville tem razão com os seus anagramas, porque vocês conhecem o anagrama de *Xavier Rabourdin, chefe de bureau*; ei-lo: *D'abord rêva bureaux, e u fin riche*. Se eu me chamasse *Charles X, par la grâce de Dieu, roi de France et de Navarre*, tremeria ao ver o destino que meu anagrama profetiza realizar-se assim.

THUILLIER: Ora essa! Você quer rir!

BIXIOU (*rindo-lhe nas barbas*): Ri ao feio!^[186] Este é bem bonito, papai Thuillier, visto você não ser belo. Rabourdin se demite de raiva por ver Baudoyer diretor.

VIMEUX (*entrando*): Que farsa! Antônio, a quem eu estava pagando trinta ou quarenta francos, disse-me que o sr. e sra. Rabourdin tinham sido recebidos ontem na recepção íntima do ministro e lá tinham ficado até um quarto para meia-noite. Sua Excelência acompanhou a sra. Rabourdin até a escada; parece que ela estava divinamente vestida. Enfim, certamente Rabourdin será diretor. Riffé, o escriturário do pessoal, passou a noite trabalhando para concluir mais depressa o serviço: não é mais um mistério. O sr. Clergeot será aposentado. Depois de trinta anos de serviço, não é uma desgraça. O sr. Cochin, que é rico...

BIXIOU: Segundo Colleville, ele faz cochonilha.

VIMEUX: Mas ele está mesmo metido na cochonilha, porque é associado da Casa Matifat, na Rue des Lombards. Pois bem, ele se aposenta. Poirer também se aposenta. Nenhum dos dois será substituído. Isso é o que há de positivo, o resto não se sabe. A nomeação do sr. Rabourdin vai se dar esta manhã; há receio de intrigas.

BIXIOU: Que intrigas?

FLEURY: Baudoyer, ora bolas! O partido clerical o apoia, e aqui está um novo artigo do jornal liberal: são umas poucas linhas, mas bem velhacas. (*Lê.*) “Algumas pessoas falavam ontem no saguão dos Italiens^[187] a respeito do retorno do sr. Chateaubriand ao ministério, baseando-se na escolha que se fez do sr. Rabourdin, protegido dos amigos do nobre visconde, para preencher o posto primitivamente destinado ao sr. Baudoyer. O partido clerical só poderá ter recuado diante de uma transação com o grande escritor. Canalhas!”

DUTOCQ (*entrando após ter ouvido tudo*): Canalha, quem? Rabourdin? Sabe então da notícia?

FLEURY (*esbugalhando olhos ferozes*): Rabourdin?... Canalha? Está louco, Dutocq? Quer uma bala para lhe meter chumbo nos miolos?

DUTOCQ: Nada disse contra o sr. Rabourdin; só que acabam de me confiar em segredo, no pátio, que ele denunciou muitos funcionários, deu informações, e que, afinal, estava em boa graça devido a um trabalho sobre os ministérios, onde cada um de nós vai a pique...

PHELLION (*com voz forte*): O sr. Rabourdin é incapaz...

BIXIOU: Bonito! Veja só, já ouviu essa, Dutocq?

(Trocam umas palavras ao ouvido e saem para o corredor.)

BIXIOU: Que se passa afinal?

DUTOCQ: Lembra-se da caricatura?

BIXIOU: Sim, e daí?

DUTOCQ: Faça-a, você é subchefe e terá uma gorda gratificação. Não está vendo, meu caro? Há cizânia nas esferas superiores. O ministro está comprometido com Rabourdin; mas, se ele não nomeia Baudoyer, indis põe-se com o clero. Não sabe? O rei, o delfim e a delfina, a Grande Esmolaria, enfim a Corte, querem Baudoyer, e o ministro quer Rabourdin.

BIXIOU: Bem!

DUTOCQ: Para poder voltar às boas, porque o ministro viu a necessidade de ceder, ele quer cortar a dificuldade. Precisa de um motivo para descartar-se de Rabourdin. Desencavaram portanto um antigo trabalho feito por ele sobre as administrações para depurá-las, e alguma coisa transpirou. Pelo menos, é assim que procuro explicar-me o caso. Faça o desenho, e você entra no jogo das sumidades, fica servindo ao mesmo tempo o ministro, a Corte, todo o mundo, e será nomeado. Compreende?

BIXIOU: O que não compreendo é como você pode saber tudo isso, a menos que seja invenção.

DUTOCQ: Quer que eu lhe mostre o artigo que lhe diz respeito?

BIXIOU: Sim.

DUTOCQ: Pois bem, vamos lá em casa, porque quero pôr esse trabalho em mãos seguras.

BIXIOU: Vá você sozinho. *(Volta para a repartição de Rabourdin.)* Trata-se apenas do que lhes disse Dutocq, palavra de honra. O sr. Rabourdin teria fornecido informações pouco lisonjeiras sobre os funcionários que deviam ser aposentados. O segredo da promoção dele está nisso. Vivemos numa época em que nada causa admiração. *(Faz um gesto teatral imitando Talma.)*^[188]

Vistes cair as mais ilustres cabeças

E vos admirais, insensatos que sois!^[189]

de achar um motivo desse gênero em favor de um homem? Meu Baudoyer é burro demais para triunfar por meios semelhantes! Aceitem meus cumprimentos, senhores, pois servem sob um ilustre chefe. *(Sai.)*

POIRET: Saírei do ministério sem ter jamais compreendido uma única frase desse senhor. Que quer ele dizer com suas cabeças caídas?

FLEURY: Ora! Os quatro sargentos de La Rochelle,^[190] Berton,^[191] Ney,^[192] Caron,^[193] os irmãos Faucher,^[194] todas as mortandades!

PHELLION: Ele pronuncia levemente coisas duvidosas.

FLEURY: Diga logo que ele mente, que está pilheriando! E que na sua

boca a verdade toma o jeito de azinhavre.

PHELLION: Suas palavras estão fora da lei da polidez e das atenções devidas entre colegas.

VIMEUX: Parece-me que, se o que ele diz é falso, a isso se chama calúnias e difamações, e que um caluniador merece chicotadas.

FLEURY (*exaltando-se*): E se as repartições são um lugar público, isso leva direto à Polícia Correccional.

PHELLION (*querendo evitar uma briga, tenta desviar a conversação*): Calma, senhores. Estou trabalhando num pequeno tratado de moral, estou no capítulo da alma...

FLEURY (*interrompendo-o*): Que diz sobre isso, sr. Phellion?

PHELLION (*lendo*): “Pergunta: Que é alma do homem? Resposta: É uma substância espiritual que pensa e raciocina.”

THUILLIER: Uma substância espiritual é como quem diz um bloco de pedra imaterial.

POIRET: Deixe-o ler...

PHELLION (*recomeçando*): “P. De onde vem a alma?

R. Vem de Deus, que a criou de uma natureza simples e individual, e da qual, por consequência, não se pode conceber a destrutibilidade, e ele disse...”

POIRET (*estupefato*): Deus?

PHELLION: Sim, senhor. A tradição aí está.

FLEURY (*a Poiret*): Não interrompa, o senhor também.

PHELLION (*prossequindo*): “E ele disse que a tinha criado imortal, isto é, que ela jamais morrerá.

P. Para que serve a alma?

R. Para compreender, querer e recordar, o que constitui o entendimento, a vontade e a memória.

P. Para que serve o entendimento?

R. Para conhecer. É o olho da alma.”

FLEURY: E alma é olho de quê?

PHELLION (*continuando*): “P. Que deve o entendimento conhecer?

R. A verdade.

P. Para que tem o homem uma vontade?

R. Para amar o bem e odiar o mal.

P. Que é o bem?

R. O que nos torna felizes.”

VIMEUX: E você escreve isso para senhoritas?

PHELLION: Sim. (*continua*) “P. Quantas espécies de bem existem?”

FLEURY: Isso é prodigiosamente licencioso!

PHELLION (*indignado*): Oh! Senhor! (*acalmando-se*) De resto, aqui está a resposta. E o ponto em que estou. (*Lê.*) “R. Há duas espécies de bem, o bem eterno e o bem temporal.”

POIRET (*faz uma cara de desprezo*): E isso se venderá muito?

PHELLION: Atrevo-me a esperá-lo. É preciso uma grande contenção de espírito para estabelecer o sistema de perguntas e respostas, e era por isso que eu lhes pedia que me deixassem pensar, porque as respostas...

THUILLIER (*interrompendo*): De resto, as respostas poderão ser vendidas à parte.

POIRET: É um trocadilho, isso?

THUILLIER: Sim, far-se-á uma salada com elas.^[195]

PHELLION: Cometi a falta grave de interrompê-los. (*Torna a mergulhar a cabeça nos papéis; depois, consigo mesmo.*) “Mas já não pensam no sr. Rabourdin.”

Naquele momento, entre Des Lupeaulx e o ministro passava-se uma cena que decidiu da sorte de Rabourdin. Antes do almoço, o secretário-geral viera ter com Sua Excelência no seu gabinete, e certificando-se de que La Brière nada podia ouvir:

— Vossa Excelência não faz jogo franco comigo...

“Eis-nos malquistados”, pensou o ministro, “porque a amante dele coqueteou comigo ontem.” — Julgava-o menos criança, meu caro amigo — replicou em voz alta.

— Amigo — retrucou o secretário-geral —, é o que vou saber.

O ministro olhou altivamente para Des Lupeaulx.

— Estamos entre nós e podemos nos explicar. O deputado da circunscrição onde ficam as *minhas propriedades* Des Lupeaulx...

— Então decididamente é uma propriedade? — disse rindo o ministro, para disfarçar a surpresa.

— Aumentada com duzentos mil francos de aquisições — respondeu negligentemente Des Lupeaulx. — O senhor sabia faz dez dias da demissão desse deputado, e não me preveniu; não o devia fazer, mas o senhor sabia perfeitamente que eu desejo sentar-me em pleno Centro. Já pensou o senhor que eu me posso atirar na Doutrina^[196] que os devorará, ao senhor e à Monarquia, se continuarem a deixar esse partido recrutar os homens de algum talento que estão sendo menosprezados? Sabe o senhor que em uma nação não há mais do que umas cinquenta ou sessenta cabeças perigosas, e nas quais o espírito está em proporção com a ambição? Saber governar é conhecer essas cabeças para cortá-las ou para comprá-las. Não sei se tenho talento, mas sei que tenho ambição, e o senhor comete um erro de não se entender com um homem que só lhe quer bem. A coroação^[197] deslumbrou por um momento, mas, e depois?... Depois a guerra das palavras e das discussões recomeçará, e se envenenará... Pois bem, creia-me, no que lhe diz respeito, não seria nada conveniente encontrar-me no Centro Esquerdo! Apesar das manobras do seu prefeito, o qual, sem dúvida, terá recebido instruções confidenciais contra mim, eu terei maioria. É chegado o momento de nos entendermos. Depois de um pequeno golpe de Jarnac^[198] fica-se às vezes bons amigos. Eu serei nomeado conde, e

não recusarão aos meus serviços o grande cordão da Legião. Mas façam menos questão desses dois pontos que de uma coisa em que somente seu interesse está comprometido... O senhor ainda não nomeou Rabourdin, tive notícias disso esta manhã; o senhor satisfará muita gente dando preferência a Baudoyer...

— Nomear Baudoyer! — exclamou o ministro. — O senhor o conhece!

— Sim — disse Des Lupeaulx —; mas, quando a incapacidade dele for comprovada, o senhor o destituirá, pedindo aos protetores dele que o empreguem nos seus negócios. Terá assim para os seus amigos uma direção importante a dar-lhes, o que facilitará alguma transação para descartar-se de algum ambicioso.

— Prometi a Rabourdin!

— Sim, mas não lhe peço que mude hoje mesmo. Conheço o perigo de dizer sim e não no mesmo dia. Adie as nomeações, poderá assiná-las depois de amanhã. Pois bem, depois de amanhã o senhor reconhecerá que é impossível conservar Rabourdin, do qual, aliás, o senhor terá recebido um belo e bom pedido de demissão.

— A demissão dele?

— Sim.

— Por quê?

— Ele é o homem de um poder desconhecido para o qual fez espionagem em larga escala em todos os ministérios, e a coisa foi descoberta, devido a uma inadvertência; fala-se a respeito, os funcionários estão furiosos. Por favor, não despache hoje com ele, deixe-me achar um pretexto para justificá-lo. Vá ver o rei, estou certo de que achará pessoas contentes com sua concessão a propósito de Baudoyer, em troca obterá alguma coisa. Depois, mais tarde, estará muito mais forte para destituir aquele idiota, visto ter-lhe sido por assim dizer imposto.

— Quem o fez mudar assim a respeito de Rabourdin?

— O senhor auxiliaria o sr. de Chateaubriand a escrever um artigo contra o ministério? Pois bem, eis como Rabourdin me trata na sua exposição — disse ele, dando a nota ao ministro. — Ele organiza inteiramente um governo, sem dúvida em benefício de uma sociedade que não conhecemos. Vou permanecer amigo dele a fim de vigiá-lo: creio que prestarei algum grande serviço que me levará ao pariato, porque o pariato é o único objeto de meus desejos. Saiba-o bem, não quero ministério nem seja o que for que o possa contrariar; aspiro ao pariato, o qual me permitirá desposar a filha de alguma casa bancária, com duzentos mil francos de renda. Assim, pois, deixe-me prestar-lhe algum grande serviço que faça o rei dizer ter eu salvado o trono. Faz muito que afirmo: o liberalismo não nos oferecerá mais nenhuma batalha campal; ele renunciou às conspirações, ao carbonarismo, aos

levantes, ele sapa por baixo e prepara-se para um completo “Sai daí para eu entrar”.^[199] Julga que me tivesse posto a cortejar a mulher de Rabourdin para meu prazer? Não, eu tinha informações! Assim, pois, duas coisas hoje: o adiamento das nomeações, e sua cooperação *sincera* para a minha eleição. Verá se no fim da sessão eu não lhe terei pagado largamente minha dívida.

Como única resposta, o ministro pegou o trabalho do pessoal e entregou-o a Des Lupeaulx.

— Vou mandar dizer a Rabourdin — disse Des Lupeaulx — que o senhor transferiu o despacho para o sábado.

O ministro consentiu por um sinal de cabeça. O servente do secretariado atravessou a seguir os pátios e foi à repartição Rabourdin preveni-lo de que o despacho fora adiado para o sábado, dia em que a Câmara não se ocupava senão de petições e que deixava o ministro senhor de seu tempo. Naquele mesmo momento, Saillard sussurrava sua frase à mulher do ministro, a qual lhe respondeu com dignidade que não se metia em negócios de Estado e que de resto ouvira dizer que o sr. Rabourdin tinha sido nomeado. Saillard, apavorado, subiu ao departamento de Baudoyer e encontrou Dutocq, Godard e Bixiou num estado de exasperação difícil de descrever, porquanto estavam percorrendo o terrível rascunho do trabalho de Rabourdin sobre os funcionários.

BIXIOU (*apontando com o dedo um trecho*): Isto é consigo, tio Saillard: “SAILLARD. A caixa deverá ser suprimida em todos os ministérios, os quais deverão ter suas contas-correntes no Tesouro. Saillard é rico e não precisa de pensão”. Quer ver seu genro? (*Folheia.*) Aqui está: “BAUDOYER. Completamente incapaz. Dispensado sem pensão, é rico”. E o amigo Godard? (*Folheia.*) “GODARD. A dispensar. Uma pensão da terça parte do seu ordenado.” Enfim, todos nós aqui estamos metidos. Eu, sou “Um artista que deverá ser empregado pela Lista Civil na Ópera, nos Menus-Plaisirs,^[200] no Museu. Muita capacidade, pouca linha, incapaz de aplicação, espírito irrequieto”. Ah! Eu te darei, “artista”!

SAILLARD: Suprimir os caixas?... É um monstro!

BIXIOU: Que diz ele do nosso misterioso Desroys? (*Folheia e lê*) “Desroys, homem perigoso por ser inabalável em princípios contrários a todo poder monárquico. Filho de Convencional, admira a Convenção; pode tornar-se um publicista pernicioso.”

BAUDOYER: A polícia não é tão hábil!

GODARD: Mas eu vou ao secretariado geral apresentar uma queixa em regra; devemos nos retirar todos em massa se semelhante homem for nomeado.

DUTOCQ: Ouçam-me, senhores! Prudência. Se todos se revoltam logo de saída, seremos acusados de vingança e de interesse pessoal! Não, deixem a notícia correr mansamente. Quando toda a administração

estiver sublevada, as determinações dos senhores terão o assentimento geral.

BIXIOU: Dutocq está dentro dos princípios da grande ária inventada pelo sublime Rossini para *Basílio*,^[201] e que prova que aquele grande compositor é um homem político! Isso me parece justo e conveniente. Conto deixar meu cartão de visita em casa do sr. Rabourdin, amanhã de manhã, e vou fazer gravar nele BIXIOU; depois, como título e subtítulo: *Pouca linha, incapaz de aplicação, espírito irrequieto*.

GODARD: Boa ideia, senhores. Façamos nossos cartões, e que Rabourdin os receba todos amanhã de manhã.

BAUDOYER: Sr. Bixiou, encarregue-se desse pequeno detalhe e faça destruir as lâminas depois de tirarem um único exemplar.

DUTOCQ (*tomando Bixiou à parte*): E então, quer agora desenhar a caricatura?

BIXIOU: Compreendo, meu caro, que você faz dez dias está no segredo do caso. (*Olha-o fixamente nos olhos.*) Serei subchefe?

DUTOCQ: Dou-lhe minha palavra de honra e mil francos de gratificação, como lhe disse. Você não imagina que serviço presta assim a pessoas poderosas.

BIXIOU: Conhece-as?

DUTOCQ: Sim.

BIXIOU: Pois bem, quero falar-lhes.

DUTOCQ (*secamente*): Faça a caricatura ou não a faça, você será subchefe ou não será!

BIXIOU: E, então, os mil francos?

DUTOCQ: Eu os darei em troca do desenho.

BIXIOU: Avante! A caricatura circulará amanhã na repartição. Vamos pois *amolar* os Rabourdin. (*Dirigindo-se a Saillard, a Godard e a Baudoyer, que conversam entre si em voz baixa.*) Vamos esquentar os vizinhos.

(*Sai com Dutocq e chega à seção Rabourdin. Ao vê-lo, Fleury, Thuillier e Vimeux se animam.*)

E então, meus senhores, que têm? O que lhes disse é tão certo, que podem ir ver as provas da mais infame das delações nas mãos do virtuoso, do honrado, do estimável, probo e devoto Baudoyer, o qual é certamente incapaz, o santo homem, de fazer semelhante ofício. O nosso chefe inventou alguma guilhotina para os funcionários, é garantido, vão ver! Sigam a multidão, não se paga nada se não se ficar contente, podem gozar do próprio infortúnio, GRÁTIS! Por isso as nomeações estão adiadas. As repartições estão em polvorosa, e Rabourdin acaba de ser avisado que o ministro não despachará hoje com ele... Vão de uma vez!

(*Phellion e Poirer ficaram sós. O primeiro queria demasiado a Rabourdin para ir buscar uma certeza que podia prejudicar um homem que*

ele não queria julgar; o segundo tinha somente cinco dias para ficar na repartição. Naquele momento, Sebastião desceu para ir buscar o que devia ser incluído nos papéis a serem assinados. Ficou muito admirado, sem manifestá-lo, de encontrar a repartição deserta.)

PHELLION: Meu jovem amigo (*levanta-se, coisa rara*), sabe o que se está passando, os rumores que correm a respeito do sr. Rabourdin, a quem o senhor aprecia e (*baixa a voz e aproxima-se de Sebastião*) a quem quero tanto quanto estimo? Dizem que ele cometeu a imprudência de deixar pegar descuidadamente um trabalho sobre os funcionários... (*Ao proferir essas palavras, Phellion detém-se, obrigado a sustentar nos seus braços nervosos o jovem Sebastião, que fica pálido como uma rosa branca e desfalece numa cadeira.*) Uma chave nas costas, sr. Poiret! Tem uma chave aí?

POIRET: Tenho sempre a da minha casa.

(O velho Poiret, o moço, insinua sua chave nas costas de Sebastião, a quem Phellion faz beber um copo de água fria. O pobre rapaz abre os olhos somente para verter uma torrente de lágrimas. Vai deitar a cabeça na escrivaninha de Phellion, inclinando o corpo caído como se o raio o tivesse atingido, e seus soluços são tão penetrantes, tão sinceros, tão abundantes, que por primeira vez na vida Poiret comove-se com a dor alheia.)

PHELLION (*engrossando a voz*): Vamos, vamos, coragem, meu amiguinho! Nas grandes circunstâncias, precisa-se dela. Você é um homem. Que há? Em que pode isso comovê-lo tão desmedidamente?

SEBASTIÃO (*através dos seus soluços*): Fui eu que perdi o sr. Rabourdin! Deixei a exposição que tinha copiado, matei meu benfeitor, morrerei disso... Um tão grande homem! Um homem que chegaria a ministro!

POIRET (*assoando-se*): É então verdade que ele fez relatórios?

SEBASTIÃO (*entre soluços*): Mas era para... Bem, agora ir eu dizer os segredos dele! Ah! O miserável Dutocq! Foi ele quem roubou...

(E os prantos, os soluços recomeçaram de tal forma, que do seu gabinete Rabourdin ouviu o barulho, distinguiu a voz e subiu. O chefe encontrou Sebastião quase desmaiado, como um Cristo, entre os braços de Phellion e de Poiret, os quais macaqueavam grotescamente a imagem das duas Marias e cujos rostos estavam crispados pelo enternecimento.)

RABOURDIN: Que há, senhores? (*Sebastião põe-se de pé e cai de joelhos diante de Rabourdin.*)

SEBASTIÃO: Fui causa de sua desgraça, senhor. A exposição, Dutocq a está mostrando, ele com certeza descobriu-a.

RABOURDIN (*calmo*): Eu já sabia. (*Levanta Sebastião e leva-o.*) Você é uma criança, meu amigo. (*Dirige-se a Phellion.*) Onde estão esses senhores?

PHELLION: Senhor, eles foram ver no gabinete do sr. Baudoyer uma exposição que dizem...

RABOURDIN: Basta! (*Sai segurando Sebastião. Poiret e Phellion olham um*

para o outro tomados de viva surpresa, e não sabem o que dizer.)

POIRET (*a Phellion*): O sr. Roubourdin!...

PHELLION (*a Poiret*): O sr. Roubourdin!

POIRET: Hom'essa! O sr. Roubourdin!...

PHELLION: Reparou como, apesar de tudo, ele estava calmo e digno?...

POIRET (*com ar finório que mais parece uma careta*): Não me admiraria nada que por baixo disso tudo houvesse alguma coisa.

PHELLION: Um homem de honra, puro, sem mancha...

POIRET: E esse Dutocq?

PHELLION: O senhor pensa o mesmo que eu penso a respeito de Dutocq; não me compreende?

POIRET (*balanceando duas ou três vezes a cabeça, responde com ar esperto*): Sim. (*Todos os funcionários voltam.*)

FLEURY: Aí está uma dos diabos! E mesmo depois de ter lido ainda não posso acreditar. O sr. Roubourdin, o rei dos homens!... Palavra, se há espões entre homens como esse, é de se ter nojo da virtude. Eu colocava Roubourdin entre os heróis de Plutarco.^[202]

VIMEUX: É bem verdade!

POIRET (*lembrando que só lhe faltam cinco dias*): Mas, senhores, que pensam daquele que roubou o trabalho, que espionou o sr. Roubourdin? (*Dutocq retira-se.*)

FLEURY: É um Judas Iscariotes! Quem é?

PHELLION (*com finura*): Certamente não está aqui entre nós.

VIMEUX (*iluminado*): Foi Dutocq.

PHELLION: Não vi a prova disso. Enquanto o senhor estava ausente, esse rapazinho, sr. de la Roche, quase morreu. Olhe, veja as lágrimas dele em cima da minha escrivania!

POIRET: Nós o sustentamos demasiado nos nossos braços... E a chave da minha casa! Ora, ora, ele a conserva ainda nas costas.

(*Poiret sai.*)

VIMEUX: O ministro não quis despachar hoje com Roubourdin, e o sr. Saillard, a quem o chefe do pessoal disse duas palavras, veio prevenir o sr. Baudoyer para que pedisse a cruz da Legião de Honra; há uma concedida à divisão para o dia primeiro do ano, e vai ser dada ao sr. Baudoyer. Está claro? O sr. Roubourdin é sacrificado mesmo por aqueles que o empregam. Eis o que Bixiou diz. Todos nós éramos sacrificados, salvo Phellion e Sebastião.

DU BRUEL (*que vem chegando*): Então, senhores, é verdade?

THUILLIER: Verdade absoluta.

DU BRUEL (*pondo o chapéu*): Adeus, senhores. (*Sai.*)

THUILLIER: O vaudevillista não se diverte nas fuzilarias! Ele vai direto à casa do duque de Rhétoré e do duque de Maufrigneuse. Mas pode correr quanto quiser, é Colleville que será nosso chefe, segundo dizem.

PHELLION: Parecia, entretanto, que ele gostava do sr. Roubourdin.

POIRET (*de volta*): Tive um trabalho insano para recuperar a chave da minha casa! O pobre rapaz está debulhado em lágrimas e o sr. Rabourdin desapareceu completamente. (*Dutocq e Bixiou voltam.*)

BIXIOU: E então, senhores, passam-se coisas estranhas aqui neste gabinete! Du Bruel!... (*Olha para dentro do gabinete.*) Foi-se?

THUILLIER: Tratando de negócios!

BIXIOU: E Rabourdin?

FLEURY: Derretido! Destilado! *Esfumado*! Dizem que um homem, o rei dos homens!...

POIRET (*a Dutocq*): Na sua dor, sr. Dutocq, o pequeno Sebastião acusa-o de ter, faz dez dias, subtraído o trabalho...

BIXIOU (*olhando para Dutocq*): É preciso lavar-se dessa acusação, meu caro. (*Todos os funcionários contemplam Dutocq.*)

DUTOCQ: Onde está essa viborazinha que o estava copiando?

BIXIOU: Como sabe você que ele o estava copiando? Meu caro, só o diamante é capaz de polir o diamante! (*Dutocq sai.*)

POIRET: Ouça, sr. Bixiou, não me restam senão cinco dias e meio para ficar na repartição, e eu quisera uma vez, uma única vez, ter o prazer de compreendê-lo! Dê-me a honra de explicar que tem o diamante a ver com esta circunstância...

BIXIOU: Isso quer dizer, paizinho, pois quero uma vez baixar até o senhor, que do mesmo modo que somente o diamante pode gastar um diamante, assim também somente um *curioso* pode vencer seu semelhante.

FLEURY: Curioso aqui está por espião.

POIRET: Não compreendo...

BIXIOU: Pois então fica para outra vez!

IV — A DEMISSÃO

O sr. Rabourdin correu à casa do ministro. Este estava na Câmara. Rabourdin foi à Câmara dos Deputados, onde escreveu um bilhete ao ministro. O ministro estava na tribuna, ocupado numa ardente discussão. Rabourdin esperou, não na sala das conferências, mas no saguão, e resolveu, apesar do frio, colocar-se em frente ao carro da Excelência, a fim de falar-lhe quando ele o fosse tomar. O porteiro disse-lhe que o ministro estava metido numa tormenta provocada pelos dezenove da Extrema Esquerda e que havia uma sessão tempestuosa. Rabourdin caminhava de um extremo a outro do saguão do palácio, presa de uma agitação febril, e esperou durante cinco horas mortais. As seis horas e meia, começou o desfile; mas o laçao do ministro veio em busca do cocheiro.

— Olá, João — disse-lhe —, monsenhor partiu com o ministro da Guerra; foram ao palácio do rei e de lá irão jantar juntos. Nós o iremos

buscar às dez horas; vai haver conselho.

Rabourdin voltou a passos lentos para casa, num abatimento fácil de conceber. Eram sete horas. Teve apenas tempo para se vestir.

— E então, estás nomeado — disse-lhe alegremente a esposa, quando ele apareceu no salão.

Rabourdin ergueu a cabeça num gesto de horrível melancolia e respondeu:

— Temo bastante que não tornarei a pôr os pés no ministério.

— Como! — disse a mulher agitada por horrível ansiedade.

— Meu memorial sobre os funcionários circula na repartição, e foi impossível avistar-me com o ministro!

Celestina teve uma rápida visão, na qual, por um dos seus clarões infernais, o demônio mostrou-lhe o sentido da sua última conversação com Des Lupeaulx.

“Se eu tivesse procedido como uma mulher vulgar”, pensou ela, “nós teríamos tido o posto.”

Contemplou Rabourdin com uma espécie de dor. Fez-se um triste silêncio, e o jantar passou-se entre mútuas meditações.

— E é nossa quarta-feira — disse ela.

— Não está tudo perdido, minha querida Celestina — disse Rabourdin depondo um beijo na fronte da esposa —; talvez eu possa falar amanhã de manhã com o ministro, e tudo ficará explicado. Sebastião não dormiu ontem à noite: todas as cópias estão terminadas e conferidas, eu pedirei ao ministro que leia o meu trabalho, que deporei em cima da secretária dele. La Brière me ajudará. Não se condena nunca um homem sem ouvi-lo.

— Tenho curiosidade de saber se o sr. des Lupeaulx virá ver-nos hoje.

— Ele?... Mas com toda certeza que não faltará — disse Rabourdin.

— Há nele algo do tigre; gosta de lambar o sangue das feridas que faz.

— Meu pobre amigo — disse a mulher tomando-lhe a mão —, não sei como o homem que podia conceber uma reforma tão linda não viu que ela não devia ser mostrada a ninguém. É uma dessas ideias que um homem guarda na sua consciência, pois só ele as pode aplicar. Era preciso na tua esfera fazer o que Napoleão fez na sua: ele dobrou-se, torceu-se, rastejou! Sim, Bonaparte rastejou! Para tornar-se general em chefe, ele desposou a amante de Barras.^[203] Era preciso esperar, fazer-se eleger deputado, seguir as ondulações da política, ora no fundo do mar, ora no dorso de uma onda, e, como o sr. de Villèle, ter o lema italiano: *Col tempo*,^[204] que se traduz em francês por: *Tout vient à point pour qui sait attendre*.^[205] Esse orador aspirou ao poder durante sete anos, e começou em 1814 por um protesto contra a Carta Constitucional na idade em que hoje te achas. Eis o erro! Tu te subordinaste, quando foste feito para dar ordens.

A chegada do pintor Schinner^[206] impôs silêncio à mulher e ao marido, o qual ficara pensativo ante aquelas palavras.

— Caro amigo — disse o pintor apertando a mão do administrador —, o devotamento de um artista é bastante inútil; entretanto, nestas circunstâncias, nós somos fiéis! Comprei o jornal da tarde. Baudoyer está nomeado diretor e condecorado com a cruz da Legião de Honra...

— Eu sou o mais antigo e tenho vinte e quatro anos de serviço — disse Rabourdin sorrindo.

— Dou-me bastante com o sr. conde de Sérisy, o ministro de Estado; se quiser valer-se dele, posso ir vê-lo — disse Schinner.

O salão encheu-se de pessoas para as quais as atividades administrativas eram desconhecidas. Du Bruel não veio. A sra. Rabourdin redobrou de alegria e de graça, como o cavalo que, ferido na batalha, acha ainda forças para carregar seu dono.

— Ela é bem corajosa — disseram algumas mulheres, que foram encantadoras para com ela vendo-a no infortúnio.

— Entretanto, ela teve muitas atenções com Des Lupeaulx — disse a baronesa du Châtelet à viscondessa de La Fontaine.

— Acredita que... — perguntou a viscondessa.

— Mas o sr. Rabourdin teria pelo menos conseguido a Cruz — disse a sra. des Camps, defendendo a amiga.

Cerca de onze horas, Des Lupeaulx apareceu, e não é possível descrevê-lo senão dizendo que seus óculos estavam tristes e seus olhos alegres; mas o vidro encobria tão bem os olhares, que era preciso ser fisionomista para descobrir-lhes a expressão diabólica. Foi apertar a mão de Rabourdin, que não pôde impedir que ele a tomasse.

— Temos de conversar — disse-lhe ele ao ir sentar-se junto à bela Rabourdin, a qual o recebeu maravilhosamente. — Eh! — disse ele ao olhá-la de soslaio. — A senhora é grande, e eu a encontro como a imaginava, sublime na derrota. Sabe a senhora que é bem difícil para uma pessoa superior corresponder à ideia que se faz dela? A derrota não a acabrunha, então? Tem razão, nós triunfaremos — disse-lhe ele ao ouvido. — Sua sorte continua nas suas mãos, enquanto tiver como aliado um homem que a adora. Nós conferenciaremos...

— Mas Baudoyer está nomeado? — perguntou-lhe ela.

— Sim — disse o secretário-geral.

— Foi condecorado?

— Ainda não, mas sê-lo-á.

— E então?

— A senhora não conhece a política.

Enquanto aquela recepção parecia eterna à sra. Rabourdin, na Place Royale desenrolava-se uma dessas comédias que se representam em sete salões em Paris, a cada mudança de ministério. O salão dos Saillard estava cheio. O sr. e a sra. Transon chegaram às oito horas. A sra.

Transon abraçou a sra. Baudoyer, *née Saillard*. O sr. Bataille, capitão da Guarda Nacional, veio com a esposa e o cura de Saint-Paul.

— Sr. Baudoyer — disse a sra. Transon —, quero ser a primeira a cumprimentá-lo; fizeram justiça aos seus merecimentos. Sim, o senhor faz jus à sua promoção.

— Ei-lo diretor — disse o sr. Transon esfregando as mãos —, isso é muito lisonjeiro para o bairro.

— E pode dizer-se que foi sem intrigas! — exclamou o velho Saillard. — Nós não somos intrigantes, nós outros! Não vamos às recepções íntimas do ministro.

O tio Mitral esfregou o nariz, sorrindo, e olhou para a sobrinha Elizabeth, a qual conversava com Gigonnet. Falleix não sabia o que pensar da cegueira do velho Saillard e de Baudoyer. Os senhores Dutocq, Bixiou, Du Bruel, Godard e Colleville, nomeado chefe, entraram.

— Que conjunto de caras! — disse Bixiou a Du Bruel. — Que bela caricatura se os desenhassem com formas de arraias, de dourados e de mariscos dançando uma sarabanda.

— Senhor diretor — disse Colleville —, venho felicitá-lo, ou antes, nós nos felicitamos a nós mesmos por tê-lo à frente da direção, e vimos assegurar-lhe o zelo com que cooperaremos nos seus trabalhos.

O sr. e a sra. Baudoyer, pais do novo diretor, estavam presentes, gozando a glória do filho e da nora. O tio Bidault, que jantara com eles, tinha um olharzinho cintilante que apavorou Bixiou.

— Ali está um — disse o artista a Du Bruel mostrando-lhe Gigonnet — que pode servir para personagem de *vaudeville*! Que é que aquilo venderá? Um cidadão desses deveria servir de tabuleta aos Dois Macacos.^[207] E que sobrecasaca! Eu pensava que só Poiret fosse capaz de exhibir uma semelhante depois de dez anos de exposição pública às intempéries parisienses.

— Baudoyer está magnífico — disse Du Bruel.

— Entontecedor — respondeu Bixiou.

— Senhores — disse-lhes Baudoyer —, eis aqui meu tio, o sr. Mitral, e meu tio-avô por parte da minha mulher, o sr. Bidault.

Gigonnet e Mitral lançaram aos três funcionários um olhar profundo, onde brilhava a cor de ouro, e que fez certa impressão nos dois pândegos.

— Heim? — disse Bixiou, ao retirar-se, sob as arcadas da Place Royale. — Examinou bem os dois tios? Dois exemplares de Shylock.^[208] Aposto como eles vão ao mercado emprestar seus escudos a cem por cento por semana. Empréstam sob penhor, vendem roupas, galões, queijos, mulheres e crianças; são árabes-judeus-genoveses-genebrinos-lombardos e parisienses, amamentados por uma loba e paridos por uma turca.

— Acredito! O tio Mitral foi beleguim — disse Godard.

— Está vendo! — disse Du Bruel.

— Vou ver a prova da litografia — replicou Bixiou —, mas bem quisera estudar os salões do sr. Roubourdin; você tem sorte, Du Bruel, de poder ir lá.

— Eu! — disse o vaudevillista. — Que quer você que eu vá fazer lá? Minha fisionomia não se presta para condolências. E, ademais, hoje é coisa muito vulgar ir meter-se na fila para entrar nas casas das pessoas destituídas.

À meia-noite o salão da sra. Roubourdin estava deserto, permanecendo somente duas ou três pessoas, Des Lupeaulx e os donos da casa. Quando Schinner, a sra. e o sr. Otávio de Camps saíram, Des Lupeaulx ergueu-se com ar misterioso, encostou-se no relógio e olhou alternativamente para a mulher e para o marido.

— Meus amigos — disse-lhes —, nada está perdido, porque o ministro e eu lhes ficamos. Dutocq entre dois poderes preferiu o que lhe parecia mais forte. Serviu a Grande Esmolaria e a Corte, traiu-me, está dentro das regras: um homem político nunca se queixa de traição. Baudoyer, porém, dentro de alguns meses será destituído, e será colocado na Prefeitura de Polícia, porque a Grande Esmolaria não o abandonará.

E fez uma longa tirada a propósito da Grande Esmolaria e dos perigos que o governo corria por apoiar-se na Igreja, nos jesuítas etc. Mas não é inútil fazer observar que a Corte e a Grande Esmolaria, à qual jornais liberais atribuíam uma influência enorme na administração, pouco se tinham ocupado com o sr. Baudoyer. Essas pequenas intrigas extinguíam-se na alta esfera ante os grandes interesses que ali se agitavam. Se algumas palavras tinham sido arrancadas pela importunidade do cura de Saint-Paul e do padre Gaudron, a solicitação emudecera à primeira observação do ministro. Unicamente as paixões faziam o policiamento da Congregação denunciando-se uma as outras... O poder oculto dessa associação, bem permitida em presença de descarada sociedade da Doutrina intitulada: *ajuda a ti mesmo, o céu ajudar-te-á*, só se tornava formidável pela ação com que a dotavam, gratuitamente os subordinados, ameaçando-se uns aos outros, cada qual mais. Finalmente, as calúnias liberais se compraziam em imaginar a Grande Esmolaria como um gigante político, administrativo, civil e militar. O medo sempre há de criar ídolos. Naquele momento, Baudoyer acreditava na Grande Esmolaria, ao passo que a única esmolaria que o protegera tinha assento no Café Têmis. Há, em certas épocas, nomes, instituições, poderes, aos quais se atribuem todas as graças, aos quais se negam seus méritos, e que servem de razão coeficiente para os tolos. Do mesmo modo como o sr. de Talleyrand passava por saudar todos os acontecimentos com um bom dito, assim também, naquele momento

da Restauração, a Grande Esmolaria fazia e desfazia tudo. Infelizmente ela não fazia nem desfazia nada. Sua influência não estava nas mãos nem de um cardeal de Richelieu nem de um cardeal Mazarino; e sim nas mãos de uma espécie de cardeal de Fleury,^[209] o qual, tímido durante cinco anos, não se atreveu senão um dia, e atreveu-se mal. Mais tarde a Doutrina fez impunemente, em Saint-Merri, mais do que Carlos x pretendia fazer em julho de 1830. Sem o artigo sobre a censura tão tolamente incluído na nova Carta Constitucional, a imprensa teria tido também seu Saint-Merri.^[210] O ramo secundogênito teria legalmente executado o plano de Carlos x.

— Permaneça chefe de seção sob as ordens de Baudoyer, tenha essa coragem — continuou Des Lupeaulx —, seja um verdadeiro homem político; ponha de lado os pensamentos e os impulsos generosos, encerre-se nas suas funções; não diga uma palavra ao seu diretor, não lhe dê conselho, não faça nada sem sua ordem. Em três meses, Baudoyer deixará o ministério, ou destituído, ou deportado para outra plaga administrativa. Irá talvez para a casa do rei. Aconteceu-me por duas vezes, na vida, ser assim posto no chão sob uma avalanche de tolices; eu deixei passar.

— Sim — disse Rabourdin —, mas o senhor não era caluniado, atacado na sua honra, comprometido...

— Ah! Ah! Ah! — fez Des Lupeaulx interrompendo o chefe de repartição com um riso homérico. — Mas isso é o pão cotidiano de todo homem notável nesta bela terra de França; há dois modos de encarar a coisa: ou ficar abaixo dela, fazer as malas e ir plantar couves; ou ficar acima dela e marchar sem temor, sem mesmo virar a cabeça.

— Só tenho um único modo de desatar o laço que a espionagem e a traição puseram-me à roda do pescoço — replicou Rabourdin — e é de explicar-me imediatamente com o ministro, e, se o senhor me é tão sinceramente afeiçoado como diz, poderá pôr-me diante dele amanhã.

— O senhor quer expor-lhe seu projeto de administração?

Rabourdin inclinou a cabeça afirmativamente.

— Pois bem, confie-me seus planos, seus memoriais, e eu lhe juro que ele passará a noite lendo-os.

— Pois então vamos — disse vivamente Rabourdin —, porque não é demais que depois de seis meses de trabalho eu tenha o gozo de duas ou três horas durante as quais um ministro do rei será forçado a aplaudir tanta perseverança.

Posto pela tenacidade de Rabourdin numa entrada sem moitas em que a astúcia se pudesse acoitar, Des Lupeaulx hesitou um momento e olhou a sra. Rabourdin perguntando a si mesmo:

“Quem triunfará, meu ódio por ele ou minha atração por ela?”

— Se não tem confiança em mim — disse ele ao chefe de repartição após uma pausa —, vejo que o senhor será sempre para mim o homem

de sua *nota secreta*. Adeus, senhora.

A sra. Rabourdin saudou-o friamente. Celestina e Xavier retiraram-se, cada um por seu lado, sem nada dizerem um ao outro, de tal forma estavam oprimidos pelo infortúnio. A esposa pensava na horrível situação em que se achava perante o marido. O chefe de repartição, decidindo-se a não mais pôr os pés no ministério e a pedir demissão, estava perdido na imensidade de suas reflexões: tratava-se para ele de mudar de vida e seguir por um novo caminho. Ficou toda a noite em frente do fogo sem ver Celestina, que veio por várias vezes na ponta dos pés, nos seus trajes noturnos.

“Visto que tenho de ir ao Ministério uma última vez a fim de retirar meus papéis e pôr Baudoyer a par dos negócios, vamos tentar o efeito da minha demissão”, disse ele consigo.

Redigiu sua demissão, meditou os termos da carta na qual a colocou, e que é a seguinte:

Monsenhor,

Tenho a honra de dirigir a Vossa Excelência nesta carta a minha demissão; mas ousou esperar que Vossa Excelência se lembre de me ter ouvido dizer-lhe que eu pusera minha honra em suas mãos, e que ela dependia de uma explicação imediata. Essa explicação, implorei-a em vão, e hoje, talvez, seria ela inútil, no momento em que um fragmento dos meus trabalhos sobre a administração, subtraído e desfigurado, circula na repartição, é mal interpretado pelo ódio e obriga-me a retirar-me ante a tácita reprovação do poder. Vossa Excelência, na manhã em que eu lhe quis falar, pôde pensar que se tratava de uma promoção, quando, de fato, pensava somente na glória do seu ministério e no bem público; interessava-me retificar suas ideias a esse respeito.

Seguiam-se as fórmulas de reverência.

Eram sete horas e meia quando esse homem consumiu o sacrifício de suas ideias, pois queimou todo o seu trabalho. Cansado por suas meditações e vencido por seus sofrimentos morais, adormeceu com a cabeça recostada na poltrona. Despertou-o uma sensação estranha, tinha as mãos cobertas de lágrimas da esposa, ajoelhada diante dele. Celestina viera ler a demissão. Medira a extensão da queda. Ela e Rabourdin iam ficar reduzidos a quatro mil francos de renda. Ela calculara suas dívidas, subiam a trinta e dois mil francos! Era a mais ignóbil de todas as misérias! E esse homem tão nobre e tão confiante ignorava o abuso que ela se permitira sobre a fortuna que lhe fora confiada. Soluçava aos pés dele, bela como a Madalena.

— A desgraça é completa — disse Xavier no seu pavor —, estou desonrado no ministério, e desonrado...

O fulgor da honra pura cintilou nos olhos de Celestina, que se ergueu como um cavalo assustado, fulminando Rabourdin com os olhos.

— Eu! Eu! — disse-lhe ela em duas tonalidades sublimes. — Sou acaso uma mulher vulgar? Não estarias tu nomeado se eu tivesse

claudicado? Mas — continuou — é mais fácil crer nisso do que a verdade.

— Que há? — disse Rabourdin.

— Tudo em duas palavras — respondeu ela. — Nós devemos trinta mil francos.

Rabourdin segurou a mulher num gesto tresloucado e sentou-a, com alegria, em seus joelhos.

— Consola-te, querida — disse ele com um som de voz em que transparecia uma bondade adorável que mudou o amargor das lágrimas dela em um não sei quê de grande doçura. — Eu também cometi erros! Trabalhei muito inutilmente para o meu país, ou pelo menos julguei poder ser-lhe útil... Agora vou seguir outra senda. Se eu tivesse vendido especiarias, nós seríamos milionários. Pois bem, façamo-nos merceeiros. Tu, meu anjo, tens apenas vinte e oito anos! Pois bem, dentro de dez anos a indústria ter-te-á restituído o luxo que tanto amas e ao qual renunciaremos por alguns dias. Eu também, minha querida, não sou um marido vulgar. Venderemos nossa granja! Ela nestes sete anos valorizou-se. Esse ganho de capital e o nosso mobiliário pagarão *minhas* dívidas...

Ela beijou o marido mil vezes num único beijo, por aquelas palavras generosas.

— Dispostemos — continuou ele — de cem mil francos para empregar num comércio qualquer. Antes de um mês terei escolhido um negócio, seja ele qual for. O acaso, que fez com que um Saillard encontrasse um Martinho Falleix, não nos desatenderá. Espera-me para almoçar. Voltarei do ministério livre da minha coleira de miséria.

Celestina apertou o marido em seus braços com uma força que os homens não têm, mesmo nos seus momentos de cólera, porque a mulher é mais forte pelo sentimento do que o homem por seu poderio. Ela chorava, ria, soluçava e falava, tudo ao mesmo tempo.

Quando às oito horas Rabourdin saiu, a porteira entregou-lhe os cartões sarcásticos de Baudoyer, de Bixiou, de Godard e de outros. Não obstante, ele foi ao ministério, e lá encontrou Sebastião na porta, o qual suplicou-lhe que não fosse à repartição, onde circulava uma infame caricatura sobre ele.

— Se você quer adoçar o amargor da minha queda, traga-me esse desenho — disse ele —, porque eu mesmo vou levar a minha demissão a Ernesto de la Brière a fim de que ela não seja desvirtuada seguindo os canais administrativos. Tenho minhas razões ao pedir-lhe minha caricatura.

Quando, depois de se ter assegurado que sua carta estava nas mãos do ministro, Rabourdin voltou ao saguão, aí encontrou Sebastião desfeito em lágrimas, o qual apresentou-lhe a litografia, cujos traços principais estão reproduzidos no ligeiro esboço que aqui vai.

— Há aí muito espírito — disse Rabourdin mostrando ao extranumerário uma fronte serena como a do Salvador quando lhe puseram a coroa de espinhos.

Entrou na repartição com ar calmo e foi primeiro ao gabinete de Baudoyer a fim de convidá-lo a que fosse ao gabinete da divisão receber dele as instruções relativas aos negócios que aquele rotineiro teria daí em diante de dirigir.

— Diga ao sr. Baudoyer que isso não pode sofrer demora — acrescentou ele diante de Godard e dos funcionários —; minha demissão está nas mãos do ministro e não quero permanecer na repartição cinco minutos além do necessário!

Ao deparar com Bixiou, Rabourdin foi direto a ele, mostrou-lhe a litografia e, com grande espanto de todos, disse-lhe:

— Não tinha eu razão em afirmar que o senhor era um artista? É pena, entretanto, que tivesse dirigido a ponta do seu lápis contra um homem que não podia ser julgado, nem desse modo nem na repartição; mas em França se ri de tudo, mesmo de Deus!

Depois levou Baudoyer ao apartamento do falecido La Billardière. Na porta estavam Phellion e Sebastião, os únicos que naquele grande desastre particular ousaram permanecer ostensivamente fiéis àquele acusado. Rabourdin, percebendo que os olhos de Phellion estavam úmidos, não pôde deixar de apertar-lhe a mão.

— Senhor — disse o pobre-diabo —, se podemos ser-lhe úteis em qualquer coisa, disponha de nós...

— Entrem, pois, meus amigos — disse-lhes Rabourdin com nobre gentileza. — Sebastião, meu filho, escreva sua demissão e mande-a entregar por Lourenço; você deve estar sendo envolvido pela calúnia que me derrubou, mas cuidarei de seu futuro; não nos separaremos mais.

Sebastião rompeu em pranto.

O sr. Rabourdin fechou-se no gabinete do falecido La Billardière com o sr. Baudoyer, e Phellion ajudou-o a pôr o novo chefe de divisão em presença de todas as dificuldades administrativas. A cada processo que Rabourdin explicava, a cada cartapácio aberto, os olhinhos de Baudoyer ficavam grandes como pires.

— Adeus, senhor — disse-lhe por fim Rabourdin com ar ao mesmo tempo solene e sarcástico.

Sebastião, durante esse tempo, tinha feito um pacote dos papéis pertencentes ao chefe de repartição, e levava-os num fiacre. Rabourdin passou pelo grande pátio do ministério, onde todos os funcionários estavam nas janelas, e esperou uns momentos as ordens do ministro. Este não deu sinal de vida. Phellion e Sebastião faziam companhia a Rabourdin. Phellion acompanhou corajosamente o homem caído até a Rue Duphot, testemunhando-lhe uma admiração respeitosa. Voltou

satisfeito consigo mesmo, retomando seu lugar após ter prestado as honras fúnebres ao talento administrativo incompreendido.

BIXIOU (*ao ver entrar Phellion*): *Victrix causa diis placuit, sed victa Catoni.*^[211]

PHELLION: Sim, senhor!

POIRET: Que quer dizer isso?

FLEURY: Que o partido clerical se regozija, e que o sr. Roubourdin goza da estima das pessoas de honra.

DUTOCC (*picado*): Ontem, não dizia isso.

FLEURY: Se me dirigir mais uma vez a palavra, meto-lhe a mão na cara, ouviu? É certo que você *surriprou* o trabalho do sr. Roubourdin. (*Dutocq sai.*) Vá queixar-se a Des Lupeaulx, espião!

BIXIOU (*rindo e careteando como um macaco*): Estou curioso por saber como marchará a Divisão! O sr. Roubourdin era um homem tão notável, que devia ter seus projetos ao fazer esse trabalho. O ministério perde uma grande cabeça. (*Esfrega as mãos.*)

LOURENÇO: Chamaram o sr. Fleury ao secretariado.

OS FUNCIONÁRIOS DAS DUAS SECRETARIAS: Frito!

FLEURY (*saindo*): Pouco me importa, tenho um lugar de editor responsável. Terei o dia inteiro à minha disposição para flunar ou para ocupar algum posto divertido na redação do jornal.

BIXIOU: Dutocq já fez destituir esse pobre Desroys, acusado de querer cortar cabeças...

THUILLIER: De reis?^[212]

BIXIOU: Receba minhas felicitações... este é bom!

COLLEVILLE (*entrando alegre*): Senhores, sou vosso chefe...

THUILLIER (*abraça Colleville*): Ah! Meu amigo, se eu estivesse no teu lugar, não estaria tão contente.

BIXIOU: É um golpe da senhora dele, mas foi um senhor golpe. (*Todos riam às gargalhadas.*)

POIRET: Digam-me a moral de quanto nos está acontecendo hoje.

BIXIOU: Você quer? A antecâmara da administração será doravante a Câmara, seu saguão é o toucador, o caminho ordinário é a adega, o leito é mais do que nunca o atalho.

POIRET: Sr. Bixiou, por favor, explique-se.

BIXIOU: Vou parafrasear minha opinião. Para ser alguma coisa, é preciso começar por ser tudo. Há evidentemente uma reforma administrativa a fazer; porque, palavra de honra, o Estado rouba tanto seus funcionários quanto estes o roubam; mas nós trabalhamos pouco, porque não ganhamos quase nada, pois que somos em número excessivo para o trabalho que há a fazer, e minha virtuosa Roubourdin viu tudo isso! Esse grande homem de repartição previa, senhores, o que deve acontecer, e que os idiotas chamam o jogo das nossas admiráveis instituições liberais. A Câmara vai querer administrar, e os

administradores quererão ser legisladores. O governo quererá administrar, e a administração quererá governar. Por isso as leis serão regulamentos, e as portarias se tornarão leis. Deus fez esta época para os que querem rir. Vivo admirando o espetáculo que o maior trocista dos tempos modernos, Luís XVIII, nos preparou. (*Estupefação geral.*) Senhores, se a França, o país mais bem administrado da Europa, é assim, imaginem o que devem ser os outros. Pobres países! A mim mesmo pergunto como podem eles marchar sem as duas Câmaras, sem a liberdade de imprensa, sem o relatório e o memorial, sem as circulares, sem um exército de funcionários!... Ora essa! Como podem eles ter exércitos, esquadras? Como podem existir sem discutir a cada respiração, a cada bocado que engolem?... Poder-se-á chamar a isso governos, pátrias? Afirmaram-me... (viajantes trocistas!...) que esses povos dizem ter uma política, e que gozam de certa influência; eu, porém, lamento-os. Eles não têm o *progresso das luzes*, eles não podem resolver ideias, não têm tribunais independentes, estão na barbárie. Só o povo francês é espiritual. Compreende, sr. Poirot (*Poirot como que recebe uma sacudidela*), que um país possa passar sem chefes de divisão, sem diretores-gerais, sem esse belo estado-maior, glória da França e do imperador Napoleão, que teve suas razões para criar empregos? Olhe, como esses países têm a audácia de existir, e como em Viena contam-se mais ou menos cem funcionários no Ministério da Guerra, ao passo que entre nós ordenados e pensões perfazem o terço do orçamento, coisa que não se suspeitava antes da Revolução, eu encurto o caso dizendo que a Academia das Inscrições e Belas-Letras, que tem pouca coisa a fazer, bem que deveria propor um prêmio para quem resolver esta questão: *Qual o Estado mais bem constituído, se aquele que faz muita coisa com poucos empregados, ou aquele que faz pouca coisa com muitos?*

POIRET: É sua última palavra?

BIXIOU: *Yes, sir!... Ja, mein Herr!... Sì, signor! Da!...* poupo-lhe outras línguas.

POIRET (*erguendo as mãos para o céu*): Meu Deus! E dizem que o senhor é espiritualoso!

BIXIOU: Quer dizer então que não me compreendeu?

PHELLION: Entretanto, a última proposição está cheia de sentido...

BIXIOU: Como o orçamento, que é tão complicado que parece simples, e ponho-o assim como um lampião sobre esse precipício, esse buraco, esse abismo, esse vulcão chamado pelo *Constitutionnel* de *horizonte político*.

POIRET: Eu preferia uma explicação que pudesse compreender...

BIXIOU: Viva Rabourdin!... Eis a minha opinião. Está satisfeito?

COLLEVILLE (*gravemente*): O sr. Rabourdin não teve senão um erro.

POIRET: Qual foi?

COLLEVILLE: O de ser um homem de Estado, em vez de ser um chefe

de repartição.

PHELLION (*pondo-se diante de Bixiou*): Por que o senhor, que compreendia tão bem o sr. Rabourdin, fez essa ign..., essa inf..., essa horrível caricatura?

BIXIOU: E a nossa aposta? Esqueceu-se de que eu estava jogando o jogo do diabo, e que sua repartição me deve um jantar no Rocher de Cancale?

POIRET (*despeitado*): Está escrito que eu deixarei a repartição sem ter jamais podido compreender uma frase, uma palavra, uma ideia do sr. Bixiou!

BIXIOU: A culpa é sua! Pergunte a esses senhores. — Senhores, compreenderam o sentido das minhas observações? Não são justas, luminosas?

TODOS: Infelizmente, são.

MINARD: E a prova é que acabo de escrever a minha demissão. Adeus, senhores, atiro-me na indústria...

BIXIOU: Inventou espartilhos mecânicos, ou mamadeiras, ou bombas de incêndio, ou guarda-lamas, ou chaminés que não consomem lenha, ou fornos que assam costeletas com três folhas de papel?

MINARD (*retirando-se*): Guardo meu segredo.

BIXIOU: E então, jovem Poiret Júnior, está vendo!... Esses senhores todos me compreendem...

POIRET (*humilhado*): Sr. Bixiou, quer fazer-me a honra de me falar, uma vez que seja, minha linguagem, descendo até mim?

BIXIOU (*piscando os olhos para os funcionários*): De bom grado! (*Pega Poiret pelo botão da sobrecasaca.*) Antes de se ir daqui, talvez goste de saber quem o senhor é...

POIRET (*vivamente*): Um homem honrado, senhor.

BIXIOU (*dá de ombros*): ... de definir, de explicar, de penetrar, de analisar o que vem a ser um funcionário... Sabe-o?

POIRET: Como não!

BIXIOU (*torcendo-lhe o botão*): Tenho as minhas dúvidas.

POIRET: É um homem pago pelo governo para fazer um trabalho.

BIXIOU: Evidentemente; um soldado então é um funcionário.

POIRET (*atrapalhado*): Isso não.

BIXIOU: Entretanto, ele é pago pelo governo para montar guarda e passar revistas. O senhor vai dizer-me que ele deseja ansiosamente deixar seu emprego, que não se sente à vontade, que trabalha demais e ganha geralmente muito pouco metal, salvo todavia o da sua espingarda.

POIRET (*arregalando os olhos*): Pois bem, senhor, um funcionário seria mais logicamente um homem que, para viver, tem necessidade do seu ordenado, e que não tem liberdade de deixar seu lugar, por não saber fazer outra coisa senão minutar.

BIXIOU: Ah! Estamos chegando a uma solução... Assim, pois, a repartição é a concha do funcionário. Não há funcionário sem repartição, assim como não há repartição sem funcionário. Que fazemos então do aduaneiro? (*Poiret tenta sapatear, escapa a Bixiou, o qual lhe arrancou um botão e o torna a segurar por outro.*) Ora! Seria na natureza democrática um ser neutro. O fiscal aduaneiro é um meio funcionário, está nos confins da repartição e das armas, como nas fronteiras: nem de todo soldado, nem de todo funcionário. Mas, paizinho, a que chegamos? (*Torce o botão.*) Onde acaba o funcionário? Pergunta grave! Um prefeito é um funcionário?

POIRET (*timidamente*): É uma autoridade.

BIXIOU: Ah! O senhor chega ao contrassenso de dizer que uma autoridade não é um empregado!...

POIRET (*cansado, olha para todos os funcionários*): O sr. Godard está com ar de quem quer dizer alguma coisa.

GODARD: O empregado seria a Ordem, e a autoridade um Gênero.

BIXIOU (*sorrindo*): Não o julgava capaz dessa engenhosa distinção, bravo subalterno.

POIRET: Para onde vamos nós?

BIXIOU: Lá, lá, lá, paizinho, não pisemos na nossa sogã!... Ouça, e acabaremos por nos entender. Olhe, estabeleçamos um axioma que eu lego à repartição. Onde acaba o funcionário, começa a autoridade; onde acaba a autoridade, começa o homem de Estado. Entretanto, há poucos homens de Estado entre os prefeitos. O prefeito seria então um neutro dos gêneros superiores. Achar-se-ia entre o homem de Estado e o funcionário, como o aduaneiro está entre o civil e o militar. Continuemos a desenredar essas elevadas questões. (*Poiret fica vermelho.*) Não poderemos formular isso por meio deste teorema digno de La Rochefoucauld.^[213] “Acima de vinte mil francos de ordenado não há mais funcionários?” Matematicamente podemos tirar daí esse *corolário*: O homem de Estado declara-se na esfera dos emolumentos superiores; e este não menos importante e lógico segundo *corolário*: Os diretores-gerais podem ser homens de Estado. Talvez seja nesse sentido que mais de um deputado a si mesmo diz: “É uma bela situação a de ser diretor-geral!”. Mas, no interesse da língua francesa e da Academia...

POIRET (*completamente fascinado pela fixidez do olhar de Bixiou*): A língua francesa... A Academia!

BIXIOU (*arranca um segundo botão e agarra-se ao botão superior*): Sim, no interesse da nossa bela língua, deve-se fazer observar que, se o chefe da repartição pode, em rigor, ser ainda um funcionário, o chefe da divisão deve ser um burocrata. Esses senhores... (*Vira-se para os funcionários mostrando-lhes um terceiro botão arrancado da sobrecasaca de Poiret*), esses senhores apreciarão esta sutileza tão delicada. Assim, papai Poiret, o funcionário termina exclusivamente no chefe de divisão.

Eis, pois, a questão bem estabelecida, não existe mais nenhuma incerteza; o funcionário, que parecia ser indefinível, está definido.

POIRET: Entretanto, tenha a bondade de resolver esta questão: sendo um juiz inamovível, consequentemente não podendo ser, segundo sua sutil distinção, uma autoridade, e não tendo um ordenado em harmonia com o seu trabalho, deve ser incluído na classe dos empregados?

POIRET (*olhando para as corujas*): Senhor, já não entendo...

BIXIOU (*arrancando um quarto botão*): Eu queria provar-lhe, senhor, que nada é simples, mas sobretudo, e o que vou dizer é para os filósofos (se me querem permitir inverter uma expressão de Luís XVIII), quero fazer ver que: Ao lado da necessidade de definir, está o perigo de embulhar-se.

POIRET (*enxugando a fronte*): Perdão, senhor, estou estonteado... (*Quer abotoar a sobrecasaca*). Ah! O senhor arrancou-me todos os botões!

BIXIOU: E então, compreende?

POIRET (*aborrecido*): Sim, senhor... sim, compreendo que o senhor quis fazer um gracejo de mau gosto, arrancando-me os botões, sem que eu o percebesse!...

BIXIOU (*com gravidade*): Ancião, engana-se. Quis gravar no seu cérebro a mais viva imagem possível do governo constitucional (*Todos os funcionários olham para Bixiou; Poirer, estupefato, contempla-o com certa inquietação*), e cumprir assim minha palavra. Adotei a maneira parabólica dos selvagens! Ouçam! Enquanto os ministros organizam na Câmara colóquios mais ou menos tão concludentes, tão úteis, quanto o nosso, a administração arranca botões dos contribuintes.

TODOS: Bravo, Bixiou!

POIRET (*que também compreendeu*): Não lamento mais meus botões.

BIXIOU: E eu faço como Minard, não quero mais pesar no orçamento por tão pouca coisa, e privo o ministério da minha cooperação. (*Sai por entre o riso de todos os funcionários.*)

No salão de recepção do ministério passava-se outra cena, mais instrutiva do que essa, porquanto ela pode ensinar como parecem as grandes ideias nas esferas superiores e como aí se acha consolo para uma desgraça.

Nesse momento, Des Lupeaulx apresentava ao ministro o novo diretor, sr. Baudoyer. Achavam-se no salão dois ou três deputados ministeriais, influentes, e o sr. Clergeot, a quem a Excelência dava a segurança de satisfatória remuneração. Depois da troca de algumas frases banais, veio à baila o acontecimento do dia.

UM DEPUTADO: Não terão mais Roubourdin?

DES LUPEAULX: Ele demitiu-se.

CLERGEOT: Segundo dizem, ele queria reformar a administração.

O MINISTRO (*olhando para os deputados*): As remunerações não são talvez proporcionais às exigências do serviço.

DE LA BRIÈRE: Segundo o sr. Rabourdin, cem funcionários a doze mil francos de ordenado fariam mais, e mais depressa, do que mil funcionários a mil e duzentos francos.

CLERGEOT: É possível que ele tenha razão.

O MINISTRO: Que é que se vai fazer! A máquina está montada assim, seria preciso quebrá-la e refazê-la; mas quem teria essa coragem, em presença da tribuna, debaixo do fogo das tolas declamações da oposição ou dos terríveis artigos da imprensa? Decorre daí que haverá um dia alguma solução de continuidade prejudicial entre o governo e a administração.

O DEPUTADO: Que acontecerá então?

O MINISTRO: Um ministro quererá o bem sem poder realizá-lo. Os senhores terão criado delongas intermináveis entre as coisas e os resultados. Se tornaram absolutamente impossível o roubo de um escudo, por outro lado não impedirão os conluíus na esfera dos interesses. Não serão concedidas certas operações senão depois de estipulações secretas, difíceis de serem surpreendidas. Finalmente os funcionários, desde o de mais baixa categoria até o chefe de repartição, vão ter opiniões próprias, não serão mais as mãos de um cérebro, não representarão mais a opinião do governo; a oposição propende a dar-lhes o direito de falar, de voltar, de julgar contra ele.

BAUDOYER (*em voz baixa, mas de modo a ser ouvido*): Monsenhor é sublime.

DES LUPEAULX: A burocracia, certamente, tem defeitos: julgo-a lenta e insolente, ela restringe com certo excesso a ação ministerial, abafa muitos projetos, detém o progresso; mas a administração francesa é admiravelmente útil...

BAUDOYER: Sem dúvida!

DES LUPEAULX: Quando mais não fosse para sustentar a papelaria e a estampilha. Se, como as excelentes donas de casa, é um pouco birrenta, pode, entretanto, a qualquer momento prestar contas da sua despesa. Qual o negociante hábil que não atiraria alegremente, no sorvedouro de um seguro qualquer, cinco por cento de toda a sua produção, do capital que sai ou entra, para não ter *escapes*.

O DEPUTADO (*um industrialista*): Os industrialistas dos dois mundos subscreveriam com alegria semelhante acordo com esse gênio do mal chamado escape.

DES LUPEAULX: Pois bem, conquanto a estatística seja a criancice dos homens de Estado modernos, que acreditam que os algarismos são o cálculo, é preciso algarismos para calcular. Calculemos, pois! O algarismo é, de resto, a razão convincente das sociedades baseadas no interesse pessoal e no dinheiro, e tal é a sociedade que a Carta

Constitucional nos deu; pelo menos, na minha opinião. Depois, nada convencerá melhor as *massas inteligentes* do que alguns algarismos. Tudo, em definitivo, dizem os nossos homens de Estado da Esquerda, resolve-se em algarismos. Pois contemos. (*O ministro vai para um canto conversar em voz baixa com um deputado.*) Contam-se cerca de quarenta mil funcionários em França, dedução feita dos assalariados, porque um cantoneiro, um varredor de rua, uma enroladora de charutos não são funcionários. A média dos ordenados é de mil e quinhentos francos. Multipliquem quarenta mil por mil e quinhentos e obterão sessenta milhões. E, antes de mais nada, um publicista poderia fazer observar à China, à Rússia, onde todos os funcionários roubam, à Áustria, às repúblicas americanas, ao mundo, que, por esse preço, a França consegue a mais bisbilhoteira, a mais meticulosa, a mais escrevinhadora, a mais devota da papelada, a mais inventariadora, verificadora, fiscalizadora, cuidadosa, enfim, a mais dona de casa das administrações conhecidas! Não se gasta, não se arrecada um centimo em França que não seja ordenado por uma carta, provado por um documento, exposto e re-exposto em relatórios particularizados, pago mediante recibo; depois a requisição e o recibo são registrados, fiscalizados, verificados por gente de óculos. A menor falta na forma, o funcionário se assusta, porque vive desses escrúpulos. Enfim, muitos países se satisfariam, mas Napoleão não se contentou com isso. Esse grande organizador restabeleceu os magistrados supremos de um tribunal único no mundo. Esses magistrados passam os dias a verificar todos os bônus, a papelada, listas, verificações, títulos de caução, pagamentos, contribuições recebidas, contribuições despendidas etc., que os funcionários escreveram. Esses juizes severos levam o talento do escrúpulo, o gênio da pesquisa, o olhar de lince, a perspicácia das contas, até ao ponto de refazer as adições para descobrir subtrações. Essas vítimas sublimes dos algarismos remetem, dois anos depois, a um intendente militar, uma exposição qualquer na qual existe um erro de dois centimos. Assim é que a administração francesa, a mais pura de todas as que cultuam a papelada, tornou, como acaba de dizer Sua Excelência, o roubo impossível em França, a concussão uma quimera. Pois bem! Que se pode objetar? A França possui uma renda de mil e duzentos milhões nos seus cofres, e mil e duzentos milhões deles saem. Ela maneja portanto dois bilhões e quatrocentos milhões e paga somente sessenta milhões, dois e meio por cento, para ter certeza de que não existe desvio de dinheiro. Nosso livro de cozinha política custa sessenta milhões, mas a gendarmaria, os tribunais, os presídios e a polícia custam outro tanto e nada nos rendem. E encontramos emprego para gente que não pode fazer outra coisa senão o que faz, fiquem certos disso. O desperdício, se é que há, não pode ser senão moral e legislativo, sendo as Câmaras então cúmplices; o que torna aquele legal.

O escoamento de dinheiro consiste em mandar fazer trabalhos que não são urgentes ou necessários, em desagaloar e reagaloar a tropa, em mandar construir navios sem se preocupar se há ou não madeira e pagar esta, então, muito caro, em preparar-se para a guerra sem fazê-la, em pagar as dívidas de um Estado sem lhe exigir o reembolso ou garantias etc. etc.

BAUDOYER: Mas o funcionário nada tem que ver com esse alto escoamento de dinheiro. Essa má gestão dos negócios do país concerne ao homem de Estado que comanda o barco.

O MINISTRO (*que terminou sua conversação*): Há alguma coisa de verdade no que acaba de dizer Des Lupeaulx; mas fique sabendo, (*a Baudoyer*) senhor diretor, que ninguém está identificado com o ponto de vista de um homem de Estado. Ordenar qualquer espécie de despesas, mesmo inúteis, não constitui uma má gestão. Não é isso animar sempre a circulação do dinheiro, cuja imobilidade, em França sobretudo, se torna funesta em consequência dos hábitos avarentos e profundamente ilógicos da província, que enterra montões de ouro...

O DEPUTADO (*que ouviu Des Lupeaulx*): Mas parece-me que se Vossa Excelência ainda há pouco tinha razão, e se nosso espirituoso amigo (*pega Des Lupeaulx pelo braço*) não está errado, que devemos concluir?

DES LUPEAULX (*depois de olhar para o ministro*): Há sem dúvida alguma coisa a fazer.

DE LA BRIÈRE (*timidamente*): O sr. Roubourdin tem então razão?

O MINISTRO: Verei Roubourdin...

DES LUPEAULX: Esse pobre homem cometeu o erro de se constituir juiz supremo da administração e dos homens que a compõem; ele não quer senão três ministérios...

O MINISTRO (*interrompendo-o*): Então está louco!

O DEPUTADO: Como seriam representados, nos gabinetes ministeriais, os chefes de partido na Câmara?

BAUDOYER (*com ar que ele julga de esperto*): O sr. Roubourdin talvez mudasse também a constituição devida ao rei legislador?

O MINISTRO (*que se tornara pensativo, pega La Brière pelo braço e leva-o*): Eu quisera ver o trabalho de Roubourdin, e uma vez que o conhece...

DE LA BRIÈRE (*no gabinete*): Ele queimou tudo; o senhor deixou que o desonrassem, e ele sai agora da administração. Não creia, monsenhor, que ele tivesse tido a tola ideia, como Des Lupeaulx quer fazer acreditar, de mudar coisa alguma da admirável centralização do poder.

O MINISTRO (*consigo mesmo*): Cometi um erro. (*Permanece uns momentos em silêncio.*) Ora! Não nos faltarão nunca projetos de reforma.

DE LA BRIÈRE: Não são ideias que faltam, e sim homens de execução.

Des Lupeaulx, aquele delicioso advogado dos abusos, entrou no gabinete.

— Monsenhor, parto para a minha eleição.

— Espere! — disse a Excelência deixando seu secretário particular e tomando o braço de Des Lupeaulx, com o qual foi para o vão de uma janela. — Deixe-me essa circunscrição, meu caro, o senhor será nomeado conde, e eu pago suas dívidas. Enfim, se depois da renovação da Câmara, eu permanecer no governo, acharei oportunidade de fazer nomeá-lo par de França numa fornada.

— O senhor é um homem de honra, aceito.

Foi assim que Clemente Chardin des Lupeaulx — cujo pai, enobrecido sob Luís xv, usava escudo *esquartelado: o primeiro, de prata, com um lobo rapinante de sable arrastando um cordeiro de goles; o segundo, de púrpura, com três fivelas de prata, postas 2 e 1; o terceiro, verguetado de golás e de prata de doze peças; o quarto, de ouro, com um caduceu de goles posto em pala, alado e serpenteado de sinople, sustido por quatro patas de grifo moventes dos flancos do escudo; com EN LUPUS IN HISTORIA*^[214] por divisa — conseguiu encimar este escudo quase zombeteiro por uma coroa de conde.

Em 1830, em fins de dezembro, o sr. Rabourdin teve um negócio que o levou ao seu antigo ministério, onde as repartições tinham sido agitadas por mudanças totais.^[215] Essa revolução pesou principalmente sobre os contínuos de gabinete, os quais não gostam nem um pouco de novas caras. Tendo chegado cedo ao ministério cujos membros lhe eram conhecidos, Rabourdin pôde ouvir o seguinte diálogo entre os sobrinhos de Lourenço, porque o tio tivera sua aposentadoria.

— E que tal, como vai teu chefe de divisão?

— Nem me fales, nada posso fazer com ele. Toca a campainha chamando para me perguntar se vi o lenço dele ou a tabaqueira. Recebe sem fazer esperar, enfim; não tem a menor dignidade. Eu sou forçado a dizer-lhe: “Mas, senhor, o senhor conde, seu predecessor, no interesse do poder, esgravatara a poltrona com o canivete para fazer crer que estava trabalhando”. Enfim, faz uma embrulhada com tudo! Quando chego, encontro tudo numa mixórdia, é um espírito bem tacanho... E o teu?

— Oh! O meu, acabei fazendo dele gente, agora ele sabe onde está seu papel de cartas, seus envelopes, a lenha, todas as suas coisas. O outro praguejava, este é manso... mas não é de alto coturno; ademais, não é condecorado, não gosto de chefe que não tenha condecoração; podem tomá-lo por um de nós, é humilhante! Ele leva papel da repartição, e perguntou-me se eu podia ir servir em casa dele nos dias de recepção.

— Ah! Meu caro, que governo!

— Sim, todos intrujam nele.

— Contanto que não nos roam nossos magros ordenados!

— Tenho medo. As Câmaras estão com a mania das economias. Questionam até para dar as achas de lenha.

— Ora! Isso não durará muito tempo, se enveredarem por esse caminho.

— Estamos pilhados! Nos estavam ouvindo.

— Oh! É o finado sr. Rabourdin... Ah! Senhor, reconheci-o pelo seu modo de apresentar-se... Se o senhor precisar alguma coisa aqui, ninguém saberia as atenções a que tem direito, porque do seu tempo somos os únicos que aqui restam... Os srs. Colleville e Baudoyer não gastaram o marroquim das suas poltronas depois que o senhor se foi... Oh! Meu Deus, seis meses depois, eles foram nomeados coletores em Paris.

Paris, julho de 1836

**OS COMEDIANTES
SEM O SABEREM**

Introdução de VIRGILIO DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Os comediantes sem o saberem (em francês: *Les Comédiens sans le Savoir*), datado de novembro de 1845, foi publicado pela primeira vez em folhetim de *Le Courier Français* de 14 a 24 de abril de 1846; a publicação em volume deu-se no mesmo ano, na primeira edição de *A comédia humana*. Houve em 1848 uma edição intitulada *O provinciano em Paris*, mas nas edições subsequentes manteve-se o título primitivo.

Esta novela de Balzac é composta de uma série de cenas, ou melhor, de retratos, dois dos quais (Fromenteau e a sra. Nourrisson) já haviam sido publicados anteriormente, em 1846, na obra coletiva *Le Diable à Paris*, subordinados ao título *As comédias que se podem ver grátis em Paris*; um terceiro (Vital), ainda em 1845, no jornal *Le Siècle*.

Pouco lembrada mesmo na França, é contudo uma obra interessante: espécie de repositório em que Balzac arrolou certo número de tipos da capital não colocados em outras Cenas da vida parisiense, para talvez mais tarde, se lhe sobrasse tempo, aproveitá-los, como fez, por exemplo, com a sra. Fontaine, a cartomante, que desempenha papel breve, mas importante, em *O primo Pons*.

“Esta obra, que não é nenhum romance, não pode ser qualificada em nenhum gênero, quando muito comparada a uma revista de atualidade em que dois exibidores fazem desfilar um grupo de personagens” — lemos no *Dicionário de Balzac* de Félix Longaud — como que desejosos de mostrar que em Paris todos estão envolvidos numa espécie de halo e agitados numa atmosfera peculiar: um barbeiro, uma pedicuro, uma cartomante, um chapeleiro, um usurário de Paris diferem essencialmente de seus congêneres de outros lugares.

Barrière vê nela apenas “uma revista de todas as coisas esquisitas e divertidas que apresenta o Boulevard des Italiens, nos dias em que há multidão” (em *A obra de Balzac*). Mas Brucia L. Dedinsky considera-a como um contraste de caráter cômico à tragédia de Luciano de Rubempré em *Ilusões perdidas* — em *A evolução da Comédia humana de Balzac* —, ao passo que este afunda no oceano de Paris, Gazonal consegue sustentar-se graças à benevolência de seus experimentados cicerones, Léon de Lora e Bixiou, que se empenham em mostrar-lhe os segredos de Paris e em diverti-lo.

O que importa na novela não são os caracteres, embora Gazonal seja um tipo de meridional bem-apanhado, nem as informações com que Balzac completa a biografia de alguns de seus heróis preferidos, embora o leitor fique satisfeito em reconhecer no ministro de Luís Felipe o pobre Rastignac da pensão Vauquer, mas os traços novos com que o

autor enriquece o retrato matizado de Paris, a qual, convém não esquecer-lo, é a personagem principal de *A comédia humana*.

É em *Os comediantes sem o saberem* que o romancista nos dá uma de suas definições mais originais de Paris, “um instrumento que é preciso saber tocar”, procurando analisar os elementos dessa atmosfera de segredo, de poder, de embriaguez e vertigem de que o nome da capital francesa vive rodeado, em parte precisamente por causa de Balzac.

Há na novela dois trechos muito importantes para a compreensão da obra balzaquiana: uma opinião atribuída a Bixiou — o qual mostra como o romancista, ao pintar os tipos eternos da humanidade, deve apresentá-los de acordo com os costumes da época, nas novas profissões e situações que lhes impõe a sociedade — e uma sentença de Bixiou contra os artistas que pretendem aproveitar esta ou aquela corrente política “fazendo-se os sustentáculos de um sistema”, quando “a opinião de um artista deve ser a fé nas suas obras”. Essas duas diretrizes seguiu-as Balzac em toda *A comédia humana*, e foi graças a elas que logrou conferir a esta, além do valor artístico, um valor incontestável de documento.

PAULO RÓNAI

OS COMEDIANTES SEM O SABEREM

AO SR. CONDE JULES DE CASTELLANE^[1]

I — QUANTOS PARISIENSES A PROVÍNCIA FORNECE A PARIS

Léon de Lora, nosso célebre pintor de paisagens, pertence a uma das mais nobres famílias do Roussillon, de origem espanhola e que se se recomenda pela antiguidade da raça, está, faz cem anos, votada à proverbial pobreza dos Hidalgos.

Tendo vindo para Paris, nos seus pés ágeis, do departamento dos Pireneus Orientais, com a quantia de onze francos como único viático, ele aqui esquecera, de algum modo, as misérias da sua infância e a família no meio das misérias que nunca falecem aos pintores, cuja única fortuna é uma intrépida vocação. Além disso, as preocupações de glória e de êxito foram outras causas de esquecimento.

Se têm acompanhado o curso sinuoso e caprichoso destes Estudos, é possível que se lembrem de Mistigris, discípulo de Schinner, um dos heróis de *Uma estreia na vida* (Cenas da vida privada), e de suas aparições em algumas outras Cenas.^[2]

Em 1845, o paisagista, êmulo dos Hobbema, dos Ruysdael, dos Lorrain,^[3] não se parecia mais com o precisado e travesso aprendiz de pintor que viram. Homem ilustre, ele possui uma deliciosa casa na Rue de Berlin, pouco distante do palácio de Brambourg, onde reside seu amigo Bridau^[4] e perto da casa de Schinner, seu primeiro mestre. É membro do Instituto e oficial da Legião de Honra, tem trinta e nove anos, vinte mil francos de renda, suas telas são pagas a peso de ouro, e, o que lhe parece mais extraordinário do que ser, às vezes, convidado para os bailes da corte, seu nome tantas vezes mencionado, em dezesseis anos, na imprensa da Europa, acabou por penetrar no vale dos Pireneus Orientais, onde vegetam três verdadeiros Lora, seu irmão mais velho, seu pai e uma velha tia paterna, a srta. Urraca y Lora.

Pelo lado materno, só resta ao célebre pintor um primo, sobrinho de sua mãe, de cinquenta anos de idade, que habita numa pequena cidade manufatureira do departamento. Esse primo foi o primeiro a lembrar-se de Léon.

Somente em 1840, Léon de Lora recebeu uma carta do sr. Silvestre Palafox-Castel-Gazonal (simplesmente conhecido por Gazonal), a quem respondeu que era efetivamente ele próprio, isto é, o filho da finada Leônia Gazonal, esposa do conde Fernão Didas y Lora.

O primo Silvestre Gazonal foi, quando chegou o verão de 1841, noticiar à ilustre família desconhecida dos Lora que o pequeno Léon não havia partido para o rio da Prata, como acreditavam, que lá não morrera, como acreditavam, e que era um dos mais belos gênios da escola francesa, o que não acreditaram. O irmão mais velho, dom João de Lora, disse ao primo Gazonal que ele estava sendo vítima de um trocista de Paris.

Ora, o supradito Gazonal tendo resolvido ir a Paris a fim de lá acompanhar um processo que, por um conflito, o prefeito dos Pireneus Orientais arrancara da jurisdição ordinária para transferi-lo ao Conselho de Estado, o provinciano a si mesmo prometeu elucidar o caso e tomar satisfações ao pintor parisiense por sua impertinência.

Aconteceu que o sr. Gazonal, hospedado num quarto miserável da Rue-Croix-des-Petits-Champs, ficou embasbacado ao ver o palácio da Rue de Berlin. Ao saber que o dono estava viajando pela Itália, renunciou momentaneamente a tomar as satisfações, e duvidou que o homem reconhecesse o parentesco materno.

II — O QUE NA MAIORIA DAS VEZES ATRAI OS PROVINCIANOS A PARIS

De 1843 a 1844 Gazonal acompanhou seu processo. Esse dissídio, relativo a uma questão de curso e de nível d'água, uma barragem a suprimir, em que tomava parte a administração, apoiada pelos ribeirinhos, ameaçava a própria existência da fábrica.

Em 1845, Gazonal considerava o processo completamente perdido, por lhe ter o referendário encarregado de fazer o relatório confiado que esse relatório seria contrário às suas conclusões, coisa que o seu advogado confirmou. Gazonal, conquanto comandante da Guarda Nacional de sua cidade e um dos mais hábeis fabricantes do departamento, sentia-se tão pouca coisa em Paris, ficou tão assustado com a carestia da vida ali e do preço das menores bagatelas que se conservou recolhido na sua mesquinha pensão.

Esse meridional, privado de sol, execrava Paris, por ele denominada uma fábrica de reumatismos. Ao somar as despesas do seu processo e de sua estada, jurou no seu regresso envenenar o prefeito ou minotaurizá-lo.^[5] Em seus momentos de tristeza, matava-o sem mais nem menos; nos momentos de alegria, contentava-se de minotaurizá-lo.

Uma manhã, no fim do almoço, ao mesmo tempo que praguejava, ele pegou com raiva o jornal. Estas linhas que terminavam um artigo: “Nosso grande paisagista Léon de Lora, tendo regressado da Itália, faz um mês, vai expor várias telas no Salão; assim, pois, a exposição será, como se vê, brilhantíssima...” impressionaram Gazonal, como se a voz que fala aos jogadores, quando eles ganham, lhas tivesse atirado ao

ouvido. Com a subitaneidade de ação que caracteriza a gente do Midi, Gazonal deu um pulo do hotel para a rua, da rua para um cabriolé e foi à Rue Berlin, à casa do primo.

Léon de Lora mandou dizer ao primo Gazonal que o convidava para almoçar no Café de Paris no dia seguinte, pois que, no momento, se achava ocupado de modo que não lhe permitia recebê-lo. Gazonal, como homem do Midi, contou ao criado de quarto todos os seus dissabores.

III — GAZONAL ALMOÇA PELA PRIMEIRA VEZ DE UM MODO CORRETO EM PARIS

No dia seguinte, às dez horas, Gazonal, bem-vestido demais para a ocasião (envergara sua casaca azul-cinza de botões dourados, uma camisa de bofes, um colete branco e luvas amarelas), esperou seu anfitrião trocando pernas durante uma hora no bulevar, depois de ter sabido do *cafeteiro* (nome dos proprietários de cafés, na província) que esses senhores almoçavam habitualmente entre onze horas e meio-dia.

— Cerca das onze e meia, dois parisienses, trajando simples levitas — dizia ele, quando contou suas aventuras à gente do seu pago —, e que tinham o ar de *qualquer coisa*, exclamaram ao ver-me no bulevar: “Aí está teu Gazonal!...”.

Esse interlocutor era Bixiou,^[6] de quem Léon de Lora se munira para trotar o primo.

— “Não se zangue, meu querido primo! Eu sou o seu”, exclamou o pequeno Léon, abraçando-me — contava Gazonal aos amigos, no seu regresso. — O almoço foi esplêndido. E eu pensei estar com a vista turva ao ver o número de moedas de ouro que custou o cardápio. Essa gente deve ganhar rios de dinheiro, porque meu primo deu trinta soldos ao garçom, a diária de um homem.

Durante esse almoço-monstro, porquanto nele foram consumidas seis dúzias de ostras de Ostende, seis costeletas *à la Soubise*, um frango *à la Marengo*, uma maionese de lagosta, ervilhas, fatias de pão com cogumelos, regado tudo com três garrafas de Bordeaux, três de Champagne, além das xícaras de café, dos licores, sem contar o *hors-d'oeuvre*, Gazonal esteve magnífico de facúndia contra Paris. O nobre fabricante queixou-se do comprimento dos pães de quatro libras, da altura das casas, da indiferença dos transeuntes uns para com os outros, do frio e da chuva, do custo exagerado dos meio-fiacres, e tudo isso tão espirituosamente que os dois artistas se tomaram de uma bela amizade por Gazonal e o fizeram relatar seu processo.

IV — NOTÁVEL SUMÁRIO DO PROCESSO DE GAZONAL CONTRA O PREFEITO

— Meu processo — disse ele reforçando guturalmente os *r* e acentuando tudo à moda provençal^[7] — é uma coisa bem simples: eles querem minha fábrica. Encontro aqui uma besta de advogado a quem dou vinte francos de cada vez para abrir os olhos, e sempre o encontro dormindo... É uma lesma que roda em carro e eu ando a pé, ele me logra indignamente, eu não faço outra coisa senão o trajeto de um lado para o outro, e vejo que deveria ter tomado um carro... Aqui só se olha para as pessoas que se escondem dentro dos carros!... Por outro lado o Conselho de Estado é uma corja de vagabundos, que deixam seu trabalho ser feito por pequenos patifes subornados pelo nosso prefeito... É isso o meu processo!... Eles querem a minha fábrica e eles a terão!... E se arranjarão com os meus operários que são uns cem e os farão mudar de opinião a golpes de relho...

— Diga-me, primo — perguntou o paisagista —, desde quando está aqui?

— Já faz dois anos!... Ah! A questão do prefeito ele a pagará bem caro, lhe tirarei a vida, e dou a minha à corte criminal...

— Qual é o conselheiro de Estado que preside à sessão?

— Um antigo jornalista que não vale dez soldos, e se chama Massol!

Os dois parisienses trocaram um olhar.

— E o relator?...

— Mais patife ainda! É um referendário, professor de alguma coisa na Sorbonne, que escreveu numa revista, e pelo qual professo um menosprezo profundo...

— Cláudio Vignon — disse Bixiou.

— É isso — respondeu o meridional —, Massol^[8] e Vignon,^[9] eis a razão social, sem razão, do meu prefeito.

— Há recurso — disse Léon de Lora. — Vês, primo, em Paris tudo é possível, tanto para o bem como para o mal, para o justo e o injusto. Aqui tudo se faz, tudo se desfaz, tudo se refaz.

— Diabos me levem se eu fico mais dez segundos... É a região mais aborrecida da França.

V — O RATO

Nesse momento, os dois primos e Bixiou passeavam de uma extremidade à outra daquele lençol de asfalto no qual, entre uma e duas horas, é difícil não ver passar algumas das personagens para as quais a França emboca uma ou outra das suas trombetas. Antigamente, foi a Place Royale, depois a Pont Neuf que tiveram esse privilégio, hoje propriedade do Boulevard des Italiens.

— Paris — disse então o paisagista ao primo — é um instrumento que é preciso saber tocar; e, se ficarmos aqui dez minutos, vou dar-te uma aula. Repara, olha ali — disse levantando a bengala e designando

um casal que saía da Passage de l'Opéra.

— O que é aquilo? — perguntou Gazonal.

Aquilo era uma mulher velha que trazia um chapéu que ficara seis meses no mostrador, com um vestido muito pretensioso, um xale de xadrez, desbotado, cujo rosto permanecera durante vinte anos num cubículo úmido, cuja cesta muito inchada não indicava uma posição social melhor do que a da ex-porteira; e mais uma meninota esbelta e franzina, cujos olhos cercados de cílios pretos não tinham mais inocência, cuja tez revelava uma grande fadiga, mas cujo rosto de um bonito traçado era viçoso e cuja cabeleira devia ser abundante, a fronte encantadora e audaz, o busto magro; em duas palavras, uma fruta verde.

— Aquilo — respondeu-lhe Bixiou — é um rato enquadrado pela mãe.

— Um rato? Que é isso?

— Esse rato — disse Léon, o qual fez um aceno de cabeça amigável à srta. Ninette — pode fazer-te ganhar teu processo.

Gazonal saltou, mas Bixiou o retinha pelo braço desde a saída do café, porque lhe achava o rosto um pouco avermelhado demais.

— Esse rato, que sai de um ensaio da Ópera, volta para comer um triste jantar, e voltará dentro de três horas para se vestir, se tomar parte esta noite no bailado, porque hoje é segunda-feira. Esse rato tem treze anos, já é um rato velho. Daqui a dois anos, essa criatura valerá sessenta mil francos na praça, ou não será nada, ou será tudo, uma grande dançarina ou uma *marcheuse*, um nome célebre ou uma vulgar cortesã. Trabalha desde a idade de oito anos. Tal como a vês, está esgotada de cansaço, esfalfou o corpo hoje de manhã na lição de dança, sai de um ensaio onde as evoluções são tão difíceis como as combinações de um quebra-cabeça chinês; voltará logo à noite. O rato é um dos elementos da Ópera, porquanto está para a primeira bailarina como o ajudante mais moço está para o tabelião. O rato é a esperança.

— Quem produz o rato? — perguntou Gazonal.

— Os porteiros, os pobres, os atores, os dançarinos — respondeu Bixiou. — Somente a mais profunda miséria pode aconselhar a uma criança de oito anos que entregue seus pés e suas articulações aos mais duros suplícios, a não dar um mau passo até os dezesseis ou dezoito anos, unicamente por especulação, e a se pôr no costado uma horrível velha como se põe estrume à roda de uma flor bonita.

VI — A ÓPERA VISTA DOS BULEVARES

— Vais ver desfilarem umas após outras todas as pessoas de talento, pequenas e grandes, artistas em botão ou em flor, que erguem, para a glória da França, esse monumento de todos os dias chamado a Ópera, reunião de forças, de vontades, de gênios que não se encontram senão

em Paris...

— Eu já vi a Ópera — disse Gazonal com ar imponente.

— Da tua banqueta, por três francos e sessenta cêntimos — replicou o paisagista —, como viste Paris, na Rue Croix-des-Petits-Champs... sem saber nada dela... Que levavam na Ópera quando foste?

— *Guilherme Tell*.^[10]

— Bem — replicou o paisagista —; o grande dueto de Matilde deve ter-te agradado. Pois bem, na tua opinião, em que deve ter-se ocupado a cantora ao sair da cena?

— Ela se... em quê?

— Em sentar-se para comer duas costeletas de carneiro mal-assadas que seu criado tinha prontas...

— Ah!

— A Malibran^[11] sustentava-se com aguardente, e foi o que a matou... Outra coisa! Viste o bailado; vais revê-lo desfilando por aqui, nos simples trajes da manhã, sem que saibas que teu processo depende de algumas daquelas pernas.

— Meu processo!...

VII — DA MARCHEUSE E DA SUA INFLUÊNCIA

— Olha, primo, eis o que se chama uma *marcheuse*.

Léon mostrou uma dessas soberbas criaturas que, aos vinte e cinco anos, já viveram sessenta, de uma beleza tão real e tão certa de ser cultivada que não a mostram. Era alta, caminhava bem, tinha o olhar seguro de um dândi, e sua *toilette* recomendava-se por uma simplicidade ruínosa.

— É Carabina^[12] — disse Bixiou, que, assim como o pintor, fez uma leve saudação de cabeça, à qual Carabina respondeu com um sorriso.

— Mais uma que pode fazer destituir teu prefeito.

— Uma *marcheuse*!, mas que vem a ser?

— A *marcheuse* é um rato de grande beleza vendido pela mãe, falsa ou verdadeira, no dia em que ela não se pode tornar nem primeira, nem segunda, nem terceira figura de bailado, e em que preferiu o estado de corifeu a um outro qualquer, pelo grande motivo que após o emprego de sua juventude ela não podia dedicar-se a outro; terá sido repelida nos pequenos teatros onde se necessitam bailarinas, não terá tido êxito nas três cidades da França em que se exibem bailados, não terá tido o dinheiro ou o desejo de ir para o estrangeiro, porque, fique sabendo, a grande escola de dança de Paris fornece dançarinos e dançarinas para o mundo inteiro. Por isso, para que um rato se torne *marcheuse*, isto é, *figurante* da dança, é preciso que tenha tido algum sólido laço que a prendesse em Paris, um homem rico a quem ela não amava ou um pobre rapaz a quem ela amava demais. Essa que viu passar, que se

despedirá e tornará a vestir-se três vezes esta noite, de princesa, de camponesa, de tirolesa etc., ganha uns duzentos francos por mês.

— Ela está mais bem-vestida do que a nossa prefeita.

— Se você fosse à casa dela — disse Bixiou —, veria lá uma camareira, uma cozinheira e uma criada; ela ocupa um magnífico apartamento na Rue Saint-Georges; é, enfim, dentro das proporções das fortunas francesas de hoje para as antigas, o remanescente das *raparigas da Ópera* do século XVIII. Carabina é uma potência, neste momento ela governa Du Tillet,^[13] um banqueiro muito influente na Câmara...

VIII — ONDE GAZONAL COMEÇA A PERCEBER QUE NADA VIU NOS SEUS DEZOITO MESES DE PARIS

— E acima desses dois degraus do bailado, que há mais? — perguntou Gazonal.

— Olha! — disse-lhe o primo mostrando-lhe uma caleça elegante que passava no extremo do bulevar, na Rue Grange-Batelière. — Eis uma das *primeiras figuras* da dança, cujo nome no cartaz atrai Paris em peso, e que ganha sessenta mil francos por ano e vive com uma princesa: o valor de tua fábrica não te bastaria para comprar o direito de dizer-lhe trinta vezes bom-dia.

— Ora essa, eu me direi a mim mesmo bom-dia, e não será tão caro!

— Não vê — disse-lhe Bixiou —, na parte da frente da caleça aquele belo rapaz? É um visconde que tem um belo nome, é seu primeiro gentil-homem de câmara, o que trata dos assuntos dela nos jornais, que leva palavras de paz ou de guerra, pela manhã, ao diretor da Ópera, ou que se ocupa dos aplausos com que é saudada, quando ela entra em cena, ou quando sai.

— Isto, meus senhores, é o golpe de misericórdia; eu não suspeitava nada de Paris.

IX — COMO PODE ALGUÉM DIVERTIR-SE EM PARIS

— Pois, meu caro, saiba pelo menos tudo o que se pode ver em dez minutos no Passage de l'Opéra. Olhe!... — disse Bixiou.

Duas pessoas desembocavam naquele momento da passagem, um homem e uma mulher. Esta não era feia nem bonita, sua *toilette* tinha distinção de forma, de corte e de cor que revela uma artista, e o homem tinha muito o ar de um cantor.

— Ali está — disse Bixiou — um barítono e uma *segunda figura* da dança. O barítono é um homem de imenso talento, mas, sendo a parte do barítono um acessório nas partituras, ele ganha apenas o que ganha a bailarina. Célebre antes do aparecimento da Taglioni e da Elssler,^[14]

conservou entre nós a dança de caráter, a mímica; se as outras duas não tivessem revelado na dança uma poesia até então não percebida, esta seria um talento de primeira plana; hoje, porém, está na segunda fila; não obstante, ela embolsa seus trinta mil francos e tem como amigo fiel um par de França muito influente na Câmara. Veja! Aqui está a bailarina de terceira ordem, uma bailarina que só existe graças à influência todopoderosa de um jornal. Se seu contrato não tivesse sido renovado, o ministério teria sobre os ombros mais um inimigo. Na Ópera, o corpo de bailado é a grande potência: por isso é de melhor tom, nas altas esferas do dandismo e da política, ter relações com a dança do que com o canto. Nas poltronas de primeiras filas, onde se mantêm os frequentadores da Ópera, estas palavras: “Esse é pelo canto”, são uma espécie de sarcasmo.

Um homenzinho de cara comum, vestido simplesmente, passou por ali.

— Finalmente, aí passa a outra metade da receita da Ópera, o tenor. Não há mais possibilidade de poema, nem de música, nem de representação sem um tenor célebre, cuja voz alcance até determinada nota. O tenor é o amor, é a voz que atinge o coração, que vibra na alma, e isso se traduz por honorários superiores aos de um ministro. Cem mil francos por uma garganta, cem mil francos por um par de tornozelos, eis os dois flagelos financeiros da Ópera.

— Estou aturdido — disse Gazonal — com todos os cem mil francos que passeiam por aqui.

— Vais ficar muito mais aturdido, caro primo; acompanhe-nos... Vamos pegar Paris como um artista pega um violoncelo, e fazer-te ver como se toca, enfim, como a gente se diverte em Paris.

— É um caleidoscópio de sete léguas de circunferência! — exclamou Gazonal.

X — UM GERENTE DE JORNAL

— Antes de pilotar o amigo, preciso ver Gaillard^[15] — disse Bixiou.

— Mas Gaillard nos pode ser útil para o primo.

— Que vem a ser essa outra máquina? — perguntou Gazonal.

— Não é uma máquina! É um maquinista. Gaillard é um amigo nosso, que acabou sendo gerente de um jornal e cujo caráter, bem como sua caixa, se recomendam por movimentos comparáveis aos das marés. Gaillard pode contribuir para fazer com que ganhes teu processo.

— Já está perdido...

— Pois então é bem o momento de ganhá-lo! — respondeu Bixiou.

Em casa de Teodoro Gaillard, instalado naquele tempo na Rue de Ménars, o criado de quarto fez os três amigos esperarem num gabinete, dizendo-lhes que o patrão estava numa conferência secreta.

— Com quem? — perguntou Bixiou.

— Com um homem que lhe está vendendo o encarceramento de um devedor inatingível — respondeu uma mulher magnífica que se apresentou numa deliciosa *toilette* matinal.

— Nesse caso, querida Suzana, nós podemos entrar — disse Bixiou.

— Oh! Que bela criatura! — exclamou Gazonal.

— É a sra. Gaillard — disse-lhe Léon de Lora, o qual falava ao ouvido do primo. — Estás vendo, meu caro, a mulher mais modesta de Paris: tinha o público, contentou-se com um marido.

— *Que quereis, senhores meus?* — disse o facecioso gerente, imitando Frédérick Lemaître,^[16] ao ver seus dois amigos.

Teodoro Gaillard, outrora homem de espírito, acabara tornando-se estúpido, por permanecer no mesmo ambiente, fenômeno moral que se observa em Paris. Seu maior prazer consistia então em semear seu diálogo de termos tirados das peças em voga e pronunciados com o acento que lhes foram dados pelos atores célebres.

— Aqui estamos para *charlar* — respondeu Léon.

— *Ainda, rapaiz!* (com a pronúncia de Odry em *Os saltimbancos*).^[17]

XI — UM HOMEM DA POLÍCIA

— Enfim, na certa, que o agarraremos — disse o interlocutor de Gaillard, à guisa de conclusão.

— Tem certeza disso, tio Fromenteau? — perguntou Gaillard —; já são onze vezes que o temos segurado à noite e pela manhã ele lhe escapa.

— Que quer! Nunca vi devedor como esse; é uma locomotiva, adormece em Paris e acorda em Seine-et-Oise. É uma *fechadura de segredo*.

Ao ver um sorriso nos lábios de Gaillard, acrescentou:

— Diz-se assim na *nossa canoa*. *Pichar* um homem, *encafuar* um homem é prendê-lo. Na polícia judiciária os termos são outros. Vidocq^[18] dizia ao seu freguês: *Estás servido*. É mais engraçado, porque se trata da guilhotina.

A uma cotovelada que lhe deu Bixiou, Gazonal arregalou os olhos e apurou o ouvido.

— O senhor não engraxa os gadanhos? — perguntou Fromenteau em tom ameaçador, embora frio.

— Trata-se de cinquenta cêntimos (Odry em *Os saltimbancos*) — respondeu o gerente pegando cinco francos e entregando-os a Fromenteau.

— E para a canalha?... — perguntou o homem.

— Qual? — indagou Gaillard.

— Os que emprego — replicou Fromenteau tranquilamente.

— Há gente por baixo? — perguntou Bixiou.

— Sim, senhor — respondeu o espião. — Há os que dão informações sem saber e sem se fazerem pagar. Coloco os tolos e os idiotas abaixo da canalha.

— A canalha é muitas vezes bela e espirituosa! — exclamou Léon.

— O senhor então é da polícia? — perguntou Gazonal olhando com inquieta curiosidade aquele homenzinho seco, impassível e trajado como um terceiro ajudante de oficial de justiça.

— De qual fala o senhor? — disse Fromenteau.

— Há então várias?

— Já houve até cinco — replicou Fromenteau. — A Polícia Judiciária, cujo chefe foi Vidocq! A contrapolicia, cujo chefe nunca se sabe quem é. A Polícia Política, de Fouché.^[19] Depois a dos Negócios Estrangeiros e a do Castelo (o imperador, Luís XVIII etc.), que vivia brigando com a do Quai Malaquais.^[20] Isso acabou com o sr. Decazes.^[21] Eu pertencia à de Luís XVIII, desde 1793, com o pobre Contenson.^[22]

Léon de Lora, Bixiou, Gazonal e Gaillard olharam todos uns para os outros exprimindo o mesmo pensamento: “Quantos pescoços terá ele feito cortar?”.

— Agora querem trabalhar sem nós, uma asneira! — disse após uma pausa aquele homenzinho que por um momento se tornara tão terrível. — Na Prefeitura, desde 1830, eles querem gente de bem; eu pedi minha demissão, e me arrumei um *pinga-pinga* com a detenção por dívidas.

— É o braço direito dos guardas do comércio — disse Gaillard ao ouvido de Bixiou —; mas nunca se pode saber quem o paga melhor, se o devedor, se o credor.

— Quanto mais canalha é um ofício, mais probidade exige — disse Fromenteau, sentenciosamente —; sou daquele que me paga mais. O senhor quer cobrar cinquenta mil francos e regateia com os meios de ação. Dê-me quinhentos francos e amanhã de manhã seu homem estará *encafuado*, porque ontem nós o *amarramos*.

— Quinhentos francos só para você? — exclamou Teodoro Gaillard.

— Lisette está sem xale — respondeu o espião sem que se lhe movesse um músculo do rosto —; eu chamo-a de Lisette por causa de Béranger.^[23]

— O senhor tem uma Lisette e fica na sua *canoa*? — exclamou o virtuoso Gazonal.

— É tão divertido! Por mais que gabem a pesca e a caça, encurralar o homem em Paris é um ramo bem mais interessante.

— Afinal de contas — disse Gazonal, falando alto consigo mesmo —, é preciso que eles tenham grande habilidade.

— Se eu fosse enumerar as qualidades que tornam um homem notável na nossa *canoa* — disse-lhe Fromenteau, cujo rápido golpe de vista lhe fizera compreender Gazonal dos pés à cabeça —, o senhor

acreditaria que eu me refiro a um homem de gênio. Pois não precisamos de vista de um lince? — Audácia (entrar como bombas nas casas, abordar as pessoas como se fossem nossas conhecidas, propor infâmias que são sempre aceitas etc.) — Memória. — Sagacidade. — Gênio inventivo (conceber ardis rapidamente, nunca os mesmos, porque a espionagem se amolda sobre os caracteres e os hábitos de cada um); é um dom celeste. — Enfim, agilidade, força etc. Todas essas faculdades, senhor, estão pintadas na porta do Gymnase Amoros,^[24] como sendo a virtude! Devemos ter tudo isso, sob pena de perder o ordenado de cem francos por mês que nos dá o Estado, à Rue de Jérusalem,^[25] ou o guarda do comércio.

— E o senhor parece-me um homem notável — disse-lhe Gazonal.

Fromenteau olhou o provinciano sem lhe responder, sem dar mostra de emoção, e retirou-se sem cumprimentar ninguém. Um verdadeiro rasgo de gênio!

— Que dizes, primo? Acabas de ver a encarnação da polícia — disse Léon a Gazonal.

— Isso faz-me o efeito de um digestivo — respondeu o honrado fabricante, enquanto Gaillard e Bixiou conversavam em voz baixa.

— Dar-te-ei a resposta esta noite em casa de Carabina — disse Gaillard em voz alta, voltando a sentar-se à sua escrivaninha, sem ver nem cumprimentar Gazonal.

— É um impertinente! — exclamou o meridional na soleira da porta.

— O jornal dele tem vinte e dois mil assinantes — disse Léon de Lora. — É uma das cinco grandes potências do dia, e não tem tempo, de manhã, para ser cortês...

XII — A COMÉDIA GRÁTIS

— Se temos de ir à Câmara para arrumar o processo dele, tomemos o caminho mais comprido — disse Léon a Bixiou.

— As palavras proferidas pelos grandes homens são como as colheres de prata dourada, que o uso deslustra; à força de serem repetidas perdem todo o brilho — replicou Bixiou —; mas aonde iremos?

— Aqui perto, em casa do nosso chapeleiro — respondeu Léon.

— Bravo! — exclamou Bixiou. — Se continuarmos assim, é possível que tenhamos um dia divertido.

— Gazonal — disse Léon —, eu o farei *pavonear-se* para ti; somente, é preciso que fiques sério como o rei numa moeda de cinco francos, porque vais ver de graça um original famoso, um homem a quem sua importância fez perder o juízo. Hoje, meu caro, todo o mundo quer cobrir-se de glória, e muitos se cobrem de ridículo; daí caricaturas vivas completamente novas...

— Quando todos tiverem a glória, como será possível distinguirem-se uns dos outros? — perguntou Gazonal.

— A glória?... Será a de ser um tolo — respondeu-lhe Bixiou. — Seu primo está condecorado, eu estou bem-vestido: é a mim que olham.

Ante essa observação, que pode explicar o motivo pelo qual os oradores e demais grandes homens políticos não colocam mais nada na lapela de sua casaca, em Paris, Léon fez Gazonal ler, em letras de ouro, o nome ilustre de VITAL, SUCESSOR DE FINOT,^[26] *fabricante de chapéus* (e não *chapeleiro*, como em outros tempos), cujos anúncios rendem para os jornais tanto dinheiro quanto os de três vendedores de pílulas ou de pralinas, e, ademais, autor de um pequeno escrito relativo a chapéus.

— Meu caro — disse Bixiou a Gazonal, mostrando-lhe os esplendores da vitrina —, Vital tem quarenta mil francos de renda.

— E continua chapeleiro! — exclamou o meridional quebrando o braço de Bixiou num sobressalto violento.

— Vais ver o homem — respondeu Léon. — Precisas de um chapéu, vais ter um grátis.

— Não está o sr. Vital? — perguntou Bixiou, que não viu ninguém no balcão.

— Ele está corrigindo suas provas no seu gabinete — respondeu o primeiro caixeiro.

— Heim? Que estilo! — disse Léon ao primo.

Depois, dirigindo-se ao primeiro caixeiro:

— Poderemos falar-lhe sem prejudicar suas inspirações?

— Deixe esses senhores entrar — disse uma voz.

Era uma voz burguesa, a voz de um elegível, uma voz poderosa e endinheirada.

E Vital dignou-se a aparecer, trajado todo de preto e decorado de uma magnífica camisa ornada com um diamante. Os três amigos viram uma mulher jovem e bonita sentada à escrivaninha, trabalhando num bordado.

XIII — RETRATO DE UM PEQUENO GRANDE HOMEM

Vital é um homem de trinta a quarenta anos, de uma jovialidade primitiva interiorizada sob a pressão de suas ideias ambiciosas. E favorecido por uma estatura média, privilégio das belas organizações. Bastante gordo, cuida bem da sua pessoa; sua fronte começa a desguarnecer-se, mas ele auxilia essa calvície para dar-se ares de um homem devorado pelo pensamento. Vê-se, pelo modo que o olha e escuta sua esposa, que ela acredita no gênio e na ilustração do marido. Vital gosta dos artistas, não que tenha apreço pelas artes, mas por confraternidade; pois julga-se um artista e o faz pressentir por negar-se esse título de nobreza, colocando-se com premeditação constante a

uma enorme distância das artes para que lhe digam: “Mas o senhor elevou o chapéu à altura de uma ciência”.

— Achou, afinal, um chapéu para mim? — perguntou o paisagista.

— Como, senhor, em quinze dias — respondeu Vital —, e para o senhor!... Serão suficientes dois meses para encontrar a forma que convém à sua fisionomia! Olhe, aqui está a sua litografia, já a estudei bastante! Não me daria tanto trabalho por um príncipe; mas o senhor é mais, pois é um artista! E me compreende, meu caro senhor!

— Aqui está um dos nossos maiores inventores, um homem que seria grande como Jacquart^[27] se consentisse em se deixar morrer um pouco — disse Bixiou, apresentando Gazonal. — Nosso amigo, fabricante de tecidos, descobriu o meio de tornar a encontrar o índigo da roupa velha azul, e ele queria vê-lo como um grande fenômeno, porque o senhor disse: *O chapéu é o homem*.^[28] Esse dito o encantou. Ah! Vital, o senhor possui a fé! O senhor crê em alguma coisa, o senhor apaixonou-se pela sua obra.

Vital quase não ouvia, ficara pálido de gozo.

— De pé, minha mulher!... Este senhor é um príncipe da ciência.

A sra. Vital levantou-se a um gesto do marido. Gazonal saudou-a.

— Terei a honra de cobrir-lhe a cabeça? — disse Vital com alegre obsequiosidade.

— O mesmo preço que para mim — disse Bixiou.

— Já se deixa ver; como único honorário nada mais peço do que o prazer de ser algumas vezes citado pelos senhores. Para o amigo é necessário um chapéu pitoresco, no gênero do do sr. Lousteau^[29] — disse ele olhando para Bixiou com ar magistral. — Vou refletir nisso.

XIV — QUESTÃO VITAL

— O senhor se dá muito trabalho — disse Gazonal ao industrial de Paris.

— Oh! Somente para algumas pessoas, para as que sabem dar valor aos meus cuidados. Veja, na aristocracia, não há senão um homem que tenha compreendido o chapéu; é o príncipe de Béthune.^[30] Como é possível que os homens não se lembrem, como o fazem as mulheres, que o chapéu é a primeira coisa que impressiona o olhar no vestuário, e não pensem em modificar o sistema atual que, digamo-lo, é ignóbil? Mas o francês, é, de todos os povos, o que mais persiste numa asneira! Conheço bem as dificuldades, senhores! Não falo dos meus escritos sobre o assunto, que julgo ter encarado como filósofo. Falo unicamente como chapeleiro; somente eu descobri os meios de acentuar o infame chapéu de que a França se serve, até que eu consiga derrubá-lo.

Mostrou o horrível chapéu que hoje se usa.

— Aqui está o inimigo, senhores — continuou. — E dizer que o povo

mais inteligente da terra consente em trazer na cabeça esse pedaço de cano de chaminé! Disse um dos nossos escritores... Aqui estão todas as inflexões que pude dar a essas horríveis linhas — acrescentou, mostrando uma a uma *suas criações*. — Mas, embora eu saiba adaptá-las ao caráter de cada um, como estão vendo, pois aqui está o chapéu de um médico, o de um merceeiro, o de um dândi, o de um artista, o de um homem gordo, o de um homem magro, é sempre horrível! Compreendem bem todo o meu pensamento?...

Pegou um chapéu de copa baixa e de abas largas.

— Eis aqui o antigo chapéu de Cláudio Vignon, grande crítico, homem livre e vivedor... Ele adere ao ministério e o nomeiam professor, bibliotecário, não trabalha mais senão nos *Débats*,^[31] é feito referendário, tem dezesseis mil francos de ordenado, ganha quatro mil francos no seu jornal, é condecorado... Pois bem, eis seu novo chapéu!

E Vital mostrou um chapéu de um corte e de um feitio verdadeiramente meio-termo.^[32]

— O senhor deveria ter-lhe feito um chapéu de polichinelo! — exclamou Gazonal.

— O senhor é um homem de gênio da cabeça aos pés, sr. Vital — disse Léon.

Vital inclinou-se sem perceber o trocadilho.

XV — O LUSTRE DOS CASTORES

— Poderia dizer-me por que motivo suas lojas ficam abertas por último, à noite, em Paris, mesmo depois dos cafés e dos botequins? Realmente, isso me intriga — perguntou Gazonal.

— Em primeiro lugar, nossas lojas são mais bonitas iluminadas do que durante o dia; em segundo, por dez chapéus que vendemos durante o dia, vendem-se cinquenta à noite.

— Tudo em Paris é esquisito — disse Léon.

— Pois bem, apesar dos meus esforços e dos meus triunfos — continuou Vital prosseguindo o curso do elogio próprio —, é preciso chegarmos ao chapéu de copa redondo. É para aí que me inclino!...

— Qual é o obstáculo? — perguntou-lhe Gazonal.

— O barato, senhor! Primeiro apresentam-se belos chapéus de seda a quinze francos, o que mata o nosso comércio, porquanto em Paris nunca se tem quinze francos para dar por um chapéu novo. Se o castor custa trinta francos, é sempre o mesmo problema. Quando digo castor, é preciso ver que não se comprem mais de dez libras de pelo de castor na França. Esse artigo custa trezentos e cinquenta francos a libra; para um chapéu precisa-se uma onça. Aliás, o chapéu de castor não vale nada: esse pelo pega mal a tinta, envermelhece com dez minutos de sol, e o chapéu fica amolgado com o calor. O que nós chamamos de *castor* é

pura e simplesmente pelo de lebre. As boas qualidades são feitas com o dorso do animal, as segundas com o flancos, e a terceira com o ventre. Digo-lhes o segredo do ofício, porque os senhores são pessoas de bem. Mas quer tenhamos lebre ou seda na cabeça, quinze ou trinta francos, o problema é sempre insolúvel. É sempre preciso pagar o chapéu, e eis aí o motivo pelo qual o chapéu permanece sendo o que é. A honra da França vestimental estará salva no dia em que os chapéus cinzentos de copa redonda custarem cem francos! Poderemos então, como os alfaiates, fiar. Para chegar a esse resultado seria preciso que se decidissem a usar a fivela e a fita de ouro, a pluma, os reversos de cetim, como no reinado de Luís XIII e de Luís XIV. Nosso comércio, enveredando então pela fantasia, decuplicaria. O mercado mundial pertenceria à França como para as modas femininas, às quais Paris dará sempre o tom; ao passo que o nosso chapéu atual pode ser fabricado em toda a parte. Há dez milhões de dinheiro estrangeiro a conquistar anualmente para nosso país nesse assunto...

— É uma revolução! — disse-lhe Bixiou bancando o entusiasta.

— Sim, radical, porque é preciso mudar a forma.

— O senhor é feliz ao modo de Lutero — disse Léon, que cultivava sempre o trocadilho —, sonha com uma reforma.

— Sim, senhor. Ah! Se doze ou quinze artistas, capitalistas ou dândis que dão o tom, quisessem ter coragem durante vinte e quatro horas, a França ganharia uma bela batalha comercial! Olhe, digo-o à minha mulher: “Para triunfar, eu daria a minha fortuna!”. Sim, toda a minha ambição é regenerar a coisa e desaparecer!...

— Esse homem é colossal — disse Gazonal ao sair —, mas asseguro-lhes que todos os vossos originais têm qualquer coisa de meridional...

XVI — UMA MULHER DE RECURSOS

— Vamos por ali — disse Bixiou, designando a Rue Saint-Marc.

— Vamos ver outra coisa...

— Vai ver a usurária dos ratos, das *marcheuses*, uma mulher que possui tantos segredos horríveis quantos os vestidos que você enxergar pendurados por trás da vitrina dela — disse Bixiou.

E mostrava uma dessas tendas cujo desleixo constitui uma mancha entre as deslumbrantes lojas modernas. Era uma loja cuja fachada fora pintada em 1820 e que uma falência deixara, com certeza, ao proprietário da casa num estado suspeito; a cor desaparecera sob uma dupla camada impressa pelo tempo e abundantemente espessada pela poeira: os vidros estavam sujos, o trinco da porta girava por si mesmo, como acontece em todos os lugares de onde se sai mais depressa do que se entrou.

— Que diz a isto, não é a prima da morte? — disse o desenhista ao

ouvido de Gazonal mostrando-lhe ao balcão uma horrível megera. — Pois bem, chama-se sra. Nourrisson.^[33]

XVII — FINOS CONTRA FINOS

— Minha senhora, quanto custa esta guipura? — perguntou o fabricante, que queria competir na troça com os dois amigos.

— Para o senhor que vem de longe, não custa mais do que cem escudos.

Ao notar um cabriolé peculiar aos meridionais, ela acrescentou com ar compenetrado:

— Isto vem da pobre princesa de Lamballe.^[34]

— Como! Tão perto do castelo? — exclamou Bixiou.

— *Eles* não acreditam nisso, senhor — respondeu ela.

— Senhora, não viemos para comprar — disse audazmente Bixou.

— Estou vendo perfeitamente, senhor — replicou a sra. Nourrisson.

— Temos várias coisas para vender — disse o ilustre caricaturista prossequindo —, moro na Rue Richelieu, 112, no sexto andar. Se a senhora quiser passar por lá daqui a pouco, poderá fazer um negócio notável...

— O senhor deseja algumas alnas de musselina bem usadas? — perguntou ela sorrindo.

— Não, trata-se de um vestido de casamento — respondeu gravemente Léon de Lora.

XVIII — UMA CENA DE OUTRA COMÉDIA

Um quarto de hora depois, a sra. Nourrisson foi efetivamente à casa de Bixiou, o qual, para rematar aquela pilhéria, levava consigo Léon e Gazonal; a sra. Nourrisson encontrou-os sérios como autores cuja colaboração não obtém todo o êxito que merece.

— Senhora — disse-lhe o intrépido mistificador mostrando-lhe um par de chinelas de mulher —, eis algo que vem da imperatriz Josefina.

Havia que devolver à sra. Nourrisson o troco da sua princesa de Lamballe.

— Isto? — disse ela. — É deste ano, veja a marca embaixo!

— Não percebe que estas chinelas são um prefácio — disse Léon —, embora sejam habitualmente uma conclusão de romance?

— Este meu amigo — disse Bixiou designando o meridional —, num imenso interesse de família, desejaria saber se uma jovem criatura, de uma boa, de uma rica família e que ele deseja desposar, deu um mau passo.

— Quanto me pagará o senhor? — perguntou ela olhando para Gazonal, que já não se espantava de mais nada.

— Cem francos — disse o fabricante.

— Muito obrigado! — disse ela careteando uma recusa capaz de fazer o desespero de um macaco.

— Mas, então, o que quer, minha simpática sra. Nourrisson? — perguntou Bixiou enlaçando-lhe a cintura.

— Antes de mais nada, meus caros senhores, desde que trabalho, nunca vi ninguém, nem homem nem mulher, regateando a felicidade! E ademais, os senhores são três trocistas — disse ela deixando pairar um sorriso nos seus lábios frios e reforçando-o com um olhar gelado, numa desconfiança de gata. — Se não se trata de sua felicidade, trata-se da sua fortuna; e, nas alturas em que estão alojados, regateia-se ainda menos um dote. Vejamos — disse ela afetando um ar dengoso —, de que se trata, meus cordeirinhos?

— Da casa Beunier e Cia. — respondeu Bixiou, muito desejoso de saber o que deveria pensar relativamente a alguém que o interessava.

— Oh! Para isso — replicou ela — basta um luís...

— E como?

— Tenho todas as joias da mãe; e de três em três meses ela se vê em apuros, fique sabendo! Ela se vê atrapalhada para trazer-me os juro do que lhe emprestei. Quer casar-se para essas bandas, seu pateta? — disse ela. — Dê-me quarenta francos e eu dou à língua por mais de cem escudos.

Gazonal fez reluzir uma moeda de quarenta francos e a sra. Nourrisson relatou detalhes apavorantes a respeito da miséria secreta de algumas mulheres *comme il faut*. A vendedora, desatada pela conversa, desenhou-se. Sem trair nenhum nome, nenhum segredo, ela fez estremecer os dois artistas, demonstrando-lhes que em Paris se encontravam poucas felicidades que não estivessem alicerçadas nas bases vacilantes do empréstimo. Nas suas gavetas ela possuía finadas avós, filhos vivos, maridos falecidos, netas mortas, lembranças cercadas de ouro e brilhantes! Ela ficou sabendo pavorosas histórias fazendo seus fregueses falar uns dos outros, arrancando-lhes seus segredos nos momentos de exaltação, de brigas, de cóleras, e nessas preparações anódinas que um empréstimo exige para ser concluído.

— Como foi levada a praticar esse comércio? — perguntou Gazonal.

— Para meu filho — disse ela com ingenuidade.

Quase sempre as adelas de roupas justificam seu negócio por meio de razões cheias de belos motivos. A sra. Nourrisson apresentou-se como tendo perdido vários pretendentes, três filhas que se transviaram, enfim, todas as suas ilusões! Mostrou, como sendo seus mais belos haveres, recibos do Monte de Socorro, a fim de demonstrar quanto seu comércio comportava espigas. Afirmou estar apertada no próximo dia 30. *Roubavam-na* muito, disse ela.

Ao ouvirem aquele termo um pouco forte, os dois artistas se

entreolharam.

XIX — PARIS DO PONTO DE VISTA DA DÍVIDA

— Olhem, meus filhos, vou mostrar-lhes como nos engazopam. Não se trata de mim, mas da minha vizinha de em frente, sra. Mahuchet, a sapateira de mulheres. Eu tinha emprestado dinheiro a uma condessa, uma mulher que tem paixões demais, tendo em vista as suas rendas. Uma mulher dessas se espaneja em cima de lindos móveis, num apartamento magnífico! Aquilo dá recepções, e faz, como dizemos, uma bagunça de mil demônios. Pois deve trezentos francos à sapateira, e dava um jantar, um sarau, ainda anteontem. A sapateira, que teve notícia disso pela cozinheira, veio procurar-me: nós nos exaltamos, ela queria dar um escândalo; eu, porém, lhe digo: “Que adianta isso, mãezinha Mahuchet? Só serve para criar um inimigo. É melhor obter boas garantias. *Para uma tratante, tratante e meia!* E a gente poupa a sua bile...”. Ela quer ir lá, pede-me que a apoie, nós fomos. “A senhora não está.” “Isso já se sabe!” “Nós a esperamos”, disse a velha Mahuchet, “embora a tenha de esperar até a meia-noite.” E acampamos na antecâmara e nos pusemos a tagarelar. Ah! Aí começa um abrir e fechar de portas, passos miúdos, vozes baixinhas... A mim, aquilo me dava pena. O pessoal chegava para jantar. Podem imaginar o jeito que aquilo estava tomando. A condessa manda a criada de quarto para amansar a Mahuchet: “A senhora será paga amanhã!”. Enfim, tudo que é desculpa!... Nada pega. A condessa, vestida como num domingo, chega à sala de jantar. A minha Mahuchet, quando a ouve, abre a porta e se apresenta. Ora, ao ver uma mesa cintilante de prataria (os fogareiros, os castiçais, tudo brilhava como joias) ela explode como um sifão e solta sua chispa: “Quando se gasta o dinheiro dos outros devia-se ser sóbrio, e não dar jantares! Ser condessa e dever cem escudos a uma infeliz sapateira que tem sete filhos!...”. Bem podem imaginar tudo o que vomitou essa mulher que tem pouca educação. Ante uma desculpa (“Estou sem dinheiro!”) da condessa, a minha Mahuchet exclamou: “Ora essa! Aí está sua prataria! Empenhe seus talheres e me pague!”. “Leve-os você mesma”, disse a condessa juntando seus talheres e metendo-lhos na mão. Voamos escada abaixo... Sim, senhor! Uma vitória!... Não, na rua a Mahuchet ficou com os olhos cheios de lágrimas, porque é uma boa mulher, e foi devolver os talheres, pedindo desculpas; tinha compreendido a miséria daquela condessa; eles eram niquelados.

— De modo que perdeu os *níqueis* — disse Léon de Lora, no qual o antigo Mistigris reaparecia com frequência.^[35]

XX — PARA QUE SERVEM OS FILHOS, PARA AS MÃES

— Ah! Meu caro senhor — disse a sra. Nourrisson, iluminada por aquele trocadilho —, o senhor é um artista, faz peças de teatro, mora na Rue du Helder, e andou com a sra. Antônia,^[36] o senhor tem tiques que eu conheço... Vamos, o senhor quer alguma raridade no grande gênero, Carabina ou Mosquete,^[37] Málaga^[38] ou Jenny Cadine?^[39]

— Málaga, Carabina, fomos nós que as fizemos o que elas são! — exclamou Léon de Lora.

— Juro-lhe, querida sra. Nourrisson, que nós unicamente queríamos ter o prazer de travar relações com a senhora, e obter informações sobre os seus antecedentes, saber por que declive a senhora escorregou para o seu ofício — disse Bixiou.

— Eu era criada de confiança em casa de um marechal de França, o príncipe d'Ysembourg^[40] — disse ela assumindo uma atitude de Dorina.^[41] — Uma manhã, chega uma condessa das mais topetudas da corte imperial; queria falar ao marechal e falar secretamente. Eu pus-me logo em condições de escutar. A minha dama desata em prantos, confia ao papalvo do marechal (o príncipe d'Ysembourg, esse Conde^[42] da República, um papalvo!) que o seu marido, que servia na Espanha, a tinha deixado sem uma nota de mil francos; que, se ela não conseguisse uma ou duas dessas notas, imediatamente, os filhos ficariam sem pão, ela não teria o que comer, no dia seguinte... Meu marechal, bastante mão-aberta naquela época, tira da secretária duas notas de mil francos. Olho a bela condessa, na escada, sem que ela pudesse ver-me: ela ia rindo com uma alegria tão pouco maternal que deslizo até o peristilo e ouço-a dizer em voz baixa ao seu ajudante de cocheiro: “À casa de Leroy!”. Vou lá correndo. Minha mãe de família entra em casa daquele famoso negociante, na Rue Richelieu, sabem, não?... Encomenda e paga um vestido de mil e quinhentos francos: naquele tempo pagava-se um vestido no ato da encomenda. Dois dias depois, ela podia apresentar-se num baile de embaixada, ajaezada como deve estar uma mulher para agradecer ao mesmo tempo a todos e a alguém. Desde esse dia é que eu pensei: “Tenho uma profissão! Quando já não for moça, emprestarei dinheiro às grandes damas, com penhor das suas coisas, porque a paixão não calcula, e paga cegamente”. Se o senhor anda à procura de assuntos de *vaudeville*, eu poderei vender-lhe...

Partiu ao soltar essa tirada, na qual cada uma das fases da sua vida anterior pusera seu vinco, deixando Gazonal tão apavorado por aquela confidência como pelos cinco dentes amarelos que ela mostrara ao tentar sorrir.

— E que vamos fazer? — perguntou ele.

XXI — O PORTEIRO BENFAZEJO

— Dinheiro! — disse Bixiou, que assobiou chamando o porteiro. —

Porque estou precisando, e vou fazer-lhes ver para que servem os porteiros; julgam que eles servem para puxar o cordão... mas servem para tirar de apertos gente sem eira nem beira como eu, os artistas que eles tomam sob sua proteção; e por isso o meu, qualquer dia, vai ter o prêmio Montyon.^[43]

Gazonal abriu uns olhos que faziam compreender a significação da expressão “olho de boi”.

Um homem de meia-idade, entre servente e contínuo de escritório, porém mais oleoso e mais engraxado, de cabeleira gordurosa, abdômen um pouco saliente, tez descorada e úmida como a de uma superiora de convento, calçando chinelas de orela, trajando uma blusa de pano azul e calças pardacentas, apareceu subitamente.

— Que quer, senhor? — perguntou com um ar que participava do protetor e do subordinado ao mesmo tempo.

— Ravenouillet... — chama-se Ravenouillet — disse Bixiou, que se voltara para Gazonal —, tens a nossa caderneta de vencimentos?

Ravenouillet puxou do bolso do lado a livreta mais gordurosa que Gazonal jamais vira.

— Inscreve aí, a três meses, estas duas notas de quinhentos francos cada uma, que vais assinar.

E Bixiou apresentou duas letras já preparadas, à sua ordem, por Ravenouillet, as quais este assinou imediatamente e inscreveu na caderneta gordurosa na qual sua mulher anotava as dívidas dos locatários.

— Obrigado, Ravenouillet — disse Bixiou. — Toma, aqui tens um camarote para o Vaudeville.^[44]

— Oh! Minha filha é quem vai se divertir muito esta noite — disse Ravenouillet, retirando-se.

— Somos aqui setenta e um locatários — disse Bixiou —; a média do que se deve a Ravenouillet é de seis mil francos por mês, dezoito mil por trimestre, em empréstimos e franquia de cartas, sem contar os aluguéis devidos. É a Providência... A trinta por cento que lhe damos sem que nunca tivesse pedido nada...

— Oh! Paris, Paris! — exclamou Gazonal.

— Ao irmos — disse Bixiou; que acabava de endossar as letras —, porque, primo Gazonal, eu o levo comigo, para que veja um comediante que vai representar grátis uma cena encantadora...

— Onde? — interrompeu Gazonal.

— À casa de um usurário... Enquanto vamos, eu lhe contarei os começos do amigo Ravenouillet em Paris.

Ao passar em frente à câmara do porteiro, Gazonal entreviu a srta. Luciana Ravenouillet, que estava estudando solfejo; era aluna do Conservatório. O pai lia um jornal e a sra. Ravenouillet tinha na mão cartas para levar aos locatários.

— Obrigada, sr. Bixiou! — disse a pequena.

— Não é um rato — disse Léon ao primo —, é uma larva de cigarra.

— Parece que se obtém a amizade do camarote do porteiro, como a de toda a gente, pelos camarotes.^[45]

— Como ele se está formando na nossa companhia! — exclamou Léon, que gostou do trocadilho.

XXII — HISTÓRIA SIMPLES

— Aqui vai a história de Ravenouillet — disse Bixiou, quando os três amigos chegaram ao bulevar. — Em 1831, Massol, o conselheiro de Estado de vocês, era um advogado-jornalista que, no momento, se contentaria em ser guarda dos selos, e se dignava deixar Luís Felipe no trono; mas é preciso perdoar-lhe a ambição, ele é de Carcassonne. Certa manhã, ele vê entrar um jovem *da terrinha* que lhe diz: “O senhor me conhece bem, seu Massol, sou o filho do seu vizinho merceeiro; chego de lá, porque nos disseram que vindo aqui todos achavam colocação...” Ao ouvir essas palavras, Massol sentiu um arrepio, e matutou consigo que, se tivesse a desgraça de satisfazer aquele conterrâneo, o qual, aliás, lhe era totalmente desconhecido, todo o departamento lhe iria cair em casa, que perderia com isso inúmeras chamadas de campainha, onze cordões, seus tapetes, que seu único criado de quarto o deixaria, que teria dificuldades com o proprietário por causa da escada, e que os inquilinos se queixariam do cheiro de alho e de diligência espalhado pela casa. Portanto, contemplou o solicitante como o açougueiro contempla a ovelha antes de sangrá-la; mas, embora o *homem da terrinha* tivesse recebido aquele olhar ou aquela punhalada, continuou da seguinte forma, contou-nos Massol: “Sou ambicioso como outro qualquer, e não quero voltar lá para a terra a não ser rico, isso se voltar; porque Paris é a antecâmara do paraíso. Dizem que o senhor, que escreve nos jornais, é o mandachuva daqui, que lhe basta pedir para obter seja lá o que for do governo; mas, se tenho méritos, como todos nós, conheço-me, não tenho instrução; se disponho de meios, não sei escrever, e é uma desgraça, porque tenho ideias; não penso, portanto, em fazer-lhe concorrência, sei julgar-me, não conseguiria nada; mas, como o senhor pode tudo, e somos quase irmãos, pois em criança brincamos juntos, espero que o senhor me encaminhará e me vai proteger... Oh! É preciso, quero um lugar, um lugar que convenha aos meus meios, ao que sou, e onde eu possa fazer fortuna...”. Massol ia brutalmente pôr o *homem da terrinha* na rua atirando-lhe na cara algumas frases ásperas, quando o rapaz concluiu por esta forma: “Não peço para entrar na administração, onde se marcha como tartaruga, tanto que seu cunhado ficou como fiscal ambulante durante vinte anos... Não, eu quero somente estrear...”. “No teatro?...”, disse-lhe

Massol, contente com aquele desenlace. “Não; é verdade que tenho gestos, estampa e memória; mas há muito tropeço; eu queria estrear na carreira de... porteiro.” Massol ficou sério e disse-lhe: “Haverá mais tropeços ainda, mas pelo menos verá os camarotes cheios”. E fez-lhe obter, como diz Ravenouillet, seu primeiro cordão.^[46]

XXIII — DA FILANTROPIA MODERNA

— Sou o primeiro que se preocupou com o gênero *porteiro* — disse Léon. — Há larápios de moralidade, saltimbancos de vaidade, sicofantas modernos, setembrizadores^[47] couraçados de gravidade, inventores de assuntos palpitantes de atualidade, que pregam a emancipação dos negros, a regeneração dos pequenos gatunos, a assistência para com os forçados liberados, e que deixam seus porteiros num estado pior que o dos irlandeses, em prisões mais horríveis do que celas, e lhes dão para viver menos dinheiro por ano do que o que o Estado dá para os grilhetas... Só fiz uma boa ação na minha vida, foi o camarote do meu porteiro.

— Se — replicou Bixiou — um homem que tivesse construído grandes gaiolas, divididas em mil compartimentos, como os alvéolos de uma colmeia, ou as jaulas de um depósito de feras, e destinadas a receber criaturas de toda espécie e de todas as profissões, se esse animal de aspecto de proprietário fosse consultar um sábio e lhe dissesse: “Quero um indivíduo do gênero bímano que possa viver numa sentina cheia de sapatos velhos, empestada por trapos e de dez pés quadrados; quero que ele viva ali toda a sua vida, que ali se deite, que ali seja feliz, que ali tenha filhos bonitos como amores; que ali trabalhe, ali faça a sua comida, ali passeie, cultive flores, cante e dali não saia, não tenha luz e veja tudo o que acontece do lado de fora!...”, certamente que o sábio não poderia inventar o porteiro; era preciso Paris para criá-lo, ou, se quiserem, o diabo...

— A indústria parisiense foi mais longe ainda no impossível — disse Gazonal —, há os operários... Os senhores, que os expõem, não conhecem todos os produtos da indústria. Nossa indústria combate contra a indústria do continente a golpes de desgraça, como, durante o Império, Napoleão combatia a Europa a golpes de regimentos.

XXIV — UM RETRATO RESTAURADO

— Eis-nos em casa do nosso amigo Vauvinet, o usurário — disse Bixiou. — Um dos maiores erros que cometem os que pintam nossos costumes é o de repetir velhos retratos. Hoje cada profissão se renovou. Os merceeiros tornam-se pares de França, os artistas capitalizam, os vaudevillistas têm rendas. Se algumas raras figuras permanecem o que

eram outrora, de modo geral as profissões não têm mais seu vestuário especial, nem seus antigos costumes. Se tivemos Gobseck, Gigonnet, Chaboisseau, Samanon,^[48] os últimos romanos, hoje gozamos de um Vauvinet,^[49] usurário bom sujeito, petimetre que frequenta os bastidores, as cortesãs, e passeia num pequeno cupê baixo, de um cavalo... Observe bem o homem, amigo Gazonal, vai ver a comédia do dinheiro, o homem frio que nada quer dar, o homem quente que vislumbra um lucro; ouça-o, sobretudo.

E os três entraram no segundo andar de uma casa de bela aparência situada no Boulevard des Italiens, e aí se viram cercados de todas as elegâncias então na moda. Um rapaz de cerca de vinte e oito anos veio ao encontro deles com um ar quase risonho, porque viu Léon de Lora em primeiro lugar. Vauvinet deu o aperto de mão aparentemente mais amigável a Bixiou, cumprimentou Gazonal friamente e os fez entrar num gabinete onde todos os gostos dos burgueses se adivinhavam sob a aparência artística do mobiliário, apesar das estatuetas na moda, das mil coisinhas apropriadas aos nossos pequenos apartamentos pela arte moderna, a qual se fez tão pequenina como o consumidor. Vauvinet trajava como os rapazes que se dedicam aos negócios, com um requinte excessivo, o qual, para muitos deles, é uma espécie de prospecto.

§ 1º *Sem dinheiro*

— Venho buscar dinheiro — disse Bixiou, rindo e apresentando suas letras.

Vauvinet ficou com um ar sério que fez Gazonal sorrir, tal a diferença entre o semblante risonho e o semblante do prestamista solicitado.

— Meu caro — disse Vauvinet, olhando para Bixiou —, seria com o maior prazer que eu te obsequiaria, mas neste momento estou sem dinheiro.

— Que me dizes!

— Sim, dei tudo, tu sabes a quem... O pobre Lousteau associou-se para a direção de um teatro com um velho vaudevillista muito protegido pelo ministério... Ridal;^[50] e ontem precisaram de trinta mil francos. Estou limpo, e de tal forma limpo, que vou mandar buscar dinheiro em casa de Cérizet^[51] para pagar cem luíses que perdi no lansquenete, esta manhã, em casa de Jenny Cadine.

— É preciso que esteja bem limpo para não obsequiar esse pobre Bixiou — disse Léon de Lora —, porque ele é bem má-língua quando está *pronto*...

— Mas — disse Bixiou — não posso senão falar bem de Vauvinet, ele está cheio de bens...

— Meu caro — disse Vauvinet —, ser-me-ia impossível, embora tivesse dinheiro, descontar-te, mesmo com cinquenta por cento, letras

assinadas pelo teu porteiro... O Ravenouillet não tem procura. Não é Rothschild. Previno-te que esse valor está muito conhecido, precisas inventar outra casa. Busca um tio! Porque um amigo que nos assine letras é coisa que não se vê mais; o positivo do século faz progressos horríveis.

— Eu tenho — disse Bixiou, apontando para o primo de Léon —, eu tenho este senhor... um dos nossos mais ilustres fabricantes de tecido do Midi, chamado Gazonal... Ele não está muito bem penteado — acrescentou, olhando para a cabeleira desgrenhada e luxuriante do provinciano —; mas vou levá-lo à casa do Marius, que lhe vai tirar essa aparência de canicho, tão prejudicial à sua consideração como à nossa.

— Não acredito nos valores do Midi, seja dito sem ofender ao senhor — respondeu Vauvinet, o que deixou Gazonal tão contente, que não se zangou com aquela insolência.

Gazonal, como homem excessivamente arguto, julgou que o pintor e Bixiou queriam, para o ensinar a conhecer Paris, fazer-lhe pagar mil francos pelo almoço do Café de Paris; porque o filho do Roussilon não se desfizera ainda daquela prodigiosa desconfiança em que se abaluartara, em Paris, o homem da província.

— Como queres que eu tenha negócios a duzentas e cinquenta léguas de Paris, nos Pireneus! — acrescentou Vauvinet.

— É a última palavra? — disse Bixiou.

— Tenho vinte francos em casa — disse o jovem prestamista.

— Lamento-o por ti — replicou o mistificador. — Eu julgava valer mil francos — acrescentou secamente.

— Tu vales cem mil francos — replicou Vauvinet —, algumas vezes mesmo és impagável... mas estou limpo.

§ 2º *Muito dinheiro*

— Pois bem — respondeu Bixiou —, não se fala mais no assunto... Eu tinha te proporcionado para esta noite, em casa de Carabina, o melhor negócio que pudesses desejar... sabes?

Vauvinet piscou um olho para Bixiou, careta que fazem entre si os mercadores de cavalos para dizer: “Nada de luta de espertezas”.

— Tu não te lembras mais de ter-me passado o braço pela cintura, exatamente como uma mulher bonita, acariciando-me com o olhar e a palavra — replicou Bixiou —, quando me dizias: “Tudo farei por ti, se me puderes conseguir, ao par, ações da estrada de ferro que Du Tillet e Nucingen estão corretando”. Pois bem, meu caro, Máximo e Nucingen vão à casa de Carabina, que esta noite recebe muitos homens políticos. Perdes aí, meu velho, uma excelente oportunidade. Bem, adeus, intrução!

E Bixiou levantou-se, deixando Vauvinet bastante frio na aparência, mas realmente aborrecido, como um homem que reconhece ter feito

uma asneira.

— Um momento, meu caro — disse o prestamista —; se não tenho dinheiro, tenho crédito... Se tuas letras nada valem, eu posso guardá-las e dar-te em troca valores de carteira... Enfim, podemos entender-nos sobre as ações da estrada de ferro, dividiríamos os lucros dessa operação, em certa proporção, e eu te faria então uma entrega a cobrar sobre os lucros...

— Não, não — atalhou Bixiou —, preciso de dinheiro, tenho de realizar o meu Ravenouillet...

— Aliás, Ravenouillet é muito boa firma — disse Vauvinet —; ele deposita na caixa econômica, é excelente.

— É melhor do que tu — disse-lhe Léon —, porque não estipendia cortesãs, não paga aluguel, não se mete em especulações, sempre com medo da alta e da baixa...

— Julga trocar, grande homem? — replicou Vauvinet, que se tornara jovial e carinhoso —; vocês puseram em elixir a fábula de La Fontaine *O carvalho e o caniço*.^[52] Vamos, *Gubetta, meu velho cúmplice*^[53] — disse Vauvinet segurando Bixiou pela cintura —, precisas de dinheiro, pois bem, posso pedir emprestado três mil francos ao meu amigo Cérizet, em vez de dois mil... E, *sejamos amigos, Cinna!*...^[54] Dá-me tuas duas folhas de couve-monstro. Se te recusei, foi porque é muito duro para um homem que não pode fazer seu pobre comércio senão passando seus valores ao Banco guardar teu Ravenouillet na gaveta da secretária. É duro, muito duro...

— E que desconto fazes? — perguntou Bixiou.

— Quase nada — respondeu Vauvinet. — Isso te custará, a três meses, cinquenta miseráveis francos...

— Como dizia antigamente Emílio Blondet,^[55] tu serás meu benfeitor — respondeu Bixiou.

— Vinte por cento, juros antecipados! — disse Gazonal ao ouvido de Bixiou, que lhe replicou com uma cotovelada no esôfago.

— Ora esta — disse Vauvinet abrindo a gaveta da sua secretária —, vejo ali, meu caro, uma velha nota de quinhentos que ficou grudada do lado, e eu não me julgava tão rico, pois estava procurando uma letra a receber, vencimento próximo, de quatrocentos e cinquenta; Cérizet a aceitará sem grande diminuição, e aí está completa a tua quantia. Mas nada de pilhérias, Bixiou... Heim? Esta noite irei à casa de Carabina; tu me juras...

— Pois não somos reamigos? — disse Bixiou, que pegou a nota de quinhentos francos e a letra de quatrocentos e cinquenta —; dou-te minha palavra de honra que esta noite verás Du Tillet e muita gente que quer fazer sua estrada... de ferro, em casa de Carabina.

Vauvinet acompanhou os três amigos até o saguão, bajulando Bixiou. Este ficou sério até chegar à soleira da porta; estava escutando

Gazonal, que tentava esclarecê-lo sobre aquela operação e lhe demonstrava que, se o compadre de Vauvinet, o tal Cérizet, lhe descontasse vinte francos sobre a letra de quatrocentos e cinquenta, ficava o dinheiro por quarenta por cento... No asfalto, Bixiou gelou Gazonal com o riso do mistificador parisiense, esse riso mudo e frio, espécie de vento de inverno labial.

— A adjudicação da estrada será positivamente adiada na Câmara — disse ele —, nós o sabemos desde ontem por aquela *marcheuse* para quem sorrimos... E se ganho esta noite cinco ou seis mil francos no lansquenete, que são setenta francos de perda se me dão com que *entrar na parada!*...

XXV — A DINASTIA DE MARIUS SEM RUÍNAS^[56]

— O lansquenete é ainda uma das mil facetas da Paris como ela é — disse Léon. — Por isso, primo, temos a intenção de apresentar-te em casa de uma duquesa da Rue Saint-Georges, onde verás a aristocracia das cortesãs e onde poderás ganhar teu processo. Ora, é impossível apresentar-te lá com esses teus cabelos pireneanos, que te dão o aspecto de um ouriço, razão pela qual vamos levar-te aqui perto, à Place de la Bourse, à casa de Marius, outro dos nossos atores...

— Que novo ator é esse?

— Aqui vai a anedota — respondeu Bixiou. — Em 1800, um tolosano chamado Cabot, jovem cabeleireiro cheio de ambição, veio a Paris e aqui *plantou* bodega (sirvo-me da gíria dos senhores). Esse homem de gênio (desfrutava vinte e quatro mil francos de renda em Livorno, para onde se retirou) compreendeu que aquele nome vulgar e ignóbil jamais alcançaria a celebridade. O sr. de Parny,^[57] a quem ele penteava, deu-lhe o nome de Marius, infinitamente superior aos prenomes de Armando e de Hipólito, sob os quais se ocultam nomes patronímicos atacados do mal-Cabot. Todos os sucessores de Cabot foram chamados Marius. O Marius atual é Marius v, chama-se Mougín. O mesmo acontece em muitos negócios, para a água de Botot,^[58] para a tinta de Petite-Vertu. Em Paris, um nome torna-se uma propriedade comercial e acaba por constituir uma espécie de nobreza de tabuleta. Marius, que, de resto, tem discípulos, criou, diz ele, a primeira escola de cabeleireiro do mundo.

— Eu já vi, ao atravessar a França — disse Gazonal —, muitas tabuletas em que se leem estas palavras: FULANO DE TAL, *discípulo de Marius*.

— Esses discípulos devem lavar as mãos depois de cada penteado que fazem — respondeu Bixiou —; Marius, porém, não os admite indiferentemente, precisam ter mão bonita e não ser feios. Os mais notáveis como elocução, como porte, vão pentear na cidade, de onde

voltam cansados. Marius não sai a não ser para mulheres com títulos; tem cabriolé e lacaio.

— Mas, afinal, nada mais é do que um *raspa-coco*! — exclamou Gazonal, indignado.

— *Raspa-coco*! — replicou Bixiou —, lembre-se de que ele é capitão da Guarda Nacional e condecorado por ter sido o primeiro a saltar dentro de uma barricada em 1832.

— Toma cuidado, não é nem um cabeleireiro nem um fazedor de perucas, é um diretor de salão de penteados — disse Léon, subindo uma escada de balaústres de grade de cristal, de corrimão de acaju, e cujos degraus eram recobertos por tapetes suntuosos.

— Olhe lá! Não nos vá comprometer — disse Bixiou a Gazonal. — Na antecâmara, você vai achar lacaios que lhe tirarão a casaca e o chapéu para escová-los, e o acompanharão até a porta de um dos salões de cabeleireiro para abri-la e fechá-la. É conveniente dizer-lhe isso, meu amigo Gazonal — acrescentou maliciosamente Bixiou —, pois você poderia gritar: “Pega o ladrão!”.

— Esses salões — disse Léon — são três peças onde o diretor reuniu todas as invenções do luxo moderno. Lambrequins nas janelas; por toda parte jardineiras, divãs fofos onde a gente pode esperar a sua vez lendo os jornais quando todos os lugares estão ocupados. Ao entrar, poderias apalpar o bolso e julgar que vão te pedir cinco francos: mas de qualquer bolso não se tira mais do que meio franco por um penteado, e um franco por um corte de cabelo. Elegantes toucadores alternam com as jardineiras, e neles jorra água de bicos. Por todos os lados grandes espelhos. Assim, pois, não te mostres admirado. Quando o *cliente* (tal é o nome elegante que Marius substituiu ao ignóbil termo de *freguês*), quando o cliente aparece no umbral, Marius atira-lhe uma olhada e o julga: para ele todo mundo é uma *cabeça* mais ou menos suscetível de interessá-lo. Para Marius não há mais homens, há somente *cabeças*.

— Vamos fazê-lo ouvir Marius em todos os tons de sua escala — disse Bixiou —, se você souber imitar nosso jogo.

XXVI — MARIUS V

Assim que Gazonal apareceu, a olhada de Marius lhe foi favorável; exclamou:

— Régulo! Essa cabeça é para você! Comece desbastando-a com a tesourinha.

— Perdão — disse Gazonal ao discípulo, a um sinal de Bixiou —, desejo ser atendido pelo próprio sr. Marius.

Marius, muito lisonjeado com essa pretensão, adiantou-se, deixando a cabeça em que trabalhava.

— Já o atendo, estou acabando, não se preocupe, meu discípulo o

vai preparar; somente eu decidirei a respeito do corte.

Marius, homenzinho franzino, de cabelos frisados como os de Rubini,^[59] de um negro de azeviche, e todo vestido de preto, com mangas protetoras, com o bofe da camisa adornado com um diamante, reconheceu então Bixiou, a quem saudou como a uma potência equivalente à sua.

— É uma cabeça comum — disse ele a Léon, designando o senhor a quem estava penteando —, um merceeiro!... Que quer, se só se fizesse arte morria-se em Bicêtre, louco!...

E retornou num gesto inimitável para o seu cliente, depois de ter dito a Régulo:

— Capricha com o senhor; é evidentemente um artista.

— Um jornalista — disse Bixiou.

Marius passou duas ou três vezes o pente na cabeça comum, e atirou-se a Gazonal pegando Régulo pelo braço no momento em que ele ia movimentar sua tesourinha.

— Eu me encarrego deste senhor. Veja — disse ele ao merceeiro —, mire-se no espelho grande, se é que o espelho quer... Ossian?

O laçao entrou e apoderou-se do cliente para vesti-lo.

— O senhor pagará no caixa — disse Marius ao freguês estupefato, o qual já estava puxando a bolsa.

— Acha muito útil, meu caro, proceder a essa operação da tesourinha? — perguntou Bixiou.

— Todas as cabeças que me chegam já estão desbastadas — respondeu o ilustre cabeleireiro —; mas, em atenção ao senhor, só eu trabalharei na do seu amigo. Meus discípulos preparam, do contrário eu não aguentaria. Todos pedem a mesma coisa: “Ter os cabelos cortados por Marius!”. Tudo o que posso é dar o último retoque... Em que jornal o senhor trabalha?

— Se eu fosse o senhor, teria três ou quatro Marius — disse Gazonal.

— Ah! Já vejo, o senhor escreve folhetins? — disse Marius. — Ai de mim! No ofício de cabeleireiro, em que é o próprio que trabalha, é impossível... Perdão!

Deixou Gazonal para ir observar Régulo, que começava a preparar uma cabeça recém-chegada. Batendo com a língua no céu da boca, fez um ruído de desaprovação que pode ser traduzido por “Tit, tit, tit!”.

— Vamos, Deus do céu! Não está bem quadrado, suas tesouradas estão abrindo brechas... Veja... Assim! Não se trata, Régulo, de tosar canichos, são homens que têm seus característicos, e, se você continua a olhar para o teto em vez de se dividir entre o espelho e o rosto, você desonra *minha casa*.

— É severo, sr. Marius...

— Devo-lhes os segredos da arte...

— É então uma arte? — disse Gazonal.

Marius, indignado, olhou Gazonal pelo espelho e se deteve, com o pente numa das mãos e a tesoura na outra.

— O senhor fala disto como... uma criança! E, entretanto, pelo acento, o senhor parece ser do Midi, a terra dos homens de gênio.

— Sim, sei que é preciso uma espécie de gosto — replicou Gazonal.

— Mas, cale-se de uma vez, senhor! Esperava outra coisa de sua parte. Quer dizer que um cabeleireiro, não digo um bom cabeleireiro, porque ou se é ou não se é cabeleireiro... um cabeleireiro... é mais difícil de achar... do que... que poderei dizer?... do que um... não sei o quê... um ministro... (Fique quieto); não, porque não se pode julgar o valor de um ministro; as ruas estão cheias de ministros... Um Paganini?...^[60]

Não, não é bastante!... Um cabeleireiro, senhor, um homem que lhe adivinha a alma e os hábitos, a fim de penteá-lo de acordo com sua fisionomia, precisa daquilo que constitui um filósofo. E as mulheres, então?... Olhe, as mulheres nos apreciam, sabem o que valem... Valem a conquista que elas querem fazer no dia em que se fazem pentear para conseguir um triunfo... Isto é, um cabeleireiro, não se sabe o que é. Olhe, eu que lhe estou falando sou mais ou menos o que se pode achar de... sem me gabar, conhecem-me... Pois bem, não, acho que deve haver coisa melhor... A execução, aí está a coisa! Ah! Se as mulheres me dessem carta branca, se eu pudesse executar todas as ideias que me vêm!... Porque, vê o senhor, eu tenho uma imaginação infernal!... Mas as mulheres não se prestam, elas têm seus planos, metem os dedos ou o pente, depois de a gente já ter começado, nos nossos deliciosos edifícios que deveriam ser gravados e guardados, porque as nossas obras, senhor, duram somente algumas horas... Um grande cabeleireiro, ora! Seria alguma coisa como Carême e Vestris,^[61] nas suas especialidades... (A cabeça por aqui, está, faça o favor, *estou fazendo as faces*; bem.) Nossa profissão é estragada por bárbaros que não compreendem nem sua época nem sua arte... Há vendedores de perucas ou de essências para fazer nascer cabelos... Não veem senão frascos para vender!... É de causar piedade!... É comércio. Esses miseráveis cortam os cabelos ou penteiam como podem... Eu, quando cheguei de Toulouse, tinha a ambição de suceder ao grande Marius, de ser um verdadeiro Marius, e de, só por mim, ilustrar mais o nome do que os outros quatro. A mim mesmo disse: “Vencer ou morrer...” (Aí, fique direito, vou concluir.) Fui eu o primeiro a fazer elegância. Transformei meus salões em objeto de curiosidade. Desprezo o anúncio, e o que ele custa eu o empregarei, senhor, em bem-estar, em atrativos. No ano que vem, terei num pequeno salão um quarteto; tocar-se-á música, e da melhor. Sim, é preciso amenizar o tédio daqueles que

estão sendo cortados e penteados. Não me dissimulo o aborrecimento dos clientes. (Olhe-se no espelho.) Cortar o cabelo é cansativo, talvez tanto como posar para um retrato; e talvez o senhor saiba que o famoso Humboldt^[62] (eu soube tirar partido do pouco cabelo que a América lhe deixou; a ciência tem essa relação com o selvagem, que ela escalpa muito bem seu homem), esse ilustre sábio disse que depois da dor de se ir fazer enforcar havia a de ir se fazer retratar; mas, segundo algumas mulheres, eu coloco a de se fazer pentear antes da de se fazer pintar. Pois bem, senhor, eu quero que venham cortar o cabelo com prazer. (O senhor tem um redemoinho que é preciso domar.) Um judeu tinha me proposto cantoras italianas, para nos entreatos depilar os jovens de quarenta anos; acontece, porém, que elas eram moças do Conservatório, professoras de piano da Rue Montmartre. Está penteado, senhor, como deve estar um homem de talento. Ossian — disse ele ao seu criado de libré —, escove e reconduza este senhor. A quem toca a vez? — acrescentou com orgulho, olhando as pessoas que esperavam.

XXVIII — PROPORÇÕES GIGANTESCAS DOS NADAS EM PARIS

— Não ria, Gazonal — disse Léon ao primo, quando chegaram ao último degrau da escada, de onde seu olhar mergulhava na Praça da Bolsa —, estou vendo lá um dos nossos grandes homens: vais poder comparar-lhe a linguagem com a deste industrial, e depois de o ter ouvido tu me dirás qual é o mais original.

— Não ria, Gazonal — disse Bixiou, repetindo faceciosamente a entonação de Léon. — Com o que julga que Marius se ocupa?

— Com o ofício de cabeleireiro.

— Ele conquistou — replicou Bixiou — o monopólio da venda de cabelos por atacado, como um tal negociante de comestíveis que nos vai vender uma terrina de um escudo atribuiu-se a venda das trufas; ele desconta as letras do seu comércio, empresta sobre penhor aos seus clientes em apuros, faz rendas vitalícias, joga na Bolsa, é acionista de todos os jornais de modas, finalmente vende, com o nome de um farmacêutico, uma droga infame, que, por sua parte, lhe dá trinta mil francos de renda e custa cem mil de anúncio por ano.

— Será possível? — duvidou Gazonal.

— Tome nota disto — disse Bixiou gravemente. — Em Paris não há comércio pequeno, tudo aqui se torna grande, desde a venda de retalhos até a de fósforos. O botequineiro que, de guardanapo no braço, o olha entrar em sua casa pode ter cinquenta mil francos de renda; um garçom de restaurante é eleitor elegível, e tal sujeito que você, ao vê-lo passar na rua, toma por um indigente traz no seu colete cem mil francos de diamantes soltos, e não os rouba.

Os três inseparáveis, pelo menos por um dia, seguiam sob a direção do paisagista de modo a esbarrar num homem de cerca de quarenta anos, condecorado, que vinha do bulevar pela Rue Neuve-Vivienne.

— E então — disse Léon —, em que estás pensando, meu caro Dubourdieu? Em alguma bela composição simbólica?... Caro primo, tenho o prazer de apresentar-lhe nosso ilustre pintor Dubourdieu, não menos célebre por seu talento do que por suas convicções humanitárias... Dubourdieu, meu primo Palafox!

Dubourdieu, homenzinho de tez pálida, de olhos azuis melancólicos, saudou ligeiramente Gazonal, que se inclinou diante do homem de gênio.

— Então nomearam Stidmann em lugar de...?

— Que queres, eu não estava presente — respondeu o grande paisagista.

— Vocês vão desmoralizar a Academia — disse o pintor. — Escolheram semelhante homem! Não quero falar mal dele, mas ele mercantiliza a profissão!... Para onde vão levar a primeira das artes, aquela cujas obras são as mais duráveis, a que revela as nações depois que o mundo perdeu tudo delas, até a sua lembrança?... Que consagra os grandes homens? A escultura é um sacerdócio, ela resume as ideias de uma época, e vocês foram recrutar um fabricante de estatuetas, de lareiras, um ornamentista, um dos vendilhões do Templo! Ah! Como dizia Chamfort,^[64] é preciso começar engolindo uma víbora todas as manhãs para suportar a vida em Paris... Enfim, resta-nos a arte, não nos podem impedir de a cultivar...

— E ademais, meu caro — disse Bixiou —, você tem um consolo que poucos artistas têm, o futuro é seu. Quando o mundo estiver convertido à nossa doutrina você estará à frente da sua arte, porque põe nela ideias que serão compreendidas... quando tiverem sido generalizadas! Daqui a cinquenta anos, você será para todos o que só é para nós outros, um grande homem! Unicamente, se trata de chegar até lá!

— Acabo — replicou o artista, cujo rosto se expandiu como se expande o do homem cuja mania se lisonjeia — de terminar a figura alegórica da Harmonia, e se querem vir vê-la compreenderão facilmente o motivo pelo qual levei dois anos a fazê-la. Ali há de tudo! Ao primeiro olhar que se dirige sobre ela, adivinha-se o destino do globo. A rainha segura o cajado pastoral com uma mão, símbolo do engrandecimento das raças úteis ao homem; está toucada com o barrete da liberdade, suas mamas são sêxtuplas, à feição egípcia, porque os egípcios tinham pressentido Fourier; seus pés repousam sobre duas mãos unidas que abarcam o globo em sinal da fraternidade das raças humanas; ela pisoteia canhões destruídos para significar a abolição das guerras; e

procurei fazer com que exprimisse a serenidade da agricultura triunfante... De resto, coloquei junto dela um enorme repolho crespo, o qual, segundo nosso mestre, é a imagem da concórdia. Oh! Não é um dos menores títulos de Fourier à veneração, o de ter restituído o pensamento às plantas; ele ligou tudo na criação pela significação das coisas entre si e também por sua linguagem especial. Dentro de cem anos, o mundo será bem maior do que é...

— E como se dará isso, senhor? — disse Gazonal estupefato por ouvir um homem falar dessa forma sem estar numa casa de loucos.

— Pela extensão da produção. Se se quiser aplicar o SISTEMA, não será impossível reagir sobre os astros...

— E que será então da pintura? — perguntou Gazonal.

— Ela será maior.

— E nós teremos olhos maiores? — disse Gazonal olhando para os amigos de modo significativo.

— O homem voltará a ser o que era antes do seu abastardamento; nossos homens de seis pés serão então anões...

— Teu quadro está pronto? — perguntou Léon.

— Completamente terminado — respondeu Dubourdieu. — Tratei de procurar Hiclar para que componha uma sinfonia; eu quisera que ao ver aquela obra se ouvisse uma música no estilo de Beethoven, a qual desenvolveria as ideias a fim de colocá-las ao alcance das inteligências sob duas modalidades. Ah! Se o governo quisesse emprestar-me uma das salas do Louvre...

— Mas poderei falar a respeito, porque não se deve descurar nada a fim de impressionar os espíritos...

— Oh! Meus amigos estão preparando artigos, mas receio que eles passem dos limites...

— Ora! — disse Bixiou. — Não irão tão longe quanto ao futuro...

Dubourdieu olhou de viés para Bixiou e seguiu seu caminho.

— Mas é um louco — disse Gazonal —, as fases da lua o guiam.

— Ele tem mão, tem saber — disse Léon —; mas o fourrierismo matou-o. Acabas de ver aí, primo, um dos efeitos da ambição nos artistas. Com demasiada frequência, em Paris, no desejo de alcançar, mais rapidamente do que pelas vias naturais, essa celebridade que para eles é a fortuna, os artistas tomam de empréstimo as asas da circunstância, julgam engrandecer-se tornando-se os homens de uma coisa, fazendo-se os sustentáculos de um sistema, e esperam transformar uma igreja em público. Este é republicano, aquele saint-simoniano,^[65] um é aristocrata, outro católico ou justo meio, ou senão idade média, ou bem alemão, por ideias preconcebidas. Mas, se a opinião não dá talento, sempre o estraga, e uma prova é o pobre rapaz que você acaba de ver. A opinião de um artista deve ser a fé nas suas obras... e seu único meio de triunfo é o trabalho, quando a natureza lhe

deu o fogo sagrado.

— Fugamos — disse Bixiou —, Léon está pregando moral.

— E aquele homem está de boa-fé? — exclamou Gazonal, ainda estupefato.

— De muito boa-fé — replicou Bixiou —, de tão boa-fé como há pouco o rei dos raspa-cocos.

— Ele está louco! — disse Gazonal.

— E não é o único a quem as ideias de Fourier deixaram louco — disse Bixiou. — Você não sabe nada de Paris. Peça aqui cem mil francos para realizar a ideia mais útil ao gênero humano, para experimentar alguma coisa semelhante à máquina a vapor, e morrerá, como Salomon de Caus,^[66] em Bicêtre; mas se se trata de um paradoxo, fazem-se matar por isso, os homens e suas fortunas. Pois bem, acontece aqui com os sistemas o mesmo que com as coisas. Os jornais impossíveis devoraram nisso milhões, de quinze anos para cá. O que tornava seu processo tão difícil de ganhar é que você tem razão, e que, na sua opinião, há razões secretas para o prefeito.

— Podes conceber que, uma vez que tenha compreendido a Paris moral, um homem de espírito possa viver em outra parte? — disse Léon ao primo.

XXX — USINA PARA FABRICAR A ESPERANÇA

— Se levássemos Gazonal lá na velha Fontaine^[67] — disse Bixiou, o qual fez sinal a um cocheiro de carro de praça, chamando-o —, seria passar do severo ao fantástico, não? Cocheiro, vamos à Rue Vieille du Temple.

E o três rodaram em direção ao Marais.^[68]

— Que vão vocês fazer-me ver? — perguntou Gazonal.

— A prova do que te disse Bixiou — respondeu Léon —, mostrando-te uma mulher que tem lucros de vinte mil francos por ano, explorando uma ideia.

— Uma cartomante! — disse Bixiou, que não pôde deixar de interpretar o jeito do meridional como uma interrogação. — A sra. Fontaine passa, entre os que tentam conhecer o futuro, por ser mais sábia do que a finada srta. Lenormand.^[69]

— Deve ser bem rica! — exclamou Gazonal.

— Foi vítima da sua ideia, enquanto existiu a loteria — respondeu Bixiou —; porque, em Paris, não há grande receita sem grande despesa. Todas as cabeças poderosas aqui se fendem, como para dar uma válvula de escape ao seu vapor. Todos os que ganham muito dinheiro têm vícios ou manias, com certeza para estabelecer o equilíbrio.

— E agora que a loteria foi suprimida? — perguntou Gazonal.

— Agora, ela tem um sobrinho para quem acumula.

Uma vez chegados, os três amigos viram, numa das mais velhas

casas dessa rua, uma escada de degraus oscilantes, de rodapé de barro alisado, que os levou, na semiobscuridade e numa fedentina particular às casas de corredores até o terceiro andar, a uma porta que somente pode ser descrita por meio de um desenho, porquanto a literatura perderia muitas noites para descrevê-la convenientemente.

Uma velha, em harmonia com a porta, e que talvez fosse a porta animada, introduziu os três amigos numa peça que servia de antecâmara, onde, apesar da atmosfera quente que banhava as ruas de Paris, eles sentiram o frio glacial das mais profundas criptas. Ali ia ter um ar úmido vindo de um pátio interior que se assemelhava a um amplo respiradouro, no qual a claridade era baça, e sobre o encosto da janela havia um pequeno jardim cheio de plantas malsãs. Nessa peça revestida de uma substância gordurosa e fuliginosa, tudo, cadeiras e mesa, tinha um aspecto miserável. Os ladrilhos do chão transudavam como uma moringa. Enfim, o mais insignificante acessório estava em harmonia com a horrível velha de nariz adunco, de faces pálidas e vestida de farrapos decentes, que dizia aos consulentes que se sentassem, avisando-os de que só se entrava de um em um no gabinete de MADAME.

Gazonal, que bancava o valentão, entrou ousadamente e se achou em frente a uma dessas mulheres esquecidas pela Morte, a qual, sem dúvida, as esquece propositadamente para deixar alguns exemplares dela mesma entre os vivos.

Era um rosto ressecado, onde brilhavam olhos pardos de uma imobilidade fatigante; um nariz metido para dentro, sujo de rapé; ossinhos muito bem fornidos de músculos bastante parecidos e que, sob pretexto de serem mãos, baralhavam displicentemente as cartas, como uma máquina cujo movimento vai parar.

O corpo, espécie de cabo de vassoura, decentemente coberto por um vestido, desfrutava das vantagens da natureza-morta, não se movia. Sobre a fronte alteava-se uma coifa de veludo preto.

A sra. Fontaine — era uma mulher de verdade — tinha uma galinha preta à sua direita, e à esquerda um enorme sapo chamado Astaroth, que Gazonal a princípio não viu.

O sapo, de proporções surpreendentes, assustava menos por ele mesmo do que por dois topázios do tamanho de moedas de cinquenta centimos e que despediam clarões de lâmpada. Era impossível sustentar aquele olhar.

Como dizia o falecido Lassailly,^[70] o qual, deitado no campo, quis levar vantagem sobre um sapo pelo qual foi fascinado, esse batráquio é um ser inexplicado. Talvez que a criação animal, incluso o homem, se resuma nele; porque, dizia Lassailly, o sapo vive indefinidamente, e, como se sabe, é de todos os animais criados aquele cujo casamento dura mais tempo.

A galinha preta tinha sua gaiola, a dois pés da mesa, recoberta por um pano verde, e chegava até ela por meio de uma tábua que fazia as vezes de uma ponte levadiça entre a gaiola e a mesa.

Quando aquela mulher, a menos real das criaturas que mobiliavam aquela pocilga hoffmannesca,^[71] disse a Gazonal: “Corte...”, o honrado fabricante teve um estremecimento involuntário. O que torna essas criaturas tão formidáveis é a importância daquilo que queremos saber. Vem-se para lhes comprar esperança e elas o sabem perfeitamente.

O antro da sibila era muito mais sombrio do que a antecâmara; ali não se distinguia a cor do papel.

O teto, enegrecido pela fumaça, longe de refletir a escassa luz dada pela janela, obstruída por vegetação enfezada e pálida, absorvia grande parte dela; mas essa meia-luz iluminava em cheio a mesa a que estava sentada a feiticeira. Essa mesa, a poltrona da velha e a em que estava sentado Gazonal compunham toda a mobília daquela acanhada peça, dividida em duas por um desvão onde provavelmente dormia a sra. Fontaine. Gazonal ouviu, por uma pequena porta entreaberta, o murmúrio particular de uma marmita de sopa fervendo. Esse barulho de cozinha, acompanhado por um cheiro complexo no qual dominava o de uma pia, misturava de modo incongruente a ideia das necessidades da vida real às de um poder sobrenatural. Era o dissabor na curiosidade. Gazonal viu um degrau de madeira branca, o último sem dúvida da escada interior que levava ao desvão. Abarcou todos esses pormenores com um único olhar, e teve náuseas.

Era muitíssimo mais apavorante do que as narrativas dos romancistas e as cenas dos dramas alemães; era de uma verdade asfixiante. O ar desprendia um peso vertiginoso, a obscuridade acabava por irritar os nervos.

Quando o meridional, estimulado por uma espécie de fatuidade, olhou para o sapo, sentiu como um calor de emético na boca do estômago, experimentando um terror bastante semelhante ao do criminoso diante de um policial. Tentou reconfortar-se examinando a sra. Fontaine, mas encontrou dois olhos quase brancos, cujas pupilas imóveis e geladas lhe foram insuportáveis. O silêncio tornou-se então pavoroso.

— Que prefere o senhor? — disse a sra. Fontaine a Gazonal. — A sorte de cinco francos, a de dez, ou a grande?

— A sorte de cinco francos já é bastante cara — respondeu o meridional, que intimamente fazia esforços inauditos para não se deixar impressionar pelo ambiente no qual se achava.

XXXI — UM MISTÉRIO DAS CIÊNCIAS OCULTAS

No momento em que Gazonal tentava recolher-se, uma voz infernal fê-

lo saltar na sua poltrona: a galinha preta cacarejava.

— Vai-te, minha filha, vai-te; este senhor não quer gastar mais de cinco francos.

E a galinha pareceu ter compreendido sua dona, porque, depois de ter chegado a um passo das cartas, voltou gravemente para o seu lugar.

— De que flor gosta? — perguntou a velha com voz rouca devido aos humores que subiam e desciam incessantemente em seus brônquios.

— Da rosa.

— Qual a cor que lhe agrada?

— O azul.

— Qual o animal que prefere?

— O cavalo. Para que essas perguntas? — perguntou Gazonal por sua vez.

— O homem prende-se a todas as formas por seus estados anteriores — disse ela sentenciosamente —; daí vêm seus instintos, estes dominam seu destino. O que é que come com maior prazer? Peixe, caça, carne de açougue, doces, legumes ou frutas?

— Caça.

— Em que mês nasceu?

— Em setembro.

— Mostre-me sua mão.

A sra. Fontaine olhou com toda a atenção as linhas da mão que lhe era apresentada. Tudo isso foi feito com seriedade, sem premeditação de feitiçaria, e com a simplicidade que um tabelião empregaria para informar-se das intenções de um cliente antes de redigir um documento. Estando as cartas bem baralhadas ela pediu a Gazonal que cortasse, e fizesse ele mesmo três montes. Pegou-os, abriu-os um em cima do outro, examinou-os como um jogador examina os trinta e seis números da roleta antes de arriscar sua aposta.

Gazonal estava com os ossos gelados, não sabia mais onde estava; mas seu assombro foi crescendo, quando aquela horrível velha de coifa verde, gordurosa e chata, cujos rebordos deixavam ver muito mais fitas pretas do que cabelos frisados como pontos de interrogação, recitou-lhe com sua voz carregada de pituíta todas as particularidades, mesmo as mais secretas, de sua vida passada, disse-lhe quais os seus gostos, seus hábitos, seu caráter, mesmo os pensamentos de sua infância; tudo o que podia ter influído sobre ele, seu casamento fracassado, por quê, com quem, a descrição exata da mulher que ele amara, e, finalmente, de que lugar ele viera, seu processo etc.

Gazonal acreditou numa mistificação preparada por seu primo; mas o absurdo dessa conspiração foi-lhe demonstrado assim que lhe veio a ideia, e ficou boquiaberto ante aquele poder verdadeiramente infernal, cuja encarnação tomava da humanidade aquilo que em todos os tempos a imaginação de pintores e poetas considerou como a coisa

mais espantosa: uma atroz velhinha, ofegante, desdentada, de lábios frios, de nariz rombo, de olhos brancos.

As pupilas da sra. Fontaine tinham-se animado; por elas passava um raio jorrado das profundezas do futuro ou do inferno. Maquinalmente Gazonal perguntou, interrompendo a velha, para que lhe serviam a galinha e o sapo.

— Para poder predizer o futuro. O *consultante* atira ele próprio alguns grãos, ao acaso, em cima das cartas; Bilouche vem bicá-los, Astaroth arrasta-se por cima delas para ir buscar o alimento que o cliente lhe oferece, e essas duas inteligências admiráveis jamais se enganaram. Quer vê-los a trabalhar, para saber seu futuro? São cem francos.

Gazonal, atemorizado com o olhar de Astaroth, precipitou-se para a antecâmara, depois de ter saudado a terrível sra. Fontaine. Estava suado, e como que sob a incubação infernal do espírito mau.

— Vamo-nos! — disse ele aos dois artistas. — Já consultaram alguma vez esta feiticeira?

— Não faço nada de importância sem fazer Astaroth falar — disse Léon — e sempre me dei bem com isso.

— Estou à espera da fortuna honrada que Bilouche me prometeu — disse Bixiou.

— Estou com febre! — exclamou o meridional. — Se eu acreditasse no que vocês me dizem, teria de crer em feitiçaria, em um poder sobrenatural!

— Isso só pode ser natural — replicou Bixiou. — A terça parte das cortesãs, a quarta parte dos homens de Estado, a metade dos artistas consultam a sra. Fontaine, e conhece-se um ministro para quem ela serve de Egéria.^[72]

— Ela te predisse o futuro? — perguntou Léon.

— Não, bastou-me o meu passado. Mas se ela pode, com auxílio de seus horríveis colaboradores, predizer o futuro — disse Gazonal, a quem ocorreu uma ideia —, como é que ela podia perder na loteria?

— Ah! Pões aí o dedo num dos maiores mistérios das ciências ocultas — respondeu Léon. — Assim que essa espécie de espelho interior se embacia sob o hálito de um sentimento pessoal, de uma ideia qualquer estranha ao ato do poder que eles exercem, feiticeiros ou feiticeiras nada mais enxergam, do mesmo modo pelo qual o artista que macula a arte por uma combinação política ou sistemática, perde o seu talento. Faz algum tempo, um homem dotado do dom da adivinhação pelas cartas, um rival da sra. Fontaine, e que se entregava a práticas criminosas, não soube tirar as cartas para si próprio e ver que seria preso, julgado e condenado no tribunal. A sra. Fontaine, que prediz o futuro oito vezes em dez, nunca soube que perderia sua aposta na loteria.

— O mesmo acontece com o magnetismo — fez observar Bixiou. — Ninguém se magnetiza a si próprio.

— Bem! Temos agora o magnetismo! — exclamou Gazonal. — Ora esta! Vocês então conhecem tudo?

— Amigo Gazonal — replicou gravemente Bixiou —, para poder rir de tudo, é preciso conhecer tudo. Quanto a mim, estou em Paris desde a minha infância, e meu lápis faz-me viver à custa dos ridículos, à razão de cinco caricaturas mensais... Zombo assim, muitas vezes, de uma ideia na qual tenho fé!

— Passemos a outros exercícios — disse Léon —; vamos à Câmara, onde arrumaremos o assunto do primo.

— Isto — disse Bixiou, imitando Odry e Gaillard — é alta comédia, porque vamos fazer *posar* o primeiro orador que encontrarmos na sala dos Passos Perdidos, e você lá vai reconhecer, como em toda parte, a linguagem parisiense, que nunca tem senão dois ritmos: o interesse ou a vaidade.

XXXII — DOIS MODOS DE ENTRAR NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Ao subir novamente para o carro, Léon viu, num cabriolé que passava rapidamente, um homem ao qual por um sinal com a mão fez compreender que lhe queria falar.

— É Públicola Masson — disse Léon a Bixiou —, vou pedir-lhe hora para esta tarde, às cinco, depois da Câmara. O primo vai ter o mais curioso de todos os originais...

— Quem é? — perguntou Gazonal, enquanto Léon falava com Públicola Masson.

— Um pedicuro, autor de um Tratado de Corporística, que corta os calos por assinatura, e que, se os republicanos triunfarem durante seis meses, tornar-se-á certamente imortal.

— De carro! — exclamou Gazonal.

— Mas, meu caro Gazonal, só os milionários dispõem de tempo para andar a pé em Paris.

— Para a Câmara! — gritou Léon ao cocheiro.

— Qual delas, senhor?

— A dos deputados — respondeu Léon depois de trocar um sorriso com Bixiou.

— Paris começa a me deixar confuso — disse Gazonal.

— Para fazer com que você compreenda a imensidade moral, política e literária de Paris, nós estamos agindo, neste momento, como o cicerone romano, que mostra em São Pedro o polegar da estátua que se acreditou ser de tamanho natural, e se verifica que tem um pé de comprimento. Você ainda não mediu um dos dedos do pé de Paris!

— E note, primo Gazonal, que nós pegamos o que encontramos, não

escolhemos.

— Esta noite, vais cear como nos festins de Baltasar^[73] e verás Paris, a nossa Paris, jogando lansquenete e arriscando cem mil francos numa parada sem pestanejar.

Um quarto de hora depois o carro de praça parava junto aos degraus da Câmara dos Deputados, do lado da Place de la Concorde que leva à discórdia.

— Eu pensei que a Câmara fosse inabordável — disse o meridional, surpreendido ao se achar no meio da grande sala dos Passos Perdidos.

— É conforme — respondeu Bixiou —; materialmente falando, custa um franco e meio de cabriolé; politicamente, gasta-se um pouco mais. As andorinhas pensaram, disse um poeta, que o Arco de Triunfo fora construído para elas; nós, os artistas, pensamos que se edificou este monumento para compensar as nulidades do Théâtre-Français e nos fazer rir; mas estes comediantes aqui custam muito mais caro, e nem todos os dias nos dão coisa que valha o nosso dinheiro.

— Eis, pois, a Câmara! — repetia Gazonal.

E caminhava de um lado para o outro na sala, onde naquele momento se achavam umas dez pessoas, olhando para tudo com um ar que Bixiou ia gravando na memória para fazer uma daquelas célebres caricaturas nas quais ele luta com Gavarni.^[74]

XXXIII — PERFIL DE MINISTRO

Léon foi falar com um dos contínuos que vão e vêm constantemente entre essa sala e a das sessões, com a qual aquela se comunica pelo corredor onde permanecem os estenógrafos do *Moniteur*^[75] e algumas pessoas adidas à Câmara.

— Quanto ao ministro — respondeu o contínuo a Léon, no momento em que Gazonal se aproximava deles — está aqui; entretanto, não sei se o sr. Giraud^[76] ainda está, vou ver...

Quando o contínuo abriu um dos batentes da porta pela qual entram somente os deputados, os ministros ou os comissários do rei, Gazonal viu sair por ali um homem que lhe pareceu ainda moço, conquanto tivesse quarenta e oito anos, e a quem o contínuo indicou.

— Ah! Vocês por aqui! — disse ele indo dar um aperto de mão a Léon e a Bixiou. — Tratantes! Que vêm vocês fazer no santuário das leis?

— Ora essa! Viemos para aprender a *troçar* — disse Bixiou —; sem isso, acabamos enferrujando.

— Passemos então para o jardim — replicou o rapaz, sem acreditar que o meridional fizesse parte da turma.

Ao ver aquele desconhecido bem trajado, todo de preto, e sem nenhuma condecoração, Gazonal ficou sem saber em que categoria política classificá-lo; mas seguiu-o ao jardim contíguo à sala e que

margeia o cais antigamente chamado Quai Napoléon. Uma vez no jardim, o ex-rapaz deu curso a um riso que vinha comprimido desde que entrara na sala dos Passos Perdidos.

— Que te aconteceu? — perguntou Léon de Lora.

— Meu caro amigo, para poder estabelecer a sinceridade do governo constitucional, somos forçados a proferir mentiras pavorosas, com um topete incrível. Eu, porém, sou diarista. Se há dias em que minto como um programa, outros há em que não posso falar sério. Hoje estou num dos meus dias de hilaridade. Ora, neste momento, o chefe do gabinete, intimado pela oposição a revelar os segredos da diplomacia, a qual oposição se recusaria a revelá-los se fosse o *ministério*, está ocupado em fazer seus exercícios na tribuna, e, como é homem de bem, e não mente por conta própria, disse-me ao ouvido antes de iniciar o assalto: “Não sei o que lhes vou dizer!...”. Ao vê-lo ali, fiquei com uma vontade louca de rir, e saí, porque não se pode rir no banco dos ministros, onde a minha mocidade me vem intempestivamente fazer das suas.

— Enfim! — exclamou Gazonal. — Encontro um homem de bem em Paris! O senhor deve ser um homem bem superior! — disse ele olhando para o desconhecido.

— Hom’essa! Quem é este senhor? — disse o ex-rapaz examinando Gazonal.

— Meu primo — replicou vivamente Léon. — Respondo pelo seu silêncio e por sua probidade como por mim mesmo. É por causa dele que aqui estamos, pois ele tem um processo administrativo que depende do teu ministério; o prefeito dele quer simplesmente arruiná-lo, e viemos procurar-te para impedir o Conselho de Estado de consumir uma injustiça...

— Quem é o relator?

— Massol.

— Bom!

— E nossos amigos Giraud e Cláudio Vignon estão na seção — disse Bixiou.

— Dize-lhes uma palavra, e que eles venham logo à noite à casa de Carabina, onde Du Tillot dá uma festa a pretexto de estradas de ferro, porque mais do que nunca estão agora assaltando nas estradas — acrescentou Léon.

— Ora esta! Mas isso é nos Pireneus? — perguntou o rapaz, que ficara sério.

— Sim — disse Gazonal.

— E o senhor não vota em nós nas eleições? — disse o homem de Estado olhando para Gazonal.

— Não; mas, depois do que acaba de dizer diante de mim, o senhor me corrompeu: palavra de comandante da Guarda Nacional, eu farei eleger seu candidato...

— E então, ainda podes garantir por teu primo? — perguntou o rapaz a Léon.

— Nós o estamos educando — disse Bixiou num tom profundamente cômico.

— Está bem, vou ver — disse aquela personagem, deixando os amigos e voltando precipitadamente para a sala das sessões.

— Ora essa! Quem é? — perguntou Gazonal.

— Pois, o conde de Rastignac, o ministro em cujo departamento se encontra o teu caso...

— Um ministro!... Não é mais do que isso?

— Mas é um velho amigo nosso. Tem trezentos mil francos de renda, é par de França, o rei o fez conde, é genro de Nucingen e é um dos dois ou três homens de Estado engendrados pela Revolução de Julho; o poder, porém, aborrece-o algumas vezes e ele vem rir conosco...

XXXIV — ESPÉCIMES DE ORADOR

— Ora esta! Primo, não nos tinhas dito que eras da oposição lá na terra? — disse Léon, pegando Gazonal pelo braço. — Que bobagem é essa? Que haja mais um deputado à direita ou à esquerda, melhora isso a tua situação?

— Nós somos pelos outros...

— Deixe-os — disse Bixiou tão comicamente como o teria dito Monrose^[77] —, eles têm por si a Providência, ela os trará de volta sem você e apesar deles... Um fabricante deve ser fatalista...

— Bom! Aí estão Máximo^[78] com Canalis^[79] e Giraud! — exclamou Léon.

— Venha, amigo Gazonal, os atores anunciados apresentam-se em cena — disse-lhe Bixiou.

E os três dirigiram-se para as personagens assinaladas, as quais pareciam não ter muito que fazer.

— Mandaram vocês passear, para que andem assim? — disse Bixiou a Giraud.

— Não, enquanto votam pelo escrutínio secreto — respondeu Giraud —, nós viemos tomar ar...

— E como se saiu o chefe do gabinete?

— Esteve magnífico — disse Canalis.

— Magnífico! — concordou Giraud.

— Magnífico! — repetiu Máximo.

— Como! A Direita, a Esquerda e o Centro estão unânimes?

— Todos temos uma ideia diferente — fez observar Máximo de Trailles.

Máximo era deputado ministerial.

— Sim — respondeu Canalis, rindo.

Conquanto Canalis já tivesse sido ministro, naquele momento pendia para a Direita.

— Ah! Você teve há pouco um belo triunfo! — disse Máximo a Canalis. — Porque foi você que obrigou o ministro a subir à tribuna.

— E a mentir como um charlatão — replicou Canalis.

— Que bela vitória! — respondeu o honrado Giraud. — Você, no lugar dele, o que teria feito?

— Teria mentido.

— Isto não se chama mentir — disse Máximo de Trailles —, e sim cobrir a coroa.

E levou Canalis para alguns passos dali.

— É um formidável orador! — disse Léon a Giraud, mostrando-lhe Canalis.

— Sim e não — respondeu o conselheiro de Estado —; ele é oco, é sonoro, é mais um artista em palavras do que um orador. Enfim, é um belo instrumento, mas não é a música; por isso não tem, nem nunca terá, *o ouvido da Câmara*. Julga-se necessário à França; mas em hipótese nenhuma poderá ser o *homem da situação*.

Canalis e Máximo tinham voltado para o grupo no momento em que Giraud, deputado do Centro-Esquerda, acabava de proferir essa sentença. Máximo pegou Giraud pelo braço e puxou-o para longe do grupo, talvez para lhe fazer as mesmas confidências que fizera a Canalis.

— Que honrado e digno rapaz! — disse Léon a Canalis, designando Giraud.

— É uma dessas proibidades que matam os governos — respondeu Canalis.

— Na sua opinião, é bom orador?

— Sim e não — respondeu Canalis —; é verboso, difuso. É um operário em matéria de raciocínio, é um bom lógico; mas não compreende a grande lógica, a dos acontecimentos e a dos negócios; por isso não tem e nunca terá *o ouvido da Câmara*.

No momento em que Canalis expressava esse conceito sobre Giraud, este voltou com Máximo em direção ao grupo; e, esquecendo que ali estava um estranho cuja descrição não lhes era conhecida, como a de Léon e Bixiou, pegou na mão de Canalis de modo significativo.

— Pois bem — disse ele —, consinto no que o sr. conde de Trailles propõe, eu lhe farei a interpelação, mas com muita severidade.

— Teremos então a Câmara conosco neste assunto; porque um homem de seu prestígio e de sua eloquência *tem sempre o ouvido da Câmara* — respondeu Canalis. — Eu responderei... mas vivamente, de modo a esmagá-lo.

— Você poderá determinar uma mudança de gabinete, porque em semelhante terreno fará da Câmara o que quiser e *será o homem da*

situação.

— Máximo engazopou os dois — disse Léon ao primo. — Esse freguês nas intrigas da Câmara sente-se como um peixe na água.

— Quem é? — perguntou Gazonal.

— Um ex-patife em caminho de se tornar embaixador — respondeu Bixiou.

— Giraud! — disse Léon ao conselheiro de Estado. — Não vá embora sem ter pedido a Rastignac que lhe diga o que ele me prometeu dizer-lhe relativamente a um processo que vocês vão julgar depois de amanhã, e que diz respeito a meu primo que aqui está; irei vê-lo amanhã, pela manhã, para falar-lhe sobre o assunto.

E os três amigos seguiram os três homens políticos, à distância, dirigindo-se para a sala dos Passos Perdidos.

XXXV — UM DESAFIO DE GAZONAL

— Olha, primo, repara naqueles dois homens — disse Léon a Gazonal, mostrando-lhe um antigo ministro muito célebre e o chefe do Centro-Esquerda —, ali estão dois oradores que dispõem do ouvido da Câmara e que graciosamente são denominados ministros do departamento da oposição; tanto eles dispõem das orelhas da Câmara que com frequência lhes dão puxões.

— São quatro horas — disse Bixiou —, voltemos à Rue de Berlin.

— Sim, acabaste de ver o coração do governo — disse Léon ao primo —, é preciso agora mostrar-te os helmintos, os ascarídeos, a tênia, o republicano, já que é forçoso chamá-lo por seu nome, desse nosso governo.

Uma vez que os três amigos se achavam amontoados no seu fiacre, Gazonal olhou ironicamente para o primo e para Bixiou, como um homem que quisesse soltar um fluxo de bile oratória e meridional.

— Eu bem que desconfiava desta grande droga de cidade; mas desde esta manhã eu a desprezo! A pobre província tão mesquinha é uma moça honrada; mas Paris é uma prostituta, ávida, mentirosa, comediante, e sinto-me feliz por não ter deixado aqui nem um pedacinho da minha pele...

— O dia ainda não acabou — disse Bixiou sentenciosamente, piscando o olho para Léon.

— E por que te queixas tu tolamente... — disse Léon — de uma pretensa prostituição a que vais dever o ganhar teu processo?... Julgaste mais virtuoso do que nós e menos comediante, menos ávido, menos fácil para descer uma encosta qualquer, menos vaidoso do que todos aqueles com quem brincamos como se fossem bonecos?

— Tentem perverter-me...

— Pobre rapaz! — disse Léon dando de ombros. — Pois já não

prometeste tua influência eleitoral a Rastignac?

— Sim, porque foi ele o único a rir-se de si mesmo...

— Pobre rapaz! — repetiu Bixiou. — Você me desafia, a mim, que apenas ri!... Você lembra um fraldiqueiro irritando um tigre... Ah! Se nos tivesse visto zombando de alguém!... Sabe você que somos capazes de deixar louco um homem são de espírito?

Essa conversa levou Gazonal até a casa do primo, onde a vista das riquezas mobiliárias deixou-o sem voz e pôs fim à discussão. O meridional percebeu, porém mais tarde, que Bixiou já o fizera *posar*.

XXXVI — O VENTO QUE VEM DA MONTANHA DEIXOU-O LOUCO

Às cinco horas e meia, no momento em que Léon de Lora se estava vestindo com traje de noite, para maior assombro de Gazonal, que anotava as mil e uma superfluidades do primo e admirava a seriedade do criado de quarto no desempenho de suas funções, anunciaram o pedicuro de *monsieur*. Públicola Masson, homenzinho de cinquenta anos, cuja figura lembrava a de Marat,^[80] fez sua entrada, depondo uma pequena caixa de instrumentos e colocando-se numa pequena cadeira em frente de Léon, depois de ter cumprimentado Gazonal e Bixiou.

— Como vão os negócios? — perguntou-lhe Léon, entregando-lhe um pé já previamente lavado pelo criado de quarto.

— Sou forçado a ter dois discípulos, dois rapazes que, desesperançados da carreira, abandonaram a cirurgia pela corporística: estavam morrendo de fome, apesar de terem talento.

— Oh! Não lhe falo de assuntos pedestres, e sim pergunto-lhe em que pé estão seus assuntos políticos...

Masson lançou para Gazonal um olhar mais eloquente do que qualquer espécie de interrogação.

— Oh! Pode falar, é meu primo, e quase é um dos seus; ele se julga legitimista...

— Pois bem, vamos indo! Marchamos! Dentro de cinco anos toda a Europa será nossa!... A Suíça e a Itália estão sendo fortemente trabalhadas, e, se as circunstâncias surgirem, estamos prontos. Temos aqui cinquenta mil homens armados, sem contar os duzentos mil cidadãos que não têm vintém...

— Ora! — disse Léon. — E as fortificações?

— Casca de pastel que será engolida — respondeu Masson. — Primeiro que tudo, não deixaremos os canhões chegarem; e depois, temos uma maquinazinha mais poderosa do que todas as fortalezas do mundo, uma máquina devida ao médico^[81] que curou mais gente do que a que os médicos mataram no tempo em que ela funcionava.

— Como vai depressa! — disse Gazonal, a quem o ar de Públicola deixava de pele arrepiada.

— Ah! É preciso isso! Se nós viemos depois de Robespierre e de Saint-Just^[82] foi para agir melhor; eles foram tímidos, pois o senhor vê o que nos aconteceu: um imperador, o ramo mais velho e o mais novo! Os montanhese^[83] não podaram suficientemente a árvore social.

— Hom'essa! Você que será, segundo dizem, cônsul ou algo como tribuno, não se esqueça — disse Bixiou — de que há doze anos já lhe pedi sua proteção.

— Nada lhe acontecerá, pois precisaremos de trocistas, e o senhor poderá ocupar o posto de Barrère^[84] — respondeu o pedicuro.

— E eu? — perguntou Léon.

— Ah! O senhor, o senhor é meu cliente e é o que o salvará; porque o gênio é um privilégio odioso, ao qual em França se favorece demais, e seremos forçados a demolir alguns dos nossos grandes homens, para ensinar os outros a serem simples cidadãos.

O pedicuro falava meio sério, meio troçando, o que provocou arrepios em Gazonal.

— De modo que se acaba a religião? — disse Gazonal.

— Acaba-se a religião *do Estado* — respondeu o pedicuro acentuando as duas últimas palavras —; cada qual terá a sua. É uma grande felicidade que se protejam neste momento os conventos, porque isso nos prepara fundos para o nosso governo. Tudo conspira a nosso favor. Assim, pois, todos aqueles que lamentam a sorte dos povos, que *berram* a respeito da questão dos proletários e dos salários, que escrevem contra os jesuítas, que se preocupam com a melhoria seja lá do que for... os comunistas, os humanitários, os filantropos... o senhor sabe, toda essa gente é nossa vanguarda. Enquanto nós armazenamos pólvora, eles estão trançando a mecha à qual a centelha de uma circunstância porá fogo.

— Mas afinal, que querem vocês para a felicidade da França? — perguntou Gazonal.

— A igualdade para os cidadãos, preço barato para os mantimentos... Nós queremos que não haja mais gente que careça de tudo e milionários, sugadores de sangue e de vítimas.

— É isso! o *Máximo* e o *Mínimo* sim?^[85] — disse Gazonal.

— Tal qual diz — replicou peremptoriamente o pedicuro.

— Não haverá mais fabricantes? — perguntou Gazonal.

— Fabricar-se-á por conta do Estado, todos seremos usufrutuários da França... Todos terão sua ração como a bordo, e todos trabalharão de acordo com sua capacidade.

— Bom! — disse Gazonal. — E, enquanto se espera que os senhores cortem a cabeça dos aristocratas...

— Eu lhes aparo as unhas — disse o republicano radical, o qual, guardando seus instrumentos, terminou ele mesmo a facécia.

Saudou muito cortesmente e saiu.

— Será possível? Em 1845?... — exclamou Gazonal.

— Se tivéssemos tempo, nós te mostrariamos — respondeu o paisagista — todas as personagens de 1793; conversarias com eles. Acabas de ver Marat; pois bem, nós conhecemos Fouquier-Tinville,^[86] Collot d'Herbois,^[87] Robespierre, Chabot,^[88] Fouché, Barras,^[89] e há até uma magnífica sra. Rolland.

— Vamos, nesta representação, nem o trágico faltou — disse o meridional.

XXXVII — UM PROCESSO PARA EXPERIMENTAR O AMOR

— São seis horas: antes de te levarmos para ver *Os saltimbancos*, que Odry representa esta noite — disse Léon ao primo —, precisamos fazer uma visita à sra. Cadine, uma atriz que o teu relator Massol frequenta muito e a quem deverás fazer esta noite uma corte assídua.

— Como é preciso que você granjeie as simpatias dessa potência, vou dar-lhe algumas instruções a respeito — acrescentou Bixiou. — Emprega operárias na sua fábrica?

— Emprego — respondeu Gazonal.

— Era tudo o que eu queria saber — disse Bixiou —; você não é casado, é um grande...

— Sim! — exclamou Gazonal. — O senhor adivinhou o meu fraco: gosto de mulheres...

— Pois bem, se quiser executar a pequena manobra que lhe vou prescrever, você conhecerá, sem gastar um ceitil, os encantos de que se goza na intimidade de uma atriz.

Ao chegar à Rue de la Victoire, onde morava a célebre atriz, Bixiou, que premeditava uma peça a pregar ao desconfiado Gazonal acabava de lhe traçar seu papel; mas o meridional, como se vai ver, pegara a coisa no ar.

Os três amigos subiram ao segundo andar de uma casa bastante bonita e encontraram Jenny Cadine acabando de jantar, pois representava na peça da segunda sessão do Gymnase.^[90] Após a apresentação de Gazonal àquela potência, Léon e Bixiou, a fim de o deixarem a sós com ela, pretextaram ir ver um novo móvel; mas, antes de deixar a atriz, Bixiou dissera-lhe ao ouvido:

— É o primo de Léon, um fabricante multimilionário, que, para ganhar seu processo no conselho de Estado contra o prefeito, julgou conveniente seduzi-la a fim de ter Massol do seu lado.

Paris inteira conhece a beleza dessa jovem primeira atriz; por isso, pode compreender-se a estupefação do meridional ao vê-la. Recebido a princípio quase friamente, tornou-se alvo das boas graças de Jenny Cadine durante os poucos minutos em que ficaram sós.

— Como — disse Gazonal, olhando com desdém o mobiliário do

salão pela porta que seus cúmplices tinham deixado entreaberta, e avaliando o que valia o da sala de jantar —, como é possível que deixem uma mulher como a senhora em semelhante canil?...

— Ah! Pois é!... Que quer! Massol não é rico, estou à espera de que ele seja ministro...

— Que homem feliz! — exclamou Gazonal dando um suspiro de homem da província.

“Bem!”, disse consigo a atriz, “meu mobiliário vai ser renovado, poderei afinal lutar com Carabina!”

— E então — disse Léon, voltando —, minha querida filha, você vai à casa de Carabina logo mais, não é? Vamos cear, haverá lansquenete.

— O senhor vai? — perguntou graciosa e ingenuamente Jenny Cadine.

— Sim, senhora — disse Gazonal, deslumbrado com aquele rápido êxito.

— Mas Massol lá estará — disse Bixiou.

— E daí, que tem isso? — replicou Jenny. — Mas, partamos, minhas joias, tenho de ir ao meu teatro.

Gazonal deu a mão à atriz até o carro de praça que a estava esperando, e apertava a dela tão ternamente, que Jenny Cadine respondeu sacudindo os dedos:

— Epa! Olhe que não tenho outros sobressalentes!

Quando entrou no carro, Gazonal tentou enlaçar Bixiou pela cintura, exclamando:

— Ela mordeu... Você é um famoso celerado...

— É o que elas dizem — replicou Bixiou.

XXXVIII — CARABINA REPOUSANDO

Às onze horas e meia, depois do espetáculo, um carro de praça levou os três amigos à casa da srta. Serafina Sinet, mais conhecida pela alcunha de Carabina, um desses nomes de guerra que as cortesãs ilustres adotam, ou que lhes são dados, e que derivava provavelmente do fato de ela sempre matar o seu pombo.

Carabina, que se tornara quase uma necessidade para o famoso banqueiro Du Tillet, deputado do Centro-Esquerda, morava então numa encantadora casa da Rue Saint-Georges. Existem em Paris casas cujo destino não varia, e esta já vira sete vidas de cortesãs. Um cambista ali instalara, em 1827, Suzana du Val-Noble, que mais tarde se tornou a sra. Gaillard. A famosa Ester^[91] fez o barão Nucingen praticar nessa casa as únicas loucuras por ele cometidas. Florina^[92] e depois a mulher que graciosamente chamavam *a falecida sra. Schontz*^[93] ali tinham brilhado sucessivamente. Enjoado de sua esposa,^[94] Du Tillet adquirira aquela pequena casa moderna e nela instalara a ilustre Carabina, cujo espírito

vivo, maneiras desembaraçadas e brilhante desvergonha formavam um contrapeso aos trabalhos de sua vida doméstica, política e financeira. Quer Du Tillet, quer Carabina não estivessem em casa, a mesa estava sempre posta, e esplendidamente, para dez talheres, todos os dias. Artistas, homens de letras, jornalistas, os frequentadores da casa comiam ali. À noite jogava-se. Mais de um membro de uma e de outra Câmara vinham ali buscar o que se compra a peso de ouro em Paris, o prazer. As mulheres excêntricas, esses meteoros do firmamento parisiense, que tão dificilmente se classificam, para ali levavam a riqueza de seus vestuários. Ali todos eram muito espirituosos, porque tudo se podia dizer, e tudo se dizia. Carabina, rival da não menos célebre Málaga, fizera-se finalmente herdeira do salão de Florina, que se tornara a sra. Nathan; do de Túlia, que se tornara a sra. du Bruel; do da sra. Schontz, que se tornara esposa do presidente Du Ronceret. Ao entrar ali, Gazonal não disse mais do que uma palavra, mas era ao mesmo tempo legítima e legitimista: “É mais belo do que as Tuileries...”. O cetim, o veludo, os brocados, o ouro, os objetos de arte que abundavam ocuparam de tal forma os olhos do provinciano, que ele não viu Jenny Cadine numa *toilette* de inspirar respeito, e que, oculta por trás de Carabina e conversando com ela, estudava a entrada do pleiteante.

— Querida filha — disse Léon a Carabina —, aqui está meu primo, um fabricante que me caiu dos Pireneus esta manhã; ainda não conhecia nada de Paris, e precisa de Massol para um processo no Conselho de Estado; tomamos, pois, a liberdade de lhe trazer o sr. Gazonal para a ceia, recomendando a você que lhe deixe toda a sua razão...

— Como o senhor quiser, o vinho está caro — disse Carabina, que mediu Gazonal de alto a baixo, nada vendo nele de notável.

Gazonal, aturdido pelas *toilettes*, pelas luzes, pelo ouro e pela tagarelice dos grupos que ele julgava ocupados com sua pessoa, apenas pôde balbuciar estas palavras:

— A senhora... a senhora... é muito gentil.

— Que fabrica o senhor? — perguntou-lhe a dona da casa, sorrindo.

— Rendas, e ofereça-lhe guipuras! — soprou Bixiou ao ouvido de Gazonal.

— Ren... ren...

— O senhor é dentista?...^[95] Olha, Cadine? Um dentista! Estás roubada, minha filha.

— Rendas — disse finalmente Gazonal, compreendendo que era preciso pagar sua ceia. — Será para mim um grande prazer oferecer-lhe um vestido... uma echarpe... uma mantilha da minha fábrica.

— Ah! Três coisas ao mesmo tempo? Pois, o senhor é mais gentil do que parecia — replicou Carabina.

“Paris deitou-me a unha!”, pensou Gazonal ao descobrir Jenny Cadine e indo cumprimentá-la.

— E eu, que ganharei? — perguntou-lhe a atriz.

— Mas... toda a minha fortuna — respondeu Gazonal, que pensou que oferecer tudo é não dar coisa nenhuma.

Massol, Cláudio Vignon, Du Tillet, Máximo de Trailles, Nucingen, Du Bruel, Málaga, o sr. e a sra. Gaillard, Vauvinet e muitas outras personagens entraram.

Após uma conversação a fundo com o fabricante sobre o processo, Massol, sem nada prometer, disse-lhe que o relatório ainda estava por fazer e que os cidadãos podiam confiar nas luzes e na independência do Conselho de Estado. Ante aquela fria e digna resposta, Gazonal, desesperado, julgou necessário seduzir a encantadora Jenny Cadine, da qual estava perdidamente enamorado. Léon de Lora e Bixiou deixaram sua vítima entre as mãos da mais travessa das mulheres daquela estranha sociedade, porque Jenny Cadine era a única rival da famosa Déjazet.^[96] À mesa, onde Gazonal ficou fascinado por uma baixela de prata, obra do Benvenuto Cellini moderno,^[97] Froment-Meurice,^[98] e cujo conteúdo valia os juro do continente, os dois mistificadores tiveram o cuidado de se colocar longe dele; mas vigiavam com olhares dissimulados os progressos da espirituosa atriz, a qual, seduzida pela insidiosa promessa da renovação do seu mobiliário, propôs-se por tema o levar Gazonal à sua casa. Ora, jamais cordeiro da Festa do Divino foi mais complacente em se deixar conduzir por seu amigo São João Batista do que Gazonal em obedecer àquela sereia.

XXXIX — DESENLACE NO QUAL O PROVINCIANO RECONHECE A SUPERIORIDADE DE PARIS EM TODOS OS GÊNEROS

Três dias depois, Léon e Bixiou, que não mais tinham visto Gazonal, foram procurá-lo em seu hotel, cerca das duas horas da tarde.

— E então, primo, uma sentença do Conselho te dá ganho de causa...

— Ai de mim! É inútil, primo — disse Gazonal, que ergueu, para os dois amigos olhos melancólicos —, tornei-me republicano...

— O quê? — disse Léon.

— Não tenho mais nada, nem mesmo com que pagar meu advogado — respondeu Gazonal. — A sra. Jenny Cadine tem letras promissórias minhas por importância maior do que os bens que possuo...

— O fato é que Cadine é um pouco cara, mas...

— Oh! Valeu o dinheiro que paguei — replicou Gazonal. — Ah! Que mulher!... Vamos, a província não pode lutar com Paris, vou retirar-me para a Trapa.^[99]

— Bem! — disse Bixiou. — Ei-lo ajuizado. Tem de reconhecer a

majestade da capital.

— E do capital! — exclamou Léon entregando a Gazonal suas letras promissórias.

Gazonal olhava para aqueles papéis com ar aparvalhado.

— Você não poderá dizer que nós não praticamos a hospitalidade: nós o instruímos e o salvamos da miséria; nós o regalamos e... divertimos — disse Bixiou.

— E de *carona*! — acrescentou Léon, fazendo o gesto dos garotos quando querem exprimir o ato de *surripiar*.

Paris, novembro de 1845

**OS PEQUENO-
BURGUESES**

TRADUÇÃO DE LILIA CORRÊA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, o romance *Os pequeno-burgueses* (*Les Petits Bourgeois*) constituiu um enigma para a história literária.

Em 17 de dezembro de 1843, Balzac escrevia à condessa Hanska, sua futura esposa:

“Veja como tudo vira literatura! Há mais de quatro anos não conseguia acabar a obra intitulada *Genros e sogras* [título primeiramente destinado a *Os pequeno-burgueses*], e eis que o acaso me atira sob a pena. É o Tartufo moderno, penetrando sem fortuna numa família e nela desempenhando todos os papéis e todas as comédias necessárias para desposar uma herdeira; e, de repente, a continuação desse drama torna-se naturalmente o que eu desejava fazer. A obra será intitulada *Modesta* e se comporá de duas partes, uma intitulada *Um grande artista* e a outra *O drama do genro*, e sinto-me tão disposto a alinhar este livro, que me caiu do céu, que só faço isto”. *Modesta*, segundo título destinado a *Os pequeno-burgueses*, seria o nome da heroína; esta, porém, depois que Balzac lhe utilizou o nome em *Modesta Mignon*, passou a chamar-se Celeste. “Aliás, ele há de diverti-la pela reaparição de todas as personagens de *A mulher superior* [primeiro título de *Os funcionários*], não de Rabourdin, mas dos funcionários inferiores da repartição.”

Em 24 de dezembro, o livro está bem avançado. “Adiantei muito *Um grande artista*, a primeira parte de *Modesta*. É uma obra que a surpreenderá. Molière fizera o Avaro em Harpagon; eu fiz um avaro com o pai Grandet. Pois bem, em *Um grande artista*, luto novamente com ele pelo assunto de *Tartufo*. Ele mostrou o hipócrita numa única situação, o triunfo (pois, no pensamento de Molière, só há o triunfo: Orgon é a burguesia). Eu, porém, quero fazer o Tartufo de nosso tempo, o Tartufo Democrata-Filantropo.”

Em 8 de janeiro do ano seguinte Balzac anuncia que o livro vai mudar de título por sugestão do editor Hetzel e chamar-se-á *Os burgueses de Paris*; em 19 de janeiro batiza-o definitivamente de *Os pequeno-burgueses de Paris*. O progresso do trabalho deixa-o extremamente satisfeito: o novo romance “é dessas obras que deixam tudo pequeno ao seu lado”.

À medida que o romance progride, Balzac funda sobre ele esperanças cada vez maiores. Em 5 de fevereiro, em resposta a uma carta em que a noiva o consolara dos ataques de algumas revistas, escreve-lhe:

“Minha vingança consiste em escrever, no *Journal des Débats*, *Os*

pequeno-burgueses e em fazer que meus inimigos digam com raiva: ‘No momento em que se pode crer que esvaziou o seu saco, ei-lo alcançar uma nova obra-prima’.” Com o otimismo que o caracteriza, em 10 de fevereiro já arrola entre seus próximos rendimentos os honorários de *Os pequeno-burgueses*, vinte mil francos. Em 4 de março anunciava triunfalmente: “*Os pequeno-burgueses* estão em cima da minha escrivaninha: já foram anunciados pelo *Journal des Débats*”.

A impressão de cada um, após a leitura desses trechos de carta, seria que o romance está pronto. Mas eis que o romancista escreve em 25 de março ao diretor do *Journal des Débats*: “Mesmo que dê a impressão de atribuir à minha obra *Os pequeno-burgueses de Paris* mais importância do que realmente possui e de chamar a curiosidade que qualquer atraso excita quando já foi solicitada por um título, estou obrigado a dizer-lhe que as dificuldades de execução exigem ainda um mês, embora a obra esteja inteiramente escrita”.

Ao mesmo tempo, prevendo que essas dificuldades poderiam ultrapassar um mês, o romancista substituiu *Os pequeno-burgueses* por outro romance, *Modesta Mignon*, começado mais tarde mas com inspiração mais feliz, e foi este que principiou a sair no *Journal des Débats* em 4 de abril de 1844.

Mas *Os pequeno-burgueses* que fim levaram? Que aconteceu a esse romance que devia ser um dos mais importantes de Balzac e cuja grandeza levou o autor a escrever, na carta de 5 de fevereiro já citada, estas frases famosas em que se patenteia melhor do que nunca a sua fé no próprio gênio: “Em suma eis o jogo que estou jogando. Quatro homens terão tido uma vida imensa: Napoleão, Cuvier, O’Connell, e eu quero ser o quarto. O primeiro viveu da vida da Europa: inoculou-se nos exércitos. O segundo desposou o Globo. O terceiro encarnou um povo. Por mim, eu terei trazido uma sociedade inteira na cabeça”.

No entanto, *Os pequeno-burgueses* desapareceram. Não se ouve mais falar neles em vida de Balzac e só em 26 de julho de 1854, quatro anos depois de sua morte, começam a sair em folhetim do jornal *Le Pays*, em que a publicação acaba em 28 de outubro do mesmo ano. Finalmente, em 1856 e 1857, o romance é editado sob forma de livro em oito volumes subordinados a duas partes: *Os pequeno-burgueses* e *Os que sobem* (*Les Parvenus*).

Trata-se de uma obra enorme, uma das maiores de Balzac pela extensão e que o deveria ser também pela importância. Entretanto, o romance não alcança nenhuma repercussão; a crítica se mantém silenciosa. A glória do autor cresce cada vez mais com as homenagens póstumas, mas nos estudos que lhe são consagrados quase nunca aparece uma referência a essa obra fundamental. É que as edições de obras póstumas de Balzac despertam justificadas suspeitas quanto à sua autenticidade. Uma delas, *O deputado de Arcis*, publicada como livro

em 1854 e 1855, trazia até a menção de um colaborador, pois se lia no frontispício: “Acabado por Charles Rabou”. Suspeita-se que seja semelhante o caso de *Os camponeses* e *Os pequeno-burgueses*, embora nenhuma dessas obras póstumas traga a indicação de um nome de colaborador.

Em 1886 o visconde Spoelberch de Lovenjoul, o primeiro dos balzaquianos, na segunda edição de sua bibliografia clássica *História das obras de H. de Balzac*, restringia-se a emitir acerca de *Os pequeno-burgueses* a seguinte ressalva:

“Na edição definitiva, este romance muito pouco conhecido de Balzac insere-se pela primeira vez entre suas obras; geralmente passa por ter sido terminado por Charles Rabou, que Balzac designara pessoalmente para concluir *O deputado de Arcis*. Não poderíamos dizer até que ponto essa opinião é exata, apenas devemos observar que a edição in-oitavo não traz no frontispício, como a de *O deputado de Arcis*: ‘terminado por Charles Rabou’, e que em todo caso *Os pequeno-burgueses* estavam bem mais adiantados que *O deputado de Arcis* quando da morte de seu autor”.

Mais tarde, entretanto, o visconde encontrou a confirmação dessa suspeita numa carta inédita da viúva de Balzac a Armand Dutôcq, um amigo que se ocupava da publicação das obras de Balzac:

“Estou contentíssima de que o sr. Rabou possa acabar *Os pequeno-burgueses*, na convicção íntima de que o sr. de Balzac não teria escolhido outra pessoa para terminar a obra. Não é uma suposição, mas uma certeza, pois ele me disse durante a sua doença: ‘Gostaria de ver Rabou; talvez ele se encarregue de terminar *Os pequeno-burgueses*, romance, enquanto eu resolveria o caso da peça’.”

Marcel Bouteron e Henri de Longnon, que reproduzem esta carta (introdução do volume xx da edição Conard de *A comédia humana*), não parecem dar muito crédito à afirmação da viúva e pensam que ela recorreu a Rabou mais por conselho de Champfleury, um de seus amantes, que, convidado por ela a acabar os romances inacabados, lho recomendara por carta.

Faltava saber o que pertencia, na edição em volumes, a Balzac e o que era de Rabou. O visconde conseguiu resolver esse problema também, pois encontrou não os originais mas as provas corrigidas pela mão do próprio Balzac. Soube-se, destarte, que a viúva e Rabou se haviam aproveitado do pretexto de “acabar” o original de Balzac para uma rendosa transação comercial: pois à parte existente acrescentaram outra, muito maior, a fim de embolsar os honorários de oito volumes, quando o original deixado por Balzac daria apenas para três. (Na edição Ollendorff, por exemplo, das seiscentas e sessenta páginas que o romance tem, apenas duzentas e trinta e duas são de Balzac.) A própria ideia de mandar terminar por outro os livros inacabados do marido

mostra da viúva de Balzac, quando menos, uma falta de delicadeza; mas impingir cinco volumes de Rabou sob o rótulo de Balzac é, sem a menor dúvida, uma desonestidade, e no “processo” literário movido à condessa Hanska pode constituir forte argumento contra ela.

A primeira edição em que a obra de Balzac aparece tal qual ele escreveu é a de Conard, organizada com devotamento e competência iguais por Marcel Bouteron e Henri Longnon; e foi naturalmente este texto autêntico, reproduzido também na edição da Pléiade, que adotei para a edição brasileira.

Estes mesmos editores fazem observar que mesmo a parte devida a Balzac deve ser considerada como não definitiva: o romancista, cujo método consistia em ampliar um primeiro esboço sobre provas sucessivas, provavelmente ainda modificaria, e de maneira sensível, a parte já composta, eliminando dela vários lapsos e senões, mais numerosos do que em outros livros seus.

Mesmo como está, porém, o romance — embora não corresponda à exaltada perspectiva de seu criador — constitui contribuição não desprezível para o repertório de personagens de *A comédia humana*.

Cada vez mais preocupado em reforçar a unidade do seu ciclo, Balzac procurava ligar-lhe as diversas partes por grande número de fios. Às vezes essa ligação é realizada ulteriormente, depois de o novo romance já estar elaborado ou, pelo menos, esboçado; então o escritor introduz, entre as personagens de segundo plano, algumas que já figuraram no primeiro de outros romances, ou identifica os protagonistas a comparsas pouco desenvolvidos de obras anteriores. Outras vezes, com menos frequência, a ligação é mais orgânica, sendo um romance quase a continuação de outro. Foi o caso de *O gabinete das antiguidades*, em que voltamos ao cenário e às personagens de *A solteirona*; é também o caso de *Os pequeno-burgueses*, em que reaparecem quase todas as personagens de *Os funcionários*. Apenas, passaram-se mais de dez anos entre as ações dos dois livros; os antigos funcionários, todos estão aposentados ou saíram do ministério e, em vez das características dominantes da espécie burocrata, apresentam agora os traços mais gerais da classe da pequena burguesia. (Falta unicamente Rabourdin, que, com efeito, não podia dar muito, por haver cumprido integralmente o seu destino de gênio incompreendido, e as personagens do seu círculo mais próximo.) Com isto achava-se esboçado o ambiente cuja pintura, em muitos romances de Balzac, toma a terça parte do livro.

Todos esses pequeno-burgueses, de acordo com a linha ascendente de sua classe, enriqueceram; constituem fortunas que se transformarão em heranças e dotes; estes suscitarão cobiças e intrigas; tais intrigas poderão perfeitamente consistir no enredo.

Para pô-lo em movimento, isto é, para tecer a intriga, bastava introduzir uma nova personagem. Aí ocorreu a Balzac, discípulo de Molière, fazer desse caçador de dotes um Tartufo moderno.

Podemos conjecturar pelos dois títulos originais, *Genros e sogras* e *O drama do genro*, que no plano primitivo de Balzac o caça-dotes conseguia casar com a moça rica, mas depois tinha de enfrentar a sogra.

Terá Balzac abandonado esses títulos por se ter lembrado de que o seu Tartufo, o jovem Teodósio de la Peyrade, já tinha, de qualquer modo, o seu destino preestabelecido, no qual não cabia um casamento com Celeste Colleville?

Realmente, num dos capítulos de *Esplendores e misérias das cortesãs*, publicado pouco antes de Balzac enfrentar *Os pequeno-burgueses*, assistimos a uma conversa do velho policial Peyrade com a filha Lídia sobre o marido que conviria a esta. Peyrade lembra-se então dos numerosos sobrinhos e outros parentes que deixou no Sul e entre os quais não faltaria algum pretendente dotado de energia, inteligência e qualidades físicas. “Coisa estranha! Nesse momento um rapaz, morto de fome e de fadiga, um sobrinho do pai Canquoëlle [nome de guerra de Peyrade] vinha a pé do departamento de Vancluse, e entrava pela Barrière d’Italie, à procura do tio.” Os leitores hão de lembrar-se de que o velho morre poucos dias depois dessa conversa, assassinado por um cúmplice de Vautrin, sem que esse sobrinho o tenha encontrado.

Exatamente no ponto em que acaba o fragmento de *Os pequeno-burgueses*, ia Balzac reatar o fio quebrado, pois já nos levou à casa em que Lídia, enlouquecida depois da morte do pai e depois de ter sido violada, vive sob os cuidados do temível Corentin, colega e amigo do falecido Peyrade.

Em outras palavras: a narrativa ficou interrompida no momento em que Balzac ia passar do romance estritamente de caracteres, com fundo social, para o romance policial. Talvez alcançasse um final tão palpitante como o de *Esplendores e misérias das cortesãs*; de qualquer maneira, a obra não teria muita unidade e a complicação do enredo com novas intrigas acabaria cansando. A dificuldade assustou-o e preferiu dedicar-se por enquanto à elaboração de outros assuntos; depois faltou-lhe tempo para retomar este.

Na parte inicial tem-se aliás a impressão de que o romance sofre pela repetição excessiva de um processo, bem balzaquiano: logo em seguida ao aparecimento de uma nova personagem, o autor sente-se na obrigação de contar-lhe os antecedentes e analisar-lhe o caráter. Com tal técnica, o enredo progride a passos de tartaruga. Essa morosidade, ia Balzac compensá-la por uma sucessão de golpes de cena, já começados antes do fim atual do romance.

(Foi nesse sentido que o medíocre Rabou continuou *Os pequeno-burgueses*, afogando-os sob um amontoado de acontecimentos tão

inesperados quanto absurdos, e torcendo-lhes os caracteres, já perfeitamente delineados, para o grotesco.)

O que faz o valor do fragmento são evidentemente a pintura de ambiente e os retratos. Mais uma vez consegue Balzac reconstituir a vida cotidiana de um dos milhares de salões burgueses da Monarquia de Julho, com as inépcias da conversação, o ridículo das maneiras, a vulgaridade das troças e a voracidade das ambições. Quanto aos caracteres, alguns já existiam desde *Os funcionários*, e o escritor limita-se a desenvolvê-los, às vezes com arte admirável: assim o caráter de Phellion, já todo ele analisado naquele romance, desdobra-se ainda numa riqueza imprevista de matizes que gravam o tipo com toda a perfeição; em troca, Thuillier aparece aqui muito mais nulo do que lá (nem sequer arrisca um trocadilho em todo o romance), e seus dois aparecimentos não nos comunicam a mesma impressão de continuidade que os de Phellion ou, em menor escala, de Colleville.

Entre as personagens novas, apenas mencionadas em *Os funcionários*, há também algumas criações de grande fidelidade artística: Brígida Thuillier, da família das solteironas rudes, simples e desconhecidas com insuspeitadas reservas de energias, parenta da prima Bete ou de Rosália de Watteville; Flávia Colleville, espécime admirável de mulher leviana justamente pelo que o seu retrato tem de inconvenção e rigorosamente objetivo; e o próprio Teodósio de la Peyrade, tão humano em alguns momentos de tensão, tão mais matizado que o tipo habitual do intrigante romântico. Essas e outras personagens continuam a viver na lembrança do leitor desapontado com a súbita interrupção da história; era preciso não lhes entender a força misteriosa (e a categoria de Balzac em geral) para entregá-las a um Charles Rabou.

Para terminar um romance inacabado de Balzac, precisar-se-ia de um escritor de gênio não inferior que conhecesse a fundo toda a *comédia humana* e possuísse o dom raro do pasticho. Por extraordinário acaso, houve na realidade um encontro desses três requisitos precisamente no maior escritor francês de nosso tempo, Marcel Proust. Este, porém, a acabar um ou outro romance inacabado preferiu continuar à sua maneira o conjunto:

Em busca do tempo perdido é A comédia humana do século xx.

Mas pode haver outra causa, mais profunda.

Esse romance que durante quatro anos resistiu às tentativas de redação, desandou de chofre e já começou a ser composto, quando de repente estancou de vez; deve ter-se chocado, na imaginação do autor, a algum forte obstáculo interior. Conforme se verifica pela dedicatória, ele principiara escrever especialmente para a condessa Hanska para contar a ela a sua educação sentimental e, sob os traços da encantadora e leviana mãe de família Flávia Colleville, que sucessivamente faz a

fortuna de vários amigos do marido, pintou a sra. de Berny, musa de seus anos juvenis. Mas no fundo da alma sentia que esta se lhe cedera por paixão pura e desinteressada, não por capricho e esnobismo como a Estrangeira, e revelar-lhes os segredos era uma espécie de sacrilégio. Daí, segundo Anne-Marie Meininger, grande conhecedora dos mistérios de Balzac (na edição da Pléiade), o bloqueio que impossibilitou o romancista persistir na confissão do que subsistia em seu coração de mais milagroso. Como Flávia ofereceu a filha Celeste a seu namorado Teodósio, assim a Dileta quisera casar outrora uma de suas filhas com Honoré. Balzac estava ainda de posse de toda a sua força criadora; não ia ainda publicar *Os parentes pobres*; mas todo o seu organismo protestou contra o aproveitamento literário indisfarçado do seu grande amor da mocidade e encostou *Os pequeno-burgueses*.

PAULO RÓNAI

OS PEQUENO-BURGUESES

A CONSTANCE VICTOIRE^[1]

Eis, minha senhora, uma dessas obras que caem, não se sabe de onde, no pensamento, e que agradam a um autor antes mesmo que possa prever qual será o acolhimento do público, esse grande juiz do momento. Quase certo de vossa complacência por esta minha predileção, dedico-vos este livro; não deve ele pertencer-vos, como outrora o dizimo pertencia à Igreja, em memória de Deus, que tudo faz brotar, tudo amadurecer, nos campos e na inteligência?

Alguns restos de argila, deixados por Molière aos pés de sua colossal estátua de Tartufo,^[2] foram manejados aqui por mãos mais audaciosas do que hábeis; mas, em qualquer distância que eu me situe do maior dos cômicos, ficarei contente por ter utilizado essas migalhas apanhadas no prosclênio de sua peça, mostrando o hipócrita moderno em ação. O motivo que mais me encorajou a levar avanti este difícil empreendimento foi o fato de o ter encontrado despojado de qualquer questão religiosa, que deveria ser afastada por vossa causa, que tão piedosa sois, e por causa daquilo que um grande escritor chamou de INDIFERENÇA EM MATÉRIA DE RELIGIÃO.

^[3]

Possa o duplo significado de vossos nomes ser para o livro uma profecia! Dignai-vos ver nisto a expressão do respeitoso reconhecimento de quem ousa declarar-se o mais devotado de vossos servos.

H. DE BALZAC

PRIMEIRA PARTE

I — A PARIS QUE VAI EMBORA

O torniquete Saint-Jean, cuja descrição pareceu fastidiosa em seu tempo, no começo do estudo intitulado *Uma dupla família*,^[4] nas Cenas da vida privada, esse ingênuo pormenor da Paris antiga, já não tem hoje senão essa existência topográfica. A construção do Conselho Municipal, tal como é ainda agora, varreu um bairro inteiro.

Em 1830, os transeuntes podiam ainda ver o torniquete pintado na tabuleta de um botequim, mas a casa foi, depois, demolida. Relembrar esse serviço não significa anunciar outro do mesmo gênero? Ai! A velha Paris desaparece com uma rapidez assustadora. Aqui e ali, nesta obra, restará ora um tipo de habitação da Idade Média, como a que foi descrita no começo do *Ao “Chat-qui-pelote”*,^[5] e do qual subsistem ainda um ou dois modelos, ora a casa habitada pelo juiz Popinot,^[6] na Rue du Fouarre, amostra da velha burguesia. Aqui, os restos da casa de Fulbert;^[7] ali, toda a bacia do Sena da época de Carlos IX. Novo *Old Mortality*,^[8] por que não salvariam o historiador da sociedade francesa essas curiosas expressões do passado, como o ancião de Walter Scott refrescava os túmulos? É certo que, nestes últimos dez anos, os gritos da literatura não foram supérfluos: a arte começa a disfarçar sob suas flores as ignóbeis fachadas dessas construções que são chamadas, em Paris, “casas para renda” e que um dos nossos poetas comparou aos móveis denominados cômodas.

Observemos, aqui, que data do século XII a criação da comissão municipal *del ornamento*,^[9] que fiscaliza, em Milão, a arquitetura das fachadas que dão para a rua, e à qual todo proprietário é obrigado a submeter suas plantas. Por isso, ao admirar as construções cheias de caráter e de originalidade dessa linda capital, quem não verificou os resultados do patriotismo dos burgueses e dos nobres, de seu amor pela sua cidade?... A hedionda especulação desenfreada, que, de ano para ano, abaixa a altura dos andares, que recorta um apartamento no espaço que ocupava um salão destruído, que suprime os jardins, acabará por influir nos costumes de Paris. O povo, em breve, será forçado a viver mais fora do que dentro de casa. Onde se encontrará a santa vida privada, a liberdade e o aconchego de um lar? São coisas que só começam com cinquenta mil francos de rendimentos. E, ainda assim, poucos milionários se darão o luxo de um palacete, defendido por um pátio margeando a rua, protegido da curiosidade pública pelas sombras dos arvoredos de um jardim.

Nivelando as fortunas, o título do Código que rege as sucessões

produziu esses falanstérios em alvenaria, que alojam trinta famílias e dão cem mil francos de rendimentos. Assim, daqui a cinquenta anos, Paris contará as casas semelhantes a essa em que morava, no momento em que começa esta história, a família Thuillier,^[10] uma casa realmente curiosa, e que merece as honras de uma descrição exata, nem que fosse apenas para comparar a Burguesia de outrora à Burguesia de hoje.

A situação e o aspecto da casa, quadro desta pintura de costumes, tem, aliás, um perfume de pequena burguesia capaz de atrair ou de repelir a atenção, de acordo com os hábitos de cada um.

Antes de mais nada: a casa Thuillier não pertencia nem ao sr. nem à sra. Thuillier, mas à srta. Thuillier, irmã mais velha do sr. Thuillier.

Essa casa, adquirida nos seis primeiros meses que se seguiram à Revolução de 1830 pela srta. Maria Joana Brígida Thuillier, moça de maior idade, estava situada aproximadamente no meio da Rue Saint-Dominique-d'Enfer, entrando pela Rue d'Enfer, de modo que a parte do prédio, habitada pelos Thuillier, ficava exposta ao sol da tarde.

O movimento progressivo pelo qual a população parisiense se desloca para os lados da margem direita do Sena, abandonando a margem esquerda, prejudicava há muito tempo a venda das propriedades do chamado Quartier Latin, quando motivos, que se deduzirão do caráter e dos hábitos do sr. Thuillier, determinaram sua irmã à compra de um imóvel: conseguiu adquirir esse pelo preço mínimo de quarenta e seis mil francos, que, com as despesas de transmissão, na importância de seis mil francos, atingiu ao total de cinquenta e dois mil francos. As minúcias da propriedade, feitas em estilo de edital, e os resultados obtidos pelos esforços do sr. Thuillier explicarão por que motivos tantas fortunas cresceram em julho de 1830, enquanto tantas outras soçobravam.

Do lado da rua, a casa apresentava essa fachada de alvenaria rebocada em gesso, ondulada pelo tempo e riscada pelo gancho do pedreiro, de modo a fingir pedras de cantaria. Essa frente de casa é tão comum em Paris, e tão feia, que a Prefeitura deveria conceder prêmios aos proprietários que fazem construções em pedra e mandar esculpir as novas fachadas. A fachada cinzenta, cortada por sete janelas, tinha a altura de três andares, e terminava por mansardas cobertas de telhas. A porta de entrada dos carros, espessa, sólida, anunciava, pelo seu feitio e pelo seu estilo, que a casa fora construída durante o Império, a fim de utilizar-se uma parte do pátio de um prédio vasto e antigo, na época em que o bairro do Inferno gozava de certo destaque.

De um lado ficava o alojamento do porteiro; do outro subia a escada do edifício da frente. Dois puxados, encostados nas casas vizinhas, tinham servido, em outros tempos, de cocheira, de estrebaria, de cozinhas e de quartos de criados da casa dos fundos; mas, desde 1830, haviam sido convertidos em lojas.

O lado direito era alugado por um negociante de papel por atacado; chamava-se Métivier sobrinho; o lado esquerdo, por um livreiro chamado Barbet. Os escritórios de cada negociante estendiam-se nas sobrelojas; o livreiro morava no primeiro andar e o papeleiro no segundo andar da casa que dava para a rua. Métivier sobrinho, muito mais corretor de objetos de papelaria do que negociante; Barbet, muito mais prestamista do que livreiro, tinham, ambos, esses vastos armazéns para guardar, um, as partidas de papel compradas a fabricantes necessitados; outro, edições de obras dadas em penhor de seus empréstimos.

O tubarão da livraria e a solha da papelaria viviam em bons termos, e as operações de ambos, desprovidas dessa vivacidade que o comércio a varejo sempre exige, traziam poucos carros a esse pátio, habitualmente tão tranquilo que o porteiro se via obrigado a arrancar a grama que crescia entre as pedras. Os srs. Barbet e Métivier, figurando aqui somente na categoria de comparsas, faziam raras visitas aos proprietários, e sua pontualidade no pagamento dos aluguéis os incluía entre os bons inquilinos; passavam por pessoas muito decentes aos olhos da gente dos Thuillier.

Formava dois apartamentos o terceiro andar que dava para a rua; um era ocupado pelo sr. Dutocq,^[11] escrivão da Justiça de Paz, antigo funcionário aposentado, frequentador habitual do salão dos Thuillier; o outro, pelo herói desta cena; portanto, deveremos contentar-nos, por enquanto, em determinar o preço de seu aluguel, setecentos francos, e a posição que tinha vindo tomar no centro do local, três anos antes do momento em que a cortina se levantara sobre este drama doméstico.

O escrivão, solteirão de cinquenta anos, morava no mais confortável dos dois apartamentos do terceiro andar, tinha uma cozinha, e pagava mil francos de aluguel. Dois anos depois de efetuada a compra do prédio, a srta. Thuillier recebia sete mil e duzentos francos de rendas de uma casa que o proprietário anterior guarnecera de venezianas, restaurara por dentro, ornara de espelhos, sem poder vendê-la nem alugá-la; e os Thuillier, alojados com todo conforto, como se verá, gozavam a posse de um dos mais belos jardins do bairro, cheio de árvores que davam sombra para a ruazinha deserta Neuve-Sainte-Catherine.

Situada entre pátio e jardim, essa casa parece ter sido um capricho de burguês enriquecido durante o reinado de Luís XIV, o de um presidente do Parlamento ou a residência de um sábio pacato. Tinha, nas suas belas pedras de cantaria, avariadas pelo tempo, uma certa grandeza Luís-catorziana (perdoai este barbarismo); os frisos da fachada são feitos por fileiras horizontais de pedras, os painéis de tijolos vermelhos lembram os lados das cocheiras em Versalhes, as janelas arqueadas têm cariátides como ornamento na curva do arco e

debaixo dos peitoris. Finalmente, a porta, de pequeninas vidraças na parte superior, e lisa na inferior, através da qual se avista o jardim, é desse estilo honesto e sem ênfase, que tantas vezes foi empregado na construção de pavilhões de porteiros, nos castelos reais.

Esse pavilhão, de cinco janelas, consta de dois andares além do térreo, e distingue-se por uma cumeeira de quatro faces, terminada em ventoinha, furada de claraboias e de grandes e bonitas chaminés. Talvez esse pavilhão seja o destroço de alguma grande casa senhorial; mas, após haver consultado antigas plantas de Paris, nada se encontrou que pudesse confirmar essa conjectura; e, aliás, os títulos de transmissão da srta. Thuillier acusam como proprietário, no reinado de Luís XIV, Petitot, o célebre pintor em esmalte,^[12] que comprara a propriedade ao presidente Lecamus. É de supor que o presidente tenha morado nesse pavilhão, enquanto fazia construir seu famoso palacete da Rue de Thorigny.

Assim, a Magistratura e a Arte haviam passado por ali. Mas, também, que larga harmonia entre as necessidades e os prazeres era prevista no interior desse pavilhão! À direita, entrando numa sala quadrada que serve de antecâmara, projeta-se uma escada de pedra, sob a qual fica a porta da adega; abrem-se, à esquerda, as portas de um salão de duas janelas, dando para o jardim, e de uma sala de jantar dando para o pátio. Por um lado, a sala de jantar comunica com a cozinha, que se segue aos armazéns de Barbet. Atrás da escada, do lado do jardim, estende-se um magnífico e longo gabinete de duas janelas. O primeiro e o segundo andares formam dois apartamentos completos, e os alojamentos dos criados são indicados pelas claraboias, na cumeeira de quatro faces. Uma estufa magnífica ornamenta a vasta antecâmara quadrada, que recebe a claridade de duas portas envidraçadas, abertas uma em frente à outra. Essa peça, lajeada em mármore branco e preto, recomenda-se por um teto em vigas salientes, outrora pintadas e douradas; mas que, sem dúvida durante o Império, receberam uma mão de tinta branca, uniforme. Fronteiro à estufa fica um chafariz de mármore vermelho, com o tanque também de mármore. Encimando as três portas, a do gabinete, a do salão e a da sala de jantar, terminadas em oval, veem-se pinturas necessitando de urgente restauração. Embora os trabalhos de marcenaria sejam pesados, os ornamentos não deixam de ter o seu valor. O salão, inteiramente revestido de madeira trabalhada, lembra o grande século,^[13] tanto pela lareira de mármore de Languedoc quanto pelo teto ornado nos ângulos e pela forma das janelas, feitas, também, de vidraças pequenas. A sala de jantar, que comunica com o salão por uma porta de dois batentes, é lajeada em pedra, revestida de carvalho, sem pintura, e o pavoroso papel moderno substituiu a tapeçaria dos velhos tempos. Foi respeitado o teto de caixilhos de castanheira. O gabinete, modernizado por Thuillier, vem

augmentar todas essas desarmonias. O dourado e o branco das molduras do salão desbotaram tanto que só se veem linhas avermelhadas no lugar do ouro, e o branco amarelado, arranhado, estala e descasca. Nunca as palavras latinas *Otium cum dignitate*^[14] tiveram mais belo comentário, aos olhos do poeta, do que nessa nobre habitação. A serralharia do corrimão da escada tem um caráter digno do magistrado e do artista, mas, hoje, para se descobrir qualquer vestígio desse labor nos balcões trabalhados do primeiro andar, nos restos dessa majestosa antiguidade, são necessários os olhos de um observador-poeta. Muitas vezes os Thuillier e seus predecessores desonraram essa joia da alta burguesia pelos hábitos e invenções da pequena burguesia. Podem-se imaginar cadeiras de nogueira escura, de crina, uma mesa de acaju coberta de oleado, aparadores de acaju, um tapete de saldo embaixo da mesa, lâmpadas de chamalote metálico, papel verde ordinário, americano, com frisos vermelhos, as gravuras execráveis, em preto e branco, e cortinas de algodãozinho debruadas de galão vermelho, nessa sala de jantar onde banquetearam os amigos de Petitot?... Pode-se calcular o efeito que produzem, no salão, os retratos do sr., da sra. e da srta. Thuillier, por Pedro Grassou,^[15] o pintor dos burgueses; as mesas de jogo com vinte anos de serventia, consolos do tempo do Império, uma mesa de chá que sustenta uma lira tosca, um móvel de acaju cheio de farpas, guarnecido de veludo pintado, cor de chocolate, e, sobre a lareira, um relógio representando a Belona do Império, candelabros de colunas acaneladas, cortinas de damasco de lã e cortinas de musselina bordada, realçadas por braçadeiras de cobre estampado?... Estende-se, no chão, um tapete barato. A bela antecâmara oblonga tem banquetas de veludo, e armários de diversas épocas, vindos de todos os apartamentos anteriormente ocupados pelos Thuillier, escondem as paredes de painéis esculpidos. Uma tábua esconde o chafariz e sustenta uma lâmpada fumacenta que data de 1815. Finalmente, o medo, essa hedionda divindade, fez com que adotassem, do lado do jardim assim como do lado do pátio, portas duplas guarnecidas de folhas de zinco, que se desdobram de encontro à parede, de dia, e que se fecham, à noite.

É fácil explicar a lastimável profanação exercida sobre esse monumento da vida privada no século xvii, pela vida privada do século xix. No começo do Consulado,^[16] talvez um mestre de obras, comprador desse palacete, tivesse tido a ideia de aproveitar o terreno de frente para a rua, e, provavelmente, botou abaixo o belo portão de entrada dos carros, ladeado de pavilhões pequenos, que completavam aquele bonito “retiro”, para empregar uma palavra tão usada outrora. A indústria do proprietário parisiense imprime sua marca desonrante na frente de tanta elegância, assim como os jornais e suas máquinas de imprimir, a fábrica e seus depósitos, o comércio e seus balcões de venda substituem

a aristocracia, a velha burguesia, a finança e a magistratura em todos os lugares onde elas tinham, antigamente, exibido seus esplendores. Que curioso estudo o dos títulos de propriedade em Paris! Uma casa de saúde funciona, na Rue des Batailles, na residência do cavalheiro Pierre Bayard du Terrail; a pequena burguesia construiu a rua no local do palacete de Necker. A velha Paris vai desaparecendo, seguindo os reis, que já desapareceram. Para uma obra-prima de arquitetura, salva por uma princesa polonesa,^[17] quantos palácios e palacetes são destruídos, como era destruída a residência de Petitot nas mãos dos Thuillier!

Eis agora as razões que tornaram a srta. Thuillier proprietária dessa casa.

II — O BELO THUILLIER

Quando da queda do Ministério Villèle, Luís-Jerônimo Thuillier, que contava então vinte e seis anos de serviços nas Finanças, foi nomeado subchefe; mas, mal começava a gozar da autoridade subalterna de um cargo que, outrora, fora a sua mínima esperança, os acontecimentos de julho de 1830 o forçaram a aposentar-se. Com esperteza calculou que sua pensão seria honrosa e rapidamente assentada por pessoas felizes de contar com um cargo a mais, e teve razão, porque a pensão foi liquidada por mil e setecentos francos.

Assim que o prudente subchefe falou em se retirar da Administração, a irmã, muito mais companheira de sua vida do que a própria mulher, tremeu pelo futuro do funcionário.

— Que vai ser de Thuillier?... — era a pergunta que, com um pavor mútuo, faziam uma à outra a sra. e a srta. Thuillier, então residentes num terceiro andar da Rue d'Argenteuil.

— Ficaré ocupado, durante algum tempo, com as providências que terá de dar quanto ao pagamento da aposentadoria — tinha dito a srta. Thuillier —; mas estou pensando num emprego de minhas economias, capaz de ocupá-lo depois... Sim, dirigir uma propriedade será quase a mesma coisa que trabalhar na Administração.

— Oh! Minha irmã! Você lhe salvará a vida! — exclamou a sra. Thuillier.

— Mas eu sempre pensei na possibilidade desta crise na vida de Jerônimo! — respondeu a solteirona, com um tom protetor.

De tanto ouvir o irmão dizer: “Fulano morreu! Não sobreviveu dois anos à aposentadoria!”, de tanto ouvir Colleville,^[18] o amigo íntimo de Thuillier, funcionário como ele, pilheriar sobre essa época climatérica dos burocratas, exclamando: “Lá chegaremos, nós também!...”, a srta. Thuillier pudera compreender o perigo que o irmão corria. Os aposentados que não sabem ou não podem substituir por outras funções aquelas que abandonam mudam de maneira estranha: alguns

morrem; muitos dão para pescar, distração cujo vazio se parece com o de seus trabalhos na repartição; outros, enfim, homens maliciosos, tornam-se acionistas, perdem as economias e sentem-se felizes de obter uma colocação na empresa, que, depois de uma primeira derrocada e de uma primeira liquidação, conseguiu firmar-se em mãos mais hábeis que a cobiçavam; o funcionário esfrega, então, as próprias mãos, murmurando: “E eu, no entanto, tinha adivinhado o futuro deste negócio...”. Mas, em geral, quase todos se debatem contra os hábitos antigos.

— Há alguns — dizia Colleville — que são devorados pelo *spleen* (pronunciava *splene*) próprio dos funcionários, e morrem de suas circulares não expedidas, sofrem, não do verme, mas do classificador solitário... O pobre Poiret^[19] não podia ver um classificador branco, debruado de azul, sem que esse aspecto bem-amado o fizesse mudar de cor; passava do verde ao amarelo.

A srta. Thuillier passava por ser o gênio desse lar fraternal; não lhe faltava nem força nem decisão, como sua história particular o demonstrará. Essa superioridade, aliás, relativa à gente que a rodeava, permitia-lhe julgar o irmão, embora o adorasse. Depois de ter visto ruírem as esperanças depositadas no seu ídolo, passou a ter, em seu sentimento para com ele, maternidade bastante para não se iludir quanto ao valor social do subchefe. Thuillier e a irmã eram filhos do chefe dos porteiros do Ministério da Fazenda. Graças a sua miopia, Jerônimo escapara de todas as convocações e conscrições possíveis. O pai teve a ambição de fazer do filho um funcionário. No princípio deste século, houve tão grande número de lugares no Exército que não pode deixar de os haver também também nas repartições, e a falta de empregados inferiores permitiu ao gordo pai Thuillier fazer com que o filho galgasse os primeiros degraus da hierarquia burocrática. O porteiro morreu em 1814, deixando Jerônimo às vésperas de ser promovido a subchefe, mas só lhe deixando essa esperança por única fortuna. O gordo Thuillier e a mulher, morta em 1810, tinham-se aposentado em 1806, e o único bem que possuíam era a pensão da aposentadoria, pois tinham empregado todos os vencimentos em dar a Jerônimo a educação daquela época, em sustentá-lo, assim como à irmã. Já se conhece a influência que a Restauração teve sobre a burocracia. Dos quarenta e um departamentos suprimidos surgiu uma multidão de funcionários dignos, que pediam cargos inferiores aos que haviam ocupado. A esses direitos adquiridos juntavam-se os direitos das famílias proscritas arruinadas pela Revolução. Premido entre esses dois afluentes, Jerônimo em breve se sentiu feliz de não ser exonerado por qualquer motivo fútil. Tremeu até o dia em que, nomeado subchefe por acaso, se viu garantido por uma aposentadoria conveniente. Esse rápido resumo explica a estreiteza de visão e os parcos conhecimentos

de Thuillier. Aprendera o latim, a história e a geografia que se ensinam no colégio; mas tinha ficado na classe chamada “segunda”, pois o pai quisera aproveitar uma oportunidade para fazê-lo entrar no ministério, gabando a *maravilhosa caligrafia* do filho. Portanto, se o jovem Thuillier escreveu as primeiras inscrições no Grande Livro,^[20] não estudou nem retórica nem filosofia. Engrenado na máquina ministerial, cultivou pouco as letras, e menos ainda as artes; adquiriu o conhecimento rotineiro do serviço; e, quando teve ocasião de penetrar, durante o Império, na esfera dos empregados superiores, conseguiu, sob formas superficiais, esconder o filho do porteiro, mas não poliu nem sequer o espírito. Sua ignorância ensinou-lhe a calar-se, e seu silêncio lhe foi útil; habituou-se, sob o regime imperial, a essa obediência passiva que agrada aos superiores, e foi essa qualidade que lhe proporcionou, mais tarde, a promoção ao cargo de subchefe. A rotina transformou-se em grande experiência, e seus modos e seu silêncio cobriram sua falta de instrução. Essa nulidade foi um título quando se precisou de um homem nulo. Temendo descontentar dois partidos na Câmara, que tinham cada qual seu protegido, o ministério saiu do impasse, executando a lei sobre a antiguidade. Foi assim que Thuillier se tornou subchefe. Sabendo que o irmão detestava a leitura e não podia substituir as atividades da repartição por negócio algum, a srta. Thuillier resolvera, sabiamente, lançá-lo nas preocupações da propriedade, na cultura de um jardim, nas infinitas pequenezes da existência burguesa e nas intrigas da vizinhança.

A transplantação da família Thuillier, da Rue d’Argenteuil para a Rue Saint-Dominique-d’Enfer, os cuidados exigidos por uma aquisição, a procura de um porteiro que pudesse convir, os inquilinos para acomodar foram coisas que ocuparam Thuillier, de 1831 a 1832. Quando se produziu o fenômeno dessa transplantação, quando viu que Jerônimo resistia à operação, a irmã proporcionou-lhe outros cuidados, de que trataremos mais tarde, mas cuja causa, nascida do próprio caráter de Thuillier, não é inútil explicar.

Embora filho de um porteiro do ministério, Thuillier foi um homem bonito; era de estatura acima da média, esbelto, tinha a fisionomia muito agradável com os óculos, mas pavorosa quando os tirava, assim como acontece a muitos míopes, porque o hábito de enxergar através das lentes lançara em suas pupilas uma espécie de nevoeiro.

Dos dezoito aos trinta anos, o jovem Thuillier teve sucesso junto às mulheres, sempre numa esfera que começava na pequena burguesia e acabava nos Chefes de Divisão; mas é sabido que, durante o Império, a guerra deixara a sociedade parisiense um pouco desprovida, levando os homens de energia para os campos de batalha, e talvez, como disse um grande médico, a esse fato se deva a moleza da geração que ocupa o meado do século XIX.

Forçado a chamar a atenção por outros dotes que não fossem os do espírito, Thuillier aprendeu a valsar e a dançar, e foi coisa que soube fazer tão bem que sempre o citavam; era chamado o *Belo Thuillier*; jogava bilhar à perfeição; sabia recortar silhuetas; o amigo, Colleville, tanto lhe ensinou que pôde cantar as canções da moda. Dessas pequenas habilidades resultou a aparência de sucesso que ilude a mocidade e atordoa quanto ao futuro. De 1806 a 1814, a srta. Thuillier acreditou no irmão como a srta. de Orléans^[21] acredita em Luís Felipe; orgulhava-se de Jerônimo; já o via atingindo uma diretoria geral, auxiliado pelos sucessos que, naquele tempo, lhe abriam alguns salões onde, certamente, jamais teria penetrado sem as circunstâncias que faziam da sociedade, durante o Império, uma macedônia.

Mas os triunfos do belo Thuillier foram de pouca duração, pois as mulheres não tinham maior empenho em conservá-lo do que ele próprio em ficar com elas. Poderia fornecer assunto para uma comédia intitulada *O dom Juan à força*. O ofício de “belo” fatigou Thuillier a ponto de envelhecê-lo; seu rosto, coberto de rugas como o de uma velha gaiteira, contava mais doze anos do que sua certidão de nascimento. De seus sucessos ficou-lhe o hábito de se mirar no espelho, de passar a mão pela cintura, para desenhá-la, em atitudes de bailarino, que prolongaram, além do gozo de suas vantagens, o contrato que fizera com a alcunha de Belo Thuillier.

A verdade de 1806 tornou-se ironia em 1826. Conservou alguns vestígios da indumentária dos elegantes do Império, que, aliás, não iam mal a um antigo subchefe. Mantinha a gravata branca de pregas numerosas onde o queixo mergulha e cujas pontas ameaçam os transeuntes à direita e à esquerda, mostrando-lhes um laço passavelmente requintado, feito, outrora, pela mão das belas. Embora seguindo as modas de longe, apropriava-as, entretanto, ao seu porte; colocava o chapéu muito para trás, usava sapatos e meias finas no verão; sua sobrecasaca alongada lembrava as levitas do Império; não abandonara ainda os refolhos bem passados e os coletes brancos; continuava a brandir a bengalinha de 1810, caminhava arqueando o porte. Ao ver Thuillier passar pelas avenidas, ninguém o tomaria pelo filho de um homem que preparava o almoço dos funcionários da Fazenda e que usava a libré de Luís XVI; parecia um diplomata imperial, um velho prefeito. Ora, não se satisfazendo em explorar inocentemente os fracos do irmão, estimulando-o nos cuidados excessivos que dispensava à própria pessoa, a srta. Thuillier ainda lhe deu todas as alegrias da família, transplantando para junto dele um casal cuja existência transcorreria quase paralela à dos Thuillier.

Trata-se, aqui, do sr. Colleville, amigo íntimo de Thuillier; mas, antes de pintar Pílates, é indispensável acabarmos, primeiro, com Orestes,^[22] tanto mais que se deve explicar por que Thuillier, o belo

Thuillier, não tinha família — pois a família só existe pelos filhos; e, agora, precisa aparecer um desses profundos mistérios que ficam enterrados nos arcanos da vida privada e de que alguns traços vêm à superfície no momento em que as dores de uma situação oculta se tornam por demais violentas: trata-se da vida da sra. e da srta. Thuillier, porque, até este momento, só se viu a vida, de algum modo pública, do sr. Thuillier.

III — HISTÓRIA DE UMA DOMINAÇÃO

Maria Joana Brígida Thuillier, quatro anos mais velha do que o irmão, lhe fora inteiramente sacrificada; era mais fácil dar uma profissão a um do que um dote à outra. Para certos temperamentos, a infelicidade é um farol que lhes ilumina as partes escuras e baixas da vida social. Superior ao irmão, tanto pela energia quanto pela inteligência, Brígida era um desses caracteres que, sob o martelo da adversidade, se retraem, tornam-se densos, compactos e de uma grande resistência, para não dizer inflexíveis. Ciosa de sua independência, quis esquivar-se da vida na portaria do ministério e tornar-se o único árbitro do próprio destino.

Com a idade de catorze anos, retirou-se para uma mansarda, a alguns passos do Tesouro, que ficava na Rue Vivienne, e a pouca distância da Rue de Vrillière, onde se estabelecera o Banco. Consagrou-se corajosamente a uma indústria pouco comum, privilegiada graças aos protetores do pai, e que consistia em fabricar sacos para o Banco, para o Tesouro e também para as grandes casas das Finanças. Já no terceiro ano de trabalho, tinha duas operárias. Colocando suas economias em títulos da Dívida Pública, achou-se, em 1814, na posse de três mil e seiscentos francos de rendimentos, ganhos em quinze anos. Gastava pouco, jantava quase diariamente em casa do pai, enquanto ele viveu, e sabe-se, aliás, que as rendas, nas últimas convulsões do Império, chegaram a quarenta e poucos francos; assim, esse resultado, aparentemente exagerado, explica-se por si mesmo.

Depois da morte do antigo porteiro, Brígida, que tinha vinte e sete anos, e Jerônimo, que tinha vinte e três, uniram seus destinos. Os dois irmãos se queriam muito. Quando Jerônimo, então na época de seus sucessos, sentia falta de dinheiro, a irmã, vestida de burel e com os dedos esfolados pela linha com que costurava, oferecia sempre alguns luíses ao irmão. Aos olhos de Brígida, Jerônimo era o homem mais bonito e mais encantador do Império francês. Tomar conta da casa do irmão, ser iniciada nos seus segredos de Lindor^[23] e de dom Juan, ser sua criada, seu cachorrinho, foi o sonho de Brígida; imolou-se quase amorosamente por um ídolo cujo egoísmo ia ser aumentado, santificado por ela; vendeu por quinze mil francos a clientela à primeira operária, e foi estabelecer-se na casa do irmão, na Rue d'Argenteuil,

tornando-se a mãe, a protetora, a serva desse *menino querido das damas*. Por uma prudência natural de moça que devia tudo à sua discrição e ao seu trabalho, Brígida ocultou a fortuna ao irmão; temia, sem dúvida, as dissipações de uma vida de homens cheia de aventuras amorosas, e entrou somente com seiscentos francos para a casa, o que, com os mil e oitocentos francos de Jerônimo, permitia viverem com simplicidade.

Desde os primeiros dias dessa união, Jerônimo ouvia a irmã como um oráculo, consultava-a nas menores coisas, não lhe escondia nada de seus segredos, e permitiu-lhe, assim, que provasse o fruto do domínio, que devia ser o ponto culminante daquele caráter. Em troca, a irmã teria sacrificado tudo pelo irmão; pusera todas as esperanças naquele coração, vivia para ele. A ascendência de Brígida sobre Jerônimo foi corroborada de modo singular pelo casamento que lhe arranhou, em 1814.

Vendo a violência do movimento de compressão que os recém-chegados da Restauração executaram nas repartições públicas, e, sobretudo, a volta da antiga sociedade que espezinhava a burguesia, Brígida compreendeu, tanto mais que o irmão lhe deu explicações, a crise social em que se extinguíam as esperanças comuns de ambos. Não havia mais possibilidade de sucesso para o belo Thuillier junto aos nobres que sucediam aos plebeus do Império!

Não sendo capaz de formar, para seu uso, uma opinião política, Thuillier sentiu, assim como a irmã, a necessidade de aproveitar os restos da mocidade para se estabelecer na vida. Nessa situação, uma rapariga ciumenta como Brígida queria e devia casar o irmão, vendo não apenas as conveniências dele, mas também as próprias conveniências, pois somente ela poderia torná-lo feliz, e a sra. Thuillier não era senão um acessório indispensável para ter um ou dois filhos. Se faltou a Brígida todo o espírito necessário à sua vontade, ao menos não lhe faltou o instinto de domínio, pois não tinha nenhuma instrução e só sabia caminhar sempre para a frente, com a teimosia de uma natureza habituada a vencer. Tinha o gênio da dona de casa, o senso da economia, a compreensão da vida e o amor ao trabalho. Adivinhou, portanto, que jamais conseguiria casar Jerônimo numa esfera mais elevada que a deles, onde as famílias investigariam sua intimidade e poderiam conceber temores encontrando já instalada uma dona de casa. Procurou, na camada social inferior, pessoas que poderia ofuscar, e encontrou um partido conveniente.

O mais antigo dos empregados do Banco, chamado Lemprun, tinha uma filha única chamada Celeste. Celeste Lemprun devia herdar a fortuna da mãe, filha única de um cultivador, fortuna que consistia em algumas jeiras de terra nos arredores de Paris, que o velho ainda explorava; devia também herdar a fortuna do velhote Lemprun, homem saído da Casa Thélusson e da Casa Keller para entrar no Banco, quando

de sua fundação. Lemprun, então chefe de serviço, gozava da estima e da consideração do governo e dos fiscais.

Assim, ouvindo falar do casamento de Celeste com um honrado funcionário das Finanças, o conselho do Banco prometeu uma gratificação de seis mil francos. Essa gratificação, acrescida aos doze mil francos dados pelo pai Lemprun e aos doze mil francos dados pelo avô Galard, hortelão de Auteuil, elevava o dote a trinta mil francos. O velho Galard e o casal Lemprun estavam encantados com essa aliança; o chefe de serviço considerava a srta. Thuillier uma das mais dignas, mais respeitáveis mulheres de Paris. Aliás, Brígida fez reluzir seus títulos de Dívida Pública, confiando a Lemprun que nunca se casaria e nem o chefe de serviço, nem a mulher, gente da idade do ouro, ousariam julgar Brígida: ficaram impressionados principalmente pela posição do belo Thuillier, e o casamento, que se realizou, foi, de acordo com a expressão consagrada, “do gosto de todos”.

O diretor do Banco e o secretário serviram de testemunhas da noiva, assim como o sr. de la Billardière, chefe de divisão, e o sr. Rabourdin,^[24] chefe de repartição, foram as de Thuillier. Seis dias após o casamento, o velho Lemprun foi vítima de um roubo audacioso, de que os jornais do tempo falaram, mas que foi rapidamente esquecido nos acontecimentos de 1815. Os autores do roubo tendo fugido, Lemprun quis saldar a diferença, e, embora o Banco tivesse registrado esse prejuízo na parte das perdas, o pobre velho morreu do desgosto que essa afronta lhe causou; considerava o assalto como um atentado à sua probidade septuagenária.

A sra. Lemprun abandonou toda a sucessão à filha, sra. Thuillier, e foi morar com o pai em Auteuil, onde o velhinho morreu de acidente em 1817. Assustada à ideia de ter de dirigir ou de alugar as hortas e os campos do pai, a sra. Lemprun pediu a Brígida, cuja capacidade e probidade a deslumbravam, que liquidasse a fortuna do hortelão e arranjasse as coisas de maneira que a filha, ficando com tudo, lhe garantisse mil e quinhentos francos de rendas e lhe deixasse a casa de Auteuil. Vendidos em lotes, os campos do velho cultivador produziram trinta mil francos. A sucessão de Lemprun tinha rendido a mesma quantia, e essas duas fortunas, reunidas ao dote, perfaziam, em 1818, a quantia de oitenta mil francos.

O dote fora empregado em ações do Banco, no momento em que valiam novecentos francos. Brígida comprou cinco mil francos de rendas pelos sessenta mil, pois o cinco por cento estava a sessenta, e empregou, em apólices, a quantia que dava os mil e quinhentos francos de rendas, em usufruto, à sra. Lemprun. Assim, no começo do ano de 1818, a pensão de seiscentos francos paga por Brígida, os mil e oitocentos francos dos vencimentos de Thuillier, os três mil e quinhentos francos de rendas de Celeste e o produto das trinta e quatro

ações do Banco constituíam para os Thuillier uma renda de onze mil francos administrada exclusivamente por Brígida. Foi necessário que nos ocupássemos da questão financeira, antes de mais nada, não somente para prevenir as objeções, como também para desembaraçar o drama.

Logo no princípio, Brígida deu quinhentos francos ao irmão, e dirigiu o barco de modo a sustentar a casa com cinco mil francos; concedia cinquenta francos por mês à cunhada, provando-lhe que ela própria se contentava com quarenta. Para assegurar seu domínio pelo poder do dinheiro, Brígida acumulava as sobras de suas rendas pessoais; segundo o que diziam, fazia, nas repartições, empréstimos usurários por intermédio do irmão, que passava por um prestamista. Se, de 1815 a 1830, Brígida capitalizou sessenta mil francos, a existência dessa quantia poderia ser explicada por operações na renda, que apresenta uma variação de quarenta por cento, sem necessidade de se recorrer a acusações mais ou menos fundadas, cuja realidade nada acrescenta ao interesse desta história.

Desde os primeiros dias, Brígida aniquilou a infeliz sra. Thuillier pelos primeiros golpes de espora que lhe deu, pelo manejo do freio, que lhe fez duramente sentir. O luxo da tirania era inútil, a vítima se resignou depressa. Bem julgada por Brígida, Celeste, desprovida de espírito, de instrução, habituada a uma vida sedentária, a uma atmosfera tranquila, tinha uma excessiva doçura de caráter; era piedosa, na mais ampla acepção da palavra; seria capaz de expiar, por duras penitências, o mal involuntário de desgostar o próximo. Ignorava tudo da vida, acostumada a ser servida pela mãe, que era quem fazia todo o serviço da casa paterna, e obrigada a pouca atividade por causa de uma constituição linfática que se cansava com os menores trabalhos; era, na realidade, uma rapariga do povo de Paris, cujos filhos raramente são belos, pois são o produto da miséria, de um trabalho excessivo, de habitações sem ar, sem liberdade de ação, sem nenhum dos confortos da vida.

No dia do casamento, os convidados viram nela uma mulherzinha de um louro insípido até a náusea, gorda, lenta, e de atitude muito tola. Sua fronte, vasta demais, proeminente até o exagero, parecia a de um hidrocéfalo, e, sob essa cúpula de um tom de cera, seu rosto miudinho, terminando em ponta como um focinho de camundongo, fez com que alguns convidados temessem que acabasse louca, cedo ou tarde. Nem seus olhos de um azul desbotado nem seus lábios dotados de um sorriso quase fixo desmentiam essa ideia. Durante aquele dia solene, teve a atitude, o ar e os modos de um condenado à morte que deseja ver tudo acabado quanto antes.

— Ela é um pouco aluada!... — disse Colleville a Thuillier.

Brígida era bem a faca que devia entrar nessa natureza sem defesa,

com a qual apresentava o mais violento contraste. Distinguia-se por uma beleza regular, correta, massacrada pelos trabalhos que, desde a infância, a curvaram sobre tarefas penosas, ingratas, pelas privações secretas que se impunha a fim de economizar seu pecúlio. Sua tez, achamlotada desde cedo, tinha tons de aço. Seus olhos castanhos eram orlados de preto, ou antes, pisados; uma penugem castanha desenhava-lhe em torno dos lábios uma espécie de fumaça; tinha os lábios finos, e sua fronte imperiosa era realçada por uma cabeleira outrora negra, mas que tomara tons avermelhados. Mantinha-se ereta como uma loura bonita, e tudo, nela, acusava a sabedoria de seus trinta anos, seus fogos amortecidos e, como dizem os meirinhos, “o preço de suas façanhas”.

Para Brígida, Celeste foi apenas uma fortuna a se tirar, uma mãe a se dominar, um súdito a mais no seu império. Em breve, censurava-a por ser “frouxa”, uma palavra de seu vocabulário, e a solteirona ciumenta, que se teria desesperado caso encontrasse uma cunhada ativa, sentiu prazer selvagem em estimular a inatividade da débil criatura. Envergonhada ao ver a cunhada desdobrando seu ardor de cavalo novo e fazendo todo o serviço da casa, Celeste tentou ajudá-la. Adoeceu. E, logo, Brígida acumulou-a de cuidados, tratou dela como de uma irmã querida. Dizia-lhe, em frente de Thuillier: “Você não tem forças... Pois bem, não faça nada, menina!”. Exibiu a incapacidade de Celeste com esse luxo de consolações que as raparigas sabem empregar e que fazem, ao mesmo tempo, o seu próprio elogio.

Como, porém, essas naturezas despóticas e que gostam de exercer suas forças são cheias de ternura pelos sofrimentos físicos, cuidou da cunhada de modo a satisfazer a mãe de Celeste, quando foi visitar a filha.

Assim que a sra. Thuillier se restabeleceu, chamou-a, de modo a ser ouvida por ela: “Pamonha, moleirona, inútil etc.” Celeste foi chorar no quarto, e, ao surpreendê-la enxugando as lágrimas, Thuillier desculpou a irmã, dizendo:

— Ela é excelente, mas é muito geniosa; gosta de você ao seu modo, também me trata assim.

Celeste, lembrando-se de ter recebido cuidados maternos, perdoava a cunhada. Brígida, aliás, tratava o irmão como o rei da casa; gabava-o a Celeste, fazia dele um autocrata, um Ladislau,^[25] um papa infalível. Privada do pai e do avô, quase abandonada pela mãe, que a visitava às quintas-feiras e em casa de quem ia aos domingos, no verão, Celeste só tinha o marido para amar, primeiro porque era seu marido, depois porque continuava a ser, para ela, o belo Thuillier. E, finalmente, ele a tratava de vez em quando como sua mulher, e todas essas razões reunidas o tornavam adorável na sua opinião. Mais perfeito ainda ele lhe parecia, porque muitas vezes tomava a sua defesa e ralhava com a

irmã, não por interesse pela mulher, mas por egoísmo, e para ter paz no lar, durante os poucos momentos em que estava ali.

Com efeito, o belo Thuillier ia a casa jantar e voltava muito tarde para dormir; ia ao baile, frequentava a sociedade, sozinho, e exatamente como se continuasse solteiro. Assim, as duas mulheres estavam sempre juntas. Insensivelmente, Celeste tomou uma atitude passiva e foi o que Brígida queria: uma escrava. A rainha Elisabeth^[26] daquele lar passou, então, do domínio a uma espécie de piedade pela vítima sacrificada sem cessar. Acabou por moderar seus ares altivos, suas palavras cortantes, seu tom de desprezo, quando ficou certa de ter vencido a irmã pelo cansaço.

Assim que verificou as contusões feitas pela coleira no pescoço da vítima, começou a tratar dela como de uma coisa que lhe pertencesse, e Celeste conheceu tempos melhores. Comparando o início à sequência, sentiu uma espécie de afeição pelo carrasco. Foi-lhe negada a única oportunidade que teria a pobre escrava de achar energia, de se defender e de se tornar alguém no seio de um lar alimentado, sem que o soubesse, por sua fortuna, sem que a ela coubessem senão as migalhas da mesa.

Em seis anos, Celeste não teve filhos. Essa infecundidade, que, de mês em mês, lhe fazia derramar rios de lágrimas, sustentou muito tempo o desprezo de Brígida, que a censurava de não servir para nada, nem mesmo para fazer filhos. A solteirona, que planejava amar o filho do irmão como amaria seu próprio filho, só nas proximidades de 1820 deixou de gemer quanto ao futuro de seus bens, que, ao que dizia, iria para o governo.

No momento em que começa essa história, em 1839, com a idade de quarenta e seis anos, Celeste tinha parado de chorar, porque já adquirira a certeza de que jamais seria mãe. Coisa estranha! Após vinte e cinco anos dessa vida, em que a vítima acabara por desarmar o carrasco, por quebrar-lhe a faca, Brígida gostava de Celeste tanto quanto Celeste gostava de Brígida. O tempo, a abundância, o contato perpétuo da vida doméstica, que havia, sem dúvida, suavizado os ângulos, polido as asperezas, a resignação e a doçura pascoal de Celeste trouxeram um outono sereno. As duas mulheres estavam, aliás, unidas pelo único sentimento que as teria animado: a adoração de ambas pelo feliz e egoísta Thuillier.

Enfim, essas duas mulheres, ambas sem filhos, tinham, ambas, como todas as mulheres que desejaram filhos em vão, concentrado o seu amor numa criança.

Essa maternidade fictícia, mas de um poder igual ao da verdadeira maternidade, pede uma explicação que leva ao núcleo desta cena e esclarece quanto ao acréscimo de ocupações que a srta. Thuillier descobrira para o irmão.

Thuillier começara como extranumerário, assim como Colleville, que já foi citado como seu amigo íntimo. Em relação ao lar sombrio e ermo de Thuillier, a natureza social colocara como um contraste o de Colleville, e, se é impossível deixar de acentuar a imoralidade desse contraste, deve-se acrescentar que, antes de concluir, é bom que se vá até o fim deste drama, infelizmente baseado em fatos reais, e pelo qual o historiador não é responsável.

Colleville era filho único de um músico de talento, outrora primeiro violinista da Ópera, sob a direção de Francouer e Rebel.^[27] Enquanto viveu, tinha o hábito de contar, pelo menos seis vezes por mês, as anedotas sobre os ensaios do *Adivinho da aldeia*,^[28] arremedava J. J. Rousseau, e o descrevia com perfeição. Colleville e Thuillier foram amigos inseparáveis, sem segredos um para o outro. Essa amizade, começada aos quinze anos, ainda não conhecera uma só nuvem em 1839.

Colleville foi um desses empregados chamados por ironia, nas repartições, de acumuladores. Tais empregados se recomendam por sua indústria. Colleville, bom musicista, devia ao nome e à influência do pai o lugar de primeiro oboísta na Ópera-Cômica, e, enquanto permaneceu solteiro, sendo um pouco mais rico do que Thuillier, repartiu muitas vezes com o amigo. Mas, ao contrário de Thuillier, Colleville fez um casamento de inclinação, desposando a srta. Flávia, filha de uma célebre dançarina da Ópera, que atribuía a paternidade a Du Bousquier, um dos mais ricos fornecedores daquela época. Arruinado em 1800, aproximadamente, depressa se esqueceu da filha, tanto mais que conservava dúvidas quanto à pureza da bailarina.

Por sua figura e por suas origens, Flávia estava destinada a um ofício muito triste, quando Colleville, que comparecia frequentemente à casa da primeira artista da Ópera, apaixonou-se por ela e desposou-a. O príncipe Galathionne,^[29] que, em setembro de 1815, protegia a ilustre dançarina, então no final de sua brilhante carreira, deu vinte mil francos de dote a Flávia, ao que a mãe acrescentou o mais magnífico dos enxovais. Os frequentadores da casa e os colegas da Ópera deram presentes em joias e em louças, de forma que o casal Colleville ficou muito mais rico de supérfluo do que de capital. Flávia, educada na opulência, teve, de início, um apartamento encantador, mobiliado pelo tapeceiro da mãe, e onde a moça reinou, cheia de gosto pelas artes, pelos artistas e por uma certa elegância.

A sra. Colleville era ao mesmo tempo bonita e provocante, espirituosa e alegre, graciosa e, para exprimir tudo numa palavra só, tinha bom gênio. Na idade de quarenta e três anos, a dançarina retirou-se do teatro, foi viver no campo e privou a filha dos recursos fornecidos

pela sua opulência dissipadora. A sra. Colleville mantinha uma casa muito agradável, mas excessivamente dispendiosa. De 1816 a 1826, teve cinco filhos. Músico à noite, Colleville trabalhava, das sete às nove da manhã, como guarda-livros de um negociante. As dez horas, estava na repartição. Soprando, assim, num pedaço de pau à noite, escreturando, de manhã, contas em partidas dobradas, fazia de sete a oito mil francos por ano.

A sra. Colleville representava o papel de senhora de bom-tom; recebia às quartas-feiras, dava um concerto por mês e um jantar de quinze em quinze dias. Só via Colleville durante o jantar e quando voltava para casa, à meia-noite. Ainda assim, frequentemente a essa hora ela é que não tinha voltado ainda. Ia ao espetáculo, porque muitas vezes lhe ofereciam camarotes, e mandava uma palavrinha a Colleville para que a fosse buscar em tal ou tal casa, onde ia dançar e cear. Comia-se muito bem em casa da sra. Colleville, onde a sociedade, embora misturada, era excessivamente divertida. Recebia as atrizes célebres, os pintores, os literatos, algumas pessoas ricas. A elegância da sra. Colleville emparelhava com a de Túlvia,^[30] primeira figura da Ópera, com quem andava sempre; mas, se os Colleville comeram os capitais e se muitas vezes tiveram dificuldade em terminar os meses, nunca Flávia se endividou.

Colleville era muito feliz, gostava ainda da mulher, era o seu melhor amigo. Sempre acolhido por um sorriso afetuoso e com uma alegria comunicativa, cedia à sua graça, a seus modos irresistíveis. A atividade feroz que desdobrava em seus três empreendimentos ia, aliás, muito bem ao seu caráter, ao seu temperamento. Era um bom homem gordalhão, de cores vivas, jovial, gastador, cheio de fantasia. Em dez anos, não houve uma só briga entre o casal. Na repartição, passava por ser um aluado, como todos os artistas, diziam, mas as pessoas superficiais tomavam sua pressa constante de trabalhador pelo vaivém de um trapalhão.

Colleville teve a inteligência de se fazer de tolo; gabava a felicidade de seu interior, atribuía-se a mania de procurar anagramas, a fim de passar como absorvido por essa paixão. Os empregados de sua repartição no ministério, os chefes de serviço, até mesmo os chefes de divisão iam a seus concertos; oferecia, de vez em quando, e sempre oportunamente, entradas para o espetáculo, porque necessitava de grande indulgência por causa de suas perpétuas ausências. Os ensaios lhe tomavam metade do tempo da repartição, mas a ciência musical que o pai lhe legara era bastante real e profunda para lhe permitir ir apenas aos ensaios gerais. Graças às relações da sra. Colleville, o teatro e o ministério prestavam-se às exigências da situação do digno acumulador, que, aliás, educava a seu modo um rapazola recomendado pela mulher, futuro grande músico, que o substituíria na orquestra com

promessa de sucessão.

Efetivamente, em 1827, o rapaz tornou-se primeiro oboísta, quando Colleville se demitiu. Toda a crítica a respeito de Flávia consistia nesse comentário: “A sra. Colleville é *um tantinho* namoradeira!”. O mais velho dos meninos Colleville, vindo em 1816, era o retrato vivo do bom Colleville. Em 1818, a sra. Colleville punha a cavalaria acima de tudo, até mesmo acima das artes, e distinguia por essa época um segundo-tenente dos dragões de Saint-Chamans, Carlos Gondreville,^[31] rapaz novo e rico, que morreu mais tarde, nas lutas da Espanha; já nessa ocasião Flávia tivera o segundo filho, que destinou, desde logo, à carreira militar. Em 1820, considerava o Banco como a nutriz da indústria, o sustentáculo das nações, e o grande Keller,^[32] orador famoso, era o seu ídolo; teve, então, um filho, Francisco, do qual resolveu fazer, mais tarde, um comerciante, e a quem nunca faltaria a proteção de Keller. Lá pelos fins de 1820, Thuillier, amigo íntimo do casal Colleville, admirador de Flávia, sentiu a necessidade de expandir suas dores no seio da excelente mulher, e contou-lhe suas desgraças conjugais; tentava, há já seis anos, ter um filho, e Deus não abençoava seus esforços, porque era inutilmente que a pobre sra. Thuillier fazia novenas tendo ido até a Notre-Dame de Liesse! Descrevia Celeste de todas as maneiras, e a expressão “Pobre Thuillier!” saía dos lábios da sra. Colleville, que, por seu lado, estava também muito triste, não tendo, no momento, nenhuma opinião dominante; derramou no coração de Thuillier todos os seus desgostos. O grande Keller, esse herói da Esquerda, era, na realidade, cheio de mesquinhasarias; ela conhecia, agora, o reverso da glória, as tolices do Banco, a aridez de um tribuno. O orador só falava bem na Câmara, e se tinha comportado muito mal com ela; Thuillier ficou indignado. — Só os estúpidos sabem amar — disse ele —, fique comigo! — O belo Thuillier passou por fazer a corte à sra. Colleville, e foi um dos seus vassalos segundo a expressão da época.

— Ah! Estás atrás de minha mulher! — disse-lhe Colleville, rindo. — Toma cuidado! Ela te deixará de lado, como fez com todos os outros.

Essa observação, assaz fina, salvou a dignidade do marido na repartição. De 1820 a 1821, alegando seu título de amigo da casa, Thuillier ajudou Colleville, que o tinha ajudado tanto outrora, e, durante dezoito meses, emprestou perto de dez mil francos ao casal, com a intenção de nunca mais falar nisso. Na primavera de 1821, a sra. Colleville deu à luz uma encantadora menina, que teve por padrinhos Thuillier e a mulher, motivo por que foi chamada Celeste Luísa Carolina Brígida. A srta. Thuillier quis dar um dos seus nomes à menina.

O nome de Carolina foi uma gentileza feita a Colleville. A velha mamãe Lemprun encarregou-se de arranjar uma ama de leite para a menina, e confiou-a a uma mulher de Auteuil, onde ficou sob suas vistas, e aonde Celeste e a cunhada iam vê-la duas vezes por semana.

Assim que se restabeleceu, a sra. Colleville disse a Thuillier, com franqueza e num tom muito sério:

— Meu caro, se quisermos continuar bons amigos, não seja mais senão nosso amigo; Colleville lhe tem muita afeição: pois bem, basta um dentro de casa.

— Explique-me, então — pediu Thuillier à dançarina Túlia, que se achava naquele momento em casa da sra. Colleville —, por que as mulheres não se prendem a mim? Não sou um Apolo do Belvedere,^[33] mas, afinal, não sou também um Vulcano; sou passável, inteligente, fiel...

— Quer a verdade? — perguntou Túlia.

— Quero — disse o belo Thuillier.

— Pois bem! Se podemos, às vezes, amar um estúpido, não amamos nunca um tolo.

Essa explicação matou Thuillier; não tornou a aprumar-se. Ficou melancólico, e acusou as mulheres de terem esquisitices.

— Eu não te preveni? — disse-lhe Colleville. — Não sou Napoleão, meu caro, nem gostaria de o ter sido, mas possuo a minha Josefina... Uma pérola!

O secretário-geral do ministério, Des Lupeaulx,^[34] que a sra. Colleville julgou ter mais prestígio do que tinha realmente, e de quem, mais tarde, dizia: “É um dos meus erros...”, foi então, durante algum tempo, o grande homem do salão Colleville; mas, como não teve o poder de conseguir a nomeação de Colleville na divisão de Bois-Levant, Flávia teve o bom-senso de se zangar com ele por causa das atenções que dispensava à sra. Rabourdin, mulher de um chefe de repartição, criatura muito afetada, que nunca a convidara para sua casa e que, por duas vezes, cometeu a impertinência de faltar aos seus concertos.

Profundamente atingida pela morte do jovem Gondreville, a sra. Colleville ficou inconsolável; sentiu, conforme confessou, a mão de Deus. Em 1824 aquietou-se, falou em fazer economias, suprimiu as recepções, ocupou-se com os filhos, quis ser boa mãe de família, e seus amigos não viram, em sua casa, nenhum favorito; mas dera para ir à igreja, reformara os vestidos, usava cores cinzentas, falava em catolicismo, em decência; e esse misticismo produziu, em 1825, uma encantadora criancinha, que ela chamou de *Teodoro*, o que quer dizer: “dádiva de Deus”.

Assim, em 1826, nos bons tempos da Congregação,^[35] Colleville foi nomeado subchefe da Divisão Clergeot, e, em 1826, tornou-se recebedor de impostos de um distrito de Paris. Obteve a cruz da Legião de Honra, a fim de poder, um dia, educar a filha em Saint-Denis.^[36] A meia bolsa de estudos obtida por Keller para Carlos, filho primogênito de Colleville, em 1823, foi dada ao segundo; Carlos passou com uma bolsa inteira para o colégio Saint-Louis, e o terceiro, objeto da proteção

da princesa, mulher do delfim, teve três quartos de bolsa no colégio Henri iv.

Em 1830, Colleville, que tivera a felicidade de conservar todos os filhos, foi obrigado, por sua dedicação aos príncipes decaídos, a apresentar um pedido de demissão; teve, porém, a habilidade de conseguir, em troca, uma pensão de dois mil e quatrocentos francos, devida a seu tempo de serviço, e uma indenização de dez mil francos, oferecida por seu sucessor, além da nomeação de oficial da Legião de Honra. Achou-se, entretanto, em posição difícil, e, em 1832, a srta. Thuillier aconselhou-o a estabelecer-se junto deles, fazendo-lhe entrever a possibilidade de obter um lugar na Prefeitura, o que, aliás, conseguiu ao fim de quinze dias, e que valia mil escudos.

Carlos Colleville acabava de entrar para a Escola Naval. Os colégios onde eram educados os dois outros meninos Colleville ficavam no bairro, e o Seminário de Saint-Sulpice, para onde entraria o mais novinho, achava-se a dois passos do Luxemburgo. E, enfim, era natural que Thuillier e Colleville terminassem seus dias juntos. Em 1833, a sra. Colleville, que contava então trinta e cinco anos, foi estabelecer-se na Rue d'Enfer, na esquina da Rue des Deux Églises, com Celeste e o pequeno Teodoro. Colleville, assim, ficava a igual distância da Prefeitura e da Rue Saint-Dominique. Esse casal, depois de uma existência sucessivamente brilhante, desorganizada, cheia de festas, descansada, calma, viu-se reduzido à obscuridade burguesa, e a cinco mil e quatrocentos francos por toda fortuna.

Celeste estava com doze anos; era bonita; precisava de professores e deveria custar no mínimo dois mil francos por ano. A mãe sentiu a necessidade de colocá-la debaixo da vista do padrinho e da madrinha. Adotara, portanto, as propostas, ajuizadas, aliás, da srta. Thuillier, que, sem assumir nenhum compromisso, deixou entender claramente à sra. Colleville que a fortuna do irmão, a da cunhada e a sua própria eram destinadas a Celeste. A menina ficara em Auteuil, na casa da ama, até a idade de sete anos, adorada pela boa velha Lemprun, que morreu em 1829, deixando vinte mil francos de economias e uma casa vendida, depois, pelo preço exorbitante de vinte e oito mil francos. A garotinha travessa tinha visto poucas vezes a mãe, e muitas vezes a sra. e a srta. Thuillier. De 1829, época de sua entrada no lar paterno, até 1833, caíra sob a autoridade da mãe, que se esforçava então por cumprir direito os seus deveres e que, como toda mulher roída de remorsos, os exagerava. Flávia, sem ser má, era mãe muito severa; lembrava-se de sua própria educação e assumira consigo mesma o compromisso de fazer de Celeste uma mulher honesta, e não uma mulher leviana. Levava-a, portanto, à igreja, e quis que fizesse a primeira comunhão sob a direção de um cura de Paris que foi mais tarde bispo. O que tornava Celeste ainda mais piedosa era o fato de a madrinha ser uma santa, e a criança

adorava a madrinha, sentindo-se mais amada por essa pobre mulher abandonada do que pela própria mãe.

De 1833 a 1839 recebeu a mais brilhante das educações nos moldes burgueses. Os melhores professores de música tornaram-na boa musicista; sabia pintar regularmente a aquarela; dançava à perfeição; aprendera a língua francesa, a história, a geografia, o inglês, o italiano, tudo, enfim, que compreende a educação de uma moça de boa sociedade. De estatura média, gordinha, afligida de miopia, não era bonita nem feia; tinha a tez alva e certo brilho, mas ignorava inteiramente a distinção de maneiras. Possuía grande sensibilidade contida, e o padrinho, a madrinha, Brígida, o pai eram unânimes nesse ponto, grande recurso das mães: todos achavam que Celeste era capaz de uma grande afeição. A magnífica cabeleira loura e fina era uma de suas grandes belezas; mas as mãos e os pés denunciavam-lhe a origem burguesa.

Celeste recomendava-se por virtudes preciosas: era boa, simples, sem fel; gostava tanto do pai e da mãe que se sacrificaria por eles. Educada na admiração profunda pelo padrinho, tanto por Brígida, que se fazia chamar por ela de “Tia Brígida”, quanto pela sra. Thuillier e pela mãe, que se aproximara cada vez mais do velho casquilho do Império, Celeste tinha na mais alta conta o ex-subchefe. O pavilhão da Rue Saint-Dominique produzia na menina a mesma impressão que produziria o castelo das Tuileries sobre um cortesão da jovem dinastia.

Thuillier não resistira ao efeito de laminação da engrenagem administrativa, que produz um desbaste proporcional à sua extensão. Gasto por um trabalho fastidioso, ao mesmo tempo que seus sucessos haviam gasto o homem, o ex-subchefe perdera todas as suas faculdades quando de sua ida para a Rue Saint-Dominique; mas seu rosto fatigado, onde reinava um ar arrogante, misturado a certo contentamento que muito se aproximava da fatuidade do empregado superior, impressionou profundamente Celeste. Só ela conseguia animar esse rosto lívido. E Celeste sabia que era a alegria daquela casa.

V — A SOCIEDADE DOS THUILLIER

Os Colleville e os filhos se tornaram naturalmente o centro da sociedade que Brígida teve a ambição de reunir em volta do irmão. O sr. Phellion,^[37] antigo funcionário da divisão de La Billardiére, que há trinta anos morava no Quartier Saint-Jacques, chefe de batalhão da Legião, foi rapidamente descoberto pelo antigo cobrador de impostos e pelo antigo subchefe na primeira parada militar. Era um dos homens mais respeitados do distrito. Tinha uma filha, antiga professora auxiliar do internato Lagrave, casada com um professor da Rue Saint-Hyacinthe, o sr. Barniol.

O filho mais velho de Phellion era professor de matemática num colégio real; dava lições particulares e explicações, e, segundo a expressão do pai, consagrava-se à matemática pura. O segundo filho estava na École de Ponts et Chaussées. Phellion tinha novecentos francos de aposentadoria e possuía nove mil e tantos centos de rendimentos, fruto de suas economias e das da mulher, durante trinta anos de trabalhos e privações. Era, aliás, proprietário da casinha onde morava, no centro de um jardim, no Impasse des Feuillantines. (Em trinta anos, nem uma só vez pronunciou a velha expressão *cul-de-sac*.)^[38]

Dutocq, escrivão da Justiça de Paz, era um antigo operário do ministério; sacrificado, outrora, por uma dessas necessidades que surgem nos governos representativos, aceitara servir como bode expiatório no momento perigoso, e fora secretamente recompensado por uma quantia que lhe permitira comprar o cargo de escrivão. Esse homem, pouco honesto, aliás, espião da administração, não foi escolhido como imaginava pelos Thuillier; mas a frieza de seus proprietários não lhe impediu a persistência em lhes frequentar a casa.

Solteirão, esse homem tinha vícios; ocultava cautelosamente sua vida, e sabia manter-se pela bajulação junto aos superiores. O juiz de paz gostava muito de Dutocq. A vergonhosa personagem conseguiu ser tolerada em casa dos Thuillier a custa de baixas e grosseiras lisonjas que alcançam sempre seus fins. Conhecia a fundo a vida de Thuillier, suas relações com Colleville e, principalmente, com a sra. Colleville; temiam-lhe a língua ferina, e, sem o admitir em sua intimidade, os Thuillier suportavam-no.

A família que se tornou a flor do salão Thuillier foi a de um pobre empregadinho, outrora motivo de piedade na repartição, e que, movido pela miséria, deixara a Administração em 1827 para se lançar na indústria, com uma ideia. Minard^[39] entreviu uma fortuna numa dessas concepções perversas que, pela época de 1827, não tinham ainda sido desonradas pela publicidade. Comprou chá, misturou-lhe metade de chá já servido e secado novamente; depois praticou nos elementos do chocolate alterações que lhe permitiram vendê-lo barato. Esse comércio de produtos coloniais, começado no Faubourg Saint-Marcel, fez de Minard um negociante. Teve uma fábrica, e, por intermédio de relações, pôde chegar às fontes da matéria-prima. Começou, então, a fazer honestamente e por atacado o comércio que tinha feito a princípio com desonestidade. Tornou-se destilador, operou com enormes quantidades de gêneros alimentícios e, em 1835, era considerado o negociante mais rico do Quartier Maubert. Comprara uma das casas mais bonitas da Rue des Maçons-Sorbon; tinha sido adjunto; em 1839 era *maire* de um distrito e juiz no Tribunal do Comércio. Possuía carro, uma terra perto de Lagny; orgulhava-se de uma roseta de oficial da Legião de Honra na abotoadura, e a mulher usava diamantes nos bailes

da Corte.

Ambos eram, aliás, de uma extrema beneficência. Talvez desejassem restituir a granel aos pobres o que tinham tirado do público. Phellion, Colleville e Thuillier conheceram Minard durante as eleições, e daí se seguiram relações íntimas com os Thuillier e os Colleville, porquanto Zélia Minard mostrou-se encantada de aproximar a filha de Celeste Colleville. Foi num grande baile oferecido pelos Minard que Celeste entrou na sociedade, com dezesseis anos e meio, paramentada como exigia seu nome, que parecia profético para sua vida. Contente de se ligar com a filha dos Minard, mais velha quatro anos do que ela própria, obrigou o padrinho e o pai a frequentar a casa dos Minard, cheia de salões dourados, de grande opulência e onde podiam ser encontradas algumas celebridades políticas dos partidos conservadores do centro: o sr. Popinot,^[40] que foi, mais tarde, ministro do Comércio; Cochin,^[41] que se tornou o barão Cochin, um antigo funcionário da divisão Clergeot no ministério das Finanças, e que, tendo fortes interesses numa drogaria, era o oráculo do Quartier des Lombards e dos Bourdonnais, simultaneamente com Anselmo Popinot. O filho mais velho de Minard, advogado, que pretendia suceder aos advogados que, desde 1830, desertaram o Fórum pela política, era o gênio da casa. Os pais desejavam casá-lo bem. Zélia Minard, antiga operária florista, tinha paixão pelas altas esferas sociais, onde esperava penetrar à custa do casamento dos filhos, enquanto Minard, mais sensato do que ela, e como que imbuído da força da classe média que a Revolução de Julho infiltrou nas fibras do Poder, só pensava na fortuna.

Frequentava o salão dos Thuillier a fim de conseguir informações relativas à fortuna que Celeste poderia receber. Conhecia, assim como Dutocq e Phellion, os boatos provocados outrora pela ligação de Thuillier com Flávia, e, ao primeiro olhar, reconheceu a idolatria dos Thuillier pela afilhada. A fim de ser admitido em casa de Minard, Dutocq bajulou-o prodigiosamente. Quando Minard, o Rotschild do distrito, apareceu em casa dos Thuillier, Dutocq comparou-o quase com finura a Napoleão, revendo-o gordo, robusto, florido, após o haver conhecido magro, pálido e franzino na repartição: “Na divisão La Billardiére o senhor era como Bonaparte antes do 18 de brumário, e estou vendo agora o Napoleão do Império!”. Minard recebeu Dutocq com frieza e não o convidou para sua casa; com isso, transformou o venenoso escrívão num inimigo mortal.

O casal Phellion, por mais digno que fosse, não pôde deixar de fazer cálculos e de manter esperanças; pensava que Celeste serviria perfeitamente para o professor; portanto, para formar um partido no salão Thuillier, ali apresentaram o genro, sr. Barniol, homem considerado no Faubourg Saint-Jacques, e um velho funcionário da Prefeitura, amigo íntimo da família, ao qual, outrora, Colleville havia,

de certo modo, roubado o lugar, pois o sr. Laudigeois, há vinte anos na Prefeitura, esperava como recompensa de seus longos serviços a secretaria obtida por Colleville. Assim, os Phellion compunham uma falange de sete pessoas, que lhes eram, todas, fiéis. Os Colleville não eram menos numerosos, de modo que, certos domingos, havia trinta pessoas no salão Thuillier. Thuillier reatou relações com os Saillard, os Baudoyer, os Falleix,^[42] pessoas consideradas na região da Place Royale, e que foram muitas vezes convidadas para jantar.

A mulher mais distinta desse grupo era a sra. Colleville, assim como o filho dos Minard e o professor Phellion eram os homens mais ilustres; pois todos os outros, sem ideias, sem instrução, saídos de camadas inferiores, ofereciam os tipos e os ridículos da pequena burguesia. Embora todo homem que consegue subir faça pressupor um mérito qualquer, Minard era um balão inchado. Expandindo-se em frases esfiapadas, confundindo obsequiosidade com polidez e a fórmula com o espírito, proferia lugares-comuns com um desembaraço e uma segurança que passava por eloquência. Essas palavras, que não dizem nada, e respondem a tudo: progresso, vapor, asfalto, Guarda Nacional, ordem, elemento democrático, espírito de associação, legalidade, movimento e resistência, intimidação, apareciam, em todas as frases políticas, como que inventadas para Minard, que parafraseava então as ideias de seu jornal. Julião Minard, o jovem advogado, sofria tanto por causa do pai quanto o pai sofria por causa da mulher. Efetivamente, com a riqueza, Zélia adquirira pretensões, sem ter jamais aprendido a falar certo; tinha engordado muito, e parecia sempre uma cozinheira casada com o patrão.

Phellion, esse modelo do pequeno-burguês, oferecia tantas virtudes quanto ridículos. Subordinado durante toda a vida burocrática, respeitava as superioridades sociais. Por isso, ficava silencioso diante de Minard. Resistia admiravelmente, por sua conta, ao tempo crítico da aposentadoria, e eis por quê. Nunca esse homem digno e excelente pudera entregar-se a suas preferências. Gostava da cidade de Paris, interessava-se pelas retificações de ruas, pelos embelezamentos, era capaz de parar diante das casas em demolição. Podia ser surpreendido, intrepidamente plantado nas pernas, o nariz para o ar, assistindo à queda de uma pedra que um pedreiro tenta abalar com uma alavanca no alto de uma muralha, e sem abandonar o local antes que a pedra caísse; e, caindo a pedra, afastava-se feliz como um acadêmico que tivesse assistido ao insucesso e à queda de um drama romântico. Verdadeiros comparsas da comédia social, Phellion, Laudigeois e seus semelhantes exercem as funções do coro antigo. Choram quando se chora, riem quando se deve rir, e cantam em estribilho os infortúnios e as alegrias públicas, triunfando em seu cantinho com os triunfos da Argélia,^[43] de Constantina,^[44] de Lisboa,^[45] de Ulloa;^[46] lamentando

igualmente a morte de Napoleão, as catástrofes tão funestas de Saint-Merri^[47] ou da Rue Transnonain;^[48] chorando os homens célebres que lhes são desconhecidos. Phellion, porém, ainda oferece mais uma face: divide-se, também, entre as razões da oposição e as do governo. Havendo um motim nas ruas, Phellion tinha, então, a coragem de se pronunciar diante dos vizinhos; ia para a Place Saint-Michel, apiedava-se do governo e cumpria seu dever. Antes e depois do motim, sustentava a dinastia, obra de Julho; mas, assim que o processo político principiava, passava-se para o lado dos acusados. Essa volubilidade assaz inocente repetia-se nas suas opiniões políticas. Seu argumento para tudo era o colosso do Norte, espécie de materialismo inglês. Para ele, como para o velho *Constitutionnel*,^[49] a Inglaterra era uma comadre que servia para dois usos; apresentava-a ora como a maquiavélica Albion, ora como a nação-modelo: maquiavélica, quando se tratava dos interesses da França insultada e de Napoleão; país-modelo, quando se tratava dos erros do governo. Admitia, com o jornal, o elemento democrático, e recusava-se, na palestra, a fazer qualquer pacto com o espírito republicano. O espírito republicano era 1793, a revolução, o Terror, a lei agrária. O elemento democrático era o desenvolvimento da pequena burguesia, era o reinado de Phellion.

O honrado velhote era sempre digno; a dignidade pode servir para explicar sua vida. Com dignidade educou os filhos, ficou sempre pai aos olhos deles, e fazia questão de ser respeitado em sua própria casa, da mesma maneira como respeitava o poder e os superiores. Nunca teve dívidas. Quando jurado, sua consciência o fez suar sangue, enquanto seguia os debates do processo, e não ria nunca, nem mesmo quando riam os advogados, o juiz, a audiência e o promotor público. Eminentemente serviçal, era capaz de dar seus cuidados, seu tempo, tudo, exceto dinheiro. Félix, o filho professor, era o seu ídolo; julgava-o suscetível de entrar para a Academia de Ciências.

Entre a audaciosa nulidade de Minard e a quadrada estupidez de Phellion, Thuillier era uma substância neutra, mas se aproximava de ambos por sua melancólica experiência. Escondia o vazio do cérebro com vulgaridades, da mesma maneira que escondia a pele amarela do crânio sob as ondas esfiapadas dos cabelos grisalhos, dispostos com arte infinita pelo pente do barbeiro.

— Em qualquer outra carreira — dizia ao falar da Administração —, eu teria feito fortuna muito maior.

Tinha visto o bem, possível em teoria e impossível na prática, os resultados em desacordo com as premissas; contava as injustiças, as intrigas, o caso Rabourdin.

— Depois disso, pode-se acreditar em tudo, e não se acreditar em nada — dizia. — Ah! É uma coisa engraçada, uma repartição pública! Sinto-me feliz por não ter filho, pois não gostaria de vê-lo na carreira

administrativa.

Colleville, sempre alegre, franco, expansivo, contador de anedotas, fazendo anagramas, sempre ocupado, representava o burguês hábil e zombeteiro, a faculdade sem o sucesso, o trabalho obstinado sem recompensa, mas representava, também, a resignação jovial, o espírito sem repercussão, a arte inútil, pois era musicista excelente, e agora só tocava para a filha.

Esse salão era, assim, uma espécie de salão de província, mas iluminado pelos reflexos do contínuo incêndio parisiense: sua mediocridade, sua insipidez seguiam a torrente do século. O vocábulo na moda e a coisa — porque, em Paris, o vocábulo e a coisa são como o cavalo e o cavaleiro — só chegavam até ali indiretamente. Nas grandes circunstâncias, esperava-se sempre pelo sr. Minard para saber a verdade. As mulheres estavam do lado dos jesuítas; os homens defendiam a Universidade; mas, em geral, as mulheres só escutavam. Se um homem inteligente pudesse suportar o tédio dessas reuniões, acabaria rindo como se assistisse a uma comédia de Molière, ouvindo dizer, ali, coisas como estas:

“Poder-se-ia ter evitado a Revolução de 1789? Os empréstimos de Luís XVI já a haviam esboçado. Luís XV, um egoísta, homem de espírito cerimonioso (sabem que ele disse: ‘Se eu fosse tenente da Polícia, eu defenderia os cabriolés’?), rei dissoluto, todos aqui conhecem o seu Parc aux Cerfs, contribuiu muito para a Revolução. Foi o sr. de Necker, ^[50] suíço mal-intencionado, quem deu o rebate. Os estrangeiros sempre tiveram inveja da França. Tornaremos a ver combatido o câmbio ao par. O Maximum ^[51] prejudicou a Revolução. De direito, Luís XVI não devia ter sido condenado; um júri o absolveria. Bonaparte mandou fuzilar os parisienses, e essa audácia lhe foi favorável. Luís Felipe apoiou-se nesse exemplo. Por que caiu Carlos X? Napoleão é um grande homem, e as circunstâncias que provam o seu gênio pertencem às anedotas: era capaz de tomar cinco pitadas de rapé por minuto, e guardava o rapé em bolsos forrados de couro, adaptados ao colete. Pagava todas as contas dos fornecedores; ia à Rue Saint-Denis investigar o preço das coisas. Talma ^[52] era amigo dele; Talma ensinara-lhe seus gestos, e, entretanto, ele sempre se recusou a condecorar Talma. O imperador ficou de sentinela, substituindo um soldado adormecido, para impedir que fosse fuzilado. Essas coisas o faziam adorado dos soldados. Luís XVIII, que, no entanto, era homem de espírito, foi injusto para com ele, chamando-o de sr. de Buonaparte. O defeito do governo atual é o de deixar que o dirijam, em vez de dirigir. Colocou-se num nível muito baixo. Tem medo dos homens de energia; teria podido rasgar os tratados de 1815, e pedir o Reno à Europa. O ministério serve-se demasiadamente dos mesmos homens; sempre dos mesmos.”

— Já desperdiçaram muita inteligência por hoje — dizia a srta.

Thuillier —, agora chega; o altar está preparado, venham jogar uma partida.

Com essa proposta, a solteirona sempre terminava as discussões, que entediavam as mulheres.

Se todos esses fatos anteriores, se todas essas generalidades não fossem narradas, em forma de argumento, para pintar o quadro desta Cena, dando uma ideia do espírito dessa sociedade, talvez o drama ficasse prejudicado. Este esboço tem, aliás, uma fidelidade verdadeiramente histórica, e mostra uma camada social de alguma importância como costumes, principalmente se nos lembrarmos que o sistema político do ramo secundogênito^[53] a tomara como ponto de apoio.

VI — UMA PERSONAGEM PRINCIPAL

O inverno do ano de 1839 foi, de certo modo, o momento em que o salão dos Thuillier atingiu seu máximo esplendor. Quase todos os domingos os Minard compareciam, e passavam ali uma hora, quando tinham outros compromissos, e, na maior parte das vezes, Minard deixava a mulher, levando a filha e o filho advogado. A assiduidade dos Minard foi determinada por um encontro, aliás tardio, entre o srs. Métivier, Barbet e Minard, numa reunião em que os dois inquilinos importantes demoraram-se mais do que de costume conversando com a srta. Thuillier. Minard soube por Barbet que a solteirona lhe tomava aproximadamente trinta mil francos de valores ao prazo de cinco e seis meses, à razão de sete e meio por cento ao ano, de forma que ela devia contar com cento e oitenta mil francos, pelo menos, para movimentar.

— Eu faço o desconto da livraria a doze, e não aceito senão bons valores. Não pode haver nada mais cômodo para mim — disse Barbet, terminando. — Digo que ela tem cento e oitenta mil francos, porque ela só pode dar títulos por um prazo de noventa dias ao Banco.

— Então ela tem conta no Banco? — perguntou Minard.

— Creio que sim — respondeu Barbet.

Amigo de um dos diretores do Banco, Minard foi por ele informado de que a srta. Thuillier tinha uma conta de cerca de duzentos mil francos, garantida por um depósito de quarenta ações. Essa garantia era, ao que lhe disseram, supérflua; o Banco tinha todas as considerações para com uma pessoa que lhe era conhecida, e que dirigia os negócios de Celeste Lemprun, filha de um dos empregados que contara tantos anos de serviço quanto os que o Banco contava, então, de existência. Nunca, aliás, em vinte anos a srta. Thuillier ultrapassara a extensão de seu crédito. Mandava sempre sessenta mil francos de títulos por mês ao prazo de três meses, o que somava cerca de cento e sessenta mil francos. As ações depositadas representavam

cento e vinte mil francos; logo, não corriam o menor risco, porque os títulos sempre valiam os sessenta mil francos. “Assim”, disse o Censor, “se ela nos enviasse, no terceiro mês, cem mil francos de títulos, nós não rejeitaríamos um único. Possui uma casa que não está hipotecada e vale mais de cem mil francos. Aliás, todos os seus valores vêm de Barbet e de Métivier, e trazem quatro assinaturas, inclusive a dela.”

— Por que trabalha assim a srta. Thuillier? — perguntou Minard a Métivier.

— Oh! Com certeza é para estabelecer a sua Celeste.

— Isso deveria ir para você — disse Minard.

— Oh! Eu não! Faço melhor casando com uma de minhas primas, meu tio Métivier me dará sucessão nos seus negócios; possui cem mil francos de rendimentos, e só tem duas filhas.

Por mais reservada que fosse a srta. Thuillier, que não contava nada a ninguém a respeito de seus negócios, nem mesmo ao irmão; embora englobasse na sua própria conta as economias feitas à custa da fortuna da cunhada com as que fazia pessoalmente, era difícil impedir que um raio de luz atravessasse o esconderijo de seu tesouro.

Dutocq, que andava sempre em companhia de Barbet, com quem tinha mais de uma semelhança no caráter e na fisionomia, avaliara, com mais exatidão do que Minard, em cento e cinquenta mil francos, em 1838, as economias da srta. Thuillier, e podia seguir-lhe diretamente os progressos, calculando-lhe os lucros com o auxílio do bem informado prestamista Barbet.

— Celeste receberá, de nossa parte, duzentos mil francos em dinheiro sonante — dissera a solteirona, em confidência, a Barbet —, e minha cunhada quer assegurar-lhe, no contrato de casamento, a propriedade de seus bens. Quanto a mim, meu testamento está feito. Meu irmão terá tudo, enquanto viver, e Celeste será minha herdeira, com essa condição. Cardot,^[54] meu tabelião, é o meu testamenteiro.

A srta. Thuillier impelira o irmão a renovar as antigas relações com os Saillard, os Falleix, que ocupavam uma posição análoga à dos Thuillier e dos Minard, no Faubourg Saint-Antoine, onde o sr. Gaillard era *maire*. O tabelião Cardot apresentara seu pretendente à mão de Celeste, na pessoa de mestre Godeschal,^[55] procurador, sucessor de Derville, homem de trinta e seis anos, competente, que pagara cem mil francos, por conta, pelo cargo, que os duzentos mil francos do dote liquidariam. Minard conseguiu que desenganassem Godeschal, contando à srta. Thuillier que Celeste teria por cunhada a famosa Marieta, da Ópera.

— Ela saiu de lá — disse Colleville, aludindo à mulher —; não foi para entrar de novo.

— Aliás, o sr. Godeschal é muito velho para Celeste — disse Brígida.

— E depois, não se deve deixar que ela case com quem quiser —

sugeriu timidamente a sra. Thuillier — para que seja feliz?

A pobre mulher surpreendera em Félix Phellion um amor verdadeiro por Celeste, um amor como uma mulher esmagada por Brígida e ferida pela indiferença de Thuillier, que se importava com ela menos do que com uma criada, podia sonhar: um amor ousado no coração, tímido na aparência, seguro de si mesmo e assustado, concentrado para todos, expandido-se nos céus. Aos vinte e três anos, Félix Phellion era um moço meigo, cândido, como o são todos os sábios que cultivam a ciência por amor à ciência. Tinha sido educado com santidade por um pai que, levando tudo a sério, não lhe tinha dado senão bons exemplos, acompanhando-os de máximas triviais. Era um rapaz de estatura média, de cabelos castanho-claros, de olhos cinzentos, de pele salpicada de sardas, dotado de uma voz encantadora, de uma atitude tranquila, fazendo poucos gestos, sonhador, dizendo somente palavras sensatas, não desmentindo ninguém, e incapaz, principalmente, de um pensamento sórdido ou de um cálculo egoísta.

“Assim”, tinha pensado muitas vezes a sra. Thuillier, “é que eu queria que meu marido fosse.”

Pelos meados do inverno de 1839 a 1840, no mês de fevereiro os salões dos Thuillier continham as diferentes personagens cujas silhuetas acabam de ser traçadas. Aproximava-se o fim do mês. Barbet e Métivier, tendo que pedir, cada um deles, trinta mil francos à srta. Thuillier, jogavam um uíste com Minard e Phellion. Uma outra mesa reunia Julião-o-Advogado (apelido que Colleville tinha posto no jovem Minard), a sra. Colleville, o sr. Barniol e a sra. Phellion. Uma *bouillotte* a um *sou* a ficha ocupava a sra. Minard, que só conhecia esse jogo, aos Colleville, o velho Saillard e o genro, Baudoyer; os parceiros da reserva, que tomavam os lugares dos que perdiam, eram Laudigeois e Dutocq. As sras. Phellion, Baudoyer e Barniol e a srta. Minard jogavam um bóston. Celeste sentara-se ao lado de Prudência Minard. O jovem Phellion escutava a sra. Thuillier, olhando para Celeste.

No outro canto da chaminé, sentada numa poltrona como num trono, estava a rainha Elisabeth da família, vestida com a mesma simplicidade de trinta anos antes, porque prosperidade alguma seria capaz de lhe transformar os hábitos. Trazia sobre os cabelos avermelhados uma touca de gaze preta ornada de gerânios à Carlos x; seu vestido de lãzinha, cor de uva passada, custava quinze francos; o peitilho bordado valia seis francos e disfarçava o sulco profundo produzido pelos dois músculos que ligavam a cabeça à coluna vertebral. Monvel,^[56] representando o papel de Augusto nos seus velhos dias, não exibia um perfil mais duro do que o dessa autocrata fazendo meias de malha para o irmão. Diante da lareira encontrava-se Thuillier, em pé, sempre pronto a se encaminhar para as visitas que pudessem aparecer, e perto dele estava um rapaz cuja entrada produzira grande efeito,

quando o porteiro, que aos domingos envergava as melhores roupas para atender à porta, anunciara o sr. Olivério Vinet.^[57]

Uma confidência feita por Cardot ao célebre procurador-geral, pai do jovem magistrado, tinha sido a causa da visita. Olivério Vinet acabava de ser transferido do tribunal de Arcis para o do Sena, na qualidade de substituto do procurador do rei. O tabelião Cardot convidara para um jantar em sua casa Thuillier, o procurador-geral, que parecia fadado a se tornar ministro da Justiça, e o filho. Cardot avaliava em setecentos mil francos pelo menos, no momento, as fortunas que deveriam ficar para Celeste. Vinet filho parecera encantado com o direito, que lhe deram, de ir aos domingos em casa dos Thuillier. Os grandes dotes obrigam, hoje, a fazer grandes tolices, sem o menor pudor.

Dez minutos depois, um outro rapaz, que estava conversando com Thuillier antes da chegada do substituto, alteou a voz, provocando uma discussão política, e, pela vivacidade logo alcançada pelo debate, forçou o magistrado a seguir-lhe o exemplo. Tratava-se do voto pelo qual a Câmara dos Deputados acabava de derrubar o ministério de 12 de maio, negando a dotação pedida para o duque de Nemours.^[58]

— Certamente — dizia o rapaz — estou longe de pertencer à opinião dinástica, e estou longe de aprovar a elevação da burguesia ao poder. Assim como outrora a aristocracia, a burguesia não deve ser todo o Estado. Mas, enfim, a burguesia tomou a si o cargo de fazer uma nova dinastia, uma realeza para suas conveniências, e eis como a trata! Ao permitir a elevação de Napoleão, o povo transformou-o numa coisa cheia de esplendor, monumental! Orgulhava-se de sua grandeza e deu nobremente seu sangue e seus suores para construir o edifício do Império. Entre as magnificências do trono aristocrático e as da púrpura imperial, os grandes e o povo, a burguesia é mesquinha; rebaixa o poder até seu próprio nível, em vez de se elevar até ele. Quer realizar junto aos príncipes as economias de palitos de seus balcões de comércio. Ora, o que é virtude em seus armazéns, é erro e crime lá em cima. Eu desejaria muitas coisas para o povo, mas não seria capaz de riscar dez milhões da nova Lista Civil.^[59] Tornando-se quase tudo em França, a burguesia nos devia a felicidade do povo, um esplendor sem fausto e uma grandeza sem privilégio.

Olivério Vinet, cujo pai era um dos cabeças da coalizão, e cuja ambição fora desfeita, pois sonhava com o cargo de ministro da Justiça, não sabia o que responder, e julgou mais acertado concordar com um dos lados da questão.

— O senhor tem toda razão — disse o jovem magistrado. — Mas, antes de exibir grandezas, a burguesia tem deveres a cumprir para com a França. O luxo de que o senhor está falando deve vir após os deveres. O que lhe parece tão censurável foi feito para atender a uma necessidade

do momento. A Câmara está longe de ter responsabilidade no caso; os ministros pertencem menos à França do que à Coroa, e o Parlamento quis que o ministério tivesse, como na Inglaterra, uma força que lhe fosse própria e não uma força de empréstimo. No dia em que o ministério agir por si mesmo e representar um papel no poder executivo da Câmara, assim como a Câmara representa a Nação, nesse dia o Parlamento será muito liberal para com a Coroa. Essa é que é a questão, e eu a exponho sem dar minha opinião a respeito, porque os deveres de meu cargo importam, em política, numa espécie de fidelidade quase feudal para com a Coroa.

— Fora da questão política — replicou o rapaz, cuja maneira de falar denunciava o provençal — não é menos verdadeiro que o burguês compreendeu mal a sua missão; vemos procuradores-gerais, primeiros presidentes, pares de França andando de ônibus, juizes vivendo de seus vencimentos, prefeitos sem fortuna, ministros endividados; enquanto, ao contrário, apoderando-se desses cargos, a burguesia deveria honrá-los, como outrora os honrava a aristocracia, e, em vez de ocupá-los para fazer fortuna, fato que tem sido demonstrado por vários processos escandalosos, ocupá-los gastando neles seus rendimentos...

“Quem será esse rapaz?”, perguntava a si mesmo Olivério Vinet, enquanto o ouvia falar; “será um parente? Cardot deveria ter vindo comigo nesta primeira visita.”

— Quem é esse mocinho? — perguntou Minard ao sr. Barbet. — Já o tenho visto muitas vezes aqui.

— É um inquilino — respondeu Métivier, dando as cartas.

— Um advogado — informou Barbet em voz baixa. — Ocupa um apartamento pequeno, no terceiro andar, dando para a rua... Oh! Não é grande coisa, e não tem um vintém.

— Como se chama esse moço? — perguntou Olivério a Thuillier.

— Teodósio de la Peyrade; é advogado — respondeu Thuillier ao ouvido do substituto.

Nesse momento, as mulheres, assim como os homens, olhavam para os dois rapazes, e a sra. Minard não pôde impedir-se de dizer a Colleville:

— Esse rapaz é muito interessante.

— Fiz seu anagrama — respondeu o pai de Celeste —, e seu nome e sobrenome de Carlos Maria Teodósio de la Peyrade profetizam o seguinte: *“Ay! O moço pedirá dotes, lar, e leis dará!”*. Portanto, minha cara mamãe Minard, livre-se de lhe dar a mão de sua filha.

— Há quem prefira esse rapaz ao meu filho — disse o sr. Phellion à sra. Colleville —; que pensa a senhora?

— Oh! Em relação ao físico — disse a sra. Colleville — uma mulher poderia hesitar entre ambos, antes de fazer sua escolha.

Nesse momento, o jovem Vinet, ao contemplar aquele salão cheio

de pequeno-burgueses, julgou que agiria inteligentemente exaltando a pequena burguesia, e acompanhou a opinião do jovem advogado provençal, dizendo que as pessoas honradas pela confiança do governo deveriam imitar o rei, cuja magnificência ultrapassava largamente a da antiga Corte; e que economizar os emolumentos de um cargo era tolice, e, aliás, seria isso possível, em Paris, principalmente, onde a vida triplicara de preço, onde o apartamento de um magistrado, por exemplo, custava mil escudos?!

— Meu pai — disse, para terminar — me dá mil escudos por ano, e, mesmo acrescentando-os aos meus vencimentos, mal posso viver à altura de minha posição.

Quando o substituto cavalgou nessa estrada traiçoeira aonde o provençal o conduzira cheio de esperteza, esse trocou, sem que ninguém o percebesse, um olhar com Dutocq, que devia entrar com a sua parte.

— E há necessidade de tantos lugares — disse o escrivão — que se fala de criar duas justiças de paz por distrito, a fim de se contar com mais doze pretorias... Como se se pudesse atentar contra os nossos direitos, contra nossos cargos que pagamos por preços exorbitantes!

— Não tive ainda o prazer de ouvi-lo no Tribunal — disse o substituto ao sr. de La Peyrade.

— Sou advogado dos pobres, e só advogo na Justiça de Paz — respondeu o provençal.

Ouvindo a teoria do jovem magistrado sobre a necessidade de se gastarem os rendimentos, a srta. Thuillier tomara um ar cerimonioso cuja significação era bastante conhecida tanto do jovem provençal quando de Dutocq. O moço Vinet saiu com Minard e Julião-o-Advogado, de forma que o campo de batalha ficou, diante da lareira, para o jovem La Peyrade e Dutocq.

— A alta burguesia — disse Dutocq a Thuillier — vai se conduzir como a aristocracia se conduziu outrora. A nobreza queria raparigas de dinheiro para “estrumar suas terras”; nossos burgueses de hoje, chegados repentinamente às altas posições, querem dotes para viver com luxo e fazer o seu pé-de-meia...

— Era justamente o que me dizia, esta manhã, o sr. Thuillier — respondeu audaciosamente o provençal.

— O pai — continuou Dutocq — casou-se com uma das moças da família dos Chargebeuf,^[60] e tomou as opiniões da nobreza; anda, agora, atrás da fortuna a qualquer preço, porque a mulher gasta como uma princesa.

— Oh! — disse Thuillier, espicaçado pela inveja que os burgueses sentem uns dos outros. — Tirem-se os cargos dessa gente, e ela tornará a cair no nada de onde saiu.

A srta. Thuillier tricotava com movimentos tão precipitados que

parecia movida por uma máquina a vapor.

— É o senhor quem joga, sr. Dutocq — disse a sra. Minard, levantando-se. — Estou com frio nos pés — acrescentou, aproximando-se do fogo, onde os dourados de seu turbante fizeram o efeito de fogos de artifício à luz das velas da *Estrela*,^[61] que faziam esforços vão para iluminar a sala enorme.

— Afinal, esse substituto não é mais do que um São João Boca de Ouro — disse a sra. Minard, olhando para Brígida.

— Em busca de ouro, diz a senhora? — perguntou o provençal. — A senhora tem muito espírito!

— Mas a sra. Minard nos habituou a essas coisas há já muito tempo — disse o belo Thuillier.

A sra. Colleville examinava o provençal e o comparava ao jovem Phellion, que conversava com Celeste, sem se preocupar com o que se passava em volta. Eis, sem dúvida, o momento de pintar a estranha personagem que devia representar um papel tão grande junto aos Thuillier, e que, certamente, merece ser qualificada como um grande artista.

VII — UM RETRATO HISTÓRICO

Na Provence, e principalmente no porto de Avignon, existe uma raça de homens, louros ou castanhos, de tez delicada e de olhos quase meigos, cuja pupila é em geral fraca, lânguida ou calma, em vez de viva, ardente, profunda, como se vê habitualmente nos meridionais. Observemos, de passagem, que os corsos, criaturas sujeitas aos arrebatamentos, às mais perigosas irascibilidades, são muitas vezes naturezas louras e de uma tranquilidade aparente. Esses homens pálidos, gordos, de olhos quase turvos, azuis ou verdes, são a pior espécie que há na Provence, e Carlos Maria Teodósio de la Peyrade representava um belo tipo dessa raça, cuja constituição mereceria um exame cuidadoso por parte da ciência médica e da fisiologia filosófica. Nesses seres movimenta-se uma espécie de bile, de humor amargo, que lhes sobe à cabeça, tornando-os capazes de ações ferozes, aparentemente realizadas a frio, e que são o resultado de uma embriaguez interior, inconciliável com seu exterior quase linfático, com a tranquilidade de seu olhar benigno.

O jovem provençal, nascido, aliás, nos arredores de Avignon, era de estatura média, bem-proporcionado, feito de uma carne sem brilho, nem lívida, nem mate, nem colorida, mas gelatinosa, pois só essa imagem pode dar uma ideia do envoltório molengo e insípido sob o qual se escondiam nervos menos vigorosos do que suscetíveis de uma resistência prodigiosa em determinados momentos. Os olhos, de um azul pálido e frio, exprimiam, no seu estado natural, uma espécie de melancolia enganadora, que devia ter um grande encanto para certas

mulheres. Não faltava nobreza à fronte bem desenhada que harmonizava com a cabeleira fina, rara, castanho-clara, muito levemente frisada nas extremidades. O nariz exatamente igual ao de um cão de caça, chato, fendido na ponta, curioso, inteligente, pesquisador e sempre para o ar, em vez de ter uma expressão de singeleza era irônico e zombeteiro; mas essas duas faces de seu caráter não se mostravam, e era preciso que o rapaz deixasse de se dominar, fosse arrastado pela cólera, para que esguichassem o sarcasmo e o espírito que decuplicavam suas pilhérias infernais. A boca, de uma sinuosidade agradável, de lábios vermelhos como uma romã, parecia o maravilhoso instrumento de uma voz quase suave nos médios, tom em que Teodósio sempre se mantinha, e que, nas notas altas, vibrava nos ouvidos como o som de um gongo. Esse falsete era a voz de seus nervos e de seu furor. O rosto, sem expressão em consequência de uma determinação íntima, tinha a forma oval. Seus modos, finalmente, concordando com a calma sacerdotal de seu semblante, eram cheios de reserva, de decoro; tinha, porém, flexibilidade, continuidade nas maneiras, que, sem chegar até a lábia, eram capazes de uma sedução que não se explicava mais desde o instante em que ele se afastava. Quando nasce do coração, o encanto deixa traços profundos; o que é apenas produto da arte, assim como a eloquência, alcança apenas triunfos passageiros; obtém seus efeitos por qualquer preço. Mas, na vida privada, quantos filósofos existirão em condições de comparar? Quase sempre, para empregar uma expressão popular, quando as pessoas comuns lhe penetram o sentido, já a “peça foi pregada”.

Nesse rapaz de vinte e sete anos, tudo estava em harmonia com seu caráter atual: obedecia à sua vocação cultivando a filantropia — única expressão que pode explicar o filantropo. Teodósio amava o povo, pois cindia seu amor pela humanidade. Da mesma maneira por que os horticultores se consagram às rosas, às dalias, aos cravos, aos pelargônios, e não prestam a mínima atenção às espécies que não tenham sido eleitas por sua fantasia, esse jovem La Rochefoucauld-Liancourt^[62] pertencia aos operários, aos proletários, às misérias dos Faubourgs Saint-Jacques e Saint-Marcel. Rejeitava do seio da caridade o homem forte, o gênio perseguido, os pobres envergonhados da classe burguesa. O coração de todos os maníacos se assemelha a essas caixas de compartimentos onde se guardam drágeas, dividindo-as de acordo com a qualidade; o *suum cuique tribuere*^[63] lhes serve de lema, e medem, para cada dever, uma dose determinada. Existem filantropos que só se apiedam das culpas dos condenados. É certamente a vaidade que constitui a base da filantropia; mas, no jovem provençal, era cálculo, uma atitude assumida, uma hipocrisia liberal e democrática representada com uma perfeição que nenhum ator atingiria. Não atacava os ricos; contentava-se em não compreendê-los; aceitava-os. Na

sua opinião, cumpria a cada qual gozar as próprias obras; segundo o que dizia, fora discípulo fervoroso de Saint-Simon,^[64] mas esse erro devia ser atribuído à sua extrema mocidade: a sociedade moderna não podia ter como base senão a hereditariedade. Católico ardente, como toda a gente do Comtat, ia muito cedo à missa, e escondia sua fé. Semelhante a quase todos os filantropos, era de uma economia sórdida, e dava aos pobres somente tempo, conselhos, eloquência, e o dinheiro que arrancava aos ricos para eles. Sua indumentária se compunha de botas e de uma roupa de casimira preta, usada até que as costuras se tornassem brancas. A natureza fizera muito em benefício de Teodósio não lhe dando essa máscara e fina beleza meridional que cria exigências da imaginação alheia, e tais exigências dificilmente podem ser satisfeitas; entretanto, bastava a Teodósio pouco esforço para agradar; de acordo com sua própria vontade, podia ser julgado distinto, homem bonito ou muito vulgar. Desde sua admissão em casa dos Thuillier nunca ousara, como naquela noite, levantar a voz e assumir atitude tão magistral quanto a que acabava de tomar para com Olivério Vinet; mas talvez Teodósio de la Peyrade não estivesse aborrecido por ter tentado sair da sombra onde até então se conservara; e, afinal, era necessário livrar-se do jovem magistrado, como anteriormente os Minard haviam suprimido o procurador Godeschal. Igual a todos os espíritos superiores — porque não lhe faltava superioridade —, o substituto não se abaixara até o ponto em que se viam os fios dessas teias burguesas, e acabara de cair como uma mosca, de cabeça, na cilada quase invisível que Teodósio lhe armara com uma astúcia de que não desconfiariam nem mesmo pessoas mais hábeis do que Olivério.

Para completar o retrato do advogado dos pobres, não é inútil contar sua estreia na casa Thuillier.

Teodósio chegara no fim do ano de 1837; licenciado em direito cinco anos antes, fizera, então, o estágio em Paris para ser advogado; mas circunstâncias desconhecidas, e que ele calava, impediram-no de se inscrever no quadro dos advogados de Paris; era ainda advogado estagiário. Mas, mal se instalou no pequeno apartamento do terceiro andar, com os móveis rigorosamente necessários à sua nobre profissão, exigidos, aliás, pela Ordem dos Advogados, que só admite um novo colega quando este monta um gabinete decente, com uma biblioteca, e que manda verificar as coisas e os lugares, Teodósio de la Peyrade tornou-se advogado junto ao Tribunal de Paris.

O ano todo de 1838 foi empregado nessa mudança de sua situação, e Teodósio levou uma vida muito regular. Estudava de manhã em casa, até a hora do almoço, ia às vezes ao Palácio de Justiça nas causas importantes. Ligou-se dificilmente, na opinião de Dutocq, com Dutocq, e prestou a alguns infelizes do Faubourg Saint-Jacques, recomendados à sua caridade pelo escrivão, o favor de defendê-los no Tribunal;

interessou-se por eles junto aos procuradores que, de acordo com as determinações dos estatutos da companhia dos procuradores, se encarregam sucessivamente dos casos dos indigentes. E, como só tivesse aceitado causas inteiramente seguras, ganhou-as todas. Travando relações com alguns procuradores, tornou-se conhecido na Justiça por esses gestos dignos de elogios, e tais fatos provocaram primeiro sua admissão na conferência dos advogados estagiários, depois, sua inscrição no quadro da Ordem. Tornou-se desde essa época, em 1839, advogado dos pobres na Justiça de Paz, e continuou a proteger a gente do povo. As pessoas beneficiadas por Teodósio exprimiam sua admiração e sua gratidão nas portarias dos edifícios de apartamentos, apesar das recomendações do jovem advogado, e, dessa forma, muitas de suas ações subiam até os moradores e proprietários. Por tudo isso, durante esse ano, os Thuillier, encantados de possuir entre seus inquilinos um homem tão recomendável e tão caridoso, quiseram atraí-lo às suas recepções, e interrogaram Dutocq a seu respeito. O escrivão falou como falam os invejosos e, embora fazendo por um lado justiça ao rapaz, acusou-o de ser de uma avareza notável.

— Mas, talvez, seja isso um efeito de sua pobreza — observou o escrivão. — Tenho, aliás, informações sobre ele. Pertence à família La Peyrade, que é uma velha família do Comtat d'Avignon, veio procurar, aqui, um tio que tinha a fama de ser muito rico; acabou por descobrir o endereço do tio três dias depois de sua morte e a mobília pagou as despesas do enterro e as dívidas. Um amigo do morto deu cem luíses ao pobre rapaz, aconselhando-o a estudar direito e a seguir a carreira judiciária; manteve-se com esses cem luíses durante três anos, em Paris, onde viveu como um monge; mas, não conseguindo nunca mais ver nem encontrar o protetor desconhecido, o pobre estudante se viu numa grande miséria em 1833, pois tinha chegado a Paris no inverno de 1829.

Fez então, como todos os licenciados, política e literatura, e manteve-se durante algum tempo acima da miséria, porque nada podia esperar da família; o pai, que era o irmão mais novo do tio falecido na Rue des Moineaux, tem o encargo de onze filhos, que vivem no pequeno domínio chamado Canquoëlles.

Entrou, finalmente, para um jornal ministerial, que tinha como gerente o famoso Cérizet,^[65] tão célebre pelas perseguições que sofreu sob a Restauração por causa de sua dedicação aos liberais, e a quem a gente da nova Esquerda não perdoa que se tenha tornado ministerial, e como, hoje, o poder defende muito pouco seus servidores mais dedicados, o que foi provado pelo caso Gisquet,^[66] os republicanos acabaram arruinando Cérizet. Conto-lhes isso para explicar o motivo por que Cérizet é amanuense no meu cartório.

Pois bem! no tempo em que florescia como gerente de um jornal

dirigido pelo governo Périer^[67] contra os jornais incendiários, *La Tribune*^[68] e outros, Cérizet, que é um bom rapaz, afinal de contas, mas que gosta bastante de mulheres, de boa mesa e dos prazeres, foi muito útil a Teodósio, que era redator político; e, se não fosse a morte de Casimir Périer, o rapaz teria sido nomeado substituto em Paris. Decaiu, em 1834 e 1835, apesar de seu talento, pois sua colaboração no jornal ministerial prejudicou-o. “Se não fossem os meus princípios religiosos”, disse-me ele naquela época, “eu me teria lançado no Sena.” Enfim, parece que o amigo do tio foi informado de sua desgraça; o fato é que recebeu uma importância que lhe permitiu tornar-se advogado; mas continua ignorando o nome e o endereço desse protetor misterioso. Afinal, nessas circunstâncias, é desculpável sua economia, e é preciso que ele tenha muito caráter para recusar o que lhe oferecem os pobres coitados, quando, por sua dedicação, ganha as causas que defende. É indigno ver tanta gente especulando sobre a impossibilidade em que se encontram os infelizes de adiantar as despesas de um processo que injustamente lhes intentam. Oh! Ele acabará vencendo! Não me espantarei quando vir esse rapaz numa posição muito brilhante; tem tenacidade, probidade, coragem! Estuda, trabalha muito.

Apesar da gentileza com que foi acolhido, o advogado La Peyrade ia sobriamente à casa dos Thuillier. Mas, repreendido por sua reserva, mostrou-se muitas vezes, acabou aparecendo todos os domingos, foi convidado para os grandes jantares, e ficou tão íntimo na casa que, se chegava para falar a Thuillier às quatro horas, forçavam-no a jantar sem cerimônia, “comendo do que houvesse”. A srta. Thuillier pensava, então:

— Assim ficamos certos de que hoje, ao menos, o pobre moço vai jantar bem!

Um fenômeno social que certamente foi observado, mas que ninguém ainda formulou, que ninguém publicou e que merece ser indicado, é a volta dos hábitos, do espírito, dos modos da condição primitiva em certas pessoas que, da mocidade à velhice, conseguiram elevar-se acima de seu estado inicial. Assim, Thuillier tornara a ser, falando moralmente, o filho do porteiro; empregava algumas das pilhérias do pai, e reaparecia finalmente, na superfície de sua vida, um pouco do limo dos primeiros dias.

Cinco ou seis vezes por mês, quando a sopa estava boa, dizia, deixando a colher no prato vazio: “Isto é muito melhor do que um pontapé, mesmo que seja dado bem na canela!...”. Ouvindo essa pilhéria pela primeira vez, Teodósio, que não a conhecia, começou a rir com tanto gosto que Thuillier, o belo Thuillier, se sentiu acariciado em sua vaidade, como jamais o fora ainda. Desde esse dia, Teodósio acolhia sempre a mesma frase com um sorriso fino. Esse ligeiro pormenor

explicará como Teodósio, na mesma manhã do dia em que tivera a discussão com o jovem substituto, pudera dizer a Thuillier, passeando no jardim, para ver os efeitos da geada:

— O senhor tem muito mais espírito do que imagina!

E recebera a seguinte resposta:

— Em qualquer outra carreira, meu caro Teodósio, eu teria ido longe, mas a queda do Império me travou os passos.

— Ainda é tempo — dissera o jovem advogado. — E, antes de mais nada, que foi que esse saltimbanco de Colleville fez para merecer a cruz?

Com essa pergunta, La Peyrade tocara na chaga que Thuillier escondia a todos os olhos; tão bem que a própria irmã não a descobrira; mas o rapaz, interessado em estudar todos aqueles burgueses, adivinhara a inveja secreta que roía o coração do ex-subchefe.

— Se o senhor quiser me dar a honra, o senhor que é tão experiente, de se guiar pelos meus conselhos, e, principalmente, de nunca falar do nosso pacto a ninguém, nem mesmo à sua excelente irmã, a não ser que eu o consinta, eu me encarrego de fazer com que seja condecorado, sob aclamação do bairro inteiro.

— Oh! Se o conseguíssemos, nem sabe o que eu seria para o senhor...

Isso explica por que Thuillier se mostrara tão enfatuado quando, ainda há pouco, Teodósio tivera a audácia de lhe dar opiniões.

VIII — O FINAL DA TARDE

Nas artes — e talvez Molière tenha colocado a hipocrisia entre as artes, classificando para sempre Tartufo entre os comediantes — existe um ponto de perfeição abaixo do qual vem o talento, e que só é atingido pelo gênio. Há tão pouca diferença entre a obra de talento e a obra do gênio, que só os homens de gênio podem apreciar essa distância que separa Rafael de Correggio, Ticiano de Rubens. Há mais ainda: o vulgar se deixa enganar. A marca do gênio é uma certa aparência de facilidade. Sua obra deve parecer, numa palavra, ordinária ao primeiro aspecto, de tal forma ela é sempre natural, mesmo quando trata dos assuntos mais elevados.

Muitas camponesas seguram os filhos como a famosa madona de Dresden^[69] segura o seu menino. Pois bem, o cúmulo da arte num homem da força de Teodósio é de fazer com que se diga dele, mais tarde: “Todo mundo teria caído!”. Ora, no salão Thuillier, ele via apontar a contradição, e adivinhava em Colleville a natureza assaz clarividente e crítica do artista falhado. O advogado sabia que desagradava a Colleville, que, em consequência de circunstâncias inúteis de serem narradas, tinha motivos para acreditar na ciência dos

anagramas. Nenhum dos seus anagramas falhara. Haviam caçoado dele na repartição quando, atendendo ao pedido de fazer o anagrama do pobre Auguste-Jean-François Minard, tinha encontrado: *j'amassai une si grande fortune*,^[70] anagrama que os acontecimentos justificavam a dez anos de distância. Ora, o anagrama de Teodósio era fatal. O da mulher fazia-o tremer, e ele nunca o dissera, porque Flávia Minoret Colleville dava: *"Nome vil, lar vill... é lote fácil"*.

Já por diversas vezes Teodósio procurava cair nas boas graças do jovial secretário da Prefeitura, e sentira-se repellido por uma frieza pouco habitual num homem tão comunicativo. Quando a partida terminou, houve um momento em que Colleville atraiu Thuillier para o vão de uma janela, e lhe disse:

— Estás deixando esse advogado tomar muito pé em tua casa. Esta noite, foi ele quem dirigiu a conversa.

— Obrigado, meu amigo, um homem prevenido vale por dois — respondeu Thuillier, caçoando intimamente de Colleville.

Teodósio, que naquele momento estava conversando com a sra. Colleville, tinha os olhos nos dois amigos, e adivinhou, com esse pressentimento próprio das mulheres, que sabem quando e em que sentido se fala nelas, de um ângulo de salão ao outro, que Colleville tentava prejudicá-lo no espírito do fraco e tolo Thuillier.

— Minha senhora — disse ele aos ouvidos da devota —, acredite que, se há aqui alguém em condições de apreciar sua pessoa, esse alguém sou eu. A senhora é uma pérola caída no meio da lama; a senhora não tem quarenta e dois anos, porque uma mulher só tem a idade que representa, e muitas mulheres de trinta anos não lhe chegam aos pés e se sentiriam felizes de ter esse corpo e esse rosto sublime, por onde o amor passou sem nunca ter trazido satisfação. A senhora se deu a Deus, eu o sei, e sou por demais piedoso para querer ser mais do que seu amigo; mas só se consagrou a ele, porque nunca encontrou ninguém que fosse digno da senhora. Enfim, sei que foi amada, mas nunca se sentiu adorada, e eu adivinhei isso... Mas eis seu marido, que nunca soube lhe dar uma posição à altura do seu valor; ele me odeia, como se desconfiasse de que amo a senhora, e impede-me que lhe diga o que eu creio ter descoberto para levar-lhe até a esfera onde deveria estar... Não, minha senhora — disse Teodósio em voz alta, levantando-se —, não é o padre Gondrin quem vai pregar, este ano, durante a quaresma, na nossa pobre igreja de Saint-Jacques-du-Haut-Pas, é o monsenhor d'Estival, um dos meus compatriotas, que se consagrou à pregação no interesse das classes pobres, e a senhora ouvirá um dos pregadores mais untuosos que eu conheço, um padre de um exterior pouco agradável, mas que alma!...

— Então meus votos serão realizados — disse a pobre sra. Thuillier —; eu nunca pude entender os pregadores de fama!

Um sorriso vagou nos lábios secos de Brígida Thuillier e nos de diversas pessoas.

— Eles se ocupam demasiadamente de questões teológicas, há muito tempo que eu sou dessa opinião — disse Teodósio —, mas nunca falo em religião, e, não fosse a sra. *de Colleville*...

— Há, então, demonstrações em teologia? — perguntou ingenuamente e de modo inesperado o professor de matemática.

— Não acredito — proferiu Teodósio, olhando para Félix Phellion — que esteja fazendo essa pergunta a sério.

— Meu filho — disse o velho Phellion, chegando pesadamente em socorro do filho, quando descobriu uma expressão dolorosa no rosto pálido da sra. Thuillier —, meu filho separa a religião em duas categorias: ele a considera sob o ponto de vista humano e sob o ponto de vista divino, quanto à tradição e quanto ao raciocínio.

— Que heresia, senhor! — respondeu Teodósio. — A religião é una; ela quer a fé antes de mais nada.

Estarrecido com essa frase, o velho Phellion olhou para a mulher:

— Já são horas, minha boa amiga...

E apontou para o relógio.

— Oh! Sr. Félix! — disse Celeste ao ouvido do cândido matemático.

— Será que o senhor não é como Bossuet e Pascal, sábio e piedoso?...

Retirando-se em massa, os Phellion arrastaram os Colleville; em breve só restavam Dutocq, Teodósio e os Thuillier.

As lisonjas que Teodósio dirigira a Flávia tinham a forma do lugar-comum; mas, no interesse desta história, é preciso que se note que o advogado se mantinha o mais perto possível daqueles espíritos vulgares; navegava em suas águas, falava-lhes em sua linguagem. Seu pintor era Pedro Grassou e não José Bridau;^[71] seu livro era *Paulo e Virgínia*.^[72] O maior poeta atual era Casimir Delavigne;^[73] a seus olhos a missão da arte era, antes de tudo, a utilidade. Parmentier,^[74] o *autor da batata*, valia trinta Rafaéis; o “*casquinho azul*”^[75] lhe parecia uma *irmã de caridade*. E relembra, às vezes, essas expressões de Thuillier.

— Esse jovem Félix Phellion é tipicamente o universitário de nosso tempo, o produto de uma ciência que botou Deus de lado. Meu Deus! Para onde vamos? Só a religião é que pode salvar a França, porque só o medo do Inferno é capaz de nos preservar do roubo doméstico, realizado a cada instante no seio dos lares e que rói as fortunas mais sólidas. Todos nós temos uma guerra no seio da família.

Depois dessa hábil observação, que impressionou Brígida vivamente, Teodósio retirou-se, seguido por Dutocq, desejando boa noite aos três Thuillier.

— Esse rapaz é cheio de recursos! — disse sentenciosamente Thuillier.

— Sim, com efeito — respondeu Brígida, apagando as lâmpadas.

— Ele tem religião — disse a sra. Thuillier, que foi a primeira a afastar-se.

— Senhor — dizia Phellion a Colleville, ao atingirem a altura da École de Mines, e após se ter assegurado de que estavam sós na rua —, tenho o hábito de submeter minhas luzes aos demais; sinto-me, porém, na impossibilidade de negar que esse jovem advogado está tomando atitudes de mando em casa de nossos amigos Thuillier.

— Quanto a mim, minha opinião — interferiu Colleville, que caminhava atrás da mulher, de Celeste e da sra. Phellion, muito juntinhas, todas três — é a de que se trata de um jesuíta, eu não gosto dessa gente... O melhor de todos eles não presta para nada. Para mim, o jesuíta é o embuste — e o embuste pelo embuste —, são embusteiros pelo prazer de enganar e enganam para, como se diz, não perder a forma. Eis a minha opinião, e eu não a escondo...

— Compreendo-o, senhor — respondeu Phellion, que lhe dava o braço.

— Não, sr. Phellion — respondeu Flávia, com uma vozinha estridente —, o senhor não compreende Colleville, mas eu sei muito bem o que ele quer dizer, e acho melhor que cale a boca... Esses assuntos não são tratados na rua, às onze horas da noite, e diante de uma mocinha.

— Tens razão, minha mulher — concordou Colleville.

Chegando à esquina da Rue des Deux-Églises, por onde Phellion ia virar, os dois grupos despediram-se, e então Félix Phellion disse a Colleville:

— Sr. Colleville, seu filho Francisco poderia entrar na École Polytechnique se puxassem muito por ele; ofereço-me para fazer com que ele fique em condições de prestar os exames este ano.

— Isso é coisa que não se recusa! Obrigado, meu amigo — disse Colleville. — Vamos tratar disso.

— Muito bem! — disse Phellion ao filho.

— Isso não foi nada inábil! — exclamou a mãe.

— Que há de extraordinário nisso? — perguntou Félix.

— Mas é cortejar os pais de Celeste!

— Que eu não resolva meu problema, se estava pensando nisso! — protestou o jovem professor. — Conversando com os pequenos Colleville, descobri que Francisco tem a vocação da matemática, e julguei que deveria esclarecer ao pai...

— Muito bem, meu filho! — repetiu Phellion. — Nem eu queria que fosse de outra maneira. Meus votos estão satisfeitos, tenho em meu filho a probidade, a honra, as virtudes cívicas e privadas que eu lhe desejava.

Depois que Celeste fora deitar-se, a sra. Colleville disse ao marido:

— Colleville, não dês nunca tua opinião sobre as pessoas, tão

cruamente, antes de as conheceres a fundo. Quando falas em jesuíta, sei que estás pensando nos padres, e quero que me faças a gentileza de calar tuas opiniões sobre a religião todas as vezes que estiveres em presença de tua filha. Somos senhores de sacrificar nossas almas, mas não a de nossos filhos. Querias ter como filha uma criatura sem religião?... Agora, meu bem, estamos à mercê de todo mundo, temos quatro filhos para estabelecer; podes assegurar que em determinada ocasião não precisarás deste ou daquele? Não arranjes inimigos; não os tens, és de boa paz, e, graças a esta qualidade, que, em ti, chega até a sedução, nós nos temos arranjado muito bem na vida!...

— Basta! Basta! — disse Colleville, atirando o casaco numa cadeira, e desatando a gravata. — Estou errado, e estás com a razão, minha linda Flávia.

— Na primeira oportunidade, meu bichinho — disse a astuciosa comadre, dando pancadinhas nas bochechas do marido —, tentarás ser gentil com esse advogadozinho; é um finório, devemos tê-lo do nosso lado. Ele representa uma comédia?... Ora! Representa também com ele; finge que te deixas enganar, e, se ele tem talento, se ele tem futuro, transforma-o num amigo. Pensas que eu te quero ver muito tempo na Prefeitura?

— Vem, sra. Colleville — disse, rindo, o antigo oboísta da Ópera-Cômica, batendo no joelho para indicar à mulher o lugar que lhe era destinado —, aqueçamos nossos pezinhos e conversemos... Quando eu te olho, fico cada vez mais convencido desta verdade: que a juventude das mulheres está no corpo...

— E no coração...

— Num e noutro... Corpo leve e coração pesado...

— Não, bobalhão!... Profundo.

— O que tens de notável foi teres conservado tua brancura sem precisar engordar! Mas é isso... tens os ossos delicados... Sabes, Flávia, se eu tivesse que recomeçar a vida, não queria outra mulher que não fosses tu.

— Sabes muito bem que eu sempre te preferi aos outros... Que desgraça que monsenhor tenha morrido! Sabes o que eu te desejaria?

— Não...

— Um cargo no governo de Paris, um cargo de doze mil francos, uma coisa assim como caixa, ou no Tesouro Municipal, ou no de Poissy, ou corretor.

— Tudo isso me convém.

— Pois bem, se esse monstro desse advogado conseguisse qualquer coisa... Ele tem capacidade de intriga... Devemos poupá-lo... Vou sondá-lo... Deixa-me agir... e, principalmente, não contraries seu jogo junto aos Thuillier...

Teodósio tinha tocado o ponto doloroso no coração de Flávia

Colleville, e isso merece uma explicação que terá, talvez, o valor de um golpe de vista sintético sobre a vida das mulheres.

IX — UMA MULHER DE QUARENTA ANOS

Aos quarenta anos, a mulher, e, principalmente, aquela que tocou no pomo envenenado da Paixão, sente um pavor solene; compreende que há duas mortes para ela: a morte do corpo e a do coração. Fazendo das mulheres duas grandes categorias que correspondem às ideias mais vulgares, chamando-as virtuosas ou culpadas, é permitido dizer que, a partir dessa idade temível, todas sentem uma dor de insuportável vivacidade. Virtuosas e enganadas nos desejos de sua natureza, quer se tenham submetido, quer tenham enterrado suas revoltas no coração e aos pés dos altares, não é sem terror que elas percebem que tudo está acabado. Esse pensamento tem profundidade tão estranha e diabólica, que nele se encontra o motivo de algumas dessas apostasias que às vezes surpreendem e apavoram a sociedade. Culpadas, ficam numa dessas situações vertiginosas que se traduzem muitas vezes, desgraçadamente, pela loucura, ou acabam pela morte, ou se transformam em paixões tão grandes quanto é grande a própria situação.

Eis, portanto, o sentido *dilemático* dessa crise: ou elas conheceram a felicidade, fizeram com isso uma vida voluptuosa e não podem respirar senão esse ar carregado de incenso, agitar-se senão nessa florida atmosfera, em que as lisonjas são carícias, e, nesse caso, como renunciar a tudo? Ou — fenômeno mais estranho do que raro — só encontram exaustivos prazeres na procura de uma felicidade que lhes fogia, sustentadas nessa caça ardente pelas irritantes satisfações da vaidade, espicaçando-se nesse jogo como um jogador com sua aposta, porque, para elas, esses últimos dias de beleza são a última parada do parceiro desesperado.

— A senhora foi amada, e não foi adorada.

Essas palavras de Teodósio, acompanhadas por um olhar que lia, não no coração, mas na vida, eram a solução de um enigma, e Flávia sentiu-se adivinhada.

O advogado repetira algumas ideias tornadas triviais pela literatura; mas, que importa de que fábrica e de que qualidade é o chicote, quando atinge a chaga do cavalo de raça? A poesia estava em Flávia e não no poema, da mesma maneira que o ruído não é a avalanche, embora a determine.

Um jovem oficial, dois fátuos, um banqueiro, um rapazola inábil, e o pobre Colleville, eram tristes experiências. Uma vez na sua vida ela fora a felicidade, mas não sentira essa felicidade; depois a morte se apressara em romper a única paixão em que Flávia descobrira um

encanto. Há dois anos ouvia a voz da religião, que lhe dizia que nem a Igreja nem a sociedade falam de felicidade, de amor, mas falam de deveres e de resignação; que, para essas duas grandes potências, a felicidade jaz na satisfação causada pelo cumprimento de deveres penosos ou difíceis, e que a recompensa não é deste mundo. Mas, dentro de si mesma, ouvia outra voz muito mais estridente, e, como sua religião era a máscara que julgava necessário usar, e não uma conversão, e que só não a arrancava porque a considerava como um recurso, e que a devoção, fingida ou verdadeira, era um modo de ser apropriado a seu futuro, ficava na igreja como numa encruzilhada de uma floresta, sentada num banco, lendo as indicações do caminho, e esperando um acaso enquanto esperava pela grande noite.

Assim, sua curiosidade ficou vivamente excitada ao ouvir Teodósio formular-lhe sua situação secreta sem se aproveitar dela, cingindo-se ao lado puramente interior de sua vida, e prometendo-lhe a realização de um castelo no ar, que já sete ou oito vezes tinha sido derrubado.

Desde o começo do inverno percebera que estava sendo estudada a fundo, disfarçadamente, por Teodósio. Mais de uma vez pusera o vestido de chamalote cinzento, as rendas pretas e o toucado de flores envolto em rendas, para se mostrar numa luz favorável, e os homens sempre sabem quando uma mulher se preparou para eles. O intolerável “belo” do Império perseguia-a com lisonjas grosseiras, ela era a rainha do salão, mas, com um olhar fino, o provençal dizia mil vezes mais do que todos os outros.

Flávia esperara uma declaração de domingo em domingo, pensando:

“Sabe que eu estou arruinada, e ele também, por sua vez, não possui um vintém! Talvez seja realmente religioso.”

Teodósio não queria precipitar os acontecimentos, e, como um músico hábil, marcara em sua sinfonia o trecho exato em que devia dar a batida no tambor. Quando percebeu que Colleville o atacava, na conversa com Thuillier, deu o bote, jeitosamente preparado durante os três ou quatro meses que empregara estudando Flávia, e venceu, como já tinha vencido, aquela manhã, junto a Thuillier.

Ao deitar-se, imaginava:

“A mulher está do meu lado, o marido não me suporta; a estas horas, estarão brigando, e eu serei o mais forte, porque ela faz o que quer do marido.”

O provençal enganara-se, pois não houvera a menor discussão, e Colleville estava dormindo ao lado da querida mulherzinha, que, acordada, pensava:

“Teodósio é um homem superior.”

Assim como acontecia a La Peyrade, muitos homens tiram sua superioridade da audácia ou da dificuldade de uma empresa; as forças

que empregam na sua realização desenvolvem-lhes os músculos; gastam-se enormemente; depois, quer hajam conseguido sucesso quer tenham sido vencidos, o mundo se espanta de achá-los pequenos, mesquinhos ou exaustos. Tendo lançado numa curiosidade que se tornaria febril o espírito de duas das pessoas das quais dependia a sorte de Celeste, Teodósio fingiu-se de homem muito ocupado: durante cinco ou seis dias, saía da manhã à noite, a fim de só tornar a ver Flávia no momento em que, nela, o desejo tivesse atingido esse ponto que faz com que se passe acima de todas as conveniências. E, por outro lado, obrigou o antigo casquilho do Império a ir procurá-lo em sua casa.

No domingo seguinte, estava quase certo de encontrar a sra. Colleville na igreja. Saíram ao mesmo tempo, encontraram-se na Rue des Deux-Églises, e Teodósio ofereceu o braço a Flávia, deixando Celeste caminhar adiante, em companhia de Teodoro. Esse último filho dos Colleville contava, então, doze anos, e, devendo entrar para o Seminário, era semi-interno no Instituto Barniol, onde recebia instrução elementar, e, naturalmente, o genro de Phellion fizera abatimento no preço da mensalidade, por causa da perspectiva da aliança entre o professor Phellion e Celeste.

— Ter-me-á a senhora feito a honra e o favor de pensar no que eu lhe disse tão mal outro dia? — perguntou com meiguice o advogado à linda devota, apertando-lhe o braço de encontro ao coração, num movimento ao mesmo tempo doce e forte, porque parecia conter-se, a fim de dar a impressão de ser respeitoso a contragosto. — Não faça mau juízo das minhas intenções — continuou, recebendo de Flávia um desses olhares que as mulheres habituadas às paixões sabem encontrar, e cuja expressão tanto pode significar uma zanga severa quanto uma colisão de sentimentos. — Amo a senhora como se ama uma bela natureza perseguida pela infelicidade; a caridade cristã abrange ao mesmo tempo os fracos e os fortes, e seu tesouro a todos pertence. Fina, graciosa, elegante como a senhora é; feita para ser o ornamento da mais alta sociedade, qual o homem que pode, sem uma pena imensa no coração, ver a senhora rolando entre esses intoleráveis burgueses que nada sabem da senhora, que não percebem nem sequer o valor aristocrático de uma de suas atitudes ou de um de seus olhares, ou de uma de suas faceiras inflexões de voz! Ah!... Se eu fosse rico!... Ah! Se eu fosse poderoso! Seu marido, que é, sem dúvida alguma, um bom sujeito, tornar-se-ia recebedor-geral, e a senhora faria com que o nomeassem deputado! Mas eu, pobre ambicioso, que tenho a obrigação de calar minha ambição, vendo-me no fundo do saco como um último número de uma “ação-entre-amigos”, eu só lhe posso oferecer o braço, em vez de lhe oferecer o coração. Espero tudo de um bom casamento, e acredite que tornarei minha mulher não somente feliz, mas ainda uma das primeiras no país, recebendo, das mãos dela, os meios para subir...

A manhã está tão bonita, venha dar uma volta no Luxembourg — disse ele, quando chegaram à Rue d'Enfer, na esquina da casa da sra. Colleville, diante da qual ficava uma passagem que levava ao jardim pela escada de um pequeno edifício, único vestígio do famoso convento dos Cartuxos.

A moleza do braço que segurava indicou o consentimento tácito de Flávia, e, como ela merecia a honra de um simulacro de violência, arrastou-a apressadamente, acrescentando:

— Venha! Nem sempre conseguiremos ter uma tão boa oportunidade. Oh! Seu marido avistou-nos; ele está na janela, vamos devagarinho...

— Não tenha medo do sr. de Colleville — disse Flávia sorrindo —, pois ele me deixa inteiramente senhora das minhas ações.

— Oh! Eis realmente a mulher que eu sonhei! — exclamou o provençal com esse êxtase e esse tom que só abraçam as almas e só partem de lábios meridionais. — Perdão, minha senhora — disse depois, reprimindo-se e voltando de um mundo superior para o anjo exilado, que contemplou piedosamente. — Perdão! Voltemos ao que eu dizia... Ai! Como não ser sensível às dores que nós mesmos sentimos, percebendo que elas são o quinhão de um ser a quem a vida só deveria trazer alegria e felicidade!... Seus sofrimentos são os meus: a desgraça tornou-nos irmãos. Ah! Querida Flávia! O primeiro dia em que me foi dado ver você era o último domingo do mês de setembro de 1838... Como estava bonita! Hei de sempre rever a senhora naquele vestidinho de musselina de lã, nas cores de um tecido de não sei que clã da Escócia!... Nesse dia, perguntei a mim mesmo: “Por que uma mulher como essa está em casa dos Thuillier, e, principalmente, por que teve ela, algum dia, relações com um Thuillier?”.

— Senhor! — protestou Flávia, assustada pelo rápido impulso que o provençal imprimira à conversa.

— Ora! Eu sei de tudo — exclamou ele, acompanhando essas palavras com um movimento de ombro —, e compreendo tudo... E não é menor a minha estima por causa disso. Sim! Esse pecado nunca será nem o de uma feia nem o de uma corcunda... Compete-lhe agora colher os frutos de seu erro, e quero ajudar a senhora! Celeste vai ser muito rica, e nisso é que está, para a senhora, todo o seu futuro; só poderá ter um genro: tenha o talento de escolher bem. Um ambicioso acabará ministro; um tolo há de querer humilhá-la, aborrecê-la, e tornará sua filha infeliz, e, se perder a fortuna, não tornará a construí-la. Pois bem! Quero-lhe muito, quero-lhe com uma afeição sem limites; sei que está acima de uma porção de considerações miúdas onde os tolos se enredam. Expliquemo-nos...

Flávia estava estupefata; sensibilizou-a, entretanto, a excessiva franqueza dessa linguagem. Pensava consigo mesma: “Este, pelo

menos, não é sono!”). Mas confessava, intimamente, que nunca ficara tão profundamente emocionada e perturbada quanto a deixava, agora, aquele rapaz.

— Senhor, não sei quem lhe pode ter dado uma ideia tão falsa sobre minha vida, nem com que direito o senhor...

— Ah! Perdão, minha senhora — continuou o moço com desprezo frieza. — Eu sonhei... Disse para mim mesmo: “Ela é tudo isso!” ou só o aparenta. Já sei agora por que ficará para sempre num quarto andar, lá em cima, na Rue d’Enfer.

E comentou a frase com um gesto enérgico, apontando para as janelas do apartamento de Colleville, que se viam da alameda central do Luxembourg, onde passeavam sozinhos, nesse imenso campo lavrado por tantas jovens ambições.

— Fui franco, e esperava que me correspondesse da mesma forma. Eu, minha senhora, tive dias sem pão; soube viver, seguir meu curso de direito, obter o diploma de bacharel em Paris, com dois mil francos por único capital, e tinha entrado pela Barrière d’Italie^[76] com quinhentos francos no bolso, jurando a mim mesmo, como um dos meus compatriotas, que haveria de ser, um dia, uma das primeiras figuras do meu país... E o homem que muitas vezes apanhou seu alimento nas cestas em que os donos de restaurantes atiram os restos de comida, e que esvaziam às seis horas da manhã diante da porta, quando os regateiros não os querem mais... esse homem não recuará diante de nenhum meio... confessável. Diga, julga que eu seja o amigo do povo?... — perguntou, sorrindo. — A fama precisa de um arauto; ela não se fará ouvir, se falar baixinho... E, sem fama, para que serve o talento? O advogado dos pobres acabará sendo o advogado dos ricos... Não acha que já lhe abri demais minhas entranhas? Abra-me seu coração... Diga-me: “Sejamos amigos”, e seremos todos felizes, um dia...

— Meu Deus! Por que é que eu vim aqui? Por que é que eu lhe dei o braço?... — exclamou Flávia.

— Porque era o seu destino! Ah! Minha querida e bem-amada Flávia — disse Teodósio, apertando-lhe o braço de encontro ao coração —, esperava então encontrar vulgaridade em mim?... Somos irmãos... E é tudo.

Reconduziu-a em direção à passagem, de volta à Rue d’Enfer.

No fundo do contentamento que as emoções violentas causam às mulheres, Flávia sentia um certo terror, que interpretou como sendo a sensação de medo provocada por uma nova paixão; mas estava encantada, e caminhava conservando um silêncio profundo.

— Em que está pensando?... — perguntou-lhe Teodósio, no meio da passagem.

— Em tudo quanto acaba de me dizer — respondeu ela.

— Mas, na nossa idade, suprimem-se as preliminares; não somos

crianças, e estamos, ambos, numa esfera em que nos devemos entender. E, finalmente, fique sabendo — acrescentou, desembocando na Rue d'Enfer — que eu sou inteiramente seu.

E cumprimentou profundamente.

“Os ferros estão no fogo!”, pensou o moço, seguindo, com o olhar, a presa atordoada.

X — A SOLUÇÃO DO ENIGMA

Entrando em casa, Teodósio encontrou no patamar uma personagem, de certo modo, submarina, desta história, em que entra como a igreja enterrada sobre a qual se levanta a fachada de um palácio. A vista desse homem que, certamente, batera à sua porta sem o encontrar, e que acabava de bater à porta de Dutocq, fez estremecer intimamente o advogado provençal, sem que, entretanto, nada, no exterior, pudesse trair essa profunda emoção. Esse homem era o tal Cérizet, de quem Dutocq, declarando-o seu amanuense, já falara aos Thuillier.

Contando apenas trinta e nove anos, Cérizet aparentava cinquenta, de tal forma o envelhecera tudo quanto pode envelhecer os homens. Sua cabeça, sem cabelos, mostrava um crânio amarelado, mal coberto por um chinó que desbotara, enxovalhando-se; seu rosto, pálido e flácido, extremamente enrugado, parecia ainda mais horroroso pelo fato de ter um nariz roído, não tanto, porém, que o pudesse substituir por um nariz postiço, pois desde a raiz, na fronte, até as narinas, existia como a natureza o fizera; a doença, após ter destruído as paredes das narinas, deixara apenas dois buracos de forma extravagante, que viciavam a pronúncia e dificultavam a palavra. Os olhos, primitivamente azuis, mas enfraquecidos por misérias de todos os gêneros, por noites consagradas à vigília, orlados de vermelho, apresentavam alterações profundas, e o olhar, quando a alma ali refletia uma expressão de malícia, teria amedrontado juízes e criminosos — esses, enfim, que nada amedronta.

A boca, desdentada, onde restavam ainda alguns cacos escuros, era ameaçadora; dela escorria uma saliva espumosa e rara, que não ia além dos lábios descorados e finos. Cérizet, homenzinho pequeno, mais propriamente ressecado do que seco, tentava remediar as desgraças de sua fisionomia pela roupa, que não era opulenta, mas mantida num estado de limpeza que lhe salientava ainda mais a miséria. Nele, tudo parecia duvidoso, tudo se assemelhava à sua idade, ao seu nariz, ao seu olhar; tanto podia ter trinta e nove anos quanto sessenta; era impossível saber se suas calças azuis, desbotadas, mas estreitamente ajustadas, estariam em breve na moda ou se pertenciam à do ano de 1835. Suas botas deformadas, cuidadosamente lustrosas, com as solas renovadas pela terceira vez, finas outrora, tinham talvez pisado em tapetes

ministeriais. A sobrecasaca de alamares lavados pelos aguaceiros, e cujos botões tinham a indiscrição de mostrar o forro de massa, testemunhava, entretanto, pelo seu feitio, uma elegância desaparecida. O colarinho-gravata de cetim escondia, felizmente, a roupa branca, mas, por detrás, via-se que estava rasgado pela presilha da fivela, e o cetim ficaria mais brilhoso, por causa do óleo destilado pelo chinó nos dias de sua mocidade; o colete, ainda novo, era um desses coletes comprados por quatro francos, e saídos das profundezas de um mostruário de loja de roupas feitas. Tudo fora cuidadosamente escovado, como o chapéu de seda, lustroso e amolgado. Tudo se harmonizava, e fazia aceitar as luvas pretas que escondiam as mãos desse empregado subalterno, de que vamos, numa única frase, contar a vida anterior.

Era um artista no Mal, a quem, desde o início, o mal favorecera, e que, enganado pelos sucessos primitivos, continuava a tecer infâmias, mantendo-se nos termos legais. Traindo o patrão, tornara-se dono de uma tipografia; como gerente de um jornal liberal sofrera algumas condenações; e, na província, durante a Restauração, tinha se transformado no espantalho do governo real, e era o “desventurado Cérizet”, como já havia o “desventurado Chauvet”^[77] e o “heroico Mercier”.^[78] A essa fama de patriotismo devia a nomeação de subprefeito, em 1830; seis meses mais tarde foi demitido; pretendia, entretanto, ter sido julgado sem ser ouvido, e tanto gritou que, durante o ministério Casimir Périer, conseguiu tornar-se gerente de um jornal antirrepublicano, mantido pelo ministério. Dali saiu para fazer negócios, entre os quais figurava uma das mais infelizes comanditas condenadas pela Polícia Correccional. Aceitou orgulhosamente a condenação, atribuindo-a a uma vingança tramada pelo partido republicano, que, ao que dizia, não lhe perdoava os rudes golpes desferidos em seu jornal, e lhe pagava dez ferimentos por um. Cumprira o tempo de prisão numa casa de saúde. O poder envergonhou-se do homem saído do Asilo dos Expostos, e cujos hábitos, quase crapulosos, cujas negociatas vergonhosas feitas de sociedade com um antigo banqueiro chamado Claparon^[79] tinham, finalmente, provocado o mais merecido descrédito. Assim, Cérizet, caindo de queda em queda até o grau mais baixo da escala social, precisou recorrer a um resto de piedade para obter o lugar de amanuense no cartório de Dutocq. No fundo de sua miséria, esse homem sonhava com a vingança, e, como nada mais tinha a perder, aceitava todos os meios. Achava-se ligado a Dutocq por hábitos depravados. No bairro, Cérizet representava para Dutocq o que o cão de caça representa para o caçador. A par das necessidades de todos os desgraçados, Cérizet era o usurário dos miseráveis, e emprestava a juros altos, por prazos curtos; era sócio de Dutocq, e esse antigo garoto de Paris, transformado em banqueiro das

quitandas, prestamista dos carrinhos de mão dos verdureiros, era o inseto roedor de dois arrabaldes.

— Pois bem, já que Teodósio está de volta — disse Cérizet vendo Dutocq abrir a porta —, vamos para a casa dele...

E o advogado dos pobres recuou para dar passagem aos dois homens.

Os três atravessaram uma saleta de entrada ladrilhada, de chão bem lavado, onde a luz do dia reluzia sobre uma camada de encáustica vermelha, passando através de cortinas de chita, e deixando ver uma modesta mesinha de noqueira que sustentava uma lâmpada. Dali, passava-se para um salão pequeno, de cortinas vermelhas, com móveis de acaju e veludo de Utrecht vermelho. A parede fronteira à janela era ocupada por uma estante cheia de livros de jurisprudência. A pedra da lareira tinha uma guarnição vulgar: um relógio de acaju, com quatro colunas, e castiçais debaixo de uma redoma. O gabinete, onde os três amigos foram sentar-se junto de um fogo de carvão de pedra, era o escritório típico do advogado principiante: uma escrivaninha, uma poltrona, cortinas de seda verde nas janelas, um tapete verde, classificadores de papelão e um divã, acima do qual se via um Cristo de marfim num fundo de veludo. Evidentemente, o quarto de dormir e a cozinha do apartamento davam para o quintal.

— E então? Como vão as coisas? Estamos progredindo? — perguntou Cérizet.

— Estamos — respondeu Teodósio.

— Confessem que eu tive uma ideia magnífica inventando o meio de embaçar esse imbecil de Thuillier... — exclamou Dutocq.

— Sim, mas eu não lhe fico atrás — declarou Cérizet —, acabei, esta manhã, de lhes dar as cordas para algemar a solteirona, e fazer com que ela se deixe levar como um boneco de molas... Não nos enganemos! A srta. Thuillier é tudo neste caso: tê-la do nosso lado é ter a vitória assegurada... Falemos pouco, mas falemos direito, como se deve fazer entre pessoas capazes. Meu antigo sócio Claparon, como vocês sabem, é um imbecil, e deverá ser a vida inteira o que sempre foi, um testa de ferro. Ora, ele está servindo, atualmente, de fachada para um tabelião de Paris, associado a uns construtores. Ora, tabelião e pedreiros, todos eles faliram! É Claparon quem aparece como o responsável; nunca tinha falido, mas para tudo há sempre um começo. Neste momento, está ele escondido em meu pardieiro da Rue des Poules, onde nunca será encontrado. Meu Claparon está furibundo, não tem um vintém; e, entre as cinco ou seis casas que vão ser vendidas, há uma joia de prédio, bem construído, todo em pedra de cantaria, situado nos arredores da Madeleine, uma fachada bordada como um melão, esculturas encantadoras, mas que, não estando terminado, será entregue pela quantia máxima de cem mil francos; gastando-se mais vinte e cinco mil

francos, poder-se-á conseguir por ele, dentro de dois anos, talvez, quarenta mil francos de rendas. Prestando-se um serviço dessa espécie à srta. Thuillier, ganhar-se-á o seu amor, porque será fácil fazer-lhe acreditar que todos os anos podem-se descobrir oportunidades como essa. A gente se apodera dos vaidosos servindo-lhes o amor-próprio ou ameaçando-os; toma-se conta dos avaros atacando-lhes a bolsa ou enchendo-a. E como, afinal de contas, trabalhar pela Thuillier é trabalhar para nós, deixemos que ela se aproveite dessa boa ocasião.

— E o tabelião? — perguntou Dutocq. — Por que deixa escapar uma coisa assim?

— Ora, Dutocq! É o tabelião quem nos salva! O tabelião, forçado a vender o cartório, e, aliás, arruinado, reservou-se esse quinhão nos restos do banquete. Confiando na probidade do imbecil do Claparon, encarregou-o de lhe encontrar um comprador nominal; porque ele necessita tanto de confiança quanto de prudência. Deixaremos que ele pense que a srta. Thuillier é uma honesta criatura que empresta o nome ao pobre Claparon, e Claparon e o tabelião cairão, ambos, na esparrela. Claparon bem que merece essa vingancinha, pois me deixou carregar todo o peso do caso de sua comandita, em que fomos ambos trapaceados por Couture,^[80] em cuja pele não desejaria estar! — disse ele, com os olhos cansados a fuzilarem num ódio infernal. — E tenho dito, meus senhores! — acrescentou, engrossando a voz, que passou toda por suas fossas nasais, e tomando uma atitude dramática, pois já tinha sido ator, num momento de miséria excessiva.

O profundo silêncio que acolheu a última declaração de Cérizet permitiu que se ouvisse tocar a campainha. Teodósio correu para a porta.

— Continua satisfeito com ele? — perguntou Cérizet a Dutocq. — Acho-lhe uma expressão... enfim, tenho experiência de traições.

— Ele está de tal forma em nossas mãos — disse Dutocq — que nem me dou o trabalho de observá-lo; mas, entre nós, não o julgava tão hábil quanto é... a esse respeito, julgamos botar um alazão entre as pernas de um homem que não sabia montar a cavalo, e o espertalhão nos saiu um antigo jóquei! É isso...

— Ele que tome cuidado! — disse surdamente Cérizet. — Posso soprar e derrubá-lo como a um castelo de cartas. Quanto a você, velho Dutocq, que tem a possibilidade de vê-lo em ação e de observá-lo a todo instante, vigie-o bem! Aliás, tenho o meio de lhe tomar o pulso fazendo com que Claparon lhe proponha desembaraçar-se de nós, e então o julgaremos...

— Está muito bem assim — disse Dutocq. — Você não se atrapalha nunca.

— Eu danço conforme tocam a música, é só isso! — disse Cérizet.

Essas palavras foram trocadas em voz baixa, durante o tempo que

Teodósio gastou para ir até a porta e voltar. Cérizet examinava tudo no escritório, quando o advogado reapareceu.

— É Thuillier. Eu esperava por essa visita. Está na sala — disse o moço — e acho que não deve ver a sobrecasaca de Cérizet — acrescentou, sorrindo —, esses alamares o assustarão.

— Ora! Você recebe os desgraçados, está no seu papel... Precisa de dinheiro? — acrescentou Cérizet, tirando cem francos do bolso das calças. — Tome, tome, isso dará boa impressão.

E colocou o dinheiro sobre a lareira.

— Aliás — disse Dutocq —, podemos ir embora pelo quarto de dormir.

— Pois então, adeus! — disse o provençal, abrindo-lhes a porta de comunicação entre o escritório e o quarto. — Entre, meu caro sr. Thuillier! — gritou, para o casquilho do Império.

E, quando o viu à porta do gabinete, foi acompanhar os dois sócios, passando pelo quarto, pelo banheiro e pela cozinha, cuja porta dava para a calçada.

— Daqui a seis meses, deverás ser o marido de Celeste, e estarás, então, bem livre... És muito feliz! Não te sentaste nos bancos da Polícia Correccional duas vezes... como eu! A primeira em 1824, por um processo pendente... uma série de artigos que eu não tinha feito, e a segunda vez pelos lucros de uma comandita que nos passou diante do nariz! Vamos! Vamos! Fogo nisso! Arre! Porque Dutocq e eu, vigorosamente, precisamos de trinta mil francos cada um. E agora, muita coragem, meu amigo! — acrescentou, estendendo a mão a Teodósio, e fazendo desse aperto de mão uma prova.

O provençal deu a mão direita a Cérizet, e emprestou ao cumprimento uma expressão calorosa.

— Meu filho, fique bem certo de que, em nenhuma situação, eu me esquecerei daquela de que você me tirou para me trazer até aqui... Sirvo-lhes de isca, mas vocês me dão a melhor parte, e, para não jogar jogo franco, seria preciso ser mais infame do que um forçado que se transforma no espião dos companheiros.

Assim que a porta se fechou, Cérizet espiou pelo buraco da fechadura a fim de ver o rosto de Teodósio; mas o provençal se voltara para ir ao encontro de Thuillier, e, assim, Cérizet não pôde surpreender a expressão da fisionomia do sócio.

Não foi nem repulsa nem dor que se pintou nesse rosto libertado; foi alegria. Teodósio via aumentar os meios do sucesso, e lisonjeava-se de se desembaraçar dos ignóbeis companheiros, aos quais, aliás, devia tudo. A miséria tem profundidades insondáveis, principalmente em Paris, fundos lamacentos, e, quando um afogado vem desse leito até a superfície, traz imundícies agarradas ao corpo e às roupas. Cérizet, o amigo outrora opulento, o protetor de Teodósio, era a mancha lodosa

que ainda sujava o provençal, e o antigo gerente da comandita adivinhava que o outro desejaria escovar-se, achando-se numa esfera em que se exigia uma aparência decente.

— E então, meu caro Teodósio! — disse Thuillier. — Esperamos vê-lo aparecer cada dia desta semana, e cada noite vemos nossas esperanças desenganadas... Como este domingo é o do nosso jantar, minha irmã e minha mulher me encarregaram de convidar você...

— Tive tanto trabalho — disse Teodósio —, que não achei dois minutos para dar a quem quer que seja, nem mesmo ao senhor, que considero meu amigo, e com quem tinha que conversar...

— Como? Então pensa seriamente no que me disse? — exclamou Thuillier, interrompendo Teodósio.

— Se o senhor não tivesse vindo, para nos entendermos, eu não o estimaria tanto quanto o estimo — continuou La Peyrade, sorrindo. — Foi subchefe; tem, portanto, um restinho de ambição, e essa ambição, no senhor, é danadamente legítima! Vejamos! Então nós, quando se vê um Minard, esse barril de ouro, ir cumprimentar o rei, pavoneando-se nas Tuileries; um Popinot a caminho de se tornar ministro... e o senhor, um homem que tem trinta anos de experiência, que viu seis governos, o senhor, tratando seus canteiros!... Não é justo!... Sou franco, meu caro Thuillier, quero dar-lhe o impulso, porque depois o senhor é quem me há de empurrar para a frente... Pois bem! Eis o meu plano. Vamos ter que nomear um membro do Conselho Geral desta circunscrição, e é preciso que seja o senhor! — disse ele, acentuando essas palavras. — Há de ser o senhor! Será deputado por este distrito, algum dia, quando reelegerem a Câmara, coisa que não tardará... Os votos que o tiverem nomeado para o Conselho Municipal serão novamente seus quando se tratar da deputação, confie em mim...

— Mas de que meios dispõe?... — perguntou Thuillier, fascinado.

— Depois os saberá, mas deixe-me dirigir esse longo e difícil caso; se cometer a menor indiscrição sobre o que se dirá, se tramará, se combinará, entre nós, eu o deixo de lado, e adeus!

— Oh! Pode contar com a absoluta discrição de um antigo subchefe; já guardei segredos...

— Bem! Mas trata-se de guardar segredo de sua mulher, de sua irmã, do sr. e da sra. Colleville.

— Nem um músculo de meu rosto me trairá — disse Thuillier, mantendo-se impassível.

— Bom! — prosseguiu La Peyrade. — Eu o porei à prova. Para ser elegível, é preciso pagar o censo, e o senhor não o paga.

— É verdade!...

— Pois bem! Tenho pelo senhor uma dedicação que vai até o ponto de lhe confiar o segredo de um negócio que o fará ganhar trinta ou quarenta mil francos de rendas, com um capital de cento e cinquenta

mil francos no máximo. Mas, em sua casa, é sua irmã quem se encarrega, há muito tempo, da direção dos negócios de dinheiro; e está certo, porque ela tem, como se diz, a melhor cabeça deste mundo; é preciso, portanto, deixar que eu conquiste a afeição, a amizade da srta. Brígida, submetendo-lhe essa questão; e vou lhe explicar por quê. Se a srta. Thuillier não tivesse fé nas minhas relíquias, iríamos ter aborrecimentos. E afinal, ficaria bem para o senhor, dizer-lhe que comprasse o imóvel em seu nome? É melhor que essa ideia lhe seja insuflada por mim. Ambos, aliás, serão juizes do negócio. Quanto aos meios de que disponho, pois bem, aqui estão eles: Phellion dispõe de um quarto de votos no bairro, ele e Laudigeois moram aqui há trinta anos, e são considerados como oráculos. Tenho um amigo que dispõe do outro quarto, e o vigário de Saint-Jacques, que não deixa de ter certa influência, devida a suas virtudes, pode ter alguns votos. Dutocq, relacionado, assim como o juiz de paz, com os habitantes, me ajudará, sobretudo quando vir que não ajo por minha própria conta; enfim, Colleville, como secretário da Prefeitura, representa um quarto dos votos.

— Mas tem toda razão! Já estou eleito! — exclamou Thuillier.

— Acredita nisso? — perguntou La Peyrade num tom de voz de terrível ironia. — Pois bem! Vá pedir ao seu amigo Colleville que ajude você, e há de ver o que ele dirá... Em matéria de eleição, nunca triunfo algum foi ganho pelo candidato em pessoa, mas sim pelos seus amigos. Nunca se deve pedir, diretamente, algum favor pessoal; ao contrário, deve-se parecer sem ambição, forçar os outros a que insistam, e parecer que se aceita forçado.

— La Peyrade!... — exclamou Thuillier, levantando-se e tomando a mão do jovem advogado. — Você é um homem muito forte!

— Não tanto quanto o senhor, mas não deixo de ter, também, certo merecimento — respondeu sorrindo o provençal.

— E, se triunfamos, como recompensar você? — perguntou ingenuamente Thuillier.

— Ah!... Aqui está!... Vai achar-me impertinente; mas pense que há em mim um sentimento que faz desculpar tudo, pois me deu o espírito de tudo empreender! Estou apaixonado, e tomo o senhor por confidente...

— Mas por quem?

— Por sua querida filhinha Celeste — respondeu La Peyrade —, e meu amor responde pela minha dedicação; que não faria eu por um sogro! É egoísmo, é trabalhar para mim...

— Psiu! Não fale assim... — pediu Thuillier.

— Ora, meu amigo! — disse La Peyrade, tomando-o pela cintura. — Se eu não tivesse Flávia do meu lado, e se não soubesse de tudo, acha que lhe falaria como estou falando? Há, porém, uma coisa: ouça o que

Flávia tem a dizer sobre o assunto, mas não lhe diga uma palavra a respeito. Ouça-me: sou do mesmo estofa de que se fazem os ministros, e não quero Celeste sem a ter merecido; assim, o senhor só me dará a moça na véspera do escrutínio, de onde seu nome sairá o número de vezes necessário para que seja o de um deputado de Paris. Para ser deputado de Paris, é preciso vencer Minard; devemos, portanto, anular Minard; é preciso conservar seus meios de influência, e, para obter esse resultado, deixe Celeste figurando como uma esperança, e enganaremos a todos... A sra. Colleville, o senhor e eu seremos um dia três personagens. Não me julgue, aliás, interesseiro: quero Celeste sem fortuna, só com esperanças... Viver em família com os senhores, deixar-lhes minha mulher, permitir que ela viva no seu meio, eis o meu programa. Como vê, não tenho segundas intenções. E o senhor, seis meses depois de sua nomeação ao Conselho Geral, há de receber a cruz, e, quando for deputado, será feito oficial... Quanto aos seus discursos na Câmara, pois bem! Havemos de escrevê-los juntos! Será talvez necessário que se torne o autor de um livro grave sobre qualquer assunto meio moral, meio político, como, por exemplo, os estabelecimentos de caridade considerados sob um ponto de vista elevado, como a reforma do Monte de Socorro, cujos abusos são pavorosos. Acompanhemos seu nome de uma ilustraçãozinha... isso impressiona bem, principalmente neste distrito. Eu lhe disse: “Poderá ter a cruz e tornar-se membro do Conselho Geral do distrito do Sena”. Pois bem! Confie em mim; não pense em me introduzir na sua família senão quando já tiver uma fita na lapela, e no dia seguinte àquele em que tiver voltado do Palácio da Prefeitura. Farei mais ainda, entretanto: dar-lhe-ei quarenta mil francos de rendimentos...

— Bastaria uma dessas três coisas para que lhe desse a nossa Celeste!

— Que pérola! — disse La Peyrade, levantando os olhos ao céu. — Tenho a fraqueza de rezar a Deus por ela todos os dias... É encantadora, e, aliás, saiu ao senhor... Vamos! Não é preciso que me faça recomendações! Ora, meu Deus! Foi Dutocq quem me contou tudo! Até logo mais! Vou à casa dos Phellion, trabalhar pelo senhor. Ah! Não é preciso dizer que deverá parecer a cem léguas de pensar em mim para Celeste... de outra forma, me impediria de dar um único passo. Silêncio a esse respeito, mesmo com Flávia! Espere que ela lhe fale nisso. Phellion, hoje à noite, procurará forçá-lo, a fim de conseguir sua adesão ao projeto da candidatura.

— Hoje à noite — disse Thuillier.

— Hoje à noite — respondeu La Peyrade —, a não ser que eu não encontre o senhor em casa.

Thuillier saiu, pensando:

“Eis um homem superior! Sempre nos entenderemos bem, não há

dúvida, e, na verdade, dificilmente poderíamos encontrar alguém melhor do que ele para Celeste; viverão conosco, em família, e isso é muito; é um rapaz direito, um bom homem...”

Para os espíritos da têmpera de Thuillier, uma consideração secundária tem toda a importância de uma razão capital. Teodósio fora da mais encantadora cordialidade.

XI — OS HONESTOS PHELLION

A casa para onde se dirigiu o moço, alguns momentos depois, tinha sido o *hoc erat in votis*^[81] de Phellion durante vinte anos; mas era também a casa dos Phellion, fazia parte deles, como os alamares eram os ornamentos necessários à sobrecasaca de Cérizet.

Esse prédio, aplicado de encontro a um grande casarão, não tinha senão a largura dos aposentos, cerca de vinte pés, e era terminado em cada extremidade por uma espécie de pavilhão com uma única janela. Seu principal atrativo era um jardim da largura aproximada de cento e oitenta pés, medindo a extensão não só de toda a fachada como ainda a de um pátio dando para a rua e a de um maciço de tílias além do segundo pavilhão. O pátio era separado da rua por duas grades, entre as quais se abria uma portinha de dois batentes.

Essa construção, de alvenaria, coberta de gesso, tinha a altura de dois andares e era pintada de amarelo. As venezianas, assim como as portas-janelas do andar térreo, eram verdes. A cozinha ocupava o rés do chão do pavilhão dando para o pátio, e a cozinheira, rapariga gorda e forte, protegida por dois cães enormes, desempenhava ainda as funções de porteira. Composta de cinco janelas e dos dois pavilhões, que sobressaíam da parte central cerca de seis pés, a fachada era do estilo Phellion. Acima da porta, este colocara uma tabuleta de mármore branco, na qual se lia em letras de ouro: *Aurea mediocritas*.^[82] Sob o meridiano traçado num quadro dessa fachada, tinha feito inscrever essa máxima sábia: *Umbra mea vita sit!*^[83]

Os peitoris da janela haviam sido recentemente substituídos por peitoris de mármore vermelho do Languedoc, encontrados num marmoreiro. No fundo do jardim ficava uma estátua colorida que dava aos transeuntes a ideia de uma ama de leite amamentando uma criança. Phellion era o seu próprio jardineiro. O andar térreo compunha-se apenas de um salão e de uma sala de jantar, separados pela escada, cujo patamar formava antecâmara. No fundo do salão havia uma peça pequena, que servia de escritório a Phellion.

No primeiro andar, o apartamento do casal e o do jovem professor; em cima, os quartos das crianças e dos criados, porque Phellion, em consideração à sua idade e à idade da mulher, tomara a seu cargo um criado que contava seus quinze anos de idade, principalmente depois

que o filho se encarreirara no ensino. À esquerda, entrando no pátio, viam-se as dependências que serviam para guardar a lenha, e onde, outrora, o proprietário anterior alojava um porteiro. Sem dúvida os Phellion esperavam pelo casamento do filho professor para poderem se permitir esse último luxo.

A propriedade, durante muito tempo ambicionada pelos Phellion, custara dezoito mil francos em 1831. A casa era separada do pátio por uma balaustrada com base de pedras de cantaria, enfeitada de telhas ocas, postas umas sobre as outras e cobertas de lajes. Essa defesa ornamental era coberta por uma cerca de roseiras de Bengala, e tinha, no centro, uma porta de madeira, fingindo grade, colocada em correspondência com a porta de dois batentes que dava para a rua.

Aqueles que conhecem o Impasse des Feuillantines compreenderão que a casa Phellion, caindo em ângulo reto sobre a calçada, era exposta do lado do sul, e no lado do norte abrigada pelo imenso muro divisório da casa vizinha. A cúpula do Panthéon e a do Val-de-Grâce, parecendo dois gigantes, diminuía de tal forma o ar que, passeando no jardim, julgava-se não ter bastante espaço. Nada, aliás, é mais silencioso que o Impasse des Feuillantines. Tal era o retiro do grande cidadão desconhecido que saboreava as doçuras do repouso, após ter pago sua dívida à pátria, trabalhando no Ministério da Fazenda, de onde se retirara ao fim de trinta e seis anos de serviço.

Conduzira, em 1832, seu batalhão da Guarda Nacional ao ataque de Saint-Merri,^[84] mas seus vizinhos viram-lhe lágrimas nos olhos por ser obrigado a atirar nos franceses transviados. O caso já estava decidido quando a Legião atravessou afinal, em passo de carga, a Pont Notre-Dame, após ter desembocado no Quai aux Fleurs. Esse ato valeu-lhe a estima do bairro, mas lhe fez perder a condecoração da Legião de Honra; o coronel disse em voz alta que, sob as armas, não se deve deliberar: uma frase de Luís Felipe para a Guarda Nacional de Metz. Entretanto, a piedade burguesa de Phellion e a profunda veneração de que gozava no bairro o mantinham chefe de batalhão havia oito anos. Atingia os sessenta anos, e, vendo aproximar-se o momento de depor a espada e a patente, esperava que o rei se dignasse recompensar-lhe os serviços, concedendo-lhe a Legião de Honra, e a verdade nos obriga a dizer, apesar da mancha que essa mesquinhez imprime em tão belo caráter, que o comandante Phellion se erguia nas pontas dos pés, nas recepções das Tuileries; punha-se em evidência, escorria olhares ternos para o rei-cidadão cada vez que jantava à sua mesa, e, enfim, intrigava surdamente, sem ter ainda podido obter um olhar do rei de sua eleição. Esse homem de bem não pudera ainda decidir-se a pedir a Minard que interferisse por ele.

Phellion, o homem da obediência passiva, era estoico quanto a todos os seus deveres, e de bronze quanto a tudo que lhe tocasse a

consciência. Terminemos esse retrato pela descrição do físico. Phellion, aos cinquenta e nove anos, tinha *engrossado*, para empregar um termo da língua burguesa; seu rosto de carneiro, marcado de varíola, tornara-se como uma lua cheia, de forma que seus lábios, outrora muito grossos, pareciam comuns. Os olhos, enfraquecidos, velados por óculos, não mostravam mais a inocência de seu azul pálido, e não mais provocavam o sorriso; os cabelos, embranquecidos, tudo isso tornara grave o que, doze anos antes, roçava de perto a necessidade e dava motivo ao ridículo. O tempo, que transforma tão desgraçadamente os rostos de traços finos e delicados, embeleza aqueles que, na mocidade, têm formas espessas e maciças: foi esse o caso de Phellion. Ocupava os ócios de sua velhice compondo um resumo da história da França, pois era autor de várias obras adotadas pela Universidade.

A família estava toda reunida quando La Peyrade se apresentou; a sra. Barniol viera trazer à mãe notícias de um de seus filhos, que estava adoentado. O aluno da Escola Politécnica passava o dia em família. Estavam todos endomingados e sentados diante da lareira, em poltronas de acaju. Estremeceram ouvindo Genoveva anunciar a personagem de que estavam justamente falando, a respeito de Celeste, que Félix Phellion amava ao ponto de ir à missa para vê-la. O sábio matemático tinha feito esse esforço ainda naquela manhã, e os seus pilheriavam com ele agradavelmente enquanto faziam votos para que Celeste e os pais reconhecessem o tesouro que se oferecia a eles.

— Infelizmente, os Thuillier me parecem encasquetados por um homem muito perigoso — disse a sra. Phellion. — Ainda esta manhã tomou a sra. Colleville pelo braço e foram juntos ao Luxembourg.

— Há nesse advogado qualquer coisa de sinistro — exclamou Félix Phellion. — Se soubesse que cometeu algum crime, eu não me espantaria.

— Estás indo muito longe — disse Phellion pai. — Ele é primo-irmão de Tartufo, essa imortal figura fundida em bronze pelo nosso honesto Molière, porque Molière, meus filhos, teve a honestidade, o patriotismo por base de seu gênio.

Foi nesse momento que Genoveva entrou para anunciar:

— Está aí o sr. de la Peyrade, que quer falar com o patrão.

— Comigo? — exclamou Phellion. — Faça-o entrar! — acrescentou, com aquela solenidade nas coisas pequenas que lhe dava uma tintura de ridículo, mas que até então havia impressionado sua família, onde era considerado como um rei.

Phellion, os dois filhos, a mulher e a filha levantaram-se e receberam o cumprimento circular do advogado.

— A que devemos a honra de sua visita, senhor? — perguntou severamente Phellion.

— À sua importância no bairro, meu caro sr. Phellion, e aos

negócios públicos — respondeu Teodósio.

— Passemos, então, ao meu gabinete — disse Phellion.

— Não, não, meu amigo — protestou a seca sra. Phellion, mulherzinha chata como uma arraia, e que conservava no rosto a severidade característica com que ensinava música nos internatos de moças —, nós vamos deixá-los.

Um piano de Érard,^[85] colocado entre as duas janelas e em frente à lareira, anunciava as pretensões constantes da digna burguesa.

— Seria eu bastante infeliz para fazê-los fugir? — perguntou Teodósio, sorrindo com amabilidade para a mãe e a filha. — Que retiro encantador têm aqui! — continuou. — Só lhes falta uma bonita nora para que passem o resto de seus dias nessa *Aurea mediocritas*, o desejo do poeta latino, e no meio das alegrias da família. Seus antecedentes bem merecem essas recompensas, porque, de acordo com o que me disseram a seu respeito, caro sr. Phellion, o senhor é ao mesmo tempo um bom cidadão e um patriarca.

— Senhor — disse Phellion, embaraçado —, tenho feito meu dever e nada mais.

A sra. Barniol, que se parecia com a mãe como duas gotas d'água se parecem uma com a outra, olhou para a sra. Phellion e para Félix, ao ouvir falar em nora, quando Teodósio exprimia seu voto, e esse olhar parecia dizer: “Estaremos enganados?”.

O desejo de conversar sobre esse incidente fez com que os quatro se retirassem para o jardim, porque, em março de 1840, o tempo esteve quase seco, em Paris, pelo menos.

— Senhor comandante — disse Teodósio, quando ficou só com o digno burguês, que essa denominação sempre lisonjeava —, pois sou um dos seus soldados, trata-se das eleições...

— Ah! Sim, vamos nomear um conselheiro municipal — interrompeu-o Phellion.

— E é a respeito de uma candidatura que venho perturbar suas alegrias do domingo; mas talvez não precisemos sair do círculo da família.

Era impossível a Phellion ser mais Phellion do que Teodósio estava sendo Phellion.

— Não lhe deixarei dizer nem mais uma palavra — interferiu Phellion, aproveitando-se da pausa feita por Teodósio, que esperava o efeito de sua frase — porque minha escolha já está feita.

— Tivemos a mesma ideia! — exclamou Teodósio. — Assim como a gente de espírito, a gente de bem também se encontra.

— Não creio — replicou Phellion. — Este distrito teve como representante na municipalidade o mais virtuoso dos homens, e também o mais ilustre dos magistrados, na pessoa do sr. Popinot, falecido nas funções de conselheiro na Corte real. Quando se tratou de

o substituir, o sobrinho, herdeiro de sua beneficência, não era habitante de nosso bairro; mas, depois disso, comprou a casa onde o tio havia morado, na Rue de la Montagne-Sainte-Genève, e ali passou a morar; é médico da Escola Politécnica e de um dos nossos hospitais; é uma das honras do nosso bairro; por todos esses títulos, e a fim de honrar a memória do tio na pessoa do sobrinho, alguns habitantes do bairro, e eu entre eles, resolvemos apresentar o dr. Horácio Bianchon,^[86] membro da Academia das Ciências, como sabe, e uma das mais jovens glórias da ilustre escola de Paris... Um homem não é grande aos nossos olhos apenas pelo fato de ter sido célebre, o falecido conselheiro Popinot foi, na minha opinião, quase igual a São Vicente de Paulo.^[87]

— Um médico não é um administrador — respondeu Teodósio —, e trata-se, aliás, de um homem a quem os seus mais caros interesses, senhor, ordenam que faça o sacrifício dessas opiniões, inteiramente indiferentes à coisa pública.

— Ah! Senhor! — exclamou Phellion, levantando-se, e assumindo a atitude que Lafon^[88] tomava em *O glorioso*^[89]. — Então me despreza a ponto de julgar que interesses pessoais poderão jamais influir na minha consciência política? Desde que se trata da coisa pública, eu sou cidadão, nada mais e nada menos.

Teodósio sorriu intimamente pensando no combate que iria travar-se entre o pai e o cidadão.

— Não assumas tais compromissos para consigo mesmo, suplico-lhe — disse La Peyrade —, pois se trata da felicidade do seu querido Félix.

— Que significam essas palavras? — perguntou Phellion, parando no meio da sala e imobilizando-se, com a mão passada no colete, da direita para a esquerda, num gesto imitado do célebre Odilon Barrot.^[90]

— Mas eu venho pedir por nosso amigo comum, o digno e excelente Thuillier, cuja influência sobre o destino da bela Celeste Colleville lhe é bastante conhecida; e se, como penso, seu filho, um rapaz que orgulharia toda e qualquer família, e cujo mérito é incontestável, corteja Celeste com boas intenções, o senhor não poderia fazer nada de melhor para assegurar a gratidão eterna dos Thuillier do que o propor ao sufrágio de nossos concidadãos... Quanto a mim, recém-chegado no bairro, eu não poderia, apesar da influência que me concedeu algum bem feito à classe pobre, assumir a responsabilidade desta empresa; servir aos pobres pouco crédito representa junto aos mais fortes que souberam se impor, e, aliás, a modéstia de minha vida custaria a acomodar-se com todo esse brilho. Eu me consagrei ao serviço dos pequeninos, senhor, tal como o falecido conselheiro Popinot, homem sublime, como o senhor tão bem disse, e, se eu não tivesse um destino de algum modo religioso, e pouco afeito às obrigações do casamento, meu gosto, minha segunda vocação seria para o serviço de Deus, para a Igreja... Não faço propaganda, como os falsos filantropos; não escrevo,

ajo, pois sou um homem votado, muito simplesmente, à caridade cristã. Julgo ter adivinhado a ambição de nosso amigo Thuillier, e quis contribuir para a felicidade de dois entes talhados um para o outro, oferecendo-lhe os meios de conseguir o acesso no coração um pouco frio de Thuillier.

Phellion ficou confuso com esse discurso admiravelmente exposto; sentiu-se fascinado, impressionado; mas continuou Phellion; foi direto ao advogado, estendeu-lhe a mão, e La Peyrade correspondeu ao gesto.

Deram um desses apertos de mão como foram dados tantos outros, em agosto de 1830, entre a burguesia e os homens de amanhã.

— Senhor — disse o comandante, emocionado —, eu o tinha julgado mal. O que me fez a honra de me confiar morrerá aqui... — continuou, apontando para o coração. — Vejo que é um desses homens como há poucos, mas que consolam de muitos males, inerentes, aliás, ao nosso estado social. Descobre-se o bem tão raramente que é próprio da nossa fraca natureza desconfiar das aparências. O senhor tem em mim um amigo, se permite que eu me honre com esse título... Mas o senhor vai agora me conhecer: eu perderia minha própria estima se propusesse Thuillier. Não, meu filho não deverá sua felicidade a uma má ação de seu pai... Não mudarei de candidato, porque meu Félix encontra em tal mudança o seu interesse. A virtude, meu senhor, a virtude é assim!

La Peyrade puxou o lenço, esfregou-o nos olhos até provocar uma lágrima e disse, estendendo a mão a Phellion e virando a cabeça:

— Eis, senhor, o sublime da vida privada e da vida política, em luta um com o outro. Mesmo que eu só tivesse vindo para ter esse espetáculo, minha visita não seria infrutífera... Que quer? No seu lugar eu também teria agido desse modo... O senhor é a coisa maior que Deus criou: um homem de bem! Muitos cidadãos à Jean-Jacques Rousseau, porque o senhor é um cidadão à Jean-Jacques Rousseau, e França! Ó minha pátria! Qual não seria o teu destino!... Sou eu, senhor, quem deseja a honra de ser o seu amigo.

— Que estará se passando? — exclamou a sra. Phellion, que espiava a cena pela vidraça. — Seu pai e o monstro desse homem estão nos braços um do outro!

Phellion e o advogado saíram e foram ao encontro da família no jardim.

— Meu caro Félix — disse o ancião mostrando La Peyrade, que cumprimentava a sra. Phellion —, debes ser muito grato a este digno moço, ele te será mais útil do que nocivo.

Teodósio foi passear cinco minutos com a sra. Barniol e a sra. Phellion, debaixo das tílias desfolhadas, e lhes deu, nas circunstâncias criadas pela teimosia política de Phellion, um conselho cujos efeitos deviam estourar aquela noite, e cuja primeira virtude foi a de tornar as

duas senhoras admiradoras de seus talentos, de sua franqueza, de suas inapreciáveis qualidades. O advogado foi reconduzido por toda a família incorporada, até a porta da rua, e todos os olhos o seguiram até que virou a esquina para a rua do Faubourg Saint-Jacques. A sra. Phellion, de volta à sala, deu o braço ao marido e lhe disse:

— Mas então, meu amigo, tu, que és tão bom pai, irias, por um excesso de delicadeza, impedir a realização do melhor casamento que possa aparecer para o nosso Félix?

— Minha velha — respondeu Phellion —, os grandes homens da Antiguidade, tais como Brutus e outros, nunca eram pais quando deviam mostrar-se cidadãos... Mais do que a nobreza, a quem deverá substituir, a burguesia tem as obrigações da alta virtude. O sr. de Saint-Hilaire, na presença de Turenne morto,^[91] não pensava em seu braço perdido... Temos que fazer as nossas provas; que elas se façam em todos os graus da hierarquia social! Teria eu dado essas lições a minha família, para faltar a elas no momento em que me cumpre as aplicar?! Não, minha velha, chora hoje, se quiseses; amanhã me estimarás! — disse ele, vendo sua seca mulherzinha com lágrimas nos olhos.

Essas grandes palavras foram pronunciadas no limiar da porta onde se via a inscrição: *Aurea mediocritas*.

— Eu deveria ter posto: *et digna!* — acrescentou, mostrando a tabuleta. — Mas essas duas palavras implicariam um elogio.

— Meu pai — disse Mário Teodoro Phellion, futuro engenheiro das Pontes e Calçadas, quando toda a família se achou reunida no salão —, parece-me que não é faltar à honra mudar de determinação a respeito de uma coisa indiferente em si mesma à coisa pública.

— Indiferente! Meu filho! — exclamou Phellion. — Entre nós, posso dizer, e Félix compartilha de minhas convicções: o sr. Thuillier é completamente desprovido de meios! Não sabe nada! O dr. Horácio Bianchon é um homem capaz, e obterá mil coisas para o nosso distrito, enquanto Thuillier não obterá uma única! Mas aprende, meu filho, que mudar uma boa determinação por outra ruim, atendendo a motivos de interesse pessoal, é uma ação infame que escapa ao controle dos homens, mas que Deus castiga. Sou, ou julgo ser, puro de toda mácula diante de minha consciência, e quero deixar-vos minha memória intacta. Assim, nada me fará ceder.

— Oh! Meu bom pai — exclamou a pequena Barniol, atirando-se de joelhos numa almofada diante de Phellion —, não tomes atitudes extremas! Há muitos imbecis e muitos ignorantes nos conselhos municipais, e a França vai caminhando assim mesmo. Esse bom Thuillier voltará com os outros... Pensa que Celeste terá quinhentos mil francos, talvez.

— Nem que tivesse milhões! — disse Phellion. — Nem que eu os visse aqui, na minha frente... nem assim propria Thuillier, quando

devo à memória do mais virtuoso dos homens a obrigação de eleger Horácio Bianchon. Do alto dos céus Popinot me contempla e me aplaude!... — exclamou Phellion exaltado. — É com semelhantes considerações que se amesquinha a França e que a burguesia faz com que a julguem mal.

— Meu pai tem razão — disse Félix, saindo de um profundo devaneio — e merece nosso respeito e nosso amor, como durante todo o curso de sua vida modesta, útil e honrada. Não quero dever minha felicidade nem a um remorso nessa bela alma nem à intriga. Amo Celeste tanto quanto amo minha família, mas ponho acima de tudo a honra de meu pai, e, desde que se trata de um caso de consciência para ele, não falemos mais nisso.

Com os olhos cheios de lágrimas, Phellion dirigiu-se ao filho mais velho, apertou-o nos braços, e balbuciou com voz embargada:

— Meu filho! Meu filho!...

— Tudo isso são tolices — disse a sra. Phellion ao ouvido da sra. Barniol —; vem ajudar-me a vestir, é preciso que isso acabe. Conheço teu pai... Quando mete uma coisa na cabeça... Para executar o meio sugerido por aquele bom e religioso rapaz, eu preciso de teu braço, Teodoro; fica pronto, meu filho.

Nesse momento, Genoveva entrou e entregou uma carta ao sr. Phellion.

— Um convite para jantar, para minha mulher e para mim, em casa dos Thuillier — disse ele.

XII — AD MAJOREM THEODOSII GLORIAM^[92]

A ideia magnífica e espantosa do advogado dos pobres tinha agitado os Thuillier tanto quanto estava agitando os Phellion; e Jerônimo, sem nada a confiar à irmã, porque já considerava questão de honra manter a palavra dada ao seu Mefistófeles, tinha ido todo atarefado à sua procura:

— Boa menina — sempre lhe acariciava o coração com essas palavras —, temos gente importante para o jantar de hoje; vou convidar os Minard. Assim, faz um jantar bem cuidado; escrevo ao casal Phellion para convidá-los; é um convite tardio, mas com eles não faço cerimônias... Quanto aos Minard, precisamos tratar deles muito bem, porque me são necessários.

— Quatro Minard; dois Phellion, quatro Colleville e nós, isso vem a ser treze pessoas.

— La Peyrade, catorze, e não é inútil convidar Dutocq; vou precisar dele; irei buscá-lo.

— Que estás planejando aí? — perguntou a irmã. — Quinze pessoas para jantar! São quarenta francos, pelo menos, que vão sair de nosso

bolso.

— Não o lamente, minha boa e pequena, e procura ser adorável com o nosso jovem amigo La Peyrade. Esse é que é um amigo... Terás a prova!... Se gostas de mim, considera-o como a menina dos teus olhos.

E deixou Brígida estupefata.

“Oh! Nem há que ver! Fico à espera de que o prove!”, pensou ela. “A mim, ninguém me apanha com palavras bonitas... É um rapaz amável, mas, antes de o acolher no coração, preciso estudá-lo um pouco mais do que temos feito.”

Depois de ter convidado Dutocq, Thuillier, que se tinha preparado como um Adônis, dirigiu-se para a Rue des Maçons-Sorbonne, ao palacete dos Minard, a fim de seduzir a gorda Zélia, disfarçando a improvisação do convite.

Minard tinha comprado uma dessas grandes e suntuosas residências construídas pelas antigas ordens religiosas em torno da Sorbonne. Subindo uma escada de grandes degraus de pedra, com corrimão de uma marcenaria que provava como as artes menores floresciam no reinado de Luís XIII, Thuillier invejava tanto o palacete quanto a situação de Minard.

Essa vasta habitação, construída entre pátio e jardim, recomenda-se pelo caráter ao mesmo tempo elegante e nobre do reinado de Luís XIII, singularmente situado entre o mau gosto do Renascimento agonizante e a grandeza de Luís XIV no seu alvorecer. Semelhante transição ficou marcada em vários monumentos. Os enrolamentos maciços das fachadas, como na Sorbonne, colunas retificadas de acordo com as leis gregas começavam a aparecer nessa arquitetura.

Um antigo vendeiro, fraudador feliz, substituíra ali o diretor eclesiástico de uma instituição outrora denominada Économat, e que dependia da agência geral do antigo clero francês, fundação, essa, devida ao gênio providente de Richelieu. O nome de Thuillier fez com que se abrissem para recebê-lo as portas do salão onde reinava, entre o veludo vermelho e o ouro, no meio dos mais magníficos objetos de arte chinesa, uma pobre mulher que pesava com todo o seu peso sobre o coração dos príncipes e das princesas nos bailes populares do Castelo.

— Isso não dá razão a *La Caricature*?^[93] — perguntou certo dia, sorrindo, uma pseudoaçaíata a uma duquesa, que não pôde conter um riso ao aspecto de Zélia ajaezada com seus diamantes, vermelha como uma papoula, apertada num vestido de fazenda dourada, e rolando como uma das barricadas de seu antigo armazém.

— A minha bela senhora me perdoará por ter deixado este convite na minha escrivaninha, julgando tê-lo enviado?... É para hoje; talvez eu venha tarde demais? — perguntou Thuillier, retorcendo-se, e parando na atitude número dois de seu repertório de 1807.

Zélia examinou o rosto do marido, que se aproximava de Thuillier, e

respondeu:

— Devíamos ir ver uma chácara no campo e jantar num restaurante, ao acaso, mas renunciaremos aos nossos projetos, mesmo porque me parece coisa muito vulgar sair de Paris aos domingos.

— Daremos um “assustado” ao piano, para os moços, se houver pares bastante, e presumo que sim, mandei uma palavrinha para Phellion, a mulher dele é ligada com a sra. Pron, a sucessora...

— *A succedeira* — corrigiu a sra. Minard.

— Ah! Isso é que não! — protestou Thuillier. — Então seria a *sucesseira*, como se diz a conselheira, da srta. Lagrave, e que é uma Barniol.

— Deve-se ir com roupa de cerimônia? — perguntou a filha de Minard.

— Pois sim! Nem pensem nisso! — exclamou Thuillier. — Fariam com que minha irmã ralhasse comigo... Não, vamos ficar em família! Durante o Império, senhorita, era dançando que as pessoas se conheciam... Naquela grande época, estimava-se um bom dançarino tanto quanto se estimava um bom militar... Hoje, só se pensa nas coisas positivas.

— Não falemos em política — disse Minard, sorrindo. — O rei é grande, é hábil; vivo na admiração do meu tempo, e das instituições que criamos. O rei, aliás, sabe muito bem o que faz desenvolvendo as indústrias: luta corpo a corpo com a Inglaterra, a quem causamos mais danos durante esta paz fecunda do que durante as guerras do Império...

— Que deputado Minard daria! — admirou Zélia com ingenuidade. — Está praticando a eloquência, falando em família, e o senhor nos ajudará a fazê-lo nomear, não é verdade, Thuillier?

— Não falemos em política — respondeu Thuillier. — Venham às cinco horas.

— O tal Vinet irá também? — interrogou Minard. — Ele vai, sem dúvida, por causa de Celeste.

— Pode rezar por alma — esclareceu Thuillier. — Brígida nem quer ouvir falar nesse moço.

Zélia e Minard trocaram um sorriso de satisfação.

— E dizer que somos forçados a nos encanalar com essa gente por causa de nosso filho! — exclamou Zélia, quando Thuillier já estava descendo as escadas, acompanhado por Minard.

“Ah! então queres ser deputado?”, pensava Thuillier, descendo. “Nada satisfaz esses vendeiros! Oh! Meu Deus! Que diria Napoleão, vendo o poder na mão dessa gente!... Eu, pelo menos, sou um administrador! Que concorrente! Que dirá La Peyrade?...”

O ambicioso subchefe foi convidar toda a família Laudigeois para a noite, e passou em casa de Colleville, a fim de recomendar que Celeste pusesse um vestido bonito. Encontrou Flávia muito pensativa; hesitava

em ir à casa dos Thuillier, e Jerônimo fez cessar sua indecisão.

— Minha velha e sempre jovem amiga — disse ele, tomando-a pela cintura, pois ela estava só no quarto —, não quero ter segredos para você. Trata-se de um grande negócio para mim... Não posso dizer mais... Mas posso pedir-lhe que seja particularmente encantadora para com um moço...

— Que moço?

— La Peyrade.

— Por quê, Carlos?^[94]

— Ele tem meu futuro entre as mãos: aliás, é um homem de gênio. Oh! Eu não me engano... Ele tem isso! — disse Thuillier, fazendo o gesto de um dentista arrancando um dente de trás. — Precisamos tê-lo do nosso lado, Flávia... E, principalmente, sem lhe deixarmos perceber, sem lhe darmos o segredo de sua própria força... Com ele, há de ser assim: toma lá, dá cá.

— Mas como? Deverei ser um pouco provocante?

— Sim, mas não demais, meu anjo — respondeu Thuillier, com ares fátuos.

E retirou-se, sem perceber a espécie de estupor em que deixou Flávia mergulhada.

“Mas esse rapaz é um poder...”, pensou ela. “Veremos.”

Toucou-se com plumas, vestiu-se lindamente de cinzento e rosa, deixando ver os ombros delicados sob a mantilha negra, e teve o cuidado de manter Celeste num vestidinho de seda com uma camiseta de gola pregueada, e penteou-a com simplicidade *à la Berthe*.^[95]

Às quatro e meia, já Teodósio estava a postos; tomara seu ar tolo e quase servil, sua voz doce, e foi primeiro com Thuillier para o jardim.

— Meu amigo, não duvido de seu triunfo, mas sinto a necessidade de lhe recomendar, mais uma vez, um silêncio absoluto. Se for interrogado a qualquer respeito, e principalmente a respeito de Celeste, tenha respostas evasivas, que deixam o procurador na dúvida, dessas respostas como soube dar outrora na repartição.

— Combinado! — respondeu Thuillier. — Mas tem certeza?

— Há de ver a sobremesa que lhe preparei... Seja modesto, principalmente. Eis os Minard, deixe-me trabalhá-los. Traga-os aqui, e depois... suma-se.

Após os cumprimentos, La Peyrade teve o cuidado de se manter junto de Minard, e, num momento oportuno, disse-lhe:

— Caro senhor, um homem de sua importância política não vem, sem motivo, aborrecer-se aqui; não quero julgar as suas razões, não tenho o menor direito de agir assim, e meu papel neste mundo não é o de me meter nos negócios dos poderosos da terra; mas perdoe minha impertinência, e digne-se ouvir o conselho que lhe vou dar. Se hoje lhe presto um serviço, sei que está em situação de me prestar dois amanhã;

assim, caso lhe seja útil, estarei obedecendo nesse momento à lei do interesse pessoal. Nosso amigo Thuillier desespera-se de não ser nada e meteu-se na cabeça que há de ser qualquer coisa, uma personagem importante nesta circunscrição...

— Ah! Ah! — fez Minard.

— Oh! Pouca coisa; desejaria ser nomeado membro do Conselho Municipal. Sei que Phellion, adivinhando toda a influência de semelhante favor, está na intenção de apresentar nosso pobre amigo como candidato. Pois bem! Talvez o senhor julgue necessário a seus projetos passar-lhe à frente neste caso. A nomeação de Thuillier só lhe pode ser favorável, agradável; e ele saberá como se conduzir no Conselho; há outros piores do que ele... Aliás, devendo ao senhor um tal apoio, verás, certamente, só pelos seus olhos; já o considera como um dos luminares desta cidade...

— Agradeço-lhe, meu caro. Está me prestando um serviço que saberei reconhecer, e que me prova...

— Que eu não gosto desses Phellion — continuou La Peyrade, aproveitando-se de uma hesitação do outro, que teve medo de exprimir uma ideia em que o advogado pudesse adivinhar desprezo —; odeio as pessoas que se vangloriam de sua probidade, que se enfeitam com seus belos sentimentos.

— Vejo que os conhece bem! São uns sicofantas! Há dez anos que toda a vida desse homem pode ser explicada por este pedacinho de fita vermelha — acrescentou, apontando para a abotoadura.

— Tome cuidado! O filho dele gosta de Celeste, e está no centro da praça forte.

— Sim, mas meu filho tem doze mil francos de rendas próprias...

— Oh! — disse o advogado, num sobressalto. — A srta. Brígida disse outro dia que exigia ao menos isso do pretendente de Celeste. E, afinal de contas, antes de seis meses ficará sabendo que Thuillier tem um imóvel que rende quarenta mil francos.

— Ah! Diacho! Bem que eu andava desconfiado — respondeu Minard. — Pois bem! Ele será membro do Conselho Geral.

— Em todo caso, não lhe fale de mim — disse o advogado dos pobres, que se apressou em ir cumprimentar a sra. Phellion. — E então, minha bela senhora, conseguiu convencê-lo?

— Esperei até as quatro horas, mas aquele homem digno e excelente não me deixou terminar. Está muito ocupado para aceitar semelhante encargo. O sr. Phellion leu a carta em que o dr. Bianchon lhe agradece por suas boas intenções e lhe diz que, quanto a ele, seu candidato é o sr. Thuillier.

— Que disse seu admirável marido?

— Disse: “Fiz meu dever; não traí minha consciência, e agora sou todo de Thuillier”.

— Pois bem, tudo está arrumado — disse La Peyrade. — Esqueça-se de minha visita e fique com todo o mérito dessa ideia.

E dirigiu-se para a sra. Colleville, afetando uma atitude cheia de respeito...

— Minha boa senhora, tenha a bondade de me trazer aqui esse bom papai, Colleville; trata-se de fazer uma surpresa a Thuillier, e ele deve entrar no segredo.

Enquanto La Peyrade se fazia artista junto a Colleville, e se entregava a pilhérias muito espirituosas à medida que lhe explicava a candidatura, dizendo-lhe que a devia sustentar nem que fosse apenas por espírito de família, Flávia ouvia no salão a seguinte conversa, que a deixou estupefata, com os ouvidos tinindo:

— Gostaria de saber o que estão dizendo os srs. Colleville e La Peyrade, para rirem tanto assim? — perguntou tolamente a sra. Thuillier, olhando pela janela.

— Estão dizendo besteiras, como os homens dizem sempre quando estão juntos — respondeu a srta. Thuillier, que muitas vezes atacava os homens, por um resto de instinto natural às solteironas.

— Ele é incapaz disso — protestou gravemente Phellion —, porque o sr. de la Peyrade é um dos jovens mais virtuosos que jamais encontrei. Sabe-se a opinião que eu tenho de Félix; pois bem, coloco-o no mesmo plano, e mais ainda: desejava que meu filho tivesse um pouco da piedade ornada do sr. Teodósio!

— É realmente um homem de mérito, e que irá longe! — concordou Minard. — Quanto a mim, meu sufrágio (não fica bem dizer: minha proteção) lhe pertence.

— Ele gasta mais em azeite de lamparina do que em pão, isto é o que eu sei — disse Dutocq.

— A mãe dele, se é que tem a felicidade de conservá-la, deve ter muito orgulho desse filho! — disse sentenciosamente a sra. Phellion.

— É um verdadeiro tesouro para nós — acrescentou Thuillier —, e se soubessem como ele é modesto! Não sabe se dar valor.

— O que eu posso garantir — prosseguiu Dutocq — é que nenhum rapaz teve mais nobre atitude na miséria; e acabou por triunfar! Mas sofreu, e isso se vê.

— Pobre rapaz! — condoeu-se Zélia. — Essas coisas me fazem um mal...

— Pode-se-lhe confiar sem susto tanto um segredo quanto uma fortuna — disse Thuillier. — E, nos tempos de hoje, é tudo quanto se pode dizer de mais belo a respeito de um homem.

— É Colleville quem o faz rir! — afirmou Dutocq.

Nesse momento, Colleville e La Peyrade voltavam do jardim, transformados nos melhores amigos deste mundo.

— Senhores — disse Brígida —, a sopa e o rei não devem esperar:

deem o braço às damas!

XIII — ATENTADO À MODÉSTIA MUNICIPAL DE THUILLIER

Cinco minutos depois dessa facécia nascida no cubículo de porteiro de seu pai, Brígida teve a satisfação de ver a mesa rodeada pelas principais personagens deste drama, as quais, aliás, se reuniram todas, mais tarde, no salão, exceto o medonho Cérizet. O retrato dessa velha costureira de sacos seria talvez incompleto se se omitisse a descrição de um de seus melhores jantares. A fisionomia da cozinheira burguesa em 1840 é, aliás, um pormenor necessário à história dos costumes, e as donas de casa habilidosas poderão encontrar, aqui, uma lição. Ninguém faz, durante vinte anos, sacos vazios sem procurar o meio de encher alguns para si. Ora, Brígida tinha a particularidade de reunir a economia à qual se deve a fortuna e a compreensão das despesas necessárias. Sua prodigalidade relativa, desde que se tratasse do irmão ou de Celeste, era o oposto da avareza. Por isso, muitas vezes se queixava de não ser avarenta. No último jantar que oferecera, tinha contado como, depois de relutar durante dez minutos e ter sofrido o martírio, acabara por dar dez francos a uma pobre operária do bairro, que sabia com toda a certeza estar em jejum há dois dias.

— A natureza — dissera, ingenuamente — foi mais forte do que a razão.

A sopa oferecia um caldo quase branco, porque, mesmo numa ocasião desse gênero, a cozinheira tinha a recomendação de fazer muito caldo; depois, como a carne de vaca devia sustentar a família nos dois dias seguintes, quanto menos suco fornecesse para o caldo, mais substancial ficava a carne. Mal cozida, a carne provocava sempre essa frase, dita por Brígida enquanto Thuillier procurava cortá-la:

— Acho que está um pouco dura; aliás, Thuillier, ninguém há de querer comê-la, temos muitas coisas mais!

A sopa, realmente, era seguida por quatro travessas montadas em velhos rescaldos de metal escalavrado e que, nesse jantar, dito de candidatura, consistiam em dois patos com azeitonas, tendo como correspondentes uma grande torta recheada de carne e uma enguia ao molho tártaro, além de um picadinho com chicória. O segundo serviço tinha como prato de meio um sereníssimo ganso recheado de castanhas, uma salada de alface-da-terra, enfeitada de rodela de beterraba, servida em acompanhamento a potes de creme, enquanto um prato de nabos com açúcar ia de par com uma terrina de macarrão. Esse jantar de porteiro que dá festa e comezaina custava no máximo vinte francos. Seus restos sustentavam a casa durante dois dias, e Brígida dizia:

— Que remédio! Quando se recebe, o dinheiro voa!... É pavoroso!

A mesa era iluminada por pavorosos castiçais de cobre prateado, com quatro braços, onde brilhava a vela econômica, chamada da *Estrela*. A roupa de mesa resplandecia de brancura, e a velha baixela de filetes era herança paterna, fruto de compras feitas pelo velho Thuillier durante a Revolução. Haviam servido à exploração do restaurante anônimo mantido na portaria, e que foi suprimido em 1816 em todos os ministérios. Assim, as viandas estavam em harmonia com a sala de jantar, com a casa, com os Thuillier, que não deviam elevar-se acima desse regime e de seus costumes. Os Minard, Colleville e La Peyrade trocaram alguns desses sorrisos que traem uma comunidade de pensamentos satíricos, mas contidos. Só eles conheciam o luxo superior, e os Minard revelavam facilmente seus cálculos secretos aceitando semelhante jantar.

La Peyrade, sentado ao lado de Flávia, disse-lhe ao ouvido:

— Confesse que eles têm necessidade de aprender a viver. A senhora e Colleville estão comendo o pão que o diabo amassou, coisa que eu próprio conheço há muito tempo! Mas esses Minard, que hedionda estupidez! Sua filha ficaria para sempre perdida pelos pais; esses burgueses enriquecidos à pressa têm os vícios dos grandes senhores de outrora, mas não têm sua elegância. O filho, que possui doze mil francos de rendas, pode muito bem encontrar mulher na família Potassa,^[96] sem que precisem vir passar o ancinho de suas especulações aqui. Que prazer brincar com essa gente como um gato com o camundongo!

Flávia ouvia sorrindo, e não puxou o pé quando Teodósio lhe pôs a bota em cima.

— É para avisá-la do que estiver se passando — disse ele. — Nós nos entenderemos pelo pedal; já deve me conhecer de cor desde esta manhã, e saber que não sou homem de pequeninas malícias...

Flávia nunca tinha sido mimoseada pela superioridade das pessoas com quem convivera; o tom decisivo, a segurança de Teodósio fascinavam essa mulher, a quem o hábil prestidigitador apresentara o combate de maneira a colocá-la entre o sim e o não. Devia adotá-lo ou rejeitá-lo de modo absoluto; e, como seu comportamento era o resultado do cálculo, ele seguia com um olhar meigo, mas com uma sagacidade íntima, os efeitos de sua sedução. Enquanto tiravam os pratos do segundo serviço, Minard, inquieto por causa de Phellion, disse a Thuillier com expressão cheia de gravidade:

— Meu caro Thuillier, se aceitei o seu jantar, foi porque tinha a lhe fazer uma importante comunicação e essa o honra tanto que quis tornar testemunhas de minhas palavras todos os seus convivas.

Thuillier ficou pálido.

— Obteve-me a cruz!... — exclamou ele, recebendo um olhar de Teodósio, e querendo provar-lhe que não lhe faltava esperteza.

— Há de recebê-la algum dia — respondeu Minard —, mas agora se trata de coisa melhor do que isso. A cruz é um favor devido à boa opinião de um ministro, enquanto o que está em jogo é uma espécie de eleição, devida ao assentimento de todos os seus concidadãos. Numa palavra: um grande número de eleitores de meu distrito lançou olhos sobre sua pessoa, e querem honrá-lo com sua confiança, encarregando-o de representar o distrito no Conselho Municipal de Paris, que, como todo mundo sabe, é o Conselho Geral do Sena...

— Bravo! — aplaudiu Dutocq.

Phellion levantou-se.

— O sr. Minard tomou-me a dianteira — disse, com voz emocionada —, mas é tão lisonjeiro para o nosso amigo ser o objeto da atenção de todos os bons cidadãos ao mesmo tempo, e de reunir as vozes públicas em todos os pontos do distrito, que não me posso queixar de só vir em segundo lugar, e, aliás: ao poder a iniciativa! — E cumprimentou Minard respeitosamente. — Sim, sr. Thuillier, vários eleitores pensavam em lhe confiar o mandato, na parte do distrito onde tenho meus modestos penates, e o que há de particular para o senhor é o fato de ter sido designado por um homem ilustre... (sensação!) por um homem em quem queríamos honrar um dos mais virtuosos habitantes do distrito, que foi um pai para todos os seus moradores; quero falar aqui do falecido sr. Popinot, que, em vida, foi conselheiro no Paço, e nosso intendente no Conselho Municipal. Mas seu sobrinho, o dr. Bianchon, uma de nossas glórias, declinou, atendendo ao acúmulo de trabalho, a responsabilidade de que podia, então, ser encarregado. Agradeceu-nos a homenagem, mas, tomem nota disto!, designou aos nossos votos o candidato do sr. Minard, como sendo, na sua opinião, o mais capaz, em virtude do cargo que ocupou outrora, de exercer a magistratura da edilidade!...

E Phellion sentou-se, no meio de um rumor aclamativo.

— Thuillier, podes contar com o teu velho amigo! — disse Colleville.

Nesse momento, todos os convivas sentiram-se enternecidos pelo espetáculo que lhes deram a velha Brígida e a sra. Thuillier. Brígida, pálida como se fosse desmaiar, deixava correr pelas faces lágrimas que se sucediam lentamente, lágrimas de uma alegria profunda, e a sra. Thuillier estava como que fulminada, com os olhos fixos. De repente, a solteirona precipitou-se para a cozinha, gritando para Josefina:

— Vem para a adega, minha filha!... É preciso buscar o vinho da “prateleira de cima”...

— Meus amigos — pronunciou Thuillier com uma voz emocionada —, eis o dia mais belo de minha vida! E mais belo ainda do que será o de minha eleição, se eu puder consentir que me designe o sufrágio de meus concidadãos (deixe-se disso, deixe-se disso!), porque me sinto muito gasto por trinta anos de serviço público, e todos concordarão em

que um homem de honra deve consultar suas forças e suas capacidades antes de assumir o desempenho das funções da edilidade...

— Não esperava menos do senhor, sr. Thuillier! — exclamou Phellion. — Perdão! É a primeira vez em minha vida que interrompo, e um antigo superior, ainda por cima! Mas há ocasiões em que...

— Aceite, aceite! — exclamou Zélia. — Palavra, nós precisamos de homens como o senhor para nos governar.

— Resigne-se, meu chefe, e viva o futuro conselheiro municipal! — disse Dutocq. — Mas não temos nada para beber...

— Assim está tudo combinado? — perguntou Minard. — É o nosso candidato?

— Estão presumindo demais das minhas forças.

— Ora, deixe-se disso! Um homem que tem trinta anos de trabalhos forçados nas repartições da Fazenda é um tesouro para a cidade! — exclamou Colleville.

— O senhor é excessivamente modesto! — disse o jovem Minard. — Sua capacidade é bem conhecida de todos nós, e ficou como um exemplo na Fazenda.

— A responsabilidade será de vocês! — exclamou Thuillier.

— O rei ficará satisfeito com a escolha, pode estar certo disso — declarou Minard, enfatizado.

— Senhores — pediu La Peyrade —, querem permitir a um jovem habitante do Faubourg Saint-Jacques uma observaçãozinha que não deixa de ter sua importância?

A consciência que todos tinham do valor do advogado provocou um silêncio profundo.

— A influência do chefe do distrito limítrofe, sr. Minard, que é imensa no nosso distrito, onde deixou tão belas recordações; a do sr. Phellion, oráculo, digamos a verdade — acrescentou, surpreendendo um gesto de Phellion —, oráculo de seu batalhão; a não menos poderosa que o sr. de Colleville deve à franqueza de seus modos, à sua urbanidade; a do senhor escrivão da Justiça de Paz, que não será menos eficiente, e o pouco esforço que eu posso oferecer da minha modesta esfera de atividade são penhores do triunfo; mas não são o triunfo!... Para obter um triunfo rápido, devemos tomar todos nós o compromisso de conservar a máxima discrição a respeito da manifestação que acaba de ser realizada aqui... Excitaríamos, sem o saber e sem o querer, a inveja, as paixões mesquinhas, capazes de nos criar, mais tarde, obstáculos que teremos de combater. O sentido político da nova questão, a própria base de seu sintoma e a garantia de sua existência estão numa certa partilha, num certo limite do poder com a classe média, que é a verdadeira força das sociedades modernas, a sede da moralidade, dos bons sentimentos, do trabalho inteligente; mas não podemos dissimular a nós mesmos que a eleição, facultada a quase

todas as funções, fez penetrar até as profundezas sociais que nunca deveriam ser atingidas — as preocupações da ambição, o furor de ser alguma coisa. Algumas pessoas veem nisso um bem, outras veem um mal; não me compete julgar a questão em presença de espíritos diante de cuja superioridade eu me inclino; contento-me em apresentá-la, para apontar o perigo que o estandarte de nosso amigo pode correr. Vejam: o falecimento de nosso respeitável representante no Conselho Municipal conta apenas oito dias, e já todo o distrito está agitado por ambições subalternas. Há gente que quer ficar em evidência a qualquer preço. A ordem de convocação talvez só seja lavrada dentro de um mês. Daqui até lá, quantas intrigas!... Não ofereçamos, suplico-lhes, nosso amigo Thuillier aos golpes de seus concorrentes! Não o entreguemos à discussão pública, essa harpia moderna que não é senão o porta-voz da calúnia, da inveja, o pretexto agarrado pelos inimigos, que diminui tudo o que é grande, que conspurca tudo o que é respeitável, que desonra tudo o que é sagrado; façamos como faz a bancada burguesa na Câmara, fiquemos mudos, e votemos!

— Ele fala bem — disse Phellion ao vizinho, Dutocq.

— E como disse coisas!

A inveja tornara o filho de Minard verde e amarelo.

— É muito bem dito, e é verdade! — aplaudiu Minard.

— Adotado por unanimidade — disse Colleville. — Senhores, somos homens de honra; basta nos termos entendido sobre esse ponto.

— Quem quer os fins quer os meios — disse Phellion enfaticamente.

Nesse momento, apareceu a srta. Thuillier, seguida de suas duas criadas; tinha as chaves da adega penduradas na cintura, e três garrafas de vinho de Champagne, três garrafas de vinho velho da Hermitage,^[97] uma garrafa de vinho de Málaga foram postas na mesa; mas a solteirona carregava com uma atenção quase respeitosa uma garrafinha, parecida com uma feiticeira corcunda, que colocou em frente ao seu lugar. No meio da hilaridade provocada por essa abundância de coisas deliciosas, fruto da gratidão, e que a pobre criatura, no seu delírio, servia com uma profusão que compensava a magreza de sua hospitalidade de cada quinzena, chegavam numerosos pratos de sobremesa: montes de bolinhos, pirâmides de laranjas, pilhas de maçãs, queijos, compotas, frutas cristalizadas vindas das profundezas de seus armários, e que, sem as circunstâncias, não teriam figurado sobre a toalha.

Gritou para a cunhada:

— Celeste, vão te trazer uma garrafa de aguardente que meu pai adquiriu em 1802; tempera uma salada de laranjas! Sr. Phellion, destampe o vinho de Champagne; esta garrafa é para vocês três. Sr. Dutocq, encarregue-se desta! Sr. Colleville, isto é com o senhor, que sabe desenvolver garrafas!...

As duas empregadas distribuíam taças de champanhe, cálices de

vinho de Bordeaux e copinhos, pois Josefina trouxera ainda três garrafas de vinho de Bordeaux.

— Do ano do cometa! — gritou Thuillier. — Os senhores fizeram minha irmã perder a cabeça!

— E esta noite, ponche e doces — disse ela. — Mandei buscar chá na farmácia. Meu Deus! Se soubesse que se tratava de uma eleição — exclamou ela, olhando para a cunhada —, eu teria feito um peru!...

Um riso geral acolheu essa frase.

— Oh! Nós tivemos um ganso! — disse o filho de Minard, rindo.

— Mas são verdadeiras carroças de coisas! — espantou-se a sra. Thuillier, vendo servir *marrons glacés* e suspiros.

A srta. Thuillier estava com o rosto em fogo; era uma figura estupenda de se ver, e nunca o amor de uma irmã teve uma expressão tão furibunda.

— Para quem a conhece, é comovente! — observou a sra. Colleville.

Os copos estavam cheios: todos se entreolhavam, parecendo esperar um brinde. La Peyrade propôs:

— Senhores, bebamos a uma coisa sublime!...

Todos ficaram espantados.

— À srta. Brígida!

Os convivas levantaram-se, chocaram os copos uns nos outros, e gritaram “Viva a srta. Brígida!” com toda a expansão de um sentimento sincero, produzido pelo entusiasmo.

— Senhores! — disse Phellion, lendo um papel escrito a lápis. — Ao trabalho, aos seus esplendores, na pessoa de nosso antigo camarada, hoje um dos homens mais importantes de Paris, ao sr. Minard e à sua senhora!

Após cinco minutos de conversas, Thuillier levantou-se e brindou:

— Senhores! Ao rei e à família real!... Não acrescento uma só palavra, essa saudação diz tudo.

— À eleição de meu irmão! — saudou Brígida.

— Vou fazer todos rirem — disse La Peyrade, que não parava de falar ao ouvido de Flávia.

E levantou-se:

— Às mulheres! A esse sexo encantador ao qual devemos tanta felicidade, sem contar nossas mães, nossas irmãs e nossas esposas!...

Essa saudação provocou a hilaridade geral, e Colleville, já alegre, gritou:

— Patife! Roubaste a minha frase!

O sr. Minard levantou-se e o mais profundo silêncio o acolheu.

— Senhores! Às nossas instituições! Delas é que vêm a força e a grandeza da França dinástica!

As garrafas desapareciam, entre os comentários trocados de vizinho para vizinho, que elogiavam a qualidade superior, a delícia dos líquidos.

Celeste Colleville pediu timidamente:

— Mamãe, permite-me fazer um brinde?

A pobre moça reparara na fisionomia apalermada da madrinha, esquecida, ela que era a dona da casa, oferecendo quase a expressão do cachorro que não sabe qual o dono a que deve obedecer, indo do rosto de sua terrível cunhada ao rosto de Thuillier, consultando a face de cada conviva, e esquecendo-se de si mesma, mas a alegria sobre essa face de escrava, habituada a não ser coisa alguma, a reprimir as ideias, os sentimentos, fazia o efeito de um pálido sol de inverno coberto pela bruma: iluminava a custo aquelas carnes moles e murchas. A touca de gaze enfeitada de flores escuras, o descaso do penteado, o vestido castanho, cuja blusa oferecia como único enfeite uma corrente de ouro, tudo, até a atitude, estimulou a afeição da jovem Celeste, que era a única no mundo a conhecer o valor daquela mulher condenada ao silêncio, daquela mulher que sabia de tudo quanto se passava em volta dela, que sofria por tudo, e que só se consolava com a mocinha e com Deus.

— Deixe-a fazer a sua saudaçãozinha — disse La Peyrade à sra. Colleville.

— Anda, minha filha! — exclamou Colleville. — Temos ainda um vinho da Hermitage para beber, e que está bem velhinho!

— À minha boa madrinha! — brindou a moça, inclinando o copo com respeito, e estendendo-o à madrinha.

A pobre mulher, assustada, olhou, através de um véu de lágrimas, alternativamente a irmã e o marido; mas sua posição no seio da família era de tal modo conhecida, e a homenagem da inocência à fraqueza tinha qualquer coisa de tão belo, que a emoção foi geral; todos os homens se levantaram inclinando-se perante a sra. Thuillier.

— Ah! Celeste! Eu queria ter um reino para pôr a seus pés! — disse-lhe Félix Phellion.

O bom Phellion enxugava uma lágrima, e o próprio Dutocq parecia enternecido.

— Que menina encantadora! — disse a srta. Thuillier, levantando-se e indo beijar a cunhada.

— Agora eu! — e falando assim, Colleville assumiu a atitude de um atleta. — Ouçam bem! Um brinde à amizade! Esvaziem os copos! Encham os copos! Muito bem! Às belas-artes, flor da vida social! Esvaziem os copos! Encham os copos! A uma festa igual a esta, no dia seguinte ao da eleição!

— Que vem a ser essa garrafinha? — perguntou Dutocq a Brígida.

— É uma das três garrafas de licor da sra. Amphoux,^[98] a segunda é para o casamento de Celeste; e a última para o dia do batizado de seu primeiro filho.

— Minha irmã está quase louca de alegria — disse Thuillier para

Colleville.

O jantar terminou com um brinde oferecido por Thuillier, e que lhe foi soprado por Teodósio, no momento em que o vinho de Málaga brilhou nos cálices como rubis.

— Meus senhores, Colleville bebeu *à amizade*; eu, com este vinho generoso, bebo *aos meus amigos*!

Um “hurra” cheio de calor acolheu esse sentimentalismo; mas, como disse Dutocq a Teodósio:

— É um crime dar um vinho como este, um vinho de Málaga, a gargantas de última ordem...

— Ah! Se eu pudesse imitar isto aqui! — gritou a sra. Minard, fazendo retinir o cálice pela maneira como chupava o licor espanhol.

— Ah! Meu amigo, que fortuna se faria.

Zélia chegara ao seu mais alto grau de incandescência; estava medonha.

— Ora — respondeu Minard —, a nossa já está feita!

— Sua opinião, minha irmã? — perguntou Brígida à cunhada. — Não é melhor tomarmos o chá no salão?

A sra. Thuillier levantou-se.

XIV — DUAS CENAS DE AMOR

— Ah! O senhor é um grande feiticeiro! — disse Flávia Colleville, aceitando o braço de La Peyrade para passar da sala de jantar ao salão.

— Mas só faço questão de enfeitiçar a senhora! E, acredite-me, é uma desforra: está hoje mais sedutora do que nunca!

— Thuillier — disse ela disfarçando —, Thuillier está se julgando um grande político.

— Mas, caríssima, no mundo, a metade dos ridículos são o fruto de conspirações deste gênero; o homem não tem, no caso, toda a culpa que se imagina. Em quantas famílias não se vê o marido, os filhos, os amigos da casa tentando persuadir uma mãe muito tola de que é cheia de espírito, a uma mãe de quarenta e cinco anos que é bonita e nova?... Daí certas pretensões que os indiferentes não podem conceber. Este deve sua fatuidade nojenta à idolatria de uma amante; aquele, sua fatuidade de fazedor de rimas àqueles que foram pagos para fazê-lo acreditar que é um grande poeta. Cada família tem seu grande homem, e é disso que resulta, como na Câmara, uma obscuridade geral dos luminares da França... Pois bem! As pessoas inteligentes riem disso tudo, umas com as outras, e para que mais? A senhora é o espírito e a beleza deste mundozinho burguês; e foi isso o que me fez dedicar-lhe um culto; mas minha segunda intenção foi de tirá-la daqui, porque a amo sinceramente, e ainda lhe tenho mais amizade do que amor, embora haja no fundo de tudo isso uma grande quantidade de amor —

acrescentou, apertando-a de encontro ao coração, aproveitando-se do vão de uma janela para onde a conduzira.

— A sra. Phellion tomará conta do piano — disse Colleville —; é preciso que tudo dance hoje: as garrafas, as moedas de prata de Brígida, e nossas meninas! Vou buscar meu oboé.

E entregou a xícara vazia à mulher, sorrindo ao vê-la em tão bons termos com Teodósio.

— Mas, afinal, que fez ao meu marido? — perguntou Flávia a seu sedutor.

— Então preciso contar-lhe todos os nossos segredos?

— Pois não gosta de mim? — respondeu ela, olhando-o com o modo sonso e provocante de uma mulher prestes a ceder.

— Oh! Já que me conta todos os seus — retomou ele, deixando-se dominar por essa exaltação revestida de alegria provençal, tão encantadora e tão natural na aparência —, não quero esconder-lhe uma só mágoa do meu coração...

Puxou-a novamente para o vão da janela e contou-lhe, sorrindo:

— Colleville, pobre homem, viu em mim o artista oprimido por todos esses burgueses, calando-se perante eles para não ser mal compreendido, mal julgado, enxotado; mas sentiu o calor do fogo sagrado que me devora. Sim, eu sou, aliás — disse La Peyrade, com um tom de profunda convicção —, artista da palavra à maneira de Berryer; ^[99] poderia fazer que os jurados chorassem, chorando também, eu próprio, porque sou nervoso como uma mulher. E então esse homem, que tem horror de toda esta burguesia, caçoou dela comigo; arremetemos contra eles, rindo, e Colleville me achou com forças iguais às suas. Conte-lhe o plano formado para fazer de Thuillier alguma coisa, e deixei-lhe entrever todo o partido que poderia tirar de um manequim político: “Nem que seja apenas”, disse-lhe eu, “para se tornar sr. de Colleville, e levar sua encantadora mulher até onde eu desejaria vê-la, numa boa recebedoria geral; de lá, o senhor poderia fazer-se nomear deputado; porque, para vir a ser tudo quanto merece, bastar-lhe-á passar oito anos nos Altos ou nos Baixos Alpes, num buraco de cidade onde todo mundo o estimará, e onde sua mulher seduzirá todo mundo... E essa oportunidade, já lhe disse, não lhe faltará, principalmente se der sua querida Celeste a um homem capaz de ter influência na Câmara...”. A razão, traduzida em pilhéria, tem a virtude de penetrar em certos caracteres mais fundo do que penetraria por si mesma; e, assim, Colleville e eu nos tornamos os melhores amigos deste mundo. Não viu como ele me disse, durante o jantar: “Patife! Roubaste a minha frase!”. Esta noite, estaremos nos tratando de tu pra cá e tu pra lá... Depois, uma pandegazinha discreta, em que os artistas reduzidos ao regime doméstico sempre se comprometem, e onde o arrastarei, nos tornará amigos de verdade, e serei talvez ainda mais seu amigo do que

Thuillier, porque lhe disse que Thuillier estouraria de inveja vendo-lhe a roseta... E aí está, minha cara adorada, o que um sentimento profundo dá a coragem de fazer! Não é necessário que Colleville me aceite para que eu possa ir à sua casa com sua licença?... Mas fique certa de que seria capaz de me fazer lamber leprosos, engolir sapos vivos, seduzir Brígida; sim; eu chegaria a empalar o coração com este comprido espeto que está aqui se fosse preciso servir-me dele como de uma muleta para me arrastar a seus pés.

— Assustou-me tanto esta manhã!... — disse ela.

— Mas, esta noite, já está tranquilizada?... Sim — disse ele —, não lhe acontecerá nenhum mal comigo.

— Ah! Confesso que é um homem muito estranho!

— Qual nada! Os menores, como os maiores esforços, são o reflexo da chama que acendeu em mim, e quero ser seu genro para que nunca mais nos separemos. Minha mulher, ah! Meu Deus!, não será mais do que uma máquina de fazer filhos, mas o ente sublime, a divindade, tu o serás! — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Você é Satanás! — disse-lhe ela com uma expressão de terror.

— Não! Sou apenas um pouco poeta, como toda a gente da minha terra. Vamos! Seja a minha Josefina!... Irei vê-la amanhã, às duas horas; tenho o mais ardente desejo de saber onde é que dorme, de conhecer os móveis que lhe servem, a cor dos tecidos, a disposição das coisas em volta de você. Quero admirar a pérola dentro da concha!

E afastou-se com muita habilidade, depois dessa frase, sem esperar pela resposta.

Flávia, para quem, durante toda a vida, o amor jamais tomara a linguagem apaixonada do romance, ficou impressionada, mas feliz, com o coração palpitando. Pensava que era muito difícil fugir a semelhante influência. Pela primeira vez, Teodósio vestira calças novas, meias de seda cinzenta, escarpins, um colete de seda preta e uma gravata de cetim preto, em cujo laço brilhava um alfinete escolhido com cuidado. Trajava uma casaca nova, da última moda, e luvas amarelas acentuadas pela brancura dos punhos. Era o único homem que tinha bons modos, boa aparência, no meio desse salão que os convidados enchiam insensivelmente.

A sra. Pron, em solteira Barniol, chegara com duas colegas de dezessete anos, confiadas a seus cuidados maternos por famílias que moravam em Bourbon e na Martinica. O sr. Pron, professor de retórica num colégio dirigido por padres, pertencia à classe dos Phellion; mas não era homem de superfície, esparramado em frases, em demonstrações, apresentando-se sempre como exemplo; era, ao contrário, um homem seco e sentencioso. O sr. e a sra. Pron, orgulho do salão dos Phellion, recebiam às segundas-feiras. Por intermédio dos Barniol, tinham-se ligado intimamente com os Phellion. Embora professor, o pequeno Pron gostava de dançar. Sob a direção da srta. Barniol, mais competente e mais antiga de todas as professoras da casa, aumentara ainda o prestígio do instituto Lagrave, do qual, durante vinte anos, fizera parte o casal Phellion. O sr. Pron desfrutava de grande influência no trecho do bairro compreendido entre o Boulevard de Montparnasse, o Luxembourg e a estrada de Sèvres. Assim, logo que avistou o amigo, Phellion, sem precisar de conselhos, tomou-o pelo braço, a fim de iniciá-lo, num canto, na conspiração Thuillier, e, após dez minutos de conversa, foram ambos à procura de Thuillier, e o vão da janela oposta à de Flávia ouviu, certamente, um trio digno, no seu gênero, do trio dos Suíços, no *Guilherme Tell*.^[100]

— Está vendo — perguntou Teodósio a Flávia — o honesto e puro Phellion intrigando?... Dê-se um motivo ao homem probo, e ele começará a patinhar sem dificuldades nas mais sórdidas estipulações; porque, em suma, ele pescou Pron, e o homenzinho comeu a isca, unicamente no interesse de Félix Phellion, que tomou conta, neste momento, de Celeste... Vá separá-los... Há dez minutos que estão juntos, e que o filho de Minard ronda em torno deles como um

buldogue irritado.

Félix, ainda sob o golpe da profunda emoção que lhe causara a ação generosa e o grito saído do coração de Celeste, quando já ninguém, exceto a sra. Thuillier, pensava no caso, teve uma dessas espertezas ingênuas que constituem o charlatanismo honesto do amor verdadeiro; mas não era costumeiro dessas coisas: a matemática tornava-o distraído. Foi para perto da sra. Thuillier, prevendo que ela haveria de atrair Celeste, cálculo profundo de uma paixão profunda. E a moça ficou-lhe agradecida pela atenção, tanto mais que o advogado Minard, que só pensava no seu dote, não teve essa inspiração repentina, e ficou tomando café, conversando política com Laudigeois, que aparecera no salão. Lá estava, ao lado de Dutocq e de Barniol, por ordem do pai, interessado na renovação da legislatura de 1842.

— Quem não gostaria de Celeste! — disse Félix à sra. Thuillier.

— Pobre queridinha! É só ela quem gosta de mim neste mundo! — respondeu a ilota, contendo as lágrimas.

— Não, minha senhora, somos dois a querer-lhe bem! — afirmou, rindo, o cândido Félix.

— Que estão dizendo aí? — perguntou Celeste à madrinha, aproximando-se.

— Minha filha — respondeu a vítima piedosa, atraindo a afilhada e beijando-a na testa —, ele está dizendo que vocês são dois a me querer bem.

— Não se zangue com esta predição, senhorita! — pediu, baixinho, o futuro candidato da Academia de Ciências. — E deixe-me fazer tudo para realizá-la! Olhe, eu sou assim: a injustiça me revolta profundamente!... Oh! Como o Salvador dos homens teve razão em prometer o futuro para os corações mansos, para os cordeiros imolados... Um homem que até então apenas a amasse, Celeste, ficaria adorando-a depois de seu sublime impulso no jantar!... Mas só à inocência é que cabe consolar os mártires!... É uma moça muito boa, e será uma dessas mulheres que representam, ao mesmo tempo, a glória e a felicidade de uma família. Feliz daquele que lhe agradecer.

— Querida madrinha, com que olhos o sr. Félix me vê, então?...

— Ele te aprecia, meu anjinho, e eu vou pedir a Deus por ambos...

— Se soubesse como me sinto feliz de meu pai poder ser útil ao sr. Thuillier... e como eu gostaria de ser útil a seu irmão!...

— Em suma — disse Celeste —, gosta de toda a família?

— Se gosto! — respondeu Félix.

O verdadeiro amor sempre se envolve dos mistérios do pudor, até mesmo em sua expressão, pois só se prova por si mesmo; não sente a necessidade, como o amor falso, de acender um incêndio, e um observador, se pudesse penetrar no salão dos Thuillier, teria escrito um livro ao comparar as duas cenas, ao verificar os enormes preparativos de

Teodósio e a simplicidade de Félix: um era a natureza e o outro era a sociedade; o verdadeiro e o falso se defrontavam. Avistando, realmente, a filha arrebatada, exalando a alma por todos os poros do rosto, e bela como a rapariga que colhe as primeiras rosas de uma declaração indireta, Flávia teve um movimento de inveja no coração. Chegou-se a Celeste, e disse-lhe ao ouvido:

— Você não está se comportando bem, minha filha; todo o mundo repara em você, que se compromete conversando tanto tempo sozinha com o sr. Félix, sem saber se isso nos convém.

— Mas, mamãe, minha madrinha está aqui.

— Ah! Perdão! Cara amiga! — disse a sra. Colleville. — Não a estava vendo...

— É o que acontece com todo o mundo, aqui — replicou o São João Crisóstomo.

A frase irritou a sra. Colleville, que a recebeu como uma seta aguçada; lançou sobre Félix um olhar altivo, e disse para Celeste:

— Vem sentar aqui, minha filha.

Sentou-se, por sua vez, ao lado da sra. Thuillier, e apontou uma cadeira a seu lado, para a filha.

— Hei de matar-me de trabalho — disse então Félix à sra. Thuillier — ou me tornarei membro da Academia de Ciências, para obter a mão dela à custa da glória.

“Ah!”, pensava a pobre mulher, “eu deveria ter me casado com um sábio sossegado e meigo como este rapaz! Eu me teria desenvolvido lentamente, favorecida por uma vida na sombra... Meu Deus, tu não o quiseste! Mas reúne e protege essas duas crianças! São feitos um para o outro.”

E continuou pensativa, ouvindo o barulho da trapalhada que a cunhada estava fazendo, trabalhando como um cavalo, auxiliando as duas criadas a tirar a mesa, arrastando todos os móveis da sala de jantar, a fim de entregá-la aos pares, vociferando como um capitão de fragata preparando-se para o assalto: “Temos ainda xarope de groselha? Vão comprar orchata” ou: “Há poucos copos, pouco vinho com água; apanhem ali as seis garrafas de vinho ordinário que mandei buscar na adega. Tomem cuidado para que Coffinet, o porteiro, não o beba!... Carolina, minha filha, fica no *buffet*. Eu lhe darei uma língua afiabrada no caso de estarem ainda dançando a uma hora da madrugada. Nada de desperdício! Toma conta de tudo. Passem-me a vassoura... ponham azeite nos lampiões... e, principalmente, não quebrem nada!... Arrumem nos pratos os restos da sobremesa, a fim de guarnecer o *buffet*... Vejam se minha irmã vem nos ajudar! Não sei em que estará pensando aquela lesma... Meu Deus! Como ela é mole!... Sabem? É melhor tirar as cadeiras, eles terão mais lugar para as danças”.

O salão estava cheio. Atraídos pelos rumores de que haveria um “assustado” em casa dos Thuillier, espalhados pelo Luxembourg entre duas e quatro horas da tarde, momento em que a burguesia do bairro costumava passear, haviam comparecido várias pessoas, que se juntaram aos Barniol, aos Colleville, aos Laudigeois, aos Phellion.

— Você está pronta, minha filha? — perguntou Colleville, aparecendo na sala de jantar. — São nove horas, e eles estão no salão, apertados como sardinhas em lata. Cardot, a mulher, o filho, a filha e o futuro genro acabam de chegar, acompanhados pelo jovem substituto Vinet, e o Faubourg Saint-Antoine está comparecendo em peso. Vamos empurrar o piano do salão para cá, não é?

E deu o sinal, experimentando o oboé, cujos sons esganiçados foram acolhidos por um “viva” no salão.

É inútil descrever um baile desse gênero. A vestimenta, as fisionomias, as conversas, tudo estava em harmonia com um pormenor que deve bastar às mais flexíveis imaginações, porque, em todas as coisas, um único fato, por sua cor e seu caráter, serve para marcar-lhes a qualidade. Passavam, em bandejas escalavradas, copos ordinários, cheios de água pura, de água com vinho e de água com açúcar. As bandejas em que se viam copos de orchata e refrescos ausentavam-se frequentemente. Houve cinco mesas de jogo, vinte e cinco jogadores! Dezoito pares dançando! À uma hora da madrugada, arrastaram a sra. Thuillier, a srta. Brígida e a sra. Phellion, assim como o velho Phellion, nas extravagâncias de uma contradança vulgarmente chamada *la boulangère*, “a padeira”, e na qual Dutocq figurou, com o rosto velado, à moda dos cabilas! Os criados, que estavam à espera dos patrões, juntaram-se aos criados da casa e formaram as galerias. Como a interminável contradança durou uma hora, quiseram carregar Brígida em triunfo, quando ela anunciou a ceia; mas Brígida percebeu a necessidade de esconder doze garrafas de vinho de Bourgogne. Todos se divertiam tanto, as moças como as matronas, que Thuillier achou meios de dizer:

— Como são as coisas! Esta manhã, não desconfiávamos que teríamos semelhante festa esta noite!

— A gente nunca se diverte tanto como nesses bailes improvisados — disse o tabelião Cardot. — Nem me falem dessas reuniões onde se vão todos preparados!

Essa opinião constitui um dos axiomas da burguesia.

— Pois olhem — disse a sra. Minard —, eu, quanto a mim, tanto me divirto nuns como nos outros...

— Não dizemos isso pela senhora, em cuja casa o prazer fixou residência — disse Dutocq.

Terminada a *boulangère*, Teodósio arrancou Dutocq ao *buffet*, onde o outro estava comendo uma fatia de língua, e avisou-o:

— Vamos embora, porque devemos estar amanhã, ao amanhecer, em casa de Cérizet, para termos todas as informações relativas ao caso. Temos que pensar muito nisso, porque não é coisa tão fácil quanto Cérizet imagina.

— Como assim? — perguntou Dutocq, indo terminar o pedaço de língua no salão.

— Pois não conhece as leis?... Conheço-as bastante para calcular os perigos do negócio. Se o tabelião quer a casa, e se nós conseguirmos tomá-la, ele terá o recurso de cobrir nosso lance a fim de retomá-la e poderá enfiar-se na pele de um credor inscrito. Na atual legislação do regime hipotecário, quando se vende uma casa a pedido de um dos credores, se o preço alcançado não bastar para o pagamento de todos os credores, eles têm o direito de apresentar contraproposta cobrindo o lance anterior, e uma vez enganado o tabelião tomará precauções.

— É fato! — disse Dutocq. — Pois bem! Iremos procurar Cérizet.

Essas palavras: “Iremos procurar Cérizet” foram ouvidas pelo advogado Minard, que vinha logo atrás dos dois sócios; mas não tinham o menor sentido para ele. Esses dois homens estavam tão afastados de seu caminho e de seus projetos, que os ouviu sem compreender.

— Eis um dos mais belos dias de nossa vida — disse Brígida, quando ficou sozinha com o irmão, às duas e meia da madrugada, no salão deserto —, que glória, uma pessoa ser escolhida dessa maneira pelos seus concidadãos!

— Não te iludas, Brígida! Devemos tudo isso a um só homem, minha filha!

— A quem?

— Ao nosso amigo La Peyrade.

XV — O BANQUEIRO DOS POBRES

A casa para onde Dutocq e Teodósio se dirigiram, não no dia seguinte, segunda-feira, mas na terça-feira, pois o escrivão observara que Cérizet se ausentava aos domingos e segundas, aproveitando-se da ausência total de clientela durante esses dois dias, consagrados pelo povo à libertinagem, era uma casa que constituía um dos aspectos salientes da fisionomia do Faubourg Saint-Jacques, tão importante quanto a casa de Thuillier ou a de Phellion. Não se sabe (aliás, nunca se nomeou uma comissão para estudar esse fenômeno) nem como nem por que certos bairros de Paris se degradam e se acanalham, tanto no moral quanto no físico; não se sabe como é que o local onde se estabeleceram a Corte e a Igreja, o Luxembourg e o Quartier Latin pudera transformar-se no que é hoje, apesar de um dos mais belos palácios do mundo, apesar da audaciosa cúpula de Sainte-Geneviève, da de Mansard no Val-de-Grâce, e dos encantos do Jardin des Plantes; não se sabe por que ia

desaparecendo dali a elegância da vida; não se sabe como se multiplicaram as casas Vauquer,^[101] as casas Phellion, as casas Thuillier, com os colégios, ao lado dos palácios dos Stuart, dos cardeais Mignon, Duperron, e por que a lama, as indústrias sujas e a miséria se apoderaram de uma montanha, em vez de se espalhar longe da velha e nobre cidade... Logo após a morte do anjo cuja beneficência dominava o bairro, a usura miúda tinha surgido. Ao conselheiro Popinot sucedia um Cérizet; e, coisa estranha, digna, aliás, de ser estudada, o efeito produzido, socialmente falando, não diferia nos dois casos. Popinot emprestava sem pedir juros, e sabia perder; Cérizet não perdia nunca e forçava os infelizes a trabalhar bastante e a ter juízo. Os pobres adoravam Popinot, mas não detestavam Cérizet. Com Cérizet, funcionava a última engrenagem das finanças parisienses. No alto, as casas bancárias dos Nucingen, dos Keller, dos Du Tillet, dos Mongenod; um pouco abaixo, os Palma, os Gigonnet, os Gobseck; ainda mais baixo, os Samanon, os Chaboisseau, os Barbet;^[102] depois, o Monte de Socorro, e, finalmente, esse rei da usura, que estende suas redes nas esquinas das ruas, para estrangular todas as misérias e não perder nenhuma: um Cérizet!

A sobrecasaca de alamares já terá dado uma ideia do que podia ser a residência mesquinha desse fugitivo da comandita e da Sexta Câmara.
^[103]

Era uma casa devorada pelo salitre, com os muros cobertos de manchas esverdeadas, suarentos, fétidos como a face daquele homem. Estava situada na esquina da Rue des Poules. No andar térreo funcionava um botequim de última classe, pintado de vermelho vivo, guarnecido de cortinas de chita encarnada, com um balcão de chumbo armado de barrotes formidáveis.

Acima da porta de um corredor sórdido, balançava-se um horroroso lampião, onde se lia: *Pensão, quartos mobiliados*. As paredes eram sulcadas por cruces de ferro, atestando a pouca solidez do prédio, pertencente, aliás, ao botequineiro, que morava na metade do andar térreo e na sobreloja. A viúva Poiret (Michonneau, em solteira),^[104] dirigia a pensão, e alugava os quartos do primeiro, do segundo e do terceiro andares a estudantes paupérrimos.

Cérizet ocupava um aposento no andar térreo e outro na sobreloja, para onde subia por uma escada interior, iluminada por um horrível pátio lajeado que exalava cheiros mefíticos. Pagava à viúva Poiret quarenta francos por mês pelo almoço e o jantar; ganhara, assim, a simpatia da dona da pensão, tornando-se seu pensionista, e a do dono do botequim conseguindo-lhe enorme freguesia, consumidores de bebidas que lhe davam lucros antes do despontar do dia. O botequim de Cadenet abria-se antes do negócio de Cérizet, que começava suas posições às terças-feiras, cerca de três horas da madrugada no verão, e de cinco horas no inverno.

A hora de movimento no Mercado, frequentado pela maioria de seus clientes, determinava a hora de seu medonho comércio. Por isso, o sr. Cadenet, em consideração a essa freguesia inteiramente devida a Cérizet, alugava-lhe os dois aposentos por oitenta francos por ano, somente, e lavrara um contrato de doze anos, que só podia ser rompido por Cérizet, sem indenização, de três em três meses. Todos os dias, Cadenet, em pessoa, levava uma garrafa de vinho excelente para o jantar de seu precioso inquilino, e, quando estava em dificuldades, bastava que Cérizet dissesse ao amigo: “Cadenet, empresta-me aí cem escudos”. Mas pagava-os sempre fielmente.

Dizem que Cadenet teve a prova de que a viúva Poiret confiara dois mil francos a Cérizet, o que poderia explicar a progressão de seus negócios desde o dia em que se estabelecera no bairro com uma última nota de mil francos e a proteção de Dutocq. Animado de uma cupidez que o sucesso aumentava, Cadenet propusera, no começo do ano, vinte mil francos ao amigo Cérizet, que os recusou, sob o pretexto de que um prejuízo nos seus negócios tão aventureiros poderia motivar uma briga entre os sócios.

— Só podia aceitar esse dinheiro a seis por cento — dissera a Cadenet — e o capital empregado no botequim rendia muito mais do que isso. — Associemo-nos mais tarde, para um negócio sério; mas uma boa oportunidade vale ao menos cinquenta mil francos, e, quando dispuser desta quantia, pois bem, tornaremos a conversar...

Cérizet só levava ao conhecimento de Teodósio o caso do prédio a ser vendido, depois de reconhecer que ele, com Cadenet e a sra. Poiret, jamais conseguiria reunir cem mil francos.

O usurário dos pobres estava, portanto, em extrema segurança no seu covil, onde, em caso de necessidade, encontraria mão forte.

Certas manhãs, não havia menos de sessenta a oitenta pessoas, entre homens e mulheres, quer no botequim, quer no corredor, sentadas nos degraus da escada, quer no escritório, onde o desconfiado Cérizet não admitia mais de seis pessoas de cada vez. Iam sendo atendidos por ordem da chegada, e, como ninguém entrava enquanto não chegasse sua vez, o dono do botequim ou os caixeiros iam numerando os homens nos chapéus e as mulheres nas costas.

Vendiam-se e trocavam-se, como os fiacres na praça, números baixos por números altos. Nos dias em que os negócios do mercado exigiam pressa, um número baixo era comprado por um copo de aguardente e um vintém. Os portadores de números já atendidos, chamavam os números seguintes para o gabinete de Cérizet, e, se havia briga, Cadenet resolvia a situação, dizendo:

— Quando tiverem atraído aqui a guarda e a polícia, quem vai lucrar com isso? *Ele* fechará o negócio.

Ele era o nome de Cérizet. Quando, durante o dia, uma infeliz

mulher desesperada, sem pão em casa, e vendo os filhos empalidecidos, vinha fazer um empréstimo de alguns vinténs:

— *Ele* está? — era o que perguntava ao dono do botequim ou aos caixeiros.

Cadenet, homem gordo e curto, vestido de azul, com mangas postiças de fazenda preta e avental de botequineiro, um boné na cabeça, parecia um anjo a essas pobres mães, quando lhes respondia:

— *Ele* me disse que a senhora é uma mulher de bem, e mandou dar-lhe quarenta *sous*. Já sabe o que tem que fazer...

E, coisa inacreditável, *ele* era abençoado, como outrora abençoavam Popinot.

Amaldiçoava-se Cérizet no domingo de manhã, ao pagar as contas; era amaldiçoado em Paris inteira, no sábado, quando se trabalhava para lhe devolver o dinheiro emprestado e os juros. Mas era considerado como a Providência, era um deus, de terça a sexta-feira de cada semana.

O aposento onde Cérizet costumava ficar, outrora cozinha do primeiro andar, era uma peça nua; as traves do teto, caiadas, tinham ainda marcas de fumaça. As paredes, junto às quais pusera bancos, as lajes de pó de pedra que formavam o assoalho retinham e desprendiam, sucessivamente, a umidade. A lareira fora substituída por um aquecedor de ferro, onde Cérizet queimava carvão quando fazia frio. Sob o mantel da lareira, ainda conservado, estendia-se um tablado, mais alto do que o nível da sala cerca de meio pé, e medindo aproximadamente a extensão de seis pés quadrados, suportando uma mesa de ínfimo valor e uma poltrona de pau, com almofada redonda de couro verde. Atrás do lugar onde sentava, Cérizet fizera cobrir o muro com tábuas de barco. Um biombo pequeno, de madeira branca, protegia-o do vento que vinha da janela e da porta; mas esse biombo, feito de duas folhas, permitia-lhe receber o calor da estufa. A janela, do lado interno, era forrada de zinco, e mantida por uma barra. A porta chamava a atenção por uma armação semelhante.

No fundo desse aposento, num ângulo, subia uma escada em caracol, vinda de alguma loja demolida, comprada num ferro-velho por Cadenet, que a mandara prender no soalho da sobreloja, suprimindo toda comunicação com o primeiro andar, e Cérizet exigiu que a porta da sobreloja, dando para o patamar, fosse murada. Esse domicílio era, portanto, uma fortaleza. Em cima, o quarto de Cérizet tinha como única mobília um tapete comprado por vinte francos, uma cama de pensionista, uma cômoda, duas cadeiras, uma poltrona e um cofre de ferro em forma de secretária, de excelente fabricação, comprado em segunda mão. Fazia a barba diante do espelho da lareira; possuía dois pares de lençol de algodão, seis camisas de chita e o resto no mesmo gênero. Uma ou duas vezes Cadenet viu Cérizet vestido como os homens mais elegantes; escondia, portanto, na última gaveta da cômoda, um

disfarce completo, com que podia ir à Ópera, frequentar, mesmo, a sociedade, sem ser reconhecido, porque, se não fosse a voz, Cadenet ter-lhe-ia perguntado:

— Em que posso servir o senhor?

O que, naquele homem, agradava aos clientes era sua jovialidade, suas brincadeiras; falava-lhes na sua própria língua. Cadenet, os dois caixeiros e Cérizet, vivendo no seio das mais pavorosas misérias, conservavam a calma dos agentes de empresas funerárias com os herdeiros, dos velhos sargentos da Guarda no meio dos mortos; ouvindo os gritos da fome, do desespero, não gemiam mais do que os cirurgiões ouvindo os pacientes no hospital, e diziam, como os soldados e os auxiliares, essas palavras insignificantes: “Tenha paciência! Um pouco de coragem! De que adianta queixar-se? E se se matar, de que lhe servirá?... A gente se acostuma a tudo; um pouco de juízo etc.”.

Embora Cérizet tivesse a precaução de esconder, no fundo falso da poltrona onde se sentava, o dinheiro necessário às suas operações do dia, só tirava cem francos de cada vez, enchendo com eles os bolsos das calças, e só recorria às suas reservas entre duas fornadas da freguesia, conservando, enquanto isso, a porta fechada, nada tinha a temer dos diversos desesperados vindos de todos os lados em busca daquele dinheiro. Existem, certamente, várias maneiras de ser honesto ou virtuoso, e a *Monografia da virtude*^[105] não tem outra base além desse axioma social. O homem falta à sua consciência, falta ostensivamente à probidade, prevarica, desfolha essa flor da honra que, perdida, não é ainda a desconsideração geral; falta, enfim, à própria honra, mas não chega ainda a ir até a Polícia Correccional; ladrão, não é ainda julgado pelo tribunal; enfim, depois de haver passado pelo tribunal, pode ser ainda respeitado na prisão, levando para lá uma espécie de honestidade que os patifes têm entre si, e que consiste em não denunciar um ao outro, em compartilhar lealmente o que têm e em correr os mesmos perigos. Pois bem! Essa última probidade, que pode ser um cálculo, uma necessidade, e cuja prática oferece ainda oportunidades de grandeza ao homem e de volta ao bem, reinava de modo absoluto entre Cérizet e seus clientes. Nunca Cérizet cometia enganos, nem seus pobres também: um não sonegava ao outro nem capital nem juros. Várias vezes, de uma semana para outra, Cérizet, que, aliás, saíra do povo, retificava um erro involuntário, em proveito de uma família desgraçada, que nem o notara. Assim, ele passava por ser um cachorro, mas um cachorro honesto; sua palavra era sagrada no meio daquela cidade dolente.^[106] Uma mulher morreu, sem lhe ter pago trinta francos:

— São esses os meus lucros! — disse ele à sua assembleia. — E vocês ainda se queixam de mim. No entanto, não perseguirei os pirralhos da coitada!...

E Cadenet levou para eles pão e vinho.

Desde esse gesto, habilmente calculado, aliás, dizem dele nos dois bairros:

— Não é um homem mau!

O empréstimo por semana, como Cérizet o praticava, não é, guardadas as proporções, uma chaga tão cruel quanto a do Monte de Socorro. Cérizet dava dez francos na terça-feira, com a condição de receber doze no domingo de manhã. Em cinco semanas, dobrava seu capital, mas havia muitas transações. Sua bondade consistia em receber de vez em quando onze francos e cinquenta centimos; ficavam devendo o resto dos juros. Quando dava cinquenta francos por sessenta a um vendedor de frutas ambulante, ou cem francos por cento e vinte a um mercador de lenha, corria certos riscos.

Chegando pela Rue des Postes à Rue des Poules, Teodósio e Dutocq avistaram uma multidão de homens e mulheres, e, à claridade dos candeeiros do botequim, ficaram horrorizados de ver essa massa de rostos vermelhos, sulcados, desfigurados, sérios de sofrimento, murchos, despenteados, calvos, gordurosos de vinho, emagrecidos pela aguardente, uns ameaçadores, outros resignados, estes insolentes, aqueles espiritualizados, outros apalermados, que se elevavam sobre esses terríveis trapos que o desenhista nunca pode ultrapassar, mesmo nas suas mais extravagantes fantasias.

— Serei reconhecido! — disse Teodósio, arrastando Dutocq. — Fizemos uma tolice vindo buscá-lo no meio de suas funções...

— Tanto mais que nos esquecemos de que Claparon está deitado em seu quarto, cujo interior não conhecemos. Escute: há inconveniente para você, mas não há para mim; posso ter o que conversar com meu amanuense, e vou dizer-lhe que venha jantar conosco, porque, havendo audiência hoje, não poderemos almoçar juntos; marcaremos encontro na Chaumière,^[107] num dos reservados do jardim...

— Mau... Pode-se ser ouvido sem se suspeitar — respondeu o advogado —, prefiro o Petit Rocher de Cancale;^[108] a gente se mete num gabinete, e fala baixo.

— E se você for visto com Cérizet?

— Pois então vamos ao Cheval Rouge, no Quai de la Tournelle.

— Isso é muito melhor; às sete horas, não se encontra lá mais ninguém.

Dutocq encaminhou-se sozinho para o meio daquele congresso de miseráveis, e ouviu seu nome repetido pela multidão, porque seria difícil não se encontrar ali alguém que não tivesse sido submetido à ação da Justiça, da mesma forma como Teodósio não teria deixado de encontrar algum cliente.

Nesses bairros, o juiz de paz é o tribunal supremo, e todas as questões morrem no seu cartório, principalmente depois que a lei lhe

tornou soberana a competência nos casos em que o valor do litígio não se eleve a mais de cento e quarenta francos. Abriram caminho para o escrivão, tão temível quanto o próprio juiz de paz. Viu mulheres sentadas nos degraus das escadas: horrível mostruário, semelhante a essas flores dispostas em carreiras; entre elas, havia mulheres jovens, pálidas, doentias; a diversidade das cores dos xales, das toucas, dos vestidos e dos aventais tornava a comparação mais exata, quiçá, do que deve ser uma comparação. Dutocq ficou quase asfixiado quando abriu a porta do aposento onde já sessenta pessoas, talvez, tinham deixado seus odores.

— Seu número? O número? — gritaram todas as vozes.

— Fechem o bico! — gritou, da rua, uma voz rouca. — É a pena da Justiça de Paz.

Reinou, então, o mais profundo silêncio. Dutocq foi encontrar seu amanuense vestido de um colete de pele amarela como as luvas dos soldados de polícia, e, debaixo disso, Cérizet trazia outro colete sórdido de lã tricotada. Pode-se imaginar esse rosto doente, saindo de semelhante estojó, e o crânio coberto por um lenço ordinário de chitão, que, deixando ver o pescoço e a fronte sem cabelos, restituía a essa cabeça seu aspecto ao mesmo tempo hediondo e ameaçador, sobretudo iluminado pela luz de uma vela das que se vendem doze por uma libra.

— Não pode ser, papai Lantimèche — dizia Cérizet a um velho alto, que parecia ter setenta anos, e que ficava em pé diante dele, com o gorro de lã vermelha na mão, mostrando uma cabeça calva, um peito de pelos brancos, aparecendo pela abertura de uma blusa puída. — Conte-me o que pretende fazer! Cem francos, mesmo com a condição de pagar cento e vinte, não é coisa que a gente solte como quem solta um cachorro dentro de uma igreja!...

Os cinco outros clientes, entre os quais se achavam duas mulheres, ambas com filhos de peito, uma fazendo tricô e a outra dando de mamar, estouraram na risada.

Ao ver Dutocq, Cérizet levantou-se respeitosamente, e foi depressa ao seu encontro, acrescentando:

— Tem tempo de refletir; porque, fique sabendo, uma quantia de cem francos, pedida por um velho operário marceneiro, é coisa que me assusta.

— Mas se é para uma invenção!... — exclamou o velho.

— Uma invenção e cem francos!... O senhor não conhece as leis! É preciso ter dois mil francos — disse Dutocq —, é preciso uma patente, é preciso proteção...

— É verdade — disse Cérizet, que contava sempre com acasos desse gênero. — Olhe, papai Lantimèche, venha amanhã, às seis horas da manhã, para conversarmos. Não se fala em invenções diante de ninguém.

E Cérizet dispôs-se a ouvir Dutocq, cujas primeiras palavras foram:

— Se for coisa boa, quero a minha parte. Meio a meio!

— Por que se levantou tão cedo para vir me dizer isso? — perguntou o desconfiado Cérizet, já aborrecido com a exigência do “meio a meio”. — Nós nos teríamos encontrado no cartório.

E olhava disfarçadamente para Dutocq, que, embora lhe dizendo a verdade, falando de Claparon e da necessidade de agir depressa no caso de Teodósio, pareceu atrapalhar-se. Depois de marcado o encontro, saiu.

— Poderia ter marcado tudo isso no cartório... — repetiu Cérizet, acompanhando Dutocq até a porta.

“Aqui está um que me parece ter apagado a vela para que eu não possa ver claro...”, disse a si mesmo retomando o seu lugar. “Pois bem, deixarei o meu lugar no cartório.”

— Agora é a senhora, mãezinha... Também sabe inventar... inventa filhos... É divertido, embora o processo seja conhecido!

XVI — COMO FOI CONQUISTADA BRÍGIDA

É inútil narrar a entrevista dos três sócios, pois as disposições assentadas foram a base das confidências de Teodósio à srta. Thuillier; mas é necessário observar que a habilidade demonstrada por La Peyrade chegou quase a apavorar Cérizet e Dutocq. Desde o momento dessa conferência, o banqueiro dos pobres teve em germe na consciência a ideia de forçar o jogo, quando se via em companhia de jogadores tão fortes. Ganhar a partida a qualquer preço, e vencer os mais hábeis, nem que fosse à custa de uma patifaria, constitui uma inspiração da vaidade particular aos amigos do pano verde. Daí surgiu o terrível golpe que La Peyrade iria receber.

Conhecia, aliás, seus dois sócios; assim, apesar da perpétua contenção de suas forças intelectuais, apesar dos contínuos cuidados exigidos por sua personagem de dez faces, nada o cansava tanto quanto seu papel junto aos dois cúmplices. Dutocq era um grande sonso, e Cérizet representara outrora no teatro; eram ambos entendidos em caretas. Um rosto imóvel, à Talleyrand,^[109] teria feito com que rompessem com o provençal, que se achava entre as garras de ambos, cumpria-lhe manter a aparência de um desembaraço, de uma confiança, de um jogo franco, que é, certamente, o cúmulo da arte. Iludir a plateia é um triunfo de todos os dias, mas enganar a srta. Mars, Frédérick Lemaître, Potier, Talma, Monrose,^[110] é o cúmulo da arte.

O resultado dessa conferência foi, portanto, causar a La Peyrade, tão sagaz quanto Cérizet, um medo secreto, que, durante o primeiro período dessa imensa partida, abrasou-lhe o sangue, por momentos, a ponto de deixá-lo no estado mórbido do jogador seguindo com o olhar a

roleta, onde acabou de apostar sua última parada. Então os sentidos adquirem tal lucidez na sua ação, a inteligência toma tal alcance que a ciência humana não tem medidas para contê-la.

No dia seguinte ao dessa conferência, Teodósio foi jantar com os Thuillier; e, sob o pretexto vulgar de fazer uma visita à sra. de Saint-Fondrille,^[111] mulher do ilustre sábio com quem desejava ligar-se, Thuillier levou a mulher, e deixou Teodósio com Brígida. Nem Thuillier, nem a irmã, nem Teodósio se deixaram enganar por essa manobra, que o velho belo do Império chamava de diplomacia.

— Rapaz, não abuse da inocência de minha irmã! Respeite-a! — disse solenemente Thuillier antes de sair.

— A senhorita já pensou — disse Teodósio, aproximando a cadeira da poltrona de alto espaldar em que Brígida estava sentada, fazendo tricô — em interessar o comércio do distrito na eleição de Thuillier?...

— E como o poderia? — perguntou ela.

— Mas a senhora não mantém relações comerciais com Barbet e Métivier?

— Ah! O senhor tem razão!... Pelas tripas de Judas! O senhor não é bobo — acrescentou, depois de uma pausa.

— Quando se gosta das pessoas, procura-se servi-las! — respondeu ele sentenciosamente, e à distância.

Nessa longa batalha entabulada há dois anos, seduzir Brígida seria como apoderar-se do grande reduto da Moscova,^[112] ponto culminante. Mas era preciso apossar-se daquela criatura como dizem que o diabo, na Idade Média, se apossava das pessoas: de modo a impedir que elas tornassem a acordar. Nos últimos três dias, La Peyrade vinha medindo sua tarefa, e examinara-a de todos os lados, para conhecer todas as suas dificuldades. A lisonja, esse meio infalível entre as mãos dos espertos, falharia junto a uma rapariga que há muito tempo sabia ser completamente desprovida de beleza. Mas para o homem de vontade nada é inexpugnável, e os Lamarque sempre saberão vencer Capri.^[113] Assim, nada deve ser omitido na memorável cena passada aquela noite; tudo tem seu sentido: as pausas, os olhos baixos, os olhares, as inflexões de voz.

— Mas — respondeu Brígida — já nos provou que gosta muito de nós...

— Seu irmão lhe falou?

— Não. Disse-me, apenas, que o senhor queria falar-me.

— Realmente, porque a senhorita é que é o homem desta família; mas, refletindo bastante, vi que há muitos perigos para mim neste negócio; a gente se compromete assim pelos seus próximos... Trata-se de uma verdadeira fortuna, trinta a quarenta mil francos de rendimentos, e sem a menor especulação... Um imóvel!... A necessidade de dar uma fortuna a Thuillier me havia, primitivamente, fascinado... E,

como lhe disse, uma coisa que seduz... porque, a não ser que seja um imbecil, acaba-se perguntando: “Por que será que ele nos quer tanto bem?”. E, como eu lhe disse então, trabalhando para ele, eu estaria trabalhando para mim também. Duas coisas são indispensáveis, se ele quer ser deputado: pagar o censo e ilustrar seu nome com qualquer coisa que lhe dê celebridade. Se eu levo a dedicação até o ponto de ajudá-lo a escrever um livro sobre o crédito público, sobre seja lá o que for... deveria, também, pensar em sua fortuna... E seria absurdo fazer com que a senhora lhe desse esta casa...

— Para meu irmão?... Mas amanhã mesmo hei de botá-la em seu nome! — exclamou Brígida. — O senhor não me conhece...

— Não a conheço inteiramente — disse La Peyrade —, mas sei a seu respeito certas coisas que me fazem lamentar não lhe ter contado tudo desde o começo, no momento em que concebi o plano que fará nomear Thuillier. No dia seguinte, ele estará cheio de inimigos, e terá uma tarefa muito dura; mas é necessário confundi-los, impedir qualquer pretexto que aproveite a seu rivais!

— Mas o negócio?... — perguntou Brígida. — Em que consistem as dificuldades?

— Senhorita, as dificuldades vêm de minha consciência... E fique certa de que não os servirei antes de ter consultado meu confessor... Quanto à sociedade, oh! Nesse ponto o negócio é perfeitamente legal, e a senhorita compreenderá que eu, advogado inscrito no tribunal, membro de uma corporação muito rígida, sou incapaz de propor um negócio que daria motivo a censuras... Minha primeira desculpa é a de que não ganho um vintém...

Brígida estava sobre brasas, tinha o rosto em fogo, arrebatava a lâ, emendava-a, e não sabia que atitude devia manter.

— Hoje não se tem quarenta mil francos de rendimentos em imóveis sem se empregar um capital de um milhão e oitocentos mil francos... — disse ela.

— Qual! Garanto-lhe que a senhora verá o prédio, que avaliará o rendimento provável, e que eu posso tornar Thuillier proprietário desse prédio com cinquenta mil francos.

— Pois bem! Se conseguir obter uma coisa dessas — exclamou Brígida, chegando ao ponto máximo de irritação sob a tormenta de sua cupidez desencadeada —, fique certo, meu caro sr. Teodósio...

Interrompeu-se.

— E então, senhorita?...

— Que terá talvez trabalhado em seu próprio benefício...

— Ah! Se Thuillier lhe contou meu segredo, eu saio desta casa.

Brígida levantou a cabeça.

— Ele lhe contou que eu estou apaixonado por Celeste?

— Não! Dou-lhe minha palavra de mulher honesta! — protestou

Brígida. — Mas eu ia justamente lhe falar em Celeste.

— Ia oferecer-me Celeste?... Oh! Que Deus nos perdoe, só quero devê-la a ela própria, aos pais, ou deixá-la escolher... Não, da senhora não quero senão a sua simpatia, a sua proteção... Como prêmio de meus serviços, prometa-me o que Thuillier já me prometeu: sua amizade, sua influência. Diga-me que me tratará como a um filho... E então a consultarei... Acatarei sua decisão, e nem precisarei falar a meu confessor... Sabe, nestes dois anos em que venho observando esta família, que desejo ligar o meu coração e dotar de minha energia... porque não há dúvida que eu irei longe!... Pois bem, certifiquei-me de que a senhora tem uma probidade do Antigo Regime, um juízo inflexível e reto... A senhora entende de negócios, e a gente gosta de poder contar com essas qualidades... Com uma sogra de sua força, eu encontrarei uma vida interior livre de uma quantidade de pormenores de fortuna que nos fecham o caminho na política, quando somos forçados a resolvê-los... Quanto eu admirei a senhora domingo à noite!... Ah! A senhora estava magnífica! Como agitou tudo isto aqui! Creio que em dez minutos a sala estava desimpedida... E, sem sair de casa, conseguiu tudo quanto era necessário para os refrescos, para a ceia... Eu dizia comigo: “Esta, sim, é que é uma mulher que sabe onde tem a cabeça!...”

As narinas de Brígida dilataram-se. Respirava as palavras do jovem advogado; e ele contemplava-a com um olhar de soslaio, a fim de gozar o triunfo. Tocara-lhe na corda sensível.

— Ora! — disse ela. — Estou habituada a tomar conta de casa... Entendo bem deste assunto.

— Interrogar uma consciência nítida e pura! — continuou Teodósio. — Sim, isso é quanto basta.

Estava em pé. Tornou a sentar-se, e disse:

— Eis o nosso negócio, minha querida tia... porque, afinal, a senhora será um pouco minha tia...

— Cale-se, rapaz sem juízo!... — disse Brígida. — E fale...

— Vou narrar as coisas sem rebuços... E note que eu me comprometo narrando-as, porque são segredos que devo à minha posição de advogado... Assim, compreenda que estamos cometendo juntos um crime de lesa-profissão! Um tabelião de Paris associou-se a um arquiteto, e compraram terrenos, construíram; estão, agora, passando por uma crise... Enganaram-se nos cálculos... enfim, deixemos isso de lado. Entre as casas construídas por sua companhia ilícita (pois os tabeliães não podem fazer negócios) há uma que, não estando terminada, sofre uma tal depreciação que será avaliada em cem mil francos, embora o terreno e a construção tenham custado quatrocentos mil francos. Como só resta fazer os interiores, e que nada é mais fácil de avaliar; como, aliás, essas coisas estão prontas nos

construtores, que as entregariam por pouco dinheiro, a soma que se tem ainda de empregar não ultrapassará cinquenta mil francos. Ora, por sua posição, a casa pode render mais de quarenta mil francos, com os impostos pagos. É toda construída em cantaria, e as paredes-meias em alvenaria; a fachada é coberta das mais ricas esculturas, que custaram mais de vinte mil francos; as janelas são de cristal, com ferragens de um sistema novo, chamado *crémone*.

— Mas, afinal, em que consiste a dificuldade?

— Oh! A dificuldade é a seguinte: o tabelião reservou para si essa parte do bolo, desistindo do resto. Acobertado pelo nome de um amigo, ele é um dos credores que esperam a venda do imóvel pelo síndico da falência; não processaram, porque o processo ficaria muito caro, e vão vender sob o sistema de publicações voluntárias; ora, esse tabelião confiou a compra a um dos meus clientes, tomando-lhe o nome de empréstimo e transformando-o em testa de ferro; meu cliente é um pobre-diabo, e me disse: “Pode-se conseguir uma fortuna, tomando-se a casa ao tabelião...”.

— Em negócios, isso é coisa que se pode fazer... — afirmou apressadamente Brígida.

— Se só houvesse essa dificuldade — continuou Teodósio —, o caso seria como o que um dos meus amigos dizia a um aluno que se queixava do trabalho que dá a pintura de uma obra-prima: “Ah! Meu filho! Se não fosse assim, os lacaios a fariam!”. Mas, senhorita, se se enganar o tabelião, que, pode ficar certa, merece ser enganado, pois comprometeu muitas fortunas particulares, como se trata de um homem muito esperto, apesar de tabelião, será talvez difícil enganá-lo uma segunda vez. Quando se compra um imóvel, se aqueles que emprestaram dinheiro para sua construção não ficarem satisfeitos com o preço alcançado na sua venda, cabe-lhes a faculdade de, dentro de certo prazo, cobrir o lance anterior, e ficar com o imóvel. Se não se puder conservar no embuste esse embusteiro até a terminação do prazo para a apresentação de uma contraproposta, será preciso substituir a primeira astúcia por outra. Mas será estritamente legal esse negócio?... Pode-se encaminhá-lo em benefício da família em que se pretende entrar?... Eis o que há três dias me preocupa...

Deve-se confessar que Brígida estava hesitante, e então Teodósio apresentou seu último recurso:

— Tome esta noite para refletir; amanhã tornaremos a falar.

— Ouça, meu menino — disse Brígida olhando para o advogado quase com ternura —, antes de mais nada seria preciso ver a casa... Onde fica?

— Nos arredores da Madeleine! Aquela zona será o coração de Paris daqui a dez anos! E, se a senhora soubesse, já se pensava naqueles terrenos desde 1819! É daí que vem a fortuna de Du Tillet, o banqueiro...

Não teve outra causa a falência do tabelião Roguin, que provocou tanto pânico em Paris e desfechou tão grande golpe contra a consideração do tabelionato, além de ter arrastado o célebre perfumista Birotteau; especularam demasiadamente com esses terrenos.^[114]

— Lembro-me disso — concordou Brígida.

— No fim deste ano, a casa poderá certamente ficar pronta, e os alugueis começariam no meado do ano que vem.

— Poderíamos ir até lá amanhã?

— Bela tia, estou às suas ordens.

— Ah! Veja só! Nunca me chame assim diante de estranhos... Quanto ao negócio — continuou ela —, não se pode dar opinião antes de ter visto a casa...

— Tem seis andares, nove janelas de fachada, um bonito pátio, quatro lojas, e é de esquina. Oh! O tabelião é entendido! Mas, caso surja um acontecimento político, os rendimentos, todos os negócios caem. Em seu lugar, eu venderia tudo quanto a sra. Thuillier possui, e tudo quanto a senhora mesma possui como reserva, para comprar esse magnífico prédio para Thuillier, e faria nova fortuna para essa pobre beata com as futuras economias... As rendas poderão algum dia subir mais do que hoje?... Cento e vinte e dois! É fabuloso; é preciso agir depressa.

Brígida lambia os beiços, percebia o meio de guardar seus capitais e de enriquecer o irmão à custa da sra. Thuillier.

— Meu irmão tem toda razão! — disse a Teodósio. — O senhor é um homem raro, e que irá longe...

— Ele subirá adiante de mim! — respondeu Teodósio com uma ingenuidade que comoveu a solteirona.

— O senhor há de entrar para a família — garantiu.

— Haverá obstáculos — afirmou Teodósio. — A sra. Thuillier é amalucada, e não gosta de mim.

— Aí está uma coisa que eu quero ver!... — exclamou Brígida. — Façamos o negócio, se for um negócio que se possa fazer, e deixe seus interesses entre minhas mãos.

— Thuillier, membro do Conselho Geral, rico, possuidor de um imóvel alugado por quarenta mil francos no mínimo, tendo a condecoração, publicando uma obra política, séria, grave... será deputado quando da renovação de 1842. Mas entre nós, minha tiazinha, uma pessoa só se pode dedicar dessa maneira ao seu verdadeiro sogro...

— Tem toda razão.

— Não tenho fortuna, mas, em compensação, terei publicado a desta família; e se esse negócio se realizar discretamente, arranjarei outros...

— Enquanto eu não tiver visto a casa — disse a srta. Thuillier — não poderei resolver nada...

— Pois bem, tome um carro, amanhã, e iremos vê-la; terei, amanhã de manhã, uma licença para visitar o prédio.

— Então, até amanhã, ao meio-dia — respondeu Brígida, estendendo a mão para que Teodósio a apertasse; mas o rapaz beijou-a, com o beijo mais terno e ao mesmo tempo mais respeitoso que Brígida jamais recebera.

— Adeus, meu filho! — disse-lhe ela, levando-o até a porta.

Tocou, então, a campainha, chamando uma das criadas, a quem ordenou:

— Josefina, vá correndo à casa da sra. Colleville e diga-lhe que me venha falar.

Um quarto de hora depois, Flávia entrava no salão onde Brígida caminhava de um lado para o outro, presa de pavorosa agitação.

— Minha pequena, trata-se de me prestar um grande favor, e que diz respeito à nossa querida Celeste... Você conhece Júlia, a bailarina da Ópera; tive os ouvidos cheios desse nome, pronunciado por meu irmão, em certo momento...

— Sim, minha cara; mas ela não é mais bailarina; agora é a sra. condessa du Bruel. O marido não é par de França?

— Ela ainda lhe quer bem?

— Não nos vemos mais...

— Pois bem! Sei que Chaffaroux,^[115] o rico construtor, é tio dela... — disse a solteirona. — É velho, é rico; vá visitar sua antiga conhecida, e consiga que ela escreva ao tio uma palavrinha, dizendo-lhe que seria prestar-lhe um enorme serviço dar conselhos de amigo sobre um negócio, a respeito do qual você irá consultá-lo. Iremos buscá-lo em casa, amanhã, a uma hora. Mas que a sobrinha recomende ao tio o máximo segredo. Vá, minha filha! Celeste, nossa querida menina, há de ser milionária, e receberá de minha mão um marido que a levará ao pináculo.

— Quer que eu lhe diga a primeira letra de seu nome?

— Diga...

— Teodósio de la Peyrade! Tem toda razão. É um homem que, sustentado por uma mulher como você, pode vir a ser ministro.

— Foi Deus quem o mandou à nossa casa! — exclamou a solteirona. Nesse momento, chegou o casal Thuillier.

XVII — O REINO DE TEODÓSIO

Cinco dias mais tarde, no mês de abril, a convocação dos eleitores para a nomeação do membro do Conselho Municipal foi publicada no *Moniteur*^[116] e espalhada em cartazes pela cidade de Paris. O ministério conhecido como o de primeiro de março funcionava havia um mês. Brígida estava nas melhores disposições de espírito, havendo

reconhecido a verdade das afirmações de La Peyrade. A casa, visitada de alto a baixo pelo velho Chaffaroux, foi considerada por ele uma obra-prima de construção; o pobre Grindot,^[117] arquiteto interessado nos negócios do tabelião e de Claparon, julgara trabalhar para si; o tio da sra. du Bruel imaginou que se tratava dos interesses da sobrinha, e disse que com trinta mil francos terminaria a casa. Portanto, há já uma semana, La Peyrade era o deus de Brígida; ela lhe provava, pelos argumentos da mais ingênua desonestidade, que era preciso agarrar a fortuna quando se apresentasse.

— Olhe aqui, se houver qualquer pecado nisso — disse-lhe ela, no meio do jardim —, confessa-se, e pronto...

— Vamos, meu amigo, que diabo! — exclamou Thuillier. — A gente se sacrifica pelos parentes!

— Cedo, mas sob as condições que vou estabelecer — disse La Peyrade com voz emocionada. — Ao me casar com Celeste, não quero ser acusado de cupidez, de avidez... Já que vão me dar remorsos, façam pelo menos que, aos olhos do público, eu continue a ser o que sou. Quero que só dê a Celeste, meu velho Thuillier, a sua propriedade da casa que vou conseguir para você...

— É justo...

— Não se despoje de nada, e que a minha querida tiazinha também proceda assim no contrato. Ponham o resto dos capitais disponíveis em nome da sra. Thuillier, em títulos da dívida pública, e ela fará o que quiser. Viveremos, assim, em família, e eu me encarrego de fazer minha própria fortuna, desde o momento em que não tiver mais inquietações quanto ao futuro.

— Estou de acordo. São palavras de um homem de bem — exclamou Thuillier.

— Deixe-me beijar-lhe a fronte, meu menino — pediu a solteirona.

— Mas, como é preciso um dote, daremos sessenta mil francos a Celeste.

— Para seus alfinetes — disse La Peyrade.

— Somos três pessoas de bem — exclamou Thuillier. — Está tudo combinado, você nos resolverá o negócio da casa, escreveremos de colaboração minha obra política, e se esforçará para me conseguir a condecoração...

— Assim será, da mesma forma como há de ser conselheiro municipal a primeiro de maio! Somente, meu amigo, e a senhora também, tiazinha, guardem o maior segredo, e não deem ouvidos às calúnias que me assassinarão, quando todos aqueles que vou enganar se voltarem contra mim... Vão me transformar num João-ninguém, num patife, num homem perigoso, num jesuíta, num ambicioso, num caçador de dotes... São capazes de ouvir essas acusações com calma?

— Fique tranquilo — afirmou Brígida.

A partir desse dia, Thuillier transformou-se no *bom amigo*. Bom amigo era o nome que Teodósio lhe dava, com uma variedade de ternura na voz capaz de espantar Flávia. *Minha tiazinha*, apelação que tanto lisonjeava Brígida, só se dizia entre os Thuillier, no ouvido quando havia gente, e às vezes diante de Flávia. Foi excessiva a atividade de Teodósio e de Dutocq, de Cérizet, de Barbet, de Métivier, dos Minard, dos Phellion, dos Laudigeois, de Colleville, de Pron, de Barniol e dos amigos de todos eles. Grandes e pequenos punham mãos à obra. Cadenet conseguiu trinta votos em sua seção, e assinou por sete eleitores que só sabiam fazer a cruz. No dia 30 de abril, Thuillier foi proclamado membro do Conselho Geral do departamento do Sena, com imponente maioria, porque só lhe faltaram sessenta vozes para que obtivesse unanimidade. No dia primeiro de maio, Thuillier reuniu-se ao corpo municipal para ir às Tuileries felicitar o rei pelo seu aniversário, e voltou radiante! Tinha penetrado no palácio, seguindo os passos de Minard!

Dez dias depois, um cartaz amarelo anunciava a venda do prédio por publicações voluntárias, com uma avaliação inicial de setenta e cinco mil francos; a adjudicação definitiva deveria realizar-se em fins de julho. A esse respeito, firmou-se entre Claparon e Cérizet uma combinação pela qual Cérizet garantia de boca, naturalmente, a quantia de quinze mil francos a Claparon, se esse conseguisse enganar o tabelião além do prazo fixado para cobertura do lance. Prevenida por Teodósio, a srta. Thuillier aderiu plenamente a essa cláusula secreta, compreendendo que era preciso pagar os criminosos autores de tão infame traição. A quantia devia passar pelas mãos do digno advogado. Em plena madrugada, Claparon teve um encontro, na Place de l'Observatoire, com seu cúmplice, o tabelião, cujo cartório, embora posto à venda por uma decisão da câmara de disciplina dos tabeliões de Paris, ainda não fora vendido.

Esse rapaz, sucessor de Leopoldo Hannequin,^[118] tinha querido correr ao encontro da fortuna, em vez de caminhar para ela. Via ainda a possibilidade de outro futuro, e tentava precaver-se. Nessa entrevista, tinha ido até dez mil francos para comprar sua segurança naquele sórdido negócio; deveria entregá-los a Claparon somente depois da entrega da contraescritura, assinada pelo comprador. O rapaz sabia que aquela importância era o único capital que serviria a Claparon para refazer fortuna, e julgou-se garantido, confiando nele.

— Em Paris inteira, quem poderia me dar semelhante comissão para semelhante negócio? — perguntou-lhe Claparon. — Durma descansado; darei como comprador aparente um desses homens de bem, tolos demais para terem ideias como as suas... É um velho funcionário aposentado; o senhor lhe entregará o capital para o pagamento, e ele lhe assinará a contraescritura.

Quando o tabelião deixou Claparon plenamente convencido de que não lhe arrancaria mais do que dez mil francos, Cérizet ofereceu doze mil ao antigo sócio, e pediu quinze mil a Teodósio, fazendo o plano de só entregar três mil a Claparon. Todas essas cenas entre os três homens foram temperadas pelas mais belas palavras sobre os sentimentos e sobre a probidade; sobre as obrigações que tinham uns para com os outros, homens destinados a trabalhar juntos, e a estar juntos constantemente. Enquanto se executavam, em proveito de Thuillier, essas operações subterrâneas, que Teodósio assinalava ao beneficiado, manifestando o mais profundo desgosto por se ver obrigado a tomar parte em tais mixórdias, os dois amigos meditavam juntos sobre a grande obra que o *bom amigo* devia publicar. O membro do Conselho Geral ia adquirindo a certeza de que nunca poderia ser coisa alguma sem aquele homem de gênio, cujo espírito o deslumbrava, cuja facilidade o surpreendia, diariamente. E julgava cada vez mais necessário torná-lo seu genro. Por todas essas coisas, Teodósio passara a jantar quatro dias por semana com o *bom amigo*.

Foi nessa época que Teodósio reinou sem contestação sobre aquela família; tinha, por esse tempo, a aprovação de todos os amigos da casa. E eis por que os Phellion, ouvindo cantar os louvores de Teodósio por Brígida e Thuillier temeram desagradar a essas duas potências mesmo quando os elogios perpétuos lhes pareciam importunos ou exagerados. A mesma coisa acontecia com a família Minard. Aliás, o comportamento desse amigo da casa conservou-se sempre sublime; desarmava a desconfiança pelo modo como tentava apagar-se; ficava na sala como um móvel a mais; fez com que os Phellion e os Minard julgassem que Brígida e Thuillier o haviam numerado e pesado, achando-o insignificante e leve demais para ser outra coisa além de um bom rapaz a quem poderiam ser úteis um dia.

— Ele talvez julgue que minha irmã poderá incluí-lo no testamento — disse certa vez Thuillier a Minard. — Isso prova que não a conhece.

Essa frase, obra de Teodósio, acalmou as inquietações do desconfiado Minard.

— Ele nos é dedicado — disse, por sua vez, a solteirona a Phellion —, mas, afinal, nos deve muita gratidão. Damos-lhe quitação do aluguel, e quase se alimenta em nossa casa...

Essa queixa de solteirona, inspirada por Teodósio, e repetida de ouvido em ouvido pelas famílias que frequentavam o salão de Thuillier, dissipou todos os temores, e Teodósio apoiou tais palavras de Thuillier e da irmã por um servilismo de parasita. No jogo do uíste, justificava os enganos do *bom amigo*. Seu sorriso, fixo e benigno como o da sra. Thuillier, estava sempre pronto para acolher todas as tolices burguesas dos dois irmãos.

Obteve, assim, o que desejava com o máximo ardor: o desprezo de

seus verdadeiros antagonistas, e transformou-o num manto para esconder sua influência. Durante quatro meses, manteve a atitude entorpecida da serpente que engole e digere a presa. Assim, ia de vez em quando para o jardim com Colleville e Flávia, para rir, arrancar a máscara, descansar e retemperar-se, deixando-se arrastar, perante a futura sogra, por impulsos nervosos de paixão que a assustavam ou enterneciam.

— Não tem pena de mim?... — perguntava-lhe, na véspera da venda preparatória, em que Thuillier teve a casa por setenta e cinco mil francos. — Um homem como eu, rastejando à moda dos gatos, retendo meus epigramas, engolindo meu próprio fel... e ter ainda de suportar suas recusas!

— Meu amigo, meu filho!... — dizia Flávia, desanimada.

Essas palavras são o termômetro que serve para indicar a temperatura em que o hábil artista mantinha a intriga com Flávia. A pobre mulher flutuava entre seu coração e a moral, entre a religião e a paixão misteriosa.

Enquanto isso, o jovem Félix Phellion ia dando, com uma dedicação e uma constância digna de elogios, lições ao pequeno Colleville; desperdiçava suas horas, julgando trabalhar pela futura família. Para agradecer esses cuidados, e a conselho de Teodósio, os Colleville convidavam o professor para jantar às quintas-feiras, quando o advogado nunca faltava. Flávia fazia para o feliz rapaz ora uma bolsa, ora chinelos, ora um porta-charutos, e ele exclamava:

— Já sou muito bem pago, minha senhora, pela felicidade de lhes ser útil.

— Nós não somos ricos — respondia Colleville —, mas macacos me mordam se formos ingratos!

O velho Phellion esfregava as mãos de contentamento, ouvindo o que o filho contava de volta desses jantares, e já via o seu querido, o seu nobre Félix casando-se com Celeste!...

Entretanto, quanto mais ficava apaixonada, mais Celeste se mostrava séria e grave no trato com Félix, principalmente depois que a mãe a repreendera:

— Não dê nenhuma esperança ao jovem Phellion, minha filha. Nem seu pai nem eu teremos a liberdade de casá-la a seu gosto; você tem que atender a certas esperanças; trata-se muito menos de agradar a um professor sem vintém do que de garantir a afeição da srta. Brígida e de seu padrinho. Se você não quer matar sua mãe, meu anjo, sim, me matar... obedeça-me cegamente nesse caso, e enfie bem na cabeça a ideia de que, antes de mais nada, queremos sua felicidade.

Como a adjudicação definitiva do prédio estava marcada para fins de julho, Teodósio aconselhou, ao terminar o mês de junho, que Brígida tivesse tudo em ordem. Na véspera da venda, a solteirona liquidou os

títulos públicos da cunhada e os que lhe pertenciam. Embora seja um fato histórico o tratado das quatro potências,^[119] verdadeiro insulto à França, é necessário recordar aqui que de julho até fins de agosto as rendas francesas, assustadas pela perspectiva de uma guerra, a que parecia bastante inclinado o sr. Thiers, caíram vinte francos, e então se viu o três por cento a sessenta. Não foi só isso: essa crise financeira refletiu-se sobre os imóveis de Paris do modo mais nefasto, e todos os que estavam à venda foram comprados pela baixa. Tais acontecimentos transformaram Teodósio num profeta, num homem de gênio aos olhos de Brígida e de Thuillier, a quem a casa foi definitivamente adjudicada pelo preço de setenta e cinco mil francos. O tabelião implicado no caso, e cujo cartório fora finalmente vendido, viu-se na necessidade de ir para o campo durante alguns dias, mas conservou consigo os dez mil francos de Claparon. Aconselhado por Teodósio, Thuillier combinou uma empreitada com Grindot, que julgou trabalhar para o tabelião terminando a casa. E, como durante esse período os trabalhos estavam suspensos e os operários tinham ficado de braços cruzados, o arquiteto pôde concluir de modo magnífico sua obra predileta.

Dourou, por vinte e cinco mil francos, quatro salões!... Teodósio exigiu que o contrato fosse escrito, e que registrassem a importância de cinquenta mil francos em vez de vinte e cinco mil. Essa aquisição decuplicou a importância de Thuillier. Quanto ao tabelião, esse perdera a cabeça perante acontecimentos políticos que foram como uma tempestade num dia de sol. Seguro de seu domínio, fortalecido por tantos favores, e conservando Thuillier preso em suas mãos pelo livro que estavam escrevendo em colaboração, mas, principalmente, admirado por Brígida por causa de sua descrição, pois nunca fizera a menor referência a suas dificuldades e não falava em dinheiro, Teodósio tomou ares menos servis do que pelo passado. Brígida e Thuillier disseram:

— Nada poderá privá-lo da nossa estima. Considere-se, aqui, como se estivesse em sua casa. A opinião de Minard e de Phellion, que parece temer, vale tanto para nós quanto uma estrofe de Victor Hugo.^[120] Assim, deixe-os falar... E conserve a cabeça alta!

— Temos ainda necessidade deles para a nomeação de Thuillier na Câmara — disse Teodósio. — Sigam meus conselhos; nunca lhes fizeram mal, não foi? Quando a casa for bem de vocês, verão que a tiveram quase de graça, pois poderão comprar títulos de três por cento a sessenta francos, em nome da sra. Thuillier, de forma a permitir que recupere toda sua fortuna... Esperem somente a extinção do prazo da contraproposta, e tenham os quinze mil francos prontos para os nossos patifes.

Brígida não esperou; empregou logo todos os seus capitais, com exceção de uma soma de cento e vinte mil francos, e, fazendo dedução

da fortuna da cunhada, comprou doze mil francos de rendimentos, a três por cento, em nome da sra. Thuillier, por duzentos e quarenta mil francos; dez mil francos de rendimentos, nas mesmas bases, em seu próprio nome, formando a intenção de evitar, doravante, as preocupações do câmbio. Via garantidos quarenta mil francos de rendas para o irmão, além de sua aposentadoria; doze mil francos de rendas para a cunhada, e dezoito mil francos de rendas próprias, ao todo setenta e dois mil francos de rendas por ano, além da casa em que residiam, e que avaliava num rendimento de oito mil francos.

— Agora, valem tanto quanto os Minard!... — exclamou.

— Não cantemos vitória antes do tempo — disse-lhe Teodósio —; o prazo da contraproposta só expira daqui a oito dias. Já fiz seus negócios, mas os meus estão em péssimas condições...

— Meu querido filho, você tem amigos! — disse Brígida. — E, se precisar de vinte e cinco luíses, sempre os encontrará nesta casa.

Ouvindo essa frase, Teodósio trocou um sorriso com Thuillier, que o levou para fora e lhe disse:

— Desculpe minha pobre irmã... Ela não conhece a vida... Mas, se você tiver necessidade de vinte e cinco mil francos, conte comigo... Empresto-os quando receber meus primeiros aluguéis.

— Thuillier, estou com a corda no pescoço — exclamou Teodósio. — Desde que me formei, devo letras promissórias... Mas, boca calada! — pediu, assustado de ter deixado fugir o segredo de sua situação. — Estou entre as garras de uns tratantes... mas pretendo enganá-los...

XVIII — DIABOS CONTRA DIABOS

Teodósio tivera dois motivos para contar seu segredo: pôr Thuillier à prova, e prevenir qualquer golpe funesto que lhe pudesse ser desferido na luta surda e sinistra prevista há tanto tempo. Duas palavras farão compreender sua terrível situação.

Quando estava na mais profunda miséria, Cérizet foi a única pessoa que o procurou na mansarda onde, numa tarde de muito frio, ele estava deitado, por falta de roupa. Não possuía senão a camisa que o vestia. Havia três dias que se alimentava de pão, cortando as fatias com sobriedade, e pensava: “Que será de mim?”. Foi nesse momento que seu antigo protetor lhe apareceu, saindo da prisão, agraciado. É inútil relatar os projetos que os dois homens formaram diante de um fogo de gravetos, um embrulhado no cobertor da proprietária, o outro coberto por sua infâmia. No dia seguinte, Cérizet, que tinha encontrado Dutocq naquela manhã, trazia-lhe umas calças, um colete, um casaco, um chapéu e botas, comprados no Temple,^[121] e levava Teodósio para jantar. No restaurante de Pinson, na Rue de l’Ancienne Comédie, o provençal comeu a metade de um jantar que custou quarenta e sete

francos. Na sobremesa, entre dois vinhos, Cérizet disse ao amigo:

— Queres me assinar uma letra promissória de cinquenta mil francos, atribuindo-te a qualidade de advogado?

— Não conseguirias com ela nem cinco mil francos... — disse Teodósio.

— Isso não é da tua conta; hás de pagá-los integralmente; é nossa parte, deste senhor que nos oferece o jantar, e minha, num negócio em que não arriskas nada, mas no qual terás o título de advogado, uma boa clientela, e a mão de uma moça que tem a idade de um cachorro velho e é rica de vinte a trinta mil francos de rendimentos. Nem Dutocq nem eu podemos casar com ela; devemos te vestir, te dar um ar de homem de bem, te sustentar, fornecendo-te comida... e casa mobiliada... Precisamos, portanto, de garantias. Não por mim, que te conheço, mas por este senhor, a quem servirei de testa de ferro... Preparamos-te como um corsário... vê só! Para fazeres o tráfico das brancas... Se não caçarmos esse dote, passaremos a outros exercícios... Entre nós, não precisamos usar luvas para não sujar as mãos, é claro... Receberás nossas instruções, porque o caso não pode ser levado de afogadilho... A coisa não é fácil, é evidente!... Pronto. Eu tenho as estampilhas...

— Garçom! Uma caneta e tinta! — pediu Teodósio.

— Gosto de gente assim! — exclamou Dutocq.

— Assina “Teodósio de la Peyrade” e acrescenta com tua letra: “Advogado”. Rue Saint-Dominique d’Enfer” sob a declaração: *Aceito por dez mil*; porque dataremos, te processaremos, tudo isso secretamente, a fim de podermos a qualquer hora te mandar prender. Os armadores precisam fazer seguros, quando o capitão e o navio estão no alto-mar.

No dia seguinte ao recebimento da letra, o meirinho da Justiça de Paz fez a Cérizet o favor de conduzir em segredo a demanda judicial; ia ver o advogado à noite, e tudo se realizou sem a menor publicidade. O Tribunal de Comércio pronuncia centenas desses julgamentos por sessão. É conhecida a rigidez dos regulamentos do Conselho da Ordem dos Advogados de Paris. Essa corporação e a dos procuradores exercem severa disciplina sobre seus membros. Um advogado suscetível de ser recolhido a Clichy^[122] seria eliminado do quadro. Assim, aconselhado por Dutocq, Cérizet tomara as únicas medidas capazes de lhes garantir não só o domínio sobre o testa de ferro que haviam escolhido, como ainda a importância de vinte e cinco mil francos para cada um no dote de Celeste. Assinando os títulos, Teodósio tivera em vista somente a vida assegurada por certo tempo, e a possibilidade de fazer qualquer coisa. Mas, à medida que o horizonte ia clareando, à medida que ia, enquanto representava seu papel, subindo um a um os degraus da escada social, Teodósio sonhava em se livrar dos dois sócios. Ora, pedindo vinte e cinco mil francos a Thuillier, esperava tratar a cinquenta por cento o resgate de seus títulos com Cérizet.

Infelizmente, essa especulação infame não é um fato isolado; realiza-se em Paris, sob formas mais ou menos agudas, e é tão frequente que o historiador não pode deixar de registrá-la numa pintura exata e completa da sociedade. Dutocq, patife consumado, devia ainda vinte mil francos da compra de seu cartório, e, na esperança do sucesso, contava, como se diz em termos familiares, esticar a corda até o fim do ano de 1840. Até então, nenhuma dessas três personagens tinha mugido ou tugido. Cada uma delas conhecia sua própria força e media a extensão do perigo. Igual era a desconfiança, igual a observação, igual a fé aparente, igualmente sombrios o silêncio e o olhar, quando suspeitas mútuas afloravam à superfície das faces e dos discursos. Nos últimos dois meses, principalmente, a posição de Teodósio adquiria a força de uma fortaleza isolada. Dutocq e Cérizet carregavam, pronto para o ataque, um montão de pólvora com a mecha sempre acesa; mas o vento podia apagar o fogo, e o diabo podia molhar a pólvora.

O momento em que os animais ferozes vão procurar o que comer sempre pareceu o mais crítico, e esse momento se aproximava para os três tigres famintos. Cérizet dizia às vezes a Teodósio, por um desses olhares revolucionários que os soberanos conheceram duas vezes no século atual:

— Eu te fiz rei, e não sou nada. Porque não ser tudo é o mesmo que não ser nada.

Uma torrente de inveja submergia Cérizet. Dutocq achava-se à mercê de seu amanuense enriquecido. Quanto a Teodósio, este desejaria queimar seus dois comanditários, e, no mesmo incêndio, queimar os papéis que o comprometiam. Todos os três se esforçavam tanto para esconder seus pensamentos, que uns adivinhavam os pensamentos dos outros. Pensando no jogo que tinha em mão, nas cartas dos outros e no seu próprio futuro, Teodósio vivia num verdadeiro inferno. Sua confissão a Thuillier foi um grito de desespero; lançou a sonda nas águas do velho burguês e só encontrou a possibilidade de vinte e cinco mil francos.

— E — pensava ele, de volta à casa —, dentro de um mês, talvez nem um vintém!

Sentiu pelos Thuillier um ódio profundo. Mas tinha Thuillier seguro por um arpão enfiado até o fundo de seu amor-próprio, com a obra intitulada: *Do imposto e da amortização*, em que coordenara as ideias publicadas pelo *Globe*^[123] saint-simonista, colorindo-as com um estilo meridional cheio de força e dando-lhes uma forma sistemática. Os conhecimentos de Thuillier sobre o assunto lhe foram muito úteis. Firmou-se nessa corda, e resolveu combater, com tão precária base de operação, a vaidade de um tolo. De acordo com os temperamentos, essa base pode ser de granito ou de areia. Depois de ter refletido, sentiu-se satisfeito de lhe ter feito suas confidências.

— Vendo-me assegurar-lhe a fortuna contra a entrega de quinze mil francos, no momento em que preciso tanto de dinheiro, há de me considerar o deus da probidade.

Eis de que modo Claparon e Cérizet entretiveram o tabelião na antevéspera do dia em que expirava o prazo da contraproposta. Cérizet, a quem Claparon dera a sinha e indicara a casa do tabelião, foi procurá-lo, e lhe disse:

— Um de meus amigos, Claparon, que o senhor conhece, pediu-me que viesse ver o senhora; está à sua espera, depois de amanhã, à tarde, no lugar que o senhor sabe; leve dez mil francos; ele tem o papel que o senhor espera, mas eu devo estar presente à entrega da quantia, porque ele me deve cinco mil francos... e previno-o, caro senhor, que o nome da contraproposta está em branco.

— Lá estarei — garantiu o tabelião.

O pobre-diabo esperou até o raiar do sol, e um de seus credores, avisado por Cérizet, que lhe impôs a condição de receber a metade da dívida, mandou prendê-lo e recebeu seis mil francos, importância total que o tabelião lhe devia.

— Aqui estão mil escudos^[124] — disse Cérizet — para afastar Claparon.

Cérizet voltou a procurar o tabelião e lhe contou:

— Claparon é um miserável, meu senhor! Recebeu quinze mil francos do comprador, que vai ficar como proprietário... Ameace-o de denunciar seu esconderijo aos credores e de acusá-lo, em justiça, como tendo feito falência criminosa, ele lhe dará a metade.

No seu furor, o tabelião escreveu a Claparon uma carta fulminante. Claparon, desesperado, teve medo de ser detido, e Cérizet se encarregou de lhe conseguir um passaporte.

— Pregaste-me muitas peças, Claparon. Mas, ouve! Agora vais ver quem sou eu! Tudo quanto possuo neste mundo são mil escudos... Pois vou dar-te esse dinheiro. Parte para a América, e começa lá tua fortuna, como eu fiz a minha aqui...

À noite, disfarçado por Cérizet como uma mulher velha, Claparon partiu para o Havre de diligência. Assim, senhor dos quinze mil francos exigidos por Claparon, Cérizet ficou tranquilamente à espera de Teodósio, sem se apressar. Esse homem, que tinha uma inteligência verdadeiramente rara, havia formado, sob o nome do credor de uma quantia de dois mil francos, e que não se arriscaria a reclamar a posse do imóvel, uma contraproposta, por sugestão de Dutocq. Via, nisso, um suplemento de sete mil francos para receber, e precisava da quantia para realizar um negócio inteiramente igual ao de Thuillier, indicado por Claparon, que a desgraça apalermava. Tratava-se de uma casa, situada na Rue Geoffroy-Marie e que devia ser vendida pela soma de sessenta mil francos. A viúva Poirer lhe oferecia dez mil francos, o dono

do botequim outro tanto, além de letras também no valor de dez mil francos. Esses trinta mil francos, reunidos ao que ia receber e aos seis mil francos que já possuía, permitir-lhe-iam tentar a sorte, tanto mais que contava na certa com os vinte e cinco mil francos de Thuillier.

— O prazo da contraproposta expirou — pensava Teodósio, dirigindo-se à casa de Dutocq, para lhe pedir que mandasse chamar Cérizet. — E se eu tentasse livrar-me de minha sanguessuga?

— Você só pode tratar desse negócio em casa de Cérizet, pois é lá que se encontra Claparon — respondeu-lhe Dutocq.

Assim, entre sete e oito horas, Teodósio dirigiu-se para o covil do banqueiro dos pobres, que já estava avisado pelo escrivão da visita de seu capital humano.

La Peyrade foi recebido por Cérizet na horrível cozinha em que se esquartejavam as misérias, em que se coziavam as dores, e onde eles caminharam de um lado para o outro, no sentido da extensão, exatamente como duas feras enjauladas, jogando a cena seguinte:

— Trouxeste os quinze mil francos?

— Não; mas tenho-os em casa.

— Por que não estão no teu bolso?

— É o que vais saber — respondeu o advogado que, no trajeto da Rue de Saint-Dominique até a casa de Cérizet, tomara sua resolução.

Revirando-se na grelha em que o haviam colocado os dois comanditários, o provençal teve uma boa ideia que cintilou por entre os carvões incandescentes. O perigo tem seus clarões. Contou com o poder da franqueza, que comove toda gente, até mesmo os velhacos. Quase sempre um adversário se sente tocado quando o outro se despe até a cintura num duelo.

— Bom! — disse Cérizet. — A farsa vai começar...

Foi uma frase sinistra, que lhe passou inteiramente pelo nariz, adquirindo uma entoação terrível.

— Tu me colocaste numa posição magnífica, e eu nunca o esquecerei, meu amigo — continuou Teodósio emocionado.

— Ah? É assim?... — perguntou Cérizet.

— Escuta-me... Duvidas das minhas intenções?

— Oh! Se duvido...

— Não.

— Não queres soltar os quinze mil...

Teodósio sacudiu os ombros, e olhou fixamente para Cérizet, que, impressionado por esses dois movimentos, conservou silêncio.

— Poderias viver na minha situação, sabendo que estás na mira de um canhão carregado de metralha, sem sentir o desejo de acabar com isso?... Ouve-me atentamente: Fazes negócios perigosos, e gostarias de contar com uma proteção sólida no coração da Justiça de Paris... Continuando meu caminho, posso vir a ser substituto do procurador do

rei, talvez mesmo advogado do rei daqui a três anos... Ofereço-te, hoje, uma parte de amizade dedicada que te servirá certamente, nem que seja apenas para te conquistar, mais tarde, um cargo respeitável. Eis minhas condições...

— Tu me impões condições?!... — revoltou-se Cérizet.

— Daqui a dez minutos, eu te trago vinte e cinco mil francos se me entregares os títulos que possuis contra mim...

— E Dutocq? E Claparon? — exclamou Cérizet.

— Deixa-os de lado... — disse Teodósio ao ouvido do amigo...

— Muito bonito!... E acabas de inventar essa mágica, retendo em teu poder quinze mil francos que não são teus!...

— Acrescentei-lhes dez mil... Mas, aliás, nós nos conhecemos...

— Se tens o poder de arrancar dez mil francos aos teus burgueses — disse Cérizet com vivacidade — poderás pedir-lhes vinte... Com trinta, faço o que quiseses... Franqueza por franqueza.

— Estás pedindo o impossível! — exclamou Teodósio. — Neste momento, se estivesse tratando com um Claparon, teus quinze mil francos estariam perdidos, porque a casa já é do nosso Thuillier.

— Vou dizer isso a ele — replicou Cérizet, subindo para o quarto, de onde Claparon havia saído, dez minutos antes da chegada de Teodósio, embarcado num carro público.

Adivinha-se que os dois adversários tinham conversado de maneira a não ser ouvidos, e, assim que Teodósio elevou a voz, Cérizet fez-lhe compreender, com um gesto, que Claparon podia escutá-los. Os cinco minutos em que Teodósio ficou sozinho, ouvindo o sussurrar de duas vozes, foram um suplício para ele, pois era toda sua vida que se estava jogando. Cérizet desceu e aproximou-se do sócio com um sorriso nos lábios, os olhos brilhando de infernal malícia, estremecendo de satisfação, pavoroso Lúcifer numa crise de alegria.

— Eu não sabia de nada!... — disse ele, movendo os ombros. — Mas Claparon tem relações, já trabalhou para banqueiros de alto bordo — e começou a rir, dizendo: — Eu já previa isso!... Serás forçado a me trazer amanhã os vinte e cinco mil francos que me ofereceste, e nem por isso deixarás de ser obrigado a resgatar os títulos, meu menino.

— E por quê? — perguntou Teodósio, sentindo a coluna vertebral líquida como se uma descarga de fluido elétrico interior a tivesse derretido.

— A casa é nossa!

— Como assim?

— Claparon apresentou uma contraproposta, cobrindo o preço de Thuillier, em nome de um contratador, o primeiro que o processou, um sujeitinho chamado Sauvaignou; é o procurador Desroches^[125] quem vai proceder à demanda, e amanhã de manhã você receberá a notificação... O negócio vale a pena, e Claparon, Dutocq e eu procuraremos o

capital... Que teria sido de mim sem Claparon? Por isso, eu lhe perdoei... Perdoei-lhe, e, talvez não acredites, mas até cheguei a beijá-lo! Modifica, pois, tuas condições...

Essa última frase foi terrível, sobretudo comentada pela fisionomia de Cérizet, que representava, por prazer, uma cena do *Legatário*,^[126] em meio ao estudo, a que procedia, do caráter do provençal.

— Oh! Cérizet!... — exclamou Teodósio. — Eu que te queria tanto bem!...

— Fica sabendo, meu caro, entre nós, é preciso se ter isto!...

E Cérizet bateu no peito, à altura do coração.

— É coisa que não tens. Assim que pensaste ter armas contra nós, quiseste nos esmagar... Tirei-te da lama e dos horrores da fome! Morrias como um imbecil... Pusemos-te diante da fortuna, cobrimos-te com o melhor verniz social, levamos-te ao lugar onde podias estender a mão e apanhar o que quisesse... e aí está! Agora eu te conheço. Marcharemos armados.

— Vai ser a guerra! — declarou Teodósio.

— Atiraste primeiro contra mim — disse Cérizet.

— Mas, se me destruíres, adeus, esperanças! E, se não me destruíres, terás em mim um inimigo!

— É o que eu dizia ontem a Dutocq — replicou Cérizet friamente. — Mas que queres! Escolheremos entre as duas possibilidades... agiremos de acordo com as circunstâncias... Sou de boa paz — continuou, após uma pausa. — Traz-me teus vinte e cinco mil francos amanhã, às nove horas, e Thuillier conservará a casa... Continuaremos a te servir dos dois lados, e tu nos pagarás... Depois do que acaba de se passar, não é muita bondade?

E Cérizet bateu no ombro de Teodósio com um cinismo mais infamante do que, outrora, o ferro do carrasco.

— Pois bem! Espera até o meio-dia — respondeu o provençal — porque, como dizes, a coisa não é fácil.

— Tentarei convencer Claparon... O homem está com pressa!

— Pois então, até amanhã — disse Teodósio, com o ar de quem acaba de tomar uma decisão.

— Boa noite, amigo — proferiu Cérizet num tom nasal que desonrava a mais bela palavra da língua. — Eis aí um que pegou num rabo de foguete... — pensou, olhando para Teodósio que ia pela rua com o andar de um homem atordoado.

XIX — ENTRE PROCURADORES

Depois de virar a esquina da Rue des Postes, Teodósio se encaminhou rapidamente em direção à casa da sra. Colleville, cultivando sua exaltação com palavras que proferia de quando em vez. Pelo fogo de

suas paixões desencadeadas e por essa espécie de incêndio interior que muitos parisienses conhecem, pois essas situações horríveis abundam em Paris, ele atingiu uma espécie de delírio e de eloquência que uma palavra fará compreender. Virando a Rue de Saint-Jacques-du-Haut-Pas, e entrando na pequena Rue des Deux-Églises, exclamou:

— Hei de matá-lo...

— Aí vai um que não está contente — observou um operário, acalmando, com essa pilhéria, a loucura incandescente que se apossara de Teodósio.

Ao sair da casa de Cérizet, tivera a ideia de contar tudo a Flávia, de lhe fazer uma confissão completa. As naturezas meridionais são assim, fortes até que certas paixões as esmaguem. Entrou. Flávia estava sozinha no quarto; viu Teodósio, e julgou que ele vinha para a violar ou matar.

— Que tem você? — gritou.

— Eu... — balbuciou o rapaz. — Você me ama, Flávia?

— Oh! Você ainda duvida?

— Ama-me em qualquer hipótese? Mesmo criminoso?

Respondeu-lhe por um sinal de cabeça.

Feliz de se agarrar a esse ramo de salgueiro, Teodósio deixou a cadeira em que estava e foi para o sofá de Flávia; e, lá, duas torrentes de lágrimas correram-lhe dos olhos, acompanhadas de soluços capazes de fazer chorar um velho juiz. Flávia levantou-se e foi dizer à criada:

— Não estou em casa para ninguém.

Fechou as portas, e voltou para junto de Teodósio, sentindo-se comovida no mais fundo de seus sentimentos maternos. Encontrou o filho da Provence estendido, com a cabeça caída para trás, e chorando. Tinha tomado o lenço; quando Flávia lho tirou das mãos, estava pesado de lágrimas.

— Mas que foi isso? Que lhe aconteceu? — perguntou ela.

A natureza, mais penetrante do que a arte, favoreceu admiravelmente Teodósio, que não estava mais representando nenhum papel, mostrava-se tal qual era, e que, com essas lágrimas, com essa crise nervosa, punha a assinatura nas suas cenas de comédia precedentes.

— Você é uma criança!... — disse Flávia com doçura, acariciando os cabelos de Teodósio. Nos olhos do rapaz, as lágrimas começavam a secar.

— Não vejo senão você neste mundo! — disse ele, beijando, com uma espécie de fúria, as mãos de Flávia. — E, se você me ficar, se você é minha como a alma é do corpo e como o corpo é da alma — continuou, dominando-se com uma graça infinita —, pois bem! Eu terei coragem!

Levantou-se, andou de um lado para o outro.

— Sim, lutarei, recobrarei minhas forças, como Anteu, abraçando

minha mãe! E sufocarei em meus braços essas serpentes que me enlaçam, que me dão beijos de serpentes, que me babam nas faces, que me querem sugar o sangue, a honra! Oh! A miséria... Ah! Como são grandes aqueles que sabem manter-se de pé, com a cabeça erguida!... Eu deveria me ter deixado morrer de fome na minha enxerga, há três anos e meio!... O caixão seria um leito macio, em comparação com a vida que levo! Há dezoito meses que me sustento *devorando burgueses!*... E, no momento em que ia atingir uma vida honesta, feliz, no momento em que ia alcançar um futuro magnífico; no momento em que me adiantava para tomar meu lugar à mesa do festim social, o carrasco me bate no ombro... Sim! O monstro me bateu no ombro, e me disse: “Paga a dízima ao demônio, ou morre!...”. E eu não hei de lhes armar uma cilada?... E não hei de enfiar-lhes o braço pela goela até as entranhas?... Oh! Sim! Hei de fazê-lo!... Veja só, Flávia? Não tenho os olhos enxutos?... Agora estou rindo, estou sentindo de novo toda minha força, estou recobrando meu poder... Diga-me, diga-me que me ama... Repita-o! Chegou o momento de me dizer isso, como se diz ao condenado que recebeu o indulto!

— Você é terrível!... Meu amigo! — disse Flávia. — Oh! Você me deixou aniquilada.

Não estava compreendendo nada, mas estirou-se no sofá como morta, agitada por aquele espetáculo, e então Teodósio caiu de joelhos a seus pés:

— Perdão!... Perdão!... — suplicou.

— Mas, afinal, que tem você? — perguntou ela.

— Querem a minha perdição. Oh! Prometa-me Celeste, e você verá a vida bela de que a farei participar!... Se você hesitar... Pois bem! Será como me dizer que você é minha, e eu a tomo!...

E fez um movimento tão vivo, que Flávia, amedrontada, levantou-se e começou a andar...

— Oh! Meu anjo! Aqui, a seus pés... Que milagre! Com toda certeza Deus está comigo! Vejo como que uma claridade... Tive uma ideia de repente... Oh! Meu anjo bom, grande Teodósio!... Salvaste-me!

Flávia admirou aquele ente camaleonesco: um joelho no chão, as mãos cruzadas no peito e os olhos erguidos para o céu, como num êxtase religioso, ele rezava uma oração; parecia o mais fervoroso dos católicos. Persignou-se. Foi um espetáculo tão belo como a comunhão de São Jerônimo.

— Adeus! — disse, depois, com uma melancolia e uma voz que seduziam.

— Oh! — exclamou Flávia. — Deixe-me esse lenço.

Teodósio desceu as escadas como um louco, pulou para a rua e correu à casa de Thuillier; mas, na calçada, voltou-se, viu Flávia à janela e fez-lhe um sinal de triunfo.

“Que homem!”, pensou Flávia.

— Bom amigo — disse Teodósio a Thuillier, num tom doce e calmo, quase risonho —, estamos entre as mãos de velhacos atrozés; mas vou dar-lhes uma boa lição.

— Que aconteceu? — perguntou Brígida.

— Vejam só: eles querem vinte e cinco mil francos, e, para nos impor sua vontade, o tabelião ou seus cúmplices formaram uma contraproposta; tome cinco mil francos com você, Thuillier, e venha comigo; vou garantir-lhe a casa... Arranjarei inimigos implacáveis! — exclamou. — Que vão querer matar-me moralmente. Contanto que vocês resistam às suas infames calúnias, e que nunca mudem sua opinião atual a meu respeito, é só o que peço. Afinal, que vem a ser essa importância? Se eu for bem-sucedido, vocês pagarão pela casa cento e vinte e cinco mil francos em vez de pagar cento e vinte.

— Mas o caso não se repetirá?... — perguntou Brígida, inquieta, com os olhos dilatados por um medo violento.

— Só os credores inscritos têm o direito de cobrir o lance, e como foi só esse quem usou de tal direito, podemos ficar tranquilos. A dívida do tabelião e dos sócios para com esse homem é apenas de dois mil francos, mas é preciso pagar os procuradores nesse gênero de negócios, e saber soltar uma nota de mil francos para o credor.

— Vai, Thuillier. Pega teu chapéu. Encontrarás a importância no lugar que sabes...

— Como soltei os quinze mil francos sem resultado, não quero que o dinheiro passe pelas minhas mãos... O próprio Thuillier é quem vai pagar — disse Teodósio, achando-se sozinho com Brígida. — Vocês, afinal de contas, ganharam vinte mil francos no contrato que lhes consegui com Grindot, que julgava estar servindo o tabelião! Vocês estão de posse de um imóvel que, daqui a cinco anos, valerá perto de um milhão. É uma esquina de avenida!

Ouvindo-o falar, Brígida estava inquieta como um gato que ouve barulho de camundongos debaixo do assoalho. Olhava Teodósio dentro dos olhos, e, apesar da justeza de suas observações, conservava dúvidas.

— Que tem a senhora, minha tiazinha?

— Oh! Enquanto não formos proprietários, ficarei vivendo numa angústia mortal...

— A senhora daria de bom grado vinte mil francos, não daria? Para que Thuillier fosse o que chamamos possuidor incommutável? Pois bem! Lembre-se de que eu lhe ganhei, duas vezes, essa fortuna...

— Aonde vamos? — perguntou Thuillier.

— À casa de mestre Godeschal, que precisaremos tomar como procurador.

— Mas nós o recusamos para Celeste!... — exclamou a solteirona.

— Ora! É justamente por isso que o vamos procurar! — respondeu

Teodósio. — Se não me enganei no meu julgamento, é um homem de honra, e há de achar nobre prestar-lhes um serviço.

Godeschal, sucessor de Derville,^[127] tinha sido durante mais de dez anos primeiro escrevente de Desroches. Teodósio, conhecendo essa circunstância, teve esse nome no ouvido, como que soprado por uma voz interior no meio do seu desespero, e entreviu a possibilidade de conseguir tirar das mãos de Claparon a arma com que Cérizet o ameaçava. Mas, antes de tudo, cumpria ao advogado entrar no gabinete de Desroches e informar-se sobre a situação de seus adversários. Só Godeschal, em razão da intimidade que subsiste entre escrevente e patrão, podia ser o seu guia.

Os procuradores de Paris, quando ligados uns com os outros, como acontecia com Godeschal e Desroches, vivem numa verdadeira confraternização, de que resulta certa facilidade na solução de negócios suscetíveis de serem resolvidos amigavelmente. Obtêm uns dos outros, a troco de compensações iguais, as concessões possíveis, pelo emprego do provérbio: “Toma lá, dá cá”, tão usado em todas as profissões, entre os ministros, no Exército, entre juizes, entre comerciantes, em todos os lugares em que a inimizade não elevou barreiras muito altas dividindo os homens.

“Ganho muito bons honorários nessa transação” é um pensamento que não se precisa exprimir; revela-se pelo gesto, pelo tom de voz, pelo olhar. E, como os procuradores são pessoas que se entendem nesse terreno, o negócio acaba por se resolver. O contrapeso a essa camaradagem está no que se chama *consciência do ofício*. Assim, a sociedade deve acreditar no médico que, fazendo obra de medicina legal, afirma: “Este corpo contém arsênico”; nenhuma consideração vence o amor-próprio do ator, a probidade do legista, a independência do Ministério Público. Por isso, o procurador de Paris diz com bom humor: “Não podes obter isso, meu constituinte está renitente”, e da mesma forma responde: “Pois bem... veremos...”.

Ora, ao arrastar a beca pelos corredores do Fórum, La Peyrade, homem esperto, conseguira perceber de que modo os costumes judiciários poderiam favorecer seu projeto.

— Fique no carro — disse a Thuillier, quando chegaram à Rue Vivienne, onde Godeschal era agora patrão no mesmo cartório em que iniciara a carreira —; venha somente se ele se encarregar do caso.

Eram onze horas da noite, La Peyrade não se enganara nos seus cálculos, imaginando encontrar ainda ocupado no gabinete, àquela hora, um procurador nomeado há tão pouco tempo.

— A que devo a visita de um advogado? — perguntou Godeschal, indo receber La Peyrade.

Os estrangeiros, a gente da província, a gente da sociedade talvez não saibam que, para os procuradores, os advogados representam o

mesmo que os generais para os marechais. Entre a Ordem dos Advogados e a Associação dos Procuradores de Paris existe uma linha de exceção severamente mantida. Por mais venerável que seja um procurador, por mais assentada que tenha a cabeça, é a ele que compete ir ao advogado. O procurador é o administrador que traça os planos de campanha, que concentra as munições, que organiza tudo para a ação; o advogado é quem trava o combate. Não se sabe por que é que a lei dá ao constituinte dois homens para exercerem a função de um só, assim como não se sabe por que o autor precisa de um editor e de um livreiro. É muito raro que um grande advogado ponha jamais o pé num cartório de procurador; no Fórum é que se realizam os encontros; mas, na sociedade, já não existem barreiras, e alguns advogados, principalmente na posição de La Peyrade, fogem à tradição, indo às vezes procurar os procuradores, mas tais casos são raros, e quase sempre se justificam por uma urgência qualquer.

— Trata-se, meu Deus, de um caso grave — disse La Peyrade — e, sobretudo, de uma questão de delicadeza, que temos de resolver juntos! Thuillier está lá embaixo, num carro, e eu venho, não na qualidade de advogado, mas como amigo de Thuillier. O senhor é a única pessoa que se acha na situação de prestar a Thuillier um favor imenso, e eu garanti a ele que quem tem uma alma nobre como a sua (porque o senhor é o digno sucessor do grande Derville) não se recusaria a servi-lo com toda a sua competência. O caso é este.

Após ter explicado, de modo que o favorecia, a velhacaria que deveriam anular pela habilidade, porque os procuradores lidam mais com clientes mentirosos do que com clientes sinceros, o advogado resumiu seu plano de ação.

— O senhor deveria, meu caro mestre, ir esta noite procurar Desroches, informá-lo dessa cilada, obter a promessa de que mandará chamar, amanhã de manhã, seu constituinte, esse Sauvaignou; nós três o obrigaremos a confessar, e, se ele quiser uma nota de mil francos, além da importância a que tem direito, nós lhe daremos, sem contar com quinhentos francos de honorários para o senhor, e outro tanto para Desroches, se Thuillier conseguir a desistência de Sauvaignou, amanhã, às dez horas... Que quer, afinal, esse Sauvaignou? Quer o dinheiro que emprestou! Pois bem, não será capaz de resistir à tentação de uma nota de mil francos, mesmo que esteja servindo de instrumento a ambições escondidas atrás de suas costas. A luta entre ele e as pessoas que o manejam pouco nos importa... Vamos! Tire dessa dificuldade a família Thuillier...

— Vou imediatamente à casa de Desroches — disse Godeschal.

— Não. Não vá antes de Thuillier lhe passar procuração e lhe entregar cinco mil francos. É preciso pôr o dinheiro na mesa em casos como este...

Após uma entrevista, durante a qual Thuillier mostrou-se embaraçado, La Peyrade levou Godeschal de carro, e deixou-o na Rue de Béthisy, em casa de Desroches, alegando que deveriam seguir por aquele caminho para voltar à Rue Saint-Dominique, e, em frente à porta de Desroches, La Peyrade marcou encontro para o dia seguinte, às sete horas.

O futuro e a sorte de La Peyrade estavam ligados ao sucesso daquela conferência. Por isso, não nos devemos espantar de vê-lo desrespeitando os costumes da corporação e indo à casa de Desroches para sondar Sauvaignou, e tomar parte no combate, apesar do perigo a que se arriscava, colocando-se sob os olhos do mais temível dos procuradores de Paris.

Ao entrar, enquanto cumprimentava, observou Sauvaignou. Era, como o nome o fazia prever, um marselhês, contramestre colocado entre os operários e o mestre marceneiro em construções, para tomar a empreitada dos trabalhos contratados. O lucro do empreiteiro se compõe da quantia que ganha entre o preço do arrematador e o que é pago pelo construtor, depois de feita a dedução dos fornecimentos, pois que se trata apenas da mão de obra.

Falindo o marceneiro, Sauvaignou se fizera qualificar, por julgamento do Tribunal do Comércio, como credor do imóvel, e tomara inscrição. Esse negócio determinara a derrocada. Sauvaignou, homem pequeno e robusto, vestido de uma blusa de linho cinzento, com um boné na cabeça, estava sentado numa poltrona. Três bilhetes de mil francos, colocados diante dele, na escrivaninha de Desroches, deram a entender claramente ao advogado que já tinha havido uma explicação e que os dois procuradores haviam malogrado. Os olhos de Godeschal exprimiam muita coisa, e o olhar que Desroches lançou ao advogado foi como um golpe de picareta vibrado num fosso. Estimulado pelo perigo, o provençal foi magnífico; tomou os bilhetes de mil francos, e dobrou-os para guardá-los.

— Thuillier não quer mais — disse a Desroches.

— Pois então estamos todos de acordo — respondeu o terrível procurador.

— Sim; seu constituinte vai nos pagar sessenta mil francos de despesas feitas no prédio, conforme o contrato assinado entre Thuillier e Grindot. Não lhe tinha dito isso ontem — acrescentou, voltando-se para Godeschal.

— Está ouvindo isso?... — perguntou Desroches a Sauvaignou. — Eis aí um processo de que não me encarregarei sem garantias.

— Mas, meus caros senhores, não posso entrar em nenhum acordo sem ter visto aquele bom homem que me entregou quinhentos francos por conta, por lhe ter assinado um farrapo de papel como procuração — disse o marselhês.

— És de Marselha? — perguntou La Peyrade em dialeto a Sauvaignou.

— Oh! Se começa com o dialeto, o outro está perdido! — disse baixinho Desroches a Godeschal.

— Sou, sim senhor.

— Pois bem, pobre-diabo — continuou Teodósio —, querem te arruinar... Sabes o que deves fazer! Toma esses três mil francos, e, quando o outro chegar, pega na tua régua e dá-lhe uma boa surra, dizendo-lhe que ele é um patife, que queria explorar-te, mas que vais cassar a procuração, e que lhe devolverás o dinheiro no dia de São Nunca. Depois, com estes três mil e quinhentos francos, tuas economias, vai-te para Marselha. E, se te acontecer seja lá o que for, vem procurar este senhor, ele saberá onde me encontrar, e eu te salvarei de qualquer dificuldade. Porque, fica sabendo, eu não sou apenas um bom provençal, mas ainda um dos primeiros advogados de Paris, e o amigo dos pobres...

Quando encontrou num compatriota uma autoridade para sancionar os motivos que tinha de trair o usurário do bairro, o operário capitulou e pediu três mil e quinhentos francos.

— Uma boa sova, bem valia isso, porque arriscaria a ser mandado para a casa de Correção...

— Não, não batas enquanto ele não te disser desaforos — respondeu-lhe La Peyrade. — Será legítima defesa...

Quando Desroches lhe afirmou que La Peyrade era realmente um advogado, Sauvaignou assinou a desistência, contendo quitação das despesas, juros e capital da dívida, feita em duas vias, entre Thuillier e ele, ambos assistidos pelos respectivos procuradores, a fim de que o documento tivesse a virtude de tudo anular.

— Nós lhes deixamos os mil e quinhentos francos — disse La Peyrade ao ouvido de Desroches e de Godeschal —, mas com a condição de me darem a desistência. Vou levá-la a Thuillier para que a assine, em casa de Cardot, seu tabelião. Thuillier não pregou olho a noite inteira...

— Está bem — concordou Desroches. — Pode gabar-se — acrescentou, fazendo um sinal a Sauvaignou — de ter ganhado com facilidade esses mil e quinhentos francos.

— Eles são bem meus... senhor escrivão?... — perguntou o marselhês, já assustado.

— Oh! Legitimamente seus — respondeu Desroches. — Só lhe falta, agora, assinar a cassação de poderes do seu mandatário, com data de ontem; entre no cartório, por aqui...

Desroches explicou ao primeiro escrevente o que lhe competia fazer, e encarregou um dos outros escreventes de mandar o meirinho à casa de Cérizet, antes das dez horas.

— Eu lhe agradeço muito, Desroches — disse La Peyrade, apertando

a mão do procurador —; você pensou em tudo; não me esquecerei deste favor...

— Não registre o documento no cartório de Cardot antes do meio-dia.

— Ei! Patrício! — gritou o advogado, em provençal, para Sauvaignou. — Vai passear com a tua Maria o dia inteiro em Belleville, e toma cuidado de não voltar para casa...

— Estou entendendo! — disse Sauvaignou. — A surra fica para amanhã...

— Ei então! — proferiu La Peyrade, soltando um grito de provençal.

— Por trás de tudo isso há qualquer coisa — dizia Desroches a Godeschal, no momento em que o advogado voltava do cartório para o gabinete.

— Os Thuillier ficam possuindo um prédio magnífico, quase de graça; não há outra coisa — disse Godeschal.

— La Peyrade e Cérizet me dão a impressão de dois mergulhadores travando uma luta no fundo do mar. Que devo dizer a Cérizet, que foi quem me entregou o caso? — perguntou ao advogado, quando voltou ao gabinete.

— Que Sauvaignou lhe forçou a mão — replicou La Peyrade.

— E o senhor não teme coisa alguma? — perguntou-lhe Desroches à queima-roupa.

— Oh! Eu tinha mesmo que dar uma lição a essa gente!

— Saberei de tudo amanhã — disse Desroches a Godeschal. — Não há ninguém tão tagarela quanto um vencido.

La Peyrade saiu levando o ato de quitação. Às onze horas, estava na audiência do juiz de paz, calmo, firme, e, ao ver Cérizet se aproximar, pálido de ódio, com os olhos cheios de veneno, disse-lhe ao ouvido:

— Meu caro, eu também sou bonzinho... Tenho ainda à tua disposição vinte e cinco mil francos em dinheiro, pela entrega de todos os títulos que tens contra mim...

Sem poder encontrar uma só palavra de resposta, Cérizet olhava para o advogado dos pobres; estava verde; absorvia a própria bile.

XX — NEGRURAS DE POMBAS

— Sou proprietário incomputável!... — exclamava Thuillier, ao voltar do cartório de Jacquinet, genro e sucessor de Cardot. — Nenhum poder humano me pode tirar a minha casa. Eles me disseram.

Os burgueses acreditam muito mais na palavra dos tabeliães do que na palavra dos procuradores. O tabelião está mais próximo deles do que qualquer outro funcionário ministerial. Não é sem medo que o burguês de Paris se dirige à casa de seu procurador, cuja audácia beligerante o perturba, enquanto vai sempre com um prazer novo ao cartório de seu

tabelião, de quem admira a sabedoria e o bom-senso.

— Cardot, que está procurando uma boa instalação, me pediu um dos apartamentos do segundo andar... — continuou. — Se eu quiser, ele me apresentará domingo um inquilino principal, que propõe um contrato de dezoito anos, a quarenta mil francos anuais, impostos a seu cargo... Que dizes a isso, Brígida?

— É preciso esperar — respondeu a irmã. — Ah! Nosso querido Teodósio me pregou um forte susto!

— Com efeito, meu bem. Mas sabes que Cardot, perguntando-me quem me conseguiu esse negócio, me disse que eu devia a essa pessoa um presente de dez mil francos, pelo menos? Na verdade, devo-lhe tudo!

— Mas Teodósio é um filho da casa! — respondeu Brígida.

— Faça justiça ao pobre rapaz; não pediu nada.

— Então, bom amigo! — exclamou La Peyrade, voltando da Justiça da Paz, às três horas. — Ei-lo riquíssimo!

— E graças a você, meu caro Teodósio.

— E a senhora, tiazinha, já voltou à vida?... Ah! Juro-lhe que não teve mais medo do que eu tive... Pus meus interesses de lado para cuidar dos seus. Olhem, só respirei livremente esta manhã, às onze horas; agora, estou certo de que terei no meu encalço dois inimigos mortais: as pessoas que enganei por causa de vocês. No caminho para cá, vinha procurando descobrir como é que vocês puderam ter tanta influência, a ponto de me fazerem cometer semelhante crime! Poderá a felicidade de pertencer à sua família, de me tornar seu filho, apagar a mancha que sinto na consciência?

— Ora, você se confessará! — disse Thuillier, espírito forte.

— Agora — disse Teodósio a Brígida —, pode pagar com toda segurança o preço da casa, oitenta mil francos, os trinta mil de Grindot; ao todo, com o que pagou em despesas de transmissão, são cento e vinte mil francos, mais estes últimos vinte mil francos, o que vem a ser cento e quarenta mil. Se alugar a um inquilino principal, exija o último ano adiantado, e reserve para mim e minha mulher todo o primeiro andar acima da sobreloja. Nessas condições, encontrarão ainda quarenta mil francos para um contrato de doze anos. Se quiserem deixar este bairro pelo da Câmara, poderão perfeitamente instalar-se nesse vasto primeiro andar, que tem cocheira, estrebaria, e tudo o que constitui uma existência luxuosa. E agora, Thuillier, vou conseguir-lhe a cruz da Legião de Honra.

A essa última promessa, Brígida não se conteve:

— Na verdade, meu filho, você resolveu tão bem nossos negócios, que vou lhe entregar todos os da família Thuillier.

— Não abdique, linda tia — disse Teodósio —, e Deus me livre de dar um passo sem a senhora! A senhora! A senhora é o gênio tutelar da

família. Só estou pensando no dia em que Thuillier estiver na Câmara. Vocês entrarão na posse de quarenta mil francos daqui a dois meses, o que não impedirá Thuillier de receber seus dez mil francos de aluguel quando vencer o primeiro mês.

Após ter lançado essa esperança à solteirona, que rejubilava, arrastou Thuillier para o jardim, e lá, sem titubear, lhe disse:

— Bom amigo, arranje um meio de pedir dez mil francos à sua irmã, sem que ela jamais desconfie de que eles me serão entregues; diga-lhe que essa quantia é necessária nas repartições para facilitar a nomeação de cavaleiro da Cruz de Honra, e que você sabe a quem deverá distribuí-la.

— É isso mesmo — concordou Thuillier. — Aliás, eu a reembolsarei quando receber meus aluguéis.

— Consiga-a para esta noite; vou sair para tratar da sua cruz, e, amanhã, saberemos em que ponto estão as coisas...

— Que homem extraordinário é você! — exclamou Thuillier.

— O Ministério de Primeiro de Março vai cair; é preciso obter que antes ele faça isso — respondeu Teodósio com esperteza.

O advogado correu à casa da sra. Colleville, e lhe disse ao entrar:

— Venci; teremos para Celeste um imóvel de um milhão, cuja propriedade lhe será dada, no contrato de casamento, por Thuillier; mas conservemos isso em segredo, senão sua filha será pedida por pares da França. Essa doação, entretanto, só se fará em meu favor. Agora, vista-se; vamos à casa da condessa du Bruel, pois ela pode conseguir a cruz para Thuillier. Enquanto você se prepara, eu vou fazer um pouquinho de corte a Celeste. Conversaremos no carro.

No salão, La Peyrade vira Celeste e Félix Phellion. Flávia tinha tanta confiança na filha, que a deixara com o jovem professor. Depois do grande sucesso alcançado naquele dia, Teodósio sentia a necessidade de se dirigir a Celeste. Chegara a hora de separar os dois apaixonados. Não hesitou em colar o ouvido na porta do salão antes de entrar, a fim de saber qual era a letra do alfabeto do amor que os dois estavam soletrando, e foi tentado a cometer esse crime doméstico compreendendo, por certa alteração na voz, que eles estavam brigando. Na opinião de um dos nossos poetas, o amor é um privilégio que dois entes dão um ao outro de causar grandes desgostos recíprocos por motivos sem importância.

Desde que elegera Félix em seu coração para companheiro de sua vida, Celeste sentiu menos o desejo de estudá-lo do que de se unir a ele por essa comunhão dos corações, por onde começam todas as afeições, e que, nos espíritos jovens, leva a um exame involuntário. A briga que Teodósio procurava escutar nascera de um dissentimento profundo que se acentuava, havia alguns dias, entre o matemático e Celeste.

Essa menina, fruto moral da época em que a sra. Colleville buscou

arrepender-se de suas faltas, tinha uma fé muito sólida; pertencia ao verdadeiro rebanho dos fiéis, e, nela, o catolicismo absoluto, temperado pelo misticismo que tanto agrada às almas jovens, era uma poesia íntima, uma vida dentro da vida. As moças partem daí para se tornarem mulheres excessivamente levianas, ou santas. Mas, durante esse belo período da mocidade, há no seu coração um pouco de absolutismo; em suas ideias, conservam sempre, diante dos olhos, a imagem da perfeição, e tudo para elas deve ser celeste, angélico ou divino. Fora de seu ideal, nada existe, tudo é lama e imundície. Essa crença faz então com que rejeitem muitos diamantes verdadeiros as moças que, mais tarde, quando mulheres, adorarão as pedras artificiais.

Ora, Celeste reconhecera não propriamente a descrença, mas a indiferença de Félix em matéria de religião. Como a maioria dos geômetras, dos químicos, dos matemáticos e dos grandes naturalistas, o rapaz submetera a religião ao raciocínio: considerava-a um problema insolúvel como a quadratura do círculo. Deísta intimamente, ficava na religião da maioria dos franceses, sem lhe dar mais importância do que a nova lei decretada em julho. Era preciso Deus no céu como um busto de rei num pedestal da Prefeitura. Digno filho de seu pai, Félix Phellion não estendera o mais tênue véu sobre a consciência; deixava que Celeste lesse nela com a candura, com a distração de um pesquisador de problemas; e a moça misturava a questão religiosa à questão civil, professando um horror profundo pelo ateísmo; ora, seu confessor lhe dizia que o deísta é o primo-irmão do ateu.

— Félix, você já pensou em cumprir o que me prometeu? — perguntou Celeste, assim que a sra. Colleville os deixou sozinhos.

— Não, minha querida Celeste — respondeu Félix.

— Oh! Faltar a uma promessa... — protestou ela meigamente.

— Tratava-se de uma profanação — disse Félix. — Gosto tanto de você, com uma ternura tão pronta a ceder diante de seus desejos, que prometi uma coisa contrária à minha consciência. A consciência, Celeste, é nosso tesouro, nossa força, nosso apoio. Como queria você que eu fosse a uma igreja, me ajoelhar diante de um padre em quem só vejo um homem?... Você me teria desprezado, se eu lhe tivesse obedecido.

— Então, meu querido Félix, você não quer ir à igreja?... — disse Celeste, lançando ao homem que amava um olhar molhado de lágrimas. — Se eu fosse sua mulher, você me deixaria ir sozinha?... Você não me ama como eu te amo!... Porque, até agora, tenho no coração, por um ateu, um sentimento contrário ao que Deus quer de mim!

— Um ateu! — protestou Félix. — Isso não! Ouça-me, Celeste... Há certamente um Deus, acredito nele, mas tenho a seu respeito ideias muito mais bonitas do que as dos seus padres; eu não o rebaixo até mim, tento elevar-me até ele... Ouça a voz que ele pôs em mim, que a

gente de bem chama de consciência, e procuro não obscurecer os divinos clarões que me chegam. Por isso, nunca farei mal a ninguém, nem faltarei aos mandamentos da moral universal, que foi a moral de Confúcio, de Moisés, de Pitágoras, de Sócrates, como foi a de Jesus Cristo... Serei sempre puro aos olhos de Deus; minhas ações valerão como rezas; nunca mentirei, minha palavra será sempre sagrada, e nunca hei de cometer nada que seja baixo ou vil... Eis os ensinamentos que recebi de meu virtuoso pai, e que quero legar aos meus filhos. Todo o bem que puder fazer, hei de realizá-lo, mesmo que seja à custa de sofrimento. Que pode você pedir mais a um homem?...

Essa profissão de fé fez com que Celeste balançasse dolorosamente a cabeça e dissesse:

— Leia com atenção a *Imitação de Cristo!*...^[128] Procure converter-se à Santa Igreja católica, apostólica e romana, e você reconhecerá como são absurdas as palavras que acaba de dizer... Ouça, Félix: de acordo com a Igreja, o casamento não é coisa para um dia, não é satisfação dos nossos desejos; é feito para a eternidade... Como? Então estaríamos unidos noite e dia, deveríamos constituir uma só carne, um só verbo, e teríamos em nosso coração duas linguagens, duas religiões, uma causa perpétua de discórdia! Você seria capaz de me condenar a prantos, que eu lhe esconderia, sobre o estado de sua alma; e como poderia eu me dirigir a Deus, vendo incessantemente a sua mão direita armada contra você?... Seu sangue de deísta e suas convicções poderiam animar meus filhos!... Oh! Meu Deus! Quantas desgraças para uma esposa!... Não! Não posso tolerar essas ideias... Oh! Félix, seja da minha fé, porque eu não posso ser da sua! Não cave abismos entre nós dois... Se você me amasse, você já teria lido a *Imitação de Cristo!*...

Os Phellion, fruto do *Constitutionnel*, não gostavam do espírito clerical, e, por isso, Félix teve a imprudência de responder a essa súplica partida do fundo de uma alma ardente:

— Celeste, você está repetindo uma lição de seu confessor, e nada é tão fatal à felicidade, pode crer, como a intervenção dos padres junto aos casais...

— Oh! — exclamou Celeste, indignada, e que só falara inspirada pelo amor. — Você não me ama!... A voz do meu coração não chega até o seu! Você não me compreendeu, porque nem sequer me ouviu, eu lhe perdoo, porque você não sabe o que está dizendo.

Envolveu-se num silêncio magnífico, e Félix foi tamborilar com os dedos numa vidraça da janela: música familiar daqueles que se entregam a reflexões pungentes. Efetivamente, Félix debatia essas singulares e delicadas questões de consciência phelliônica:

— Celeste é uma herdeira rica, e, cedendo às suas ideias, contra a voz da religião natural, eu terei em vista um casamento vantajoso: ato infame. Como pai de família, não deverei permitir que os padres

tenham a menor influência em minha casa; cedendo, hoje, cometo um ato de fraqueza que será seguido de muitos outros, perniciosos à autoridade do pai e do marido... Nada disso é digno de um filósofo.

E voltou para perto da namorada:

— Celeste, é de joelhos que eu lhe suplico para não misturarmos o que a lei, na sua sabedoria, separou. Vivemos para dois mundos, a sociedade e o céu. Cada um que siga o seu caminho para alcançar a salvação; mas, quanto à sociedade, obedecer às suas leis não é a mesma coisa que obedecer a Deus? O Cristo disse: “Dai a César o que é de César”. César é o mundo político... Esqueçamos esta briguinha!

— Uma briguinha?!... — protestou a jovem entusiasta. — Eu quero que você tenha todo meu coração, como quero ter todo o seu, e você os divide em duas partes!... Isso não é uma desgraça? Você esquece que o matrimônio é um sacramento...

— Sua padaria está lhe virando a cabeça! — exclamou o matemático, impaciente.

— Sr. Phellion, nem mais uma palavra sobre esse assunto! Basta!

Foi depois de ter ouvido essa resposta que Teodósio julgou necessário entrar. Encontrou Celeste pálida e o jovem professor inquieto como um apaixonado que acaba de irritar sua amada.

— Ouvi dizer “basta”!... Havia então qualquer coisa sobrando? — perguntou, olhando ora para Celeste, ora para Félix.

— Falávamos em religião... — respondeu Félix — e eu estava dizendo à senhorita quanto pode ser perniciosa no seio de um casal a influência religiosa...

— Não era disso que se tratava — discordou Celeste com aspereza —, mas sim de se saber se marido e mulher podem constituir um único coração, quando um é ateu e a outra é católica...

— Haverá ateus?... — exclamou Teodósio, manifestando profundo espanto. — Então uma católica poderia casar-se com um protestante? Mas só há salvação possível para marido e mulher quando têm perfeita conformidade em matéria de opiniões religiosas!... Eu que, na verdade, sou do Comtat,^[129] e de uma família que conta um papa entre seus antepassados, pois nossas armas são de *goles, com chave de prata*, tendo como tenentes um monge segurando uma igreja e um peregrino empunhando um bordão de ouro, com estas palavras: *Abro e fecho por divisa*, sou nesse assunto, de um absolutismo feroz. Mas, hoje, graças ao sistema de educação moderna, não parece extraordinário agitar-se semelhante questão!... Eu, quanto a mim, nunca me casaria com uma pessoa protestante, nem que ela tivesse milhões... e mesmo que eu a amasse a ponto de perder a cabeça! Fé não se discute. *Una fides, unus Dominus*,^[130] esta é a minha divisa em política.

— Está ouvindo? — perguntou Celeste triunfante, olhando para Félix Phellion.

— Não sou um beato, vou à missa de seis horas da manhã, quando ninguém me vê, faço abstinência às sextas-feiras; sou, em suma, um filho da igreja, e não seria capaz de empreender nada de sério sem ter rezado primeiro, à velha maneira dos nossos antepassados. Ninguém toma conhecimento da minha religião... Durante a Revolução de 1789, passou-se, em nossa família, um fato que nos ligou ainda mais intimamente do que outrora à nossa Santa Madre Igreja. Uma pobre moça da família La Peyrade, descendente do ramo primogênito, que possui a pequena propriedade de La Peyrade (porque nós, do nosso lado, somos Peyrade des Canquoëlle, mas os dois ramos costumam herdar um do outro), casou-se, seis anos antes da Revolução, com um advogado que, segundo a moda da época, era voltairiano, isto é, incrédulo, ou deísta, se preferirem. Adotou as ideias revolucionárias e meteu-se nas gracinhas que vocês conhecem, no culto da deusa Liberdade-Razão. Chegou à nossa terra imbuído, fanático pela Convenção. Forçou a mulher, que era muito bonita, a representar o papel da Liberdade; a pobre infeliz enlouqueceu... Morreu louca! Pois bem, pelos tempos que correm, podemos ver um novo 1793!

Essa história, inteiramente inventada, causou tal impressão na imaginação fresca e nova de Celeste que a moça se levantou, cumprimentou os dois rapazes e retirou-se para o quarto.

— Ah! Para que foi dizer isso?... — queixou-se Félix, atingido no coração pelo olhar frio que Celeste acabara de lhe lançar, fingindo a mais profunda indiferença. — Ela já se julga transformada em deusa Razão...

— Mas de que se tratava? — perguntou Teodósio.

— Da minha indiferença religiosa.

— É a grande praga do século — respondeu Teodósio com gravidade.

— Estou pronta — disse a sra. Colleville, aparecendo, vestida com muito gosto. — Mas o que é que tem a minha pobre filha? Está chorando...

— Está chorando, minha senhora!... — exclamou Félix. — Diga-lhe, por favor, que vou começar a estudar a *Imitação de Cristo*.

E Félix desceu com Teodósio e Flávia, a quem o advogado apertava o braço, de maneira a lhe fazer compreender que no carro explicaria a demência do jovem sábio.

Uma hora depois, a sra. Colleville, Celeste, Colleville e Teodósio entravam em casa dos Thuillier, onde iam jantar. Teodósio e Flávia arrastaram Thuillier para o jardim, e Teodósio lhe disse:

— Bom amigo, daqui a oito dias você receberá a cruz. Ouça, esta querida amiga lhe contará nossa visita à sra. condessa du Bruel...

E Teodósio deixou Thuillier, ao avistar Desroches acompanhado por Brígida. Movido por terrível e glacial pressentimento, foi ao encontro do

procurador.

— Meu caro mestre — disse Desroches ao ouvido de Teodósio —, venho saber se pode dispor de vinte e sete mil, seiscentos e oitenta francos e sessenta cêntimos para as despesas...

— O senhor é procurador de Cérizet?... — perguntou o advogado.

— Ele entregou os títulos a Louchard,^[131] e o senhor sabe o que o espera, depois de uma prisão. Cérizet engana-se quando pensa que o senhor tem vinte e cinco mil francos na sua escrivaninha. O senhor lhos ofereceu e ele acha muito natural não os deixar em seu poder...

— Agradeço-lhe, meu caro mestre, ter vindo procurar-me. Eu já previa este ataque.

— Entre nós — respondeu Desroches —, o senhor o enganou lindamente... O patife, para se vingar, está disposto a não recuar diante de coisa alguma, porque sabe que perderá tudo, se o senhor resolver jogar a beca às urtigas e ir para a prisão...

— Não! — exclamou Teodósio. — Eu pago!... Mas há cinco letras aceitas, cada qual no valor de cinco mil francos: que conta ele fazer com essas letras?

— Oh! Depois do caso da manhã de hoje, nada, nada posso dizer; mas meu cliente é um verdadeiro cão sarnento e tem seus planos assentados...

— Vejamos, Desroches — disse La Peyrade, segurando o rígido e seco Desroches pela cintura —, os títulos estão ainda com o senhor?

— Quer pagar?

— Quero. Daqui a três horas.

— Pois bem! Esteja na minha casa às nove horas; receberei dinheiro e lhe entregarei os títulos; mas, às nove e meia, eles estarão nas mãos de Louchard...

— Está certo. Até logo, às nove horas... — disse Teodósio.

— Até as nove — respondeu Desroches, que tinha englobado com um olhar toda a família reunida no jardim, Celeste, de olhos vermelhos, conversando com a madrinha, Colleville e Brígida, Flávia e Thuillier. Nos degraus da larga escada que levava do jardim à sala de entrada, Desroches disse a Teodósio, que o acompanhara até ali:

— O senhor pode muito bem pagar suas letras promissórias.

Nesse único olhar, Desroches, que tinha conversado com Cérizet, reconheceu os imensos trabalhos do advogado.

XXI — UMA CLIENTE DE CÉRIZET

No dia seguinte, de manhã, às primeiras horas, Teodósio foi à casa do usurário a fim de ver o efeito produzido sobre o inimigo pelo pagamento realizado pontualmente na véspera, e fazer uma nova tentativa para se livrar daquela mosca-varejeira.

Encontrou Cérizet de pé, em conferência com uma mulher, e recebeu do usurário uma espécie de convite imperioso para se manter à distância, a fim de não perturbar a conversa. Assim, o advogado ficou reduzido a conjecturas sobre a importância daquela mulher, revelada pela fisionomia preocupada do prestamista. Teodósio teve o pressentimento, aliás excessivamente vago, de que o assunto daquela conferência iria influir sobre as disposições de Cérizet, porque lhe seguia na expressão essa mudança completa produzida pela esperança.

— Mas, minha cara mamãe Cardinal...

— Sim, meu bom moço...

— Que quer a senhora?

— Que o senhor se decida...

Esses começos ou fins de frase eram as únicas faíscas que a conversa animada, mantida em voz baixa, do ouvido para a boca e da boca para o ouvido, levava até a testemunha imóvel, cuja atenção se prendia na sra. Cardinal.

A sra. Cardinal era uma das primeiras clientes de Cérizet. Comprava peixe no mercado e o vendia nas ruas. Se os parisienses conhecem essa espécie de criações particulares à sua cidade, os estrangeiros nem lhes suspeitam a existência, e a mulher que ali estava merecia, em estilo necrológico, todo o interesse que despertava no advogado. Encontram-se tantas mulheres iguais àquela nas ruas, que o transeunte não lhes dá mais atenção do que aos três mil quadros de uma exposição. Mas ali, naquela excursão, a Cardinal tinha todo o valor de uma obra-prima isolada, porque representava o tipo completo do seu gênero.

Estava trepada em tamancos de pau, sujos de lama; mas seus pés, cuidadosamente protegidos por chinelas de fazenda, estavam ainda calçados em longas e grosseiras meias que faziam pregas nas pernas. O vestido de chita, enriquecido de folhos de lama, trazia a marca do suspensório de couro que sustenta a cesta de peixes cortando, por trás, a saia abaixo da cintura. Sua vestimenta principal era um xale de “casimira de pelo de coelho”, cujas duas pontas amarravam acima da cintura. Presas pela correia transversal, as saias se arregaçavam em forma de repolho. Um algodãozinho grosseiro, que servia de lenço de pescoço, mostrava a pele vermelha e riscada do decote, semelhante ao chafariz da Villette, depois da patinação. Tinha na cabeça um lenço de cetineta amarela, enrolado de modo pitoresco.

Curta e gorducha, com a tez de cores vivas, a peixeira devia beber seu golezinho de aguardente cada manhã. Tinha sido bela. O mercado, na sua linguagem de imagens ousadas, censurava-a de ter ganhado mais de uma diária durante a noite. Para ficar no diapasão de uma palestra decente, era obrigada a sufocar o tom da voz, como se fez no quarto de um doente; mas a fala então saía espessa e gorda daquela garganta habituada a lançar até as profundezas das mansardas o nome do peixe

da estação. O nariz à Roxelana,^[132] a boca bem desenhada, os olhos azuis, tudo o que constituía outrora sua beleza, se achava agora enterrado nas dobras de uma banha vigorosa, em que se revelavam os hábitos da vida ao ar livre. O ventre e os seios se recomendavam por uma amplidão de modelo de Rubens.

— E o senhor há de querer que eu viva na lama?... — perguntava a peixeira a Cérizet. — Que é que eu tenho com os Poupillier?... E então não sou também Poupillier?... Onde é que o senhor quer que a gente enfie os Poupillier?...

Essa resposta selvagem foi reprimida por Cérizet, que fez a vendedora ambulante calar-se com um desses “Psiu” prolongados, que impõem silêncio até mesmo aos conspiradores.

— Pois bem, vá saber do que há ao certo, e volte — disse Cérizet empurrando a mulher para a porta e lhe dizendo algumas palavras ao ouvido.

— E então, meu caro amigo — perguntou Teodósio a Cérizet —, já recebeste o teu dinheiro?

— Já. Medimos nossas garras, e vimos que são do mesmo comprimento, da mesma dureza, da mesma força... E depois?

— Devo dizer a Dutocq que recebeste ontem vinte e sete?

— Oh! Meu caro amigo! Não diga uma só palavra, se gosta de mim!... — exclamou Cérizet.

— Ouça — continuou Teodósio —, é preciso que eu saiba, uma vez por todas, o que você pretende. Tenho a intenção muito firme de não ficar nem vinte e quatro horas na grelha em que você me colocou. Que você engane Dutocq, é coisa completamente indiferente para mim; mas quero que cheguemos a um acordo... Vinte e sete mil francos são uma fortuna entre suas mãos, pois você deve possuir mais uns dez mil ganhos no seu comércio, e isso basta para se tornar um homem de bem. Cérizet, se você me deixar em paz, se não me impedir de casar com a srta. Colleville, eu virei a ser qualquer coisa como advogado do rei em Paris; você não poderia agir de maneira mais acertada, do que garantindo uma proteção nessa esfera.

— Eis minhas condições, que não admitem discussão: é pegar ou largar. Você me conseguirá a casa Thuillier a título de principal inquilino, com um contrato de dezoito anos, e eu lhe devolverei uma das cinco letras promissórias restantes, liquidada. Você não me achará mais no seu caminho, e se entenderá com Dutocq para negociar as outras quatro... Você foi capaz de me enganar; Dutocq não está à altura de lutar com você...

— Consinto nisso, se você consentir em dar quarenta e oito mil francos pelo aluguel da casa, pagando o último ano adiantado, e fazendo com que o contrato comece a vigorar em outubro próximo...

— Está bem, mas darei somente quarenta e três mil francos em

dinheiro, sua letra promissória completará os quarenta e oito. Eu vi a casa com cuidado, estudei-a, e a proposta me agrada.

— Uma última condição: você me ajudará a agir contra Dutocq.

— Isso não — respondeu Cérizet. — Ele já está bem cozinhado por você, e não é preciso que eu deite mais lenha na fogueira: ele ficaria queimado. É preciso ser sensato. O pobre homem não sabe como pagar os últimos quinze mil francos de seu cartório, e é bastante, para você, ficar informado de que, com quinze mil francos, pode resgatar os títulos.

— Pois bem, dê-me quinze dias para conseguir o contrato...

— Nem mais um dia além de segunda-feira próxima! Terça-feira, a letra promissória de cinco mil francos será processada, a não ser que você a tenha pago na segunda-feira ou que Thuillier me tenha concedido o contrato.

— Pois seja! Segunda-feira... — concordou Teodósio. — E agora, somos amigos?

— Seremos amigos segunda-feira — respondeu Cérizet.

— Então, até segunda-feira. Quer me pagar o jantar? — perguntou Teodósio, rindo.

— No Rocher de Cancale, se conseguir o contrato. Dutocq irá também... Havemos de rir... Há muito tempo que não rio...

Trocaram um aperto de mão, dizendo-se reciprocamente:

— Até breve!

Não fora sem motivo que Cérizet se acalmara tão rapidamente. Antes de mais nada, compreendera a verdade da expressão de Desroches “a bile não facilita os negócios”, e o usurário resolvera, então, friamente, tirar partido de sua situação, e *jugar* (palavra técnica) o astucioso provençal.

— É uma vingança a se tirar — disse-lhe Desroches — e esse rapaz está em suas mãos... Veja o melhor meio de extrair-lhe a quintessência.

Ora, em dez anos Cérizet vira muita gente enriquecer à custa do ofício de inquilino principal. Em Paris, o inquilino principal representa, para os proprietários de casas, o mesmo que representam, nos campos, os rendeiros para os possuidores de terras. Paris inteira viu um célebre alfaiate construindo, à sua custa, um prédio suntuoso, no famoso local de Frascati,^[133] no ângulo da avenida e da Rue de Richelieu, para servir de inquilino principal desse palacete, cujo aluguel não custava menos de cinquenta mil francos. Apesar das despesas de construção, que iam aproximadamente a setecentos mil francos, os dezenove anos de aluguel representaram grandes lucros.

Sempre atrás de negócios rendosos, Cérizet examinara as possibilidades de ganho que poderia oferecer a locação da casa *roubada* por Thuillier, segundo o que dizia a Desroches, e reconhecera a facilidade que teria de sublocá-la por mais de sessenta mil francos ao

cabo de seis anos. Era uma casa que tinha quatro lojas, duas em cada fachada, pois ocupava uma esquina de avenida.

Esperava ganhar seus dez mil francos por ano, durante doze anos, sem contar as eventualidades, nem as luvas pagas em cada renovação de contrato pelos negociantes que ali estabeleceriam seu comércio, e aos quais não concederia mais de seis anos de contrato. Ora, formava o plano de ceder seu negócio de usurário à viúva Poiret e a Cadenet, por dez mil francos, aproximadamente; possuía cerca de dez mil, e se achava, portanto, em condições de pagar o adiantamento de um ano que os proprietários têm o hábito de exigir aos inquilinos principais como garantia. Assim, passara uma noite feliz; adormecera num lindo sonho, já se via a caminho de exercer um ofício honrado, de se tornar burguês como Thuillier, como Minard, como tantos outros.

Renunciava, portanto, à aquisição da casa em construção na RueGeoffroy-Marie. Mas teve um despertar com que não contava: encontrou a Fortuna já de pé, derramando-lhe na cabeça jorros de ouro de sua cornucópia, na pessoa da sra. Cardinal.

Sempre tivera muita consideração por essa mulher, e vinha lhe prometendo, no último ano, principalmente, a quantia necessária à compra de um burro e de uma carrocinha, para que ela pudesse ampliar os negócios, indo vender o peixe do centro até os subúrbios. A sra. Cardinal, viúva de um carregador do mercado, tinha uma única filha, de quem várias comadres do bairro gabavam a beleza diante de Cérizet. Olímpia Cardinal contava cerca de treze anos, quando, em 1837, Cérizet começou a *emprestar* no bairro, e, com o fito de infame libertinagem, começou a ter as maiores atenções para a peixeira; tirara-a da mais profunda miséria, esperando fazer de Olímpia sua amante; mas, em 1838, a rapariga abandonara a mãe, e, sem dúvida, *caíra na vida*, para empregar a expressão com que o povo pinta o abuso dos preciosos dons da natureza e da mocidade.

Procurar uma rapariga dentro de Paris é procurar agulha em palheiro; é preciso a intervenção do acaso. O acaso interveio. Para festejar uma comadre, a peixeira levava-a ao Théâtre de Bobino,^[134] e descobriu de repente, na primeira atriz, a filha desaparecida, que o primeiro cômico conservava sob seu domínio havia três anos. A princípio lisonjeada de ver a filha com um bonito vestido dourado, penteada como uma duquesa, calçando meias de seda, sapatos de cetim, e aplaudida à sua entrada, a mãe acabara gritando de sua cadeira:

— Hás de ter notícias minhas, assassina de tua própria mãe!... Vou saber se os canastrões têm o direito de levar para o mau caminho as meninas de treze anos!...

Quis esperar a filha na saída, mas a primeira atriz e o primeiro cômico tinham certamente pulado por cima da rampa, e saíram com o

grosso do público, em vez de passar pela porta dos atores, diante da qual a viúva Cardinal e a velha Mahoudeau, sua boa amiga, faziam uma barulheira infernal, acalmada, depois, por dois guardas municipais. Esses representantes da augusta instituição, diante dos quais as duas mulheres baixaram o diapasão da voz, observaram que aos dezesseis anos uma pessoa tinha idade para entrar no teatro, e que a mãe, em vez de ficar gritando contra o diretor, podia citá-lo na Justiça de Paz ou na Polícia Correccional, à sua escolha.

No dia seguinte, a sra. Cardinal estava disposta a falar com *ele*, para consultá-lo, já que *ele* trabalhava na Justiça de Paz; mas foi fulminada pelo porteiro da casa onde morava o velho Poupillier, seu tio, que, segundo o sr. Perrache, não tinha mais do que dois dias de vida, estando já nas últimas.

— Ora! E que quer o senhor que eu faça? — perguntou-lhe a viúva Cardinal.

— Contamos com a senhora, minha cara sra. Cardinal; não se esqueça de nós, que a estamos avisando no seu interesse. A coisa é essa. Nos últimos tempos, seu pobre tio não podia mais se mexer, e teve confiança em mim para receber os aluguéis de sua casa, na Rue Notre-Dame-de-Nazareth, e os juros em atraso de uma inscrição de rendas que tem no Tesouro, de mil e oitocentos francos...

A essas palavras, os olhos erradios da peixeira foram ficando fixos.

— Sim, minha cara! — continuou o sr. Perrache, porteiro baixinho e corcunda. — E já que a senhora é a única pessoa que se lembra dele, que lhe leva peixe de vez em quando, e que ia visitá-lo, talvez ele não se esqueça da senhora, e faça *deposições* em seu favor... Estes últimos tempos, minha mulher tem cuidado dele, e ficado de vigia, à noite; mas ela lhe falou da senhora, e ele não queria que lhe dissessem que está tão doente... Mas quer saber de uma coisa? É tempo de aparecer por lá. Afinal, há dois meses já que ele nem vai tratar dos negócios...

— Confesse, meu velho remendão — disse a peixeira para o corcunda, que tinha ainda o ofício de sapateiro, seguindo, em sua companhia, com uma velocidade excessiva, para a Rue Honoré-Chevalier, onde o tio morava numa mansarda sórdida —, confesse que era mais fácil uma galinha criar dente do que eu adivinhar uma coisa dessas! O quê! Meu tio Poupillier rico!... O bom mendigo da igreja de Saint-Sulpice!

— Ah! Mas ele passava muito bem de boca... — disse o porteiro. — Deitava-se todas as noites com a amiguinha, que era um garrafão de vinho de Roussillon. Minha mulher provou do vinho, mas o velho nos dizia que era vinho de seis vinténs. Era o vendedor de vinhos da Rue des Canettes quem o fornecia.

— Não conte essas coisas a ninguém — disse a viúva Cardinal —, e eu me lembrarei de vocês... se houver qualquer coisa.

Esse tal Poupillier, antigo tambor-mor da Guarda Francesa, passara para o serviço da Igreja, tornando-se porteiro em Saint-Sulpice, dois anos antes de 1789. A Revolução privou-o do cargo, e ele caiu na mais tremenda miséria, vendo-se forçado a tomar a profissão de modelo, pois gozava de um belo físico.

No renascimento do culto, voltou ao lugar de porteiro, mas foi destituído, em 1816, tanto em razão de sua imoralidade quanto por causa de sua idade avançada; passava, então, por ser septuagenário. Entretanto, como direito de aposentadoria, suportaram que ficasse à porta oferecendo água benta. Em 1820, seu privilégio despertando invejas cedeu-o contra a promessa de que o suportariam na qualidade de pobre à porta da igreja. Em 1820, portanto, rico de sessenta e cinco anos batidos, declarava a todos que tinha noventa e seis e começou o seu ofício de centenário.

Em Paris inteira, era impossível encontrar barbas e cabelos como os de Poupillier. Andava quase curvado pelo meio, apoiava-se num bastão com a mão trêmula, mão coberta de líquen que se vê sobre o granito, e estendia o clássico chapéu nojento, de abas largas e remendadas, onde caíam esmolos abundantes. As pernas, enroladas em trapos e ataduras, arrastavam dismanteladas chinelas de talagarça nas quais adaptara, por dentro, excelentes solas de crina. Salpicava o rosto com ingredientes que simulavam manchas de doenças graves e rugosidades, e fingia admiravelmente a senilidade de um centenário. Passou a ter cem anos a partir de 1825, quando na realidade contava setenta. Era o chefe dos pobres, o dono do lugar, e todos os que iam mendigar sob as arcadas da igreja, abrigados da perseguição dos agentes de polícia e protegidos pelo porteiro, pelo bedel, pelo homem que dava água benta, pelo sacristão e também pela paróquia, pagavam-lhe uma espécie de dízimo.

Quando, depois da cerimônia, um herdeiro, um noivo ou algum padrinho dizia: — “Isto é para vocês todos, e nada de brigas!”, Poupillier, designado pelo porteiro, seu sucessor, embolsava três quartos dos donativos, e dava apenas um quarto a seus acólitos, cujo tributo montava a um *sou* por dia. Em 1820, a avareza e a paixão pelo vinho foram os dois únicos sentimentos que lhe restaram; mas regulou o segundo e se entregou inteiramente ao primeiro, sem descuidar de seu conforto. Bebia à noite, depois do jantar, quando a igreja estava fechada; durante vinte anos adormeceu nos braços da embriaguez, sua derradeira amante.

De manhã, cedinho, já estava a postos, com todos os seus disfarces. Desde o amanhecer até o jantar, que ia comer em casa do famoso pai Lathouille,^[135] ilustrado por Charlet,^[136] roía crostas de pão como único alimento, e roía aquelas migalhas com arte, com uma resignação que lhe valia esmolos abundantes. O porteiro, o sacristão, com os quais

talvez se entendesse, diziam a seu respeito:

— É o pobre da igreja; conheceu o cura Langret,^[137] que foi quem construiu Saint-Sulpice; foi porteiro durante vinte anos, antes e depois da Revolução; tem cem anos.

Essa biografia restrita, conhecida pelas beatas, era o melhor de todos os cartazes, e, em Paris inteira, nenhum chapéu contava com tão grande freguesia. Comprara uma casa em 1826 e títulos de renda em 1830.

Calculando-se pelo valor de seus bens, Poupillier devia fazer seis mil francos de receita anual, colocando-os com uma usura semelhante à de Cérizet, pois o preço da casa foi de quarenta mil francos, e a renda custou quarenta e oito mil. A sobrinha, enganada pelo tio como se enganavam, também, os porteiros, os empregados da igreja e as almas devotas, julgava-o mais miserável do que ela própria, e, quando tinha algum peixe passado, levava-o de presente ao velho.

Julgou, portanto, necessário tirar partido de suas mercadorias desperdiçadas e de sua piedade por um tio que devia ter uma multidão de colaterais desconhecidos, porque ela própria era a terceira e a última das mulheres Poupillier, mas tinha quatro irmãos homens, e seu pai, carregador de carrinho de mão, falava-lhe, quando era menina, de três tias e de quatro tios que tinham seguido, todos eles, os mais extravagantes destinos.

Depois de ter ido ver o tio, apressou o passo e foi consultar Cérizet, contando-lhe como tinha tornado a encontrar a filha, e as razões, as observações, os indícios que lhe faziam crer que o tio Poupillier escondia um monte de ouro no colchão. A mulher não se julgava com forças bastantes para se apoderar da sucessão do pobre de modo legal ou ilegal, e fora desabafar com Cérizet.

O usurário dos pobres, semelhante aos trapeiros, encontrava finalmente diamantes na lama onde vinha patinando havia quatro anos, à espreita de um desses acasos que, ao que dizem, aparecem nesses bairros populares, de onde saem às vezes algumas herdeiras em tamancos. Foi por isso que se mostrou tão manso no trato com o homem que tinha jurado arruinar. Pode-se imaginar a ansiedade em que ficou, enquanto esperava pela volta da viúva Cardinal. O profundo urdidor de tramas tenebrosas ensinara à peixeira os meios de verificar as suspeitas quanto à existência do tesouro, e, na sua última frase, prometera-lhe tudo, se ela consentisse em lhe confiar o cuidado de colher aquela messe. Não era homem que recuasse diante de um crime, sobretudo vendo a possibilidade de fazer com que outro o cometesse, vindo-lhe às mãos o benefício. E compraria, então, a casa da Rue Geoffroy-Marie; via-se, finalmente, burguês de Paris, capitalista em condições de realizar bons negócios.

— Meu caro Benjamim — disse a peixeira, chegando-se a Cérizet com o rosto inflamado pela velocidade da caminhada e pela cupidez —, meu tio se deita em cima de mais de cem mil francos em ouro!... E estou certa de que os Perrache, com o pretexto de tratar dele, já *estão de olho na dinheirama...*

— Essa fortuna, dividida entre quarenta herdeiros — disse Cérizet —, não daria quase nada a cada um. Ouça aqui, mãe Cardinal: caso-me com sua filha; dê-lhe o ouro de seu tio, e eu lhe deixarei as rendas e a casa... em usufruto.

— Não corremos nenhum risco?

— Nenhum.

— Está feito! — disse a viúva. — Que boa vidinha eu vou ter com seis mil francos de rendas.

— E com um genro como eu, então! — falou Cérizet.

— Não é que vou ser burguesa de Paris! — exclamou a Cardinal.

— Agora — continuou Cérizet, após uma pausa, durante a qual sogra e genro se abraçaram — devo ir estudar o terreno. Não arrede mais o pé de lá, e anuncie aos porteiros que está à espera de um médico; eu é que vou ser o médico; não vá demonstrar que me conhece!

— Como és sabido, seu espertalhão! — admirou-se a peixeira, dando-lhe uma pancada na barriga como cumprimento de despedida.

Uma hora depois, Cérizet, vestido de preto, disfarçado por uma cabeleira ruiva e por uma fisionomia artisticamente desenhada, chegou à Rue Honoré-Chevalier em um carro da administração. Pediu que lhe indicassem o quarto de um pobre chamado Poupillier, e o porteiro-remendão, que o atendeu, lhe disse:

— O senhor é o médico que a sra. Cardinal está esperando?

E, ao sinal afirmativo de Cérizet, levou-o à escada de serviço que ia ter na mansarda ocupada pelo mendigo.

Perrache foi para a calçada, e o cocheiro, interrogado por ele, confirmou a qualidade que Cérizet se atribuía.

A casa em que Poupillier morava era uma das construções ameaçadas de perder metade de sua profundidade em virtude do plano de alinhamento, pois a Rue Honoré-Chevalier é uma das mais estreitas do Quartier Saint-Sulpice. O proprietário, impedido por lei de levantar novos andares ou de fazer consertos, via-se obrigado a alugar o pardieiro no estado em que o havia comprado. O prédio, de fachada excessivamente feia, compunha-se de um primeiro andar, coberto de mansardas acima do rés do chão, e de uma parte destacada em esquadria, de cada lado. O pátio terminava num jardim arborizado, que dependia do apartamento do primeiro andar. Esse jardim, separado do pátio por uma grade, teria permitido que um proprietário rico vendesse

a casa à Prefeitura, e construísse outra no terreno do pátio; mas não só o proprietário era pobre como ainda havia alugado todo o primeiro andar por um contrato de dezoito anos a uma personagem misteriosa, cujo segredo não pudera ser descoberto nem pela polícia oficiosa do porteiro nem pela curiosidade dos outros moradores.

Esse inquilino, que contava, então, setenta anos, fizera adaptar, em 1829, uma janela à parte destacada do edifício que dava para o jardim, a fim de poder passear ali, sem passar pelo pátio. A metade do rés do chão, à esquerda, era ocupada por um brochador que, havia já dez anos, tinha transformado a cocheira e as estrebarias em oficinas, e a outra metade por um encadernador. Cada um dos dois operários ocupava metade das mansardas que davam para a rua. As mansardas que ficavam acima de uma das partes destacadas do prédio dependiam do apartamento do inquilino misterioso. E, finalmente, Poupillier pagava cem francos pela mansarda que coroava a outra parte destacada do prédio, à esquerda. A escada que levava à mansarda do mendigo era iluminada por pequenas aberturas feitas numa parede-meia. A porta larga do pátio, feita para a entrada dos carros, oferecia um recuo circular, indispensável numa rua tão estreita que dois carros em sentido contrário não podiam passar ao mesmo tempo.

Cérizet agarrou-se à corda que servia de corrimão e começou a subir a íngreme escada que levava ao quarto onde o centenário agonizava, e onde o esperava o medonho espetáculo de uma miséria fingida.

Ora, em Paris, tudo quanto se faz de propósito, para um fim visado, alcança resultados admiráveis. Nisso, os pobres são tão fortes quanto os negociantes nos seus anúncios, quanto os falsos ricos que desejam conseguir crédito.

O chão nunca tinha sido varrido; os ladrilhos desapareciam sob uma camada de lixo, de poeira, de lama seca, de tudo o que Poupillier jogava fora. Uma estufa ordinária de ferro, com o tubo desembocando no buraco de uma lareira condenada, ornava aquele pardieiro, que tinha, ao fundo, uma cama fechada, cujos lados e dossel eram de sarja verde, transformada em renda pelas traças. A janela, quase cega, tinha nas vidraças como que uma fronha de poeira e de imundície, dispensando a necessidade de usar cortinas. Os muros caiados ofereciam ao olhar um tom fuliginoso devido ao carvão e ao barro seco e gravetos que o pobre queimava na estufa. Sobre a lareira havia um jarro rachado, duas garrafas e um prato partido. A cômoda de má qualidade, roída de cupim, continha a roupa limpa. A mobília consistia numa mesinha de cabeceira vulgar, numa mesa valendo quarenta *sous* e em duas cadeiras de cozinha quase desempalhadas. A roupa tão pitoresca do centenário estava dependurada em pregos, e as chinelas informes que lhe serviam de calçado abriam a bocarra no chão. Seu bordão prestigioso achava-se junto do chapéu, perto da cama.

Ao entrar, Cérizet olhou para o velho. Estava deitado, a cabeça recostada num travesseiro cinzento de sujeira, sem fronha, e seu perfil anguloso, igual ao que os gravadores do último século se compraziam em fazer nas paisagens de rochedos ameaçadores e que se vendem nas avenidas, desenhava-se em preto sobre o fundo verde das cortinas. Poupillier, homem que media quase seis pés de comprimento, olhava fixamente para um objeto imaginário ao pé da cama, e não se mexeu ouvindo ranger a pesada porta, armada de ferro e guarnecida de fechadura resistente, que lhe defendia solidamente o domicílio.

— Está completamente lúcido? — perguntou Cérizet, fazendo recuar a Cardinal, que só o reconheceu depois, pela voz.

— Pouco mais ou menos — respondeu ela.

— Venha até a escada; ninguém poderá escutar-nos. — O caso é o seguinte — disse Cérizet, falando ao ouvido da futura sogra —; ele parece fraco, mas está com boa cara, e temos certamente oito dias na nossa frente. Aliás, vou buscar o médico que nos serve. Volto sexta-feira com seis pés de papoula. No estado em que ele se acha, um cozimento de dormideira há de mergulhá-lo num sono profundo. Mandar-lhe-ei uma cama de armar, sob o pretexto de que, passando as noites junto a seu tio, você precisará deitar-se um pouco. Nós o transportaremos de uma cama para outra, e, quando tivermos conhecido a quantia que há nesta preciosa cama verde, não nos faltarão meios de transporte, o médico nos dirá se ele está em condições de viver alguns dias, e, principalmente, de fazer testamento.

— Meu filho!...

— Mas é preciso saber quem são os moradores deste pardieiro! Os Perrache podem dar o alarme, e podemos ter em cada inquilino um espião.

— Ora! Já sei que o sr. du Portail, inquilino do primeiro andar, um velhinho, cuida de uma louca, que, desde hoje de manhã, ouço chamar de Lídia, ela mora aqui embaixo, e é vigiada por uma velha flamenga, que tem o nome de Katt. O único criado do velhote é um outro velho, o copeiro chamado Bruno,^[138] que faz todo o serviço, exceto a cozinha.

— Mas o encadernador e o brochador! — disse Cérizet. — Isso é gente que trabalha desde manhã cedo. Vamos à pretoria; para a publicação das proclamas, preciso saber o nome de sua filha e o lugar onde nasceu, a fim de tratar dos papéis necessários. De sábado a oito dias, o casório!

— Vai de vento em popa, este patife! — disse a peixeira, empurrando pelo ombro o genro temível.

Descendo para a rua, Cérizet ficou espantado de ver o velhinho, o tal sr. du Portail, passeando no jardim como uma das pessoas mais importantes do governo, o conde marcial de la Roche-Hugon.^[139] Ficou no pátio, examinando o prédio antigo, construído no reinado de Luís

xiv, e cujos muros amarelos, embora construídos em pedras de cantaria, curvavam-se como o mendigo Poupillier. Olhava para as duas oficinas e contava os operários. A casa era silenciosa como um claustro. Sentindo-se, por sua vez, observado, Cérizet afastou-se, pensando em todas as dificuldades que apresentava a retirada da quantia escondida pelo moribundo, mesmo que ela não formasse senão um volume pequeno.

“Tirar isso durante a noite?”, pensava. “Os porteiros estão de atalaia, e, durante o dia, vinte pessoas nos verão... Dificilmente se carregam vinte e cinco mil francos de ouro consigo...”

As sociedades têm dois termos de perfeição: o primeiro é o estado de uma civilização em que a moral, difundida de modo generalizado, tira a ideia do crime, e os jesuítas chegaram a esse termo sublime, apresentado pela Igreja primitiva; segundo, o estado de uma civilização em que a vigilância que os cidadãos exercem uns sobre os outros torna o crime impossível, termo procurado pela sociedade moderna, na qual o crime oferece tais dificuldades que é preciso não raciocinar para cometê-lo. Efetivamente, nenhuma das iniquidades que a lei não atinge deixa de ser punida, e o julgamento da sociedade é ainda mais severo do que o dos tribunais. Suprimem um testamento sem testemunha, como Minoret, o chefe da posta de Nemours,^[140] e esse crime é perseguido pela espionagem da virtude como o roubo é observado pela polícia. Nenhuma falta passa despercebida, e sempre que há lesão a marca surge. Não é mais fácil fazer desaparecer os bens do que fazer desaparecer um homem, de tal forma, e principalmente em Paris, as coisas são numeradas, as casas são guardadas, as ruas vigiadas, os cargos espionados. Para existir, o delito quer uma sanção como a da Bolsa, como a que é dada pelos clientes de Cérizet, que não se queixavam e que estremeceriam se não o encontrassem mais em sua cozinha, às terças-feiras.

— E então, meu caro senhor — disse a porteira, indo ao encontro de Cérizet —, como vai passando esse amigo de Deus, esse pobre coitado?

— Eu sou o encarregado de negócios da sra. Cardinal — respondeu Cérizet. — Acabo de lhe aconselhar que mande vir uma cama para velar pelo tio, e vou enviar um tabelião, um médico e uma enfermeira.

— Ora, eu posso servir de enfermeira muito bem — respondeu a sra. Perrache. — Já tratei de mulheres durante o parto.

— Pois bem, havemos de ver, vou tratar disso... Quem é o inquilino do primeiro andar?

— É o sr. du Portail... Oh! Há trinta anos que mora aqui; é um rendeiro, meu senhor, um velhinho muito respeitável... O senhor sabe, os rendeiros são os que vivem dos rendimentos... já estive nos negócios. Há bem onze anos que ele faz tudo para devolver o juízo à filha de um de seus amigos, a srta. Lídia de la Peyrade. Oh! Ela é tão bem tratada, só o

senhor vendo, e por dois médicos de muita fama... Mas, até agora, nada pode lhe dar a luz da razão!

— Srta. Lídia de la Peyrade! — exclamou Cérizet. — Tem certeza desse nome?

— Dona Katt, a governanta, que é também quem faz a comidinha da casa, me disse isso mais de mil vezes, embora em geral, nem o “seu” Bruno, que é o criado, nem a dona Katt sejam muito conversadores. Pedir informações a esses dois... é a mesma coisa do que falar com as paredes. Há vinte anos que somos porteiros da casa, e nunca soubemos nada do sr. du Portail. Mais ainda, meu bom senhor, ele é o proprietário da casinha aqui ao lado; está vendo a porta independente? Pois ele pode sair quando entende, e receber visitas por ali, sem a gente saber de nada. Nosso proprietário não sabe mais do que nós sabemos a esse respeito; quando batem na porta independente, é o “seu” Bruno quem vai abrir...

— Assim, a senhora não viu passar o senhor com quem o velhinho misterioso está conversando agora?

— Ué... Não vi.

“É a filha do tio de Teodósio”, pensava Cérizet, subindo no seu carro. “Seria Du Portail o protetor que, em tempos idos, mandou dois mil e quinhentos francos ao meu amigo?... E se eu lhe fizesse chegar às mãos uma carta anônima, avisando-o do perigo que ameaça o advogado por causa de vinte mil francos de letras promissórias?”

Uma hora depois, chegou uma cama de armar, completa, para a sra. Cardinal, a quem a curiosa porteira ofereceu os préstimos para lhe fornecer comida.

— Quer ver um padre? — perguntou a Cardinal ao tio, que estava muito preocupado com a montagem da cama.

— Quero vinho! — respondeu o pobre. — Vinho, e não outro remédio.

— Como está se sentindo, pai Poupillier? — perguntou a porteira.

— Eu não sinto nada... — respondeu ele, sorrindo. — Há doze dias que não vou ao meu negócio...

A mendicidade religiosa, seu lugar no pórtico de Saint-Sulpice, era o que ele chamava de seu negócio.

— A consciência está lhe voltando... — disse a vendedora de peixe.

— Eles estão me roubando, estão me deixando de lado — continuou o velho, dardejando olhares ameaçadores... — Ah! Estás aí, minha pequena Cardinal, de nome de igreja...^[141]

— Ah! Que alegria ver que o senhor está recobrando as ideias! — exclamou a pequena Cardinal, que já estava perto dos quarenta anos.

O centenário recaíra na prostração.

— Não faz mal, ele vai poder fazer o testamento, como diz o meu macaco.

Em Paris, a gente do povo dá o apelido de macaco aos encarregados de negócios. Chama também assim aos empreiteiros.

— A senhora não se esquecerá de mim — disse a porteira. — Fui eu que disse a Perrache para ir chamá-la.

— Esquecer-me da senhora?! Seria o mesmo que me esquecer de Deus Nosso Senhor, minha filha... Tão certo como eu ter nascido Poupillier; do que eu tiver a senhora há de ter o que baste para lhe rasgar o avental com o peso.

À tardinha Cérizet voltou, depois de ter feito as diligências necessárias à expedição dos atos indispensáveis ao casamento, e mandado publicar os proclamas em duas pretorias. Uma única xícara de dormideira tinha mergulhado o velho Poupillier num sono profundo. A sobrinha e Cérizet ergueram o centenário e transportaram-no de uma cama para outra. Depois, com uma rapidez despudorada, desmancharam a cama verde e examinaram o colchão, esse cofre-forte dos mendigos. O colchão estava vazio; mas a cama, em vez de um enxergão, tinha um fundo de madeira, como uma gaveta, e o peso desse móvel, que de manhã a peixeira não pudera arredar, ficou explicado quando os dois herdeiros perceberam que havia um fundo falso. À custa de muito procurar, Cérizet acabou por descobrir que a travessa da frente era disfarçada por uma prancheta, adaptada como as que fecham as caixas dos jogos de dominó. Puxou a lingueta, e viu quatro gavetas de três polegadas de espessura, inteiramente cheias de ouro.

— Vamos substituir as moedas de ouro por moedas de cobre — disse ele, cutucando a viúva Cardinal.

— Quanto haverá aí?

— Noventa mil francos; há, no mínimo, trinta mil em cada gaveta. É o dote de sua filha. Mas deitemos novamente o velho na cama, porque nada é mais fácil do que explorar esta mina, já que conhecemos o segredo. E olhe que é bem engenhoso...

— Com certeza ele encontrou esse leito de avarento em algum vendedor de móveis... — exclamou a mulher.

— Vejamos se eu posso carregar mil moedas de quarenta francos — disse Cérizet, enchendo de ouro os dois bolsos das calças, onde conseguiu meter trezentas moedas, os dois bolsos do colete, onde meteu duzentas, e os dois bolsos do casaco, onde botou duzentas e cinquenta dentro de seu lenço, e duzentas e cinquenta dentro do lenço da viúva Cardinal. — Estou parecendo muito carregado? — perguntou depois, indo e vindo pelo quarto.

— Não, não parece!

— Pois bem, em quatro viagens, o ouro dessas gavetas estará em minha casa.

O velho, adormecido, foi posto novamente no leito, e Cérizet dirigiu-se à Place Saint-Sulpice, onde tomou um fiacre para voltar para casa. A

fim de não despertar suspeitas, foi pela segunda vez à casa do velho, acompanhado por um médico do Faubourg Saint-Marcel, que tinha o hábito de cuidar dos pobres e lhes conhecia as doenças; a consulta acabou às nove horas, aproximadamente. O médico declarou que o velho não duraria mais de três dias, vendo-o tão abatido pela xícara de dormideira; assim que o médico saiu, Cérizet tomou uma.....^[142]

Cérizet e a Cardinal adormecem Poupillier com um narcótico e esquadrinham-lhe o chiqueiro. Acabam por descobrir na parede um esconderijo que encerra ouro e pedras preciosas; querem dar-lhes sumiço, quando aparece Du Portail, que estava acordado. Põe a sra. Cardinal no olho da rua e, após algumas ameaças, combina com Cérizet um encontro para o dia seguinte.

Nesse encontro, Du Portail, informado por Cérizet do projeto de casamento de Teodósio de la Peyrade com Celeste Colleville, descobre por sua vez a Cérizet parte das próprias intenções relativas a Teodósio. A jovem louca a quem ele protege não é senão a filha natural de um amigo de nome Peyrade, morto há uma dezena de anos. (*A morte de Peyrade e o enlouquecimento da filha foram contados em Esplendores e misérias das cortesãs, no vol. 9.*) Poupillier, que acaba de morrer, fez testamento em favor dela. Assim, pois, a moça tornou-se rica e Du Portail deseja casá-la com Teodósio, o primo dela, na esperança de que o casamento e a maternidade lhe hão de restituir a razão. (*Essa suposição é baseada num pronunciamento de Bianchon, o famoso médico, ver Esplendores e misérias das cortesãs, vol. 9.*) É preciso pois impedir a qualquer preço o casamento de Teodósio com Celeste. Cérizet consente em entrar na conspiração e vai propor o negócio a Teodósio. Este recusa, persiste em seus projetos relativos aos Thuillier e, para cortar de vez todas as relações com seus antigos cúmplices, liquida sua dívida com Dutocq.

SEGUNDA PARTE

Apesar deste primeiro fracasso, Du Portail não se dá por vencido e todos os seus esforços tenderão, de agora em diante, a pôr La Peyrade de mal com os Thuillier, e a apertar em volta de Teodósio o cerco de sua investida

Uma certa sra. Torna, condessa de Godollo, húngara de modos fidalgos (*personagem nova introduzida por Charles Rabou*), tornou-se amiga íntima da srta. Thuillier, em cuja casa manda e desmanda; usa de toda a sua influência sobre os Thuillier para contrariar os projetos de Teodósio e favorecer as pretensões de Félix Phellion à mão de Celeste Colleville. Mas o prazo concedido por Thuillier a Celeste para escolher entre seus dois pretendentes vai terminar; a sra. de Godollo tenta um último esforço em favor de Félix: num sarau dado pela srta. Thuillier, depois de ter elogiado vivamente o jovem sábio, anuncia de boa fonte que este se encontra no caminho da conversão. Sobrevém o próprio Félix, que desmente com nobreza, sem tardar, essa fraude generosa. Exasperada por semelhante candura, a sra. de Godollo declara a Teodósio que passa para o seu campo.

Entretanto, é publicado o trabalho que Teodósio escreveu para Thuillier sobre *O imposto e a amortização*. Imediatamente, intenta-se ao autor um processo por delito de imprensa, excitação ao ódio e ao desprezo do governo. Alarmado, Thuillier responsabiliza La Peyrade e rompe com ele. Na realidade, o processo representa um golpe da condessa de Godollo, que persuade Teodósio de o ter suscitado unicamente por amor a ele. Crédulo e seduzido, Teodósio corre a completar o rompimento com os Thuillier e volta à casa da sra. de Godollo para receber a recompensa. Ela, porém, desapareceu: voltou para a Hungria. Poucos dias depois, numa carta a Teodósio, confessa que toda a sua conduta foi uma maquinação organizada por Du Portail, por conta de quem ela agiu, e convida La Peyrade a vê-lo o mais cedo possível.

De raiva e desespero, Teodósio adoece gravemente. Vem a saber, além disso, que, por denúncia de Du Portail, será convocado pelo Conselho da Ordem dos Advogados para dar explicações sobre a compra da casa do bulevar da Madeleine.

Mal se restabelece, aparece Lousteau (*jornalista, personagem de A comédia humana, protagonista de A musa do departamento, comparsa de vários outros romances*) para lhe propor que sugira a Thuillier a compra de um pequeno jornal, *O Eco da Bièvre*, que será muito útil para sustentar a candidatura deste último à deputação. As circunstâncias parecem favorecer La Peyrade mais uma vez: Thuillier compra o jornal e

nomeia diretor a Teodósio, a quem promete solenemente a mão de Celeste, e Teodósio toma como gerente o “corajoso Cérizet”. Esta última combinação convém às mil maravilhas a Du Portail, por instigação de quem Cérizet faz crer a Thuillier que Teodósio, vendido à polícia, tinha, de caso pensado, introduzido propositadamente no trabalho de Thuillier frases suscetíveis de levá-lo ao Tribunal Criminal. La Peyrade demora a justificar-se e a expulsar Cérizet. Afinal, seu casamento com Celeste é resolvido e marca-se a noite do contrato.

Essa noite, porém, não passa sem alerta. Primeiro que tudo, vem-se a saber que Félix Phellion, o jovem astrônomo (*Balzac o fizera apenas matemático*) descobriu uma nova estrela e que, num relatório à Academia das Ciências, generosamente se despojou desse título de glória para atribuí-lo a seu velho mestre, o sr. Picot (*mais uma personagem inventada por Rabou*), a quem há anos sustenta com a sua afeição e a sua bolsa. Entretanto, o tabelião encarregado do contrato não quer aparecer: acaba de fugir com as importâncias que lhe foram confiadas. Então, Félix, que foi, pelo seu belo descobrimento, nomeado cavaleiro da Legião de Honra, anuncia a intenção de estudar as verdades religiosas.

A essa notícia, a doce sra. Thuillier tenta opor-se, na medida de suas forças, à conclusão do matrimônio de Celeste com Teodósio. A família Thuillier-Colleville está em polvorosa. Brígida Thuillier apronta as malas... Teodósio tenta uma *démarche* pessoal junto a Celeste, a quem demonstra hipocritamente que deve sacrificar suas preferências sentimentais à vontade da srta. Thuillier e, sobretudo, à tranquilidade da madrinha. Celeste resigna-se a desposá-lo.

Desta vez, Du Portail vê a necessidade de agir pessoalmente: vai ter com Thuillier, a quem revela toda a personalidade de La Peyrade. Thuillier apressa-se em retirar a sua palavra e manda Teodósio pedir explicações ao próprio Du Portail. Este explica a La Peyrade o segredo de seu procedimento e os seus projetos em relação a ele: os antecedentes duvidosos de Teodósio, suas dúvidas, seus compromissos com pessoas equívocas que o tem em seu poder, as trapaças em que tomou parte e que o fizeram riscar da Ordem dos Advogados, tudo isso o impede de casar-se no mundo burguês; não lhe resta outro modo de fazer carreira senão desposando a protegida de Du Portail, que é a própria prima dele, Teodósio — Lídia, filha do famoso policial Peyrade. Ela é bonita e rica, o casamento há de restituir-lhe a saúde. Por fim, Du Portail revela a própria personalidade: ele é Corentin, “o prefeito da polícia oculta da diplomacia”, “o maior policial dos tempos modernos”, como o designa o autor de um verbete da *Biografia de personagens vivas*; reserva a própria sucessão a Teodósio. Este acaba por aceitar.

Enquanto Thuillier, em consequência das manobras de Du Portail e La Peyrade, é vencido nas eleições para deputado, Félix Phellion obtém,

finalmente, a mão de Celeste Colleville.

**O AVESSE DA
HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA**

TRADUÇÃO DE CÍLIA DE OLIVEIRA

INTRODUÇÃO

O avesso da história contemporânea (em francês: *L'Envers de l'Histoire Contemporaine*) é o último livro de Balzac.

Em vez da habitual nota introdutiva, assinada pelo organizador da edição, os leitores encontrarão aqui um estudo biobibliográfico de Marcel Bouteron (1877-1962) consagrado a esse romance, cedido especialmente para esta edição. Nem podia faltar o nome do ilustre balzaquista numa edição moderna de *A comédia humana*. Marcel Bouteron não é apenas o organizador das duas melhores edições de Balzac (a de Conard, anotada, feita em colaboração com Henri Longnon, e a da Pléiade), o diretor dos *Cahiers Balzaciens* (coleção de inéditos de Balzac), o antigo conservador da Coleção Spoelberch de Lovenjoul (que contém inúmeros manuscritos e provas corrigidas do romancista), o anônimo editor dos volumes III e IV das *Cartas à estrangeira*, o autor de inúmeros artigos de erudição sobre a obra balzaquiana; é também o colaborador de quase todos aqueles que nos últimos quarenta anos estudaram e analisaram *A comédia humana*, aos quais, com a modéstia de um verdadeiro mestre e segundo as melhores tradições de cortesia francesa, sempre franqueou não somente o tesouro das coleções confiadas a sua guarda, mas ainda o de seus opulentos arquivos e de seus inesgotáveis conhecimentos sobre Balzac. O organizador da presente edição é um de seus discípulos gratos, e faz questão de consignar a sua saudade a seu mestre.

Não aguardem de Marcel Bouteron um estudo crítico de *O avesso da história contemporânea*. Não é unicamente a natureza afetiva do seu longo contato com a obra balzaquiana que o impede de assumir para com esta uma atitude crítica, é também toda a tendência de seu espírito, semelhante ao do visconde Spoelberch de Lovenjoul, que o leva a restringir-se ao exame dos fatos bibliográficos e à verificação do material biográfico, obra muitas vezes de paciência beneditina, mas sem a qual não poderia haver história literária, e cujo desconhecimento reduziria a crítica a externar impressões meramente subjetivas.

Não que esse romance de Balzac não provocasse as manifestações da crítica. Veremos, pela exposição de Bouteron, quantas vezes Balzac, que desejava dar nele uma imagem oposta à dos *bas-fonds* morais de Paris (a qual lhe atraía acusações de imoralidade), interrompeu o trabalho, desistindo ante a dificuldade que representava um romance de intriga com santos como intrigantes. Os críticos, talvez enternecidos pela trágica e prematura interrupção de *A comédia humana* que a leitura da última obra do escritor fatalmente evoca, talvez comovidos pela

intenção de Balzac e encantados de rever o historiador das corrupções parisienses transformado em apologista da caridade cristã, costumam elogiar entre os grandes romances da maturidade esse livro desigual, embora nele o leitor facilmente surpreenda alguns defeitos das primeiras obras — grandes concessões ao romantismo, caracteres excessivamente simplificados, estrutura fragmentada — agravados pela presença constante da tendência moralizadora. Sente-se nele o cansaço e o esgotamento, não a ponto, porém, de apagarem todas as qualidades do romancista, sobretudo a capacidade de criar atmosferas e a atenção constantemente voltada para o conjunto de seu mundo complexo, ansiosa de completar-lhe as falhas e de ligar-lhe as regiões.

PAULO RÓNAI

BALZAC E “OS IRMÃOS DA CONSOLAÇÃO”
POR MARCEL BOUTERON
(Especialmente cedido para a presente edição)

Os Irmãos da Consolação, tal foi o título primitivo dado por Balzac, em 1841, a esse evangelho da caridade que ele chamou, em 1846, *O avesso da história contemporânea* e cuja última parte, *O iniciado*, só publicou em 1848, dois anos antes de morrer. Quais foram, de 1841 a 1848, de sua concepção à sua conclusão, as atribulações dessa obra, e, em primeiro lugar, qual foi o seu destino, é o que tentarei reconstruir resumidamente.

Em 1844, no prefácio de *Esplendores e misérias das cortesãs*, lançando um olhar para *A comédia humana*, três quartos da qual estavam prontos, Balzac escrevia: “Para completar as Cenas da vida parisiense, o autor tem ainda de retratar o Palácio da Justiça, o mundo do teatro e o mundo dos sábios, pois o mundo político pertence à série das Cenas da vida política. Isso feito, haverá pouca coisa esquecida, pois o autor prepara, como contrapeso e como oposição, uma obra onde se verá a ação da virtude, da religião e da beneficência, no coração desta corrupção das capitais, e é uma obra ao mesmo tempo tão longa e difícil que logo fará três anos que nela trabalha sem poder terminá-la. As *maldades de um santo* e *A baronesa de la Chanterie* são dois fragmentos extraídos dessa obra, formidável de virtudes, e onde todos poderão avaliar as misérias medonhas sobre as quais repousa a civilização parisiense. Iniciando as Cenas da vida parisiense pela *História dos Treze*, o autor tinha o firme propósito de terminá-las pela mesma ideia, a da associação feita em proveito da caridade como a outra em proveito do prazer”.

Essa história da caridade parisiense, essa obra ao mesmo tempo tão longa e difícil na qual Balzac trabalhava havia três anos é *Os Irmãos da Consolação*. A sua ideia aparece pela primeira vez numa carta de Balzac, datada de 30 de setembro de 1841 e endereçada à sua amiga a sra. Hanska, a Estrangeira: “Deus”, escreve ele, “me devia esta alegria misturada com lágrimas que me causou vossa carta, e sem isso talvez eu não tivesse podido realizar a nova proeza deste mês, pois é necessário que eu dê um rival a *O médico rural* e que para ter vinte mil francos do prêmio Montyon, em 1842, escreva neste mês *Os Irmãos da Consolação*”. O mês de outubro passou, terminou o ano de 1841, mas *Os Irmãos da Consolação* não vieram a lume e os vinte mil francos do prêmio Montyon não vieram aliviar a dívida esmagadora do romancista que, em

1842, montava a duzentos e três mil francos ouro.

Aliás, como todo o mundo sabe, a Academia Francesa, no tempo de Luís Felipe, foi sempre muito reticente em relação ao ilustre candidato, e já em 1843, precisamente por ocasião do concurso Montyon, ela havia preferido, sem grande hesitação, a *O médico rural*, *O pequeno corcunda* e *A família do tamanqueiro*, romances morais da srta. Ulliac-Trémadeure. Começa, portanto, o ano de 1842; os meses passam; Balzac está cada vez mais sobrecarregado de trabalho e de cuidados, pois cumpre-lhe fazer o seguinte: corrigir — refazendo com frequência passagens inteiras — as provas da edição completa de suas obras, *A comédia humana*, empreendida por quatro livreiros, associados para a circunstância, e ilustrada pelos melhores artistas do seu tempo, por exemplo, Daumier, Gavarni, Monnier, Tony Johannot; publicar em folhetim de *La Presse* suas obras: *Memórias de duas jovens esposas*, depois *Um conchego de solteirão*; em *Le Siècle*: *Alberto Savarus*; em *La Législature*: *O perigo das mistificações* (*Uma estreia na vida*), depois um estudo sobre *A China e os chineses*; redigir o prefácio de *A comédia humana*, magistral manifesto de suas teorias literárias e sociais, verdadeira carta de marear do romance moderno; compor artigos de fantasia e humor para as coleções em voga: a *Monografia da imprensa parisiense* para *A grande cidade*, *Os amores de dois bichos* para *Os animais pintados por eles mesmos*, *Tony sem cuidado* para *O livro das crianças*; enfim, fazer representar, no Odéon, um drama histórico sobre a invenção do navio a vapor, *Os recursos de Quinola*.

Prodigiosa atividade de um gênio cuja vastidão abrange todos os domínios do espírito! E além desse trabalho de titã, o peso das dívidas, a cotidiana preocupação com os credores, as angústias de família, as ansiedades amorosas. A liquidação de seu chalé de Jardies forçou-o a deixar Ville-d'Avray; refugia-se em Passy, Rue Basse 1^{er} (atualmente Rue Raynouard, 47), com um nome falso, sr. de Brugnol, tomado de empréstimo à sua governanta e criada principal, Luísa Breugniot, uma intrigante do Morvan que ele nobilitou. E se o nome, célebre em toda a Europa, do sr. de Balzac figura no anuário de Bottin, nenhum endereço o acompanha. Acrescentai a todas estas misérias o desgaste físico e o desconforto da sua toca, um pavilhão sem sobrado, coberto de zinco, onde gela no inverno e onde abrsa no verão, esquentado no teto pelo sol, aquecido no assoalho pelos fornos de uma lavanderia. Somente a noite traz-lhe horas de paz em que, vestido no seu branco roupão, se recolhe, pedindo palavras ao silêncio, ideias à noite. Um imbecil disse-lhe um dia: “Mas por que trabalha sempre à noite?”. “Porque, senhor, as horas do dia não me bastam”, respondeu-lhe Balzac.

No meio do turbilhão de trabalhos e da confusão do ano de 1842, a ideia de seu romance sobre a caridade não gorou, e nós nos inteiramos de que, a 19 de maio, Balzac se comprometeu a dar ao *Musée des*

Familles um primeiro fragmento — que ainda não está feito — de *Os Irmãos da Consolação*, fragmento que se chamará *As maldades de um santo*. Em 25 de agosto anuncia que empreendeu o trabalho; com efeito Balzac publica *As maldades de um santo* em setembro no *Musée des Familles* e, pensando numa possível candidatura, não mais num prêmio, mas numa poltrona acadêmica, confia à sua amiga, a sra. Hanska: “Se ganho todo o prêmio Montyon, se a obra que quero fazer para ganhá-lo obtém o sucesso que desejo, estarei numa posição melhor”. Pobre Balzac!

Mas é preciso continuar e terminar esses *Irmãos da Consolação*; ao primeiro fragmento, *As maldades*, deve suceder um segundo, *A sra. de la Chanterie*, previsto para 1843. Desde o começo do ano, o *Musée des Familles* reclama o prometido, mas inutilmente, pois os meses se sucederão tão tumultuosos como os do ano precedente: continuação da edição completa de *A comédia humana*; folhetins para os jornais; *Diné Piedefer* (*A musa do departamento*) para *Le Messenger*; *David Séchard* (terceira parte das *Ilusões perdidas*) para *L'État*; *Esther* (*Esplendores e misérias das cortesãs*) para *Le Parisien*, sem esquecer as argutas páginas sobre as guerras de religião, que servem de prefácio ao romance intitulado *Sobre Catarina de Médicis*; sem omitir tampouco uma nova tentativa e uma nova derrota dramática: *Pamela Giraud*.

Não obstante esse excesso de trabalho, Balzac não perde de vista *Os Irmãos da Consolação*, cuja segunda parte, *A sra. de la Chanterie*, pelo menos seu primeiro fragmento, aparece em setembro de 1843 no *Musée des Familles*, ornado com sete ilustrações feitas por um artista de renome, Jean Gigoux, homem robusto, de bigodes de viking, natural do Franco Condado, que mais tarde representará um papel na vida póstuma de Balzac, ao lado da sra. Hanska. Precisamente quando surge *A sra. de la Chanterie*, Balzac encontra-se ao lado da sua Estrangeira, em São Petersburgo, onde passou dois meses, do fim de julho ao fim de setembro, com o objetivo de recomeçar o assédio da nobre condessa, agora viúva, e que ele deseja desposar.

Começa o ano de 1844; é preciso terminar o segundo fragmento de *A sra. de la Chanterie* e entregá-lo imediatamente. Com efeito, lemos no caderno de notas de Balzac: “a realizar em 1844... para o tomo IV da Vida parisiense (tomo XII da classificação geral), *Os Irmãos da Consolação*”, visto que, na edição das obras completas, aproxima-se a vez da Vida parisiense. Mas quantas outras tarefas rudes acabrunham o infeliz forçado das letras! Émile de Girardin atormenta para obter *Os camponeses*, prometidos à *La Presse* desde vários anos... e já pago; é preciso atender o *Journal des Débats* dando-lhe *Modesta Mignon*, *La Presse* entregando-lhe *Gaudissart II*, *Le Messenger* entregando-lhe *Os pequenos manejos de uma mulher virtuosa* (*Beatriz*); e escrever à pressa para *O diabo em Paris*, nova coleção ilustrada, alguns brilhantes artigos

sobre a sra. la Ressource, que negocia em objetos de toucador, ou sobre os bulevares de Paris, por exemplo, artigos que Balzac utilizará mais tarde, quer em *Os comediantes sem o saberem* quer em *Os pequeno-burgueses*.

Naturalmente, as preocupações de amor e dinheiro são tão prementes em 1844 como antes, e a elas juntar-se-ão as preocupações com a saúde: no mês de outubro, Balzac sofre atrozes nevralgias e trabalha em *Os camponeses* com a cabeça amarelada de ópio. Entretanto, *Os Irmãos da Consolação* obterão, apesar de tudo, em 1844, o seu lugar, um lugarzinho, mas com um atraso de um e dois meses, pois o fim de *A sra. de la Chanterie* aparecerá no *Musée des Familles*, não no número de setembro como nos dois anos anteriores, mas nos de outubro e novembro.

Vem em seguida um ano vazio, 1845, inutilizado pelo amor. Nesse ano, tanto *Os Irmãos da Consolação* como outras obras ficaram em descanso. Desde que reviu e reconquistou sua Estrangeira, Balzac só tem um desejo: revê-la ainda, revê-la à saciedade, desposá-la. Tudo cede ante esse desejo frenético. Ela deixou a Rússia e viaja pela Alemanha: Balzac abandona tudo para unir-se a ela e nos últimos cinco anos da sua vida passará quase todo o seu tempo com ela, pelas estradas. Ela faz-se acompanhar de sua filha e do noivo de sua filha, conde Georges Mnischev; Balzac reunir-se-á ao trio e os quatro percorrerão juntos a Alemanha, a Bélgica, a Holanda, a Suíça, a Itália, a França. Dão a si próprios o nome de “os Saltimbancos” como recordação da peça de Dumersan que fazia Balzac rir tanto: a sra. Hanska é Atala; Ana, Zefirina; Georges, Gringalet; e Balzac, o jovial Bilboquet, chefe da troupe. A vida literária do romancista, já demasiado gasta, extenuado ele próprio de trabalho, acha-se de resto quase terminada, e as duas sombrias obras-primas de *Os parentes pobres*, *A prima Bete* e *O primo Pons* coroarão *A comédia humana* como duas grandes chamas de fumo escuro turbilhonando por cima de um imenso braseiro moribundo. Durante os últimos anos de sua vida, pensará apenas na sua amiga da Ucrânia, e preparará para recebê-la, na Rue Fortunée, Faubourg du Roule, o antigo palacete Beaujon onde espera enfim abrigar sua felicidade, mas onde só entrará para morrer. À medida que passam os dias, concentrará suas atenções tanto na sua bem-amada como na filha e no genro dela. Em *A prima Bete* introduzirá alusões só deles compreendidas. Recordai-vos, em *A prima Bete*, da refeição das loureiras no Rocher de Cancale, onde uma das personagens do romance é tratada de magnífica *catoxantha*? Certamente haveis perguntado a vós mesmos com surpresa o que vinha fazer ali aquele nome de coleóptero. A resposta é muito simples: no momento em que Balzac compunha *A prima Bete*, andava à procura desse famoso *catoxantha*, o *Catoxantha bicolor*, para a coleção entomológica do genro da sra. Hanska.

De 1845 a 1850, Balzac está, portanto, completamente absorvido pelas suas viagens e amores; contudo *Os Irmãos da Consolação* continuam a preocupá-lo. Em 1845, preparando o tomo XII das suas obras, que deverá conter o fim das Cenas da vida parisiense, e estando desprovido de originais e sem imaginação, decide-se a utilizar os fragmentos de *Os Irmãos da Consolação* que já publicou no *Musée des Familles*. O amor domina-lhe o coração, e lhe aniquila o espírito: “Não penso senão em ti”, escreve à sra. Hanska; “não posso fazer nada; o espírito já não está presente. Acabo de tomar uma decisão para remediar essa pequena desgraça: vou terminar o volume de *A comédia humana* que está parado, o décimo segundo, com *A sra. de la Chanterie*. Isso me dispensa de fazer sete folhas que valem nove mil francos”.

Insere então no tomo XII, que aparece em 1846, *A sra. de la Chanterie*, mas com um novo título: *O avesso da história contemporânea*, primeira parte, e com uma rubrica: Cenas da vida política. Por que essa troca de Cena parisiense por Cena política? Provavelmente por interesses de livraria, para estofar por esse artifício as Cenas da vida política, que davam um volume delgado demais, e remediar assim, provisoriamente, sua magreza. Mas, segundo testemunham seus cadernos de notas, o romancista pretendia, numa edição definitiva da sua obra — interrompida pela morte — após ter, pela composição de novos romances, dado às Cenas da vida política toda a largueza necessária, restituir a *Os Irmãos da Consolação* seu verdadeiro título e seu verdadeiro lugar.

Nunca Balzac teve muito escrúpulo de mudar os títulos de seus livros, e em 1847 não hesitou, para dar ao leitor a ilusão de uma obra fresca, em reeditar *O avesso da história contemporânea*, primeira parte, em volumes separados, com o título de *A mulher de sessenta anos*. Terminada essa primeira parte de *Os Irmãos da Consolação*, tratava-se de compor a segunda, que resistia obstinadamente aos esforços de Balzac. “Sabe”, escrevia em 1846 ao jornalista Hippolyte Castille, “que decorreram cinco anos de meditações sobre a obra destinada a mostrar a caridade, a religião agindo sobre Paris à maneira de *O médico rural* sobre o seu cantão? Pois bem, eu recuo há cinco anos diante das imensas dificuldades literárias por vencer.” Essas dificuldades ele já as havia experimentado compondo *César Birotteau*, e as indica expressamente na mesma carta: “Conservei”, escreve, “César Birotteau durante seis anos em estado de esboço, desesperando de poder jamais fazer alguém interessar-se pela figura dum lojista bastante estúpido, bastante medíocre, que simboliza aquilo de que zombamos muito, o pequeno comércio parisiense”.

Mas de súbito, sob o golpe da sua própria desgraça, falido e ameaçado de prisão, Balzac concebeu as peripécias que podiam tornar interessante, patético, o seu tolo perfumista: arremessou-o na mais

dramática das falências. Essa súbita iluminação que Balzac recebera em 1837 para pôr em relevo a ridícula figura de Birotteau e tornar sublime sua probidade, recebeu-a ele em 1847 para tornar brilhante a obscura caridade da sra. de la Chanterie.

Na primeira parte do romance cuja heroína é a sra. de la Chanterie, Balzac utilizara para apresentá-la um episódio bem conhecido da história judiciária do Primeiro Império, o caso dos *chauffeurs* de Mortagne, em que estiveram implicadas uma sra. de Combray e sua filha, a sra. Acquet de Férolles. A sra. Combray, inocente, foi contudo encarcerada; sua filha, a sra. Acquet de Férolles, culpada, foi guilhotinada. Esta história, tratada por Balzac à maneira do *Rob Roy* de Walter Scott, não é outra senão a do *Tournebut* de Lenôtre, tão elogiosamente comentada por Albert Sorel em suas *Páginas normandas*; mas, no romance de Balzac, a sra. de Combray chama-se sra. de la Chanterie, e a sra. Acquet de Férolles chama-se sra. Bryond des Tours-Minières. Passadas as suas horríveis desgraças, a sra. de la Chanterie, posta em liberdade por Luís XVIII, retira-se do mundo e se consagra à caridade. Agrupou em torno de si na Rue Chanoinesse, numa espécie de caridoso Port-Royal, antigos companheiros de provas que formam com ela a Ordem dos Irmãos da Consolação. Esta associação pia, observemo-lo de passagem, foi provavelmente inspirada a Balzac pela então recente criação de Ozanam, os Confrades de São Vicente de Paulo. Um dia, em 1836, a Providência envia à sra. de la Chanterie um novo irmão, Godofredo, que, desiludido das suas ambições mundanas, descobre de repente, graças à santa mulher, a mais alta das virtudes sociais, a caridade cristã, e anseia por se consagrar a ela.

Assim, os preliminares do romance são lançados no primeiro episódio, narrativa das tribulações que, pelo caminho real da cruz, pela leitura e pela prática cotidiana da *Imitação de Cristo*, conduziram ao Deus do amor e do sacrifício a sra. de la Chanterie e seus companheiros. O segundo episódio procura mostrar-nos a obra dos Irmãos da Consolação e chamar a nossa atenção para os humildes atos da sua caridade, como em *César Birotteau* o autor procurou chamar a nossa atenção para a existência vulgar dum perfumista cujo único mérito consistia em sua irrepreensível probidade.

De 1844 (fim da composição do primeiro episódio) até 1847 (começo da composição do segundo) a vida de Balzac foi tão cheia de trabalhos e viagens que não lhe deixou lazer para recolhimento. Mas em 1847 esse lazer lhe será concedido: conseguiu evadir-se do seu inferno parisiense, e repousa entre os seus amigos, a sra. Hanska, sua filha Ana, seu genro Georges, na Ucrânia, no castelo de Wierzchownia: “Ocupo um delicioso apartamento”, escreve à sua irmã, “composto de um salão, de um gabinete e de um quarto para dormir; o gabinete é em estuque rosa, com uma chaminé, tapetes soberbos e móveis cômodos; as janelas são

todas de vidro sem aço, de modo que vejo a paisagem de todos os lados. Isso pode fazer-te imaginar o que é esse Louvre de Wierzchownia, onde há cinco ou seis apartamentos desse gênero”.

No meio dessa paisagem ucraniana, desse luxo oriental, amimado pela sua família polonesa, tratado pelo dr. Knothe, o médico do castelo, é que Balzac, nesse intervalo de paz, dedicar-se-á à segunda parte de *Os Irmãos da Consolação: O iniciado*. Veio-lhe afinal a inspiração: para dramatizar a ação de suas personagens, imagina que a família socorrida por um dos irmãos, Godofredo, o novo iniciado, família caída no último grau da miséria, é a família do procurador imperial Bourlac, a família daquele mesmo que fez aprisionar a sra. de la Chanterie num infame calabouço e fez rolar a cabeça de sua filha. E, para levar ao máximo a emoção do leitor, Balzac fere a filha única e muito amada de Bourlac duma horrível enfermidade que a torna um cadáver vivo: Vanda, vítima inocente, expia pelos seus indizíveis sofrimentos os indizíveis sofrimentos da inocente vítima de seu pai, a sra. de la Chanterie. Depois de nos haver conduzido a um bairro sinistro e à infecta morada da Rue de Notre-Dame-des-Champs, e depois de nos haver feito assistir a todos os passos caridosos do iniciado no mundo da miséria, Balzac conclui seu romance com um golpe teatral: a sra. de la Chanterie descobre subitamente a identidade daquele que Godofredo socorre, e, num sublime transporte de caridade, perdoa o que foi seu implacável carrasco.

Assim foi imaginada e composta por Balzac, durante o mês de dezembro de 1847, num castelo polonês do governo de Kiev, entre amigos poloneses, a segunda e última parte de *Os Irmãos da Consolação*; e isso nos explica por que nela abundam tantos detalhes poloneses; o barão Bourlac é casado com uma polonesa, filha do coronel Tarlowski; o vizinho do alojamento do médico do iniciado é o general polonês Roman Tarnowicki, Roman como o lendário herói polonês, o príncipe Roman Sanguszkó, celebrado por Conrad, e como o príncipe Roman do *General Durakin*, da Condessa de Ségur; a filha do barão Bourlac usa o prenome polonês Vanda; as dissertações médicas do médico judeu polonês Halpersohn provêm em linha reta das conversações com o médico de Wierzchownia, o dr. Knothe. A enfermidade de Vanda é uma enfermidade polonesa; e eu não juraria que o suntuoso quarto de dormir de Vanda, com seu pesado reposteiro em tapeçaria de renda de fundo amarelo e com folhagem extravagante, suas paredes cobertas de seda amarela, suas jardineiras, não fosse descrito segundo o mobiliário do castelo da sra. Hanska.

Esta última parte de *Os Irmãos da Consolação*, terminada em dezembro de 1847, dois meses antes da revolução de fevereiro, aparece com o título de *O iniciado* em folhetins do *Spectateur Républicain*, de 1º de agosto a 3 de setembro de 1848, e foi a última obra, o testamento do

grande romancista.

Possa a simples exposição que acabo de fazer chamar a vossa atenção para essa obra verdadeiramente evangélica, glorificação da mais alta das virtudes sociais — a caridade. “Há”, escrevia Balzac, “um sentimento superior a todos os outros, um amor de alma a alma, que se assemelha a essas flores tão raras, nascidas sobre os picos mais elevados da terra, e do qual apenas um ou dois exemplos são oferecidos à humanidade de século em século; pelo qual muitas vezes amantes se uniram; e que os devotamentos fiéis e as leis ordinárias do mundo não conseguem explicar. É um devotamento sem nenhuma decepção, sem desavença, sem vaidade, sem lutas e até sem contraste, tão igualmente confundidas ficam as naturezas morais!”

E Balzac conclui: “Esse sentimento imenso e infinito nasce da caridade católica”.

Tradução de Bernardo Gersen.

O AVESSE DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

PRIMEIRO EPISÓDIO

A SRA. DE LA CHANTERIE

I — UM ASPECTO DE PARIS

Em 1836, numa bela tarde do mês de setembro, um homem de cerca de trinta anos estava apoiado no parapeito do cais de onde se pode ver ao mesmo tempo o Sena, para cima, desde o Jardin des Plantes até Notre-Dame, e para baixo a vasta perspectiva do rio até o Louvre. Não há na capital das ideias dois panoramas como esse. É como se estivéssemos na popa desse navio gigantesco. Ali sonha-se Paris, desde os romanos até os francos, desde os normandos até os borguinhões, a Idade Média, os Valois, Henrique IV e Luís XIV, Napoleão e Luís Felipe. Dali, todas essas denominações apresentam alguns vestígios ou monumentos que os fazem aflorar à nossa memória. Sainte-Geneviève cobre o Quartier Latin com sua cúpula. Atrás de nós ergue-se o magnífico adro posterior da catedral. O Hôtel de Ville^[1] fala-nos de todas as revoluções, e o Hôtel-Dieu^[2] de todas as misérias de Paris. Depois de se entreverem os esplendores do Louvre, dando dois passos podem-se ver os frangalhos de uma ignóbil enfiada de casas, situadas entre o Quai de la Tournelle e o Hôtel-Dieu, que os modernos fiscais tratam, neste momento, de fazer desaparecer.

Em 1835, esse maravilhoso quadro continha mais um ensinamento: entre o parisiense apoiado no parapeito e a catedral, o Terrain, tal é o velho nome desse lugar deserto, estava ainda atravancado com as ruínas do arcebispado. Quando dali se contemplam tantos aspectos inspiradores, quando a alma abarca tanto o passado como o presente da cidade de Paris, a Religião parece alojada ali como que para estender suas duas mãos sobre as dores de uma e outra margem, ir do Faubourg Saint-Antoine ao Faubourg Saint-Marceau. Esperemos que essa abundância de sublimes harmonias seja completada pela construção de um palácio episcopal no estilo gótico, que substituirá as edificações sem caráter situadas entre o Terrain, a Rue d'Arcole, a catedral e o Quai de la Cité.^[3]

Esse ponto, coração da antiga Paris, é o lugar mais solitário e mais melancólico da cidade. As águas do Sena ali se vão esbater com grande ruído; a catedral recobre-o com suas sombras ao pôr do sol. Compreende-se que, nesse lugar, num homem atacado de alguma doença moral, graves pensamentos se agitem. O passeante, seduzido

talvez pelo acordo entre suas ideias do momento e as que nascem do aspecto de cenas tão diversas, permanecia com as mãos sobre o parapeito, absorto numa dupla contemplação: Paris e ele! As sombras adensavam-se, as luzes acendiam-se ao longe, e ele ficava, porque arrastado pela corrente de uma dessas meditações pejadas de nosso futuro e que o passado torna solenes.

II — UM ACASO

Nesse momento, ouviu que se dirigiam para seu lado duas pessoas cujas vozes chegaram até ele vindas da ponte de pedra que liga a Île de la Cité ao Quai de la Tournelle. Essas duas pessoas, provavelmente, julgavam-se sós, e falavam um pouco mais alto do que o fariam em lugares frequentados, ou se tivessem percebido a presença de um estranho. Desde a ponte, as vozes indicavam uma discussão que, por algumas palavras chegadas ao ouvido da testemunha involuntária dessa cena, referiam-se a um empréstimo de dinheiro. Ao chegar perto do passeante, uma das duas pessoas, trajando como um operário, afastou-se da outra por um movimento de desespero. A outra voltou-se, chamou o operário e disse-lhe:

— Você não tem um vintém para tornar a atravessar a ponte. Tome — acrescentou dando-lhe uma moeda —, e lembre-se, meu amigo, que é o próprio Deus quem nos fala quando nos ocorrem bons pensamentos!

Essa última frase fez o cismador estremecer. O homem que assim falava não suspeitava que, por empregar uma expressão proverbial, de uma cajadada matava dois coelhos, que se dirigia a duas misérias: uma indústria em estado de desespero e os sofrimentos de uma alma sem bússola; uma vítima daquilo que os carneiros de Panúrgio^[4] chamam Progresso e uma vítima daquilo que a França denomina Igualdade. Aquela frase, simples em si mesma, foi grande pelo acento de quem a proferia, e cuja voz possuía como um feitiço. Pois não existem vozes calmas, suaves, em harmonia com os efeitos que a visão do ultramar produz em nós?

Pelo hábito, o parisiense reconheceu um padre, e viu, aos últimos clarões do crepúsculo, um rosto branco, augusto, porém devastado. A vista de um padre saindo da bela catedral de Santo Estêvão, em Viena, para ir levar a extrema-unção a um moribundo, levou o célebre autor trágico Werner^[5] a tornar-se católico. Quase o mesmo aconteceu ao parisiense, quando viu o homem que, sem o saber, acabava de o consolar; entreviu no horizonte ameaçador de seu futuro uma longa esteira luminosa, na qual brilhava o azul do éter, e seguiu aquela claridade, como os pastores do Evangelho seguiram na direção da voz que lhes bradava do alto: “O Salvador acaba de nascer”. O homem da

palavra benfazeja caminhava ao longo da catedral e dirigia-se, por obra do acaso, que por vezes é consequente, em direção à rua da qual vinha o passeante e para onde regressava, movido pelos erros da sua vida.

III — SIMPLES HISTÓRIA

Aquele passeante chamava-se Godofredo. Ao ler-se esta história, compreender-se-ão os motivos que nos obrigam a empregar somente os prenomes daqueles de quem se vai tratar. Eis, pois, a razão pela qual Godofredo, que residia no Faubourg de la Chaussée-d'Antin, achava-se a tais horas no adro posterior de Notre-Dame.

Filho de um varejista que, graças à economia, fizera uma espécie de fortuna, ele se tornou toda a ambição do pai e da mãe, que sonharam vê-lo tabelião em Paris. Por isso, desde a idade de sete anos foi colocado numa instituição, a do padre Liautard,^[6] entre os filhos de muitas famílias distintas, que, no reinado do imperador, por apego à religião excessivamente descurada nos liceus, haviam escolhido aquela casa para a educação dos seus rebentos. As desigualdades sociais não podiam nesse período ser suspeitadas entre companheiros; mas, em 1821, terminado seu curso, Godofredo, que foi colocado no cartório de um tabelião, não tardou a perceber a distância que o separava daqueles com quem até então vivera tão familiarmente.

Obrigado a fazer seu curso de direito, viu-se perdido na multidão dos filhos da burguesia, os quais, sem fortuna feita nem distinções hereditárias, tudo deviam conquistar pelo valor pessoal ou pelo próprio esforço obstinado. As esperanças que seus pais, então retirados do comércio, alicerçavam sobre sua cabeça estimularam-lhe o amor-próprio sem lhe despertar o orgulho. Eles viviam simplesmente, à moda holandesa, não gastando senão a quarta parte dos seus doze mil francos de renda; destinavam suas economias, bem como a metade de seu capital, à compra de um cargo para o filho. Submetido às leis dessa economia doméstica, Godofredo achava sua situação presente tão desproporcionada com os sonhos de seus pais e os dele próprio, que se sentiu desanimado. Nas naturezas fracas o desânimo torna-se inveja. Ao passo que outros, para quem a necessidade, a vontade e a reflexão faziam as vezes do talento, marchavam em linha reta e resolutamente pela senda traçada às ambições burguesas, Godofredo revoltou-se, quis brilhar, dirigiu-se para todos os lugares iluminados, e seus olhos foram aí feridos. Tentou triunfar; todos os seus esforços, porém, redundaram na verificação de sua impotência. Ao dar-se conta, finalmente, da falta de equilíbrio entre os seus desejos e a sua fortuna, pôs-se a odiar as supremacias sociais, fez-se liberal e tentou alcançar a celebridade por meio de um livro; aprendeu, porém, à sua própria custa, a encarar o Talento com os mesmos olhos com que encarava a Necessidade. Tendo

abordado sucessivamente, sem êxito, o Tabelionato, a Advocacia e a Literatura, quis ser magistrado.

Nesse momento seu pai morreu. A mãe, cuja velhice pôde contentar-se com dois mil francos de renda, entregou-lhe quase toda a fortuna. Possuidor, aos vinte e cinco anos, de dez mil francos de renda, julgou-se rico, e de fato o era, relativamente ao seu passado. Até então sua vida fora constituída por atos sem vontade e desejos impotentes; e, para marchar com seu século, para agir, para representar um papel, tentou penetrar num mundo qualquer por meio de sua fortuna. Achou, de começo, o jornalismo, que sempre abre os braços ao primeiro capital que aparece. Ser proprietário de um jornal é tornar-se uma personagem: explora-se a inteligência, participa-se dos seus prazeres sem participar de seus trabalhos. Nada é mais tentador para espíritos inferiores do que elevar-se assim pelo talento de outros. Paris conheceu dois ou três triunfadores dessa espécie, cujo êxito é uma vergonha quer para a época, quer para aqueles que lhes emprestaram os ombros.

IV — DESENLACE DE MUITAS EXISTÊNCIAS

Nessa esfera, Godofredo foi relegado pelo grosseiro maquiavelismo de alguns ou pela prodigalidade de outros, pela fortuna de capitalistas ambiciosos ou pelo espírito dos redatores; ademais, foi arrastado para as dissipações a que dão lugar a vida literária ou política, os manejos da crítica nos bastidores, e para as distrações necessárias às inteligências intensamente ocupadas. Frequentou então más companhias; fizeram-lhe saber, porém, que ele tinha uma aparência insignificante, que um de seus ombros era mais alto do que o outro, sem que essa desigualdade fosse compensada nem pela maldade nem pela bondade de seu espírito. Os maus modos são o salário que os artistas recebem ao dizer a verdade.

Pequeno, mal talhado, sem espírito e sem orientação firme, tudo parecia terminado para um rapaz, numa época em que, para ter êxito em qualquer carreira, a reunião das mais altas qualidades do espírito nada significa sem a sorte, ou sem a tenacidade que se impõe à sorte.

A Revolução de 1830 curou as feridas de Godofredo; ele teve a coragem da esperança, que vale tanto como a do desespero: conseguiu ser nomeado, como tantos outros jornalistas obscuros, para um posto administrativo, no qual suas ideias liberais, em luta com as exigências de um poder recente, o tornaram um instrumento rebelde. Imbuído de liberalismo, não soube conformar-se, como vários homens superiores fizeram. Obedecer aos ministros, para ele, era mudar de opinião. De resto, o governo se lhe afigurou desatender às leis de sua origem. Godofredo manifestou-se pelo *Movimento*, quando o caso era de *Resistência*,^[7] e voltou para Paris quase pobre, mas fiel às doutrinas da

oposição.

Assustado com os excessos da imprensa, mais assustado ainda pelos atentados do partido republicano, buscou no retiro a única vida que convinha para um ser cujas faculdades eram incompletas, sem forças para opor à rude agitação da vida política, cujos sofrimentos e lutas não projetavam nenhum brilho, fatigado com os seus fracassos; sem amigos, porque a amizade exige qualidades ou defeitos salientes, mas possuindo uma sensibilidade mais sonhadora do que profunda. Não era essa a resolução que devia tomar um rapaz a quem o prazer já por várias vezes ludibriara, e já envelhecido pelo contato com uma sociedade tão agitante quanto agitada?

V — O MAL DO SÉCULO

Sua mãe, que deperecia na tranquila aldeia de Auteuil, chamou o filho para seu lado, tanto para tê-lo junto a si como para pô-lo num caminho em que ele encontrasse a felicidade uniforme e simples que deve satisfazer semelhantes almas. Por fim julgara Godofredo, ao ver a fortuna dele, aos vinte e oito anos, reduzida a quatro mil francos de renda, seus desejos abatidos, suas pretensas capacidades extintas, sua atividade nula, sua ambição humilhada e seu ódio contra tudo o que se elevava legitimamente, acrescido de todos os seus dissabores. Tentou casar Godofredo com uma jovem, filha única de negociantes retirados, e que podia servir de tutor à alma doente do filho; o pai da moça, porém, tinha esse espírito calculista que não abandona um velho comerciante nas estipulações matrimoniais, e após um ano de atenções e intimidade Godofredo não foi aceito. Antes de mais nada, aos olhos daqueles burgueses tacanhos, tal pretendente devia ter conservado de sua antiga carreira uma profunda imoralidade; e depois, durante esse ano, ele ainda desfalcara seu capital, tanto para deslumbrar os pais como para agradar à filha. Essa vaidade, aliás muito perdoável, determinou a recusa da família, que tinha horror à dissipação, desde que soubera que Godofredo, em seis anos, perdera cento e cinquenta mil francos do seu capital.

Esse golpe feriu tanto mais fundamente aquele coração já tão machucado, por não ser a jovem bonita. Aconselhado, porém, por sua mãe, Godofredo reconheceu na sua pretendida o valor de uma alma séria e as imensas vantagens de um espírito sólido; habituara-se ao rosto, estudara a fisionomia, gostava da voz, dos modos, do olhar daquela moça. Depois de ter posto nessa inclinação a última parada de sua vida, ele sofreu o mais amargo desespero. Sua mãe morreu, e ele viu-se, ele cujas necessidades acompanhavam os movimentos do luxo, com cinco mil francos de renda como única fortuna, e com a certeza de jamais poder reparar uma perda qualquer, reconhecendo-se incapaz na

atividade que exige esta expressão terrível: *fazer fortuna!*

A fraqueza impaciente e tristonha não consente em se dissipar subitamente. Por isso, durante o luto, Godofredo buscou acasos em Paris: jantava em mesas de pensão, fazia relações inconsideradamente com estranhos, frequentava a sociedade e encontrava somente oportunidades de gastos. Ao passear pelos bulevares, sofria tanto intimamente, que a vista de uma mãe acompanhada por uma filha casadoura causava-lhe uma sensação tão dolorosa como a que ele experimentava ante o aspecto de um rapaz que se dirigisse a cavalo para o Bois de Boulogne^[8] ou de um vitorioso na sua elegante carruagem, e mesmo o de um funcionário condecorado. O sentimento de sua impotência dizia-lhe não poder ele pretender nem à mais honrosa das posições secundárias nem ao mais fácil destino: e ele tinha coração bastante para sentir-se constantemente ferido, espírito bastante para fazer em si mesmo elegias cheias de fel.

Incapaz de lutar contra as coisas, tendo o sentimento das faculdades superiores, mas sem a vontade que as põe em ação, sentindo-se incompleto, sem forças para empreender alguma coisa grande, como também sem resistência contra os gostos que devia à sua vida anterior, à sua educação ou à sua despreocupação, estava sendo devorado por três doenças, uma só das quais bastaria para desgostar da existência um rapaz alheado à fé religiosa. Por isso Godofredo apresentava esse semblante que se encontra em tantos homens e que se tornou o tipo parisiense: nele se veem ambições desfeitas ou mortas, uma miséria interior, um ódio adormecido na indolência de uma vida bastante cheia pelo espetáculo exterior e diário de Paris, uma inapetência que busca irritações, o queixume sem talento, a caricatura da força, o veneno das decepções anteriores que incita a sorrir de qualquer zombaria, a vilipendiar tudo o que se eleva, a negar os mais necessários poderes, a alegrar-se com as atrapalhações deles, e a não se ater a nenhuma forma social. Esse mal parisiense é para a conspiração ativa e permanente das pessoas de energia o que o alburno é para a seiva da árvore: conserva-a, ampara-a e dissimula-a.

VI — PARA GRANDES MALES, GRANDES REMÉDIOS

Cansado de si próprio, Godofredo, numa manhã, quis dar um sentido à sua vida, ao encontrar um dos seus colegas, que fora a tartaruga da fábula de La Fontaine,^[9] como ele fora a lebre. Numa dessas conversações provocadas por um encontro entre amigos de colégio e sustentadas num passeio ao sol, no Boulevard des Italiens, ele ficou aterrorizado por ver inteiramente vencedor aquele que, dotado, na aparência, de menos condições, de menos fortuna do que ele, pusera-se a querer todas as manhãs o que havia querido na véspera. O doente

resolveu então imitar essa simplicidade de ação.

— A vida social é como a terra — dissera-lhe seu camarada —; ela nos dá na medida do nosso esforço.

Godofredo já se havia endividado. Como primeiro castigo, como primeiro trabalho, ele se impôs a obrigação de viver retraído e pagar sua dívida com a sua renda. Para um homem acostumado a gastar seis mil francos quando dispunha apenas de cinco, não era fácil empresa o reduzir-se a viver com dois mil. Leu todas as manhãs os *Pequenos anúncios*, esperando encontrar neles um asilo onde pudesse fixar suas despesas, e onde pudesse gozar da solidão necessária para um homem que queria concentrar-se em si próprio, examinar-se, dar-se uma vocação. Os hábitos das pensões burguesas do Quartier Latin chocaram sua delicadeza, as casas de saúde pareceram-lhe malsãs, e ia recair nas fatais irresoluções das pessoas sem vontade, quando foi atraído pelo seguinte anúncio:

Pequeno apartamento por setenta francos mensais, podendo servir para um eclesiástico. Exige-se um locatário tranquilo; pode-se fornecer refeições e mobiliar o apartamento a preços módicos, em caso de conveniência mútua.

Dirigir-se à Rue Chanoinesse, perto de Notre-Dame, ao sr. Millet, merceeiro, o qual dará todas as informações desejadas.

Seduzido pela bonomia oculta sob essa redação e pelo perfume de burguesia que dela se exalava, Godofredo fora por volta das quatro horas à casa do merceeiro, o qual lhe disse que a sra. de la Chanterie estava jantando naquele momento e não atendia a ninguém durante suas refeições. Essa dama era visível à noite depois das sete horas, ou pela manhã entre dez horas e meio-dia. Enquanto falava, o sr. Millet examinava Godofredo e o submetia, segundo a expressão dos magistrados, a um primeiro grau de investigação.

— O senhor é solteiro? A senhora queria uma pessoa de hábitos metódicos; a porta era fechada, no máximo, às onze horas. O senhor — disse ele, em conclusão — parece-me ter, de resto, idade que possa convir à sra. de la Chanterie.

— Que idade me dá? — perguntou Godofredo.

— Deve andar beirando os quarenta anos — respondeu o merceeiro.

Essa ingênua resposta atirou Godofredo num acesso de misantropia e de tristeza; foi jantar ao Quai de la Tournelle, e voltou a contemplar Notre-Dame no momento em que os raios do sol poente jorravam fracionando-se nos numerosos arcobotantes da abside. O cais nesses instantes está na sombra enquanto as torres brilham cercadas de luz, e esse contraste impressionou Godofredo, entregue a todos os amargores que a cruel ingenuidade do merceeiro agitara.

Esse rapaz flutuava, pois, entre os conselhos do desespero e a voz tocante das harmonias religiosas, desencadeadas pelo sino da catedral, quando, por entre as sombras, dentro do silêncio, ao clarão da lua, ele ouviu a frase do padre. Embora pouco devoto, como a maioria dos filhos deste século, sua sensibilidade comoveu-se com aquelas palavras, e ele voltou à Rue Chanoinesse, onde já não queria ir.

O padre e Godofredo ficaram tão admirados, um quanto o outro, de entrar na Rue Massillon, que fronteira a pequena porta norte da catedral, de juntos dobrarem para tomar a Rue Chanoinesse, no lugar onde, na direção da Rue de la Colombe, ela termina por tomar o nome de Rue des Marmousets. Quando Godofredo se deteve sob o pórtico abobadado da casa em que residia a sra. de la Chanterie, o padre voltou-se para ele, examinando-o à luz de um candeeiro da iluminação pública, que será sem dúvida um dos últimos a desaparecer no coração da velha Paris.

— O senhor vem ver a sra. de la Chanterie? — perguntou o padre.

— Sim — respondeu Godofredo. — As palavras que acabo de ouvir o senhor dizer àquele operário provaram-me que esta casa, se mora nela, deve ser salutar para a alma.

— Foi então testemunha da minha derrota? — disse o padre levantando a aldraba. — Porque nada consegui.

— Parece-me antes que foi o operário, porque ele lhe pedia dinheiro de modo bastante enérgico.

— Infelizmente — respondeu o padre —, uma das maiores desgraças das revoluções na França é que cada uma delas é um novo impulso dado à ambição das classes inferiores. Para sair da sua categoria, para alcançar a fortuna, considerada hoje como sendo a única garantia social, esse operário entrega-se a essas combinações monstruosas que, se não têm êxito, terão de levar o especulador a prestar contas à justiça humana. Eis o que resulta às vezes de se fazer um favor.

O porteiro abriu uma pesada porta, e o padre disse a Godofredo:

— O senhor vem talvez pelo pequeno apartamento?

— Sim, senhor.

VIII — A SRA. DE LA CHANTERIE

O padre e Godofredo atravessaram então um pátio bastante amplo, em cujo fundo desenhava-se em negro uma casa alta tendo ao lado uma torre quadrada, mais alta ainda do que os telhados e de notável vetustez. Quem quer que conheça a história de Paris sabe que o solo se elevou de tal forma em frente e em torno à catedral que não existem mais vestígios dos doze degraus pelos quais antigamente se subia para ela. Hoje, a base das colunas do átrio está no mesmo nível que o chão. Portanto, o andar térreo daquela casa deve formar hoje duas adegas.

Existe uma escada exterior de alguns degraus à entrada daquela torre, na qual sobe em espiral uma velha escada de caracol, ao longo de uma árvore esculpida em forma de vide. Esse estilo, que lembra o das escadas do rei Luís XII no castelo de Blois, remonta ao século XIV. Impressionado pelos mil sintomas de antiguidade, Godofredo não pôde deixar de dizer, sorrindo, ao padre:

— Essa torre não data de ontem.

— Dizem que ela sustentou o ataque dos normandos e teria sido parte de um primeiro palácio dos reis de Paris; segundo as tradições, porém, é mais certo que ela tivesse sido a residência do famoso cônego Fulbert,^[10] tio de Heloísa.

Ao terminar essas palavras, o padre abriu a porta do apartamento que parecia ser o rés do chão, e que, quer sobre o primeiro, quer sobre o segundo pátio, pois existe um pequeno pátio interior, está no primeiro andar.

Nessa primeira peça trabalhava, à luz de uma pequena lâmpada, uma criada toucada com uma coifa de cambraia de canudos engomados como único ornamento; ela enfiou uma das suas agulhas nos cabelos e conservou na mão o tricô, ao mesmo tempo que se levantava para abrir a porta de um salão iluminado, que dava para o pátio interior. O vestuário dessa mulher lembrava o das Irmãs Cinzentas.^[11]

— Senhora, trago-lhe um locatário — disse o padre, introduzindo Godofredo nessa peça, na qual ele viu três personagens sentadas em poltronas junto à sra. de la Chanterie.

As três personagens ergueram-se, a dona da casa levantou-se; depois, quando o padre avançou uma poltrona para Godofredo, o futuro inquilino se sentou a um gesto da sra. de la Chanterie acompanhado da velha fórmula: “*Seyez-vous, monsieur*”.^[12] O parisiense julgou-se a uma enorme distância de Paris, na baixa Bretanha ou no fundo do Canadá.

O silêncio talvez tenha seus graus. Talvez Godofredo, já impressionado pelo silêncio das ruas Massillon e Chanoinesse, por onde não passam dois carros num mês, impressionado pelo silêncio do pátio e da torre, se tivesse sentido como que dentro do coração do silêncio, naquele salão protegido por tantas ruas antigas, pátios antigos e antigas muralhas.

Essa parte da ilha,^[13] conhecida por Cloître, conservou o caráter comum a todos os claustros; parece úmida, fria e permanece no mais profundo silêncio monástico nas horas mais ruidosas do dia. De resto, é preciso notar que toda esta parte da Cité, apertada entre o flanco de Notre-Dame e o rio, está ao norte da catedral.

Os ventos de leste aí penetram sem encontrar obstáculos, e os nevoeiros do Sena são de algum modo retidos pelas negras paredes da velha igreja metropolitana.

Assim, pois, ninguém se admirará do sentimento que Godofredo experimentou ao comparecer àquele velho interior, diante de quatro pessoas silenciosas e tão solenes quanto as próprias coisas. Não olhou em torno de si, devido à curiosidade que lhe inspirava a sra. de la Chanterie, cujo nome já o intrigara.

Essa dama era evidentemente uma criatura do outro século, para não dizer do outro mundo. Tinha um semblante dulçoroso, de tonalidades esbatidas e frias, um nariz aquilino, uma fronte toda suavidade, olhos castanhos, um duplo queixo: tudo isso enquadrado por cachos de cabelos prateados. Ao seu vestido não era possível dar outro nome que não o de bainha, de tal modo era ele apertado segundo a moda do século XVIII. A fazenda, de seda cor carmelita,^[14] de longas listras verdes finas e numerosas, parecia ser também da mesma época. O corpete, talhado em corpo de saia, ocultava-se sob uma mantilha de seda encarnada sem brilho e presa na cintura por um alfinete com miniatura. Os pés, metidos em borzeguins de veludo preto, repousavam sobre uma pequena almofada. Do mesmo modo que sua criada, a sra. de la Chanterie estava fazendo meias de ponto de lã, e tinha sob sua coifa de rendas uma agulha metida nos seus cachos frisados.

— Falou com o sr. Millet? — perguntou ela a Godofredo com aquela voz de cabeça peculiar às matronas do Faubourg Saint-Germain, ao vê-lo quase atônito, e para fazê-lo falar.

— Sim, senhora.

— Receio que o apartamento não lhe convenha — disse ela ao notar o vestuário elegante, novo e impecável do seu futuro locatário.

Godofredo trazia botinas de verniz, luvas amarelas, valiosos botões de camisa e uma bonita corrente de relógio que passava por uma das casas do colete de seda preta com flores azuis.

IX — UMA CELA DE CARTUXO

A sra. de la Chanterie tirou de um dos bolsos um pequeno apito de prata e apitou. A criada entrou.

— Manon, mostre o apartamento a este senhor. Quer ter a bondade, caro vigário, de o acompanhar? — disse ela dirigindo-se ao padre. — Se por acaso — acrescentou levantando-se outra vez e olhando para Godofredo — o apartamento lhe agradar, poderemos tratar das condições.

Godofredo saudou e saiu. Ouviu o barulho de ferragens causado pelas chaves que Manon tirava de uma gaveta, e viu-a acender a vela de um grande castiçal de cobre amarelo. Manon foi na frente sem dizer uma palavra.

Quando Godofredo se viu novamente na escada, subindo para os andares superiores, não acreditou estar na vida real; sonhava acordado,

via o mundo fantástico dos romances que lera nas suas horas de tédio. Todo parisiense escapado como ele dos bairros modernos, do luxo das casas e das mobílias, do esplendor dos restaurantes e dos teatros, do movimento do coração de Paris, teria partilhado sua opinião. O castiçal que a criada levava iluminava fracamente a velha escada em caracol, na qual as aranhas haviam estendido seus drapejamentos cheios de poeira. Manon vestia uma vasquinha de amplas pregas de burel grosso; sua blusa era quadrada nas costas como na frente e todo o vestuário movia-se como uma única peça. Tendo chegado ao terceiro andar, o qual passava por ser o segundo, Manon parou, fez mover as molas de uma fechadura antiga e abriu uma porta pintada de cor acaju espinhoso, grosseiramente imitada.

— Aqui está — disse ela entrando na frente.

Teria sido um avaro, ou um pintor falecido por indigência, ou um cínico para quem o mundo era indiferente, ou então um religioso desprendido do mundo quem habitara aquele apartamento? Podia-se fazer essa quádrupla pergunta ao sentir-se ali o cheiro da miséria, ao ver manchas gordurosas nos papéis recobertos por uma tisna de fumaça, os tetos enegrecidos, as janelas de pequenos vidros poeirentos, os ladrilhos do chão escurecidos, o forro de madeira untado com uma espécie de pintura viscosa. Um frio úmido caía pela chaminé de pedra esculpida e pintada, e cujos espelhos tinham aparadores do século xvii. O apartamento era em esquadria como a casa que enquadrava o pátio interior, que Godofredo não pôde ver de noite.

— Quem morou aqui? — perguntou Godofredo ao padre.

— Um antigo conselheiro junto ao Parlamento, tio-avô dessa senhora, um senhor de Boisfrelon. Caduco desde a Revolução, esse ancião morreu em 1832, aos noventa e seis anos, e ela não se pôde resolver a pôr aqui em seguida um estranho; mas não lhe é possível suportar mais uma perda de rendimento...

— Oh! A patroa mandará limpar o apartamento e o mobiliário de modo a satisfazer o senhor — acrescentou Manon.

— Isso dependerá do acordo que fizerem — disse o padre. — Pode-se tirar daí um bonito locutório, um quarto de dormir grande e um gabinete, e além disso as duas saletas que dão para o pátio podem constituir uma bela sala de trabalho. É essa a disposição do meu apartamento, que fica abaixo deste, e do que fica por cima.

— Sim — disse Manon —, o apartamento do sr. Alain é exatamente como o seu, tendo a mais, somente, vista para a torre.

— Creio que seria preciso ver o apartamento e a casa de dia — disse Godofredo timidamente.

— É possível — disse Manon.

O padre e Godofredo desceram, deixando a criada fechando as portas, a qual logo após se lhes reuniu para iluminar-lhes o caminho.

Ao voltar para o salão, Godofredo, já então aguerrido, pôde, enquanto conversava com a sra. de la Chanterie, examinar os seres, as pessoas e as coisas.

Aquele salão tinha nas janelas cortinas de velha lampa encarnada com lambrequins, presas por cordões de seda. O azulejo vermelho cercava um tapete de antiga tapeçaria pequeno demais para cobrir todo o assoalho. A madeira do forro era pintada de cinzento. O teto, separado em duas partes por uma viga mestra que partia da lareira, parecia uma concessão tardia feita ao luxo. As poltronas, de madeira pintada de branco, eram forradas de tapeçarias. Um relógio mesquinho, entre dois candelabros de cobre dourado, ornava o pano da lareira. A sra. de la Chanterie tinha junto dela uma velha mesa de pés de gazela em cima da qual estavam seus romances de lã, num cesto de vime. Uma lâmpada hidrostática iluminava a cena.

Os três homens, sentados, fixos, imóveis e silenciosos como bonzos, tinham, evidentemente, assim como a sra. de la Chanterie, cessado a conversação ao perceber a volta do estranho. Todos tinham a fisionomia fria e discreta, em harmonia com o salão, com a casa e com o bairro.

A sra. de la Chanterie concordou com a justeza das observações de Godofredo e respondeu-lhe que nada queria fazer antes de conhecer as intenções de seu locatário, ou, melhor dito, do seu pensionista. Se o locatário se conformasse com os hábitos da casa, deveria tornar-se seu pensionista, e esses hábitos diferiam tanto dos de Paris... Na Rue Chanoinesse viviam como na província; habitualmente, deviam recolher-se às dez horas; odiavam o ruído; não queriam nem mulheres, nem crianças, para em nada perturbar os hábitos adquiridos. Somente um eclesiástico podia adaptar-se a esse regime. A sra. de la Chanterie desejava, sobretudo, uma pessoa de vida modesta e sem exigências; não podia pôr no apartamento mais do que o estritamente necessário. O sr. Alain (designou um dos quatro presentes) estava, aliás, contente, e ela faria para seu novo locatário o mesmo que para os antigos.

— Não creio — disse então o padre — que este senhor esteja disposto a vir meter-se no nosso convento.

— E por que não? — disse o Sr. Alain. — Nós aqui estamos e não nos sentimos mal.

— Minha senhora — disse Godofredo, erguendo-se —, terei a honra de voltar a vê-la amanhã.

Embora ele fosse um rapaz moço, os quatro velhos e a sra. de la Chanterie levantaram-se, e o vigário reconduziu-o à escada exterior. Ouviu-se um apito. A esse sinal veio o porteiro armado de uma lanterna, o qual se encarregou de Godofredo e o guiou até a saída tornando a

fechar sobre ele o enorme portão amarelado, pesado como o de uma prisão e decorado de fechaduras com arabescos que remontavam a uma época difícil de determinar.

XI — A CASA MONGENOD

Quando Godofredo se instalou num cabriolé e rodou para as regiões vivas, iluminadas e quentes de Paris, tudo o que acabara de ver afigurou-se-lhe um sonho, e suas impressões, quando se pôs a passear pelo Boulevard des Italiens, tinham já a perspectiva da recordação. A si mesmo perguntou:

— Será que amanhã terno a encontrar essa gente?

No dia seguinte, ao levantar-se entre as decorações do luxo moderno e os requintes do conforto inglês, Godofredo recordou todos os pormenores da sua visita ao claustro de Notre-Dame e voltou a encontrar no seu espírito o sentido das coisas que vira. Os três desconhecidos, cujo vestuário, atitude e silêncio ainda atuavam sobre ele, deviam ser pensionistas, bem como o padre. A solenidade da sra. de la Chanterie pareceu-lhe provir da dignidade secreta com a qual suportava grandes desgraças. Mas, apesar das explicações que a si mesmo dava, Godofredo não podia deixar de ver um ar de mistério naquelas figuras discretas. Com o olhar escolhia dentre os seus móveis os que deviam ser conservados, os que lhe eram indispensáveis; mas, transportando-os pela imaginação para o horrível apartamento da Rue Chanoinesse, pôs-se a rir do contraste que eles lá fariam e resolveu vender tudo para saldar assim parte de suas dívidas e deixar que a sra. de la Chanterie lhe mobiliasse os aposentos. Precisava de nova vida, e os objetos que lhe pudessem lembrar sua antiga situação não seriam agradáveis de ver. No seu desejo de transformação, pois era um desses caracteres que vão do primeiro salto muito longe numa situação, em vez de irem passo a passo como outros, assaltou-o uma ideia, enquanto almoçava: pôr em dia sua fortuna, pagar suas dívidas e colocar o que sobrasse dos seus capitais na casa bancária com a qual seu pai tivera relações.

Essa casa era a Casa Mongenod e Cia., estabelecida em Paris desde 1816 ou 1817, e cuja reputação de probidade jamais recebera o menor arranhão por entre a depravação comercial que, mais ou menos, atacava certas casas de Paris.

Mesmo apesar de sua imensa riqueza, as casas Nucingen, Du Tillet, Keller Irmãos, Palma e Cia.^[15] são maculadas por um menosprezo secreto, ou, se quiserem, que só se manifesta de boca a ouvido. Meios horríveis tinham dado tão bons resultados, os sucessos políticos, os princípios dinásticos recobriam tão bem origens sujas, que ninguém, em 1834, pensava mais no lodo em que mergulham as raízes dessas

árvores majestosas, sustentáculos do Estado. Não obstante, não havia um desses banqueiros para quem o elogio da Casa Mongenod não fosse uma ferida.

A exemplo dos banqueiros ingleses, a Casa Mongenod não exhibe nenhum luxo exterior, vive num silêncio profundo; contenta-se em fazer seus negócios com uma prudência, um bom-senso, uma lealdade que lhe permitem operar com segurança de uma extremidade à outra do mundo.

O chefe atual, Frederico Mongenod, é cunhado do visconde de Fontaine. Assim, pois, essa família numerosa é aparentada pelo barão de Fontaine^[16] com o sr. Grossetête, recebedor-geral, irmão dos Grossetête e Cia. de Limoges; com os Vandenesse,^[17] com Planat de Baudry,^[18] outro recebedor-geral. Esse parentesco, depois de haver trazido ao falecido Mongenod pai grandes vantagens nas operações financeiras durante a Restauração, obtivera-lhe a confiança das primeiras casas da velha nobreza, cujos capitais e imensas economias iam para aquele banco. Longe de ambicionar o pariatto como os Keller, os Nucingen e os Du Tillet, os Mongenod mantinham-se afastados da política e dela sabiam apenas o que uma casa bancária deve saber.

A Casa Mongenod está instalada num magnífico palácio entre pátio e jardim na Rue de la Victoire, onde residem a sra. Mongenod, a mãe, e os dois filhos, sendo os três associados. A viscondessa de Fontaine fora reembolsada por ocasião da morte do velho Mongenod, em 1827. Frederico Mongenod, belo rapaz de cerca de trinta e cinco anos, de aspecto frio, silencioso, concentrado como um genovês, asseado como um inglês, adquirira junto ao pai todas as qualidades necessárias na sua difícil profissão. Mais instruído do que um banqueiro geralmente é, sua educação englobara a universalidade dos conhecimentos que constituem o curso politécnico; entretanto, como muitos banqueiros, ele tinha uma predileção, um gosto alheio ao seu comércio: gostava da mecânica e da química. O mais moço dos Mongenod, com dez anos menos do que Frederico, achava-se no gabinete de seu irmão mais velho, na qualidade de um primeiro ajudante no cartório de um tabelião, ou de seu procurador; Frederico o estava formando, como ele próprio fora formado pelo pai, em todas as ciências do verdadeiro banqueiro, o qual é para o dinheiro o que o escritor é para as ideias: quer um, quer outro, precisam saber tudo.

XII — ENCONTRO SINGULAR

Ao dizer seu nome de família, Godofredo verificou o grau de estima de que gozava seu pai, porquanto pôde atravessar os escritórios e chegar ao gabinete de Mongenod. Esse gabinete fechava-se apenas com portas de vidro, de modo que, apesar de seu desejo de não ouvir, Godofredo

escutou a conversação que nele se mantinha.

— Senhora, sua conta ascende a um milhão e seiscentos mil francos tanto no crédito como no débito — dizia o jovem Mongenod —; não sei quais são as intenções de meu irmão, e somente ele poderá saber se um adiantamento de cem mil francos é possível... A senhora foi pouco prudente... Não se confia uma quantia dessas ao comércio.

— Não fales tão alto, Luís! — disse uma voz de mulher. — Teu irmão recomendou-te que falasses sempre em voz baixa, pois pode haver alguém no pequeno salão ao lado.

Frederico Mongenod abriu, nesse momento, a porta de comunicação entre os seus aposentos e o gabinete, viu Godofredo e atravessou aquela peça saudando respeitosamente a pessoa com quem seu irmão estava falando.

— Com quem tenho a honra?... — disse ele a Godofredo, a quem fizera passar em primeiro lugar.

Assim que Godofredo disse seu nome, Frederico o fez sentar-se, e, enquanto o banqueiro abria sua secretária, Luís Mongenod e uma dama, que não era outra senão a sra. de la Chanterie, levantaram-se dirigindo-se para Frederico.

Os três puseram-se no vão de uma janela e falavam em voz baixa com a sra. Mongenod, mãe dos rapazes, à qual sempre comunicavam os negócios. Há trinta anos que essa mulher dava, quer ao marido quer aos filhos, provas de capacidade que faziam dela um sócio-gerente, pois assinava os papéis.

Godofredo viu num cartapácio documentos com a etiqueta *Negócios de la Chanterie*, com os números de um a sete.

Quando se concluiu a conferência por uma palavra do banqueiro ao irmão: “Pois bem, vai à caixa”, a sra. de la Chanterie voltou-se, viu Godofredo, conteve um gesto de surpresa e fez em voz baixa algumas perguntas a Mongenod, o qual respondeu com poucas palavras, também em voz baixa.

A sra. de la Chanterie calçava sapatinhos de seda preta e meias de seda gris; trazia o vestido da véspera e estava envolta numa *haute veneziana*, espécie de mantilha que tornava a estar na moda. Cobria-lhe a cabeça uma capota de seda verde, denominada *à la bonne femme*, e forrada de seda branca. Seu rosto estava enquadrado por tufos de rendas. Mantinha-se ereta e numa atitude que revelava, se não uma alta origem, pelo menos os hábitos de uma vida aristocrática. Não fosse sua excessiva afabilidade, ela pareceria um pouco arrogante... Enfim, era imponente.

— É menos um acaso do que um desígnio da Providência que aqui nos reúne, senhor — disse ela a Godofredo —, porquanto eu estava quase decidida a recusar um pensionista cujos hábitos pareciam-me contrários aos de minha casa; o sr. Mongenod, porém, acaba de me dar

informações sobre sua família, que me...

— Pois senhora... senhor — disse Godofredo dirigindo-se ao mesmo tempo à sra. de la Chanterie e ao banqueiro —, não tenho mais família, e vinha pedir um conselho financeiro ao antigo banqueiro de meu pai, para adaptar minha fortuna a um novo gênero de vida...

Godofredo em poucas palavras relatou sua história e disse do seu desejo de mudar de vida.

— Outrora — disse ele —, um homem na minha situação se teria tornado monge; mas não temos mais ordens religiosas...

— Vá para a casa da sra. de la Chanterie, se ela está disposta a aceitá-lo como pensionista — disse Frederico Mongenod, após ter trocado um olhar com a sra. de la Chanterie —, e não venda seus títulos de renda, deixe-os comigo. Dê-me a relação exata de suas dívidas; estabelecerei épocas de pagamento com os seus credores, e o senhor terá para as suas despesas cerca de cento e cinquenta francos mensais. Precisar-se-á de dois anos para sua liquidação. Durante esses dois anos, onde estiver, terá todo o tempo necessário para pensar numa carreira, sobretudo no convívio das pessoas com as quais vai viver e que são de bom conselho.

Luís Mongenod chegou trazendo na mão cem notas de mil francos, que entregou à sra. de la Chanterie... Godofredo ofereceu a mão à sua futura hospedeira e levou-a ao seu fiacre.

— Até breve, senhor — disse ela com voz afetuosa.

— A que horas estará em casa, senhora? — perguntou Godofredo.

— Daqui a duas horas.

— Tenho tempo de vender minha mobília — disse ele cumprimentando-a.

XIII — ADEUS À VIDA MUNDANA

Durante o curto momento em que tivera o braço da sra. de la Chanterie no seu e em que caminharam juntos, Godofredo não pudera dissipar a auréola que as palavras “Sua conta ascende a um milhão e seiscentos mil francos”, ditas por Luís Mongenod, conferiam àquela mulher cuja vida se passava no fundo do claustro de Notre-Dame. O pensamento “Ela deve ser rica!” mudava completamente seu modo de ver.

— Que idade poderá ela ter? — perguntava-se.

E entreviu um romance em sua estada na Rue Chanoinesse.

“Ela tem o ar nobre! Trabalhará em finanças?”, dizia com os seus botões.

Na nossa época, entre mil rapazes na situação de Godofredo, novecentos e noventa e nove teriam tido a ideia de desposar aquela mulher.

Um negociante de móveis, que era um pouco estofador e principalmente alugador de apartamentos mobiliados, deu mais ou

menos três mil francos por tudo o que Godofredo queria vender, deixando os móveis ainda durante alguns dias com ele, o tempo necessário para o arranjo do horrível apartamento da Rue Chanoinesse, para onde aquele doente do espírito se dirigiu rapidamente.

Ele mandou chamar um pintor cuja direção lhe foi dada pela sra. de la Chanterie, o qual, por um preço módico, se comprometeu, numa semana, a caiar o teto, limpar as janelas, pintar os forros da cor da madeira de Spa e lustrar o assoalho. Godofredo tomou a medida das peças para colocar em todas o mesmo tapete, um tapete verde da qualidade menos cara. Queria naquela cela a mais simples uniformidade. A sra. de la Chanterie aprovou essa ideia. Ela calculou, com o auxílio de Manon, o quanto era preciso de indiana para as cortinas das janelas e para as de um modesto leito de ferro; depois, encarregou-se de as mandar comprar e confeccionar por um preço cuja modicidade surpreendeu Godofredo. Com os móveis novos que ele trazia, seu apartamento restaurado não lhe custaria mais de seiscentos francos.

— Poderei, pois, levar mil, mais ou menos, ao sr. Mongenod.

— Nós levamos aqui — disse-lhe a sra. de la Chanterie — uma vida cristã, que, como sabe, não se casa bem com muitas superfluidades, e creio que o senhor ainda conserva algumas delas.

Ao dar esse conselho ao seu futuro pensionista, ela olhava para um diamante que brilhava no anel pelo qual passava a gravata azul de Godofredo.

— Falo-lhe assim — continuou ela — porque o vejo com a intenção de romper com a vida dissipada da qual se queixou ao sr. Mongenod.

Godofredo contemplava a sra. de la Chanterie saboreando as harmonias de uma voz límpida; examinava aquele rosto inteiramente branco, digno de uma dessas holandesas graves e frias que o pincel da escola flamenga tão bem reproduziu, e nos quais as rugas são impossíveis.

— Alva e gorda! — dizia consigo ao retirar-se. — Mas tem bastante cabelo branco...

Godofredo, como todas as naturezas fracas, afizera-se facilmente a uma vida nova, julgando-a muito feliz, e estava pressuroso de ir para a Rue Chanoinesse; não obstante, teve um pensamento de prudência ou, se quiserem, de desconfiança.

Dois dias antes de sua instalação ele voltou a falar com o sr. Mongenod para pedir algumas informações sobre a casa para onde ia. Durante os poucos instantes que passava no seu futuro alojamento para examinar as transformações que ali se estavam fazendo, notara as idas e vindas de várias pessoas, cuja fisionomia e aspecto, sem ser misteriosos, davam lugar a crer no exercício de alguma profissão, em ocupações secretas dos moradores da casa.

Nessa época falava-se muito em tentativas do ramo primogênito da casa dos Bourbon^[19] para recuperar o trono, e Godofredo pensou em alguma conspiração. Quando se viu no gabinete do banqueiro e sob a luz de seu olhar escrutador, ao fazer sua indagação teve vergonha de si mesmo, e viu um sorriso sardônico esboçado nos lábios de Frederico Mongenod.

— A sra. baronesa de la Chanterie — respondeu este — é uma das pessoas mais obscuras de Paris, mas também uma das mais respeitáveis. Tem o senhor algum motivo para me pedir informações?

Godofredo alegou banalidades: que ia viver por muito tempo com estranhos e que precisava saber com quem se ia ligar etc. O sorriso do banqueiro, porém, tornava-se cada vez mais irônico e Godofredo, cada vez mais embaraçado, ficou envergonhado do passo que dera sem tirar dele nenhum proveito, pois não se atreveu mais a fazer perguntas, nem a respeito da sra. de la Chanterie nem sobre os comensais.

Dois dias depois, numa segunda-feira, à noite, depois de ter jantado pela última vez no Café Anglais^[20] e visto as duas primeiras peças no Variétés,^[21] foi, às dez horas, dormir na Rue Chanoinesse, onde foi conduzido por Manon ao seu apartamento.

XIV — DA VIDA CONVENTUAL

A solidão tem seduções comparáveis às da vida selvagem, que nenhum europeu abandonou depois de a ter provado. Isto poderá parecer estranho numa época em que cada um vive tão bem para os outros que todos se preocupam com cada um, e em que a vida privada em breve não existirá mais, de tal forma os olhos do jornal, Argos moderno, se avantajam em ousadia, em avidez; não obstante, essa proposição se apoia na autoridade dos seis primeiros séculos do cristianismo, durante os quais nenhum solitário voltou à vida social. Poucas são as chagas morais que a solidão não cure. Por isso, inicialmente, Godofredo foi empolgado pela calma e pelo silêncio profundos da sua nova residência, exatamente como um viajante descansa num banho.

Já no dia seguinte ao de sua entrada na pensão da sra. de la Chanterie, foi obrigado a examinar-se, ao se ver separado de tudo, até de Paris, embora ainda estivesse à sombra da catedral. Ali, despido de todas as vaidades sociais, não iria ter outras testemunhas de seus atos que não sua consciência e os comensais da sra. de la Chanterie. Era deixar a grande estrada real do mundo e entrar num caminho desconhecido; mas para onde o levaria esse caminho? A que tarefa se iria dedicar?

Fazia duas horas que estava entregue a essas reflexões quando Manon, a única criada da casa, veio bater-lhe à porta, e lhe disse que o segundo almoço estava servido e que o esperavam. Estava dando meio-

dia.

O novel pensionista desceu imediatamente, levado pelo desejo de julgar as cinco pessoas entre as quais devia doravante passar sua vida. Ao entrar no salão, viu todos os habitantes da casa de pé e trajando a mesma roupa que no dia em que viera à busca de informações.

— Dormiu bem? — perguntou-lhe a sra. de la Chanterie.

— Só acordei às dez horas — respondeu Godofredo saudando os quatro comensais, que lhe retribuía gravemente a saudação.

— Esperávamos isso — disse a sorrir o velho Alain.

— Manon falou-me de um segundo almoço — disse Godofredo —; segundo parece já fiz, sem querer, uma infração à regra... A que horas se levantam?

— Não nos levantamos absolutamente como os antigos monges — respondeu graciosamente a sra. de la Chanterie —, e sim como os operários... às seis horas no inverno, às três e meia no verão. Deitamo-nos, igualmente, com o sol. No inverno dormimos sempre às nove horas, e no verão às onze. Todos tomamos um pouco de leite, que vem da nossa granja, depois de fazermos nossas preces, com exceção do sr. padre de Vèze, o qual diz a primeira missa, a das seis horas no verão e a das sete no inverno, em Notre-Dame, missa a que estes senhores assistem todos os dias, bem como sua humilde serva.

A sra. de la Chanterie acabou essa explicação à mesa, onde seus cinco convivas se haviam sentado.

A sala de jantar, inteiramente pintada de gris e guarnecida de forro de madeira cujos desenhos traíam o gosto do século de Luís XIV, era contígua àquela espécie de antecâmara onde Manon se mantinha, e parecia ser paralela ao quarto da sra. de la Chanterie, o qual sem dúvida tinha comunicação com o salão. Essa peça não tinha outro ornato além de um velho relógio de parede. O mobiliário consistia em seis cadeiras cujo espaldar, de forma oval, apresentava tapeçarias evidentemente feitas à mão pela sra. de la Chanterie, e em dois aparadores e uma mesa de acaju, sobre a qual Manon não punha toalha para o almoço.

Esse almoço, de uma frugalidade monástica, compunha-se de um pequeno rodvalho com molho branco, batatas, uma salada e quatro pratos de frutas: pêssegos, uvas, morangos e amêndoas frescas; depois, como *hors-d'oeuvre*, mel em favo como na Suíça, manteiga e rabanetes, pepinos e sardinhas. O serviço era feito nessa porcelana floreada de escovinhas e de folhas verdes e pequenas que, sem dúvida, foi um grande luxo no tempo de Luís XVI, mas que as crescentes exigências da vida atual tornaram comum.

— Nós fazemos jejum — disse o sr. Alain. — Se vamos à missa todas as manhãs, já o senhor pode imaginar que obedecemos cegamente a todas as práticas da Igreja, mesmo as mais severas.

— E o senhor começará imitando-nos — disse a sra. de la Chanterie,

dirigindo um olhar de lado para Godofredo, a quem colocara perto dela.

XV — QUE QUALIDADE DE HOMENS ERAM OS PENSIONISTAS DA SRA. DE LA CHANTERIE

Dos quatro pensionistas, Godofredo já conhecia os nomes do padre de Vèze e do sr. Alain; restava-lhe saber o nome das duas outras personagens. Estas conservaram-se silenciosas enquanto comiam, com a atenção que os religiosos parecem prestar aos menores detalhes de suas refeições.

— Estas frutas vêm também da sua granja, senhora? — perguntou Godofredo.

— Sim, senhor — respondeu ela. — Temos a nossa pequena granja-modelo, absolutamente como o governo: é a nossa casa de campo, fica a três léguas daqui na Route d'Italie, perto de Villeneuve-Saint-Georges.

— É um bem que nos pertence a todos e que ficará para o último sobrevivente — disse o velhote Alain.

— Oh! Não é grande coisa — acrescentou a sra. de la Chanterie, a qual pareceu temer que Godofredo interpretasse aquele discurso como uma isca.

— Há — disse uma das personagens desconhecidas para Godofredo — trinta arpentos de terra lavrável, seis arpentos de prados e um cercado de quatro arpentos no meio do qual se acha a nossa casa, que é precedida pela granja.

— Mas essa propriedade — fez observar Godofredo — deve valer mais de cem mil francos.

— Oh! De lá tiramos somente as nossas provisões — respondeu a mesma personagem.

Era um homem alto, seco e grave. À primeira vista, parecia ter servido no Exército; seus cabelos brancos diziam de sobra ter ele ultrapassado os sessenta anos, e seu rosto traía violentos desgostos contidos pela religião.

O segundo desconhecido, que parecia ter tanto de mestre de retórica como de homem de negócios, era de estatura ordinária, gordo e, não obstante, ágil; seu rosto apresentava o aspecto de jovialidade peculiar aos tabeliães e procuradores de Paris.

O vestuário dessas quatro personagens apresentava o fenômeno do asseio devido a cuidados egoístas. Reconhecia-se a mesma mão, a de Manon, nos menores detalhes. Suas roupas teriam dez anos, talvez, e se conservavam como se conservam as vestes dos curas pelo poder oculto da criada e de um uso constante. Essa gente trazia de algum modo a libré de um sistema de existência, pertenciam todos ao mesmo pensamento, seus olhares diziam a mesma palavra, suas fisionomias respiravam uma doce resignação, uma quietude provocante.

— Será uma indiscrição, senhora — disse Godofredo —, perguntar o nome desses senhores? Estou pronto a relatar-lhes minha vida, mas poderei saber da deles o que as conveniências permitam referir?

— Este senhor — respondeu a sra. de la Chanterie mostrando o homem alto e seco — chama-se Nicolau; é coronel de polícia reformado com o posto de marechal de campo. E este — acrescentou ela, designando o pequeno gordo — é um antigo conselheiro da Corte real de Paris, que se aposentou da magistratura em agosto de 1830; é o sr. José. Conquanto o senhor esteja aqui somente desde ontem, eu lhe direi que no mundo o sr. Nicolau usava o nome de marquês de Montauran, e o sr. José o de Lecamus, barão de Tresnes; mas para nós, como para todos, esses nomes não existem mais; esses senhores não têm herdeiros, eles se antecipam ao olvido que espera suas famílias e são simplesmente os srs. Nicolau e José, como o senhor será sr. Godofredo.

Ao ouvir pronunciar aqueles dois nomes, um tão célebre nos fastos da realeza pela catástrofe que concluiu o levante dos Chouans^[22] no início do Consulado, o outro tão venerado nos fastos do velho Parlamento^[23] de Paris, Godofredo não pôde reprimir um estremecimento; mas ao olhar aqueles destroços das duas maiores coisas da monarquia esboroadas, a nobreza e a toga, ele não percebeu nenhuma inflexão nas feições, nenhuma mudança de fisionomia que revelasse neles um pensamento mundano. Esses dois homens não se lembravam mais ou não queriam lembrar-se do que haviam sido. Foi isso para Godofredo uma primeira lição.

— Cada um dos vossos nomes, senhores, é história — disse-lhes respeitosamente.

— A história do nosso tempo — respondeu o sr. José —: ruínas!

— O senhor está em boa companhia — disse o sr. Alain, sorrindo.

Este será descrito em duas palavras: era o pequeno-burguês de Paris, um bom burguês, com cara de bezerro, realçada por cabelos brancos, mas tornada insípida por um eterno sorriso.

Quanto ao padre, o padre de Vèze, sua qualidade dizia tudo. O padre que desempenha sua missão é conhecido pelo primeiro olhar que nos dirige e que lhe dirigimos.

XVI — OS MISTÉRIOS DO CLAUSTRO

O que impressionou Godofredo nos primeiros momentos foi o profundo respeito que os quatro pensionistas demonstravam à sra. de la Chanterie; todos pareciam, inclusive o padre, achar-se diante de uma rainha. Godofredo notou a sobriedade de todos os convivas. Cada um deles comeu verdadeiramente para se alimentar. A sra. de la Chanterie, como todos os seus comensais, serviu-se apenas de um pêssego e de

meio cacho de uva, mas disse, entretanto, ao seu novo pensionista que não imitasse aquela reserva e apresentou-lhe sucessivamente todos os pratos.

A curiosidade de Godofredo ficou excitada ao mais alto grau por esse começo. Depois do almoço, ao voltar ao salão, deixaram-no só, e a sra. de la Chanterie foi ter um pequeno conselho secreto com os quatro amigos, no vão de uma janela. Essa conferência, sem nenhuma animação, durou cerca de meia hora. Falavam em voz baixa, trocando palavras que cada um deles parecia ter bem amadurecido. De quando em quando o sr. Alain e o sr. José consultavam uma caderneta, folheando-a.

— Veja o faubourg — disse a sra. de la Chanterie ao sr. Nicolau, o qual saiu.

Foi a primeira palavra que Godofredo pôde pegar.

— E o senhor, o Faubourg Saint-Marceau — continuou ela dirigindo-se ao sr. José. — Percorra o Faubourg Saint-Germain e veja se acha o que precisamos... — acrescentou olhando para o padre de Vèze, que saiu imediatamente. — E o senhor, meu caro Alain — disse ela sorrindo para o último —, passe a revista... Estão assim resolvidos os negócios de hoje — disse ela voltando para perto de Godofredo.

E sentou-se na sua poltrona, tirando de sobre uma pequena mesa roupa branca cortada que se pôs a coser como se fosse uma obreira.

Godofredo, imerso nas suas conjecturas e acreditando numa conspiração realista, tomou a frase da sua hospedeira como uma entrada em assunto e pôs-se a estudá-la sentando-se a seu lado. Impressionou-o a destreza singular com que trabalhava aquela mulher na qual tudo revelava a grande dama: tinha a rapidez de uma operária, porque todos podem, por certos modos, reconhecer o modo de trabalhar de um profissional e o de um amador.

— A senhora age como se conhecesse esse ofício! — disse-lhe Godofredo.

— E como não! — respondeu ela sem erguer a cabeça. — Pois se em outros tempos eu o pratiquei por necessidade...

Duas grossas lágrimas jorraram dos olhos daquela idosa senhora e caíram de suas faces sobre a roupa que tinha nas mãos.

— Perdoe-me, senhora! — exclamou Godofredo.

A sra. de la Chanterie olhou seu novo pensionista e viu-lhe no rosto uma tal expressão de pesar, que lhe fez um sinal amistoso.

XVII — PRIMEIRO CONCILIÁBULO

Após ter secado os olhos, ela retomou a calma que caracterizava seu rosto, menos frio do que esfriado.

— O senhor está aqui, sr. Godofredo, pois já sabe que não será

chamado senão por seu nome de batismo, no meio dos destroços de uma grande tempestade. Todos nós estamos contundidos e atingidos nos nossos corações, nos nossos interesses de família ou nas nossas fortunas por essa tormenta de quarenta anos, que derrubou a realeza, a religião, e dispersou os elementos do que constituía a velha França. Palavras indiferentes na aparência ferem-nos a todos, e é esse o motivo do silêncio que aqui reina. Raramente falamos uns aos outros a nosso próprio respeito; esquecemo-nos de nós mesmos e achamos o meio de substituir por uma outra vida a nossa vida. E foi porque acreditei, segundo sua confidência em casa de Mongenod, em certa paridade entre a sua situação e a nossa, que decidi meus quatro amigos a recebê-lo no nosso meio; de resto, tínhamos necessidade de encontrar mais um monge para o nosso convento. Mas, que vai fazer? Não se enfrenta a solidão sem provisões morais.

— Senhora, sentir-me-ei muito feliz, ao ouvi-la falar assim, em vê-la tornar-se o árbitro do meu destino.

— O senhor fala como um homem do mundo — respondeu ela — e procura lisonjear-me, a mim, mulher de sessenta anos. Meu caro filho — continuou —, saiba que está entre pessoas que creem firmemente em Deus, que sentiram, todos, a sua mão, e se entregam a ele quase tão completamente como os trapistas. Já notou a tranquilidade do verdadeiro padre quando se deu ao Senhor, quando lhe ouve a voz e se esforça por ser um instrumento dócil nas mãos da Providência?... Não tem mais vaidade, nem amor-próprio, nem nada do que causa as mágoas contínuas das pessoas da sociedade; sua quietude iguala à do fatalista, sua resignação faz-lhe suportar tudo. Um verdadeiro padre, um padre de Vêze é então como uma criança com sua mãe, porque a Igreja, meu caro senhor, é uma boa mãe. Pois bem, é possível uma pessoa fazer-se padre sem tonsura; nem todos os padres estão nas ordens. Votar-se ao bem é imitar o bom padre, é obedecer a Deus! Não lhe estou fazendo um sermão, não o quero catequizar, quero explicar-lhe a nossa vida.

— Instrua-me, senhora — disse Godofredo subjugado —, para que eu não transgrida nenhum artigo do seu regulamento.

— Seria excessivo trabalho para o senhor; vai aprendê-lo aos poucos. Antes de mais nada, nunca fale aqui das suas desgraças, que são infantilidades, comparadas com as terríveis catástrofes com as quais Deus fulminou aqueles em cuja companhia o senhor vive agora...

Assim falando, a sra. de la Chanterie continuava a dar seus pontos com uma regularidade desesperadora; mas aí ela levantou a cabeça e olhou para Godofredo; viu-o seduzido pela penetrante suavidade de sua voz, a qual, digâmo-lo, possuía uma unção apostólica. O jovem doente contemplava com admiração o fenômeno verdadeiramente extraordinário que patenteava aquela mulher, cujo rosto resplandecia.

Tonalidades róseas se haviam difundido pelas suas faces de uma alvura de círio, seus olhos brilhavam, a mocidade da alma animava suas leves rugas tornadas graciosas, e tudo nela solicitava afeição. Godofredo media naquele momento a profundidade do abismo que separava aquela mulher dos sentimentos vulgares; via-a chegada a um cume inacessível, para onde a religião a conduzira, e ele era ainda bastante mundano para não se sentir vivamente picado, para não desejar descer nesse fosso, de subir ao cimo agudo onde a sra. de la Chanterie estava pousada e colocar-se a seu lado. Ao entregar-se a um estudo aprofundado dessa mulher, contou-lhe as decepções de sua vida e tudo o que não pudera dizer em casa de Mongenod, onde sua confiança se reduzira à exposição da sua situação.

— Pobre criança!...

Essa exclamação maternal, caída dos lábios da sra. de la Chanterie, espalhava-se, de quando em quando, como um bálsamo sobre o coração do rapaz.

— Que poderei substituir a tantas esperanças desfeitas, a tanta afeição traída? — perguntou ele finalmente, olhando para sua hospedeira, que ficara pensativa. — Vim aqui — continuou — para refletir e tomar uma resolução. Perdi minha mãe, substitua-a...

— Será — perguntou ela — obediente como um filho?

— Sim, se a senhora tiver toda a ternura que impõe obediência.

— Pois bem, tentaremos — replicou ela.

Godofredo estendeu a mão para pegar numa das mãos da sua hospedeira, a qual ofereceu-lha, ao adivinhar-lhe a intenção, e ele a levou respeitosamente aos lábios. A mão da sra. de la Chanterie era admiravelmente bela, sem rugas, nem gorda nem magra, alva de causar inveja a uma mulher jovem, e de um modelado digno de ser copiado por um estatuário. Godofredo admirara essas mãos, ao achá-las em harmonia com os encantos da voz, e o azul-celeste dos olhos.

— Fique aí! — disse a sra. de la Chanterie erguendo-se e dirigindo-se aos seus aposentos.

Godofredo experimentou a mais viva emoção e não sabia a que ordem de ideias atribuir o gesto daquela mulher.

XVIII — PRESENTE DE UMA MULHER DEVOTA

Godofredo não permaneceu muito tempo na sua perplexidade, porque ela voltou trazendo na mão um volume.

— Aqui estão, meu filho — disse ela —, as prescrições de um grande médico de almas. Quando as coisas da vida comum não nos deram a felicidade que dela esperávamos, é preciso buscar a felicidade na vida superior, e aqui está a chave de um novo mundo. Leia, pela manhã e à noite, um capítulo desse livro; mas leia-o pondo nisso toda a sua

atenção, estude-lhe as palavras como se se tratasse de uma língua estrangeira... Ao cabo de um mês, será outro homem. Faz vinte anos que todos os dias leio um capítulo, e meus três amigos, os srs. Nicolau, Alain e José, fazem o mesmo, com a mesma regularidade com que se deitam e se levantam; imite-os pelo amor de Deus, por amor de mim — disse ela com uma serenidade divina e uma augusta confiança.

Godofredo virou o livro e leu no dorso, em letras de ouro: *Imitação de Jesus Cristo*.^[24]

A ingenuidade daquela velha dama, seu candor juvenil, sua certeza benfazeja perturbaram o ex-dândi. A sra. de la Chanterie estava absolutamente na atitude e no encantamento de uma mulher que estivesse entregando cem mil francos a um negociante a ponto de falir.

— Tenho-me servido dele faz vinte e seis anos — disse ela. — Queira Deus que este livro seja contagioso! Vá comprar-me outro, pois estamos na hora em que vão chegar pessoas que não devem ser vistas.

Godofredo cumprimentou a sra. de la Chanterie e subiu até seu quarto, onde atirou o livro em cima da mesa, exclamando:

— Ora, a pobre mulherzinha!...

XIX — INFLUÊNCIA DOS LIVROS

O livro, como acontece com todos os livros frequentemente lidos, abriu-se numa página. Godofredo sentou-se como para pôr suas ideias em ordem, pois experimentara mais emoção nessa manhã do que durante os mais agitados meses de sua vida, e, sobretudo, nunca a sua curiosidade fora tão vivamente excitada. Deixando seus olhos vagarem ao acaso, como acontece com as pessoas cuja alma está mergulhada na meditação, ele olhou maquinalmente para as duas páginas abertas do livro e leu este título:

CAPÍTULO XII

Do caminho real da Santa Cruz

Pegou o livro e este trecho desse belo capítulo empolgou seu olhar como por um clarão:

“Ele caminhou diante de vós com sua cruz, e ele morreu por vós, a fim de que carregásseis a vossa cruz e desejásseis morrer nela.

Ide onde quiserdes, fazei quantas buscas vos agrade, não achareis sendas mais elevadas, nem mais seguras do que o *caminho da santa cruz*.

Disponde e regulai todas as coisas segundo vossos desejos e vossos pontos de vista, que nelas não encontrareis senão um compromisso para sofrer sempre algumas penas, quer o desejeis quer não, e assim sempre achareis a cruz; porquanto sentireis dor em todo o corpo, ou tereis de sofrer penas no espírito.

Ora sereis abandonado por Deus, ora os homens vos darão exercício. Mais ainda, muitas vezes sentireis o peso de vós mesmo, sem poderdes ser libertado

por nenhum remédio, nem aliviado por nenhuma consolação; e até que aprover a Deus pô-lhe um fim, sereis obrigado a sofrer, porque Deus quer que aprendais a sofrer sem consolações, a fim de que vos submetais a ele sem reserva, e vos torneis mais humilde por meio das tribulações.”

— Que livro! — pensou Godofredo folheando esse capítulo.
E deu com estas palavras:

“Quando tiverdes chegado a esse ponto, de achar as aflições doces e de tomar gosto por elas, por amor de Jesus Cristo, então vos julgareis feliz, porque tereis achado o paraíso neste mundo.”

Importunado por essa simplicidade, caráter da força, e furioso por se ver batido por esse livro, fechou-o; mas achou gravado com letras de ouro, no marroquim da capa, este conselho:

NÃO PROCUREIS SENÃO O QUE É ETERNO

“E será que o acharam aqui?”, perguntou a si mesmo.

XX — COMÉRCIO DA CASA LA CHANTERIE & CIA.

Saiu para ir procurar um belo exemplar da *Imitação de Cristo*, lembrando-se de que a sra. de la Chanterie tinha de ler um capítulo à noite; desceu e ganhou a rua. Ficou durante alguns instantes a dois passos da porta, indeciso quanto ao caminho a seguir, pensando em que lugar, em que livraria iria comprar o livro, e ouviu então o ruído pesado da maciça porta de entrada que se fechava.

Dois homens saíam do palacete de La Chanterie, porque, se o leitor percebeu bem o caráter dessa velha casa, terá reconhecido nela o que caracteriza os antigos solares. Manon, ao vir avisar Godofredo pela manhã, perguntara-lhe como tinha passado sua primeira noite no solar de La Chanterie, evidentemente rindo. Godofredo, sem nenhuma ideia de espionagem, seguiu os dois homens, que o tomaram por um transeunte, e que, nessas ruas desertas, falavam bastante alto para que ele lhes pudesse ouvir a conversação.

Os dois desconhecidos voltavam pela Rue Massillon, para caminhar ao longo de Notre-Dame e atravessar o Adro.

— E então! Já vês, meu velho, que é muito fácil abiscoitar-lhes os cobres. Basta concordar com eles, e pronto.

— Mas nós estamos devendo.

— A quem?

— Àquela senhora.

— Eu queria me ver perseguido por essa velha carcaça; eu a...

— Tu a... tu a pagarias...

— Tens razão, porque pagando, mais tarde conseguiria mais do que

hoje.

— Não seria melhor seguirmos os conselhos deles e chegarmos a ter um bom estabelecimento?

— Hom'essa!

— Pois eles nos conseguirão quem nos empreste os fundos — disse ele.

— Seria preciso também deixar a vida...

— A vida me aborrece; não é ser homem estar sempre nas vinhas...

— Sim; mas o padre não largou outro dia o velho Marino? Recusou-lhe tudo.

— Ora essa! O velho Marino queria fazer umas ladroeiras que só dão resultados feitas por milionários.

Nesse momento, os dois homens, cujo traje revelava contramestres de oficina, deram volta bruscamente para se dirigir para o bairro da Place Maubert pela ponte do Hôtel-Dieu; Godofredo afastou-se, mas, ao se verem seguidos por ele de tão perto, os dois trocaram um olhar de desconfiança e seus rostos exprimiram o pesar de terem falado.

Godofredo ficou tanto mais interessado por essa conversa, por lhe lembrar ela a cena do padre de Vèze e do operário no dia da sua primeira visita.

“Que será que se passa em casa da sra. de la Chanterie?”, perguntou-se mais uma vez.

XXI — AS PILHÉRIAS DO SR. ALAIN

Meditando sobre esse assunto, foi até uma livraria da Rue Saint-Jacques, e voltou com um riquíssimo exemplar da mais bela edição que já se fez em França da *Imitação de Cristo*. Vindo vagarosamente para chegar à hora exata do jantar, recordava suas sensações durante a manhã, e sentia com isso um extremo frescor de alma. Estava invadido por uma curiosidade profunda, mas sua curiosidade empalidecia, entretanto, sob um desejo inexplicável: estava atraído pela sra. de la Chanterie, sentia uma vontade violenta de se dedicar a ela, de se dedicar por ela, de agradar-lhe, de merecer seus louvores: em resumo, estava atacado de amor platônico, pressentia grandezas inauditas naquela alma, queria conhecê-la na sua totalidade. Estava impaciente por penetrar os segredos da existência daqueles católicos puros. Enfim, naquela pequena reunião de fiéis, a majestade da religião praticada estava tão bem aliada ao que a mulher francesa tem de majestoso, que ele resolveu pôr todo o empenho para fazer-se aceitar nela. Esses sentimentos seriam um pouco apressados num parisiense ocupado; Godofredo, porém, estava, como se viu, na situação de um náufrago que se agarra ao mais flexível ramo, por julgá-lo sólido, e sua alma estava lavrada, pronta para receber qualquer semente.

Encontrou os quatro amigos no salão e apresentou o livro à sra. de la Chanterie, dizendo-lhe:

— Não quis privá-la dele esta noite.

— Queira Deus seja este seu último excesso de elegância! — respondeu ela, olhando o magnífico volume.

Ao ver naquelas quatro personagens as mais insignificantes coisas do vestuário reduzidas ao asseado e ao útil, ao achar esse sistema aplicado rigorosamente nos menores detalhes da casa, Godofredo compreendeu o valor daquela recriminação tão graciosamente expressa.

— Senhora — disse ele —, as pessoas a quem a senhora favoreceu esta manhã são uns monstros; sem querer, ouvi o que diziam ao sair daqui, e nas suas palavras havia a mais negra ingratidão...

— São os dois serralheiros da Rue Mouffetard — disse a sra. de la Chanterie ao sr. Nicolau —, isso lhe diz respeito...

— O peixe escapa mais de uma vez antes de ser pego — fez observar o sr. Alain, rindo.

A perfeita insensibilidade da sra. de la Chanterie ao ter conhecimento da ingratidão imediata de pessoas a quem, sem dúvida, ela dera dinheiro, surpreendeu Godofredo, que ficou pensativo.

O jantar foi alegrado pelo sr. Alain e pelo antigo conselheiro; o militar, porém, permaneceu sisudo, triste e frio; sobre seu rosto via-se a impressão inapagável de um pesar amargo, de uma dor eterna. A sra. de la Chanterie tinha a mesma atenção para com todos. Godofredo sentiu-se observado por aquela gente, cuja prudência igualava sua piedade: a vaidade dele fez com que imitasse a reserva dos outros, e mediu cuidadosamente suas palavras.

XXII — UM SENTIMENTO NOVO, EMBORA MUITO ANTIGO

Esse primeiro dia devia ser muito mais animado do que os seguintes. Godofredo, que se viu excluído de todas as conferências sérias, foi obrigado, durante as horas da manhã e da tarde, em que ficou só nos seus aposentos, a abrir a *Imitação de Cristo*, e acabou estudando esse livro como se estuda um livro quando não se tem senão um e se está encarcerado. Acontece então com esse livro o mesmo que com uma mulher, quando se está com ela na solidão: do mesmo modo por que é preciso odiar ou amar a mulher, assim também fica-se impregnado com o espírito do autor, ou então não se chega a ler dez linhas.

Ora, é impossível não ficar impressionado pela *Imitação de Cristo*, que está para o dogma como a ação está para o pensamento. O católico nele vibra, move-se, agita-se, luta corpo a corpo com a vida humana. Esse livro é um amigo certo. Fala a todas as paixões, a todas as dificuldades, mesmo as mundanas; resolve todas as objeções, é mais

eloquente do que todos os predicadores, pois sua voz é a nossa, ergue-se no nosso coração, e é ouvida pela alma. É, finalmente, o Evangelho traduzido, apropriado a todas as épocas, superposto a todas as situações. É extraordinário que a Igreja não tenha canonizado Gerson, porquanto o Espírito Santo evidentemente animava sua pena.

Para Godofredo, o palacete de La Chanterie encerrava uma mulher, além do livro; e cada dia ele se prendia mais àquela mulher: descobria nela flores sepultadas sob a neve dos invernos, entrevia as delícias dessa santa amizade que a religião permite, para a qual os anjos sorriem, e que, aliás, unia aquelas cinco pessoas e contra a qual nada de mau poderia prevalecer. Há um sentimento superior a todos os outros, um amor de alma para alma, que se assemelha a essas flores tão raras, nascidas nos mais elevados picos da terra, e um ou dois exemplares dos quais são oferecidos de século em século à humanidade, por cujo intermédio muitas vezes dois amantes foram unidos, e explicam os motivos das dedicações infinitas, inexplicáveis pelas leis ordinárias do mundo. É um entendimento sem decepções, sem rugas, sem vaidade, sem lutas, e até mesmo sem contrastes, de tal modo as naturezas morais se identificaram.

Godofredo entrevia as delícias desse sentimento imenso, infinito, nascido da caridade católica. Por vezes, não podia crer no espetáculo que tinha diante dos olhos, e buscava motivos para a amizade sublime dessas cinco pessoas, admirado por encontrar verdadeiros católicos, cristãos dos primeiros tempos da Igreja, na Paris de 1835.

XXIII — GODOFREDO ENCONTRA UMA OCUPAÇÃO

Oito dias depois de sua entrada naquela casa, Godofredo fora testemunha de uma tal afluência de gente, surpreendera fragmentos de conversação nos quais se tratavam coisas graves, que vislumbrou uma prodigiosa atividade na vida daquelas cinco pessoas. Percebeu que cada uma delas dormia seis horas no máximo. Todas tinham já, por assim dizer, um primeiro dia de trabalho, antes do segundo almoço. Gente estranha trazia ou levava quantias, por vezes importantes. O ajudante do caixa da Casa Mongenod vinha muitas vezes, e sempre muito cedo de modo que seu serviço não sofresse por causa dessas saídas, fora dos hábitos da casa bancária. O próprio sr. Mongenod veio uma tarde e Godofredo notou nele, em relação ao sr. Alan, sinais de familiaridade filial, mesclados ao profundo respeito que lhe manifestava bem como aos três outros pensionistas da sra. de la Chanterie.

Nessa tarde o banqueiro fez a Godofredo apenas perguntas banais: se achava bem ali, se ficaria etc., aconselhando-o a perseverar na sua resolução.

— Só me falta uma coisa para ser feliz — disse Godofredo.

— O que é? — perguntou o banqueiro.

— Uma ocupação.

— Uma ocupação! — exclamou o padre de Vèze. — Então mudou de opinião? Tinha vindo para o nosso claustro em busca de repouso...

— O repouso sem a prece que vivificava os mosteiros, sem a meditação que povoava as tebaidas, torna-se uma doença — disse sentenciosamente o sr. José.

— Aprenda escrituração — disse o sr. Mongenod sorrindo —; dentro de poucos meses poderá ser útil aos seus amigos.

— Oh! Com o máximo prazer — disse Godofredo.

XXIV — UMA SUSPEITA

O dia seguinte era um domingo; a sra. de la Chanterie exigiu que seu pensionista lhe desse o braço para levá-la à missa solene.

— É — disse ela — a única violência que lhe quero fazer. Por várias vezes nesta semana eu quis falar-lhe a respeito de sua salvação; mas não julgo chegado o momento. O senhor teria muita ocupação se partilhasse das nossas crenças, porque partilharia também dos nossos trabalhos.

Na missa, Godofredo observou o fervor dos srs. Nicolau, José e Alain; como, porém, durante aqueles poucos dias, ele se pudera convencer da superioridade, da perspicácia, da vastidão de conhecimentos, do alto espírito daqueles senhores, concluiu que, se eles se humilhavam daquela forma, era que a religião católica tinha segredos que até então lhe haviam escapado.

“E, afinal de contas”, disse consigo mesmo, “a religião dos Bossuet, dos Pascal, dos Racine, dos São Luís, dos Luís XIV, dos Rafael, dos Michelangelo, dos Ximenes,^[25] dos Bayard,^[26] dos Du Guesclin,^[27] e eu não poderia, eu que sou uma insignificância, comparar-me com aquelas inteligências, com aqueles homens de Estado, com aqueles poetas e capitães.”

Se não devesse resultar um profundo ensinamento desses pormenores insignificantes, seria imprudente neles nos determos, nestes tempos que correm; entretanto, eles são indispensáveis para o interesse desta história, na qual o público de hoje dificilmente acreditará e que se inicia por um fato quase ridículo: o império que uma mulher de sessenta anos exercia sobre um rapaz desiludido de tudo.

— O senhor — disse a sra. de la Chanterie a Godofredo na porta de Notre-Dame — não rezou por ninguém, nem mesmo pelo repouso da alma de sua mãe.

Godofredo corou e ficou calado.

— Queira ter a bondade de ir para o seu apartamento — disse-lhe a sra. de la Chanterie —, e não descer ao salão senão daqui a uma hora. Se

me estima — acrescentou ela —, o senhor meditará um capítulo da *Imitação*, o primeiro do terceiro livro, intitulado: *Da conversação interior*.

Godofredo cumprimentou-a friamente e subiu para os seus aposentos.

“Que o diabo os leve!”, disse consigo mesmo, encolerizando-se seriamente. “Que querem eles comigo aqui? Que embrulho é este?... Ora! Todas as mulheres, mesmo as mais devotas, têm os mesmos ardis; e, se ela não quer saber de mim, é que se está tramando alguma coisa contra mim.”

XXV — UMA REVELAÇÃO

Assim pensando, tentou, da sua janela, olhar o salão, mas a disposição do local não lhe permitiu ver nada ali. Desceu um andar e tornou a subir celeremente ao seu apartamento; pois pensou que, de acordo com a rigidez de princípios dos habitantes da casa, um ato de espionagem faria com que fosse despedido imediatamente. Perder a estima daquelas cinco personagens pareceu-lhe coisa tão grave como o desonrar-se publicamente. Esperou cerca de três quartos de hora e resolveu surpreender a sra. de la Chanterie, antecipando-se à hora marcada. Inventou uma mentira para justificar-se, alegando que seu relógio estava regulando mal, e adiantou-o vinte minutos. Depois, desceu sem fazer o menor ruído. Chegou até a porta do salão e abriu-a bruscamente.

Viu um homem bastante célebre, ainda moço, um poeta que encontrara frequentemente na sociedade, Vitor de Vernisset^[28] ajoelhado aos pés da sra. de la Chanterie e beijando-lhe a fímbria do vestido. O céu caindo aos pedaços, como se fora de cristal, segundo acreditavam os antigos, causaria menos surpresa a Godofredo do que aquele espetáculo. Concebeu os mais horríveis pensamentos, e teve uma reação mais terrível ainda, quando, ao primeiro sarcasmo que lhe acudiu aos lábios e que ia proferir, viu num canto o sr. Alain contando cédulas de mil francos.

Num momento Vernisset pôs-se de pé, e o bom Alain ficou atônito. A sra. de la Chanterie, esta dirigiu a Godofredo um olhar que o petrificou, porquanto a dupla expressão do semblante do novo hóspede não lhe escapara.

— Este senhor — disse ela ao jovem poeta indicando-lhe Godofredo — é dos nossos.

— É bem feliz, meu caro — disse Vernisset —, está salvo! Mas, senhora — continuou dirigindo-se à sra. de la Chanterie —, embora Paris inteira me tivesse visto, eu me sentiria encantado, pois nada pode saldar minha dívida para com a senhora!... Pertenço-lhe para sempre! Completamente! Ordene-me seja o que for, que obedecerei! Minha

gratidão não terá limites. Devo-lhe a vida, ela é sua...

— Vamos, rapaz! — disse o bom Alain. — Tenha juízo; mas trabalhe e sobretudo nunca ataque a religião nas suas obras... Enfim, lembre-se da sua dívida!...

E entregou-lhe um envelope estofado pelas cédulas de mil francos que contara. Vítor de Vernisset tinha os olhos banhados de lágrimas; beijou respeitosamente a mão da sra. de la Chanterie, e saiu após ter trocado um aperto de mão com Alain e Godofredo.

— O senhor não obedeceu à senhora — disse solenemente o bom Alain, cujo semblante teve uma expressão triste que Godofredo ainda não lhe vira —; é isso uma falta capital; mais uma como esta e nos separaremos... Será muito duro para o senhor, depois de nos ter parecido digno da nossa confiança...

— Meu caro Alain — disse a sra. de la Chanterie —, faça-me o favor de calar-se a respeito dessa leviandade... Não se deve pedir demais a um recém-chegado, que não teve grandes desgraças, que não tem religião, que como única vocação tem uma curiosidade excessiva e não crê ainda em nós.

— Perdoe-me senhora — respondeu Godofredo —; quero, a partir de agora, ser digno da senhora, submeto-me a todas as provas que julgar necessárias a fim de me iniciar no segredo de suas ocupações, e, se o padre de Vèze quer encarregar-se de me iluminar, eu lhe confiarei minha alma e minha razão.

Essas palavras deixaram a sra. de la Chanterie tão feliz, que suas faces se cobriram de um colorido róseo; pegou a mão de Godofredo, apertou-a e disse-lhe depois com estranha emoção:

— Está bem!

XXVI — CURIOSIDADE

À noite, depois do jantar, Godofredo viu chegar um vigário-geral da diocese de Paris, dois cônegos, dois antigos *maires* de Paris e uma dama de caridade. Não se jogou e a conversação geral foi alegre, sem ser fútil.

Uma visita que surpreendeu estranhamente Godofredo foi a da condessa de Cinq-Cygne,^[29] uma das sumidades aristocráticas e cujo salão era inabordável pela burguesia e pelos *parvenus*. A presença dessa grande dama no salão da sra. de la Chanterie já era por si só um fato extraordinário; mas o modo pelo qual aquelas duas mulheres se achegaram e se trataram, foi para Godofredo algo inexplicável, porquanto atestava uma intimidade e relações constantes que davam imenso valor à sra. de la Chanterie. A sra. de Cinq-Cygne foi graciosa e afetuosa para com os quatro amigos da sua amiga, e manifestou respeito pelo sr. Nicolau. Vê-se que a vaidade social ainda dominava Godofredo, o qual, até então bastante indeciso, resolveu prestar-se, com

ou sem convicção, a tudo quanto a sra. de la Chanterie e seus amigos exigissem dele, para alcançar filiar-se na ordem deles, ou fazer-se iniciar nos seus segredos, a si mesmo prometendo somente então tomar uma resolução.

No dia seguinte foi à casa do guarda-livros que a sra. de la Chanterie lhe indicou, combinou com ele as horas em que trabalhariam juntos e conseguiu assim empregar todo o seu tempo, porque pela manhã o padre de Vèze o catequizava, depois passava duas horas em casa do guarda-livros e, entre o almoço e o jantar, trabalhava nas escriturações comerciais imaginárias que seu professor lhe confiava.

Passaram-se assim alguns dias, durante os quais Godofredo sentiu a sedução de uma vida em que cada hora tinha sua ocupação. A volta em momentos determinados de trabalhos conhecidos, a regularidade, explica o porquê de muitas existências felizes, e prova quanto os fundadores das ordens religiosas meditaram profundamente sobre a natureza humana.

Godofredo, que a si mesmo prometera ouvir o padre de Vèze, já tinha temores sobre sua vida futura e começava a achar que ignorava a gravidade das questões religiosas. Enfim, dia a dia, a sra. de la Chanterie, junto a quem ele ficava cerca de uma hora, depois do almoço, fazia-lhe descobrir nela novos tesouros; ele jamais imaginara uma bondade tão completa e tão vasta. Uma mulher da idade que a sra. de la Chanterie parecia ter não tem mais nenhuma das pequenezas de uma jovem senhora; é uma amiga que oferece todas as delicadezas femininas, que evidencia as graças, os requintes que a natureza inspira à mulher para o homem, e que não os vende mais; é execrável ou perfeita, porquanto todas as suas pretensões subsistem sob a epiderme ou morreram; e a sra. de la Chanterie era perfeita. Parecia não ter tido nunca mocidade, seu olhar jamais falava do passado. Longe de acalmar a curiosidade de Godofredo, o conhecimento cada vez mais íntimo daquele sublime caráter, as descobertas de cada dia redobravam-lhe o desejo de conhecer a vida anterior daquela mulher, que ele achava santa. Teria ela amado um dia? Fora casada? Fora mãe?

Nada nela traía a solteirona, ela exibia as graças de uma dama de alto nascimento, e adivinhava-se-lhe na robusta saúde, no extraordinário fenômeno de sua conversação, uma vida celeste, uma espécie de ignorância da vida.

Salvo o alegre sr. Alain, todos aqueles seres tinham sofrido; mas o próprio sr. Nicolau parecia dar a palma do martírio à sra. de la Chanterie; e, entretanto, a recordação das suas desgraças estava nela tão bem contida pela resignação católica, por suas ocupações secretas, que parecia ter sido sempre feliz.

— A senhora — disse-lhe um dia Godofredo — é a vida de seus amigos, o laço que os une; a senhora é, por assim dizer, a dona de casa de uma grande obra, e, como todos somos mortais, a mim mesmo pergunto o que seria de sua associação sem a senhora...

— É o que os amedronta; mas a Providência, a quem devemos nosso guarda-livros — disse ela sorrindo —, se encarregará de prover a tudo. De resto, procurarei...

— Seu guarda-livros iniciará em breve o serviço na sua casa de comércio? — perguntou Godofredo rindo.

— Isso depende dele — respondeu ela sorrindo. — Se for sinceramente religioso, se não tiver mais o menor amor-próprio, se não se preocupar mais com as riquezas da nossa casa, se cuidar de erguer-se acima das pequenas considerações sociais servindo-se das duas asas que Deus nos deu...

— Quais?

— A simplicidade e a pureza — respondeu a sra. de la Chanterie. — Sua ignorância faz-me ver que o senhor se tem descuidado da leitura do nosso livro — acrescentou ela, rindo do inocente subterfúgio a que recorrera para saber se Godofredo lia a *Imitação de Cristo*. — Enfim, compenetre-se da epístola de São Paulo sobre caridade. Não será o senhor — disse ela com expressão sublime — que será nosso, e sim nós que seremos do senhor, e lhe será permitido contar as mais imensas riquezas que jamais um soberano tenha possuído; gozará delas como nós gozamos; e deixe-me dizer-lhe, se se recorda de *As mil e uma noites*, que os tesouros de Aladim nada são comparados com o que possuímos... Por isso, de há um ano para cá, não sabemos o que fazer, não bastamos para dar conta do recado: precisamos de um guarda-livros.

Assim falando, ela estudava o semblante de Godofredo, o qual não sabia o que pensar daquela estranha confiança: como, porém, a cena entre a sra. de la Chanterie e a sra. Mongenod, a mãe, vinha-lhe seguidamente à memória, ele permanecia entre a dúvida e a crença.

— Ah! O senhor seria bem feliz! — disse ela.

Godofredo ficou tão cheio de curiosidade que desde esse momento resolveu fazer ceder a discrição dos quatro amigos e interrogá-los a respeito deles próprios.

XXVIII — O VELHOTE ALAIN, ATACADO, REVELA LOGO SEUS SEGREDOS

De todos os comensais da sra. de la Chanterie, aquele para o qual Godofredo se sentia mais atraído, e que parecia também dever excitar maior soma de simpatia entre pessoas de qualquer classe, era o bom, o alegre, o simples sr. Alain. Por que vias a Providência teria levado aquele ser tão cândido para aquele mosteiro sem clausura, cujos monges

agiam sob o império de uma regra observada, no meio de Paris, com inteira liberdade, como se tivessem o mais severo superior? Que drama, que acontecimento o fizera abandonar seu caminho no mundo para enveredar por essa senda tão penosa de percorrer através das desgraças de uma capital?

Uma noite Godofredo quis fazer uma visita ao seu vizinho, com a intenção de satisfazer uma curiosidade mais despertada pela impossibilidade de qualquer catástrofe naquela existência do que o teria sido pela expectativa da narração de algum episódio terrível na vida de um corsário.

À palavra “Entre!” proferida em resposta a dois golpes batidos discretamente, Godofredo fez girar a chave que permanecia sempre na fechadura, e encontrou o sr. Alain sentado ao canto da lareira, lendo, antes de se deitar, um capítulo da *Imitação de Cristo*, à luz de duas velas, encimadas, cada uma delas, por uma dessas viseiras móveis de que se servem os jogadores de uíste.

O homenzinho estava de calças com presilhas nos pés, no seu roupão de moletom cinzento, e mantinha os pés à altura do fogo, apoiado numa almofada feita, como as chinelas, pela sra. de la Chanterie, de tapeçaria de ponto pequeno. Aquela bela cabeça de ancião, sem outro acompanhamento mais do que uma coroa de cabelos brancos, quase igual à de um velho monge, destacava-se em claro sobre o fundo pardo da tapeçaria da imensa poltrona. O sr. Alain descansou suavemente seu livro, gasto nos quatro cantos, sobre a pequena mesa de colunas retorcidas, e com a outra mão indicou ao rapaz a segunda poltrona, tirando os óculos que lhe apertavam a ponta do nariz.

— Está sentindo alguma coisa, para sair dos seus aposentos a esta hora? — perguntou a Godofredo.

— Caro sr. Alain — respondeu francamente o rapaz —, estou atormentado por uma curiosidade que uma única palavra sua tornará muito inocente ou muito indiscreta, e por aí já pode imaginar com que estado de espírito lhe dirigirei a minha pergunta.

— Oh! Oh! E que pergunta é? — disse o velho, olhando para o moço com ar quase malicioso.

— Qual foi o acontecimento que o determinou a levar a vida que aqui leva? Porque, para abraçar a doutrina de semelhante renúncia a qualquer interesse, é preciso estar enojado do mundo, nele ter sido ferido ou então ter ferido outros.

— Mas, meu filho! — respondeu o ancião, deixando vagar nos espessos lábios um desses sorrisos que tornavam sua rubra boca uma das mais afetuosas que o gênio dos pintores pudesse sonhar. — Não pode alguém sentir-se tomado por uma piedade profunda ante o espetáculo das misérias que Paris encerra em seus muros? Precisou acaso São Vicente de Paulo^[30] do acicate do remorso ou da vaidade

ferida para se dedicar às crianças abandonadas?

— Isso me fecha tanto mais a boca porque, se jamais uma alma se assemelhou à daquele herói cristão, essa é seguramente a sua — respondeu Godofredo.

Não obstante a dureza que a idade imprimira à pele de seu rosto quase amarelo e enrugado, o ancião corou intensamente; pois parecia ter provocado o elogio, no qual sua modéstia bastante conhecida permitia que se acreditasse não ter pensado. Godofredo sabia perfeitamente que os comensais da sra. de la Chanterie não tinham nenhuma predileção por esse incenso. Entretanto, a excessiva simplicidade do velhote Alain ficou mais embaraçada por tal escrúpulo do que ficaria uma jovem por conceber um mau pensamento qualquer.

— Se ainda estou muito longe dele quanto ao moral — replicou o sr. Alain —, tenho certeza de parecer-me com ele no físico...

Godofredo quis falar, mas foi impedido de fazê-lo por um gesto do ancião, cujo nariz tinha de fato a aparência tuberculosa da do santo e cujo rosto, semelhante ao de um velho vinhateiro, era a verdadeira duplicata do grosseiro rosto do fundador dos *Enfants Trouvés*.

— Quanto a mim, o senhor tem razão — disse ele, continuando —; minha vocação por nossa obra foi determinada por um sentimento de arrependimento, por causa de uma aventura...

— O senhor, uma aventura! — exclamou mansamente Godofredo, a quem essa palavra fez esquecer o que ele queria em primeiro lugar responder ao ancião.

— Oh! Meu Deus! O que lhe vou contar parecer-lhe-á sem dúvida uma ninharia, uma bobagem; mas, no tribunal da consciência, a coisa foi diferente. Se o senhor persiste no seu desejo de participar das nossas obras, depois de me ter ouvido compreenderá que os sentimentos estão em relação com a força das almas, e que o fato que não atormenta um espírito forte pode perfeitamente perturbar a consciência de um cristão fraco...

XXIX — AS PERSONAGENS DO DRAMA

Depois dessa espécie de prefácio, seria impossível exprimir o grau de curiosidade a que o neófito chegou. Qual era o crime daquele bom homem, que a sra. de la Chanterie chamava de seu *Cordeiro Pascal*? Era uma coisa tão interessante como um livro intitulado *Os crimes de um carneiro*. Os carneiros serão, por acaso, ferozes para com as ervas e as flores? A crer no que diz um dos mais meigos republicanos de hoje, o melhor dos seres seria assim mesmo cruel em relação a alguma coisa. Mas o bom do velho Alain! Ele, que a exemplo do tio Toby^[31] de Sterne, não esmagava uma mosca, mesmo depois de ter sido picado vinte vezes por ela! Essa bela alma, ter sido torturada por um arrependimento! Essa

reflexão representa a pausa que fez o ancião depois destas palavras: “Ouça-me”, e durante a qual ele empurrou a almofada para debaixo dos pés de Godofredo, a fim de a repartir com ele.

— Tinha eu então pouco mais de trinta anos — disse ele —; estávamos em 98, se bem me recordo, época em que os rapazes eram obrigados a ter experiência da gente de sessenta anos. Uma manhã, pouco antes da hora de meu almoço, às nove horas, a minha velha criada anunciou-me um dos amigos que eu tinha conservado por entre as tormentas da Revolução. Por isso, minhas primeiras palavras foram um convite para almoçar. Meu amigo, chamado Mongenod, rapaz de vinte e oito anos, aceitou, mas com ar constrangido; eu não o via desde 1793.

— Mongenod? — exclamou Godofredo — o...

— Se o senhor quer saber o fim antes do começo — interrompeu o velho, sorrindo —, como poderei contar-lhe minha história?

Godofredo fez um gesto que prometia um silêncio absoluto.

— Quando Mongenod se sentou — continuou o bom do velho Alain —, eu verifiquei que os sapatos dele estavam horivelmente gastos. As meias sarapintadas tinham sido tantas vezes lavadas que custei a ver que eram de seda. O calção de casimira cor de abricó, bastante surrado, indicava um longo uso, o que era ainda atestado por mudanças de cor em lugares perigosos, e as fivelas, em vez de aço, pareceram-me de ferro comum; as dos sapatos eram do mesmo metal. Seu colete branco, de flores, amarelecido pelo uso, bem como a camisa, cujo bofe caído estava amarrotado, traíam uma horrível, porém decente, miséria. Enfim, o aspecto da opalanda (dava-se esse nome a uma sobrecasaca ornada com uma gola única, à feição de capa à Crispin) acabou de me convencer que os maus fados perseguiam meu amigo. Essa opalanda, de pano cor de amêndoa, excessivamente roçada, admiravelmente bem escovada, tinha a gola engordurada por pomada ou pó e botões de metal branco que ficara vermelho. Enfim, todos esses andrajos eram tão vergonhosos que eu não me animava mais a lhes dirigir o olhar. O claque, espécie de semicírculo de feltro que naquele tempo se usava debaixo do braço em vez de o pôr na cabeça, devia ter visto vários governos. Entretanto, meu amigo devia ter gastado alguns soldos numa barbearia, porque estava de barba feita. Os cabelos, erguidos atrás, presos por um pente e empoados com luxo, recendiam a pomada. É verdade que vi duas correntes paralelas na frente das calças, duas correntes de aço fosco, mas nenhuma aparência de relógio no bolsos. Estávamos no inverno, e Mongenod não tinha capa, porque algumas grossas gotas de neve fundida e caída dos telhados, ao longo dos quais ele devia ter caminhado, jaspeavam a gola da sua opalanda. Quando ele tirou das mãos as luvas de pele de coelho e vi sua mão direita, reconheci nela vestígios de um trabalho qualquer, mas trabalho penoso. Ora, seu pai,

advogado no Grande Conselho, deixara-lhe alguma fortuna, cinco a seis mil francos de renda. Compreendi logo que Mongenod vinha pedir-me dinheiro emprestado. Eu tinha num esconderijo duzentos luízes de ouro, quantia enorme para aquele tempo, porque valia não sei mais quantas centenas de mil francos em “assinados”.^[32] Mongenod e eu tínhamos estudado no mesmo colégio, o dos Grassin, e nos tornáramos a encontrar no escritório do mesmo procurador, um homem de bem, o tio Bordin.^[33] Quando passamos a mocidade e atravessamos as loucuras da adolescência com um camarada, existe entre ele e nós simpatias quase sagradas; sua voz, seus olhares tangem em nossos corações certas cordas que não vibram senão sob a ação das recordações que ele reanima. Mesmo que a gente tenha tido motivos de queixa contra um tal camarada nem por isso todos os direitos da amizade ficam prescritos; mas entre nós não tinha havido nenhum atrito. Por ocasião da morte do pai dele, em 1787, Mongenod se vira mais rico do que eu; conquanto jamais lhe tivesse pedido dinheiro emprestado, devi-lhe por vezes alguns desses prazeres que o rigor paterno me vedava. Sem o meu generoso camarada, eu não teria visto a primeira representação de *O casamento de Fígaro*.^[34] Mongenod era então o que se chamava um cavalheiro encantador, era muito atencioso; eu censurava-o por sua facilidade em fazer amizades e ser demasiado serviçal; sua bolsa abria-se facilmente, ele vivia largamente, prestar-se-ia a servir de testemunha a uma pessoa depois de a ter visto duas vezes... Meu Deus, o senhor me faz palmilhar as sendas da minha mocidade! — exclamou o velhote Alain, dirigindo a Godofredo um sorriso alegre e fazendo uma pausa.

— Desagrada-lhe isso? — perguntou Godofredo.

— Oh! Não, e, pela minúcia da minha narrativa, o senhor vê o lugar que esse acontecimento ocupa na minha vida...

— Estou ouvindo — disse Godofredo.

XXX — O QUE MALQUISTA MUITOS AMIGOS

— Mongenod, dotado de excelente coração e homem de coragem, um pouco voltairiano, tinha tendências para a vida fidalga — continuou o velho Alain —; sua educação nos Grassins, onde havia nobres, suas relações galantes lhe haviam dado os hábitos polidos das pessoas de posição, que então eram chamadas aristocratas. Pode agora imaginar qual não foi minha surpresa ao ver em Mongenod os sintomas de miséria que degradavam para mim o jovem, o elegante Mongenod de 1787, quando meu olhar deixou seu rosto para lhe examinar o vestuário. Não obstante, como nessa época de miséria pública, algumas pessoas ardilosas apresentavam aspecto miserável, e como, para outros, havia motivos suficientes para se disfarçarem, esperei uma explicação, mas solicitando-a. “Que uniforme esse teu, meu caro Mongenod!”, disse-lhe

eu, aceitando uma pitada de rapé que ele me ofereceu numa caixinha de crisócalo. “Um uniforme bem triste!”, respondeu ele. “Não me resta mais do que um amigo... e esse amigo és tu. Fiz tudo o que pude para evitar chegar a este ponto, mas venho pedir-te cem luíses. A quantia é gorda”, disse ele ao ver-me admirado; “mas, se me desses somente cinquenta, ficaria impossibilitado para sempre de restituí-los; ao passo que se fracasso no que vou empreender restar-me-ão cinquenta para tentar fortuna por outros meios, e ainda não sei o que o desespero me inspirará.” “Não tens nada?”, perguntei. “Tenho”, respondeu-me reprimindo lágrimas, “cinco soldos do troco da minha última moeda. Para me apresentar em tua casa fiz engraxar meus sapatos e entrei numa barbearia. Tenho o que carrego comigo. Mas”, continuou, fazendo um gesto, “devo mil escudos em ‘assinados’ à dona da casa, e nosso bodegueiro negou-me crédito ontem. Estou, portanto sem recursos!” “E que pretendes fazer?”, disse eu, metendo-me nos seus assuntos particulares. “Sentar praça como soldado, se me recusas...” “Tu, soldado! Tu, Mongenod!” “Morrerei ou chegarei a ser general Mongenod.” “Pois bem”, disse-lhe eu, comovido, “almoça em paz; tenho cem luíses...” Aí — disse o velhote, olhando para Godofredo com ar esperto — julguei necessário pregar uma mentirazinha de prestamista. “É tudo o que possuo no mundo”, disse a Mongenod; “estava esperando o momento em que os títulos públicos baixassem o máximo possível para colocar esse dinheiro, mas o colocarei em tuas mãos e tu me considerarás como teu sócio, deixando à tua consciência o cuidado de me restituir o total quando e onde puderes. A consciência de um homem de bem é o melhor livro de assentamentos”, concluí. Mongenod olhava-me com fixidez enquanto me ouvia, parecendo que incrustava minhas palavras no coração. Estendeu a mão direita, nela coloquei a minha mão esquerda, e apertamo-nos as mãos, eu muito enternecido, ele sem dessa vez reter duas lágrimas que escorreram por suas faces já emurchecidas. A vista dessas duas lágrimas deixou-me triste. Fiquei mais comovido ainda quando, tudo esquecendo naquele momento, Mongenod para enxugar os olhos puxou um lenço ordinário das Índias, todo rasgado. “Fica aí!”, disse-lhe eu escapando-me para ir ao meu esconderijo com o coração comovido, como se tivesse escutado uma mulher confessando que me amava. Voltei com dois rolos de cinquenta luíses cada um. “Toma, conta-os.” Ele não quis contá-los, e olhou em torno de si para ver se havia uma escrivaninha, a fim de me fazer, disse ele, uma declaração. Recusei-me peremptoriamente a aceitar qualquer documento. “Se eu morresse”, disse-lhe eu, “meus herdeiros te atormentariam. Isto deve ficar entre nós.”

— Ao ver-me assim tão bom amigo, Mongenod pôs de lado a máscara de tristeza e de apreensão causada pela inquietação que trazia ao entrar e mostrou-se alegre. Minha criada serviu-nos ostras, vinho branco, uma omelete, rins ao espeto, um resto de patê de Chartres que minha mãe me tinha mandado; depois uma sobremesa, café, licor das ilhas. Mongenod, que fazia dois dias estava em jejum, refez-se. Conversando a respeito da nossa vida de antes da Revolução, ficamos à mesa até as três depois do meio-dia, como os melhores amigos do mundo. Mongenod contou-me como perdera a fortuna. Primeiro, a redução das rendas sobre a Prefeitura tirara-lhe dois terços de seus rendimentos, pois seu pai empregara a maior parte do seu capital em títulos da municipalidade; em seguida depois de ter vendido sua casa da Rue de Savoie, fora obrigado a receber-lhe o preço em “assinados”; meteu-se então na cabeça fundar um jornal, *A Sentinela*, que o obrigou a fugir depois de seis meses de existência. Nesse momento toda sua esperança estava no êxito de uma ópera-cômica intitulada *Os peruanos*. Essa confiança fez-me tremer. Mongenod, tornado autor, tendo devorado seu dinheiro em *A Sentinela* e vivendo sem dúvida no teatro, em relação com os cantores do Feydeau,^[35] com os músicos e a estranha sociedade que se oculta por trás da cortina da cena, não me pareceu mais o mesmo Mongenod que eu conhecia. Tive um leve arrepio. Mas de que modo reaver meus cem luíses? Via cada um dos rolos em cada um dos bolsos de suas calças como dois canos de pistola. Mongenod retirou-se. Quando fiquei só, sem o espetáculo daquela áspera e cruel miséria, pus-me a refletir contra a minha vontade e me desembriaguei. “Mongenod”, pensei eu, “com certeza depravou-se profundamente, e acabou de representar-me uma espécie de comédia.” Sua alegria, quando me viu dar-lhe prodigamente uma quantia tão grande, pareceu-me então ser o contentamento dos lacaios de teatro embaindo algum Geronte.^[36] Terminei por onde devia ter começado, prometi a mim mesmo tomar informações sobre o meu amigo Mongenod, o qual me deixara seu endereço nas costas de uma carta de jogar. Não quis vê-lo no dia seguinte por uma espécie de delicadeza: ele poderia ver certa desconfiança na minha pessoa. Dois dias depois, várias preocupações absorveram-me completamente, e só ao cabo de quinze dias é que, não vendo mais Mongenod, fui, uma manhã, da Croix Rouge, onde então eu morava, à Rue des Moineaux, onde ele residia. Mongenod habitava numa casa mobiliada, de última categoria, cuja proprietária, entretanto, era uma mulher direita, viúva de um granjeiro-geral que morrera no cadafalso, e a qual completamente arruinada começava com alguns luíses o arriscado ofício de principal locatário. Desde então ela teve sete casas no Quartier Saint-Roch e fez fortuna. “O cidadão Mongenod não está, mas há gente em casa”, disse aquela dama. A última frase excitou minha curiosidade. Subi ao quinto andar. Uma

criatura encantadora veio abrir-me a porta!... Oh! Uma moça da maior beleza, a qual, com ar suspeito, ficou na soleira da porta entreaberta. “Eu sou Alain, o amigo de Mongenod”, disse eu. Imediatamente a porta foi aberta e eu entrei numa horrenda pocilga, na qual, entretanto, aquela jovem mantinha um grande asseio. Ela ofereceu-me uma cadeira diante da lareira cheia de cinzas, mas sem fogo, e em cujo canto vi um vulgar fogareiro de barro. Gelava-se. “Sinto-me muito feliz”, disse-me, tomando-me as mãos e apertando-as afetuosamente, “de ter podido manifestar-lhe minha gratidão, pois o senhor é o nosso salvador. Se não fosse o senhor, eu talvez nunca mais tivesse tornado a ver Mongenod... Ele se teria...Vamos!... Atirado ao rio. Ele estava desesperado quando saiu para ir vê-lo...” Ao examinar aquela jovem criatura, fiquei bastante admirado por ver-lhe na cabeça uma mantilha, e, por baixo desta, na parte posterior da cabeça e nas fontes uma sombra escura; à força, porém, de olhar, descobri que tinha a cabeça raspada. “Está doente?”, perguntei, ao verificar aquela singularidade. Ela dirigiu um olhar ao miserável espelho de um tremó sujo, corou, depois ficou com os olhos rasos de lágrimas. “Sim, senhor”, respondeu vivamente, “eu tinha dores de cabeça horríveis, fui forçada a fazer cortar meus belos cabelos que chegavam aos pés.” “É com a sra. Mongenod que tenho a honra de falar?”, perguntei. “Sim, senhor”, respondeu-me, dirigindo-me um olhar verdadeiramente celestial. Cumprimentei aquela pobre senhora. Desci com a intenção de fazer a dona da casa falar; mas ela tinha saído. Parecia-me que a jovem senhora tivera de vender os cabelos para ter pão. Fui em seguida à casa de um vendedor de lenha e mandei uma meia carga de lenha, pedindo ao carreteiro e aos serradores que entregassem à moça um recibo pago em nome do cidadão Mongenod. Aí termina o período daquilo que durante muito tempo chamei *minha burrice* — disse o velhote Alain juntando as mãos e erguendo-as um pouco num gesto de arrependimento. Godofredo não pôde deixar de sorrir; mas, como se vai ver, cometia um grande erro sorrindo.

XXXII — O QUE FAZEM TODOS OS CREDITORES

— Dois dias depois — continuou o velhote — encontrei uma dessas pessoas que não são nem amigas nem indiferentes, e com as quais temos relações de longe em longe; enfim, o que se denomina um conhecido, um sr. Barillaud, o qual, por acaso, a propósito dos *Peruanos*, disse ser amigo do autor. “Conheces o cidadão Mongenod?”, perguntei-lhe. Nesse tempo éramos todos obrigados a tutear-nos — disse Alain a Godofredo, a modo de parêntese.

— Esse cidadão olhou-me — disse Alain, continuando sua narrativa — e exclamou: “Bem quisera não o ter conhecido, porquanto mais de uma vez ele me tem pedido dinheiro emprestado, e me manifesta

bastante amizade para não mo restituir. É um rapaz engraçado; um bom tipo, mas cheio de ilusões!... Oh! Uma imaginação fogosa!... Faça-lhe justiça: ele não procura enganar; como, porém, engana-se a si próprio a respeito de tudo, chega a portar-se como um homem de má-fé". "Mas, quanto te deve ele?" "Ora! Uns cem escudos... É um cesto furado. Ninguém sabe onde ele mete o dinheiro, porque ele mesmo talvez não o saiba." "Ele tem recursos?" "Como não!", disse-me Barillaud, rindo. "Neste momento ele fala em comprar terras entre os selvagens nos Estados Unidos." Levei comigo essa gota de vinagre que a maledicência atirara em meu coração e que fez azedarem todas as minhas boas disposições. Fui ver meu antigo patrão, que me servia de conselheiro. Assim que lhe confiei o segredo do meu empréstimo a Mongenod e o modo por que eu havia procedido: "Como!", exclamou ele, "e é um dos meus ajudantes que procede assim! Mas devia ter protelado para o dia seguinte e vindo procurar-me. Teria sabido que proibi a entrada de Mongenod no meu escritório. Ele já me tomou emprestado, de há um ano para cá, mais de cem escudos em dinheiro, uma quantia enorme! E, três dias antes de ir almoçar com você, ele me encontrou na rua e me descreveu sua miséria com palavras tão comovedoras que eu lhe dei dois luíses!". "Se sou vítima de um hábil comediante, será tanto pior para ele, e não para mim! Mas que fazer?" "Consiga ao menos um documento qualquer dele, porque um devedor, por pior que seja, pode tornar-se bom, e então paga." Ao dizer isso, Bordin tirou de um cartapácio da sua secretária um envelope no qual vi escrito o nome de Mongenod; mostrou-me três declarações de dívida de cem francos cada uma: "A primeira vez que ele vier eu o farei acrescentar os juros, os dois luíses que lhe dei e mais o que me pedir; depois, do total ele subscreverá um aceite, reconhecendo que os juros correm a partir do dia do empréstimo. Pelo menos terei tudo em regra e um meio de chegar até o pagamento". "Pois bem", disse eu a Bordin, "poderá pôr-me em regra como estará o senhor? Porque o senhor é um homem honesto, e o que faz está bem." "Fico assim senhor do terreno", respondeu-me o ex-procurador. "Quando se procede como o senhor fez, fica-se à mercê de um homem que pode zombar da gente. Eu não quero que zombem de mim! Zombar de um antigo procurador no Châtelet?...^[37] Ai, ai, ai! Todo homem a quem se empresta uma quantia como a que irrefletidamente emprestou a Mongenod acaba no fim de algum tempo por julgá-la sua. Não é mais o dinheiro do senhor e sim o dele, e o senhor se torna seu credor, isto é, um homem incômodo. Um devedor procura então desembaraçar-se da gente, arranjando-se com a própria consciência, e, em cem homens, existem setenta e cinco que se esforçam por não nos encontrar mais durante o resto da vida..." "De modo que o senhor só admite vinte e cinco por cento de pessoas honestas?" "Eu disse isso?", respondeu ele, sorrindo com malícia.

“Acho demais!” Quinze dias depois, recebi uma carta pela qual Bordin convidava-me a passar por sua casa a fim de ir buscar meu título. Fui. “Procurei salvar-lhe cinquenta luíses”, disse-me ele (eu lhe confiara minha conversação com Mongenod). “Mas os pássaros voaram. Diga adeus aos seus amarelinhos! Seus canários das Canárias voltaram para os climas quentes. Estamos em negócio com um espertalhão. Pois não é que ele me afirmou que a esposa e o sogro tinham partido para os Estados Unidos com sessenta de seus luíses para lá comprar terras, e que tinha a intenção de ir ter com eles, para, segundo diz, fazer fortuna a fim de voltar e pagar suas dívidas, cuja relação perfeitamente em regra me foi confiada por ele, pois pediu-me que visse a sorte de seus credores. Eis aqui a relação circunstanciada”, disse-me Bordin mostrando-me um envelope no qual leu o total: “Dezessete mil francos em dinheiro! Importância com a qual se conseguiria uma casa valendo dois mil escudos de renda!”. E, depois de ter tornado a guardar os papéis, entregou-me uma letra de câmbio por uma quantia equivalente a cem luíses de ouro expressos em “assinados”, com uma carta na qual Mongenod reconhecia ter recebido cem luíses, em ouro, e dever-me os juros. “Estou pois em regra?”, disse eu a Bordin. “Ele não lhe negará a dívida”, respondeu meu antigo patrão; “mas onde não há nada, o rei, isto é, o Diretório^[38] perde os seus direitos.” Saí, ao dizer essas palavras. Julgando ter sido roubado por um meio que escapa às leis, retirei minha estima a Mongenod, e resignei-me muito filosoficamente.

XXXIII — FILOSOFIA DO SR. ALAIN

— Se me estendo sobre esses detalhes tão vulgares, e tão superficiais na aparência, não é sem motivos — continuou o velhote, olhando Godofredo —; procuro explicar-lhe como fui levado a proceder como procede a maioria dos homens, ao acaso e desprezando regras que os selvagens observam nas menores coisas. Muita gente se justificaria amparando-se num homem sisudo como Bordin; hoje, porém, julgo-me indesculpável. Quando se trata de condenar um nosso semelhante recusando-lhe para sempre nossa estima, não podemos nos fiar senão em nós próprios, e mesmo assim!... Devemos transformar nosso coração num tribunal onde citemos nosso próximo? Onde estaria a lei? Qual seria nossa medida de apreciação? O que em nós é fraqueza não será força no nosso vizinho? Tantos seres, outras tantas circunstâncias diferentes para cada fato, porquanto não existem dois acidentes iguais na humanidade. Somente a sociedade tem o direito de repressão sobre os seus membros; porque o de castigo, esse eu o contesto: basta-lhe reprimir, e já este comporta bastante crueldade.

XXXIV — A PONTA DE FACA

— Ouvindo, pois, as palavras ocas de um parisiense e admirando a sensatez de meu antigo patrão, eu condenei Mongenod — continuou o velhote, prosseguindo na sua história depois de haver tirado dela essa sublime lição. — Anunciaram os *Peruanos*. Fiquei à espera de receber uma entrada de Mongenod para a primeira representação, pois me atribuía certa superioridade sobre ele. Meu amigo parecia-me, em virtude do seu empréstimo, uma espécie de vassalo que me devia uma porção de coisas, além dos juros do meu dinheiro. Todos procedemos assim! Não somente Mongenod não me mandou nenhuma entrada, como eu o vi vir de longe na passagem obscura existente por baixo do Théâtre Feydeau, bem-vestido, quase elegante; fingiu não me ter visto. Depois que passou por mim, quando eu quis correr atrás dele, meu devedor se havia escapado por uma passagem transversal. Essa circunstância irritou-me vivamente. Minha irritação, em vez de ser passageira, aumentou com o tempo. Eis como. Alguns dias depois desse encontro, escrevi a Mongenod mais ou menos nestes termos:

Meu amigo, não me deve julgar indiferente a tudo que lhe pode acontecer de bem ou de mal. Os *Peruanos* o estão satisfazendo? Você esqueceu-me, está no seu direito, para a primeira representação, na qual muito o teria eu aplaudido! Seja como for, faço votos para que nos *Peruanos* você encontre um Peru, pois tenho neles empregados os meus fundos, e conto com você no vencimento.

Seu amigo Alain

Depois de passar quinze dias sem receber resposta, fui à Rue des Moineaux. A dona da casa informou-me que de fato a mulherzinha partira com o pai na época em que Mongenod participara essa partida a Bordin. Mongenod saía de sua pocilga de manhã cedo e só voltava tarde da noite. Passados outros quinze dias, nova carta assim concebida:

Meu caro Mongenod, não o vejo e você não responde às minhas cartas: Não concebo absolutamente seu procedimento; se eu me portasse desse modo com você, que pensaria você de mim?

Não assinei mais *Seu amigo*; escrevi: *mil lembranças*

Passou-se um mês sem que eu tivesse notícias de Mongenod. Os *Peruanos* não conseguiram o grande êxito com que Mongenod contava. Fui, à minha custa, à vigésima representação e vi lá pouca gente. A sra. Scio,^[39] entretanto, esteve belíssima. Disseram-me no saguão que a peça teria ainda algumas representações. Fui sete vezes à casa de Mongenod, sem o encontrar, e de cada vez deixei meu nome à dona da casa. Escrevi-lhe então:

Senhor, se não quer perder minha estima depois de ter perdido minha amizade, tratar-me-á daqui por diante como a um estranho, isto é, com polidez, e me dirá se estará em condições por ocasião do vencimento de sua letra. Pautarei meu procedimento de acordo com sua resposta. Seu servidor, Alain.

Nenhuma resposta. Estávamos então em 1799; decorrera um ano menos dois meses. No vencimento, fui ver Bordin. Este lança mão do título, o faz protestar e executar. Os desastres sofridos pelos exércitos franceses tinham causado nos títulos uma tal depreciação, que se podiam comprar cinco francos de renda por sete francos. Assim é que por cem luíses eu poderia ter mil e quinhentos francos de renda. Todas as manhãs, ao tomar a minha xícara de café, eu dizia, ao ler os jornais: “Maldito Mongenod! Não fosse ele, eu conseguiria mil escudos de renda”. Mongenod tornara-se o meu azar; eu deblaterava contra ele nos meus passeios pelas ruas. “Bordin está aí!”, dizia a mim mesmo, “ele o agarrará, e será bem feito!” Meu ódio exalava-se em imprecações, eu amaldiçoava aquele homem, e lhe atribuía todos os vícios. Ah! O sr. Barillaud tinha muita razão no que me dizia dele.

XXXV — AS DESPEDIDAS DE MONGENOD

— Uma manhã, finalmente, entra porta adentro meu devedor, mais desembaraçado do que se não me devesse um cêntimo; ao vê-lo, senti todo o pejo que ele deveria sentir. Fiquei como um criminoso pego em flagrante delito. Estava constrangido. Tivera lugar o 18 de brumário,^[40] tudo ia às mil maravilhas, os fundos subiam e Bonaparte partira para travar a batalha de Marengo. “É uma pena, senhor”, disse eu, recebendo Mongenod de pé, “que só deva a sua visita às instâncias de um Oficial de Justiça.” Mongenod pegou uma cadeira e sentou-se. “Venho dizer-te”, respondeu-me, “que não estou em condições de te pagar.” “O senhor me fez perder o emprego do meu dinheiro antes da chegada do primeiro cônsul, ocasião em que eu poderia ter feito uma pequena fortuna...” “Sei disso, Alain”, disse-me, “sei. Mas que adianta perseguir-me e endividar-me sobrecarregando-me de custas? Recebi notícias do meu sogro e da minha mulher, eles compraram terras e me mandaram a lista das coisas necessárias para sua instalação: tive de empregar todos os meus recursos nessas aquisições. Agora, sem que ninguém o possa impedir, vou embarcar num navio holandês, em Flessingue, para onde mandei todas as minhas malas. Bonaparte venceu a batalha de Marengo, vão assinar a paz, posso sem temor reunir-me à minha família, porque minha querida mulherzinha partiu grávida.” “Assim, pois, imolou-se aos seus interesses?”, disse-lhe eu. “Sim”, respondeu-me, “acreditei que você fosse meu amigo.” Nesse momento senti-me inferior a Mongenod, de tão sublime eu o achei ao vê-lo dizer essa simples palavra tão grande. “Eu não lhe disse?”, continuou. “Não fui de uma extrema franqueza com você, ali, naquele mesmo lugar? Procurei-o, Alain, vendo em você a única pessoa pela qual eu podia ser apreciado. Cinquenta luíses, foi o que eu lhe disse, estariam perdidos; mas cem, eu os reembolsarei. Não marquei prazo, pois como posso saber em que dia

terminarei minha longa luta contra a miséria? Você era meu último amigo. Todos os outros, mesmo o nosso velho patrão Bordin, desprezavam-me justamente pelo fato de eu lhes pedir dinheiro emprestado! Oh! Alain, você não sabe a sensação cruel que oprime o coração de um homem de bem em luta com a desgraça, quando ele entra em casa de alguém para pedir-lhe auxílio!... E tudo o que se segue! Faço votos para que você jamais a conheça; é mais horrível do que a angústia da morte. Você me escreveu cartas que, se em situação idêntica as recebesse de mim, parecer-lhe-iam odiosas. Esperou de mim coisas que não era possível realizar. Você é o único perante o qual me venho justificar. Apesar dos seus rigores, e conquanto você se tivesse metamorfoseado de amigo em credor no dia em que Bordin me pediu um título para você, desmentindo assim o sublime contrato que tínhamos feito, ali, quando nos apertamos as mãos e trocamos nossas lágrimas, pois bem, só me lembrei daquela manhã. Por causa daquela hora, venho dizer-lhe: ‘Você não conhece a desgraça, não a acuse!’. Não tive nem uma hora, nem um segundo para lhe escrever e responder. Queria, talvez, que eu o viesse adular?... Seria o mesmo que pedir a uma lebre fatigada pelos cães e pelos caçadores, para que descansasse numa clareira e nela pastasse a erva! Não tive ingressos para você, não; não os tive em quantidade suficiente para as exigências daqueles de quem dependia a minha sorte. Noviço no teatro, fui presa dos músicos, dos atores, dos cantores, da orquestra. Para poder partir e comprar o que minha família necessitava lá para onde ia, vendi os *Peruanos* ao diretor, com duas outras peças que tinha na carteira. Parto para a Holanda sem um vintém. Na estrada comerei pão, até chegar a Flessingue. Minha viagem está paga, e é tudo. Sem a piedade da dona da casa, que tem confiança em mim, eu teria sido obrigado a viajar a pé, com a bagagem nas costas. Portanto, apesar das suas dúvidas a meu respeito, como sem você eu não teria podido mandar meu sogro e minha mulher para Nova York, minha gratidão é completa. Não, sr. Alain, não esquecerei que os cem luíses que me emprestou lhe dariam hoje mil e quinhentos francos de renda.” “Quisera crer em você, Mongenod”, disse eu, quase abalado pelo acento que ele empregou ao dar essa explicação. “Ah! Não me chamas mais de senhor”, disse ele vivamente, olhando-me com ar enternecido. “Meu Deus! Eu deixaria a França com menos pesar, se aqui deixasse um homem a cujos olhos eu não fosse nem um semilarápio, nem um esbanjador, nem um ilusionista. No meio da minha miséria amei um anjo. Um homem que ama com sinceridade, Alain, nunca é completamente desprezível...” A essas palavras estendi-lhe a mão, que ele segurou e apertou. “Que o céu te proteja!”, disse-lhe eu. “Sempre amigos?”, perguntou-me. “Sim”, repliquei. “Não se dirá que o meu companheiro de infância e amigo da mocidade partirá para a América sob o peso da minha cólera!...”

Mongenod abraçou-me com os olhos rasos de lágrimas e precipitou-se para a porta.

XXXVI — CONFIDÊNCIAS MÚTUAS

— Quando, passados alguns dias, encontrei Bordin, contei-lhe minha última entrevista, e ele me disse sorrindo: “Faço votos para que não seja uma cena de comédia... Ele não lhe pediu nada?”. “Não”, respondi. “Ele também foi à minha casa, e eu tive quase a mesma fraqueza que você; pediu-me com que viver no caminho. Enfim, quem viver verá!” Essa observação de Bordin fez-me recluir ter cedido tolamente a um impulso da sensibilidade. “Mas, também ele, o procurador, fez o mesmo que eu!”, disse comigo. Creio inútil explicar-lhe como perdi toda a minha fortuna, com exceção dos meus outros cem luíses que coloquei no Grande Livro,^[41] quando os títulos chegaram a uma taxa tão alta que tive apenas quinhentos francos de renda para viver, na idade de trinta e quatro anos. Com a proteção de Bordin obtive um emprego de oitocentos francos de ordenado na sucursal do Monte de Socorro, à Rue des Petits-Augustins. Vivi então muito modestamente. Instalei-me na Rue des Marais, no terceiro andar, num pequeno apartamento composto de duas peças e de um gabinete, por duzentos e cinquenta francos. Eu ia jantar numa pensão burguesa, por quarenta francos por mês. À noite, eu fazia trabalhos de cópia. Feio e pobre como sou, tive que renunciar ao casamento.

Ao ouvir essa sentença que o pobre Alain proferia contra ele próprio com adorável resignação, Godofredo fez um gesto que, mais do que uma confiança, demonstrou a paridade dos destinos dos dois; e o velhote, em resposta àquele gesto eloquente, pareceu esperar uma palavra do seu ouvinte.

— Nunca foi amado? — perguntou Godofredo.

— Nunca! — respondeu ele. — Salvo pela sra. de la Chanterie, que a todos nos retribui o amor que temos por ela, amor que posso denominar divino. O senhor pôde convencer-se disso; vivemos da vida dela, como ela vive da nossa; temos para todos nós uma mesma alma; e, embora não sejam *físicos*, nem por isso nossos prazeres deixam de ser muito intensos, pois existimos somente pelo coração... Que quer, meu filho — continuou ele —, quando as mulheres podem apreciar as qualidades morais, elas acabaram com as exterioridades, e são então velhas... Sofri muito, pode crer!

— Ah! Eu também cheguei ao mesmo ponto — disse Godofredo.

XXXVII — AS MALDADES DE UM SANTO

— Durante o Império — continuou o velhote, baixando a cabeça — as

rendas não eram pagas com pontualidade, era preciso prever as suspensões de pagamento. De 1802 a 1814, não se passou semana em que eu não atribuisse minhas desditas a Mongenod. “Sem Mongenod”, dizia eu a mim mesmo, “teria podido casar-me. Sem ele, eu não me veria obrigado a viver cheio de privações.” Mas por vezes também me dizia: “Quem sabe se o infeliz não está sendo perseguido lá pela má sorte!”. Em 1806, num dia em que eu achava o fardo da minha vida pesado demais, escrevi-lhe uma longa carta que lhe fiz chegar às mãos através da Holanda. Não tive resposta e esperei três anos, fundando sobre essa resposta esperanças sempre defraudadas. Finalmente, resignei-me à minha vida. Aos meus quinhentos francos de renda, aos meus mil e duzentos francos do Monte de Socorro, pois fui aumentado, somei uma escrituração de livros que obtive da casa do sr. Birotteau,^[42] perfumista, e que me valeu quinhentos francos. Desse modo, não somente solucionei minhas dificuldades como até cheguei a pôr de lado oitocentos francos por ano. Em começos de 1814, coloquei nove mil francos de economias, a quarenta francos, no Grande Livro, e tive mil e seiscentos francos de renda garantidos para os meus dias de velhice. Tinha, pois, mil e quinhentos francos no Monte de Socorro, seiscentos francos pela escrituração, mil e seiscentos sobre o Estado, ao todo três mil e setecentos francos. Aluguei um apartamento na Rue de Seine, e vivi então um pouco melhor. Meu emprego punha-me em relações com muitos infelizes. Nos últimos doze anos eu fiquei conhecendo a miséria pública melhor do que ninguém. Uma ou duas vezes obsequiei alguns pobres-diabos. Senti um vivo prazer ao achar, sobre dez obsequiados, um ou dois casais que saíam de dificuldades. Veio-me ao espírito a ideia de que a beneficência não devia consistir em atirar dinheiro aos que sofrem. Praticar a caridade, segundo a expressão vulgar, pareceu-me muitas vezes ser um prêmio dado ao crime. Pus-me a estudar essa questão. Tinha então cinquenta anos e minha vida estava mais ou menos acabada. “Para que presto eu?”, era o que me perguntava. “A quem deixarei minha fortuna? Quando tiver mobiliado ricamente meu apartamento, quando tiver uma boa cozinheira, quando minha vida estiver convenientemente assegurada, em que empregarei o meu tempo?” Assim, pois, onze anos de revolução e quinze anos de miséria tinham devorado o tempo mais precioso da minha vida, tinham-na gastado num trabalho estéril, ou empregado unicamente na conservação da minha pessoa! Ninguém pode, nessa idade, atirar-se desse destino obscuro e oprimido pela necessidade para um destino brilhante; mas sempre é possível a gente tornar-se útil. Compreendi finalmente que uma vigilância pródiga em conselhos decuplicava o valor do dinheiro dado, porquanto os infelizes precisam sobretudo de guia; fazendo-os aproveitar o trabalho que fazem por outros, não é a inteligência do especulador o que lhes falta. Alguns belos resultados

que obtive tornaram-me muito orgulhoso. Vi de uma só vez uma finalidade e uma ocupação, sem falar dos gozos delicados que nos dá o prazer de representar em pequena escala o papel de Providência.

— E hoje representa-o em larga escala? — perguntou vivamente Godofredo.

— Oh! O senhor quer saber tudo! — disse o ancião. — Nada disso. Acredita? — continuou ele após essa pausa. — A escassez de recursos que minha pequena fortuna punha à minha disposição levava o meu apartamento seguidamente a Mongenod. “Sem Mongenod eu poderia fazer muito mais”, dizia eu. “Se um velhaco não me tivesse privado de mil e quinhentos francos de renda”, pensei muitas vezes, “eu salvaria tal família.” Desculpando então minha impotência com uma acusação, aqueles a quem eu oferecia somente palavras de consolação amaldiçoavam Mongenod comigo. Essas maldições aliviavam-me o coração.

XXXVIII — VINGANÇA DE MONGENOD

— Uma manhã, em janeiro de 1816, minha governanta anuncia-me... Quem? Mongenod! O sr. Mongenod! E quem vejo eu entrar?... A bela senhora, então com trinta e seis anos, e acompanhada por três filhos; depois, Mongenod, mais moço do que quando partira, porque a riqueza e a felicidade cercam seus favoritos de uma auréola. Tendo partido magro, pálido, amarelo, seco, ele regressava volumoso, gordo, florido como um prebendário, e bem-vestido. Atirou-se em meus braços e, ao ver-se recebido com frieza, começou logo dizendo: “Poderia eu vir mais cedo, meu amigo? Os mares só estão livres desde 1815, e, além disso, precisei dezoito meses para realizar minha fortuna, fechar minhas contas e fazer-me pagar. Triunfei, meu amigo! Quando recebi tua carta, em 1806, parti num navio holandês para te trazer eu mesmo uma pequena fortuna; mas a reunião da Holanda ao Império francês fez-me cair nas mãos dos ingleses, que me levaram à Jamaica, de onde por sorte escapei. De volta a Nova York, fui vítima de falências, porque na minha ausência a pobre Carlota não soubera precaver-se contra os intrigantes. Fui, pois, forçado a recomeçar o edifício da minha fortuna. Enfim, aqui estamos de volta. Pelo modo com que estas crianças te olham, deves perceber que muitas vezes lhes falaram do benfeitor da família!”. “Oh! Sim, senhor”, disse a bela sra. Mongenod, “não passamos um único dia sem nos lembrarmos do senhor. Em todos os negócios sua parte foi reservada. Todos nós aspiramos à felicidade que nos é dada neste momento de lhe oferecer sua fortuna, sem acreditar que este *dízimo do senhor* possa jamais saldar a dívida da gratidão.” Ao terminar essas palavras, a sra. Mongenod entregou-me esse magnífico cofrezinho que o senhor vê, no qual havia cento e cinquenta notas de

mil francos. “Sofreste muito, meu pobre Alain, bem sei; mas nós adivinhávamos teus sofrimentos e fizemos tudo o que era possível para te fazer chegar às mãos algum dinheiro, sem o conseguir”, continuou Mongenod. “Não pudeste casar-te, foi o que me disseste; mas aqui está nossa primogênita, que foi criada na ideia de ser tua mulher e que tem quinhentos mil francos de dote...” “Deus me livre de fazer a desgraça dela!”, exclamei vivamente, contemplando uma rapariga tão bela quanto a sua mãe naquela idade. E atraí-a para mim, a fim de beijá-la na fronte. “Não tenha medo, minha bela filha!”, disse-lhe. “Um homem de cinquenta anos para uma moça de dezessete, e de mais a mais feio como sou”, exclamei, “nunca!” “Senhor”, respondeu ela, “o benfeitor de meu pai jamais será feio para mim.” Essas palavras, ditas espontaneamente e com candura, fizeram-me compreender que tudo era verdade na narrativa de Mongenod; estendi-lhe a mão e nos abraçamos novamente. “Meu amigo”, disse-lhe eu, “tenho culpas para contigo, pois muitas vezes te acusei e amaldiçoei.” “Devias fazê-lo, Alain”, respondeu-me ele, corando, “tu sofrias, e por culpa minha.” Tirei de uma pasta os papéis do caso Mongenod e entreguei-os, passando recibo na sua letra de câmbio. “Almoçarão todos comigo”, disse eu à família. “Com a condição de que irás jantar em nossa casa uma vez que estejamos instalados”, disse-me Mongenod, “pois chegamos ontem. Vamos comprar uma casa, e vou abrir um banco em Paris para a América do Norte, a fim de deixá-lo a este rapaz”, disse, mostrando-me seu filho mais velho, de quinze anos de idade. Passamos juntos o resto do dia e fomos de noite à Comédia, pois Mongenod e a família estavam famintos por teatro. No dia seguinte coloquei o dinheiro no Grande Livro e fiquei com quinze mil francos mais ou menos de renda. Essa fortuna permitiu-me desistir da escrituração à noite e demitir-me do meu posto, com grande satisfação dos extranumerários. Depois de ter fundado a casa bancária Mongenod e Cia., que teve enormes lucros nos primeiros empréstimos da Restauração, meu amigo morreu em 1827, com sessenta e três anos. Sua filha, a quem ele deu mais tarde um dote de um milhão, desposou o visconde de Fontaine. O filho, que o senhor conhece, ainda não se casou; vive com a mãe e o irmão mais moço. Em casa deles obtemos todas as quantias de que possamos ter necessidade. Frederico, pois o pai lhe dera meu nome na América, Frederico Mongenod é, aos trinta e sete anos, um dos mais hábeis e mais probos banqueiros de Paris. Não faz muito que a sra. Mongenod acabou de confessar-me que vendera seus cabelos por dois escudos de seis libras, a fim de comprar pão. Todos os anos ela dá vinte e quatro cargas de lenha, que distribuo entre os necessitados, pela meia carga que outrora lhe mandei.

— Isso explica-me agora suas relações com a Casa Mongenod — disse Godofredo — e sua fortuna...

O velhote olhou Godofredo, sorrindo sempre com a mesma expressão de suave malícia.

— Continue — disse Godofredo, vendo pelo ar de Alain que ele não contara tudo.

— Esse desenlace, meu caro Godofredo, exerceu sobre mim a mais profunda impressão. Se o homem que sofreu tanto, se meu amigo me perdoou minha ingratidão, eu, eu não ma perdoei.

— Oh! — fez Godofredo.

— Resolvi consagrar todo o meu supérfluo, cerca de dez mil francos por ano, a atos de beneficência refletidos — continuou tranquilamente o sr. Alain. — Por essa época encontrei um juiz do tribunal de primeira instância do Sena, chamado Popinot,^[44] que tivemos a dor de perder faz três anos, e que, durante quinze anos, exerceu a mais ativa caridade no Faubourg Saint-Marceau. Ele teve, com o nosso venerável vigário de Notre-Dame e a sra. de la Chanterie, a ideia de fundar a obra na qual cooperamos, e que, desde 1825, tem produzido secretamente alguns bens. Essa obra teve na sra. de la Chanterie uma alma, pois ela é verdadeiramente a alma dessa empresa. O vigário soube fazer-nos mais religiosos do que o éramos a princípio, demonstrando-nos a necessidade de sermos nós mesmos virtuosos para podermos inspirar a virtude, pregando pelo exemplo. Quanto mais caminhamos nessa via, mais nos achamos reciprocamente felizes. Foi, pois, o arrependimento que tive de ter mal apreciado o coração do meu amigo de infância que me deu a ideia, por mim mesmo, de consagrar aos pobres a fortuna que ele me trouxera e que aceitei sem me revoltar contra a enormidade da quantia restituída em lugar da que eu tinha emprestado: a destinação dela tudo conciliava.

Essa narrativa, feita sem nenhuma ênfase e com tocante bonomia, quer no acento quer no gesto ou no olhar, teria inspirado a Godofredo o desejo de entrar naquela santa e nobre associação, se ele já não tivesse tomado tal resolução.

— O senhor pouco conhece o mundo — disse Godofredo —, visto ter tido tais escrúpulos relativamente a coisas que não pesariam sobre nenhuma consciência.

— Não conheço senão os infelizes — respondeu o velhote. — Não desejo conhecer um mundo no qual tão pouco se teme julgar mal uns aos outros... É quase meia-noite e tenho de meditar meu capítulo da *Imitação de Cristo*... Boa noite.

Godofredo pegou a mão do velhote e apertou-a num gesto de grande admiração.

— Pode contar-me a história da sra. de la Chanterie? — perguntou Godofredo.

— É impossível sem o consentimento dela — respondeu Alain —, porque está ligada a um dos mais terríveis acontecimentos da política imperial. Foi por intermédio do meu amigo Bordin que eu a conheci; ele soube de todos os segredos dessa nobre vida, e foi ele quem, por assim dizer, me trouxe para esta casa.

— Seja como for — replicou Godofredo —, agradeço-lhe o ter-me contado sua vida, na qual existem lições para mim.

— Sabe qual é a moral dela?

— Mas diga-o — respondeu Godofredo —, pois eu poderia ver nela coisa diferente do que o senhor vê.

— Pois bem, o prazer — disse o velhote — é um acidente na vida do cristão, não é o seu fim, e nós compreendemos isso tarde demais.

— E que é que acontece quando a gente se cristianiza? — perguntou Godofredo.

— Olhe! — disse Alain. Com o dedo, apontou a Godofredo uma inscrição em letras de ouro num fundo negro, que o novo pensionista não vira, porquanto entrava pela primeira vez no quarto do velhote. Godofredo, voltando-se, leu: *Transire Benefaciendo*.

— Aí está, meu filho, o sentido que então se dá à vida. É o nosso lema. Se se tornar um dos nossos, será esse todo o seu diploma. Lemos essa advertência que nos fazemos a nós mesmos, continuamente, ao levantar-nos, ao deitar-nos, ao vestir-nos... Ah! Se soubesse os prazeres imensos que a realização desse lema comporta!...

— Como? — disse Godofredo, esperando revelações.

— Primeiro que tudo, somos tão ricos como o barão de Nucingen... Mas a *Imitação de Cristo* proíbe-nos de termos seja o que for nosso; somos apenas distribuidores, e, se tivéssemos um único gesto de orgulho, não seríamos dignos de ser distribuidores. Não seria *transire benefaciendo*, seria gozar pelo pensamento. Se o senhor se dissesse inflando as ventas: “Represento o papel da Providência!”, como poderia ter pensado, se tivesse estado esta manhã no meu lugar, ao restituir a vida a uma família, o senhor se tornaria um Sardanapalo,^[45] um malvado. Nenhum desses senhores pensa mais em si ao praticar o bem; é preciso despir-se de qualquer vaidade, de qualquer orgulho, de qualquer amor-próprio, e isso, creia, é difícil!...

XL — OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Godofredo deu boa-noite ao sr. Alain e voltou aos seus aposentos vivamente impressionado com aquela narrativa; entretanto, sua curiosidade estava mais aguçada do que satisfeita, porque a figura máxima do quadro que aquele interior representava era a sra. de la Chanterie. A vida dessa mulher tinha para ele tal valor que fazia desse conhecimento o alvo de sua estada no palácio de La Chanterie. Ele já

entrevia na associação daquelas cinco pessoas uma vasta empresa de Caridade, mas pensava muito menos nisso do que na sua heroína.

O neófito empregou vários dias observando, melhor do que até então fizera, as pessoas de escol entre as quais se achava, e tornou-se objeto de um fenômeno moral que os filantropos modernos têm desdenhado, talvez por ignorância. A esfera em que Godofredo vivia teve uma ação positiva sobre ele.

A lei que rege a natureza física relativamente à influência dos meios atmosféricos sobre as condições de existência dos seres que neles se desenvolvem rege igualmente a natureza moral; de onde se segue que a reunião dos condenados é um dos maiores crimes sociais, e que seu isolamento é uma experiência de êxito duvidoso. Os condenados deveriam ser entregues a instituições religiosas e cercados pelos prodígios do bem, em vez de permanecerem no meio dos milagres do mal. Nesse campo pode esperar-se um inteiro devotamento por parte da Igreja; se ela envia missionários para as nações selvagens ou bárbaras, com que alegria não daria a ordens religiosas a missão de receber os selvagens da civilização, para catequizá-los! Porque todo criminoso é ateu, e muitas vezes sem o saber.

Godofredo viu serem aquelas cinco pessoas dotadas das qualidades que exigiam dele; todas eram despidas de orgulho, de vaidade, eram verdadeiramente humildes e piedosas, sem nenhuma dessas pretensões que constituem a *devoção*, na má aceção desse termo. Essas virtudes eram contagiosas: invadiu-o o desejo de imitar esses heróis ignorados, e acabou por estudar apaixonadamente o livro que a princípio desdenhara.

Em quinze dias, simplificou completamente a vida, reduzindo-a ao que realmente ela é, quando considerada do ponto de vista elevado a que nos conduz o espírito religioso. Enfim, sua curiosidade, tão mundana inicialmente, excitada por tantos motivos vulgares, purificou-se; se a ela não renunciou de todo, foi por lhe ser difícil desinteressar-se do que se relacionava com a sra. de la Chanterie; mas mostrou, sem querer, uma discrição que foi apreciada por aqueles homens nos quais o Espírito divino desenvolvia uma profundidade inaudita nas faculdades, como aliás em todos os religiosos. A concentração das forças morais, seja por que sintoma for, lhes decuplica o alcance.

— Nosso amigo ainda não está convertido — dizia o bom padre de Vèze —, mas ele pede para sê-lo.

Uma circunstância imprevista apressou a revelação da história da sra. de la Chanterie a Godofredo, de modo que o interesse capital que ela apresentava foi prontamente satisfeito.

Paris ocupava-se naquele momento do desenlace, na Barrière Saint-Jacques, de um desses horríveis processos criminais que fazem época nos anais das nossas cortes de Justiça.^[46]

Esse processo tirara seu prodigioso interesse dos próprios criminosos, cuja audácia, cujo espírito superior ao dos acusados comuns e cujas respostas cínicas espantaram a sociedade. Coisa digna de nota: nenhum jornal entrava no palácio de La Chanterie, e Godofredo não ouviu falar da rejeição do recurso promovido pelos condenados, senão por seu professor de escrituração, pois que o processo tivera lugar muito antes de sua entrada em casa da sra. de la Chanterie.

— Costumam encontrar — disse ele aos seus futuros amigos — gente como esses cruéis bandidos? E, quando os encontram, como se arrumam com eles?

— Em primeiro lugar — disse o sr. Nicolau — não há bandidos cruéis, há naturezas doentes que deveriam ir para Charenton; mas, afora essas raras exceções médicas, nós não vemos senão gente sem religião, ou gente que raciocina mal; e a missão do homem caridoso é reerguer as almas, reconduzir ao bom caminho os transviados.

— É — disse o padre de Vèze —, tudo é possível para o apóstolo; pois Deus está com ele...

— Se os mandassem tratar com aqueles dois condenados — arriscou Godofredo —, os senhores nada obteriam!

— Não haveria tempo — fez observar o velhote Alain.

— Em geral — disse o sr. Nicolau —, confiam à religião almas que se encontram na impenitência final, e sem lhe dar tempo para operar prodígios. As pessoas de quem fala, nas nossas mãos, tornar-se-iam homens muito distintos, pois são de uma energia imensa, mas, quando cometem um assassinio, não é mais possível ocupar-nos com eles, porque a justiça humana toma conta deles...

— De modo que — disse Godofredo — os senhores são contra a pena de morte?

O sr. Nicolau levantou-se bruscamente e saiu.

— Nunca fale em pena de morte diante do sr. Nicolau! Ele reconheceu, num criminoso, cuja execução ele fora encarregado de superintender, seu filho natural...

— Que era inocente! — acrescentou o sr. José.

Nesse momento, a sra. de la Chanterie, que se havia ausentado por alguns instantes, voltou ao salão.

— Mas, afinal, confesse — disse Godofredo, dirigindo-se ao sr. José — que a sociedade não pode subsistir sem a pena de morte, e que esses aos quais amanhã vão cortar...

Godofredo sentiu a boca tapada com força, por mão vigorosa, e o padre de Vèze levou a sra. de la Chanterie pálida e quase morta.

— Que fez o senhor! — disse o sr. José a Godofredo. — Leve-o, Alain! — disse ele tirando a mão com que estava amordaçando Godofredo. E acompanhou o padre de Vèze aos aposentos da sra. de la Chanterie.

— Venha — disse o sr. Alain a Godofredo —, o senhor obriga-nos a lhe confiar os segredos da vida de nossa amiga.

XLII — UMA HISTÓRIA COMPLICADA

Daí a poucos instantes os dois amigos estavam no quarto do sr. Alain, como na ocasião em que o velho contara sua história ao rapaz.

— E então? — perguntou Godofredo, cujo semblante revelava seu desespero por ter sido causa do que, naquela casa santa, podia denominar-se catástrofe.

— Estou esperando que Manon nos venha tranquilizar — respondeu o velhote, escutando o ruído dos passos da criada na escada.

— Senhor, a patroa está bem... O senhor padre enganou-a a respeito do que estavam falando — disse Manon dirigindo um olhar quase rancoroso a Godofredo.

— Meu Deus! — exclamou o pobre rapaz, em cujos olhos assomaram lágrimas.

— Vamos, sente-se — disse o sr. Alain, sentando-se.

E fez uma pausa para coordenar suas ideias.

— Não sei — disse o bom velho — se terei o talento preciso para contar dignamente as atribulações de uma vida tão cruelmente castigada; o senhor me desculpará, quando não achar as palavras de um tão fraco orador à altura dos atos e das catástrofes. Lembre-se de que faz muito que saí do colégio e que sou filho de um século no qual se preocupavam mais com o pensamento do que com o efeito, um século prosaico no qual se designavam as coisas simplesmente pelo seu nome.

Godofredo fez um gesto de anuência no qual o velhote Alain pôde ver uma admiração sincera, e que queria dizer: “Estou ouvindo”.

— Como acaba de ver, meu jovem amigo — prossegue Alain —, era impossível continuar o senhor por mais tempo ignorando algumas das horríveis particularidades da vida desta santa mulher. Existem ideias, alusões, palavras fatais que são completamente proibidas nesta casa, sob pena de reavivar na sra. de la Chanterie feridas cujas dores, se renovadas uma ou duas vezes, poderiam matá-la...

— Oh! Deus meu! — exclamou Godofredo. — Que fiz eu?

— Se não fora o sr. José, que lhe tapou a boca ao pressentir que o senhor se ia referir ao fatal instrumento de morte, o senhor teria fulminado a pobre senhora... É bom que saiba tudo, pois o senhor nos pertencerá, convicção essa que hoje todos temos.

XLIII — O QUE ERA A SRA. DE LA CHANTERIE

— A sra. de la Chanterie — disse ele depois de uma pausa — descende de uma das principais famílias da Basse-Normandie. Seu nome de solteira era Barbe-Philiberte de Champignelles, do ramo secundogênito dessa casa. Por isso estava ela destinada a tomar o véu no caso de seu casamento não se poder fazer com as renúncias de uso das legítimas, como era hábito nas famílias pobres. Um sr. de la Chanterie, cuja família caíra numa profunda obscuridade, conquanto datasse da cruzada de Filipe Augusto, quis tornar a ascender à condição a que lhe dava direito essa antiguidade na província da Normandia. Esse gentilhomem deslustrara duplamente a sua categoria, porque tinha acumulado uns trezentos mil escudos com fornecimentos dos exércitos do rei, por ocasião da guerra do Hanôver.^[47] Demasiado confiante em tais riquezas, sobrestimadas nos murmúrios da província, o filho levava em Paris uma vida bastante inquietadora para um pai de família. O mérito da sra. de Champignelles conquistava certa celebridade no Bessin. O ancião, cujo pequeno feudo de La Chanterie se acha entre Caen e Saint-Lô, ouviu lamentar diante dele que uma moça tão perfeita, tão capaz de fazer a felicidade de um homem, fosse terminar seus dias num convento; e, ante o desejo que ele manifestou de cultivar relações com aquela moça, fizeram-lhe conceber a esperança de obter dos Champignelles a mão da srta. Philiberte para o filho, contanto que fosse sem dote. Ele foi a Bayeux, conseguiu algumas entrevistas com a família de Champignelles e ficou seduzido pelos grandes méritos da jovem. Aos dezesseis anos, a srta. de Champignelles já deixava entrever o que mais tarde seria. Percebia-se nela uma piedade sólida, um bom-senso inalterável, uma retidão inflexível e uma dessas almas que jamais se desprendem de uma afeição, embora imposta. O velho nobre, enriquecido com suas exações nos exércitos, viu naquela encantadora rapariga a mulher que poderia conter seu filho pela autoridade da virtude, pelo ascendente de um caráter firme mas sem rigidez; pois o senhor já o viu, nenhuma mulher é mais meiga do que a sra. de la Chanterie; mas também nenhuma foi mais confiante do que ela, que tem até o declínio da vida a candura da inocência; antigamente ela não queria acreditar no mal; a pouca desconfiança que o senhor lhe conhece, ela a deve às suas desgraças. O velho comprometeu-se com os Champignelles a dar quitação, no contrato, da legítima da srta. Philiberte; em compensação, entretanto, os Champignelles, aparentados com grandes casas, prometeram fazer erigir o feudo de La Chanterie em baronia, e cumpriram a palavra. A tia do futuro esposo, sra. de Boisfrelon, mulher do conselheiro do Parlamento que morreu no apartamento que o senhor ocupa, prometeu legar sua fortuna ao sobrinho. Quando todos esses arranjos ficaram combinados entre as duas famílias, o pai mandou buscar o filho. Referendário no Grande Conselho e com vinte e cinco anos na época do casamento, o rapaz

fizera inúmeras extravagâncias com os jovens senhores da época, vivendo ao modo deles; por isso o velho exator já por mais de uma vez pagara dívidas consideráveis. Aquele pobre pai, na previsão de novos erros do filho, estava encantado em atribuir uma certa fortuna à sua futura nora; tinha, porém, tanta desconfiança que instituiu o feudo de La Chanterie para os filhos varões que nascessem do casamento... A Revolução — disse o velho Alain à guisa de parêntese — tornou a precaução inútil. Dotado de uma beleza de anjo, de uma destreza maravilhosa para todos os exercícios do corpo, o jovem referendário possuía o dom da sedução — continuou Alain. — A srta. de Champignelles, como já pode imaginar facilmente, apaixonou-se pelo marido. O ancião, extremamente satisfeito com os começos desse casamento, e crendo numa reforma do filho, mandou ele mesmo os recém-casados a Paris.

XLIV — A VIDA DA MULHER

— Isso acontecia no começo do ano de 1788. Foi quase um ano de felicidade. A sra. de la Chanterie conheceu os carinhos, as mais delicadas atenções que um homem apaixonado possa prodigalizar a uma mulher amada exclusivamente. Por mais curta que tivesse sido aquela lua de mel, luzira, entretanto, no coração daquela mulher tão nobre e infeliz. Como sabe, naquele tempo as mães amamentavam elas mesmas seus filhos, e ela teve uma filha. Esse período, durante o qual uma mulher deveria ser objeto de um desdobraimento de ternura, foi, pelo contrário, o começo de desventuras inauditas. O referendário foi obrigado a vender todos os bens de que podia dispor para pagar antigas dívidas que não confessara, e outras novas, de jogo. Depois, a Assembleia Nacional deliberou daí a pouco tempo a dissolução do grande Conselho, do Parlamento, de todos os postos da Justiça, tão custosamente adquiridos. O jovem casal, com acréscimo de uma filha, ficou, pois, sem outro rendimento além dos bens usufrutuários e o do dote conferido à sra. de la Chanterie. Em vinte meses essa encantadora dama, com a idade de dezessete anos e meio, viu-se obrigada a viver, ela e a filha que amamentava, do seu trabalho manual, numa obscura zona para onde se retirara. Viu-se então completamente abandonada pelo marido, o qual, de degrau em degrau, desceu ao nível da gente da pior espécie. Ela jamais fez uma censura ao marido, jamais lhe atribuiu a menor culpa. Disse-nos que, durante aqueles maus dias, rogava a Deus pelo seu querido Henrique. Esse doidivanas chamava-se Henrique — observou o sr. Alain —; é um nome que jamais se deve pronunciar, bem como o de Henriqueta. Continuo. Não saindo de seu pequeno quarto da Rue de la Corderie du Temple, a não ser para ir buscar sua subsistência ou suas costuras, a sra. de la Chanterie supria a tudo, graças a cem

francos mensais que seu sogro, comovido por tanta virtude, lhe mandava. Não obstante, prevendo que esses recursos podiam faltar-lhe, a jovem senhora dedicava-se à dura profissão de fabricante de espartilhos, e trabalhava para uma costureira célebre. Efetivamente, morreu o velho coletor, e sua herança foi dissipada pelo filho, graças às leis da derrubada da Monarquia. O antigo referendário, que se tornara um dos mais ferozes presidentes de tribunais revolucionários que existiam, foi o terror da Normandia e pôde assim satisfazer todas as suas paixões. Preso, por sua vez, quando da queda de Robespierre, o ódio do seu departamento destinava-o a uma morte certa. A sra. de la Chanterie soube, por uma carta de adeus, da sorte reservada a seu marido. Imediatamente, depois de confiar a filha a uma vizinha, ela seguiu para a cidade onde se achava detido o miserável, levando consigo os poucos luíses que constituíam sua fortuna; esses luíses serviram-lhe para penetrar na prisão. Conseguiu fazer o marido fugir, vestindo-o com as roupas dela, em circunstâncias quase semelhantes às que, mais tarde, tão bem serviram à sra. de la Vallette.^[48] Ela foi condenada à morte, mas tiveram vergonha de levar avante essa vingança, e o tribunal, antes presidido por seu marido, facilitou subrepticamente sua saída da prisão. Ela voltou para Paris a pé, sem recursos, dormindo em granjas e muitas vezes alimentada por caridade.

— Meu Deus! — exclamou Godofredo.

— Espere! — atalhou Alain. — Isso ainda não é nada. Em oito anos a pobre senhora viu o marido três vezes. A primeira vez, ele ficou duas vezes vinte e quatro horas no modesto alojamento da esposa, tirou-lhe todo o dinheiro que ela tinha, cumulando-a de demonstrações de ternura e fazendo com que ela acreditasse numa completa conversão. “Via-me”, disse ela, “sem forças contra um homem pelo qual eu rezava todos os dias e que ocupava exclusivamente meus pensamentos.” Da segunda vez, o sr. de la Chanterie chegou moribundo, e de que doença!... Ela o tratou e o salvou; depois tentou fazê-lo voltar a ter sentimentos e uma vida decente. Após prometer tudo que aquele anjo pedia, o revolucionário tornou a mergulhar em horríveis desatinos, e mesmo não escapou à ação do ministério público senão vindo refugiar-se em casa da esposa, onde morreu sem ser incomodado... Oh! Ainda não é nada! — exclamou o velhote, vendo o espanto pintado no semblante de Godofredo. — Ninguém, nas rodas em que ele vivia, sabia ser aquele homem casado. Dois anos depois da morte do miserável, a sra. de la Chanterie veio a saber que existia uma segunda sra. de la Chanterie, como ela viúva, e também arruinada. Aquele bígamo encontrara dois anjos incapazes de traí-lo.

— Lá para 1803 — continuou o sr. Alain, depois de uma pausa —, o sr. de Boisfrelon, tio da sra. de la Chanterie, tendo sido riscado da lista dos emigrados, veio a Paris e entregou à sobrinha duzentos mil francos que o velho coletor lhe confiara noutros tempos com a missão de os guardar para os filhos dela. Aconselhou a viúva a que voltasse para a Normandia, onde ela terminou a educação da filha, e onde, sempre aconselhada pelo antigo magistrado, comprou, em excelentes condições, uma terra patrimonial.

— Ah! — exclamou Godofredo.

— Ainda não é nada — disse o velho Alain —, o senhor ainda não chegou às tempestades. Prossigo. Em 1807, após quatro anos de repouso, a sra. de la Chanterie casou sua filha única com um gentilhomem cuja devoção, cujos antecedentes e cuja fortuna ofereciam garantias de toda a espécie; um homem que, segundo a expressão popular, *era a coqueluche* da melhor sociedade da sede da Prefeitura onde ela e a filha passavam o inverno. Note que essa sociedade se compunha de sete ou oito famílias tiradas da alta nobreza da França, os D'Esgrignon, os Troisville, os Casteran, os Nouâtre^[49] etc. Ao cabo de dezoito meses, esse homem abandonou a mulher e sumiu-se em Paris, onde mudou de nome. A sra. de la Chanterie só pôde saber das causas dessa separação ao clarão do relâmpago e no meio da tormenta. Sua filha, criada com cuidados extremos e nos mais puros sentimentos religiosos, guardou um silêncio absoluto sobre esse acontecimento. Essa falta de confiança feriu sensivelmente a sra. de la Chanterie. Já por várias vezes ela percebera na filha alguns indícios que traíam o caráter aventureiro do pai, acrescido, porém, de uma firmeza quase viril. Esse marido foi-se espontaneamente, deixando seus negócios numa situação lamentável. A sra. de la Chanterie mostra-se até hoje admirada dessa catástrofe, que nenhum poder humano poderia ter remediado. As pessoas a quem ela consultou prudentemente disseram, todas, que a fortuna do noivo era clara e límpida, em terras sem hipotecas, quando de fato a propriedade estava gravada, fazia dez anos, por quantia acima de seu valor. Os bens imóveis foram, pois, vendidos, e a pobre esposa, reduzida à sua fortuna particular, voltou para a casa da mãe. A sra. de la Chanterie soube mais tarde que aquele homem fora amparado pelas pessoas mais reputadas no lugar no interesse de seus créditos, pois aquele miserável devia a todos quantias mais ou menos consideráveis. Por isso, desde que chegou à província, a sra. de la Chanterie fora considerada como uma presa. Não obstante, houve naquela catástrofe outros motivos que lhe serão revelados por um documento confidencial que foi posto sob os olhos do imperador. Aquele homem, de resto, captara havia muito a benevolência das sumidades realistas do departamento, por sua dedicação à causa real durante os mais tormentosos tempos da Revolução. Sendo um dos mais ativos

emissários de Luís XVIII, ele tomara parte desde 1793 em todas as conspirações, e delas se retirava tão sabiamente e com tanta habilidade que acabou por inspirar suspeitas. Dispensados os seus serviços por Luís XVIII, e mantido à margem dos negócios públicos, ele voltara para as suas propriedades já de há muito gravadas. Esses antecedentes, obscuros naquela época, pois os iniciados nos segredos do gabinete real guardaram silêncio sobre um tão perigoso cooperador, tornaram aquele homem objeto de uma espécie de culto numa cidade devotada aos Bourbon, e na qual os mais cruéis expedientes da *Chouannerie* eram admitidos como sendo de boa guerra. Os D'Esgrignon, os Casteran, o cavaleiro de Valois,^[50] enfim, a aristocracia e a Igreja abriram os braços para aquele diplomata realista e o abrigaram em seu seio. Essa proteção foi corroborada pelo desejo dos credores de serem pagos. Esse miserável, que formava parilha com o falecido de La Chanterie, soube conter-se durante três anos; exibiu a mais elevada devoção e impôs silêncio aos seus vícios. Durante os primeiros meses que os recém-casados passaram juntos, ele teve uma certa influência sobre a mulher; tentou corrompê-la com as suas doutrinas, se é que o ateísmo é uma doutrina, e pelo tom de gracejo com que falava dos mais sagrados princípios. Esse diplomata de baixa esfera teve, desde a sua volta ao seu torrão natal, uma ligação íntima com um rapaz, como ele crivado de dívidas, mas que se recomendava por tanta franqueza e coragem quanta hipocrisia e covardia ele mostrou. Esse hóspede, cujos atrativos, cujo caráter e cuja vida aventureira deviam influenciar uma moça, foi, nas mãos do marido, como que um instrumento, do qual se serviu para apoiar suas infames teorias. Nunca a moça deu a conhecer à mãe o abismo em que o acaso a atirara, pois é preciso renunciar a falar em prudência humana se se pensa nas minuciosas precauções tomadas pela sra. de la Chanterie quando tratou de casar sua filha única. Esse último golpe, numa vida devotada, tão pura e religiosa como a de uma mulher que suportara tantas desgraças, deixou a sra. de la Chanterie com uma desconfiança de si mesma que a isolou tanto mais da filha, por ter esta, em troca de sua má sorte, exigido quase sua liberdade, dominando a mãe e mesmo por vezes maltratando-a. Atingida assim em todas as afeições, decepcionada quer no seu devotamento quer no seu amor ao marido, por quem sacrificara sem um queixume a sua felicidade, a sua fortuna e a sua vida; decepcionada quanto à educação exclusivamente religiosa que dera à filha; ludibriada pela própria sociedade no que toca ao casamento e não obtendo justiça no coração em que semeara somente bons sentimentos, ligou-se estreitamente a Deus, cuja mão a atingia tão fortemente. Essa quase religiosa ia à igreja todas as manhãs, cumpria as austeridades claustrais e fazia economias para socorrer os pobres. Terá havido até agora uma vida mais santa e mais sacrificada do que a dessa nobre senhora, tão resignada com o

infortúnio, tão corajosa no perigo e sempre tão cristã? — disse o velhote, olhando para Godofredo assombrado. — O senhor a conhece, sabe se lhe falta ou não bom-senso, juízo, reflexão; ela tem todas essas qualidades no mais alto grau. Pois bem, essas desgraças que bastariam para que se dissesse de uma existência que ela ultrapassa todas as outras em adversidades, nada são comparadas ao que Deus reservara para essa mulher.

XLVI

— Ocupemo-nos exclusivamente da filha da sra. de la Chanterie — disse o velhote, prosseguindo na sua narrativa. — Aos dezoito anos, época do seu casamento, a srta. de la Chanterie era uma moça de compleição excessivamente delicada, morena, de cores vivas, esbelta e de rosto belíssimo. Acima de uma fronte de forma elegante, admiravam-se os mais belos cabelos pretos em harmonia com os seus olhos castanhos e de expressão alegre. Uma espécie de meiguice na fisionomia iludia sobre o seu verdadeiro caráter e sobre sua viril firmeza. Tinha mãos pequenas, pequeninos pés, qualquer coisa de franzino, de delicado em toda a sua pessoa que excluía qualquer ideia de força e de vivacidade. Tendo vivido sempre ao lado da mãe, era de uma inocência de costumes perfeita e de uma devoção notável. Essa jovem, da mesma forma que a sra. de la Chanterie, era adepta dos Bourbon até o fanatismo, inimiga da Revolução Francesa, e considerava o domínio de Napoleão como uma chaga que a Providência infligia à França como castigo pelos atentados em 1793. Essa conformidade de opinião entre sogra e genro foi, como sempre acontece nesses casos, uma razão determinante para o casamento, pelo qual de resto toda a aristocracia da região se interessou. O amigo desse miserável comandara, por ocasião do reinício das hostilidades em 1799, um bando de *chouans*. Parece que o barão, o genro da sra. de la Chanterie era barão, não tinha outro intuito, ao ligar a esposa ao amigo, senão o de se servir dessa afeição para pedir-lhes auxílio e recursos. Embora crivado de dívidas e sem meios de subsistência, aquele jovem aventureiro vivia folgadoamente e podia, na verdade, auxiliar facilmente o promotor das conspirações realistas.

— Isto exige algumas palavras relativas a uma associação que naquele tempo causou muito ruído — disse o sr. Alain, interrompendo sua narrativa. — Quero falar-lhe dos “Esquentadores”.^[51] Cada província do Oeste foi mais ou menos teatro desses banditismos, cujo objetivo era muito menos o roubo do que uma ressurreição da guerra realista. Aproveitaram, diziam, o grande número de refratários à lei da conscrição, executada então, como sabe, abusivamente. Entre Mortagne e Rennes, além mesmo, e até as margens do Loire, houve expedições noturnas que, nessa parte da Normandia, atacaram

principalmente os detentores dos bens nacionais. Esses bandos espalharam um terror profundo no campo. Não o pretendo embair ao fazer-lhe observar que, em certos departamentos, a ação da Justiça esteve paralisada durante muito tempo. Esses últimos ecos da guerra civil não causaram tanto ruído como o senhor poderia crer, hoje que estamos acostumados à sensacional publicidade dada pela imprensa aos mais insignificantes processos políticos ou particulares. O sistema do governo imperial era o de todos os governos absolutos. A censura não deixava publicar nada que dissesse respeito à política, salvo os fatos consumados, e isso mesmo mascarados. Se se der o trabalho de folhear o *Moniteur*,^[52] os demais diários existentes e mesmo os do Oeste, não encontrará uma palavra relativa aos quatro ou cinco processos criminais que custaram a vida de sessenta ou oitenta salteadores. Esse nome, dado durante a época revolucionária aos vendeanos, aos *chouans* e a todos os que empunhavam armas pela casa dos Bourbon, foi mantido judicialmente durante o Império para os realistas vítimas de conspirações isoladas. Para alguns caracteres apaixonados, o imperador e seu governo eram o inimigo; tudo quanto se tomava dele parecia ser boa presa. Explico-lhe essas opiniões sem pretender justificá-las, e prossigo. Agora — disse ele após uma dessas pausas necessárias nas longas narrativas — admita a existência desses realistas arruinados pela guerra civil de 1793 submetidos a paixões violentas; admita naturezas excepcionais cheias de necessidades, como a do genro da sra. de la Chanterie e daquele antigo chefe, e poderá compreender como eles se podiam decidir a praticar, em seu interesse particular, atos de banditismo que suas opiniões políticas autorizavam contra o governo imperial, em benefício da boa causa. Aquele jovem chefe ocupava-se, pois, em reanimar os fachos da *chouannerie*, para agir no momento oportuno. Houve então uma crise terrível para o imperador, quando, encerrado na ilha de Lobau,^[53] pareceu que iria sucumbir ao ataque simultâneo da Inglaterra e da Áustria. A vitória de Wagram^[54] tornou a conspiração feita no interior quase inútil. A esperança de deflagrar a guerra civil na Bretanha, na Vendeia e numa parte da Normandia teve uma fatal coincidência com o desarranjo dos negócios do barão, o qual teve a esperança de fazer empreender uma expedição cujos proventos seriam exclusivamente empregados em salvar suas propriedades. Por um sentimento cheio de nobreza, sua mulher e seu amigo recusaram desviar, para um interesse privado, as quantias que seriam tomadas de armas na mão à receita do Estado e que eram destinadas a salariar os refratários e os *chouans*, a obter armas e munição para operar um levante de forças. Quando, após azedas discussões, o jovem chefe, apoiado pela dama, recusou-se positivamente ao marido desta reservar-lhe uma centena de mil francos em escudos, cuja cobrança se ia fazer, para a caixa do Exército real,

sobre uma das receitas gerais do Oeste, o barão desapareceu para evitar as ardentes perseguições de múltiplas prisões por dívida. Os credores estavam de olho nos bens da mulher dele e o miserável esgotara a fonte do interesse que leva uma esposa a sacrificar-se pelo marido. Eis o que a pobre sra. de la Chanterie ignorava; mas isto nada é comparado com a trama oculta sob esta explicação preliminar.

XLVII — INTERRUPÇÃO

— Já é muito tarde — disse o velhote depois de consultar o relógio — e ainda precisaríamos de muito tempo se eu quisesse contar-lhe o resto dessa história. O velho Bordin, um amigo meu, que ganhara prestígio perante o partido realista pela orientação do famoso processo Simeuse,^[55] e que advogou no caso criminal chamado dos Esquentadores de Mortagne, entregou-me, quando da minha instalação aqui, dois documentos que eu guardei, porquanto ele morreu pouco tempo depois. Neles o senhor encontrará os fatos muito mais sucintamente redigidos do que eu poderia contá-los. Esses fatos são tão numerosos que eu me perderia nos detalhes, e levaria mais de duas horas falando; ao passo que aí o senhor os terá sob uma forma sumária. Amanhã de manhã eu terminarei o que concerne à sra. de la Chanterie, pois que essa leitura o esclarecerá o bastante para que eu possa concluir em poucas palavras.

O velhote entregou uns papéis amarelecidos pelo tempo a Godofredo, o qual, depois de dar boa-noite ao seu vizinho, retirou-se para seu quarto, onde, antes de dormir, leu os dois seguintes documentos:

XLVIII — O ROMANCE DE ROB-ROY^[56] EM FRANÇA ANTES DO DE WALTER SCOTT

ATO DE ACUSAÇÃO

Corte de Justiça criminal e especial do departamento do Orne

“O procurador-geral ante a Corte imperial de Caen, nomeado para exercer suas funções junto à corte criminal estabelecida por decreto imperial datado de setembro de 1809, e sediada em Alençon, expõe à corte os fatos seguintes, como resultado das investigações:

Uma conspiração de bandoleirismo, concebida de longa data, com inaudita profundidade, e que se prende a um plano de rebelião dos departamentos do Oeste, explodiu por meio de múltiplos atentados contra cidadãos e suas propriedades, mas principalmente pelo ataque e roubo à mão armada de uma carruagem que transportava, no dia... de maio de 180..., a receita de Caen por conta do Estado. Esse atentado, que ressuscita as deploráveis recordações de uma guerra civil tão felizmente extinta, reproduziu as concepções de uma perversidade que a flagrância das paixões não mais justificava.

Da origem aos resultados, a trama é complicada, e os pormenores são

numerosos: a instrução do processo durou mais de um ano; a evidência, porém, emanada de todos os lances do crime, esclareceu-lhe os preparativos, a execução e as consequências.

A ideia do conluio cabe ao chamado Carlos Amadeu Luís José Rifoël, que se diz cavaleiro du Vissard,^[57] antigo chefe dos rebeldes em Vissard, comuna de Saint-Mexme, perto de Ernée.

Esse culpado, que fora agraciado por Sua Majestade o imperador e rei, por ocasião da pacificação definitiva, e que agradeceu a magnanimidade do soberano por meio de novos crimes, já sofreu, pelo suplício supremo, o castigo devido a tanta perversidade; entretanto, é necessário recordar alguns de seus atos, porquanto ele influiu sobre os culpados atualmente entregues à Justiça, e está ligado a todas as particularidades do processo.

Esse perigoso agitador, oculto, segundo o hábito dos rebeldes, sob o nome de Pierrot, vagava pelos departamentos do Oeste, neles recolhendo os elementos de nova revolta; mas seu asilo mais seguro era o castelo de Saint-Savin, residência de uma sra. Lechantre e de sua filha, a sra. Bryond, situado na comuna de Saint-Savin, circunscrição de Mortagne. Esse ponto estratégico prende-se às mais horríveis recordações da rebelião de 1799. Lá, o correio foi assassinado, seu carro saqueado por um bando de celerados, sob o comando de uma mulher, auxiliada pelo famigerado Marche-à-Terre. De modo que, nessas localidades, o banditismo é de algum modo endêmico.

Uma intimidade que não tentaremos qualificar existia, fazia mais de um ano, entre a sra. Bryond e o chamado Rifoël.

Foi nessa comuna que teve lugar, já no mês de abril de 1808, uma entrevista entre Rifoël e o chamado Boislaurier, chefe superior e conhecido pelo nome de Augusto nas funestas rebeliões do Oeste, e cuja influência dirigiu o caso atualmente apresentado à corte.

Esse ponto obscuro das relações entre esses dois chefes, vitoriosamente estabelecido por numerosas testemunhas, tem de resto autoridade de coisa julgada pela sentença que condenou Rifoël.

Esse Boislaurier mancomunou-se, desde essa época, com Rifoël para agirem de acordo.

Os dois, e a princípio só eles, comunicavam um ao outro seus projetos atroz, inspirados pela ausência de Sua Majestade imperial e real, que então estava comandando seus exércitos na Espanha. Desde essa época eles devem ter combinado, como base fundamental de suas operações, o roubo das receitas do Estado.

Algum tempo depois, o chamado Dubut, de Caen, expede para o castelo de Saint-Savin um emissário, chamado Hiley, por alcunha o Lavrador, conhecido de há muito como ladrão de diligências, para fornecer informações relativas aos homens nos quais era possível confiar.

Foi assim que, por intervenção de Hiley, o conluio teve desde a origem a cooperação do chamado Herbomez, apelidado General Hardi, antigo rebelde de igual têmpera que Rifoël, e como ele perjuro à anistia. Herbomez e Hiley recrutaram então nas comunas circunvizinhas sete bandidos que devemos apressar-nos em nomear, e que são:

1º — João Cibot — por alcunha Pille-Miche —, um dos mais ousados bandidos do corpo formado por Montauran, no ano VII, e um dos autores do ataque e morte do correio de Mortagne;

2º — Francisco Lisieux, também chamado Grand-Fils, rebelde do departamento de Mayenne;

3º — Carlos Grenier, conhecido por Fleur-de-Genêt, desertor da semibrigada

4º — Gabriel Bruce, cognominado Gros-Jean, um dos mais ferozes *chouans* da divisão Fontaine;

5º — Jacques Horeau, dito o Stuart, ex-tenente da mesma semibrigada, um dos homens de confiança de Tinténia, bastante conhecido por sua participação na expedição de Quiberon;^[58]

6º — Mariano Cabot, por antonomásia La Jeunesse, antigo picador do cavaleiro Carol^[59] de Alençon;

7º — Luís Minard, contumaz.

Esses engajados foram acantonados em três comunas diferentes, em casa dos chamados Binet, Mélin e Laravinière, estalajadeiros ou taberneiros, todos devotados a Rifoël.

As armas necessárias foram imediatamente fornecidas pelo sr. João Francisco Léveillé, tabelião, correspondente incorrigível dos bandidos, laço intermediário entre eles e vários chefes ocultos e chamado Confessor; finalmente, pelo chamado Félix Courceuil, antigo cirurgião dos exércitos rebeldes da Vendeia, ambos de Alençon.

Onze fuzis foram ocultos na casa que o sr. Bryond possuía no subúrbio de Alençon, e sem que ele disso tivesse conhecimento, porque residia então na casa de campo entre Alençon e Mortagne.

Quando o sr. Bryond deixou a esposa entregue a si mesma no fatal caminho que ela devia percorrer, aqueles fuzis foram misteriosamente retirados da casa e transportados pela sra. Bryond no seu próprio carro, para o castelo de Saint-Savin.

Foi então que sucederam, no departamento do Orne e nos circunvizinhos, esses atos de banditismo que surpreenderam tanto as autoridades quanto os habitantes dessas regiões, há tanto tempo gozando desse sossego, e que provam que esses detestáveis inimigos do governo e do Império francês tinham sido postos a par do segredo da coalizão de 1809 por seus entendimentos com o estrangeiro.

O tabelião Léveillé, a mulher Bryond, Dubut de Caen, Herbomez e Mayenne, Boislaurier du Mans e Rifoël foram, pois, os chefes da associação, à qual aderiram os culpados já castigados pela sentença que atingiu com Rifoël os que são objeto da presente acusação, e vários outros que escaparam pela fuga ou pelo silêncio de seus cúmplices à ação da vindita pública.

Foi Dubut, que residia perto de Caen, quem assinalou o envio da receita ao tabelião Léveillé. Desde então, Dubut fez várias viagens de Caen a Mortagne, e Léveillé igualmente aparece por essas estradas.

É preciso notar aqui que, por ocasião do transporte dos fuzis, Léveillé, que fora ver Bruce, Grenier e Cibot em casa de Mélin, tendo-os encontrado a arrumar os fuzis num alpendre interior, auxiliou-os ele mesmo nessa operação.

Um encontro geral foi marcado, em Mortagne, no Hôtel de l'Écu de France. Todos os acusados ali compareceram sob disfarces diversos. Foi então que Léveillé, a mulher Bryond, Dubut, Herbomez, Boislaurier e Hiley, o mais hábil dos cúmplices secundários, como Cibot era o mais audaz, se asseguraram da cooperação do chamado Vauthier, por apelido Vieux-Chêne, antigo criado do famoso Longuy, lacaio de estrebaria do hotel. Vauthier consentiu em prevenir a mulher Bryond da passagem do carro da receita, o qual habitualmente se detinha nesse hotel.

Não tardou em soar a hora de operar a reunião dos bandidos recrutados e que tinham sido dispersados em vários alojamentos, ora numa comuna, ora em outra, graças aos cuidados de Courceuil e Léveillé. Essa reunião realizou-se sob os auspícios da mulher Bryond, a qual forneceu novo esconderijo aos bandidos numa parte desabitada do castelo de Saint-Savin, onde ela residia com a mãe, a poucas léguas de Mortagne, desde que se separara do marido. Os bandidos, com

Hiley à frente, ali se estabeleceram e passaram vários dias. A mulher Bryond teve ela mesma o cuidado de preparar, ajudada pela rapariga Godard, sua criada de quarto, tudo o que era necessário para a pousada e a alimentação de tais hóspedes. Para esse fim ela fizera levar feixes de feno, visitava os bandidos no asilo que lhes arranjava, e ali voltou várias vezes com Léveillé. As provisões e os víveres foram levados sob a direção e pelos cuidados de Courceuil, o qual recebia ordens de Rifoël e de Boislaurier.

A expedição principal se caracteriza, o armamento está efetuado, os bandidos deixaram seu esconderijo de Saint-Savin; operam à noite, à espera da passagem da receita, e a região fica apavorada com as repetidas agressões.

É indubitável que os atentados praticados na Sartinière, em Vonay no castelo de Saint-Seny foram cometidos por esse bando, cuja audácia iguala sua perversidade, e que soube causar um tão grande terror que suas vítimas ficaram todas elas mudas, de modo que a Justiça ficou reduzida a presunções.

Mas, ao mesmo tempo que tiravam contribuições dos compradores de bens nacionais, aqueles bandidos exploravam cuidadosamente o bosque de Chesnay, escolhido para teatro de seus crimes.

Não muito longe dali encontra-se a aldeia de Louvigny. Os irmãos Chaussard, antigos guarda-caças da propriedade de Troisville, mantêm ali uma taberna, a qual serviria de ponto de reunião para os bandidos. Os dois irmãos sabem de antemão o papel que lhes toca representar; Courceuil e Boislaurier de há muito lhes haviam feito sondagens para lhes reanimar o ódio contra o governo do nosso Augusto imperador, comunicando-lhes que, entre os homens que iriam receber, encontravam-se alguns que eles conheciam, o temível Hiley e o não menos temível Cibot.

Efetivamente, no dia 6, os sete bandidos, sob a direção de Hiley, chegaram à casa dos irmãos Chaussard, e ali passaram dois dias. No dia 8 o chefe levou a sua gente, dizendo que eles iam dali a três léguas, e dá ordem aos dois irmãos para que lhes deem mantimentos, que foram levados a um entroncamento pouco distante da aldeia. Hiley voltou para pousar sozinho.

Dois homens a cavalo, que deviam ser a mulher Bryond e Rifoël, pois está averiguado que essa mulher acompanhava Rifoël nas suas expedições, a cavalo e disfarçada de homem, chegaram ao entardecer e conversaram com Hiley.

No dia seguinte Hiley escreveu uma carta ao tabelião Léveillé, a qual foi levada por um dos irmãos Chaussard, que trouxe a resposta.

Dois horas depois a mulher Bryond e Rifoël foram falar com Hiley.

De todas essas conferências, dessas idas e vindas, resulta a necessidade de ter um machado para arrebentar a caixa. O tabelião reconduz a mulher Bryond a Saint-Savin, onde em vão procuram um machado. O tabelião dá volta, e na metade do caminho encontra Hiley, ao qual ia comunicar que não tinham conseguido um machado.

Hiley volta à taberna, onde encomenda um jantar para dez pessoas e introduz os sete bandidos, dessa vez todos eles armados. Hiley dá ordem para descansarem as armas militarmente. Sentam-se à mesa, comem apressadamente, e Hiley pede que lhe forneçam alimentos em abundância para levá-los. Depois chama de parte o Chaussard mais velho, para pedir-lhe um machado. O taberneiro espantado, se se lhe deve dar crédito, recusa-se a fornecê-lo. Courceuil e Boislaurier chegam; a noite se escoia e esses três homens passam-na caminhando no quarto, falando dos seus projetos. Courceuil, por alcunha o Confessor, o mais sutil desses bandidos todos, apodera-se de um machado, e, cerca das duas horas da madrugada, saem todos por caminhos diferentes.

Os instantes se valorizavam, a execução do delito estava fixada para esse dia fatal. Hiley, Courceuil e Boislaurier trazem e colocam sua gente. Hiley embosca-se

com Minard, Cabot e Bruce, à direita do bosque de Chesnay. Boislaurier, Grenier e Horeau põem-se no meio. Corceuil, Herbomez e Lisieux conservam-se no desfilar da orla. Todas essas posições estão indicadas no plano geometral levantado pelo engenheiro do cadastro e que está incluído nos documentos.

Entretanto, o carro, que saíra de Mortagne cerca de uma hora da madrugada, vinha guiado pelo chamado Rousseau, a quem os acontecimentos acusam suficientemente para que fosse julgada necessária sua prisão. O carro, conduzido lentamente, devia chegar pelas três horas ao bosque de Chesnay.

O carro era escoltado por um único gendarme; deviam ir almoçar em Donnery. Três viajantes, aproveitando a oportunidade, faziam o percurso acompanhando o gendarme. O cocheiro, que conduzia lentamente o carro na companhia deles, ao chegar à ponte de Chesnay, na entrada do bosque desse nome, impeliu seus cavalos com um vigor e uma vivacidade que foram notados, e meteu-se por um atalho denominado caminho de Senzey. O carro desaparece da vista, sua direção é indicada somente pelo ruído dos guizos; o gendarme e os rapazes apressam o passo para alcançá-lo. Ouve-se um grito. Esse grito é: 'Alto, patifes!'. Quatro tiros são disparados.

O gendarme, que não fora atingido, puxa do sabre e corre na direção que supõe ter sido tomada pelo carro. É detido por quatro homens armados que fazem fogo sobre ele; seu ardor o preserva, pois ele avança para dizer a um dos dois rapazes que vá a Chesnay a fim de fazer tocar a rebate; dois bandidos, porém, atiram-se sobre ele com os fuzis apontados, ele é forçado a dar alguns passos para trás e recebe então, na axila esquerda, no momento em que pretende examinar a mata, uma bala que lhe quebrou o braço; cai e se vê subitamente fora de combate.

Os gritos e o tiro ecoam em Donnery. O brigadeiro e um gendarme daquele posto ocorrem; um fogo de pelotão leva-os do lado do bosque oposto àquele em que se passava a cena de pilhagem. O gendarme tenta gritar para intimidar os bandidos e simula pelos seus clamores a chegada de auxílios fictícios. Grita:

— Avante! Por ali, primeiro pelotão! Já os pegamos! Por aqui, segundo pelotão.

Os bandidos, por sua vez, bradam.

— Às armas! Aqui, camaradas! Homens, o mais depressa possível!

O estrondo das descargas não permite ao brigadeiro ouvir os gritos do gendarme ferido, nem auxiliar a mesma manobra pela qual o outro gendarme mantinha os bandidos em respeito; pôde, porém, distinguir um ruído perto dele, proveniente do despedaçamento e arrombamento das caixas. Adianta-se por aquele lado; quatro bandidos armados tendo-o na mira, ele lhes brada:

— Entreguem-se, celerados!

Estes replicam:

— Não se aproxime, ou então morre!

O brigadeiro atira-se, dois tiros são disparados e ele é atingido, uma bala atravessa-lhe a perna esquerda e penetra no flanco do cavalo. O bravo soldado, banhado no seu sangue, é obrigado a abandonar essa luta desigual, e grita, mas em vão:

— A mim! Os bandidos estão no Quesnay!

Os bandidos, senhores do terreno graças a seu número, revistam o carro, propositadamente colocado num barranco. Para disfarçar tinham tapado a cabeça do cocheiro. As caixas estão arrombadas e os sacos de dinheiro juncam o chão. Os cavalos do carro estão desatrelados e sobre eles são carregadas as moedas. Três mil francos em cobre são abandonados e a quantia de trezentos mil francos é levada em quatro cavalos. Dirigem-se para o povoado de Menneville, ao lado da vila de Saint-Savin. A horda e a presa detêm-se numa casa isolada

pertencente aos irmãos Chaussard, e onde mora o tio deles, o chamado Bourget, confidente do projeto desde a origem. Esse ancião, auxiliado por sua mulher, acolhe os bandidos, recomenda-lhes silêncio, descarrega o dinheiro e vai buscar-lhes bebidas. A mulher estava como sentinela perto do castelo. O velho desencilha os cavalos, torna a levá-los para o bosque, restitui-os ao cocheiro, liberta dois dos rapazes que tinham sido amarrados, bem como o complacente cocheiro. Depois de descansarem apressadamente, os bandidos reiniciam a viagem. Courceuil, Hiley e Boislaurier passam os cúmplices em revista, e, depois de terem distribuído minguadas e módicas retribuições a cada um deles, os bandidos safam-se, cada um para seu lado.

Ao chegarem a um lugar denominado Champ-Landry, esses malfeitores, obedecendo a essa voz que precipita todos os miseráveis nas contradições e nos falsos cálculos do crime, atiraram seus fuzis num campo de trigo. Esse ato, praticado em comum, é o último sinal da mancomunação deles. Aterrorizados com a ousadia de seu atentado e pelo seu próprio êxito, eles se dispersam.

Uma vez realizado o roubo com as características do assassinio e do ataque à mão armada, prepara-se o encadeamento de outros fatos, e outros atores vão agir a propósito da recepção do roubo e do seu destino.

Rifoël, oculto em Paris, de onde sua mão dirigia cada fio dessa trama, transmite a Léveillé a ordem de lhe serem enviados o mais depressa possível cinquenta mil francos.

Courceuil, adequado para todos os conchavos desses delitos, já tinha mandado Hiley para informar Léveillé do êxito e de sua chegada em Mortagne. Léveillé foi para lá.

Vauthier, com cuja fidelidade julgam poder contar, encarrega-se de ir ver o tio dos Chaussard; chega à casa do velho, o qual lhe diz que deve dirigir-se aos seus sobrinhos, que entregaram vultosas quantias à mulher Bryond. Não obstante, manda-o esperar na estrada e entrega-lhe um saco com mil e duzentos francos, que Vauthier leva para a mulher Lechantre a fim de que esta o entregue à filha.

A instâncias de Léveillé, Courceuil volta à casa de Bourget, o qual, dessa vez, o manda diretamente à casa dos sobrinhos. O mais velho dos Chaussard leva Vauthier ao mato, indica-lhe uma árvore e ali é encontrado um saco com mil escudos. Enfim, Léveillé, Hiley e Vauthier fazem novas viagens, e de cada vez lhes é dada uma quantia mínima, em comparação com a importância a que ascende o roubo.

A sra. Lechantre recebia essas quantias em Mortagne, e, ante uma carta de aviso da filha, ela as transporta a Saint-Savin, para onde voltara a mulher Bryond.

Não é oportuno aqui examinar se a mulher Lechantre tinha prévio conhecimento do conluio.

Basta por enquanto fazer notar que essa mulher sai de Mortagne para ir a Saint-Savin na véspera da execução do crime, e leva consigo a filha; que essas mulheres se encontram no meio da estrada e voltam para Mortagne; que no dia seguinte, o tabelião, avisado por Hiley, vai de Alençon a Mortagne, dirige-se imediatamente à casa delas e decide-as mais tarde a transportar os fundos, tão penosamente obtidos dos irmãos Chaussard e de Bourget, para uma casa de Alençon de que breve trataremos, a do sr. Pannier, negociante.

A sra. Lechantre escreve ao guarda de Saint-Savin para vir buscá-las, a ela e a filha, em Mortagne a fim de conduzi-las a Alençon pelo atalho.

Esses fundos, ao todo vinte mil francos, são carregados à noite, e a rapariga Godard ajuda nessa mudança.

O tabelião traçara o itinerário. Chegou à hospedaria de um dos acumpliciados, um tal Luís Chargegrain, na comuna de Littray. Apesar das precauções tomadas pelo tabelião, que foi ao encontro do carrinho, houve

testemunhas, e viram descarregar as malas e as sacolas com dinheiro.

No momento, porém, em que Courceuil e Hiley, disfarçados de mulher, combinavam, numa praça de Alençon, com o sr. Pannier, tesoureiro dos rebeldes desde 1794, e inteiramente ligado a Rifoël, o meio de fazer chegar às mãos deste a quantia pedida, foi de tal natureza o terror provocado pelas prisões iniciadas e pelas perquisições que a mulher Lechantre, desorientada, saiu à noite, como fugitiva, da hospedaria onde se achava, levando consigo a filha e abandonando o tabelião Léveillé, caminhando por atalhos pouco transitados rumo ao castelo de Saint-Savin, a fim de se refugiar nos esconderijos lá preparados. Os mesmos temores perseguiam os outros culpados. Courceuil, Boislaurier e seu parente Dubut trocaram dois mil francos em escudos por ouro, em casa de um negociante, e fugiram para a Inglaterra, pela Bretanha.

Ao chegarem a Saint-Savin, as mulheres Lechantre e Bryond têm notícias da prisão de Bourget, da do cocheiro e da dos refratários.

Os magistrados, a gendarmeria e as autoridades assestaram golpes tão seguros que pareceu urgente subtrair a mulher Bryond às investigações da Justiça, por ser ela objeto do devotamento de todos aqueles malfeitores, aos quais subjugara. Assim, pois, a mulher Bryond sai de Saint-Savin e se oculta a princípio em Alençon, onde os seus fiéis deliberam e conseguem escondê-la na adega de Pannier.

Aqui, novos incidentes ocorrem.

Desde a prisão de Bourget e de sua mulher, os Chaussard recusam-se a qualquer outra entrega, alegando terem sido traídos. Essa defeção inesperada ocorria no momento em que, entre os cúmplices, mais urgente se manifestava a necessidade de dinheiro, quando mais não fosse para se porem em segurança. Rifoël estava sequioso por dinheiro; Hiley, Cibot e Léveillé começavam a suspeitar dos irmãos Chaussard.

Aqui se intercala um novo incidente, que exige os rigores da Justiça.

Dois gendarmes encarregados de descobrir a mulher Bryond conseguem introduzir-se em casa de Pannier, e ali assistem a uma deliberação; mas esses homens, indignos da confiança de seus chefes, em vez de prenderem a mulher Bryond, sucumbem ante as suas seduções. Esses militares indignos, chamados Ratel e Mallet, manifestam àquela mulher as demonstrações do mais vivo interesse e se oferecem para levá-la sem perigo à presença dos Chaussard, a fim de os obrigar à restituição.

A mulher Bryond parte a cavalo, disfarçada de homem, acompanhada por Mallet, por Ratel e pela rapariga Godard. Faz o percurso à noite. Chega; tem, sozinha com um dos irmãos Chaussard, uma conferência animada. Ela tinha-se armado com uma pistola para arrebentar os miolos de seu cúmplice, em caso de recusa deste; mas fez-se levar ao bosque e de lá volta com uma pesada bolsa. Ao regressar, depara com cobre e moedas de doze soldos num valor de mil e quinhentos francos.

Foi então proposta uma ida de todos os cúmplices que se pudessem juntar à casa dos Chaussard, para se apoderarem deles e os submeter à tortura.

Pannier, ao ter conhecimento daquele insucesso, enfureceu-se, explodiu em ameaças; e a mulher Bryond, embora o ameaçasse por sua vez com a cólera de Rifoël, foi obrigada a fugir.

Todos esses detalhes são devidos às confissões de Ratel.

Mallet, comovido por aquela situação, propõe um asilo à mulher Bryond. Vão todos pernoitar nos matos de Troisville. Depois Mallet e Ratel, acompanhados por Hiley e Cibot, vão à noite à casa dos irmãos Chaussard; mas dessa vez ficam sabendo que os dois irmãos se foram da região e que o resto do dinheiro está certamente desaparecido.

Foi o último esforço do conluio para recuperar o dinheiro do roubo.

Convém, agora, estabelecer o papel característico de cada um dos atores desse atentado.

Dubut, Boislaurier, Gentil, Herboomez, Courceuil e Hiley são os chefes, alguns deliberando, outros agindo.

Boislaurier, Dubut e Courceuil, todos três fugitivos e contumazes, são reincidentes na rebelião, promotores de desordens, inimigos implacáveis de Napoleão, o Grande, de suas vitórias, de sua dinastia, do seu governo, das nossas novas leis, da construção do Império.

Herboomez e Hiley são os braços que audaciosamente executaram o que aqueles, como cabeças, conceberam.

A culpabilidade dos sete instrumentos do crime, de Cibot, Lisieux, Grenier, Bruce, Horeau, Cabot, Minard, é evidente; ressalta das confissões daqueles de entre eles que estão nas mãos da Justiça, porque Lisieux morreu durante o inquérito, e Bruce é contumaz.

O procedimento tido por Rousseau, o cocheiro, está eivado de cumplicidade. Sua lentidão na estrada, a precipitação com que incitou os cavalos à entrada da mata, sua perseverança em afirmar que estivera com a cabeça tapada, ao passo que o chefe dos bandidos o fez tirar o lenço, ordenando-lhe que os reconhecesse, segundo o testemunho dos rapazes — todas essas particularidades são violentas presunções de conivência.

Quanto à mulher Bryond e ao tabelião Léveillé, que cumplicidade foi mais conexa, mais contínua que a deles? Forneceram constantemente os meios para o crime, souberam dele, ampararam-no. Léveillé viajava a propósito de tudo. A mulher Bryond inventava estratagemas após estratagemas; tudo arriscou, até a vida, para garantir a entrada de fundos. Empresta seu castelo, sua carruagem, toma parte na conspiração desde a sua origem; não procurou desviar dela o chefe principal, quando podia empregar sua culposa influência para impedi-lo. Arrastou sua criada de quarto, a rapariga Godard. Léveillé tomou parte tão ativa na execução que tentou conseguir o machado que os bandidos pediam.

A mulher Bourget, Vauthier, os Chaussard, Pannier, a mulher Lechantre, Mallet e Ratel, todos participaram do crime, em maior ou menor escala, bem como os taberneiros Mélin, Binet, Laravinière e Chargegrain.

Bourget morreu durante o inquérito, depois de ter feito confissões que desfazem quaisquer incertezas sobre a participação de Vauthier e da mulher Bryond; e, se procurou atenuar as acusações que pesam sobre sua mulher e seu sobrinho Chaussard, são fáceis de compreender os motivos de suas reticências.

Mas os Chaussard alimentaram os bandidos cientemente, eles os viram armados, foram testemunhas de todas as disposições deles, e deixaram-nos apoderar-se do machado necessário para arrombar as caixas, sabendo qual a finalidade para que seria usado. Finalmente, foram receptadores, viram carregar as quantias provenientes do roubo, e ocultaram ou gastaram a parte mais importante.

Pannier, antigo tesoureiro dos rebeldes, ocultou a mulher Bryond; é um dos mais perigosos cúmplices desse crime, conhecia-o desde a origem. Nele se iniciam relações desconhecidas e ainda obscuras, mas que a Justiça vigiará. É o homem de confiança de Rifoël, o depositário dos segredos do partido contrarrevolucionário do Oeste; lamentou que Rifoël tivesse metido mulheres no conluio e tivesse confiado nelas; mandou dinheiro para Rifoël e recebeu o dinheiro do roubo.

Quanto ao procedimento dos dois gendarmes Ratel e Mallet, merece os mais extremados rigores da Justiça: eles traíram seu dever. Um deles, prevendo sua morte, suicidou-se, mas depois de fazer importantes revelações. O outro, Mallet,

não negou coisa nenhuma; sua confissão impede qualquer dúvida.

A mulher Lechantre, apesar das suas constantes negativas, soube de tudo. A hipocrisia dessa mulher, que procura abrigar sua pretensa inocência sob o manto de uma falsa devoção, tem antecedentes que provam seu caráter resolutivo, sua intrepidez nos casos extremos. Alega que foi enganada pela filha, que julgava tratar-se de fundos pertencentes ao sr. Bryond. Ardil grosseiro! Se o sr. Bryond possuísse fundos, ele não se teria retirado da região para evitar ser testemunha de seu descalabro. A mulher Lechantre ficou tranquilizada contra a vergonha do roubo, quando o viu aprovado por seu aliado Boislaurier. Como, porém, pode ela explicar a presença de Rifoël em Saint-Savin, as excursões e as relações desse rapaz com sua filha, a estada dos bandidos servidos pela rapariga Godard, pela mulher Bryond? Ela alega um sono profundo, entrincheira-se por trás de um pretenso hábito de deitar-se às sete horas da noite, e não sabe o que responder quando o juiz de instrução lhe faz observar que nesse caso ela se levantaria ao clarear do dia, e que assim devia perceber alguns vestígios do conluio e da presença de tanta gente, preocupar-se com as saídas e entradas noturnas da filha. Objeta então que estava rezando. Essa mulher é um modelo de hipocrisia. Finalmente, sua viagem no dia do crime, o cuidado que toma em levar a filha a Mortagne, sua caminhada com o dinheiro, sua fuga precipitada quando tudo se descobriu, a precaução que toma de esconder-se, as próprias circunstâncias de sua detenção, tudo prova uma cumplicidade de longa data. Não agiu como uma mãe que quer esclarecer a filha e livrá-la do perigo, e sim como uma cúmplice que se assusta; e sua cumplicidade não foi um desgarrar da ternura, porque é fruto do espírito partidário, a inspiração de um ódio conhecido contra o governo de Sua Majestade Imperial e Real. De resto, um desvario maternal não a desculparia; e não devemos esquecer que o consentimento de longa data, premeditado, deve ser o sinal mais evidente da cumplicidade.

Assim como os elementos do crime, seus executores estão desvendados. Vê-se a monstruosa articulação dos delírios de uma facção com o intuito da rapinagem, o assassinio aconselhado pelo espírito de partido, sob a égide do qual procuram justificar perante eles mesmos os mais ignóbeis excessos. A voz dos chefes dá o sinal da pilhagem dos dinheiros públicos para estipendiar crimes ulteriores; estipendiários vis e ferozes o realizam a preço irrisório, não recuando diante do assassinio; e provocadores de rebelião não menos culpados, auxiliam na partilha, na receptação dos despojos. Qual a sociedade que toleraria semelhantes atentados? A Justiça não tem rigores que bastem para castigá-los.

Baseada no exposto, a corte de Justiça criminal e especial terá de decidir se os chamados Herbomez, Hiley, Cibot, Grenier, Horeau, Cabot, Minard, Mélin, Binet, Laravinière, Rousseau, mulher Bryond, Léwillé, mulher Bourget, Vauthier, o mais velho dos Chaussard, Pannier, viúva Lechantre, Mallet, todos acima denominados e qualificados, acusados presentes, e os chamados Boislaurier, Dubut, Courceuil, Bruce, o mais moço dos Chaussards, Chargegrain, rapariga Godard, estes últimos fugitivos e ausentes, são ou não culpados dos fatos mencionados no presente ato da acusação.

Feito em Caen, no Tribunal, a 1º de dezembro de 180... Assinado; *barão BOURLAC.*”

XLIX — UM LIVRO A SER FEITO

Esse documento judiciário, muito mais conciso e imperioso do que o são os atos de acusação de hoje, tão minucioso, tão completo sobre as mais insignificantes circunstâncias e principalmente sobre a vida

anterior ao crime dos acusados, agitou Godofredo profundamente. A secura daquele libelo, no qual a pena oficial narrava com tinta vermelha os principais incidentes do caso, foi motivo de trabalho para a sua imaginação. As narrativas sóbrias, concisas, são para certos espíritos textos onde eles mergulham percorrendo-lhes as profundezas misteriosas. No meio da noite, auxiliado pelo silêncio, pelas trevas, pela terrível correlação que o velho Alain acabava de fazer-lhe pressentir entre aquele escrito e a sra. de la Chanterie, Godofredo aplicou todas as forças de sua inteligência em desenvolver esse tema terrível.

Evidentemente, aquele nome de Lechantre devia ser o patronímico dos La Chanterie, aos quais, durante a República e o Império, deviam ter sem dúvida suprimido o nome aristocrático. Entreviu a paisagem na qual se desenrolara aquele drama. As personalidades dos cúmplices secundários desfilaram ante seus olhos. Esboçou fantasticamente, não o chamado Rifoël, mas um cavaleiro du Vissard, um rapaz quase semelhante ao Fergus^[60] de Walter Scott, enfim o jacobita francês. Desenvolveu o romance da paixão de uma jovem grosseiramente ludibriada pela infâmia de um marido (romance então na moda), e amando um jovem chefe rebelado contra o imperador, dando, como Diana Vernon, em cheio numa conspiração, exaltando-se e, uma vez atirada nessa encosta perigosa, não se detendo mais! Teria ela deslizado até o cadafalso?

Godofredo entrevia um mundo. Vagava sob os arvoredos normandos, via ali o cavaleiro bretão e a sra. Bryond entre as sebes; habitava no velho castelo de Saint-Savin; assistia às diversas cenas de sedução de tantas personagens, imaginando aquele tabelião, aquele negociante e todos aqueles audazes chefes de *chouans*. Adivinhava o concurso quase geral de uma região na qual vivia a recordação das expedições do famoso Marche-à-Terre, dos condes de Bauvan, de Longuy, do massacre de La Vivetière, da morte do marquês de Mautauran, cujas façanhas já lhe tinham sido contadas pela sra. de la Chanterie. Essa espécie de visão das coisas, dos homens, dos lugares, foi rápida. Pensando que se tratava da imponente, da nobre e piedosa venerável senhora cujas virtudes atuavam sobre ele a ponto de o metamorfosearem, Godofredo pegou com um gesto de terror o segundo documento que o velho Alain lhe entregara, e que tinha como título:

Sumário em favor da sra. Henriqueta Bryond des Tours-Minière, em solteira Lechantre de la Chanterie.

L — O SEGREDO DO PROCESSO

“Não resta mais dúvidas!”, pensou Godofredo.

Eis o conteúdo daquele documento:

“Estamos condenados e somos culpados; mas, se o Soberano teve jamais razão de usar seu direito de indulto, não será nas circunstâncias desta causa?”

Trata-se de uma jovem senhora, que declarou ser mãe, e está condenada à morte.

Nos umbrais de uma prisão, em presença do cadafalso que a espera, essa mulher dirá a verdade.

A verdade advogará sua causa, e ela lhe deverá seu perdão.

O processo julgado pela corte criminal de Alençon, como todos os processos em que existem numerosos acusados reunidos para um conluio inspirado por espírito de partido, teve partes seriamente obscuras.

A chancelaria de Sua Majestade imperial e real sabe a que ater-se hoje a respeito da personagem misteriosa denominada *le Marchand*, cuja presença no departamento do Orne não foi negada pelo Ministério Público durante o curso dos debates, mas que a Acusação não julgou conveniente fazer comparecer, e que a Defesa não tinha nem a faculdade de apresentar nem o poder de achar.

Essa personagem é, como o tribunal, a Prefeitura, a polícia de Paris e a Chancelaria de Sua Majestade imperial e real sabem, o sr. Bernardo Polidoro Bryond des Tours-Minières, correspondente, desde 1794, do conde de Lille,^[61] conhecido no estrangeiro como barão des Tours-Minières, e nos fastos da polícia parisiense com o nome de Contenson.^[62]

É um homem excepcional, um homem cuja nobreza e cuja mocidade foram desonradas por vícios tão exigentes, por uma imoralidade tão profunda, por extravios tão criminosos, que essa vida inteira teria certamente terminado no cadafalso, não fosse a arte com a qual soube tornar-se útil por seu duplo papel, revelado por seu duplo nome. Dominado, porém, cada vez mais por suas paixões, por suas necessidades renascentes, acabará por cair abaixo da infâmia, e breve estará relegado à última categoria, não obstante talentos incontestáveis e um espírito notável.

Quando a perspicácia do conde de Lille não mais permitiu a Bryond tocar no dinheiro do estrangeiro, ele quis sair da arena ensanguentada onde suas necessidades o haviam arrojado.

Não era mais bastante fecunda aquela carreira? Seria pois o remorso ou a vergonha que tornou a trazer aquele homem ao local onde suas propriedades, gravadas de dívidas, quando partiu, deviam oferecer poucos recursos para o seu gênio? É impossível acreditar tal coisa. É mais crível supor-lhe uma missão a desempenhar nesses departamentos, onde ainda ardiam encobertas algumas fagulhas das nossas discórdias civis.

Observando a região onde sua pérfida cooperação nas intrigas da Inglaterra do conde de Lille lhe valeu a confiança das famílias fiéis ao partido vencido pelo gênio de nosso imortal imperador, ele encontrou um dos antigos chefes da revolta com quem, quando da expedição de Quiberon e do último levante dos rebeldes no ano VII, tivera entendimentos como enviado do estrangeiro. Lisonjeou as esperanças desse grande agitador, que pagou com a vida suas tramas contra o Estado. Bryond pôde então penetrar nos segredos desse partido incorrigível, que desconhece ao mesmo tempo a glória de Sua Majestade o imperador Napoleão I e os verdadeiros interesses do país, unidos nessa pessoa sagrada.

Com trinta e cinco anos de idade, aparentando a mais perfeita devoção; professando um devotamento sem limites pelos interesses do conde de Lille e um culto pelos insurretos que acharam a morte na luta do Oeste, disfarçando habilmente os restos de uma mocidade esgotada, mas que se recomendava ainda por algumas exterioridades, e vivamente protegido pelo silêncio dos seus credores, assim como pela complacência inaudita entre todos os *ci-devant*^[63] da terra, esse homem, verdadeiro sepulcro caído, foi apresentado com grandes

títulos de consideração, à sra. Lechantre, à qual se atribuía grande fortuna. Maquinou-se um plano para fazer com que esse protegido dos *ci-devant* desposasse a jovem Henriqueta, filha única da sra. Lechantre.

Padres, ex-nobres, credores, cada um por interesse diferente, leal em alguns, cúvido em outros, cego na maioria, todos conspiraram o enlace de Bernardo Bryond com Henriqueta Lechantre.

O bom-senso do tabelião encarregado dos negócios da sra. Lechantre, e talvez alguma desconfiança, foi causa da perda da moça. O sr. Chesnel,^[64] tabelião de Alençon, pôs a propriedade rural de Saint-Savin, único bem da futura esposa, sob o regime total, reservando a habitação e uma renda módica para a mãe.

Os credores que supunham a sra. Lechantre possuidora de capitais consideráveis, devido ao seu espírito ordeiro e econômico, foram decepcionados nas suas esperanças, e, todos, acreditando na avarizia dessa dama, reclamaram diligências que puseram a nu a situação precária de Bryond.

Graves dissidências explodiram então entre os recém-casados, deram azo à jovem senhora de conhecer os costumes depravados, o ateísmo religioso e político, direi o termo? A infâmia do homem com o qual seu destino fora tão fatalmente unido.

Bryond, obrigado a pôr sua mulher a par do segredo das tramas odiosas tecidas contra o governo imperial, deu sua casa para asilo de Rifoël du Vissard.

O caráter de Rifoël, aventureiro, valente, generoso, exercia, sobre quantos dele se aproximavam, seduções cujas provas abundam nos processos criminais julgados ante três cortes criminais especiais.

A influência irresistível, o império absoluto que ele exerceu sobre uma jovem senhora que se via no fundo de um abismo, é por demais visível pela catástrofe cujo horror a atira suplicante ao pé do trono. Mas o que a chancelaria de Sua Majestade imperial e real pode facilmente verificar é a complacência infame de Bryond, o qual, longe de exercer seu dever de guia e de conselheiro junto a uma criança que uma pobre mãe iludida lhe confiara, comprouve-se em apertar os laços da intimidade da jovem Henriqueta com o chefe dos rebeldes.

O plano dessa odiosa personagem, que se vangloria de desprezar tudo, de não considerar, seja lá no que for, mais do que a satisfação de suas paixões, e que não vê senão obstáculos vulgares nos sentimentos ditados pela moral civil ou religiosa, esse plano, ei-lo:

É este o momento de assinalar quanto essa combinação é familiar a um homem que, desde 1794, representa um duplo papel e que, durante oito anos, pôde enganar o conde de Lille e seus partidários, enganar talvez, também, a Polícia Geral do Império: não pertencem tais homens a quem melhor os paga?

Bryond impelia Rifoël ao crime, insistia na necessidade de ataques à mão armada contra as receitas do Estado e de uma pesada contribuição imposta aos compradores de bens nacionais, por meio de torturas horríveis que espalharam o terror em cinco departamentos, torturas inventadas por ele. Exigia que lhe entregassem trezentos mil francos para liquidar seus negócios.

Em caso de resistência por parte da mulher ou de Rifoël, ele se propunha vingar-se do profundo desprezo que inspirava àquela alma reta, entregando-os um e outro ao rigor das leis, assim que tivessem praticado algum crime capital.

Quando viu que o espírito de partido era mais forte do que os seus interesses naqueles dois seres que ele ligara um ao outro, desapareceu e regressou a Paris, munido de completas informações a respeito da situação dos departamentos do Oeste.

Os irmãos Chaussard e Vauthier, como a chancelaria sabe, foram os correspondentes de Bryond.

Tendo voltado secretamente, e disfarçado, para a região, assim que foi

cometido o atentado sobre a receita de Caen, Bryond, sob a alcunha de *le Marchand*, pôs-se em relações secretas com o senhor chefe de polícia e os magistrados. Daí, que aconteceu? Jamais conspiração mais vasta, na qual tomavam parte tantas pessoas colocadas em graus tão diferentes da escala social, foi mais prontamente conhecida pela Justiça como essa, cuja agressão explodiu pelo ataque à receita de Caen. Todos os culpados foram seguidos, vigiados, seis dias depois do atentado, com uma perspicácia que denotava o mais completo conhecimento dos planos e dos indivíduos. A prisão, o processo, a morte de Rifoël e de seus cúmplices são disso uma prova que damos somente para demonstrar nossa certeza. A chancelaria, repetimos, sabe a respeito mais do que nós.

Se jamais condenado deveu recorrer à clemência do soberano, não será o caso de Henriqueta Lechantre?

Arrastada pela paixão, por ideias de rebelião que sugara com o leite materno, ela é certamente indesculpável aos olhos da Justiça; mas, aos olhos do mais magnânimo dos imperadores, a mais infame das traições e o mais violento de todos os entusiasmos não advogará esta causa?

O maior dos capitães, o gênio imortal que perdoou o príncipe de Hatzfeld^[65] e que, como o próprio Deus, sabe adivinhar as razões nascidas da fatalidade do coração, não quererá admitir o poder invencível da juventude, que milita para escusar esse crime, por maior que seja?

Vinte e duas cabeças já tombaram sob o cutelo da Justiça, pelas sentenças de três cortes criminais; resta somente a de uma jovem dama de vinte anos, uma menor: o imperador Napoleão, o Grande, não a reservará para o arrependimento? Não é uma parte que deve ser entregue a Deus?...

Por Henriqueta Lechantre, esposa de Bryond des Tours-Minières,

Seu defensor

BORDIN

procurador junto ao tribunal

de primeira instância do departamento do Sena."

Esse drama espantoso perturbou o pouco sono a que se entregou Godofredo. Sonhou com o supremo suplício tal como o médico Guillotin o imaginou com finalidades filantrópicas. Através das cálidas névoas de um pesadelo, entreviu uma jovem dama, bela, exaltada, sofrendo os últimos aprestos e levada numa carreta, subindo ao cadafalso e bradando: "Viva o rei!".

II — ESCLARECIMENTOS

A curiosidade espicaçava Godofredo. Ao clarear do dia, levantou-se, vestiu-se, caminhou pelo quarto e acabou colando-se à vidraça, para olhar o céu, maquinalmente, reconstruindo, como o faria um autor moderno, esse drama em vários volumes. E via sempre nesse fundo tenebroso de *chouans*, de gente do campo, de gentis-homens provincianos, de chefes, de funcionários da Justiça, de advogados, de espiões, destacarem-se radiosas as figuras da mãe e da filha; da filha iludindo a mãe, da filha vítima de um monstro, vítima de seu arrebatamento por um desses homens audazes que mais tarde seriam

qualificados de heróis, e ao qual a imaginação de Godofredo atribuía semelhanças com os Charette,^[66] os Georges Cadoudal,^[67] com os gigantes daquela luta entre a República e a Monarquia.

Assim que Godofredo ouviu o velho Alain mexer-se no quarto, foi até lá; mas, depois de ter entreaberto a porta, voltou para seu aposento. O velho, ajoelhado num genuflexório, fazia as suas orações da manhã. O aspecto daquela cabeça encanecida, abismada numa atitude de intensa devoção, lembrou a Godofredo seus deveres esquecidos; pôs-se a rezar fervorosamente.

— Eu o estava esperando — disse-lhe o velho, ao ver Godofredo entrar ao cabo de um quarto de hora —; antecipei-me em atenção à sua impaciência, levantando-me mais cedo do que de costume.

— A sra. Henriqueta?... — perguntou Godofredo com visível ansiedade.

— É a filha da sra. de la Chanterie — respondeu o ancião interrompendo Godofredo —, cujo nome todo é Lechantre de la Chanterie. Durante o Império não se reconheciam nem os títulos nobiliárquicos nem os nomes acrescentados aos nomes patronímicos ou primitivos. Assim é que a baronesa des Tours-Minières chamava-se dama Bryond; o marquês d'Esgrignon retomava o nome de Carol, era o cidadão Carol, e mais tarde o sr. Carol; os Troisville tornaram-se os srs. Guibelin.

— Mas que foi que aconteceu? O imperador concedeu indulto?

— Infelizmente, não! — respondeu Alain. — A infeliz jovem, com vinte e um anos, morreu no cadafalso. Depois de ter lido a nota de Bordin, o imperador respondeu ao Grande Juiz^[68] mais ou menos nestes termos: “Por que encarniçar-se contra o espião? Um agente não é mais um homem, não deve ter mais os sentimentos de um homem; é uma engrenagem numa máquina. Bryond fez o seu dever. Se os instrumentos dessa espécie não fossem o que são, barras de aço, e inteligente unicamente no sentido do domínio a que servem, não haveria governo possível. É preciso que as sentenças da Justiça criminal especial sejam executadas, de outra forma meus magistrados não teriam mais confiança em si mesmos, nem em mim. De resto, os soldados dessa gente estão mortos, e eles eram menos culpados do que os chefes. Finalmente, é preciso ensinar as mulheres do Oeste a não se imiscuírem em conspirações. É precisamente por ser uma mulher a quem a sentença fere que a Justiça deve seguir seu curso. Não há desculpa possível ante os interesses do poder”. Tal a substância do que o Grande Juiz houve por bem repetir a Bordin da sua entrevista com o imperador. Ao ter conhecimento de que a França e a Rússia não tardariam a se enfrentar, que o imperador seria obrigado a ir a setecentas léguas de Paris atacar um país imenso e deserto, Bordin compreendeu os verdadeiros motivos da inclemência do imperador.

Para obter a tranquilidade no Oeste, já tão cheio de insubmissos, pareceu-lhe necessário a Napoleão imprimir um terror profundo. Por isso o Grande Juiz aconselhou Bordin a desinteressar-se dos seus clientes.

— Da sua cliente — disse Godofredo.

— A sra. de la Chanterie estava condenada a vinte e dois anos de reclusão — respondeu Alain. — Já estando transferida para Bicêtre, perto de Rouen, para cumprir sua pena, não deviam ocupar-se dela senão depois de ter salvado Henriqueta, a qual, desde os horríveis debates, se lhe tornara tão querida que, sem a promessa de Bordin de obter o perdão para a sua vida, não se acredita que ela sobrevivesse à prolação da sentença. Enganaram, pois, aquela pobre mãe. Ela viu a filha depois da execução dos condenados à morte pela sentença, sem saber que aquela demora era devida a uma declaração falsa de gravidez.

— Ah! Compreendo tudo! — exclamou Godofredo.

— Não, meu filho! Existem coisas que não se adivinham. A mãe julgou a filha viva durante muito tempo.

— Como?

— Já verá como. Quando a sra. des Tours-Minières soube por Bordin da rejeição do seu recurso pedindo graça, essa sublime mulherzinha teve a coragem de escrever umas vinte cartas datadas de mês em mês posteriormente à sua execução, a fim de fazer crer na sua existência e de graduar até a morte os sofrimentos de uma doença imaginária. Essas cartas alcançavam um lapso de tempo de dois anos. A sra. de la Chanterie foi, pois, preparada para a morte da filha, mas uma morte natural; não soube do seu suplício senão em 1814. Ficou detida durante dois anos inteiros, misturada com as mais infames criaturas do seu sexo, e vestindo o uniforme da prisão; graças, entretanto, às instâncias dos Champignelles e dos De Beauséant,^[69] foi posta, desde o segundo ano, num quarto particular onde vivia como uma religiosa enclausurada.

— E os outros?

— O tabelião Léveillé, Herbomez, Hiley, Cibot, Grenier, Horeau, Cabot, Minard e Mallet foram condenados à morte e executados no mesmo dia. Pannier, condenado a vinte anos de trabalhos forçados, bem como Chaussard e Vauthier foram marcados e mandados para as galés; o imperador, porém, indultou Chaussard e Vauthier. Mélin, Laravinière e Binet foram condenados a cinco anos de reclusão. A mulher Bourget foi condenada a vinte e dois anos de reclusão. Chargegrain e Rousseau foram absolvidos. Os contumazes foram todos condenados à morte, menos a rapariga Godard, que não é outra, já o deve ter percebido, que a nossa pobre Manon...

— Manon! — exclamou Godofredo estupefato.

— Oh! O senhor ainda não conhece Manon! — replicou o bom Alain.

— Essa criatura dedicada, condenada a vinte e dois anos de reclusão, entregou-se para servir a sra. de la Chanterie na prisão. O nosso querido vigário é o padre de Montargne que deu os últimos sacramentos à sra. baronesa des Tours-Minières, que teve a coragem de acompanhá-la ao cadafalso e em quem ela deu o último beijo de adeus. Esse corajoso e sublime padre assistira ao cavaleiro du Vissard. Nosso querido padre de Vêze soube, pois, de todos os segredos dessas conspirações...

— Vejo onde os cabelos dele embranqueceram! — disse Godofredo.

— Sim! — continuou Alain. — Ele recebeu de Amadeu du Vissard a miniatura da sra. des Tours-Minières, única imagem que resta dela; por isso, o padre tornou-se sagrado para a sra. de la Chanterie, no dia em que ela voltou gloriosamente para a vida social.

— E como? — disse Godofredo, admirado.

LII — LUÍS XVIII VISTO DE FRENTE

— Mas, na volta de Luís XVIII,^[70] em 1814, Boislaurier, o jovem irmão do sr. Boisfrelon, tinha ordem do rei para levantar o Oeste em 1809, e mais tarde ainda, em 1812. O nome deles é Dubut, o Dubut de Caen é parente deles. Eram três irmãos: Dubut de Boisfranc, presidente na corte de auxílios; Dubut de Boisfrelon, conselheiro no Parlamento, e Dubut Boislaurier, capitão de dragões. O pai dera aos filhos o nome de três propriedades diferentes, fazendo delas sabão para tirar a casca de plebeu^[71] porque o avô desses Dubut vendia tecidos. O Dubut de Caen, que pôde salvar-se, pertencia aos Dubut que permaneceram no comércio, e esperava, por seu devotamento à causa real, conseguir a sucessão do título do sr. de Boisfranc. Luís XVIII satisfez o anseio desse fiel servidor, que foi grande preboste em 1815 e mais tarde procurador-geral com o nome de Boisfranc; morreu como primeiro presidente de uma Corte real. O marquês du Vissard, irmão primogênito do pobre cavaleiro, tendo sido feito par de França e cumulado de honrarias pelo rei, foi nomeado tenente na Casa Vermelha^[72] e prefeito, após a dissolução desta. O irmão do sr. d'Herbomez foi feito conde e coletor-geral. O pobre banqueiro Pannier morreu de desgosto no cárcere. Boislaurier morreu, sem deixar filhos, como general e governador de um castelo real. Os srs. de Champignelles e de Beauséant, o duque de Verneuil^[73] e o guarda dos selos apresentaram a sra. de la Chanterie ao rei. “Sofreu muito por mim, senhora baronesa; tem direito a todo o meu favor e a toda a minha gratidão”, disse ele. “Sire”, respondeu ela, “Vossa Majestade tem tantas dores a consolar, que não quero sobrecarregá-lo com o peso de uma dor inconsolável. Viver no esquecimento, chorar minha filha e praticar o bem, eis a minha vida. Se alguma coisa pode mitigar minhas desgraças, é a bondade do meu rei, é a satisfação de ver que a Providência não permitiu que tanto devotamento tivesse sido

inútil.”

— E que fez Luís XVIII? — perguntou Godofredo.

— O rei fez restituir duzentos mil francos à sra. de la Chanterie, porquanto a propriedade de Saint-Savin foi vendida para satisfazer o fisco. As cartas de indulto expedidas para a senhora baronesa e sua criada contêm o pesar do rei pelos sofrimentos suportados por seu serviço, reconhecendo que o *zelo de seus servidores tenha ido longe demais nos meios de execução*; mas, coisa horrível e que lhe parecerá o mais curioso do caráter desse monarca, ele empregou Bryond na sua polícia secreta durante todo o seu reinado.

— Oh! Os reis! Os reis! — exclamou Godofredo.

LIII — ORAI POR TODOS, MESMO POR VOSSOS INIMIGOS

— E esse miserável ainda vive? — perguntou Godofredo, depois de uma pausa.

— Não. Esse miserável, que pelo menos se ocultava sob o nome de Contenson, morreu em fins do ano de 1829 ou começo de 1830. Ao deter um criminoso que fugia por cima do telhado de uma casa, caiu na rua. Luís XVIII partilhava das ideias de Napoleão sobre os homens de polícia. A sra. de la Chanterie é uma santa, roga pela alma desse monstro e faz rezar por ele duas missas todos os anos. Embora defendida pelo pai de um grande orador e um dos mais célebres advogados daquele tempo, a sra. de la Chanterie, que só soube dos perigos da filha no momento do transporte do dinheiro, e isso mesmo porque foi esclarecida por seu parente Boislaurier, jamais pôde estabelecer sua inocência. O presidente du Ronceret e o vice-presidente do tribunal de Alençon, Blondet,^[74] tentaram em vão salvar nossa pobre senhora; a influência do conselheiro da corte imperial que presidia a corte especial criminal, o famoso Mergi, mais tarde procurador-geral, fanaticamente devotado ao altar e ao trono, e que fez cair mais de uma cabeça bonapartista, foi tal sobre os seus colegas que obteve a condenação da pobre baronesa de la Chanterie. Os srs. Bourlac e Mergi puseram nos debates um encarniçamento inaudito. O presidente chamava a baronesa des Tours-Minières de a mulher Bryond, e a sra. de la Chanterie de a mulher Lechantre. Os nomes dos acusados são todos relacionados ao sistema republicano e quase todos desnaturados. Esse processo teve detalhes extraordinários, e não me lembro de todos; mas ficou-me na memória um rasgo de audácia que pode servir para lhe pintar a qualidade de homens que eram aqueles *chouans*. A multidão, para assistir aos debates, ultrapassava tudo o que sua imaginação possa idear: enchia os corredores, e na praça lembrava a afluência dos dias de feira. Um dia, na abertura da audiência, antes da chegada da corte, Pille-Miche, o famoso *chouan*, salta por cima da balaustrada, no meio do

auditório, acotovela de um lado e de outro, mistura-se com aquela gente, e foge com o fluxo da multidão assustada, *num ímpeto de javali*, contou-me Bordin. Os gendarmes, os guardas correm atrás dele e ele tornou a ser preso na escada no momento em que alcançava a praça. Esse rasgo de audácia fez reforçar a guarda. Formaram na praça um piquete de gendarmes, porque temiam que entre a multidão houvesse *chouans* prontos a dar ajuda e mão forte aos acusados. Houve três pessoas esmagadas na multidão devido a essas tentativas. Soube-se depois que Contenson (do mesmo modo que meu velho amigo Bordin, não o posso chamar nem barão des Tours-Minières nem Bryond, que é um nome de velha raça); soube-se, repito, que esse miserável subtraíu e dissipou sessenta mil francos do dinheiro roubado; deu dez mil ao jovem Chaussard, que ele alistou na polícia, inoculando-lhe seus gostos e seus vícios; mas nenhum dos seus cúmplices foi feliz. O Chaussard contumaz foi atirado ao mar pelo sr. Boislaurier, assim que este soube, por um bilhete de Pannier, da traição desse patife, a quem Contenson aconselhara que se juntasse com os conspiradores fugitivos para espioná-los. Vauthier foi morto em Paris, sem dúvida por um dos obscuros e dedicados companheiros do cavaleiro du Vissard. Finalmente, o mais jovem dos Chaussard foi assassinado num desses casos noturnos próprios da polícia; é de crer que Contenson se tivesse desembaraçado das suas reclamações ou dos seus remorsos recomendando-o, como se diz, aos fiéis.

LIV — A CARIDADE

— A sra. de la Chanterie colocou seus haveres no Grande Livro, e comprou esta casa, para obedecer a um desejo de seu tio, o velho conselheiro de Boisfrelon, que lhe deu o dinheiro necessário para a aquisição. Esse bairro tranquilo era vizinho do arcebispado, no qual nosso querido padre foi colocado junto ao cardeal. Esse foi o motivo principal para ela não se opor aos desejos do ancião, cuja fortuna, após vinte e cinco anos de revoluções, ficara reduzida a seis mil francos de renda. De resto, ela desejava terminar por uma vida claustral as espantosas desgraças que, fazia vinte e seis anos, a esmagavam. O senhor deve agora compreender a majestade, a grandeza dessa vítima, que me atrevo a chamar de augusta...

— Sim — replicou Godofredo —, os estigmas de todos os golpes que ela recebeu dão-lhe não sei quê de grande e majestoso.

— Cada ferimento, cada nova agressão redobrou nela a paciência e a resignação — afirmou Alain —; mas se a conhecesse *como* nós a conhecemos, se soubesse quanto é viva a sensibilidade dessa dama, como é ativa e inesgotável a ternura desse coração, o senhor ficaria espantado de contar as lágrimas derramadas, as preces ardentes

dirigidas a Deus. Foi preciso, como lhe aconteceu, não ter conhecido senão uma rápida estação de felicidade para resistir a tantos abalos! É um coração terno, uma alma meiga encerrada num corpo de aço, endurecido pelas privações, pelos trabalhos e pelas austeridades.

— A vida dela explica a longa vida dos solitários — disse Godofredo.

— Em certos dias eu me pergunto qual o sentido de semelhante existência!... Reservará Deus essas últimas, essas cruéis provações para aquelas suas criaturas que se devem sentar junto dele no dia seguinte à morte? — disse o velho Alain, sem saber que ingenuamente expunha toda a doutrina de Swedenborg^[75] sobre os anjos.

— Assim — exclamou Godofredo — a sra. de la Chanterie esteve misturada com...

— Ela foi sublime na prisão — respondeu Alain. — Durante três anos ela realizou a ficção do vigário de Wakefield,^[76] pois converteu várias dessas mulheres de má vida que a cercavam. Durante sua detenção, observando os costumes das reclusas, ela foi invadida por essa grande piedade pelas dores do povo, a qual a oprime e faz dela a rainha da caridade parisiense. Dentro do horrível Bicêtre de Rouen, ela concebeu o plano a cuja realização nós nos devotamos. Foi, como ela diz, um sonho delicioso, uma inspiração angélica no meio do Inferno; não imaginava jamais poder realizá-lo. Aqui, quando, em 1819, pareceu que a tranquilidade renascia em Paris, ela voltou ao seu sonho. A sra. duquesa de Angoulême,^[77] mais tarde mulher do delfim de França, a duquesa de Berry,^[78] o arcebispo, mais tarde o chanceler e algumas pessoas piedosas deram liberalmente as primeiras quantias necessárias. Esse fundo foi acrescido com a parte disponível de nossas rendas, das quais cada um de nós só lança mão do estrito necessário.

Os olhos de Godofredo encheram-se de lágrimas.

— Somos os fiéis servidores de uma ideia cristã, e pertencemos de corpo e alma a essa obra, cujo gênio, cuja fundadora é a baronesa de la Chanterie, a quem o senhor vê ser tratada tão respeitosamente por nós aqui.

— Ah! Eu serei todo dos senhores — disse Godofredo, estendendo as mãos para o velho.

— Compreende, agora, que existem temas de conversação absolutamente proibidos aqui, mesmo por alusão? — continuou o ancião. — Compreende as obrigações de delicadeza que cada um dos habitantes desta casa contrai para com aquela que nos parece ser uma santa? Compreende o poder de cativar que possui uma mulher consagrada por tantas desgraças, que sabe tantas coisas, para quem todos os infortúnios já não têm segredos, que de cada adversidade conserva um ensinamento, da qual todas as virtudes tiveram a dupla sanção das mais duras provações e de uma prática constante, cuja alma é sem mancha, imaculada, que da maternidade só conheceu as dores,

do amor conjugal só as amarguras, para quem a vida sorriu apenas alguns meses, para quem sem dúvida o céu reserva alguma palma como prêmio a tanta resignação, a tanta mansuetude nos sofrimentos? Não tem ela sobre Jó a vantagem de jamais ter murmurado? Não se admire mais de achar sua palavra tão poderosa, sua velhice tão jovem, sua alma tão comunicativa, seus olhares tão convincentes; ela recebeu poderes extraordinários para confessar os sofrimentos, porque tudo sofreu. Todas as dores calam-se perto dela.

— É a imagem viva da Caridade! — exclamou Godofredo, entusiasmado.

LV — UM DESENLACE

— Serei dos vossos? — perguntou Godofredo, após uma pausa.

— Precisa aceitar as provações e, antes de tudo, *CREIA!* — exclamou docemente o ancião. — Enquanto não tiver fé, enquanto não tiver absorvido no seu coração e na sua inteligência o sentido divino da epístola de São Paulo sobre a Caridade, o senhor não poderá participar das nossas obras.

Paris, 1843-1845

SEGUNDO EPISÓDIO

O INICIADO

I — A POLÍCIA DO BOM DEUS

Da mesma forma que o mal, o sublime é contagioso. Por isso, depois de o pensionista da sra. de la Chanterie ter vivido naquela velha e silenciosa casa durante alguns meses, depois da última confidência do velho Alain, o qual lhe incutiu o mais profundo respeito pelos quase monges com os quais convivia, sentiu ele esse bem-estar da alma que uma vida regular, os costumes pacatos e a harmonia dos caracteres daqueles que nos cercam nos dão.

Em quatro meses, Godofredo, que não ouviu nem um som de voz, nem uma discussão, acabou confessando a si mesmo que, desde que chegara à idade do entendimento, não se lembrava de ter estado tão completamente, não feliz, mas tranquilo. Julgava a sociedade de um modo são, vendo-a à distância. Finalmente, o desejo, que alimentava fazia três meses, de participar das obras daquelas misteriosas personagens tornou-se uma paixão; sem ser um grande filósofo, qualquer um pode imaginar a força que as paixões adquirem na solidão.

Um dia, pois, dia que se tornou solene pela onipotência do espírito, depois de ter sondado o próprio coração e de ter consultado suas forças, Godofredo subiu ao quarto do bom velho Alain, daquele que a sra. de la Chanterie denominava seu *cordeiro*, aquele que, de todos os comensais da casa, parecia o menos imponente, o mais acessível, com a intenção de conseguir do bondoso velho alguns esclarecimentos sobre as condições do sacerdócio que aquela espécie de irmãos em Deus exerciam em Paris.

As alusões já feitas a um período de provas prognosticavam-lhe uma iniciação que ele esperava. Sua curiosidade não se satisfizera com o que o venerável ancião lhe referira relativamente à sua agregação à obra da sra. de la Chanterie; ele queria saber mais.

Pela terceira vez Godofredo se apresentou ante o velho Alain, às dez horas e meia da noite, no momento em que este ia iniciar sua leitura da *Imitação*. Dessa vez, o meigo iniciador não pôde reprimir um sorriso, e, ao ver o rapaz, disse-lhe sem o deixar falar:

— Por que se dirige a mim, meu caro amigo, em vez de se dirigir à sra. de la Chanterie? Eu sou o mais ignorante, o menos preparado, o mais imperfeito de todos aqui... Faz três dias que ela e meus amigos leem no seu coração — acrescentou com ar finório.

— E que viram eles? — perguntou Godofredo.

— Ah! — respondeu o velhote, usando de franqueza. — Eles perceberam no senhor um desejo ingênuo de pertencer ao nosso grupinho. Mas esse sentimento não chega ainda a ser uma ardente vocação. Sim — afirmou ele vivamente, ante um gesto de Godofredo —, o senhor tem mais curiosidade do que fervor. Em suma, não está ainda suficientemente desprendido de suas antigas ideias, para deixar de ver não sei quê de aventureiro, de romanesco, como se diz, nos incidentes de nossa vida.

Godofredo não pôde deixar de corar.

— O senhor vê nos nossos trabalhos uma semelhança com os dos califas de *As mil e uma noites*, e sente de antemão uma espécie de satisfação em representar o papel de gênio bom nos romances de beneficência que se compraz a inventar!... Vamos, meu filho, seu sorriso embaraçado demonstra-me que não nos enganamos. Como julgava poder ocultar um sentimento a pessoas cuja profissão é adivinhar os mais ocultos movimentos das almas, os ardis da pobreza, os cálculos da indigência, pessoas que são espiões honestos encarregados da polícia de Deus, velhos juizes cujo código contém somente absolvições, doutores para todos os males cujo único remédio é o dinheiro inteligentemente empregado? Mas, meu filho, nós não esmiuçamos com prevenção os motivos que nos trazem um neófito, contanto que ele fique entre nós e se torne um irmão da nossa ordem. Nós o julgaremos pela ação. Há duas curiosidades, a do bem e a do mal; neste momento o senhor tem a boa. Se deve ser um obreiro da nossa vinha, o suco dos cachos dar-lhe-á a sede perpétua do fruto divino. A iniciação, como em toda a ciência natural, é fácil na aparência e difícil na realidade. Acontece na beneficência o mesmo que na poesia. Nada mais fácil do que conseguir-se a aparência. Mas aqui, como no Parnaso, nós só nos contentamos com a perfeição.

Para tornar-se um dos nossos, terá que adquirir uma grande ciência da vida, e de que vida, meu Deus! Da vida parisiense que desafia a sagacidade do próprio senhor chefe de Polícia e de seus homens. Não nos incumbe frustrar a conspiração permanente do mal, apreendê-la nas suas formas tão variáveis, que se pode acreditar serem elas infinitas? A caridade, em Paris, deve ser tão sábia quanto o vício, do mesmo modo que o policial deve ser tão manhoso como o ladrão. Cada um de nós deve ser cândido e desconfiado, ter o julgamento tão seguro e rápido quanto o golpe de vista. Por isso, meu filho, todos nós somos velhos e estamos envelhecidos, mas nos sentimos tão contentes com os resultados que temos obtido, que não queremos morrer sem deixar sucessores; e o senhor nos é tanto mais caro a todos, porque será, se persistir, nosso primeiro discípulo. Para nós não existe o acaso, nós devemos o senhor a Deus! O senhor é uma boa natureza azedada; e, desde que aqui reside, os maus fermentos enfraqueceram. A natureza

divina da sra. de la Chanterie reagiu sobre o senhor. Ontem tivemos uma conferência; e, uma vez que possuo sua confiança, meus bons irmãos decidiram atribuir-me as funções de seu tutor e preceptor... Está satisfeito?

— Ah! meu bom sr. Alain, com sua eloquência despertou uma...

— Não sou eu meu filho que falo bem, as coisas é que são eloquentes... Temos sempre certeza de ser grandes, e mesmo sublimes, obedecendo a Deus, imitando Jesus Cristo, tanto quanto nos é possível a nós homens fazê-lo, auxiliados pela fé...

— Pois bem, este momento decidiu a minha vida; sinto o ardor de um neófito! — exclamou Godofredo. — Também eu quero passar minha vida a fazer o bem...

— É o segredo de permanecer em Deus — replicou o velhote. — Estudou aquele lema: *Transire benefaciendo*? *Transire* quer dizer ir além deste mundo, deixando nele uma longa esteira de benefícios...

— Compreendo bem, e coloquei espontaneamente o lema da ordem em frente à minha cama.

— Está bem! Esse ato, tão simples em si mesmo, tem grande valor a meus olhos! Portanto, meu filho, tenho o seu primeiro caso, seu primeiro duelo com a miséria, e vou fazê-lo pôr o pé no estribo... Vamos separar-nos... Sim, eu mesmo fui destacado do convento para tomar posição no centro de um vulcão. Vou tornar-me contramestre numa grande fábrica em que todos os operários estão infectados com as doutrinas comunistas, e sonham com uma destruição social, com a carnificina dos patrões, sem saber que isso seria a morte da indústria, do comércio, das fábricas...^[79] Ficarei lá, quem sabe?, talvez um ano, fazendo o caixa, escriturando os livros e penetrando em cem ou cento e vinte lares de pobres-diabos, desencaminhados sem dúvida pela miséria, antes de o serem por maus livros. Não obstante, nos veremos aqui todos os domingos e dias de festa... Como residiremos no mesmo bairro, indico-lhe a igreja Saint-Jacques du Haut-Pas como ponto de encontro: assistirei nela a missa todos os dias, às sete horas e meia da manhã. Se me encontrar em outro lugar, faça como se não me conhecesse, a menos que me veja esfregar as mãos como alguém que está contente. É um dos nossos sinais. Como os surdos-mudos, temos uma linguagem por meio de gestos, cuja necessidade lhe será em breve e superabundantemente demonstrada.

Godofredo fez um gesto que o velho Alain interpretou, pois sorriu e retomou em seguida a palavra.

— Agora, aqui está o seu negócio. Nós não exercemos nem a beneficência, nem a filantropia que o senhor conhece, e que se dividem em vários ramos explorados por gatunos de probidade como outros tantos comércios; mas praticamos a caridade tal como a definiu nosso grande e sublime São Paulo, porque, meu filho, pensamos que somente

a caridade pode sanar as chagas de Paris. Por isso, para nós, a desgraça, a miséria, o sofrimento, o pesar, o mal, seja qual for a causa de que provenham, seja qual for a classe social em que se manifestem, têm a nossos olhos o mesmo direito. Quaisquer que sejam sua crença ou suas opiniões, um infeliz é, antes de mais nada, um infeliz, e não devemos fazer com que se volte para nossa Santa Madre Igreja senão depois de o ter salvo do desespero ou da fome. E, mesmo assim, nós o devemos converter mais pelo exemplo e pela mansuetude do que por outro modo qualquer, pois cremos que Deus nos auxilia nessa empresa. Qualquer imposição é, pois, má. De todas as misérias parisienses, as mais difíceis de descobrir e as mais severas são as das pessoas de bem, as das altas classes da burguesia cujas famílias caíram na indigência, porque têm como ponto de honra ocultá-la. As desgraças dessa espécie, meu caro Godofredo, são objeto de uma solicitude particular. Efetivamente, as pessoas socorridas têm inteligência e têm coração, restituem-nos com usura as quantias que lhes emprestamos, e, num tempo determinado, essas restituições cobrem as perdas que temos com os inválidos, os larápios ou aqueles a quem a desgraça tornou estúpidos. Obtemos, na verdade, algumas informações pelos nossos favorecidos, mas nossa obra se tornou tão vasta, suas particularidades são tão numerosas, que já não bastamos para ela. Por isso, faz sete ou oito meses, temos em cada circunscrição de Paris um médico nosso. Cada um de nós está encarregado de quatro circunscrições. Damos a cada médico uma indenização de três mil francos por ano para que eles assistam os nossos pobres. Ficam com a obrigação de atender-nos de preferência aos demais, mas não os impedimos de atender a outros doentes. Acredita que em oito meses não nos foi possível encontrar doze homens tão preciosos, doze homens de bem, apesar dos recursos que nossos amigos e nossas próprias relações nos ofereciam? E que precisávamos de pessoas de uma discrição absoluta, de costumes puros, de ciência comprovada, ativas, gostando de praticar o bem? Ora, conquanto haja em Paris dez mil indivíduos mais ou menos aptos a nos servirem, esses doze eleitos não foram encontrados em um ano!

— Nosso Salvador custou para reunir seus apóstolos, e, mesmo assim, meteu-se entre eles um traidor e um incréu! — disse Godofredo.

— Afinal, de há quinze dias para cá, nossas circunscrições todas estão providas de um visitante, é esse o nome que damos aos nossos médicos — disse o bom do velho, sorrindo —; e, devido a isso, faz quinze dias temos um acréscimo de serviço, mas nós redobramos de atividade. Se lhe confio este segredo de nossa ordem que apenas está nascendo, é porque o senhor precisa conhecer o médico da circunscrição para onde vai, tanto mais que as informações são dadas por ele. Esse visitante chama-se Berton; dr. Berton; mora na Rue d'Enfer. E agora, aqui está o caso. O dr. Berton atende uma senhora cuja

doença, por assim dizer, desafia a ciência. Nada temos com isso, que diz respeito à Faculdade; nossa missão consiste em descobrir a miséria da família dessa doente, miséria essa que o doutor suspeita ser pavorosa, e sobretudo oculta com uma energia, com uma dignidade que exigem todos os nossos cuidados. Antigamente, eu sozinho bastaria, meu filho, para essa tarefa; hoje, a obra a que me devoto exige um auxiliar para as minhas quatro circunscrições, e o senhor será esse auxiliar. Essa família reside à Rue Notre-Dame-des-Champs numa casa que dá para o Boulevard du Montparnasse. Achará ali, com certeza, um quarto para alugar, e procurará descobrir a verdade durante o tempo em que morar nessa casa. Seja de uma avariza sórdida consigo mesmo: mas, quanto ao dinheiro a distribuir, não se preocupe, eu lhe remeterei as quantias que julgarmos necessárias, depois de termos, entre nós, feito um exame acurado das circunstâncias. Estude, porém, a fundo o moral desses infelizes. O coração, a nobreza de sentimentos, tais são as nossas hipotecas! Avaros para nós mesmos, generosos para com os que sofrem, devemos ser prudentes e até mesmo calculistas, pois gastamos do tesouro dos pobres. Assim, pois, amanhã de manhã vá e lembre-se do grande poder de que dispõe. Os irmãos estão com o senhor!...

— Ah! — exclamou Godofredo. — O senhor me dá uma tão grande alegria de fazer o bem e de ser digno de lhes pertencer um dia que, realmente, não conseguirei dormir!...

— Ah! Meu filho, uma última recomendação! A proibição de me reconhecer sem o sinal estende-se igualmente a todos os moradores desta casa, mesmo aos criados. Necessitamos do incógnito absoluto nas nossas empresas, e somos tantas vezes obrigados a guardá-lo, que disso fizemos uma lei. De resto, devemos permanecer ignorados, perdidos em Paris... Pense, também, caro Godofredo, no espírito da nossa ordem, que consiste em não parecermos nunca benfeitores, em mantermos um papel obscuro, o de intermediários. Nós nos apresentamos sempre como agentes de uma pessoa piedosa, santa (pois não trabalhamos para Deus?) a fim de que não se julguem obrigados à gratidão para conosco, ou para que não nos tomem por gente rica. A humildade verdadeira e sincera, e não a falsa humildade das pessoas que se apagam para ser postas em evidência, deve reger-lhe e inspirar-lhe todos os pensamentos... Poderá alegrar-se por ter tido êxito, mas, enquanto sentir em si um impulso de vaidade ou de orgulho, não será digno de entrar na ordem. Nós conhecemos dois homens perfeitos: um, que foi um dos nossos fundadores, o juiz Popinot; quanto ao outro, que se revelou por suas obras, foi um médico rural^[80] que deixou seu nome escrito num cantão. Este, meu caro Godofredo, é um dos homens mais notáveis de nosso tempo: ele fez passar uma região inteira do estado selvagem ao estado próspero, da irreligiosidade ao catolicismo, da barbárie à civilização. Os nomes desses dois homens

estão gravados nos nossos corações, e nós no-os propomos como modelos. Muito felizes nos sentiríamos se um dia pudéssemos ter em Paris a influência que esse médico de campanha teve no seu cantão. Mas a chaga aqui é imensa e está acima das nossas forças, pelo menos quanto ao presente. Que Deus nos conserve a sra. de la Chanterie por muito tempo, que nos mande alguns auxiliares como o senhor, e então deixaremos talvez uma instituição que fará bendita sua santa religião! Vamos, adeus... Começa sua iniciação... Ah! Eu tagarelo como um professor e esqueço o essencial: tome, aqui está o endereço dessa família — disse ele, entregando a Godofredo um pedaço quadrado de papel —; acrescente aí o número da casa onde mora o dr. Berton... Agora vá pedir a Deus que ele o auxilie.

Godofredo tomou as mãos do bom velho e apertou-as ternamente, desejando-lhe boa noite e afirmando-lhe que não faltaria a nenhuma das recomendações.

— Tudo o que o senhor me disse — acrescentou — está gravado na minha memória para toda a vida.

O ancião sorriu, sem manifestar dúvida alguma, e levantou-se para ir ajoelhar-se no seu genuflexório. Godofredo foi para o quarto, feliz por participar finalmente nos mistérios daquela casa e por ter uma ocupação que, na disposição de espírito em que se achava, tornava-se um prazer. No dia seguinte, pela manhã, ao almoço, o bom Alain não compareceu, mas Godofredo não fez nenhuma alusão à causa de sua ausência; tampouco foi interrogado a respeito da missão que o velho lhe confiara; recebeu assim sua primeira lição de discrição. Não obstante, após a refeição, tomou a sra. de la Chanterie à parte e disse-lhe que ia ausentar-se por alguns dias.

— Está bem, meu filho! — respondeu-lhe a sra. de la Chanterie. — Procure honrar seu padrinho, pois o sr. Alain respondeu pelo senhor perante seus irmãos.

Godofredo despediu-se dos três outros irmãos, que lhe dirigiram uma afetuosa saudação, pela qual pareciam abençoar sua estreia naquela árdua carreira.

II — O CASO A OBSERVAR

A associação, uma das maiores forças sociais, e que fez a Europa da Idade Média, repousa sobre sentimentos que, depois de 1792, não existem mais em França, onde o indivíduo triunfou sobre o Estado. A associação exige, primeiramente, uma natureza de devotamento que aqui não é compreendida; depois, uma fé cândida contrária ao espírito da nação; finalmente, uma disciplina contra a qual todos se insurgem e que somente a religião católica pode obter.

Assim que no nosso país se forma uma associação, cada membro, ao

voltar para casa, de uma assembleia onde os mais belos sentimentos explodiram, pensa em fazer uma cama daquele devotamento coletivo, daquela reunião de forças, e se esforça em ordenhar em proveito próprio a vaca comum, a qual, não podendo satisfazer a tantos interesses individuais, morre hética.

Não se sabe quantos sentimentos generosos foram difamados, quantos germes ardentes pereceram, quantas molas foram partidas, perdidas para o país, pelas infames decepções do carbonarismo francês,^[81] pelas subscrições patrióticas do Champ d'Asile^[82] e outros logros políticos que deviam ser grandes, nobres dramas, mas que entretanto nada mais foram do que *vaudevilles* de Polícia Correccional. Aconteceu com as associações industriais o mesmo que com as associações políticas. O amor de si mesmo substitui-se ao amor do organismo coletivo. As corporações e as ligas da Idade Média, às quais se tornará a voltar, ainda são impossíveis; por isso, as únicas *Sociedades* que subsistem são instituições religiosas, às quais se faz a mais rude guerra, neste momento, porquanto a tendência natural dos doentes é a de culpar os remédios e muitas vezes o médico. A França ignora a abnegação. Por isso, qualquer associação não pode viver senão pelo sentimento religioso, o único que domina as rebeliões do espírito, os cálculos da ambição e tudo que é avidez. Os buscadores de mundos ignoram que a associação tem mundos a dar.

Ao caminhar pelas ruas, Godofredo sentia-se outro homem. Quem tivesse podido adentrar-se no seu espírito teria admirado o curioso fenômeno da comunicação do poder coletivo. Não era mais um homem, e sim um ser decuplicado, que se sabia o representante de cinco pessoas cujas forças unidas apoiavam-lhe os atos, e que com ele marchavam. Levando esse poder no coração, ele sentia uma plenitude de vida, um nobre poder que o exaltava. Foi, como ele disse mais tarde, um dos mais belos momentos de sua existência, porque estava gozando um novo sentido, o de uma onipotência mais certa do que a dos déspotas. O poder moral, como o pensamento, não tem limites.

“Viver para os outros”, disse consigo, “agir em comum como um só homem, e agir por si só como todos juntos! Ter por chefe a Caridade, a mais bela, a mais viva das imagens ideais que tenhamos feito das virtudes católicas, isso é viver!... Vamos, reprimamos esta alegria pueril, que faria rir o velho Alain... Mas não é coisa estranha, entretanto, que tivesse sido ao querer anular-me que encontrei esse poder tão desejado há tanto tempo? O mundo dos infelizes vai pertencer-me.”

Fez o trajeto do claustro de Notre-Dame à Avenue de l'Observatoire em tal exaltação que não se deu conta da extensão do caminho. Tendo chegado à Rue Notre-Dame des Champs, na parte que alcança a Rue de l'Ouest, e que nem uma nem outra eram calçadas naquela época, ficou surpreendido ao encontrar tais lamaçais num lugar tão magnífico.

Caminhava-se, então, somente ao longo das cercas de tábuas que margeavam quintais pantanosos ou ao longo das casas, por sendas estreitas que pronto eram invadidas pelas águas estagnadas, que as convertiam em ribeiros.

À força de procurar, acabou achando a casa indicada, e a ela foi ter não sem trabalho. Era, evidentemente, uma velha fábrica abandonada. O edifício, bastante estreito, apresentava-se como um comprido paredão rendilhado de janelas, sem nenhum ornamento; mas essas aberturas quadradas não existiam no pavimento térreo, onde se via apenas uma porta de um batente.

Godofredo supôs que o proprietário tinha preparado pequenos aposentos naquele local para tirar partido deles, porque acima da porta havia um anúncio feito à mão e assim concebido: *Vários quartos para alugar*.

Godofredo tocou a campainha, mas não apareceu ninguém; e, como ele ficasse esperando, um indivíduo que por ali passava fez-lhe observar que a casa tinha outra entrada pelo bulevar, onde ele acharia com quem falar. Godofredo seguiu esse conselho e viu, ao fundo de um jardimzinho que beirava o bulevar, a fachada daquela construção, embora oculta pelas árvores. O jardimzinho, bastante mal cuidado, era em declive, pois existe entre o bulevar e a Rue Notre-Dame-des-Champs uma diferença de nível bastante pronunciada, a qual fazia daquele jardimzinho uma espécie de fosso. Godofredo desceu então para uma aleia, na extremidade da qual viu uma mulher velha, cuja roupa esfarrapada estava em perfeita harmonia com a casa.

— Não foi o senhor que tocou a campainha na Rue Notre-Dame? — perguntou ela.

— Fui eu... É a senhora quem está encarregada de mostrar os apartamentos?

Ante a resposta daquela porteira de idade duvidosa, Godofredo indagou se a casa era habitada por gente sossegada; ele se entregava a trabalhos que exigiam silêncio e repouso; era solteiro, e queria entender-se com a porteira para fazer o serviço do seu quarto. Ante essa insinuação, a porteira tomou um ar gracioso e disse:

— O senhor acertou ao vir aqui, porque, salvo nos dias da Chaumière, o bulevar é deserto como os Pântanos Pontinos.^[83]

— Conhece os Pântanos Pontinos? — perguntou Godofredo.

— Não, senhor; mas tenho lá em cima um velho senhor, cuja filha faz praça de estar sempre agonizando, e que diz isso; eu o repito. Esse pobre velho vai ficar bem contente de saber que o senhor aprecia e deseja o repouso, porque um inquilino que fosse um general Tempestade lhe acabaria com a filha... Temos, no segundo andar, dois inquilinos que são espécies de escritores; mas, de dia, eles entram à meia-noite, e, de noite, saem às oito horas da manhã. Eles dizem que

são autores, mas não sei onde nem quando trabalham.

Assim falando, a porteira levava Godofredo por uma dessas horríveis escadas de tijolo e de tábuas, tão malcasados que nunca se sabe se são as tábuas que querem deixar os tijolos ou se os tijolos é que se entediam por se achar presos às tábuas, e então esses dois materiais se fortificam um contra o outro por meio de provisões de poeira no verão e de lama no inverno. As paredes de cal, rachadas, apresentavam aos olhos mais inscrições do que a Academia de belas-letas inventou. A porteira parou no primeiro patamar.

— Aqui estão, senhor, dois quartos pegados e muito limpos, e que dão para o pátio do sr. Bernardo. É o velho de que lhe falei, um homem muito correto. É um senhor condecorado, mas que teve, segundo parece, suas desgraças, porque nunca usa sua condecoração... A princípio eram atendidos por um criado que era da província, e o despediram faz três anos... O jovem filho da dama basta por enquanto para todo o serviço: ele arruma a casa...

Godofredo fez um gesto.

— Oh! — exclamou a porteira. — Tranquelize-se, eles não lhe dirão nada, não falam com ninguém. Esse senhor está aí desde a revolução de julho; veio em 1831... É gente da província que deve ter ficado arruinada com a mudança de governo: são orgulhosos e taciturnos como peixes... Faz quatro anos, senhor, que não aceitam de mim o mais insignificante serviço, por medo de ter de pagá-lo... Cinco francos no dia primeiro do ano é tudo o que ganho com eles. Com os autores é outra coisa! Recebo dez francos por mês, somente para dizer que eles se mudaram, no último vencimento, para todos os que vêm perguntar por eles.

Essa tagarelice fez com que Godofredo esperasse ter uma aliada na porteira, a qual lhe disse, enquanto encarecia a salubridade dos dois quartos e dos dois gabinetes, que não era porteira e sim a mulher de confiança do proprietário, para o qual ela geria, por assim dizer, a casa.

— Pode-se ter confiança em mim, senhor, esteja certo! Porque a sra. Vauthier preferiria nada ter, a ter um soldo de outrem!

A sra. Vauthier não tardou em entender-se com Godofredo, o qual não quis alugar o apartamento senão por mês e mobiliado. Esses miseráveis quartos de estudantes ou de autores infelizes alugavam-se mobiliados ou desmobiliados. Os amplos sótãos que se estendiam por cima do edifício continham móveis. O sr. Bernardo, porém, mobiliava ele próprio o apartamento que ocupava.

Fazendo a dama Vauthier charlar, Godofredo percebeu que a ambição dela era ter uma pensão burguesa; mas fazia cinco anos não pudera encontrar nos seus inquilinos um único comensal. Ela residia no térreo, que dava para o bulevar, e, assim, ela mesma tomava conta da casa, com a ajuda de um enorme cão, de uma avantajada criada e de um criadinho que lustrava os sapatos, varria os quartos e levava recados,

dois pobres-diabos como ela, em harmonia com a miséria da casa, com a dos locatários, com o ar selvagem e desolado do jardim que precedia a casa. Ambos eram crianças abandonadas por suas famílias, e às quais a viúva Vauthier dava a alimentação como único salário, e que alimentação!

O menino, que Godofredo entreviu, vestia como libré uma blusa esfarrapada, sandálias em lugar de sapatos, e, fora, andava de tamancos. Arrepiado como um pardal que tivesse acabado de tomar um banho, com as mãos pretas, trabalhava em contar lenha num dos barracões do bulevar, depois de ter feito em casa o serviço da manhã; e depois da sua jornada, que na casa dos vendedores de lenha terminava às quatro horas e meia, ele recomeçava seu serviço doméstico. Ia buscar na Fontaine de l'Observatoire a água necessária para a casa, e que a viúva fornecia aos inquilinos, bem como pequenos feixes de lenha serrados e atados por ele.

Nepomuceno, assim se chamava esse escravo da viúva Vauthier, trazia seu salário para sua patroa. No verão, esse pobre abandonado tornava-se garçom em casa dos vendedores de vinho dos subúrbios da cidade, nos domingos e segundas-feiras. A viúva, então, vestia-o decentemente.

Quanto à volumosa criada, essa cozinheira sob a direção da viúva Vauthier, a quem ajudava na indústria desta, durante o resto do tempo, porquanto essa viúva tinha um ofício: fazia sandálias de trança para os vendedores ambulantes.

Godofredo soube de todos esses detalhes no espaço de uma hora, porque a viúva o levou por toda a parte, mostrou-lhe a casa explicando-lhe a transformação por ela sofrida. Até 1828 estivera ali estabelecida uma estação de sericicultura, menos para fazer seda do que para obter o que se chama semente. Onze arpentos plantados de amoreiras na planície de Montrouge, e três arpentos na Rue de l'Ouest, mais tarde convertidos em casas, alimentavam aquela fábrica de ovos de bichos-da-seda. No momento em que a viúva explicava a Godofredo que o sr. Barbet,^[84] o qual emprestava dinheiro a um italiano chamado Fresconi, empresário daquela fábrica, não recuperara seu dinheiro, com hipotecas dos terrenos e construções, senão pela venda daqueles três arpentos, que ela lhe mostrava do outro lado da Rue Notre-Dame des Champs, um velho alto e seco, cujos cabelos eram completamente brancos, apareceu na extremidade da rua que vai ter ao cruzamento da Rue de l'Ouest.

— Ah! Ele chega bem a propósito! — exclamou a sra. Vauthier. — Olhe, aí está seu vizinho, o sr. Bernardo...

— Sr. Bernardo — disse ela a este, assim que ele chegou ao alcance da voz —, não estará mais só; este senhor aqui acaba de alugar o apartamento em frente ao seu.

O sr. Bernardo ergueu os olhos para Godofredo numa apreensão que era fácil de perceber, pois parecia dizer: “A desgraça que eu temia afinal chegou”.

— Senhor — disse em voz alta —, pensa morar aqui?

— Sim, senhor — respondeu cortesmente Godofredo. — Isto aqui não é asilo de gente que faça parte dos felizes do mundo, e foi o que encontrei de menos caro no bairro. A sra. Vauthier não tem a pretensão de albergar milionários... Adeus, minha boa sra. Vauthier; disponha tudo de modo que esta tarde às seis horas eu possa instalar-me, pois voltarei exatamente a essa hora.

E Godofredo dirigiu-se para o cruzamento da Rue de l'Ouest, caminhando devagar, porque a ansiedade que viu desenhada na fisionomia do velho alto e seco fez-lhe acreditar que iam ter os dois uma explicação. Efetivamente, depois de alguma hesitação, o sr. Bernardo voltou atrás e caminhou de modo a alcançar Godofredo.

“Este velho secreta! Vai impedi-lo de voltar...”, disse a dama Vauthier com os seus botões, “vai ser a segunda vez que ele me prega essa peça. Mas paciência! Daqui a cinco dias ele terá de pagar o aluguel e se não o salda em dia ponho-o na rua. O sr. Barbet é uma espécie de tigre que não precisa ser excitado, e... Mas bem quisera eu saber o que ele lhe estará dizendo... Felicidade! Felicidade!... Oh! Relaxada, vens ou não vens?”, gritou a viúva com sua voz ríspida e formidável, pois que usara sua voz aflautada para falar com Godofredo.

A criada, uma grande rapariga ruça e vesga, veio apressada.

— Cuida bem de tudo aqui por um momento, ouviste? Volto daqui a cinco minutos.

E a sra. Vauthier antiga cozinheira do livreiro Barbet, um dos mais duros usurários a juros altos, deslizou atrás dos seus dois inquilinos, de modo a espioná-los de longe, e a poder tornar a encontrar Godofredo quando terminasse a conversa entre ele e o sr. Bernardo. Este ia lentamente, como um homem indeciso, ou como um devedor à procura de razões a dar a um credor que acaba de deixá-lo com más disposições.

Godofredo, conquanto estivesse adiante daquele desconhecido, olhava-o fingindo examinar o bairro. Por isso, foi somente no meio da grande alameda do Jardin du Luxembourg que o sr. Bernardo o abordou.

III — UMA DOENÇA ESTRANHA

— Perdão, senhor — disse o sr. Bernardo saudando Godofredo, que lhe retribuiu a saudação —, mil perdões por detê-lo sem ter a honra de ser conhecido pelo senhor; mas sua intenção de residir na horrível casa onde estou é definitiva?

— Mas, senhor...

— Sim — replicou o velho interrompendo Godofredo com um gesto autoritário —, sei que o senhor me poderá perguntar a que título me meto nos seus negócios, com que direito o interrogo... Ouça, o senhor é moço e eu sou muito velho, mais velho do que minha idade, e isso que já tenho sessenta e sete anos; mas todos me dariam oitenta... A idade e os infortúnios autorizam muitas coisas, visto que a lei isenta os septuagenários de certos serviços públicos; mas não lhe falo dos direitos que as cabeças encanecidas têm; trata-se do senhor. Sabe que o bairro onde quer residir fica deserto às oito horas da noite e que nele se correm perigos, dos quais o menor é o de ser roubado?... Prestou atenção àqueles espaços sem habitação, àquelas culturas, àqueles quintais?... O senhor poderá dizer que eu moro ali; mas eu, senhor, não saio mais de casa depois das seis horas da tarde... O senhor objetará que dois rapazes moram no segundo andar, acima do apartamento que o senhor vai alugar; mas, senhor, esses dois pobres homens de letras estão sob a ameaça de letras de câmbio, perseguidos por credores; eles se ocultam e, saindo muito cedo, voltam à meia-noite, e não temem nem ladrões nem assassinos; de resto andam sempre juntos, e vão armados... Fui eu que obtive para eles, da chefia da polícia, autorização para porte de armas...

— Ora, senhor! — disse Godofredo. — Não temo os ladrões, por motivos semelhantes aos que tornam aqueles senhores invulneráveis, e tenho um tal desprezo pela vida que, se me assassinassem por engano, eu abençoaria o matador...

— Entretanto, o senhor não tem um aspecto muito desgraçado — disse o velho, depois de examinar Godofredo.

— Tenho, quando muito, com que viver, o necessário para o pão, e vim para essa casa, senhor, por causa do silêncio que reina nesse lugar. Mas posso perguntar qual o interesse que o senhor tem em afastar-me dessa casa?

O ancião hesitava em responder; via a sra. Vauthier chegar. Godofredo, que o examinava atentamente, surpreendeu-se com o grau de magreza a que os desgostos, talvez a fome, ou senão o trabalho, o tinham levado; havia vestígios de todas essas causas de enfraquecimento, naquele rosto em que a pele ressequida colava-se exatamente sobre os ossos, como se tivesse sido exposta ao sol da África. A testa, alta e de aspecto ameaçador, abrigava sob sua cúpula olhos de um azul de aço, dois olhos frios, duros, sagazes e perspicazes como os dos selvagens, porém amortecidos por um profundo círculo negro muito enrugado. O nariz, grande, comprido e fino, e o queixo, muito levantado, davam àquele velho uma semelhança com a máscara tão conhecida, tão popular, atribuída a Dom Quixote; mas era um Dom Quixote mau, sem ilusões, um Dom Quixote terrível.

Esse ancião, apesar dessa severidade geral, deixava transparecer o

temor e a debilidade que a indigência comunica a todos os infelizes. Esses dois sentimentos produziam como que fendas naquelas faces, tão solidamente construídas, que a picareta devastadora da miséria parecia amassar-se contra ela. A boca era eloquente e séria. Dom Quixote complicava-se com o presidente de Montesquieu.^[85]

A roupa era toda ela de pano preto, mas um pano que já mostrava o fio. A casaca, de corte antiquado, e as calças deixavam ver remendos inabilmente colocados. Os botões acabavam de ser renovados. A casaca, abotoada até o queixo, não deixava ver a cor da roupa interior, e a gravata, de um negro que se avermelhara, escondia o simulacro de um colarinho. Esse negro, usado já havia muitos anos, tresandava à miséria. Mas os ares de importância desse ancião misterioso, seu modo de caminhar, o pensamento que povoava sua fronte e se manifestava nos olhos excluía a ideia de pobreza. O observador teria hesitado em classificar aquele parisiense. O sr. Bernardo parecia de tal forma absorto, que podia ser tomado por um professor do bairro, por um sábio mergulhado em meditações absorventes e tirânicas; por isso, Godofredo sentiu-se movido por um violento interesse e por uma curiosidade que sua missão de beneficência aguilhoava ainda mais.

— Senhor, se eu tivesse a certeza de que o senhor buscava o silêncio e o recolhimento, eu lhe diria: “Venha morar perto de mim” — disse o ancião, continuando. — Alugue esse apartamento — disse ele, alteando a voz de modo a fazer-se ouvir pela sra. Vauthier, que passava por eles e de fato o ouviu. — Sou pai, senhor, e não tenho mais no mundo senão minha filha e o filho dela para auxiliarem-me a suportar as misérias da vida; ora, minha filha tem necessidade de silêncio e de absoluta tranquilidade... Todos os que vieram até agora morar no apartamento que o senhor quer alugar atenderam às razões e ao pedido de um pai desesperado; era-lhes indiferente residir em tal ou qual rua de um bairro verdadeiramente deserto, e onde os apartamentos baratos abundam tanto como as pensões a preços módicos. Mas vejo no senhor uma determinação firme e por isso suplico-lhe, senhor, que não me engane; pois, de outra forma, eu seria forçado a partir e retirar-me para fora dos limites urbanos... Em primeiro lugar, uma mudança poderia custar-me a vida de minha filha — disse ele em voz alterada —, e depois quem sabe se os médicos, que já vêm ver minha filha pelo amor de Deus, estarão dispostos a atender fora da cidade?

Se aquele homem tivesse podido chorar, suas faces se teriam coberto de lágrimas, ao proferir essas últimas palavras; mas, segundo uma expressão tornada hoje vulgar, ficou com lágrimas na voz, e tapou a fronte com a mão, que deixava ver apenas ossos e músculos.

— Mas, então, que doença tem a senhora sua filha? — perguntou Godofredo com ar insinuante e simpático.

— Uma terrível doença a que os médicos dão todos os nomes, ou,

antes, que não tem nome... Minha fortuna se foi...

Ele corrigiu-se para dizer, com um desses gestos que só os infelizes têm:

— O pouco dinheiro que eu tinha, porque, em 1830, fiquei sem nada, apeado de uma alta posição; enfim, tudo o que eu possuía foi rapidamente devorado por minha filha, que já tinha, senhor, arruinado a mãe dela e a família do marido... Hoje, a pensão que recebo mal dá para pagar as necessidades do estado em que se acha minha pobre e santa filha... Ela esgotou em mim a faculdade de chorar. Sofri mil torturas, senhor; sou de granito para não ter morrido, ou, antes, Deus conserva o pai para a filha a fim de que ela tenha um enfermeiro, uma providência, porque a mãe morreu na lida... Ah! Jovem, o senhor chegou no momento em que a velha árvore, que jamais vergou, sente o machado da miséria, afiado pela dor, cortar-lhe o cerne... E eu, que jamais me lamentei, vou falar-lhe dessa doença, a fim de impedi-lo de mudar-se para essa casa, ou, se o senhor persiste, para mostrar-lhe a necessidade de não perturbar nosso repouso... Neste momento, senhor, minha filha ladra como um cão, noite e dia!...

— Está louca? — perguntou Godofredo.

— Está em plena razão e é uma santa — respondeu o velho. — Dentro de pouco, quando lhe tiver dito tudo, o senhor acreditará que eu estou louco. Minha filha única nasceu de uma mãe que gozava excelente saúde. Na minha vida amei somente uma mulher, a minha; escolhi-a. Fiz um casamento de amor, desposando a filha de um dos mais valentes coronéis da Guarda Imperial, um polonês, Farlowski, antigo ajudante de ordens do imperador. As funções que eu então exercia exigiam uma grande pureza de costumes; mas não tenho o coração feito de modo a alojar muitos sentimentos, e amei fielmente minha mulher, a qual merecia um tal amor. Sou pai, como fui marido; com isto lhe digo tudo numa palavra. Minha filha jamais se separou da mãe, e jamais uma moça viveu mais castamente, mais cristãmente do que esta querida filha. Nasceu mais do que bonita, bela; e seu marido, rapaz de cujos costumes eu tinha certeza, pois era filho de um amigo meu, presidente de uma Corte real, certamente não contribuiu em nada para a doença de minha filha.

Godofredo e o sr. Bernardo fizeram uma parada involuntária, olhando um para o outro.

— O casamento, como deve saber, transforma às vezes as jovens — continuou o ancião. — A primeira gravidez passou-se bem, e produziu um filho, meu neto, o qual agora reside comigo, único rebento de duas famílias que se ligaram. A segunda gravidez foi acompanhada de sintomas tão extraordinários que os médicos, todos eles admirados, os atribuíram à singularidade dos fenômenos que se manifestam algumas vezes nesse estado, e que são consignados nos fastos da ciência. Minha

filha teve um natimorto, e, positivamente, retorcido, asfixiado por movimentos interiores. Começava a doença, a gravidez nada tinha a ver com aquilo... O senhor é talvez estudante de medicina?

Godofredo fez um gesto que tanto se podia tomar por uma afirmação como por uma negação.

— Depois desse parto terrível, laborioso — continuou o sr. Bernardo —, um parto, senhor, que causou uma impressão tão violenta em meu genro que dali se iniciou a melancolia de que morreu o pobre rapaz, minha filha, ao cabo de dois ou três meses, queixou-se de fraqueza geral que lhe atacava particularmente os pés, os quais, segundo sua expressão, pareciam-lhe ser como que de algodão. Essa atonia transformou-se em paralisia; mas que paralisia, senhor! Podem-se dobrar os pés de minha filha sob ela, torcê-los, sem que ela o sinta. Os membros existem e não têm, aparentemente, nem sangue, nem músculos, nem ossos. Essa afecção que não se enquadra em nada conhecido propagou-se aos braços e às mãos, e nós acreditamos em alguma doença da espinha dorsal. Médicos e remédios nada mais fizeram do que piorar esse estado, e minha pobre filha não podia mais mover-se sem deslocar as cadeiras, ou os ombros, ou os braços. Tivemos, durante muito tempo, em casa, um excelente cirurgião, quase permanentemente ocupado de acordo com o médico ou os médicos (pois alguns nos visitaram por curiosidade) em repor os membros no seu lugar... Acredita, senhor? Três ou quatro vezes por dia!... Ah!... Essa doença tem tantas formas que me esquecia dizer-lhe que, durante o período de fraqueza, antes da paralisia dos membros, manifestaram-se em minha filha os mais estranhos casos de catalepsia. O senhor sabe o que é catalepsia. Assim é que ela ficava com os olhos abertos, imóveis, durante alguns dias, na posição em que se achava quando lhe vinha a crise. Ela sofreu os mais monstruosos sintomas dessa afecção, chegando a ter ataques de tétano. Essa fase da doença sugeriu-me a ideia de empregar o magnetismo para sua cura, quando a vi tão singularmente paralítica. Minha filha, senhor, foi de uma clarividência miraculosa; sua alma foi teatro de todos os prodígios do sonambulismo, do mesmo modo que seu corpo é teatro de todas as doenças.

Godofredo a si mesmo perguntou se o velho estaria na posse de todas as suas faculdades.

— Verdadeiramente, eu, que impregnado das ideias de Voltaire, de Diderot, de Helvetius,^[86] sou um filho do século XVIII — disse ele, continuando sua exposição sem prestar atenção à expressão dos olhos de Godofredo —, eu, que sou um filho da Revolução, zombava de tudo o que a Antiguidade e a Idade Média diziam dos possessos; pois bem, senhor, somente a possessão pode explicar o estado em que minha filha se acha. Sonâmbula, nunca nos pôde dizer a causa dos seus

sufrimentos; ela não os via, e todos os métodos de tratamento que os ditou, embora escrupulosamente seguidos, não lhe fizeram nenhum bem. Por exemplo: ela queria ser envolvida num porco recém-morto; depois ordenou que lhe enterrassem nas pernas pontas de ferro fortemente imantadas e aquecidas ao rubro... Que derretêssemos lacre ao longo de suas costas... E que desastre, senhor! Caíram-lhe os dentes! Ficou surda, depois muda; e depois de seis meses de mutismo absoluto, de completa surdez, repentinamente readquiriu a audição e a palavra. Recobrou sem motivo, do mesmo modo por que o perdeu, o uso das mãos; os pés, porém, permaneceram perdidos faz sete anos. Sofreu sintomas e ataques de hidrofobia, bem pronunciados, bem caracterizados. Não somente a vista da água, o ruído da água, o aspecto de um copo, de uma xícara punham-na enfurecida, mas, mais ainda, contraiu o latir dos cães, um latido melancólico, os uivos que eles emitem quando se toca órgão. Já estive várias vezes agonizante e recebeu a extrema-unção, e reviveu para sofrer com toda a sua razão, com toda a clareza de espírito, porque as faculdades da alma e do coração estão ainda indenes. Se ela permaneceu viva, senhor, causou entretanto a morte do marido e da mãe, os quais não puderam suportar semelhantes crises... Ai de mim! Senhor, o que lhe contei não é nada! Todas as funções naturais estão pervertidas e somente a medicina poderá explicar-lhe as estranhas aberrações dos órgãos... E foi nesse estado que tive de trazê-la da província para Paris, em 1829; porque os dois ou três médicos célebres de Paris aos quais me dirigi, Desplein, Bianchon e Haudry,^[87] todos pensaram que os queriam mistificar. O magnetismo era então energicamente negado pelas academias; e, sem duvidar da boa-fé dos médicos da província e da minha, eles supunham uma má observação, ou, se o senhor quiser, um exagero muito comum das famílias ou dos doentes. Foram, porém, obrigados a mudar de opinião, e é a esses fenômenos que são devidas as pesquisas feitas nestes últimos tempos sobre as doenças nervosas, pois classificam esse estado estranho entre as *nevroses*. A última conferência que esses senhores fizeram teve por resultado a supressão da medicina; eles decidiram que era preciso seguir a natureza, estudá-la; e, desde então, não tive mais que um médico, o último, é o médico dos pobres deste bairro. Basta, efetivamente, aliviar as dores, dar-lhes paliativos, uma vez que não se conhece a causa delas.

Nesse ponto o velho deteve-se, como se estivesse oprimido por aquela espantosa confidência.

— Faz cinco anos — continuou ele — que minha filha vive em alternativas de melhoras e recaídas contínuas; mas nenhum fenômeno novo se apresentou. Sofre mais ou menos, pelo fato desses ataques nervosos tão variados que lhe descrevi resumidamente; mas isso nas pernas e as perturbações das funções naturais são constantes. A

penúria em que nos achamos, e que se vem acentuando, forçou-nos a deixar o apartamento que eu alugava em 1829, no Faubourg du Roule; e, como minha filha não pode suportar as mudanças, tanto que por duas vezes estive a ponto de perdê-la, a primeira quando a trouxe a Paris, e a segunda transportando-a do Quartier Beaujon para aqui, imediatamente aluguei os cômodos onde estou, prevendo as desgraças que não tardaram muito tempo em abater-se sobre mim; porque, depois de trinta anos de serviço, fizeram-me esperar a regularização da minha pensão até 1833. Faz apenas seis meses que a recebo, e o novo governo a tantos rigores acrescentou o de não me conceder senão o mínimo.

Godofredo fez um gesto de admiração que pedia uma total confiança, e o ancião assim o compreendeu, porquanto respondeu imediatamente, não sem deixar escapar um olhar ameaçador para o céu:

— Sou uma das mil vítimas das reações políticas. Oculto um nome, objeto de muitas vinganças, e, se as lições de experiência não devem sempre ser perdidas, de uma geração a outra, lembre-se, meu jovem senhor, de nunca se prestar aos rigores de nenhuma política. Não que eu me arrependa de ter cumprido o meu dever; minha consciência está perfeitamente tranquila; mas os poderes hoje não têm mais a solidariedade que une os governos entre si, embora diferentes; e, se se recompensa o zelo, é por efeito de um medo passageiro. O instrumento de que se serviram, por mais fiel que ele seja, é cedo ou tarde completamente esquecido. O senhor vê em mim um dos mais firmes sustentáculos do governo dos Bourbon do ramo primogênito, como o fui do poder imperial, e estou na miséria! Altivo demais para estender a mão, jamais se lembraram de que sofro males inauditos. Faz cinco dias, senhor, o médico do bairro que trata a minha filha, ou, se prefere, que a observa, disse-me que não lhe era possível curar uma doença cujas formas variavam a cada quinze dias. Segundo ele, as nevroses são o desespero da medicina, porque as causas delas se acham num sistema inexplorável. Aconselhou-me recorrer a um médico que passa por ser um charlatão; mas fez-me observar que era um estrangeiro, um judeu polonês refugiado, que os médicos estão muito enciumados por causa de algumas curas extraordinárias de que muito se fala, e que certas pessoas o consideram muito competente e muito hábil. Entretanto, ele é muito exigente, desconfiado, escolhendo seus pacientes, e não perde seu tempo; finalmente, é... comunista. Chama-se Halpersohn. Meu neto já foi ver esse médico duas vezes, inutilmente, porque ainda não obtivemos uma visita, e eu sei por quê!...

— Por quê? — perguntou Godofredo.

— Oh! Meu neto, que tem dezesseis anos, está mais malvestido do que eu; e, creia-me, senhor, não me atrevo a apresentar-me em casa

desse médico: meu vestuário está muito pouco de acordo com o que se espera de um homem da minha idade, sério como sou. Se ele vê o avô mal trajado como estou, depois de ter visto o neto nas mesmas condições, consentirá em prestar a assistência necessária a minha filha? Ele procederá como costumam proceder com os pobres... E lembre-se, meu caro senhor, que amo minha filha por todas as dores que me causou, como a amei outrora por todas as alegrias que me prodigalizava. Ela se tornou angelical. Ai de mim! Não é mais do que uma alma, uma alma que irradia sobre o filho e sobre mim; o corpo não existe mais, porque ela venceu a dor... Imagine que espetáculo para um pai! O mundo, para a minha filha, é o quarto dela! Precisa de flores, de que gosta; lê muito; e, quando pode mover as mãos, trabalha como uma fada... Ignora a profunda miséria na qual estamos mergulhados... Por isso, nossa existência é tão estranha que não nos é permitido admitir ninguém em nossa casa... Compreende-me bem, senhor? Compreende que um vizinho é impossível? Eu teria de pedir-lhe tanta coisa que ficaria devendo-lhe inúmeras obrigações, e ser-me-ia impossível saldá-las. Antes de mais nada, falta-me tempo para tudo: eu educo meu neto e trabalho tanto, tanto, senhor, que não durmo mais de três ou quatro horas por noite.

— Senhor — disse Godofredo, interrompendo o velho, a quem escutara pacientemente, observando-o com dolorosa atenção —, serei seu vizinho e o ajudarei...

O ancião deixou escapar um gesto de orgulho, e mesmo impaciência, pois não esperava nada de bom dos homens.

— Eu o ajudarei — insistiu Godofredo, pegando as mãos do velho e apertando-as com piedosa afeição. — Mas como o posso ajudar... Escute. Que pretende fazer de seu neto?

— Breve entrará para a Escola de Direito, pois vai seguir a carreira da Justiça.

— Seu neto custar-lhe-á seiscentos francos por ano, então...

O velho permaneceu silencioso.

— Quanto a mim — disse Godofredo, continuando após uma pausa —, nada tenho, mas posso muito; eu lhe conseguirei o médico judeu! E se sua filha é curável, ela será curada. Acharemos um meio de recompensar esse Halpersohn.

— Oh! Se minha filha ficasse curada, eu faria um sacrifício que não posso fazer senão uma vez! — exclamou o velho. — Eu venderia a última camisa que se guarda para o frio.

— O senhor conservará a camisa...

— Oh! Mocidade! Mocidade! — exclamou o ancião meneando a cabeça... — Adeus, senhor, ou antes até a vista. Estou na hora da biblioteca; como vendi todos os meus livros, sou forçado a ir lá todos os dias para os meus trabalhos... Levarei em conta esse belo gesto que

acaba de ter; mas veremos se o senhor terá comigo as complacências que terei de pedir ao meu vizinho. É tudo quanto espero do senhor...

— Sim, senhor, deixe-me ser seu vizinho; porque Barbet não é homem que suporte perda de rendimentos durante muito tempo, e o senhor poderia encontrar pior companheiro de miséria do que eu... Agora, não lhe peço que creia em mim, mas que me permita ser-lhe útil...

— E com que interesse? — exclamou o ancião, que se dispunha a descer os degraus do claustro dos Chartreux, por onde então se passava da grande alameda do Luxembourg para a Rue d'Enfer.

— O senhor, nas suas funções, nunca fez favores a ninguém?

O ancião fitou Godofredo com as sobrancelhas franzidas, os olhos cheios de recordações, como um homem que compulsa o livro de sua vida buscando nele o ato ao qual poderia dever uma tão rara gratidão, e voltou-se com frieza, depois de uma saudação impregnada de ceticismo.

“Até que, para uma primeira entrevista, não se mostrou extremamente arisco”, pensou o iniciado.

IV — O PÃO E AS FLORES

Godofredo foi imediatamente à Rue d'Enfer, ao endereço que lhe fora dado pelo sr. Alain, e lá encontrou o dr. Berton, homem frio e severo, que muito admirado o deixou assegurando-lhe a exatidão de todos os detalhes fornecidos pelo sr. Bernardo sobre a doença da filha; e obteve o endereço de Halpersohn.

Esse médico polonês, que depois muito se celebrizou, morava nessa época em Chaillot, na Rue Marbeuf, numa casinha isolada, da qual ocupava o primeiro andar. O general Roman Tarnowski residia no pavimento térreo, e os criados desses dois refugiados moravam nos sótãos daquela pequena casa, que tinha somente um andar. Godofredo dessa vez não viu o doutor; soube que ele tinha ido a um lugar distante, na província, chamado por um doente rico; mas quase ficou contente por não o ter encontrado, porque na sua precipitação esquecera de munir-se de dinheiro, sendo obrigado a voltar ao palacete de La Chanterie para arrecadá-lo.

Essas caminhadas e o tempo de jantar num restaurante da Rue de l'Odéon fizeram soar para Godofredo a hora em que ele devia tomar posse do seu apartamento, no Boulevard du Montparnasse. Nada mais miserável do que a mobília com a qual a sra. Vauthier preparara os dois quartos. Parecia que aquela mulher tinha por hábito alugar apartamentos que não seriam habitados. Evidentemente, a cama, as cadeiras, as mesas, a cômoda, a escrivaninha, as cortinas provinham de vendas feitas por mandado de justiça, ou o usurário os guardara por sua

conta, por não lhes encontrar o valor intrínseco, caso bastante frequente.

A sra. Vauthier, com as mãos nos quadris, esperava agradecimentos; tomou, pois, o sorriso de Godofredo por um sorriso de surpresa.

— Ah! Escolhi para o senhor o que temos de mais bonito, meu caro sr. Godofredo — disse ela com ar triunfante. — Aqui estão lindas cortinas de seda, e uma cama de acaju que não está nada mal!... Pertenceu ao príncipe de Wissemburgo^[88] e vem do palácio dele. Quando ele deixou a Rue Louis-le-Grand, em 1809, eu era criada de cozinha em casa dele... De lá, eu entrei para o serviço do meu proprietário.

Godofredo estancou o fluxo das confidências pagando a mensalidade adiantado, e deu, adiantado também, os seis francos que devia à sra. Vauthier para que ela arrumasse seu apartamento. Nesse momento ele ouviu latir, e, se não tivesse sido prevenido pelo sr. Bernardo, teria acreditado que seu vizinho tinha um cão em casa.

— Esse cão ladra durante a noite?

— Oh! Descanse, senhor; tenha paciência, só terá de sofrer esta semana. O sr. Bernardo não poderá pagar o aluguel e será posto na rua... Mas é uma gente bem estranha, creia! Nunca lhes vi o cão. Esse cão passa meses, que digo, meses? Seis meses sem que a gente o ouça! É de crer-se que eles não têm cão. Esse animal não sai do quarto da senhora... Há uma senhora bem doente, pode crer! Não saiu do quarto desde que entrou... O velho Bernardo trabalha muito, e o filho também, que é externo no colégio Louis-le-Grand, onde está concluindo seu curso de filosofia, aos dezesseis anos! É ter crânio! Mas, também, esse guri trabalha como um danado!... O senhor vai ouvi-los mudar as flores do quarto da senhora, porque o avô e o neto não comem senão pão, mas comprem flores e gulodices para a senhora... É preciso que essa dama esteja muito mal, para não ter saído desde que para cá veio; e, a crer no que diz o sr. Berton, o médico que a trata, ela só sairá com os pés para diante.

— E que faz esse sr. Bernardo?

— Ao que parece, é um sábio; porque ele escreve, vai trabalhar nas bibliotecas e o senhor empresta-lhe dinheiro com a garantia do que ele escreve.

— O senhor quem?

— Meu proprietário, o sr. Barbet, o antigo livreiro; estava estabelecido fazia dezesseis anos. É um normando que vendia salada nas ruas e que se meteu a alfarrabista em 1818, no cais; depois teve uma pequena loja, e hoje está bem rico... É uma espécie de judeu que exerce trinta e seis ofícios, pois parece ter estado associado com o italiano que construiu esta bodega para enchê-la de bichos-de-seda...

— Assim é que esta casa é o refúgio dos autores infelizes? — disse

Godofredo.

— Será que o senhor tem a desgraça de ser um deles? — perguntou a viúva Vauthier.

— Oh! Estou apenas começando — respondeu Godofredo.

— Oh! Meu caro senhor, pelo mal que lhe quero, fique por aí!... Jornalista, por exemplo, não digo que não...

Godofredo não pôde deixar de rir, e deu boa-noite àquela cozinheira, que, sem o saber, representava a burguesia. Ao deitar-se naquele horrível quarto, cujo chão era de ladrilhos vermelhos, que nem sequer tinham sido coloridos, e forrado com um papel de sete vinténs o rolo, Godofredo teve saudade não só do seu pequeno apartamento na Rue Chanoinesse mas também da companhia da sra. de la Chanterie. Sentiu um grande vácuo na alma. Já adquirira hábitos de espírito, e não se lembrava de ter sentido nunca semelhantes saudades do que quer que fosse da sua vida anterior. Essa comparação tão curta foi de um efeito prodigioso sobre sua alma: compreendeu que nenhuma vida podia equiparar-se a essa que ele queria adotar, e sua resolução de tornar-se um êmulo do bom tio Alain foi inabalável. Sem ter a vocação, ele teve o querer.

No dia seguinte, Godofredo, acostumado por sua nova vida a levantar-se muito cedo, viu da sua janela um rapaz de cerca de dezessete anos, vestido com uma blusa, o qual sem dúvida voltava de uma fonte pública, trazendo em cada mão um jarro de água. O rosto daquele rapaz, que não sabia que o estavam vendo, deixava transparecer seus sentimentos, e Godofredo jamais observara nada tão ingênuo, mas também tão triste. As graças da juventude estavam comprimidas pela miséria, pelo estudo e por grandes fadigas físicas. O neto do sr. Bernardo era notável por uma tez de excessiva alvura, realçada ainda por cabelos de um castanho-escuro. Fez três viagens; na última, viu descarregar uma carrada de lenha que Godofredo pedira na véspera, porque o tardio inverno de 1838 começava a se fazer sentir, e nevara ligeiramente durante a noite.

Nepomuceno, que começara seu dia de trabalho indo buscar aquela lenha, da qual a sra. Vauthier arrecadara largamente o que lhe era devido, conversava com o rapaz, enquanto esperava que o serrador lhe entregasse a carga que ele ia levar para cima. Era fácil adivinhar que o frio, que viera subitamente, causava inquietação ao neto do sr. Bernardo, e que a vista daquela lenha, tanto quanto o céu pardacento, lhe lembravam a necessidade de fazer sua provisão. Mas, repentinamente, o rapaz, como se censurasse o perder um tempo precioso, tornou a pegar nos seus dois jarros e entrou precipitadamente na casa. Eram, de fato, sete horas e meia, e, ao ouvi-las badalar no relógio do Couvent de la Visitation, lembrou-se de que tinha de ir para o colégio Louis-le-Grand, às oito horas e meia.

No momento em que o rapaz entrou, Godofredo foi abrir para a sra. Vauthier, que vinha trazer fogo para seu novo locatário, de modo que este presenciou uma cena que se passava no patamar. Um jardineiro da vizinhança, depois de tocar várias vezes a sineta da porta do sr. Bernardo sem que ninguém viesse, porque a sineta estava embrulhada em papel, teve uma alteração bastante grosseira com o rapaz, pedindo-lhe dinheiro pelo aluguel das flores que fornecia. Como esse credor alteasse a voz, o sr. Bernardo apareceu.

— Augusto — disse ele ao neto —, veste-te, que são horas de ir para o colégio.

Pegou os dois jarros e levou-os para a primeira peça do seu apartamento, na qual se viam flores nas jardineiras; depois fechou a porta e veio falar ao jardineiro. A porta de Godofredo estava aberta, porque Nepomuceno começara suas viagens e amontoava a lenha na primeira peça. O jardineiro calara-se diante do sr. Bernardo, o qual, envolto num chambre de seda cor de violeta, abotoado até o queixo, tinha um ar imponente.

— O senhor pode perfeitamente pedir-nos o que lhe devemos sem gritar — disse o sr. Bernardo.

— Seja justo, meu caro senhor — replicou o jardineiro —; devia pagar-me todas as semanas, e já lá vão três meses, dez semanas que nada recebi, e o senhor me deve cento e vinte francos. Estamos habituados a alugar nossas flores a gente rica, que nos dá nosso dinheiro assim que o pedimos, e com esta são cinco vezes que aqui venho! Temos que pagar nossos aluguéis, nossos operários, e eu não sou nada mais rico do que o senhor. Minha mulher, que lhe fornecia leite e ovos, tampouco virá esta manhã; o senhor lhe deve trinta francos, e ela prefere não vir a atormentá-lo, porque minha mulher é boa. Ela! Se a ouvissem, o comércio não seria possível. É por isso que eu não rezo por essa cartilha, o senhor me compreende?...

Nesse momento Augusto saiu, trajando uma miserável e pequena casaca verde e calças de pano da mesma cor, uma gravata preta e botas já muito usadas. Essa roupa, conquanto cuidadosamente escovada, revelava uma penúria chegada ao último grau, porque era muito curta e muito apertada, de modo que parecia que o estudante iria arreventá-la ao menor movimento. As costuras, que se haviam tornado brancas, as beiradas enrugadas, as casas arreventadas, apesar das composturas, revelavam aos menos atilados olhares os ignóbeis estigmas da indigência. Essa libré contrastava com a mocidade de Augusto, o qual se foi roendo um pedaço de pão da véspera, no qual seus belos e fortes dentes deixavam sua marca. Fazia assim sua primeira refeição durante o trajeto do Boulevard Montparnasse à Rue Saint-Jacques, apertando os livros e os papéis debaixo do braço, e com um casquete pequeno demais para sua grande cabeça, casquete do qual se escapavam seus magníficos

cabelos pretos.

Ao passar diante do avô, trocou com ele, mas rapidamente, um olhar de apavorante tristeza, pois o via às voltas com uma dificuldade quase insuperável, e cujas consequências seriam terríveis. Para dar passagem ao estudante de filosofia, o jardineiro recuou até a porta de Godofredo; e, no momento em que esse homem chegou a ela, Nepomuceno, com uma braçada de lenha, atulhou o patamar, de modo que o credor teve de recuar até a janela.

— Sr. Bernardo! — gritou a sra. Vauthier. — Julga que o sr. Godofredo alugou seu apartamento para o senhor fazer aí as suas sessões?

— Perdão, senhora — respondeu o jardineiro —, o espaço ficou tomado...

— Não me refiro ao senhor, sr. Cartier — disse a viúva.

— Fique! — exclamou Godofredo, dirigindo-se ao jardineiro. — E o senhor, meu caro vizinho — acrescentou ele, fitando o sr. Bernardo, a quem aquela injúria cruel deixou insensível —, se lhe convém ter uma explicação com o seu jardineiro aqui nesse quarto, entre.

O ancião, abobado pela dor, dirigiu a Godofredo um olhar cheio de agradecimento.

— Quanto à senhora, minha querida sra. Vauthier, não seja tão áspera com este senhor, o qual, em primeiro lugar, é um homem de idade, e a quem, ademais, a senhora deve o favor de me ver instalado aqui.

— Ora essa! — exclamou a viúva.

— E, além disso, se as pessoas que não são ricas não se auxiliam entre si, quem as auxiliará? Deixe-nos, sra. Vauthier, eu mesmo acenderei meu fogo. A senhora mandará pôr minha lenha no seu porão; estou certo de que terá com ela o máximo cuidado.

A sra. Vauthier sumiu-se, porque Godofredo, ao lhe dar ordem para guardar a lenha, acabava de fornecer alimento para a sua avidez.

— Entrem por aqui, senhores — disse Godofredo, fazendo um sinal ao jardineiro e oferecendo cadeiras para o credor e o devedor.

O ancião ficou de pé, mas o jardineiro sentou-se.

— Vejamos, meu caro — disse Godofredo —, os ricos não pagam com tanta pontualidade como você afirma, e não se deve atormentar por uns poucos luíses um senhor digno. Este senhor recebe sua pensão todos os seis meses, e ele não lhe pode dar uma procuração por uma quantia tão pequena; eu, porém, adiantarei o dinheiro, se o senhor o exige absolutamente.

— O sr. Bernardo recebeu o dinheiro da pensão faz mais ou menos vinte dias, e não me pagou... Pesa-me muito desgostá-lo...

— Como! O senhor fornece-lhe flores há...

— Sim, senhor, há seis anos, e ele sempre me pagou bem.

O sr. Bernardo, que estava de ouvido atento para o que se passava em sua casa, sem dar atenção àquela discussão, ouviu gritos através das paredes e foi-se muito assustado, sem dizer uma palavra.

— Vamos, vamos, meu honrado senhor, traga belas flores, as suas mais belas flores, agora mesmo, para o sr. Bernardo, e sua mulher que mande ovos frescos e leite; eu lhe pagarei isso esta tarde.

Cartier olhou intrigado para Godofredo.

— O senhor sem dúvida saberá mais do que a sra. Vauthier, que me mandou prevenir para que eu me apressasse, se queria ser pago — disse ele. — Nem ela nem eu, senhor, somos capazes de explicar por que é que gente que come pão, que cata folhas de verdura, restos de cenoura, de nabos e de batatas no canto dos restaurantes... Sim, senhor, surpreendi o petiz com um cesto velho, enchendo-o... Pois bem, por que é que essa gente gasta perto de cem francos por mês em flores... Dizem que o velho tem somente três mil francos de pensão.

— Em todo caso — replicou Godofredo — não lhe compete queixar-se por eles se arruinarem com flores.

— Sem dúvida, senhor, contanto que eu seja pago.

— Traga-me a sua conta.

— Muito bem, senhor — disse o jardineiro, com uma ponta de respeito. — O senhor quer, sem dúvida, ver a dama escondida?

— Vamos, meu caro amigo, você está se excedendo — replicou Godofredo secamente. — Volte para sua casa e escolha suas mais belas flores para substituir as que veio buscar. Se me puder dar a mim bom creme e ovos frescos, terá a minha freguesia e, esta manhã, irei ver seu estabelecimento.

— É um dos mais belos de Paris, senhor, e eu exponho no Luxembourg. Meu jardim, que tem três arpentos, está situado no boulevard, por trás da Grande Chaumière.^[89]

— Bem, sr. Cartier. Pelo que vejo, o senhor é mais rico que eu... Tenha, pois, consideração para conosco, porque quem sabe se não teremos necessidade uns dos outros?

O jardineiro retirou-se, muito preocupado com o que seria Godofredo.

“Entretanto, eu fui assim”, disse Godofredo a si mesmo, enquanto avivava o fogo. “Que admirável representante do burguês de hoje! Bisbilhoteiro, curioso, ávido de igualdade, cioso da freguesia, furioso por não saber o motivo pelo qual um pobre doente fica no quarto sem se mostrar, e ocultando sua fortuna, vaidoso ao ponto de revelá-la para poder colocar-se acima do vizinho. Esse homem deve ser, pelo menos, tenente na sua companhia. Com que facilidade se representa em todas as épocas a cena do sr. Domingos!^[90] Mais um instante e eu me tornaria amigo do sr. Cartier...”

O ancião interrompeu esse solilóquio de Godofredo, o qual bem

prova o quanto haviam mudado suas ideias nos últimos quatro meses.

— Perdão, meu vizinho — disse ele com voz hesitante —, vejo que o senhor despediu o jardineiro satisfeito, pois ele me cumprimentou cortesmente. Em verdade, meu jovem amigo, a Providência parece tê-lo mandado expressamente aqui para nós, no momento exato em que íamos sucumbir. Ai de mim! Uma indiscrição desse homem fez com que o senhor adivinhasse muitas coisas. É verdade que recebi faz quinze dias o semestre de minha pensão, mas tinha dívidas mais prementes do que essa, e foi preciso reservar a importância do nosso aluguel, sob pena de sermos corridos daqui. O senhor, a quem confessei o estado de minha filha, e que a ouviu...

Olhou com ar inquieto Godofredo, que fez um gesto afirmativo.

— Pois bem, julgue se não seria um golpe mortal... porque seria preciso interná-la num hospital!... Meu neto e eu temíamos esta manhã, e não era Cartier a quem temíamos, mas sim o frio...

— Meu caro sr. Bernardo, tenho lenha, sirva-se — disse Godofredo.

— Como pagar jamais semelhantes favores? — exclamou o ancião.

— Aceitando-os sem cerimônia — replicou vivamente Godofredo — e concedendo-me toda a sua confiança.

— Mas quais são meus direitos a tanta generosidade? — perguntou o sr. Bernardo, que ficou novamente desconfiado. — Meu orgulho e o de meu neto estão vencidos! — exclamou. — Porque já descemos a explicações com os dois ou três credores que temos. Os infelizes não têm credores; para tê-los é preciso certo esplendor exterior que perdemos... Mas não abdiquei ainda de meu bom-senso, de minha razão... — acrescentou como se falasse consigo mesmo.

— Senhor — respondeu Godofredo com gravidade —, a narrativa que ontem me fez arrancaria lágrimas a um usurário.

— Não, não; porque Barbet, esse livreiro, nosso proprietário, especula com a minha miséria e a faz espionar por essa Vauthier, sua antiga criada.

— Como pode especular com o senhor? — perguntou Godofredo.

— Dir-lhe-ei isso mais tarde — respondeu o ancião. — Minha filha pode estar com frio e, já que o permite, eu estou numa situação de receber esmolas mesmo de meu mais cruel inimigo...

— Vou levar-lhe lenha — disse Godofredo, o qual atravessou o patamar levando uma dúzia de achas, que depôs na primeira peça do apartamento do ancião.

O sr. Bernardo pegara outras tantas, e, quando viu aquela pequena provisão de lenha, não pôde reprimir o sorriso apatetado e quase idiota com que as pessoas salvas de um perigo mortal, e que lhes parecia inevitável, exprimem sua alegria, pois nela ainda há terror.

— Aceite tudo de mim, meu caro sr. Bernardo, sem nenhuma desconfiança, e quando sua filha estiver salva, quando forem felizes, eu

lhes explicarei tudo. Mas, até lá, deixe-me agir... Fui à casa do médico judeu, mas infelizmente Halpersohn está ausente; só volta daqui a dois dias.

Nesse momento, uma voz, que pareceu a Godofredo, e que realmente era, de um timbre fresco e melodioso, gritou “Papai! Papai!” em duas notas expressivas.

V — GODOFREDO ÀS VOLTAS COM A PORTEIRA

Enquanto falava ao velho, Godofredo já havia notado, nas ranhuras da porta que ficava em frente à outra de entrada, as linhas brancas de uma pintura cuidada que revelava grandes diferenças entre o quarto da doente e as outras peças daquele apartamento; sua curiosidade, já tão vivamente excitada, subiu ao mais alto grau; sua missão de beneficência não era mais que um pretexto, sua finalidade era ver a doente. Recusava-se a crer que uma criatura dotada de semelhante voz pudesse causar incômodos e aborrecimentos.

— Realmente, papai, o senhor se impõe muito trabalho! — dizia a voz. — Por que não ter mais criados do que os que tem?... Na sua idade!... Meu Deus!...

— Sabes perfeitamente, minha querida Vanda, que não consinto que outros que não eu e teu filho te sirvam.

Essas duas frases, que Godofredo ouviu através da porta, ou antes, adivinhou, porque um reposteiro abafava os sons, fizeram-lhe pressentir a verdade. A doente, cercada de luxo, devia ignorar a situação real do pai e do filho. O roupão de seda, acolchoado, do sr. Bernardo, as flores e sua conversação com Cartier já tinham despertado algumas suspeitas em Godofredo, que ali estava atônito com aquele prodígio de amor paterno. O contraste entre o quarto da doente, tal qual ele o imaginava, e o resto, era mesmo estonteante. Julguem!

Pela porta do terceiro quarto, que o ancião deixara entreaberta, Godofredo entreviu duas camas gêmeas de madeira pintada, como as camas de pensões baratas, e guarnecidas de uma esteira de palha e de um colchão delgado, sobre o qual havia apenas um cobertor. Um pequeno aquecedor de ferro fundido, semelhante aos fogões sobre cuja chapa os porteiros cozinham sua comida, e ao pé do qual se viam umas dez toras, teria explicado a penúria do sr. Bernardo, sem serem precisos os outros detalhes, completamente em harmonia com aquele horrível aquecedor.

Dando um passo à frente, Godofredo viu a louça das casas pobres; terrinas de barro envernizado, em que batatas nadavam em água suja. Duas mesas de tábua enegrecida, cheias de papéis, de livros, e colocadas em frente à janela que dava para a Rue Notre-Dame-des-Champs, indicavam as ocupações noturnas do pai e do filho. Havia em

cima das mesas dois candelabros de ferro batido, como os que os pobres têm, e nos quais Godofredo viu velas do mais baixo preço, isto é, daquelas que têm oito velas por libra.

Numa terceira mesa, que servia de mesa de cozinha, brilhavam dois talheres, e uma colherzinha de prata dourada, pratos, uma tigela, xícaras de porcelana de Sèvres, uma dupla faca de prata dourada e de aço no seu estojo, enfim, a baixela da doente.

O fogão estava aceso, e a água no fogo fumegava um pouco. Um armário de madeira pintada continha sem dúvida a roupa e as coisas da filha do sr. Bernardo; porque, em cima da cama do pai, ele viu o traje que vira na véspera, atravessado como uma manta de pé.

Outros molambos, colocados do mesmo modo em cima da cama do neto, faziam presumir que todas as suas fatiotas estavam ali; porque, embaixo da cama, Godofredo entreviu uns calçados. O chão, com certeza varrido raramente, lembrava o das classes nos internatos. Um pão de seis libras, já partido, estava sobre uma tábua em cima da mesa. Finalmente, era a miséria no seu último período, a miséria perfeitamente organizada, com a fria decência da resolução de suportá-la; a miséria apressada que quer, que deve e não pode fazer tudo em sua casa, e que então inverte os usos de todos os seus pobres móveis. Por isso, um cheiro forte e nauseabundo exalava-se daquela peça, que raramente se limpava.

A antecâmara, onde se achava Godofredo, essa pelo menos era decente, e ele compreendeu que ela servia para ocultar os horrores da peça onde habitavam neto e avô. Essa antecâmara, forrada com papel quadriculado no gênero escocês, estava mobiliada com quatro cadeiras de nogueira, uma mesa pequena, e ornamentada com uma gravura colorida do retrato do imperador feito por Horace Vernet,^[91] com o retrato de Luís XVIII, o de Carlos X e o do príncipe Poniatowski,^[92] sem dúvida amigo do sogro do sr. Bernardo. A janela estava enfeitada com cortinas de indiana, orladas com tiras vermelhas e com franjas.

Godofredo, que estava espreitando Nepomuceno, ao ouvi-lo subir com uma braçada de lenha, fez-lhe sinal para descarregá-la bem devagar na antecâmara do sr. Bernardo e, por uma atenção que provava alguns progressos no iniciado, fechou a porta da pocilga para que o rapaz da viúva Vauthier nada soubesse da miséria do ancião.

A antecâmara estava naquele momento atopeitada de três jardineiras, duas oblongas e uma redonda, cheias das mais belas flores, as três de jacarandá e elegantes; por isso Nepomuceno não se pôde conter e disse depois de depor a lenha no chão:

— Que lindo!... Isso deve custar muito dinheiro!

— João, não faça tanto barulho!... — gritou o sr. Bernardo.

— Ouviu? — disse Nepomuceno a Godofredo. — O velho está doido, na certa.

— Sabes tu como estarás quando tiveres a idade dele?

— Oh! Se sei! — respondeu Nepomuceno. — Estarei num açucareiro.

— Num açucareiro?

— Sim, com certeza terão feito carvão com os meus ossos. Eu vi muitas vezes os carreteiros dos refinadores, em Montsouris,^[93] virem buscar pó preto para as fábricas; eles me disseram que usavam aquilo para fazer açúcar.

E foi buscar outra braçada de lenha, depois dessa resposta filosófica.

Godofredo puxou discretamente a porta do sr. Bernardo e o deixou sozinho com a filha. A sra. Vauthier, que durante esse tempo preparara o almoço de seu novo locatário, veio servi-lo, auxiliada por Felicidade. Godofredo, mergulhado nas suas reflexões, fitava o fogo da lareira. Estava absorto na contemplação daquela miséria que continha tantas misérias diferentes, mas na qual entrevia também as alegrias infáveis dos mil triunfos alcançados pelo amor filial e paternal. Eram como pérolas semeadas sobre um singelo tecido de lã.

“Quais os romances, entre os mais célebres, que valem estas realidades?”, dizia a si mesmo. “Que bela vida, esta em que abraçamos tais existências, em que a alma lhes penetra as causas e os efeitos, remediando, calmando as dores, contribuindo para o bem!... Ir assim encarnar-se na desgraça, iniciar-se em tais intimidades! Agir perpetuamente nos dramas renascentes cuja pintura nos seduz nos autores célebres!... Eu não acreditava que o bem fosse mais empolgante do que o vício!”

— O senhor está satisfeito? — perguntou a sra. Vauthier, a qual, auxiliada por Felicidade, acabava de trazer a mesa para junto de Godofredo.

Godofredo viu então uma excelente xícara de café com leite acompanhada de uma omelete fumegante, de manteiga fresca e de pequenos rabanetes róseos.

— Onde diabos achou esses rabanetes? — perguntou Godofredo.

— Foram-me dados pelo sr. Cartier — respondeu ela —, e dou-os em homenagem ao senhor.

— E o que me pede por um almoço como este todos os dias? — perguntou Godofredo.

— Ora, senhor, seja justo: é muito difícil fornecê-lo por menos de um franco e meio.

— Vá lá, por franco e meio! — disse Godofredo —; mas como se explica que peçam somente quarenta e cinco francos por mês pelo jantar, aqui ao lado, em casa da sra. Machillot, o que vem a dar franco e meio por dia?

— Oh! Senhor, há uma grande diferença em preparar o jantar para quinze pessoas e ir buscar tudo o que é preciso para o almoço! Veja: um

pãozinho, ovos, manteiga, acender o fogo, açúcar, leite, café!... Lembre-se de que pedem dezesseis soldos por uma simples xícara de café com leite na Place de l'Odéon, e que o senhor dá um ou dois *sous* ao garçom!... Aqui o senhor não tem nenhuma dificuldade; o senhor almoça em sua casa, de chinelos.

— Bem, está certo — respondeu Godofredo.

— Se não fosse a sra. Cartier, que me fornece o leite, os ovos e a verdura, não sei como me arrumaria. Precisa ir ver o estabelecimento deles, senhor. Ah! É uma coisa maravilhosa! Eles empregam cinco moços jardineiros, e Nepomuceno vai puxar água todo o verão; eles me alugam o rapaz para regar... Fazem muito dinheiro com os melões e os morangos... Parece que o senhor se interessa muito pelo sr. Bernardo, não? — perguntou a viúva Vauthier com voz suave. — Porque para responder assim pelas dívidas deles... O senhor talvez não sabe tudo o que eles devem... Há a senhora do gabinete de leitura da Place Saint-Michel que vem todos os três ou quatro dias por trinta francos, e ela precisa bastante deles. Santo Deus! Como ela lê, essa pobre doente! Lê! Lê! Enfim, a dois *sous* cada volume, são trinta francos em três meses...

— São cem volumes^[94] por mês! — disse Godofredo.

— Ah! Ali vai o velho buscar o creme e o pãozinho da senhora! — continuou a viúva Vauthier. — É para o chá, pois essa senhora vive só de chá! Toma chá duas vezes por dia, e duas vezes por semana precisa de doces. Ela é gulosa! O velho compra-lhe bolos e pastéis na pastelaria da Rue de Buci. Oh! Quando se trata dela, ele não olha as despesas. Diz que é a filha dele!... Pois sim, fazer tudo o que ele faz, na idade dele, para uma filha!... Ele e o Augusto, netinho dele, estão se matando por ela... O senhor não é como eu?... Eu daria de bom grado vinte francos para vê-la. O sr. Berton diz que é um monstro, uma coisa que se poderia exibir por dinheiro. Andaram acertados em vir para um bairro como o nosso, onde não há ninguém... De modo que o senhor pretende jantar em casa da sra. Machillot?

— Sim, penso arrumar-me por lá.

— Não é que eu queira fazer o senhor mudar de intenção; mas, tasca por tasca, andaria mais acertado se fosse jantar à Rue de Tournon; não teria compromisso por mês e teria melhor passadio.

— Onde, na Rue de Tournon?

— Em casa do sucessor da velha Girard... É lá que vão muitas vezes esses senhores daí de cima, e eles estão satisfeitos, mas satisfeitos a mais não poder.

— Está bem, tia Vauthier, seguirei seu conselho; irei jantar lá...

— Meu caro senhor — disse a porteira, afoitando-se ao ver o ar de bonomia que Godofredo tomava intencionalmente —, diga seriamente, seria o senhor trouxa, para querer pagar as dívidas do sr. Bernardo?... Isso me daria bastante pesar; porque, lembre-se, meu caro sr.

Godofredo, de que ele tem perto de setenta anos, e que, depois dele, babau! Não haverá mais pensão. E com que o senhor será reembolsado?... A gente moça é bem imprudente! Sabe o senhor que ele deve mais de mil escudos?

— E a quem? — perguntou Godofredo.

— Oh! A quem? Isso não é da minha conta — respondeu misteriosamente a sra. Vauthier —; é bastante que os devesse, e, aqui entre nós, a situação dele não é nada bonita; no bairro, por causa disso, ninguém lhe fiaria um vintém.

— Mil escudos! — repetiu Godofredo. — Ah! Fique tranquila, porque, se eu tivesse mil escudos, não seria seu inquilino. Mas, que quer, não posso ver o sofrimento dos outros, e, por algumas centenas de francos que isso me custe, ficarei sabendo que meu vizinho, um homem de cabelos brancos, tem pão e tem lenha... Afinal! Perde-se isso muitas vezes jogando... Mas três mil francos... Não é brinquedo, Deus meu!...

A tia Vauthier, iludida com a fingida franqueza de Godofredo, deixou surgir no seu rosto enjoativo um sorriso de satisfação que confirmou as suspeitas do locatário. Godofredo convenceu-se de que aquela velha era cúmplice de uma trama tecida contra o pobre sr. Bernardo.

— É estranho, senhor, as ideias que a gente mete na cabeça! O senhor vai dizer que eu sou muito curiosa! Mas, ao vê-lo ontem conversar com o sr. Bernardo, eu imaginei que o senhor fosse caixeiro de livraria, porque este é o bairro delas. Eu hospedei um tipógrafo que tinha uma imprensa na Rue de Vaugirard, e ele tinha o mesmo nome que o senhor.

— E que lhe importa a minha profissão? — disse Godofredo.

— Ora, quer o senhor me diga, quer não diga — replicou a viúva Vauthier —, eu acabarei sabendo... Veja o sr. Bernardo, por exemplo: pois bem, durante dezoito meses, eu nada soube do que ele era; mas, no décimo nono mês, acabei descobrindo que ele tinha sido magistrado, juiz ou não sei o que na Justiça, e que ele escreve sobre essas coisas... O que ganha ele com isso?... Se ele me tivesse confessado, eu me calaria; mas, como não confessou, por isso digo... Aí está!

— Não sou ainda caixeiro de livraria, mas talvez em breve o seja.

— Pois é, já desconfiava! — disse vivamente a viúva Vauthier virando-se e afastando-se da cama que estava fazendo a fim de ter um pretexto de conversar com o seu locatário. — O senhor veio para roer a corda do... Bom! Um homem prevenido vale por dois...

— Alto lá! — exclamou Godofredo interpondo-se entre a viúva Vauthier e a porta. — Vejamos, que comissão lhe dão nisso?

— Ora! Ora! — respondeu a velha, piscando o olho para Godofredo. — O senhor é um finório, benza-o Deus!

Foi fechar a porta da primeira peça, passando o ferrolho, e depois

veio sentar-se numa cadeira em frente ao fogo.

— Palavra de honra, ou não me chamo Vauthier, que eu o tomei por um estudante, até que o vi dando lenha ao velho Bernardo. Ah! O senhor é um espertalhão! Com mil demônios, que comediante é o senhor!... E eu que o tomava por um trouxa!... Vejamos, garante-me mil francos? Tão certo como a luz que nos alumia, o meu velho Barbet e o sr. Métivier^[95] me prometeram quinhentos francos para eu ficar de olho.

— Eles, quinhentos francos!... Deixe-se disso! — exclamou Godofredo. — Quando muito duzentos, minha tiazinha, e assim mesmo prometidos; e a senhora não os cobrará!... Se me pusesse em condições de conseguir o negócio que querem fazer com o sr. Bernardo, eu daria quatrocentos francos!... Vejamos, em que ponto estão eles?

— Ora, já deram mil e quinhentos francos sobre a obra, e o velho reconheceu dever mil escudos... Soltaram-lhe o dinheiro de cem em cem francos... Arranjando-se de modo a deixá-lo na miséria... São eles que lhe soltam em cima os credores; na certa que lhe mandaram Cartier...

Aí, Godofredo, por um olhar cheio de irônica perspicácia dirigido à viúva Vauthier, fez-lhe ver que compreendia o papel que ela representava em proveito do seu proprietário.

Aquela frase foi como um duplo raio de luz para ele, porquanto a cena bastante estranha que se passara entre ele e o jardineiro também ficava explicada.

— Oh! — prosseguiu ela. — Eles o têm seguro, porque onde irá ele achar mil escudos? Eles pretendem oferecer-lhe quinhentos francos no dia em que lhes entregar a obra, e quinhentos francos a cada volume posto à venda... O negócio é feito em nome de um livreiro que aqueles dois senhores estabeleceram no Quai des Augustins.

— Ah! Já sei: aquele Fulaninho?

— Sim, justamente, Morand, o antigo caixeiro do senhor... Parece que há nisso muito dinheiro a ganhar?

— Oh! Há muito dinheiro a gastar — respondeu Godofredo fazendo um muxoxo significativo.

Bateram mansamente à porta, e Godofredo, muito contente com a interrupção, levantou-se para ir abrir.

— O que está dito, está dito, tia Vauthier — disse Godofredo, ao ver o sr. Bernardo.

— Sr. Bernardo! — exclamou ela. — Tenho uma carta para lhe entregar.

O velho desceu alguns degraus.

— Não, não tenho carta nenhuma, sr. Bernardo. Eu queria somente dizer-lhe que desconfie do rapazote; é um livreiro.

“Ah! tudo se explica!”, pensou consigo mesmo o ancião.

E tornou a subir para o quarto do vizinho, com semblante

completamente mudado.

VI — O QUARTO DA DOENTE

A expressão de frieza calma com que o sr. Bernardo se apresentou contrastava de tal modo com o ar afável e aberto produzido pela expressão da gratidão que Godofredo se impressionou com tão súbita mudança.

— Senhor, perdoe-me se venho perturbar seu repouso; mas desde ontem o senhor me cumula de favores, e o benfeitor cria direitos ao favorecido.

Godofredo inclinou-se.

— Eu que, faz cinco anos, estou sofrendo a paixão de Jesus Cristo a cada quinze dias! Eu que, durante trinta e seis anos, representei a sociedade e o governo, eu que era então a vindita pública e que, o senhor o percebe, não tinha mais ilusões... Não! Não tenho mais senão dores: pois bem, senhor, a atenção que o senhor teve de fechar a porta do canil onde meu neto e eu nos deitamos, essa pequena coisa foi para mim o copo de água de que fala Bossuet...^[96] Sim, tornei a achar no meu coração... neste coração esgotado, que não dá mais lágrimas, como meu corpo não dá mais suores, tornei a encontrar a última gota desse elixir que na mocidade nos faz belas todas as ações humanas, e vinha estender-lhe esta mão, que estendo só para a minha filha; vinha trazer-lhe essa rosa celeste da crença no bem...

— Sr. Bernardo — disse Godofredo, recordando-se das lições do velhote Alain —, nada fiz visando ver-me alvo de sua gratidão... Nisto o senhor se engana...

— Ah! Isso é que é franqueza! — continuou o antigo magistrado. — Pois isso me agrada. Ia repreendê-lo... perdão! Estimo-o. Assim, pois, o senhor é livreiro e veio para disputar minha obra à sociedade Barbet, Métivier e Morand?... Tudo se explica. O senhor me faz adiantamentos como eles fizeram; somente o senhor os faz com mais gentileza.

— Foi a sra. Vauthier que acabou de lhe dizer que eu sou um caixeiro de livraria? — perguntou Godofredo, ansioso.

— Sim — respondeu ele.

— Pois bem, sr. Bernardo, para saber o que lhe posso dar acima do que eles lhe oferecem, seria preciso dizer-me as condições que estipulou com eles.

— É justo — disse o antigo magistrado, o qual pareceu feliz por se ver objeto dessa concorrência, que forçosamente lhe traria vantagem. — Sabe qual é a obra?

— Não, sei somente que há um bom negócio.

— São nove horas e meia, apenas, minha filha almoçou, meu neto Augusto não volta senão às dez e três quartos, Cartier não trará as flores

senão daqui a uma hora; podemos conversar... senhor... como se chama?

— Godofredo.

— Sr. Godofredo, a obra de que se trata foi por mim concebida em 1825, na época em que, impressionado com a destruição persistente da propriedade imobiliária, o ministério propôs aquela lei sobre o direito de primogenitura que foi rejeitada.^[97] Eu tinha notado certas imperfeições nos nossos códigos e nas instituições fundamentais da França. Nossos códigos foram objeto de trabalhos importantes, mas todos esses tratados não eram senão jurisprudência; ninguém tinha ousado contemplar a obra da Revolução, ou de Napoleão, se quisesse, no seu conjunto, estudar o espírito dessas leis, julgá-las na sua aplicação. É isso, em suma, minha obra; provisoriamente tem como título *O espírito das novas leis*,^[98] abarca as leis orgânicas, tanto quanto os códigos, todos os códigos; porque nós temos mais de cinco códigos; por isso meu livro tem cinco volumes, e um volume de citações, de notas, de referências. Tenho trabalho ainda para três meses. O proprietário desta casa, antigo livreiro, diante de algumas perguntas que lhe fiz, adivinhou, farejou uma especulação. Eu, primitivamente, não pensava senão no bem de meu país. Esse Barbet enleou-me... O senhor perguntará, sem dúvida, como um livreiro pôde embrulhar um velho magistrado; o senhor, porém, conhece minha história, e esse homem é um usurário; tem a visão e a esperteza dessa gente... O dinheiro dele andava sempre atrás das minhas necessidades. Estava sempre presente nos dias em que o desespero me entregava sem defesa.

— Não, meu caro senhor — disse Godofredo —, ele tem simplesmente um espião na pessoa da velha Vauthier... Mas quais as condições? Vejamos! Diga-as com precisão.

— Emprestaram-me mil e quinhentos francos, representados hoje por três notas promissórias de mil francos cada uma, e esses três mil francos estão garantidos por uma hipoteca sobre a propriedade da minha obra, da qual não posso dispor senão reembolsando as letras promissórias, e essas letras estão protestadas, havendo um processo litigioso. Aí estão, senhor, as complicações da miséria... Na mais modesta avaliação, a primeira edição dessa obra imensa, obra de dez anos de trabalho e trinta e seis de experiência, bem que valeria dez mil francos... Pois bem, faz cinco dias, Morand propunha-me mil escudos e minhas promissórias saldadas, contra a total propriedade da obra... Como eu não poderei achar três mil e duzentos e quarenta francos, terei de ceder, se o senhor não se interpuser entre eles e mim... Eles não se contentaram com a minha honra: quiseram, para maior garantia, promissórias protestadas e chegadas a termo de prisão por dívida. Se reembolso, esses usurários terão duplicado seus fundos; se trato com eles, terão uma fortuna, porque um deles é antigo negociante de papel,

e só Deus sabe quanto eles podem reduzir as despesas de edição. E como eles têm meu nome, sabem que a colocação de dez mil exemplares está garantida.

— Como! O senhor, um antigo magistrado!...

— Que quer? Nem um amigo! Nem uma recordação! E se fiz cair cabeças, salvei muitas!... Enfim, minha filha, minha filha, de quem sou enfermeiro, a quem faço companhia, porque só trabalho durante a noite... Ah! Jovem, somente os infelizes podem ser os juizes da miséria... Hoje acho que outrora era muito severo.

— Senhor, não lhe pergunto seu nome. Não posso dispor de mil escudos, sobretudo se pagar Halpersohn e suas pequenas dívidas; mas eu o salvarei, se jurar não dispor de sua obra sem que eu seja avisado; porque é impossível fazer um negócio tão importante como esse sem consultar os profissionais. Meus patrões são poderosos e posso prometer-lhe êxito se o senhor me pode prometer o mais profundo segredo, mesmo com os seus filhos, e cumprir sua promessa.

— O único êxito que queria obter é a saúde de minha pobre filha Vanda; porque, senhor, tais sofrimentos, no coração de um pai, apagam qualquer outro sentimento, e o amor da glória nada mais é para quem vê o túmulo aberto.

— Virei vê-lo esta tarde. Estão esperando Halpersohn a qualquer momento, e a mim mesmo me impus a obrigação de ir ver todos os dias se ele chegou... Vou empregar para o senhor todo esse dia...

— Ah! Se fosse o agente da cura de minha filha, senhor... senhor, seria meu desejo dar-lhe minha obra.

— Senhor — disse Godofredo —, não sou livreiro.

O ancião fez um gesto de surpresa.

— Que quer! Deixei que a velha Vauthier o acreditasse, para bem conhecer os laços que lhe tinham armado...

— Quem é o senhor então?

— Godofredo! — respondeu o iniciado. — E, como o senhor me permitirá oferecer-lhe meios para viver melhor, poderá — acrescentou, sorrindo — chamar-me Godofredo de Bulhões.^[99]

O antigo magistrado estava por demais comovido para rir daquele gracejo. Estendeu a mão para Godofredo e apertou a que seu vizinho lhe apresentava.

— Quer conservar o incógnito? — disse o antigo magistrado, fitando Godofredo com tristeza mesclada de inquietação.

— Permita-me isso.

— Pois bem, faça como quiser! E venha esta tarde; o senhor verá minha filha, se o estado dela o permitir.

Era evidentemente a maior concessão que o pobre pai podia fazer; e, pelo olhar de agradecimento que lhe dirigiu Godofredo, o ancião teve a satisfação de se ver compreendido.

Uma hora mais tarde, Cartier chegou com flores admiráveis, arranjou ele mesmo as jardineiras, pôs-lhe musgo fresco, e Godofredo pagou a conta, do mesmo modo como pagou a nota do gabinete de leitura que veio momentos depois. Os livros e as flores eram o pão daquela mulher doente, ou antes, torturada, que se contentava com tão poucos alimentos.

Pensando naquela família enroscada pela desgraça como a de Laocoonte^[100] (imagem sublime de tantas existências), Godofredo, que seguia pela Rue Marbeuf, passeando, sentia no coração ainda mais curiosidade do que impulsos de caridade. Aquela doente cercada de luxo numa atroz miséria fazia-lhe esquecer os detalhes horríveis da mais estranha de todas as afecções nervosas, e que, muito felizmente, é uma violenta exceção constatada por alguns historiadores; um dos nossos cronistas mais tagarelas, Tallemant des Réaux, cita um exemplo dela. Apraz-nos imaginar as mulheres, elegantes até nos seus mais terríveis sofrimentos; por isso, Godofredo encarava como um prazer penetrar naquele quarto, onde, fazia seis anos, somente entravam o médico, o pai e o filho. Não obstante acabou censurando-se por sua curiosidade. O neófito compreendeu mesmo que aquele sentimento tão natural acabaria por extinguir-se à medida que ele fosse exercendo seu benéfico ministério, à força de ver novos interiores, novas chagas.

Chega-se, efetivamente, à divina mansuetude que de nada se admira, e de nada se surpreende, do mesmo modo que no amor se chega à quietude sublime do sentimento, certo de sua força e de sua duração, por uma prática constante dos prazeres e dos pesares.

Godofredo soube que Halpersohn chegara naquela noite, mas desde manhã fora obrigado a tomar seu carro e ir visitar seus doentes que o estavam esperando. A porteira disse a Godofredo que viesse no dia seguinte às nove horas.

Lembrando-se da recomendação do sr. Alain, sobre a parcimônia que devia impor às suas despesas pessoais, Godofredo foi jantar por vinte e cinco *sous*, à Rue Tournon, e teve a recompensa de sua abnegação vendo-se ali entre compositores e revisores de imprensa. Ouviu uma discussão sobre os preços de fabricação, na qual tomou parte, e ficou sabendo que um volume in-octavo, composto de quarenta folhas, numa tiragem de mil exemplares, não custava mais que trinta *sous* o exemplar, nas melhores condições de fabricação. Resolveu ir informar-se dos preços pelos quais os negociantes de livros de jurisprudência vendiam seus volumes, a fim de se achar em condições de sustentar uma discussão com os livreiros que tinham nas mãos o sr. Bernardo, no caso de encontrar-se com eles.

Cerca das sete horas da noite, voltou ao Boulevard du Montparnasse pelas ruas de Vaugirard, Madame e de l'Ouest, verificando quanto aquele quarteirão era deserto, pois nele não viu ninguém. É verdade que

o frio era cortante, que a neve caía em grossos flocos e que os carros não faziam barulho no calçamento.

— Ah! Chegou, senhor? — disse a viúva Vauthier ao ver Godofredo.
— Se eu tivesse sabido que vinha cedo, teria acendido o fogo.

— É inútil — respondeu Godofredo ao ver que a viúva o seguia —; eu passarei o serão em casa do sr. Bernardo...

— Ah! O senhor é então primo dele, para estar já no segundo dia de cama e mesa com ele?... Eu pensei que o senhor acabaria a conversa que tínhamos começado...

— Ah! Os quatrocentos francos! — disse Godofredo em voz baixa à viúva. — Ouça, tia Vauthier, a senhora os teria recebido esta noite se não tivesse dito nada ao sr. Bernardo. Mas a senhora está acendendo uma vela a Deus e outra ao diabo, e por isso não conseguirá nada; porque, no que me diz respeito, a senhora traiu-me... Meu negócio falhou de todo...

— Não diga isso, meu caro senhor... Amanhã, durante o almoço...

— Oh! Amanhã, eu vou sair daqui, como os seus autores, ao clarear do dia...

Os antecedentes de Godofredo, sua vida de dândi, de jornalista, serviram-no nisso, pois tinha bastante experiência para perceber que, se não procedesse assim, a cúmplice de Barbet iria prevenir o livreiro da existência de algum perigo, e começariam as perseguições, de modo a comprometer o sr. Bernardo em pouco tempo; ao passo que, se deixasse crer àquele trio de negociantes ávidos que a combinação deles não corria nenhum risco, eles ficariam sossegados. Mas Godofredo não conhecia ainda a natureza parisiense quando se disfarça em viúva Vauthier. Essa mulher queria o dinheiro do seu proprietário e o dinheiro de Godofredo. Ela correu imediatamente à casa do sr. Barbet, enquanto Godofredo mudava de roupa para apresentar-se em casa da filha do sr. Bernardo.

Davam oito horas no Couvent de la Visitation, o relógio do bairro, quando o curioso Godofredo bateu mansamente à porta do seu vizinho. Augusto veio abrir, e, como esse dia era um sábado, o rapaz tinha a noite livre; Godofredo viu-o trajado de uma pequena sobrecasaca de veludo preto, de calças pretas bastante limpas, de uma gravata de seda azul; mas sua admiração por ver o rapaz tão diferente do que habitualmente era cessou de súbito, quando entrou no quarto da doente: compreendeu a necessidade que tinham pai e filho de estarem bem-vestidos.

Com efeito, o contraste entre a miséria do apartamento que vira pela manhã e o luxo dessa peça, era forte demais para que Godofredo não ficasse como que deslumbrado, conquanto estivesse habituado com o que serve para os requintes e para as elegâncias da riqueza.

As paredes, forradas de seda amarela realçada com torçais de seda verde de tom vivo, davam uma grande alegria àquele quarto, cujo piso

frio estava recoberto por um tapete de moqueta de fundo branco semeado de flores. As duas janelas, ornadas de belas cortinas forradas de seda branca, formavam como dois pequenos bosques, tal a abundância de plantas das jardineiras. Estores impediam que fora se pudesse ver aquela riqueza, tão rara nesse bairro. O forro de madeira, laqueado de branco puro, era realçado por alguns filetes de ouro.

Na porta, um pesado reposteiro de tapeçaria em ponto de lã, de fundo amarelo e folhagens extravagantes, abafava o ruído do exterior. Esse magnífico reposteiro era trabalho da doente, a qual bordava como uma fada quando podia dispor das mãos.

No fundo da peça e em frente à porta, a lareira, com manto de veludo verde, oferecia ao olhar uma guarnição de extraordinário requinte, únicas relíquias da opulência daquelas duas famílias, e composta de um relógio curioso — um elefante sustentando uma torre de porcelana de onde saíam flores em profusão —, de dois candelabros do mesmo estilo e de chinesices preciosas. O guarda-cinzas, a grade, as pás, as pinças, tudo era do mais alto preço.

A maior das jardineiras ocupava o centro do quarto, de onde descia de uma rosácea um lustre de porcelana floreada.

O leito onde estava deitada a filha do magistrado era um desses belos leitos, branco e ouro, de madeira esculpida, como se faziam no reinado de Luís xv. Na cabeceira da doente havia uma linda mesa de marchetaria, na qual se achavam todos os objetos necessários àquela vida que se passava no leito. Na parede estava fixado um candelabro de dois braços que se dobravam ou estendiam ao menor movimento das mãos. Uma pequena mesa, muitíssimo cômoda e apropriada às necessidades da doente, estava diante dela. O leito, coberto com uma soberba colcha e decorado com cortinados arrepanhados por braçadeiras, estava cheio de livros e de um cesto de costuras; e, por baixo de todas essas coisas, dificilmente Godofredo teria visto a doente, não fossem as duas velas do candelabro móvel.

Não era mais que um rosto de tez muito alva, no qual luziam olhos de fogo, cercados de olheiras escuras, cansados pelo sofrimento, e que tinha como principal ornamento uma magnífica cabeleira preta, cujos numerosos e enormes cachos, dispostos em mechas, indicavam que o arranjo e o cuidado daqueles cabelos ocupavam a doente durante parte da manhã, como se podia supor pela presença de um espelho portátil aos pés da cama.

Nenhum dos requintes modernos faltava ali. Algumas bugigangas, divertimento da pobre Vanda, provavam que aquele amor paterno ia até o delírio.

O ancião levantou-se de uma magnífica *bergère* Luís xv, branca e ouro, forrada de tapeçaria, e deu alguns passos ao encontro de Godofredo, o qual, certamente, não o teria reconhecido, porque aquele

rosto frio e severo tinha a expressão de alegria peculiar aos velhos que conservaram a nobreza das maneiras e a aparente frivolidade da gente de corte. Seu chambre acolchoado estava em harmonia com aquele luxo, e ele tomava pitadas de rapé de uma tabaqueira de ouro enriquecida com diamantes!...

VII — UM SERÃO NOS APOSENTOS DE VANDA

— Aqui está, minha querida filha, o vizinho de quem te falei — disse o sr. Bernardo à filha, segurando Godofredo pela mão. E fez sinal ao neto para avançar duas poltronas, semelhantes à *bergère*, que estavam a cada lado da lareira.

Vanda fez um movimento de cabeça para responder à saudação respeitosa de Godofredo, e pelo modo por que se dobrou e encolheu o pescoço, Godofredo viu perfeitamente que toda a vida da doente estava na cabeça. Os braços emagrecidos e as mãos moles repousavam sobre os lençóis brancos e finos, como duas coisas estranhas àquele corpo que parecia não ocupar lugar na cama. Os objetos necessários à doente estavam colocados por trás da cabeceira da cama, numa prateleira coberta com uma cortina de seda.

— O senhor é a primeira pessoa, com exceção dos médicos, que para mim não são mais homens, que eu vejo de há seis anos para cá; por isso, o senhor nem imagina o interesse que despertou em mim, desde que meu pai me anunciou sua visita. Não; era uma curiosidade invencível, apaixonada, semelhante à de nossa mãe Eva... Meu pai, tão bom para mim, meu filho a quem tanto amo bastam certamente para encher o deserto de uma alma hoje mais ou menos sem corpo; mas essa alma, apesar de tudo, permaneceu mulher! Senti-o perfeitamente pela alegria infantil que a esperança de sua visita me deu... Dar-me-á o prazer de tomar uma xícara de chá conosco, não?

— O sr. Godofredo prometeu-me o serão — disse o velho com a graça de um milionário que faz as honras de sua casa.

Augusto, sentado numa cadeira estofada, junto de uma pequena mesa de marchetaria ornada de filigranas de cobre, lia um livro à luz dos candelabros da lareira.

— Augusto, meu filho, dize a João que nos venha servir chá daqui a uma hora.

Ela acompanhou essa frase com um olhar expressivo, ao qual Augusto respondeu por um gesto.

— Acreditará, senhor, que faz seis anos não tenho outros servidores senão meu pai e meu filho, e que já não poderia suportar outros? Se eles me faltassem, eu morreria... Meu pai não quer que João, um pobre normando que nos serve há mais de trinta anos, entre no meu quarto.

— E como não! — disse com finura o velho. — O sr. Godofredo viu-o,

ele racha a lenha, ele a põe para dentro, cozinha, faz os mandados, usa um avental sujo; num momento ele estragava toda esta elegância, tão necessária aos olhos de minha pobre filha para quem este quarto é toda a natureza...

— Ah! Senhora, o senhor seu pai tem toda a razão...

— E por quê? — disse ela. — Se João estragasse meu quarto, meu pai o renovaria.

— Sim, minha filha; mas o que me impede é que tu não o podes deixar; e não conheces os tapeceiros de Paris!... Precisaríamos três meses para refazer teu quarto. Pensa na poeira que se levantaria do seu tapete, se o tirassem. Fazer João arrumar teu quarto! Que ideia!... Tomando as precauções minuciosas de que um pai e um filho são capazes, nós te poupamos a varredura, a poeira... Bastava que João entrasse para nos servir, e estaríamos com um mês perdido...

— Não é por economia — disse Godofredo —, é por sua saúde... O senhor seu pai tem razão.

— Não me queixo — replicou Vanda com voz faceira.

Essa voz fazia o efeito de um concerto. A alma, o movimento e a vida tinham se concentrado no olhar e na voz; porque Vanda, por estudos, para os quais decerto não lhe faltava tempo, chegara a vencer as dificuldades provenientes da perda dos seus dentes.

— Sou feliz ainda, senhor, mesmo na espantosa desgraça que me acabrunha; porque, pelo menos, a fortuna é de grande auxílio para suportar meus sofrimentos... Se tivéssemos estado na indigência, há dezoito anos que eu não existiria mais; e ainda vivo!... Tenho gozos, e eles são tanto mais intensos, por serem perpétuas conquistas sobre a morte... O senhor vai achar-me muito tagarela!... — disse ela, sorrindo.

— Senhora — respondeu Godofredo. — Eu lhe pediria que falasse continuamente, pois nunca ouvi uma voz comparável à sua... é uma música! Rubini^[101] não é mais encantador...

— Não fale de Rubini, dos Italiens^[102] — disse o ancião, com uma tonalidade triste.

— Por ricos que sejamos, é-me impossível dar à minha filha, que era uma grande musicista, esse prazer pelo qual tem loucura.

— Perdoe — disse Godofredo.

— O senhor se acostumará conosco — disse o velho.

— Eis aqui o processo — disse a doente, sorrindo. — Quando lhe tiverem gritado várias vezes “Cuidado!” o senhor estará a par do jogo de cabra-cega que é a nossa conversação...

Godofredo trocou rapidamente um olhar com o sr. Bernardo, o qual, vendo lágrimas nos olhos do vizinho, pôs um dedo na boca para recomendar-lhe que não traísse o heroísmo que ele e o filho praticavam havia sete anos.

Essa sublime e perpétua mentira, evidenciada pela completa ilusão

da doente, produziu naquele momento em Godofredo o efeito da contemplação de um precipício a pique, onde dois caçadores de camurça desceriam com facilidade. A magnífica tabaqueira de ouro enriquecida com diamantes, com a qual o ancião brincava despreocupadamente ao pé do leito da filha, era como que o rasgo de gênio que, na obra de um homem superior, arranca o grito de admiração. Godofredo olhava para aquela caixinha, a si mesmo perguntando por que motivo não a venderiam ou a levariam ao Monte de Socorro; mas conteve-se de falar ao velho.

— Esta noite, sr. Godofredo, minha filha, com o anúncio de sua visita, sofreu tal excitação, que todos os fenômenos estranhos de sua doença, que, havia doze dias, nos deixavam desesperados, desapareceram completamente... Imagine como lhe sou reconhecido!...

— E eu, então! — exclamou a doente com um som de voz carinhoso e inclinando a cabeça num movimento cheio de coquetismo. — O senhor é para mim o deputado do mundo... Desde a idade de vinte anos, senhor, que eu não soube mais o que era um salão, uma festa, um baile... E note que gosto de dançar, que tenho loucura pelo teatro, e sobretudo pela música. Adivinho tudo pelo pensamento! Leio muito. Depois, meu pai conta-me as coisas da sociedade...

Ao ouvir essas palavras, Godofredo fez um movimento como para dobrar o joelho diante daquele pobre velho.

— Sim, quando ele vai aos Italiens, e vai com frequência, descreve-me as *toilettes*, os efeitos do canto. Oh! como quisera estar curada, primeiro por causa de meu pai, que vive unicamente por mim, como eu vivo por ele e para ele; depois por meu filho, a quem eu quisera dar outra mãe! Ah! Senhor, que criaturas perfeitas são meu velho pai... E meu excelente filho!... Também quisera a saúde para ouvir Lablache,^[103] Rubini, Tamburini,^[104] a Grisi^[105] e os *Puritanos*...^[106] Mas...

— Vamos, minha filha, acalme-se... Se falarmos de música estaremos perdidos! — disse o velho, sorrindo.

Ele sorria, e esse sorriso, que remoeçava aquele semblante, iludia, evidentemente, sempre, a doente.

— Pois sim, eu me comportarei bem direitinho — disse Vanda com ar brejeiro —; mas dá-me o acordeão...

Já tinham inventado, nessa época, esse instrumento portátil que podia, em rigor, colocar-se na beira da cama da doente e que, para dar os sons do órgão, não exigia senão a pressão do pé. Esse instrumento, no seu maior desenvolvimento, equivalia a um piano; mas custava naquele tempo trezentos francos. A doente, que lia os jornais e as revistas, conhecia a existência dele e fazia dois meses desejava um.

— Sim, a senhora terá um — disse Godofredo, ante um olhar que lhe dirigiu o ancião. — Um amigo meu, que parte para Argel, tem um soberbo, que eu pedirei emprestado; porque, antes de comprar um, a

senhora experimentará esse. É possível que os sons tão vibrantes, tão potentes, não lhe convenham.

— Poderei tê-lo amanhã? — disse ela com vivacidade de uma filha dos trópicos.

— Amanhã — objetou o sr. Bernardo — é daqui a pouco, e amanhã é domingo.

— Ah! — fez ela olhando Godofredo, o qual julgava ver uma alma voltar ao admirar a ubiquidade dos olhares de Vanda.

Até então, Godofredo ignorava o poder da voz e dos olhos, quando toda a vida se resume neles. O olhar não era mais um olhar, era uma chama ou, antes, um chamejar divino, uma irradiação que difundia vida e inteligência, o pensamento visível! Aquela voz de mil entonações substituíra os movimentos, os gestos e as atitudes da cabeça. As variações da tez, que mudava de cor como o fabuloso camaleão, tornavam a ilusão, e se quiserem, a miragem, completa. Aquela cabeça sofredora, mergulhada naquela almofada de cambraia de linho guarnecida de rendas, era uma pessoa completa.

Nunca, em sua vida, Godofredo contemplara um tão grande espetáculo; mal dava ele para as suas próprias emoções. Outra sublimidade, porque tudo era estranho naquela situação cheia de poesia e de horror: somente a alma vivia nos espectadores! Aquela atmosfera, unicamente cheia de sentimentos, tinha uma influência celestial. À força de contemplar aqueles franzinos restos de uma mulher bonita, Godofredo esquecia os mil detalhes elegantes daquele quarto, julgava-se em pleno céu. Foi somente ao cabo de uma meia hora que ele viu uma pequena prateleira cheia de curiosidades, colocada por baixo de um magnífico retrato que a doente lhe pediu que fosse ver, pois era obra de Géricault.^[107]

— Géricault — disse ela — era de Rouen, e devendo a família dele algumas obrigações a meu pai, primeiro presidente, ele nos agradeceu por meio dessa obra-prima, na qual o senhor me vê aos dezesseis anos.

— Possuem uma belíssima tela, completamente desconhecida por aqueles que se ocuparam das obras raras desse gênio — disse Godofredo.

— Para mim — disse ela —, não é mais que um objeto de estima, porque vivo somente pelo coração; e tenho a mais bela vida — acrescentou, olhando para o pai e dirigindo-lhe nesse olhar toda a sua alma. — Ah! Senhor, se soubesse o que meu pai é! Quem poderia crer que esse grande e severo magistrado, ao qual o imperador deveu tantas obrigações, que lhe deu essa tabaqueira e que Carlos x julgou recompensar com aquela bandeja de Sèvres, ali — disse ela mostrando o console —; que esse firme sustentáculo do poder e das leis, esse sábio publicista, tem, num coração de rocha, as delicadezas de um coração de mãe? Oh! Papai! Papai! Beija-me... Vem! Quero-o, se me amas.

O ancião levantou-se, inclinou-se sobre o leito e deu um beijo na branca, vasta e poética fronte da filha, cujos furores doentios nem sempre se assemelhavam a essa tempestade de afeição. O ancião passeou pelo quarto, com os pés calçados em chinelos bordados pela filha, sem fazer o menor ruído.

— E quais são suas ocupações? — perguntou ela a Godofredo, após uma pausa.

— Senhora, sou empregado por pessoas piedosas para socorrer as pessoas infelizes.

— Ah! Que bela missão, senhor! — disse ela. — Acredita que tive a ideia de me dedicar a essa ocupação?... Mas que ideias não tive eu? — continuou, fazendo um movimento de cabeça. — A dor é como um fanal que nos ilumina a vida... Se, pois, eu recuperasse a saúde...

— Tu te divertiras, minha filha — interrompeu o velho.

— Certamente — respondeu ela —, tenho esse desejo, mas teria a faculdade de fazê-lo? Meu filho será, assim o espero, um magistrado digno dos seus dois avós; ele me deixará. Que fazer?... Se Deus me restitui a vida, eu a consagrarei a ele. Oh! Depois de lhes ter dado tudo que quiserem! — exclamou, olhando para o pai e para o filho. — Há momentos, pai, em que as ideias do sr. de Maistre^[108] me fazem pensar, e creio que expiando alguma coisa.

— Aí está o resultado de ler tanto! — exclamou o ancião, evidentemente penalizado.

— Aquele bravo general polonês, meu avô, tomou parte muito inocentemente na partilha da Polônia.^[109]

— Vamos, temos agora a Polônia! — disse o sr. Bernardo.

— Que queres, papai! Meus sofrimentos são infernais, dão-me horror à vida, desgostam-me de mim mesma. Pois bem, que fiz para merecê-los? Tais doenças não são um simples desequilíbrio de saúde, são todo o organismo pervertido, e...

— Canta a ária nacional que tua pobre mãe cantava; darás prazer ao nosso amigo, a quem falei de tua voz — disse o ancião, que, evidentemente, queria afastar a filha das ideias em que ia mergulhando.

Vanda pôs-se a cantar, em tonalidade baixa e suave, uma canção em língua polonesa, que deixou Godofredo apatetado de admiração e cheio de tristeza. Essa melodia, bastante parecida com as árias arrastadas e melancólicas da Bretanha, era uma dessas poesias que vibram no coração, muito tempo depois de ouvidas. Ao escutar Vanda, Godofredo contemplava-a, mas não pôde sustentar os olhares extáticos daquele resto de mulher, quase louca, e fixou a vista nas borlas que pendiam de cada lado do leito.

— Ah! Ah! — fez Vanda, que se pôs a rir da atenção de Godofredo. — O senhor está querendo saber para que serve isso?

— Vanda! — disse o pai. — Vamos, acalma-te, minha filha! Toma,

aqui tens o chá. Isto, senhor, é um maquinismo complicado — disse ele a Godofredo. — Minha filha não se pode levantar, e tampouco pode ficar na cama, sem que esta seja feita ou que se lhe mudem os lençóis. Esses cordões vão ter a roldanas, e, passando por baixo dela um couro quadrado, seguro nos quatro cantos por argolas presas nas quatro cordas, nós a podemos erguer sem cansaço para ela e para nós.

— Raptam-me! — exclamou Vanda, aloucadamente.

Felizmente, Augusto apareceu, trazendo um bule de chá que pôs em cima de uma mesa pequena, na qual colocou a bandeja de porcelana de Sèvres cheia de bolos e sanduíches. Trouxe nata batida e manteiga. A vista daquilo transformou completamente as disposições da doente, que se encaminhavam para uma crise.

— Toma, Vanda, aqui está o novo romance de Nathan.^[110] Se despertares à noite, terás o que ler.

— *A pérola de Dol!* Ah! Isto deve ser uma história de amor... Já sabes, Augusto, que vou ter um acordeão?

Augusto ergueu bruscamente a cabeça e olhou para o avô com um ar estranho.

— Vejam como ele quer bem à mãe! — disse Vanda. — Vem beijar-me, meu gatinho. Não, não é a teu avô, é a este senhor que deves agradecer, porque nosso vizinho vai emprestar-me um amanhã de manhã. Como é um acordeão, senhor?

Godofredo, a um sinal do velho, explicou demoradamente o acordeão, enquanto saboreava o chá feito por Augusto, e que, sendo de qualidade superior, estava delicioso.

Cerca das dez horas, o iniciado retirou-se, cansado daquela luta insensata do avô e do filho, admirando-lhes o heroísmo e essa paciência de todos os dias, de representar um duplo papel, ambos igualmente acabrunhadores.

— E então — disse-lhe o sr. Bernardo, que o acompanhara ao quarto —, compreende, senhor, a vida que levo? São, a toda hora, as emoções do ladrão, atento a tudo. Uma palavra, um gesto matariam minha filha! Uma bugiganga a menos entre as que ela está acostumada a ver revelaria tudo àquele espírito, que vê através das paredes.

— Senhor — respondeu Godofredo —, segunda-feira Halpersohn dará sua opinião sobre sua filha, porque já chegou. Duvido que a ciência possa restabelecer esse corpo...

— Oh! Não espero isso — disse o antigo magistrado, suspirando —; mas que lhe deem uma vida suportável... Eu contava, senhor, com a sua inteligência e queria agradecer-lhe, pois o senhor compreendeu tudo... Ah! Aí está o acesso! — exclamou ele ao ouvir um grito através das paredes. — Ela abusou das suas forças...

E, apertando a mão de Godofredo, o ancião correu para os seus aposentos.

Às oito horas da manhã do dia seguinte, Godofredo batia à porta do célebre médico polonês. Foi conduzido por um criado de quarto ao primeiro andar da pequena residência, que pôde examinar durante o tempo que o porteiro levou para achar e prevenir o criado.

Felizmente, como ele suspeitava, a pontualidade de Godofredo salvou-o do aborrecimento da espera; era, seguramente, o primeiro chegado. De uma antecâmara muito simples, passou para um grande gabinete, onde viu um ancião metido num roupão, fumando um comprido cachimbo. O roupão, de alepina preta, já lustrosa, trazia a data da imigração polonesa.

— Em que posso servi-lo? — perguntou o médico judeu. — Pois que o senhor não está doente...

E fixou em Godofredo um olhar que tinha a expressão curiosa e picante dos olhos do judeu polonês, esses olhos que parecem ter ouvidos.

Halpersohn era, para maior espanto de Godofredo, um homem de cinquenta e seis anos, de pequenas pernas curvas e de busto largo e poderoso. Havia naquele homem qualquer coisa de oriental, porque seu rosto devia ter sido belíssimo na mocidade; dele restava um nariz hebraico, comprido e recurvo como um sabre de Damasco. A fronte, verdadeiramente polonesa, larga e nobre, mas enrugada como um papel amarrotado, lembrava o São José dos velhos mestres italianos. Os olhos, verde-mar e rodeados, como os dos papagaios, por membranas acinzentadas e franzidas, exprimiam a astúcia e a avareza em grau superlativo. Finalmente, a boca, fendida como um talho, acrescentava a essa fisionomia sinistra toda a causticidade da desconfiança.

Aquela cara pálida e magra, porque Halpersohn era de uma magreza notável, encimada por cabelos grisalhos mal penteados, tinha como ornamento uma barba comprida e muito cerrada, negra, mesclada de branco, que ocultava a metade do rosto, de modo que não se lhe viam senão a fronte, os olhos, o nariz, as maçãs do rosto e a boca.

Esse amigo do revolucionário Lelewel^[111] trazia um solidéu de veludo preto, o qual, descendo por uma das pontas sobre a fronte, fazia ressaltar-lhe a cor loura, digna do pincel de Rembrandt.

A pergunta feita por aquele médico, que se tornou tão célebre, tanto por seu talento como por sua avareza, causou não pequena surpresa em Godofredo, que disse consigo mesmo: “Tomar-me-á ele por um ladrão?”.

A resposta a essa pergunta estava em cima da mesa e da lareira do doutor. Godofredo julgava ser o primeiro a chegar, e era o último. Os consulentes tinham depositado em cima da lareira e da mesa bem avultadas oferendas; Godofredo viu pilhas de moedas de vinte, de

quarenta francos e duas notas de mil. Seria aquilo o produto de uma manhã? Teve várias dúvidas e acreditou num inteligente estratagema ideado pelo doutor. Talvez o avaro mas infalível doutor se propusesse forçar assim sua receita, fazendo crer aos clientes, escolhidos entre os ricos, que lhe davam gordas boladas e não simplesmente níqueis.

Moisés Halpersohn devia, de resto, ser generosamente pago, porque curava, e curava precisamente os doentes desenganados, que os médicos abandonavam. Ignora-se na Europa que os povos eslavos possuem muitos segredos; eles têm uma coleção de remédios soberanos, frutos das relações que mantêm com os chineses, os persas, os cossacos, os turcos e os tártaros. Certas camponesas, que passam por feiticeiras, curam radicalmente a raiva, na Polônia, com sucos de ervas. Existe nesse país um acervo de observações não codificadas sobre os efeitos de certas plantas, de algumas cascas de árvores reduzidas a pó, que são transmitidas de família em família, e fazem-se lá curas miraculosas.

Halpersohn, que, durante cinco ou seis anos, passou por um medicastro, por causa dos seus pós, das suas medicinas, possuía a ciência inata dos grandes médicos. Não somente sabia muito e muito havia observado, mas também percorrera a Alemanha, a Rússia, a Pérsia, a Turquia, onde recolhera muitas tradições; e, como sabia química, tornou-se a biblioteca viva desses segredos espalhados entre as curandeiras de todos os países por onde andara, acompanhando o pai, cuja profissão era a de mercador ambulante.

Não se deve julgar que a cena na qual, em *Ricardo na Palestina*,^[112] Saladino cura o rei da Inglaterra seja uma ficção. Halpersohn possuía uma bolsa de seda que mergulhava na água para colori-la levemente, e certas febres cediam com esta água bebida pelo doente. A virtude das plantas, segundo esse homem, é infinita, e a cura das mais horríveis doenças é possível. Entretanto, ele, como seus colegas, detinha-se algumas vezes ante certas incompreensibilidades. Halpersohn gostou da invenção da homeopatia,^[113] mais por causa de sua terapêutica do que pelo seu sistema médico; correspondia-se nessa época com Hedenius de Dresden, Chelius de Heidelberg^[114] e os médicos célebres da Alemanha, conservando entretanto a mão fechada, embora cheia de descobertas. Não queria fazer discípulos.

A moldura, aliás, estava em harmonia com esse retrato egresso de uma tela de Rembrandt. O gabinete, forrado com um papel que simulava veludo preto, estava mesquinhamente mobiliado com um divã verde. O tapete verde de várias tonalidades já deixava ver o fio. Uma grande poltrona de couro preto, destinada aos consulentes, estava diante da janela, coberta com cortinas verdes. Uma poltrona de escrivaninha, de forma romana de acaju e forrada de marroquim verde, era onde o doutor se sentava.

Entre a lareira e a mesa comprida na qual ele escrevia, uma caixa comum de ferro, colocada em frente à lareira, no meio da parede oposta, suportava um relógio de granito de Viena, sobre o qual se erguia um grupo em bronze, representando o Amor brincando com a Morte, presente de um grande escultor alemão, curado com certeza por Halpersohn. O alizar da lareira apresentava como único ornamento uma taça entre dois candelabros. De cada lado do divã, duas cantoneiras de ébano serviam para nelas se colocarem bandejas, sobre as quais Godofredo viu bacias de prata, garrafas e guardanapos.

Essa simplicidade, que beirava a nudez, impressionou bastante Godofredo, o qual, num só olhar, viu tudo, e recobrou o sangue-frio.

— Senhor, estou perfeitamente bem; por isso não venho por mim, mas por uma mulher a quem de há muito o senhor deveria ter feito uma visita. Trata-se de uma senhora que reside no Boulevard du Montparnasse...

— Ah! Sim, essa senhora já me mandou várias vezes o filho. Pois bem, ela que venha ao meu consultório.

— Ela que venha! — repetiu Godofredo, indignado. — Mas, senhor, se ela não pode ser transportada da cama para a poltrona! É preciso erguê-la com correias.

— O senhor não é médico? — perguntou o doutor judeu com uma careta singular que tornou sua máscara mais malvada ainda do que era.

— Se o barão de Nucingen lhe mandasse dizer que estava doente e queria sua visita, o senhor lhe responderia “Ele que venha”?

— Eu iria — respondeu friamente o judeu, cuspiendo numa escarradeira holandesa de acaju, cheia de areia.

— O senhor iria — replicou Godofredo, calmamente — porque o barão de Nucingen tem dois milhões de renda e...

— O resto não importa, eu iria.

— Pois bem, o senhor irá ver a doente do Boulevard du Montparnasse pela mesma razão. Sem ter a fortuna do barão de Nucingen, estou aqui para dizer-lhe que o senhor mesmo estipulará o preço da cura, ou de sua assistência, se fracassar... Estou pronto para pagar adiantado; mas como é que o senhor, um emigrado polonês, não faria um sacrifício à Polônia? Pois essa senhora é neta do general Tarlowski, o amigo do príncipe Poniatowski!

— Senhor, veio aqui para pedir-me que cure essa dama e não para me dar conselhos. Na Polônia sou polonês, em Paris sou parisiense. Cada qual faz o bem a seu modo, e creia que a avidez que me atribuem tem sua razão de ser. O tesouro que estou acumulando tem sua destinação; esta é santa. Vendo a saúde: os ricos podem pagá-la, eu os faço pagar... Os pobres têm seus médicos... Se eu não tivesse uma finalidade, não exerceria a medicina... Vivo sobriamente e passo meu tempo a correr; sou preguiçoso e era jogador... Conclua, jovem! O

senhor não tem a idade em que se pode julgar os velhos.

Godofredo conservou-se calado.

— O senhor mora junto à neta daquele imbecil que tinha coragem somente para bater-se e que entregou sua terra a Catarina II?

— Sim, senhor.

— Aguarde-me em sua casa segunda-feira, às três horas — disse ele pousando o cachimbo e pegando uma agenda na qual escreveu algumas palavras. — O senhor me entregará, quando eu chegar, duzentos francos, e se eu lhe prometer a cura, me dará mil escudos... Disseram-me que essa senhora está encolhida como se tivesse caído no fogo...

— Ela tem, senhor, a crer nos mais célebres médicos de Paris, uma nevrose, cujas desordens são de tal natureza, que todos eles não acreditaram nelas enquanto não as viram.

— Ah! Lembro-me agora dos detalhes que aquele garoto me referiu... Até amanhã, senhor.

IX — UMA LIÇÃO DE CARIDADE

Godofredo saiu depois de cumprimentar aquele homem, tão singular quanto extraordinário. Nada nele revelava, indicava um médico, nem mesmo aquele gabinete nu, e cujo único móvel que impressionava a vista era aquela formidável caixa de Huret ou de Fichet.^[115]

Godofredo pôde chegar bastante a tempo à Passage Vivienne para comprar, antes que a loja fechasse, um magnífico acordeão, que mandou levar imediatamente ao sr. Bernardo, indicando o endereço.

Foi depois à Rue Chanoinesse, passando pelo Quai des Augustins, onde esperava encontrar aberta ainda uma livraria; viu efetivamente uma, na qual teve uma longa conversação com um jovem caixeiro sobre livros de jurisprudência.

Encontrou a sra. de la Chanterie e seus amigos de volta da missa, e, ao primeiro olhar que ela lhe dirigiu, Godofredo respondeu por uma significativa inclinação de cabeça.

— E então — disse ele —, nosso querido pai Alain não está aqui?

— Este domingo ele não virá — disse a sra. de la Chanterie —; só o verá daqui a oito dias... A menos que o senhor vá ao lugar que ele marcou para se encontrarem.

— Senhora — disse Godofredo, em voz baixa —, bem sabe que ele não me intimida como esses senhores, e eu queria fazer-lhe uma confissão.

— E eu?

— Oh! À senhora eu direi tudo, pois tenho muito que contar. Para estreitar, encontrei a mais extraordinária de todas as desventuras, uma selvagem associação de miséria e luxo; depois, personagens de uma sublimidade que ultrapassam todas as invenções dos nossos

romancistas mais em voga.

— A natureza, e sobretudo a natureza moral, está sempre acima da arte, tanto quanto Deus está acima das suas criaturas. Mas, vejamos — disse a sra. de la Chanterie —, venha contar-me sua expedição às terras desconhecidas onde fez sua primeira viagem.

O sr. Nicolau e o sr. José, porque o padre de Vèze ficara por alguns momentos em Notre-Dame, deixaram a sra. de la Chanterie sozinha com Godofredo, o qual, sob a ação das emoções que acabara de sentir na véspera, contou tudo com os menores detalhes, com a força, a vida e a fluência que a impressão de semelhante espetáculo e seu quadro de seres e coisas dá. Teve um grande êxito, porque a meiga e calma sra. de la Chanterie chorou, por mais habituada que estivesse a baixar aos abismos da dor.

— Fez bem — disse ela — em mandar o acordeão.

— Eu quisera fazer muito mais ainda — respondeu Godofredo —, porquanto essa família é a primeira a me fazer conhecer os prazeres da caridade; desejo conseguir para esse sublime ancião a maior parte dos benefícios da sua grande obra. Não sei se a senhora tem bastante confiança na minha capacidade para pôr-me em condições de empreender semelhante negócio. Pelas informações que acabo de tomar, seriam necessários cerca de nove mil francos para editar esse livro com mil e quinhentos exemplares, e seu valor mínimo seria então de vinte e quatro mil francos. Como teremos de pagar previamente os três mil e alguns centos de francos que gravam o manuscrito, seria pois um risco de doze mil francos. Oh! Senhora, se soubesse que pesares amargos tive, ao vir do Quai des Augustins até aqui, por ter dissipado loucamente minha pequena fortuna! O espírito da caridade como que me apareceu e inflamou-me o ardor de iniciado; quero renunciar ao mundo, quero adotar a vida desses senhores, e serei digno da senhora. Muitas vezes, nestes dois dias, abençoei o acaso que me trouxe para cá. Obedecer-lhe-ei em tudo, até que julgue capaz de ser um dos seus.

— Pois bem — disse gravemente a sra. de la Chanterie, depois de ter refletido —, ouça-me, porque tenho coisas importantes a revelar-lhe. O senhor, meu filho, foi seduzido pela poesia da desgraça. Sim, amiúde a desgraça tem poesia; porque, para mim, a poesia é um certo efeito no sentimento, e a dor é um sentimento. Vive-se tanto pela dor!...

— Sim, senhora, fui empolgado pelo demônio da curiosidade... Que quer? Não tenho ainda o hábito de penetrar no âmago das existências infelizes, e não penetro nelas com a tranquilidade dos seus três piedosos soldados do Senhor. Mas, saiba-o, foi depois do esgotamento dessa irritação que me devotei à sua obra!

— Ouça, meu querido anjo — disse a sra. de la Chanterie, que pronunciou essas quatro palavras com uma doce santidade que comoveu Godofredo profundamente —, nós nos vedamos, mas,

absolutamente, não forçamos aqui os termos... o que é vedado nem sequer ocupa nosso pensamento... Portanto, nós nos vedamos meter-nos em especulações. Imprimir um livro para vendê-lo, na esperança do lucro, é um negócio, e operações dessa natureza nos atirariam nas dificuldades do comércio. Certamente, isto parece-me muito factível, mesmo necessário. Pensa que é o primeiro caso que se apresenta? Vinte, cem vezes, vimos o meio de salvar assim famílias e casas! Ora, no que nos transformaríamos com negócios dessa espécie? Tornar-nos-íamos negociantes... Comanditar a desgraça não é trabalhar, é pôr a própria desgraça a trabalhar. Daqui a alguns dias encontrará misérias mais duras do que essa; procederá do mesmo modo? Ficaria sobrecarregado! Pense, meu filho, em que os srs. Mongenod não podem mais, de um ano para cá, encarregar-se da nossa contabilidade. O senhor terá metade de seu tempo tomado pela escrituração de nossos livros. Temos hoje cerca de dois mil devedores em Paris; e é preciso, pelo menos quanto àqueles que nos podem pagar suas dívidas, que saibamos a quanto elas montam. Nunca reclamamos; esperamos. Calculamos que a metade do dinheiro dado se perde. A outra metade nos é devolvida, algumas vezes dobrada... Assim, pois, suponha que esse magistrado morra, aí estão doze mil francos bem arriscados. Mas se a filha dele se cura, se seu neto triunfa e chega a ser um dia magistrado... pois bem, se é um homem de honra, ele se lembrará da dívida e nos restituirá com usura o dinheiro dos pobres. Sabe o senhor que mais de uma família, tirada por nós da miséria e por nós orientada no caminho da fortuna por empréstimos sem juros, reservou a parte dos pobres e nos restituiu as quantias, dobradas, e algumas triplicadas?... São unicamente essas as nossas especulações. Lembre-se, antes de mais nada, nisso que o preocupa (e que deve preocupá-lo), que a venda da obra desse magistrado depende da excelência dessa obra; leu-a? Depois, se o livro for ótimo, quantos livros excelentes ficam um, dois ou três anos sem obter o êxito que merecem! Quantas coroas colocadas sobre túmulos! E sei que os livreiros têm maneiras de tratar, de realizar, que tornam seu comércio o mais arriscado, o mais difícil de entender de todos os comércios parisienses. O sr. Nicolau falar-me-á dessas dificuldades inerentes à natureza dos livros. Assim, pois, como vê, somos prudentes, temos a experiência de todas as misérias, como a de todos os comércios, porque faz muito que estudamos Paris... Os Mongenod nos ajudam; são guias para nós, e é por eles que sabemos que o Banco de França tem o comércio de livros com bastante suspeição, embora seja um dos mais belos negócios, malfeito, porém... Quanto aos quatro mil francos necessários para salvar essa nobre família dos horrores da indigência, pois é preciso que aquele pobre menino e o avô se alimentem e possam vestir-se convenientemente, eu vou dar-lhos... Há sofrimentos, misérias, chagas que aliviamos

imediatamente, sem hesitação, sem procurar saber quem socorremos: religião, honra, caráter, tudo é indiferente; mas quando se trata de emprestar o dinheiro aos pobres para auxiliar a desdita sob a forma atuante da indústria, do comércio... Oh! então buscamos garantias com a rigidez dos usurários! Assim é que, quanto ao mais, limite seu entusiasmo a encontrar para esse velho o mais honesto livreiro possível. Isso é com o sr. Nicolau. Ele conhece advogados, professores, autores de livros de direito; e, no próximo domingo, ele terá com certeza algum bom conselho a dar-lhe... Fique tranquilo; se for possível, essa dificuldade será resolvida. Entretanto, seria talvez bom que o sr. Nicolau lesse a obra desse magistrado... Se puder, consiga-a emprestada...

Godofredo estava estupefato ante o bom-senso daquela mulher, a quem julgava unicamente animada pelo espírito de caridade. O iniciado dobrou o joelho, beijou uma das belas mãos da sra. de la Chanterie, dizendo-lhe:

— A senhora é também a razão?

— Nas nossas atividades precisamos ser tudo — replicou ela com a suave alegria peculiar às verdadeiras santas.

Houve um momento de silêncio que Godofredo interrompeu exclamando:

— Dois mil devedores, foi o que a senhora disse? Duas mil contas! — repetiu ele. — Mas isso é fantástico!

— Oh! Duas mil contas e que podem dar lugar — respondeu ela — a restituições baseadas, como acabo de dizer-lhe, na delicadeza dos nossos beneficiados; pois temos seguramente três mil outras famílias que não nos restituirão nunca mais do que ações de graças! Por isso, repito-lhe, sentimos a necessidade de ter livros. E se o senhor for de uma discrição a toda prova, será o nosso oráculo financeiro. Somos obrigados a ter um diário, um livro-razão, um livro de contas-correntes e um livro-caixa. É verdade que temos anotações, mas perdemos tempo demais em procurá-las... Aí estão esses senhores — disse ela.

Godofredo, grave e pensativo, pouco interveio a princípio na conversação; estava atônito pela revelação que a sra. de la Chanterie acabava de fazer-lhe num tom que provava que ela queria recompensá-lo por seu ardor.

“Duas mil famílias favorecidas!”, dizia de si para si, “quer dizer que, se elas nos custam tanto quanto nos vai custar o sr. Bernardo, temos então vários milhões espalhados por Paris?”

Esse sentimento foi um dos últimos movimentos do espírito mundano, que, insensivelmente, se ia extinguindo em Godofredo. Refletindo, compreendeu que as fortunas reunidas da sra. de la Chanterie, dos srs. Alain, Nicolau e José, e a do juiz Popinot, os donativos recolhidos pelo padre de Vèze e os auxílios emprestados pela Casa Mongenod deviam ter produzido um capital considerável; e que,

em doze ou quinze anos, esse capital, aumentado pelos beneficiados que se mostravam gratos, devia aumentar ao modo de uma bola de neve, porquanto aquelas caridosas pessoas dele nada tiravam. A pouco e pouco via claro naquela obra imensa, e com isso avolumou-se seu desejo de cooperar nela.

Quis, por volta das nove horas, voltar a pé ao Boulevard du Montparnasse; mas a sra. de la Chanterie, temendo a solidão do bairro, obrigou-o a tomar um cabriolé. Ao descer do carro, conquanto os postigos das janelas estivessem tão cuidadosamente fechados que por eles não passava um filete de luz, Godofredo ouviu os sons do instrumento, e, quando chegou ao patamar, Augusto, que certamente o estava esperando, entreabriu a porta do apartamento e disse-lhe:

— Mamãe teria muita vontade de vê-lo, e meu avô oferece-lhe uma xícara de chá.

X — ÊXITO DE GODOFREDO

Ao entrar, Godofredo encontrou a doente transfigurada pelo prazer de tocar música; o rosto resplandecia e os olhos brilhavam como dois diamantes.

— Eu o deveria ter esperado para dar-lhe os primeiros acordes; mas atirei-me sobre este pequeno órgão como um faminto sobre um festim. O senhor tem uma alma capaz de compreender-me, assim é que estou perdoada.

E Vanda fez um sinal ao filho, que veio colocar-se de modo a calcar o pedal que leva o ar ao fole interior do instrumento; e, de olhos postos no céu, como Santa Cecília, a doente, cujos dedos haviam readquirido momentaneamente força e agilidade, repetiu algumas variações sobre a Prece de Moisés,^[116] que seu filho fora comprar-lhe, e que ela compusera em algumas horas. Godofredo reconheceu nela um talento idêntico ao de Chopin. Era uma alma que se manifestava por sons divinos nos quais dominava uma doçura melancólica. O sr. Bernardo saudara Godofredo com um olhar em que se evidenciava um sentimento inexpresso havia muito. Se as lágrimas não estivessem para sempre estancadas naquele velho consumido por tantas dores cruciantes, aquele olhar teria sido úmido.

O sr. Bernardo brincava com a caixinha de rapé, enquanto contemplava a filha num êxtase indizível.

— Amanhã, senhora — disse Godofredo, quando a música cessou —, sua sorte estará fixada, pois trago-lhe uma boa notícia. O célebre Halpersohn virá às três horas. E ele me prometeu — acrescentou ao ouvido do sr. Bernardo — dizer-me a verdade.

O ancião levantou-se, pegou Godofredo pela mão e levou-o para um canto do quarto, do lado da chaminé. Tremia.

— Ah! Que noite vou passar! É uma sentença definitiva! — disse-lhe ao ouvido. — Minha filha será curada ou condenada!

— Coragem — aconselhou Godofredo — e, depois do chá — disse ele —, venha ao meu quarto.

— Chega, chega, minha filha — disse o velho —, vais provocar uma crise. A esse dispêndio de forças sucederá o abatimento.

Fez Augusto tirar o instrumento e apresentou a xícara de chá destinada à filha com todo o mimo de uma ama que quer prevenir a impaciência de uma criancinha.

— Como é esse médico? — perguntou ela, já distraída pela perspectiva de ver uma nova pessoa.

Vanda, como todos os prisioneiros, vivia cheia de curiosidade. Quando os outros fenômenos físicos de sua doença cessavam, pareciam refletir-se no moral, e então vinham-lhe caprichos estranhos, fantasias violentas. Queria ver Rossini; chorava porque seu pai, que ela acreditava ser todo-poderoso, recusava trazê-lo.

Godofredo fez uma descrição minuciosa do médico judeu e de seu gabinete, porque ela ignorava as tentativas do pai. O sr. Bernardo recomendara silêncio ao neto a respeito das suas visitas a Halpersohn, de tanto que temia despertar na filha esperanças que não se realizassem. Vanda ficava como que presa às palavras que saíam da boca de Godofredo; estava encantada, e caiu numa espécie de loucura, de tal forma era ardente seu desejo de ver aquele estranho polonês.

— A Polônia tem fornecido com frequência seres singulares e misteriosos como esse — disse o antigo magistrado. — Hoje, por exemplo, além desse médico, nós temos Hoëné Wronski, o matemático iluminado, o poeta Mickiewicz, Towianski, o inspirado, Chopin, o talento sobrenatural.^[17] As grandes comoções nacionais produzem sempre espécies de gigantes truncados.

— Oh! Querido papai, que homem é o senhor! Se escrevesse tudo o que nós lhe ouvimos dizer somente para me divertir, o senhor faria uma fortuna... Porque, imagine, sr. Godofredo, que o meu velho pai inventa para mim histórias admiráveis, quando não tenho mais romances para ler, e me adormece desse modo. A voz dele me embala e muitas vezes ele acalma minhas dores com o seu espírito. Quem poderá jamais recompensá-lo!... Augusto, meu filho, devias beijar por mim as pegadas de teu avô.

O rapaz voltou para a mãe seus belos olhos úmidos, e esse olhar, do qual transbordava uma compaixão muito tempo comprimida, foi todo um poema. Godofredo levantou-se, pegou a mão de Augusto e apertou-a.

— Deus pôs dois anjos junto da senhora! — exclamou.

— Sim, bem sei. Por isso censuro-me muitas vezes de os contrariar. Vem, querido Augusto, beija tua mãe... É um filho, senhor, de quem se

orgulhariam todas as mães. É puro como ouro, é franco, é uma alma sem pecado; mas uma alma um pouco apaixonada demais, como a de sua pobre mãe. Deus pregou-me sem dúvida no leito para preservar-me das tolices que as mulheres cometem... as que têm demasiado coração — acrescentou sorrindo.

Godofredo respondeu com um sorriso e uma saudação.

— Adeus, senhor, e sobretudo agradeça ao seu amigo, pois ele fez a felicidade de uma pobre inválida.

— Senhor — disse Godofredo, quando se viu em seu quarto a sós com o sr. Bernardo, que o acompanhara —; creio poder assegurar-lhe que o senhor não será roubado por esse trio de gente honrada. Terei a quantia necessária, mas será preciso confiar-me o seu acordo relativo à retrovenda. Para fazer mais pelo senhor, o senhor deveria dar sua obra a ler; não a mim, pois não tenho conhecimentos suficientes para julgá-la, mas a um antigo magistrado de uma integridade perfeita, que se encarregará, segundo o mérito da obra, de achar uma casa séria com a qual o senhor tratará equitativamente. Não insisto nisso. Entretanto, aqui estão quinhentos francos — acrescentou, apresentando uma cédula bancária ao antigo magistrado estupefato — para suprir as suas necessidades mais urgentes. Não lhe peço recibo, seu único compromisso será com a sua consciência, e sua consciência não deverá falar senão no caso em que o senhor readquira certa abastança. Encarrego-me de pagar Halpersohn.

— Quem é afinal o senhor? — perguntou o ancião, que se deixou cair numa cadeira.

— Eu — respondeu Godofredo — nada sou; mas sirvo pessoas poderosas das quais suas dificuldades são agora conhecidas, e que se interessam pelo senhor. Não me pergunte mais.

— Mas qual é o móvel dessa gente? — perguntou o velho.

— A religião, senhor.

— Será possível?... A religião?

— Sim, a religião católica, apostólica, romana.

— E o senhor pertence à ordem de Jesus?

— Não, senhor — respondeu Godofredo. — Não se preocupe; essas pessoas nada pretendem do senhor, querem apenas auxiliá-lo e restituir a felicidade à sua família.

— Será, então, que a filantropia se está tornando outra coisa mais do que ostentação?

— Vamos, senhor — disse vivamente Godofredo —, não desonre a santa caridade católica, a virtude definida por São Paulo!...

O sr. Bernardo, ao ouvir essa resposta, pôs-se a caminhar a largos passos pelo quarto.

— Aceito — disse ele, de repente —, e não tenho senão um modo de agradecer-lhe, é o de lhe confiar minha obra. As notas, as citações são

inúteis para um antigo magistrado; e tenho ainda dois meses de trabalho para copiar minhas citações, como já lhe disse... Até amanhã — acrescentou, dando um aperto de mão em Godofredo.

— Terei feito uma conversão — perguntou-se Godofredo, impressionado com a nova expressão que tomara a fisionomia daquele grande ancião, em sua última resposta.

XI — A VISITA DE HALPERSOHN

No dia seguinte, às três horas, um cabriolé de praça parou em frente à casa, e Godofredo viu Halpersohn sair dele, enterrado numa imensa peliça de urso. Durante a noite o frio redobrou, marcando o termômetro dez graus.

O médico judeu examinou curiosamente, embora de modo disfarçado, o quarto em que seu cliente da véspera o recebia, e Godofredo percebeu uma sombra de suspeita que irradiou dos olhos do médico, como a ponta de um punhal. Esse rápido cintilar de uma suspeita fez Godofredo sentir um frio interior, e pensar que aquele homem devia ser implacável nos negócios; e é tão natural imaginar o gênio unido à bondade, que ele teve uma nova sensação de contrariedade.

— Senhor — disse-lhe —, vejo que a simplicidade do meu apartamento o inquieta; por isso, não se admirará do meu modo de agir. Aqui estão os seus duzentos francos e aqui estão três notas de mil francos — acrescentou, tirando da carteira as notas que a sra. de la Chanterie lhe entregara para desempenhar a obra do sr. Bernardo —; mas, no caso de o senhor ter dúvidas quanto à minha solvabilidade, eu lhe oferecerei, como garantia da execução das nossas convenções, os srs. Mongenod, banqueiros, na Rue de la Victoire.

— Conheço-os — respondeu Halpersohn, guardando as dez moedas de ouro no bolso.

“Ele irá vê-los”, pensou Godofredo.

— E onde mora a doente? — perguntou o médico, levantando-se como um homem que conhece o valor do tempo.

— Venha por aqui, senhor — disse Godofredo, passando na frente para mostrar o caminho.

O judeu examinou com olhar desconfiado e sagaz os lugares por onde passava, pois tinha o golpe de vista de um espião; assim, viu perfeitamente os horrores da indigência pela porta da peça onde dormiam o magistrado e seu neto; por infelicidade, o sr. Bernardo tinha ido buscar o vestuário com que se apresentava nos aposentos da filha, e, na sua pressa para abrir a porta, fechou mal a do seu canil. Saudou nobremente Halpersohn, e abriu cautelosamente o quarto da filha.

— Vanda, minha filha, aqui está o médico — disse ele.

E recuou para dar passagem a Halpersohn, o qual conservava a sua peliça. O judeu ficou surpreso com o contraste daquela peça, a qual, naquele bairro, naquela casa, sobretudo, era uma anomalia; mas a admiração de Halpersohn durou pouco, pois vira muitas vezes, entre judeus da Alemanha e da Rússia, semelhantes oposições entre uma excessiva miséria aparente e riquezas ocultas. Ao ir da porta à cama de doente, não cessou de a olhar e, chegando à sua cabeceira, disse-lhe em polonês:

— É polonesa?

— Eu não, mas minha mãe.

— Com quem casou seu avô, o general Tarlowski?

— Com uma polonesa.

— De que província?

— Uma Sobolewska de Pinsk.

— Bem... Este senhor é seu pai?

— Sim, senhor.

— Senhor — perguntou ele ao sr. Bernardo —, a senhora sua esposa...

— Morreu — respondeu o sr. Bernardo.

— Era muito branca? — indagou Halpersohn, com um leve gesto de impaciência por ter sido interrompido.

— Aqui está o retrato dela — disse o sr. Bernardo indo dependurar um quadro magnífico no qual havia várias belas miniaturas. Halpersohn apalpava a cabeça e alisava a cabeleira da doente, ao mesmo tempo que olhava o retrato de Vanda Tarlowska, filha de uma condessa Sobolewska.

— Relate-me as desordens causadas pela doença.

E ele enterrou-se na poltrona, fitando Vanda fixamente durante os vinte minutos que durou a narrativa alternada do pai e da filha.

— Que idade tem a senhora?

— Trinta e oito anos.

— Ah! Bem — exclamou ele, levantando-se —, respondo pela cura. Não garanto restituir-lhe o uso das pernas, mas o que é ficar curada, isso ela ficará. Somente será preciso interná-la numa casa de saúde do meu bairro.

— Mas, senhor, minha filha não é transportável.

— Respondo por ela — disse Halpersohn sentenciosamente —; mas respondo por sua filha só nestas condições... É preciso que saiba que ela vai trocar sua doença atual por outra doença espantosa, e que durará talvez um ano ou, quando menos, seis meses... O senhor poderá ir vê-la, visto que é seu pai.

— Tem certeza? — perguntou o sr. Bernardo.

— Certeza! — repetiu o judeu. — Esta senhora tem no corpo um princípio, um humor nacional, que é preciso tirar-lhe. Quando vier, o

senhor a levará à Rue Basse-Saint-Pierre, em Chaillot, à casa de saúde do dr. Halpersohn.

— Mas como?

— Numa padiola, como são transportados todos os doentes para os hospitais.

— Mas o trajeto a matará...

— Não.

E Halpersohn, ao dizer esse *não* seco, já estava na porta, onde Godofredo o alcançou na escada. O judeu, que estava sufocado pelo calor, disse-lhe ao ouvido:

— Além dos mil escudos, serão quinze francos por dia; pagam-se três meses adiantados.

— Bem, senhor. E — perguntou Godofredo, subindo ao estribo do cabriolé, no qual se atirara o doutor — o senhor garante a cura?

— Garanto — replicou o polonês. — O senhor ama essa senhora?

— Não — disse Godofredo.

— Não repetirá o que lhe vou confiar, porque só o digo para provar-lhe que tenho certeza da cura, e, se o senhor cometesse uma indiscrição, mataria essa senhora...

Godofredo respondeu-lhe com um único gesto.

— Ela é, faz dezessete anos, vítima do princípio da plica polonesa (*Plica polonica*), responsável por todos esses estragos; já vi casos mais terríveis. Ora, hoje, somente eu sei o modo de fazer sair a plica de modo a poder curá-la, pois nem sempre se fica curado. O senhor vê que sou muito desinteressado. Se essa senhora fosse uma grande dama, uma baronesa de Nucingen ou outra qualquer mulher ou filha dos Cresos modernos, essa cura ser-me-ia paga por cem ou duzentos mil francos, enfim, por tudo o que eu pedisse!... Mas é uma pequena infelicidade.

— E o trajeto?

— Ora! Parecerá que ela vai morrer, mas não morrerá!... Tem vida para cem anos, uma vez curada. Vamos, Jacques!... Depressa, Rue Monsieur... Depressa!... — disse ele ao cocheiro.

E deixou Godofredo no bulevar, onde o iniciado ficou apatetado vendo o cabriolé afastar-se.

— Que será afinal esse sujeito esquisito vestido de pele de urso? — perguntou a tia Vauthier, a quem nada escapava. — Será verdade o que me disse o cocheiro do cabriolé; que é o mais famoso médico de Paris?

— E que tem a senhora que ver com isso, tia Vauthier?

— Ah! Nada! — respondeu ela fazendo uma careta.

— A senhora fez mal em não se pôr do meu lado — disse Godofredo, voltando a passo lento para a casa —; teria ganho mais do que com os srs. Barbet e Métivier, que não lhe darão nada.

— E quem disse que eu sou por aqueles senhores? — replicou ela, dando de ombros. — O sr. Barbet é meu proprietário, e nada mais.

Foram precisos dois dias para decidir o sr. Bernardo a separar-se da filha e transportá-la a Chaillot. Godofredo e o antigo magistrado fizeram o percurso cada um de um lado da padiola, coberta com um pano de linho com raias brancas e azuis, na qual ia a querida doente, quase amarrada ao colchão, tanto o pai receava os sobressaltos de um ataque de nervos. Enfim, tendo saído às três horas, a comitiva chegou à casa de saúde cerca das cinco, ao entardecer. Godofredo pagou, mediante recibo, o trimestre exigido; depois, quando desceu para dar a gorjeta aos dois carregadores, foi alcançado pelo sr. Bernardo, o qual tirou de baixo do colchão um pacote lacrado, muito volumoso, e o estendeu a Godofredo.

— Um desses homens vai buscar-lhe um cabriolé — disse o ancião —, pois o senhor não poderia carregar muito tempo esses quatro volumes. Aqui está a minha obra, entregue-a ao meu censor; confio-lha por toda esta semana. Vou ficar pelo menos oito dias por aqui, pois não quero deixar minha filha assim ao abandono. Conheço meu neto, ele pode tomar conta da casa, principalmente se auxiliado pelo senhor; de resto, eu lho recomendo. Se ainda fosse o que fui, eu lhe pediria o nome do meu crítico, desse antigo magistrado, pois são poucos os que não conheço...

— Oh! Isso não é segredo — disse Godofredo, interrompendo-o. — Uma vez que o senhor tem em mim essa confiança plena, posso dizer-lhe que o seu censor é o antigo presidente Lecamus de Tresnes.

— Oh! Da Corte real de Paris! Vá!... Vá! É um dos mais belos caracteres destes tempos... Ele e o falecido Popinot, juiz do tribunal de primeira instância, foram magistrados dignos dos mais belos dias dos antigos parlamentos. Todos os meus temores, se é que os tivesse conservado, estariam dissipados... E onde mora ele? Eu quisera ir agradecer-lhe o trabalho que vai ter.

— O senhor o encontrará na Rue Chanoinesse, sob o nome de sr. Nicolau... Vou para lá em seguida. E seu termo de compromisso com os seus velhacos?

— Augusto o entregará ao senhor — disse o ancião, que voltou para o pátio da casa de saúde.

Um cabriolé, achado no Quai de Billy e trazido por um dos carregadores, chegava nesse momento; Godofredo tomou-o e estimulou o cocheiro com a promessa de uma bela gorjeta se chegasse a tempo à Rue Chanoinesse, pois queria jantar lá.

Uma meia hora depois da partida de Vanda, três homens vestidos de preto, que a viúva Vauthier introduziu pela Rue Notre-Dame-des-Champs, onde sem dúvida esperavam o momento favorável, subiram a escada, acompanhados por aquele Judas feminino e bateram

suavemente à porta do apartamento do sr. Bernardo. Como esse dia era justamente quinta-feira, o colegial pudera ficar tomando conta da casa. Ele abriu e os três homens deslizaram como sombras na primeira peça.

— Que querem, senhores? — perguntou o rapaz.

— É aqui, mesmo, a casa do sr. Bernardo... isto é, do senhor barão?

— Mas, o que querem?

— Ah! O senhor o sabe perfeitamente, jovem, pois nos disseram que seu avô acaba de partir com uma padiola coberta... Isso não nos admira! Ele está no seu direito. Sou oficial de justiça, venho sequestrar tudo aqui... Segunda-feira, os senhores foram intimados a pagar três mil francos, e mais as custas, ao sr. Métivier, sob pena de prisão por dívida que nós requeremos; e, como um antigo vendedor de cebolas sabe o que são cebolinhas, o devedor evadiu-se para evitar Clichy. Mas, se não o temos, teremos algumas lascas de seu rico mobiliário, porque sabemos de tudo, jovem, e vamos autuar.

— Aqui estão papéis selados que seu avô nunca quis receber — disse então a viúva Vauthier, metendo nas mãos de Augusto três intimações.

— Fique, senhora, nós vamos constituí-la depositária judicial. A lei concede-lhe dois francos por dia, o que não é de desdenhar.

— Ah! Verei agora o que existe no lindo quarto! — exclamou a viúva Vauthier.

— Não entrarão no quarto de minha mãe! — exclamou com voz formidável o rapaz, interpondo-se entre a porta e os três homens de preto.

— Nada de rebeldias, jovem! Não é o senhor quem manda aqui; nós autuaríamos e o senhor iria dormir na Prefeitura.

Ao ouvir aquelas terríveis palavras, Augusto desatou a chorar:

— Ah! Que sorte — dizia ele — que mamãe tenha partido! Isto a mataria.

Estabeleceu-se uma espécie de conferência entre o oficial de justiça, seus auxiliares e a viúva Vauthier. Augusto compreendeu, conquanto eles falassem em voz baixa, que queriam sobretudo apreender os manuscritos do avô, e abriu então a porta do quarto.

— Entrem, senhores, e não estraguem nada — disse. — Serão pagos amanhã de manhã.

Em seguida foi chorando para o tugúrio, onde, pegando as notas do avô, as atirou no aquecedor, que sabia não estar aceso.

Esse ato foi executado com tanta rapidez que o meirinho, tipo esperto e ardiloso, digno dos seus clientes Barbet e Métivier, quando se precipitou no tugúrio, depois de ter percebido que os manuscritos não estavam na antecâmara, encontrou o rapaz chorando, numa cadeira. Embora não se possam sequestrar livros nem manuscritos, a retrovenda assinada pelo antigo magistrado teria justificado esse modo de proceder. Mas era fácil opor meios delatórios àquela apreensão, coisa

que o sr. Bernardo não teria deixado de fazer. Daí a necessidade de agir capciosamente. Por isso, a viúva Vauthier servira maravilhosamente bem seu proprietário, não entregando as citações aos locatários; tinha a intenção de atirá-las no apartamento ao entrar atrás dos homens da Justiça, ou, em caso de necessidade, dizer ao sr. Bernardo que ela julgava aqueles atos feitos contra os dois autores, ausentes já havia dois dias.

O auto de apreensão levou mais ou menos uma hora; o meirinho não omitiu nada e considerou o valor dos objetos apreendidos como suficiente para pagar a dívida. Logo que ele se retirou, o pobre rapaz pegou as intimações e apressou-se em ir falar com o avô, na casa de saúde; porque o meirinho lhe dissera que, sob graves penas, a Vauthier se tornava responsável pelos objetos apreendidos. Pôde, pois, sair de casa sem nada ter a temer.

A ideia de saber o avô levado para a prisão por dívidas deixou o pobre moço literalmente louco, mas louco como o são os moços, isto é, presa de uma dessas exaltações perigosas e funestas nas quais todas as forças da mocidade fermentam ao mesmo tempo e podem fazer praticar más ações, do mesmo modo que atos de heroísmo. Quando o pobre Augusto chegou à Rue Basse-Saint-Pierre o porteiro disse-lhe que ignorava o que fora feito do pai da doente trazida às cinco horas, mas que a ordem do dr. Halpersohn era de não deixar entrar ninguém, nem mesmo o pai, para ver aquela senhora, naqueles oito dias, sob pena de pôr a vida dela em perigo. Essa resposta acabou de levar ao auge a exasperação de Augusto.

Retomou o caminho do Boulevard Montparnasse andando no seu desespero, e imaginando os mais extravagantes projetos. Chegou cerca das oito horas e meia da noite, quase em jejum, e de tal forma esgotado pela fome e pela dor, que atendeu à viúva Vauthier, quando esta lhe propôs partilhar sua ceia, que consistia num ensopado de carneiro com batatas. O pobre menino caiu numa cadeira, quase morto, em casa daquela atroz mulher. Encorajado pela lábia e pelas palavras melífluas daquela velha, respondeu a algumas perguntas habilmente feitas sobre Godofredo, e deu a entender que era o locatário quem, no dia seguinte, ia pagar as dívidas do avô, pois a ele deviam as mudanças felizes sobrevindas na situação da família, fazia uma semana. A viúva ouvia aquelas declarações com ar dubitativo, obrigando Augusto a beber alguns copos de vinho.

Cerca das dez horas, ouviram o rodar de um cabriolé que parou em frente à casa, e a viúva exclamou:

— Oh! É o sr. Godofredo.

Imediatamente Augusto pegou a chave do apartamento e subiu para encontrar-se com o protetor de sua família; mas achou o semblante de Godofredo de tal modo transformado, que hesitava falar-lhe, quando o

perigo do avô decidiu aquele generoso menino.

Eis o que se passara na Rue Chanoinesse e a causa da severidade espalhada pela fisionomia de Godofredo.

XIII — QUEM ERA O SR. BERNARDO

Tendo chegado a tempo, o neófito encontrara a sra. de la Chanterie e seus fiéis no salão, e chamara à parte o sr. Nicolau, para lhe entregar os quatro volumes do *Espírito das leis modernas*. O sr. Nicolau levou imediatamente aquele embrulho lacrado para o quarto e desceu para jantar; e, depois de ter conversado durante a primeira parte do serão, subiu com a intenção de começar a leitura da obra.

Godofredo ficou muito admirado quando, momentos depois do desaparecimento do sr. Nicolau, foi convidado por Manon, de parte do antigo presidente, para falar-lhe. Subiu ao aposento do sr. Nicolau, guiado por Manon, e não pôde prestar nenhuma atenção ao interior daquele apartamento, de tal forma o impressionou o semblante transtornado daquele homem tão plácido e rijo.

— Sabia o senhor o nome do autor desta obra? — perguntou o sr. Nicolau, voltando a ser presidente.

— Sr. Bernardo — respondeu Godofredo —, conheço-o somente por esse nome. Não abri o pacote.

— Ah! É verdade, fui eu mesmo que o abri. Não procurou conhecer os antecedentes desse senhor?

— Não. Sei que desposou por amor a filha do general Tarlowski; que a filha dele tem o mesmo nome da mãe, Vanda; que o neto se chama Augusto; e o retrato que vi do sr. Bernardo é, creio eu, o de um presidente de Corte real, de toga vermelha.

— Olhe, leia — disse o sr. Nicolau, que mostrou o título da obra escrito em caracteres devidos à caligrafia de Augusto, e assim dispostos:

ESPÍRITO DAS LEIS MODERNAS

por Bernardo João Maclod,

BARÃO BOURLAC,

*Antigo procurador-geral junto à Corte real de Rouen,
grande oficial da Legião de Honra*

— Ah! O algoz da sra. de la Chanterie, da filha dela, do cavaleiro du Vissard! — disse Godofredo com voz fraca.

E as pernas se lhe afrouxaram, indo o neófito cair numa poltrona.

— Bonita estreia — disse ele, num murmúrio.

— Isto, meu caro Godofredo — replicou o sr. Nicolau —, é um assunto que nos diz respeito a todos: você fez o que lhe competia fazer, o resto nos toca a nós! Peço-lhe, não faça mais nada neste caso; vá

buscar o que possa ter deixado lá! Nem uma palavra!... Enfim, uma discrição absoluta! E diga ao barão Bourlac que se dirija a mim. Daqui até lá nós nos teremos decidido como nos convém agir nestas circunstâncias.

Godofredo desceu, saiu, tomou um cabriolé e chegou rapidamente ao Boulevard de Montparnasse, horrorizado pela lembrança do requisitório do tribunal de Caen, do sangrento drama terminado no cadafalso e da estada da sra. de la Chanterie em Bicêtre. Compreendeu o abandono em que terminava seus dias esse antigo magistrado, procurador-geral, assimilado quase a Fouquier-Tinville,^[118] e os motivos do seu incógnito tão cuidadosamente guardado.

— Possa o sr. Nicolau vingar terrivelmente essa pobre sra. de la Chanterie! — Terminava intimamente esse voto pouco católico, quando viu Augusto.

— Que me quer? — perguntou Godofredo.

— Meu bom senhor, acaba de suceder-nos uma desgraça que me deixa louco! Vieram celerados sequestrar tudo nos aposentos de minha mãe e estão procurando meu avô para prendê-lo. Mas não é por causa dessas desgraças que o imploro — disse o rapaz com altivez romana —, é para pedir-lhe que me preste um serviço que se presta a um condenado à morte.

— Fale — disse Godofredo.

— Vieram para apoderar-se dos manuscritos de meu avô; e, como creio que ele lhe entregou a obra, venho pedir-lhe que leve as notas, porque a porteira não me permitirá levar nada daqui... Junte-as aos volumes, e...

— Está bem — respondeu Godofredo —, vá buscá-las depressa.

Enquanto o rapaz entrava no seu apartamento para voltar logo depois, Godofredo pensou que aquele menino não era culpado de nenhum crime, e que não o devia desesperar falando-lhe do avô, do abandono que punia aquela triste velhice dos furores da vida política, e pegou no pacote com certa boa vontade.

— Qual é o nome de sua mãe? — perguntou.

— Minha mãe, senhor, é a baronesa de Mergi; meu pai era filho do primeiro presidente da Corte real de Rouen.

— Ah! — disse Godofredo. — Seu avô casou a filha com o filho do famoso presidente Mergi?

— Sim, senhor.

— Deixe-me, meu amiguinho — disse Godofredo.

Conduziu o jovem barão de Mergi até o patamar e chamou a viúva Vauthier.

— Tia Vauthier — disse-lhe —, pode dispor do meu apartamento, nunca mais voltarei aqui.

E desceu para tomar o carro.

— Entregou alguma coisa àquele senhor? — perguntou a viúva Vauthier a Augusto.

— Sim — disse o rapaz.

— Boa coisa fez! É um agente dos seus inimigos! Foi ele que dirigiu tudo, com certeza. A prova de que a coisa está feita é que ele nunca mais voltará aqui... Disse-me que eu podia alugar o apartamento dele.

Augusto precipitou-se para o bulevar, correu atrás do cabriolé e acabou fazendo-o parar, de tal forma gritava.

— Que quer? — perguntou Godofredo.

— Os manuscritos do meu avô!

— Diga-lhe que os reclame ao sr. Nicolau.

O rapaz tomou aquelas palavras pelo atroz motejo de um ladrão que não tem resquício de vergonha, e sentou-se na neve ao ver o cabriolé reiniciar o seu caminho a trote largo. Levantou-se num acesso de selvagem energia, foi deitar-se, acabrunhado pelo cansaço de suas rápidas caminhadas e com o coração despedaçado.

XIV — UM EMPRÉSTIMO FORÇADO

No dia seguinte, de manhã, Augusto de Mergi acordou sozinho naquele apartamento, habitado na véspera por sua mãe e seu avô, e foi dominado pelas emoções penosas de sua situação, na qual tornou a encontrar-se plenamente. A profunda solidão de um apartamento, antes tão cheio, em que cada momento trazia um dever, uma ocupação, fez-lhe tanto mal, que desceu para perguntar à tia Vauthier se seu avô viera durante a noite ou de madrugada; pois acordara muito tarde, e supunha que, no caso de o barão Bourlac ter voltado, a porteira o teria informado das pesquisas. A porteira respondeu, com riso sarcástico, que ele bem sabia onde se achava o avô e que, se não voltara naquela manhã, é que estaria morando no castelo de Clichy. Esse motejo de uma mulher que, na véspera, tanto o tinha animado restituiu ao pobre rapaz todo o seu frenesi, e ele correu à casa de saúde da Rue Basse-Saint-Pierre, tomado pelo desespero de supor o avô na prisão.

O barão Bourlac vagara toda a noite em torno da casa de saúde, cuja entrada lhe fora vedada, e em torno da casa do dr. Halpersohn, ao qual, naturalmente, queria pedir explicações por semelhante procedimento. O médico só voltara para a casa às duas horas da madrugada. O ancião, que à uma hora e meia estivera na porta do doutor, tornara a ir passear pela grande Avenue des Champs-Élysées; quando voltou, às duas e meia, o porteiro informou-o de que o dr. Halpersohn voltara e estava deitado, que dormia e que não podia despertá-lo.

Achando-se às duas horas e meia da madrugada naquele bairro, o pobre pai, desesperado, vagou pelo cais, sob as árvores, carregadas de geada, das aleias laterais do Cours-la-Reine,^[119] e esperou o dia. Às nove

horas da manhã, apresentou-se em casa do médico, e perguntou-lhe por que motivo mantinha-lhe a filha em cárcere privado.

— Senhor — replicou o doutor —, ontem, responsabilizei-me pela saúde de sua filha; mas, neste momento, sou responsável por sua vida, e deve compreender que devo ser soberano em semelhante caso. Saiba que sua filha tomou ontem um remédio que deve dar-lhe a plica polonesa,^[120] e que, enquanto essa horrível doença não tiver desaparecido, sua filha não será visível. Não quero que uma emoção viva, um erro de regime, me roubem minha doente, e lhe roubem, ao senhor, sua filha; se a quer ver a todo custo, pedirei uma conferência com três médicos, a fim de pôr a salvo a minha responsabilidade, pois a doente poderia morrer!

O ancião, acabrunhado pelo cansaço, caiu numa cadeira. Levantou-se, porém, em seguida, dizendo:

— Perdoe-me, senhor... Passei a noite a esperá-lo por entre angústias horrorosas; porque o senhor não imagina a que ponto quero bem a minha filha, a quem conservo, faz quinze anos, entre a vida e a morte, e esses oito dias de espera são um suplício para mim.

O barão saiu do gabinete de Halpersohn cambaleando como um homem embriagado. Cerca de uma hora depois da saída do velho, ao qual o médico judeu conduzira, sustentando-o pelo braço, até a escada, ele viu entrar Augusto de Mergi. Interrogando a porteira da casa de saúde, o pobre rapaz acabava de saber que o pai da dama trazida na véspera tinha voltado à noite, que perguntara por ela, e falara de ir pela manhã à casa do dr. Halpersohn e que lá sem dúvida lhe dariam notícias. No momento em que Augusto de Mergi se apresentou no gabinete de Halpersohn, o doutor estava tomando uma xícara de chocolate, acompanhada de um copo de água, tudo servido sobre uma pequena mesa de pé de galo; não se moveu para receber o rapaz e continuou a molhar sua fatia de pão no chocolate; porque não comia outra coisa além de um pãozinho cortado em quatro fatias com uma precisão que provava uma certa habilidade de operador. Halpersohn tinha, efetivamente, praticado cirurgia nas suas viagens.

— E então, jovem — disse ele ao ver entrar o filho de Vanda —, vem também pedir-me contas a respeito de sua mãe?

— Sim, senhor — respondeu Augusto de Mergi.

Augusto adiantara-se até a mesa, onde brilharam desde logo, a seus olhos, várias cédulas bancárias por entre pilhas de moedas de ouro. Nas circunstâncias em que se achava aquele infeliz garoto, a tentação foi mais forte do que seus princípios, por mais sólidos que fossem. Viu o meio de salvar o avô e o fruto de vinte anos de trabalho ameaçado por especuladores ávidos. Sucumbiu. Essa fascinação foi rápida como o pensamento e justificada por uma ideia de devotamento que lhe sorriu. A si mesmo disse: “Perco-me, mas salvo minha mãe e meu avô!”.

Nesse corpo a corpo de sua razão em luta contra o crime adquiriu, como os loucos, uma habilidade singular e passageira: porque, em vez de pedir notícias do avô, abraçou o parecer do médico. Halpersohn, como todos os grandes observadores, adivinhara retrospectivamente a vida do ancião, daquele menino e da mãe. Pressentiu ou entreviu a realidade, que a loquacidade da baronesa de Mergi lhe havia desvendado, e resultou daí, nele, como que uma espécie de benevolência para com os seus novos clientes; porquanto era incapaz de ter respeito ou admiração.

— Pois bem, meu rapaz — respondeu ele familiarmente ao jovem barão —, guardo-lhe sua mãe e lha restituirei jovem, bela e gozando de boa saúde. É uma dessas doentes raras pelas quais os médicos se interessam; de resto ela é, pelo lado materno, uma compatriota minha. Você e seu avô precisam ter a coragem de ficar duas semanas sem ver a senhora...

— A baronesa de Mergi...

— Se ela é baronesa, o senhor é barão? — perguntou Halpersohn.

Nesse momento, o roubo estava feito. Enquanto o médico olhava a sua fatia de pão embebida de chocolate, Augusto se apoderara de quatro notas de mil francos dobradas e as pusera no bolso da calça, com o ar de quem metesse a mão no bolso para dar-se uma atitude.

— Sim, senhor, sou barão. Meu avô também é barão; foi procurador-geral durante a Restauração.

— Você enrubesce, rapaz... não se deve corar por ser pobre e barão; é uma coisa comum.

— Quem lhe disse, senhor, que nós somos pobres?

— Mas seu avô, que me disse ter passado a noite nos Champs-Élysées; e, embora eu não conheça palácio que tenha mais bela abóbada do que aquela que brilhava às duas horas da madrugada, asseguro-lhe que fazia frio no palácio onde seu avô passeava. Não é por gosto que se escolhe o hotel da Bela Estrela.^[121]

— Meu avô saiu daqui? — replicou Augusto, que aproveitou a oportunidade para fazer uma retirada. — Agradeço-lhe, senhor, e virei, se o permitir, saber notícias de minha mãe.

Logo após ter saído, o jovem foi à casa do meirinho, tomando um cabriolé para lá chegar mais depressa, e pagou a dívida do avô. O funcionário entregou-lhe os documentos e a carta de custas saldadas, depois disse ao rapaz para levar consigo um de seus amanuenses a fim de fazer o depositário judicial suspender suas funções.

— Tanto mais que os srs. Barbet e Métivier moram no seu bairro — acrescentou ele —; meu empregado irá entregar-lhe a quantia e dizer-lhes que lhe devolvam o documento de retrovenda...

Augusto, que nada entendia desses termos e dessas formalidades, deixou que fizessem. Recebeu setecentos francos em dinheiro, que lhe

restituíam dos quatro mil francos, e saiu acompanhado por um amanuense. Subiu no cabriolé num estado de estupor indizível; porque, conseguido o resultado, sobrevieram os remorsos, e ele se viu desonrado, amaldiçoado pelo avô, cuja inflexibilidade conhecia, e pensou que a mãe morreria de desgosto ao sabê-lo culpado. A natureza toda mudava de aspecto para ele. Tinha calor, não via mais a neve, as casas pareciam-lhe espectros. Ao chegar à casa, o jovem barão tomou uma resolução que, certamente, era a de um rapaz honrado: foi ao quarto da mãe e trouxe de lá a tabaqueira guarnecida de diamantes que o imperador dera ao avô, para enviá-la, com os setecentos francos, ao dr. Halpersohn, juntando a seguinte carta, que precisou de vários rascunhos:

Senhor,

Os frutos de um trabalho de vinte anos, feito por meu avô, iam ser devorados por usurários que lhe ameaçam a liberdade. Três mil e trezentos francos salvá-lo-iam, e, ao ver tanto ouro em cima de sua mesa, não pude resistir à felicidade de libertar meu avô, restituindo-lhe também o salário de tantas vigílias. Tomei emprestado do senhor, sem o seu consentimento, quatro mil francos; mas, como somente são necessários três mil e trezentos, remeto-lhe os setecentos francos restantes, e a eles junto uma tabaqueira guarnecida com diamantes, dada pelo imperador a meu avô, e cujo valor servirá de garantia ao dinheiro tomado.

Caso não confie na honra daquele que durante toda a sua vida verá no senhor um benfeitor, se se dignar guardar silêncio sobre uma ação injustificável em qualquer outra circunstância, o senhor salvará meu avô como vai salvar minha mãe, e eu serei toda a vida seu escravo devotado.

AUGUSTO DE MERGI

XV — OS DIAMANTES DA TABAQUEIRA

Cerca das duas horas e meia, Augusto, que fora até os Champs-Élysées, fez entregar por um mensageiro, na porta do dr. Halpersohn, uma caixa lacrada na qual havia dez luíses, uma nota de quinhentos francos e a tabaqueira; depois, voltou a pé, lentamente, para casa, pela Pont d'Iéna, pelos Invalides e pelos bulevares, contando com a generosidade do dr. Halpersohn. O médico, que se dera conta do roubo, mudara imediatamente de opinião a respeito dos seus clientes. Pensou que o ancião viera para roubá-lo, e que, não o tendo conseguido, mandara o garoto. Pôs em dúvida os títulos que eles se atribuíam, e foi direto ao gabinete do procurador do rei para apresentar sua queixa, ordenando que se tomassem providências imediatas.

A prudência com que a Justiça procede raramente permite que se vá tão depressa quanto os queixosos desejariam; mas, cerca de três horas, um comissário de polícia, acompanhado por agentes que andavam como passeantes nos bulevares, interrogava a tia Vauthier a respeito dos seus locatários, e a viúva, sem saber, aumentava as suspeitas do

comissário de polícia.

Nepomuceno, que farejou agentes da polícia, pensou que iam prender o ancião, e, como queria bem a Augusto, correu ao encontro do sr. Bernardo. Vendo-o na Avenue de l'Observatoire:

— Fuja, senhor! — gritou ele. — Vieram prendê-lo. Os oficiais de Justiça vieram ontem e sequestraram tudo. A tia Vauthier, que lhe escondeu os papéis selados, estava dizendo que o senhor ia dormir em Clichy, esta noite ou amanhã... Olhe, está vendo aqueles policiais?

Bastou um simples olhar ao antigo procurador para reconhecer beleguins nos agentes de polícia, e adivinhou tudo.

— E o sr. Godofredo?

— Partiu para não voltar mais. A tia Vauthier disse que era um intrigante a serviço dos seus inimigos...

Imediatamente o barão Bourlac tomou a resolução de ir à casa de Barbet, onde chegou daí a quinze minutos; o antigo livreiro morava na Rue Sainte-Catherine-d'Enfer.

— Ah! O senhor veio buscar seu documento de retrovenda? — disse o antigo livreiro, respondendo à saudação da sua vítima. — Ei-lo.

E, com grande espanto do barão Bourlac, entregou-lhe o documento, que o antigo procurador-geral pegou, dizendo:

— Não compreendo...

— Não foi o senhor então quem me pagou? — replicou o livreiro.

— O senhor foi pago?!

— Seu neto levou a importância ao meirinho, hoje de manhã.

— É certo que o senhor me fez sequestrar os bens ontem?

— O senhor não tinha voltado à casa nestes dois dias? — perguntou Barbet. — Mas um procurador-geral sabe perfeitamente o que é a denúncia da prisão por dívida.

Ao ouvir essa frase, o barão cumprimentou Barbet friamente, e voltou para casa pensando que o guarda de comércio estava lá, sem dúvida, por causa dos escritores do segundo andar. Foi lentamente, perdido em vagas apreensões, porquanto, à medida que ia caminhando, as palavras de Nepomuceno se lhe figuravam cada vez mais obscuras e inexplicáveis. Seria possível que Godofredo o houvesse traído? Tomou maquinalmente a Rue Notre-Dame-des-Champs e entrou pela porta de trás, que por acaso achou aberta, e topou com Nepomuceno.

— Ah! Senhor, venha de uma vez! Estão levando o sr. Augusto preso! Prenderam-no no bulevar; era ele que estavam procurando; foi interrogado...

O velho saltou como um tigre, passou a aleia sobre o bulevar atravessando a casa e o quintal como uma flecha, e pôde chegar a tempo para ver o neto subindo num fiacre entre três homens.

— Augusto! — exclamou. — Que quer dizer isso?

O rapaz desatou a chorar e desmaiou.

— Senhor, sou o barão Bourlac, antigo procurador-geral — disse ele ao comissário de polícia, cuja faixa lhe chamou a atenção —; por favor, explique-me isto!

— Se o senhor é o barão Bourlac, compreenderá tudo em duas palavras: acabo de interrogar este rapaz, e infelizmente ele confessou...

— Confessou o quê?

— Um roubo de quatro mil francos feito em casa do dr. Halpersohn.

— Será possível, Augusto?!

— Vovô, eu mandei a ele como penhor a sua tabaqueira com diamantes. Queria salvar o senhor da infâmia de ir para a cadeia.

— Ah! Desgraçado, que fizeste! — exclamou o barão. — Os diamantes são falsos, pois os verdadeiros eu vendi há três anos...

O comissário e o escrivão olharam um para o outro de modo singular. Esse olhar, que dizia muito, surpreendido pelo barão Bourlac, fulminou-o.

XVI — SILÊNCIO COMPLETO

— Senhor comissário — disse o antigo procurador-geral —, pode ficar tranquilo; vou ver o senhor procurador do rei. Mas o senhor pode atestar o engano em que mantive meu neto e minha filha. O senhor deve cumprir seu dever, mas, em nome da humanidade, ponha meu neto numa sala reservada... Eu passarei pela prisão... Para onde o leva?

— O senhor é o barão Bourlac? — perguntou o comissário de polícia.

— Oh! Senhor...

— É que o senhor procurador do rei, o juiz de instrução e eu duvidamos que pessoas como o senhor e seu neto pudessem ser culpados e, como o doutor, pensamos que alguns tratantes tivessem usado seus nomes.

Chamou o barão Bourlac à parte e disse-lhe:

— O senhor foi hoje de manhã à casa do dr. Halpersohn?

— Sim, senhor.

— Seu neto apresentou-se lá meia hora depois do senhor?

— Nada sei a respeito, senhor, porque acabo de chegar e não vejo meu neto desde ontem.

— As intimações que ele acaba de mostrar-nos e os autos explicaram-me tudo — disse o comissário de polícia —; conheço a causa do crime. Senhor, eu deveria prendê-lo como cúmplice do seu neto, porque suas respostas confirmam os fatos alegados na queixa; mas os autos que lhe foram apresentados e que lhe restituo — disse ele estendendo um maço de papel selado que tinha na mão — provam que o senhor é de fato o barão Bourlac. Não obstante, prepare-se para comparecer perante o sr. Marest, juiz de instrução^[122] a quem está

cometido este assunto. Creio dever dispensar-me dos rigores habituais ante a sua antiga posição. Quanto a seu neto, vou falar ao senhor procurador do rei, quando voltar, e teremos então todas as considerações possíveis para com o neto de um antigo primeiro presidente, vítima de um erro da mocidade. Mas houve queixa, o delinquente confessa, fiz auto de corpo de delito, e há mandado de prisão; não posso fazer nada contra isso. Quanto ao encerramento, poremos seu neto na Conciergerie.^[123]

— Obrigado, senhor — disse o infeliz Bourlac.

Caiu inteirado na neve e rolou para uma das escavações que separavam então as árvores do bulevar.

O comissário de polícia pediu socorro e Nepomuceno correu com a tia Vauthier. Levaram o ancião para o apartamento dele, e a viúva Vauthier pediu ao comissário de polícia que, ao passar pela Rue d'Enfer, mandasse o dr. Berton o mais depressa possível.

— Que tem meu avô? — perguntou o pobre Augusto.

— Está louco, senhor... Aí está no que dá roubar!

Augusto fez um gesto como para quebrar a cabeça, mas os dois agentes o contiveram.

— Vamos, rapaz, calma! — disse o comissário. — Calma! Você tem culpas, mas elas não são irreparáveis...

— Mas, senhor, diga a essa mulher que com toda a certeza meu avô faz vinte e quatro horas que não come!...

— Oh! Pobre gente! — murmurou baixinho o comissário.

Fez parar o fiacre que já ia rodando e disse algumas palavras ao ouvido do seu secretário, o qual foi rápido falar à sra. Vauthier, voltando em seguida.

O dr. Berton achou que a doença do sr. Bernardo, pois somente o conhecia por esse nome, era um resfriado de grande intensidade; como, porém, a viúva Vauthier lhe contou os acontecimentos que motivavam aquele estado, da maneira como contam as porteiras, ele julgou necessário informar o sr. Alain no dia seguinte de manhã, em Saint-Jacques-du-Haut-Pas, dessa aventura, e o sr. Alain fez chegar, por intermédio de um mensageiro, um bilhete que escreveu a lápis ao sr. Nicolau, na Rue Chanoinesse.

Godofredo, ao chegar, entregara, na véspera à noite, as notas da obra ao sr. Nicolau, o qual passou a maior parte da noite a ler o primeiro volume do livro do barão Bourlac.

No dia seguinte de manhã, a sra. de la Chanterie disse ao neófito que, se a resolução dele continuava de pé, podia pôr-se imediatamente a trabalhar. Godofredo, iniciado por ela nos segredos financeiros da sociedade, trabalhou sete a oito horas por dia, durante vários meses, sob a fiscalização de Frederico Mongenod, que vinha todos os domingos examinar o serviço feito, e deste recebeu francos elogios

sobre seu trabalho.

— O senhor — disse ele, quando todas as contas ficaram em dia e claramente estabelecidas — é uma aquisição preciosa para os santos no meio dos quais vive. Agora, bastar-lhe-ão duas ou três horas por dia para manter essa contabilidade ao corrente, e poderá, o resto do tempo, ajudá-los, se ainda tem a vocação que manifestava faz seis meses.

Estava-se então no mês de julho de 1838. Durante todo o tempo que decorrera desde a aventura do Boulevard Montparnasse, Godofredo, empenhado em mostrar-se digno dos seus amigos, não fizera uma única pergunta relativa ao barão Bourlac; porque, não ouvindo uma palavra a respeito nem achando nada na escrituração concernente àquele caso, considerou o silêncio observado sobre a família dos dois algozes da sra. de la Chanterie, ou como uma prova a que o submetiam, ou como uma prova de que os amigos daquela sublime mulher a tinham vingado.

Efetivamente, ele fora, dois meses depois, passeando, até o Boulevard Montparnasse, onde se encontrara com a viúva Vauthier, a quem pedira notícias da família Bernardo.

— Quem poderá saber, meu caro sr. Godofredo, para onde foi essa gente!... Dois dias depois da sua expedição, porque foi o senhor, seu finório, quem tirou a coisa ao meu proprietário, veio gente que nos desembaraçou daquele velho orgulhoso. Puxa! Mudaram tudo em vinte e quatro horas, e nem sinal dele! Ninguém quis dizer-me uma palavra. Creio que ele foi para Argel com o bandido do neto; porque Nepomuceno, que tinha um fraco por aquele gatuno, e que vale tanto como ele, não o encontrou na Conciergerie, e só ele sabe onde eles estão, porque o patife me deixou plantada... E crie a gente crianças abandonadas! Aí está a recompensa que nos dão: deixam a gente atrapalhada. Ainda não pude substituí-lo, e, como o bairro está crescendo, a casa está toda alugada, e eu estou até aqui de serviço.

Godofredo nunca teria sabido mais nada sobre o barão Bourlac, não fosse o desenlace que teve essa aventura, em consequência de um desses encontros como acontece em Paris.

XVII — A VINGANÇA

No mês de setembro, Godofredo vinha descendo a grande Avenue des Champs-Élysées e estava pensando no dr. Halpersohn, ao passar pela Rue Marbeuf.

“Deveria ir vê-lo”, disse consigo mesmo, “para saber se ele curou a filha de Bourlac!... Que voz, que talento tinha ela! Queria consagrar-se a Deus!”

Tendo chegado ao largo, Godofredo atravessou-o rapidamente por causa dos carros que desciam com velocidade, e esbarrou na alameda

com um rapaz que vinha de braço com uma jovem senhora.

— Tome cuidado! — exclamou o moço. — O senhor é cego?

— Ah! É o senhor! — respondeu Godofredo, reconhecendo Augusto de Mergi naquele rapaz.

Augusto estava tão bem-vestido, tão bonito, tão faceiro por dar o braço àquela mulher que, sem as recordações a que se entregara o neófito, ele não o teria reconhecido.

— Como! É o nosso caro sr. Godofredo! — disse a dama.

Ao ouvir as notas celestiais da encantadora garganta de Vanda, que caminhava, Godofredo ficou imobilizado no lugar onde estava.

— Curada! — exclamou.

— Faz dez dias, ele permitiu-me caminhar! — respondeu ela.

— Halpersohn?

— Sim — disse ela. — E por que não nos veio ver? Oh! O senhor fez bem! Meus cabelos foram cortados há somente oito dias! Os que me vê são uma peruca; mas o doutor jurou-me que eles tornariam a crescer!... Mas quanta coisa temos a dizer-nos!... Venha jantar conosco!... Oh! O seu acordeão!... Oh! Senhor...

E levou o lenço aos olhos.

— Guardá-lo-ei toda a vida! Meu filho o conservará como uma relíquia!... Meu pai procurou-o por toda Paris; aliás anda em busca dos seus benfeitores desconhecidos; morrerá de pesar, se o senhor não o auxilia a encontrá-los... Uma melancolia negra, da qual nem sempre consigo triunfar, o está consumindo.

Tão seduzido pela voz daquela mulher deliciosa tirada do túmulo como pela voz de uma fascinante curiosidade, Godofredo tomou o braço que lhe oferecia a baronesa de Mergi, a qual deixou o filho ir à frente, encarregado por ela de uma comissão, por um sinal de cabeça que o rapaz compreendeu.

— Não vou levá-lo muito longe, nós moramos na Allée d'Antin, numa bonita casa de estilo inglês; nós a ocupamos toda; cada um de nós tem um andar. Oh! Estamos muito bem. Meu pai crê que o senhor tem grande parte nas felicidades que chovem sobre nós...

— Eu?

— Não sabe o senhor que criaram para ele, em consequência de um relatório do ministro da Instrução Pública, uma cátedra de Legislação Comparada na Sorbonne?^[124] Meu pai começará seu primeiro curso em novembro. A grande obra em que ele trabalhava será publicada daqui a um mês, pois a casa Cavalier publica-a dividindo os lucros com meu pai, e entregou-lhe trinta mil francos por conta da parte dele; por isso, meu pai comprou a casa em que residimos. O Ministério da Justiça dá-me uma pensão de mil e duzentos francos, a título de auxílio anual à filha de um antigo magistrado; meu pai tem a sua pensão de mil escudos e ganha cinco mil francos como professor. Fazemos tanta economia que

ficaremos quase ricos. Meu Augusto vai iniciar seu curso de direito daqui a dois meses, mas está empregado no gabinete do procurador-geral e ganha mil e duzentos francos... Ah! Sr. Godofredo, não fale do desgraçado caso do meu Augusto. Eu o abençoo todos os dias por esse ato, que o avô ainda não perdoou!... Sua mãe o bendiz, Halpersohn adora-o e o antigo procurador-geral é implacável.

— Que caso? — perguntou Godofredo.

— Ah! Bem reconheço a sua generosidade! — exclamou Vanda. — Que coração nobre tem o senhor!... Sua mãe deve estar orgulhosa do senhor.

Deteve-se, como se tivesse sentido dores no coração.

— Juro-lhe que nada sei do caso de que me fala — disse Godofredo.

— Como! Não o conhece?

E, ingenuamente, contou, cheia de admiração pelo filho, o empréstimo contraído por ele com o doutor.

— Se nada podemos dizer a respeito, diante do barão Bourlac — observou Godofredo —, conte-me como seu filho se saiu do aperto.

— Mas — respondeu Vanda — creio ter-lhe dito que ele está empregado com o procurador-geral, que lhe dispensa a maior consideração. Não passou quarenta e oito horas na Conciergerie, onde fora colocado no gabinete do diretor. O bom doutor, que só à noite teve em mãos a bela, a sublime carta de Augusto, retirou a queixa, e, por intermédio de um antigo presidente da Corte real que meu pai jamais viu, o procurador-geral fez destruir o auto do comissário de polícia e o mandado de prisão. Enfim, não existem mais vestígios desse caso a não ser no meu coração, na consciência de meu filho e na cabeça do avô dele, que, desde esse dia, trata Augusto por “senhor” e como a um estrangeiro... Ainda ontem Halpersohn pedia o perdão dele; mas meu pai, que não atende a mim, a quem ele tanto quer, respondeu: “O senhor é o roubado; o senhor pode, deve perdoar; eu, porém, sou o responsável pelo ladrão... e quando era procurador-geral nunca perdoava!”. “O senhor matará sua filha” — disse Halpersohn, a quem eu ouvia. Meu pai ficou calado.

— Mas quem os socorreu, então?

— Um senhor que julgamos estar encarregado de distribuir as mercês da rainha.

— Como é ele? — perguntou Godofredo.

— É um senhor solene e seco, triste, assim como meu pai... Foi ele que fez transportar meu pai para a casa onde estamos, quando ele sofreu o ataque de resfriado. Imagine o senhor que, assim que meu pai se restabeleceu, tiraram-me da casa de saúde e instalaram-me lá, onde tornei a encontrar-me no meu quarto como se jamais tivesse saído dele. Halpersohn, a quem esse senhor seduziu, não sei como, referiu-me então todos os sofrimentos suportados por meu pai: os diamantes da

sua caixa de rapé vendidos! Meu filho e meu pai a maior parte do tempo sem pão e fazendo-se de ricos na minha presença!... Oh! Sr. Godofredo, essas duas criaturas são mártires!... Que poderei eu dizer a meu pai? A meu filho e a ele nada posso senão retribuir-lhes de igual para igual modo, sofrendo por eles, como eles sofreram por mim.

— E esse senhor alto não tem um ar um tanto militar?

— Ah! O senhor conhece-o! — gritou-lhe Vanda, na porta da casa.

Pegou Godofredo pela mão com o vigor de uma mulher quando tem um ataque de nervos e gritou:

— Pai, o sr. Godofredo conhece teu benfeitor!

XVIII — O DESENLACE

O barão Bourlac, que Godofredo viu vestido como devia estar um antigo magistrado de tão elevada categoria, ergueu-se, estendeu a mão a Godofredo e disse:

— Desconfiava disso!

Godofredo fez um gesto de denegação quanto aos efeitos daquela nobre vingança, mas o procurador-geral não lhe deu tempo para falar.

— Ah! Senhor — disse ele, continuando —, somente a Providência é mais poderosa, o amor mais engenhoso e a maternidade mais clarividente do que os seus amigos, que participam dessas três grandes divindades... Bendigo o acaso a que devemos o nosso encontro; porque o sr. José desapareceu para sempre, e, como pôde subtrair-se a todas as ciladas que armei para saber seu verdadeiro nome e sua residência, eu morreria de pesar... Tome, leia a carta dele... Mas o senhor o conhece?

Godofredo leu o que se segue:

Sr. barão Bourlac,

As quantias que, por ordem de uma dama caridosa, gastamos com o senhor ascendem a quinze mil francos. Tome nota disso, para os restituir pessoalmente ou pelos seus descendentes, quando a prosperidade de sua família o permitir, pois trata-se dos bens dos pobres. Quando essa restituição se tornar possível, deposite a quantia da qual será devedor no banco dos irmãos Mongenod. Que Deus lhe perdoe suas culpas!

Cinco cruzeiros constituíam a misteriosa assinatura dessa carta, que Godofredo entregou de volta.

“As cinco cruzeiros aí estão...”, disse ele, falando consigo mesmo.

— Ah! Senhor — disse o ancião —, o senhor que sabe tudo, que foi o enviado dessa dama misteriosa... diga-me o nome dela!

— O nome dela! — bradou Godofredo —, o nome dela! Mas, desgraçado, não o pergunte nunca! Não procure jamais sabê-lo! Ah! Senhora — disse Godofredo, tomando nas suas mãos trêmulas a mão da sra. de Mergi —, se faz empenho em que seu pai conserve a razão, faça com que ele permaneça na sua ignorância, que não se permita a

menor indagação!

Um espanto profundo gelou o pai, a filha e Augusto.

— É?... — perguntou Vanda.

— Pois bem, a mulher que salvou sua filha — respondeu Godofredo, olhando para o ancião —, que lha restituiu jovem, bela, vigorosa, reanimada, que a retirou do caixão; a mulher que lhe poupou a infamação de seu neto, a que tornou sua velhice feliz, respeitada, que os salvou os três...

Deteve-se.

— É uma mulher que o senhor mandou para o cárcere por vinte anos, sendo ela inocente! — exclamou Godofredo, dirigindo-se ao barão Bourlac. — À qual o senhor prodigalizou, no seu ministério, as mais cruéis injúrias, a cuja santidade o senhor insultou, e à qual o senhor arrancou uma filha deliciosa para enviá-la à mais horrível das mortes, pois ela foi guilhotinada!...

Godofredo, vendo Vanda cair desmaiada numa poltrona, saltou para o corredor; dali para a Allée d'Antin, e se pôs a bom correr.

— Se queres o teu perdão — disse o barão Bourlac ao neto —, segue esse homem e vê onde ele mora!...

Augusto saiu como uma flecha.

No dia seguinte de manhã o barão Bourlac batia, às oito horas e meia, à velha porta amarela do palácio de la Chanterie, na Rue Chanoinesse. Perguntou pela sra. de la Chanterie ao porteiro, o qual lhe mostrou a escada exterior. Felizmente era a hora do primeiro almoço, e Godofredo reconheceu o barão no pátio, por uma das janelinhas que davam luz à escada; foi o quanto teve tempo para descer, precipitar-se no salão, onde se achavam todos, e gritar:

— O barão Bourlac!

Ao ouvir esse nome, a sra. de la Chanterie, amparada pelo padre de Vèze, foi para o quarto.

— Tu não entrarás, alma de Satanás! — bradava Manon, que reconheceu o procurador-geral e se pôs diante da porta da sala. — Vens aqui para matar minha ama?

— Vamos, Manon, deixe o barão entrar — disse Alain.

Manon sentou-se numa cadeira, como se as duas pernas lhe tivessem fraquejado ao mesmo tempo.

— Senhores — disse o barão, com voz excessivamente emocionada, ao reconhecer Godofredo e o sr. José, e saudando os outros dois —, o benefício outorga direitos ao beneficiado.

— O senhor nada nos deve — disse o bom Alain —, deve tudo a Deus...

— Os senhores são santos e têm a calma dos santos — replicou o antigo magistrado. — Terão de ouvir-me!... Sei que os benefícios sobre-humanos de que me têm cumulado há dezoito meses são obra de uma

pessoa a quem ofendi gravemente ao cumprir meu dever; foram precisos quinze anos para que eu reconhecesse a inocência dessa pessoa e é esse, senhores, o único remorso que devo ao exercício das minhas funções. Ouçam! Tenho pouco tempo de vida, mas perderei esse pouco de vida, ainda tão necessário aos meus filhos, salvos pela sra. de la Chanterie, se não puder obter o perdão dela. Senhores, ficarei de joelhos no adro de Notre-Dame, até que ela me diga uma palavra... Eu a esperarei lá... Beijarei o rastro de seus passos, acharei lágrimas para enternecê-la, eu a quem as torturas de minha filha dessecaram como uma palha.

A porta do quarto da sra. de la Chanterie abriu-se; o padre de Vèze deslizou como uma sombra e disse ao sr. José:

— Essa voz mata a sra. de la Chanterie.

— Ah! Ela está aí! Ela passa por aí! — disse o barão Bourlac.

Caiu de joelhos, beijou o assoalho, desatou em pranto e, com voz despedaçada, gritou:

— Em nome de Jesus, morto na cruz, perdoe! Perdoe! Porque minha filha sofreu mil mortes!

O ancião abateu-se de tal forma, que os espectadores comovidos julgaram-no morto. Nesse momento, a sra. de la Chanterie surgiu como um espectro na porta do quarto, contra a qual se apoiava desfalecida.

— Por Luís xvi e Maria Antonieta, aos quais vejo no cadafalso, pela sra. Elisabeth, por minha filha, pela sua, por Jesus, perdoo-lhe...

Ao ouvir essa última palavra, o antigo procurador ergueu os olhos e disse:

— Os anjos vingam-se assim...

O sr. José e o sr. Nicolau levantaram o barão Bourlac e o levaram até o pátio; Godofredo foi buscar um carro e, quando lhe ouviram o rodar, o sr. Nicolau disse ao ancião:

— Não volte mais, senhor, do contrário mataria também a mãe; porque o poder de Deus é infinito, mas a natureza humana tem seus limites.

Nesse dia, Godofredo foi conquistado para a ordem dos Irmãos da Consolação.

Agosto de 1848

UM HOMEM DE NEGÓCIOS

1. *Barão James de Rothschild*: um dos cinco filhos de Mayer-Amschel Rothschild, fundador da célebre dinastia de banqueiros; pertence ao ramo que de Frankfurt-am-Main se transferiu para Paris e lá se estabeleceu. Balzac dava-se com ele, embora não tanto quanto gostaria, e num dos seus numerosos apertos pediu-lhe um empréstimo que foi concedido. Parece que Nucingen, o financista repulsivo mas genial de *A comédia humana*, foi em parte moldado nele. [««« »]

2. *Lorette*: um dos numerosos sinônimos que o francês tem para designar uma prostituta de certa categoria. A etimologia da palavra é mesmo aquela dada por Balzac: aplicado primeiro às raparigas que moravam no bairro da igreja Notre-Dame-de-Lorette (nome francês de Loreto), o termo estendeu-se depois a todas as mulheres da mesma profissão. [«« »]

3. *Málaga*: cortesã, personagem balzaquiana; protagonista da novela *A falsa amante*. [««« »]

4. Personagens, todas, de *A comédia humana*: o tabelião *Cardot* e o folhetinista *Lousteau* por pouco não se tornaram parentes, pois o último ia casar com a filha do primeiro e só não o fez por causa do aparecimento intempestivo da sra. de la Baudraye (*A musa do departamento*); o procurador *Desroches* foi consultor dos Bridau ao partirem para Issoudun a fim de reaver a sua herança (*Um conchego de solteirão*) e da sra. d'Espard quando esta quis interditar o marido (*A interdição*) etc.; *Bixiou*, caricaturista e mistificador, apareceu em *A musa do departamento*, *A prima Bete* etc. e desempenhou papel providencial em *Uma estreia na vida*; *Nathan* foi o herói da tragicomédia intitulada *Uma filha de Eva*. [«« »]

5. *La Palférine*: personagem balzaquiana; comparsa em *Beatriz* e *A prima Bete*, será protagonista de *Um príncipe da Boêmia*. [««« »]

6. *Cirque Olympique*: circo de Paris, o atual Cirque d'Hiver. [««« »]

7. *Clichy*: a Rue de Clichy, onde havia uma prisão especial para devedores relapsos. [««« »]

8. *Rabelais*: François Rabelais (1494-1553), “o bom cura de Meudon”, autor da *Vida inestimável de Gargântua* e dos *Feitos e ditos heroicos do grande Pantagruel*; um dos grandes escritores da Renascença, imitado por Balzac em *Os contos droláticos*. [««« »]

9. *Máximo de Trailles*: personagem balzaquiana, protagonista de *Gobseck*; amante da condessa de Restaud, arruinou-a. [««« »]

10. *Claparon*: personagem balzaquiana que desempenhou papéis equívocos em *César Birotteau* e *A casa Nucingen*. [««« »]

11. *Chopin*: Frédéric Chopin (1810-1849), o grande pianista e compositor polaco, era amigo de Balzac. [««« »]

12. *Du Tillet*: o antigo caixeiro de César Birotteau que tentou seduzir a sra. Birotteau e cometeu um furto no emprego; embora perdoado, vingou-se dos Birotteau

arruinando-os. [«« »]

13. *Cérizet*: começou a sua carreira como tipógrafo da casa Séchard em Angoulême; tornando-se cúmplice dos Cointet, concorrentes de David Séchard, levou seu patrão à ruína para depois tornar-se dono da tipografia como testa de ferro dos Cointet (*Ilusões perdidas*, Primeira parte). [«« »]

14. *Julho de 1830*: a Revolução de Julho de 1830 depôs Carlos X, pondo fim ao reinado do ramo primogênito dos Bourbon, e entregou o poder ao ramo secundogênito, representado por Luís Felipe. [«« »]

15. *O Método das Cartas*: este apelido é evidentemente baseado num trocadilho sobre *O método* [*Discurso do método*] de Descartes. [«« »]

16. *D'Estourmy*: o sedutor da irmã de Modesta Mignon, no romance deste nome. [«« »]

17. *Couture*: personagem balzaquiana, banqueiro e jornalista desonesto; um dos amantes da sra. Schontz (*Beatriz*), ouviu em companhia de Finot e Blondet a história da casa Nucingen contada por Bixiou (*A Casa Nucingen*). [«« »]

18. *Os Barbet e os Chaboisseau*: livreiros que se ocupavam também de empréstimos e outros negócios nem sempre limpos (*Ilusões perdidas*, Segunda parte). — *Samanon*: usurário que também aparece ao lado deles, perseguia com uma cobrança o barão Hulot, escondido sob os traços de pai Vyder (*A prima Bete*). [«« »]

19. Esta carta figura em *Um príncipe da Boêmia*. [«« »]

20. *Talleyrand*: Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, príncipe de Benevento (1754-1838), bispo de Autun sob o Antigo Regime, presidente da Assembleia Nacional, ministro das Relações Exteriores sob o Diretório, o Consulado e o Império, embaixador sob a Restauração e sob Luís Felipe, diplomata espirituoso e de grandes recursos, mas completamente amoral. [«« »]

21. *Henri Monnier* (1799-1877): caricaturista, escritor e ator, criador do tipo de José Prudhomme; no *vaudeville* desse título, de Brazier, Duvert e Dupeuty, de muito êxito, desempenhou quatro papéis. [«« »]

22. O trocadilho só existe em francês, onde a palavra *livre* significa ao mesmo tempo “livro” e “libra”. [«« »]

23. *Le Constitutionnel*: jornal liberal, fundado durante os Cem Dias, em 1815, de tendências bonapartistas; suas campanhas prepararam a Revolução de 1830, depois da qual ficou favorável ao governo de Luís Felipe. [«« »]

24. *O velho general Montcornet*: personagem balzaquiana, pai natural de Valéria Marneffe (*A prima Bete*). [«« »]

25. *Vaudeville*: Théâtre du Vaudeville, inaugurado em 1791; deve seu nome ao gênero a cuja representação se restringia de início. [«« »]

26. *O quarto de hora de Rabelais*: o momento em que se deve pagar a conta. (Alusão a certo episódio da vida de François Rabelais em que o ilustre autor de *Gargântua e Pantagruel* teve de recorrer a um estratagema especial para sair de uma estalagem cuja conta não podia pagar.) [«« »]

27. *A bela Impéria*: personagem de *Os contos droláticos*, de Balzac. [«« »]

28. *Boule*: André Boule ou Boule (1642-1732), marceneiro de grande talento, cujos móveis, incrustados de ouro, cobre, bronze, mosaico ou conchas, eram bastante estimados. [«« »]

29. *Variétés*: Théâtre des Variétés, inaugurado em 1807, no Boulevard Montmartre para a representação de *vaudevilles*. [«« »]

30. *O jovem D'Esgriignon*: personagem de *O gabinete das antiguidades*. [« »]
31. *A enteada de Napoleão*: Hortênsia de Beauharnais, filha da imperatriz Josefina, do primeiro casamento; casou com Luís Bonaparte, rei da Holanda; mãe de Napoleão III. [« « »]
32. *Bouffé*: Désiré Bouffé (1800-1884), conhecido ator cômico. [« « »]
33. *O bosque de Bondy*, situado a alguns quilômetros de Paris, era um esconderijo de ladrões. [« « « »]
34. *O velho Lord Dudley*: personagem de Balzac; velho aristocrata devasso, pai natural de De Marsay e da marquesa de San Real. [« « « »]

UM PRÍNCIPE DA BOÊMIA

1. *Heine*: Heinrich Heine (1797-1856), o grande poeta alemão do *Buch der Lieder*, vivia em Paris desde 1831 e frequentava as mesmas rodas que Balzac. O romancista admirava-lhe muito o espírito, mas só lhe conhecia a obra parcialmente, em traduções. [« « « »]
2. *A sra. de la Baudraye* é heroína de *A musa do departamento*. Seduzida por Lousteau, abandonou o marido e foi viver com o jornalista em Paris, partilhando-lhe as preocupações, estimulando-lhe o talento, combatendo-lhe a preguiça. Como se tudo isso não bastasse, ela mesma aceitou trabalhos literários para prover às despesas da casa. O conto que escreveu com os dados fornecidos por Nathan, e que agora lhe entrega, é uma dessas tarefas impostas pela necessidade. [« « « »]
3. *A marquesa de Rochefide* é a protagonista do romance *Beatriz*, que lhe ostenta o nome. [« « « »]
4. *Um dos mais célebres autores da época* é o próprio Nathan; e a mais ilustre marquesa, a marquesa de Rochefide. [« « « »]
5. *A Grande serpentina verde*: conto da Madame d'Aulnoy (1691-1705), inspirado pelo mito de Psique e incluído na novela *Don Ferdinand de Toledo*. [« « « »]
6. *A Doutrina*: isto é, o grupo dos “doutrinários”, ou de monarquistas constitucionais que, durante a Restauração, representavam o “justo meio”, e, com o advento de Luís Felipe, chegaram ao poder sob o comando de Guizot. Balzac, partidário da monarquia absoluta, antipatizava com as ideias do grupo e, ao mesmo tempo, condenava a política exterior do governo, que apoiava a resistência turca contra o expansionismo do império russo. [« « « »]
7. *Professor Tissot*: Pierre-François Tissot (1768-1854), professor de poesia latina no Collège de France, membro da Academia Francesa. [« « « »]
8. *Missi dominici* (em latim): “os mandados do senhor”, comissários encarregados por Carlos Magno de percorrer as províncias, controlar a administração e fazer justiça em nome do rei. [« « « »]
9. Balzac mistura aqui personagens de caracteres bem diferentes e que só têm em comum o serem apaixonadas: algumas fictícias, como *Lovelace*, tipo do sedutor em *Clarissa Harlowe*, romance de Richardson; *Saint-Preux*, o namorado de Júlia em *A nova Heloísa*, de Rousseau; *Werther* e *Renato*, encarnações da sensibilidade romântica, personagens respectivamente de Goethe e Chateaubriand; outras reais, como *Henrique IV*, rei da França (1553-1610), *Felipe de Orléans* (1674-1723), regente da França durante a menoridade de Luís XV, e o *marechal* duque Armand de Richelieu (1696-1788), todos três conhecidos como grandes libertinos. [« « « »]

10. *Stendhal*, pseudônimo de Henri Beyle (1783-1842): grande romancista, foi quase totalmente desconhecido do público e dos críticos da época; Balzac foi o único escritor importante que lhe reconheceu o valor e consagrou um ensaio altamente elogioso a seu romance *A cartuxa de Parma*. Em *A comédia humana* encontramos várias alusões a *Do amor* (1822). [««« »]
11. *Catarina de Médicis* (1519-1589): esposa de Henrique II, mãe de Francisco II, Carlos IX e Henrique III; regente durante a menoridade de Carlos IX (1560-1563). [««« »]
12. *Os Este ou d'Este*: família principesca italiana que governou durante muito tempo Ferrara, Módena e Reggio e protegeu Ariosto e Tasso. — *Os Guise*: família ducal francesa, cujos membros tomaram parte saliente nas guerras de religião como adversários dos protestantes. — *A noite de São Bartolomeu*, em 23 de agosto de 1572, ficou memorável pela matança dos protestantes sob instigação de Catarina de Médicis. [««« »]
13. *In hoc signo vincimus* (em latim): “Com este signo vencemos”. [««« »]
14. *Srta. Laguerre*: Marie-Sophie Laguerre (1755-1783), primeira cantora da Ópera de Paris. [««« »]
15. *Bouret*: Étienne-Michel Bouret (1709-1777), favorito de Luís XV e da Pompadour, arrendatário-mor, filho de lacaios, tipo de *parvenu* grosseiro e tolo. [««« »]
16. *Um conde refeito*: há em francês um trocadilho baseado na homofonia das palavras *comte* (“conde”) e *compte* (“conta”), intraduzível em português. [««« »]
17. Na *batalha de Wagram*, perto de Viena, em 6 de julho de 1809, as tropas de Napoleão venceram as do arquiduque Carlos. [««« »]
18. *Frondistas*: partidário da Fronda, movimento do Parlamento contra a Corte durante a menoridade de Luís XIV, e que terminou em guerra civil (1648 a 1653). [««« »]
19. *Mazarino*: cardeal Giulio Mazarini (1602-1661), de origem italiana; primeiro núncio de Paris, sucedendo depois a Richelieu, primeiro-ministro de Luís XIII; terminou a Guerra de Trinta Anos pela paz de Vestfália (1648), venceu a Fronda e impôs à Espanha o tratado dos Pireneus, mas tornou-se impopular pela sua avidez e suas dilapidações. [««« »]
20. *Foix-Grailly*: família aristocrática, oriunda de Carcassone, cujos membros desempenharam papéis importantes na história francesa; um deles era o rei Henrique IV; outro, o pintor Victor de Grailly (1804-1887), aluno de Bertin. [««« »]
21. *Os nomes dos sete castelos*: alusão à *História do rei da Boêmia e de seus sete castelos* (1830), de Charles Nodier. [««« »]
22. *Lauzun*: Armand Louis de Gontant (1747-1793), duque de Lauzun, cortesão famoso por seu espírito e suas dissipações. [««« »]
23. Brincadeira de Balzac com o nome de *Charles Gaudin* (1756-1841), ministro da Fazenda, e o de *Trigaudin*, de várias personagens de comédia e *vaudeville*. [««« »]
24. *Mirabeau*: Honoré-Gabriel Mirabeau (1749-1791), o orador mais eminente da Revolução. Teve uma mocidade cheia de aventuras e escândalos. [««« »]
25. O *aparato ilustrado pelos versos de Britânico*. Os versos de *Britânico* de Racine (ato II, cena 2) são os seguintes: “*Belle, sans ornement, dans le simple appareil / D’une beauté qu’on vient d’arracher au sommeil*”. [««« »]
26. *Rivarol*: Antoine de Rivarol (1753-1801), literato e jornalista contrarrevolucionário, célebre por seu espírito; autor de um conhecido *Discurso sobre a universalidade da língua francesa*. [««« »]

27. *Laffitte*: Jacques Laffitte (1767-1844), político e financista que serviu a vários governos, mudando cada vez de partido; foi homem de confiança e banqueiro de Napoleão, governador do Banco da França sob a Restauração, primeiro-ministro sob Luís Felipe. [«« »]

28. *Cinco francos* equivalem exatamente a cem *sous*. [«« »]

29. *As biografias de desconhecidos do sr. Sainte-Beuve*: alusão depreciativa à *História de Port-Royal* (1840-1859), deste autor. [«« »]

30. *Parc aux Cerfs*: ou Parque dos Cervos, casa de campo onde Luís xv ia visitar incógnito uma ou várias amantes cuja identidade se desconhece. [«« »]

31. *Palácio de Rambouillet*: residência aristocrática de Paris, construída segundo os planos da marquesa de Rambouillet (1588-1665) que nela reunia uma sociedade seleta. O salão da marquesa exerceu influência sobre a evolução da língua e da literatura. [«« »]

32. *Richelieu*: o marechal (ver a nota 9) e não o cardeal. [«« »]

33. *Os mosqueteiros* eram gentis-homens que, no Antigo Regime, formavam as duas companhias de cavaleiros da Casa Real; conhecidos por seus costumes galantes; *Champcenetz*: o cavaleiro Champcenetz (1760-1794), jornalista ultrarrealista, colaborador de Rivarol (ver a nota 26) em seus panfletos; executado durante a Revolução Francesa. [«« »]

34. Alusão irônica a uma citação inexata de Pascal na *História de Port-Royal*. [«« »]

35. *Buckingham*: George Villiers, duque de Buckingham (1592-1628), favorito de Jaime i e Carlos i da Inglaterra. Dumas fê-lo figurar em *Os três mosqueteiros*. [«« »]

36. Neste parágrafo, Balzac troça do estilo de Sainte-Beuve, imitando-o. [«« »]

37. *Lista Civil*: importância reservada, nas monarquias, às despesas pessoais do soberano. [«« »]

38. *Misérias sem desvio*: expressão habitual do boston, espécie de carteador, aqui usada ironicamente. [«« »]

39. *Sterne*: Lawrence Sterne (1713-1768), escritor inglês, autor de *Vida e opiniões do cavalheiro Tristram Shandy* e de *Viagem sentimental*, um dos escritores mais estimados por Balzac. [«« »]

40. *Scarron*: Paul Scarron (1610-1660), poeta e prosador francês, autor do poema burlesco *Virgílio travestido* e do *Romance cômico*. [«« »]

41. *Cyrano*: Savinien de Cyrano de Bergerac (1619-1655), autor da comédia *O pedante burlado* e de *O outro mundo*, viagem imaginária ao Sol e à Lua; deve sua celebridade ao drama em versos de que Edmond Rostand o fez protagonista. Alguns trechos de suas obras inspiraram pilhérias das comédias de Molière. [«« »]

42. *Blondet*: personagem de *A comédia humana*, crítico de talento mas sem moralidade, que viveu de expedientes durante muitos anos (ver *Ilusões perdidas* e *Esplendores e misérias das cortesãs*); sua vida mudou, no reinado de Luís Felipe, pois foi nomeado prefeito e fez um casamento rico com a viúva do general Montcornet. [«« »]

43. *Julho de 1830*: mês da revolução que pôs termo ao reinado de Carlos x, do ramo primogênito dos Bourbon, e deu o poder a Luís Felipe, o “rei burguês”, representante do ramo secundogênito. [«« »]

44. *Chassé-croisé*: certo passo de dança; em sentido figurado, “série de evoluções que se sucedem sem dar resultado”. [«« »]

45. *Seu endereço?* — *Que falta de tato*. Há no francês, mais uma vez, um trocadilho que

se perde na versão: *Votre adresse? — Quelle maladresse!* [««]

46. *Ex professo Roberto*. Expressão latina que me parece fabricada por Balzac. As palavras latinas *ex professo* usam-se no sentido de “como homem perfeitamente entendido no assunto” (por exemplo “falar sobre um assunto *ex professo*”). O nome de Roberto talvez venha do hemistíquio macarrônico frequentemente citado de Antonio Arena: *experto crede Roberto*, “acredita ao experimentado Roberto” (é a personagem que fala), isto é, “acredita-me a mim, que o sei por experiência”. Com a sua expressão macarrônica, Balzac pretende evidentemente dizer “por experiência própria”. [««]

47. *Segunda vista*: em francês *seconde vue*, a nossa “vidência”. Balzac deve ter encontrado a expressão em Walter Scott, um de seus autores preferidos. [««]

48. *O andrógino platônico*: alusão ao *Banquete* de Platão, onde se lembra o mito dos andróginos primitivos a quem Zeus cortara em duas partes, formando com elas as mulheres e os homens; o amor seria o desejo inconsciente que sentem os seres humanos de reconstituir o andrógino. [««]

49. *Blague*: peta, patranha ou embuste feitos com certo espírito. [««]

50. A ária *Sempre Gessler* é da ópera *Guilherme Tell* (1829) de Rossini. [««]

51. *Marcas*: personagem balzaquiana, protagonista da novela *Z. Marcas*. [««]

52. *Dânae*: figura mitológica, linda princesa de Argos, a quem o pai, Acrísio, mantinha encerrada numa torre de bronze para afastar dela os amantes. Júpiter, apaixonado da beldade, introduziu-se na prisão sob a forma de uma chuva de ouro. [««]

53. *A Fábula de la Fontaine* a que Balzac alude intitula-se *O marido, a mulher e o ladrão* (Livro x, fábula 15). [««]

54. *Bianchon*: médico, protagonista de *A comédia humana*, a quem encontramos em inúmeros romances e novelas: *O pai Goriot*, *A missa do ateu*, *A musa do departamento* etc. [««]

55. *A duquesa de Berry* (1798-1870): filha de Francisco I de Nápoles, esposa do duque de Berry, segundo filho de Carlos x, assassinado em 1820; mulher romântica e ativa, procurou em 1832 levantar a Vendeia contra Luís Felipe. [««]

56. *Du Bruel* já apareceu, em papéis secundários, em várias obras: um dos convivas do almoço oferecido por Jorge Marest aos escreventes do cartório Desroches no restaurante Rocher de Cancale e da subsequente orgia em casa de Florentina (*Uma estreia na vida*), tornou-se mais tarde colaborador de Nathan, com cujas ideias fez *vaudevilles* (*Ilusões perdidas*, *Uma filha de Eva*). [««]

57. *Túlia*: personagem de *A comédia humana*, foi nomeada em vários romances; em *Um conchego de solteirão* já foi lembrada como amante do duque de Rhétoré. [««]

58. *Guimard*: Marie-Madeleine Guimard Despréaux, bailarina da Ópera, célebre pela sua vida licenciosa e pelo seu luxo. [««]

59. Provável alusão ao visconde Sosthène de la Rochefoucauld (1785-1864), que, apesar de ter uma bailarina como amante, insistia em moralizar as artes, proscrevendo as saias curtas das dançarinas e cobrindo a nudez das estátuas, o que o fez alvo das chacotas da imprensa. [««]

60. *Noblet*: srta. Noblet, bailarina da Ópera em 1826, apelidada “a Vênus de lindas pernas”. [««]

61. *Vestris*: Marie-Auguste Vestris (1760-1842), descendente de uma ilustre família de bailarinos, ele mesmo primeiro bailarino da Ópera. [««]

62. *Camargo*: Marie-Anne de Camargo (1710-1770), bailarina primeiro do teatro de

Bruxelas, depois da Ópera de Paris; teve uma carreira entrecortada de numerosas paixões. [«« »]

63. *Taglioni*: Maria Taglioni (1804-1884), outra bailarina ilustre, contratada pela Ópera de Paris de 1827 a 1832. [«« »]

64. Todas, personagens balzaquianas. Acerca de *Lousteau*, [ver a nota 2](#), e de *Blondet* a [nota 42](#), desta novela; de *Desroches e Bixiou*, a [nota 4](#), de *Du Tillet* a [nota 12](#), de *Couture* a [nota 17](#) de *Um homem de negócios*. — *Finot*, filho de um chapeleiro, transformou-se de agente publicitário (em *César Birotteau*) em diretor de jornal (*Um conchego de solteiro*); *Des Lupeaulx*, referendário, já apareceu em vários romances, em *A musa do departamento* serviu de intermediário entre o duque de Navarreins e o sr. de la Baudraye numa questão complicada. [«« »]

65. *Jansenistas*: partidário da doutrina de Jansenius sobre a graça e a predestinação; aqui no sentido figurado de “austeras”. [«« »]

66. *Sra. de Maintenon*: Françoise d'Aubigné (1635-1719), encarregada da educação dos filhos de Luís XIV e da sra. Montespan; suplantou a esta última por meio de hábeis intrigas e fez-se desposar pelo rei em 1684. [«« »]

67. A *sra. Anselmo Popinot* não é senão Cesarina Birotteau que em casa de seu pai, o perfumista Birotteau, teve uma educação rigorosamente conservadora. [«« »]

68. *Garat*: o conde Joseph Garat (1749-1833), letrado que a Revolução levou à atividade política; ministro da Justiça em 1792, do Interior em 1793, soube manter-se durante o Império num dos postos mais altos da magistratura. Casou, efetivamente, com uma criada. [«« »]

69. *Sophie Arnould*: cantora da Ópera de Paris (1744-1802), notável pela beleza e pelo espírito. [«« »]

70. *Duthé*: Rosalie Duthé (1752-1820), bailarina da Ópera, de costumes dissolutos e vida luxuosa, “lançada” pelo duque de Durfour. [«« »]

71. *Tu que também te ligaste a uma atriz*. Alusão à ligação de Nathan com a atriz Florina (Ver *Uma filha de Eva*). [«« »]

72. *Variétés*: [ver a nota 29](#) de *Um homem de negócios*. [«« »]

73. *Chérin*: Louis-Nicolas-Henri Chérin (1762-1799), genealogista e militar francês, autor de uma coletânea de legislação nobiliária. [«« »]

74. *Quero vê-lo*. Há no francês mais um trocadilho intraduzível, baseado na homofonia das frases. *Je veux l'avoir* (“Quero tê-la”) e *Je veux la voir* (“Quero vê-la”). Note-se ainda que *croix* significa “cruzeiro” e também “cruz” (condecoração). [«« »]

75. *Roque*: nome dado, em *As mil e uma noites*, a uma ave fabulosa, de proporções gigantescas. [«« »]

76. Ver *Beatriz*, Cenas da vida privada (nota de Balzac). [«« »]

GAUDISSERT II

1. *Princesa Cristina di Belgiojoso* (1808-1871): filha do marquês Girolamo Trivulzio, exilada de Milão por carbonarismo e separada do marido, veio morar em Paris em 1831. Acolhida nos meios artísticos e literários, teve ligação com Liszt, Mignet e Musset. Em 1843 fundou em Paris a *Gazzetta Italiana* e a revista *Ausonio*; em 1848, partiu para Milão a fim de tomar parte na revolução e equipou um batalhão de voluntários; voltando a Paris após a queda da revolução, só tornou a Milão depois que

a Lombardia foi anexada pelo Piemonte. Escreveu vários livros, sobretudo narrativas de viagens. [««]

2. *Neo-Versalhes*: o palácio de Versalhes, que Luís Felipe mandou transformar em museu. [««]

3. *Bal Mabilie*: salão de dança e *music-hall* de Paris, de grande popularidade. [««]

4. *Talleyrand*: [ver a nota 20](#) de *Um homem de negócios*. [««]

5. *Désaugiers*: Marc-Antoine Désaugiers (1772-1827), cançonetista popular. [««]

6. *Cléopatra*: rainha do Egito (60-30 a.C.), de beleza extraordinária, que conquistou primeiro César, depois Marco Antônio. [««]

7. *Monrose*: nome de guerra de Louis Barisain (1783-1843), ator da Comédie Française, que obteve seus maiores êxitos nos papéis de Fígaro e dos criados das comédias de Molière. [««]

8. *Molière*: Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673), o maior comediógrafo da França. [««]

9. *Barege*: tecido de lã que recebeu o nome do vale de Bareges, nos Pireneus, em cujas povoações começou a fabricar-se. [««]

10. *Deus ex machina*: “um deus descido por meio de uma máquina”; expressão latina que significa o aparecimento inesperado, numa cena de teatro, de um ser sobrenatural descido por meio de um maquinismo; no sentido figurado, desfecho inesperado e feliz de uma situação trágica. [««]

11. *Urbi et orbi* (em latim): “à cidade (de Roma) e ao Universo”. Palavras que fazem parte da bênção papal, para indicar que ela se estende ao mundo inteiro; empregam-se também no sentido geral de “a todos”. [««]

12. *Quatremère*: Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy (1755-1849), arqueólogo e historiador da arte, autor, entre muitas outras obras, de *Júpiter Olímpico* (1815). [««]

13. *Sufi*: título antigo do xá da Pérsia. [««]

14. *Victorine IV*: personagem real, costureira do mundo elegante, a quarta proprietária do salão Victorine. [««]

15. *Froment-Meurice*: François-Désiré Froment-Meurice (1802-1855), personagem real, ourives de renome; executou um dos famosos castões de bengala de Balzac, o qual o cita, também, em *A prima Bete*. [««]

16. *Lord Byron*: Lord George Gordon Byron (1788-1824), célebre poeta inglês, principal figura do movimento romântico na Inglaterra. [««]

17. *Du Ronceret*: personagem de *A comédia humana*, magistrado farrista (*Beatriz*). [««]

18. *Bixiou*: protagonista de *A comédia humana*, mestre da caricatura, boêmio e mistificador; já apareceu em *Um conchego de solteirão*, *A musa do departamento* etc. [««]

19. *Selim*: o sultão Selim III, aliado de Napoleão; em 1807 repeliu um ataque da frota inglesa contra Constantinopla. [««]

20. *A Guarda Imperial* tinha como divisa: *A Guarda morre, mas não se rende*. [««]

21. *A estátua do Comendador*. Alusão a um episódio da lenda de Don Juan ou Don Giovanni, em que o cinismo do famoso sedutor o leva a convidar a jantar a estátua do Comendador, pai de uma de suas vítimas e assassinado por ele. A estátua atende ao convite e carrega consigo Don Juan para o Inferno. [««]

22. *Waterloo*: localidade da Bélgica, perto da qual Napoleão foi vencido pelo Exército

anglo-prussiano, em 18 de junho de 1815. [«« »]

23. *Grünes Gewölbe*: museu histórico e artístico de Dresden. [«« »]

24. *Sr. Cunin-Gridaine*: Laurent Cunin-Gridaine, ministro do Comércio no gabinete Guizot, de 1840 a 1848. [«« »]

25. *Sra. Schontz*: personagem de *A comédia humana*, cortesã que termina por desposar Fabiano du Ronceret (*Beatriz*). [«« »]

OS FUNCIONÁRIOS

1. *Condessa Serafina San Severino*: aristocrata italiana, casada com Faustino Vimercati San Severino Tadini, vivia em Paris, onde Balzac a conheceu; foi quem deu cartas de apresentação ao escritor, quando de sua viagem à Itália, para o próprio irmão, príncipe Alfonso Serafino Porcia (a quem Balzac dedicou *Esplendores e misérias das cortesãs*) e para a condessa Clara Maffei (a quem dedicou *A falsa amante*). [«« »]

2. *Bandello*: Matteo Bandello (1485-1561), contista italiano, discípulo de Boccaccio, “autor de contos mui droláticos”, na definição do próprio Balzac, e que nos últimos anos de vida obteve a sinecura do bispado de Agen. Entre seus duzentos e catorze contos e novelas, precedidos de pomposas dedicatórias e em sua maioria licenciosos, figura a história de Romeu e Julieta, retomada depois por Shakespeare. (Um de seus melhores contos, *A peça admirável pregada por uma fidalga a dois barões do reino de Hungria*, traduzido em português e precedido de uma biografia do autor, encontra-se em *Mar de histórias*, de Aurélio Buarque de Hollanda e Paulo Rónai, v. I, p. 109 ss., Livraria José Olímpio, 1945.) [«« »]

3. *Un Gentiluomo Navarese Sposa una che Era Sua Sorella e Figliuola, Non lo Sapendo* (em português: Um Fidalgo Navarrês Desposa uma Mulher que Era Sua Irmã e Filhinha, Sem o Saber): título da novela xxxv da Parte II das *Novelle* de Matteo Bandello. [«« »]

4. *A Rainha de Navarra*, conhecida na história literária como Margarida d'Angoulême (1492-1549), era ela própria ilustre contista, autora do *Heptameron*. Um de seus contos, traduzido em português e precedido de biografia, está incluído no volume citado de *Mar de histórias*. [«« »]

5. *Gérard*: barão François-Pascal Simon Gérard (1770-1837), pintor da escola clássica, autor de quadros históricos que representavam cenas das guerras napoleônicas e retratista da alta sociedade; Balzac era um dos frequentadores de seu salão. [«« »]

6. *A Ordem do Lírio*, de vida efêmera, criada por Luís XVIII, tinha essa flor como insígnia. [«« »]

7. Ver *A Casa Nucingen*, no volume 8 da presente edição. [«« »]

8. *Atanásio Granson*: jovem de talento, pobre e desprotegido, de Alençon; não se atrevendo a confessar sua paixão à srta. Cormon, suicidou-se (*A solteirona*). [«« »]

9. *Gondreville*: personagem balzaquiana, protagonista de *Um caso tenebroso*. [«« »]

10. *Máximo de Trailles*: personagem balzaquiana, protagonista de *Um homem de negócios*. [«« »]

11. *Madame de Staël* (1766-1817): filha do ministro Necker, autora de livros muito lidos em seu tempo (*Corina, Delfina, Da Alemanha*). [«« »]

12. *9 de termidor*: 27 de julho de 1794, dia da queda de Robespierre, que marcou o fim do Terror. [«« »]

13. *Buffon*: conde Georges-Louis Leclerc de Bouffon (1707-1788), ilustre naturalista

francês, autor de uma *História natural* de proporções monumentais. [«« »]

14. *Sisto v*: papa de 1585 a 1590, eleito sucessor de Gregório XIII, porque os cardeais o acreditavam moribundo; mal se viu eleito, porém, jogou fora as muletas e pôs-se a desenvolver atividade febril, reformando as ordens eclesiásticas, intervindo nas dissensões religiosas da França etc. [«« »]

15. *Longchamp*: localidade próxima de Paris, no Bois de Boulogne; na época de Balzac, lugar de passeio preferido da sociedade elegante. [«« »]

16. *Cardeal Ximenez* (1436-1517): arcebispo de Toledo e grande inquisidor, um dos homens políticos mais importantes da Espanha; reforçou o poder real, reformou o estado eclesiástico, fundou a Universidade de Alcalá de Henares. [«« »]

17. *Mazarino*: Giulio Mazarini (1602-1661), diplomata, homem de confiança de Richelieu, que o fez cardeal e, ao morrer, recomendou-o a Luís XIII como seu sucessor; primeiro-ministro de Luís XIII, Ana de Áustria e Luís XIV. Durante muitos anos lutou ao mesmo tempo contra o Parlamento, o povo, a nobreza e os inimigos de fora; duas vezes, em 1651 e 1652, foi obrigado a deixar a França, mas em 1653 conseguiu retomar o poder definitivamente. Seus maiores títulos de glória foram a assinatura do tratado dos Pireneus com a Espanha e a conclusão da linha defensiva do Reno. — *Suger* (1081?-1151): monge francês, abade de Saint Denis e diplomata, regente do reino durante a segunda cruzada. Autor de uma *Vida de São Luís*. — *Sully*: Maximilien de Béthune, duque de Sully (1560-1641), ministro e amigo de Henrique IV, famoso por sua boa administração nas pastas da Fazenda e da Agricultura. — *Choiseul*: duque Étienne-François de Choiseul (1719-1785), embaixador da França em Roma, depois ministro do Exterior e da Guerra; primeiro-ministro sem o ser nominalmente, realizou reformas úteis, aumentando o prestígio europeu da França. — *Colbert*: Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), filho de um comerciante, inspetor-geral da Fazenda, desenvolveu a indústria e o comércio, reorganizou as finanças, a Justiça e a Marinha; protetor das letras e das artes. [«« »]

18. *São Bartolomeu*: [ver a nota 12](#) de *Um príncipe da Boêmia*. [«« »]

19. *Francisco Keller*: personagem balzaquiana, rico banqueiro e político; já apareceu em *César Birotteau*. [«« »]

20. Todas personagens de *A comédia humana*. *Sra. Delfina de Nucingen*, uma das filhas do pai Goriot; *sra. Firmiani*, heroína do conto do mesmo nome; *sra. d'Espard*, protagonista de *A interdição*; *sra. d'Aiglemont*, “a Mulher de Trinta Anos”; *sra. de Carigliano*, aparece em *Ao “Chat-qui-pelote”*. [«« »]

21. *Des Lupeaulx*: personagem de primeiro plano de *A comédia humana*, já apareceu em *Ilusões perdidas* e em *Esplendores e misérias das cortesãs*. — *Bertrand e Raton*: alusão a duas personagens de uma fábula de La Fontaine, *O macaco e o gato* (livro IX, fábula 16). O macaco Bertrand incita o gato Raton a tirar do fogo as castanhas, e depois as come ele mesmo. [«« »]

22. *Bonneau*: uma das personagens do poema *La Pucelle d'Orléans*, de Voltaire, o conselheiro Bonneau serviu de alcoviteiro entre Carlos VII e Agnès Sorel. [«« »]

23. *Berthier*: Louis Alexandre Berthier (1753-1815), marechal da França, capitão preferido de Napoleão por seus conhecimentos técnicos, sua pontualidade nas execuções das ordens e sua rara capacidade de trabalho. Durante dezoito anos, os dois quase nunca se separaram. Napoleão acumulou de benefícios a este seu auxiliar favorito, o qual, no entanto, se mostrou ingrato, aderindo aos Bourbon no momento de Restauração. [«« »]

24. *Padre Joseph*: François le Clerc du Temblay (1577-1638), capuchinho e diplomata francês, colaborador e confidente do cardeal de Richelieu, e a quem seus inimigos

apelidaram de Eminência Parda. [«« »]

25. Um desses negócios que Des Lupeaulx fez com o sr. de la Baudraye é contado em *A musa do departamento*. [«« »]

26. *Gobseck*, *Werbrust* e *Gigonnet*: personagens de *A comédia humana*, usurários de profissão. [«« »]

27. *O famoso Dicionário*: o *Dicionário histórico*, de Pierre Bayle (1647-1706), caracterizado por grande erudição e forte espírito crítico; nele, o autor se revela um precursor de Voltaire e dos Enciclopedistas. [«« »]

28. *Marieta*: personagem balzaquiana, bailarina; já apareceu, entre outras obras, em *Uma estreia na vida*. [«« »]

29. *Le Constitutionnel*: [ver a nota 23](#) de *Um homem de negócios*. [«« »]

30. *Príncipe de Wagram*: o marechal Berthier ([ver a nota 23](#)). [«« »]

31. *Hefestião*: válido de Alexandre, o Grande. [«« »]

32. *Cabeleira à Tito*: cabelos cortados rentes à maneira romana. [«« »]

33. *Boule*: [ver a nota 28](#) de *Um homem de negócios*. [«« »]

34. *Asmodeu*: personagem diabólica que figura no livro de Tobias como o demônio dos prazeres impuros. [«« »]

35. *Sra. Firmiani*: personagem balzaquiana, protagonista da novela do mesmo nome. [«« »]

36. *Celimène*: personagem de *O misantropo*, de Molière; tipo de mulher faceira, bonita, espirituosa e desembaraçada. [«« »]

37. *Cabo Trim*: personagem cômica de *Vida e opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, de Sterne. [«« »]

38. *Cadignan*: família aristocrática inventada por Balzac; Diana d'Uxelles, uma das protagonistas de *A comédia humana*, casou com um Cadignan (*Os segredos da princesa de Cadignan*). [«« »]

39. *Moniteur*: *Le Moniteur Universel*, jornal oficial do governo francês, desde a Revolução até 1869. [«« »]

40. *Nem o censo nem a idade*. A lei eleitoral de 1820 fixava o censo de elegibilidade em mil francos de imposto territorial; a idade mínima para deputados, em quarenta anos. Teve sua eleição contestada, por só haver alcançado entre a eleição e a posse a idade exigida. [«« »]

41. *Casimir Périer* (1777-1832): banqueiro e homem político, presidente da Câmara em 1830 e do Conselho de 1831 a 1832. [«« »]

42. *Manuel*: Jacques Antoine Manuel (1775-1827), deputado liberal, inimigo da Restauração; alvo de diversas perseguições, foi expulso da Câmara em 1823. [«« »]

43. *Teredos*: moluscos acéfalos e tubicolados que vivem debaixo da água, nas fendas dos navios, carcomendo-os. [«« »]

44. *O padre Gaudron*, personagem balzaquiana, assistiu a um jantar em casa do conde Otávio de Bauvan (*Honorina*); era o confessor da sra. Clapart (*Uma estreia na vida*). [«« »]

45. *Martinho Falleix*: personagem balzaquiana, irmão do corretor de câmbio Jacques Falleix, sucessor de Júlio Desmarests (*Ferragus*). [«« »]

46. *Franconi*: circo de Paris cujo nome vem do de seus diretores, mestres de equitação italianos. [«« »]

47. *Gaîté, Ambigu-Comique, Porte-Saint-Martin*: teatros dos bulevares onde se representam *vaudevilles* e comédias leves. [«« »]

48. *Le laboureur chinois*: ópera em um ato, libreto de Deschamps, Deprés e Morel, e música tirada de Haydn e Mozart e arranjada por Montan-Berton, que estreou em 1813. [«« »]

49. *Café Turc*: café de Paris, no Boulevard du Temple, perto da atual Place de la République. [«« »]

50. O apelido *Gigonnet* está relacionado com o verbo *gigoter*, “espernear”. [«« »]

51. O *sr. Mitral*, oficial de justiça e usurário ao mesmo tempo, tinha como fregueses César Birotteau e seu senhorio, Molineau, e foi convidado para o célebre baile organizado pelo primeiro. [«« »]

52. *Sr. Cardot*: provavelmente não Cardot pai, comerciante de sedas, mas seu filho tabelião, que apareceu, entre outros, em *Um homem de negócios*. [«« »]

53. *Brillat-Savarin*: Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), magistrado e político francês, autor da *Fisiologia do gosto ou meditações de gastronomia transcendente* (1825). [«« »]

54. Todos personagens balzaquianos: o poeta *Canalis* desempenhou papel importante em *Modesta Mignon*; o pintor *Schinner* em *A bolsa*; o *dr. Bianchon* em *O pai Goriot*, *A missa do ateu* etc.; *Luciano de Rubempré* em *Esplendores e misérias das cortesãs*; *Otávio de Camps* em *A sra. Firmiani*; o *conde de Granville* em *Uma dupla família*; o *visconde de Fontaine* deve ser um dos filhos do conde de Fontaine (*O baile de Sceaux*); o vaudevillista *Du Bruel* é protagonista de *Um príncipe da Boêmia*; o jornalista *Andoche Finot* apareceu em *César Birotteau*; o procurador *Derville* em *Gobseck*. Quanto ao *conde du Châtelet*, quando o deixamos em *Ilusões perdidas*, era apenas barão du Châtelet; *Du Tillet* figura em *César Birotteau*; *Paulo de Manerville* é personagem principal de *O contrato de casamento*; e o jovem *visconde de Portenduère*, de *Úrsula Mirouët*. [«« »]

55. *Jean Goujon* (1510-1566): arquiteto francês, tomou parte na decoração do Louvre; construiu o castelo de Anet para Diana de Poitiers (1499-1566), amante favorita de Henrique II. [«« »]

56. *Querubim*: personagem de *O casamento de Figaro*, de Beaumarchais; tipo do adolescente cujo coração desperta à aproximação do amor e que se apaixona por todas as mulheres. [«« »]

57. *Bilboquet*: personagem de *Os saltimbancos*, revista de grande êxito, de Du Mersan e Varin, representada pela primeira vez no Variétés, em 25 de janeiro de 1831. [«« »]

58. *Papel Tellière*: espécie de papel almaço, de 34 x 44 cm. [«« »]

59. *Sewrin*: Charles-Augustin Sewrin (1771-1853), escritor francês, autor de grande número de óperas, *vaudevilles* e romances. [«« »]

60. *Pixerécourt*: Charles Guilbert Pixerécourt (1773-1844), dramaturgo, “o pai do melodrama”; autor de *O monge*, *Celina ou A filha do mistério*, *Tékéli* etc. [«« »]

61. *Planard*: François-Antoine-Eugène Planard (1783-1853), autor dramático. [«« »]

62. *Pigault-Lebrun*: Charles-Antoine Pigault-Lebrun (1753-1835), romancista popular, divertido e licencioso; autor de *A loucura espanhola*, *Angélica* e *Jeanneton da Place Maubert* etc. [«« »]

63. *Piis*: Pierre-Antoine-Augustin de Piis (1755-1832), vaudevillista, cançonetista e jornalista. [«« »]

64. *Duvicquet*: Pierre Duvicquet (1766-1835), funcionário da Polícia sob Fouché; crítico

teatral do *Journal des Débats* a partir de 1814. [«« »]

65. *Queimei meus navios*: quer dizer já não posso voltar atrás. Reminiscência de Agátocles, tirano de Siracusa (século IV a.C.), o qual, desejoso de vencer Cartago, desembarcou na costa africana e queimou seus navios para não deixar a seus soldados outra saída além da vitória. [«« »]

66. *Condessa de Chessel*: personagem de *O lírio do vale*. [«« »]

67. *Leeuwenhoek*: Antoni van Leeuwenhoek (1632-1723), anatomista holandês; estudou com auxílio do microscópio a circulação do sangue. [«« »]

68. *Malpighi*: Marcello Malpighi (1628-1694), médico e anatomista italiano; estudou a estrutura da pele e dos rins. [«« »]

69. *Raspail*: François-Vincent Raspail (1794-1878), criador da química orgânica; mais tarde homem político. [«« »]

70. *Hoffmann, o berlinês*: Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), um dos mestres do romantismo alemão, cujos contos fantásticos e lúgubres exerceram manifesta influência sobre os Estudos Filosóficos de Balzac. [«« »]

71. *Mostraram seu poder no trigésimo ano deste século*. Alusão à Revolução de Julho de 1830 e ao advento do regime burguês de Luís Felipe. [«« »]

72. *Callot*: Jacques Callot (1592-1635), gravador e pintor francês. [«« »]

73. *Pasquier*: Étienne Pasquier (1529-1615), jurisconsulto e magistrado, autor de *Pesquisas sobre a França*. — *Molé*: Mathieu Molé (1584-1656), procurador-geral e, depois, presidente do Parlamento de Paris, cujos direitos defendia com intrepidez contra as arbitrariedades da Corte. [«« »]

74. *Desplein*: personagem balzaquiana, ilustre cirurgião; protagonista de *A missa do ateu*. [«« »]

75. *Ernesto de la Brière*: personagem balzaquiana, o marido de Modesta Mignon. [«« »]

76. *Congregação*: fundada em 1801 pelo ex-jesuíta Delpuits, como objetivo declarado de defender a fé e os bons costumes; fechada por Napoleão; reorganizada em 1814 sob a Restauração; cada vez mais forte, pela adesão de personalidades influentes, e mais ativa; acabou em consequência da queda de Carlos X, em 1830. [«« »]

77. *Bonneau*: [ver a nota 22](#). [«« »]

78. *Sr. Poiret, o velho*: personagem de *O pai Goriot*, um dos pensionistas da sra. Vauquer. [«« »]

79. *Charlet*: Nicolas-Toussaint Charlet (1792-1845), desenhista de renome, conhecido sobretudo pelos seus retratos de soldados da guarda e por suas cenas populares. [«« »]

80. *Sylvestre*: François Sylvestre, paisagista (1624-1691) aluno de Joseph Parrocel. [«« »]

81. *Andran*: Gérard Andran (1640-1703), gravador francês; gravou as obras dos pintores Le Brun, Mignard e Poussin. [«« »]

82. *Duque de Rhétoré*: personagem balzaquiana, filho do duque de Chaulieu; manteve durante vários anos a bailarina Túlia, depois sra. du Bruel (*Um príncipe da Boêmia*); casou com a duquesa de Argaiolo (*Alberto Savarus*). [«« »]

83. Essa estranha teoria a respeito do autor dramático o próprio Balzac pratica: oferecia aos teatros peças que nem existiam, depois arrolava colaboradores, comunicava-lhes o enredo em poucas palavras e encomendava-lhes um ou vários atos. Depois ficava surpreendido quando as peças fabricadas desta maneira fracassavam. [«« »]

84. *Robert Lindet* (1746-1825): membro da Convenção, votou a morte de Luís XVI; membro do Comitê de Salvação Pública; ministro da Fazenda do Diretório. [«« »]

85. *Delfina*: Maria Teresa, filha de Luís XVI, duquesa de Angoulême. — *Madame*: a duquesa de Berry. [«« »]

86. *Mazeppa*: jovem herói cossaco da Ucrânia, protagonista de um poema de Byron. Surpreendido pelo marido da amante, Mazeppa é por ele atado às costas de um cavalo indomável que se solta mundo afora. Apesar dos mil perigos que atravessa, salva-se. [«« »]

87. *Horace Vernet* (1789-1863): conhecido pintor de cenas de batalha. De *Mazeppa*, ilustrou as suas cenas em que o herói, sempre atado ao cavalo indomável, é assaltado primeiro por uma malta de lobos, depois por um tropel de cavalos selvagens. [«« »]

88. *Vigneron*: pintor popular na época; suas composições sentimentais eram reproduzidas em milhares de estampas. [«« »]

89. O trocadilho involuntário de Phellion (*lieux* em francês significa “lugares”, mas pode também significar “privada”) desaparece na tradução brasileira. [«« »]

90. *Katcomb*: restaurante existente na Rue Neuve-des-Petits-Champs. [«« »]

91. *Chevet*: negociante de comestíveis estabelecido na galeria envidraçada do Palais Royal, fornecedor da Corte. [«« »]

92. *Villiaume*: diretor de uma agência matrimonial durante o Império. [«« »]

93. *Amadis*: herói de um romance de cavalaria espanhol, da autoria de Montalvo, derivado de um original português do século XII, tornou-se famoso pelo amor constante e respeitoso que votava à sua querida Oriana. [«« »]

94. *Fualdès*: nome de um magistrado assassinado por seus dois amigos num prostíbulo de Rodez em 1817; o processo teve repercussão excepcional e deu origem a uma canção famosa. [«« »]

95. *Castaing*: Edme-Samuel Castaing (1796-1823), médico, envenenador de dois amigos seus, os irmãos Ballet, de cuja herança quis apoderar-se. Apesar de defendido pelo ilustre advogado Berryer, foi condenado à morte e executado. [«« »]

96. *Champ d'Asile*: colônia de soldados licenciados e de exilados políticos, fundada no Texas pelo general Lallemand, bonapartista condenado à morte por ter conspirado a favor de Napoleão após o exílio deste. A tentativa de colonização não teve êxito e a colônia foi definitivamente abandonada. [«« »]

97. *Dr. Gall*: Franz-Joseph Gall (1758-1828), fundador da frenologia ou teoria das localizações cerebrais. [«« »]

98. *Grisette*: primitivamente, espécie de fazenda leve e barata; depois, pessoa que a usava, especialmente costureirinha de costumes fáceis. [«« »]

99. *A sra. Descoings*, cuja grande paixão era a loteria, figura em *Um conchego de solteirão*. [«« »]

100. *José Bridau*: pintor de talento, personagem balzaquiana, apareceu em *Um conchego de solteirão* e em *Uma estreia na vida*. [«« »]

101. *Frascati*: café e sorveteria fundado por um napolitano deste nome na esquina do Boulevard e da Rue Richelieu, durante o Diretório; depois se transformou em elegante casa de jogo e como tal existiu até 1837. [«« »]

102. *Abyssus abyssum invocat* (em latim): “O abismo chama o abismo”, expressão bíblica geralmente usada no sentido de “um erro provoca outro”; aqui Balzac lhe dá outra aplicação. [«« »]

103. A *dupla pomada das sultanas* e o *óleo cefálico* são os produtos com que o perfumista César Birotteau fez a sua fortuna. [«« »]

104. *Anagrama*: palavra formada pela transposição de letras de outra palavra. Na época de Balzac era apenas um jogo, como hoje as palavras cruzadas e as charadas. Antigamente, porém, como o faz Colleville, atribuía-se aos anagramas maior importância, e procurava-se tirá-los sobretudo dos nomes próprios, na suposição de que as combinações de letras de dado nome incluiriam necessariamente alusões às qualidades ou até ao destino do portador dele. O anagrama esteve em voga principalmente nos séculos xvi e xvii, quando se publicavam coleções inteiras. Luís XIII, rei da França, tinha seu anagramista oficial, que conseguiu formar nada menos de quinhentos anagramas com o nome do soberano. [«« »]

105. Ver *Os pequenos burgueses*. (Nota de Balzac.) [«« »]

106. *Dauriat*: personagem balzaquiana, livreiro e editor, que publicou os sonetos de Luciano de Rubempré (*Ilusões perdidas*). [«« »]

107. Ver *O pai Goriot*. [«« »]

108. *Camusot*: personagem balzaquiana, comerciante de sedas, genro e sucessor de Cardot. Depois de retirar-se dos negócios, foi eleito deputado, nomeado par da França e barão. Durante algum tempo manteve a atriz Corália (*Ilusões perdidas*). Pai do presidente de tribunal Camusot de Marville. [«« »]

109. No texto francês — *il ne se voyait pas dedans* — há um trocadilho intraduzível, baseado na homofonia de *dedans* (“dentro” ou “nele”) e *de dents* (“dentes”). N. R. E no texto em francês o trocadilho vem explicitado: “il ne se voyait pes dedons (de dents)”. [«« »]

110. *O Bezerro que Mama*: *Le Veau-qui-tette*, restaurante que existia no número 4 da Rue de la Vrillière. — *Café David*: existente na confluência da Rue du Roule e da Rue Saint-Honoré. [«« »]

111. *Maximum*: decreto de tabelamento de gêneros, expedido durante a Revolução Francesa, e cuja publicação e revogação ocasionaram graves desordens, com manifestações contra os industriais e os atacadistas. [«« »]

112. *Dr. Haudry*: personagem balzaquiana, médico; tratou César Birotteau, a sra. Desmarests (*Ferragus*) e a sra. Descoings (*Um conchego de solteirão*). [«« »]

113. *Vitórias e conquistas*: em francês, *Victoires et Conquêtes des Français*, compilação, em trinta e quatro volumes, dos boletins e relatórios do jornal oficial *Le Moniteur* sobre os mais insígnies feitos de armas dos oficiais e soldados franceses. [«« »]

114. *Béranger*: Pierre-Jean de Béranger (1780-1857), cancionista de extraordinária popularidade, campeão das ideias liberais. [«« »]

115. *Foy*: Maximilien-Sébastien Foy (1775-1825), general de Napoleão, distinguiu-se nas campanhas de Portugal e de Espanha; eleito deputado em 1819, tornou-se um dos chefes do Partido Liberal. — *Laffitte*: ver a nota 27 de *Um príncipe da Boêmia*. — *Casimir Delavigne* (1793-1843): poeta lírico e dramático, comparado pelos críticos da época a Hugo e Lamartine, autor de *As vésperas sicilianas*, *O pária* etc. [«« »]

116. *Paul-Louis Courier* (1772-1825): publicista liberal, autor de famosos panfletos contra a Restauração; considerado um dos mestres do estilo francês. [«« »]

117. *Miguel Chrestien*: personagem balzaquiana, republicano de convicções firmes; os contemporâneos reconheceram sob seus traços o jornalista Armand Carrell (*Ilusões perdidas*). [«« »]

118. *Volney*: conde Constantin de Volney (1757-1820), escritor liberal, orientalista,

autor de *As ruínas ou Meditações sobre as revoluções dos impérios* (1791), entre outros. [««]

119. *Saint-Just*: Louis de Saint-Just (1767-1794), membro da Convenção e do Comitê de Salvação Pública, conhecido pela inflexibilidade que demonstrou como acusador de Danton e dos companheiros deste. [««]

120. *Robespierre*: Maximilien de Robespierre (1758-1794), um dos chefes da Revolução Francesa. Apoderando-se do Comitê de Salvação Pública, desfez-se de seus rivais Hébert e Danton, estabeleceu o culto do Ser Supremo; derrubado em 27 de julho de 1794, pereceu no cadafalso. [««]

121. *Henrique v*: nome que os legitimistas deram ao conde de Chambord ou duque de Bordéus (1820-1883), neto de Carlos x; depois da morte deste, chefe do Partido Legitimista. Em 1870-1871, após a queda de Napoleão III, sua candidatura teve alguma chance, porém malogrou-se por não querer o candidato adotar a bandeira tricolor da Revolução. [««]

122. *O delfim*: Carlos, duque de Berry, filho de Carlos x; viria a ser assassinado em 1820. [««]

123. *Malte-Brun*: Conrad Malte-Brun (1775-1826), geógrafo dinamarquês; organizou, com vários colaboradores, uma *Geografia de todas as partes do mundo*. [««]

124. *Goritz ou Goertz*: cidade do sul da Áustria (e não da Boêmia, nem da Hungria); hoje pertence à Itália, sob o nome de Gorizia. Carlos x, exilado, morreu nessa cidade em 1836, enquanto Balzac escrevia *Os funcionários*. [««]

125. *Carlos x* exilou-se no momento da Revolução Francesa, em 1789, só voltando à França em 1814. A volta de Napoleão, durante os Cem Dias, forçou-o a refugiar-se em Gand. [««]

126. *D'abord rêva bureaux et eut* [pronuncia-se como a simples letra *u* em francês] *fin riche*: “Primeiro sonhou repartições e teve fim rico”. [««]

127. *Ris d'aboyeur d'oie!*: “Ri do ladrador de ganso!”, isto é, “Ri do cachorro que não faz senão latir ao ganso”. [««]

128. O sr. Cochin é amigo de César Birotteau e assistiu ao famoso baile dado por este. [««]

129. *Cochenille*: cochonilha, gênero de insetos hemípteros originários do México, que dão uma tinta escarlate. [««]

130. *Florina*: personagem balzaquiana, atriz que teve vários amantes antes de se casar com Raul Nathan (*Uma filha de Eva*). [««]

131. *Reicha*: Anton Joseph Reicha (1770-1836), compositor tcheco que se naturalizou francês; autor de óperas e quintetos, e de tratados de composição musical. [««]

132. *Mil soberanos no bolso*: trocadilho baseado nos dois sentidos da palavra *souverain*: “soberano” e “moeda” de ouro inglesa, do valor de uma libra. [««]

133. Na extremidade da Pont de la Concorde encontra-se a Câmara dos Deputados; no fim da Rue de Tournon, o Senado. [««]

134. Mais uma vez Balzac mistura personagens reais, como Chateaubriand (1768-1848), autor de *O gênio do cristianismo*, e Bossuet (1627-1704), o grande orador sacro, a personagens fictícias, como o poeta Canalis, chefe da escola angélica (*Modesta Mignon*). [««]

135. *Sainte-Pélagie*: antiga prisão de Paris; na época de Balzac, tinha uma seção para devedores insolventes. [««]

136. *In partibus [infidelium]*: “nos países ocupados pelos infiéis”, expressão latina que se juntava ao título dos bispos cujas funções eram apenas honoríficas. [« »]

137. *Débats*: o *Journal des Débats*, primitivamente apenas registro das assembleias revolucionárias; durante a Restauração, tornou-se órgão do centro-esquerda, de tendências semiliberais. [« »]

138. *Royer-Collard*: Pierre-Paul Royer-Collard (1783-1845), filósofo e político francês. De início partidário da monarquia absoluta, gradativamente adotou ideias mais liberais e tornou-se o teórico do Partido dos Doutrinários. [« »]

139. *Chouans*: nome dado aos rebeldes monarquistas de 1799, sobre os quais Balzac escreveu *A Bretanha em 1799*. O conde de Fontaine, personagem balzaquiana, era um deles; ele figura também em *O baile de Sceaux*. [« »]

140. *Simeão*: ancião israelita que, segundo a Bíblia, depois de ter visto o Messias no templo, entoou o cântico *Nunc dimittis* (“Agora licencias”). [« »]

141. *Na península de Quiberon* (no Morbihan), em 1795, um exército de emigrados monarquistas tentou desembarcar, com o auxílio da frota inglesa. Aprisionados por Hoche, setecentos e onze emigrados foram fuzilados. Carlos x, então conde d'Artois, assistiu à chacina a bordo de um navio inglês, mas não se atreveu a intervir. [« »]

142. *A Convenção Nacional* foi a assembleia revolucionária que proclamou a República e condenou Luís xvi; governou a França de 21 de setembro de 1792 a 26 de outubro de 1795. [« »]

143. *A Restauração* foi condenada a desaparecer quando a Luís xviii sucedeu Carlos x, que lhe era muito inferior. Quanto à queda da revolução polonesa de 1830, os democratas poloneses, cuja opinião Balzac parece adotar, atribuíam-na à falta de energia do príncipe Adam Czartoriski, chefe do governo provisório. [« »]

144. *Rocher de Cancale*: conhecido restaurante parisiense da época, frequentado pela alta-rodada; cenário de um luxuoso banquete oferecido por Jorge Marest (*Uma estreia na vida*, vol. 2). [« »]

145. No original francês de “rirão e apostarão”: *rirez et parierez*, há um trocadilho intraduzível, pois a pronúncia desta última palavra é igual à de *pas rirez* (não rirão). [« »]

146. *Fouché* foi nomeado duque de Otranto durante o Império. [« »]

147. *Hoche*: o general Lazare Hoche (1768-1797), o pacificador da Vendeia, vencedor dos monarquistas em Quiberon ([ver a nota 141](#)). Quanto a *Jean-Lambert Tallien* (1767-1820), membro da Convenção, foi mandado por esta como comissário junto a Hoche e a seu lado fez prova de uma energia inexorável contra os realistas aprisionados em Quiberon. [« »]

148. *A coleção Baudouin*: *Coleção das memórias relativas à Revolução Francesa*, compilação de Berville e Barrière, em quarenta volumes. [« »]

149. Novo trocadilho intraduzível, baseado na semelhança entre as palavras *cran* (“grau”) e *crâne* (“crânio”). [« »]

150. Em 1805, Napoleão concentrou grande número de tropas perto de Boulogne para fazer um ataque à Inglaterra. Sete anos depois começou o seu declínio, com a infeliz campanha da Rússia. [« »]

151. Thuillier relaciona o nome do jogo de *dominó* com o dativo da palavra latina *dominus*, “senhor”. (Na realidade o nome do jogo proviria do termo *dominó*, túnica de capuz e meia-máscara pretos, por ser o avesso das pedras da mesma cor.) [« »]

152. *Castaing*: ver a nota 95. [« »]
153. *Habent sua sidera lites* (em latim): “As contestações têm os seus astros”. [« »]
154. *O usurpador*: Napoleão I. [« »]
155. *Padre Fontanon*: personagem balzaquiana; diretor espiritual da devota sra. de Granville, estimulou-a contra o marido e perturbou definitivamente a paz do casal (*Uma dupla família*). [« »]
156. *Sr. de Sommervieux*: o pintor Teodoro de Sommervieux, personagem balzaquiana; protagonista de *Ao “Chat-qui-pelote”*. [« »]
157. *Têmis* era a deusa da justiça. [« »]
158. *Chateaubriand*, o famoso autor de *O gênio do cristianismo* e *Memórias de além-túmulo*, era também homem político e desempenhou, sob a Restauração, as funções de ministro do Exterior. Teve de deixá-las em 1824, em consequência de uma desinteligência com o *conde de Villèle*, presidente do Conselho. [« »]
159. *Samanon*: personagem balzaquiana, usurário e agiota; apareceu em *Um homem de negócios*. [« »]
160. *Os Bouffons*: outro nome do *Théâtre des Italiens*, companhia de atores e cantores italianos organizada no século XVII em Paris, e que existiu até 1878. [« »]
161. *Cincinato*: cônsul e ditador romano (século V a.C.), célebre pela simplicidade e austeridade de seus costumes. [« »]
162. *Paroistre*: forma antiga de *paraître*, “parecer”. [« »]
163. Há aqui, no original francês, um trocadilho que se perde na tradução brasileira. O nome de Baudoyer lembra o de *baudet*, “asno”. [« »]
164. Alusão a *O asno carregado de relíquias*, fábula de La Fontaine (livro V, fábula 14), em que o animal que leva relíquias pensa estupidamente ser a ele que adoram. [« »]
165. *O Estouvado contra Mascarilho*: alusão a *O Estouvado*, comédia de Molière em que o apaixonado Lélío, por imprudência, faz que se malogrem, uma após outra, as manhas inventadas por seu criado Mascarilho a fim de obter para o amo o resgate da bem-amada, vendida a um ancião por um grupo de boêmios. [« »]
166. *Pequeno Castelo*: outro nome do Pavilhão de Marsan, nas Tuileries, onde a duquesa de Berry, nora de Carlos X, costumava receber a alta sociedade. [« »]
167. *A condessa Féraud*: personagem balzaquiana, a antiga esposa do coronel Chabert, a qual conseguiu liquidar o marido milagrosamente ressuscitado. Segundo seu hábito de misturar a realidade com a ficção, Balzac faz dela a última amante de Luís XVIII. — *A sra. Listomère*: personagem balzaquiana, protagonista de *Outro estudo de mulher*. [« »]
168. *Fossin*: personagem real, joalheiro que tinha loja na Rue Richelieu. [« »]
169. *Carabosse*: fada velha, feia, corcunda e malfazeja, que dava presentes nefastos. [« »]
170. *Bertrand Barrère* (1755-1841): convencional regicida, membro do Comitê de Salvação Pública; historiador e literato sob o Império, viu-se exilado pela Restauração. [« »]
171. *A Estrela*: quer dizer *L’Étoile*, vespertino monarquista e católico, especialmente protegido pela política. [« »]
172. Em francês, o ministro está fazendo um trocadilho com as palavras *placets* (“petições”) e *déplacés* (“deslocados”). [« »]

173. Esta marquesa deve ser a sra. de Listomère, pois a outra, a sra. d'Espard, como veremos mais adiante, ainda permanece algum tempo. [«« »]

174. *Nós pensamos em fazer interditar o marido dela*: ver *A interdição*. [«« »]

175. *Regência*: período famoso pela dissolução dos costumes e no qual Felipe de Orléans governou a França; com o título de regente, em nome de Luís xv, ainda menor (1715-1723). [«« »]

176. *Citera*: nome antigo da ilha Cérigo, na Grécia, onde Vênus tinha um templo suntuoso. Na linguagem poética, o reino da galanteria. [«« »]

177. *Louvois*: Michel Le Tellier, marquês de Louvois (1639-1691), secretário da Guerra de Luís xiv; reorganizou-lhe o Exército e exerceu forte influência sobre a sua política exterior. [«« »]

178. *Colbert*: ver a nota 17. [«« »]

179. *Jeannin*: Pierre Jeannin (1540-1622), presidente do Parlamento de Dijon, intendente de finanças de Henrique iv. [«« »]

180. *Villeroy*: Nicolas de Villeroy (1598-1685), marechal da França, aio de Luís xiv. [«« »]

181. *Sully*: ver a nota 17. [«« »]

182. *Te Deum laudamus*: “Louvamos a ti como a nosso Deus”; primeiras palavras de um hino latino de ação de graças; *cantar Te Deum*: entoar louvores. [«« »]

183. *Dolce far niente* (italiano): “doce ociosidade”. [«« »]

184. *Inde irae* (em latim): “daí a cólera”. Palavras de uma sátira de Juvenal. [«« »]

185. “*Laurenço, amarre meu cilício com a minha disciplina* (correias com que se açoita por penitência)”, tradução do verso *Laurent, serrez ma haire avec ma discipline*, do *Tartufo*, de Molière. São essas as primeiras palavras que o hipócrita pronuncia na peça (ato iii, cena 2), dirigindo-se ao criado, para que outra personagem presente o acredite unicamente entregue a exercícios de devoção e penitência. [«« »]

186. *Ri ao feio!* Há no original mais uma vez o trocadilho intraduzível, baseado na homofonia ente a frase *Ris au laid* (“Ri ao feio”) e a expressão *riz au lait* (“arroz doce”). [«« »]

187. *Os Italianos*: o Théâtre des Italiens (ver a nota 160). [«« »]

188. *Talma*: François Joseph Talma (1763-1826), ator trágico francês, comediante preferido de Napoleão. [«« »]

189. *Vistes cair etc.*: tradução dos versos de Corneille “Vous avez vu tomber le plus illustres têtes, / Et vous vous étonnez, insensés que vous êtes!”, já citados em *Úrsula Mirouët*. [«« »]

190. *Os quatro sargentos de La Rochelle*: Bories, Goubin, Pommier e Raoux, todos de menos de trinta anos, associados ao carbonarismo e que conspiraram contra os Bourbon. Detidos em La Rochelle, onde seu regimento estacionava, foram trazidos a Paris, condenados à morte e executados em 1822. [«« »]

191. *Berton*: barão Jean-Baptiste Berton (1769-1822), general do Império; demitido durante a Restauração, procurou organizar em 1822 um levante armado e atacou a cidade de Saumur. Preso e julgado, foi executado em Poitiers. [«« »]

192. *Ney*: Michel Ney (1769-1815), marechal de Napoleão, vencedor de muitas batalhas. Nomeado par de França por Luís xviii, durante os Cem Dias tomou partido por Napoleão. A segunda Restauração julgou-o traidor e o fez executar. [«« »]

193. *Caron*: Augustin-Joseph Caron, tenente-coronel de Napoleão; tomou parte em

duas conspirações; na de 19 de agosto de 1820, foi absolvido pela Câmara dos Pares; e na de 1822, condenado por um Conselho de Guerra e executado. [««]

194. *Os irmãos Faucher*: César e Constantin Faucher (1751-1815), irmãos gêmeos, generais brigadeiros do Exército republicano da Vendeia, condenados à morte e executados no começo da Restauração, sob acusação falsa. [««]

195. Mais um trocadilho intraduzível, baseado nos homônimos *réponses* (“respostas”) e *raiponce* (“rapôncio”, espécie de hortaliça). [««]

196. *A Doutrina: La Doctrine*, partido de realistas constitucionais que representavam o “justo meio” durante a Restauração; o reinado de Luís Felipe marcou a sua ascensão com Guizot. [««]

197. *A coroação*: a de Carlos x, em 1824. [««]

198. *Golpe de Jarnac*: golpe inesperado e decisivo, por alusão ao famoso duelo em que o conde Guy Chabot de Jarnac, em 1547, matou La Châtaigneraie. [««]

199. *Sai daí para eu entrar*: tradução do ditado *Ôte-toi de là que je m’y mette*. [««]

200. *Menus-Plaisirs*: “Pequenos Prazeres”, repartição que, sob o Antigo Regime e sob Carlos x, fazia parte da Casa do Rei, e à qual cabia o controle dos teatros. [««]

201. *Basílio*: personagem de *O barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais, do qual Rossini tirou uma ópera-bufa; tipo do hipócrita cúpido, escolheu como lema: “Caluniai, caluniai; algo sempre pegará”. [««]

202. *Um herói de Plutarco*: isto é, um grande caráter. Plutarco, historiador grego (c. 46 d.C — c. 125), escreveu as *Vidas paralelas* dos homens ilustres da Grécia e de Roma, destacando sobremaneira os exemplos de grandeza moral. [««]

203. *Barras*: visconde Paul de Barras (1755-1829), político, membro da Convenção e do Diretório. Foi ele quem confiou ao jovem Bonaparte a missão de reduzir Toulon à obediência (1793), e quem mais tarde o fez nomear chefe do Exército de Itália; depois, porém, ficou hostil a Napoleão e se opôs a seu golpe de Estado de 18 de brumário. [««]

204. *Sr. de Villèle*: conde Joseph de Villèle (1773-1853), primeiro-ministro de 1821 a 1828, ultrarrealista, autor de medidas reacionárias. — *Col tempo*: “com o tempo”. [««]

205. *Tout vient à point pour qui sait attendre*: “Tudo chega em tempo para quem sabe esperar”. [««]

206. *Schinner*: personagem balzaquiana, pintor; seu casamento é contado em *A bolsa*. [««]

207. *Dois Macacos: Aux Deux Magots*, café que ainda hoje existe no Boulevard Saint-Germain. [««]

208. *Shylock*: usurário cruel, personagem de *O mercador de Veneza*, de Shakespeare. [««]

209. *O cardeal de Fleury* (1653-1743) era ministro de Luís xv; administrador probo, adotava uma política exterior conciliatória, mas não conseguiu evitar a guerra com a Áustria. — Balzac compara com ele Denis Frayssinous (1765-1841), bispo de Hermópolis, pregador de Luís xviii, ministro da Instrução Pública em 1825, protetor da Congregação. Seus partidários censuraram-no por ter reconhecido abertamente, numa sessão da Câmara, a existência desta última, procurando justificar-lhe as atividades. [««]

210. *Saint-Merri*: alusão à insurreição republicana da Rue du Cloître Saint-Merri, de Paris, por ocasião das exéquias do general Lamarque (5 e 6 de junho de 1832), e que foi sufocada em sangue. [««]

211. “A causa vitoriosa agradou aos deuses, mas a vencida a Catão.” Verso da *Farsália*, de Lucano. [«« »]
212. Trocadilho fácil: o nome de *Desroys* é composto de *des rois* (“de reis”). [«« »]
213. *La Rochefoucauld*: duque François de la Rochefoucauld (1613-1680), autor de espirituosas e concisas *Máximas* (1665), em que ele faz derivar todas as ações e todos os sentimentos humanos do egoísmo, do amor-próprio, do interesse pessoal e de outros motivos pouco nobres. [«« »]
214. *En Lupus in Historia* (em latim): “Eis o lobo na história”. Forma alterada do ditado *Est lupus ein fabula*; equivale mais ou menos ao nosso “Fala no mau, prepara-lhe o pau”. [«« »]
215. Esta visita de Roubourdin já é feita depois da Revolução de Julho de 1830, que naturalmente operou mudanças radicais no pessoal de todas as repartições públicas. [«« »]

OS COMEDIANTES SEM O SABEREM

1. *Conde Jules de Castellane* (?-1861): aristocrata francês, amigo do teatro que organizava representações em seu palacete do Faubourg Saint-Honoré. [«« »]
2. *Léon de Lora*, conhecido também pela alcunha de Mistigris, além de *Uma estreia na vida*, apareceu em *Honorina*, *Beatriz*, *A prima Bete* etc. [«« »]
3. *Hobbema* (1638-1709): paisagista holandês, pintou sobretudo cenários do seu país, com bosques e moinhos. — *Ruysdael* (1628-1682): outro paisagista da mesma nacionalidade, notável pelas nuvens de seus fundos de quadro e seus efeitos de luz. — *Claude Lorrain* (1600-1682): paisagista francês, autor de quadros de intensa luminosidade e grande realismo. [«« »]
4. *Seu amigo Bridau*: José Bridau, que, depois da morte do irmão Felipe, lhe herdou os títulos e o palacete (*Um conchego de solteirão*). — *Schinner*: protagonista de *A bolsa*, onde nos foi contado seu casamento; amigo de Pedro Grassou, na novela do mesmo nome, dava-lhe inutilmente conselhos sobre a arte; amigo dos Roubourdin, não os abandonou na desgraça (*Os funcionários*). [«« »]
5. *Minotaurizar*: termo cômico inventado por Balzac e cujo sentido é “tornar chifrudo” (ao marido da mulher infiel). [«« »]
6. *Bixiou*: uma das personagens de primeiro plano de *A comédia humana*, caricaturista de talento, homem espirituoso, mas amoral; desempenhou seu último papel em *Os funcionários*. [«« »]

7. No original, Balzac transcreve a pronúncia meridional de Gazonal, acrescentando, assim, mais um encanto à narrativa, ao qual, porém, por motivos óbvios, tivemos de renunciar na tradução. [««« »]

8. *Massol*: personagem balzaquiana; encontramos-lo antes de chegar à atual posição elevada como jornalista e advogado em *Esplendores e misérias das cortesãs*, *Uma filha de Eva* etc. [««« »]

9. *Cláudio Vignon*: personagem balzaquiana, crítico, ex-amante de Felicidade des Touches (*Beatriz*). [««« »]

10. *Guilherme Tell*: ópera em quatro atos, de Rossini, com palavras de Bis e Jouy (1829). [««« »]

11. *Malibran*: Maria Felícia García (1806-1836), ilustre cantora de origem espanhola, celebrada nas *Estâncias à Malibran*, de Musset. [««« »]

12. *Carabina*: uma das cortesãs de *A comédia humana*, assistiu à inauguração do palacete de Josefa (*A prima Bete*). A origem de sua alcunha será explicada no fim desta novela. [««« »]

13. *Du Tillet*: o ex-caixeiro infiel de César Birotteau, que venceu na vida graças à sua falta de escrúpulos e à sua manhosa crueldade; protagonista de *A comédia humana*, já apareceu em muitos contos e romances. [««« »]

14. *Taglioni*: [ver a nota 63](#) de *Um príncipe da Boêmia*. — *Elssler*: Fanny Elssler (1810-1884), célebre atriz vienense, a quem se atribuiu uma ligação amorosa com o duque de Reichstadt, filho de Napoleão. [««« »]

15. *Gaillard*: Teodoro Gaillard, personagem balzaquiana; fundador do jornal em que colaborou Luciano de Rubempré (*Ilusões perdidas*). Desposou a linda cortesã Susana du Val Noble, a ex-lavadeira de Alençon, a qual viera a Paris com o dinheiro extorquido a Du Bousquier, fazendo-lhe crer que a tornara grávida (*A solteirona*). [««« »]

16. *Frédérick Lemaître* (1800-1876): ator de grande popularidade, que representava magistralmente as grandes paixões e era conhecido pela sua habilidade na caracterização; habilidade que custou caro a Balzac, pois sua peça *Vautrin* foi proibida após a primeira representação por se ter Frédéric caracterizado, no papel de protagonista, como Luís Felipe. [««« »]

17. *Odry*: Jacques-Charles Odry (1781-1853), ator cômico; seus melhores desempenhos eram Bilboquet em *Os saltimbancos* ([ver a nota 57](#) de *Os funcionários*) e Lagingeole em *O urso e o paxá*. [««« »]

18. *Vidocq*: François-Eugène Vidocq (1775-1857), famoso aventureiro que chegou a chefe da Polícia de Segurança após ter sido malfeitor. Balzac, que o conheceu pessoalmente, tomou-o por modelo de seu Vautrin. [««« »]

19. *Fouché*: Joseph Fouché (1759-1820), ministro da Polícia de Napoleão, a quem traiu depois dos Cem Dias; conhecido como intrigante dos mais hábeis e dos menos escrupulosos. [««« »]

20. *Quai Malaquais*: um dos cais do Sena, onde se encontra atualmente a Escola de Belas-Artes. [««« »]

21. *Sr. Decazes*: duque Élie Decazes (1780-1860), chefe do gabinete em 1819 e 1820, de tendências moderadas. [««« »]

22. *Contenson*: personagem balzaquiana, gentil-homem degradado que se tornou delator e agente da polícia; morreu no decorrer de uma luta corporal com Carlos Herrera, a quem perseguiu em sua fuga pelos telhados e que o precipitou do alto no

chão (*Esplendores e misérias das cortesãs*). [«« »]

23. *Béranger*: Pierre-Jean de Béranger (1780-1857), cancionista de pendoros liberais e de popularidade extraordinária. — *Lisette*: tipo da *grisette* (costureirinha) parisiense, cantada por Béranger. [«« »]

24. *Amoros*: Francisco Amoros y Ondeano (1790-1848), político liberal espanhol, refugiado na França após a restauração de Fernando VII. No exílio organizou cursos de ginástica, que se tornaram famosos. [«« »]

25. Na *Rue de Jerusalém*, desaparecida com a ampliação do atual Palácio da Justiça, encontrava-se, na época de Balzac, a chefatura de polícia. [«« »]

26. *Finot*: pai de Andoche Finot, que chegou a diretor de jornais e revistas e homem de grande fortuna (*César Birotteau*, *Ilusões perdidas*, *Esplendores e misérias das cortesãs*). [«« »]

27. *Jacquart*: Joseph-Marie Jacquart, ou Jacquard (1752-1834), técnico francês, inventor do tear que lhe conserva o nome. [«« »]

28. *O chapéu é o homem*: transformação da frase atribuída a Buffon, “O estilo é o homem”. [«« »]

29. *Sr. de LoustEAU*: personagem balzaquiana, jornalista aventureiro, protagonista de *A musa do departamento*. [«« »]

30. *Príncipe de Béthune*: personagem que não aparece em nenhuma outra obra de *A comédia humana*. [«« »]

31. *Débats*: [ver a nota 137](#) de *Os funcionários*. [«« »]

32. *Meio-termo*: expressão de Luís Felipe, que desejava manter um justo meio entre as concepções antagônicas da Revolução e da Restauração. [«« »]

33. *Sra. Nourrisson*: personagem balzaquiana, proxeneta e dona de casa de tolerância; foi num de seus estabelecimentos que Montes de Montejanos surpreendeu a sra. Marneffe com o conde Steinbock (*A prima Bete*). [«« »]

34. *Princesa de Lamballe*: Marie-Thérèse Louise de Savoie-Carignan (1749-1792), amiga devotada da rainha Maria Antonieta, vítima das setembrizadas ([ver mais adiante a nota 47](#)). [«« »]

35. *Mistigris* gostava muito dos trocadilhos; era um especialista em deformar provérbios (*Uma estreia na vida*). [«« »]

36. *Sra. Antônio*: uma das cortesãs de *A comédia humana*; foi, durante algum tempo, amante de La Palférine, que depois lhe reclamou a escova de dentes numa carta tornada famosa. [«« »]

37. *Mosquete*: alcunha de uma cortesã que não aparece em nenhuma outra obra de *A comédia humana*. [«« »]

38. *Málaga*: Margarida Turquet, uma das cortesãs de *A comédia humana*; a “falsa amante” de Tadeu Paz. [«« »]

39. *Jenny Cadine*: outra cortesã do mundo balzaquiano; “educada” e mantida desde a idade de treze anos pelo barão Hulot (*A prima Bete*). [«« »]

40. *Príncipe d’Ysembourg*: distração de Balzac, pois a mesma personagem já apareceu em *A prima Bete*, como príncipe de Wissemburgo, lá também qualificado como “o Condé da República”. Christophe e Cerfberr, autores do *Répertoire des Personnages de La Comédie Humaine*, não perceberam o lapso de Balzac e registram os dois nomes como se designassem personagens diferentes. [«« »]

41. *Dorina*: criada de Mariana em *O tartufo*, de Molière; tipo da empregada dedicada que se identifica com os interesses de seus amos, mas não tem pejo de dar palpite a respeito de tudo. [«« »]

42. *Condé*: Luís II, príncipe de Condé (1621-1686), o maior general da Monarquia francesa. [«« »]

43. *Prêmio Montyon*: prêmio para recompensar ações virtuosas, distribuído ainda hoje, anualmente, pelo Instituto de França; instituído pelo barão Augé de Montyon (1733-1820). [«« »]

44. O *Vaudeville*: Théâtre du Vaudeville, inaugurado em 1791 na Rue de Chartres; deve seu nome aos *vaudevilles* (comédias leves entremeadas de canções), a cuja representação se restringiu de início. [«« »]

45. *Parece que se obtém a amizade do camarote do porteiro, como a de toda a gente, pelos camarotes*. O trocadilho é menos forçado em francês, pois a palavra *loge* (“camarote de teatro”) é também o termo exato que designa o quarto do porteiro na entrada dos edifícios. [«« »]

46. *Seu primeiro cordão*. A palavra *cordão* é aqui usada em dois sentidos: no de condecoração e no de corda fixa no portão dos edifícios, com a qual os porteiros, de seu cubículo, podem abri-lo. [«« »]

47. *Setembrizadores*: os que tomaram parte nas *setembrizadas*, matança dos prisioneiros políticos em Paris, de 2 a 6 de setembro de 1792. [«« »]

48. *Gobseck*, *Gigognet*, *Chaboisseau*, *Samanon*: personagens de *A comédia humana*, todos usurários do tipo clássico, isto é, avaros e agiotas ao mesmo tempo e que vivem na miséria. [«« »]

49. *Vauvinet* já foi encontrado em *A prima Bete*: foi ele que duas vezes emprestou dinheiro ao barão Hulot e depois o perseguiu, sempre por conta de Nucingen. [«« »]

50. *Ridal*: Fulgêncio Ridal, personagem balzaquiana; um dos membros do Cenáculo chefiado por D'Arthez (*Ilusões perdidas*). [«« »]

51. *Cérizet*: um dos usurários do mundo balzaquiano; vimo-lo em atividade em *Um homem de negócios*. [«« »]

52. *O carvalho e o caniço*: fábula de La Fontaine (livro I, fábula 22), na qual o poeta faz o carvalho exprimir sua comiseração pela fraqueza do caniço. Este lhe agradece a generosidade, porém mostra-lhe que ser caniço é menos perigoso que ser carvalho. O temporal mais forte não chega a quebrar aquele que se dobra ao vento; ao passo que uma grande árvore pode ser desarraigada por um vento forte. [«« »]

53. *Gubetta*: espião em *Lucrécia Borgia*, drama de Victor Hugo. [«« »]

54. *Sejamos amigos*, *Cinna*: frase muito citada do *Cinna*, de Corneille, atribuído por este ao imperador Augusto, que generosamente perdoa a quem conspirou contra ele. [«« »]

55. *Emílio Blondet*: protagonista de *A comédia humana*, jornalista de grande talento, mas inescrupuloso (*A solteirona*, *O gabinete das antiguidades*, *Ilusões perdidas* etc.). [«« »]

56. *Marius sem ruínas*. Alusão a Mário (em francês: Marius), general romano, chefe do partido popular, e que, perseguido por seu rival vitorioso Sila, se refugiou na África, no lugar onde outrora se erguia Cartago; foi lá que o encontrou o mensageiro do pretor, encarregado de expulsá-lo da província. [«« »]

57. *Sr. de Parny*: Evariste-Désiré de Parny, autor de graciosas poesias de amor. [«« »]

58. *Água de Botot*: “água balsâmica” inventada por M. S. Botot, lançada em 1755, utilizada como dentífrico e, nas nevralgias e reumatismos, como analgésico. [«« »]

59. *Rubini*: Giambattista Rubini (1795-1854), tenor italiano. [« »]
60. *Paganini*: Niccolò Paganini (1782-1840), violinista e compositor italiano. [« »]
61. *Carême*: Marie-Antoine Carême (1784-1833), cozinheiro de renome, autor de obras de gastronomia. — *Vestris*: [ver a nota 61](#) de *Um príncipe da Boêmia*. [« »]
62. *Humboldt*: Alexander von Humboldt (1769-1859), sábio naturalista alemão, autor de *Cosmos ou descrição física do mundo*. [« »]
63. *Fourierista*: partidário de Charles Fourier (1772-1837), filósofo e sociólogo francês, autor do *Tratado de associação doméstica e agrícola* (1822), cujo sistema se baseia na associação das famílias. A harmonia destas se obtém associando-se num mesmo grupo social, a falange, mil seiscentas e vinte pessoas, homens e mulheres, representantes de cada uma das oitocentas e dez paixões humanas distinguidas por Fourier. A sociedade seria dividida em *falanstérios*, cidades-modelo localizadas no campo, onde os moradores viveriam em comum de um trabalho feito com alegria, pois seria o trabalho livre que cada um escolheria em conformidade com a sua paixão. [« »]
64. *Chamfort*: Sébastien Roch Nicolas, dito de Chamfort (1740-1794), espirituoso moralista. [« »]
65. *Saint-simoniano*: partidário da doutrina filosófica, religiosa e social do conde Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825), que expôs suas ideias em *Da reorganização da sociedade moderna* e outras obras; foi um dos predecessores do socialismo moderno. [« »]
66. *Salomon de Caus*, ou de Caux (1576?-1626): cientista, cuja biografia é insuficientemente esclarecida. Sua obra principal, *As razões das forças motrizes com diferentes máquinas tanto úteis quanto divertidas*, fá-lo considerar o primeiro inventor da máquina a vapor. Richelieu tê-lo-ia mandado confinar no hospício de Bicêtre. [« »]
67. *A velha Fontaine*: a cartomante a quem a Cibot foi consultar para saber a atitude que lhe convinha manter a fim de se apoderar da herança do *Primo Pons*. [« »]
68. *O Marais*: antigo bairro de Paris, correspondente aos atuais III e IV distritos, onde ainda hoje se veem muitos edifícios antigos, descrito no começo de *Uma dupla família*. [« »]
69. *Srta. Lenormand*: Marie-Anne-Adélaïde Lenormand (1772-1843), cartomante de grande prestígio, que teve clientes nas altas-rodas da sociedade. Segundo a tradição, predisse a Joséphine de Beauharnais seu casamento com o futuro imperador. Autora de vários panfletos e livros. [« »]
70. *Lassailly*: Charles Lassailly (1812-1843), literato boêmio e fantasista, autor de *Astúcias de Trialph, nosso contemporâneo, antes de seu suicídio*, espécie de autobiografia; Balzac pediu-lhe emprestado os sonetos da Margarida e da Camélia, atribuídos a Luciano de Rubempré (*Ilusões perdidas*). [« »]
71. *Hoffmannesca*: como um interior descrito por E. T. A. Hoffmann ([ver a nota 70](#) de *Os funcionários*). [« »]
72. *Egéria*: ninfa de quem, segundo a lenda, Numa Pompílio, rei de Roma, ia receber conselhos no bosque da Arícia. [« »]
73. *Os festins de Baltasar*: alusão às orgias que, segundo a Bíblia, Baltazar, rei da Babilônia, organizava; numa delas, em que profanou os vasos sagrados do templo de Jerusalém, viu aparecer em letras de fogo na parede as palavras *Mané-Tecel-Fares* (contado, pesado, dividido), anunciando seu próximo fim. [« »]
74. *Gavarni*: Sulpice-Guillaume Chevalier (1804-1866), pintor e caricaturista

espiritoso, colaborador do jornal satírico *Le Charivari*, em cujas gravuras deu uma galeria dos tipos da época, espécie de *A comédia humana* em desenhos. [« »]

75. *Moniteur*: [ver a nota 39](#) de *Os funcionários*. [« »]

76. *Sr. Giraud*: Léon Giraud, personagem balzaquiana, membro do cenáculo de D'Arthez (*Ilusões perdidas*); entrou na política depois da Revolução de 1830 e foi nomeado conselheiro de Estado (*Os segredos da princesa de Cadignan*). [« »]

77. *Monrose*: [ver a nota 7](#) de *Gaudissart II*. [« »]

78. *Máximo*: Máximo de Trailles, protagonista de *Um homem de negócios*. [« »]

79. *Canalis*: personagem balzaquiana, político e poeta, chefe da Escola Angélica, moldado em Lamartine (*Modesta Mignon*). [« »]

80. *Marat*: Jean-Paul Marat (1743-1793), revolucionário deputado da Convenção e redator de *L'Ami du Peuple*, a quem se atribui a iniciativa das setembrizadas ([ver a nota 47](#)); assassinado por Charlotte Corday. [« »]

81. *Uma máquina devida ao médico*: alusão à guilhotina, inventada pelo dr. Joseph-Ignace Guillotin (1738-1814), professor de anatomia na Faculdade de Paris. [« »]

82. *Robespierre*: [ver a nota 120](#) de *Os funcionários*. — *Saint-Just*: [ver a nota 119](#) do mesmo romance. [« »]

83. *Os montanhese*s: membros da Montanha, o grupo mais avançado da Convenção, assim chamado por ocupar as filas mais elevadas da Assembleia Revolucionária; cada vez mais numerosos, depois de esmagar os Girondinos, tomaram conta do poder e iniciaram o Terror. [« »]

84. *Barrère*: Bertrand Barrère ([ver a nota 170](#) de *Os funcionários*) era o literato da Revolução a quem seus contemporâneos alcunharam de “Anacreonte da Guilhotina” e que leu na Convenção centenas de moções em estilo patético, geralmente motivadas pelas vitórias dos exércitos republicanos. Presidente na memorável sessão da Convenção que determinou a queda de Robespierre, fora à sessão, segundo uma anedota, com dois discursos prontos, um contra, outro a favor deste último. [« »]

85. *Máximo*: [ver a nota 111](#) de *Os funcionários*. [« »]

86. *Fouquier-Tinville*: Antoine-Quentin Fouquier-Tinville (1746-1795), promotor público do tribunal revolucionário, o grande abastecedor da guilhotina durante o Terror; morto no cadafalso. [« »]

87. *Collot d'Herbois*: Jean-Marie d'Herbois (1750-1796), membro da Convenção e do Comitê da Salvação Pública, responsável pela matança dos prisioneiros políticos em Lyon, em 1793; morto em degredo na Guiana Francesa. [« »]

88. *Chabot*: François Chabot (1759-1794), monge capuchinho que aderiu à Revolução e fez parte da Extrema Esquerda da Convenção; em 1793 casou com a irmã de um rico banqueiro, e meteu-se logo depois em negócios suspeitos, que o levaram ao cadafalso. [« »]

89. *Barras*: [ver a nota 203](#) de *Os funcionários*. [« »]

90. *Gymnase* ou *Gymnase Dramatique*: teatro inaugurado em 1820, onde durante muito tempo se representavam quase exclusivamente *vaudevilles*. [« »]

91. *A famosa Ester*: Ester van Gobsek, heroína de *Esplendores e misérias das cortesãs*. [« »]

92. *Florina*: amante, depois esposa, de Raul Nathan (*Uma filha de Eva*). [« »]

93. *A falecida sra. Schontz*: cortesã que se casou com o juiz Fabiano du Ronceret. O

epíteto “falecida” equivale aqui a “antiga”. [««]

94. *A esposa de Du Tillet* era Maria Eugênia de Granville, filha do conde de Granville. Em *Uma filha de Eva*, foi-nos contada a sua triste mocidade, assim como sua infelicidade no casamento. [««]

95. *O senhor é dentista?*: o trocadilho só existe em francês, língua em que a primeira sílaba de *dentelle* (renda) e a de *dentiste* (dentista) se pronunciam da mesma forma. [««]

96. *Déjazet*: Pauline-Virginie Déjazet (1798-1875), atriz famosa pelo talento e pelo espírito, assim como pela licenciosidade dos costumes. [««]

97. *Benvenuto Cellini* (1500-1571): grande ourives, gravador e escultor italiano, que teve uma existência cheia de aventuras relatadas em sua autobiografia. [««]

98. *Froment-Meurice*: [ver a nota 15](#) de *Gaudissart II*. [««]

99. *A Trapa* (em francês *la Trappe*): nome de uma abadia fundada em 1140, perto de Mortague, reformada em 1662 pelo abade Rancé, e cujos religiosos, os trapistas, observam um regulamento de excepcional severidade. [««]

OS PEQUENOS-BURGUESES

1. *Constance Victoire*. Sob estes dois nomes inventados, Balzac dedicava a obra à condessa Hanska, sua futura mulher, querendo indicar, sem dúvida, que graças à sua constância ele alcançaria a vitória, isto é, o matrimônio almejado. [««]

2. *Tartufo*: título de uma comédia de Molière e nome da personagem principal, hipócrita devasso que, fingindo devoção, se insinua na simpatia de Orgon e se lhe instala em casa, metendo-se em todos os negócios, tentando seduzir-lhe a mulher e açambarcar-lhe a fortuna. [««]

3. *Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião*: importante obra de Lamennais (1817 a 1829). [««]

4. *Uma dupla família*: ver no volume 2 da presente edição. [««]

5. *Ao “Chat-qui-pelote”*: ver no volume 1 da presente edição. [««]

6. *Juiz Popinot*: personagem balzaquiana, protagonista de *A interdição*. [««]

7. *Fulbert* (século XI): cônego de Paris, tio de Heloísa, inimigo de Abelardo. [««]

8. *Old Mortality*: romance de Walter Scott (1816); o título é a alcunha de um estranho peregrino que passa a vida a procurar os túmulos dos “covenantistas” (adversários dos “cavaleiros” numa luta civil por volta de 1670), para limpá-los do musgo e refazer, neles, as inscrições apagadas pelo tempo. [««]

9. *Del ornamento* (certo: *dell’ornamento*): “da ornamentação”. [««]

10. *Thuillier*: já apareceu em *Os funcionários*. [««]

11. *Dutocq*: já apareceu em *Os funcionários*. [««]

12. *Petitot*: Jean Petitot (1607-1691), pessoa real. Retratista em esmalte. [««]

13. *O grande século*: o século XVII. [««]

14. *Otium cum dignitate*: “lazer com dignidade”. [««]

15. *Pedro Grassou*: personagem balzaquiana, pintor medíocre, herói da novela deste nome. [««]

16. *O Consulado* durou de 9 de novembro de 1799 a 18 de maio de 1804. [«« »]
17. *Uma princesa polonesa*: a princesa Czartoryska, esposa do antigo chefe do governo polonês durante a Revolução de 1830; comprou e fez restaurar em 1843 o histórico palácio Lambert, na Île Saint-Louis. [«« »]
18. *Colleville*: já apareceu em *Os funcionários*. [«« »]
19. O *Poiret* de que se trata aqui é Poiret o moço, personagem de *Os funcionários*. [«« »]
20. *Grande Livro*: registro da dívida pública, que contém o nome de todos os credores do Estado. [«« »]
21. *Srta. de Orléans*, dita sra. Adelaide (1777-1847): irmã solteira de Luís Felipe, de quem foi a conselheira; teria sido por influência dela que o irmão aceitou o trono em 1830. [«« »]
22. *Orestes e Píldes*: personagens da mitologia grega, cuja amizade se tornou proverbial. [«« »]
23. *Lindor*: nome que adota, em *O barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais, o conde de Almaviva, quando vem fazer a corte a Rosina. [«« »]
24. *La Billardiére e Rabourdin*: personagens de *Os funcionários*. [«« »]
25. *Um Ladislau*: São Ladislau, rei da Hungria, monarca absoluto e vitorioso. [«« »]
26. *A rainha Elisabeth*: alusão à rainha Elisabeth da Inglaterra (1533-1603), soberana enérgica e autoritária. [«« »]
27. *Francoeur e Rebel*: François Francoeur (1698-1767) e François Rebel (1705-1775), compositores, coautores de várias óperas, codiretores da Academia Real de Música de 1751 a 1767. [«« »]
28. *O adivinho da aldeia*: ópera-cômica de Jean-Jacques Rousseau, representada em Fontainebleau, perante a Corte, em 1752. [«« »]
29. *Príncipe Galathionne*: personagem balzaquiana; já apareceu em papéis secundários em *Beatriz*, *Os segredos da princesa de Cadignan* etc. [«« »]
30. *Túlia*: personagem balzaquiana, que casou com Du Bruel; protagonista de *Um príncipe da Boêmia*. [«« »]
31. *Carlos Gondreville*: filho do conde Gondreville, personagem principal de *Um caso tenebroso*. [«« »]
32. *O grande Keller*: Francisco Keller, um dos grandes banqueiros de *A comédia humana*; foi a quem César Birotteau se dirigiu em vão antes de declarar falência. [«« »]
33. *Apolo de Belvedere*: estátua antiga, conservada no Museu do Vaticano, considerada como o tipo da beleza plástica. [«« »]
34. *Des Lupeaulx* já apareceu em *Os funcionários*. [«« »]
35. *Congregação*: [ver a nota 76](#) de *Os funcionários*. [«« »]
36. *A fim de poder educar a filha em Saint-Denis*: a Legião de Honra, criada durante o Consulado em 1802 e inaugurada em 1804 por Napoleão, comportava diversos privilégios entre os quais a educação gratuita das filhas dos condecorados nas escolas de Éconen e de Saint-Denis, fundadas respectivamente em 1806 e em 1811. [«« »]
37. *Phellion*: já apareceu em *Os funcionários*. [«« »]
38. *Cul-de-sac*: esta pitoresca palavra (traduzida literalmente daria “cu de saco”) está perfeitamente incorporada na linguagem corrente, e significa “beco sem saída”. [«« »]
39. *Minard*: já apareceu em *Os funcionários*. [«« »]

40. *Popinot*: antigo auxiliar de César Birotteau, com cuja filha se casou. [«« »]
41. *Cochin*: amigo dos Birotteau. [«« »]
42. *Os Satilard, os Baudoyer, os Falleix*: já apareceram em *Os funcionários*. [«« »]
43. *Conquista da Argélia*: começou pela ocupação de Argel, em 5 de julho de 1830. [«« »]
44. *Constantina*: foi ocupada em outubro de 1837 pelas tropas do duque de Nemours, de Leflo e de Lamoricière. [«« »]
45. *O triunfo de Lisboa*: alusão à entrada da esquadra francesa na foz do Tejo, em 11 de julho de 1831, para obter satisfação de d. Miguel pelos vexames infligidos a alguns cidadãos franceses. [«« »]
46. *São João de Ulloa*: forte de Vera Cruz, último baluarte dos espanhóis no México, rendeu-se à insurreição em 1823. [«« »]
47. *Saint-Merri*: [ver a nota 210](#) de *Os funcionários*. [«« »]
48. *Rue Transnonain*: cenário da matança de um grupo de insurretos republicanos, inclusive de mulheres e crianças, por uma tropa de infantaria em 13 de abril de 1834. [«« »]
49. O jornal *Le Constitutionnel* ([ver a nota 23](#) de *Um homem de negócios*), de tendências bonapartistas, era visceralmente hostil à Inglaterra, carcereira de Napoleão, e frequentemente atacava a “pérfida Albion”. [«« »]
50. *Parc aux Cerfs*: [ver a nota 30](#) de *Um príncipe da Boêmia*. — *Sr. de Necker*: Jacques Necker (1732-1804), financista, ministro de Luís XVI em 1777; pai da Madame Staël. [«« »]
51. *O Maximum*: [ver a nota 111](#) de *Os funcionários*. [«« »]
52. *Talma*: [ver a nota 188](#) de *Os funcionários*. [«« »]
53. *O ramo secundogênito*: o que subiu ao trono na pessoa de Luís Felipe, em 1830. [«« »]
54. *Cardot*: personagem de Balzac, tabelião parisiense, filho do comerciante de sedas proprietário do Casulo de Ouro (*A musa do departamento, Um homem de negócios*). [«« »]
55. *Godeschal*: personagem balzaquiana, procurador de origem humilde que conseguiu formar-se e comprar um cargo, graças ao auxílio da irmã, a bailarina Marieta (*Uma estreia na vida, Um conchego de solteirão* etc.). [«« »]
56. *Monvel*: Jacques-Marie Boutet de Monvel (1745-1812), autor e ator dramático francês, pai da famosa atriz Mademoiselle Mars. [«« »]
57. *Olivério Vinet*: filho do advogado Vinet, chefe da oposição liberal de Provins e amigo dos Rogron (*Pierrette*). [«« »]
58. *A dotação pedida para o duque de Nemours*, segundo filho de Luís Felipe, de quinhentos mil francos anuais, fora recusada pela Câmara em 20 de fevereiro de 1840, a que provocou a demissão do gabinete Soult. [«« »]
59. *Lista Civil*: importância reservada, nas monarquias, às despesas pessoais do soberano. [«« »]
60. *A família dos Chargebeuf*: um dos membros desta família, o visconde Melchior-René de Chargebeuf, passou por Sancerre e foi um dos apaixonados da sra. de la Baudraye (*A musa do departamento*). [«« »]
61. *Estrela*: marca de uma espécie de vela econômica. [«« »]
62. *La Rochefoucauld-Liancourt*: François-Alexandre-Frédéric, duque de la Rochefoucauld-Liancourt (1747-1827), filantropo e político francês, proprietário de

uma fazenda-modelo, fundador de uma escola de artes e ofícios, da primeira caixa econômica, do primeiro dispensário de vacinação. [««]

63. *Suum cuique tribuere*: “dar a cada um o que é seu”, máxima do direito romano. [««]

64. *Saint-Simon*: [ver a nota 65](#) de *Os comediantes sem o saberem*. [««]

65. *Cérizet*: personagem balzaquiana; é o protagonista de *Um homem de negócios*. [««]

66. *Henri Gisquet* (1792-1866): banqueiro e industrial, amigo de Casimir Périer; um dos autores da Revolução de Julho de 1830, depois da qual se viu envolvido num escândalo provocado por uma compra de armas que efetuou por conta do governo, em Londres. Chefe de polícia de 1831 a 1836, perseguidor de republicanos, depois de deixar o lugar viu-se novamente atacado pela imprensa, que reviveu o “escândalo dos fuzis”. Processado por ele, seu principal adversário, o jornal *Le Messager*, foi absolvido, o que provocou a destituição de Gisquet do cargo de conselheiro de Estado e o forçou a recolher-se à vida privada. [««]

67. *O governo Périer*: [ver a nota 41](#) de *Os funcionários*. [««]

68. *La Tribune*: jornal republicano, de violenta oposição à Restauração e a Luís Felipe; existiu de 1829 a 1835, sucessivamente sob os títulos de *Tribune des Départements*, *Tribune du Mouvement* e *Tribune Politique et Littéraire*. [««]

69. *A famosa madona de Dresden*: no museu de Dresden, evidentemente, há muitas madonas famosas (só de Correggio há três); a alusão de Balzac refere-se à de Rafael. [««]

70. Tradução do anagrama: “Juntei tão grande fortuna”. [««]

71. *José Bridau*: personagem balzaquiana, grande pintor, cuja história é contada em *Um conchego de solteirão*. [««]

72. *Paulo e Virgínia*: título de um romance sentimental de Bernardin de Saint-Pierre (1787), em que o autor conta o inocente idílio de duas crianças em meio à linda paisagem da Île de France. [««]

73. *Casimir Delavigne*: [ver a nota 115](#) de *Os funcionários*. [««]

74. *Parmentier*: Antoine-Augustin Parmentier (1737-1813), agrônomo e economista, que desenvolveu na França a cultura da batata. [««]

75. *O casquinho azul*: *Le petit manteau bleu*, nome que o povo dava a um filantropo desconhecido que, vestido dessa indumentária, distribuía comida aos pobres nas margens do Sena. Soube-se, mais tarde, ser ele o joalheiro Edme Champion, homem de origem modesta; órfão educado pela caridade pública, julgava-se no dever de ser caridoso por sua vez. [««]

76. *Barrière d'Italie*: no lugar das antigas portas de Paris havia barreiras alfandegárias flanqueadas de torres que podiam servir de defesa e que foram demolidas durante a Revolução. Uma dessas barreiras era a da Itália. [««]

77. *O desventurado Chauvet*: companheiro de conspiração do general Berton em 1822, condenado à morte, mas que escapou e passou sete anos na Inglaterra. [««]

78. *O heroico Mercier*: sargento da Guarda Nacional que se recusou, em 4 de março de 1823, a cumprir a ordem de expulsar o deputado liberal Manuel. [««]

79. *Claparon*: personagem balzaquiana, desonesto homem de negócios que serviu de testa de ferro a Nucingen na sua terceira liquidação (*A Casa Nucingen*); apareceu, também, em *Um homem de negócios*. [««]

80. *Couture*: personagem balzaquiana, negociista e jornalista de má reputação, um dos primeiros amigos da sra. Schontz (*Beatriz*). [««]

81. *Hoc erat in votis*: “isso estava nos meus desejos”. Palavras de uma sátira de Horácio; citam-se quando o desejo mais fervoroso de alguém vem a realizar-se. [« »]

82. *Aurea mediocritas*: “áurea mediocridade”. Expressão de Horácio na ode em que declara preferível às riquezas uma condição média, garantia de tranquilidade. [« »]

83. *Umbra mea vita sit*: “que a sombra seja a minha vida”. [« »]

84. *O ataque de Saint-Merri*: [ver a nota 210](#) de *Os funcionários*. [« »]

85. *Érard*: Sébastien Érard (1752-1831), fundador de importante fábrica francesa de pianos. [« »]

86. *Horácio Bianchon*: uma das personagens principais de *A comédia humana*, ilustre médico, já encontrado em *O pai Goriot*, *A missa do ateu*, *A musa do departamento* etc. [« »]

87. *São Vicente de Paulo* (1581-1660): sacerdote canonizado por sua caridade, fundador da obra dos *Enfants Trouvés* (Asilo dos Expostos). [« »]

88. *Lafon*: Pierre Rapenouille (1773-1846), ator trágico e cômico. [« »]

89. *O glorioso*: comédia em versos de Destouches (1732). [« »]

90. *Odilon Barrot* (1791-1873): advogado e político francês, um dos líderes do Movimento, de tendências liberais. [« »]

91. *O sr. de Saint-Hilaire, na presença de Turenne morto, não pensava em seu braço perdido*: a alusão de Phellion refere-se a um episódio relatado numa das cartas de Madame de Sévigné à filha, sra. de Grignan (9 de agosto de 1675): “Ouça, minha filha, um caso que me parece belo: tenho a impressão de ler a história romana. Saint-Hilaire, tenente-general da artilharia, deteve o sr. de Turenne, que andava galopando, para mostrar-lhe uma bateria; era como dizer-lhe: ‘Pare um instante, por favor, é aqui que o senhor deve ser morto’. Veio a bala de canhão e arrancou o braço de Saint-Hilaire, que estava mostrando a tal bateria, e matou o sr. de Turenne. O filho de Saint-Hilaire atira-se sobre o pai, e põe-se a gritar e a chorar. ‘Cale-se, meu filho’, diz ele mostrando-lhe o sr. de Turenne estendido morto no chão. ‘Eis o que se deve chorar eternamente, eis o que é irreparável.’ E, sem prestar a menor atenção a seu próprio estado, põe-se a gritar e a chorar essa grande perda”. [« »]

92. *Ad majorem Theodosii gloriam* (em latim no original): para maior glória de Teodósio. [« »]

93. *La Caricature*: semanário satírico fundado em novembro de 1830 por Charles Philippon; de caráter liberal, teve como colaboradores os melhores caricaturistas: Gavarni, Daumier, Henri Monnier e Charlet, e contribuiu muito para a impopularidade do governo de Luís Felipe. Na fase inicial, Balzac nele escreveu quase toda a parte literária. [« »]

94. *Por quê, Carlos?*: evidente lapso de Balzac, pois Thuillier se chamava Jerônimo. [« »]

95. *À la Berthe*: espécie de penteado, com dois bandós chatos e os cabelos divididos sobre a testa (alusão à rainha Berta, mãe de Carlos Magno). [« »]

96. *A família Potassa*: alcunha dos Protex, fabricantes de produtos químicos, sócios de Cochin ([ver a nota 41](#)). [« »]

97. *Hermitage*: região vinícola à margem esquerda do Reno. [« »]

98. *Sra. Amphoux* (ou *Anfoux*): conhecida fabricante de licores, a cujos produtos se atribuía efeito afrodisíaco. [« »]

99. *Berryer*: Nicolas Berryer (1757-1841), advogado e orador, defensor do marechal Ney, ou seu filho Antoine (1790-1868), também advogado e orador de primeira ordem,

político legitimista. [«« »]

100. *Guilherme Tell*: [ver a nota 10](#) de *Os comediantes sem o saberem*. [«« »]

101. *Casa Vauquer*: [ver O pai Goriot](#). [«« »]

102. Todos estes banqueiros são personagens de *A comédia humana*. [«« »]

103. *Sexta Câmara*: provavelmente o tribunal que julgava nos processos dos devedores. [«« »]

104. *Viúva Poiret* (Michonneau, em solteira): personagem de *O pai Goriot*. [«« »]

105. *Monografia da virtude*: obra no gênero de *A fisiologia do casamento*, em que o autor está trabalhando desde 1833, quando foi anunciada. (Nota de Balzac.) Esta obra nunca foi escrita. (Nota do organizador.) [«« »]

106. *Cidade dolente*: tradução evidente de *città dolente*, nome que Dante dá ao Inferno. [«« »]

107. *Chaumière*: lugar público de bailes no meio de um parque do Boulevard Montparnasse. [«« »]

108. *Petit Rocher de Cancale*: sucursal do Rocher de Cancale, um dos restaurantes mais elegantes da época. [«« »]

109. *Talleyrand*: [ver a nota 20](#) de *Um homem de negócios*. [«« »]

110. Todos, atores ilustres da época: *Srta. Mars*: Anne Boutet (1749-1847), atriz cômica. — *Frédéric Lemaître*: [ver a nota 16](#) de *Os comediantes sem o saberem*. — *Potier*: Charles Potier (1775-1837), ator cômico. — *Talma*: [ver a nota 187](#) de *Os funcionários*. — *Monrose*: [ver a nota 7](#) de *Gaudissart II*. [«« »]

111. *Sr. e sra. de Saint-Fondrille*: personagens que não aparecem em nenhuma outra obra de *A comédia humana*. [«« »]

112. *Moscova*: rio da Rússia Central, perto do qual os franceses venceram os russos numa sangrenta batalha em 1812. [«« »]

113. *A ilha de Capri*: defendida por Sir Hudson Lowe, o futuro carcereiro de Napoleão, foi tomada pelo general Lamarque em 1807. [«« »]

114. Este caso constitui o assunto de *César Birotteau*. [«« »]

115. *Chaffaroux*: foi um dos credores de César Birotteau. [«« »]

116. *Moniteur*: [ver a nota 39](#) de *Os funcionários*. [«« »]

117. *Grindot*: personagem balzaquiana, arquiteto que trabalhou para grande número de personagens de *A comédia humana*: Birotteau, o conde de Sérisy, Fabiano du Ronceret, Crevel. [«« »]

118. *Leopoldo Hannequin*: personagem balzaquiana, tabelião; amigo de Alberto Savarus; redigiu o testamento do velho Pons. [«« »]

119. *O tratado das quatro potências*: concluído em Londres em 15 de julho de 1840 entre a Inglaterra, a Rússia, a Prússia e a Áustria para resolver, sem consultar a França, o conflito entre o sultão e Mehmet Ali, paxá do Egito, provocou indignação geral na França, e, sob a pressão da opinião pública, o gabinete Thiers, constituído em primeiro de março do mesmo ano, pôs-se a preparar a guerra. Mas Luís Felipe preferiu “a paz a qualquer preço” e desautorizou Thiers, que teve de pedir demissão. [«« »]

120. *Victor Hugo*: era amigo de Balzac, de quem reconheceu a importância que lhe presta, aqui, homenagem indireta. [«« »]

121. *Temple*: nome de um bairro de Paris, onde se vendiam roupas usadas. [«« »]

122. *Clichy*: [ver a nota 7](#) de *Um homem de negócios*. [« »]
123. *Le Globe*: jornal fundado em 1824 por Pierre Leroux e M. Dubois, órgão dos Doutrinários até 1830; depois, entrou a propagar o movimento saint-simonista. [« »]
124. Um escudo valia três francos. [« »]
125. *Desroches*: personagem balzaquiana, procurador, consultado pela família Bridau, pela marquesa d'Espard, por Luciano de Rubempré. [« »]
126. *O legatário*: *O legatário universal*, comédia em versos, de Regnard (1708). [« »]
127. *Derville*: personagem balzaquiana, procurador, conselheiro de Gobseck, do coronel Chabert, do conde de Sérisy etc. [« »]
128. *Imitação de Cristo*: o mais famoso dos livros de piedade, obra anônima em latim, atribuída por uns a Thomas Kempis, por outros (entre estes, Balzac) a Gerson. Este livro, na opinião de Balzac, “está para o dogma como a ação está para o pensamento. Com ele o católico vibra, move-se, agita-se, luta corpo a corpo com a vida humana”. [« »]
129. *Comtat*: em francês, Franche-Comté, antiga província da França oriental, cuja capital era Besançon. [« »]
130. *Una fides, unus Dominus* (em latim): uma só fé, um só Senhor. [« »]
131. *Louchard*: personagem balzaquiana, o mais hábil dos guardas do Comércio, cuja tarefa consistia em procurar e prender os devedores relapsos. [« »]
132. *Roxelana* (1505?-1561): sultana favorita de Solimão II, de origem europeia; mãe de Selim II. [« »]
133. *Frascati*: [ver a nota 101](#) de *Os funcionários*. [« »]
134. *Bobino*: teatrinho de acrobatas fundado perto do Jardin du Luxembourg, aproximadamente em 1816, por um palhaço deste nome; autorizado mais tarde a representar *vaudevilles*, tomou o nome de Théâtre de Luxembourg. [« »]
135. *Pai Lathouille*: personagem real, dono de um cabaré junto à barreira de Clichy, hoje Place Clichy. [« »]
136. *Charlet*: [ver a nota 78](#) de *Os funcionários*. [« »]
137. *Cura Langret*: Jean-Baptiste Langret de Clergy (1675-1750), cura de Saint-Sulpice desde 1714, conhecido por haver promovido a construção de sua igreja pelos meios mais pitorescos: loterias, especulações, contribuições forçadas etc. [« »]
138. Os nomes dos criados *Katt* e *Bruno*, assim como o da louca Lúdia, de quem está cuidando, permitem identificar Du Portail com Corentin, um dos chefes da Polícia Secreta (*Esplendores e misérias das cortesãs*). [« »]
139. *Conde marcial de la Roche-Hugon*: personagem balzaquiana, homem político; apareceu em *A paz conjugal*, *Uma filha de Eva* etc. [« »]
140. Este caso forma o assunto de *Úrsula Mirouët*. [« »]
141. *Um nome de igreja: cardinal*, em francês, significa “cardeal”. [« »]
142. Aqui termina a parte escrita por Balzac (ver a Introdução). Para satisfazer a natural curiosidade dos leitores, reproduzimos aqui o resumo, feito por Marcel Bouteron e Henri Longon (na edição anotada de *La Comédie Humaine*. Paris: Louis Conard, 1914, v. xx, pp. 486 ss.), do complemento escrito por Charles Rabou. Os trechos grifados entre parênteses são nossos. [« »]

O AVESSO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

1. *Hôtel de Ville*: importante edifício de Paris, sede do Conselho Municipal; começado em 1533, concluído em 1623, restaurado sob Luís Felipe, destruído por um incêndio em 1871, reconstruído em seguida. [«« »]

2. *Hôtel-Dieu*: o mais antigo hospital de Paris, fundado por São Landri, oitavo bispo da capital, no século VII. [«« »]

3. *Cité*: ilha do Sena, que foi o berço de Paris. [«« »]

4. *Os carneiros de Panúrgio*: as pessoas que imitam irrefletidamente o que fazem as demais. Alusão a um famoso episódio do *Pantagruel*, de Rabelais, em que Panúrgio, ofendido pelo mercador Dindenault, para vingar-se dele compra-lhe um dos carneiros, que depois precipita ao mar. Atraídos pelo exemplo e pelos balidos, os demais carneiros imitam o irmão e atiram-se todos ao mar, e Dindenault, procurando em vão contê-los, perece com eles. [«« »]

5. *Werner*: Zacharias Werner (1768-1823), poeta e dramaturgo prussiano, protestante, amigo íntimo de E.T.A. Hoffmann; boêmio excêntrico, fez-se sucessivamente iniciar na teosofia, no magnetismo e na maçonaria, e, depois de se ter divorciado três vezes, converteu-se ao catolicismo e fez-se monge, entregando-se à pregação; autor de *Martinho Lutero*, *O 24 de fevereiro* etc. [«« »]

6. *A instituição do padre Liautard*: fundada em 1804, recebeu em 1822 o nome de Colégio Stanislas, sob o qual funciona ainda hoje. [«« »]

7. *Movimento e Resistência*: nomes dados aos dois grupos políticos que levaram Luís Felipe ao poder. O primeiro continha liberais aliados aos republicanos (Lafayette, Laffite, Odilon Barrot), que exigiam a abolição da hereditariedade do pariatto, a extensão do direito de voto, a intervenção da França em favor de todas as revoluções liberais; os partidários do segundo (Guizot, Casimir Périer) pediam apenas a aplicação integral da Carta Constitucional de 1814. Os dois partidos, de início, governaram em coalizão; depois, o Movimento assumiu o poder, mas não conseguiu dominar as desordens e tentativas de revolução; em 1831, Casimir Périer formou o primeiro gabinete da Resistência, seguido por outros, o mais longo dos quais foi o de Guizot (1840-1848), que governou em estreita colaboração com Luís Felipe. [«« »]

8. *Bois de Boulogne*: grande parque a oeste de Paris. [«« »]

9. *A fábula de La Fontaine* citada aqui é *A lebre e a tartaruga* (livro VI, fábula 10), na qual a tartaruga vence a lebre numa corrida, e cuja moral é: De nada serve correr; é preciso partir na hora. [«« »]

10. *Fulbert*: [ver a nota 7](#) de *Os pequeno-burgueses*. [«« »]

11. *Irmãs Cinzentas*: ou Irmãs de Caridade, que cuidavam dos enfermos. [«« »]

12. “*Seyez-vous, monsieur*” (“Sente-se, senhor”) era, já na época de Balzac, uma fórmula antiquada; usava-se comumente, como hoje, “*Asseyez-vous, monsieur*”. [«« »]

13. *A ilha*: trata-se da Cité, ilha do Sena no centro de Paris. [«« »]

14. *Cor carmelita*: marrom-claro. [«« »]

15. *A Casa Mongenod* é um estabelecimento bancário inventado por Balzac. Entre seus clientes figuravam o marquês d’Espard e Carlos Mignon de la Bastie, pai de Modesta Mignon. — *As casas Nucingen, Du Tillet, Keller Irmãos, Palma e Cia.*, todas inventadas por Balzac, não tinham a mesma reputação de probidade. [«« »]

16. *Visconde de Fontaine*: segundo filho do conde de Fontaine, personagem de *O baile de Sceaux*. — *Barão de Fontaine*: terceiro filho do conde de Fontaine. Casou com Ana de

Grossetête, companheira de estudos de Diná Piédefer (*A musa do departamento*). [«« »]

17. *Os Vandenesse*: família aristocrática inventada por Balzac, cujos membros desempenham papéis em *Uma filha de Eva*, *O lírio do vale* etc. [«« »]

18. *Planat de Baudry*: amigo dos Fontaine, costumava passar o verão em Sceaux com eles (*O baile de Sceaux*). [«« »]

19. *O ramo primogênito da casa dos Bourbon*: aquele que foi deposto em 1830 na pessoa de Carlos x. [«« »]

20. *Café Anglais*: muito em voga na época de Balzac, na esquina do Boulevard des Italiens com a Rue Marivaux. [«« »]

21. *Variétés*: [ver a nota 29](#) de *Um homem de negócios*. [«« »]

22. *O levante dos Chouans* forma o assunto de *A Bretanha em 1799* (no volume 12 desta edição). [«« »]

23. *O velho Parlamento de Paris* era não um corpo representativo, mas sim o principal órgão da Justiça sob o Antigo Regime. [«« »]

24. *Imitação de Jesus Cristo*: [ver a nota 128](#) de *Os pequeno-burgueses*. [«« »]

25. *Ximenes*: [ver a nota 16](#) de *Os funcionários*. [«« »]

26. *Bayard*: Pierre Bayard (1473-1524), ilustre capitão francês, modelo de bravura e virtudes cavaleirescas. [«« »]

27. *Du Guesclin*: Bertaud du Guesclin (1320-1380), condestável da França, um dos maiores chefes militares de seu país; libertou da ocupação inglesa grande parte do território francês. [«« »]

28. *Vítor de Vernisset*: personagem balzaquiana, poeta da “Escola Angélica”, fez breves aparições em *Beatriz* e *A prima Bete*. [«« »]

29. *Condessa de Cinq-Cygne*: personagem balzaquiana que desempenha papel importante em *Um caso tenebroso*. [«« »]

30. *São Vicente de Paulo*: [ver a nota 87](#) de *Os pequeno-burgueses*. [«« »]

31. *Tio Toby*: personagem jovial de *Tristram Shandy*, de Sterne. [«« »]

32. *Assinados*: em francês *assignats*, papel-moeda emitido pela Assembleia Nacional em 1789 para permitir a compra dos bens nacionais (isto é, dos bens confiscados à Igreja); retirados da circulação em 1797, depois de terem provocado inflação. [«« »]

33. *O procurador Bordin*: personagem de *A comédia humana*, foi consultado pela sra. d’Espard no processo desta contra o marido (*A interdição*); era ele quem mandava ao cavaleiro d’Espard as mensalidades de sua renda (*A solteirona*). [«« »]

34. *O casamento de Figaro* (1784): comédia de Beaumarchais, continuação de *O barbeiro de Sevilha*. [«« »]

35. *Feydeau*: antigo nome de ópera-cômica. [«« »]

36. *Geronte*: ancião rabugento, avaro e crédulo, personagem da antiga comédia e de várias peças de Molière. [«« »]

37. *Châtelet*: tribunal localizado no castelo (Châtelet); encabeçava a Pont au Change e decidia em instância suprema sobre os processos relativos a heranças, inventários etc. [«« »]

38. *Diretório*: nome dado ao governo que funcionou na França do 5 de brumário do ano iv (27 de outubro de 1795) ao 18 de brumário do ano viii (9 de novembro de 1799). [«« »]

39. *Sra. Scio*: Julie-Angélique Legrand (1768-1807), esposa do músico Étienne Scio, cantora do Teatro Feydeau ([ver a nota 35](#)). [««]

40. *18 de brumário*: data do golpe de Estado que acabou com o Diretório ([ver a nota 38](#)) e fez de Napoleão Bonaparte primeiro cônsul. [««]

41. *Grande Livro*: [ver a nota 20](#) de *Os pequeno-burgueses*. [««]

42. *César Birotteau*: personagem balzaquiana, protagonista do romance do mesmo nome. [««]

43. *Transire benefaciendo*: “passar fazendo o bem”. [««]

44. O juiz *Popinot*: uma das personagens principais de *A interdição*. [««]

45. *Sardanapalo*: rei fictício da Assíria, último descendente de Nilo e de Semíramis; tipo do príncipe efeminado, devasso e covarde. [««]

46. *Um desses horríveis processos criminais*: alusão ao processo de Lacenaire (assassino amador, autor de vários crimes e que perante o tribunal se fez passar por um revoltado contra a organização social), executado juntamente com seu cúmplice Avril ao pé da Barrière Saint-Jacques em 19 de janeiro de 1836. [««]

47. *A guerra do Hanôver* (1757-58): nome que se dá a uma fase da Guerra de Sete Anos. [««]

48. *Sra. de la Vallette*: esposa do conde Antoine-Marie la Vallette, político bonapartista condenado à morte após os Cem Dias, e a quem ela salvou por meio de audacioso estratagemas: entrando na prisão do marido na véspera do dia marcado para a execução, trocou os trajes com ele, tornando-lhe, assim, possível a fuga. O conde conseguiu sair da França e foi viver no exílio até seu indulto, em 1822; mas a sra. de la Vallette enlouquecera de emoção. [««]

49. *Os D'Esgrignon, os Troisville, os Casteran, os Nouâtre*: famílias da alta aristocracia inventada por Balzac. [««]

50. *Cavaleiro de Valois*: personagem de *A solteirona*. [««]

51. *Esquentadores*: nome que se dava aos salteadores que, reunidos em bandos, assaltavam casas de campo no centro e no leste da França, submetendo os habitantes a toda espécie de torturas, inclusive a de queimar-lhes os pés (de onde o nome de *chauffeurs*, esquentadores), para levá-los a revelarem o esconderijo de seus tesouros. Segundo alguns historiadores, estavam a soldo da Inglaterra e dos monarquistas. Apesar de uma perseguição tenaz de que foram objeto durante a época da Revolução, só o Consulado pôde acabar com eles. [««]

52. *Moniteur*: [ver a nota 39](#) de *Os funcionários*. [««]

53. *Ilha de Lobau*: ilha do Danúbio, na Áustria, onde Napoleão ficou preso durante uns quarenta dias com todo o seu exército (21 de maio de 1809). Julgavam-no perdido, mas conseguiu atravessar o rio, aproveitando uma tempestade. [««]

54. *Wagram*: aldeia da Áustria, onde Napoleão derrotou o arquiduque Carlos na célebre batalha de 6 de julho de 1809. [««]

55. O famoso processo *Simeuse* constitui o assunto de *Um caso tenebroso* (vol. 12). [««]

56. *Rob-Roy*: romance de Walter Scott, cuja ação está ligada à insurreição de 1715. O título é o nome de uma das personagens, um chefe de foragidos notável pela audácia e pela esquisitez; mas os verdadeiros heróis são: Francis Osbaldistone, filho de um rico negociante e de tendências poéticas, e sua noiva Diana Vernon, de mais espírito prático em consequência das adversidades por que passou. [««]

57. O cavaleiro *du Vissard* aparece também, assim como outras personagens deste

episódio, em *A Bretanha em 1799*. [««]

58. *Expedição de Quiberon*: ver a nota 141 de *Os funcionários*. [««]

59. *Cavaleiro Carol*: o marquês d'Esgrignon, personagem de *O gabinete das antiguidades*. [««]

60. *Fergus*: protagonista de *Waverley*, primeiro romance de Walter Scott (1814), que trata da luta dos escoceses contra a Inglaterra. [««]

61. *Conde de Lille*: um dos títulos de Luís XVIII. [««]

62. *Contenson*: espião e policial; conhecemo-lo ao serviço do barão de Nucingen, que o empregara para garantir os seus amores com Ester van Gobseck contra as intrigas de Vautrin (*Esplendores e misérias das cortesãs*). [««]

63. *Ci-devant*: locução adverbial francesa, cujo sentido primitivo é “antigamente” ou “ex-”; substantivada, empregava-se, durante a Revolução Francesa, para designar pessoa ligada ao Antigo Regime por seus títulos de nobreza, sua posição etc. [««]

64. *Sr. Chesnel*: o velho e fiel tabelião dos D'Esgrignon (*O gabinete das antiguidades*). [««]

65. *Príncipe de Hatzfeld*: príncipe Franz Ludwig von Hatzfeld (1750-1827), governador de Berlim quando da entrada dos franceses em 1806. Um relatório que mandou a seu rei foi interceptado pela polícia francesa, e o príncipe condenado à morte como espião por uma corte marcial; Napoleão, porém, perdoou-lhe, cedendo às súplicas da princesa. [««]

66. *Charette*: François-Athanase Charette de la Contie, chefe da revolta realista organizada na Vendeia; preso, foi fuzilado em Nantes. [««]

67. *Georges Cadoudal* (1771-1804): outro chefe dos revoltosos vendeanos ditos *chouans*; combateu os exércitos republicanos e, debelada a revolta, conspirou contra a vida de Napoleão; preso e executado com onze cúmplices. [««]

68. *Grande Juiz*: sob o Império, diretor-geral da Justiça e da Polícia Judiciária. [««]

69. Foi um *Champignelles* quem apresentou Gaston de Nueil à sra. de Beauséant, sua parenta (*A mulher abandonada*). [««]

70. *Luís XVIII*, que durante a revolução foi um dos chefes da Emigração, voltou à França em 1814, aproveitando a derrota de Napoleão pelos aliados. [««]

71. *Sabão para tirar a casca de plebeu*: tradução da expressão francesa *savonnette à vilain*, que servia para designar certos cargos acessíveis aos *parvenus* mediante pagamento, e comprados por estes para se enobrecerem e apagarem a mancha de sua origem modesta. [««]

72. *Casa Vermelha*: em francês, *Maison Rouge*, nome que se dava ao corpo de guarda composto de gentis-homens de Luís XVIII. [««]

73. O *duque de Verneuil*, personagem balzaquiana, recebeu, numa festa em seu castelo perto do Havre, Modesta Mignon e seus pretendentes. [««]

74. O *presidente du Ronceret* e o *vice-presidente Blondet* figuram em *O gabinete das antiguidades*. [««]

75. *Swedenborg*: Emmanuel Swedenborg (1688-1772), cientista sueco, autor de importantes obras de ciência e filosofia (*Economia do Reino Animal* etc.); em 1743, sob a influência de visões que teve, enveredou totalmente pela teosofia, declarando-se em comunicação com os espíritos e explicando seu sistema filosófico em obras volumosas (*Arcanos celestiais. Do céu e do inferno* etc.). Leitura preferida da mãe de Balzac, esses livros exerceram influência profunda sobre o romancista, como se verá em *Seráfita*

(vol. 17). [«« »]

76. O *Vigário de Wakefield* (1766): romance do inglês Oliver Goldsmith, espécie de epopeia doméstica de moral ingênua. [«« »]

77. *Duquesa de Angoulême*: filha de Luís XVI, esposa do filho primogênito de Carlos X. [«« »]

78. *Duquesa de Berry*: [ver a nota 55](#) de *Um príncipe da Boêmia*. [«« »]

79. Apesar de nossa bem conhecida repugnância às notas pessoais, os acontecimentos atuais obrigam-nos a fazer observar que esta obra foi começada em 1840, e que a parte publicada hoje, escrita na Rússia, perto de Berditchef, no ano passado (1847), só foi relida por nós ontem, 30 de julho (de 1848). O manuscrito tinha sido dado tal qual estava na tipografia. As circunstâncias não têm, pois, nenhuma parte nessa frase profética. Aliás, as pessoas que nos tiverem feito a honra de ler atentamente a primeira parte de *A sra. de la Chanterie*, publicada em 1845, perceberão a conexão desse fato com seus preparativos. (Nota de Balzac.) [«« »]

80. *Um médico rural*: o dr. Bénassis, protagonista de *O médico rural*. [«« »]

81. O *carbonarismo francês*: sucursal do carbonarismo napolitano, movimento revolucionário, organizou, sob a Restauração, grande número de conspirações e teve grande parte na Revolução de Julho; após a queda do Movimento ([ver a nota 7](#)), começou a luta contra Luís Felipe, organizando seus partidários na Liga dos Direitos do Homem. [«« »]

82. *Champ d'Asile*: [ver a nota 96](#) de *Os funcionários*. [«« »]

83. *Os Pântanos Pontinos*: grande planície pantanosa na província de Roma, cujo saneamento só recentemente foi empreendido. [«« »]

84. *Barbet*: livreiro e usurário, locatário dos Thuillier (*Os pequeno-burgueses*). [«« »]

85. *Presidente de Montesquieu*: barão Charles Secondat de Montesquieu (1689-1755), pensador francês, autor de *O espírito das leis*, *Cartas persas* e *Da grandeza e decadência dos romanos*; um dos mais notáveis precursores da Revolução Francesa. [«« »]

86. *Voltaire*, *Diderot* e *Helvetius*: são os principais representantes do racionalismo do século XVIII, “o século das luzes”. [«« »]

87. *Desplein*, *Bianchon* e *Haudry*: médicos, todos eles personagens de *A comédia humana*. [«« »]

88. *Príncipe de Wissemburgo*: personagem balzaquiana, ministro da Guerra na época em que o barão Hulot era um dos chefes de serviço desse ministério (*A prima Bete*). [«« »]

89. *Grande Chaumière*: [ver a nota 107](#) de *Os pequeno-burgueses*. [«« »]

90. *Sr. Domingos*: Monsieur Dimanche, personagem de *Dom Juan*, de Molière; tipo de credor tímido que se deixa desarmar pelas atenções e pelas belas palavras do devedor. [«« »]

91. *Horace Vernet*: [ver a nota 87](#) de *Os funcionários*. [«« »]

92. *Príncipe Poniatowski*: príncipe Joseph Poniatowski (1763-1813), general polaco, nomeado marechal da França por Napoleão; pereceu nas águas do rio Elster quando, ferido na batalha, procurava cobrir a retirada do Exército francês. [«« »]

93. *Montsouris*: uma das entradas das catacumbas de Paris, antigas pedreiras transformadas em ossuários no fim do século XVIII, quando para lá se transferiram as ossadas dos cemitérios fora de uso. [«« »]

94. *Cem volumes*: o número parece exagerado. Observe-se, porém, que na época era frequente os editores publicarem um romance de tamanho comum subdividido em quatro ou cinco volumes pequenos com um mínimo de texto em cada página. Assim os seus principais fregueses, os “gabinetes de leitura”, então muito numerosos, podiam cobrar aluguel mais elevado pelo empréstimo da obra. [««« »]
95. *Métivier*: livreiro, sócio de Barbet, morava com este em casa dos Thuillier (*Os pequeno-burgueses*). [««« »]
96. *Bossuet*: Jacques-Bénigne Bossuet, bispo de Meaux, mestre da eloquência religiosa. [««« »]
97. A rejeição da lei sobre primogenitura, em 1825, foi considerada uma grande vitória do liberalismo. Sustentado pelo gabinete Peyronnet, combatido por Pasquier, Molé e Broglie, o projeto deixava ao pai de família liberdade de testar; só nos casos de sucessão *ab intestato* e quando o imposto territorial passava de oitocentos francos, a herança caberia de direito ao primogênito. [««« »]
98. *O espírito das novas leis*: título evidentemente inspirado no da obra clássica de Montesquieu, *O espírito das leis* (1748). [««« »]
99. *Godofredo de Bulhões* (1061-1110): duque da Baixa Lorena, chefe da primeira cruzada, primeiro rei de Jerusalém. [««« »]
100. *Laocoonte*: sacerdote de Netuno, que predisse em vão aos troianos o seu próximo fim. [««« »]
101. *Rubini*: [ver a nota 59](#) de *Os comediantes sem o saberem*. [««« »]
102. *Italiens*: [ver a nota 160](#) de *Os funcionários*. [««« »]
103. *Lablache*: Luigi Lablache (1794-1858), cantor napolitano de origem francesa, contratado sucessivamente pelo Teatro San Carlo, de Nápoles, o Théâtre des Italiens, de Paris, e a Ópera de São Petersburgo. [««« »]
104. *Tamburini*: Antonio Tamburini (1800-1876), ator e cantor; depois de longas temporadas na Itália, na Áustria e na Inglaterra, fixou-se em Paris, onde obteve seus maiores êxitos nas óperas de Bellini e de Rossini. [««« »]
105. *Grisi*: Giuditta Grisi, condessa Barni (1805-1840), cantora italiana. [««« »]
106. *Puritanos* (da Escócia): ópera em três atos, com letra do conde Carlo Pepoli, baseada no romance de Walter Scott, e música de Bellini (1835). [««« »]
107. *Géricault*: Théodore Géricault (1791-1824), pintor, precursor do romantismo; seu quadro mais conhecido é *A jangada da Medusa*. [««« »]
108. *Sr. de Maistre*: Joseph de Maistre (1753-1821), defensor ultramontano do princípio de autoridade, autor de *Considerações sobre a França*, *Do papa* e *Serões de São Petersburgo*; segundo sua teoria, nada acontece na Terra sem que Deus queira; nos desastres e nas catástrofes, as nações, como os indivíduos, estão expiando antigos crimes. [««« »]
109. *A partilha da Polônia*: provavelmente a primeira, em 1772. [««« »]
110. *Nathan*: romancista, personagem de *A comédia humana*, apareceu em *Uma filha de Eva*, *Ilusões perdidas*, *Esplendores e misérias das cortesãs*. [««« »]
111. *Lelewel*: Joaquim Lelewel, historiador e político polonês, um dos promotores da Revolução de 1830, presidente do Clube dos Patriotas, e, após a queda da revolução, do Comitê dos Emigrados Poloneses de Paris. Proibido pelo governo de Luís Felipe de residir na França, transferiu-se para Bruxelas, em cuja universidade lecionou história. [««« »]

112. *Ricardo na Palestina*: romance “histórico”, mas na realidade bastante moderno e fantasista, de Walter Scott (1824), de quem Balzac era leitor fiel e o maior discípulo. [««]

113. *Homeopatia*: método terapêutico, inventado por Hahnemann (1755-1843), que consiste em administrar remédios capazes de produzir no organismo efeitos parecidos aos da doença que se deseja curar. [««]

114. *Chelius*: médico de Heidelberg que tratava a condessa Hanska quando ela residia nessa cidade. — *Hedenius*: de Dresden, deve ser outro facultativo consultado pela noiva do escritor. [««]

115. *Huret* e *Fichet*: duas fábricas da época de Balzac, concorrentes na fabricação de caixas-fortes. [««]

116. *Prece de Moisés*: ária célebre da ópera *Moisés no Egito*, de Rossini (1827). [««]

117. *Hoëné Wronski* (1778-1853): intelectual polonês estabelecido na França desde o Diretório, autor de obras de filosofia racional e de matemática, mas também de livros de cabalística. — *Mickiewicz*: Adam Mickiewicz (1798-1855), ilustre poeta polaco; emigrou da Polônia em 1824, fixou-se em Paris em 1840. Professor de literaturas eslavas no Collège de France, foi suspenso por haver pregado nas aulas o estranho evangelho de Towianski, que lhe teria curado pelo magnetismo a mulher doente. Vítima de perturbações mentais, restabeleceu-se depois de uma viagem e ocupou o lugar de bibliotecário na Sorbonne ([ver a nota 124](#)). — *Towianski*: Noel Towianski, iluminado polonês; nascido cego, recobrou a vista, segundo julgava, por um milagre, proclamava-se São Pedro reencarnado e pregava o evangelho do novo Messias, Napoleão I. Fugido da Polônia após a revolução de 1831, retirou-se em Paris onde tratava doentes pelo magnetismo e de onde foi expulso no dia em que se pôs a pregar a sua fé de um púlpito de Notre-Dame. Acabou a vida na Suíça. — *Chopin*: o ilustre compositor, era amigo pessoal de Balzac. [««]

118. *Fouquier-Tinville*: [ver a nota 86](#) de *Os comediantes sem o saberem*. [««]

119. *Cours la Reine*: passeio de Paris, na margem direita do Sena. [««]

120. *Um remédio que deve dar-lhe a plica polonesa*. Não esqueçamos que o dr. Halpersohn é um adepto da homeopatia ([ver a nota 113](#)). [««]

121. *O hotel de Bela Estrela*: alusão pilhérica à locução francesa *dormir à la belle étoile*, “dormir ao relento”. [««]

122. O sr. *Marest*, juiz de instrução, quando escrevente de um procurador de Paris, era amante de Florentina Cabirolle, e foi ele que, nesta qualidade, convidou Oscar Husson para a festa organizada em casa da atriz (*Uma estreia na vida*). [««]

123. *Conciergerie*: antiga prisão de Paris, descrita na Terceira Parte de *Esplendores e misérias das cortesãs*. [««]

124. *Sorbonne*: sede das Faculdades de Letras e de Ciências da Academia de Paris, assim chamada em virtude do nome de seu fundador, Robert de Sorbon, cujo objetivo foi criar uma escola de teologia para estudantes pobres (1253). [««]

**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**



[@editorabibliotecaazul](https://www.instagram.com/editorabibliotecaazul)



<https://www.facebook.com/abibliotecaazul>

Copyright da tradução © 1946 Editora Globo S/A

Copyright © 2022 by Cora Tausz Rónai e Laura Tausz Rónai

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

EDITOR RESPONSÁVEL Lucas de Sena

ASSISTENTE EDITORIAL Jaciara Lima

PROJETO GRÁFICO E CAPA Luciana Facchini

DIAGRAMAÇÃO Jussara Fino

PREPARAÇÃO Luciana Araujo

REVISÃO Juarez Ambires

DIGITALIZAÇÃO DE TEXTO Bonifácio Miranda

REVISÃO TÉCNICA Gloria Carneiro do Amaral

EDITORA DE LIVROS DIGITAIS Cindy Leopoldo

PRODUÇÃO DO E-BOOK Ranna Studio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B158c

V. 11

Balzac, Honoré de, 1799-1850

A comédia humana / Honoré de Balzac ; orientação, introduções e notas de Paulo Rónai ; tradução Vidal de Oliveira , Casemiro Fernandes , Lia Corrêa Dutra. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Biblioteca Azul, 2022.

948 p. ; 21 cm. (A comédia humana ; 11)

Título original: *La comédie humaine*

Conteúdo: Estudos de costumes : cenas da vida parisiense.

ISBN 978-65-5830-149-3

1. Ficção francesa. I. Rónai, Paulo. II. Oliveira, Vidal de. III. Fernandes, Casemiro. IV. Dutra, Lia Corrêa. V. Título. VI. Série.

22-76388

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

1ª edição, 1948-1955 [várias reimpr.]; 2ª edição, 1989-1992 [várias reimpr.]; 3ª edição 2014

Direitos de edição em língua portuguesa

adquiridos por Editora Globo S/A

Rua Marquês de Pombal, 25

Rio de Janeiro – RJ – 20.230-240 – Brasil

www.globolivros.com.br